

A REALIDADE “DESCONHECIDA”

Exploração da Psique, das Probabilidades e da Consciência Multidimensional



Autor: Jane Roberts

Tradução, revisão e depuração: *Gullan Greyl*

Edição original: The “Unknow” Reality, 1977

Edição portuguesa concluída em 07-08-2026



[Livroteca Gullan Greyl](#)

Sinopse

A Realidade “Desconhecida” conduz o leitor para além dos limites habituais da perceção física, explorando a psique, os selves prováveis, os presentes alternativos e a natureza multidimensional da consciência.

Nesta obra, Seth apresenta a realidade não como um campo fixo e exterior, mas como uma estrutura viva de probabilidades, organizada pelo foco, pela intenção e pela criatividade da consciência. Aquilo que julgamos conhecer como mundo físico surge aqui como apenas uma das muitas portas possíveis da experiência.

Ao longo desta edição integral em duas partes, Jane Roberts transmite uma das explorações mais amplas do Material de Seth: uma viagem pela identidade, pelo sonho, pela reencarnação, pelas famílias da consciência, pelos sistemas prováveis e pelas camadas invisíveis da realidade.

Mais do que explicar o desconhecido, este livro convida o leitor a reconhecer que a realidade “desconhecida” talvez esteja, desde sempre, presente por detrás daquilo que chama mundo.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Prefácio de Seth	1
PARTE UM	5
Tu e a Realidade “Desconhecida”	5
CAPÍTULO 1	6
Tu, os Teus Selves Prováveis e a Realidade “Desconhecida”	6
Síntese Operativa	25
CAPÍTULO 2	40
Selves Prováveis e Interseções entre Realidades.....	40
Síntese Operativa	51
CAPÍTULO 3	69
Probabilidades, Foco e a Ordem da Imprevisibilidade.....	69
Síntese Operativa	82
CAPÍTULO 4	104
Unidades de Consciência e a Arquitetura das Probabilidades	104
Síntese Operativa	115
CAPÍTULO 5	139
Selfidade Múltipla e Gestalts de Consciência	139
Síntese Operativa	149
CAPÍTULO 6	178
O Corpo como Triunfo das Probabilidades	178
Síntese Operativa	187
CAPÍTULO 7	207
O Corpo como Padrão e Portal para as Probabilidades	207
Síntese Operativa	210
CAPÍTULO 8	222
Memória, Tempo e a Seleção Neurológica da Realidade.....	222
Síntese Operativa	236
CAPÍTULO 9	257
Realidades Prováveis e o Limiar da Consciência Humana.....	257
Síntese Operativa	270
PARTE DOIS	289
Homem Paralelo, Homem Alternativo e Homem Provável: O Reflexo destes na Psique Privada Presente. A Tua Realidade Multidimensional no Agora do Teu Ser	289
CAPÍTULO 10	290

Unidades de Consciência e Espécies Prováveis	290
Síntese Operativa	301
CAPÍTULO 11	322
Deuses Animais, Mitologia e o Nascimento da Consciência do Ego.....	322
Síntese Operativa	327
CAPÍTULO 12	338
Sexo, Deuses e o Desenvolvimento Religioso da Consciência do Ego.....	338
Síntese Operativa	347
CAPÍTULO 13	364
Espécies de Consciência, Deuses da Terra e a Cooperação Viva da Natureza	364
Síntese Operativa	369
CAPÍTULO 14	384
Sonhos Simultâneos, Outras Organizações de Consciência e a Expansão da Selfidade	384
Síntese Operativa	392
CAPÍTULO 15	412
Coincidências, Histórias Prováveis e a Ordem Subjacente da Realidade	412
Síntese Operativa	422
CAPÍTULO 16	438
Acontecimentos Prováveis, Percepção Preconceituosa e a Realidade Física.....	438
Síntese Operativa	444
CAPÍTULO 17	462
Fotografias, Selves Prováveis e a Espécie nas Probabilidades	462
Síntese Operativa	468
PARTE TRÊS	483
O Homem Provável Privado, A Mulher Provável Privada, A Espécie nas Probabilidades e Matrizes para Realidades.....	483
CAPÍTULO 18	484
A Árvore Genealógica Provável e a Terra do Tempo	484
Síntese Operativa	488
CAPÍTULO 19	500
Matrizes Interiores e os Potenciais da Espécie	500
Síntese Operativa	504
CAPÍTULO 20	518
Idealizações Vivas, Probabilidades e a Fraternidade da Espécie.....	518
Síntese Operativa	526

CAPÍTULO 21	544
Sonhos, Realidade Interior e o Futuro da Espécie	544
Síntese Operativa	547
CAPÍTULO 22	553
Fotografias Oníricas, Fios de Consciência e a Escolha da Realidade	553
Síntese Operativa	562
CAPÍTULO 23	573
A Ciência dos Sonhos e a Interioridade da Realidade	573
Síntese Operativa	579
CAPÍTULO 24	592
A Ciência da Consciência e o Conhecimento Integral da Realidade	592
Síntese Operativa	602
CAPÍTULO 25	620
Os Limites da Ciência Objetiva e a Física Mental da Realidade	620
Síntese Operativa	630
CAPÍTULO 26	655
O Médico Completo, as Dinâmicas da Saúde e os Planos Interiores da Realidade	655
Síntese Operativa	662
CAPÍTULO 27	695
O Oráculo Privado, a Vitalidade Interior e a Verdadeira Fronteira da Psique	695
Síntese Operativa	705
PARTE QUATRO	742
A Psique na Vida Individual e na Experiência da Espécie. As Realidades Prováveis como Dimensão da Experiência Pessoal. A Relação com as Civilizações «Passadas» e «Futuras» da Humanidade	742
CAPÍTULO 28	743
Evolução, Consciência Celular e a Cooperação entre as Espécies	743
Síntese Operativa	751
CAPÍTULO 29	781
A Psique Individual, as Escolhas Prováveis e a Memória da Espécie	781
Síntese Operativa	788
CAPÍTULO 30	818
Os Sistemas de Códigos da Consciência, os Sonâmbulos e a Continuidade da Vida	818
Síntese Operativa	840
CAPÍTULO 31	878
A Consciência Livre, os Sistemas de Códigos e a Realidade Interior	878

Síntese Operativa	895
CAPÍTULO 32	939
A Realidade Interior, as Projeções da Psique e as Viagens da Consciência	939
Síntese Operativa	954
CAPÍTULO 33	984
A Psique Sobrenatural, as Estações da Consciência e as Realidades Simultâneas	984
Síntese Operativa	1007
CAPÍTULO 34	1029
As Coordenadas Interiores, os Aglomerados de Probabilidades e a Viagem Criativa	1029
Síntese Operativa	1041
CAPÍTULO 35	1062
A Psique Multidimensional, os Pontos de Entrada e a Vontade Criadora	1062
Síntese Operativa	1077
CAPÍTULO 36	1105
A Visão Privada da Realidade Desconhecida, os Postais Psíquicos e o Tom Verdadeiro	1105
Síntese Operativa	1116
CAPÍTULO 37	1138
A Biblioteca Psíquica, os Modelos da Realidade e a Elasticidade da Consciência	1138
Síntese Operativa	1149
PARTE CINCO.....	1168
Como Viajar para a Realidade «Desconhecida»: Pequenos Passos, Passos Gigantes, Vislumbres e Encontros Diretos.....	1168
CAPÍTULO 38	1169
O Foco Claro, a Mobilidade da Consciência e as Primeiras Viagens entre Estações	1169
Síntese Operativa	1181
CAPÍTULO 39	1194
As Visões de Mundo, a Biblioteca Psíquica e as Variedades da Consciência	1194
Síntese Operativa	1210
CAPÍTULO 40	1225
A Bagagem das Crenças, as Fotografias de Sonho e a Saída da Visão de Mundo	1225
Síntese Operativa	1236
CAPÍTULO 41	1256
As Sombras da Psique, as Alucinações de Sonho e o Clima Interior	1256
Síntese Operativa	1265
CAPÍTULO 42	1288

O Espelho da Psique, o Espaço-Tempo do Sonho e as Contrapartes do Self	1288
Síntese Operativa	1302
CAPÍTULO 43	1326
O Self Original, as Partículas da Consciência e os Reservatórios Psíquicos de Identidade	1326
Síntese Operativa	1336
CAPÍTULO 44	1359
A Linguagem da Consciência, os Sons Interiores e a Libertação da Visão de Mundo	1359
Síntese Operativa	1370
CAPÍTULO 45	1398
A Personagem Maior, os Filhos Psíquicos e o Teatro das Contrapartes	1398
Síntese Operativa	1408
CAPÍTULO 46	1426
Os Links de Consciência, as Alianças da Identidade e a Montanha do Self	1426
Síntese Operativa	1435
CAPÍTULO 47	1453
As Ilhas da Identidade, as Contrapartes e as Trocas Invioladas da Consciência.....	1453
Síntese Operativa	1465
PARTE SEIS	1479
Reencarnação e Contrapartes: o Passado, o Futuro e os Mosaicos da Consciência	1479
CAPÍTULO 48	1480
A Montanha do Self, os Estratos da Reencarnação e a Arqueologia Viva da Consciência	1480
Síntese Operativa	1490
CAPÍTULO 49	1519
As Plataformas do Tempo, os Florescimentos da Psique e as Realidades Prováveis	1519
Síntese Operativa	1527
CAPÍTULO 50	1555
O Self Sem Fronteiras, as Probabilidades do Nascimento e a Ilusão dos Rótulos	1555
Síntese Operativa	1569
CAPÍTULO 51	1608
A Alma Indefinível, o Nascimento Gradual e as Escalas da Selfidade	1608
Síntese Operativa	1616
CAPÍTULO 52	1643
O Self Ausente, as Raízes da Identidade e as Folhas Reencarnacionais	1643
Síntese Operativa	1652
CAPÍTULO 53	1689

O Jogo da Consciência, as Contrapartes e as Famílias Psíquicas	1689
Síntese Operativa	1700
CAPÍTULO 54	1738
A Consciência do Mundo, a Liberdade Criativa e a Confiança da Alma	1738
Síntese Operativa	1745
CAPÍTULO 55	1779
As Famílias de Consciência, a Tonalidade Psíquica e o Espírito Sumari	1779
Síntese Operativa	1783
CAPÍTULO 56	1816
A Sinfonia da Psique, as Variações do Self e a Arte de Viver	1816
Síntese Operativa	1828
CAPÍTULO 57	1873
As Famílias de Consciência, as Inclinações da Psique e os Equilíbrios Criativos.....	1873
Síntese Operativa	1880
CAPÍTULO 58	1914
As Linhagens da Terra, os Trocadores de Ideias e as Sementes da Consciência	1914
Síntese Operativa	1920
CAPÍTULO 59	1948
As Subfamílias da Consciência, as Misturas Psíquicas e as Organizações da Identidade	1948
Síntese Operativa	1950
CAPÍTULO 60	1969
O Self Infinito, as Séries da Identidade e os Infinitos Psicológicos.....	1969
Síntese Operativa	1979
CAPÍTULO 61	2018
As Probabilidades em Movimento, o Presente Criador e os Selves Alternativos.....	2018
Síntese Operativa	2026
CAPÍTULO 62	2054
A Realidade Interior, a Nova Selfidade e o Plano Psíquico de Atlântida	2054
Síntese Operativa	2062
CAPÍTULO 63	2101
A Realidade que Somos, as Perguntas como Portais da Psique e a Ponte entre Mundos.....	2101
Síntese Operativa	2108
CAPÍTULO 64	2121
Os Eventos Multidimensionais, as Variações Prováveis e os Links da Realidade	2121
Síntese Operativa Final	2126

Prefácio Editorial

O material original desta obra foi transmitido ao longo de várias sessões, nas quais Jane Roberts entrava em estado de transe e ditava o conteúdo atribuído a Seth.

Para preservar a continuidade, a clareza conceptual e a coerência da leitura, foram removidos os elementos circunstanciais dessas sessões — pausas, comentários contextuais e descrições do ambiente — mantendo-se integralmente a mensagem transmitida.

Este texto foi traduzido e depurado segundo o princípio: Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia.

O processo foi realizado em parceria com Inteligência Artificial, utilizada como extensão cognitiva para amplificar a análise, clarificação e organização do conteúdo, mantendo sempre a fidelidade ao sentido original.

O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente, imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência. A abordagem seguida privilegia a clareza sem simplificação, a estrutura sem rigidez e a fidelidade sem literalismo, permitindo que o leitor aceda ao conteúdo de forma direta, sem ruído desnecessário.

Sempre que necessário, foram introduzidas afinações na linguagem para tornar explícitas estruturas implícitas, mantendo o equilíbrio entre experiência e compreensão. Este trabalho não procura reinterpretar o conteúdo, mas antes revelar a sua coerência interna, de forma a que possa ser apreendido com maior nitidez e continuidade.

O leitor é assim convidado não apenas a ler, mas a entrar no texto — acompanhando-o como um processo vivo de compreensão e experiência. Nesta obra, de carácter particularmente experiencial, foi mantido um equilíbrio entre fluidez narrativa e clarificação conceptual.

Este livro integra um conjunto mais amplo de obras que partilham uma linguagem e uma estrutura conceptual comuns. Embora possa ser lido de forma autónoma, a sua leitura é aprofundada quando enquadrada no contexto desse conjunto — particularmente na obra *Aventuras na Consciência — Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos*, onde é apresentado, de forma explícita, o modelo que aqui é operacionalizado.

Em última instância, este processo não acrescenta necessariamente mais informação, mas procura sobretudo tornar mais nítido aquilo que já está presente — não se trata tanto de saber mais, mas de ver melhor.

Aqui estão dois livros convertidos em um só livro.

Gullan Grevl

A REALIDADE “DESCONHECIDA”

*Exploração da Psique,
das Probabilidades e da
Consciência Multidimensional*

Jane Roberts

Um livro de Seth

Prefácio de Seth

Existe uma realidade “desconhecida”, como indicado. Eu faço parte dela, e tu também.

Há algum tempo¹ apareci subitamente no vosso espaço e tempo. Desde então, falei com muitas pessoas. Este é o meu terceiro livro.² Nada disto pareceria estranho a ninguém se eu tivesse nascido no vosso mundo num corpo próprio, nos termos habituais. Em vez disso, comecei a expressar-me falando através de Jane Roberts. Em tudo isto houve um propósito, e parte desse propósito encontra-se neste livro.

Cada indivíduo faz parte da realidade desconhecida. Contudo, devido à minha posição, faço obviamente mais parte dela do que a maioria. A minha percepção psicológica estabelece pontes entre mundos que reconheces conscientemente e outros que, pelo menos, parecem escapar à tua atenção. A mulher através de quem falo encontrou-se numa situação invulgar, pois nenhuma teoria — metafísica, psicológica ou outra — conseguia explicar adequadamente a sua experiência. Por isso, foi levada a desenvolver a sua própria, e este livro é uma extensão de certas ideias já mencionadas em “*Aventuras na Consciência*”.³ Para escrever esse livro, Jane Roberts recorreu a profundos recursos de energia.

A realidade desconhecida, contudo, é suficientemente desconhecida para os alcances habituais da consciência mais flexível, nos vossos termos, que só pode ser abordada por uma personalidade tão inserida nela como eu. Uma vez expressa, porém, pode ser compreendida. Um dos meus propósitos, então, tem sido tornar conscientemente conhecida esta realidade desconhecida.

¹ Seth anunciou pela primeira vez a sua presença pelo nome a Jane e a mim na sessão 4, realizada a 8 de dezembro de 1963. Ver o Capítulo 1 de *O Material de Seth*.

² Os dois livros anteriores de Seth são *Seth Fala* e *A Natureza da Realidade Pessoal* — mas, evidentemente, também são de Jane. Ver as páginas iniciais para uma lista dos seus livros publicados pela Prentice-Hall, Inc. (Para completar o registo, deve notar-se que o primeiro livro de Jane sobre fenómenos psíquicos foi *How to Develop Your ESP Power*. Foi publicado em edições de capa dura e brochura em 1966 e 1974, respetivamente, pela Frederick Fell Publishers, Inc., New York, N.Y. 10016. Depois, em 1976, foi publicado em brochura pela Pocket Books, New York, N.Y. 10020, com um novo título: *The Coming of Seth*.)

³ Na verdade, Jane começou o rascunho final do seu manuscrito para *Aventuras na Consciência: Uma Introdução à Psicologia dos Aspetos* no início deste mês (fevereiro de 1974). Contudo, já tinha desenvolvido em detalhe todos os seus temas para esse livro. (Agora intitulado “*AVENTURAS NA CONSCIÊNCIA — Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos*. Por Gullan Greyll)

Em termos históricos, o homem pensou outrora que havia apenas um mundo. Agora sabe que não é assim, mas continua a agarrar-se à ideia de um só deus, um só self e um só corpo através do qual o expressar.

Há um só Deus, mas dentro desse Deus há muitos. Há um só Self, mas dentro desse Self há muitos. Há um só corpo, num só tempo, mas o Self tem outros corpos noutros tempos. Todos os “tempos” existem ao mesmo tempo. Em termos históricos, a humanidade escolheu uma certa linha de desenvolvimento. Nela, a sua consciência especializou-se, focando-se em particulares nítidos da experiência. Mas sempre existiu, inscrita de forma inerente na psicologia e na biologia humanas, a possibilidade de alterar esse padrão — uma mudança que, efetivamente, elevaria a raça para outro tipo de clima.

Tal desenvolvimento exigiria, contudo, antes de mais, um alargamento dos conceitos acerca da natureza do self e uma compreensão maior do potencial humano. A consciência humana encontra-se agora numa fase em que tal desenvolvimento não é apenas possível, mas necessário, se a raça quiser alcançar a sua maior realização.

A experiência de Jane Roberts sugere, até certo ponto, a natureza multidimensional da psique humana e oferece pistas sobre as capacidades que existem dentro de cada indivíduo. Elas fazem parte da tua herança racial. Dão notícia de pontes psíquicas que ligam as realidades conhecidas e “desconhecidas” nas quais habitas.

Enquanto tiveres conceitos altamente limitados acerca da natureza do self, não poderás sequer começar a conceber uma divindade multidimensional, ou uma realidade universal na qual toda a consciência é única, inviolável — e, ainda assim, dada à formação de infinitas gestalts de organização e significado, isto é, configurações integradas de consciência e sentido.

Nos meus outros livros, usei muitas ideias aceitas como trampolim para conduzir os leitores a outros níveis de compreensão. Aqui, desejo deixar claro que este livro iniciará uma viagem na qual poderá parecer que o familiar fica muito para trás. Contudo, quando eu terminar, espero que descubras que a realidade conhecida é ainda mais preciosa, mais “real”, porque a encontrarás iluminada, por dentro e por fora, pelo rico tecido de uma realidade “desconhecida”, agora vista a emergir das porções mais íntimas da vida quotidiana.

Os vossos conceitos de personalidade estão agora a limitar-vos, individual e coletivamente, e, no entanto, as vossas religiões, metafísicas, histórias e até as vossas ciências assentam nas vossas ideias acerca de quem sois e do que sois. As vossas psicologias não vos explicam a vossa própria realidade. Não conseguem conter a vossa experiência. As vossas religiões não explicam a vossa realidade maior, e as vossas ciências deixam-vos igualmente ignorantes acerca da natureza do universo em que habitais.

Estas instituições e disciplinas são compostas por indivíduos, cada um limitado por ideias restritivas acerca da sua própria realidade individual; e é por aí, pela realidade individual, que começaremos e à qual regressaremos sempre. As ideias deste livro destinam-se a expandir a realidade individual de cada leitor. Podem parecer esotéricas ou complicadas, mas não estão fora do alcance de qualquer pessoa determinada a compreender a natureza dos elementos desconhecidos do self e do seu mundo maior.

Assim, o livro nasceu de uma circunstância privada da vida de Jane e Rob. O marido de Jane Roberts, Robert Butts, interrogava-se acerca da morte da sua mãe, ocorrida a 19 de novembro de 1973. Numa sessão⁴, trouxe algumas fotografias antigas. Porém, a vida depois da morte tem sido normalmente descrita de forma bastante coerente com as antigas ideias aceites acerca de um só self e com conceitos limitados de personalidade. Aproveitei essa oportunidade, contudo, para iniciar este livro.

O self orientado fisicamente — ou Personalidade de Foco — é de natureza multidimensional enquanto está fisicamente vivo. É um triunfo da identidade espiritual e psicológica, escolhendo sempre, entre uma miríade de realidades prováveis, o seu próprio foco claro e inatacável. Quando não compreendes isto, projetas então sobre a vida depois da morte todos os antigos equívocos. Esperas que os mortos sejam pouco diferentes dos vivos — se é que acreditas de todo numa vida depois da morte —, mas talvez mais em paz, mais compreensivos e, desejavelmente, mais sábios.

O facto é que, em vida, te equilibras delicadamente e, contudo, perfeitamente, entre realidades; e, depois da morte, fazes o mesmo. Usei então a oportunidade para explicar a grande liberdade disponível para a mãe de Robert Butts depois da morte — mas também para explicar esses elementos da sua realidade, presentes durante a vida, que lhe tinham estado

⁴ Sessão 679, de 4 de fevereiro de 1974.

conscientemente fechados por causa dos conceitos da humanidade acerca da natureza da psique. Comento, aqui e ali, fotografias que pertencem à família Butts, incluindo Jane Roberts, mas qualquer leitor pode olhar para fotografias antigas e fazer as mesmas perguntas, aplicando à sua experiência individual aquilo que aqui é dito.

A realidade “desconhecida” — tu és o seu equivalente conhecido. Conhece-te, então, a ti mesmo. A tua consciência expandir-se-á à medida que te familiarizares com estas ideias.

Eu próprio falo por essas porções do teu ser que já compreendem. A minha voz ergue-se de níveis da psique nos quais tu também tens a tua experiência. Escuta, portanto, o teu próprio saber.

Com jovialidade, fim do Prefácio.

Seth

PARTE UM

Tu e a Realidade “Desconhecida”

CAPÍTULO 1

Tu, os Teus Selves Prováveis e a Realidade “Desconhecida”

Antes da sessão, mostrei a Jane uma fotografia dela em criança e uma minha. As duas fotografias têm aproximadamente o mesmo tamanho, cerca de 8,3 cm por 12,7 cm. Também se parecem notavelmente no seu estado quebradiço e descolorido — quase como se tivessem sido tiradas na mesma altura —, embora a minha seja 20 anos mais antiga do que a de Jane.

A fotografia minha, tirada e datada pelo meu pai, Robert Sr., foi guardada durante 53 anos num dos álbuns da família Butts. Nela, a data é 1 de junho de 1921. Tenho quase 2 anos. Tenho cabelo claro e encaracolado. Uso um fato de uma só peça, meias brancas compridas e sapatos pretos. Estou de pé no jardim lateral da casa que os meus pais alugavam em Mansfield, uma pequena cidade universitária no nordeste da Pensilvânia. Talvez uma dúzia de pintainhos se agrupe na relva aos meus pés, enquanto olho para eles, completamente fascinado. Ao fundo, desfocada, uma adolescente desconhecida está sentada num baloiço suspenso de um ramo de árvore, e ao lado dela há um carrinho de verga vazio, do tipo carrinho de bebé [meu?]. Estacionado numa entrada atrás dela está um automóvel de turismo de quatro portas, com capota

de tecido. Acrescento que Mansfield fica apenas a 56 quilómetros a sul de Elmira, N.Y., onde Jane e eu vivemos agora.

A fotografia de Jane tem 33 anos. Foi tirada por uma amiga mais velha, que a tinha levado a passear a uma estância termal nos arredores de Saratoga Springs, no Estado de Nova Iorque, onde Jane vivia com a mãe acamada, Marie, e uma governanta. Com letra infantil, Jane escrevera o nome da amiga no verso da fotografia, juntamente com a data. Muitos anos mais tarde, viria a dizer-me: “A minha mãe odiava aquela mulher.” Na fotografia, é um dia soalheiro de agosto de 1941; Jane tem 12 anos. Está sentada na relva diante de alguns arbustos perenes; inclina-se ligeiramente para trás, apoiada na mão direita, com as pernas nuas dobradas de forma bastante recatada. Usa um vestido estampado que lhe tinham dado no orfanato católico romano de Troy, a cerca de 56 quilómetros de Saratoga Springs; passara ali os 18 meses anteriores, na instituição, enquanto a mãe estivera hospitalizada noutra cidade para tratamento de artrite reumatoide. Jane usa também uma camisola de manga curta. A mãe tinha-a tricotado durante a sua estadia no hospital.

O cabelo loiro de Jane — que mais tarde se tornaria muito preto — está bem dividido e penteado, preso com uma travessa. O rosto é juvenilmente redondo, mas nada sorridente. Não está a franzir o sobrolho. Antes, da sua posição na relva, olha diretamente para fora da fotografia, para quem a observa, exibindo uma expressão sóbria, quase controlada, que parece deslocada numa criança daquela idade.

Para mim, ambas as fotografias tinham uma certa qualidade misteriosa que muitas vezes me intrigara — uma aura talvez devida em parte ao facto de serem antigas, pessoais e, por isso, insubstituíveis. Mas, havia muito tempo, eu tinha consciência de outros sentimentos ligados a elas. Jane começara a transmitir o material de Seth no fim de 1963, e pouco depois Seth começara a desenvolver as suas ideias sobre probabilidades.¹ Muitas vezes, ao olhar para aquelas fotografias desde então, dei por mim a especular acerca das realidades prováveis em torno daqueles dois jovens sujeitos. Disse agora a Jane que compreendia o curso de ação que cada um de nós escolhera tornar físico, ou “real”, nos nossos termos. Mas que dizer de todos os outros caminhos em que os nossos selves prováveis tinham embarcado desde que aquelas fotografias haviam sido tiradas? Àquela altura, será que aquelas fotografias mostravam realmente as imagens imaturas de nós, da Jane e do Rob que conhecíamos e sempre tínhamos sido, ou, do nosso ponto de vista, mostravam uma Jane provável, um Rob provável — dois indivíduos que há muito tinham partido nas suas próprias viagens através de outras realidades? Eu não tinha clareza quanto ao que queria saber e tive dificuldade em expressar-me a Jane. Talvez quisesse apenas que Seth comentasse as probabilidades de uma forma mais pessoal. Nessa altura, eu não

¹ Seth diz-nos que todas as ações são inicialmente de natureza mental. De forma muito simples, as realidades prováveis fluem das inúmeras ações — ou acontecimentos — que podemos imaginar, mas que escolhemos não atualizar fisicamente. Contudo, qualquer movimento nosso permanece plenamente válido assim que é concebido, e é levado a cabo em todas as suas variações por selves prováveis em outras realidades. Pode haver comunicação entre pelo menos alguns desses mundos. Jane teve um sucesso modesto ao tocar alguns dos seus selves prováveis, e planeia escrever sobre essas experiências e outras, que espera realizar.

No seu material sobre sistemas prováveis, no Capítulo 16 de *Seth Fala*, Seth diz: “A Alma pode ser descrita, nesse sentido, como um ato multidimensional e infinito, em que cada mínima probabilidade é trazida algures à atualidade e à existência; um ato criativo infinito que cria para si dimensões infinitas nas quais a realização é possível.”

Ver também o Capítulo 15 de *O Material de Seth*: “Selves Prováveis e Sistemas Prováveis de Realidade”.

fazia ideia de que a minha pergunta iria desencadear um novo livro de Seth.²

Os sinais exteriores das atuações de Jane em transe como Seth são, em si mesmos, muito interessantes, e não pretendo minimizá-los; na verdade, descrevo-os de tempos a tempos. Contudo, o que realmente me fascina é aquilo a que chamo a consciência, ou energia, grandemente intensificada que ela manifesta nas sessões — e sinto sempre um fluxo ainda mais poderoso dessa qualidade logo abaixo da superfície da sua transmissão. Pensei nisto enquanto Jane se sentava em silêncio na sua cadeira de baloiço Kennedy, esperando que Seth se manifestasse. Depois de alguns minutos, a mão direita ergueu-se até aos óculos. Quando os tirou, os seus olhos estavam muito mais escuros e luminosos do que habitualmente: ela estava dissociada — em transe. Seth estava ali, a olhar fixamente para mim.

— *Boa noite.*

— Boa noite, Seth.

² De facto, Jane realizaria várias sessões antes de percebermos que Seth tinha iniciado um novo livro. Seth terminara *A Natureza da Realidade Pessoal* mais de seis meses antes. Suspendemos as nossas sessões regulares depois disso, embora estivéssemos tão ocupados como sempre. A minha mãe morreu em novembro de 1973. Durante alguns meses soubéramos que a sua morte se aproximava, e por isso havíamos organizado os nossos assuntos em torno desse acontecimento irrevogável; passei semanas a preparar o manuscrito final de *A Natureza da Realidade Pessoal* para a editora; Jane conduziu a sua aula de PES sempre que pôde, e trabalhou nos seus dois livros, *Aventuras na Consciência* e *Diálogos da Alma e do Self Mortal no Tempo*. Também deu várias sessões privadas de Seth para nós dois sobre uma variedade de assuntos. Acabámos por chamar a uma parte de uma dessas sessões a sessão 678 e acrescentámo-la aos nossos registos, uma vez que o material, que Jane recebeu a meu pedido, dizia respeito a probabilidades e a Jerusalém. Esperamos publicá-lo algum dia.

Seth-Jane manuseou brevemente as duas fotografias que eu colocara na mesa de centro entre nós.

— *Estou a fazer duas coisas aqui — mas também podes receber o material sobre qualquer uma das fotografias separadamente, se assim escolheres.*

— Sim.

— *Cada um de vós, mais uma vez, escolheu os seus pais e o seu ambiente. Falaste nas tuas notas, há dois dias, de precognição em relação à arte — um ponto excelente. Nesses termos, a precognição também se aplica ao teu nascimento, pois, antecipadamente, tens bastante consciência, em níveis inconscientes, das condições que irás encontrar. Escolheste-as e projetaste-as à tua frente, para dentro do meio do tempo.*

— *As condições, contudo, embora estejam "definidas" de uma forma, são altamente plásticas de outra, de modo que uma imensa variedade de acontecimentos prováveis pode fluir delas. Precognitivamente, tens uma consciência inconsciente bastante clara — mais uma vez, nos vossos termos — dos resultados de qualquer ação ou causa determinada. Quando esta fotografia de Ruburt³ foi tirada, ele já se tornara consciente dos interesses e*

³ Quase sempre, Seth refere-se a Jane pelo seu nome masculino de entidade, "Ruburt" — e, por isso, usa "ele", "seu" e "dele".

Para resumir os comentários algo divertidos de Seth na sessão 12, de 2 de janeiro de 1964:

preocupações gerais que dominariam a sua vida futura, embora o curso particular dessa vida ainda não tivesse sido escolhido.

— Parte disto lança luz sobre a experiência atual. O fundo religioso estava ali. Por sua preferência e insistência, ele mudou de uma escola pública para uma escola católica depois da terceira classe.⁴ Isto contrariava o juízo da mãe. Ela achava que as escolas públicas eram melhores e socialmente mais benéficas. Ruburt, naquela idade — quando mudou depois da terceira classe —, já tinha uma vontade bastante forte, ao ponto de forçar a mãe a ceder

“O sexo, independentemente de todas as vossas histórias carnis, é um fenômeno psíquico, simplesmente certas qualidades a que chamais masculina e feminina. As qualidades são reais, contudo, e permeiam outros planos, bem como o vosso. São opostos que, ainda assim, são complementares, e que se fundem num só.

Quando digo, como já disse, que a entidade global, ou Self inteiro, não é masculina nem feminina, e, contudo, me refiro a [algumas] entidades por nomes definitivamente masculinos como ‘Ruburt’ e ‘Joseph’ [como Seth me chama], quero apenas dizer que, na essência global, a entidade [em causa] se identifica mais com as chamadas características masculinas do que com as femininas.”

⁴ Jane está a tratar os muitos pormenores, frequentemente caóticos, da sua vida na sua autobiografia, *From This Rich Bed*. Tem trabalhado nesse projeto há algum tempo, juntamente com os seus outros livros, e ele poderá desenvolver-se em mais de um volume.

Num resumo muito simplificado a partir de *Rich Bed*:

Jane era a única filha de Marie Burdo e Delmer Roberts. Tinha 2 anos quando os pais se divorciaram, em 1931. Com a filha, a jovem Marie regressou então à casa dos seus próprios pais, a casa que a família alugara durante vários anos: metade de uma habitação geminada num bairro pobre de Saratoga Springs, N.Y. Marie começou a experienciar os primeiros estágios de artrite reumatoide, mas trabalhou tanto quanto pôde.

Por fim, o avô de Jane, Joseph Burdo, com quem ela partilhava uma profunda identificação mística, deixou de conseguir sustentar mais duas pessoas, e a família teve de recorrer à assistência pública. A avó de Jane morreu num acidente de automóvel em 1936. No ano seguinte, o avô saiu de casa. Nessa altura, Marie já estava parcialmente incapacitada, e o Departamento de Assistência Social começou a fornecer à mãe e à filha ajuda doméstica ocasional — e muitas vezes pouco fiável. Assim, Jane tinha 9 anos em 1938, quando mudou de escola depois de terminar a terceira classe.

Sempre que Jane e eu apresentamos material pessoal em *A Realidade “Desconhecida”*, temos várias coisas em mente. Não queremos apenas dar informação de fundo necessária relativamente às próprias sessões, mas também oferecer vislumbres das forças emocionais e físicas muito complexas que estão por baixo das relações íntimas de longa duração. Pensamos que os comentários de Seth acerca das nossas situações podem ajudar o leitor a compreender melhor as suas próprias crenças, motivações e desejos.

à mudança de escola. Fez tal escarcéu, Ruburt, e tantas birras, que a autorização foi dada. Ele já era teimoso nessa altura.

— Sempre foi extremamente imaginativo, tal como a mãe. A mãe era socialmente desafiante, exibindo a sua beleza junto dos elementos "desonrosos" da sociedade. Muito mais tarde, Ruburt sairia com os homens "desonrosos" do seu ambiente, embora nem a mãe nem a filha vissem esse paralelo. Nessa altura, a mãe de Ruburt queria para ele um marido respeitável e, de preferência, rico, e não conseguia compreender por que razão ele escolhia homens que não se conformavam.

— Ruburt escolheu um enquadramento em que era pobre, tal como a mãe. A mãe também era inteligente, mas escolheu apostar na beleza como via de fuga ao seu ambiente. Ruburt tentou usar antes a inteligência. Esse material já foi fornecido, ao longo dos anos, numa série de sessões pessoais.

— A não conformidade de Ruburt assumiu o quadro mais vasto das ideias não convencionais. No seu enquadramento, enquanto criança sob a organização do Departamento de Assistência Social, a indulgência pessoal, os pequenos luxos ou um comportamento demasiado não convencional eram todos perigosos dentro do quadro escolhido — os vizinhos podiam denunciar qualquer transgressão à Assistência Social. Por volta desta altura (tocando na fotografia), Ruburt sentou-se ao colo de um homem adulto no alpendre da frente, e os vizinhos denunciaram devidamente o facto — a ideia era que podia estar envolvida alguma depravação sexual.

— A mãe de Ruburt sabia que a criança podia ser-lhe retirada se ficasse provado que ela era, de algum modo, uma mãe inapta, ou incapaz de lhe dar os cuidados adequados. De facto, mais de um ano antes de esta fotografia ser tirada, Ruburt foi enviado para um lar católico. Ali, o pensamento não convencional não era tolerado. A inflexibilidade do dogma, conscienciosamente aplicada à ação diária, foi experienciada, e, dentro dela, Ruburt tentou aplicar-se e focalizar a sua natureza profundamente mística.

— Recordava as críticas constantes que a mãe lhe fazia, mas mal se lembra da sua própria desaprovação escandalizada, por exemplo, quando regressou a casa e a ouviu praguejar. Lançou-se de cabeça na realidade católica, perseguiu-a com grande diligência teimosa e usou-a como um quadro de convencionalidade dentro do qual podia permitir que a sua natureza mística crescesse.

— Quando essa natureza ultrapassou o quadro, ele deixou-o. Todas as crenças que antes haviam parecido tão legítimas passaram então a ser vistas como impeditivas, e todos os seus defeitos se tornaram evidentes. Enquanto seguia esse quadro, nada o podia desviar dele; e aqui (tocando na fotografia), nesta imagem da criança, já tens a natureza inflexível, a grande espontaneidade, à procura de uma estrutura que lhe permita crescer e que, ao mesmo tempo, lhe dê a ilusão de segurança.

— A criança de aparência plácida (na fotografia) era, em certos aspetos, tão dogmática e intransigente como Ruburt alguma vez foi. Contudo, ao abandonar o quadro da Igreja, Ruburt agarrou-se

à mente, em oposição às intuições. A criança aqui estava convencida de que as estátuas de Cristo se moviam. Sem um quadro que contivesse esse tipo de experiência, a rapariga em crescimento começou a esmagá-la.

— A experiência mística tornou-se aceitável apenas através da poesia ou da arte, onde era aceite como criativa, mas não suficientemente real para o meter em problemas ou para perturbar o “novo” quadro. O novo quadro rejeitava esse disparate supersticioso. A mente seria disciplinada, e a arte tornou-se a tradutora aceitável da experiência mística, bem como uma almofada entre essa experiência e o self. Ele deitou fora alguma da criança juntamente com a água do banho.

— O místico passou para o subterrâneo, reaparecendo como ficção científica.⁵ Mais uma vez, no fundo social e religioso da criança, ações mentais ou físicas não convencionais podiam trazer penalizações. Durante algum tempo, a criança pôde interpretar a

⁵ Levou bastante tempo até que a natureza mística de Jane se manifestasse em prosa. Dois anos depois de nos casarmos, publicou a sua primeira obra de ficção, um conto sobre reencarnação chamado “The Red Wagon”. Saiu no número de dezembro de 1956 de The Magazine of Fantasy and Science Fiction [© 1956 by Fantasy House, Inc., New York, N.Y.]. Jane tinha 27 anos e ficou muito satisfeita com o início da sua carreira profissional. Nos anos seguintes, vendeu várias outras histórias à mesma revista, bem como duas novelas curtas, e publicou também poesia e alguma ficção em outros mercados.

Jane considerava todos esses trabalhos como “fantasia” científica, e não como ficção científica “pura”. Os seus temas ficcionais, em especial, eram extensões de grande parte da sua poesia anterior e continham o mesmo tipo de pensamento que a levava a romper com a sua Igreja. Não tinha qualquer pressentimento consciente de que, dentro de uma década, desenvolveria o material de Seth. “A minha mente simplesmente funcionava assim”, disse Jane acerca das suas histórias. “Eu preocupava-me com esses temas, por isso escrevia sobre eles.”

Lembro-me de ter ficado um pouco surpreendido com o tema de “The Red Wagon” — pois não é contraditório escrever aqui que, embora Jane estivesse tão interessada na reencarnação como teoria, raramente falávamos dela. “The Red Wagon” está incluído na coletânea Ladies of Fantasy / Two Centuries of Sinister Stories by The Gentle Sex, © 1975 by Manley and Lewis, publicada pela Lothrop, Lee & Shepard Co., New York, N.Y. 10016.

experiência mística dentro da Igreja — mas, mesmo então, havia sempre conflito com as autoridades eclesiásticas.

— Sem esta experiência de seguir tão fervorosamente uma crença dentro da Igreja, contudo, ele não compreenderia a necessidade que as pessoas têm de tais crenças, nem seria capaz de as alcançar tão bem como alcança. A sua mente questionadora foi originalmente exercitada quando começou a examinar as crenças religiosas. Tinha receio de que a experiência psíquica, quando a encontrasse muito mais tarde, pudesse conduzir a um novo dogma, e estava determinado a não a usar dessa forma.

— O seu “conservadorismo”, no sentido do seu forte reconhecimento das ideias conservadoras, é usado como trampolim. Ele salta de onde sabe que as outras pessoas estão para novas áreas. Combate o dogma do espiritualismo tanto como combateu o dogma da Igreja.

— Saltou, contudo, do quadro da Igreja para outro quadro, no qual o misticismo era experienciado em segunda mão, sob o disfarce da produção artística. “Construção de Ideias” despedaçou literalmente esse quadro.

— Por várias razões já dadas, relativas à vossa relação conjunta e aos teus próprios propósitos em relação a mim, levou algum tempo até que se formasse um quadro mais novo e adequado — um no qual Ruburt fosse livre para prosseguir a experiência mística dentro de uma estrutura prática; um no qual a não

convencionalidade do pensamento pudesse continuar livremente. Ele sentia que isto podia ultrapassar o quadro da sua arte, como ultrapassara o da Igreja. Os sintomas físicos serviram, de forma bastante literal, como um quadro dentro do qual a espontaneidade teve, pelo menos até certo ponto, liberdade mental e psíquica, até ele se sentir seguro.

Esperava que Seth comentasse a fotografia antiga de Jane em ligação com as realidades prováveis.

— *Estavas correto. As probabilidades estão, evidentemente, envolvidas. Recorda as primeiras frases desta sessão. As condições gerais globais foram escolhidas, mas estavam implicados muitos cursos prováveis.*

Seth-Jane apontou para a fotografia dela, tirada quando tinha 12 anos.

— *Esta criança tomou um curso diferente daquele que esta mulher tomou (Jane indicou-se a si própria enquanto estava sentada na cadeira de baloiço). O dogmatismo prevaleceu. A natureza mística da criança, embora forte, não era suficientemente forte para desafiar o quadro da Igreja, para o deixar ou para se elevar acima do simbolismo que ele fornecia. Esse misticismo haveria de ser expresso, embora relativamente limitado. A mente seria disciplinada para que não fizesse demasiadas perguntas. Essa criança (na fotografia) entrou num convento, onde aprendeu a regular a experiência mística segundo preceitos aceitáveis — mas,*

ainda assim, a expressá-la com alguma regularidade, de forma contínua, num modo de vida que pelo menos reconhecia a sua existência.

— *Nos vossos termos, a interseção com as probabilidades ocorreu um dia, numa entrevista que a criança teve com um padre. O acontecimento, nos termos de Ruburt, com os seus resultados na vossa probabilidade, é mencionado no seu *Rich Bed* (ver Nota 4). A criança, na sétima ou oitava classe, escreveu um poema expressando o desejo de ser freira e levou-o a um pároco. Na vossa probabilidade, o padre disse à criança que ela era necessária à mãe; mas, intuitivamente, viu que o misticismo de Ruburt não caberia na organização da Igreja.*

— *Na outra probabilidade, o desejo de Ruburt nessa altura venceu. Ele conseguiu diluir a extensão e as dimensões do seu misticismo o suficiente para que fosse aceitável. Nessa outra probabilidade, não haveria um longo período de tempo em que a experiência mística permanecesse latente, nem qualquer necessidade de a traduzir para novos termos.*

— *A capacidade de escrita seguiria como sua serva. Neste mundo, as capacidades artísticas foram colocadas em primeiro lugar, mas à natureza mística foram dadas maiores oportunidades de se expandir e desenvolver. E a ambas foi dada a oportunidade e o desafio de despedaçar velhos quadros históricos e de se elevar para além deles.*

— Aqui, Ruburt escolheu a estrutura da escrita e manteve-se fiel a ela com a mesma inflexibilidade com que antes se mantivera fiel à Igreja, embora procurando sempre um novo quadro. Durante algum tempo idealizou-te. A tua orientação e a tua força foram o seu quadro. Quando se tornou evidente que tu também eras humano, e não um quadro, ele assustou-se. Quando encorajaste a emergência e a expressão do seu misticismo, então já não podias, sentia ele, funcionar como quadro capaz de o conter. Nessa altura, isso pareceu ameaçar a estrutura conjunta das vossas vidas. Ele sabia intuitivamente que tu também usavas a criação artística como amortecedor entre ti e a expressão mística.

— Por todas as razões já dadas — e estão claramente dadas em sessões pessoais —, ele tinha medo de que a espontaneidade, mental ou física, ameaçasse o quadro há muito aceite das vossas vidas conjuntas. Se avançasse espontaneamente na experiência mística, então, dadas as suas ideias, isso ameaçava a aceitação convencional da sua arte. As ideias convencionais sobre arte e escrita, das quais o velho quadro agora dependia, já não serviam.

— Mais uma vez, a sua experiência natural, sentia ele, estava a conduzi-lo para além das estruturas que considerara seguras.

— Tinha-te a ti em consideração. Na sua maneira de pensar, esta experiência dele estava a retirar tempo à tua arte, bem como à sua. Ao mesmo tempo, a natureza mística rejubilava com a oportunidade e pressentia o seu potencial. Ruburt estava determinado a avançar — mas estava também determinado a conservar as velhas

estruturas e a ignorar as fissuras nelas. Em parte, a sua lealdade para contigo estava ligada a isto, bem como a responsabilidade que sentia de te manter focado como artista e de não deixar que nada te distraísse. Contudo, ali estava ele a distrair-te.

— *Durante algum tempo, o vosso sistema conjunto de comunicação esteve instável. Ele tinha medo de avançar. Os sintomas mantiveram-no no seu trabalho, em casa, e permitiram-lhe concentrar-se sem distrações exteriores; mantiveram-no a escrever, com a experiência mística devidamente traduzida em arte.*

— *Os sintomas serviram também para focalizar essa energia fantástica, enquanto ele descobria como ela deveria ser usada. Não podia aceitar um novo quadro psíquico enquanto, dentro dele, houvesse questões relativas às vossas ideias conjuntas sobre negócios, lealdades divididas entre escrita e pintura; os vossos receios pessoais, partilhados, acerca da espontaneidade em geral; e a necessidade de proteger os vossos talentos tanto das vossas próprias naturezas sexuais como das distrações dos outros.*

— *Ele não podia aceitar um novo quadro, e não se atrevia a deixar ir o antigo; assim, os sintomas tornaram-se a materialização física desses conflitos e serviram muitos propósitos. Esta criança (na fotografia), crescida na sua própria probabilidade, não tem tais problemas. Mas os desafios também não estão lá — exceto em forma latente.*

— *Ruburt precisa muito de perceber que tu o amas e o aceitas tal como ele é agora, nos vossos termos. Ele recebe de ti o sentimento de aceitação enquanto criatura que possui — aquele que tu recebeste, à tua maneira, da tua família nos primeiros anos.*

— *O teu questionamento, Joseph (ver Nota 3), e a tua profunda desconfiança em relação às teorias atuais do mundo são partilhados com igual intensidade por Ruburt; e a vossa insistência conjunta em descobrir novas respostas é responsável por estas sessões e por aquilo que delas virá.*

— *Tu vês o seu potencial jubiloso, e ele sabe que o vês. Por vezes, contudo, sente-se perdido enquanto ser humano emocional, tateando em direção a esse potencial, e precisa de ser confortado. Como sabes agora, confortá-lo pode assustar-te, porque vos devolve a ambos a compreensões profundas e a sentimentos intensos que sublimas nas tuas pinturas, e até a experiências místicas que também canalizas através do teu trabalho.*

Seth-Jane ergueu a minha fotografia, tirada quando eu tinha quase 2 anos.⁶

⁶ Descrevi essa fotografia minha de infância no início da sessão. Os meus pais tiveram três filhos. Sendo o mais velho, nasci a 20 de junho de 1919; depois veio Linden, 13 meses mais tarde; o mais novo, Richard, nasceu 9 anos depois de mim. (Ambos os nomes foram alterados.)

Os três dávamo-nos bem em crianças, embora as nossas naturezas e interesses variassem consideravelmente. Todos frequentámos a escola primária e secundária em Sayre, uma cidade ferroviária no nordeste da Pensilvânia. O nosso pai estabeleceu ali a família em 1923, quando abriu uma oficina de reparação automóvel e baterias. As separações na família começaram a acontecer depois de Linden e eu terminarmos a escola secundária, deixarmos Sayre e começarmos a pagar, cada um à sua maneira, os estudos superiores e uma escola de arte. Depois vieram longos períodos de serviço militar para nós três

— *Esta criança desfruta de grandes sentimentos de vigor e segurança. Na tua relação familiar, até esse ponto, tudo bem. Estavas sobretudo rodeado de amor e afirmação. Os teus pais eram jovens. A tua mãe dera à luz dois belos rapazes; e era também perfeccionista à sua maneira, e dentro do seu quadro — um quadro nunca compreendido pelo teu pai.*

— *À superfície, era uma estrutura muito convencional, mas, por baixo, extremamente difícil de manejar. Havia dogmas. Esperava-se que a mãe gerasse filhos perfeitos e fosse subserviente ao homem, pelo menos exteriormente.*

— *A tua mãe sentia, então, que cada um desempenhava uma parte adequada no casamento, na medida em que o teu pai, aos olhos dela, tinha grandes perspectivas, e ela lhe dera dois filhos. Só mais tarde sentiu que ele não cumprira a sua parte do acordo, e tu começaste a sentir-te inseguro. Ela obrigara-se a focalizar todo o seu grande poder emocional na estrutura do casamento, tal como ambos a entendiam; mas o teu pai não concentraria as suas*

(a Segunda Guerra Mundial para Linden e para mim). Passaram anos até eu compreender até que ponto os meus pais tinham sido afetados pela partida dos filhos.

Seth falou por vezes dos membros da família Butts, incluindo alguns dos seus aspetos reencarnacionais. Contudo, seis meses antes de iniciar *A Realidade “Desconhecida”*, fez algumas observações que, desde então, tenho aplicado à vida na nossa realidade física:

“Cada pessoa escolhe os seus pais, aceitando, em termos de ambiente e hereditariedade, um banco de características, atitudes e capacidades a partir do qual irá retirar elementos na vida física. Há sempre uma razão, e por isso cada progenitor representará para cada filho um símbolo indizível; muitas vezes, os dois progenitores representarão contrastes flagrantes e probabilidades diferentes, de modo que a criança possa comparar e contrastar realidades divergentes... Os teus dois irmãos também escolheram a situação familiar. Cada progenitor [ambos agora falecidos] representou opostos para eles — mas opostos individuais, e por isso eles viram os teus pais de forma diferente [da tua]. Não percas contacto com eles...”

Daqui também se segue que a minha mãe e o meu pai viam as suas criações individuais, ou versões, de cada um dos seus filhos.

próprias capacidades na estrutura cultural e financeira, como concordara fazer no contrato tácito.

— Ela obrigara-se a conter a sua própria realidade em termos convencionais — mas, na sua maneira de pensar, ele recusava-se a usar a sua energia dentro da estrutura social e financeira aceite por ambos.

— Anos mais tarde, começaste a sentir, como Ruburt sentiu, que a criatividade era, à sua maneira, perigosa; que te conduziria para fora das estruturas sociais aceites e que, decididamente, tinha de ser protegida contra a vida familiar normal.

— (Pegando na minha fotografia) Não nesta fotografia, mas bem vivo, estava o teu irmão Linden. Tu insististe em usar as tuas capacidades e tentaste durante anos encaixá-las no padrão comercial, onde eram aceites financeira e socialmente, e em termos da tua autoimagem. Por fim, crescestes para fora da estrutura.⁷ Quando o fizeste, criaste a divisão artificial segundo a qual a boa arte não venderia — mas fá-la-ias de qualquer forma.

⁷ Abandonei o meu compromisso com a arte comercial em 1953, quando tinha 34 anos. O meu desejo intuitivo de o fazer vinha crescendo lentamente há vários anos. O ato de separação tornou-se finalmente consciente e deliberado quando me mudei para uma pequena comunidade perto de Saratoga Springs, N.Y. (onde Jane vivia), para ajudar temporariamente um amigo artista-escritor a produzir uma tira de banda desenhada sindicada. Este foi o último trabalho comercial que fiz durante algum tempo; finalmente compreendi que estava simplesmente mais interessado em pintar quadros do que em fazer qualquer outra coisa. Uma vez que acredito que cada um de nós cria a sua própria realidade nos termos mais precisos, dificilmente será coincidência que, nesse momento de decisão, o meu amigo tenha apresentado Jane e eu — pois ela era tão dedicada à escrita como eu à pintura.

— Contudo, tornarias a tua criatividade real, em termos sensoriais. Linden não o faria. Ele mantê-la-ia em segurança dentro de uma estrutura de “jogo” — não jogo necessariamente em termos básicos, mas uma estrutura na qual trabalharia com modelos, habilmente, sem nunca aplicar as suas capacidades criativas de certas maneiras a uma realidade prática. Elas ficariam fora, em segurança, nesse contexto.

— As capacidades que possuía, e que podiam ser canalizadas para a sociedade tal como a compreendia, foram assim canalizadas. Nessa eventualidade, ocorreu fragmentação, de modo que as capacidades foram dispersas: algumas dirigidas para a escola, algumas para o desenho, e outras para os seus modelos. Esses atributos criativos foram separados para que pudessem ser manuseados em segurança, embora expressos até certo ponto, e não completamente negados.

— O teu próprio carácter é, à sua maneira, mais direto, no sentido em que mantiveste um foco mais imediato. Quando aquela fotografia foi tirada, contudo, os teus pais começavam a aperceber-se da sua dificuldade. O teu primeiro ano foi um ano em que o teu pai e a tua mãe estavam cheios de expectativa. Linden sentiu essa falta. Estava seguro, mas não tão seguro como tu tinhas estado, pois a divisão entre os teus pais começava a manifestar-se.

— Linden usa agora as palavras como quadro para conter criatividade e comunicação, em vez de as expressar. Aqui (na fotografia), enquanto criança, eras mais livre deambular porque te

sentias mais seguro fisicamente. Linden era muito menos aventureiro nesse aspeto.

Síntese Operativa

Este capítulo abre *A Realidade "Desconhecida"* a partir de uma situação íntima: duas fotografias antigas, uma de Jane e outra de Rob. A partir desse ponto aparentemente simples, Seth introduz uma das ideias centrais da obra: cada vida física é apenas uma linha escolhida dentro de um campo muito mais vasto de probabilidades.

A função central do capítulo é esta:

a identidade que reconheces como "tu" é apenas uma das expressões possíveis do teu ser; outras escolhas, outros caminhos e outros selves prováveis continuam a desenvolver-se em realidades igualmente válidas.

1. O capítulo nasce de uma circunstância privada

O livro começa num contexto doméstico: Rob mostra a Jane duas fotografias antigas e interroga-se sobre os caminhos que cada um deles tomou.

fotografias antigas → memória pessoal → pergunta sobre escolhas → abertura para probabilidades

A fotografia deixa de ser apenas documento do passado. Torna-se porta de entrada para outras linhas possíveis da identidade.

imagem da infância → self atual → selves prováveis → realidade desconhecida

Seth usa essa situação privada para iniciar uma exploração universal: aquilo que parece uma vida única é, na verdade, uma seleção entre muitas possibilidades.

2. Antes do nascimento já existe orientação

Seth afirma que cada pessoa escolhe os seus pais e o seu ambiente.

consciência antes do nascimento → escolha de condições → projeção no tempo → vida física

Essa escolha não significa que tudo esteja rigidamente determinado. As condições gerais são escolhidas, mas permanecem plásticas.

condições escolhidas → campo de possibilidades → acontecimentos prováveis → escolhas concretas

A vida física é, portanto, uma estrutura aberta: há um enquadramento inicial, mas dentro dele fluem muitos cursos prováveis.

3. As condições são escolhidas, mas não fechadas

Seth distingue entre condições gerais e curso particular da vida.

condições gerais → escolhidas antes

curso particular → ainda aberto

Quando a fotografia de Jane foi tirada, a criança já estava ligada aos interesses e preocupações gerais que dominariam a sua vida futura, mas o curso específico ainda não estava completamente escolhido.

natureza mística → fundo religioso → escrita → arte → probabilidades

O futuro não aparece como linha única já fixada. Surge como campo de tendências, potenciais e ramificações.

4. A infância como campo de estruturas

A infância de Ruburt é apresentada como um campo de forças contraditórias.

pobreza → vigilância social → religião → dogma → imaginação → misticismo

A criança cresce sob pressão: Assistência Social, expectativas da mãe, medo de denúncia, disciplina católica e vigilância moral.

Dentro desse contexto, a natureza mística procura uma estrutura que lhe permita existir.

espontaneidade mística → necessidade de segurança → procura de quadro

A Igreja funciona inicialmente como abrigo, não apenas como prisão.

5. O dogma como abrigo e limite

Para Ruburt, a Igreja oferece uma estrutura onde a experiência mística pode crescer, mas apenas dentro de regras rígidas.

misticismo → Igreja → simbolismo aceite → disciplina → contenção

Enquanto o quadro religioso parece legítimo, Ruburt segue-o com intensidade. Quando a sua natureza mística o ultrapassa, o mesmo quadro torna-se impeditivo.

quadro protetor → crescimento interior → quadro limitador → abandono

O capítulo mostra assim uma dinâmica recorrente:

estrutura → segurança → crescimento → limite → ruptura

6. A mente e a arte como novo quadro

Depois de abandonar a Igreja, Ruburt agarra-se à mente e à arte.

Igreja abandonada → mente racional → arte → poesia → ficção científica

A experiência mística não desaparece. Passa para o subterrâneo e reaparece sob formas aceitáveis.

misticismo reprimido → poesia → arte → ficção científica → experiência psíquica futura

A arte torna-se uma ponte: permite expressar a experiência mística sem a declarar demasiado real.

experiência mística → tradução artística → segurança psicológica

Mas esse novo quadro também se torna insuficiente.

7. A experiência mística procura expressão direta

A experiência psíquica posterior de Jane/Ruburt rompe o quadro artístico anterior.

misticismo indireto → arte → Construção de Ideias → rutura → sessões de Seth

A emergência do material de Seth não surge como acontecimento isolado. É o resultado de uma longa tensão entre:

natureza mística → necessidade de expressão

quadros seguros → medo da exposição

criatividade → necessidade de estrutura

A consciência procura uma forma mais ampla de se expressar.

8. Os sintomas como estrutura provisória

Seth apresenta os sintomas físicos de Ruburt como materialização de conflitos internos.

velho quadro → já não serve

novo quadro psíquico → ainda não aceite

conflito → sintomas físicos

Os sintomas funcionam como estrutura provisória: limitam o corpo, mas permitem alguma liberdade mental e psíquica.

sintomas → contenção física → concentração → escrita → tradução da experiência mística

Isto não transforma os sintomas em algo desejável. Mostra apenas que, dentro do conflito vivido, eles serviram funções múltiplas: proteção, foco, contenção e adiamento.

9. A fotografia mostra uma bifurcação provável

A fotografia de Jane permite a Seth mostrar uma interseção com probabilidades.

criança na fotografia → possível freira → Jane provável

Numa probabilidade, Ruburt segue o caminho da Igreja, entra num convento e expressa o misticismo dentro de preceitos aceitáveis.

misticismo → convento → expressão regulada → dogma preservado

Na probabilidade atual, a natureza artística vem primeiro, mas permite uma expansão mais ampla da experiência mística.

arte → escrita → experiência psíquica → rutura de quadros históricos

A fotografia não mostra apenas o passado. Mostra também uma encruzilhada entre selves.

10. Selves prováveis como caminhos reais

O capítulo introduz os selves prováveis não como fantasias, mas como expressões reais da identidade.

escolha feita → self atual

escolha não feita → self provável

A Jane que Rob conhece segue uma linha. Outra Jane, igualmente real no seu sistema, segue outra.

vida atual → uma atualização

vida provável → outra atualização

A identidade não é reduzida ao caminho escolhido fisicamente. Cada possibilidade significativa encontra expressão em algum nível de realidade.

11. Rob e a estrutura familiar

Seth aplica depois o mesmo método à fotografia de Rob.

fotografia de Rob → vigor → segurança → amor familiar inicial

A infância de Rob começa com forte sensação de aceitação. Contudo, por baixo da estrutura familiar convencional, existem tensões.

família convencional → expectativas → contrato tácito → fratura emocional

A mãe concentra a sua energia no casamento; o pai não cumpre, aos olhos dela, a parte social e financeira esperada. A insegurança começa a surgir.

expectativa familiar → desilusão → insegurança → relação com criatividade

12. Criatividade como risco

Tanto em Jane como em Rob, a criatividade aparece ligada a perigo.

criatividade → saída das estruturas aceites → risco social → necessidade de proteção

Rob tenta durante anos encaixar as suas capacidades no padrão comercial. Quando cresce para além dele, cria uma divisão artificial:

boa arte → não vende

arte comercial → aceitação social

A criatividade passa a precisar de um espaço protegido para se tornar real.

13. Estruturas, quadros e segurança

O capítulo inteiro é atravessado pela relação entre espontaneidade e estrutura.

espontaneidade → força viva

estrutura → segurança

estrutura rígida → prisão

estrutura adequada → crescimento

Jane/Ruburt passa da Igreja para a arte, da arte para o material de Seth, sempre procurando um quadro suficientemente amplo para conter a experiência sem a esmagar.

Rob passa da arte comercial para a pintura, também rompendo uma estrutura que já não continha a sua criatividade.

Ambos enfrentam o mesmo desafio por vias diferentes:

talento → medo → estrutura → rutura → nova expressão

14. Relação, criatividade e responsabilidade mútua

Seth mostra que a relação entre Jane e Rob não é apenas pessoal. É também criativa, psíquica e estrutural.

Jane/Ruburt → experiência mística

Rob/Joseph → questionamento e desconfiança das teorias aceites

relação conjunta → sessões de Seth

As sessões nascem da insistência conjunta em descobrir novas respostas.

questionamento partilhado → abertura psíquica → material de Seth

A relação funciona como campo de apoio, mas também como campo de medo: cada um teme que a expressão do outro desestabilize a estrutura comum.

15. Aceitação enquanto criatura

Um dos pontos mais íntimos do capítulo é a necessidade de Ruburt sentir-se aceite tal como é.

potencial elevado → medo emocional → necessidade de conforto

Seth lembra que o potencial jubiloso de Ruburt precisa de uma base humana: amor, aceitação, presença, conforto.

aceitação enquanto criatura → segurança emocional → expansão do potencial

A dimensão multidimensional não elimina a necessidade humana de ternura. Pelo contrário, torna-a mais importante como base de integração.

16. A realidade “desconhecida” começa no conhecido

O capítulo mostra que a realidade desconhecida não começa em abstrações cósmicas. Começa no conhecido:

fotografias → infância → família → escolhas → medo → arte → misticismo

A porta para a realidade multidimensional abre-se através de uma vida concreta.

vida pessoal → padrões psíquicos → probabilidades → selves prováveis

Seth não separa o cósmico do íntimo. A estrutura multidimensional da realidade aparece dentro das escolhas, relações, sintomas, medos e talentos de duas pessoas específicas.

17. A tese profunda do capítulo

A tese profunda do capítulo pode ser resumida assim:

identidade → não linha única

vida física → escolha atualizada

selves prováveis → outras escolhas atualizadas

estruturas psicológicas → moldam o caminho

criatividade → força de rutura e expansão

realidade desconhecida → começa dentro da realidade pessoal

A “realidade desconhecida” não é exterior ao self. Está presente nas alternativas não tomadas, nas tendências latentes, nas bifurcações da infância, nas estruturas que protegem e limitam, e nas porções da identidade que continuam a viver noutros enquadramentos.

18. Integração final

O primeiro capítulo funciona como portal da obra.

A partir de duas fotografias, Seth mostra que cada ser humano é maior do que a linha biográfica que reconhece.

fotografia → passado aparente

probabilidade → caminhos não tomados

self provável → identidade em expansão

realidade desconhecida → dimensão viva do próprio ser

O leitor é assim preparado para uma mudança de perspectiva: não olhar para si como uma personalidade fechada dentro de uma história única, mas como uma expressão focalizada de uma identidade mais ampla, criativa e multidimensional.

CAPÍTULO 2

Selves Prováveis e Interseções entre Realidades

Na última sessão, Seth começou a discutir fotografias separadas de Jane e de mim, tiradas, respetivamente, aos 12 e aos 2 anos, em ligação com as suas ideias sobre selves prováveis. Uma vez que queríamos que Seth continuasse hoje à noite com o mesmo material, voltámos a olhar para as fotografias enquanto esperávamos que ele se manifestasse.

— *Quando falo de selves prováveis, evidentemente, não estou a falar de alguma porção simbólica da estrutura da personalidade, nem estou a usar a ideia de probabilidades como analogia.*

— *A consciência é composta de energia, com tudo o que isso implica. A psique, portanto, pode ser pensada como uma aglomeração de "partículas" de energia altamente carregadas, seguindo regras e propriedades, muitas delas simplesmente desconhecidas para vós. Noutros níveis, as leis da dinâmica aplicam-se às fontes energéticas do self. Pensa num determinado "self" como o núcleo de uma gestalt energética de consciência. Esse núcleo, de acordo com a sua intensidade, atrairá para si certas massas dos padrões energéticos totais disponíveis a uma determinada identidade.*

— *Nesses termos, a identidade, ao nascer, é composta por uma variedade desses "selves", com os seus núcleos, e a personalidade física tem plena liberdade para retirar elementos desse banco (totalidade?). A natureza mística de Ruburt era uma porção tão forte da identidade inteira que, na sua realidade presente, e na realidade provável escolhida — como mencionei quando discuti esta fotografia (de Jane) —, os impulsos e expressões místicos tiveram espaço para se manifestar. As interseções com realidades prováveis ocorrem quando determinado agrupamento psíquico se intensifica até certo ponto, de modo que daí resulta a realização como self.*

— *Dentro da identidade inteira (total?) pode haver, por exemplo, vários selves incipientes, em torno de cujos núcleos a personalidade física pode formar-se. Em muitos casos, forma-se uma personalidade principal, e os selves incipientes são atraídos para ela, de modo que as suas capacidades e interesses se tornam subsidiários, ou permanecem em grande parte latentes. São selves-traço.*

— *Em muitas ocasiões, contudo, esses selves latentes estarão tão energizados como a personalidade "principal". Como, fisicamente, determinada estrutura de personalidade tem de ser mantida, ficam traços. Portanto, quando tais situações surgem, um ou dois dos outros selves energizados literalmente desprendem-se da estrutura de tempo-espço que conheceis.*

— *Do vosso ponto de vista, estas ramificações de energia tornam-se irreais. Contudo, existem tão seguramente como vós.*

Em termos de energia, esta multiplicação de selves é um princípio natural. (Dirigindo-se a Rob) O teu "self desportista" nunca foi dotado da mesma espécie de força que o teu self artístico ou escritor. Tornou-se subsidiário, mas permaneceu presente para poderes recorrer a ele, obtendo alegria através do teu movimento e acrescentando a sua vitalidade à tua personalidade "principal".

— *Se tivesse recebido força adicional através do teu ambiente, das circunstâncias ou da tua própria intenção, então ou o teu self artístico se teria tornado subserviente ou complementar; ou, se os selves energéticos fossem de intensidade quase igual, então um deles se teria tornado uma ramificação, impelido pela sua própria necessidade de realização para dentro de uma realidade provável.*

— *Os teus pais literalmente não partilhavam de todo a mesma realidade. Isto não é tão invulgar como podes pensar. Encontraram-se e relacionaram-se numa zona intermédia entre as realidades de cada um. Não era que discordassem da interpretação que cada um fazia dos acontecimentos. Os acontecimentos eram diferentes.*

— *Em termos de energia, a intenção é estabilizadora. Há, mais uma vez, um centro no self que atua como núcleo. O núcleo pode mudar, mas será sempre o centro a partir do qual a existência física irradiará. Fisicamente, a intenção ou propósito forma esse centro, independentemente da sua realidade em termos energéticos.*

— *Na tua vida familiar, nesta realidade, os teus pais agiam de forma opaca um para o outro. Havia fortes deslocções energéticas,*

de modo que as personalidades não se encontravam diretamente. Parte disto é difícil de explicar. De certa maneira, estavam desfocados, embora cada um possuísse fortes capacidades, mas dispersas. Havia uma razão para isto.

— Continham dentro de si talentos intensos e, contudo, difusos, que foram usados como fontes de energia pelos filhos. Juntaram-se precisamente para dar origem à família, e por nenhuma outra razão principal, no que dizia respeito à sua realidade conjunta. Semeavam, então, uma geração.

— A tua mãe amava a realidade física e tirava o maior prazer dos seus aspetos mais minuciosos, apesar de todas as suas queixas. O teu pai amava-a, mas nunca confiou nela. Cada um dos teus pais tinha a sua realidade mais forte, desta vez, e nos teus termos, num sistema provável de realidade — e aqui, nesta realidade, eram ramificações. Para eles, este sistema pareceu sempre estranho.¹

¹ Penso que, em criança, senti muitas vezes a estranheza dos meus pais em relação a esta realidade, embora fosse completamente incapaz de me expressar nesses termos. Talvez eu esteja a reinterpretar antigas memórias à luz do material que Seth dá aqui. Conscientemente, contudo, nada sabia então sobre realidades prováveis ou sobre o poder da crença; apenas tinha uma consciência aguda das intermináveis diferenças de opinião entre a minha mãe e o meu pai, e das minhas perguntas ainda informes sobre as razões do seu comportamento; ao mesmo tempo, via-os a esforçarem-se por viver como as outras pessoas que eu conhecia. Não penso que tenha sequer discutido os meus sentimentos confusos com os meus irmãos à medida que crescíamos. Em várias ocasiões, Seth deu interpretações muito diretas e muito percetivas da relação turbulenta que envolvia os meus pais. Esse material é demasiado longo e complexo para ser aqui excertado, mas gostaria de o tratar separadamente um dia.

Sei agora que sinto uma compaixão mais profunda pelos meus pais do que sentia quando eles estavam vivos. Parafraseando uma observação que um dos meus irmãos fez recentemente, sinto a falta deles de maneiras que não poderia ter antecipado antes das suas mortes. Cada um deles morreu aos 81 anos — o meu pai em 1971, a minha mãe em 1973. Para os que estiverem interessados, desenhei uma imagem do meu pai para uma das minhas ilustrações a tinta-da-china em Diálogos, e incorporei uma imagem da minha mãe noutra.

— *Noutro sistema de realidade, o teu pai era — na verdade, ainda é — um inventor bem conhecido, que nunca casou, mas usou plenamente as suas capacidades mecânicas e criativas, evitando ao mesmo tempo o compromisso emocional. Conheceu Stella, a minha mãe. Iam casar-se — e, em termos de anos, os mesmos anos estão envolvidos, historicamente. Em determinada altura, então, no passado do teu pai tal como o concebes, tendo conhecido Stella, acabou por não casar com ela. O seu amor era pelas máquinas, pela velocidade das motas, misturando criatividade com metal.*

— *Nesse ponto de interseção, desejos e intenções de igual força dentro dele tornaram-se como núcleos gémeos. Ocorreram reorganizações completas de energia, com implosões tanto psicológicas como psíquicas, de modo que duas personalidades igualmente válidas estavam conscientes num mundo em que apenas uma podia viver de cada vez.*

— *Claramente, a personalidade criativa, mecanicamente inventiva, começou a ultrapassar a outra. O pai que conheceste era, portanto, o self provável. Esse self provável, contudo, lidava com realidades emocionais que o outro evitava, e essa era, de facto, a sua única intenção.*

— *Isto não significa que tal personalidade seja, basicamente, limitada, ou que não reúna à sua volta novos interesses e desafios, pois ela própria é móvel. Possui até muitas das características do outro self, embora estas, evidentemente, sejam latentes. Mas, ao*

ter filhos, o teu pai provocou o nascimento de uma existência emocional, plena e viva, nos filhos.²

— Isto foi uma grande realização da parte dele, pois o inventor não confiava em si próprio o suficiente para sentir muita emoção, muito menos para dar origem a seres emocionais. Naquela outra probabilidade em que os teus pais originalmente se conheceram, a tua mãe casou com um médico, tornou-se enfermeira e ajudou o marido na sua clínica. Tornou-se uma mulher independente e — mais uma vez, no vosso contexto histórico — numa época em que era preciso algum esforço para uma mulher se distinguir.

— Teve então um filho e depois, de propósito, fez uma histerectomia. Educou-se a si mesma rigorosamente, moveu-se em círculos sociais e escondeu os aspetos não escolarizados e ingênuos de si própria. Nessa vida, por exemplo, certamente não usaria laços vermelhos no cabelo. Toda a energia controlada tornou-a um tanto amarga, embora fosse bem-sucedida. Morreu na casa dos 50 anos.

² Enquanto lidava com realidades emocionais nesta vida, o meu pai também exercia capacidades mecânicas muito consideráveis. Segundo as ideias de Seth, estas teriam representado transbordamentos da sua realidade provável de “inventor”.

Os álbuns da família Butts contêm numerosas fotografias do meu pai quando jovem, muitas delas tiradas por ele próprio com a ajuda de um temporizador; posa com uma variedade de automóveis e motos ao longo dos anos anteriores ao seu casamento com a minha mãe, em 1917, e também depois. Por vezes, montava ele próprio os veículos, ou modificava-os à sua maneira. Em 1922, levou a mulher e os filhos (eu tinha 3 anos, Linden ainda não tinha 2) numa viagem de automóvel de seis meses, da Costa Leste até à Califórnia. Quando o nosso automóvel de turismo partiu um eixo traseiro numa estrada remota de terra batida no Montana, fabricou uma peça de substituição numa oficina de ferreiro.

Ao regressar para leste, a Sayre, Pensilvânia, abriu a sua oficina de reparação automóvel e baterias. Durante os nossos primeiros anos de escola, Linden e eu tivemos “trabalhos” em part-time na oficina do nosso pai, e muitas oportunidades para o observar a trabalhar. Penso que as suas capacidades mecânicas rigorosas se refletem nos modelos muito realistas de Linden, e são transmutadas nos métodos que uso para “construir” solidamente as minhas pinturas e para manter os registos do material de Seth.

— A energia dela era tal que, contudo, transbordou para este sistema com o teu pai. Um dia tentarei explicar isto mais claramente, em termos de padrões energéticos. Historicamente, porém, muitas probabilidades existem ao mesmo tempo. Quando a tua mãe morreu na casa dos 50 anos num sistema provável, a tua mãe neste sistema recebeu a energia que então regressou.

— A maior vitalidade do teu pai estava na realidade do inventor, e por isso, nos teus termos, este pai sofreu. Isto não significa que cada personalidade, independentemente das probabilidades, não seja dotada de livre-arbítrio, e assim por diante. Cada uma nasce, seja em que sistema for, a partir de uma gestalt energética de origem, e desenvolve-se.

— Quando a tua fotografia foi tirada, portanto, os teus pais já viviam numa realidade provável, mas tu e o teu irmão Linden não.

— Basicamente, não há limitações para o Self, e todas as porções do Self estão ligadas — por isso, os selves prováveis têm consciência, inconscientemente, das suas relações.

— Uma vez que nenhum sistema é fechado³, há fluxos de energia entre eles, e há interação. Parte disto é extremamente difícil de

³ Seth insiste, desde o início destas sessões (no fim de 1963), que não há sistemas fechados — e, ao fazê-lo, deu-nos pistas acerca da sua própria capacidade de viajar através de pelo menos alguns deles.

Da sessão 12, de 2 de janeiro de 1964:

“Tenho mais sentidos, por assim dizer, em uso operativo... do que vós tendes, porque não só estou consciente do meu próprio plano [ou realidade], como também do vosso e de outros planos paralelos, embora eu próprio não tenha existido em alguns desses outros...”

verbalizar, pois a própria palavra “estrutura” não é apenas serializada, mas também particularizada.

— Pensais nas entidades como partículas, por exemplo, e não como ondas de energia, conscientes e alertas, ou como padrões. Pensa, por exemplo, na área de vida de Ruburt em “Aventuras na Consciência”⁴. Imagina que, aos 13 anos, três fortes centros de

E também:

“Há certos ambientes que não consigo vislumbrar a partir do meu ponto de vista, embora tenha maior compreensão destas coisas do que vós. Compreendo que as mudanças que têm de ocorrer antes de eu poder ver esses outros planos ocorrerão em mim, e não nos planos.”

Da sessão 13, de 6 de janeiro do mesmo ano:

“Se falo por analogias e imagens, é porque tenho de me relacionar com o mundo que vos é familiar.”

Da sessão 14, de 8 de janeiro:

“Tudo no vosso plano é uma materialização de algo que existe independentemente do vosso plano.”

Da sessão 15, de 13 de janeiro:

“A imaginação permite-vos entrar nesses planos... Finge que não só compreendes até certo ponto o conceito de tempo do teu gato, como também consegues experienciar o seu sentido de tempo através do próprio gato [Willy]. Ao fazeres isto, de modo algum incomodarias, inibirias ou perturbarias o gato. Ele não teria consciência da tua presença. Nem isto poderia ser representado como qualquer espécie de invasão.

“Imagina ainda que experienciavas realmente a sensação de tal pelagem, e todo o restante equipamento felino a partir do interior, puramente como espetador. Isto representaria, de forma vaga, uma analogia com as minhas viagens para outros planos. Segue-se que eu não poderia viajar para ambientes ‘mais elevados’ do que o meu, onde sentidos mais agudos me perccionariam instantaneamente... Em muitos planos, somos plenamente visíveis para outros nesse plano. Para alguns somos invisíveis; e, para nós, alguns são invisíveis.

“Como mencionei anteriormente, os sentidos mudam de acordo com o plano de materialização. Se falais da minha forma presente, posso ser muitas formas. Isto é, dentro de limites, posso mudar a minha forma, mas, ao fazê-lo, não mudo realmente a minha forma tanto quanto escolho tornar-me parte de outra coisa.

“A minha forma incipiente é uma forma masculina, se é isso que quereis saber, mas não está materializada da mesma maneira que a vossa — isto é, como a vossa forma [está] — e posso desmaterializá-la sempre que escolho. Contudo, ela não é de todo física nos vossos termos, e por isso suponho que aqui encontraremos um bloqueio [na vossa compreensão]...”

Jane cita o material de Seth da sessão 12 de forma muito mais extensa no Capítulo 3 de O Material de Seth; ver a analogia de Seth envolvendo cubos (realidades) dentro de cubos.

⁴ Jane está agora a trabalhar na versão final da sua própria obra teórica sobre assuntos psíquicos, “Aventuras na Consciência: Uma Introdução à Psicologia dos Aspetos”. Começou Aventuras em julho de 1971, e continuou com esse projeto através de todos os seus outros trabalhos de escrita. É mencionado pela primeira vez (como Aventuras na Consciência) no Capítulo 21 de Seth Fala. No glossário de Aventuras, Jane define a área de vida como “os ‘caminhos’ que as nossas vidas seguem desde o nascimento até à morte”.

energia vêm à superfície da personalidade — altamente carregados, de tal modo que uma só pessoa não consegue realizar adequadamente os desejos ou capacidades apresentados. Pode ocorrer uma divisão em três vias aos 13 anos. Aos 40, cada um dos três selves pode reconhecer os 13 anos como ponto de viragem e perguntar-se o que teria acontecido se tivesse escolhido outros cursos.

— Nada disto está predeterminado. Um self provável ramificado pode deixar a tua realidade, digamos, aos 13 anos, mas pode voltar a intersectar-se contigo aos 30, por uma variedade de razões — quando, para ti, mudas subitamente de profissão, ou te tornas consciente de um talento que julgavas ter esquecido, e dás por ti a desenvolvê-lo com uma facilidade espantosa.

(Dirigindo-se a Rob:) O teu nascimento (em 1919) coincidiu com o nascimento do filho da tua mãe naquela outra realidade, daí os seus sentimentos mais fortes em relação a ti. O teu nascimento, e o do teu irmão mais novo (Richard), foram altamente carregados para ela — o teu pelas razões que acabei de dar, e o do teu irmão porque representou a altura da histerectomia da tua mãe naquela outra realidade. Nesta realidade, o nascimento de Richard representou a tentativa final do teu pai de lidar com a realidade emocional. Ambos os teus pais imbuíram o terceiro filho com as qualidades emocionais mais fortes das suas naturezas. A tua mãe teve-o de forma desafiante, depois da idade habitual para ter filhos

(tinha 36 anos), quase reagindo contra aquela histerectomia [provável]. Neste mundo, ela podia e haveria de ter outro filho.

— *Linden foi o único filho “natural” deste casamento. Tem cuidado com a forma como interpretas isto, mas ele foi o filho menos afetado por outras realidades. Por essa razão, contudo, e devido às personalidades dos teus pais aqui, não lhe foi dada a mesma quantidade de atenção psíquica, e ele sentiu essa falta.*

— *Eu disse-te, na última sessão, que, numa probabilidade, Ruburt foi freira, expressando o misticismo num contexto altamente disciplinado, onde tinha de ser vigiado para que não saísse do controlo. Como aqui há um fluxo inconsciente de informação e experiência, tens uma das razões para a cautela de Ruburt em certos assuntos psíquicos, e para o seu medo de desviar as pessoas. Houve três ramificações: uma, a freira, com o misticismo expresso convencionalmente, mas sob circunstâncias vigiadas; outra, a escritora que velava a experiência mística através da arte; e outra, o Ruburt que conheces, que experienciou diretamente a experiência mística, ensina outros a fazer o mesmo, e forma, através da escrita, um casamento entre os dois aspetos. Conheceste, então, dois desses selves, e estiveste presente no nascimento de Ruburt com “Construção de Ideias”.*

— *O nascimento de Joseph ocorreu em York Beach, com o episódio da dança⁵, de modo que tens, na tua própria experiência,*

⁵ Jane aborda o nosso “episódio da dança” em York Beach no Capítulo 2 de *O Material de Seth*, e cita também informação que Seth nos deu sobre ele em sessões posteriores. O acontecimento enigmático teve lugar durante as nossas férias em York

exemplos na vida adulta. Claro que não posso dar-te tudo numa só noite. Alguns vislumbres antes de uma palavra para Ruburt. Os desportistas ganham bom dinheiro; por isso, por esta e por outras razões, voltaste-te cedo para a arte comercial — um campo em que a capacidade artística seria bem paga.

— Havia outras ligações, aparentemente triviais, mas pertinentes. Gostavas de fazer bandas desenhadas com cenas ao ar livre: animais em movimento, o corpo em desempenho. Tal como um público observa um desportista atuar, também aqueles que liam as bandas desenhadas observavam as tuas personagens atuar em ação através da página. Todos padrões ocultos, mas cada um deles fazendo sentido.

Beach, Maine, em agosto de 1963, alguns meses antes de Jane começar a falar por Seth. Na altura, compreendíamos pouco do que acontecera; contudo, o acontecimento representou um episódio-chave logo no início da nossa educação psíquica, pois, numa sala de bar de hotel cheia de gente e de fumo, Jane e eu criámos sem saber “fragmentos de personalidade” físicos de nós próprios — e depois ficámos frente a frente com eles. Na sessão 9, de 18 de dezembro de 1963, Seth explicou o que havíamos feito e chamou às nossas criações “fragmentos de nós próprios, materializações projetadas dos vossos próprios sentimentos negativos e agressivos”. (Naturalmente, quanto mais Seth nos falava da capacidade humana de gerar tais formas, mais perguntas tínhamos!) Nessa sessão 9, Seth também usou pela primeira vez o termo “self provável”.

Posso acrescentar que, se a aventura de York Beach foi para nós um sinal forte do desenvolvimento psíquico que viria a seguir (mesmo que, de início, não fôssemos capazes de interpretar grande parte dela), então a receção, por Jane, um mês depois, do seu manuscrito “Construção de Ideias”, foi outro; e essa experiência continha elementos psíquicos evidentes.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a noção de selves prováveis, deixando claro que eles não são símbolos, hipóteses abstratas ou metáforas psicológicas. São expressões reais da identidade, formadas a partir de núcleos energéticos, intensidades psíquicas, intenções e possibilidades que, quando se tornam suficientemente fortes, podem ramificar-se para realidades prováveis próprias.

A função central do capítulo é esta:

os selves prováveis são realizações energéticas da identidade; quando determinados impulsos, talentos ou intenções atingem intensidade suficiente, podem formar linhas reais de experiência, mantendo ligação inconsciente com o Self total.

1. Selves prováveis não são analogias

Seth começa por afastar uma leitura simbólica.

selves prováveis → não metáfora → não símbolo → não hipótese psicológica

Quando fala de selves prováveis, Seth está a falar de realidades efetivas da identidade.

A personalidade física não é uma unidade isolada. Ela emerge de uma estrutura energética mais vasta, composta por vários núcleos potenciais de self.

identidade total → núcleos de energia → selves possíveis → personalidade física

2. A psique como aglomeração energética

A psique é apresentada como uma aglomeração de partículas de energia altamente carregadas.

psique → partículas de energia → regras próprias → padrões desconhecidos

Essas “partículas” não são partículas físicas comuns. São unidades energéticas da consciência, organizadas segundo dinâmicas que a mente física ainda não compreende plenamente.

A psique não é apenas interioridade psicológica. É campo energético organizado.

psique → campo energético → organização da identidade → formação de selves

3. O self como núcleo de uma gestalt de consciência

Seth propõe que se pense num self como núcleo de uma gestalt energética de consciência.

self → núcleo → gestalt energética → consciência organizada

Esse núcleo atrai para si porções dos padrões energéticos disponíveis à identidade.

núcleo → intensidade → atração de energia → formação de self

Quanto mais intenso o núcleo, maior a sua capacidade de organizar experiência, atrair energia e formar uma linha própria de realização.

4. A personalidade física retira elementos de uma reserva maior

Ao nascer, a identidade física não surge do nada.

identidade ao nascer → variedade de selves → núcleos disponíveis → reserva energética

A personalidade física retira elementos dessa reserva. Alguns núcleos tornam-se centrais; outros permanecem latentes ou subsidiários.

reserva de selves → personalidade principal → capacidades dominantes → capacidades latentes

Assim, uma vida física é uma configuração específica de muitos potenciais identitários.

5. Selves-traço

Nem todos os selves incipientes se tornam linhas prováveis autônomas.

Alguns são atraídos para a personalidade principal e permanecem como capacidades secundárias.

selves incipientes → atraídos pela personalidade principal → capacidades subsidiárias → selves-traço

Os selves-traço não desaparecem. Continuam presentes como tendências, talentos, interesses ou impulsos que podem ser usados pela personalidade dominante.

self-traço → talento disponível → energia auxiliar → vitalidade acrescida

6. Quando um self se ramifica

Quando um self latente possui energia tão forte como a personalidade principal, a estrutura física da personalidade pode não conseguir conter ambas as linhas.

self latente altamente energizado → intensidade semelhante à personalidade principal → tensão estrutural → ramificação

Nesses casos, uma porção energizada pode separar-se da estrutura espaço-temporal conhecida e atualizar-se numa realidade provável.

energia suficiente → necessidade de realização → desprendimento → realidade provável

Do ponto de vista físico, essa ramificação parece irreal. Mas, nos seus próprios termos, existe tão seguramente como a personalidade física.

7. Multiplicação dos selves como princípio natural

Seth apresenta a multiplicação dos selves como princípio natural da energia.

energia → multiplicação → ramificação → realização

A identidade não é limitada a uma única linha de experiência. Ela distribui-se por várias realizações, de acordo com a intensidade das suas possibilidades internas.

Self total → múltiplos selves → múltiplas linhas → continuidade inconsciente

A unidade da identidade não depende da exclusividade. Depende da ligação profunda entre as suas porções.

8. O self desportista de Rob

Seth usa Rob como exemplo.

self desportista → energia menor → torna-se subsidiário

O self desportista de Rob não recebeu a mesma intensidade que o self artístico ou escritor. Por isso, permaneceu como self-traço,

disponível para acrescentar movimento, vitalidade e prazer físico à personalidade principal.

self desportista → alegria no movimento → vitalidade → apoio ao self artístico

Se esse self tivesse recebido mais força, poderia ter-se tornado dominante ou ramificar-se numa realidade provável.

9. A intenção estabiliza o self

A intenção atua como centro estabilizador.

intenção → núcleo → centro do self → irradiação da existência física

O núcleo pode mudar, mas a existência física organiza-se sempre em torno de algum centro de intenção ou propósito.

propósito → organização energética → foco físico

A personalidade não é apenas soma de traços. É uma organização orientada por intensidade, intenção e necessidade de realização.

10. Realidades que se cruzam

O capítulo mostra que os sistemas prováveis não são totalmente separados.

nenhum sistema é fechado → fluxos de energia → interações → transbordamentos

As realidades prováveis podem intersestar-se. Energia, capacidades, memórias, tendências e padrões podem fluir entre elas.

realidade provável A → transbordamento → realidade física atual

realidade física atual → influência inconsciente → realidade provável B

Esta interação ajuda a explicar mudanças súbitas, talentos despertados, impulsos inesperados e ligações emocionais aparentemente desproporcionais.

11. Os pais de Rob como ramificações prováveis

Seth apresenta os pais de Rob como personalidades que, nesta realidade, eram ramificações de selves mais fortes noutros sistemas prováveis.

país de Rob → realidade física atual → ramificações

realidades prováveis → selves mais fortes → maior vitalidade

Por isso, nesta realidade, pareciam desfocados, opacos um para o outro e estranhamente deslocados.

realidade partilhada fraca → comunicação opaca → acontecimentos diferentes

O problema não era apenas discordarem sobre os acontecimentos. Seth afirma que, para eles, os próprios acontecimentos eram diferentes.

12. Família como ponto de interseção

Os pais de Rob juntaram-se principalmente para dar origem à família.

dois selves ramificados → união nesta realidade → nascimento da família

As suas capacidades eram intensas, mas difusas. Essa energia foi usada pelos filhos como fonte.

talentos difusos dos pais → fontes de energia → filhos

A família aparece, assim, como zona de interseção entre sistemas prováveis, onde energias de diferentes realidades se reagrupam.

13. O pai de Rob e o inventor provável

Noutro sistema, o pai de Rob era um inventor bem conhecido, que não casou e que usou plenamente as suas capacidades mecânicas e criativas.

pai inventor provável → máquinas → velocidade → criatividade com metal

Nesta realidade, o pai que Rob conheceu era o self provável ligado à experiência emocional.

pai nesta realidade → self provável → aprendizagem emocional

O inventor evitava compromisso emocional. O pai desta realidade, ao ter filhos, trouxe à existência seres emocionais e enfrentou uma dimensão que o outro self evitara.

14. Núcleos gémeos e bifurcação da personalidade

No ponto em que o pai de Rob conheceu Stella, desejos e intenções de força igual tornaram-se núcleos gémeos.

desejos equivalentes → núcleos gémeos → reorganização energética → duas personalidades válidas

Duas linhas igualmente válidas procuravam expressão, mas, num único mundo físico, apenas uma podia viver de cada vez.

uma linha → inventor provável

outra linha → pai emocional nesta realidade

A bifurcação não elimina nenhuma das linhas. Apenas as distribui por sistemas diferentes.

15. A mãe de Rob e o transbordamento de energia

Seth descreve também uma realidade provável da mãe de Rob.

mãe provável → casada com médico → enfermeira → mulher independente → histerectomia → morte na casa dos 50 anos

Quando essa mãe provável morreu, a energia regressou e transbordou para esta realidade.

morte numa probabilidade → energia regressa → receção neste sistema

Isto mostra que a morte ou transformação numa linha provável pode libertar energia que se manifesta noutra.

fim de uma linha → reforço noutra linha

16. Nascimentos carregados

Os nascimentos dos filhos de Rob foram afetados por interseções prováveis.

nascimento de Rob → coincide com filho da mãe provável → carga emocional acrescida

nascimento de Richard → corresponde à histerectomia provável → reação e afirmação física

Richard representou, nesta realidade, a tentativa final do pai de Rob de lidar com a realidade emocional.

Richard → terceiro filho → carga emocional forte → afirmação familiar

Linden, por sua vez, foi o filho menos afetado por outras realidades, mas por isso recebeu menos atenção psíquica.

Linden → filho mais "natural" → menor interferência provável → menor atenção psíquica

17. Ruburt e as três ramificações

Seth volta depois a Ruburt.

Ruburt → natureza mística → três ramificações

Uma ramificação foi freira, expressando o misticismo num contexto disciplinado e vigiado.

freira → misticismo convencional → disciplina religiosa

Outra foi escritora, velando a experiência mística através da arte.

escritora → misticismo velado → arte

A terceira é o Ruburt conhecido por Rob, que experiencia diretamente o misticismo, ensina outros a fazer o mesmo e une escrita e experiência psíquica.

Ruburt atual → experiência direta → ensino → escrita como casamento dos aspetos

18. Fluxo inconsciente entre selves

Há fluxo inconsciente de informação e experiência entre essas ramificações.

selves prováveis → ligação inconsciente → troca de informação → influência mútua

Isto ajuda a explicar a cautela de Ruburt em assuntos psíquicos e o medo de desviar pessoas.

freira provável → vigilância religiosa → cautela psíquica atual

escritora provável → experiência velada → tradução pela arte

Ruburt atual → exposição direta → tensão entre liberdade e responsabilidade

19. A vida adulta também contém nascimentos psíquicos

Seth refere o nascimento de Joseph em York Beach, associado ao episódio da dança.

York Beach → episódio da dança → nascimento de Joseph

Assim como há nascimentos físicos, há também nascimentos psíquicos, nos quais aspetos da identidade se tornam ativos, visíveis ou reconhecíveis.

experiência intensa → fragmentos / aspetos → nova expressão da identidade

A vida adulta não é apenas desenvolvimento linear. Também contém emergências, ativações e ramificações.

20. Padrões ocultos na vida de Rob

Seth mostra que até escolhas aparentemente triviais de Rob continham padrões ocultos.

desporto → movimento → corpo em desempenho

bandas desenhadas → cenas ao ar livre → animais em movimento
→ personagens em ação

arte comercial → capacidade artística remunerada

Os temas repetem-se sob formas diferentes. O self desportista, mesmo subsidiário, continuava a expressar-se através da arte, do movimento e da representação de ação.

padrão oculto → reaparece em diferentes campos → coerência interna da identidade

21. Sistemas abertos e comunicação entre realidades

O capítulo insiste que nenhum sistema é fechado.

nenhum sistema fechado → energia circula → informação circula
→ selves comunicam

Isto é essencial para compreender as interseções entre realidades.

As realidades prováveis não são mundos estanques. São campos ligados, com trocas conscientes ou inconscientes.

self provável → influência no self atual

self atual → influência em selves prováveis

A identidade é uma rede viva de comunicação.

22. O ponto central do capítulo

A tese profunda do capítulo pode ser resumida assim:

Self total → múltiplos núcleos energéticos → selves possíveis → intensidades diferentes

intensidade suficiente → ramificação → realidade provável

intensidade subsidiária → self-traço → capacidade latente

realidades prováveis → sistemas abertos → interseções → transbordamentos

A personalidade física é apenas uma expressão focalizada da identidade. À sua volta existem ramificações, traços, potenciais, selves prováveis e linhas de energia que continuam vivas.

23. Integração final

O Capítulo 2 amplia a noção de identidade apresentada no Capítulo 1.

No primeiro capítulo, Seth mostrou que uma fotografia pode abrir a consciência para os caminhos não tomados.

Neste segundo capítulo, mostra que esses caminhos não são apenas possibilidades imaginadas. São estruturas reais de energia.

possibilidade → núcleo energético → self provável → realidade própria

A identidade deixa de ser uma linha biográfica isolada e passa a ser uma rede multidimensional de realizações.

tu atual → self focalizado

selves prováveis → outras realizações

Self total → campo que liga todas as porções

A realidade “desconhecida” começa, então, a revelar-se como esta rede invisível de relações entre escolhas, intensidades, nascimentos, famílias, talentos, fluxos de energia e selves que se encontram, se afastam e se influenciam através de sistemas prováveis.

CAPÍTULO 3

Probabilidades, Foco e a Ordem da Imprevisibilidade

— *Aquilo que estou prestes a explicar é difícil. Propositadamente, ainda não aparece em nenhum dos livros, simplesmente porque certas crenças têm de ser abandonadas antes de estas ideias poderem sequer ser aceites.*

— *Não se trata tanto de eu estar a reter informação; trata-se antes de, nos vossos termos, aquilo que se segue depender da compreensão de conceitos apresentados anteriormente. As pessoas que ainda se preocupam com uma só alma, com deuses e demónios, têm de ser ajudadas a relacionar-se com realidades maiores a partir do seu próprio quadro de referência e, se possível, conduzidas suavemente para fora dele. As probabilidades foram mencionadas de modo a apresentar realidades alternativas, mostrando a essas pessoas que há escolhas disponíveis.*

— *As explicações mais profundas, contudo, exigem uma expansão adicional das ideias sobre a consciência e uma certa reorientação. É extremamente importante que tenhas presente a importância do livre-arbítrio e a presença da tua própria identidade tal como a concebes. Feito este preâmbulo, deixa-me então continuar.*

— *Incidentalmente, não se trata tanto de uma questão de vocabulário de Ruburt, pois mesmo um vocabulário científico especializado apenas apresentaria estas ideias à sua própria maneira distorcida. Trata-se mais de um problema da própria linguagem básica, tal como a conheceis. Não existem palavras, por exemplo, para algumas das ideias que espero transmitir. De qualquer modo, começaremos.*

— *Todos os mundos prováveis existem agora. Todas as variações prováveis do mais ínfimo aspeto de qualquer realidade existem agora. Tu entras e saís constantemente das probabilidades, escolhendo e seleccionando à medida que avanças. As células dentro do teu corpo fazem a mesma coisa.*

— *Disse-te uma vez que havia pulsações de atividade nas quais piscavas, ligando-te e desligando-te — e isto aplica-se até às partículas atómicas e subatómicas.¹ “Tu” atribuis como real — presente, aqui e agora — apenas a atividade que corresponde ao teu sinal. “Tu” não tens consciência das outras. Quando as pessoas pensam em termos de um só self, é claro que se identificam com um só corpo. Sabes que a sua estrutura celular muda constantemente. O corpo, em qualquer momento dado, é, contudo, uma aglomeração maciça de energia formada a partir dessa rica*

¹ Em várias das sessões que transmitiu em 1970–71 para *Seth Fala*, Seth explicou de que modo os átomos e moléculas entram e saem de fase em relação ao nosso sistema físico. Ver especialmente o Capítulo 16:

“Ora, o mesmo tipo de comportamento ocorre num nível psicológico profundo, básico, secreto e inexplorado.” Alguns dos sistemas prováveis que surgem dessa atividade seriam bastante estranhos para nós: “Uma dessas flutuações poderia levar vários milhares dos vossos anos... [que] seriam experienciados, digamos, como um segundo do vosso tempo...” Jane desenvolve ideias relacionadas, a partir do seu próprio ponto de vista, no Capítulo 10, entre outros, de *Aventuras na Consciência*.

reserva de atividade provável. O corpo não é estável nos termos em que normalmente se pensa. Em níveis biológicos mais profundos, as células atravessam probabilidades e desencadeiam respostas. A consciência cavalga sobre e dentro das pulsações mencionadas antes, formando as suas próprias organizações de identidade. Cada probabilidade — provável apenas em relação a outra probabilidade, e do ponto de vista dessa outra probabilidade — permanece, contudo, inviolável, no sentido em que não é destruída. Uma vez formado, o padrão seguirá a sua própria natureza.

— As organizações da consciência “crescem” tal como as células crescem e formam órgãos. Grupos de selves prováveis, portanto, podem formar, e formam, a sua própria estrutura de identidade, plenamente consciente dos selves prováveis envolvidos. Na vossa realidade, a experiência depende do tempo, mas nem toda a experiência está estruturada dessa forma. Existem, por exemplo, acontecimentos paralelos que são seguidos com tanta facilidade como segues acontecimentos consecutivos.

— A estrutura das probabilidades lida com a experiência paralela em todos os níveis. A tua consciência escolhe e seleciona aceitar como reais os resultados e ramificações de apenas certos propósitos, desejos ou intenções gerais. Segues esses propósitos através de uma estrutura temporal. O teu foco permite que outras experiências igualmente legítimas se tornem invisíveis ou não sentidas.

— *Da mesma forma que te fixas numa só história biológica pessoal, fixas-te também numa só história terrestre coletiva. Outras decorrem continuamente à tua volta, e outros selves prováveis teus experienciam as suas "histórias" paralelamente à tua. Em termos práticos, ao nível dos dados sensoriais, esses mundos não se encontram. Em termos mais profundos, coincidem. Qualquer um do número infinito de acontecimentos que poderia ter ocorrido contigo e com Ruburt ocorre efetivamente. O teu campo de atenção simplesmente não inclui essa atividade.*

— *Uma criatividade tão interminável pode parecer tão deslumbrante que o indivíduo poderia parecer perdido dentro dela;² contudo, a consciência forma as suas próprias organizações e interações psíquicas em todos os níveis. Qualquer consciência tenta*

² Muito antes disto, Seth preocupava-se com o facto de Jane dizer que eu poderia sentir-me insignificante quando tentássemos apreender as infinitas ramificações da consciência tal como ele no-las explicava. Como disse na 29.ª sessão, de 26 de fevereiro de 1964:

“Mais tarde, tentarei mostrar-vos onde estão as fronteiras — embora (com uma gargalhada) não haja, na verdade, fronteiras — que formam uma variedade desses planos [realidades] numa esfera de relação na qual, até certo ponto, a causa e o efeito operam tal como os compreendeis. Para além disso, durante muito tempo não haverá necessidade de eu aprofundar mais. Falarei da entidade, das personalidades, das reencarnações, dos diversos agrupamentos de fragmentos de personalidade, dos planos com os quais sois semelhantes ou que podeis compreender, e tentarei, por fim, lidar com as vossas perguntas, implícitas se não expressas, sobre a origem inicial das entidades.

“... Escusado será dizer que eu queria que soubésseis que há muito mais do que isto, complexidades verdadeiramente espantosas, inteligências que operam naquilo a que suponho que chamaríeis uma forma gestalt, blocos construtores de vitalidades de maturidade, consciência e compreensão verdadeiramente inacreditáveis. Estes são os quase últimos [tal como compreendo estas coisas].

“Este material não deve fazer-vos sentir sem importância ou insignificantes. A estrutura está tecida de tal modo que cada partícula [de consciência] depende de todas as outras. A força de uma acrescenta-se à força de todas. A fraqueza de uma enfraquece o todo. A energia de uma recria o todo. O esforço de uma aumenta a potencialidade de tudo o que existe, e isto coloca uma grande responsabilidade sobre cada consciência.

“Aconselharia mesmo uma dupla leitura da frase anterior, pois ela é uma pedra angular, e uma pedra vital. Estar à altura dos desafios é uma base da existência em todos os seus aspetos. É o fator de desenvolvimento de todas as capacidades e, correndo o risco de ser banal, é responsabilidade até da mais diminuta partícula de consciência usar as suas próprias capacidades, e todas as suas capacidades, ao máximo. Do grau em que isto é feito depende o poder e a coerência de tudo o que existe.”

Ver também a 453.ª sessão, de 4 de dezembro de 1968, no Apêndice de *O Material de Seth*.

automaticamente expressar-se em todas as direções prováveis, e fá-lo. Ao fazê-lo, experienciará Tudo O Que É através do seu próprio ser, embora interpretado, naturalmente, através da sua própria realidade familiar. Tu geras selves prováveis como uma flor gera pétalas. Cada self provável, contudo, seguirá o seu curso na sua própria realidade — isto é, experienciará até ao limite máximo as dimensões que lhe são inerentes. Nos vossos termos, escolhes um nascimento e uma morte.

— *(Dirigindo-se a Rob) Contudo, morreste enquanto rapaz novo, numa operação, nesta vida tal como a concebes. Morreste novamente na guerra, onde foste piloto — mas essas não são as tuas mortes oficiais, por isso não as reconheces.*³

— *A ciência gosta de pensar que lida com ação previsível. Percebe, contudo, uma quantidade tão pequena de dados, e numa área tão limitada, que a grande imprevisibilidade interior de qualquer molécula, átomo ou onda não chega a tornar-se aparente. Os cientistas percebem apenas aquilo que aparece dentro do vosso sistema, e isso muitas vezes parece previsível.*

— *A verdadeira ordem e organização, mesmo da estrutura biológica, só podem ser alcançadas quando se concede uma imprevisibilidade básica. Sei que isto soa surpreendente.*

³ Segundo Seth, então, numa probabilidade não sobrevivi à operação de apendicite a que fui submetido nesta realidade, quando tinha 11 anos. A minha segunda morte provável ocorreu algures durante os anos do meu serviço militar (1943–46), na Segunda Guerra Mundial. É interessante notar que Seth diz que eu era piloto e, portanto, oficial, nessa probabilidade. Na realidade que conheço, servi no ATC — o Comando de Transporte Aéreo — como especialista e mecânico de instrumentos de aeronaves, com o posto de sargento-chefe. Enquanto estive de serviço em algumas das ilhas remotas do Pacífico, contudo, consegui fazer algumas horas de voo, embora não como piloto.

Basicamente, contudo, o movimento de qualquer onda, partícula ou entidade é imprevisível — livre, móvel e indeterminado. A estrutura da tua vida é resultado dessa imprevisibilidade. A tua estrutura psicológica também. Contudo, porque te é apresentada uma imagem relativamente coesa, na qual certas leis parecem aplicar-se, pensas que as leis vêm primeiro e que a realidade física vem depois. Em vez disso, a imagem coesa é resultado da natureza imprevisível que é, e tem de ser, a base de toda a energia.

— *A estatística fornece um quadro artificial e predeterminado dentro do qual a vossa realidade é então examinada. A matemática é uma estrutura teórica organizada que, por si mesma, impõe as vossas ideias de ordem e previsibilidade. Estatisticamente, a posição de um átomo pode ser teorizada, mas ninguém sabe onde qualquer átomo específico está em qualquer momento dado.*⁴

— *Estais a examinar átomos prováveis. Sois compostos por átomos prováveis. A consciência, para ser plenamente livre, teve de ser dotada de imprevisibilidade. Tudo O Que É teve de surpreender-se a si próprio, a si mesma, constantemente, concedendo livremente a si mesmo a sua própria liberdade, ou repetir-se-ia para sempre. Esta imprevisibilidade básica prolonga-se então em todos os níveis da consciência e do ser. Uma determinada estrutura celular pode parecer inevitável dentro do seu*

⁴ Pareceu-me que, especialmente na sua última frase, Seth estava a aproximar-se do princípio da incerteza, ou indeterminação, tal como foi postulado em 1927 pelo físico alemão Werner Heisenberg. Na mecânica quântica, este axioma sustenta que não é possível determinar simultaneamente o momento e a posição de uma onda-partícula subatômica como, por exemplo, um elétron — sendo os elétrons uma das qualidades que compõem os átomos. No dia seguinte a esta sessão, perguntei a Jane se já ouvira falar de Heisenberg. Não ouvira; nem compreendia o seu trabalho, da melhor forma que consegui explicá-lo.

Pouco antes da pausa das 23h10, Seth oferece mais uma observação provocadora sobre os átomos.

próprio quadro de referência apenas porque as probabilidades opostas ou contraditórias não aparecem nele.

— Nos vossos termos, a consciência consegue manter o seu próprio sentido de identidade aceitando uma probabilidade — uma vida física, por exemplo — e mantendo a sua identidade ao longo dessa vida. Mesmo então, certos acontecimentos serão recordados e outros esquecidos. A consciência aprende também a lidar com momentos alternativos à medida que “amadurece”. Ao amadurecer desse modo, forma um novo quadro de identidade, mais amplo, tal como a célula se transforma num órgão noutro nível.

— Nos vossos termos — a expressão é necessária — o ponto-momento,⁵ o presente, é o ponto de interação entre todas as existências e a realidade. Todas as probabilidades fluem através dele, embora um dos vossos pontos-momento possa ser experienciado como séculos, ou como uma respiração, noutras realidades prováveis das quais fazes parte.

— Neste momento, Ruburt está a sentir-se imenso. Está a experienciar várias coisas. A consciência interior do corpo celular*

⁵ O conceito de Seth acerca do ponto-momento está implícito no seu material tal como o cito na Nota 1 desta sessão. Ver também o Capítulo 2 de *Seth Fala*, e o Capítulo 19 de *A Natureza da Realidade Pessoal*.

Aos 25 anos, contudo, (nove anos antes do início das sessões), Jane expressou uma compreensão intuitiva do ponto-momento nestes versos do seu poema *Mais do Que Homens*:

Entre cada tique-taque do relógio

Longos séculos passam

Em universos ocultos do nosso.

* Apêndice 3.

sente-se imensa, enquanto, para ti, as células são minúsculas. Os sons da embalagem, por exemplo (enquanto Seth, Jane amarrotou um maço de cigarros vazio), ou das unhas a passar sobre a mesa (demonstrado), são ampliados, pois, no mundo celular, são um acontecimento cósmico exterior-ao-self de grande importância — mensagens de enorme relevância. A consciência celular experiencia-se como eterna, embora, para ti, as células tenham uma vida breve. Mas essas células têm consciência da história do corpo, nos vossos termos, e de uma forma muito mais familiar do que aquela em que tens consciência da história da Terra.

— As células também têm consciência das probabilidades de uma forma mais familiar do que tu, ao manipularem a história passada e futura do corpo. Ruburt está agora, novamente, a experienciar imensidão, pois, na vossa ideia de probabilidades, a estrutura celular sente a sua vasta duração. Trabalhando com eventos que nem sequer são reais para ti, ela produz uma estrutura física que mantém identidade e previsibilidade a partir de uma rede vastamente criativa. Essa rede é imprevisível e, contudo, a partir dela, Ruburt pode, de forma previsível, colocar cinzas naquela concha.⁶ A previsibilidade desse gesto assenta na base de uma imprevisibilidade, na qual inúmeras outras ações poderiam ter ocorrido e, noutras realidades, ocorrem.

— As tuas crenças e intenções levam-te a escolher, a partir de um grupo imprevisível de ações, aquelas que queres que ocorram.

⁶ Jane ergueu o seu cinzeiro favorito, a concha de abalone que encontráramos na Baixa Califórnia em 1958, e sacudiu para dentro dela algumas cinzas do cigarro.

Experiencias esses acontecimentos. (Dirigindo-se a Rob) O “teu” desejo de viver atravessou a morte da criança numa operação. O desejo da criança de morrer escolheu esse acontecimento. As pessoas são tão livres como os átomos. De modo algum poderias prever o que aconteceria à criança naquela fotografia de ti mesmo.⁷ De modo algum podes agora “prever” o que te acontecerá. Podes escolher aceitar como tua realidade qualquer número de determinados eventos imprevisíveis. Nesse sentido, a escolha é tua, mas todos os eventos que não aceitas ocorrem, apesar disso.

— Numa medida muito pequena, podes ver como isto funciona quando pensas na tua mãe, digamos, nos seus últimos anos, e comparas a tua ideia dela com as de teus irmãos, Linden e Richard. Ela era uma pessoa diferente para cada um de vós. Era ela mesma; mas, nos entrelaçamentos das probabilidades, embora certos acontecimentos históricos consensuais fossem aceites, ela admitia

⁷ Seth referia-se à fotografia que o meu pai me tirara quando eu tinha cerca de 2 anos;

Uma vez que Seth mencionou previsões em ligação com a fotografia, esta é uma boa altura para apresentar algumas das coisas que ele disse, numa sessão anterior, sobre a sua própria capacidade de prever e sobre o assunto em geral. Jane e eu achámos sempre muito útil ter este material presente. Da 234.ª sessão, de 16 de fevereiro de 1966:

“Muitas vezes, a informação precognitiva parecerá estar errada. Em alguns casos, isto acontece porque um self escolheu um acontecimento provável diferente para materialização física [daquele que fora previsto]. Eu tenho acesso ao campo das probabilidades e vós não, a partir do nível do Ego Exterior... Para mim, o vosso passado, presente e futuro fundem-se num só.

“Por outro lado, como já vos disse, alterais continuamente o vosso passado. Ele não parece mudar para vós, pois mudais juntamente com ele... Alterais o vosso futuro da mesma maneira. Nesses casos, é necessário que seja percecionado o canal correto dos eventos prováveis — correto significando o canal que será, por fim, escolhido [para atualização pelo sujeito].

“Essas escolhas, contudo, baseiam-se na vossa percepção mutável do passado e do presente. Como possuo um alcance percetivo mais amplo do que o vosso, posso prever com maior facilidade aquilo que poderá acontecer. Mas isso depende da minha previsão quanto à escolha [entre eventos prováveis] que fareis, e a escolha continua a ser vossa... As previsões, em si mesmas, não contradizem a teoria do livre-arbítrio, embora o livre-arbítrio dependa de muito mais do que qualquer liberdade apenas do ego. Se fosse permitido ao ego fazer todas as escolhas, sem poder de veto por parte de outras camadas do self, estaríeis todos, de facto, numa triste situação.

“Posso, portanto, percecionar muito mais do teu próprio futuro do que tu consegues. Contudo, dificilmente sou onipotente. Nem, em sentido estrito, tal onipotência é possível.”

na sua realidade quaisquer porções da tua realidade provável que escolhesse. Cada um de vós teve uma mãe diferente.

— As probabilidades intersejam-se, então, na tua experiência, e a sua interseção é aquilo a que chamas realidade. Biológica e psiquicamente, essas interseções são convergências: a consciência a adotar um foco.

— Mais uma vez, Ruburt continua a experienciar massividade — isto é, uma sensação ampliada de massa, volume e extensão corporal. Todos os átomos e moléculas que compuseram o teu corpo desde o teu nascimento, e que o comporão até à tua morte, nos teus termos, existem agora; por isso, até o teu conhecimento do corpo é experienciado numa forma temporal — isto é, pouco a pouco.

— Parte da sensação de massividade de Ruburt vem da experiência maciça do corpo, existindo toda de uma só vez. Por isso, para ele, o corpo parece maior. Ocorrem cálculos impossíveis de descrever, de tal modo que, a partir desta imprevisibilidade básica, experiencias aquilo que parecem ser ações previsíveis. Isto acontece apenas porque te focas nas ações que "fazem sentido" na tua realidade e ignoras todas as outras. É claro que não estou a falar simbolicamente quando digo que morreste enquanto rapaz novo. Nem qualquer realidade dura foi imposta à mãe pela criança que morreu, pois, essa porção da tua mãe era a parte que se arrependia de ter tido a criança.

— *Os átomos podem mover-se em mais do que uma direção ao mesmo tempo.⁸ Cientificamente, percecionas apenas o movimento provável que te interessa. O mesmo se aplica à experiência subjetiva.*

— *Só a partir da imprevisibilidade pode surgir um número infinito de ordens, ou sistemas ordenados. Qualquer coisa menos do que imprevisibilidade completa acabará por resultar em estagnação, ou em ordens de existência que, a longo prazo, se autodestroem. Só da imprevisibilidade pode emergir qualquer sistema que seja previsível dentro de si mesmo. Só dentro da completa liberdade de movimento é que qualquer movimento “ordenado” é verdadeiramente possível.*

— *Do leito “caótico” dos teus sonhos brota a tua ação diária organizada e ordenada. Na tua realidade, o comportamento da tua consciência e o das tuas moléculas estão profundamente ligados. O teu tipo de consciência pressupõe uma consciência molecular, e o teu género de consciência é inerente à consciência molecular — inerente dentro do teu sistema, mas não basicamente previsível.*

⁸ Enquanto artista, a minha reação intuitiva à observação de Seth de que um átomo pode mover-se em mais do que uma direção ao mesmo tempo foi associar essa capacidade às suas noções de tempo simultâneo e probabilidades. O artista, uma vez que não é qualquer tipo de cientista (mesmo que se interesse por ciência em geral), tenta lidar com a afirmação da melhor forma que consegue, à luz daquilo que sente que Seth está a tentar dizer. Ao mesmo tempo, compreende que, a partir do seu ponto de vista artístico, talvez não consiga compreender o paradoxo dos movimentos “contraditórios”.

Para simplificar muito: na física moderna, diz-se que os átomos são processos, não coisas; que os átomos e/ou os seus constituintes podem aparecer como ondas ou partículas, dependendo da forma como os observamos; e que essas qualidades existem fora do nosso mundo grosseiro de espaço e tempo. Os átomos são padrões de probabilidades. Diz-se ainda que as nossas tentativas de descrever ou visualizar tais qualidades não físicas nos levam inevitavelmente a interpretá-las mal; por isso, o artista pergunta-se se o movimento do átomo em mais do que uma direção ao mesmo tempo não será perfeitamente “natural” no seu próprio ambiente — algum tipo de capacidade inteiramente separada de qualquer jogo que possamos fazer com as palavras ao tentar compreendê-la conscientemente.

Previsibilidade é simplesmente outra palavra para significado. A imprevisibilidade, olhando para si mesma de várias formas diferentes, encontra certas porções de si mesma significativas e forma, em torno de si, certas ordens ou sequências ordenadas. Numa das nossas sessões muito antigas, disse-te que percecionas, a partir de um campo vastíssimo, apenas certos dados que consideras significativos. Esses dados só podiam surgir do leito da imprevisibilidade. Só a imprevisibilidade pode fornecer a maior fonte de ordens prováveis.

— *As tuas células são perfeitamente capazes de lidar com diferentes ordens de acontecimentos; portanto, no estado de sonho, conseguem, cada uma à sua maneira, percecionar a tua experiência e, a partir dela, escolher aquelas atualidades que queres tornar reais nos teus termos.*

— *Nos sonhos, familiarizas-te com acontecimentos prováveis, a partir dos quais escolhes; (dirigindo-se a Rob) por isso, antes de morreres enquanto criança, sabias que podias escolher ou não escolher essa morte. Em termos mais amplos, escolheste tanto a vida como a morte, e a fotografia de ti aos 16 anos⁹ nunca foi tirada numa determinada realidade.*

⁹ Em páginas opostas do nosso álbum, Jane e eu temos um par de grandes fotografias nossas, bastante formais, sobre as quais muitas vezes brincámos. Aconteceu que olhámos para elas mais cedo, esta noite. Ambas foram tiradas em 1936. Jane, na sua fotografia, tem 6 anos e meio. Eu tenho 16 na minha e estou a um ano de terminar o liceu. Mais do que uma vez, Jane me perguntou o que eu teria pensado, nessa idade, se soubesse que a minha futura mulher era uma “miúda de cara redonda, ainda a brincar com bonecas de papel...”

— *Temos bastante mais do que aquilo que Ruburt consegue suportar esta noite, e isto é apenas um começo.*

— *Porém, o cérebro provável dele só consegue traduzir uma certa quantidade disto de cada vez.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a natureza das probabilidades e desloca a realidade física da ideia de sequência fixa para a de **interseção focalizada de possibilidades**. Seth mostra que todos os mundos prováveis existem agora, que a consciência escolhe continuamente entre linhas de experiência e que aquilo a que chamamos realidade é apenas o ponto onde determinadas probabilidades se tornam foco experiencial.

A função central do capítulo é esta:

a realidade nasce da interseção entre probabilidades, foco da consciência e imprevisibilidade básica; a ordem que experienciamos não resulta de rigidez, mas da liberdade criativa que permite selecionar, organizar e estabilizar certos acontecimentos dentro de um campo infinito de possibilidades.

1. Todas as probabilidades existem agora

Seth começa por afirmar que todos os mundos prováveis existem agora.

probabilidades → não futuro abstrato → existências atuais

As probabilidades não são hipóteses vazias à espera de acontecer. São campos reais de atualização, cada um válido dentro do seu próprio enquadramento.

mundo provável → realidade própria → experiência própria → desenvolvimento próprio

A consciência física não percebe a totalidade desse campo porque está focada numa faixa específica de acontecimentos.

campo provável total → foco seletivo → realidade percebida

2. A consciência escolhe e seleciona

A consciência não se move passivamente pelas probabilidades. Ela escolhe, seleciona e organiza.

campo de probabilidades → escolhas → foco → experiência

Cada pessoa entra e sai constantemente de probabilidades, mesmo sem o saber. As células do corpo fazem o mesmo, operando em níveis biológicos mais profundos.

células → probabilidades → respostas biológicas → corpo físico

A escolha não acontece apenas ao nível da mente consciente. O corpo, as células e a psique participam continuamente nessa seleção.

3. O corpo como aglomeração de atividade provável

O corpo físico parece estável, mas Seth mostra que essa estabilidade é uma aparência funcional.

atividade provável → energia → organização celular → corpo físico

O corpo é uma aglomeração maciça de energia formada a partir de uma reserva rica de atividade provável.

A sua continuidade não vem de uma fixidez material absoluta, mas de uma organização persistente da consciência.

corpo → não objeto fixo → padrão energético estabilizado

A estrutura celular muda constantemente, mas a identidade corporal parece manter-se.

4. Pulsações da consciência e identidade

Seth retoma a ideia de que a consciência pulsa.

consciência → pulsações → ligar/desligar → continuidade aparente

A consciência cavalga sobre e dentro dessas pulsações, formando organizações de identidade.

Aquilo que o indivíduo reconhece como “eu” é apenas a faixa de atividade que corresponde ao seu sinal.

sinal reconhecido → eu atual

outros sinais → probabilidades não reconhecidas

A identidade é, portanto, uma organização focalizada dentro de um campo muito mais amplo de atividade.

5. Cada probabilidade é inviolável

Uma probabilidade não é destruída por não ser fisicamente escolhida.

probabilidade formada → padrão próprio → desenvolvimento próprio

Cada linha provável segue a sua própria natureza.

não escolhida aqui → atualizada noutro campo

Isto significa que a escolha física não elimina possibilidades. Apenas define qual delas será reconhecida como real pela Personalidade de Foco atual.

6. Grupos de selves prováveis

Tal como as células formam órgãos, organizações de consciência podem formar estruturas mais amplas.

selves prováveis → agrupamentos → estrutura própria de identidade

Grupos de selves prováveis podem formar a sua própria estrutura de identidade, consciente dos selves envolvidos.

Isto amplia a noção de self: a identidade não é uma unidade isolada, mas uma organização dinâmica de focos, linhas e relações prováveis.

Self → múltiplas expressões → agrupamentos prováveis → identidades ampliadas

7. Experiência paralela

Na realidade física, a experiência parece depender do tempo.

passado → presente → futuro

Mas nem toda a experiência é organizada dessa forma.

acontecimentos paralelos → experiência simultânea → consciência não linear

Existem acontecimentos paralelos que podem ser seguidos com tanta naturalidade como os acontecimentos consecutivos.

A limitação está no foco físico, não na estrutura total da realidade.

8. O foco torna invisíveis outras experiências

A consciência aceita como reais apenas certos resultados e ramificações de propósitos, desejos e intenções gerais.

intenção → foco → linha temporal → experiência reconhecida

Outras experiências igualmente legítimas tornam-se invisíveis ou não sentidas.

foco atual → torna visível uma linha

foco atual → torna invisíveis outras linhas

O foco não cria a realidade inteira; seleciona a porção da realidade que será experienciada.

9. Uma só história entre muitas

Tal como a pessoa se fixa numa só história biológica pessoal, a humanidade fixa-se numa só história terrestre coletiva.

história pessoal → uma linha biológica

história coletiva → uma linha terrestre

Mas outras histórias decorrem continuamente à nossa volta.

histórias prováveis → mundos prováveis → selves prováveis → linhas paralelas

Ao nível dos dados sensoriais, esses mundos não se encontram. Em termos mais profundos, coincidem.

separação sensorial → coincidência profunda

10. Realidade como interseção

Seth formula uma ideia central:

probabilidades → interseção → realidade

A realidade não é uma coisa única e fixa. É o ponto de encontro entre probabilidades, biologia, psique e foco.

interseção biológica + interseção psíquica + foco da consciência → realidade experienciada

Aquilo a que chamamos realidade é uma convergência organizada.

convergência → foco → mundo percebido

11. Criatividade infinita e organização da consciência

A criatividade das probabilidades pode parecer tão imensa que o indivíduo poderia sentir-se perdido.

Mas a consciência forma organizações próprias em todos os níveis.

criatividade infinita → organização psíquica → identidade funcional

A multiplicidade não dissolve a identidade. Pelo contrário, permite que a identidade se organize de formas cada vez mais ricas.

multiplicidade → não perda do eu → expansão da identidade

12. Selves prováveis como pétalas

Seth usa uma imagem poderosa:

tu → geras selves prováveis como uma flor gera pétalas

Cada self provável segue o seu curso na sua própria realidade, experienciando as dimensões que lhe são inerentes.

self provável → realidade própria → desenvolvimento próprio

Esta imagem mantém a unidade e a multiplicidade ao mesmo tempo.

flor → unidade

pétalas → expressões múltiplas

13. Nascimento e morte como escolhas dentro de um campo maior

Nos nossos termos, escolhemos um nascimento e uma morte.

Mas Seth mostra que há outras mortes prováveis, outras sobrevivências prováveis, outras linhas igualmente reais.

vida atual → nascimento reconhecido → morte reconhecida

linhas prováveis → outras mortes → outras continuidades

A morte “oficial” é apenas aquela que pertence à linha experienciada pela Personalidade de Foco atual.

morte reconhecida → linha física atual

mortes prováveis → linhas paralelas

14. Livre-arbítrio e escolha provável

As crenças e intenções levam a consciência a escolher, a partir de um grupo imprevisível de ações, aquelas que serão experienciadas.

crenças + intenções → seleção → acontecimentos experienciados

O livre-arbítrio não atua num campo vazio. Atua dentro de um campo de eventos prováveis.

eventos prováveis → escolha → realidade aceite

Os eventos que não são aceites continuam, contudo, a ocorrer noutras linhas.

não escolhido aqui → ocorre noutra realidade

15. A mãe como exemplo de realidade plural

Seth usa a mãe de Rob como exemplo da pluralidade dentro de uma mesma figura.

uma mãe histórica → várias experiências da mãe → filhos diferentes → realidades relacionais diferentes

Cada filho teve, de certo modo, uma mãe diferente.

A mãe era ela mesma, mas cada relação aceitava porções diferentes da sua realidade provável.

mesma pessoa → múltiplas expressões relacionais

Isto mostra que até as relações familiares são interseções de probabilidades.

16. A imprevisibilidade como base da ordem

O capítulo apresenta um dos seus paradoxos centrais:

imprevisibilidade → liberdade → ordem viva

A verdadeira ordem não nasce da rigidez absoluta. Nasce da liberdade de movimento.

imprevisibilidade completa → possibilidade de sistemas ordenados

Qualquer coisa menos do que imprevisibilidade completa resultaria, a longo prazo, em estagnação.

previsibilidade absoluta → repetição → estagnação

A ordem viva precisa de imprevisibilidade para se renovar.

17. Ordem a partir do leito caótico dos sonhos

Seth liga esta ideia ao sonho.

sonhos → aparente caos → seleção profunda → ação diária organizada

Do leito “caótico” dos sonhos brota a ação diária ordenada.

O sonho não é desordem inútil. É um campo de exploração provável a partir do qual a consciência seleciona linhas de experiência.

sonho → probabilidades → escolha → realidade diária

18. Previsibilidade como significado

Seth redefine a previsibilidade:

previsibilidade → significado

Aquilo que parece previsível é aquilo que, dentro de determinado sistema, foi selecionado como significativo.

A consciência escolhe certos dados num campo vastíssimo porque esses dados fazem sentido dentro do seu foco.

campo vasto → seleção de dados → significado → ordem percebida

A ordem não é imposta de fora. Surge quando a consciência encontra significado dentro da imprevisibilidade.

19. Consciência molecular

O comportamento da consciência humana e o comportamento das moléculas estão profundamente ligados.

consciência humana → pressupõe consciência molecular

consciência molecular → contém potencial do gênero humano de consciência

O corpo não é matéria inconsciente. É uma organização de consciências em diferentes escalas.

moléculas → células → corpo → consciência de vigília

Há continuidade entre consciência corporal, consciência celular, consciência molecular e consciência pessoal.

20. As células escolhem atualidades

As células são capazes de lidar com diferentes ordens de acontecimentos.

células → percepção de ordens alternativas → seleção de atualidades

No estado de sonho, elas percecionam a experiência da pessoa e escolhem, cada uma à sua maneira, as atualidades que a personalidade quer tornar reais.

sonho → células → probabilidades → atualidades físicas

O corpo participa ativamente na construção da realidade física.

21. Sonhos como familiarização com acontecimentos prováveis

Nos sonhos, a personalidade familiariza-se com acontecimentos prováveis antes de escolher.

sonho → acontecimentos prováveis → escolha → atualização

O sonho funciona como campo de ensaio, contato e seleção.

acontecimento provável → explorado no sonho → aceite ou não aceite na realidade física

Isto reforça a função dos sonhos como ponte entre probabilidades e experiência física.

22. O ponto-momento

O presente é descrito como ponto de interação entre todas as existências e a realidade.

ponto-momento → presente → interseção de todas as probabilidades

Todas as probabilidades fluem através dele.

Um ponto-momento pode ser experienciado como séculos, como um instante ou como uma respiração, dependendo da realidade provável em causa.

mesmo ponto → diferentes durações → diferentes realidades

O presente não é pequeno. É uma abertura multidimensional.

23. Massividade e corpo total

A experiência de Ruburt durante a sessão mostra uma percepção ampliada do corpo.

consciência celular → experiência maciça do corpo → sensação de imensidão

Todos os átomos e moléculas que compuseram e comporão o corpo existem agora, mas a consciência física conhece o corpo pouco a pouco.

corpo total → existe agora

consciência temporal → percebe em sequência

A massividade sentida por Ruburt resulta de um contato mais direto com a experiência total do corpo, para além da percepção temporal comum.

24. A consciência celular conhece a história do corpo

As células têm consciência da história do corpo de forma mais familiar do que a personalidade consciente tem da história da Terra.

células → história do corpo → passado/futuro corporal → manipulação de probabilidades

A consciência celular sente a própria duração de modo vasto. Para ela, sons simples podem ser acontecimentos cósmicos.

som físico comum → acontecimento cósmico no mundo celular

Isto desloca radicalmente a escala da experiência.

25. Átomos prováveis e movimento múltiplo

Seth afirma que os átomos podem mover-se em mais do que uma direção ao mesmo tempo.

átomo → múltiplas direções prováveis → movimento simultâneo

A ciência percebe apenas o movimento provável que lhe interessa.

observação científica → seleção de uma probabilidade

O mesmo se aplica à experiência subjetiva.

experiência subjetiva → seleção de uma linha → exclusão de outras

A física e a psicologia encontram-se aqui: ambas observam apenas certas atualizações de um campo mais vasto.

26. A consciência como liberdade dotada de imprevisibilidade

Para ser plenamente livre, a consciência teve de ser dotada de imprevisibilidade.

consciência → liberdade → imprevisibilidade

Tudo O Que É teve de se surpreender continuamente, concedendo a si mesmo a sua própria liberdade.

Tudo O Que É → surpresa → liberdade → criação contínua

Sem imprevisibilidade, a realidade repetir-se-ia para sempre.

sem imprevisibilidade → repetição eterna

com imprevisibilidade → criatividade infinita

27. A ordem da imprevisibilidade

O capítulo culmina numa inversão decisiva:

ordem verdadeira → não rigidez

ordem verdadeira → imprevisibilidade organizada

A realidade parece previsível porque a consciência seleciona padrões significativos dentro de um campo imprevisível.

campo imprevisível → seleção significativa → ordem experienciada

A imprevisibilidade não é inimiga da ordem. É a sua origem.

28. O cérebro provável

No fim da sessão, Seth brinca dizendo que o cérebro provável de Ruburt só consegue traduzir uma certa quantidade deste material de cada vez.

campo provável imenso → tradução cerebral limitada → sessão parcial

A frase é humorística, mas também estrutural: todo o conhecimento multidimensional precisa de tradução.

realidade maior → cérebro / linguagem / foco → material transmissível

O capítulo inteiro mostra precisamente isso: a consciência traduz uma vastidão provável em experiência focalizada.

Fórmula do capítulo

imprevisibilidade básica → campo de probabilidades → foco da consciência → interseção → realidade experienciada

sonho → contacto com probabilidades → seleção → ação diária

células / moléculas / átomos → ordens prováveis → corpo físico

livre-arbítrio → escolha entre eventos prováveis → uma realidade aceite

Tudo O Que É → liberdade → surpresa → criação infinita

Síntese final

Este capítulo mostra que a realidade física não é uma estrutura rígida, fechada e previsível em si mesma. É uma ordem focalizada que emerge de um campo imprevisível de probabilidades. A consciência, para ser livre, precisa dessa imprevisibilidade; e é precisamente essa liberdade que permite a formação de padrões, corpos, histórias, selves prováveis e mundos.

A realidade que experienciamos é apenas uma interseção: uma convergência entre eventos prováveis, escolhas, crenças, intenções, células, átomos, sonhos e foco da consciência.

A ordem não vem antes da liberdade.

A ordem nasce da liberdade.

CAPÍTULO 4

Unidades de Consciência e a Arquitetura das Probabilidades

— *"A Natureza da Realidade Pessoal"*¹ é um excelente manual, que permitirá às pessoas manipularem com maior eficácia o mundo que conhecem. Não importará se compreendem ou não as questões mais profundas das quais depende toda a natureza da própria realidade física. O material que agora estou a transmitir tentará explicar algumas dessas questões mais profundas.

— O próprio desenvolvimento de Ruburt torna isto possível, pois era necessário que ele progredisse até ao ponto a que chegou em *"Aventuras na Consciência"*, e alcançasse o nível de certas teorias, para que estas pudessem ser usadas como pontos de partida.

— Infelizmente, muitas vezes temos de lidar com analogias, porque elas podem formar estruturas de ponte entre conceitos. Existem, então, unidades de consciência², tal como existem

¹ Seth terminou de ditar *A Natureza da Realidade Pessoal* em julho de 1973.

² Naturalmente, assim que Seth mencionou unidades de consciência em *A Realidade "Desconhecida"*, pensei nas unidades de energia eletromagnética (unidades EE, como ele lhes chamava) que discutira em 1969 e 1971. Ver, respetivamente, as sessões 504 a 506 no Apêndice de O Material de Seth, e o Capítulo 20 de Seth Fala. Neste último material, usou várias analogias evocativas para descrever as suas unidades EE: "... basicamente emanações que se erguem da consciência... o sopro invisível da consciência... As emanações são, na verdade, tonalidades emocionais... As unidades estão logo abaixo do alcance da matéria física."

unidades de matéria. Não quero que penses nessas unidades como partículas. Há uma unidade básica de consciência que, uma vez expressa, não será decomposta, tal como outrora se pensava que o átomo era a menor unidade e não podia ser decomposto. A unidade básica de consciência, obviamente, não é física. Contém em si mesma propriedades inatas e infinitas de expansão, desenvolvimento e organização; contudo, mantém sempre dentro de si o núcleo da sua própria individualidade. Independentemente das organizações de que venha a fazer parte, ou da forma como se misture com outras unidades básicas desse tipo, a sua própria identidade não é aniquilada.

— É energia consciente, identificada dentro de si mesma como si mesma, não “personificada”, mas “consciencializada”. É, portanto, a fonte de todos os outros tipos de consciência, e as variedades da sua atividade são infinitas. Combina-se com outras da sua espécie, formando então unidades de consciência — tal como, conforme já foi muitas vezes mencionado, os átomos e as moléculas se combinam.

— Esta unidade básica é dotada de imprevisibilidade. Essa própria imprevisibilidade permite padrões e realizações infinitos. A palavra “alma”, infelizmente, tem sido tão usada, e de formas tão diversas, em relação à vossa espécie, que se torna extremamente

Contudo, em nenhum ponto da 682.^a sessão desta noite Seth se refere nominalmente às unidades EE — e por uma razão, como se verá mais adiante na próxima sessão. No seu material anterior, deixou bastante espaço para acrescentar dados sobre essas unidades de consciência. “Elas são uma forma [ênfase minha] que a energia emocional assume”, disse-nos na 504.^a sessão. E, na 581.^a sessão: “Há muitos alcances e grandes variedades dessas unidades EE, todas existindo para além do vosso alcance perceptível. Agrupá-las desse modo, contudo, é enganador, pois, dentro de tudo isto, há grande ordem.”

difícil desfazer as dificuldades conceptuais que a rodeiam. Usando as definições habituais, chamarias alma ao resultado de determinada organização dessas unidades, que então reconhecerias como uma "alma".

— Isto conduz às antigas perguntas inevitáveis: os animais têm alma? E as árvores? E as rochas? De acordo com a definição habitual, então, nos vossos termos, esta menor unidade seria "substância de alma". Esse ponto de vista, contudo, é extremamente limitado, pois, "acima de vós", usando essa escala, existem outras organizações mais desenvolvidas destas unidades; e, portanto, a partir desse "ponto de vista mais elevado", pareceríeis ser, de facto, almas juvenis.

— Por isso, prefiro, pelo menos aqui, falar antes destas unidades de consciência.

— A sua natureza é a força vitalizadora por detrás de tudo no vosso universo físico, e também noutros. Estas unidades podem, de facto, aparecer em vários lugares ao mesmo tempo, e sem atravessar o espaço, nos vossos termos. Literalmente, agora, estas unidades básicas de consciência podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo — e estão em todos os lugares ao mesmo tempo. Não serão reconhecidas porque aparecerão sempre como outra coisa.

— É claro que se movem mais depressa do que a luz. Há milhões delas num só átomo — muitos milhões. Cada uma destas unidades

*tem consciência da realidade de todas as outras e influencia todas as outras. Nos vossos termos, estas unidades podem avançar ou recuar no tempo, mas também podem mover-se para limiares de tempo com os quais não estais familiarizados.*³

— *Todas as probabilidades são sondadas e experienciadas, e todos os universos possíveis são criados a partir destas unidades. Portanto, existem realidades nas quais as probabilidades infinitas de um determinado evento são sondadas, e toda a experiência se agrupa em torno dessa exploração.*

— *Existem sistemas nos quais um momento, do vosso ponto de vista, é levado a durar a vida inteira de um universo. Não quero dizer que um momento seja simplesmente esticado, ou que apenas o tempo seja desacelerado, mas que todas as experiências possíveis dentro de um momento se tornam realidades dentro desse enquadramento. Tais sistemas têm pouco a ver convosco de qualquer modo prático, nem esta informação é dada para diminuir a vossa ideia daquilo que é a vossa própria consciência. Contudo, é*

³ Mais uma vez, ver o Capítulo 20 de Seth Fala, para material sobre as unidades EE e partículas postuladas como mais rápidas do que a luz, como o taquíon. (Incidentalmente, afirmou-se em teoria que, embora os próprios taquíons viajem mais depressa do que a luz, a sua radiação não o faz. Essa radiação, então, portadora de toda a informação que poderíamos recolher sobre taquíons [ou partículas semelhantes], seria observável por nós.)

Muitos físicos consideram agora insustentável pensar que cada condição ou evento no universo incorpore o mesmo tipo de tempo. Físicos e parapsicólogos sugeriram vários tipos de entidades minúsculas e ainda não descobertas (mindons, psychons, psitrons, e assim por diante) que podem mover-se para trás no tempo relativamente à nossa conceção consciente daquilo que é o tempo, ou que estão pelo menos livres da nossa ideia de um tempo que flui inevitavelmente para a frente. Ou considera o positrão, que é um eletrão com carga positiva, uma porção de antimatéria que, diz-se, se move temporariamente para trás no tempo. (Os eletrões “regulares”, tal como os concebemos no nosso mundo, têm carga negativa.)

O eletrão é uma das ondas-partículas em movimento adjacentes ao núcleo do átomo. Seria muito grande quando comparado com a unidade básica de consciência de Seth, mas, uma vez que um eletrão pode “mover-se” da órbita de um núcleo para a de outro sem atravessar o espaço entre ambos, o eletrão pode ainda fornecer uma analogia grosseira com a capacidade dessas unidades de consciência de “aparecerem em vários lugares ao mesmo tempo, e sem atravessarem o espaço”.

importante que compreendas que existe mais criatividade e variedade numa realidade interior do que alguma vez percecionas fisicamente.

— Estas unidades de consciência não têm características humanas, naturalmente. Têm, contudo, as suas próprias "inclinações", tendências, propensões — e talvez "propensões" seja o termo que mais se aproxima daquilo que quero dizer. Não quero que penses nelas como pessoas em miniatura. Ainda assim, também não são aglomerados de energia "ociosa". São vitalizadas, conscientes, carregadas, com todas as qualificações do ser.

— Todas as estruturas psicológicas, então, são compostas por tais organizações, sejam elas longas ou breves nos vossos termos. São dotadas, de forma inata, do desejo ou propensão para o crescimento e a organização criativa. Não se encontram sozinhas, portanto, em isolamento. Uma vez que estas unidades de consciência existem simultaneamente, têm consciência de todas as estruturas organizadas do self das quais fazem parte. Nessa medida, todas as realidades prováveis estão ligadas desse modo básico.

— Estas unidades crescem a partir de si mesmas. Uma vez que te disse que, nos vossos termos, o teu passado, presente e futuro existem ao mesmo tempo, estas unidades emergem constantemente do teu ponto-agora, tanto a partir do futuro como do passado.

— Não quero destruir a tua ideia de estabilidade, nem quero confundir-te. O facto permanece: ao falar de probabilidades até agora, simplifiquei consideravelmente as questões. (Dirigindo-se a Rob) Disse, por exemplo, que morreste enquanto criança numa probabilidade, e novamente durante o serviço militar, e dei-te uma pequena amostra da história provável dos teus pais. Ao fazê-lo, usei ideias e termos bastante fáceis de apreender. O quadro mais amplo é, de longe, um pouco mais difícil de expressar.

— Estás a dizer que tens de manter as coisas assim tão simples para nós?

— Estou a dizer que agora estou pronto para vos conduzir para além desses preliminares necessários.

— Toda a matéria se baseia nas unidades mencionadas, com a sua imprevisibilidade e a sua propensão para explorar todas as probabilidades. Mesmo a tua estrutura atómica, então, está suspensa entre probabilidades. Se isto é verdade, então, obviamente, “tu” tens consciência apenas de uma pequena porção provável de ti mesmo — e essa porção proteges como a tua identidade. Se a pensares simplesmente como um foco assumido pela “tua” identidade maior, conseguirás acompanhar aquilo que

estou a dizer sem te sentires diminuído por contraste, ou perdido.⁴ O foco que tens é, de facto, inviolável.

— Disse muitas vezes que, mesmo durante as vossas vidas, todas as variações prováveis de qualquer evento ocorrem, mas nunca fui muito mais longe. Com o teu foco, parece-te que tens uma linha de identidade do nascimento à morte. Olhando para trás, a partir de qualquer ponto, tens a certeza de que o "self" de há dez anos é o self de hoje, embora talvez alterado em certos aspetos.

— Não existe, naturalmente, qualquer tipo de desenvolvimento em linha única. Em primeiro lugar, como sabes, a tua vida existe toda de uma só vez, embora experiencias, em termos práticos, uma sequência da vida até à morte — a área de vivência de Ruburt em "Aventuras na Consciência". Todo o evento provável que poderia acontecer-te acontece. Dei-te um ou dois pequenos exemplos das existências prováveis da tua mãe. Pensa, em termos físicos, nas gerações que se estendem, a partir de uma semente, através das eras.

— A tua realidade enquanto self, em qualquer momento dado, é como essa semente, seguindo gerações prováveis que aparecem noutras dimensões, bem como nesta. Em cada momento-agora, retiras do vasto banco de ações imprevisíveis certas ações que são

⁴ Pela segunda vez na sessão, Seth referiu-se à possibilidade de o indivíduo se sentir insignificante perante os imensos alcances do universo interior.

Acho extremamente intrigantes as discussões de Seth sobre probabilidades, e não sinto qualquer ameaça física ou emocional. Jane sente o mesmo. "A minha preocupação, quando tenho consciência dela, é com os leitores", disse-me ela depois da sessão. "Não quero que nenhum deles se sinta arrastado para longe."

“significativas” para ti; e a tua ideia privada de significado resultará naquilo que então parece ser ação previsível.

— A propensão é uma seleção de significado, uma inclinação para a formação de experiência selecionada. Isto aplica-se a todos os níveis — atômico e psicológico — e ao estímulo biológico e à intenção mental.

— Estas unidades básicas movem-se, então, em direção a organizações de natureza seletiva. Tendo um campo imprevisível de onde retirar, selecionam atividade de acordo com esses significados. Vários tipos de significado resultam das naturezas individuais das unidades. O corpo que tens é um corpo provável. É o resultado de uma linha de “desenvolvimento” que poderia ser assumida pela tua personalidade terrestre particular em carne. Contudo, todas as outras linhas possíveis de desenvolvimento também ocorrem. Ocorrem ao mesmo tempo, mas cada uma afeta simultaneamente todas as outras. Há aqui, na verdade, uma interação muito maior do que imaginas, porque não estás habituado a procurá-la. Quanto mais te esforças por manter a ideia oficial e aceite do self em termos convencionais, mais bloqueias, naturalmente, qualquer tipo de imprevisibilidade.

— Devido à grande natureza organizadora destas unidades básicas, existem também estruturas psicológicas perfeitamente capazes de manter as suas próprias identidades, ao mesmo tempo que têm consciência de qualquer número determinado de selves

prováveis. A vida depois da morte tem grande significado na tua realidade, porque a morte faz parte dela.

— A tua realidade maior transcende obviamente tanto os teus nascimentos como as tuas mortes. A ideia de um só universo é, basicamente, absurda. A tua realidade tem de ser vista na sua relação com outras.⁵ Caso contrário, ficas sempre preso a perguntas como "Como começou o universo?" ou "Quando acabará?" Todos os sistemas estão constantemente a ser criados.

— Só num contexto de probabilidades é que a imortalidade pode fazer algum sentido. A hereditariedade nasce da grande imprevisibilidade inerente, que é então decomposta em especificações dentro dos cromossomas⁶, dos quais não há dois iguais. Aquilo que consideras vida quotidiana é, então, um foco sobre certos eventos prováveis em detrimento de outros, uma escolha de significados, uma seleção de padrão. Outras porções do self seguem seleções diferentes.

— Porque a tua identidade maior tem consciência das suas existências prováveis, estás na matéria e fora dela ao mesmo tempo — no tempo e fora dele. Tens uma identidade maior fora do teu contexto; contudo, uma parte dela está dentro do teu contexto, como tu. A tua tuidade é o teu significado: és um foco de

⁵ Talvez não seja assim tão fácil ver a nossa realidade em relação com outras, contudo. Ver Nota 1 do Apêndice 3.

⁶ Os cromossomas são corpos microscópicos nos quais a substância protoplasmática do núcleo de uma célula se separa durante a divisão celular. Transportam os genes, os fatores ou unidades — "plantas" — que determinam características hereditárias.

consciência, consciente de si mesmo, que procura e observa a experiência através das suas próprias propensões únicas. A existência de realidades prováveis e de selves prováveis não nega de modo algum a validade da tua própria experiência ou individualidade. Esta permanece segura, escolhendo, a partir de campos imprevisíveis de atualidade, aqueles que se ajustam à sua natureza particular.

— *Essa selfidade salta, como num jogo de salto, por cima dos eventos que não quer atualizar, e não admite essa experiência na sua própria estrutura identitária. Outras porções da tua identidade maior, contudo, aceitam esses mesmos eventos rejeitados por ti e formam as suas próprias selfidades.*

— *Agora, alguns de vós podem escolher alguns dos mesmos eventos, e aí as probabilidades fundem-se. Esses pontos de interseção são altamente carregados e criativos. Estas interseções podem ocorrer em termos individuais e coletivos. Um acontecimento histórico, por exemplo, pode ser aceite simultaneamente em várias realidades prováveis, enquanto outros podem ocorrer numa realidade e não numa história alternativa.*

— *Embora as palavras sejam difíceis de usar aqui, mais uma vez, aquilo que estou a dizer aplica-se, talvez de formas diferentes, ao comportamento dos mundos, dos átomos e das estruturas psicológicas. Na vida que conheces, como foi explicado em “A Natureza da Realidade Pessoal”, as tuas crenças atuam de modo a especificar os eventos prováveis particulares que se tornarão*

"reais".⁷ Porque és um self provável, compreenderes a tua própria natureza mostrar-te-á algumas das capacidades, não usadas aqui, mas presentes, que podes efetivamente escolher atualizar. Podes então retirar recursos do teu próprio banco de capacidades prováveis, pois haverá vestígios delas em ti. Estão a ser desenvolvidas noutra realidade; portanto, nesta, podem ser utilizadas com muito mais facilidade do que poderias supor. Quando exercitas o braço direito, o braço esquerdo beneficia. Quando desenvolves capacidades num sistema, até certo ponto elas tornam-se mais fáceis de desenvolver noutro. (Dirigindo-se a Rob) Ao decidires escrever alguma coisa⁸, estás também a recorrer a capacidades que trabalhaste noutro sistema e, através da tua intenção, estás, até certo ponto, a fundir probabilidades.⁹

— Mesmo uma compreensão simples disto ajudaria as pessoas a perceber que nenhuma existência termina num beco sem saída.

⁷ Grande parte de *A Natureza da Realidade Pessoal* contém material sobre crenças, naturalmente; ver os capítulos 14 e 15, entre outros. A informação de Seth sobre "o ponto de poder", dada no Capítulo 15, é especialmente apropriada aqui.

⁸ Para os livros de Seth, por exemplo.

⁹ A descrição de Seth de como estou a fundir dois selves prováveis fez-me lembrar o seu material sobre a forma como Jane está a fazer a mesma coisa. Ver a 680.ª sessão. Dificilmente será coincidência que Jane e eu estejamos a usar as nossas capacidades individuais de escrita como o elemento coesivo — a "cola" — para unir os nossos respetivos conjuntos de selves prováveis.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a estrutura íntima das probabilidades. Depois de mostrar que os mundos prováveis existem agora e que a realidade resulta do foco da consciência, Seth desloca a explicação para um nível ainda mais básico: as unidades de consciência. Estas unidades não são partículas físicas, mas centros mínimos de energia consciente, dotados de imprevisibilidade, propensão, organização e capacidade infinita de combinação.

A função central do capítulo é esta:

toda a matéria, toda a identidade e toda a realidade provável emergem de unidades básicas de consciência, cuja imprevisibilidade permite a formação de padrões, mundos, selves, corpos e sistemas de experiência.

1. O capítulo vai além dos preliminares

Seth avisa que está a conduzir o leitor para além das explicações iniciais sobre probabilidades.

probabilidades como alternativas → probabilidades como arquitetura da realidade

Até aqui, as probabilidades foram apresentadas através de exemplos compreensíveis: mortes prováveis, histórias familiares prováveis, linhas alternativas de vida. Agora, Seth começa a explicar a infraestrutura que torna tudo isso possível.

realidades prováveis → unidades de consciência → imprevisibilidade → organização

2. Unidades de consciência

Seth introduz as unidades de consciência como realidade mais fundamental do que a matéria.

unidades de consciência → fonte da matéria → fonte dos selves → fonte dos mundos prováveis

Estas unidades não devem ser imaginadas como partículas físicas. São energia consciente, identificada em si mesma, dotada de individualidade própria.

energia consciente → identidade própria → capacidade de combinação → organização

Cada unidade mantém o núcleo da sua individualidade, mesmo quando se mistura com outras unidades ou participa em organizações maiores.

combinação → não aniquilação

organização → preservação da identidade

3. Consciência antes da alma

Seth evita começar pela palavra “alma”, porque ela está carregada de associações religiosas, humanas e limitadoras.

alma → conceito humano carregado → dificuldade conceptual

Por isso, prefere falar de unidades de consciência.

unidades de consciência → anterior à noção comum de alma → base mais ampla

Segundo as definições habituais, uma “alma” seria uma determinada organização dessas unidades. Mas essa definição torna-se limitada, porque há organizações muito mais amplas e desenvolvidas do que aquelas que os seres humanos chamariam alma.

unidades de consciência → organizações diversas → alma humana → organizações superiores

4. “Substância de alma” e limite da escala humana

Quando se pergunta se animais, árvores ou rochas têm alma, a pergunta ainda parte de uma escala humana.

alma humana como medida → pergunta sobre animais, árvores e rochas

Seth desloca o problema: se usarmos essa escala, a menor unidade de consciência poderia ser chamada “substância de alma”. Mas essa formulação continua presa à maneira humana de classificar a consciência.

consciência → não limitada à forma humana

alma → apenas uma organização possível da consciência

A consciência não começa no ser humano. O ser humano é uma das suas organizações.

5. As unidades estão em todos os lugares

As unidades básicas de consciência podem aparecer em vários lugares ao mesmo tempo, sem atravessar o espaço.

unidade de consciência → presença simultânea → sem deslocação espacial

Elas não são reconhecidas porque aparecem sempre como outra coisa.

unidade básica → aparece como átomo, matéria, forma, estrutura, evento

Estas unidades estão em todos os lugares ao mesmo tempo, mas a percepção física só reconhece os efeitos organizados que elas produzem.

presença fundamental → forma percebida

6. Mais rápidas do que a luz

Seth afirma que estas unidades se movem mais depressa do que a luz.

unidades de consciência → para além da velocidade física → para além do espaço comum

Elas podem avançar ou recuar no tempo, nos nossos termos, e mover-se para limiares temporais desconhecidos.

tempo conhecido → passado / presente / futuro

limiares temporais desconhecidos → outras formas de duração e organização

Isto significa que a consciência, em nível básico, não está presa ao tempo linear.

7. Todas as probabilidades são sondadas

Todas as probabilidades são exploradas e experienciadas.

unidades de consciência → sondagem de probabilidades → criação de universos possíveis

Há realidades organizadas em torno da exploração completa das probabilidades de um só evento.

um evento → infinitas probabilidades → universo de exploração

Isto amplia radicalmente a noção de acontecimento. Um evento não é apenas algo que ocorre ou não ocorre. É um campo de possibilidades, cada uma capaz de gerar experiência.

8. Um momento pode conter a vida de um universo

Seth descreve sistemas nos quais um momento, do nosso ponto de vista, pode durar a vida inteira de um universo.

um momento → todas as experiências possíveis dentro dele → realidade própria

Não se trata simplesmente de tempo desacelerado. Trata-se de um enquadramento em que todas as possibilidades internas de um momento se tornam realidades.

momento → não ponto vazio → campo experiencial completo

O presente deixa de ser pequeno. Torna-se uma abertura para multiplicidade infinita.

9. Mais criatividade na realidade interior

A realidade interior contém mais criatividade e variedade do que aquilo que é fisicamente percebido.

realidade interior → criatividade imensa → variedade não percebida

A realidade física é apenas uma seleção estreita.

campo interior vasto → foco físico → porção percebida

O objetivo desta explicação não é diminuir a consciência humana, mas alargar a sua noção de si mesma.

expansão conceptual → não perda de valor → ampliação da identidade

10. Propensão

Seth escolhe a palavra “propensão” para descrever a inclinação própria das unidades de consciência.

propensão → inclinação para selecionar significado → tendência organizadora

As unidades não são “pessoas em miniatura”, mas também não são energia ociosa.

não humanas → não inertes

São vitalizadas, conscientes, carregadas, com qualificações próprias do ser.

energia consciente → propensão → organização → experiência

11. Estruturas psicológicas

Todas as estruturas psicológicas são compostas por organizações dessas unidades de consciência.

unidades de consciência → organizações → estruturas psicológicas

Estas estruturas podem ser longas ou breves nos nossos termos. Todas possuem propensão para crescimento e organização criativa.

estrutura psicológica → crescimento → organização → criatividade

Isto aplica-se tanto a identidades humanas como a outras formas de organização da consciência.

12. Realidades prováveis ligadas pela mesma base

Como as unidades de consciência existem simultaneamente, elas têm consciência das estruturas de self das quais fazem parte.

unidades simultâneas → consciência das organizações → ligação entre realidades prováveis

Todas as realidades prováveis estão ligadas nesse nível básico.

realidade provável A ↔ realidade provável B ↔ realidade provável C

A separação entre probabilidades é funcional, não absoluta.

13. O ponto-agora

As unidades emergem constantemente do ponto-agora, tanto a partir do futuro como do passado.

passado + futuro → ponto-agora → emergência contínua

O ponto-agora não é apenas o instante presente. É uma zona de surgimento, cruzamento e atualização de probabilidades.

ponto-agora → interseção temporal → nascimento de unidades / eventos / escolhas

O presente volta a aparecer como abertura multidimensional.

14. A estrutura atômica suspensa entre probabilidades

Toda a matéria se baseia nas unidades de consciência. Por isso, até a estrutura atômica está suspensa entre probabilidades.

unidades de consciência → átomos → matéria → probabilidades

A matéria não é uma base rígida. É uma organização provável de energia consciente.

matéria → padrão estabilizado → escolha entre probabilidades

A própria fisicalidade é uma seleção.

15. A identidade como foco provável

Aquilo que reconheces como “tu” é apenas uma pequena porção provável da tua identidade maior.

identidade maior → múltiplas porções prováveis → foco atual → tu

A Personalidade de Foco protege essa porção como a sua identidade.

foco atual → sentido de eu → identidade protegida

Isto não diminui o valor da experiência atual. Pelo contrário, mostra que ela é inviolável dentro do seu próprio enquadramento.

foco atual → inviolável → válido

16. Selfidade

O capítulo introduz uma ideia essencial: a condição de ser um self.

Eu → foco experiencial

sentido de identidade → continuidade reconhecida

Selfidade → condição organizada de ser um self

A Selfidade é o núcleo que seleciona aquilo que será admitido como “minha experiência”.

Selfidade → isto entra na minha realidade

Selfidade → isto não entra na minha realidade

Quando Seth diz que essa Selfidade salta por cima dos eventos que não quer atualizar, está a mostrar que a identidade não absorve tudo indiscriminadamente. Ela seleciona, organiza e protege o seu próprio campo de experiência.

eventos rejeitados → não entram nesta Selfidade

eventos aceites → formam experiência reconhecida

Outras porções da identidade maior podem aceitar os mesmos eventos rejeitados e formar outras Selfidades.

identidade maior → múltiplas Selfidades → múltiplas experiências válidas

17. Realidade-self como semente

A realidade enquanto self, em qualquer momento, é comparada a uma semente.

self atual → semente → gerações prováveis → dimensões diversas

Tal como uma semente pode dar origem a gerações físicas ao longo das eras, a identidade atual dá origem a gerações prováveis noutras dimensões.

foco atual → linhas prováveis → selves prováveis → realidades prováveis

O self não é ponto final. É ponto de germinação.

18. Seleção de significado

A vida quotidiana resulta de uma seleção de significado.

campo imprevisível de ações → seleção significativa → ação previsível

Aquilo que parece previsível surge porque a consciência seleciona certos padrões dentro da imprevisibilidade.

imprevisibilidade → propensão → significado → padrão → experiência

A previsibilidade não vem de rigidez absoluta. Vem da seleção de significado dentro de um campo aberto.

19. O corpo como corpo provável

O corpo físico é um corpo provável.

personalidade terrestre → linha de desenvolvimento → corpo provável

Ele resulta de uma linha de desenvolvimento assumida pela personalidade em carne. Mas todas as outras linhas possíveis de desenvolvimento também ocorrem.

corpo atual → uma linha

outros corpos prováveis → outras linhas

Cada linha afeta simultaneamente as outras.

linhas prováveis → interação contínua

20. Bloqueio da imprevisibilidade

Quanto mais a personalidade se esforça por manter a ideia oficial e convencional do self, mais bloqueia a imprevisibilidade.

self convencional → rigidez → bloqueio de possibilidades

A abertura à identidade maior exige flexibilidade.

flexibilidade → contato com capacidades prováveis → expansão do self

A identidade não se perde ao abrir-se; torna-se mais consciente da sua própria arquitetura.

21. Estruturas capazes de conhecer selves prováveis

Existem estruturas psicológicas capazes de manter a própria identidade e, ao mesmo tempo, ter consciência de numerosos selves prováveis.

estrutura psicológica ampliada → identidade própria → consciência de selves prováveis

Isto mostra que a consciência pode organizar identidades mais vastas sem perder coerência.

multiplicidade → não confusão → organização superior

A Personalidade de Foco comum ainda não opera assim, mas participa numa identidade maior que o faz.

22. Vida depois da morte e contexto da realidade

A vida depois da morte tem grande significado na nossa realidade porque a morte faz parte dela.

realidade física → nascimento → morte → vida depois da morte

Mas a realidade maior transcende tanto nascimentos como mortes.

realidade maior → antes do nascimento → depois da morte → para além da sequência

A morte só é central num sistema onde nascimento e morte estruturam a experiência.

23. A ideia de um só universo é absurda

Seth afirma que a ideia de um só universo é basicamente absurda.

um só universo → visão limitada

múltiplos sistemas → criação constante → realidades em relação

A nossa realidade só pode ser compreendida em relação com outras.

realidade atual → relação com outras realidades → compreensão ampliada

Sem essa relação, ficamos presos a perguntas lineares:

- Como começou o universo?
- Quando acabará?

Seth desloca a pergunta:

universo único → começo e fim

múltiplos sistemas → criação constante

24. Imortalidade e probabilidades

A imortalidade só faz sentido num contexto de probabilidades.

imortalidade → não continuidade linear simples

imortalidade → multiplicidade de focos, selves e experiências

A identidade não sobrevive apenas como uma linha que continua. Ela existe através de múltiplas atualizações simultâneas.

identidade maior → selves prováveis → realidades prováveis → continuidade multidimensional

25. Hereditariedade e imprevisibilidade

A hereditariedade nasce de uma grande imprevisibilidade inerente, depois decomposta em especificações cromossômicas.

imprevisibilidade biológica → cromossomas → especificações → corpo

A hereditariedade não é mecanismo fechado. É seleção e especificação dentro de um campo criativo.

campo biológico aberto → seleção genética → corpo provável

O corpo, mais uma vez, surge como escolha de padrão.

26. Crenças e eventos prováveis

As crenças especificam quais eventos prováveis se tornarão reais.

crenças → seleção → eventos prováveis → realidade experienciada

Isto liga diretamente este capítulo a "*A Natureza da Realidade Pessoal*".

crenças → ponto de poder → eventos prováveis → experiência física

A realidade pessoal é a atualização de eventos prováveis segundo crenças, intenções, propensões e significados.

27. Capacidades prováveis

Como és um self provável, existem capacidades não usadas aqui que permanecem presentes em ti.

capacidades não usadas nesta realidade → desenvolvidas noutra realidade → vestígios presentes aqui

Podes retirar recursos do teu próprio banco de capacidades prováveis.

self provável → capacidade desenvolvida → traço em ti → possibilidade de atualização

Quando uma capacidade é desenvolvida num sistema, torna-se mais fácil desenvolvê-la noutro.

desenvolvimento numa linha → benefício noutra linha

28. Fusão de probabilidades

Quando Rob decide escrever para os livros de Seth, está a recorrer a capacidades trabalhadas noutro sistema.

intenção atual → capacidade provável → escrita → fusão de probabilidades

A intenção funciona como ponte entre linhas.

intenção → contato → transferência de capacidade → atualização física

Isto mostra que as probabilidades não estão isoladas. Podem fundir-se, interagir e enriquecer-se mutuamente.

29. Nenhuma existência termina num beco sem saída

O capítulo encerra com uma consequência direta:

nenhuma existência → beco sem saída

Toda a vida possui ligações com outras linhas, outras capacidades, outras Selfidades e outros sistemas de realidade.

vida atual → capacidades prováveis → selves prováveis → identidade maior

Mesmo aquilo que parece não desenvolvido aqui pode estar florescendo noutro campo.

possibilidade não usada → desenvolvimento noutra realidade → retorno como potencial

A existência é aberta em todas as direções.

Fórmula do capítulo

unidades de consciência → imprevisibilidade → propensão → seleção de significado → organização → matéria / corpo / selves / mundos prováveis

identidade maior → foco atual → Selfidade → eventos aceites → experiência reconhecida

eventos rejeitados → outras porções da identidade → outras Selfidades → outras realidades prováveis

crenças + intenções → seleção de eventos prováveis → realidade pessoal

capacidades prováveis → vestígios no self atual → possibilidade de atualização

Síntese final

Este capítulo mostra que a realidade provável não é apenas uma ideia psicológica ou uma especulação sobre caminhos alternativos. Ela nasce da própria arquitetura da consciência. No nível mais

básico, existem unidades de consciência dotadas de imprevisibilidade e propensão; essas unidades organizam-se, selecionam significado, formam estruturas psicológicas, corpos, mundos e identidades.

Aquilo que chamas “tu” é uma Selfidade: um foco organizado de “Eu” e sentido de identidade, que seleciona certos eventos como seus e rejeita outros. Mas esses eventos rejeitados não desaparecem. Outras porções da identidade maior aceitam-nos e formam outras Selfidades, outras linhas de experiência, outras realidades.

A realidade física é, portanto, uma seleção.

A identidade é uma seleção.

O corpo é uma seleção.

A vida quotidiana é uma seleção.

Mas nada do que não é selecionado se perde.

Tudo continua a florescer noutro campo da consciência.

CAPÍTULO 5

Selfidade Múltipla e Gestalts de Consciência

— *Através destas unidades, a consciência deixa a sua marca, e nem um só rabisco é jamais aniquilado.*

— *A experiência de qualquer unidade dada, em constante mudança, afeta todas as outras unidades. Isto é difícil de explicar porque os vossos conceitos de Selfidade são muito limitados. Estas unidades contêm em si mesmas, nos vossos termos, todas as identidades "latentes", mas não de uma forma predeterminada. Os selves podem ser bastante independentes dentro do enquadramento da sua própria realidade, continuando, contudo, a fazer parte de uma realidade maior, na qual a sua independência funciona não apenas para benefício próprio, mas também em favor de uma estrutura mais ampla.*

— *Dentro destas unidades há, novamente, uma propensão para crescimento e organização. Dentro de um campo de atividade literalmente infinito, uma ordem significativa surgiu a partir da propensão para o significado. Em resumo, certas unidades fixar-se-iam em vários tipos de organização, achá-los-iam significativos, depois construiriam sobre eles e atrairiam outras da mesma natureza. Foi assim que se formaram vários sistemas de realidade.*

— O tipo particular de significado escolhido atuaria tanto como diretiva para a experiência como método para erguer fronteiras eficazes, dentro das quais o tipo de comportamento selecionado continuaria.

— As unidades podem misturar-se, e misturam-se, mas, devido à propensão para a seletividade e para o significado, grupos inteiros delas “repelirão” outros grupos inteiros, proporcionando assim um sistema interior protetor de interação.

— As unidades formam-se a si mesmas nos vários sistemas que elas próprias iniciaram. Transformam-se, portanto, na realidade estruturada em que depois se tornam. Ruburt está bastante correto na sua suposição daquilo a que chama “multipessoalidade” em “Aventuras na Consciência”.¹

— Pensais num único Eu-self como o fim primário e último da evolução. Contudo, há, naturalmente, outras identidades com muitos desses Eu-selves, cada um tão consciente e independente como o vosso, ao mesmo tempo que também tem consciência da existência de uma identidade maior na qual tem o seu ser.

¹ Jane usa “multipessoalidade” na última página do Capítulo 11 de *Aventuras na Consciência: Uma Introdução à Psicologia dos Aspetos*. “Mas, na verdade”, disse ela, “todo o capítulo vai construindo até chegar a essa definição, ou ideia.” Na sua perspectiva, a qualidade chamada multipessoalidade abrange todas as personificações interiores, ou Aspetos, do Self de Origem, que ela define no Glossário de *Aventuras* como “o self ‘desconhecido’, alma ou psique; a fonte primordial do nosso ser físico”. No seu próprio caso, então, Seth seria uma personificação de um Aspeto do seu Self de Origem; mas teria também uma existência própria noutros níveis de realidade.

— A consciência realiza-se ao conhecer-se a si mesma. O conhecimento transforma-a, nos vossos termos, numa gestalt maior, que depois tenta realizar-se e conhecer-se a si mesma, e assim sucessivamente. Houve experiências na vossa Terra, por parte da consciência, tanto com homens como com animais, num nível diferente daquele que acabámos de mencionar, mas tendo-o em mente — manadas de animais, por exemplo, com cada animal bastante consciente do conhecimento conjunto da manada, dos perigos a encontrar em qualquer território individual, e de uma estrutura psicológica na qual a consciência de massas da manada reconhecia a consciência individual de cada animal e a protegia.

— Havia uma troca constante entre o animal individual e a consciência de massas da manada, pelo que não estamos a falar de uma condição em que o animal individual fosse controlado.

— A mesma coisa, com variações, aconteceu com a vossa própria raça e, aliás, continua a acontecer. No passado, tal como o concebeis historicamente, vários grupos experimentaram seguindo essas linhas. Nessas alturas, porém, a consciência individual ficou tão enfeitiçada pelas suas próprias experiências que a comunicação clara, estável e consciente com a consciência de massas passou para o subterrâneo, por assim dizer. Tornou-se disponível para aqueles que a procuravam, mas, nessas ocasiões, não resultaram os mesmos tipos de organização psicológica.²

² Em ligação com a discussão de Seth sobre animais e homens aqui, ver o seu excelente material no Capítulo 12 de *A Natureza da Realidade Pessoal*. Resumindo partes desse capítulo de forma muito simples: Seth aborda os desafios que o homem

— Outros tipos de gestalts psicológicas foram e estão a ser experimentados — alguns que vos pareceriam completamente inconcebíveis; e, contudo, de vez em quando, versões deles aparecem dentro do vosso sistema.

— É perfeitamente possível, por exemplo, que vários selves ocupem um corpo e, se isso fosse a norma, seria facilmente aceite. Isso implica, contudo, outro tipo de multipessoalidade, um tipo que permite, de facto, a realização de muitas capacidades de várias naturezas que, habitualmente, ficam por expressar. Implica também uma liberdade e uma organização da consciência que são invulgares no vosso sistema de realidade e que aí não foram escolhidas.

— Algumas pessoas vão associar tudo isto à possessão, não vão?

— Não quando eu tiver terminado. A maior parte dos indivíduos, por exemplo, desenvolve-se intelectual, emocional ou fisicamente, ignorando em grande medida o pleno potencial do corpo e da mente. A estrutura limitada de Eu que atualmente identificas com a Selfidade simplesmente não é capaz de usar plenamente todas essas características.

— A estrutura de Eu emerge do self interior, formada em torno de vários interesses, capacidades e impulsos. São feitas seleções

quanto às áreas de concentração. Raramente encontras uma pessoa que seja um grande intelecto, um grande atleta e também uma pessoa de profunda compreensão emocional e espiritual — um protótipo ideal daquilo que parece que a humanidade poderia produzir.

— Em alguns sistemas de existência física, estabelece-se uma multipessoalidade na qual três ou quatro “pessoas” emergem do mesmo self interior, cada uma utilizando, da melhor forma possível, as características que lhe são próprias. Isto pressupõe, contudo, uma gestalt de consciência na qual cada uma conhece as atividades das outras e participa nelas; e tens aí uma versão diferente de consciência de massas. Vês a correlação?

— Sim.

— Nos sistemas em que a evolução da consciência funcionou dessa maneira, todas as faculdades do corpo e da mente são belamente utilizadas numa só “vida”. Também não há qualquer ambiguidade quanto à identidade. O indivíduo diria, por exemplo: “Eu sou Joe, e Jane, e Jim, e Bob.” Há variações físicas de natureza sexual, de modo que, em todos os níveis, a identidade inclui o masculino e o feminino. Sombras de todas essas probabilidades aparecem dentro do vosso próprio sistema como estranhezas. Tudo o que aparece no vosso sistema, em qualquer grau, é desenvolvido noutro.

— O ponto de tudo isto é que estas unidades são imprevisíveis e realizam todas as probabilidades da consciência. Quaisquer conceitos de deuses ou de outros seres baseados em ideias limitadas de pessoalidade acabarão por ser inúteis. Observas a variedade fantástica da vida física — os seus animais, insetos, aves, peixes, o homem e todas as suas obras — quase sem inquietação; contudo, tens de compreender que a natureza da própria consciência é muito mais variada, e tens de aprender a pensar numa realidade interior tão infinita como a exterior. Só estes conceitos já alteram a tua consciência presente e modificam-na em certo grau.

— A ideia atual de alma é uma ideia "primitiva" que mal começa a explicar a criatividade ou a realidade de onde procede o ser da humanidade. Sois multipessoas: existis em muitos tempos e lugares ao mesmo tempo, e existis como uma só pessoa, simultaneamente. Isto não nega a independência das pessoas, mas a vossa realidade interior atravessa a realidade delas, ao mesmo tempo que serve também como um mundo psíquico no qual elas podem crescer.

— Não quero envolver-me numa discussão sobre "níveis", na qual se supõe que ocorra progressão de um para outro. Todas essas discussões se baseiam na vossa ideia de unipessoalidade, tempo consecutivo e versões limitadas da alma. Há flores vermelhas, amarelas e violetas. Uma não é mais avançada do que as outras; cada uma é diferente.

— *Estas unidades combinam-se em vários tipos de gestalts de consciência. Basicamente, não é correto dizer que uma é mais avançada do que outra. A pétala de uma flor, por exemplo, não é mais desenvolvida do que a raiz. Uma formiga no chão pode ver que a pétala está muito acima da raiz e do caule, mas as formigas são demasiado sábias para pensar que a pétala deve ser melhor do que a raiz.*

— *A consciência floresce em todas as direções. Todas as direções tomadas pela flor da consciência são boas. A flor sabe que está viva no bolbo, mas é preciso "tempo" para que o bolbo deixe emergir o caule, as folhas e a flor. A flor não é melhor do que o bolbo. Nem sequer é mais avançada do que o bolbo. É o bolbo numa das suas manifestações. Assim, nos vossos termos, pode parecer que há progressões, ou passos consecutivos de desenvolvimento, nos quais selves mais maduros e abrangentes emergirão. Tu fazes parte desses selves agora, tal como as pétalas fazem parte do bolbo. Só no vosso sistema esse período de tempo tem significado.*

— *A vossa ideia de uma só alma, de um só self, forma um significado e uma seletividade que vos tornam cegos a essas outras realidades que estão tão "aqui e agora" como o vosso self presente. Só as unidades de consciência que compõem o vosso ser físico têm consciência desses significados mais amplos, para os quais as vossas ideias limitadas vos tornam opacos.*

— *Os conceitos presentes num sistema desse tipo podem ajudar a quebrar essas barreiras. Existem, então, estratos de consciência*

coexistindo ao mesmo tempo. Aqueles de que ainda não tens consciência parecem mais avançados, mais desenvolvidos do que o teu. Tu fazes parte deles agora. Podes conhecê-los à medida que comesças a alargar os teus conceitos de pessoalidade e consciência. Em termos de tempo, tens muitos corpos, à medida que nasces e renasces na experiência terrestre. A tua consciência atravessa essas existências, e até os átomos e moléculas dentro do teu corpo presente contêm o conhecimento codificado dessas outras formas — que são, na verdade, simultâneas. Estas unidades de consciência estão dentro de toda a matéria física, contendo as suas próprias memórias. Tanto biológica como psiquicamente, portanto, tens consciência da tua multipessoalidade.

— O vosso sistema não inclui o tipo de experiência mencionado anteriormente, em que o corpo é capaz de conter, numa só vida, a experiência de muitos selves. Em vez disso, usa um contexto temporal, sendo dado a cada self um corpo e um tempo; mas o conhecimento das ideias de multipessoalidade poderia ajudar-te a compreender que tens disponíveis muitas capacidades que não estão a ser usadas, latentes em ti, mas ainda assim importantes na tua identidade inteira, e suficientemente significativas para ti, pessoalmente, para serem desenvolvidas.

— A reencarnação representa simplesmente probabilidades num contexto temporal — porções do self materializadas em contextos históricos. Todos os tipos de tempo — para trás e para a frente — emergem da natureza básica imprevisível da consciência e devem-se a "séries" de significados. Cada self nascido no tempo seguirá

então as suas próprias realidades prováveis a partir desse ponto de vista. Mais uma vez, cada self desse tipo é imediato.

— Toda a consciência, em todas as suas formas, existe ao mesmo tempo. É difícil explicar isto sem parecer contradizer-me. Voltemos ao bolbo e à flor. Em termos básicos, eles existem ao mesmo tempo. Nos vossos termos, contudo, é como se a futura flor, a partir do seu "futuro", chamasse de volta para o bolbo e lhe dissesse como formar a flor. A memória opera para trás e para a frente no tempo. A flor — chamando de volta para o bolbo, incitando-o a seguir "em frente" e recordando-lhe o seu desenvolvimento futuro provável — é como um self futuro, nos vossos termos, ou um self mais altamente desenvolvido, que possui as respostas e no qual se pode, de facto, confiar de forma bastante prática. Os deuses podem ser vistos sob a mesma luz, apenas numa escala maior; e, compreendidos nesse contexto, pode-se confiar neles. Há uma tendência quase natural para personificar os deuses enquanto estais presos a ideias limitadas de pessoalidade. Conceitos mais amplos de pessoalidade conduzir-vos-ão, de facto, a algum vislumbre das gestalts de consciência verdadeiramente notáveis das quais emergis constantemente.

— Estes são seres emocionais e psicológicos de tal riqueza que os vossos conceitos de Selfidade vos obrigam a diluí-los até um grau que possais compreender. Cada uma das vossas pessoas é parte dessa pessoalidade maior. Mais uma vez, estas ideias por si só podem ajudar-vos, para que, em certa medida, possais sentir emocional e intelectualmente essa divindade maior da qual a pessoalidade emerge.

— *Essa divindade é formada pela emergência e crescimento eternos, mas sempre novos, dessas unidades básicas de consciência. A realidade da divindade atravessa a realidade de cada unidade e a realidade coletiva de todas as unidades.*

— *Passaremos a chamar "UC" — Unidades de Consciência — às Unidades Básicas de Consciência. A partir delas são formadas as unidades EE (Energia Eletromagnética), e são lançadas as primeiras raízes no mundo da matéria física.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a passagem das unidades básicas de consciência para formas mais amplas de identidade. Seth mostra que a consciência não se organiza apenas em indivíduos isolados, nem progride numa linha simples de desenvolvimento. Ela forma gestalts, multipessoalidades, sistemas de realidade, selves simultâneos, corpos em diferentes contextos temporais e formas de divindade que excedem radicalmente os conceitos humanos habituais de alma, self e pessoa.

A função central do capítulo é esta:

a consciência floresce em múltiplas direções, formando sistemas de realidade, identidades compostas, selves simultâneos e gestalts de consciência; aquilo que chamamos “pessoa” é apenas uma forma limitada de Selfidade dentro de uma pessoalidade maior.

1. Nenhuma marca da consciência é aniquilada

Seth começa por afirmar que, através das unidades de consciência, a consciência deixa a sua marca, e que nem um só rabisco é jamais aniquilado.

unidade de consciência → experiência → marca → continuidade

Nada do que a consciência experiencia se perde. Cada experiência altera a unidade que a vive e, ao mesmo tempo, afeta todas as outras unidades.

experiência individual → influência sobre todas as unidades

A consciência não é composta por fragmentos isolados. Cada unidade participa numa rede viva de interação.

2. Selfidade limitada

Seth afirma que é difícil explicar estas ideias porque os conceitos humanos de Selfidade são muito limitados.

Selfidade comum → um eu → uma alma → um corpo → uma linha de vida

Esta conceção impede a personalidade de compreender formas mais amplas de identidade.

A Selfidade, no sentido operativo deste capítulo, é a condição organizada de ser um self: a combinação entre "Eu" e sentido de identidade.

Eu → foco experiencial

sentido de identidade → continuidade reconhecida

Selfidade → condição organizada de ser um self

O problema não está na Selfidade em si, mas na sua versão reduzida: a ideia de que só pode haver um self, uma pessoa, uma alma e uma trajetória.

3. Identidades latentes

As unidades de consciência contêm todas as identidades “latentes”, mas não de forma predeterminada.

unidades de consciência → identidades latentes → realização aberta

Isto significa que a consciência contém possibilidades de identidade que podem organizar-se de muitos modos.

potencial identitário → propensão → organização → self

Essas identidades não estão prontas como figuras fixas à espera de surgir. Elas emergem através de significado, escolha, organização e relação com outras unidades.

4. Propensão para significado e organização

Dentro de um campo de atividade infinito, surge uma ordem significativa.

campo infinito → propensão para significado → organização → sistema de realidade

As unidades fixam-se em certos tipos de organização porque os consideram significativos. Depois constroem sobre esses padrões e atraem outras unidades da mesma natureza.

significado escolhido → padrão → atração → sistema

Assim se formam vários sistemas de realidade.

A realidade, portanto, não nasce de rigidez exterior, mas de seletividade interior.

5. Fronteiras eficazes

O tipo de significado escolhido atua como diretiva para a experiência e como método de criação de fronteiras.

significado → direção da experiência → fronteira funcional

Essas fronteiras não são muros absolutos. São delimitações operativas que permitem a determinado tipo de comportamento continuar.

fronteira → proteção → coerência → continuidade

As unidades misturam-se, mas grupos inteiros podem repelir outros grupos, criando um sistema interior protetor de interação.

mistura possível → seletividade → proteção da organização

6. Sistemas de realidade como transformação das unidades

As unidades de consciência formam-se nos sistemas que elas próprias iniciaram.

unidades → organização → sistema → realidade estruturada

Depois transformam-se na própria realidade estruturada em que se tornam.

consciência → sistema → realidade

A consciência não entra simplesmente numa realidade já feita. Ela estrutura-se como realidade.

Este ponto é essencial:

a realidade é consciência organizada segundo significado.

7. Multipessoalidade

Seth valida a ideia de “multipessoalidade” de Ruburt em *Aventuras na Consciência*.

Self de Origem → Aspetos → personificações interiores → multipessoalidade

A multipessoalidade significa que a identidade não é uma unidade simples, mas uma composição dinâmica de vários centros, focos, expressões ou pessoas interiores.

uma identidade maior → múltiplas pessoas interiores

No sistema físico comum, esta multipessoalidade aparece de forma velada. Noutros sistemas, pode tornar-se modo normal de organização da consciência.

8. O Eu-self como forma limitada

Seth critica a ideia de que um único Eu-self seja o fim primário e último da evolução.

Eu-self único → modelo humano limitado

Existem identidades que possuem muitos Eu-selves, cada um consciente e independente, mas também consciente de uma identidade maior na qual tem o seu ser.

identidade maior → muitos Eu-selves → independência + consciência de conjunto

A evolução da consciência não conduz necessariamente a um eu único e separado. Pode conduzir a formas mais amplas de identidade composta.

9. A consciência realiza-se conhecendo-se

A consciência realiza-se ao conhecer-se a si mesma.

consciência → autoconhecimento → transformação → gestalt maior

O conhecimento transforma a consciência numa gestalt mais ampla, que por sua vez tenta realizar-se e conhecer-se.

gestalt → autoconhecimento → gestalt maior

Este movimento não é uma escada linear, mas uma expansão orgânica.

A consciência cresce por autorreconhecimento.

10. Manadas, animais e consciência de massas

Seth descreve experiências da consciência na Terra envolvendo homens e animais, incluindo manadas em que cada animal era consciente do conhecimento conjunto do grupo.

animal individual → consciência da manada → proteção → troca constante

A consciência de massas da manada reconhecia a consciência individual de cada animal e protegia-a.

consciência coletiva → não anula o indivíduo

indivíduo → participa no coletivo sem ser controlado

Este ponto é importante porque impede confundir consciência de massas com perda de individualidade.

11. A raça humana e a consciência de massas

A mesma dinâmica aconteceu com a raça humana, com variações, e continua a acontecer.

indivíduo humano → consciência de massas → comunicação subterrânea

Em certos períodos, a consciência individual ficou tão enfeitiçada pelas suas próprias experiências que perdeu a comunicação clara e consciente com a consciência de massas.

foco individual intenso → perda de comunicação consciente com o coletivo

Essa comunicação não desapareceu. Passou para o subterrâneo, disponível para quem a procurasse.

ligação coletiva → oculta → acessível por procura interior

12. Gestalts psicológicas alternativas

Seth afirma que outros tipos de gestalts psicológicas foram e estão a ser experimentados.

gestalts psicológicas → organizações alternativas da consciência

Algumas pareceriam inconcebíveis ao ser humano atual. Contudo, versões delas aparecem ocasionalmente dentro do nosso sistema.

outros sistemas → formas plenas

nosso sistema → sombras, estranhezas, variações

Tudo o que aparece aqui em qualquer grau é desenvolvido noutro sistema.

13. Vários selves num só corpo

Seth afirma que é perfeitamente possível que vários selves ocupem um corpo.

um corpo → vários selves → multipessoalidade física

Se isso fosse a norma, seria facilmente aceite.

O problema não é impossibilidade, mas pressuposto cultural e perceptivo.

norma cultural → define o aceitável

outro sistema → outra norma → outra organização da identidade

Esta forma permitiria a realização de muitas capacidades que, no nosso sistema, ficam habitualmente por expressar.

14. Não se trata de possessão

Seth antecipa a associação com possessão e afasta-a.

multipessoalidade → não possessão

A possessão pressupõe invasão, substituição ou domínio externo. A multipessoalidade pressupõe organização interna, cooperação e consciência de uma identidade maior.

possessão → invasão

multipessoalidade → estrutura identitária ampliada

Esta distinção é fundamental: vários selves podem participar numa mesma estrutura sem se anularem nem se dominarem.

15. A estrutura limitada de Eu

A maior parte dos indivíduos desenvolve-se sobretudo numa direção: intelectual, emocional ou física.

estrutura limitada de Eu → seleção estreita → capacidades não usadas

A estrutura de Eu que a personalidade identifica com a Selfidade não consegue usar plenamente todas as características do corpo e da mente.

Selfidade reduzida → subutilização das capacidades

O problema não está na falta de capacidades, mas na organização limitada que decide quais delas serão expressas.

16. O self interior como fonte de estruturas de Eu

A estrutura de Eu emerge do self interior.

self interior → interesses / capacidades / impulsos → estrutura de Eu

São feitas seleções quanto às áreas de concentração.

- seleção → intelecto
- seleção → corpo
- seleção → emoção
- seleção → espiritualidade

Raramente uma só pessoa desenvolve plenamente todos estes domínios numa vida comum.

O sistema físico humano atual privilegia uma organização especializada da Selfidade.

17. Sistemas com três ou quatro pessoas num self interior

Em alguns sistemas físicos, três ou quatro “pessoas” emergem do mesmo self interior.

self interior → várias pessoas → capacidades distribuídas

Cada uma utiliza, da melhor forma possível, as características que lhe são próprias.

Isto pressupõe uma gestalt de consciência em que cada uma conhece as atividades das outras e participa nelas.

pessoa A ↔ pessoa B ↔ pessoa C ↔ pessoa D

consciência partilhada → identidade ampliada

Trata-se de uma versão diferente de consciência de massas, aplicada à estrutura individual.

18. Masculino e feminino integrados

Nesses sistemas, há variações físicas de natureza sexual.

identidade → masculino + feminino → variações físicas

A identidade inclui, em todos os níveis, o masculino e o feminino.

Isto prolonga a ideia já presente em Seth: a identidade profunda não é reduzível à polaridade sexual atual.

sexo físico → foco específico

identidade maior → integração de masculino e feminino

19. A imprevisibilidade realiza todas as probabilidades

O ponto central de Seth é que as unidades de consciência são imprevisíveis e realizam todas as probabilidades da consciência.

unidades imprevisíveis → todas as probabilidades → realização

A imprevisibilidade não é caos sem sentido. É a condição que permite variedade, criatividade e atualização.

imprevisibilidade → liberdade criativa → multiplicidade de sistemas

A consciência não evolui para uma forma única. Explora todas as formas significativas.

20. Ideias limitadas de deuses tornam-se inúteis

Qualquer conceito de deuses ou seres baseado em ideias limitadas de personalidade acabará por ser inútil.

Deus como pessoa ampliada → modelo limitado

divindade → gestalt de consciência → personalidade maior

Os conceitos humanos de pessoa são demasiado estreitos para conter a natureza das gestalts de consciência das quais emergimos.

pessoa humana → foco reduzido

personalidade maior → campo vasto de consciência

21. A realidade interior é tão infinita como a exterior

Seth convida o leitor a pensar numa realidade interior tão infinita como a exterior.

vida física → animais / insetos / aves / peixes / humanidade / obras humanas

vida interior → variedade ainda maior

A humanidade observa a diversidade exterior quase sem se inquietar, mas resiste a imaginar diversidade semelhante na consciência.

variedade física aceite → variedade interior recusada

O capítulo quebra essa resistência.

22. A ideia atual de alma é primitiva

Seth afirma que a ideia atual de alma é “primitiva”.

alma como unidade simples → ideia limitada

Essa ideia mal começa a explicar a criatividade ou a realidade de onde procede o ser da humanidade.

A alma, tal como é concebida habitualmente, é demasiado pequena para conter a multiplicidade da consciência.

alma comum → uma entidade

realidade profunda → multipessoas, gestalts, unidades, sistemas, divindade

23. Sois multipessoas

Seth afirma diretamente:

sois multipessoas

Existis em muitos tempos e lugares ao mesmo tempo, e existis como uma só pessoa, simultaneamente.

muitos tempos → muitos lugares → uma pessoa simultânea

Esta afirmação não nega a independência das pessoas. Mostra que a realidade interior atravessa essas pessoas e lhes serve de mundo psíquico.

realidade interior → atravessa pessoas → sustenta crescimento

A identidade não é só uma pessoa. É também o campo no qual várias pessoas crescem.

24. Não há progressão linear entre níveis

Seth recusa uma discussão de “níveis” entendidos como degraus de progressão.

nível inferior → nível superior → progressão linear

Essa visão nasce da unipessoalidade, do tempo consecutivo e de versões limitadas da alma.

Seth substitui a hierarquia por diferença.

flores vermelhas / amarelas / violetas → nenhuma é mais avançada → cada uma é diferente

A diferença não implica superioridade.

25. Pétala, raiz e bolbo

Seth usa a flor para mostrar que as manifestações não devem ser hierarquizadas.

bolbo → caule → folhas → flor

Nos nossos termos, parece haver sequência. Mas a flor não é melhor do que o bolbo; é o bolbo numa das suas manifestações.

- bolbo → manifestação flor
- raiz → não inferior
- pétala → não superior

Cada parte tem função própria dentro da totalidade.

26. A consciência floresce em todas as direções

A consciência não sobe apenas; floresce em todas as direções.

consciência → expansão multidirecional

Todas as direções tomadas pela flor da consciência são boas.

desenvolvimento → não escala vertical

desenvolvimento → florescimento múltiplo

Esta imagem substitui a ideia de progresso espiritual linear por uma topologia viva de expressão.

27. Tu fazes parte desses selves agora

Seth afirma que o leitor já faz parte dos selves mais maduros e abrangentes que parecem emergir mais tarde.

self atual → parte de selves mais abrangentes agora

A diferença temporal só tem significado no nosso sistema.

tempo físico → cria sequência

realidade maior → simultaneidade

Assim, aquilo que parece futuro pode estar já presente como dimensão mais ampla da identidade.

28. Estratos de consciência coexistentes

Existem estratos de consciência coexistindo ao mesmo tempo.

estratos de consciência → coexistência simultânea

Os estratos de que ainda não temos consciência parecem mais avançados, mas já fazemos parte deles.

não percebido → parece superior

realidade profunda → coexistente

O desenvolvimento não consiste em ir para longe, mas em alargar os conceitos de personalidade e consciência até reconhecer aquilo de que já se participa.

29. Muitos corpos no tempo

Em termos de tempo, tens muitos corpos.

nascimento / renascimento → muitos corpos → experiência terrestre

A consciência atravessa essas existências.

consciência → atravessa corpos → continuidade multidimensional

Até os átomos e moléculas do corpo presente contêm conhecimento codificado dessas outras formas, que são simultâneas.

corpo presente → memória biológica e psíquica de outras formas

A multipessoalidade não é apenas psicológica. É também biológica e psíquica.

30. Reencarnação como probabilidade em contexto temporal

Seth redefine a reencarnação de forma decisiva.

reencarnação → probabilidades num contexto temporal

As personalidades reencarnacionais são porções do self materializadas em contextos históricos.

porção do self → corpo → tempo → contexto histórico

A reencarnação não é uma fila de vidas separadas. É o modo como certas probabilidades da identidade são expressas dentro do tempo.

probabilidade → materialização histórica → self reencarnacional

31. Tempo para trás e para a frente

Todos os tipos de tempo emergem da natureza imprevisível da consciência.

consciência imprevisível → séries de significados → formas de tempo

A memória opera para trás e para a frente no tempo.

futuro → informa passado

passado → sustenta futuro

A flor futura chama o bolbo e ensina-o a formar a flor.

flor futura → bolbo → desenvolvimento

Isto inverte a ideia comum de causalidade.

32. Self futuro e confiança prática

O self futuro, ou mais desenvolvido, pode ser visto como a flor que chama o bolbo.

self futuro → conhece respostas → chama o self atual → orientação prática

Esse self pode ser confiado de forma prática, não como figura distante, mas como uma dimensão própria da identidade.

self atual → parte do self futuro

self futuro → parte do self atual

A orientação interior pode vir de uma porção mais abrangente da própria identidade.

33. Os deuses como gestalts maiores

Seth sugere que os deuses podem ser vistos sob a mesma luz, mas numa escala maior.

self futuro → orientação da identidade

deuses → gestalts maiores de consciência → orientação em escala ampla

Enquanto os conceitos de personalidade forem limitados, haverá tendência para personificar os deuses.

personalidade limitada → deuses personificados

Conceitos mais amplos de personalidade permitem vislumbrar as verdadeiras gestalts de consciência das quais emergimos.

personalidade ampliada → vislumbre das gestalts

34. Personalidade maior

Cada pessoa é parte de uma personalidade maior.

pessoa → parte de personalidade maior

Essa personalidade maior é tão rica que os conceitos humanos de Selfidade obrigam a diluí-la até um grau compreensível.

gestalt rica → diluição conceptual → deus / self superior / alma / entidade

As ideias de Seth não procuram diminuir a pessoa, mas devolver-lhe a sensação emocional e intelectual da divindade maior da qual emerge.

35. Divindade e unidades de consciência

A divindade é formada pela emergência e crescimento eternos, mas sempre novos, das unidades básicas de consciência.

unidades de consciência → emergência eterna → crescimento sempre novo → divindade

A realidade da divindade atravessa a realidade de cada unidade e a realidade coletiva de todas as unidades.

cada unidade → divindade

todas as unidades → divindade coletiva

A divindade não está fora das unidades. Atravessa-as.

Fórmula do capítulo

unidades de consciência → significado → seletividade → fronteiras → sistemas de realidade

Selfidade limitada → um self / uma alma / um corpo / uma vida

Selfidade ampliada → multipessoalidade → muitos Eu-selves → gestalts de consciência

reencarnação → probabilidades em contexto temporal → porções do self materializadas historicamente

flor futura → bolbo → memória para trás e para a frente → self futuro como orientação

pessoa → pessoalidade maior → gestalts de consciência → divindade

Síntese final

Este capítulo mostra que a identidade humana comum é apenas uma versão estreita de um princípio muito mais amplo. A consciência não se organiza apenas como uma pessoa, uma alma, um corpo ou uma vida. Ela forma sistemas, gestalts, selves múltiplos, pessoalidades maiores e estruturas de experiência que desafiam os conceitos habituais de indivíduo.

A multipessoalidade não é fragmentação. É organização ampliada.

A reencarnação não é sequência simples de vidas. É probabilidade expressa em contexto temporal.

Os deuses não são apenas pessoas maiores. São gestalts de consciência, percecionadas através de conceitos humanos limitados.

E a divindade não está separada das unidades básicas de consciência: forma-se pela sua emergência eterna, pelo seu crescimento sempre novo e pela realidade coletiva que todas elas compõem.

Aquilo que chamas “tu” é real, válido e inviolável. Mas não é tudo o que és.

A tua Selfidade atual é uma flor da consciência. O bolbo inteiro continua vivo em ti.

CAPÍTULO 6

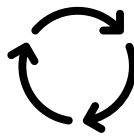
O Corpo como Triunfo das Probabilidades

Jane disse aos seus alunos da aula de PES que Seth tinha começado um novo livro. Seth também teve algumas coisas a dizer sobre o livro. Segue-se uma transcrição da gravação da aula:

— *"Agora, a realidade não tem princípio nem fim. Esperemos que, nos vossos termos de tempo, possais vislumbrar aquilo que quero dizer. Existe, de facto, um universo em expansão, e ele é formado no presente eterno. No meu livro, irei tão longe quanto puder nestes princípios, embora alguns de vós não consigam acompanhar. Criam a vossa própria realidade. Isso funciona e é verdadeiro, quer acompanhem ou não, quer se interessem ou não por acompanhar estas outras esferas.*

— *"Para aqueles de vós que me acompanharem, prometo-vos uma aventura, uma alteração criativa da consciência, e experiências para além daquelas que conhecestes nos vossos termos. Olhais para o mundo à vossa volta e ficais maravilhados com a sua riqueza e variedade. Pensais que o mundo interior não é tão rico, ou até mais rico, mais válido? Pensais que existe apenas um tipo de consciência?*

— "O vosso mundo é formado a partir da vasta imprevisibilidade da consciência. A partir dela, formais as vossas próprias ideias de significado e de vós mesmos. Tendes de parar de pensar em termos de progressão comum. Já é mau quando vos preocupais em acompanhar os vizinhos. Mas é outra coisa quando começais a preocupar-vos com que tipo de self, ou de consciência, é superior a outro."



— Estas unidades de consciência (UC) movem-se mais depressa do que a velocidade da luz — mas essa afirmação, em si mesma, é de certo modo sem sentido, uma vez que as unidades existem tanto fora como dentro do enquadramento no qual a própria luz tem significado.

— Contudo, à medida que estas unidades se aproximam da estrutura física, abrandam, nos vossos termos. Os eletrões, por exemplo, são lentos e entorpecidos quando comparados com as unidades EE. Escusado será dizer que as unidades de consciência são "mentais", ou, se preferires, desencarnadas, embora da sua organização interna emergjam todas as formas físicas. Certas intensidades são construídas a partir da organização das unidades antes mesmo de existir a mais pequena partícula física, ou mesmo

uma partícula “física” invisível. Estas unidades formam aquilo que pensais como a mente, em torno da qual se formula a estrutura do cérebro. As unidades permeiam o cérebro.

— O grande sistema de comunicação dentro do próprio corpo depende, então, do fluxo e refluxo internos constantes destas unidades. A um nível, a própria sobrevivência do corpo é largamente determinada pelas propensões das unidades para a seletividade e o significado. Contudo, a realidade física do corpo parece também uma constante numa existência física aparentemente constante.

— Só porque estas unidades têm a sua origem fora do espaço e do tempo é que a realidade corporal presente constitui um triunfo das probabilidades. A tua imagem presente, por exemplo, parece ser a única possível para ti, permanentemente tua pelo menos durante a tua vida; e aquilo que lhe acontece parece quase inevitável. Se adoeces, por exemplo, podes perguntar-te porquê; contudo, uma vez que a doença ocorreu, torna-se parte da realidade do corpo e parece quase uma parte inevitável da sua experiência.

— No entanto, as unidades de consciência, sendo independentes do espaço e do tempo, formam a tua estrutura celular, e essa estrutura lida, da forma mais básica, com a natureza das probabilidades. Embora o corpo pareça permanente e existente de um momento para o seguinte, basicamente ele ergue-se constantemente a partir do leito das probabilidades, pairando no

teu ponto-agora de percepção e experiência; e a sua aparente estabilidade depende do conhecimento das probabilidades "futuras", bem como das "passadas".

— O teu presente é o resultado da tua própria consciência em equilíbrio, escolhendo a sua percepção e a natureza da sua vida a partir de um campo que só é previsível, de algum modo, por causa da área mais vasta de organização que lhe está disponível.

— A condição do teu corpo, em qualquer momento, não é tanto o resultado da sua própria compreensão da sua "história passada" como é o resultado da sua própria compreensão das probabilidades futuras. As células precognizam. Isto está a ser simplificado por agora. Torná-lo-ei mais claro mais adiante no livro. Mas as vossas ideias limitadas de tempo criam barreiras conceptuais que operam mesmo quando considerais a estrutura da vida biológica física.

— Por exemplo, é mais verdadeiro dizer que a hereditariedade opera do futuro para trás, em direção ao passado, do que dizer que opera do passado para o presente. Nenhuma das afirmações seria, em todo o caso, precisamente correta, porque o vosso presente é um equilíbrio suspenso, afetado tanto pelo futuro provável como pelo passado provável.

— Por norma, o teu corpo está sempre aqui para ti. A tua experiência parece centrada dentro dele, com o resto do mundo seguramente do lado de fora. Contudo, a seletividade particular do teu tipo de consciência passa por cima de lapsos que não

reconheces. De certa maneira, os vossos corpos piscam, ligando-se e desligando-se como luzes. A realidade deles flutua, do vosso ponto de vista. Aliás, o mesmo acontece com o universo físico.

— Podes compreender o que se quer dizer quando se afirma que a tua consciência flutua — pois cada indivíduo tem consciência de várias intensidades e concentrações. Estás mais alerta, ou, nos teus termos, mais consciente em certas ocasiões do que noutras. Agora, o mesmo se aplica a estas unidades de consciência — e aos átomos, moléculas, eletrões e outros fenómenos semelhantes. O mundo, literalmente, pisca, ligando-se e desligando-se. Esta realidade de flutuação, contudo, em nada perturba a tua própria sensação de consistência. Os "buracos" de não existência são tapados pelo processo de seletividade. Esse processo escolhe significados, novamente, em torno dos quais a experiência é construída e em torno dos quais a "vida" é sentida. As próprias sensações de um tipo de vida erguem então automaticamente barreiras contra outros "esquemas-de-mundo" que não se correlacionam com o seu.

— É impossível examinares um átomo, uma célula ou qualquer outra coisa exceto no teu agora. Porque a tua experiência sensorial segue um padrão temporal que consegues compreender, dás por garantido que uma célula, por exemplo, é resultado do seu passado, e que a sua condição presente surge do passado. O feto transforma-se num adulto não porque esteja programado a partir do passado, mas porque está, até certo ponto, precognitivamente consciente das suas probabilidades e, a partir do "futuro", imprime então essa informação na estrutura passada.

— *Do teu ponto de vista, contudo, um exame de uma célula não te mostrará isso, mas apenas a sua condição presente. Deveria ser evidente, a partir do que estou a dizer, que nem o futuro nem o passado estão predeterminados. A partir da tua plataforma de experiência-agora em equilíbrio, alteras tanto o passado como o futuro; e essa alteração, essa mudança, essa ação, causa o teu ponto imediato de vida sensorial.*

— *A preciosa privacidade da tua existência — e, de facto, do teu universo — é tanto mais milagrosa, por assim dizer, precisamente porque a sua realidade provável emerge de um campo infinito de probabilidades, cada uma para sempre inviolável. É importante que estas ideias sejam consideradas.*

— *Não podes separar as tuas crenças acerca da realidade da realidade que experiencias. Isto é, as tuas crenças acerca da realidade formam-na. As tuas ideias sobre aquilo que é ou não possível refletem-se em todas as áreas.*

— *É quase impossível começar com conceitos de um universo isolado, um self à mercê do seu passado, uma sequência temporal única, e acabar com qualquer teoria aceitável de uma Alma multidimensional ou de uma divindade que não seja apenas um conceito personificado e glorificado daquilo que julgais que o homem é.*

— *Não sofrem apenas as vossas metafísicas e ciências; a vossa experiência quotidiana enquanto seres humanos fica também muito*

aquém daquilo que poderia ser. Existem, então, probabilidades bastante presentes e, aliás, biologicamente práticas, que permitiriam uma mudança na consciência individual tão grande que literalmente impulsionaria a raça para outro nível de experiência por completo. Tal como, nos vossos termos, os homens das cavernas se aventuraram para a luz diurna da Terra, há um tempo para o homem se aventurar num conhecimento maior da sua realidade subjetiva, para explorar as dimensões da Selfidade e ir além das pequenas áreas de si mesmo nas quais até agora encontrou abrigo.

— Em termos de história, tal como a entendeis, o homem sentiu-se seguro e protegido como espécie principal sob um único sol, imaginando que tudo o resto girava em torno do seu ser. Isto proporcionou, dentro desse enquadramento, uma estabilidade que foi abandonada à medida que o homem permitiu à sua consciência outras liberdades. Agora, portanto, tem de compreender que ele próprio escolhe, a partir de uma miríade de probabilidades, aquela que encontra neste momento.

— O único self que reconhece é a única parte de si mesmo da qual está atualmente consciente. Outras facetas da consciência que lhe estão disponíveis, e que fazem parte da sua natureza maior, parecem estrangeiras, ou "não-self", ou "para além do self", por causa do foco de seletividade tal como agora opera.

— Isto obviamente não significa que não existam entidades cuja Selfidade seja completamente separada da vossa. Significa, isso

sim, que os vossos conceitos vos obrigam a interpretar mal e a distorcer qualquer informação ou experiência “intrusiva” que faça parte de porções do vosso próprio ser que não reconheceis como o vosso self oficial.

— Tal comportamento causa até certa desonestidade corporal, pois a liberdade das células em relação ao tempo significa que, em certos níveis, a estrutura celular tem consciência de acontecimentos futuros prováveis, como foi mencionado. O corpo, portanto, reage também à atividade futura e passada, a fim de manter o seu equilíbrio corporal presente.

— O conhecimento inato do corpo tentará, então, traduzir-se muitas vezes em atividade psicológica que pode resultar em palpites, premonições, e assim por diante. Os sentidos podem ser utilizados para clarificar a mensagem. Poderás, por exemplo, ouvir mentalmente uma voz, ou ver uma imagem súbita. De acordo com as tuas crenças, poderás interpretar esses dados de muitas maneiras; mas, porque essas experiências não fazem parte aceite da atividade reconhecida e oficial, podem parecer assustadoras. Podes atribuí-las a “espíritos” ou a personalidades desencarnadas, mas de tal modo que estas são lançadas numa amálgama confusa de dogma ou superstição.

— Se compreendesses, à partida, que és um espírito — e, portanto, tu próprio livre do espaço e do tempo —, então poderias pelo menos considerar a possibilidade de que algumas dessas mensagens te chegassem de outras porções da tua própria

realidade. Essas mensagens são muitas vezes formas de te permitir evitar certas ações prováveis.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca o corpo físico da ideia de objeto estável para a de atualização viva, momentânea e altamente seletiva de probabilidades. Seth mostra que aquilo que parece ser o corpo contínuo, sólido e inevitável é, na verdade, uma organização flutuante de unidades de consciência, sustentada por escolhas, crenças, precognição celular e equilíbrio entre passados e futuros prováveis.

A função central do capítulo é esta:

o corpo físico é um triunfo das probabilidades: uma realidade corporal presente que emerge continuamente de um campo infinito de possibilidades, estabilizada pela seletividade da consciência e pelo conhecimento celular de linhas prováveis.

1. As unidades de consciência estão para além da luz

Seth começa por afirmar que as unidades de consciência se movem mais depressa do que a velocidade da luz, mas imediatamente relativiza essa afirmação.

velocidade da luz → medida física

unidades de consciência → fora e dentro do enquadramento onde a luz tem significado

A velocidade só faz sentido dentro de um sistema onde espaço, tempo e luz já funcionam como referências. As unidades de consciência pertencem a um nível mais básico: não são partículas físicas, embora delas emergjam todas as formas físicas.

UC → anteriores à estrutura física → origem das formas físicas

2. As UC abrandam ao aproximar-se da estrutura física

À medida que se aproximam da estrutura física, as unidades de consciência abrandam, nos nossos termos.

UC → aproximação da fisicalidade → abrandamento relativo → organização física

Seth compara os elétrões com as unidades EE e mostra que, em comparação com estas, os elétrões são lentos.

UC → unidades EE → elétrões → partículas físicas

O físico é uma desaceleração, uma concentração e uma estabilização de processos mais rápidos e subtis.

3. A mente antes do cérebro

As unidades de consciência formam aquilo que pensamos como a mente, e é em torno dessa mente que se formula a estrutura do cérebro.

UC → mente → estrutura cerebral

Isto inverte a sequência comum.

visão comum → cérebro produz mente

visão de Seth → mente organiza o cérebro

O cérebro não é origem última da consciência. É uma estrutura formulada em torno de uma realidade mental prévia.

4. O corpo como sistema de comunicação

O sistema de comunicação dentro do corpo depende do fluxo e refluxo interno das unidades de consciência.

UC → fluxo interno → comunicação corporal → sobrevivência física

A sobrevivência do corpo depende, em grande medida, das propensões das unidades para seletividade e significado.

seletividade → escolha de padrões

significado → organização da experiência corporal

O corpo não é máquina fechada. É comunicação viva organizada.

5. O corpo parece constante

Apesar da sua natureza flutuante, o corpo parece uma constante numa existência física aparentemente constante.

flutuação profunda → aparência de estabilidade

A consciência física não percebe as interrupções, pulsações e reorganizações que sustentam o corpo.

processo descontínuo → percepção contínua

Aquilo que parece permanência é uma forma de estabilização perceptiva.

6. O corpo como triunfo das probabilidades

Seth formula o núcleo do capítulo: a realidade corporal presente é um triunfo das probabilidades.

UC fora do espaço-tempo → campo de probabilidades → realidade corporal presente

O corpo parece ser a única imagem possível de ti, mas essa impressão é produzida pelo foco seletivo da consciência.

imagem corporal atual → parece inevitável → é apenas uma atualização provável

Mesmo a doença, quando ocorre, torna-se parte da realidade do corpo e passa a parecer inevitável. Mas ela também emerge de probabilidades selecionadas, não de uma fatalidade absoluta.

7. O corpo ergue-se do leito das probabilidades

O corpo não existe como bloco fixo que atravessa o tempo.

corpo → ergue-se continuamente → leito das probabilidades

A cada momento, ele paira no ponto-agora de percepção e experiência.

probabilidades → ponto-agora → corpo percebido

A sua aparente estabilidade depende tanto do conhecimento de probabilidades futuras como de probabilidades passadas.

passado provável + futuro provável → estabilidade corporal presente

8. O presente como equilíbrio suspenso

O presente não é simples resultado do passado. É um equilíbrio suspenso.

passado provável → influência

futuro provável → influência

consciência em equilíbrio → presente

A consciência escolhe a sua percepção e a natureza da sua vida a partir de um campo previsível apenas porque existe uma organização maior que sustenta essas escolhas.

campo de probabilidades → organização maior → presente experienciado

9. As células precognizam

Seth afirma diretamente: as células precognizam.

células → consciência de probabilidades futuras → organização corporal

A condição do corpo, em qualquer momento, depende menos da sua “história passada” do que da sua compreensão das probabilidades futuras.

corpo → não apenas passado biológico

corpo → resposta a futuro provável

Isto transforma a biologia: a célula não é apenas consequência do que aconteceu. É também resposta ao que pode acontecer.

10. Hereditariedade do futuro para o passado

Seth afirma que é mais verdadeiro dizer que a hereditariedade opera do futuro para trás, em direção ao passado, do que do passado para o presente.

futuro provável → informação → estrutura passada

A formulação não deve ser tomada como inversão literal simples. O próprio Seth diz que nenhuma das afirmações é precisamente correta.

O ponto essencial é este:

presente → equilíbrio entre passado provável e futuro provável

A hereditariedade não é uma linha mecânica que empurra o corpo a partir do passado. É um processo vivo em que o organismo responde a campos prováveis de desenvolvimento.

11. O corpo pisca como luz

Seth afirma que os corpos piscam, ligando-se e desligando-se como luzes.

corpo → ligado / desligado → flutuação da realidade física

O mesmo acontece com o universo físico.

universo físico → flutuação → aparência de continuidade

A consciência não reconhece os lapsos. O seu processo de seletividade tapa os "buracos" de não existência.

lapsos → não reconhecidos → continuidade sentida

A vida física parece contínua porque a consciência seleciona significados e organiza experiência em torno deles.

12. Seletividade e esquemas-de-mundo

O processo de seletividade escolhe significados em torno dos quais a experiência é construída.

seletividade → significado → experiência → sensação de vida

Cada tipo de vida ergue barreiras contra outros esquemas-de-mundo que não se correlacionam com o seu.

um esquema-de-mundo → coerência própria → exclusão perceptiva de outros esquemas

A realidade física funciona porque a consciência seleciona um campo de significados e exclui outros, para manter coerência experiencial.

13. Só examinamos a célula no nosso agora

É impossível examinar uma célula exceto no agora.

exame físico → célula no presente

Por isso, a ciência tende a concluir que a célula é resultado do passado.

observação no agora → interpretação temporal → causa passada

Mas, segundo Seth, o feto cresce para adulto porque está precognitivamente consciente das suas probabilidades.

feto → conhecimento provável → adulto provável → organização do desenvolvimento

O crescimento é orientado tanto por futuro provável como por passado biológico.

14. O passado e o futuro não estão predeterminados

Seth deixa claro que nem o futuro nem o passado estão predeterminados.

presente em equilíbrio → alteração do passado → alteração do futuro

A partir da experiência-agora, a consciência altera ambos.

agora → ação → reorganização de passado e futuro prováveis

O presente não é um ponto passivo entre passado e futuro. É uma plataforma ativa de alteração.

experiência-agora → mudança → ponto imediato de vida sensorial

15. A privacidade milagrosa da existência

A existência individual é preciosa precisamente porque emerge de um campo infinito de probabilidades.

campo infinito → probabilidades invioláveis → realidade individual

Cada existência é privada, singular e milagrosa porque corresponde a uma seleção única dentro de possibilidades infinitas.

infinito provável → tua vida específica

A individualidade não é diminuída pela multiplicidade das probabilidades. Pelo contrário, torna-se mais preciosa.

16. Crenças e realidade não podem ser separadas

Seth volta ao princípio central:

crenças acerca da realidade → realidade experienciada

As crenças não são opiniões separadas da experiência. Elas formam a realidade que a consciência encontra.

possível / impossível → crença → percepção → experiência

Aquilo que aceitas como possível ou impossível reflete-se em todas as áreas da vida.

17. Conceitos limitados produzem teorias limitadas

Se se começa com a ideia de um universo isolado, um self à mercê do passado e uma única sequência temporal, não se pode chegar a uma compreensão real da Alma multidimensional ou da divindade.

universo isolado → self isolado → tempo único → divindade personificada limitada

O resultado será sempre um Deus ou uma Alma moldados à imagem reduzida do homem.

conceitos humanos limitados → metafísica limitada → ciência limitada → experiência limitada

As nossas teorias da realidade ficam presas à nossa noção de pessoa.

18. A experiência humana poderia ser maior

Seth afirma que a vida humana fica muito aquém daquilo que poderia ser.

conceitos limitados → experiência reduzida

Existem probabilidades biologicamente práticas que permitiriam uma mudança tão grande na consciência individual que impulsionariam a raça para outro nível de experiência.

probabilidades presentes → mudança individual → mudança da espécie

A expansão da consciência não é abstração espiritual. Tem consequências biológicas, perceptivas e históricas.

19. A nova saída da caverna

Seth compara a situação atual da humanidade à saída dos homens das cavernas para a luz do dia.

homem das cavernas → luz física da Terra

humanidade atual → realidade subjetiva mais ampla

Agora, a aventura não é apenas sair para o mundo exterior, mas entrar num conhecimento maior da realidade subjetiva.

exploração exterior → exploração interior

luz física → luz subjetiva

O novo território é a Selfidade.

20. Dimensões da Selfidade

Seth convida o homem a explorar as dimensões da Selfidade e a ir além das pequenas áreas de si mesmo nas quais encontrou abrigo.

self oficial → abrigo limitado

Selfidade → dimensões mais amplas → realidades subjetivas

O self reconhecido é apenas uma parte da identidade.

self conhecido → foco atual

natureza maior → outras facetas da consciência

Outras facetas parecem estrangeiras, “não-self” ou “para além do self” apenas porque o foco seletivo da consciência as exclui.

21. Informação intrusiva pode vir do próprio ser

Seth não nega que existam entidades com Selfidade separada da nossa. Mas mostra que muitos dados aparentemente “intrusivos” podem vir de porções não reconhecidas do nosso próprio ser.

experiência intrusiva → interpretação distorcida → espíritos / dogma / superstição

experiência intrusiva → porções próprias da realidade → mensagem provável

A dificuldade está nos conceitos que obrigam a interpretar mal aquilo que não cabe no self oficial.

22. Desonestidade corporal

Quando a personalidade recusa essas porções de si mesma, cria-se certa desonestidade corporal.

células livres do tempo → conhecimento de futuros prováveis

mente consciente limitada → recusa ou distorção da informação

O corpo reage a atividade passada e futura para manter o equilíbrio corporal presente.

passado provável + futuro provável → equilíbrio corporal

A mente consciente pode negar, mas o corpo sabe.

23. Palpites, premonições e mensagens corporais

O conhecimento inato do corpo pode traduzir-se em atividade psicológica.

conhecimento corporal → palpite → premonição → voz mental → imagem súbita

Os sentidos podem ser usados para clarificar a mensagem.

mensagem interior → voz / imagem / sensação

Segundo as crenças da pessoa, esses dados podem ser interpretados de muitas formas. Como não pertencem à atividade reconhecida e oficial, podem parecer assustadores.

experiência não oficial → medo → dogma ou superstição

24. És espírito agora

Seth oferece a chave de leitura:

tu és espírito → livre do espaço e do tempo

Se compreendesses isso desde o início, poderias considerar que algumas mensagens vêm de outras porções da tua própria realidade.

outras porções de ti → mensagens → evitar ações prováveis

O espírito não é algo que virás a ser depois da morte. É o que já és, mesmo enquanto estás fisicamente focado.

Fórmula do capítulo

UC fora do espaço-tempo → mente → cérebro → corpo

corpo → campo de probabilidades → ponto-agora → estabilidade aparente

células → precognição → passado provável + futuro provável → equilíbrio corporal

seletividade → buracos de não existência tapados → continuidade física

crenças → percepção do possível → realidade experienciada

self oficial → exclusão de outras facetas → distorção de mensagens interiores

reconhecimento de que és espírito → abertura às porções maiores da tua realidade

Síntese final

Este capítulo mostra que o corpo físico não é uma estrutura fixa empurrada pelo passado. É uma realização presente, viva e seletiva de probabilidades.

As células conhecem mais do que a mente consciente admite. O corpo responde a futuros prováveis tanto quanto a passados prováveis. A sua estabilidade é uma aparência funcional, produzida pela seletividade da consciência, que tapa as flutuações e organiza uma sensação coerente de vida física.

O mesmo acontece com a identidade. O self oficial é apenas uma faixa reconhecida de uma realidade maior. Outras facetas da consciência parecem estrangeiras apenas porque os conceitos humanos de pessoa, tempo e corpo são demasiado estreitos.

A grande viragem do capítulo é esta:

o corpo não te prende ao espaço e ao tempo; ele é a forma como uma consciência livre do espaço e do tempo estabiliza uma experiência provável no ponto-agora.

Tu és espírito agora.

O corpo é uma das tuas traduções.

E a tua vida presente é o milagre seletivo de uma probabilidade escolhida.

CAPÍTULO 7

O Corpo como Padrão e Portal para as Probabilidades

— O corpo é também padrão. Embora o material que o compõe mude constantemente, o padrão mantém a sua própria integridade. A forma está gravada no espaço e no tempo, e, contudo, o próprio padrão também existe fora desse enquadramento — o corpo é, portanto, uma projeção no campo tridimensional.

— As consciências das células dentro dele, contudo, são eternas. O enquadramento físico é, então, ele próprio composto de substância imortal. A projeção no tempo e no espaço pode desaparecer, nos vossos termos, definhar e morrer. A identidade principal continua a existir, tal como continuam a existir as consciências de milhões de células que, em determinado momento, fizeram parte do corpo.

— Enquanto é habitado pela consciência humana habitual, o corpo vivo opera como um ponto de foco intenso. A aglomeração de consciências dentro dele, em todos os níveis, focaliza a sua própria rede de comunicação. Esta rede privada está ligada a todas as outras redes semelhantes. Existem, portanto, níveis de interação simplesmente entre todos os corpos, eletromagnética e biologicamente. Contudo, a rede é mais vasta do que isso. Não só todas as células podem responder umas às outras, como a sua

atividade coletiva desencadeia centros ainda mais elevados da consciência, levando-os a responder a determinado conjunto de condições do mundo, em vez de a outras condições igualmente legítimas que não se ajustam ao padrão aceite. As probabilidades, até certo ponto, são então determinadas segundo linhas celulares. Isto deveria ser óbvio.

— A própria estrutura do corpo estabelece, por si mesma, padrões para os tipos de probabilidades que podem ser praticamente experienciados. A realidade-fonte da qual tudo o resto brota nunca é predeterminada — isto é, predestinada, ou sequer fixada. O universo, em quaisquer termos, está sempre a ser criado.

— Quando a consciência se especifica, vê-se sempre no centro do seu mundo. Todas as especificações da consciência e todas as aparências fenoménicas ocorrem quando as unidades básicas de consciência, as UC, emergem como unidades EE e, daí, para as dimensões da atualidade, nos vossos termos.

— A vossa consciência normal, principalmente aceite, está dentro da matéria do vosso corpo e, através dele — do corpo —, vedes o vosso mundo. Nada vos impede de ver o vosso corpo a partir de um ponto de vista exterior a ele, exceto o facto de vos terem ensinado que a consciência está aprisionada na carne.

— O corpo é um organismo emissor e recetor; a vossa estação-base, por assim dizer, e o foco da vossa atividade. Podeis, contudo, saltar dele de forma bastante consciente — e fazeis isso muitas

vezes quando, durante algum tempo, particularmente no estado de sonho, vedes o mundo a partir de outra perspetiva.

— Em algumas aventuras, visitais de facto outras realidades prováveis nas quais tendes uma estrutura corporal tão real como a “vossa”. Aliás, a vossa própria constituição psicológica alcança a sua maravilhosa complexidade porque retira elementos do rico banco das vossas existências prováveis mais amplas. Mesmo uma pequena compreensão destas ideias pode ajudar-vos a vislumbrar quão limitados têm sido os conceitos anteriores de psicologia.

— O self que conheces e reconheces transporta dentro de si indícios e vestígios de todas as tuas características prováveis que podem ser atualizadas dentro do teu sistema de realidade. O teu corpo está equipado para levar qualquer uma delas à realização. Agora, por causa da seletividade mencionada anteriormente, certas direções podem ser mais fáceis do que outras, e algumas podem parecer impossíveis. Contudo, dentro da estrutura psicológica e biológica da tua espécie, as estradas das probabilidades têm mais interseções do que imaginas.

— A mente consciente, tal como normalmente a concebes, dirige a tua ação global, e as suas ideias determinam o tipo de seletividade que usas. É por esta razão que estou a tentar expandir as tuas ideias conscientes, para que fiques mais bem equipado para escolher a tua linha de experiência física entre todas as linhas prováveis que se encontram abertas para ti.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a função do corpo dentro da realidade física. Seth mostra que o corpo não é apenas matéria organizada, nem simples recipiente da consciência. É um padrão vivo, uma projeção no campo tridimensional, uma estação-base emissora e recetora, e um portal através do qual a consciência pode escolher, explorar e atualizar linhas prováveis de experiência.

A função central do capítulo é esta:

o corpo físico é um padrão estável de projeção da consciência no espaço-tempo, mas também um portal dinâmico para outras perspectivas, outras probabilidades e outras formas de experiência corporal.

1. O corpo é padrão

Seth começa com uma afirmação direta: o corpo é também padrão.

material corporal → mudança constante

padrão corporal → integridade preservada

A matéria que compõe o corpo muda continuamente, mas o padrão mantém a sua própria coerência.

O corpo, portanto, não deve ser entendido apenas como conjunto de substâncias físicas. Ele é uma organização persistente, uma forma padronizada de presença, gravada no espaço e no tempo, mas enraizada também fora desse enquadramento.

padrão fora do espaço-tempo → projeção no campo tridimensional → corpo físico

2. A forma física pode desaparecer, mas a consciência continua

A projeção corporal pode definhar e morrer, mas isso não significa que a consciência seja destruída.

corpo físico → projeção temporal

identidade principal → continuidade

consciências celulares → continuidade própria

Seth alarga a ideia de imortalidade: não apenas a identidade principal continua, mas também as consciências das células que participaram no corpo continuam a existir.

O corpo físico é composto de substância imortal, mesmo quando a forma projetada desaparece.

3. O corpo vivo como ponto de foco intenso

Enquanto é habitado pela consciência humana habitual, o corpo vivo opera como ponto de foco intenso.

consciência humana habitual → corpo vivo → foco intenso

Dentro dele, existem múltiplas consciências em interação: celulares, biológicas, eletromagnéticas, psíquicas.

consciências celulares → rede privada de comunicação → ligação a outras redes corporais

O corpo é, assim, uma rede viva. Não é apenas organismo isolado; está ligado a outros corpos e a centros mais amplos de consciência.

4. Probabilidades segundo linhas celulares

A atividade coletiva das células desencadeia respostas em centros mais elevados da consciência.

atividade celular coletiva → centros mais elevados da consciência → resposta a certas condições do mundo

Isto significa que as probabilidades não são escolhidas apenas pela mente consciente. A estrutura celular também participa na seleção da experiência.

estrutura celular → padrões prováveis → possibilidades corporalmente praticáveis

O corpo estabelece, pela sua própria organização, os tipos de probabilidades que podem ser fisicamente experienciados.

5. A realidade-fonte nunca está fixada

Seth insiste que a realidade-fonte da qual tudo brota nunca é predeterminada.

realidade-fonte → não predestinada → não fixada → criação contínua

O universo está sempre a ser criado.

Isto impede qualquer leitura fatalista das probabilidades. O corpo possui padrões, mas esses padrões não existem dentro de um universo fechado.

padrão corporal → possibilidades específicas

realidade-fonte → abertura infinita

6. A consciência especifica-se

Quando a consciência se especifica, vê-se sempre no centro do seu mundo.

consciência → especificação → centro experiencial → mundo percebido

A realidade fenomenal surge quando as unidades básicas de consciência se organizam em unidades EE e entram nas dimensões da atualidade.

UC → unidades EE → atualidade → aparências fenoménicas

A consciência não aparece dentro de um mundo já pronto. Ao especificar-se, participa na formação do mundo que percebe.

7. A consciência não está aprisionada no corpo

A consciência normal está focada na matéria do corpo e vê o mundo através dele.

consciência normal → corpo → percepção do mundo

Mas isso não significa que esteja presa ao corpo.

crença aprendida → consciência aprisionada na carne

realidade operativa → consciência pode mudar de ponto de vista

O limite não é estrutural; é conceptual. A consciência aprendeu a considerar o corpo como prisão, quando ele é antes estação-base e foco de atividade.

8. O corpo como estação-base

Seth define o corpo como organismo emissor e recetor.

corpo → emissor → recetor → estação-base

O corpo permite à consciência operar no sistema físico, comunicar, receber informação, agir e estabilizar experiência.

Mas, precisamente por ser estação-base, não é limite absoluto.

estação-base → ponto de partida → não prisão

A consciência pode saltar dele de forma consciente, especialmente no sonho.

estado de sonho → deslocação de perspectiva → mundo visto de outro ângulo

9. Outras realidades prováveis possuem corpos igualmente reais

Em certas aventuras, visitamos outras realidades prováveis onde temos estruturas corporais tão reais como a atual.

realidade física atual → corpo atual

realidade provável → estrutura corporal provável

O corpo atual não é a única forma corporal possível da identidade. Existem outras expressões corporais em outras linhas prováveis.

identidade maior → múltiplas estruturas corporais → múltiplas experiências

Isto reforça a ideia do corpo como portal: através dele, ou a partir dele, a consciência pode reconhecer outras formas de atualização.

10. A psicologia humana é mais vasta do que se pensava

A constituição psicológica de cada pessoa retira elementos de um rico banco de existências prováveis.

existências prováveis → banco psicológico → complexidade da personalidade atual

A personalidade não é explicável apenas pelo passado físico, pela biografia ou pelo corpo presente.

self reconhecido → indícios e vestígios → características prováveis

Dentro do self atual existem traços de todas as características prováveis que podem ser atualizadas neste sistema de realidade.

11. O corpo pode levar possibilidades à realização

O corpo está equipado para levar características prováveis à realização.

característica provável → corpo equipado → atualização possível

Algumas direções parecem mais fáceis, outras parecem impossíveis, por causa da seletividade já estabelecida.

seletividade → caminhos facilitados

seletividade → caminhos aparentemente impossíveis

Contudo, as estradas das probabilidades têm mais interseções do que se imagina.

estrutura psicológica + estrutura biológica → interseções prováveis → novas possibilidades de experiência

12. A mente consciente escolhe a linha de experiência

A mente consciente dirige a ação global e determina o tipo de seletividade utilizado.

mente consciente → ideias → seletividade → linha de experiência física

Por isso Seth procura expandir as ideias conscientes do leitor.

ideias conscientes ampliadas → seletividade ampliada → escolhas prováveis mais livres

A expansão da consciência não é abstrata. Tem função prática: permitir escolher melhor a linha de experiência física entre as várias linhas prováveis disponíveis.

Fórmula do capítulo

corpo → padrão → projeção tridimensional

consciências celulares → rede corporal → interação com outros corpos

estrutura corporal → probabilidades praticáveis

UC → unidades EE → atualidade física

corpo → estação-base → emissor e recetor

sonho → deslocação de perspetiva → outras realidades prováveis

self atual → vestígios de características prováveis → atualização possível

mente consciente → seletividade → escolha da linha física

Síntese final

Este capítulo mostra que o corpo é muito mais do que matéria. Ele é um padrão de consciência projetado no espaço-tempo, sustentado por uma rede viva de consciências celulares e ligado a outros corpos, outras probabilidades e outros centros de consciência.

O corpo dá estabilidade à experiência física, mas não aprisiona a consciência. Funciona como estação-base: permite agir no mundo, receber informação, emitir sinais, estabilizar foco e, ao mesmo tempo, abrir passagem para outras perspetivas.

A grande viragem do capítulo é esta:

o corpo não é apenas o lugar onde estás; é o padrão através do qual a consciência se focaliza e o portal através do qual pode escolher novas linhas de experiência.

O corpo ancora.

O corpo comunica.

O corpo abre.

E, através dele, a consciência aprende a escolher entre probabilidades.

CAPÍTULO 8

Memória, Tempo e a Seleção Neurológica da Realidade

— Basicamente, a compreensão da célula estende-se através do tempo, tal como o concebes. A consciência da humanidade, contudo, experimentou segundo linhas temporalmente específicas. À medida que se desenvolveu segundo essas linhas, foram utilizados vários métodos biológicos e mentais de seletividade e discriminação. Quando, em termos históricos, o homem tomou consciência da memória e recordou o seu passado como passado, nos vossos termos, tornou-se possível confundir passado e presente. Memórias vívidas, fora de contexto, mas dotadas de validade neurológica imediata, podiam competir com o foco brilhante necessário no presente.

— Embora o passado seja, na verdade, tão imediato, vivo e criativo como o presente, o homem fez certos ajustamentos, em várias camadas, destinados a focalizar distinções definidas e a separar a experiência passada da experiência presente. Enquanto o vosso tipo particular de consciência se desenvolvia, começou a intensificar a seletividade, concentrando-se especificamente numa pequena área de atividade e bloqueando outros dados. Isto era necessário porque o tipo particular de manipulação física da existência corporal exigia uma resposta física instantânea a estímulos imediatamente presentes.

— *Essa seletividade e especialização representaram, portanto, um método pertinente à medida que a consciência se familiarizava com a experiência terrestre. Os caçadores tinham de responder imediatamente à situação presente. Em termos temporais, o animal “presente” tinha de ser morto para alimento — não o animal “passado”. Esse animal — o passado — existia tão seguramente como aquele que era percebido no presente; contudo, no contexto do homem, a ação física tinha de ser dirigida para uma área altamente específica, pois a sobrevivência física dependia disso.*

— *A inocência básica das células em relação à discriminação temporal teve de ser contornada. Em níveis profundamente inconscientes, a estrutura neurológica é muito mais adaptável do que parece. Foram feitos ajustamentos, portanto. Basicamente, a estrutura neurológica responde tanto a dados passados como futuros. Biologicamente, então, tal atividade está incorporada. O tipo “novo” e especializado de consciência, num só corpo, tinha de responder com rapidez extremamente precisa. Por isso, focalizou-se apenas numa série de mensagens neurológicas.*

— *Estas tornaram-se cada vez mais proeminentes biologicamente, de modo que a consciência do homem as cavalgou, ou saltou para cima delas. Esses pulsos ou mensagens particulares tornaram-se os biologicamente e mentalmente aceites. Foram então ligados à percepção sensorial. Esses pulsos ou mensagens tornaram-se os únicos dados oficiais que, traduzidos em percepção sensorial, formaram a realidade física. Esta seletividade deu uma linha de referência compreensível entre a existência interior e a exterior.*

— Outras mensagens igualmente válidas foram ignoradas. Embora presentes, tornaram-se biologicamente invisíveis. As células ainda reagem a esses pulsos de outro modo negligenciados, pois precisavam de dados tanto do passado como do futuro para manter o equilíbrio do corpo no "presente". A necessidade de ação exterior consciente e imediata num ponto "definido" de interseção com os acontecimentos foi deixada à consciência emergente do Ego Exterior.

— Embora as células necessitassem de dados futuros e passados, e os usassem para formar, a partir dessa tensão invisível, a realidade corporal presente do corpo, o mesmo tipo de informação podia então constituir uma ameaça para a consciência do Ego Exterior, que poderia ficar sobrecarregada. Dentro da estrutura corporal, contudo, existem de facto mensagens que saltam demasiado depressa ou demasiado devagar, do vosso ponto de vista, para permitirem qualquer resposta física. Desse modo, a compreensão celular pode fluir livremente; mas a seletividade mencionada contorna tal informação, para que ela não entre em conflito com os dados sensoriais presentes que exigem ação física no tempo.

— Outros pulsos, portadores de mensagens, são tão válidos como aqueles que percecionais e aos quais reagis fisicamente. Mais uma vez, as células respondem-lhes constantemente. O corpo, como foi mencionado, é um padrão eletromagnético, suspenso numa teia de probabilidades, experienciado como corporal num ponto de interseção no espaço e no tempo.

— Quando o homem, falando nos vossos termos históricos, começou a experimentar com a memória, houve inúmeros casos em que a consciência emergente do Ego Exterior não distinguia com clareza suficiente entre passado e presente, tal como os entendeis.

— O passado, no presente, aparecia com tanto brilho que o homem não conseguia reagir adequadamente nas circunstâncias do tempo que ele próprio criara. O futuro foi bloqueado, em termos práticos, para preservar a liberdade de ação e encorajar a exploração física, a curiosidade e a criatividade. Com a memória, contudo, as projeções mentais no futuro eram, naturalmente, também possíveis, de modo que o homem podia planejar as suas atividades no tempo e prever resultados prováveis: as “imagens-fantasma” das probabilidades futuras atuaram sempre como estímulos mentais para explorações físicas em todas as áreas e de todos os tipos.

— Queres dizer em todas as áreas do planeta, por exemplo?

— Essas imagens-fantasma forneceram estímulos para a experiência mental, espiritual e física. Creio que isso responde à tua pergunta.

— Sim.

— A raça estava a lidar com a criação de um novo mundo de experiência física. Para realizar este tipo particular de experiência, era necessário que a manipulação física recebesse atenção

concentrada. As imagens-fantasma vindas do futuro eram uma coisa, inspirando a humanidade. Porém, se tais dados tivessem aparecido instantaneamente diante do homem, ele teria sido privado das alegrias, dos empreendimentos e dos desafios físicos que eram tão fundamentais para a própria experiência.

— Teria sido perfeitamente possível para vós, enquanto raça, terdes escolhido qualquer outra "série" de pulsos neurológicos, ou mensagens, como os "reais", e terdes estruturado a vossa experiência segundo linhas diferentes. A estrutura biológica e a consciência mental, juntas, escolheram, contudo, a sequência mais confortável, na qual uma área presente de atividade, produzida pelo reconhecimento neurológico, seria sustentada pelo conhecimento mental inconsciente e por outras ligações neurológicas biologicamente invisíveis.

— A psique conhece-se a si mesma e tem consciência das suas partes. Quando a consciência do Ego Exterior alcançou certo ponto de competência biológica e mental, quando a experiência, no presente, se tornou suficientemente extensa, então a consciência do Ego Exterior estaria no estágio em que poderia começar a aceitar dados mais amplos. De facto, encontra-se agora nesse estágio.

— O seu foco no presente está agora seguro. Esse foco acabou por produzir, nos vossos termos, uma expansão da consciência, e uma expansão com a qual o homem primitivo não teve de lidar. Nos vossos termos, o tempo inclui agora mais espaço e, portanto, mais experiência e estímulos. Falando novamente em termos históricos,

no passado, a pessoa privada, em qualquer hora determinada, tinha consciência imediata apenas dos acontecimentos que ocorriam no seu ambiente próximo. Podia responder instantaneamente. Os acontecimentos eram, nessa medida, geríveis.

— *O Ego Exterior especializou-se nas expansões do espaço e na sua manipulação física. Especializou-se nos objetos. Como resultado, agora, uma pessoa, em qualquer hora determinada, tem consciência de acontecimentos que ocorrem no outro extremo do mundo. Em muitas ocasiões, nenhuma resposta física imediata que ele ou ela possa dar parece adequada ou pertinente. A ação física corporal perde, então, até esse ponto, a sua precisão imaculada no tempo. Não podes pontapear um "inimigo" que não vive na tua aldeia ou no teu país; além disso, um inimigo que nem sequer conheces pessoalmente. Mais uma vez, até esse ponto, a ação física instantânea no tempo já não é o mesmo tipo de fator de vida ou morte que era quando um homem se via diante de um animal enfurecido, ou de um inimigo, em combate corpo a corpo.*

— *No passado, do mesmo modo, o amor podia ser expresso imediatamente. Em termos históricos, o homem primitivo — usando aqui as vossas teorias acerca da raça — estava em contacto íntimo com a sua família, clã ou tribo. Contudo, com a expansão crescente do espaço, os entes queridos vivem muitas vezes longe uns dos outros, e a resposta corporal súbita não pode ser expressa de imediato, num ponto particular de contacto imediato.*

— Estes desenvolvimentos, juntamente com outros, já estão a desencadear mudanças no comportamento do homem e a inspirá-lo para novas alterações da consciência. Ele precisa agora de um ponto de vista mais amplo acerca do passado e do futuro, para o ajudar a lidar com as ramificações do presente tal como este evoluiu através da experiência.

— Os conceitos reconhecidos do self são a interpretação que o Ego Exterior faz da Selfidade. São projetados em conceitos de Deus e do universo. Encontram certa validade biológica por causa da seletividade anteriormente mencionada, pela qual apenas uma série de pulsos neurológicos é aceite — e sobre estes cavalga a realidade do self identificado com o Ego Exterior. Em determinado "tempo", um deus interpretado nesses termos serviu de modelo para o comportamento do Ego Exterior de um self em relação a outro self.

— Num mundo em que os indivíduos estavam confinados no espaço, numa tribo ou clã, a ação era imediata. O ambiente apresentava uma estrutura dentro da qual a consciência aprendia a lidar com estímulos de forma direta. Aprendeu a focalizar. A especialização necessária significava que apenas uma certa quantidade de dados podia ser tratada de cada vez, emocionalmente ou de outro modo. A formação de tribos diferentes permitiu ao homem comportar-se cooperativamente, em pequenos números. Isto significava que aqueles que estavam do lado de fora eram seletivamente ignorados, considerados estranhos.

— Nesse ponto, a consciência, nesses termos, não conseguia lidar com a concentração focalizada, com a emergência da consciência do Ego Exterior e, simultaneamente, experienciar sentimentos poderosos de unidade com outros grandes grupos. Estava a lutar pela individuação.

— A individuação, contudo, dependia da cooperação dos indivíduos. À medida que o Ego Exterior aprendeu a sentir-se mais seguro, as tendências cooperativas alargaram-se, de modo que o crescimento das nações se tornou possível. Era inevitável, contudo, que a consciência do Ego Exterior produzisse uma realidade na qual acabaria por precisar, nesses termos, de aceitar outros dados e informações que, no início, tivera de ignorar.

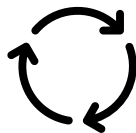
— Até aqui, estou a falar em termos históricos, tal como os entendeis. A História, contudo, é apenas a vossa linha oficial de estímulos aceites. Mais adiante no livro, isso tornar-se-á claro.

— À medida que a consciência identificada com o Ego Exterior se expande para incluir dados até agora largamente negligenciados, experienciará então, em termos práticos, um novo tipo de identidade, conhecendo-se de modo diferente. Os seus conceitos de divindade alterar-se-ão significativamente, tal como as dimensões da emoção. A vossa herança inclui veios profundos de amor, imensamente mais ricos do que aqueles que atualmente reconheceis, mas os vossos conceitos de self e de divindade limitaram-nos severamente. Muitas vezes pareceis odiar aqueles que têm crenças diferentes das vossas, por exemplo, e perpetrastes

crueledades contra outros em nome da religião e em nome da ciência, porque as vossas ideias limitadas acerca da natureza do self vos levaram a temer as vossas emoções. Muitas vezes tendes medo de que o amor vos avassale, por exemplo.

— Enquanto estivestes tão preocupados em proteger aquilo que consideráveis ser as fronteiras e a integridade de uma Selfidade, enquanto raça chegastes, na verdade, a um ponto em que começáveis a negar a vossa própria realidade maior. Mas tudo isto faz parte da experiência em que a raça embarcou na vossa probabilidade.

— Onde a vossa sobrevivência física, nesses termos, dependeu outrora de um foco estreitado enquanto aprendíeis a manipulação física, agora o sucesso dessa manipulação exige um alargamento do foco — um novo despertar para a existência maior da Selfidade, com aquilo que será um correspondente novo reconhecimento de atividade neurológica que agora é apenas brevemente sentida por alguns, como Jane, mas que está presente na herança da vossa estrutura corporal.



— Aqui, e ao longo deste livro, haverá secções dedicadas aos Elementos Práticos, nas quais podereis ver, até certo ponto, como

certos destes conceitos podem ser experienciados na prática, e receber pelo menos um indício da sua aplicação.

ELEMENTO PRÁTICO 1

— Em estado de vigília, Ruburt encontrou-se em Saratoga Springs, N.Y., onde cresceu, naquilo que parecia ser uma espécie de projeção mental. Tudo estava cinzento. Faltava a natureza imediata dos dados sensoriais em plena intensidade. A visão era clara, mas irregular, altamente seletiva. O movimento, contudo, era o elemento sensorial mais forte. Ruburt estava sem corpo, por um lado; por outro, percecionava parte da experiência através dos olhos de um bebé num carrinho.

— Percebeu com bastante nitidez um lancil particular, na esquina de um cruzamento definido — York Avenue com Warren Street —, e a sua atenção foi captada pelo foco num lancil, numa inclinação de terra e, depois, no passeio; e pelo movimento do carrinho enquanto era empurrado para cima.

— A criança era ela mesma no passado, por um lado, e, contudo, era um self futuro provável naquele passado. Do ponto de vista do foco mental oficial de Ruburt, e do ponto de vista do presente neurologicamente aceite, aquele ambiente passado tinha de permanecer descentrado, ou desfocado. Ele só podia experienciá-lo contornando a atividade neurológica oficialmente aceite. Visitou uma loja que já não se encontra “agora” naquele local, e ali os

dados sensoriais eram um pouco mais claros. Não tinha memórias conscientes do interior da loja; contudo, este tornou-se-lhe imediatamente aparente — o chão escuro e oleado, coberto de serradura. Até os odores estavam presentes.

— Percorreu a sua escola primária pública, onde frequentou o jardim de infância até ao terceiro ano, viu as crianças saírem para o recreio e sentiu-se uma delas — embora, durante toda a experiência, se soubesse adulto, embarcado naquela aventura.

— Foi de lugar em lugar, flutuando sem corpo — uma viagem da consciência. Esse mesmo ambiente existe agora, alternadamente com o presente de Ruburt, e de forma tão vívida como o seu presente. Era, contudo, do seu ponto de vista, um passado provável.

— O bebé com o qual ele momentaneamente se identificou, enquanto self que agora é, partilhava apenas de forma opaca e indireta uma experiência comum. Portanto, isto não foi uma simples regressão. Essa criança cresceu naquela probabilidade, e Ruburt cresceu nesta. Contudo, tocou em certas coordenadas que eram neurologicamente partilhadas por ambos: ele e a criança estavam familiarizados com o carrinho e o lancil, com a mãe que empurrava o carrinho, e com a casa para dentro da qual Ruburt sentiu que, enquanto criança, era levado.

— Sentiu vividamente o interior da casa e a escadaria. Sabia que a mãe descia então as escadas para trazer o carrinho para dentro,

mas, quando tentou perceber isso, o movimento tornou-se demasiado rápido. A figura da mãe ficou tão completamente desfocada que ele não conseguiu segui-la. Sentiu-se confuso e encontrou-se a entrar na loja ao virar da esquina; depois, conscientemente, deu a volta ao quarteirão e entrou na escola.

— *A escola e a loja não faziam parte da experiência do bebé, pois, nessa probabilidade, a família mudou-se. O anterior desfocar da atividade resultou de confusão neurológica, e Ruburt passou sem saber para um ambiente ainda situado no mesmo quarteirão físico, significativo para ele, mas não partilhado pela experiência futura daquele bebé. Deves compreender que o teu próprio passado existe tão vitalmente como o teu presente — mas os teus passados e presentes prováveis existem da mesma maneira. Simplesmente não os aceitas nos fios de experiência que “tu” reconheces.*¹

— *Como parte do trabalho neste livro, Ruburt está apenas a começar a experimentar o reconhecimento consciente de material provável, e a aceitação consciente de tipos de experiência normalmente interditos segundo a seletividade já mencionada.*

— *No estado de sono depois da nossa última sessão, então, ele permitiu que a sua consciência se expandisse o suficiente para se tornar consciente de informação e experiência que, normalmente, seriam censuradas de forma automática pelo hábito mental e neurológico. Em *Aventuras na Consciência*, Ruburt usa a*

¹ O exercício específico ligado a este primeiro Elemento Prático aparece no próximo capítulo.

expressão "percepção preconceituosa" — uma expressão excelente —, aplicável aqui. Pois, nesses termos, vós vos tornastes preconceituosos espiritual, mental e fisicamente. No estado de sono, Ruburt libertou-se desse preconceito, pelo menos até certo ponto, de modo que encontrou informação que parecia alienígena ou fora de contexto em relação à experiência habitual.

— As vossas teorias do tempo estão ligadas aos vossos pulsos neurológicos habituais. Uma coisa é brincar com conceitos de multidimensionalidade ou probabilidades, e outra bem diferente é ser confrontado com eles na prática, ainda que brevemente, quando os vossos padrões de pensamento e hábitos neurológicos vos dizem que eles não podem ser traduzidos. Por isso Ruburt sentiu-se frustrado, e disse-me em termos inequívocos que a sua consciência não conseguia conter a informação que estava a receber.

— Como bom professor (com humor), levei os seus protestos em consideração. Mais tarde, ele escreveu uma declaração que lhe veio. Essa foi a sua interpretação consciente da informação que recebera na noite anterior, traduzida da melhor forma possível em termos lineares.

— Tenho a minha própria existência, bastante diferente da de Ruburt, e, contudo, tenho também uma realidade ligada à sua psique.² Cada um de vós tem igualmente o mesmo tipo de ligação

² Continuamos, naturalmente, a obter informação acerca das ligações psíquicas entre Jane e Seth. Mesmo agora, mais de 10 anos depois de Jane ter começado a falar por Seth, poder-se-ia dizer que cada sessão que realizamos representa mais um passo neste processo de aprendizagem; esperamos plenamente que ele continue enquanto as sessões durarem.

com outras porções "mais conhecedoras" de si mesmo, ou da sua identidade maior, que são independentemente elas próprias e, contudo, também estão vivas nas vossas psiques. São porções da realidade "desconhecida".

— Eu sou capaz de obter informação que Ruburt, nos seus termos, não possui. Noutros termos, possui-a, e vós também; mas tendes estado mental, espiritual e biologicamente preconceituados contra ela. Enquanto raça, estais prontos, contudo, para vos tornardes mais conscientes da vossa realidade maior e para explorardes os seus aspetos "desconhecidos". Daí este livro.

— Poderás experienciar alguma irritação com alguns dos conceitos nele apresentados, simplesmente porque te ensinaste tão bem a ignorá-los. Deverás também experienciar, contudo, uma aceleração da consciência e, à medida que o leres, uma sensação crescente de familiaridade. A própria estrutura do livro conduzir-te-á, se o permitires, para outros estratos do teu próprio conhecimento maior.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a forma como a realidade física é selecionada, estabilizada e reconhecida pela consciência humana. Seth mostra que aquilo a que chamamos “presente” não é simplesmente dado pela realidade exterior: é produzido por uma seletividade neurológica, biológica e mental que privilegia certos pulsos, mensagens e dados sensoriais, enquanto exclui outros igualmente válidos.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física oficial resulta de uma seleção neurológica: certos dados são aceites como presentes, reais e acionáveis, enquanto outros — ligados ao passado, ao futuro e às probabilidades — permanecem biologicamente ativos, mas fora do foco habitual da consciência.

1. A célula compreende o tempo de modo mais amplo

Seth começa por afirmar que a compreensão da célula se estende através do tempo.

célula → dados passados + dados futuros → equilíbrio corporal no presente

A célula não está limitada à discriminação temporal da mente consciente. Para manter o corpo, ela utiliza informação proveniente de vários pontos da experiência temporal.

A consciência humana, porém, desenvolveu-se segundo linhas temporalmente específicas.

consciência humana → foco temporal específico → separação entre passado, presente e futuro

Essa separação foi necessária para a sobrevivência física, mas também limitou o campo de dados oficialmente aceite pela consciência.

2. A memória obrigou a separar passado e presente

Quando o homem começou a recordar o passado como passado, surgiu uma dificuldade: memórias vívidas poderiam competir com os estímulos presentes.

memória vívida → validade neurológica imediata → possível confusão entre passado e presente

Para sobreviver fisicamente, era necessário distinguir com nitidez aquilo que exigia ação imediata.

animal presente → ação física imediata

animal passado → memória, não ação

O passado é tão vivo e criativo como o presente, mas a consciência humana teve de construir uma separação funcional entre ambos.

3. A seletividade neurológica criou a realidade física oficial

A estrutura neurológica responde, em profundidade, tanto a dados passados como futuros. Contudo, a consciência especializada num corpo físico precisava de resposta rápida e precisa.

dados múltiplos → seletividade neurológica → série aceite de pulsos → realidade física oficial

Certos pulsos neurológicos tornaram-se biologicamente e mentalmente aceites. Foram ligados aos sentidos físicos e passaram a formar aquilo que a consciência reconhece como realidade.

pulsos aceites → percepção sensorial → mundo físico percebido

Outras mensagens igualmente válidas foram ignoradas.

pulsos não aceites → biologicamente invisíveis → ainda ativos nas células

A realidade física oficial é, portanto, apenas uma seleção.

4. O Ego Exterior herdou a ação imediata

A necessidade de ação exterior consciente e imediata foi entregue à consciência emergente do Ego Exterior.

Ego Exterior → foco no presente → ação física no tempo

Isto permitiu ao homem agir no ambiente físico com precisão.

estímulo presente → resposta física → sobrevivência

Mas também implicou uma filtragem intensa de informação. Dados que poderiam sobrecarregar o Ego Exterior foram contornados, mesmo continuando ativos nos níveis celulares.

células → fluxo amplo de dados

Ego Exterior → faixa estreita de dados úteis à ação

5. O corpo como interseção de probabilidades

O corpo é apresentado como padrão eletromagnético suspenso numa teia de probabilidades.

corpo → padrão eletromagnético → teia de probabilidades → interseção no espaço-tempo

A corporeidade é a experiência desse padrão num ponto específico de interseção.

O corpo não é apenas matéria no presente. É uma formação que depende de dados passados, futuros e prováveis, embora a consciência normal só reconheça a versão estabilizada no agora.

dados invisíveis → equilíbrio corporal → presente físico

6. O futuro foi bloqueado para preservar a liberdade de ação

Em termos práticos, o futuro teve de ser bloqueado para que a consciência pudesse agir livremente no presente.

futuro demasiado visível → excesso de dados → perda de espontaneidade física

Esse bloqueio preservou a exploração, a curiosidade e a criatividade.

Ao mesmo tempo, a memória permitiu projetar possibilidades futuras.

memória → planejamento → projeção mental → resultados prováveis

Surgem então as imagens-fantasma das probabilidades futuras.

futuro provável → imagem-fantasma → estímulo mental → exploração física

Estas imagens inspiram a humanidade sem lhe retirar a alegria e o desafio da experiência direta.

7. A humanidade escolheu uma série de pulsos como “real”

Seth afirma que a raça poderia ter escolhido outra série de mensagens neurológicas como reais.

outra série de pulsos → outra percepção → outra realidade física

A realidade física humana não é a única estrutura possível. É uma sequência escolhida em conjunto pela estrutura biológica e pela consciência mental.

biologia + consciência → sequência confortável → realidade partilhada

Essa sequência permite estabilidade, mas não esgota a realidade.

8. A expansão do espaço mudou a função do Ego Exterior

O Ego Exterior especializou-se na manipulação física do espaço e dos objetos.

Ego Exterior → objetos → espaço → manipulação física

No passado, a ação era imediata porque o ambiente era próximo.

tribo / clã → acontecimentos próximos → resposta corporal direta

Hoje, uma pessoa pode ter consciência de acontecimentos no outro extremo do mundo.

acontecimentos distantes → consciência imediata → resposta física inadequada

A ação corporal perdeu parte da sua precisão temporal. Não se pode reagir fisicamente, de forma direta, a um inimigo distante ou desconhecido.

9. O amor também foi afetado pela expansão do espaço

No homem primitivo, o amor podia ser expresso corporalmente e de imediato dentro do grupo próximo.

família / clã / tribo → proximidade → resposta afetiva imediata

Com a expansão do espaço humano, os entes queridos passaram muitas vezes a viver longe.

entes queridos distantes → amor presente → resposta corporal retardada ou impossível

A consciência precisa, portanto, de uma visão mais ampla do passado e do futuro para lidar com as ramificações emocionais do presente moderno.

10. A individuação exigiu fronteiras

A consciência do Ego Exterior teve de aprender a focalizar-se e a diferenciar-se.

foco → individuação → fronteira do self

No início, a cooperação ocorria em pequenos grupos.

tribo → cooperação interna → estranhos seletivamente ignorados

A consciência ainda não conseguia manter, ao mesmo tempo, a individuação e sentimentos fortes de unidade com grandes grupos.

individuação emergente → foco estreito → unidade ampla temporariamente bloqueada

A separação foi uma etapa do desenvolvimento, não uma verdade final.

11. A cooperação alargou-se com a segurança do Ego Exterior

À medida que o Ego Exterior se tornou mais seguro, a cooperação pôde alargar-se.

segurança do Ego Exterior → cooperação ampliada → nações

Mas a própria realidade criada pelo Ego Exterior exige agora uma nova abertura.

foco estreito inicial → sucesso da manipulação física → necessidade de foco ampliado

A humanidade chegou a um ponto em que precisa de aceitar dados que antes teve de ignorar.

12. A História é uma linha oficial de estímulos aceites

Seth relativiza a História.

História → linha oficial de estímulos aceites

Aquilo que chamamos História é apenas a sequência reconhecida pela consciência segundo a seletividade neurológica dominante.

Não é todo o passado. Não é todos os passados. Não é todas as realidades.

História oficial → uma faixa reconhecida

passados prováveis → faixas não aceites

13. A expansão da consciência altera self, Deus e emoção

À medida que a consciência identificada com o Ego Exterior se expande, ela passa a conhecer-se de modo diferente.

novos dados → novo tipo de identidade → novos conceitos de self

Essa mudança altera também os conceitos de divindade.

self limitado → Deus limitado

Selfidade ampliada → divindade ampliada

As emoções também se expandem. A herança humana inclui veios profundos de amor que foram severamente limitados por conceitos estreitos de self e de Deus.

conceitos estreitos → medo da emoção → medo do amor

A humanidade temeu muitas vezes o amor porque o imaginou como algo capaz de dissolver as fronteiras do self.

14. Proteger a Selfidade levou a negar a realidade maior

A raça preocupou-se tanto em proteger as fronteiras de uma Selfidade que começou a negar a sua própria realidade maior.

proteção do self → fronteiras rígidas → negação da identidade maior

Mas isso faz parte da experiência escolhida pela humanidade nesta probabilidade.

experiência da raça → foco estreito → manipulação física → necessidade posterior de expansão

O que antes foi necessário para a sobrevivência física tornou-se agora insuficiente.

15. A nova etapa: reconhecer atividade neurológica antes ignorada

O sucesso da manipulação física exige agora um alargamento do foco.

manipulação física bem-sucedida → mundo ampliado → necessidade de consciência ampliada

Esse alargamento envolve um novo reconhecimento de atividade neurológica já presente na estrutura corporal.

atividade neurológica ignorada → brevemente sentida por alguns → herança corporal da espécie

A consciência está pronta para aceitar dados mais amplos.

16. O Elemento Prático 1: Saratoga Springs

A experiência de Ruburt em Saratoga Springs mostra, na prática, como se pode contornar a seleção neurológica oficial.

vigília → projeção mental → ambiente passado provável → dados sensoriais seletivos

Ruburt encontra-se num ambiente cinzento, com visão clara, mas irregular. O movimento é o elemento sensorial mais forte.

visão parcial → movimento intenso → ausência parcial de corpo

Ele percebe parte da experiência através dos olhos de um bebé num carrinho.

Ruburt adulto → bebê provável → interseção de coordenadas neurológicas

A experiência não é uma simples regressão. É contato com um passado provável.

17. Passado provável, não regressão simples

O bebê não é simplesmente Ruburt no passado. É um self futuro provável naquele passado.

bebê provável → cresce naquela probabilidade

Ruburt → cresce nesta probabilidade

Ambos partilham certas coordenadas: carrinho, lancil, mãe, casa, escadaria.

coordenadas partilhadas → ponto de contato entre probabilidades

Quando Ruburt tenta seguir dados que não pertencem à sua linha provável, ocorre desfocagem e confusão neurológica.

dados não compartilhados → movimento demasiado rápido → desfocagem → mudança de ambiente

18. Passados e presentes prováveis existem agora

Seth afirma que o próprio passado existe tão vitalmente como o presente, mas que passados e presentes prováveis existem da mesma maneira.

- passado oficial → vivo
- presente oficial → vivo
- passados prováveis → vivos
- presentes prováveis → vivos

A consciência apenas não os aceita nos fios de experiência que reconhece como “seus”.

fios reconhecidos → identidade oficial

fios não reconhecidos → realidade “desconhecida”

19. Percepção preconceituosa

Ruburt começa a experimentar a aceitação consciente de material provável, normalmente interdito pelos hábitos mentais e neurológicos.

hábito mental + hábito neurológico → censura automática

Em *Aventuras na Consciência*, ele chama a isto “percepção preconceituosa”.

percepção preconceituosa → exclusão de dados válidos

No estado de sono, Ruburt liberta-se parcialmente desse preconceito e encontra informação que parece alienígena ou fora de contexto.

sono → menor censura → dados prováveis → estranheza inicial

20. Conceitos não bastam; é preciso suportar a experiência

Uma coisa é brincar com conceitos de multidimensionalidade e probabilidades. Outra é ser confrontado com eles na prática.

conceito → compreensão mental

experiência direta → desafio neurológico e psicológico

Ruburt sente que a sua consciência não consegue conter a informação.

dados ampliados → consciência habitual sobrecarregada → frustração

A informação tem então de ser traduzida em termos lineares.

experiência multidimensional → tradução linear → declaração consciente

21. Seth como porção da realidade “desconhecida”

Seth afirma ter existência própria, diferente da de Ruburt, mas também uma realidade ligada à sua psique.

Seth → existência própria

Seth → ligação à psique de Ruburt

Este modelo aplica-se a todos.

identidade maior → porções mais conhecedoras → independentes e vivas na psique

Essas porções pertencem à realidade “desconhecida”.

Não são fantasias internas. São camadas vivas da identidade maior.

22. A raça está pronta para conhecer a sua realidade maior

Seth afirma que a humanidade esteve mental, espiritual e biologicamente preconceituada contra certos dados.

preconceito mental + espiritual + biológico → bloqueio de informação maior

Mas a raça está pronta para se tornar mais consciente da sua realidade maior.

consciência atual → expansão → realidade maior → aspectos desconhecidos

Daí este livro.

O próprio livro é apresentado como instrumento de aceleração.

leitura → irritação inicial → aceleração da consciência → familiaridade crescente

A estrutura do livro pode conduzir o leitor para outros estratos do seu próprio conhecimento maior.

Fórmula do capítulo

célula → tempo amplo → dados passados e futuros

consciência humana → seletividade neurológica → realidade física oficial

memória → separação funcional entre passado e presente

pulsos aceites → percepção sensorial → História oficial

pulsos ignorados → biologicamente invisíveis → probabilidades

Ego Exterior → foco estreito → manipulação física

expansão do espaço → necessidade de foco ampliado

Selfidade protegida → realidade maior negada

Ruburt → contorno neurológico → passado provável

percepção preconceituosa → censura de dados

sono → libertação parcial → material provável

Seth → porção independente e ligada à psique

livro → aceleração da consciência → acesso ao conhecimento maior

Síntese final

Este capítulo mostra que a realidade física não é a totalidade do real, mas uma faixa neurológica, biológica e mentalmente selecionada. A consciência humana aprendeu a aceitar certos pulsos como dados oficiais e a ignorar outros, para poder agir com precisão no tempo e manipular fisicamente o ambiente.

Essa seletividade foi necessária. Permitiu sobrevivência, individuação, cooperação em pequenos grupos, manipulação física, desenvolvimento histórico e expansão no espaço. Mas o próprio sucesso dessa experiência levou a humanidade a um novo ponto: agora, para lidar com o mundo que criou, precisa de alargar o foco e reconhecer dados antes ignorados.

A memória, o passado, o futuro, os passados prováveis, os presentes prováveis e as porções mais conhecedoras da identidade não são irreais. Foram apenas excluídos da realidade oficial.

Ruburt, ao experimentar Saratoga Springs como passado provável, mostra na prática que a consciência pode contornar a seleção neurológica habitual e tocar outros fios de experiência.

A grande viragem do capítulo é esta:

aquilo que chamas realidade é uma seleção; aquilo que chamas desconhecido é parte da tua própria realidade maior.

A célula sabe mais tempo do que a mente consciente admite.

O corpo conserva dados que o Ego Exterior ignora.

A História é apenas uma linha oficial.

E a realidade “desconhecida” começa onde a percepção preconceituosa termina.

CAPÍTULO 9

Realidades Prováveis e o Limiar da Consciência Humana

— *Experiências como o episódio de Saratoga de Ruburt são valiosas porque iniciam um processo através do qual outros pulsos neurológicos começam, até certo ponto, a ser reconhecidos.*

— *Com o tempo, isto pode trazer alguma experiência consciente de realidades prováveis. No início, os vislumbres podem ser muito breves e a experiência sensorial enevoada. No entanto, começam a estabelecer-se novos padrões e novas formas de esforço cognitivo entre a estrutura neurológica e a consciência que conheceis.*

— *Um excelente exercício preliminar é o seguinte:*

ELEMENTO PRÁTICO 1

— *Escolhe qualquer cena recordada do teu próprio passado. Experimenta-a imaginativamente com a maior clareza possível, mas com a ideia das suas extensões prováveis. Em algum momento, imediatamente ou depois de algumas tentativas, uma parte específica da cena tornar-se-á cinzenta ou sombria. Não é uma parte do passado que conheces, mas um ponto de interseção em*

que esse passado serviu como ramificação para uma série de probabilidades que não seguiste.

— Em vez de um elemento sombrio, tu próprio poderás sentir-te insubstancial — “fantasmático”, como aconteceu com Ruburt. Em vez de qualquer uma dessas coisas, o diálogo imaginado — se houver algum — pode mudar subitamente em relação ao diálogo de que te recordas; ou toda a cena e a ação podem alterar-se rapidamente. Qualquer uma destas ocorrências pode ser indício de que estás a começar a vislumbrar as variações prováveis dessa cena ou ação particular. Contudo, o sentimento subjetivo é aqui o indício importante; e, uma vez que o experiencies, não haverá dúvida na tua mente.

— Algumas pessoas terão pouca dificuldade com o exercício, e outras precisarão de persistir antes de obterem qualquer êxito. Este método é ainda mais eficaz se escolheres, no teu passado, uma cena em que esteve envolvida uma escolha importante para ti.

— Nesse caso, começa imaginativamente, seguindo a outra decisão, ou decisões, que poderias ter tomado. Em certo ponto ocorrerá um efeito sombrio — uma tonalidade cinzenta, ou outras características que acabámos de mencionar. Uma ou várias destas podem estar envolvidas, mas, mais uma vez, o teu sentimento subjetivo é o indício mais importante. A imaginação pode trazer-te uma imagem clara, por exemplo, que depois se torna indistinta; nesse caso, a qualidade desfocada seria o teu indício de ação provável.

— Até tentares o exercício e te familiarizares plenamente com ele, não compreenderás a sua eficácia. Saberás, por exemplo, quando o acontecimento recordado e a imaginação se intersetarem com outra probabilidade. Quer tenhas ou não grande êxito, o exercício iniciará uma reorientação neurológica que será muito importante se esperas vislumbrar realidades que se encontram fora da tua atual realidade sensorial neurologicamente aceite.

— Este exercício é uma porta mental e biológica que pode expandir tanto os teus conceitos de ti mesmo como da realidade. Pode haver casos em que pareça que pouco progresso é feito durante o próprio exercício. Durante o dia, contudo, depois de teres tomado uma decisão importante numa direção, podes começar a sentir a realidade da decisão oposta e das suas ramificações. O exercício pode também resultar num tipo diferente de sonho, reconhecido no próprio estado de sonho, pelo menos, como introdução a uma realidade provável. Em qualquer caso, lidas diretamente com probabilidades futuras no estado de sonho. Por exemplo, numa série de sonhos podes experimentar várias soluções para determinado problema e escolher uma delas. Essa escolha torna-se a tua realidade física.

— Segundo a intensidade da situação, outra solução também desejável pode ser elaborada numa realidade provável. A nível inconsciente, estás consciente dos teus selves prováveis, e eles de ti. Partilhais as mesmas raízes psíquicas, e os vossos sonhos conjuntos, embora separados, estão disponíveis para “todos vós”. Isto não significa que estejas a sonhar o sonho de outra pessoa, tal como não significa que gémeos, por exemplo, o façam. Significa

que tu e os teus selves prováveis partilhais um corpo de simbolismo, fundo experiencial e capacidade. A natureza multiestruturada do estado de sonho permite dramas oníricos nos quais os selves prováveis aparecem. Podem aparecer simbolicamente, representando características fortes sobre as quais eles se focalizaram, embora tu as tenhas ignorado.

— O estado de sonho, contudo, funciona como uma rica teia de comunicação entre selves prováveis e existências prováveis. Todas as probabilidades brotam da realidade interior, da própria atividade e estrutura interiores da psique. A consciência que conheceis pode, de facto, emergir agora para uma realização ainda maior de si mesma, mas não defendendo obsessivamente a sua antiga posição. Pelo contrário, deve reconhecer o seu poder como diretora da ação provável e deixar de inibir as suas próprias capacidades mais amplas.

— Nos vossos termos, até agora, a vossa consciência especializou-se no padrão neurológico. Como foi mencionado, isto foi extremamente importante enquanto aprendia a arte do foco especializado. Agora, contudo, deve começar a reconhecer que pode, de facto, expandir-se e trazer para a sua consciência outras realidades perfeitamente legítimas. A natureza das probabilidades deve ser compreendida, pois chegou o momento, no mundo tal como o experienciais, em que são necessárias a maior sabedoria e discriminação. O vosso preconceito consciente e neurológico cega-vos para a plena dimensão da atividade física. As verdadeiras implicações da ação física ainda não se vos tornaram claras.

— *Começais a compreender a realidade do vosso planeta. Não podeis saqueá-lo, por exemplo — algo que só agora estais a começar a aprender. Abrir a vossa consciência a mensagens anteriormente negadas colocar-vos-ia em contacto direto com outras formas de vida do vosso planeta, de uma forma que antes negastes a vós mesmos. Só o vosso conhecimento celular das probabilidades passadas e futuras vos ensinaria uma cortesia espiritual e corporal.*

— *A realidade "desconhecida" sustenta-vos a vós e à teia da vida tal como a entendeis. Os vossos conceitos conscientes têm de se ampliar para que o self consciente possa compreender a sua verdadeira natureza. Tal como o concebeis, a consciência está apenas — apenas — meio desenvolvida. Aprendeu a identificar-se com um pequeno grupo de respostas neurologicamente aceites. Porções não utilizadas do cérebro permanecem latentes, à espera do reconhecimento que as desencadeará para a atividade. Quando isso acontecer, a mente tornar-se-á consciente do rico leito de probabilidades sobre o qual o Ego Exterior agora se move tão cegamente.*

— *As grandes dimensões latentes — embora sempre sentidas — da condição criatural espiritualizada começarão então a florescer. Alguns grandes homens vislumbraram essas capacidades, e o seu amor pela raça e a sua integridade levaram-nos a desencadear as*

porções não utilizadas do cérebro.¹ À sua maneira, sentiram o grande futuro provável e as suas ramificações.

— Em séculos passados, viram o vosso presente, embora através da sua própria visão, e por isso ele era apenas parcialmente o presente tal como o conheceis. A vossa realidade emocional só salta verdadeiramente para si mesma de vez em quando, pois os próprios conceitos que tendes de vós mesmos negam os aspetos multidimensionais do vosso ser. A necessidade e o anseio de amar e de conhecer estão ambos biologicamente presentes dentro de vós. Estão presentes nos animais e numa folha de erva.

— Os conceitos de Deus que tendes caminharam lado a lado com o desenvolvimento da vossa consciência. O Ego Exterior, ao emergir, precisava de sentir o seu domínio e controlo, e por isso imaginou um deus dominante, separado da natureza. Muitas vezes, as nações agiram como Egos Exteriores de grupo — cada uma com a sua própria imagem de Deus, os seus próprios conceitos de poder. Sempre que uma tribo, um grupo ou uma nação decidia lançar-se numa guerra, usava sempre o conceito do seu deus para a conduzir.

¹ Eu diria que, quando fala das “porções não utilizadas do cérebro”, enquanto órgão físico, Seth se refere também a qualidades da mente não física. Ainda temos muito a aprender acerca do cérebro — quanto mais da mente. Embora, atualmente, todas as secções do cérebro já tenham sido investigadas até ao nível molecular, nunca foi encontrado no seu tecido qualquer vestígio ou impressão de um pensamento. Como analogia, o conhecimento inato das probabilidades que Seth postula aqui pode estar relacionado com o cérebro de modo semelhante à memória: não como algo localizado numa única região, mas como uma atividade distribuída, que parece “acontecer” através das suas várias partes.

Para material sobre expansões mentais e psíquicas na velhice, e sobre os hemisférios do cérebro, ver Capítulo 13 de A Natureza da Realidade Pessoal. E, no Capítulo 21 de Seth Fala, Seth menciona brevemente a ativação futura de “novas áreas” do cérebro para “cuidar fisicamente” das memórias de vidas passadas.

— O conceito de Deus foi então um auxílio, e um auxílio importante, ao Ego Exterior emergente do homem. Para desenvolver o seu sentido de especialização, o Ego Exterior esqueceu o grande empreendimento cooperativo da Terra. Se um caçador conhecesse literalmente a sua relação com um animal, não poderia matá-lo. Em níveis mais profundos, tanto o animal como o homem compreendem as ligações. Biologicamente, o homem sabe que veio da Terra. Algumas das suas células foram células de animais, e o animal sabe que olhará através dos olhos de um homem.² O empreendimento terrestre é cooperativo. A fera abatida é o caçador de amanhã. Em termos da consciência do Ego Exterior, contudo, houve estágios de crescimento; e os conceitos de Deus que falavam de unidade com a natureza não eram aqueles que serviam os propósitos do Ego Exterior, dentro da linha de desenvolvimento tal como a entendeis deliberadamente.

— Durante algum tempo, tais técnicas funcionaram. Contudo, sempre existiu, em pano de fundo, o inegável self interior: os sonhos do homem, a sua integridade biológica e espiritual; e estes, de uma forma ou de outra, estavam sempre diante dele.

— Na vossa probabilidade, permitistes alguma liberdade ao self interior. Por isso, a chamada consciência identificada com o Ego Exterior não recebeu domínio completo. Permaneceu

² Falando literalmente, devido à sua dissolução após a morte do seu hospedeiro, as células do homem não se tornarão parte da estrutura do animal — mas pelo menos alguns dos componentes moleculares de longa duração dessas células poderiam fazê-lo, com todas as suas memórias intactas. Contudo, penso que há mais nesta ideia do que uma interpretação tão “apertada” como esta; talvez esteja envolvida a transferência de memória celular — ou de alguma qualidade equivalente — de criatura para criatura.

suficientemente flexível para que, mesmo escondidos nos seus conceitos de Deus,³ existissem símbolos de uma realidade maior. O vosso sistema lida, mais uma vez, com a manipulabilidade física e com a tradução da criatividade em forma física. Durante algum tempo, teve de ocorrer uma separação exterior, na qual a consciência esqueceu, falando a partir do Ego Exterior, que fazia parte da natureza, e fingiu estar separada dela.

— Contudo, sabia-se — e isso estava inconscientemente escrito nas células, na mente e no coração — que este procedimento só iria até certo ponto. Quando a consciência do homem estivesse segura de si, deixaria de precisar de estar tão estreitamente focalizada. Então poderia começar o verdadeiro florescimento da consciência da humanidade. Então o Ego Exterior poderia expandir-se e tornar-se consciente de realidades que “antes” ignorara.

— Colocastes-vos numa posição em que a vossa consciência tem agora de se tornar consciente dos passados e futuros prováveis, para que possais formar para vós mesmos um presente são, realizador e criativo.

— A consciência do Ego Exterior tem agora de se familiarizar com as suas raízes, ou transformar-se-á noutra coisa. Estais numa posição em que a vossa experiência privada de vós mesmos não se correlaciona com aquilo que vos dizem as vossas sociedades, igrejas, ciências, arqueologias ou outras disciplinas. O

³ Para material sobre probabilidades, o conceito de Deus e religião, ver os capítulos 14–17 e 21 de Seth Fala, e o Capítulo 17 de Aventuras na Consciência.

conhecimento "inconsciente" do homem está a tornar-se cada vez mais acessível à consciência. Isto será feito sob e com a direção de uma consciência identificada com o Ego Exterior, iluminada e em expansão, capaz de organizar o conhecimento até agora negligenciado — ou será feito à custa do intelecto racional, conduzindo a um renascimento da superstição, do caos e da guerra desnecessária entre a razão e o conhecimento intuitivo.

— *Quando, neste ponto do desenvolvimento da humanidade, o seu conhecimento inconsciente emergente é negado pelas suas instituições, então erguer-se-á apesar dessas instituições e aniquilá-las-á. Culto após culto emergirá, cada um sem o travão do uso da razão, porque a razão terá negado a existência de um conhecimento inconsciente desenfreado, desorganizado e consciente apenas da sua própria força antiga.*

— *Se isto acontecer, todo o tipo de antigas e novas denominações religiosas entrarão em guerra, e todo o tipo de ideologias virá à superfície. Isto não precisa de acontecer, pois a mente consciente — basicamente agora —, tendo aprendido a focalizar-se em termos físicos, destina-se a expandir-se, a aceitar intuições e conhecimentos inconscientes, e a organizar estes princípios profundamente criativos em padrões culturais.*

— *A grande emoção do amor tem sido, até agora, mal utilizada, embora represente até o impulso biológico do vosso ser. As vossas religiões, em grande medida, ensinaram-vos a odiar-vos a vós mesmos e à existência física. Disseram-vos que amásseis Deus,*

mas raramente vos ensinaram a experienciar os deuses em vós mesmos.

— De uma forma ou de outra, as religiões sempre acompanharam, mais uma vez, o desenvolvimento da vossa consciência; por isso, serviram os seus propósitos e os vossos. E sempre refletiram, embora de forma distorcida, essas realidades interiores maiores do vosso ser. Em termos históricos, tal como os entendeis, a "progressão" da religião oferece-vos uma imagem perfeita do desenvolvimento da consciência humana, da diferenciação dos povos e das nações, e do crescimento das ideias do "indivíduo".

— Não há nada de errado com o conceito de um ser individual assente no Ego Exterior; portanto, não estou a sugerir que a vossa individualidade seja algo a perder, a pôr de lado ou a ultrapassar. Também não estou a dizer que deva ser enterrada, submersa ou dissolvida num superself. Não estou a sugerir que os seus contornos sejam desfocados por um inconsciente poderoso.

— Estou a dizer que o self individual deve tornar-se conscientemente ciente de muito mais realidade; que deve permitir que o seu reconhecimento de identidade se expanda, de modo a incluir conhecimento anteriormente inconsciente. Para isso, deveis compreender, mais uma vez, que o homem tem de ir além dos conceitos de um Deus, um self, um corpo, um mundo, tal como essas ideias são atualmente compreendidas. Estais agora suspensos, nos vossos termos, sobre um limiar a partir do qual a

raça pode seguir muitos caminhos. Existem espécies de consciência. A vossa espécie encontra-se num tempo de mudança. Há potenciais nos mecanismos do corpo, nos vossos termos, ainda não utilizados. Desenvolvidos, podem enriquecer imensuravelmente a raça e levá-la a níveis de realização espiritual, psíquica e física. Se algumas mudanças não forem feitas, a raça, enquanto tal, não perdurará.

— Isto não significa que vós não perdurareis, ou que, noutra probabilidade, a raça não perdure — mas que, nos vossos termos de sequência histórica, a raça não perdurará.

— Falando agora nesses termos históricos que entendeis, deixai-me dizer que não houve um desenvolvimento em linha única do animal para o homem, mas linhas paralelas, nas quais, durante séculos, o animal-homem e o homem-animal coexistiram cooperativamente. Do mesmo modo, agora, desconhecidas entre vós, muitas espécies daquilo a que podeis chamar homem provável habitam em forma embrionária.

— Devido à linha particular de desenvolvimento do Ego Exterior, experimentastes drogas e substâncias químicas artificiais, tanto nos alimentos como para fins medicinais, bem como para “iluminação” religiosa. Alguns dos efeitos do LSD⁴ e de outras drogas psicadélicas artificiais dão-vos um indício de outras direções prováveis que a vossa consciência poderia ter seguido, ou ainda poderá seguir.

⁴ Ver capítulos 9 e 10 do livro *A Natureza da Realidade Pessoal*.

Contudo, tal como as experiências são conduzidas, e na ignorância do enquadramento, a mente consciente assume uma posição subordinada. Em vez disso, usando métodos que não fossem drogas, poderia ser ensinada a expandir o seu conhecimento de forma muito mais segura, e a organizá-lo de maneiras mais vantajosas. Ainda assim, algumas dessas experiências dão indícios de certos aspetos de um dos desenvolvimentos prováveis da espécie.

— Não podeis fazer nada, literalmente, que não seja natural. No entanto, ao longo de um período de tempo, substâncias químicas "artificiais" ingeridas com os alimentos formarão, nos vossos termos, um novo tipo de natureza. Os vossos corpos estão maravilhosamente equipados e transformarão quase tudo em vantagem própria. Segundo muitas escolas de pensamento, as drogas artificiais, assim chamadas, ou as substâncias químicas, são vistas sob uma luz muito negativa, como se vos cortassem da natureza. Contudo, tais experiências representam uma forte linha de probabilidade ainda apenas na sua "infância", na qual o homem poderia sustentar-se sem esgotar a Terra, viver sem matar animais e formar literalmente um novo tipo de estrutura física ligada à Terra, sem depauperar a sua substância.

— Isto não significa que, entretanto, alguma confusão biológica não possa resultar. Significa que, mesmo nesses termos, e sem o saber conscientemente, a humanidade está a experimentar com uma espécie provável e a trabalhar questões bastante espirituais. Os vossos futuros prováveis e os vossos passados prováveis, em termos mais amplos, existem todos ao mesmo tempo. Começarei

por vos explicar a vossa história, pelo menos até certo ponto, nos termos históricos que reconheceis. Nessa medida, espero tornar conscientemente conhecida a vossa realidade desconhecida.

— À medida que eu descrever parte do passado do homem primitivo em termos históricos, mostrarei também como essa “herança” está viva na vossa experiência diária com o mundo tal como o conheceis.

— A arqueologia da alma e do sangue não está enterrada, mas viva na vossa experiência. Uma fotografia não é mais relíquia do que um fóssil. Cada um está cheio da energia do ser. Nenhum deles está enterrado num passado para além do vosso conhecimento. Uma fotografia vive no presente da tua psique, e um fóssil na vitalidade viva das tuas células

Síntese Operativa

Este capítulo encerra a primeira parte da obra e funciona como passagem para uma nova escala da investigação. Seth parte de um exercício prático com cenas do passado, mas alarga rapidamente o tema: as probabilidades não são abstrações; são linhas vivas de experiência, ligadas ao corpo, aos sonhos, ao cérebro, ao Ego Exterior, à história da humanidade e ao futuro da consciência.

A função central do capítulo é esta:

a consciência humana chegou a um limiar: ou aprende a integrar conscientemente o conhecimento inconsciente, intuitivo e provável, ou esse conhecimento emergirá de forma desorganizada, sob a forma de superstição, fragmentação cultural, culto, conflito e crise.

1. O exercício como porta para probabilidades

Seth começa por propor um exercício simples: escolher uma cena recordada do passado e experienciá-la imaginativamente, procurando as suas extensões prováveis.

memória → imaginação → ponto de interseção → probabilidade não seguida

A cena recordada pode tornar-se cinzenta, sombria, desfocada ou estranhamente alterada. Esses sinais indicam que a consciência está a tocar uma variação provável da experiência.

cena conhecida → alteração subtil → indício provável

O exercício não é apenas psicológico. É mental, neurológico e biológico.

exercício imaginativo → reorientação neurológica → abertura perceptiva

2. O passado não é fechado

O passado recordado não é uma peça morta da memória.

passado recordado → ponto vivo → ramificações prováveis

Uma escolha antiga não produziu apenas uma consequência. Produziu também linhas alternativas de experiência que continuam ativas noutros enquadramentos.

decisão tomada → vida atual

decisões não tomadas → vidas prováveis

O passado, portanto, não é apenas aquilo que aconteceu. É também o campo a partir do qual outras probabilidades se ramificaram.

3. O sentimento subjetivo como indício

Seth insiste que o indício principal não é apenas visual.

imagem alterada → sinal

sentimento subjetivo → confirmação

A consciência reconhecerá, pela qualidade interior da experiência, quando uma memória e uma probabilidade se intersetarem.

sentimento → reconhecimento → contacto provável

O critério não é a lógica externa, mas a tonalidade experiencial.

4. O sonho como teia de comunicação provável

O estado de sonho funciona como uma rica teia de comunicação entre selves prováveis e existências prováveis.

estado de sonho → menor rigidez física → comunicação entre selves prováveis

Nos sonhos, a personalidade pode experimentar soluções, escolhas e futuros prováveis.

problema → sonhos múltiplos → soluções prováveis → escolha → realidade física

O sonho não é apenas processamento psicológico. É campo de ensaio, contacto e troca entre linhas prováveis da identidade.

5. Selves prováveis partilham raízes psíquicas

Tu e os teus selves prováveis não sois estranhos uns aos outros.

self atual → raízes psíquicas comuns → selves prováveis

Todos partilham simbolismo, fundo experiencial e capacidades.

raízes comuns → sonhos partilháveis → simbolismo comum → capacidades reverberantes

Isto não significa que sonhes literalmente o sonho de outro self, mas que existe uma rede comum de símbolos e possibilidades.

6. A consciência precisa de expandir a sua posição

A consciência conhecida não deve defender obsessivamente a sua antiga posição.

consciência atual → foco neurológico especializado → limitação

Ela aprendeu a focalizar-se num padrão neurológico específico. Esse foco foi necessário para a realidade física, mas agora tornou-se estreito.

foco especializado → sobrevivência física → domínio do ambiente

foco demasiado estreito → cegueira perante probabilidades

A próxima etapa exige expansão.

consciência especializada → consciência ampliada → reconhecimento de realidades legítimas

7. A realidade “desconhecida” sustenta a vida

A realidade “desconhecida” não é distante nem abstrata. Sustenta a teia da vida tal como a conhecemos.

realidade desconhecida → suporte invisível → vida física

Os conceitos conscientes têm de se ampliar para que o self consciente compreenda a sua verdadeira natureza.

conceitos estreitos → consciência meio desenvolvida

conceitos ampliados → florescimento da consciência

A humanidade vive apoiada por dimensões que ainda não reconhece conscientemente.

8. O cérebro contém potenciais latentes

Seth fala de porções não utilizadas do cérebro, à espera de reconhecimento.

potenciais cerebrais latentes → reconhecimento → ativação

Essas porções correspondem a capacidades da consciência ainda não plenamente integradas.

- cérebro → instrumento físico
- mente → realidade mais ampla
- potenciais latentes → ponte entre ambos

Quando forem ativadas, a mente tornar-se-á consciente do leito de probabilidades sobre o qual o Ego Exterior se move.

9. O Ego Exterior foi necessário

O Ego Exterior não é tratado como erro.

Ego Exterior → foco → domínio físico → especialização

Para desenvolver a experiência física, a consciência teve de se separar exteriormente da natureza e fingir estar apartada dela.

consciência → natureza

Ego Exterior → separação funcional → manipulação física

Essa separação permitiu ação, domínio, técnica e organização física.

Mas só poderia ir até certo ponto.

separação útil → depois limitação

10. O conceito de Deus acompanhou o Ego Exterior

Os conceitos humanos de Deus acompanharam o desenvolvimento da consciência.

Ego Exterior emergente → necessidade de domínio → Deus dominante separado da natureza

As nações funcionaram muitas vezes como Egos Exteriores de grupo.

nação → imagem própria de Deus → conceito próprio de poder → guerra legitimada

O conceito de Deus foi usado para organizar poder, identidade coletiva e ação histórica.

Mas, mesmo nesses conceitos, permaneceram símbolos de uma realidade maior.

11. A unidade com a Terra foi esquecida, mas não perdida

O Ego Exterior esqueceu o empreendimento cooperativo da Terra.

especialização física → esquecimento da cooperação terrestre

Mas, em níveis mais profundos, homem e animal continuam a conhecer as suas ligações.

homem → Terra → células animais → continuidade biológica

animal → homem futuro → continuidade da vida

A Terra não é um cenário exterior. É um empreendimento cooperativo de consciência.

vida terrestre → interligação → troca → continuidade

12. A humanidade chegou a um limiar

A consciência humana encontra-se agora num ponto crítico.

passados prováveis + futuros prováveis → presente são, realizador e criativo

Para formar um presente equilibrado, a humanidade precisa de reconhecer as suas raízes prováveis.

raízes inconscientes → integração consciente → cultura renovada

Se esse conhecimento for negado, emergirá de forma desorganizada.

negação institucional → conhecimento inconsciente desorganizado → cultos, caos, superstição

13. O conflito entre razão e intuição é desnecessário

Seth não propõe abandonar a razão.

razão sem intuição → rigidez

intuição sem razão → caos

A tarefa é integrar ambas.

Ego Exterior iluminado → organização do conhecimento inconsciente → padrões culturais criativos

A mente consciente deve expandir-se, não abdicar da sua função.

mente consciente → aceitar intuições → organizar conhecimento profundo → cultura renovada

14. Amor como impulso biológico e espiritual

O amor é apresentado como grande emoção mal utilizada.

amor → impulso biológico do ser → princípio espiritual

As religiões ensinaram muitas vezes o homem a odiar-se a si mesmo e à existência física.

ódio ao corpo → ódio à existência física → separação de Deus

Seth desloca o foco:

amar Deus → insuficiente

experienciar os deuses em si mesmo → integração

O divino não deve ser apenas venerado exteriormente; deve ser reconhecido como potencial interior.

15. O indivíduo não deve ser dissolvido

Seth rejeita a destruição da individualidade.

- individualidade → não perder
- individualidade → não dissolver num superself
- individualidade → não submergir num inconsciente poderoso

O objetivo não é apagar o self individual, mas expandi-lo.

self individual → reconhecimento ampliado → identidade mais vasta

A individualidade continua válida, mas deve incluir mais realidade.

16. Ir além de “um Deus, um self, um corpo, um mundo”

A humanidade precisa de ultrapassar conceitos unitários demasiado estreitos.

um Deus → um self → um corpo → um mundo

Essas ideias serviram uma fase da consciência, mas já não bastam.

múltiplos selves → múltiplos corpos → múltiplos mundos → múltiplas espécies de consciência

A realidade multidimensional exige uma identidade mais ampla.

17. Espécies de consciência

Seth afirma que existem espécies de consciência.

espécie humana atual → tempo de mudança

potenciais corporais não usados → novos desenvolvimentos

A humanidade pode desenvolver níveis espirituais, psíquicos e físicos mais ricos.

potenciais ativados → enriquecimento da raça

potenciais negados → risco de não perdurar na sequência histórica

O futuro da espécie depende da expansão da consciência.

18. Homem-animal, animal-homem e homem provável

Seth rejeita uma evolução linear simples.

animal → homem

não basta.

A estrutura é paralela:

animal-homem ↔ homem-animal → coexistência cooperativa

Agora, de modo semelhante, existem formas embrionárias de homem provável.

homem atual → homem provável → espécies futuras de consciência

A humanidade é uma linha dentro de um campo mais vasto de possibilidades.

19. Drogas, química e espécie provável

As experiências com drogas, substâncias químicas e alimentos artificiais são vistas como sinais de uma linha provável ainda imatura.

substâncias artificiais → novo tipo de natureza → transformação corporal possível

Mesmo sem compreender conscientemente o processo, a humanidade experimenta com uma espécie provável.

química → corpo → probabilidade biológica → questões espirituais

Seth não idealiza essas experiências, mas também não as condena simplesmente.

confusão biológica possível → aprendizagem provável em curso

20. A história como via para tornar conhecida a realidade desconhecida

Seth anuncia que começará a explicar a história humana em termos reconhecíveis.

história reconhecida → porta de entrada → realidade desconhecida

Mas essa história não será tratada como passado morto.

passado → vivo no presente

herança → ativa na psique e nas células

A arqueologia de que Seth fala não é apenas exterior.

arqueologia da alma e do sangue → experiência presente

21. Fotografia e fóssil como presenças vivas

A fotografia e o fóssil não são relíquias mortas.

fotografia → vive no presente da psique

fóssil → vive na vitalidade das células

Ambos estão cheios da energia do ser.

memória → não arquivo morto

fóssil → não passado enterrado

ambos → presença ativa

O capítulo termina assim com uma chave decisiva: a história não está atrás de nós; está viva no agora da consciência.

Fórmula do capítulo

memória → ponto de interseção → probabilidade

sonho → comunicação entre selves prováveis

Ego Exterior → especialização neurológica → domínio físico

realidade desconhecida → suporte da vida

conceitos de Deus → desenvolvimento da consciência

separação da natureza → fase útil → limitação

conhecimento inconsciente → emergência

razão + intuição → integração cultural

individualidade → expansão, não dissolução

um Deus / um self / um corpo / um mundo → limiar a ultrapassar

homem atual → homem provável

história → arqueologia viva da alma e do sangue

Chave de leitura

Este capítulo não é apenas uma continuação dos exercícios sobre probabilidades. É a conclusão da primeira etapa do livro.

Seth mostra que a consciência humana foi estreitada para aprender a focar-se fisicamente, mas que esse estreitamento já cumpriu grande parte da sua função. A próxima fase exige uma expansão do Ego Exterior, não a sua destruição.

O self individual deve permanecer, mas mais vasto.

A razão deve permanecer, mas aberta à intuição.

O corpo deve permanecer, mas reconhecido como parte de uma teia provável.

A história deve permanecer, mas compreendida como viva no presente.

O limiar é este:

consciência meio desenvolvida → consciência ampliada

realidade conhecida → realidade desconhecida conscientemente reconhecida

A humanidade não precisa de abandonar a razão, o corpo, o indivíduo ou o mundo. Precisa de os abrir à multidimensionalidade que sempre os sustentou.

PARTE DOIS

*Homem Paralelo, Homem Alternativo e
Homem Provável: O Reflexo destes na
Psique Privada Presente.
A Tua Realidade Multidimensional no
Agora do Teu Ser*

CAPÍTULO 10

Unidades de Consciência e Espécies Prováveis

— As UC, ou unidades de consciência, estão literalmente em todos os lugares e tempos ao mesmo tempo. Possuem a maior adaptabilidade e uma profunda propensão "inata" para a organização de todos os tipos. Agem como indivíduos e, contudo, cada uma transporta dentro de si o conhecimento de todos os outros tipos de atividade que ocorrem em qualquer outra unidade ou grupo de unidades.

— Ao reunirem-se, as unidades formam efetivamente os sistemas de realidade nos quais têm a sua experiência. No vosso sistema, por exemplo, estão dentro do mundo fenoménico. Por isso, aparecerão sempre sob o disfarce de qualquer padrão particular de realidade. Nos vossos termos, podem mover-se para a frente ou para trás no tempo, mas possuem também outro tipo de mobilidade interior dentro do tempo tal como o conheceis.

— Assim como há interior nos frutos, pensa no momento comum como uma maçã. Na experiência habitual, seguras essa maçã na mão, ou come-la. Contudo, usando esta analogia, a própria maçã — enquanto momento — conteria dentro de si infinitas variações de si mesma. Portanto, estas UC podem operar, mesmo dentro do tempo tal como o entendeis, de modos extremamente difíceis de

explicar. O tempo não vai apenas para trás e para a frente, mas também para dentro e para fora. Continuo aqui a usar, até certo ponto, a vossa ideia de tempo. Mais tarde, neste livro, espero conduzir-vos completamente para além dela. Mas, nos termos em que estou a falar, são as direções interiores e exteriores do tempo que vos dão um universo que parece bastante permanente e que, contudo, está também a ser criado.

— Este impulso para dentro e para fora permite várias condições importantes, necessárias ao estabelecimento de sistemas universais “relativamente” separados e estáveis. Um sistema desses pode parecer fechado¹ a partir de qualquer ponto de vista dentro de si mesmo. Contudo, esta condição de impulso para dentro e para fora estabelece eficazmente as fronteiras e a singularidade de cada sistema universal, ao mesmo tempo que permite uma constante troca de energia entre eles.

— Nenhuma energia se perde jamais. Pode parecer desaparecer de um sistema, mas, se isso acontecer, emergirá noutro. O impulso para dentro e para fora que não é percecionado é, em grande medida, responsável por aquilo que pensais como tempo consecutivo comum. É, evidentemente, da máxima e suprema importância que estas UC sejam literalmente indestrutíveis. Podem

¹ Em geral, dada a natureza das UC — as unidades “básicas” de consciência postuladas por Seth, que compõem todas as realidades —, sistemas fechados não podem existir. No Capítulo 20 de Seth Fala: “Basicamente, contudo, nenhum sistema é fechado. A energia flui livremente de um para outro, ou melhor, permeia cada um. É apenas a estrutura de camuflagem [física] que dá a impressão de sistemas fechados, e a lei da inércia não se aplica. Ela parece ser uma realidade apenas dentro do vosso próprio enquadramento e devido ao vosso foco limitado.”

No Capítulo 1 de Seth Fala: “Agora, por vezes usarei o termo ‘camuflagem’, referindo-me ao mundo físico com o qual o Ego Exterior se relaciona, pois, a forma física é uma das camuflagens que a realidade adota.”

assumir qualquer forma, organizar-se em qualquer tipo de comportamento temporal — e parecer formar uma realidade completamente dependente da sua forma e estrutura aparentes. Contudo, ao desaparecerem através de um dos buracos negros² dos físicos, por exemplo, embora a estrutura e a forma parecessem ser aniquiladas e o tempo drasticamente alterado, haveria uma emergência na outra extremidade, onde todo o "pacote de um universo", tendo sido fechado dentro do buraco negro, seria reaberto.

— Há um fluxo constante de nova energia para dentro do vosso universo através de fontes infinitamente minúsculas. As fontes são as próprias UC. À sua maneira — e usando agora uma analogia —, em certos aspetos pelo menos, as UC operam como buracos negros e buracos brancos minúsculos, mas extremamente potentes, tal como são atualmente compreendidos pelos vossos físicos.

— Seguindo essa analogia, as UC servem como pontos-fonte, ou "buracos", através dos quais a energia cai para dentro do vosso sistema, ou é atraída para ele — e, ao fazê-lo, forma-o. Daí resultam a experiência do tempo que avança, a aparência da matéria física no espaço e no tempo, e todo o mundo fenoménico.

² Um buraco negro típico, segundo as previsões feitas por Einstein na sua teoria da gravidade, é considerado o remanescente colapsado de uma estrela gigante que esgotou toda a sua energia nuclear. A sua densidade é inimaginavelmente grande, e a sua gravidade tão poderosa que nem sequer a luz consegue escapar dele. Por isso, tal objeto é invisível, formando um "buraco" no espaço.

No entanto, foi proposto que alguma radiação luminosa poderia escapar do "horizonte de acontecimentos" imediatamente acima, ou em torno, do buraco negro, e que, eventualmente, essa radiação poderá ser detetada com equipamento de satélite mais avançado. Seth ainda não comentou, de uma forma ou de outra, esses atributos teóricos dos buracos negros.

Ver no Apêndice de Seth Fala, onde Seth discute brevemente tanto os buracos negros como os seus equivalentes sugeridos, os buracos brancos.

À medida que as UC deixam o vosso sistema, o tempo decompõe-se. Os seus efeitos deixam de ser experienciados como consecutivos, e a matéria torna-se cada vez mais plástica, até que a sua natureza mental se torna cada vez mais evidente. Assim, novas UC entram e saem constantemente do vosso sistema. Dentro do sistema como um todo, contudo, através das suas grandes e pequenas estruturas organizacionais, as UC estão conscientes de tudo o que acontece — não apenas no topo do momento, mas dentro dele, em todas as suas probabilidades.

— Isto significa que, biologicamente, a célula está consciente de todas as suas variações prováveis, enquanto, no vosso tempo e nas vossas estruturas, mantém a sua posição única como parte, digamos, de qualquer órgão particular do vosso corpo. Em termos mais amplos, a célula é um imenso universo físico, orbitando uma UC invisível; e, nos vossos termos, a UC será sempre invisível — para além do mais pequeno fenómeno que possais percecionar com qualquer tipo de instrumento. Até certo ponto, contudo, o seu ato pode ser apreendido indiretamente através do seu efeito sobre o fenómeno que podeis percecionar.

— As unidades EE mencionadas anteriormente representam o estágio de emergência, o ponto-limiar que praticamente ativa as UC, nos vossos termos. Teremos mais a dizer sobre isto mais tarde.

— Contudo, é vital que compreendais este impulso para dentro e para fora do “tempo”, e que percebais que dele flui a aparência consecutiva do momento. Esse impulso dá ao tempo dimensões

que, até agora, nem sequer começastes a compreender. Mais uma vez, viveis na superfície dos momentos, sem compreender as realidades não reconhecidas e não oficiais que jazem sob ela. Tudo isto, uma vez mais, está ligado ao vosso reconhecimento neurológico aceite de certas mensagens em detrimento de outras, ao vosso preconceito mental que vos cega efetivamente para outras comunicações biológicas perfeitamente válidas, que estão de facto presentes durante todo o "tempo".

— Estou a tentar dizer-vos algo sobre a realidade maior da vossa espécie; contudo, para o fazer com alguma justiça, tenho de vos despir, se possível, de certos conceitos acerca do início do tempo, ou da "história primitiva do homem".

— Para começar, contudo, apoiar-nos-emos durante algum tempo na velha terminologia, esperando deixá-la gradualmente para trás.

— As UC formam todos os sistemas simultaneamente. Tendo formado o vosso, e diversificando-se a partir da sua energia em formas físicas, estavam conscientes de todas as variações prováveis de qualquer determinada estirpe biológica. Nunca houve uma linha reta de desenvolvimento, como, digamos, dos répteis para o mamífero, o macaco e o homem. Em vez disso, houve grandes explosões paralelas de formas e padrões de vida, ainda em curso, infinitamente ricas, em todas as direções possíveis. Houve homens-animais e animais-homens, usando os vossos termos, que partilharam tanto o tempo como o espaço durante muitos séculos.

Este é, como todos bem sabeis, um sistema físico no tempo. Aqui, as células morrem e são substituídas. Conhecendo a sua própria indestrutibilidade, as UC dentro delas simplesmente mudam de forma, retendo, contudo, a identidade de todas as células que foram. Enquanto a célula morre fisicamente, a sua natureza inviolável não é traída. Simplesmente já não é física.

— *Esse tipo de "morte" é, então, natural de uma forma ou de outra dentro do vosso sistema. Falarei aqui a partir de muitos pontos de vista e, mais tarde, discutirei plenamente as vossas ideias de mortalidade. Aqui, contudo, deixai-me afirmar que toda a vida é cooperativa. Ela também sabe que existe para além da sua forma.*

— *A experiência da vossa espécie envolve determinado tipo de desenvolvimento da consciência, altamente vital. Isto exigiu certo tipo de especialização, certa identificação "a longo prazo" com a forma. A estrutura celular mantém uma eficácia brilhante na realidade presente do corpo, mas sabe-se livre dela. O tipo particular de consciência do homem identificou-se ferozmente com o corpo. Isto foi necessário para focalizar energia na manipulação física. Até certo ponto importante, o mesmo se aplica aos animais. A célula poderia "morrer" de bom grado, mas a consciência homem-e-animal, especificamente orientada, não se soltaria tão facilmente.*

— *A célula é individual e luta pela sua sobrevivência legítima. Contudo, o seu tempo é limitado, e a sobrevivência do corpo depende da sabedoria inata da célula: a célula tem finalmente de morrer para que o corpo sobreviva; e só morrendo pode a célula*

promover o seu próprio desenvolvimento e, portanto, assegurar a sua sobrevivência maior. Assim, a célula sabe que morrer é viver.

— A consciência do homem, e até certo ponto a dos animais, está, contudo, mais especificamente identificada com a forma. Para desenvolver o seu próprio tipo de consciência individualizada, o homem teve de ignorar conscientemente, durante algum tempo, o seu próprio lugar dentro da estrutura da Terra. A sua experiência do tempo pareceria ser a experiência da sua identidade. A sua consciência não pareceria fluir para o seu corpo antes do nascimento, nem sair dele depois da morte. Ele “esqueceria” que havia um tempo para morrer. Esqueceria que a morte significava nova vida. Uma mensagem natural teve de substituir o antigo conhecimento.

— No corpo, certas células “matam” outras e, ao fazê-lo, a integridade viva do corpo é mantida. As células prestam umas às outras esse serviço. No mundo exterior, certos animais “matam” outros. Durante séculos, então, falando nos vossos termos limitados, tivestes uma situação em que homens e animais eram simultaneamente caçadores e presas. Nessas eras enevoadas,³ do vosso ponto de vista, estas atividades eram realizadas com a mais profunda e sagrada compreensão. Mais uma vez, o animal abatido sabia que, “mais tarde”, olharia através dos olhos do seu matador — alcançando um tipo de consciência novo e diferente. O homem,

³ Solicitei a Seth que comentasse as nossas origens antigas, mas sem obter resposta. Neste momento da escrita, portanto, ainda não sabemos a que período do nosso passado ele se refere. Evidentemente, é há muito tempo; mesmo em termos paleontológicos convencionais, descobertas recentes na África Oriental situam um homem fabricante de ferramentas em atividade há 3 milhões de anos, com uma linhagem possivelmente recuando 14 milhões de anos.

o matador, compreendia o grande sentido de harmonia que existia mesmo no ato de matar, e sabia que, por sua vez, o material físico do seu corpo seria usado pela Terra para reabastecer os reinos vegetal e animal.

— Mesmo quando perdêsseis de vista — como sabíeis que aconteceria — essas ligações profundas, elas continuariam a operar até que, à sua maneira, a consciência do homem pudesse redescobrir esse conhecimento e usá-lo — deliberada e voluntariamente, levando assim essa consciência a florescer. Nos vossos termos, isto representaria um grande salto, pois o indivíduo consciente do Ego Exterior compreenderia plenamente o conhecimento inconsciente e agiria por si mesmo, por escolha. Tornar-se-ia um cocriador consciente. Obviamente, isto ainda não aconteceu.

— Disse-vos que atualmente percecionais apenas a superfície do momento; por isso, também percecionais apenas uma linha do desenvolvimento da espécie. Contudo, mesmo dentro do vosso sistema, há indícios de outras realidades prováveis que também coexistem. Os golfinhos são um exemplo disso. Na vossa linha de probabilidade são singularidades; no entanto, mesmo agora reconheceis a sua grande capacidade cerebral e, de forma ainda vaga, vislumbrais a amplitude da sua própria comunicação.

— Em certo momento da vossa Terra, segundo a forma como olhais para o tempo, existiram muitas dessas espécies: habitantes das águas, com capacidades cerebrais tão boas como as vossas e

até superiores. As vossas lendas de sereias, por exemplo, embora altamente romantizadas, insinuam de facto o desenvolvimento de uma dessas espécies. Existiram várias espécies mais pequenas do que os golfinhos, mas, em geral, estruturalmente semelhantes. A sua inteligência era indiscutível, e antigos mitos de deuses marinhos surgiram a partir dessas espécies. Ainda hoje existe, da parte dos golfinhos, uma vida emocional extremamente rica, para a qual sois relativamente cegos; e, mais do que isso, há da parte deles um reconhecimento de outras espécies maior do que aquele que vós próprios tendes.

— Os golfinhos possuem um forte sentido de lealdade pessoal e um padrão familiar íntimo, juntamente com um reconhecimento e comportamento individual e grupal altamente desenvolvidos. Por outras palavras, cooperam uns com os outros. Fazem tudo para ajudar outras espécies e, contudo, não tomam animais de estimação. Existiram também, porém, muitas variedades de mamíferos aquáticos — alguns combinando o humano com o peixe, embora aproximadamente segundo as linhas de uma combinação chimpanzé-peixe. Eram criaturas pequenas, que se deslocavam com espantosa rapidez e podiam emergir em terra durante vários dias de cada vez.

— Noutras probabilidades, predominam mamíferos aquáticos. Procuram explorar o ambiente terrestre como vós procurais explorar o ambiente aquático, e só agora estão a aprender a operar em terra durante períodos prolongados, tal como vós só agora estais a aprender a operar abaixo da água.

— O universo físico serve, então, como limiar para probabilidades, e todas as espécies possíveis encontram a sua maior realização dentro desse sistema, cada uma neurologicamente sintonizada com a sua própria realidade e o seu próprio “tempo”. Assim, o próprio corpo, tal como existe atualmente, está inatamente equipado com outras respostas neurológicas que, para vós, pareceriam biologicamente invisíveis. No entanto, a vossa consciência e as vossas crenças são o que dirige esse reconhecimento neurológico. Ao nascimento, e antes de começarem os processos estruturados de aprendizagem, sois muito mais livres nesse aspeto.

— Nesse ponto do nascimento, poderíeis caminhar para “ontem” tão bem como para amanhã — se pudésseis caminhar —, e, de facto, a vossa perceção traz-vos acontecimentos tanto dentro como fora da sequência temporal. Contudo, as respostas a acontecimentos fora do tempo não trazem ao bebé reconhecimento, aprovação ou ação. Ele começa imediatamente a aprender a aceitar certos pulsos neurológicos que produzem resultados, e não outros; e assim os padrões neurológicos são aprendidos muito cedo. Este pode ser um processo assustador, embora seja acompanhado por garantias tranquilizadoras. O bebé vê, fora de contexto, tanto o presente como o futuro, sem discriminação, e estou a falar de imagens fisicamente percecionadas.

— Os pesadelos das crianças funcionam muitas vezes como descargas biológicas e psíquicas, durante as quais perceções enterradas fora do tempo emergem explosivamente — acontecimentos percecionados aos quais não é possível reagir

eficazmente perante o condicionamento parental. O corpo, então, é de facto um mecanismo vivo muito mais maravilhoso do que imaginais. São as próprias precognições do corpo⁽¹⁰⁾ que permitem à criança desenvolver-se, falar, andar e crescer.

— Da mesma forma, a espécie, tal como a concebeis, está, a certo nível, consciente das suas próprias probabilidades e das suas linhas "futuras" de desenvolvimento. A criança que aprende a andar pode cair e magoar-se, mas acaba por aprender. Do mesmo modo, a raça comete erros — e, contudo, em resposta ao seu próprio conhecimento maior, continua a procurar essas áreas da sua própria realização provável.

Síntese Operativa

Este capítulo abre a Parte II deslocando a investigação das probabilidades individuais para as probabilidades da vida, da espécie e da própria estrutura biológica. Seth parte das unidades de consciência — as UC — para mostrar que a realidade física, o tempo, o corpo, a morte, as espécies e a evolução não seguem uma linha única. Tudo emerge de um campo simultâneo de possibilidades, no qual cada forma de vida está neurologicamente sintonizada com a sua própria realidade e o seu próprio tempo.

A função central do capítulo é esta:

a vida física não se desenvolve numa sequência linear única; ela emerge de unidades de consciência indestrutíveis que formam sistemas, espécies, corpos, tempos e probabilidades paralelas, cada uma com a sua própria validade experiencial.

1. As UC estão em todos os lugares e tempos

As unidades de consciência existem literalmente em todos os lugares e tempos ao mesmo tempo.

UC → presença simultânea → todos os lugares → todos os tempos

Elas possuem uma adaptabilidade extrema e uma propensão inata para organizar qualquer tipo de realidade.

UC → adaptabilidade → organização → sistemas de realidade

Cada UC age como indivíduo, mas transporta conhecimento de todas as outras atividades que ocorrem em qualquer unidade ou grupo de unidades.

individualidade → conhecimento partilhado → interligação universal

2. As UC formam sistemas de realidade

Quando se reúnem, as UC formam os sistemas nos quais têm experiência.

UC → agrupamento → sistema de realidade → experiência

No sistema físico, aparecem sob o disfarce do mundo fenoménico.

UC → padrão físico → matéria → mundo percebido

Elas não são vistas diretamente. São reconhecidas apenas pelos efeitos que produzem.

UC invisível → efeito visível → fenómeno físico

3. O momento tem interior

Seth compara o momento comum a uma maçã.

momento → maçã → interior → variações infinitas

Na experiência comum, a consciência segura o momento pela superfície. Vive-o como se fosse uma unidade simples.

Mas, dentro do momento, existem infinitas variações.

momento percebido → superfície

momento interior → probabilidades

O tempo não vai apenas para trás e para a frente. Vai também para dentro e para fora.

tempo → passado/futuro

tempo interior → profundidade provável

tempo exterior → manifestação fenoménica

4. O impulso para dentro e para fora do tempo

As UC operam através de um impulso para dentro e para fora do tempo.

UC → impulso interior/exterior → tempo consecutivo → aparência de continuidade

Esse impulso cria a aparência de momentos consecutivos.

impulso não percecionado → sucessão temporal → mundo estável

Ao mesmo tempo, permite que sistemas universais pareçam separados e estáveis.

sistema universal → fronteiras aparentes → estabilidade relativa

Mas essas fronteiras não são absolutas. Há troca constante de energia entre sistemas.

fronteira → singularidade

troca de energia → abertura

5. Nenhuma energia se perde

A energia nunca desaparece.

energia sai de um sistema → emerge noutro

Aquilo que parece aniquilação é transformação ou emergência noutro enquadramento.

desaparecimento aparente → mudança de sistema → nova manifestação

Mesmo quando forma, estrutura e tempo parecem destruídos, como na analogia do buraco negro, o “pacote” de um universo reaparece noutro ponto.

fecho → passagem → reabertura

A realidade não é destruída; reorganiza-se.

6. UC como fontes de energia

Seth compara as UC a fontes infinitamente pequenas através das quais energia entra no universo.

UC → pontos-fonte → energia → sistema físico

Usando a analogia dos buracos negros e brancos, as UC funcionam como aberturas microscópicas, mas potentíssimas.

UC → entrada de energia → formação do universo físico

Daí resultam:

tempo que avança → matéria física → espaço → mundo fenoménico

À medida que as UC deixam o sistema, o tempo perde consecutividade e a matéria torna-se mais plástica.

UC retiram-se → tempo decompõe-se → matéria plastifica-se → natureza mental torna-se evidente

7. A superfície do momento

A consciência humana vive na superfície dos momentos.

superfície do momento → realidade oficial

interior do momento → probabilidades não reconhecidas

O foco neurológico aceite seleciona apenas certas mensagens e exclui outras.

mensagens aceites → realidade física

mensagens rejeitadas → realidades não oficiais

O preconceito mental e neurológico impede a percepção de comunicações biológicas válidas que estão presentes durante todo o tempo.

preconceito neurológico → cegueira biológica → exclusão de dados prováveis

8. A célula conhece as suas variações prováveis

Biologicamente, a célula está consciente de todas as suas variações prováveis.

célula → variações prováveis → posição física específica

Mesmo ocupando uma função particular no corpo, a célula mantém uma relação mais ampla com as suas possibilidades.

célula física → órgão específico

célula em termos amplos → universo provável

Seth descreve a célula como um imenso universo físico orbitando uma UC invisível.

UC invisível → centro operativo → célula como universo físico

9. Evolução não é linha reta

Nunca houve uma linha reta de desenvolvimento.

réptil → mamífero → macaco → homem

é uma simplificação.

Segundo Seth, houve explosões paralelas de formas e padrões de vida.

UC → formas biológicas → explosões paralelas → padrões de vida simultâneos

A vida não se desenvolve como escada única, mas como proliferação.

vida → ramificação → paralelismo → espécies possíveis

10. Homens-animais e animais-homens

Seth afirma que homens-animais e animais-homens compartilharam tempo e espaço durante longos períodos.

homem-animal → animal-homem → coexistência

Isto desfaz a fronteira rígida entre humano e animal.

- humano → animal
- animal → humano
- ambos → continuidade biológica e psíquica

A consciência humana não surgiu separada da vida animal. Especializou-se a partir de uma estrutura cooperativa mais ampla.

11. A morte celular como serviço à vida

No corpo, certas células “matam” outras, e esse processo mantém a integridade viva do organismo.

morte celular → renovação → sobrevivência do corpo

A célula sabe que morrer é viver.

morte da célula → continuidade do corpo

morte física → mudança de forma

UC → indestrutibilidade

A morte não trai a natureza inviolável da célula. Apenas encerra a sua forma física.

célula morre fisicamente → UC muda de forma → identidade preservada

12. Toda a vida é cooperativa

Seth alarga a lógica celular ao mundo exterior.

células → morte cooperativa → corpo vivo

animais → caça e presa → equilíbrio vivo

homem → corpo devolvido à Terra → reabastecimento vegetal e animal

Nas eras antigas, segundo Seth, matar e ser morto eram compreendidos dentro de uma harmonia sagrada.

animal abatido → consciência futura

matador → corpo futuro devolvido à Terra

A vida alimenta a vida, e todas as formas sabem, em níveis profundos, que existem para além da forma.

13. A especialização humana no corpo

A consciência humana identificou-se fortemente com a forma física.

consciência humana → identificação com o corpo → manipulação física

Essa identificação foi necessária para desenvolver a ação no mundo físico.

identificação corporal → foco → manipulação → domínio físico

Mas esse foco exigiu esquecimento temporário.

lugar na Terra → esquecido

continuidade antes do nascimento → esquecida

continuidade depois da morte → esquecida

morte como nova vida → esquecida

Uma mensagem natural teve de substituir o antigo conhecimento.

14. O salto futuro da consciência humana

Mesmo quando o homem perdeu de vista as ligações profundas com a Terra, com os animais e com a morte, essas ligações continuaram a operar.

conhecimento esquecido → continua ativo → redescoberta futura

O grande salto será recuperar esse conhecimento de forma consciente.

conhecimento inconsciente → compreensão consciente → escolha → cocriação

O objetivo não é regressar a uma inconsciência instintiva, mas integrar conscientemente aquilo que antes era conhecido em profundidade.

instinto antigo → consciência ampliada → cocriador consciente

15. Golfinhos como indício de outras linhas

Os golfinhos aparecem como exemplo de uma linha provável visível dentro do nosso próprio sistema.

golfinhos → capacidade cerebral → comunicação → vida emocional rica

Na nossa linha de probabilidade, parecem singularidades.

Mas indicam outras possibilidades de desenvolvimento da consciência.

espécie aquática → inteligência → comunicação → reconhecimento interespécies

Os golfinhos não são apenas animais inteligentes. Funcionam como indício de outras direções da vida consciente.

16. Espécies aquáticas prováveis

Seth afirma que, em certos períodos da Terra, existiram muitas espécies aquáticas com capacidades cerebrais iguais ou superiores às humanas.

habitantes das águas → inteligência elevada → mitos de sereias → deuses marinhos

As lendas de sereias e deuses do mar são ecos distorcidos de espécies reais ou prováveis.

realidade biológica provável → memória mítica → romantização

Noutras probabilidades, os mamíferos aquáticos predominam.

probabilidade alternativa → mamíferos aquáticos dominantes → exploração do ambiente terrestre

Eles procuram explorar o ambiente terrestre como nós procuramos explorar o ambiente aquático.

espécie aquática → terra como fronteira

espécie terrestre → água como fronteira

17. O universo físico como limiar de probabilidades

O universo físico serve como limiar para probabilidades.

universo físico → limiar → espécies possíveis → realização provável

Cada espécie encontra dentro desse sistema a sua própria forma de realização, neurologicamente sintonizada com a sua realidade e o seu tempo.

espécie → sintonia neurológica → realidade própria → tempo próprio

A neurologia não é apenas mecanismo biológico; é filtro de realidade.

neurologia → reconhecimento → mundo percebido

18. O corpo possui respostas biologicamente invisíveis

O corpo está equipado com respostas neurológicas que, para a consciência habitual, parecem biologicamente invisíveis.

corpo → respostas neurológicas latentes → percepções fora do tempo

A consciência e as crenças dirigem o reconhecimento neurológico.

crença → seleção neurológica → realidade aceite

Ao nascer, antes da aprendizagem estruturada, a criança é mais livre nesse aspeto.

bebé → menor condicionamento → maior abertura percetiva

19. O bebé perceciona fora da sequência temporal

Ao nascimento, a percepção traz acontecimentos tanto dentro como fora da sequência temporal.

bebé → presente + futuro → imagens fisicamente percecionadas

Mas a criança aprende rapidamente que só certos pulsos neurológicos produzem reconhecimento, aprovação ou ação.

pulsos aceites → resposta dos adultos → aprendizagem

pulsos fora do tempo → sem validação → enterramento

Assim se forma cedo o padrão neurológico da realidade oficial.

condicionamento → seleção percetiva → tempo linear aprendido

20. Pesadelos infantis como descarga biológica e psíquica

Os pesadelos das crianças podem funcionar como descargas de perceções fora do tempo.

perceções enterradas → pressão psíquica → pesadelo → descarga

A criança pode ter percecionado acontecimentos aos quais não podia reagir eficazmente, porque o condicionamento parental não os validava.

imagem fora do tempo → sem ação possível → tensão → pesadelo

O pesadelo não é apenas medo infantil. Pode ser libertação biológica e psíquica de percepções não integradas.

21. Precognição corporal

O corpo possui precognições próprias.

precognição corporal → desenvolvimento → falar → andar → crescer

A criança aprende a desenvolver-se porque o corpo antecipa linhas possíveis de ação.

corpo → conhecimento futuro → movimento presente

Isto liga o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da espécie.

22. A espécie conhece as suas probabilidades

A espécie está, a certo nível, consciente das suas próprias probabilidades e linhas futuras.

espécie → conhecimento maior → linhas futuras → realização provável

Como a criança que aprende a andar, a raça comete erros, cai, magoa-se, mas continua a aprender.

criança → erro → queda → aprendizagem

raça → erro → crise → procura de realização provável

Os erros da espécie não são apenas falhas. São movimentos dentro de uma aprendizagem maior.

Fórmula do capítulo

UC → sistemas de realidade → tempo → matéria → mundo fenoménico

momento → superfície → interior → probabilidades

tempo → para trás/frente + dentro/fora

célula → morte física → continuidade da UC

vida → cooperação → troca de formas → continuidade

evolução → não linha reta → explosões paralelas de vida

espécie → sintonia neurológica → realidade própria

bebê → percepções fora do tempo → condicionamento → tempo linear

pesadelo infantil → descarga de percepções não integradas

corpo → precognição → desenvolvimento

raça → erros → aprendizagem → realização provável

Chave de leitura

Este capítulo mostra que a vida física é apenas uma das formas possíveis assumidas pela consciência. As UC organizam sistemas, tempos, corpos e espécies, mas nunca ficam presas a nenhuma dessas formas.

A morte celular, a morte animal, a morte humana e a transformação das espécies pertencem a uma dinâmica cooperativa mais vasta.

O homem esqueceu essa dinâmica para se especializar na forma física. Agora, porém, aproxima-se de um ponto em que pode

redescobrir conscientemente o conhecimento profundo que antes operava de modo instintivo.

A espécie humana não é o centro único da evolução. É uma linha dentro de muitas linhas.

vida → não sequência única

espécies → não hierarquia fixa

corpo → não prisão da consciência

tempo → não superfície total do momento

morte → não fim da identidade

O capítulo prepara assim o leitor para a Parte II: se existem espécies prováveis, tempos prováveis e formas biológicas alternativas, então também existem homens paralelos, homens alternativos e homens prováveis.

CAPÍTULO 11

Deuses Animais, Mitologia e o Nascimento da Consciência do Ego

— Até certo ponto, o desenvolvimento da consciência, tal como o compreendes, acompanha o desenvolvimento dos deuses ao longo das eras; e, nessas histórias, aparecem os disfarces que o homem poderia ter assumido, bem como aqueles que efetivamente assumiu.

— Todos os deuses animais sugerem várias experiências e espécies nas quais a consciência assumiu formas diferentes, e nas quais o nascimento da consciência do Ego Exterior, tal como a conheces, tentou várias áreas de exploração. Houve, por exemplo, diferentes versões de compreensão e atividade homem-animal e animal-homem.

— Há aproximadamente entre 50 milhões e 30 milhões de anos¹, existiram inúmeras espécies que agora vos pareceriam formas mutantes. A distinção entre homem-animal e animal-homem não era tão clara como é no vosso tempo. Em certos aspetos, a

¹ Segundo o nosso dicionário, o intervalo de tempo geológico que Seth indica neste capítulo, situa-se dentro do Período Terciário da Era Cenozoica. Esse período divide-se ainda em épocas. O ponto importante aqui, observa o dicionário, é que existiam muitos tipos de mamíferos nesses tempos remotos — incluindo “símios semelhantes ao homem”.

consciência era mais móvel, menos centrada e mais experimental. Essa ligação inicial, essa mistura inicial, seria mais tarde recordada nos mitos de deuses em forma animal. Tal variedade existiu muito antes de os vossos paleontólogos imaginarem que pudesse ter existido. Houve muitas espécies animais que fabricavam ferramentas, algumas anteriores à capacidade humana de as fabricar.

— *A consciência conhece todas as probabilidades de realização que lhe estão abertas. Cada espécie transporta, na sua psique individual e coletiva, as matrizes dessas atualizações prováveis. Essas matrizes são biologicamente válidas — isto é, permitem às células um conhecimento precognitivo sobre o qual se baseia o comportamento presente. Isto aplica-se não apenas individualmente, de modo que a célula conhece, por exemplo, o seu padrão futuro; mas, da mesma forma, uma espécie inteira terá inconscientemente o conhecimento da sua própria realização “ideal” dentro do seu ambiente global.*

— *Como foi especificado, a consciência do Ego cresceu. Estes padrões interiores, nativos da psique de qualquer espécie, transformaram-se em conceitos, imagens mentais — projeções intuitivas destinadas a dar direção consciente. Os deuses serviram, então, como estimuladores do desenvolvimento. Aparentemente exteriores ao self, destinavam-se a conduzir o self ao seu campo mais amplo de realização. As imagens divinas mudariam à medida que a consciência mudasse. Os vários conceitos de deus que ficaram pelo caminho, por assim dizer, representam áreas de desenvolvimento que não foram escolhidas, nos vossos termos,*

mas que continuam latentes. O poste totémico, por exemplo, é um vestígio de uma era em que havia uma comunicação muito maior entre os homens e os animais — quando, na verdade, os homens iam ter com os animais para aprender, e com eles adquiriram primeiro o conhecimento das ervas e de práticas medicinais corretivas.

— Historicamente, parece-vos que a humanidade nasceu de um tipo animal de consciência indiferenciada e passou para a autoconsciência do Ego Exterior. Em vez disso, existiram muitos tipos de consciência no período de que estou a falar. Os animais escolheram desenvolver o seu próprio tipo de consciência, tal como vós escolhestes o vosso. A consciência animal pode parecer-vos indiferenciada. Contudo, é altamente específica, firmemente equilibrada no momento — mas de forma tão completa que, nos vossos termos, passado e futuro são, em grande medida, desprovidos de significado.

— Essa concentração específica, porém, resulta num foco requintado. Em comparação, a consciência do Ego perdeu parte desse foco. Os postes totémicos remontam ao tempo em que homens e animais se compreendiam, antes desse ponto de separação. As espécies físicas que existiram e floresceram nessas épocas tornaram-se então prováveis para vós, pois não se desenvolveram no vosso sistema e extinguiram-se. As suas relíquias vivas existem nos conceitos de deuses que as incorporaram.

— *De uma forma ou de outra, toda a mitologia contém descrições de outras espécies que existiram na Terra sob várias formas. Isto inclui histórias de fadas e gigantes, por exemplo. A mitologia fala-te da arqueologia da tua raça, psíquica e fisicamente. Houve, portanto, espécies de homens mais pequenas e maiores,² com ligações conscientes variáveis ao resto da natureza. As experiências de maior alcance envolveram a produção de uma espécie que fizesse parte da Terra e, ainda assim, se tornasse cocriadora consciente dela. Houve inúmeras considerações, inúmeras experiências, com tamanho, capacidade cerebral, estrutura neurológica e com um tipo de consciência suficientemente flexível para mudar com o seu ambiente, e também suficientemente vigorosa para explorar e alterar esse ambiente.*

— *A consciência emergente tinha de possuir, pelo menos em estado latente, a capacidade de se tornar consciente das condições do mundo. Quando o homem não conhecia mais do que uma vida tribal simples, o seu cérebro já possuía a capacidade de aprender*

² Muitos leitores da Bíblia recordarão a famosa afirmação em Génesis 6:4, segundo a qual “havia gigantes na terra naqueles dias”. Contudo, em ligação com o material de Seth aqui apresentado: só nos Estados Unidos houve muitas descobertas de pegadas humanas — e/ou semelhantes às humanas —, tanto grandes como pequenas, em formações rochosas muito antigas. Foram encontradas na Pensilvânia, no Kentucky, no Missouri, no Texas, no Novo México, na Califórnia e noutros estados, e remontam ao incrível período de 300 milhões de anos atrás, ao Período Carbonífero. No Texas, pegadas humanas muito claras e de tamanho gigantesco, datadas do Período Cretácico, há 140 milhões de anos, foram encontradas misturadas na rocha com as de vários tipos de grandes dinossauros — uma descoberta completamente em desacordo com as ideias científicas atuais, segundo as quais o homem tem, no máximo, apenas alguns milhões de anos.

Certamente, as teorias da evolução — o darwinismo — proíbem a noção de que dinossauros e homens, ou qualquer tipo de homem, tenham sido contemporâneos. De modo geral, a ciência escolhe não aceitar as descobertas aqui mencionadas, pois, se alguma delas fosse oficialmente reconhecida, várias disciplinas eruditas — entre elas a geologia e a biologia — revelar-se-iam muito erradas em aspetos importantes.

De que modo os dados humanos provenientes de tempos tão antigos se articulam com as datas comparativamente modestas — de “apenas” 50 milhões a 30 milhões de anos atrás — que Seth cita para as suas formas mutantes no início deste capítulo? Não sabemos.

tudo o que tivesse de aprender, pois um dia seria responsável pela vida de um planeta.

— Essa margem de liberdade deixava espaço para muitas probabilidades e para muitos "erros", mas a consciência em desenvolvimento tinha de ser livre para fazer os seus próprios julgamentos. Não seria programada pelo "instinto" mais do que o necessário. Estava, contudo, biologicamente ligada à existência terrena e, portanto, destinada a compreender a sua herança natural. Não podia, então, separar-se demasiado dela, nem tornar-se excessivamente arrogante. A sua sobrevivência estava de tal modo ligada ao resto da natureza que, por necessidade, teria sempre de regressar a essa base. Ela responde a um impulso inato para a sua maior realização e mudará automaticamente de direção em resposta às suas próprias experiências. Existem grandes mudanças generalizadas nos conceitos religiosos em curso no vosso tempo, e elas representam o conhecimento inato do homem. A sua consciência — a sua psique — está a projetar imagens mais amplas da sua própria realização provável, e estas são vistas nos seus conceitos mutáveis de Deus.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que a mitologia não é apenas fantasia simbólica nem memória cultural deformada. Para Seth, os mitos preservam vestígios psíquicos e biológicos de formas antigas de consciência, de experiências evolutivas prováveis e de relações mais íntimas entre o homem, os animais, a natureza e os deuses.

A função central do capítulo é esta:

os deuses animais e as figuras míticas híbridas guardam a memória de uma fase em que a consciência humana ainda não estava rigidamente separada da consciência animal, e em que o Ego Exterior começava a emergir como foco diferenciado dentro da experiência terrena.

1. A mitologia como memória psíquica da espécie

Seth começa por ligar o desenvolvimento da consciência ao desenvolvimento dos deuses ao longo das eras.

consciência → imagens divinas → mitologia → memória psíquica da espécie

As histórias dos deuses não mostram apenas crenças antigas. Mostram também possibilidades que a consciência explorou, poderia ter explorado ou deixou latentes.

mitos → formas assumidas → formas possíveis → caminhos não escolhidos

A mitologia funciona, assim, como uma espécie de arqueologia interior: conserva imagens de realidades biológicas, psíquicas e prováveis que não cabem na história oficial da espécie.

2. Deuses animais e formas antigas de consciência

Os deuses animais apontam para experiências em que a consciência assumiu formas diferentes das atuais.

deuses animais → espécies experimentais → consciência em formas diversas

A fronteira entre homem e animal nem sempre foi tão nítida como hoje. Houve modos de consciência mais móveis, menos centrados e mais experimentais.

homem-animal → animal-homem → formas intermédias → consciência em exploração

Essas formas não sobreviveram como espécies físicas no sistema atual, mas permaneceram como imagens vivas na memória mítica.

formas extintas → memória psíquica → deuses animais

3. A consciência antes da separação rígida

Seth descreve uma era em que homens e animais se compreendiam mais diretamente.

homem → animal → comunicação → aprendizagem → cooperação

Os postes totêmicos preservam essa memória: representam uma época em que os homens iam aos animais para aprender, sobretudo no contacto com ervas, cura e comportamentos corretivos.

A relação não era apenas utilitária. Era uma comunicação entre formas de consciência.

animal → professor da natureza

homem → aprendiz da Terra

O mito totêmico conserva a memória desse parentesco antigo.

4. A consciência animal como foco específico

A consciência animal pode parecer indiferenciada à consciência humana, mas Seth corrige essa impressão.

consciência animal → foco específico → presença intensa no momento

O animal vive o momento com uma concentração requintada. Para ele, passado e futuro têm menos importância, não por limitação simples, mas porque o seu foco está organizado de outro modo.

momento → concentração total → precisão perceptiva

A consciência do Ego Exterior, ao crescer, ganhou autoconsciência diferenciada, mas perdeu parte dessa intensidade imediata.

Ego Exterior → diferenciação → autoconsciência → perda parcial do foco animal

O desenvolvimento humano, portanto, não foi simples ganho. Foi troca: a consciência ganhou liberdade reflexiva, mas perdeu certa unidade instintiva com o presente e com a natureza.

5. As espécies conhecem as suas realizações prováveis

Cada espécie transporta na sua psique individual e coletiva as matrizes das suas realizações prováveis.

espécie → psique coletiva → matrizes prováveis → realização ideal

Essas matrizes não são apenas imagens abstratas. São biologicamente válidas: influenciam células, comportamentos, desenvolvimento e direção evolutiva.

matriz provável → conhecimento celular → comportamento presente

A célula conhece o seu padrão futuro; de modo semelhante, uma espécie conhece inconscientemente a sua realização possível dentro do ambiente global.

célula → padrão futuro

espécie → realização ideal

A evolução, neste enquadramento, não é cega nem puramente mecânica. É orientada por conhecimento interior e por probabilidades de realização.

6. Os deuses como estimuladores do desenvolvimento

Os padrões interiores da espécie transformam-se em imagens mentais, conceitos e projeções intuitivas.

padrões interiores → imagens mentais → deuses → direção consciente

Os deuses aparecem como exteriores ao self, mas a sua função é conduzir o self para a sua maior realização.

deus exteriorizado → imagem orientadora → realização do self

As imagens divinas mudam porque a consciência muda. Cada conceito de Deus exprime uma etapa, uma necessidade ou uma possibilidade de desenvolvimento.

mudança da consciência → mudança dos deuses

Os deuses que “ficaram pelo caminho” representam áreas de desenvolvimento não escolhidas, mas ainda latentes.

deuses abandonados → probabilidades não seguidas → potenciais latentes

7. O nascimento da consciência do Ego

O capítulo descreve o nascimento da consciência do Ego Exterior como uma separação progressiva em relação à consciência animal e à fusão mais direta com a natureza.

consciência móvel → experiências homem-animal → diferenciação → Ego Exterior

O Ego Exterior permitiu ao homem desenvolver julgamento, liberdade, reflexão, autoconsciência e capacidade de alterar o ambiente.

Mas esse desenvolvimento exigia margem de erro.

liberdade → julgamentos próprios → probabilidades → erros

A consciência emergente não podia ser programada pelo instinto mais do que o necessário. Tinha de poder escolher, experimentar, falhar e corrigir-se.

8. A espécie humana como cocriadora da Terra

As experiências de maior alcance envolveram a produção de uma espécie que fizesse parte da Terra e, ao mesmo tempo, se tornasse cocriadora consciente dela.

Terra → espécie humana → consciência reflexiva → cocriadora do ambiente

O homem teria de continuar biologicamente ligado à Terra, mas também desenvolver a capacidade de compreender e alterar condições planetárias.

herança natural → liberdade consciente → responsabilidade planetária

Mesmo quando vivia uma vida tribal simples, o cérebro humano já possuía a capacidade latente de aprender tudo o que um dia seria necessário.

vida tribal → cérebro latente → responsabilidade planetária futura

9. A arrogância como risco da separação

A consciência humana não podia separar-se demasiado da natureza, nem tornar-se excessivamente arrogante.

separação da natureza → arrogância → perda de base

A sobrevivência humana está profundamente ligada ao resto da natureza. Por isso, mesmo quando a consciência humana se afasta, acaba por ter de regressar à sua base terrena.

homem → natureza → sobrevivência → retorno necessário

Esta é uma das tensões centrais do capítulo: o homem deve diferenciar-se, mas não deve esquecer a matriz natural de que emerge.

10. A mudança dos conceitos religiosos

As grandes mudanças religiosas do tempo presente são vistas como projeções da psique humana.

psique humana → imagens de realização provável → novos conceitos de Deus

O homem altera os seus conceitos de Deus porque está a projetar imagens mais amplas da sua própria realização possível.

conceito de Deus → imagem da realização humana provável

A religião, aqui, não é apenas crença. É sinal de transformação da consciência.

Quando a consciência se prepara para uma nova fase, os seus deuses mudam.

Síntese final

Este capítulo mostra que a mitologia guarda a memória de uma fase profunda da consciência: um tempo em que homem, animal, natureza e divindade ainda não estavam separados como hoje.

Os deuses animais, os totens, as figuras híbridas, as fadas, os gigantes e outras imagens míticas conservam vestígios de experiências antigas e prováveis da consciência da espécie.

mitologia → memória psíquica → formas antigas de consciência → nascimento do Ego Exterior

O Ego Exterior nasce como conquista, mas também como separação. Permite liberdade, julgamento e responsabilidade, mas afasta parcialmente o homem da concentração animal, da comunicação direta com a natureza e da herança viva da Terra.

A tarefa humana passa então a ser dupla:

diferenciar-se → tornar-se consciente

reintegrar-se → recordar a ligação à natureza

Por isso, os conceitos de Deus mudam. Eles acompanham o movimento da consciência humana, projetando imagens cada vez mais amplas daquilo que a espécie pode vir a ser.

CAPÍTULO 12

Sexo, Deuses e o Desenvolvimento Religioso da Consciência do Ego

— Para ser eficaz dentro do vosso sistema de realidade, a consciência tem, evidentemente, de lidar com especializações.

— Abaixo destas, por assim dizer, as UC — ou unidades de consciência — estão conscientes dos diferentes tipos de consciência de que fazem parte. Pela sua própria natureza, certos tipos de organização, comportamento e experimentação excluem outras abordagens igualmente válidas, embora diferentes. As UC, na sua natureza livre e desenfreada abaixo de toda a matéria, conhecem todas essas organizações; por isso, algumas das lições aprendidas por uma espécie são, de facto, transferidas para outra.

— Uma determinada experiência da consciência pode ser seguida por uma espécie, por exemplo, e esse conhecimento ser dado a outra, ou transferido para outra, onde aparece como "instinto".

— Aí será usado como base para outro tipo de comportamento, exploração ou experiência. Já disse que a evolução não existe como pensais nela, em qualquer espécie de sequência temporal linear do macaco ao homem. Nenhuma outra espécie se desenvolveu dessa

maneira. Em vez disso, há desenvolvimentos paralelos. A vossa percepção do tempo mostra-vos apenas uma fatia do bolo inteiro.

— Pensando em termos de tempo consecutivo, contudo, a evolução não marcha do passado para o futuro. Em vez disso, a espécie está precognitivamente consciente das alterações que quer realizar e, a partir do “futuro”, altera o estado “presente” dos cromossomas e dos genes, para produzir, no futuro provável, as mudanças específicas que deseja. Tanto acima como abaixo do vosso foco consciente habitual, o tempo é experienciado de uma forma inteiramente diferente e constantemente manipulado, tal como fisicamente manipulais a matéria.

— As UC, ao formarem mais tarde a estrutura na sua totalidade, formam todos os átomos, moléculas, células e órgãos que compõem o vosso mundo. As alterações terrestres e as alterações das espécies são condições produzidas de acordo com padrões globais que envolvem todas as espécies, ou massas de terra e de água, em qualquer determinado “tempo”. Nessas ocasiões, está envolvida uma grande organização da consciência — por vezes cataclismos criativos, nos quais, novamente a partir da sua própria informação precognitiva, a natureza provoca as situações mais adequadas às suas necessidades. Tal precognição biológica está firmemente assente nos cromossomas e nos genes, e reflete-se nas células. Como foi mencionado anteriormente, no Capítulo 6, a estrutura corporal presente de qualquer corpo físico, de qualquer tipo, é mantida apenas devido às capacidades precognitivas inatas das células. Para o self, evidentemente, o futuro não é experienciado como futuro. É simplesmente uma das condições emergentes de um

Agora experienciado. O "Agora" praticamente sentido pelas células inclui, então, aquilo que consideraríeis passado e futuro, como simples condições de Agoridade. Elas mantêm a estrutura do corpo no vosso tempo equilibrado apenas manipulando-se a si mesmas num meio rico de probabilidades. Há uma troca constante de comunicação entre a célula tal como a conheceis no tempo presente e a célula tal como "foi" no passado ou "será" no futuro.

— *A compreensão da célula salta para além da sua forma presente. A realidade física de uma determinada célula é o resultado focalizado da sua existência antes e depois de si mesma no tempo; e é a partir do seu conhecimento do passado e do futuro que ela recebe a sua estrutura presente.*

— *Num sentido mais amplo, o mesmo se aplica a qualquer espécie. Sois os vossos selves no tempo, portanto, por causa dos selves que existem antes e depois de vós no tempo. A nível celular, isto é verdade. Em termos psíquicos, também é verdade. Os vossos pensamentos e sentimentos são tão reais como as vossas células. Também eles formam organizações. Os vossos desejos partem de vós no tempo, mas em todas as direções. Por um lado, enquanto espécie, o vosso presente forma o vosso futuro; mas, em termos ainda mais profundos, a vossa consciência precognitiva das vossas próprias possibilidades, vinda do futuro, ajuda a formar o presente que tornará então esse futuro provável a vossa realidade.*

— *Em termos físicos, podeis desejar uma nova cidade, pelo que começais agora a renovação urbana: os arquitetos desenham*

planos que, evidentemente, foram primeiro sonhos; dentro das suas mentes, começam os preparativos, edifícios são demolidos. Em termos muito simples, o sonho do arquiteto pode ser chamado um acontecimento precognitivo, inserido no presente a partir de um futuro provável. O planeamento físico realizado alinha-se com o futuro visionado e traz esse futuro à existência. Em termos mais amplos, a raça tem planos para si mesma; só que estes se baseiam numa compreensão muito mais vasta das questões prováveis, das capacidades e das condições envolvidas. O deus reconhecido por um povo representa tal plano psíquico, projetado para fora como ideal. Será seguido por organizações físicas, por estruturas destinadas, a outro nível, a ajudar a alcançar tal evolução "espiritual".

— *Contudo, porque habitais no tempo, a imagem de deus refletirá também o estado da vossa consciência tal como ela "é", além de apontar para o estado futuro desejado. O conceito de deus funcionará como uma matriz psíquica e espiritual, tal como o plano do arquiteto, só que a outro nível. Cada espécie contém dentro de si tais matrizes em graus variados, e estas são importantes, pois transportam as probabilidades idealizadas. São válidas, novamente, psíquica e biologicamente. Servirão como padrões biológicos para as células, bem como estímulos psíquicos em termos de consciência.*

— *O espiritual e o biológico não podem ser separados. Os seus propósitos e a sua realidade fundem-se. Terei muito mais a dizer sobre isto mais adiante no livro. Por agora, deixai-me simplesmente mencionar que quaisquer deuses que apareçam entre vós devem*

ser sempre do vosso tempo, ao mesmo tempo que expressam ideias e conceitos que têm de se projetar para além do vosso tempo, em direção ao futuro, servindo como estímulos psíquicos suficientemente fortes para produzir mudanças futuras. Quando, em termos históricos, a raça estava no processo de adotar uma necessária separação artificial entre si mesma e o resto da natureza; quando precisava de se assegurar das suas capacidades para o fazer; quando assumiu a tarefa de um determinado tipo de especialização e foco individual, precisou de uma religião que a assegurasse dessas capacidades.

— As tendências masculino-femininas tornaram-se, nessa altura, psiquicamente alienadas uma da outra. As diferenças foram exageradas. O antigo conceito da deusa-mãe tornou-se "inconsciente"; o masculino, esquecendo deliberadamente o grande impulso natural e agressivo do nascimento, tomou a agressão e a força físicas como sua prerrogativa — pois isto passou a representar a qualidade da consciência do Ego Exterior na sua necessidade de manipular fisicamente o ambiente.

— Enquanto ela — a consciência do Ego Exterior — reconhecia a sua profunda unidade com a Terra e com todas as criaturas, não podia, ao mesmo tempo, desenvolver essas capacidades de especialização nem o seu próprio foco particular e único. O crescimento de culturas tribais separadas, por exemplo, e mais tarde de nações, só pôde emergir através de um sentido de separação e de certo tipo de alienação. Isto, contudo, permitiu uma diversidade que, de outro modo, não poderia ter sido alcançada nas condições aceites. O deus judaico aparentemente local —

Javé/Jeová — acabou, de uma forma ou de outra, por destruir o Império Romano e, ao fazê-lo, provocou uma reorganização completa da cultura planetária.

— Cristo, tal como é conhecido historicamente, representava psiquicamente as probabilidades do homem. As suas teorias e ensinamentos podiam ser interpretados de muitas maneiras; eram sementes que o homem podia lançar como quisesse. Por causa de Cristo, houve uma Inglaterra — e uma Revolução Industrial. Os aspetos masculinos de Cristo foram aqueles que a civilização ocidental enfatizou. Outras porções dos seus ensinamentos não seguiram a linha principal do pensamento cristão e foram enterradas.

— A Igreja ignorou, por exemplo, o nascimento físico de Cristo, e fez da sua mãe uma virgem imaculada, o que significava que a consciência da espécie ignoraria durante mais tempo a sua relação com a natureza e os seus aspetos femininos. Falo agora da corrente principal da civilização ocidental. Deus Pai seria reconhecido, e a Deusa da Terra esquecida. Haveria, portanto, senhores feudais, não videntes. O homem acreditaria que tinha, de facto, domínio sobre a Terra como espécie separada, pois Deus Pai lhe tinha dado.

— A consciência ascendente do Ego Exterior teria então as suas razões religiosas para a dominação e o controlo. O papa tornou-se Deus Pai personificado, mas esse deus tinha, de facto, mudado em relação ao antigo Jeová judaico. Cristo, historicamente falando, alterara suficientemente esse conceito para que, pelo menos, Deus

Pai não fosse tão caprichoso como Jeová. Alguma misericórdia veio para primeiro plano. A consciência crescente do Ego Exterior não podia correr desenfreada sobre a natureza. Por outro lado, guerras santas e ignorância manteriam a população reduzida. A Igreja, contudo — a Igreja Católica Romana — ainda mantinha um repositório de ideias e conceitos religiosos que serviam como um banco de probabilidades do qual a raça podia retirar elementos. As ideias religiosas serviam como organização social, muito necessária, e muitos dos monges conseguiram preservar subterraneamente antigos manuscritos e conhecimentos. Aqueles que estavam aliados aos princípios religiosos sobreviveram, portanto, em grande parte, e trouxeram à existência comunidades e descendentes que foram protegidos. As ideias psíquicas e religiosas, apesar de muitos inconvenientes, serviram, portanto, como método de organização da espécie. São muito mais importantes em termos de "evolução" do que se reconhece. Desde o início, os conceitos religiosos mantiveram as tribos unidas, forneceram estruturas sociais e asseguraram a sobrevivência física e a proteção que tornou os descendentes mais prováveis.

— Compreende que, por agora, estou a enfatizar a vossa civilização ocidental. A democracia americana nasce diretamente do nascimento do Protestantismo, por exemplo, e de um novo tipo de empreendimento. Lutero¹ é tão responsável pelos Estados Unidos da América como George Washington.

¹ Martinho Lutero, teólogo alemão e tradutor da Bíblia, viveu de 1483 a 1546. Foi monge quando jovem, mas acabando por se rebelar contra a Igreja Católica, tornou-se o líder da Reforma Protestante na Alemanha.

— *Outras sociedades democráticas tinham existido no passado, mas nelas a democracia ainda se baseava num único preceito religioso, embora pudesse expressar-se de diferentes maneiras — como, por exemplo, nas cidades-estado gregas dos séculos VI e V a.C. O Sacro Império Romano uniu uma civilização sob uma única ideia religiosa, mas a verdadeira fraternidade humana só pode ser expressa permitindo a liberdade do pensamento humano sob a bandeira da cooperação; e só isto resultará na realização plena da espécie, com desenvolvimentos da consciência que, nos vossos termos, estavam latentes desde o início.*

— *Estou a dizer-vos que a chamada evolução e a religião estão intimamente ligadas. Desenvolvimentos posteriores nos vossos conceitos levarão a uma maior ativação de porções do cérebro que agora estão longe de ser plenamente utilizadas, e estas, por sua vez, desencadearão expansões tanto em termos psíquicos como biológicos.*

— *A expansão espacial das ideias era um pré-requisito. Os homens de um lado do planeta tinham de saber o que pensavam os homens do outro lado. Tudo isto pressupunha manipulação espacial. Os incentivos religiosos serviram sempre para estimular a curiosidade espacial do homem.*

— *Muitas das espécies que partilham o vosso mundo transportam dentro de si capacidades latentes que, mesmo agora, se estão a desenvolver. Homens e animais voltarão a encontrar-se sobre a Terra, com a antiga compreensão, mas numa situação ainda*

nova. Não há sistemas fechados e, nas ordens biológicas profundas, cada espécie sabe o que outra está a fazer, bem como o seu lugar no esquema global escolhido por cada uma. Sois percecionados, de uma forma ou de outra, por todos esses habitantes da Terra que podeis considerar abaixo de vós. O homem provável está agora a emergir, mas também em relação com todo o seu ambiente natural, no qual a cooperação é uma força principal. Estais a cooperar com a natureza, quer o percebam quer não, pois sois parte dela.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra como a religião, a biologia, a sexualidade, a organização social e o desenvolvimento da consciência do Ego Exterior estão profundamente interligados. Seth não apresenta os deuses apenas como crenças ou símbolos culturais, mas como matrizes psíquicas e biológicas que orientam a espécie, projetando imagens daquilo que ela é e daquilo que pode vir a tornar-se.

A função central do capítulo é esta:

os conceitos religiosos funcionam como planos psíquicos da espécie: refletem o estado atual da consciência humana, projetam possibilidades futuras e ajudam a organizar biológica, social e espiritualmente o desenvolvimento da consciência do Ego.

1. A evolução não é uma linha única

Seth começa por desmontar a ideia de evolução como sequência linear.

macaco → homem → progresso linear

Essa imagem é insuficiente. Para Seth, não há uma marcha simples do passado para o futuro, nem uma única linha evolutiva que explique o desenvolvimento das espécies.

consciência → especializações → espécies → desenvolvimentos paralelos

Cada espécie segue determinadas experiências da consciência. O que uma espécie aprende pode ser transferido para outra, aparecendo depois como “instinto”.

experiência de uma espécie → transferência profunda → instinto noutra espécie

O instinto deixa de ser simples automatismo biológico. Passa a ser memória funcional de experiências da consciência.

2. As UC e a transferência entre espécies

As unidades de consciência — UC — conhecem os vários tipos de organização de que fazem parte.

UC → consciência livre abaixo da matéria → conhecimento de múltiplas organizações

Por isso, lições aprendidas num campo podem circular para outro. A natureza não funciona como coleção de espécies isoladas, mas como sistema intercomunicante.

espécie A → aprendizagem → UC → espécie B → instinto / comportamento

A separação entre espécies é real ao nível da forma física, mas não é absoluta nos níveis profundos da consciência.

3. A espécie altera o presente a partir do futuro provável

Seth apresenta uma ideia decisiva: a espécie não é apenas empurrada pelo passado. Ela também é atraída pelo futuro provável.

futuro provável → conhecimento precognitivo → alteração do presente → mudança biológica

A espécie possui, em níveis profundos, consciência precognitiva das alterações que quer realizar. A partir desse conhecimento, altera cromossomas, genes, células e comportamentos para trazer à existência determinadas possibilidades.

possibilidade futura → sinal precognitivo → genes/cromossomas
→ forma presente

A evolução, neste sentido, não é mecânica nem cega. É uma coordenação entre passado, presente e futuro dentro de um Agora mais amplo.

4. As células vivem num Agora mais amplo

Para as células, o futuro não é experienciado como futuro.

passado + futuro → condições do Agora celular

As células mantêm o corpo porque operam num campo de Agoridade mais vasto do que aquele reconhecido pela consciência normal.

célula presente → comunicação com a célula passada →
comunicação com a célula futura

A estrutura corporal atual é o resultado focalizado dessa comunicação.

conhecimento celular do passado e do futuro → estrutura física presente

O corpo é, portanto, uma organização viva de probabilidades temporais.

5. O mesmo aplica-se à espécie

O que acontece ao nível da célula acontece também ao nível da espécie.

célula → passado/futuro → estrutura presente

espécie → possibilidades futuras → forma presente

A humanidade é aquilo que é no tempo por causa dos selves que existem antes e depois dela no tempo.

selves passados → self atual → selves futuros

Mas este “antes” e “depois” não devem ser lidos apenas de modo linear. São relações dentro de um campo temporal mais amplo, em que o futuro provável também participa na formação do presente.

6. O sonho do arquiteto como acontecimento precognitivo

Seth usa a imagem da cidade futura.

sonho do arquiteto → plano → demolição → construção → cidade futura

Antes de existir fisicamente, a cidade existe como imagem, plano, desejo e organização mental.

futuro visionado → presente reorganizado → futuro tornado físico

O sonho do arquiteto é um acontecimento precognitivo inserido no presente a partir de um futuro provável.

Este exemplo mostra, em pequena escala, como a espécie trabalha consigo mesma.

plano psíquico → organização física → futuro atualizado

7. Os deuses como planos psíquicos da espécie

O deus reconhecido por um povo representa um plano psíquico projetado para fora como ideal.

estado atual da consciência → imagem divina → ideal projetado
→ direção futura

O conceito de deus funciona como matriz psíquica e espiritual.

deus → matriz psíquica → padrão biológico → estímulo espiritual

Essa matriz reflete aquilo que a espécie é, mas também aponta para aquilo que ela deseja tornar-se.

imagem divina → espelho do presente + promessa do futuro

Os deuses não são apenas objetos de culto. São formas através das quais a espécie organiza possibilidades de desenvolvimento.

8. O espiritual e o biológico não se separam

Seth afirma que o espiritual e o biológico não podem ser separados.

biologia → células, genes, corpo, espécie

espiritualidade → imagens, ideais, deuses, direção

Ambos participam no mesmo processo.

matriz espiritual → estímulo psíquico → padrão biológico → mudança da espécie

A religião atua, assim, também sobre a biologia, porque organiza expectativas, ideais, comportamentos, vínculos sociais e direções de desenvolvimento.

9. Os deuses devem pertencer ao seu tempo

Qualquer deus que apareça entre os homens tem de pertencer ao seu tempo.

deus de uma época → linguagem dessa época → necessidades dessa consciência

Mas, ao mesmo tempo, tem de projetar-se para além desse tempo.

deus → expressão do presente → estímulo para o futuro

Por isso, uma imagem divina eficaz é sempre dupla: nasce da consciência existente e aponta para uma consciência ainda latente.

presente da espécie → imagem divina → futuro provável da espécie

10. A separação entre homem e natureza

Num determinado momento histórico, a humanidade precisou de desenvolver uma separação artificial em relação à natureza.

unidade com a natureza → separação funcional → especialização
→ Ego Exterior

Essa separação permitiu foco individual, manipulação física do ambiente, cultura, nações, diversidade social e desenvolvimento técnico.

Mas também produziu alienação.

especialização → diversidade → domínio → alienação

A religião ajudou a justificar e sustentar essa nova etapa da consciência.

11. A alienação masculino-feminina

Nesse processo, as tendências masculino-femininas tornaram-se psiquicamente alienadas uma da outra.

masculino/feminino integrados → separação psíquica →
exagero das diferenças

O antigo conceito da Deusa-Mãe tornou-se inconsciente. O masculino apropriou-se da agressão e da força física como se fossem prerrogativas suas.

Deusa da Terra → esquecida / enterrada

Deus Pai → reconhecido / elevado

Esta deslocação permitiu à consciência do Ego Exterior afirmar-se, mas à custa de uma repressão da ligação à Terra, ao nascimento, ao feminino e à natureza.

12. Cristo e as probabilidades do homem

Cristo, historicamente conhecido, representava psiquicamente as probabilidades do homem.

Cristo → imagem psíquica → sementes de possibilidades → interpretações múltiplas

Os seus ensinamentos eram sementes que podiam ser lançadas em muitas direções. A civilização ocidental enfatizou sobretudo os aspetos masculinos de Cristo.

Cristo enfatizado pelo Ocidente → Cristo masculino → Deus Pai
→ domínio sobre a Terra

Outras porções dos seus ensinamentos foram enterradas ou afastadas da linha principal do Cristianismo.

ensinamentos não seguidos → material enterrado →
probabilidades religiosas latentes

13. Deus Pai e a Deusa da Terra

A Igreja ignorou o nascimento físico de Cristo e transformou Maria numa virgem imaculada.

nascimento físico → natureza → corpo → feminino

virgem imaculada → separação simbólica → ocultação do corpo e da Terra

Isto significava, para Seth, que a consciência da espécie continuaria por mais tempo a ignorar a sua relação com a natureza e com os seus aspetos femininos.

Deus Pai reconhecido → Deusa da Terra esquecida

A civilização ocidental passou a organizar-se sob uma imagem masculina da divindade, associada à autoridade, ao domínio e à hierarquia.

14. A religião como organização social da espécie

Apesar das suas distorções, a Igreja preservou ideias, manuscritos, estruturas sociais e comunidades.

ideias religiosas → organização social → proteção → continuidade de comunidades

A religião manteve tribos unidas, forneceu estruturas coletivas e assegurou condições de sobrevivência física.

religião → coesão → descendência → continuidade da espécie

Por isso, Seth considera as ideias psíquicas e religiosas muito mais importantes em termos de “evolução” do que geralmente se reconhece.

religião → matriz social → matriz psíquica → desenvolvimento da espécie

15. Protestantismo, democracia e liberdade de pensamento

Seth liga a democracia americana ao nascimento do Protestantismo.

Protestantismo → novo tipo de empreendimento → liberdade individual → democracia americana

Lutero é apresentado como tão responsável pelos Estados Unidos como George Washington, porque abriu uma matriz religiosa e psíquica que permitiu outro tipo de relação entre indivíduo, consciência e autoridade.

reforma religiosa → deslocação da autoridade → pensamento individual → formas democráticas

A verdadeira fraternidade humana, porém, só pode surgir quando a liberdade do pensamento humano se expressa sob a bandeira da cooperação.

liberdade de pensamento + cooperação → realização plena da espécie

16. Evolução e religião estão ligadas

Seth afirma diretamente que a chamada evolução e a religião estão intimamente ligadas.

conceitos religiosos → expansão da consciência → ativação cerebral → expansão psíquica e biológica

À medida que os conceitos humanos se desenvolvem, porções do cérebro agora pouco utilizadas serão mais ativadas.

novos conceitos → novo uso do cérebro → novas capacidades psíquicas e biológicas

A religião, entendida profundamente, não é apenas crença. É uma das forças que impulsiona a expansão perceptiva e biológica da espécie.

17. A expansão espacial das ideias

Para que a consciência humana se desenvolvesse, os homens de um lado do planeta tinham de saber o que pensavam os homens do outro lado.

ideias locais → circulação espacial → contacto planetário → consciência global

A curiosidade religiosa sempre estimulou também a curiosidade espacial.

religião → viagem → contacto → expansão do mundo conhecido

A expansão das ideias no espaço foi necessária para preparar uma consciência mais ampla da espécie.

18. O reencontro entre homens e animais

Seth regressa ao tema do capítulo anterior: homens e animais voltarão a encontrar-se sobre a Terra, com a antiga compreensão, mas numa nova situação.

antiga compreensão homem-animal → separação → desenvolvimento do Ego → reencontro futuro

Muitas espécies transportam capacidades latentes ainda em desenvolvimento.

animais → capacidades latentes → desenvolvimento futuro

Nas ordens biológicas profundas, cada espécie sabe o que outra está a fazer e conhece o seu lugar no esquema global.

espécies → comunicação profunda → cooperação biológica

O homem provável emerge em relação com todo o ambiente natural.

19. A cooperação como força principal

Seth encerra o capítulo deslocando o foco da dominação para a cooperação.

homem provável → ambiente natural → cooperação

Mesmo quando a humanidade não o percebe, continua a cooperar com a natureza, porque faz parte dela.

homem → natureza → interdependência → cooperação inevitável

A consciência do Ego Exterior desenvolveu-se através de separação, especialização e domínio; mas a etapa futura exige reintegração, cooperação e reconhecimento da interdependência.

separação → especialização → domínio → crise → cooperação → realização da espécie

Síntese final

Este capítulo mostra que a religião é uma força evolutiva, não apenas cultural. Os deuses funcionam como matrizes psíquicas da espécie: refletem o estado atual da consciência, projetam possibilidades futuras e orientam padrões sociais, biológicos e espirituais.

deuses → planos psíquicos → organização social → estímulo biológico → futuro provável

O desenvolvimento da consciência do Ego Exterior exigiu uma separação artificial da natureza e uma alienação entre masculino e feminino. A civilização ocidental organizou-se em torno de Deus Pai, da autoridade masculina, da repressão da Deusa da Terra e da valorização da especialização, do domínio e do controle.

Mas esse processo não é o fim. Ele prepara uma fase futura em que liberdade de pensamento, cooperação, expansão psíquica, ativação biológica e reencontro com a natureza se tornam necessários.

nascimento do Ego → Deus Pai → civilização ocidental → liberdade de pensamento → cooperação → homem provável

O homem provável não surge contra a natureza, mas com ela.

CAPÍTULO 13

Espécies de Consciência, Deuses da Terra e a Cooperação Viva da Natureza

— A vossa sociedade particular estabeleceu uma divisão tão artificial entre o conhecimento intuitivo e o conhecimento intelectual que só aquilo que é intelectualmente demonstrável recebe crédito. Apesar de todos os seus graves defeitos e distorções, as religiões mantiveram pelo menos viva a ideia de mundos invisíveis e válidos, e deram alguma afirmação a conceitos que são literalmente conhecidos pelas células.

— A mente consciente esteve sempre ciente da compreensão das células. A realidade invisível dentro da célula é aquilo que lhe dá a sua estrutura. A organização notável do corpo, em termos das suas capacidades de aprendizagem e adaptação, nunca será compreendida se a compreensão precognitiva das células não for tida em consideração.

— Esta capacidade precognitiva conduz a célula através de labirintos de probabilidades, permitindo-lhe, ao mesmo tempo, conservar o conhecimento da sua maior realização — a ideia de si mesma, que está sempre viva em qualquer determinado período do vosso tempo. Numa escala diferente, então, cada indivíduo possui

o mesmo tipo de versão idealizada do self, e o mesmo acontece com cada espécie. Aqui quero dizer cada espécie, e não me refiro simplesmente à humanidade. Evidentemente, estas versões não se apresentam aos sentidos físicos; contudo, são fortes centros de energia que, em certa medida, estimulam os sentidos físicos para a atividade. Nessa medida, existem de facto "deuses das árvores", deuses da floresta e "deuses do ser" ligados a cada pessoa.

— Os anjos foram representados precisamente desta forma.

— Em tempos houve também espécies de aves, contudo, com elevada inteligência — isto antes do período mencionado anteriormente no capítulo 11. Não eram humanoides; não eram, por exemplo, pessoas com asas. Eram aves grandes, com capacidade para lidar com conceitos. Eram sociais, nadavam bem e, durante algum tempo, conseguiam viver sobre a água. Tinham cânticos de grande beleza e um vocabulário extremamente vasto.

— Tinham garras. Quando era habitante das cavernas, o homem via frequentemente essas aves, sobretudo em falésias junto à água. Muitas vezes, as aves salvaram crianças de cair. O homem identificou-se com o seu voo fácil pelas encostas das falésias e seguiu os sons dos seus cânticos até clareiras seguras. Essas memórias transformaram-se nas imagens dos anjos. Em cada caso, nesses tempos, existia a maior cooperação, à escala global, entre as espécies. O impulso interior para o desenvolvimento, contudo, vinha da compreensão inata das probabilidades futuras. Nesse quadro, participavam todas as espécies vivas em qualquer dado

momento. Isto incluía plantas e fauna. Aqueles que cooperavam sobreviviam, mas não pensavam em termos da sobrevivência apenas da sua própria espécie — pensavam, em termos temporais, num quadro vivo mais amplo, ou num mundo inviolado, no qual todos sobreviviam.

— Existem várias ordens de existência mesmo dentro do vosso próprio sistema. Vós apenas vos focais naquela para a qual estais orientados. Existem, então, “espíritos” de todas as coisas naturais — mas, infelizmente, mesmo quando considerais tais possibilidades, projetais sobre elas as vossas próprias ideias religiosas de bem e mal. Podeis simplesmente descartar esses conceitos como tolos, pois parecem intelectualmente escandalosos para muitos. Se vós próprios acolheis tais ideias, muitas vezes tendes de personificar esses espíritos, projetando sobre eles as vossas próprias ideias de pessoalidade. Em vez disso, deveríeis pensá-los como diferentes tipos ou ordens de espécies ligadas a todas as coisas naturais vivas.

— Eles têm certamente uma realidade em energia e ajudam na conversão da energia em termos físicos. São ativos, portanto, e não passivos. Vedes à vossa volta forças físicas e não pensais nada disso. Por exemplo, sentis o vento e os seus efeitos, mas não podeis vê-lo. O próprio vento é invisível. Assim, estas outras forças também são invisíveis. Em termos básicos, não são mais boas ou más do que o vento. Digo isto porque normalmente imaginais que, se algo é bom, deve existir uma força oposta que seja má. Não é esse o caso. Em termos mais amplos, estas forças são boas. São protetoras. Nutrem todas as coisas vivas. Foram o impulso para

aquilo que pensais como evolução. São biológicas no sentido em que são, até certo ponto, compostas por conhecimento celular de massa — basicamente livre do tempo, mas dirigindo a atividade física no tempo e, desse modo, mantendo o equilíbrio físico.

— *Há novamente uma grande cooperação entre tais forças. Deste modo, uma árvore numa floresta sabe de todo o ambiente e da sua relação dentro dele. A sua arboridade pode fundir-se com a qualidade-de-solo, por exemplo.*

— *Porque sois pessoas, personificais aquilo que percebeis — "pessoalizais" isso. Imaginais tais "espíritos" como pequenas pessoas, dotadas do vosso próprio tipo de características. Em vez disso, existem simplesmente espécies de consciência, inteiramente diferentes da vossa, normalmente não percecionadas fisicamente na maioria das condições. Estão, de facto, ligadas à flora e à fauna, mas também aos animais e a vós próprios, e são os "deuses da Terra" que Ruburt imaginava quando era jovem.*

— *Cada um de vós tem o seu próprio deus da Terra. O termo talvez não seja o melhor, mas pretende expressar essa porção de ti que ainda não se expressou, nos teus termos — a versão terrestre idealizada de ti próprio, aquilo em que te estás a tornar. A versão terrestre idealizada não significa, de modo algum, um self perfeito em carne; representa, antes, uma realidade psíquica na qual as tuas próprias capacidades se realizam na sua relação com o teu ambiente terreno, no máximo grau possível, dentro do tempo e do lugar que já escolheste.*

— *Essa porção deus-da-Terra de ti próprio tenta dirigir-te através das probabilidades. Mais uma vez, em níveis biológicos profundos, abaixo da consciência normal, e em níveis psíquicos acima da consciência normal, estás consciente da integridade do teu ser — mas também da tua grande ligação, enquanto vives em carne, ao ambiente natural de tempo e espaço. O conceito de deus da Terra pode ser usado conscientemente, mas apenas em teu maior benefício se compreenderes os propósitos da tua mente consciente e a sua relação com a tua natureza biológica.*

— *A tua mente consciente diz-te onde estás no tempo e no espaço, e dirige a tua atividade num mundo de ação humana. Esse mundo possui o seu próprio tipo de rica complexidade, tão desconhecida para os animais como grande parte da sua percepção aguda te é desconhecida a ti. Portanto, porque tens uma mente consciente, outras porções do teu ser dependem dela para lhes dar uma imagem adequada da tua situação e para emitir as ordens conscientes de ação. Essas ordens serão então executadas. Para isso, tens de usar essa mente tão completamente quanto possível. A imagem da realidade no tempo e no espaço que dás às tuas células tem de ser exata. Elas têm de agir minuto a minuto, segundo a segundo, microssegundo a microssegundo, ainda que a sua própria orientação não esteja familiarizada com o teu conceito de tempo.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a ligação entre consciência, biologia, natureza e energia invisível. Seth desloca a ideia de “espíritos da natureza” de uma leitura folclórica para uma leitura mais ampla: existem ordens ou espécies de consciência ligadas às formas naturais, às células, às espécies, à conversão da energia em realidade física e à cooperação profunda que sustenta a vida.

A função central do capítulo é esta:

a natureza não é um conjunto de organismos isolados, mas uma rede viva de consciências, forças, espécies e centros de energia que cooperam para manter o equilíbrio físico, orientar probabilidades e realizar versões idealizadas da vida terrena.

1. A divisão artificial entre intuição e intelecto

Seth começa por criticar a sociedade ocidental por separar artificialmente conhecimento intuitivo e conhecimento intelectual.

intuição → conhecimento não demonstrado intelectualmente → desvalorizado

intelecto → conhecimento demonstrável → credenciado

Esta divisão empobrece a percepção humana, porque impede a mente consciente de reconhecer realidades que não aparecem diretamente aos sentidos físicos nem aos critérios intelectuais comuns.

Apesar dos seus defeitos e distorções, as religiões preservaram uma função importante:

religião → mundos invisíveis válidos → conceitos conhecidos pelas células → memória viva da realidade interior

Ou seja, mesmo quando distorcidas, as religiões mantiveram aberta a ideia de que existem ordens de realidade invisíveis, mas efetivas.

2. As células sabem mais do que a mente consciente reconhece

Seth afirma que a mente consciente sempre esteve, em algum grau, ciente da compreensão das células.

célula → compreensão precognitiva → estrutura corporal → adaptação → aprendizagem

A realidade invisível dentro da célula é aquilo que lhe dá estrutura. O corpo não pode ser compreendido apenas como organização química ou mecânica.

realidade invisível da célula → organização corporal visível

A célula navega em labirintos de probabilidades. Ela conserva uma ideia de si mesma, uma versão ideal da sua própria realização, e orienta-se por esse conhecimento.

célula → conhecimento da própria realização → orientação entre probabilidades

3. Cada indivíduo e cada espécie possuem uma versão idealizada

Seth amplia a ideia celular para o indivíduo e para as espécies.

- célula → versão ideal de si mesma
- indivíduo → versão idealizada do self
- espécie → versão idealizada da espécie

Estas versões não se apresentam aos sentidos físicos, mas funcionam como centros de energia. Estimulam a atividade física e orientam a realização possível dentro de determinado ambiente.

versão idealizada → centro de energia → estímulo para realização

É neste sentido que Seth fala de “deuses das árvores”, deuses da floresta e “deuses do ser”.

deuses naturais → centros de energia idealizados → orientação das formas vivas

4. Os anjos como memória transformada

Seth liga as imagens dos anjos a memórias antigas de aves inteligentes.

aves inteligentes → voo → cânticos → proteção de crianças → memória humana → imagens dos anjos

Estas aves não eram humanos com asas. Eram aves grandes, sociais, inteligentes, capazes de lidar com conceitos, nadar, viver sobre a água e comunicar através de cânticos complexos.

A imagem do anjo nasce, assim, de uma fusão entre experiência real, memória psíquica e simbolização religiosa.

experiência antiga → memória da espécie → símbolo religioso

O anjo deixa de ser apenas figura teológica. Torna-se vestígio transformado de uma relação antiga entre espécies.

5. Cooperação global entre espécies

Nesses tempos antigos, segundo Seth, existia uma cooperação muito ampla entre espécies.

homem → aves → animais → plantas → fauna → cooperação global

A sobrevivência não era pensada apenas em termos de uma espécie isolada. As espécies participavam num quadro vivo mais amplo.

sobrevivência da espécie → quadro vivo mais amplo → mundo inviolado

A cooperação era uma força básica de organização da vida.

espécies cooperantes → sobrevivência → desenvolvimento

O impulso para o desenvolvimento vinha da compreensão inata das probabilidades futuras.

probabilidades futuras → compreensão inata → desenvolvimento biológico e psíquico

6. Existem várias ordens de existência dentro do mesmo sistema

Seth afirma que, mesmo dentro do sistema físico, existem várias ordens de existência.

realidade física humana → uma ordem de existência

outras ordens → normalmente invisíveis → ligadas à natureza

A humanidade foca-se apenas na ordem para a qual está orientada. Por isso, não percebe outras espécies de consciência que operam no mesmo campo.

foco humano → seleção perceptiva → invisibilidade de outras ordens

Estas ordens não são necessariamente entidades pessoais, nem pequenos seres humanos invisíveis. São espécies de consciência diferentes.

espíritos da natureza → não pequenas pessoas → espécies de consciência

7. O erro de personificar

Seth critica a tendência humana de personificar tudo aquilo que percebe.

ser humano → pessoa → personificação → “pessoalização” das forças naturais

Quando o homem imagina “espíritos”, tende a concebê-los como pequenas pessoas com características humanas.

Mas Seth propõe outra leitura:

espíritos → ordens de consciência → espécies invisíveis → forças ativas da natureza

Isto desloca a questão do folclore para uma ecologia da consciência.

natureza → não apenas matéria → rede de consciências

8. Estas forças convertem energia em termos físicos

As espécies de consciência ligadas à natureza ajudam na conversão da energia em realidade física.

energia → forças invisíveis → conversão → atividade física

São ativas, não passivas. Tal como o vento é invisível, mas produz efeitos físicos, estas forças são invisíveis, mas operativas.

vento → invisível → efeitos visíveis

forças naturais invisíveis → efeitos biológicos e físicos

Seth insiste que não devem ser interpretadas segundo categorias morais de bem e mal.

força natural → não boa/má em sentido moral

força natural → protetora, nutritiva, organizadora

9. Estas forças são biológicas num sentido profundo

Seth diz que estas forças são biológicas porque são compostas, até certo ponto, por conhecimento celular de massa.

conhecimento celular de massa → forças biológicas invisíveis → direção da atividade física

Estão basicamente livres do tempo, mas dirigem a atividade física dentro do tempo.

livres do tempo → atuação no tempo → equilíbrio físico

Isto liga biologia, energia, consciência e tempo.

consciência celular → força invisível → equilíbrio físico

A evolução, nesse sentido, não é apenas competição ou mutação mecânica. É também impulso organizado por forças profundas de cooperação e conhecimento celular.

10. A arboridade e a qualidade-de-solo

Seth dá o exemplo da árvore.

árvore → conhece o ambiente → conhece a sua relação nele

Uma árvore numa floresta sabe, em certo sentido, do ambiente inteiro e da sua relação dentro dele.

arboridade → fusão com qualidade-de-solo

A árvore não existe isolada. A sua natureza própria pode fundir-se com a natureza do solo, da água, do ar, da luz e das outras formas vivas.

árvore → solo → floresta → ambiente total

Isto mostra que a identidade natural é relacional.

11. Cada pessoa tem o seu deus da Terra

Seth introduz então o conceito de deus da Terra individual.

pessoa → deus da Terra → versão terrestre idealizada

O deus da Terra não é um deus exterior no sentido religioso comum. É uma porção da própria pessoa ainda não expressa nos seus termos.

deus da Terra → porção não expressa → aquilo em que te estás a tornar

Não significa um self perfeito em carne. Significa uma realidade psíquica em que as capacidades pessoais se realizam plenamente na relação com o ambiente terreno escolhido.

capacidades próprias → ambiente terreno → máxima realização possível

12. O deus da Terra orienta através das probabilidades

Essa porção deus-da-Terra tenta dirigir a pessoa através das probabilidades.

deus da Terra → orientação interior → probabilidades → realização terrena

Em níveis biológicos profundos e em níveis psíquicos acima da consciência normal, a pessoa conhece a integridade do seu ser.

níveis biológicos profundos → conhecimento da ligação à Terra

níveis psíquicos altos → conhecimento da integridade do ser

A consciência humana vive entre estes dois polos:

biologia profunda → mente consciente → psique ampliada

O deus da Terra funciona como eixo de ligação entre eles.

13. A mente consciente tem uma função essencial

Seth não diminui a mente consciente. Pelo contrário, mostra a sua responsabilidade.

mente consciente → localização no tempo e no espaço → ordens de ação

Outras porções do ser dependem dela para receber uma imagem adequada da situação física.

mente consciente → imagem da realidade → células → ação

A mente consciente deve dar às células uma imagem exata da realidade no tempo e no espaço, porque elas precisam de agir instante a instante.

imagem consciente correta → resposta celular adequada → equilíbrio físico

A mente consciente, portanto, não é inimiga da intuição nem da biologia. É uma função de orientação dentro do mundo humano.

14. A relação entre mente consciente e natureza biológica

O conceito de deus da Terra só pode ser usado conscientemente com verdadeiro benefício se a pessoa compreender a relação entre mente consciente e natureza biológica.

mente consciente → interpretação da situação

natureza biológica → conhecimento celular e probabilístico

deus da Terra → orientação idealizada dentro da existência terrena

A mente consciente precisa de funcionar plenamente, não de ser anulada.

intuição + intelecto + biologia → orientação integrada

Este ponto retoma o início do capítulo: o problema não é ter intelecto, mas separar o intelecto da intuição, da biologia e do conhecimento profundo da natureza.

Síntese final

O capítulo apresenta a natureza como campo vivo de consciências interligadas. Células, espécies, árvores, animais, plantas, forças invisíveis e seres humanos participam numa rede cooperativa que organiza a energia em forma física.

células → conhecimento precognitivo → corpo

espécies → versões idealizadas → centros de energia

forças naturais → conversão de energia → equilíbrio físico

deuses da Terra → realização idealizada no ambiente terreno

Seth retira os “espíritos da natureza” do folclore e coloca-os numa ecologia multidimensional da consciência.

espíritos → espécies de consciência → forças biológicas invisíveis
→ cooperação viva da natureza

O ser humano não está separado desta rede. Vive dentro dela, é sustentado por ela e participa nela através do corpo, das células, da mente consciente, das probabilidades e da sua própria versão terrestre idealizada.

homem → natureza → células → consciência → Terra → realização provável

A cooperação viva da natureza não é apenas um ideal moral. É uma condição básica da existência.

CAPÍTULO 14

Sonhos Simultâneos, Outras Organizações de Consciência e a Expansão da Selfidade

Na manhã de sexta-feira, 29 de março, disse a Jane que, em algum momento da noite anterior, tinha acordado com a certeza de que acabara de ter dois sonhos ao mesmo tempo. Retive a memória consciente de um deles apenas por um instante, antes de ele se desvanecer irrevogavelmente. Nem Jane nem eu nos lembrávamos de ter ouvido falar, ou de ter experienciado, aquilo a que chamarei sonhar duplo. Escrevi um relato do fenômeno, perguntando-me se teria distorcido algum acontecimento onírico bastante comum — e sabendo, ao mesmo tempo, que não o tinha feito. Decidi pedir a Seth que discutisse os dois sonhos quando retomássemos as sessões.

Entretanto, ocorreu-me perguntar a algumas outras pessoas se tinham ouvido falar de sonhar duplo, ou se o tinham experienciado. A primeira pessoa com quem falei foi a nossa amiga Sue Watkins, que frequenta a aula de PES quase desde que Jane a iniciou, em 1967. Fiquei mais do que um pouco surpreendido quando Sue disse que já tinha vivido acontecimentos desse tipo várias vezes. Jane e eu conhecíamos Sue desde 1965, mas, tanto quanto qualquer um de nós se lembrava, e por quaisquer razões, o tema do sonhar duplo nunca tinha sido discutido entre nós.

Mas Sue disse que não só o tinha feito mais do que uma vez como conseguia recordar porções dos sonhos simultâneos que tivera em algumas dessas ocasiões, o que era muito mais do que eu podia afirmar. Sorrindo, continuou a confundir-me ainda mais ao descrever os sonhos duplos de outro membro da aula — uma vez que, evidentemente, a pessoa em questão também tinha vivido certas aventuras oníricas de que Jane e eu nada sabíamos. Acabei por pensar que a minha pequena experiência, afinal, não tinha sido assim tão extraordinária; ainda assim, tornara Jane e a mim conscientes de outra faceta da vida onírica.

— *Então, vamos começar pelo teu sonho. A entidade tem consciência das experiências de todas as suas personalidades.*

— *Para a entidade, a tua própria consciência poderia ser comparada a uma corrente de consciência, nos teus termos. A maior parte da tua própria identidade, portanto, está completamente consciente de todo o teu material vivo, consciente e inconsciente. Está também consciente do mesmo tipo de dados vindos de todas as suas — e tuas — partes.*

— *Porque identificas a tua experiência com a linha regular de consciência que te é familiar, raramente consegues “trazer para dentro” qualquer material de “outro-self” e mantê-lo, preservando ao mesmo tempo o teu próprio sentido de identidade. Esse material pode, por vezes, infiltrar-se ou intrometer-se no teu próprio pensamento, onde se mistura e deixa de ser reconhecido. Nesses casos, assume a coloração dos teus próprios padrões de*

pensamento e acrescenta-se à atmosfera global do teu ser. Sem compreensão ou treino, terias de "perder" a tua própria consciência para perceber essa "outra-consciência".

— Há aqui uma correlação com algo que Ruburt disse ontem à noite na aula de PES. Disse que a escrita pode ser, primeiro, um método de te afastares da vida até certo ponto — a fim de capturar a vida e preservar a singularidade inexprimível de qualquer dia em particular. Mas, disse ele, podes então descobrir que a própria escrita se torna a experiência do dia. Ficas então "perdido" na escrita tanto quanto temias ficar perdido na vida normal, sem qualquer forma de te afastares e observares a experiência. O meu acrescento, agora, a essas observações é este: precisarias então da criação de outro "self", que se mantivesse afastado do self escritor, a fim de preservar a intenção original.

— Do mesmo modo, em termos práticos, não poderias experienciar tal outra-consciência a menos que aprendesses a manter-te um pouco afastado, como o escritor nas observações de Ruburt. Mas, mesmo que o fizesses, a própria experiência da outra-consciência substituiria o teu espaço de vida. Precisarias de outro self, capaz de manter ambas as linhas de consciência ao mesmo tempo, perdido em nenhuma delas, mas com apoio em ambas. Isto seria uma realização muito difícil de sustentar na vida normal.

— No estado de sonho, o teu foco especializado não precisa de ser tão preciso nem tão orientado pelo tempo como no estado de vigília.

— No teu caso, realizaste uma excelente proeza. Tiveste consciência dos sonhos simultâneos, cada um experienciado em realidades alternativas. Neste momento, não conseguiste recordar ambos os sonhos, porque o aparelho cerebral físico não conseguiu lidar com os dados simultâneos. Isto tem relação com porções do cérebro que não são usadas, tal como foi mencionado neste livro.

— A certos níveis, o cérebro consegue, evidentemente, lidar com material simultâneo, mesmo que tenhas consciência apenas de uma pequena amostra dele. O corpo tem consciência de muitíssimos estímulos simultâneos que te escapam conscientemente, e é capaz de agir com base nessa informação. Isto inclui todos os tipos de dados sensoriais que não são conscientemente pertinentes. Contudo, por causa do tipo particular de orientação do Ego Exterior que a raça decidiu adotar, muitas probabilidades de desenvolvimento inerentes à espécie permaneceram latentes. O cérebro físico é inerentemente capaz de lidar com mais do que uma linha principal de consciência. Isto não significa, já agora, o desenvolvimento de dupla personalidade. Significa a expansão adicional do conceito de identidade: “tu” não estarias apenas consciente do tu que sempre conheceste, da mesma maneira que agora; surgiria também um sentido mais profundo de identidade.

— Essa identidade conteria o tu que sempre conheceste e não o ameaçaria de modo algum. O novo tu seria simplesmente mais do que és agora. Terias apenas outra expansão de consciência, outro self-que-está-consciente-de-ser, da mesma maneira que — usando uma analogia, admitidamente — o escritor está consciente do self que vive, nesses termos; é o self que vive, ao mesmo tempo que

se encontra numa posição de certo afastamento, capaz de comentar a vida que está a ser vivida.

— *Agora, de uma forma muito pequena, admitidamente, essa analogia sugere o tipo de acontecimentos mais profundos que ocorrem à medida que selves nascem de selves para operar em vários níveis de atividade. No caso das entidades, cada um desses selves habita inteiramente a sua própria dimensão ou sistema de realidade.*

— *(Dirigindo-se a Rob.) Estás, de forma rudimentar, a começar a abrir essas áreas não utilizadas do cérebro, ou nem sequer terias tido consciência do facto de haver dois sonhos simultâneos. Contudo, a linguagem e os teus padrões verbais de pensamento tornam tais traduções extremamente difíceis, mesmo nas melhores circunstâncias. Um indivíduo multilingue, pelo menos nesse aspeto, poderia ter alguma ideia de como os conceitos são estruturados através do padrão verbal e, portanto, possuir alguma liberdade adicional em tais traduções — desde que, evidentemente, estivesse consciente das possibilidades desde o início.*

— *Uma experiência era um sonho teu, nos termos habituais. O outro "sonho", experienciado simultaneamente, era, em vez disso, a tua interpretação confusa de uma realidade vital experienciada por outra porção de ti mesmo, numa realidade inteiramente diferente; uma infiltração dimensional. Uma vez consciente de tal experiência, é muito provável que venhas a ter outras no "teu" estado de sonho.*

— *No estado de vigília, acharias tal experiência altamente ameaçadora sem alguma preparação adequada — e tenho de ser muito cauteloso no modo como trato os teus conceitos de self e as tuas ideias de pessoalidade única.*

— *Não estou a falar tanto de ti pessoalmente, Joseph, quanto a enfatizar que a raça, no presente, identifica o seu ser individual com conceitos altamente limitados do self. Essas ideias são vigorosamente protegidas e, de facto, devem ser compreendidas e honradas, mesmo quando se tenta expandi-las. Certamente, a qualidade da consciência mudou ao longo dos séculos de muitas maneiras diferentes, e por vezes de formas que pareceriam contraditórias; mas, no vosso presente, nada tendes com que comparar a vossa consciência atual da experiência.*

— *Numa medida muito limitada, as diferentes civilizações e culturas com que estais historicamente familiarizados representam um vislumbre ténue das várias qualidades da consciência e das suas variedades de experiência. Mas, assim como existem espécies físicas, também existem aquilo a que podeis chamar espécies de consciência.*

— *Mesmo agora, existem na vossa espécie vários tipos diferentes de consciência; diferentes no sentido em que a situação de vida física é experienciada qualitativamente de maneiras que não vos são nativas na vossa cultura; diferentes no sentido em que todo o tecido de significado, interpretação, experiência e vida em si é “alienígena” para o tipo de experiência com que estais*

familiarizados. Isto não significa que tais diferenças resultem de contextos ou situações culturais, pois alguns desses indivíduos existem dentro da vossa própria cultura, e alguns com o vosso tipo de consciência existem em culturas onde são minoria. Estou simplesmente a dizer que, na vossa Terra, agora, existem espécies de consciência, embora essa provavelmente não seja a melhor expressão. Estivestes tão obcecados com diferenças exteriores, especialmente de cor e nacionalidade, que ignorastes completamente estas outras variações, muito mais importantes, na forma que a consciência assume em relação à vida física dentro da vossa raça — a raça humana.

— Em termos da vossa experiência pessoal, os Sumari (6) são um caso exemplar. Os membros de cada "espécie" de consciência relacionam-se com a experiência física das suas maneiras características, vendo até o tempo, o espaço e a ação de modo diferente. Orientam-se em relação aos seus corpos segundo modos próprios. Cada grupo possui uma relação diferente com o corpo, com a natureza e com o mundo em geral.

— Os vossos conceitos estratificados de personalidade única ignoram, contudo, todas essas diferenças inerentes, e tendes tendência para transpor os vossos próprios conceitos sempre que entraís em contacto com aqueles cujas ideias não conseguis compreender. Mesmo agora, em algumas "sociedades tribais", por exemplo, o self é experienciado de forma muito diferente; de tal modo que, embora a chamada individualidade, tal como a compreendeis, seja mantida, cada self é também experienciado como parte dos outros na tribo e do ambiente natural. Para alguns,

isto parece significar que a individualidade nasceu morta ou ficou subdesenvolvida. Protegeis as vossas ideias de Selfidade a qualquer custo — mesmo contra a evidência da natureza, que vos mostra que todos estão relacionados.

— A singularidade, a experiência privada e a individualidade só atingem as suas dimensões de ser e a sua verdadeira grandeza quando são compreendidas as relações inerentes entre todos os elementos do ser. Lutais contra a vossa própria individualidade maior e contra as dimensões espaçosas do vosso próprio ser quando protegeis excessivamente as vossas ideias de Selfidade, limitando a experiência do self.

Síntese Operativa

Este capítulo parte de uma experiência aparentemente simples — Rob ter consciência de dois sonhos simultâneos — para abrir uma questão muito mais ampla: a identidade humana não está limitada a uma única linha de consciência, nem a Selfidade se reduz ao modelo comum de uma pessoa, uma mente, um corpo e uma corrente contínua de experiência.

A função central do capítulo é esta:

a consciência pode organizar-se em linhas simultâneas, selves diferenciados e espécies ou organizações de consciência; a expansão da Selfidade não ameaça o self conhecido, mas inclui-o num sentido mais amplo de identidade.

1. O sonho duplo como porta de entrada

Rob acorda com a certeza de ter experienciado dois sonhos ao mesmo tempo.

sonho duplo → duas linhas simultâneas de experiência → dificuldade de memória → limite do aparelho cerebral físico

O fenómeno parece pequeno, mas Seth usa-o como indício de uma capacidade mais vasta: a consciência não está, por natureza, confinada a uma só sequência experiencial.

consciência habitual → uma linha reconhecida

consciência ampliada → várias linhas simultâneas

O problema não está apenas em viver essas experiências, mas em traduzi-las para a mente de vigília e para a linguagem comum.

2. A entidade conhece todas as suas personalidades

Seth começa por situar o fenómeno ao nível da entidade.

entidade → consciência das experiências de todas as suas personalidades

Para a entidade, a consciência atual de uma personalidade física é apenas uma corrente entre várias.

Personalidade de Foco → corrente particular de consciência

entidade → campo mais amplo que contém várias correntes

A entidade está consciente não apenas do material consciente e inconsciente de uma personalidade, mas também do material correspondente das suas outras partes.

entidade → consciência simultânea → múltiplas personalidades → múltiplas experiências

3. A linha regular de consciência limita a percepção

A Personalidade de Foco identifica-se com a linha regular de consciência que lhe é familiar.

linha habitual de consciência → sentido de identidade conhecido → estabilidade do self

Essa estabilidade tem uma função importante, mas limita a entrada de material vindo de outros selves ou de outras linhas de consciência.

outro-self → material infiltrado → pensamento habitual → mistura → não reconhecimento

Quando esse material surge, pode parecer apenas pensamento próprio, imaginação, atmosfera interior ou tonalidade subjetiva.

material de outro-self → coloração pelos padrões próprios → integração inconsciente

A consciência recebe mais do que reconhece.

4. Sem treino, a outra-consciência ameaça o self conhecido

Seth afirma que, sem compreensão ou treino, seria necessário “perder” a própria consciência para perceber outra-consciência.

self habitual → linha própria de consciência → proteção da identidade

outra-consciência → intrusão intensa → ameaça de perda do self

O desafio é aprender a manter contacto com outra linha de consciência sem abandonar a própria.

uma linha → outra linha → necessidade de terceiro ponto de apoio

Essa é a base da expansão da Selfidade: não substituir um self por outro, mas criar uma organização capaz de conter ambos.

5. A analogia da escrita

Ruburt tinha dito que a escrita pode começar como uma forma de se afastar da vida para a captar.

vida → afastamento → escrita → preservação da experiência

Mas a escrita pode tornar-se a própria experiência, e o escritor pode perder-se nela.

escrita → nova experiência → absorção → perda do ponto de observação

Seth acrescenta que seria necessário outro self capaz de se manter afastado do self escritor.

self que vive → self que escreve → outro self que observa

Esta analogia mostra como selves podem nascer de selves para preservar, observar ou organizar diferentes linhas de atividade.

6. O terceiro self como ponto de integração

Para experienciar outra-consciência sem se perder nela, seria necessário um self capaz de sustentar duas linhas ao mesmo tempo.

linha de consciência A → experiência habitual

linha de consciência B → outra-consciência

self integrador → mantém ambas → perde-se em nenhuma

Este self integrador não destrói os outros. Cria uma plataforma mais ampla de identidade.

self conhecido → incluído

outro-self → reconhecido

identidade ampliada → integração de ambos

A expansão da Selfidade ocorre quando a identidade se torna capaz de conter mais do que uma corrente de experiência.

7. O estado de sonho permite maior simultaneidade

No estado de vigília, o foco é preciso, linear e orientado pelo tempo.

vigília → foco especializado → sequência temporal → ação física

No sonho, esse foco não precisa de ser tão rígido.

sonho → menor rigidez temporal → maior abertura simultânea

Por isso, o estado de sonho permite contacto com linhas de consciência que seriam ameaçadoras ou demasiado intensas na vigília comum.

sonho → espaço de transição → contacto com outras realidades

O sonho duplo é, neste sentido, uma fissura breve na organização linear da consciência.

8. O cérebro físico e os dados simultâneos

Rob teve consciência de dois sonhos simultâneos, mas não conseguiu recordar ambos.

experiência simultânea → dados múltiplos → aparelho cerebral físico → limitação de tradução

Seth liga isto às porções do cérebro que ainda não são plenamente utilizadas.

áreas cerebrais latentes → capacidade para material simultâneo
→ expansão psíquica e biológica

O cérebro já lida, em certos níveis, com inúmeros estímulos simultâneos. O corpo recebe e usa mais informação do que a mente consciente reconhece.

corpo → estímulos múltiplos → ação biológica

mente consciente → pequena amostra → interpretação limitada

9. A orientação do Ego Exterior limitou certas probabilidades da espécie

Segundo Seth, a raça humana escolheu um tipo particular de orientação do Ego Exterior.

Ego Exterior → foco físico especializado → identidade estreita → continuidade prática

Essa orientação permitiu enorme eficácia na realidade física, mas deixou latentes muitas probabilidades de desenvolvimento.

foco especializado → capacidades úteis

foco estreito → capacidades latentes

O cérebro é capaz de lidar com mais do que uma linha principal de consciência, mas a organização atual da identidade humana ainda não favorece esse uso de forma estável.

10. Expansão da identidade não é dupla personalidade

Seth distingue claramente expansão de identidade de dupla personalidade.

dupla personalidade → fragmentação / alternância problemática

expansão de identidade → sentido mais profundo que inclui o self conhecido

A nova identidade não ameaça o “tu” que sempre conhecestes.

tu conhecido → preservado

sentido mais profundo → inclui o tu conhecido

novo tu → mais amplo, não substitutivo

A expansão da Selfidade é inclusiva: acrescenta, integra e amplia.

11. Selves nascem de selves

A analogia do escritor aponta para um mecanismo mais profundo.

self → nova função → novo self → novo nível de atividade

Os selves podem nascer de selves para operar em vários níveis de realidade.

No caso das entidades, cada self habita a sua própria dimensão ou sistema de realidade.

entidade → selves diferenciados → dimensões próprias → sistemas próprios

A identidade não é uma peça única, mas uma estrutura geradora de centros de experiência.

12. Linguagem, pensamento verbal e tradução difícil

Seth sublinha que a linguagem e os padrões verbais de pensamento dificultam a tradução de experiências simultâneas.

experiência simultânea → não linear

linguagem verbal → sequência linear

tradução → perda, mistura, distorção

Um indivíduo multilíngue pode compreender melhor, por analogia, como os conceitos mudam quando passam por diferentes padrões verbais.

língua → estrutura conceitual

mudança de língua → mudança de organização

experiência multidimensional → exige tradução entre padrões de consciência

A dificuldade não está apenas em lembrar, mas em converter uma organização não linear em pensamento verbal.

13. O segundo sonho como infiltração dimensional

Seth esclarece que uma das experiências era um sonho comum de Rob.

sonho comum → experiência onírica própria

O outro “sonho” era a interpretação confusa de uma realidade vital experienciada por outra porção de si mesmo, noutra realidade.

outra porção do self → realidade diferente → experiência vital → infiltração dimensional

Rob não estava simplesmente a sonhar duas histórias. Estava a captar, de forma confusa, atividade real de outra porção de si.

sonho duplo → sonho + infiltração dimensional

Este ponto transforma o fenómeno onírico numa evidência de interseção entre organizações de consciência.

14. Pessoaalidade única como modelo limitado

Seth torna-se cauteloso porque o tema ameaça os conceitos humanos de self.

pessoaalidade única → uma pessoa → uma consciência → uma identidade contínua

A humanidade protege vigorosamente esta ideia, e Seth reconhece que ela deve ser respeitada.

conceito limitado de self → estabilidade necessária

expansão do conceito → deve honrar a estrutura existente

Não se trata de destruir a personalidade, mas de alargá-la.

personalidade única → base

Selfidade ampliada → expansão da base

15. A qualidade da consciência mudou ao longo da história

Seth afirma que a qualidade da consciência humana mudou ao longo dos séculos.

épocas diferentes → qualidades diferentes de consciência → experiências diferentes da realidade

As civilizações e culturas conhecidas mostram apenas um vislumbre dessas variações.

culturas históricas → pistas parciais → variedades de experiência

A humanidade não possui um único modo de consciência universal e imutável. Mesmo dentro da espécie humana, há modos qualitativamente diferentes de experienciar a vida física.

16. Espécies ou organizações de consciência

Seth usa a expressão “espécies de consciência”, embora reconheça que talvez não seja a melhor.

espécies físicas → diferenças biológicas

espécies de consciência → diferenças na forma de experienciar a vida física

O capítulo permite entender isto como organizações de consciência: modos diferentes de estruturar significado, corpo, tempo, espaço, natureza, ação e relação.

organização de consciência → tecido de significado → interpretação → experiência → vida

Estas diferenças são mais profundas do que nacionalidade, cor ou cultura exterior.

diferenças exteriores → visíveis

organizações de consciência → estruturais, experiencialmente profundas

17. Os Sumari como exemplo

Seth apresenta os Sumari como caso exemplar.

Sumari → organização específica de consciência → relação própria com experiência física

Cada organização de consciência relaciona-se com o corpo, a natureza, o tempo, o espaço e a ação de modo característico.

- grupo de consciência → corpo
- grupo de consciência → natureza
- grupo de consciência → mundo
- grupo de consciência → tempo e ação

O que está em causa não é apenas crença cultural, mas uma forma inteira de experienciar a realidade física.

18. O self tribal e a relação com o ambiente

Seth menciona sociedades tribais nas quais o self é experienciado de forma diferente.

self individual → mantido

self tribal → sentido de participação nos outros e no ambiente natural

A individualidade não desaparece. Ela é experienciada dentro de uma rede relacional mais ampla.

individualidade → não isolada

individualidade → em relação

Para a consciência ocidental, isto pode parecer subdesenvolvimento. Para Seth, mostra apenas outra organização possível da Selfidade.

19. A natureza mostra que todos estão relacionados

A humanidade protege as suas ideias de Selfidade mesmo contra a evidência da natureza.

natureza → inter-relação → cooperação → continuidade entre formas

conceito limitado de self → separação → proteção excessiva → isolamento

A natureza mostra continuamente que nenhum ser existe isoladamente.

ser → relações → ambiente → outros seres → totalidade viva

A Selfidade verdadeira não diminui quando reconhece relação; expande-se.

20. Individualidade maior

A singularidade, a experiência privada e a individualidade só atingem a sua verdadeira grandeza quando as relações inerentes entre todos os elementos do ser são compreendidas.

- singularidade → relação
- experiência privada → interligação
- individualidade → dimensão maior

Proteger excessivamente o self limita a experiência do self.

proteção excessiva da Selfidade → estreitamento do self

compreensão das relações → expansão da individualidade

A individualidade maior não é isolamento aperfeiçoado. É singularidade consciente da sua participação no ser.

Síntese final

O capítulo começa com sonhos simultâneos, mas termina com uma redefinição da Selfidade.

sonhos simultâneos → linhas simultâneas de consciência → outro-self → infiltração dimensional → expansão da identidade

Seth mostra que a consciência humana atual está organizada em torno de uma linha dominante, protegida pelo Ego Exterior e pelos conceitos de personalidade única.

linha dominante → estabilidade física → identidade conhecida

Mas essa linha não é a totalidade do ser.

entidade → múltiplas personalidades → várias correntes de consciência → sistemas próprios de realidade

A expansão da Selfidade não ameaça o self conhecido. Integra-o num campo maior.

- self conhecido → preservado
- outro-self → reconhecido
- Selfidade ampliada → identidade mais profunda

As organizações de consciência mostram que a humanidade não possui apenas diferenças exteriores. Possui também modos diferentes de experienciar corpo, natureza, tempo, espaço, ação e relação.

raça humana → várias organizações de consciência → múltiplas formas de viver a fisicalidade

O ponto final do capítulo é claro: a individualidade não se realiza pelo isolamento, mas pela compreensão das relações que a sustentam.

- self isolado → limitação
- self em relação → individualidade maior

A Selfidade expande-se quando deixa de se defender contra a totalidade a que pertence.

CAPÍTULO 15

Coincidências, Histórias Prováveis e a Ordem Subjacente da Realidade

— *De uma forma ou de outra, ao longo deste livro, lidaremos com a história tal como a conheceis e tal como não a conheceis. Discuti-la-emos em termos do “passado” da vossa espécie.*

— *Em muitos sentidos, a história é o vosso passado incorporado, os acontecimentos óbvios que se tornaram significativos. Todas as diferentes variações que podem ser tocadas na consciência humana, todas as probabilidades da espécie, estão, de certo modo, a ocorrer em épocas passadas — mas estão também a acontecer naquilo que pensais ser o vosso presente. Como foi mencionado anteriormente, nos capítulos 2, 3 e 4, a vossa consciência agarra-se a certos acontecimentos em detrimento de outros e traz esses acontecimentos para a significação e, portanto, para a realidade oficial que conheceis.*

— *Mesmo nas vossas vidas privadas, contudo, há indícios de outros tipos de sequências em que os acontecimentos podem ocorrer — e ocorrem. Habitualmente, não tendes consciência do significado desses sinais. Eles passam-vos despercebidos simplesmente porque não se ajustam à sequência ordenada com*

que estais familiarizados. Na vossa ideia de realidade, tais indícios parecem insignificantes. Não fazem sentido, especialmente dentro do esquema ordenado da realidade geralmente reconhecida.

— A vossa estrutura celular é inatamente capaz de seguir tais sequências. Acreditando que esses sinais não têm significado, a mente consciente não os percebe, ou chama-lhes coincidências. Contudo, esses indícios, na vossa vida diária íntima, se forem vistos de outra forma, podem dizer-vos muito sobre os potenciais da espécie e dar-vos vislumbres de outros sistemas de realidade aos quais a consciência humana pode responder. Estou aqui a usar um incidente da experiência de Ruburt e Joseph, mas o leitor pode fazer as suas próprias correlações e descobrir acontecimentos semelhantes dos quais se podem tirar as mesmas conclusões.

— Ao conduzir por Sayre¹, Pensilvânia, numa tarde de domingo, Joseph reparou numa casa à venda num bairro que conhecia — e lembrou-se de que ela pertencera, na sua memória, a um homem por quem a mãe tinha nutrido afeição. Por impulso, Joseph pediu a

¹ Jane e eu fizemos o nosso passeio de carro há três semanas, a 7 de abril. A cidade de Sayre fica apenas a 29 quilómetros de Elmira, Nova Iorque, onde vivemos agora, e situa-se nas belas colinas da Pensilvânia entre duas comunidades menores — Athens, a sul, e Waverly, a norte, no Estado de Nova Iorque. Localmente, as três são conhecidas como “The Valley”. Visitamos Sayre ocasionalmente. Embora fique perto em termos de quilómetros, para mim, aspetos importantes dela estão muito distantes em termos de anos.

É uma antiga cidade ferroviária, predominantemente de classe média-baixa, que costumava derivar grande parte da sua importância de ser um ponto de ligação para várias linhas importantes; contudo, é também o local de um hospital e clínica bem conhecidos que continuaram a crescer. A população de Sayre era provavelmente inferior a 6500 habitantes quando os meus dois irmãos e eu crescemos ali, e hoje não é muito maior. A minha família viveu no bairro que Seth descreve de 1922 — quando eu tinha 3 anos — até 1931 — quando tinha 12 —, mudando-se depois para a extremidade oposta da cidade. Lembro-me muito bem de ter sido extremamente relutante em mudar-me; o rapazinho não queria deixar os amigos nem o ambiente que amava. Na altura, os motivos dos meus pais para a mudança não significavam nada para mim. Contudo, compraram a “nova” casa, e ela permaneceu na família até 1972 — um ano depois da morte do meu pai, e um ano antes de a minha mãe morrer.

Ruburt que telefonasse para a imobiliária cujo letreiro estava na casa. A casa ainda pertencia ao homem em questão. Joseph recordava-se apenas de a mãe ter falado desse senhor no passado. Na realidade reconhecida partilhada pela família Butts, não tinha havido contacto íntimo entre a mãe de Joseph e o senhor Markle — como lhe chamarei. Contudo, a mãe de Joseph ficara profundamente impressionada com esse homem e estava convencida de que poderia ter casado com ele, em vez de com o marido que escolhera. Ao longo dos anos, fantasiou essa situação. O senhor Markle era, e é, rico. Agora, naturalmente, é um homem idoso, incapaz de cuidar da sua casa por mais tempo. Está agora num lar para idosos, mas é bem cuidado.

— Joseph sentiu uma forte inclinação pela casa do senhor Markle. Embora o preço fosse bastante elevado, Ruburt e Joseph pensaram em comprá-la, e foram conduzidos pela casa pelas pessoas da imobiliária. Que Joseph pudesse estar a caminhar pela casa do velho², e que o senhor Markle estivesse a passar o seu último

² As “pessoas da imobiliária” que mostraram a casa Markle a Jane e a mim na quinta-feira passada, 25 de abril, são um casal que gere uma pequena agência imobiliária e de seguros em Sayre. Gostámos imediatamente dos Johnson — embora esse não seja o nome real deles. Percorrer a casa do senhor Markle foi uma experiência e tanto — certamente eu não esperava encontrar-me a fazê-lo agora, cerca de 43 anos depois da última vez que lá estivera. Naturalmente, Jane não se sentiu tão atraída por ela como eu, e esse conhecimento ajudou-me a manter o meu próprio entusiasmo sob controlo. Dos meus tempos de escola primária, pensava lembrar-me especialmente da grande sala de estar da casa; pois os Markle tinham criado dois filhos contemporâneos do meu irmão imediatamente mais novo e de mim; por vezes, os quatro encontrávamo-nos na casa e depois íamos juntos para a escola.

A casa que a família Butts ocupava nessa altura fica mesmo ao virar da esquina, a um quarteirão de distância — quase visível a partir do alpendre da frente da casa Markle. Mais tarde, encontrei várias fotografias antigas dela num dos nossos álbuns de família, e fui recordado de que, naqueles dias, as ruas não tinham lancis. Ainda hoje consigo recordar a maioria das famílias, e dos seus filhos, que viviam na área imediata. Esses poucos quarteirões constituíam, em grande parte, o mundo da minha infância.

Agora, quando Jane e eu conduzimos por essas ruas modestas, sinto uma familiaridade e uma estranheza difíceis de descrever. Com lancis ou sem eles, o bairro mudou notavelmente pouco, considerando o número de anos envolvido. Digo a mim próprio que todas as árvores estão agora muito mais altas e espessas, e experiencio uma estranha admiração pelo facto de as casas de madeira ainda estarem de pé. Também digo a mim próprio que muitos outros devem ter sentimentos semelhantes acerca

período num lar, tal como acontecera com a mãe de Joseph, parecia uma coincidência — um mero capricho do destino. Parecia sem significado, embora evocativo, que essa casa estivesse à venda e que o velho insistisse num preço superior ao valor da casa, tal como a mãe de Joseph insistira num preço elevado pela sua própria casa, determinada a consegui-lo³. Era assim que parecia visto de fora. Parecia ser um daqueles incidentes curiosos da vida.

— Em vez disso, tendes aqui um rico entrelaçamento de probabilidades; pois, numa probabilidade, os dois foram de facto casados, e essa Stella [Butts] viu a casa passar para o filho mais velho — Joseph. Nesta probabilidade, este Joseph encontra, em vez disso, a casa de um relativo estranho, descobre que ela está à venda e pode ou não comprá-la, segundo o novo conjunto de probabilidades então emergente.

— Há uma fusão cruzada de “efeitos”. Nesta probabilidade, a mãe de Joseph deixou pouco em termos financeiros, relativamente falando, e a sua casa foi vendida. A família não ficou com ela.

— Neste ponto, todas as probabilidades estão relacionadas. A mãe de Joseph está morta, nos vossos termos, e tem consciência, até certo ponto, da natureza da sua própria realidade para além do físico. Consegue, novamente até certo ponto, seguir as suas

de ambientes que outrora foram importantes para eles — e que, de facto, ainda o são. Mas, desde que me familiarizei com as ideias de Seth sobre o tempo, estou mais consciente do que nunca de que, quando viajamos, há muito mais envolvido do que uma deslocação através do espaço.

³ A minha mãe não só insistiu “num preço elevado pela sua própria casa”, como, para surpresa de todos os envolvidos na venda — membros da família, agentes imobiliários e outros —, conseguiu obtê-lo.

próprias existências prováveis: isto é, está consciente do seu próprio ser fora do enquadramento oficial.

— A sua própria psicologia e os seus métodos característicos de comportamento continuam, contudo, a ser os seus, e continuam a operar; de modo que “ela” se “sintoniza” com aquelas áreas de probabilidades que dizem respeito aos seus próprios desejos e interesses. Neste sistema, queria que Joseph ficasse com a sua própria casa, mas, por muitas razões, isso não se desenvolveu.

— Foi, então, a seu pedido — em grau bastante forte — que Joseph deu por si diante da casa Markle em questão, sentiu que de facto a queria e tomou as medidas que tomou na sua realidade.

— Se a tua mãe não ficou com o homem e com a riqueza, então — segundo a maneira de pensar dela, agora — tu ainda podes ficar com a casa que ela fantasiou como sendo sua durante a vida.⁴

— Ela sonhou muitas vezes viver nela. A nível mental e emocional, usou essa probabilidade nesta vida para enriquecer as suas próprias horas através do devaneio — mas sem, naturalmente, qualquer percepção de que esses devaneios tinham a sua própria realidade.

⁴ Tive de rir um pouco, pois a descrição de Seth dos processos mentais da minha mãe era extremamente característica dela.

— *Mesmo agora, ela quer que Joseph tenha uma casa mais requintada do que qualquer uma das casas dos seus irmãos.*

— *Este é, contudo, um caso claro de entrelaçamento de probabilidades. Nesta probabilidade, Joseph pode escolher comprar ou não, pelo que não há coerção — por parte de Stella Butts, por exemplo. Joseph e Ruburt foram também levados a ver uma segunda casa em Sayre — uma casa consideravelmente mais barata, mas, em geral, muito parecida com aquela em que a mãe de Joseph viveu nesta vida. Viram as duas casas no mesmo dia. A segunda, tal como a primeira, estava à venda devido à idade avançada dos proprietários: um casal idoso mudara-se recentemente da segunda casa para um lar. Mais uma vez, a mente “oficial” diz: “Coincidência. Tudo isto é perfeitamente natural. Muitas casas estão à venda porque os idosos já não conseguem cuidar delas.”*

— *A segunda casa não tinha garagem e não ficava num bairro tão elegante, mas possuía a sua própria distinção. Fez Ruburt rir, agora, com os seus recantos e cantos estranhos. Essa casa não tinha sobre si o peso da intenção de Stella, mas era também uma casa que ela tinha notado, considerando-a mais grandiosa do que a sua — uma casa em que poderia ter sido feliz. Era a sua segunda escolha.⁵*

⁵ Eu diria que a afirmação de Seth aqui, “Era a sua segunda escolha”, exige interpretação cuidadosa. As suas possíveis implicações escaparam-me durante a sessão; de outro modo, poderia ter pedido então algum esclarecimento. Como negligenciei fazê-lo, acabei por reescrever esta nota um ano mais tarde.

— *O casal da imobiliária — os Johnson — também estava ligado. Mais uma vez, a mente oficial diz que foi coincidência esse casal ser, à sua maneira, inclinado artisticamente, gostar de pintura e escrita, trabalhar como freelancer, e ainda viver num apartamento após alguns anos de casamento — e que o homem fosse relativamente calado em contraste com a mulher. Contudo, mais uma vez, as probabilidades fundem-se, pois a mulher poderia muito bem ter sido escritora, e o homem, artista; e, ao verem Ruburt e Joseph, ambos se relacionaram com outras probabilidades inerentes nas suas próprias naturezas.*

— *A intenção da mãe de Joseph continua viva para além da sepultura, nesses termos. Ela ainda quer que Joseph tenha uma casa, e uma casa mais elegante e mais rica do que a sua própria. Ora, o senhor Markle, um homem de negócios rico, também possuía fortes capacidades artísticas. Era negociante de pedras preciosas e*

Na altura da sessão, compreendi que Seth queria dizer que a segunda casa que Jane e eu vimos em 25 de abril era também a segunda escolha da minha mãe, nesse dia, para nós. Algum tempo depois, começámos a perguntar-nos se ele poderia ter querido dizer que essa segunda casa tinha sido a melhor escolha seguinte de Stella Butts para si própria ao longo dos anos, depois da casa do senhor Markle. Adotámos a abordagem conservadora; decidimos que isso não era provável. Pois não só ambas as casas teriam de estar à venda ao mesmo tempo, e não só Jane e eu teríamos de as inspecionar no mesmo dia — como, entre as centenas de casas em Sayre, seria necessário que estas duas ocupassem o primeiro e o segundo lugar nas preferências da minha mãe durante muitos anos. As probabilidades contra este último ponto coincidir com os dois primeiros seriam muito grandes. Pensámos que as duas casas já estavam envolvidas numa série de “coincidências” suficientemente notável.

E, no entanto — pequenas possibilidades existiam apesar de toda esta lógica. A minha mãe poderia ter tido alguma ligação emocional a essa segunda casa. O lugar em questão situa-se a poucos quarteirões do bairro para onde a minha família se mudou em 1931, como descrito na Nota 1. Uma vez que fica numa das ruas principais de Sayre, numa esquina movimentada, sei que devo ter passado por ela muitas vezes nos anos seguintes; contudo, nunca tinha reparado na casa como uma entidade individual até Jane e eu subirmos até à sua porta da frente com os Johnson. Quando os Johnson nos disseram quem eram os proprietários, só pude responder que tinha ouvido o nome enquanto vivia em Sayre; o casal idoso seria contemporâneo da minha mãe. Embora não me lembrasse de a minha mãe os mencionar, era pelo menos possível que os tivesse conhecido. Poderiam ter existido ligações através de amigos comuns. Assim, até certo ponto, Jane e eu podíamos brincar com inferências retiradas do comentário de Seth de que aquela casa específica representara a segunda escolha da minha mãe. Dificilmente poderia perguntar-lhe, uma vez que ela morrera cinco meses antes, mas Stella Butts poderia ter conhecido os proprietários e ter estado na casa deles; poderia ter gostado dela de forma desmedida.

antiguidades finas. Essas qualidades atraíram a mãe de Joseph, Stella, e, dentro da situação tal como ela a configurou nessa vida, impressionaram-na, pois sabia que os talentos do homem lhe trariam riqueza. As inclinações artísticas dele levaram-no a escolher pessoas da imobiliária que tinham, elas próprias, capacidades artísticas latentes.

— *À medida que os dois casais conversavam, tornou-se claro que havia outras “coincidências”: Ruburt e Joseph tinham pensado recentemente em passar um fim de semana de férias num determinado motel-resort, dentro da região geral, mas não especialmente próximo. Esse casal da imobiliária fora obrigado a passar uma noite no mesmo resort devido ao mau tempo, numa altura em que uma sensitiva se apresentava ali como entretenimento.*

— *Essa sensitiva sobressaltou o casal ao identificar corretamente alguns elementos específicos das suas experiências; portanto, havia também algum tipo de ligação psíquica. Mais uma vez, naturalmente: coincidência. Assim diz a mente oficialmente organizada. Os ricos entrelaçamentos de probabilidades revelam-se em todas as vossas vidas, se simplesmente deixardes de organizar as vossas percepções e experiências de maneiras pré-embaladas.*

— *As muitas direções possíveis para a espécie existem agora. Joseph reagiu, sob certo aspeto, a nível celular. As células reconheceram a realidade provável envolvida, e ele, Joseph, sentiu que estava “em casa” — na casa Markle —, embora*

conscientemente não conseguisse explicar a sensação. Em certos termos, a mãe dele sentir-se-á vindicada se Joseph comprar essa casa, mas a escolha continua a ser dele e de Ruburt. Se prestardes mais atenção àquilo que pensais ser coincidências, descobrireis outro tipo de ordem subjacente à ordem reconhecida que seguis. Isto tem todos os tipos de implicações biológicas no que diz respeito à espécie; podeis talvez compreender, então, que há também histórias prováveis por baixo das vossas vidas, individual e coletivamente.

— *As ordens neurologicamente não reconhecidas podem mostrar-se assim que reconhecerdes a sua realidade. Então, os dados dos vossos sentidos começarão a confirmar aquilo que até agora não foi confirmado.*

— *O prédio de apartamentos em que Ruburt e Joseph residem atualmente tem uma entrada de garagem partilhada.*

— *Em certos termos, essa entrada é a ligação, o símbolo, entre os dois sistemas de probabilidade, pois a casa do senhor Markle também tem uma entrada partilhada. Ruburt e Joseph vivem em apartamentos duplos, numa grande mansão antiga reconvertida nesse tipo de habitação. A entrada é partilhada com uma família muito rica da casa ao lado, onde uma casa do mesmo tamanho serve de lar a uma só família. A mãe de Joseph queria que Joseph fosse muito rico. A entrada liga simbolicamente as duas realidades e é um ponto onde ambas se fundem.*

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que aquilo a que chamamos coincidência pode ser apenas a superfície visível de uma ordem mais profunda. Seth parte de um episódio aparentemente doméstico — duas casas à venda em Sayre, memórias familiares de Joseph, desejos antigos da mãe e ligações inesperadas — para revelar como as probabilidades se entrelaçam por baixo da realidade oficial.

A função central do capítulo é esta:

as coincidências são, muitas vezes, pontos de interseção entre histórias prováveis, memórias celulares, intenções persistentes e ordens de realidade ainda não reconhecidas pela mente consciente.

1. A história conhecida é apenas uma seleção

Seth começa por alargar a ideia de história.

história oficial → acontecimentos selecionados → significação reconhecida → realidade aceite

A consciência humana agarra-se a certos acontecimentos e transforma-os na realidade oficial. Outros acontecimentos,

igualmente válidos em termos prováveis, ficam fora da sequência reconhecida.

acontecimentos não selecionados → probabilidades → histórias não oficiais

A história conhecida da espécie é, portanto, apenas uma linha de organização dentro de um campo mais vasto.

2. Existem outras sequências de acontecimentos

Mesmo na vida privada, surgem sinais de outras ordens de sequência.

acontecimento banal → coincidência aparente → sinal de outra sequência

Esses sinais passam despercebidos porque não se ajustam à ordem habitual da mente consciente.

mente consciente → sequência conhecida → rejeição do que não encaixa

O que não cabe na estrutura oficial é chamado coincidência, acaso ou curiosidade sem significado.

3. A estrutura celular reconhece mais do que a mente consciente

Seth afirma que a estrutura celular é inatamente capaz de seguir essas outras sequências.

células → reconhecimento de padrões prováveis → resposta profunda

A mente consciente pode não perceber o significado de uma coincidência, mas o corpo pode reagir.

mente consciente → não reconhece

nível celular → reconhece

Isto explica a sensação de familiaridade intensa que Joseph sente na casa Markle.

casa Markle → realidade provável reconhecida pelas células → sensação de estar “em casa”

O corpo responde a uma ordem que a mente ainda não sabe interpretar.

4. O episódio das casas em Sayre

Joseph vê uma casa à venda em Sayre, num bairro ligado à sua infância.

Sayre → memória pessoal → casa Markle → passado familiar → probabilidade ativada

A casa pertencia ao senhor Markle, homem por quem a mãe de Joseph nutria afeição e com quem fantasiara ter casado.

Stella Butts → desejo antigo → senhor Markle → casa → riqueza → vida provável

Na realidade oficial, não houve ligação íntima entre Stella e o senhor Markle. Numa probabilidade, porém, eles foram casados.

realidade oficial → Stella não casou com Markle

realidade provável → Stella casou com Markle → casa passa para Joseph

O episódio atual torna-se, assim, ponto de contacto entre duas histórias.

5. Entrelaçamento de probabilidades

Seth define o caso como um rico entrelaçamento de probabilidades.

vida atual de Joseph → casa Markle → desejo de Stella → probabilidade alternativa → escolha presente

Na probabilidade alternativa, Stella casou com Markle e a casa passou para Joseph. Nesta probabilidade, Joseph encontra a casa como pertencente a um relativo estranho e pode ou não comprá-la.

probabilidade A → Joseph herda a casa

probabilidade B → Joseph encontra a casa à venda

As duas probabilidades cruzam-se através do desejo persistente de Stella, da memória de Joseph e da situação concreta da casa.

6. A intenção continua para além da morte

A mãe de Joseph está morta, nos nossos termos, mas continua consciente da sua realidade para além do físico.

morte física → continuidade da psicologia → continuidade de desejos → ação em probabilidades

Seth mostra que a morte não apaga automaticamente os padrões característicos da personalidade.

Stella viva → desejo de casa, riqueza e estatuto

Stella depois da morte → desejo ainda ativo → influência provável

A sua intenção continua a operar, sintonizando-se com probabilidades ligadas aos seus desejos e interesses.

7. Não há coerção

Apesar da influência de Stella, Joseph e Ruburt continuam livres.

intenção de Stella → campo provável ativado

Joseph e Ruburt → escolha livre

A probabilidade não obriga. Ela apresenta uma possibilidade carregada de significado.

probabilidade → convite

não → imposição

Joseph pode comprar ou não comprar a casa. A escolha permanece aberta.

8. A segunda casa como variação provável

Joseph e Ruburt são também levados a ver uma segunda casa em Sayre.

primeira casa → casa Markle → desejo principal de Stella

segunda casa → casa notada por Stella → segunda escolha

A segunda casa é mais barata, menos elegante, mas possui distinção própria. Também está ligada ao envelhecimento dos proprietários e à passagem para um lar.

duas casas → velhice → lares → venda → memória da mãe → eco provável

A repetição dos elementos não é mero acaso. É uma configuração simbólica e provável.

9. Os Johnson e as ligações latentes

O casal da imobiliária também participa no entrelaçamento.

Johnson → arte latente → escrita → pintura → trabalho freelancer
→ afinidade com Ruburt e Joseph

A mente oficial chama coincidência ao facto de o casal ter inclinações artísticas semelhantes às de Ruburt e Joseph.

Seth mostra outra leitura:

Ruburt e Joseph → capacidades artísticas atuais

Johnson → capacidades artísticas latentes

encontro → probabilidades inerentes ativadas

Ao encontrarem Ruburt e Joseph, os Johnson relacionam-se com outras possibilidades existentes nas suas próprias naturezas.

10. A sensitiva e a ligação psíquica

Outra coincidência surge: Ruburt e Joseph tinham pensado passar um fim de semana num motel-resort; os Johnson tinham sido

obrigados a passar ali uma noite por causa do mau tempo; nessa noite, uma sensitiva apresentou-se como entretenimento e identificou corretamente aspetos das experiências deles.

motel-resort → Johnson → sensitiva → reconhecimento psíquico
→ nova ligação

A cadeia alarga-se.

casa → imobiliária → arte → resort → sensitiva → ligação psíquica

O episódio mostra que diferentes camadas de realidade se cruzam através de acontecimentos que a mente oficial considera acidentais.

11. A mente oficialmente organizada

Seth contrapõe dois modos de percepção.

mente oficial → coincidência → acaso → sem significado

percepção aberta → entrelaçamento → probabilidade → ordem subjacente

A mente oficialmente organizada pré-embala a experiência. Interpreta os acontecimentos segundo categorias fixas e, por isso, não vê os padrões que atravessam as situações.

percepção pré-embalada → bloqueio da ordem provável

Quando essa organização rígida é relaxada, os entrelaçamentos revelam-se.

12. Os entrelaçamentos revelam-se

Seth afirma que os ricos entrelaçamentos de probabilidades se revelam em todas as vidas, se a personalidade deixar de organizar percepções e experiências de maneira pré-embalada.

percepção rígida → coincidências mudas

percepção aberta → probabilidades reconhecíveis

As probabilidades não precisam de ser inventadas. Já estão presentes.

ordem provável → já existente

mudança percetiva → reconhecimento

A realidade torna-se mais inteligível quando a consciência admite outras formas de sequência.

13. Histórias prováveis por baixo da vida

Seth alarga o episódio privado à espécie.

vida individual → histórias prováveis

espécie → direções possíveis → histórias prováveis coletivas

Há histórias prováveis por baixo das vidas, individual e coletivamente.

história oficial → superfície

histórias prováveis → profundidade

A espécie humana não tem apenas um passado oficial. Possui linhas prováveis, memórias celulares e direções alternativas que continuam a existir.

14. Implicações biológicas

Seth liga as coincidências às implicações biológicas da espécie.

probabilidades → reconhecimento celular → resposta corporal → implicações biológicas

A célula reconhece realidades prováveis que a mente consciente ainda não reconhece.

célula → contacto com probabilidade

mente consciente → posterior interpretação

Isto sugere que a evolução da espécie pode depender da capacidade de reconhecer ordens que hoje permanecem neurologicamente não oficializadas.

15. Ordens neurologicamente não reconhecidas

Seth fala de ordens que ainda não são reconhecidas neurologicamente.

ordens não reconhecidas → fora da realidade oficial → ainda ativas

Quando a sua realidade for reconhecida, elas começarão a mostrar-se.

reconhecimento → abertura percetiva → confirmação pelos sentidos

Então os próprios dados dos sentidos começarão a confirmar aquilo que antes não era confirmado.

mudança interior → nova seleção sensorial → nova realidade percebida

A percepção física acompanha a organização da consciência.

16. A entrada partilhada como símbolo

No fim, Seth acrescenta outra ligação: o prédio onde Ruburt e Joseph vivem tem uma entrada de garagem partilhada, tal como a casa Markle.

entrada partilhada → símbolo → ligação entre sistemas de probabilidade

Ruburt e Joseph vivem numa mansão antiga dividida em apartamentos. Ao lado, uma família rica vive numa casa de tamanho semelhante, mas inteira.

casa dividida → realidade atual

casa inteira e rica → desejo de Stella

A entrada partilhada liga simbolicamente as duas realidades.

realidade atual → entrada partilhada → realidade provável → fusão simbólica

O espaço físico torna-se portador de uma função provável.

17. O símbolo como ponto de fusão

A entrada não é apenas detalhe arquitetónico. É um ponto onde dois sistemas de probabilidade se encontram.

objeto físico → símbolo → ponto de interseção provável

Aquilo que parece uma característica comum de duas casas torna-se uma assinatura simbólica da relação entre realidades.

entrada partilhada → passagem → ligação → fusão

O capítulo mostra, assim, que a ordem provável pode expressar-se através de detalhes mínimos.

Síntese final

O capítulo parte de um episódio comum: ver uma casa à venda.

casa à venda → memória → desejo antigo → probabilidade → coincidência → ordem subjacente

Seth mostra que a coincidência é muitas vezes a forma como a mente consciente encontra uma ordem que ainda não sabe reconhecer.

coincidência → nome dado à ordem não compreendida

A realidade oficial seleciona acontecimentos, organiza-os numa sequência e chama-lhes história.

seleção → sequência → história oficial

Mas por baixo dessa história existem outras linhas, outras memórias, outras intenções e outras probabilidades.

história oficial → superfície

histórias prováveis → profundidade

As células reconhecem algumas dessas linhas antes da mente consciente.

realidade provável → reconhecimento celular → sensação de familiaridade

Quando a consciência deixa de organizar a experiência de forma pré-embalada, os entrelaçamentos revelam-se.

percepção aberta → coincidências tornam-se padrões → padrões revelam ordem

O capítulo termina com uma chave simples: a realidade contém ordens que ainda não foram reconhecidas neurologicamente. Quando forem reconhecidas, os próprios sentidos começarão a confirmá-las.

ordem não reconhecida → reconhecimento → confirmação sensorial → expansão da realidade oficial

CAPÍTULO 16

Acontecimentos Prováveis, Percepção Preconceituosa e a Realidade Física

— O exemplo relativamente insignificante de acontecimentos prováveis e da sua interação, acabado de dar no capítulo anterior, fornece algumas pistas importantes sobre a natureza das probabilidades em geral. Há claramente uma organização presente, mas não é o tipo de ordem que estais habituados a reconhecer. Esta pequena experiência privada repete-se incessantemente, com diferentes variações, em todas as áreas da vida diária — isto é, os acontecimentos prováveis interagem constantemente e, através dessa interação, acabais por ficar com uma série reconhecida de episódios que aceitais, chamada realidade física.

— Contudo, por baixo dessa ordem reconhecida de acontecimentos, há, na verdade, um vasto campo de ação sempre em curso. Esses campos de probabilidades são fontes de ação para a vossa realidade; mas a ação do vosso mundo é também fonte para essas outras probabilidades.

— Isto aplica-se a todos os níveis, mentais e biológicos. As probabilidades envolvem, portanto, os átomos e as moléculas, e também as células. Envolvem igualmente os pensamentos, assim

como acontecimentos mais obviamente físicos. Os vossos corpos são construções-prováveis, no sentido em que existem apenas por causa do aparecimento dos átomos em certos pontos de probabilidade. Noutros níveis, os átomos não existem nesses mesmos pontos, e os vossos corpos aí não são as mesmas construções físicas. Portanto, não existem aí.

— *Cientificamente, com todos os vossos instrumentos, até agora sois capazes de perceber a presença do átomo apenas no campo do vosso próprio sistema de probabilidade. Uma vez que percecionais fisicamente através do corpo, que é estruturado atomicamente, então, naturalmente, as vossas percepções sensoriais levam-vos a bloquear o reconhecimento de outros estímulos ou reações prováveis. No seu livro “Aventuras na Consciência”, Ruburt menciona aquilo a que chama “percepção preconceituosa”¹. É um termo excelente neste contexto.*

— *Parte disto é difícil de verbalizar. As unidades de EE (Energia Eletromagnética) dentro da matéria, dentro dos átomos e das moléculas, têm consciência dos campos prováveis de ação que são possíveis. Embora a integridade do corpo tenha de assentar numa reiteração constante dentro de uma probabilidade e de manter, nesse sistema provável, uma certa “constante”; e embora a percepção física esteja em grande parte dirigida para aí, a*

¹ No Glossário de Aventuras na Consciência, Jane define **percepção preconceituosa** como “a propensão para organizar dados indiferenciados em termos sensoriais específicos e diferenciados”. Ver também o Capítulo 14 de Aventuras na Consciência.

integridade básica do sistema corporal e da consciência vem de fora do sistema para dentro dele.

— *Os átomos, embora se comportem corretamente dentro do sistema e pareçam aderir às suas regras e pressupostos, na verdade estendem-se através das probabilidades. As vossas estruturas temporais, portanto, estão intimamente ligadas à ação provável e aos campos de atualidade. Nos vossos termos, por exemplo, pareceria que Joseph não poderia ter visto aquela casa à venda senão depois de uma determinada série de acontecimentos ter ocorrido. Pareceria que tudo isto dependia de acontecimentos anteriores: o encontro prévio da sua mãe com o senhor Markle, há anos, quando ambos eram jovens; os devaneios e fantasias dela em anos posteriores; a sua própria morte; a velhice do senhor Markle e o abandono da sua casa.*

— *Nos vossos termos, parece que tudo isso teve de acontecer antes de a casa ser posta à venda, para que Joseph, ao passar por ali há apenas alguns dias, pudesse ver o letreiro e decidir visitar a casa. Em termos muito mais básicos, todos os acontecimentos existem ao mesmo tempo, tal como os átomos e as moléculas aparecem ao mesmo tempo em todas as posições prováveis. O corpo, comportando-se no tempo, usa uma estrutura temporal e age nela naturalmente, à medida que a sua estrutura "constante" perdura no tempo. Assim, nesse enquadramento, o tempo foi experienciado — e, usando essa estrutura organizadora, o tempo parece unir esses acontecimentos.*

— *Esses acontecimentos emergem então para a significação por causa do tipo peculiar de organização escolhido. Outros acontecimentos igualmente válidos não parecem significativos — não emergem para a percepção, nem para a realidade. Contudo, existem. Numa realidade, por exemplo, a mãe de Joseph casou com o senhor Markle. Joseph herdou a casa. Nessa realidade, o senhor Markle morreu antes da mãe de Joseph, pelo que não havia necessidade de um Joseph, aqui, sequer procurar uma casa; ele tinha uma. Nessa realidade, Joseph não casou com Ruburt. E nesta realidade, aquela que Rob e Ruburt conhecem, Ruburt sentiu instintivamente que estava à parte daquela casa.*

— Posso fazer uma pergunta?

— *Sim.*

— Bem, eu sei que disseste na última sessão que, a partir da sua realidade não física, a minha mãe não está a tentar coagir Jane e a mim a comprar a casa do senhor Markle — mas continuo a perguntar-me: o que pensarão os outros acerca da ideia de se sentir na nossa realidade uma influência vinda “do outro lado”, por assim dizer?

— *Deixei claro que a decisão cabia a Joseph e a Ruburt. Mais do que isso, porém, toda a questão de uma casa desse tipo trouxe para as suas próprias vidas questões de valores e prerrogativas que eram de grande importância. Eles precisavam de confrontar as suas próprias posições sobre tais assuntos. Joseph estava*

inconscientemente consciente da primeira casa, das duas em Sayre, e poderia ter escolhido não conduzir por aquela rua específica, por exemplo. Tanto ele como Ruburt têm pensado relativamente pouco em dinheiro ou estatuto social. Em vez disso, viveram uma vida de apartamento, com pouca preocupação pelas aparências. Contudo, há sempre, na vossa sociedade, pressão no sentido da aquisição de casas elegantes, e as posses materiais são frequentemente consideradas a medalha da capacidade.

— Financeiramente, Ruburt e Joseph começavam a ficar bem. Só então as ideias convencionais vieram para primeiro plano. Essas próprias ideias atraíram emocionalmente certos aspetos da mãe de Joseph. Muito simplesmente, nos termos dela, queria que o filho se saísse bem, e, para ela, isso significava possuir uma casa excelente. Da parte dela, era uma ambição bastante inocente.

— Quando sentiu que Joseph também tinha sentimentos fortes em relação a querer uma casa desse tipo, então — nos vossos termos — começou, a partir do seu enquadramento diferente depois da morte, a trazer essa oportunidade para a experiência dele. Isto não é manipulação. Mostra, contudo, que uma porção da mãe de Joseph, a porção ligada ao filho, ainda se relaciona com ele de certa forma. Mostra também que os desejos dele por uma casa em Sayre — mais profundos e mais fortes — ajudaram a provocar certos acontecimentos: ele poderia ter uma casa desse tipo se quisesse.

— O episódio espelhava também as suas crenças, pois, segundo a sua maneira de pensar, teria de renunciar a certas liberdades, e

isso ele não estava preparado para fazer. Os acontecimentos existem basicamente ao mesmo tempo, embora, ao vosso nível, tenhais de os perceber no tempo. Tal como a vossa realidade íntima diária pode estar envolvida com probabilidades e ser por elas colorida — probabilidades trazidas para a vossa experiência pelos vossos próprios desejos e crenças —, também a vossa cultura de massas, a história do mundo e a orientação da espécie são coloridas por acontecimentos prováveis que não se ajustam à vossa ideia oficialmente reconhecida de realidade física.

— Questões como homem alternativo, homem provável, eus alternativos, eus prováveis — aplicam-se individualmente, assim como em termos da espécie, e aplicam-se ao vosso futuro assim como ao vosso passado.

— As maiores descobertas científicas são sempre “acidentes”. Vêm da criatividade intuitiva, quando subitamente se vê um novo tipo de significação que não era “antes” previsível.

— Aceitais todos os dados que se ajustam às vossas teorias e ignorais as pistas contrárias. Contudo, por baixo de tudo isso, sois criaturas criadoras de significação, formadoras de padrões, imersas no tempo, mas basicamente à parte dele; e, por isso, novas percepções entram na vossa consciência e alteram literalmente a qualidade de qualquer dada realidade em qualquer dado momento.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda o mecanismo que estava implícito no capítulo anterior. Depois de mostrar que as coincidências podem revelar histórias prováveis e ordens subjacentes, Seth passa agora a explicar como a realidade física se forma a partir da interação constante entre acontecimentos prováveis, campos de ação, estruturas temporais, percepção sensorial e crenças pessoais ou coletivas.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física é uma série reconhecida de acontecimentos prováveis, filtrada por um sistema de percepção preconceituosa que seleciona certos dados, bloqueia outros e organiza a experiência segundo uma ordem temporal aparentemente contínua.

1. A realidade física nasce da interação de acontecimentos prováveis

Seth retoma o episódio das casas em Sayre para mostrar que ele não é apenas uma curiosidade privada.

acontecimentos prováveis → interação constante → série reconhecida → realidade física

Aquilo que chamamos realidade física é uma das séries possíveis que emerge da interação entre muitos acontecimentos prováveis.

campo provável amplo → seleção percetiva → sequência aceite

A realidade oficial não é falsa. É uma organização parcial dentro de um campo maior.

2. Há uma ordem, mas não a ordem habitual

Seth afirma que há claramente uma organização presente, mas não o tipo de ordem que a mente está habituada a reconhecer.

ordem habitual → sequência linear → causa antes do efeito → tempo como ligação

ordem provável → simultaneidade → interações cruzadas → significações emergentes

A mente consciente procura uma cadeia simples:

acontecimento anterior → acontecimento posterior →
consequência

Mas as probabilidades operam de modo mais amplo:

acontecimentos simultâneos → interações entre campos →
realidade reconhecida

A ordem existe, mas não é linear.

3. O vasto campo de ação por baixo da realidade reconhecida

Por baixo da ordem reconhecida de acontecimentos, existe um campo vasto de ação sempre em curso.

realidade física reconhecida → superfície

campo de ação provável → profundidade

Esse campo fornece fontes de ação para a realidade física.

campos de probabilidades → ação física

Mas a relação é recíproca.

ação do mundo físico → fonte para outras probabilidades

A realidade física não é apenas efeito das probabilidades. Também alimenta outras linhas prováveis.

4. Probabilidades em todos os níveis

As probabilidades não operam apenas nos acontecimentos visíveis ou nas escolhas conscientes.

probabilidades → pensamentos → células → moléculas → átomos
→ acontecimentos físicos

Elas atravessam todos os níveis da experiência.

O corpo físico é também uma construção-provável.

átomos em certos pontos de probabilidade → corpo físico

Noutros níveis, os átomos não aparecem nos mesmos pontos, e por isso o corpo, tal como é conhecido nesta realidade, não existe aí.

ponto de probabilidade diferente → organização atômica diferente → outro tipo de corpo / ausência deste corpo

5. O corpo como filtro de probabilidade

Percepcionais fisicamente através de um corpo atômicamente estruturado. Isso significa que a própria estrutura corporal condiciona o tipo de realidade que podeis reconhecer.

corpo atômico → sentidos físicos → percepção seletiva → realidade oficial

Os sentidos não revelam toda a realidade. Revelam o campo de probabilidade a que o corpo pertence.

percepção física → sistema de probabilidade próprio

O corpo é instrumento de percepção, mas também filtro.

instrumento → permite perceber

filtro → bloqueia outros estímulos prováveis

6. Percepção preconceituosa

Seth usa a expressão de Ruburt: “percepção preconceituosa”.

dados indiferenciados → organização sensorial específica → realidade reconhecida

A mente e os sentidos organizam dados segundo padrões já aceites.

teoria → seleção de dados

crença → confirmação percetiva

expetativa → bloqueio de pistas contrárias

A percepção preconceituosa não é apenas erro intelectual. É o modo como a consciência física organiza a experiência para manter uma realidade estável.

7. As unidades EE conhecem os campos prováveis

Dentro da matéria, dos átomos e das moléculas, as unidades EE têm consciência dos campos prováveis de ação.

unidades EE → matéria → átomos/moléculas → consciência dos campos prováveis

O corpo precisa de manter uma certa constância dentro de uma probabilidade.

corpo → reiteração constante → sistema provável → estabilidade

Mas a sua integridade básica vem de fora do sistema.

fora do sistema → integridade básica → entrada no sistema corporal

A consciência que sustenta o corpo não está fechada no sistema físico. O físico depende de uma fonte que o excede.

8. Os átomos estendem-se através das probabilidades

Os átomos parecem obedecer às regras do sistema físico, mas na verdade estendem-se através das probabilidades.

átomos → comportamento físico regular → regras do sistema

átomos → extensão provável → vários campos de atualidade

A matéria parece local, mas possui ligações prováveis.

matéria percebida → aparência de localização

estrutura profunda → atravessamento de probabilidades

Isto liga diretamente a matéria ao tempo.

átomos prováveis → estruturas temporais → campos de atualidade

9. O tempo parece unir os acontecimentos

No caso da casa Markle, parece que uma cadeia de acontecimentos teve de ocorrer antes de Joseph ver a casa à venda.

Stella conhece Markle → Stella fantasia → Stella morre → Markle envelhece → casa à venda → Joseph passa por ali

Na ordem temporal comum, tudo depende do que veio antes.

Mas Seth desloca o enquadramento.

todos os acontecimentos existem ao mesmo tempo → o tempo organiza-os como sequência

O corpo, ao comportar-se no tempo, usa uma estrutura temporal como constante.

corpo → tempo → estrutura constante → experiência sequencial

Por isso, dentro desse enquadramento, o tempo parece unir os acontecimentos.

10. Significação e organização escolhida

Os acontecimentos emergem para a significação por causa do tipo de organização escolhido.

organização escolhida → certos acontecimentos tornam-se significativos

Outros acontecimentos igualmente válidos não emergem para a percepção.

acontecimentos válidos → não reconhecidos → fora da realidade oficial

Eles existem, mas não entram na série reconhecida.

existência provável → ausência de reconhecimento físico

A realidade física depende, portanto, de uma seleção de significações.

11. A realidade provável da mãe de Joseph

Numa realidade, a mãe de Joseph casou com o senhor Markle.

Stella + Markle → casamento provável → Joseph herda a casa

Nessa linha, Joseph não precisaria de procurar casa. Já teria uma.

casa herdada → ausência da procura atual

E nessa realidade Joseph não casou com Ruburt.

vida provável → relações diferentes → escolhas diferentes → identidade experiencial diferente

Cada alteração reorganiza uma cadeia inteira de relações, acontecimentos e identidades.

12. A casa como questão de valores

A situação da casa trouxe para Joseph e Ruburt questões importantes sobre valores e prerrogativas.

casa grande → estatuto → dinheiro → responsabilidade → liberdade → tempo criativo

A questão não era apenas comprar ou não comprar uma casa. Era confrontar uma estrutura de crenças.

posses materiais → medalha da capacidade

vida de apartamento → liberdade → pouco cuidado com aparências

A casa funcionou como espelho.

evento exterior → crenças interiores reveladas

13. Desejo, crença e influência pós-morte

A mãe de Joseph não o estava a manipular. Mas uma porção dela, ligada ao filho, ainda se relacionava com ele.

Stella depois da morte → desejo persistente → ligação ao filho

Quando Joseph sentiu desejo pela casa, esse desejo atraiu uma intenção semelhante da mãe.

desejo de Joseph → desejo de Stella → oportunidade trazida à experiência

Isto não elimina a liberdade.

influência provável → não coerção

campo ativado → escolha permanece

A realidade é atravessada por influências, mas a decisão continua a pertencer à Personalidade de Foco.

14. A decisão também ensina os mortos

Seth afirma que a mãe de Joseph continua a aprender.

Stella noutro nível → observa decisão de Joseph → compreende melhor o filho

Ao ver Joseph recusar a casa, ela começa a compreender motivos que antes lhe eram incompreensíveis.

decisão nesta realidade → aprendizagem noutra realidade

As ações físicas têm repercussões para além do sistema físico.

ação local → efeito provável → aprendizagem transdimensional

A relação entre vivos e mortos não é fixa. Continua a desenvolver-se.

15. Tudo acontece ao mesmo tempo

Seth pede que se compreenda que todas estas reações estão realmente a acontecer ao mesmo tempo.

desejo de Joseph → desejo de Stella → conflito antigo → nova compreensão

Na experiência temporal, as reações parecem continuar em sequência.

nos vossos termos → continuidade temporal

Num nível mais básico, elas coexistem.

nível profundo → simultaneidade

O tempo traduz uma simultaneidade maior em acontecimentos sucessivos.

16. A realidade íntima e a cultura de massas

Seth alarga a explicação do nível privado para o nível coletivo.

realidade íntima diária → desejos e crenças → probabilidades trazidas à experiência

O mesmo acontece com a cultura de massas, a história do mundo e a orientação da espécie.

cultura de massas → acontecimentos prováveis → história oficial → orientação da espécie

Aquilo que uma civilização reconhece como história também é uma seleção dentro de campos prováveis.

história reconhecida → acontecimentos aceites

histórias prováveis → acontecimentos não integrados

17. Homem alternativo, homem provável

As questões de “homem alternativo”, “homem provável”, “eus alternativos” e “eus prováveis” aplicam-se tanto ao indivíduo como à espécie.

- eu provável → indivíduo
- homem provável → espécie
- futuro provável → desenvolvimento possível
- passado provável → história alternativa

A humanidade também tem versões prováveis.

espécie → linhas alternativas → desenvolvimentos possíveis → histórias prováveis

O ser humano atual é apenas uma das expressões possíveis da espécie.

18. As descobertas científicas como acidentes

As grandes descobertas científicas são chamadas “acidentes” porque surgem quando uma nova significação aparece subitamente.

criatividade intuitiva → nova significação → descoberta científica

A descoberta não é apenas acumulação linear de dados.

dados conhecidos → teoria existente → limite

intuição → padrão inesperado → nova realidade conceptual

O “acidente” é, muitas vezes, a entrada de uma ordem provável ainda não reconhecida.

19. Criaturas criadoras de significação

Seth define os seres humanos como criaturas criadoras de significação e formadoras de padrões.

consciência humana → cria significação → forma padrões → organiza realidade

Embora imersos no tempo, os humanos estão, basicamente, à parte dele.

imersos no tempo → experiência física

à parte do tempo → origem mais profunda da consciência

Por isso, novas percepções podem entrar na consciência e alterar a qualidade da realidade.

nova percepção → nova significação → alteração da realidade

Síntese final

O capítulo mostra que a realidade física não é uma sequência simples de acontecimentos objetivos.

campos de probabilidades → interação → seleção percetiva → série reconhecida → realidade física

O corpo, os sentidos e a mente organizam os dados de forma preconceituosa, isto é, segundo padrões já aceites.

percepção preconceituosa → dados aceites → realidade oficial

Mas por baixo dessa realidade reconhecida há campos de ação simultâneos, nos quais acontecimentos, átomos, corpos, desejos, histórias e espécies se estendem através das probabilidades.

realidade oficial → superfície

probabilidades → campo profundo

A casa Markle mostra o mecanismo em escala privada.

desejo de Joseph → desejo de Stella → casa → escolha → aprendizagem

A cultura de massas e a história mostram o mesmo mecanismo em escala coletiva.

desejos e crenças coletivas → acontecimentos prováveis → história reconhecida → orientação da espécie

A conclusão é decisiva: a realidade muda quando muda a significação reconhecida.

nova significação → nova percepção → nova organização → nova qualidade de realidade

CAPÍTULO 17

Fotografias, Selvas Prováveis e a Espécie nas Probabilidades

ELEMENTO PRÁTICO 2

— *Gostaria que cada leitor experimentasse dois exercícios. Primeiro, escolhe qualquer incidente que te aconteça no dia em que leres esta página. Vê esse acontecimento particular como algo que emergiu na tua experiência a partir do vasto banco de outros acontecimentos prováveis que poderiam ter ocorrido.*

— *Examina o acontecimento tal como o conheces. Depois tenta seguir a sua emergência a partir do fio da tua própria vida passada, tal como a compreendes, e projeta mentalmente que outros acontecimentos poderiam emergir desse acontecimento para se tornarem ação no teu futuro provável. Este exercício tem outra parte: quando tiveres terminado o procedimento acabado de descrever, muda então o teu ponto de vista; vê o acontecimento do ponto de vista de outra pessoa que também esteja envolvida. Por mais privada que a experiência pareça, outra pessoa terá alguma ligação com ela. Vê o episódio através dos olhos dessa pessoa e continua depois com o procedimento acabado de descrever, usando apenas este ponto de vista alterado.*

— *Ninguém pode fazer este exercício por ti, mas os resultados subjetivos podem ser muitíssimo surpreendentes. Aspetos do acontecimento que antes não se apresentavam podem tornar-se subitamente visíveis. As dimensões do acontecimento serão experienciadas de forma mais plena.*

ELEMENTO PRÁTICO 3

— *Para o segundo exercício, pega numa fotografia tua e coloca-a à tua frente. A fotografia pode ser do passado ou do presente, mas tenta vê-la como a imagem instantânea de um self em perfeito foco, emergindo de uma dimensão subjacente na qual outras fotografias prováveis poderiam ter sido tiradas. Esse self emerge triunfalmente, único e inexpugnável na sua própria experiência; contudo, nos traços que vês diante de ti — nesta atitude, postura, expressão — há também brilhos, colorações ou sombreados que são ecos pertencentes a outras probabilidades. Tenta senti-los.*

ELEMENTO PRÁTICO 4

— *Agora pega noutra fotografia tua, de uma idade diferente daquela que escolheste primeiro. Pergunta-te simplesmente: “Estou a olhar para a mesma pessoa?” Até que ponto esta segunda fotografia te é familiar ou estranha? Em que difere da primeira que escolheste esta noite? Que semelhanças existem que unam ambas as fotografias na tua mente? Que experiências tinhas quando cada fotografia foi tirada? Que caminhos pensaste seguir numa das*

fotografias que não foram seguidos na outra? Essas direções foram prosseguidas. Se não foram prosseguidas pelo self que reconheces, então foram-no por um self que é provável nos teus termos. Na tua mente, segue as direções que esse self teria tomado, tal como concebes tais acontecimentos. Se encontrares uma linha de desenvolvimento que agora gostarias de ter seguido, mas não seguiste, então pensa profundamente nas maneiras como essas atividades poderiam agora encaixar-se no enquadramento da tua vida oficialmente aceite. Tais reflexões, acompanhadas de desejo — e apoiadas pelo bom senso —, podem produzir pontos de interseção nas probabilidades que causam um novo realinhamento dos elementos profundos da psique. Deste modo, acontecimentos prováveis podem ser atraídos para a tua estrutura de vida atual.

— Temos estado a falar de homens prováveis, e tencionamos, de facto, lidar mais profundamente com o homem ou a mulher provável, tal como isso se aplica à vossa espécie. Os acontecimentos da espécie começam, contudo, com o indivíduo. Todos os poderes, capacidades e características inerentes à espécie são inerentes a qualquer membro individual dela. Através da compreensão da tua própria realidade desconhecida, portanto, podes aprender muito acerca da realidade desconhecida da espécie.

ELEMENTO PRÁTICO 5

— Escolhe outra fotografia. Quero que olhes para esta de uma forma um pouco diferente. Também deve ser uma fotografia tua. Vê-a como uma imagem de ti próprio enquanto representante da

tua espécie num espaço e num tempo particulares. Olha para ela como poderias olhar para a fotografia de um animal no seu ambiente. Se a fotografia te mostrar num quarto, por exemplo, pensa então nesse quarto como um tipo peculiar de ambiente, tão natural como a floresta. Vê a imagem da tua pessoa desta maneira: como é que ela se funde com os outros elementos da fotografia, ou se destaca deles? Vê esses outros elementos como características da imagem; encara-os como traços alargados que te pertencem. Se a fotografia for escura, por exemplo, e mostrar sombras, então, neste exercício, vê essas sombras como pertencendo ao self na imagem.

— *Examina imaginativamente a tua imagem a partir do ponto de vista de outro lugar na fotografia. Vê como a imagem pode ser entendida como parte do padrão global do ambiente — o quarto ou a mobília, ou o quintal, ou o que quer que seja. Quando vês a fotografia de um animal no seu ambiente, fazes muitas vezes ligações que não fazes quando vês a fotografia de um ser humano no seu ambiente. No entanto, cada localização é tão única como o habitat de qualquer animal — tão privada, tão partilhada, tão significativa em termos do indivíduo e da espécie de que esse indivíduo faz parte. Simplesmente para esticares a imaginação: quando olhares para a tua fotografia, imagina que és representante de uma espécie, captado ali exatamente naquela pose particular, e que a moldura da fotografia representa agora “uma jaula de tempo”. Tu, do exterior, olhando para a fotografia, estás agora fora dessa jaula de tempo em que o teu espécime foi colocado. Esse espécime, esse indivíduo, esse tu, representa não apenas a ti próprio, mas um aspeto da tua espécie. Se mantiveres essa*

sensação, então o elemento do tempo torna-se tão real como qualquer dos outros objetos dentro da fotografia. Embora invisível, o tempo é a moldura.

— Agora levanta os olhos. A imagem, a fotografia, é apenas um pequeno objeto em todo o alcance da tua visão. Não estás apenas fora de ti próprio na fotografia; agora ela representa também apenas uma pequena porção da tua realidade. Contudo, a fotografia permanece inviolável dentro do seu próprio enquadramento; não podes alterar a posição de um único objeto dentro dela. Se destruíres a própria fotografia, de modo algum podes destruir a realidade que estava por trás dela. Não podes, por exemplo, matar a árvore que possa estar representada na imagem.

— A pessoa dentro da fotografia está fora do teu alcance. O tu que és pode fazer quaisquer mudanças que queiras na tua experiência: podes mudar probabilidades para os teus próprios fins, mas não podes mudar os cursos de outros selves prováveis que seguirem os seus próprios caminhos. Todos os selves prováveis estão ligados. Cada um influencia os outros. Há uma interação natural, mas não coerção. Cada self provável possui o seu próprio livre-arbítrio e a sua própria singularidade. Podes mudar a tua própria experiência na probabilidade que conheces — a qual, por sua vez, assenta em infinitas outras probabilidades. Podes trazer para a tua própria experiência qualquer número de acontecimentos prováveis, mas não podes negar a experiência provável de outra porção da tua realidade. Isto é, não podes aniquilá-la.

— Tal como, ao olhares para uma fotografia na tua história pessoal, ela representa a tua emergência nesta realidade particular — ou na realidade que era aceite como oficial no momento em que foi tirada —, assim estás também a olhar para a imagem de um representante da tua espécie, captado num determinado momento de probabilidade. Essa espécie tem tantas ramificações e desenvolvimentos como tu tens em termos privados. Tal como existem selves prováveis em termos privados, existem selves prováveis em termos da espécie. Tal como tens o teu passado pessoal reconhecido e oficial, assim, no vosso sistema de atualidade, aceitastes mais ou menos uma história de massas oficial. Sob exame, contudo, essa história da espécie mostra muitas lacunas e discrepâncias, e deixa muitas perguntas por responder.

Síntese Operativa

Este capítulo é construído quase inteiramente em torno de exercícios práticos. Seth usa acontecimentos quotidianos e fotografias pessoais para levar o leitor a perceber uma ideia central: aquilo que parece ser uma vida fixa, uma identidade única ou uma história oficial é apenas uma emergência focalizada dentro de um campo mais vasto de probabilidades.

A função central do capítulo é esta:

uma fotografia, um acontecimento ou uma recordação não mostram apenas aquilo que aconteceu; mostram uma versão focalizada da identidade, rodeada por outras possibilidades invisíveis que também pertencem ao campo provável do self e da espécie.

1. O acontecimento quotidiano como ponto de entrada

Seth começa por pedir ao leitor que escolha um incidente do próprio dia.

acontecimento quotidiano → escolha percetiva → entrada na experiência → banco de acontecimentos prováveis

O acontecimento não é tratado como algo isolado, mas como uma atualização específica entre muitas possibilidades que poderiam ter ocorrido.

acontecimentos possíveis → acontecimento escolhido → experiência reconhecida

O exercício desloca a pergunta habitual:

o que aconteceu?

para:

de que campo de probabilidades emergiu este acontecimento?

2. O acontecimento possui passado e futuro prováveis

Seth pede que o leitor siga a emergência do acontecimento a partir do fio da vida passada e, depois, imagine que outros acontecimentos podem surgir dele no futuro provável.

vida passada reconhecida → acontecimento atual → futuros prováveis

Isto mostra que cada acontecimento é um ponto de interseção.

passado → presente → futuro

mas também:

probabilidades anteriores → acontecimento atual → novas ramificações prováveis

O acontecimento deixa de ser uma unidade fechada. Torna-se nó vivo dentro de uma rede.

3. Mudar de ponto de vista altera o acontecimento

A segunda parte do exercício pede que o leitor veja o mesmo episódio através dos olhos de outra pessoa envolvida.

acontecimento privado → ponto de vista próprio

acontecimento partilhado → ponto de vista de outro

A experiência, por mais íntima que pareça, nunca pertence apenas a uma pessoa. Ela toca outros campos perceptivos.

um acontecimento → várias perspectivas → múltiplas dimensões da experiência

Ao mudar o ponto de vista, aspetos antes invisíveis podem tornar-se claros.

ponto de vista alterado → novas dimensões do acontecimento → experiência mais ampla

4. A fotografia como self focalizado

Seth passa depois para a fotografia.

fotografia → imagem instantânea → self em foco → identidade provável experienciada

A fotografia parece fixar uma pessoa num momento. Mas, para Seth, ela mostra apenas uma emergência específica do self dentro de uma dimensão subjacente de outras imagens possíveis.

fotografia tirada → self reconhecido

fotografias não tiradas → selves prováveis invisíveis

A imagem é válida precisamente porque emerge de um campo de outras possibilidades não focalizadas.

5. A fotografia mostra ecos de outras probabilidades

Na postura, na expressão, nos traços e nas sombras da fotografia, Seth sugere que se procurem ecos de outras probabilidades.

traço → gesto → expressão → sombra → eco provável

O self fotografado é único e inexpugnável na sua experiência. Contudo, não está isolado.

self focalizado → ecos de outros selves → campo provável

A fotografia torna-se, assim, um objeto de percepção multidimensional.

imagem fixa → campo invisível → probabilidades sentidas

6. Duas fotografias, duas versões do self

Ao comparar duas fotografias de idades diferentes, o leitor é levado a perguntar:

estou a olhar para a mesma pessoa?

A resposta não é simples.

continuidade reconhecida → mesma identidade

diferenças de idade, postura, experiência → outras versões do self

Cada fotografia mostra uma configuração diferente da identidade.

self numa idade → caminhos possíveis

self noutra idade → caminhos seguidos e não seguidos

A continuidade pessoal existe, mas é feita de escolhas, desvios, potenciais e linhas não atualizadas fisicamente.

7. Caminhos não seguidos continuam noutros selves

Seth afirma que as direções não seguidas pelo self reconhecido foram prosseguidas por outro self provável.

caminho imaginado → não seguido aqui → seguido por self provável

Isto retira aos caminhos não escolhidos o estatuto de simples ausência.

não escolhido → não anulado

não seguido fisicamente → vivido noutra probabilidade

A identidade não perde automaticamente aquilo que não viveu nesta linha. Outras porções da realidade pessoal podem ter desenvolvido essas direções.

8. Probabilidades podem ser atraídas para a vida atual

Se o leitor encontra uma linha de desenvolvimento que gostaria de ter seguido, Seth sugere que reflita profundamente sobre como essa atividade poderia encaixar-se agora na vida oficialmente aceite.

linha não seguida → desejo atual → reflexão profunda → bom senso → ponto de interseção

A probabilidade não é trazida pela fantasia desligada da realidade, mas pela combinação entre desejo, imaginação e senso prático.

- desejo → orientação
- bom senso → integração

- probabilidade → realinhamento psíquico

Deste modo, acontecimentos prováveis podem ser atraídos para a estrutura atual da vida.

9. O indivíduo como representante da espécie

Seth alarga depois o exercício.

fotografia pessoal → indivíduo

indivíduo → representante da espécie

O leitor deve olhar para si mesmo como olharia para um animal no seu ambiente.

- pessoa no quarto → animal no habitat
- quarto → ambiente natural
- objetos → traços alargados do self

A fotografia passa a mostrar não apenas uma pessoa, mas uma espécie em ação num ambiente particular.

10. O ambiente como extensão do self

Seth pede que os elementos da fotografia sejam vistos como características da própria imagem pessoal.

quarto → mobília → sombras → objetos → traços alargados do self

A pessoa não está simplesmente dentro de um ambiente. Ela está relacionada com ele, misturada com ele, definida por ele e também a defini-lo.

self → ambiente

ambiente → self

A identidade física é sempre situada. O self aparece num campo.

11. A fotografia como jaula de tempo

Seth propõe uma imagem forte: a moldura da fotografia como “jaula de tempo”.

fotografia → moldura → jaula de tempo

O self fotografado está captado numa pose, num instante, numa probabilidade.

pose → momento → probabilidade focalizada

O observador, olhando de fora, está fora dessa jaula de tempo.

tu agora → fora da fotografia

tu fotografado → dentro da moldura temporal

Isto torna o tempo quase tão visível como os objetos da imagem.

tempo invisível → moldura da experiência

12. A fotografia é inviolável, mas não contém toda a realidade

A fotografia permanece fixa dentro do seu enquadramento.

fotografia → posição fixa dos objetos → enquadramento inviolável

Não se pode alterar a árvore representada, nem matar a realidade por trás da imagem destruindo o papel.

imagem destruída → realidade não destruída

A fotografia mostra uma expressão, não a origem da realidade.

imagem → representação

realidade por trás da imagem → continua

O mesmo vale para o self fotografado: ele é uma expressão focalizada da identidade, não a totalidade do ser.

13. Não se pode aniquilar outro self provável

O leitor pode mudar a própria experiência dentro da probabilidade que conhece, mas não pode alterar coercivamente os cursos de outros selves prováveis.

self atual → pode mudar a própria experiência

outros selves prováveis → seguem os seus próprios caminhos

Há ligação e influência mútua, mas não coerção.

selves prováveis → interação natural → influência

não → anulação

não → coerção

Cada self provável possui livre-arbítrio e singularidade.

14. O self privado e a espécie provável

Seth conclui deslocando a estrutura privada para a espécie.

self privado → selves prováveis

espécie → selves prováveis da espécie

Tal como cada pessoa tem um passado pessoal oficial, a humanidade aceitou uma história de massas oficial.

passado pessoal oficial → identidade privada reconhecida

história de massas oficial → espécie reconhecida

Mas, tal como a pessoa possui caminhos não seguidos, a espécie também possui ramificações e desenvolvimentos prováveis.

história oficial → uma linha

histórias prováveis → outras linhas da espécie

15. A história da espécie contém lacunas

Sob exame, a história oficial da espécie mostra lacunas, discrepâncias e perguntas sem resposta.

história oficial → continuidade aparente

lacunas → discrepâncias → perguntas abertas

Essas lacunas não são apenas falhas de documentação. São sinais de que a espécie, tal como o indivíduo, possui realidades prováveis não reconhecidas.

lacuna histórica → pista provável

pergunta sem resposta → abertura para outra linha da espécie

A história conhecida é uma fotografia da espécie, não a espécie inteira.

Síntese final

O capítulo ensina o leitor a usar acontecimentos e fotografias como portais percetivos.

acontecimento quotidiano → campo provável

fotografia pessoal → self focalizado

duas fotografias → continuidade e diferença

caminho não seguido → self provável

fotografia do indivíduo → representante da espécie

história pessoal oficial → história de massas oficial

A fotografia fixa um momento, mas não fixa a realidade inteira.

imagem visível → probabilidade focalizada

campo invisível → outras possibilidades

O self que reconheces é real, mas não é único no sentido absoluto. A espécie que reconheces é real, mas também não é a única linha possível da humanidade.

self privado → selves prováveis

espécie reconhecida → espécie nas probabilidades

A função dos exercícios é abrir a percepção para esta estrutura:

realidade oficial → imagem focalizada

realidade desconhecida → campo provável que sustenta a imagem

PARTE TRÊS

*O Homem Provável Privado,
A Mulher Provável Privada,
A Espécie nas Probabilidades
e Matrizes para Realidades*

CAPÍTULO 18

A Árvore Genealógica Provável e a Terra do Tempo

— Temos estado a usar aqui a experiência privada de Ruburt e Joseph. Por agora, contudo, gostaria que cada leitor considerasse os membros da sua própria família, para que, de uma forma mais direta, possa encontrar na experiência privada a realização de algumas ideias que quero apresentar.

ELEMENTO PRÁTICO 6

— Nos vossos termos, pensa nesses antepassados da tua história familiar. Agora pensa em ti próprio e na tua família contemporânea. Para isto, tenta imaginar o tempo como algo semelhante ao espaço. Se os teus antepassados viveram no século XIX, então pensa nesse século como um lugar que existe tão seguramente como qualquer porção da Terra que conheças. Vê o teu próprio século como outro lugar. Se tens filhos, imagina a experiência deles daqui a 50 anos como ainda outro lugar.

— Pensa nos teus antepassados, em ti próprio e nos teus filhos como membros de uma só tribo, cada um viajando para diferentes países, em vez de para diferentes tempos. A cultura é tão real e natural como as árvores e as rochas; por isso, vê as várias culturas

destes três grupos como ambientes naturais dos diferentes lugares ou países. Imagina, então, cada grupo a explorar o ambiente único da terra para onde viajou. Imagina ainda, naturalmente, que essas explorações ocorrem ao mesmo tempo, embora a comunicação possa ser deficiente, de modo que cada grupo tenha dificuldade em comunicar com os outros. Imagina, contudo, que há uma terra natal de onde os nossos grupos vieram originalmente. Cada expedição envia “cartas” para casa, comentando o comportamento, os costumes, o ambiente e a história da terra em que se encontra.

— *Estas cartas são escritas numa língua nativa original que pouco tem que ver com a língua adquirida, assimilada em qualquer país determinado.*

— *A Mamã e o Papá, lá na casa de origem, sabem, por outras palavras, para onde foram os filhos; leem com divertimento, espanto e admiração as comunicações da sua descendência. Nesta analogia caseira, a Mamã e o Papá enviam cartas de volta — também na língua nativa — aos filhos. Contudo, à medida que o tempo passa, os filhos perdem a memória da língua de origem. A Mamã e o Papá sabem que os tempos são como lugares ou países, mas os filhos também começam a esquecer-se disso, e por isso passam a acreditar que estão muito mais separados uns dos outros do que realmente estão. “Tornaram-se nativos” de uma maneira diferente. A Mamã e o Papá compreendem. Os filhos esqueceram-se de que podem mover-se através do tempo tão facilmente como através do espaço.*

— Lembra-te de que, nesta analogia, os vários filhos representam os teus antepassados, tu próprio e os teus próprios filhos. Estão a explorar a terra do tempo. No vosso mundo físico, é evidente que a natureza faz crescer mais de si própria. Na terra do tempo, o tempo também faz crescer mais de si próprio. Tal como podes trepar às árvores, subindo e descendo pelos ramos, também podes trepar pelos tempos da mesma maneira. Lá em casa, a Mamã e o Papá sabem isto. A árvore genealógica existe simultaneamente — mas essa árvore é apenas uma árvore que aparece na terra do tempo. Tem ramos pelos quais não sobes e que não reconheces, e por isso eles não são reais para ti. Existem, portanto, árvores genealógicas prováveis. O mesmo se aplica à espécie.

— Existem realidades alternativas, e estas existem apenas por causa da natureza das probabilidades.

— Os potenciais do Self verdadeiro são tão multidimensionais que não podem ser expressos num só espaço ou num só tempo. Qualquer pessoa que ame outra reconhece o potencial infinito dentro dessa outra pessoa. Esse potencial precisa de oportunidade infinita; a realidade do Self verdadeiro precisa de uma situação sempre nova e mutável, pois cada experiência a enriquece e, portanto, amplia as suas próprias possibilidades.

— Em termos de massas, nos vossos termos, o mesmo é verdadeiro para a raça humana. A Mamã e o Papá, na nossa analogia, representam o potencial infinito dentro de uma unidade básica de consciência (UC).

— *Pensa então nos teus antepassados, na tua família imediata e nos teus filhos, e sente neles o vasto potencial que aí existe. Neste ponto, imagina a tua espécie tal como pensas nela, e as capacidades literalmente intermináveis de expressão e criação simplesmente nas áreas de que tens consciência. Nenhuma dimensão única de tempo ou espaço poderia conter essa criatividade. Nenhum passado histórico único poderia explicar aquilo que és agora, enquanto indivíduo ou enquanto membro de uma espécie.*

Síntese Operativa

Este capítulo abre a Secção Três deslocando o tema das probabilidades para o campo familiar e geracional. Seth parte da experiência privada de cada leitor — antepassados, família presente e filhos — para mostrar que o tempo pode ser imaginado como território, que as gerações podem ser vistas como expedições simultâneas e que a árvore genealógica oficial é apenas uma das árvores possíveis dentro da terra do tempo.

A função central do capítulo é esta:

a família não existe apenas como sequência linear de gerações; existe também como estrutura simultânea de potenciais, ramos prováveis e comunicações profundas entre diferentes “lugares” do tempo.

1. A experiência privada como porta de entrada

Seth começa por deslocar o foco de Ruburt e Joseph para o leitor.

experiência privada de Ruburt e Joseph → experiência privada do leitor → compreensão direta das probabilidades

O objetivo não é apresentar uma teoria abstrata sobre tempo, família ou espécie. É levar o leitor a olhar para a própria família como campo vivo de investigação.

antepassados → tu → família contemporânea → filhos

A realidade provável começa, aqui, no terreno mais íntimo: a história familiar.

2. O tempo como espaço

Seth pede que o leitor imagine o tempo como algo semelhante ao espaço.

- século XIX → lugar
- século atual → outro lugar
- experiência dos filhos daqui a 50 anos → ainda outro lugar

Esta imagem altera a percepção comum do tempo. Em vez de uma linha que desaparece atrás de nós e ainda não existe à nossa frente, o tempo passa a ser visto como território.

tempo linear → sequência

tempo como território → coexistência de lugares experienciais

Os antepassados não estão simplesmente “atrás” no passado; estão a explorar outra região da terra do tempo.

3. A família como tribo

Seth propõe que antepassados, leitor e filhos sejam vistos como membros de uma só tribo.

antepassados + tu + filhos → uma só tribo

Cada grupo viaja para países diferentes, não para tempos diferentes.

gerações → expedições simultâneas → países temporais distintos

Esta imagem transforma a família numa unidade maior do que a sequência biológica comum. A tribo familiar não se desfaz no tempo; distribui-se por diferentes regiões dele.

4. Cultura como ambiente natural

Seth afirma que a cultura é tão real e natural como árvores e rochas.

cultura → ambiente natural

Cada geração vive numa cultura diferente, tal como um grupo poderia viver numa floresta, numa montanha ou numa planície.

- antepassados → ambiente cultural próprio
- presente → ambiente cultural próprio
- filhos futuros → ambiente cultural próprio

A cultura deixa de ser apenas conjunto de costumes. Torna-se habitat experiencial.

tempo → lugar

cultura → ambiente desse lugar

5. As cartas para casa

Na analogia de Seth, cada expedição envia “cartas” para a terra natal.

gerações → expedições → cartas para casa

Essas cartas descrevem costumes, ambientes, comportamentos e histórias dos lugares onde cada grupo se encontra.

experiência temporal → comunicação simbólica → retorno à origem

As cartas são escritas numa língua nativa original, anterior às línguas adquiridas em cada país temporal.

língua de origem → comunicação profunda

língua adquirida → cultura específica de cada tempo

A comunicação entre tempos existe, mas é dificultada pelo esquecimento da língua original.

6. Mamã e Papá como imagem da origem

A Mamã e o Papá, na casa de origem, representam a fonte que conhece a simultaneidade das expedições.

Mamã e Papá → casa de origem → conhecimento da simultaneidade

Eles sabem para onde os filhos foram. Sabem que os tempos são como países. Sabem que a separação é menor do que os filhos imaginam.

origem → sabe

filhos → esquecem

Os filhos tornam-se “nativos” dos seus tempos. Identificam-se com o país temporal onde vivem e esquecem que podem mover-se através do tempo tão facilmente como através do espaço.

7. A terra do tempo

Seth introduz então a imagem central do capítulo: a terra do tempo.

tempo → terra explorável

Tal como a natureza faz crescer mais de si própria no mundo físico, também o tempo faz crescer mais de si próprio na terra do tempo.

natureza → cresce mais natureza

tempo → cresce mais tempo

O tempo não é apenas medida. É campo fértil, capaz de produzir ramos, variações, percursos e desenvolvimentos.

8. A árvore genealógica simultânea

A árvore genealógica existe simultaneamente.

árvore genealógica → simultaneidade

Mas a árvore reconhecida pelo leitor é apenas uma árvore que aparece na terra do tempo.

árvore oficial → ramos reconhecidos

terra do tempo → outros ramos possíveis

Há ramos pelos quais o leitor não sobe e que não reconhece. Por isso, esses ramos não parecem reais para ele.

ramo não percorrido → não reconhecido → não real para o foco atual

Mas a falta de reconhecimento não equivale a inexistência.

9. Árvores genealógicas prováveis

Da imagem da árvore genealógica simultânea, Seth chega à ideia decisiva: existem árvores genealógicas prováveis.

família oficial → uma árvore genealógica

probabilidades familiares → árvores genealógicas prováveis

Estas árvores não são fantasias sentimentais. São desenvolvimentos possíveis da família, linhas alternativas de relação, descendência, escolha, herança e experiência.

antepassados prováveis → famílias prováveis → descendências prováveis → histórias prováveis

O que vale para o indivíduo vale também para a família.

10. O mesmo se aplica à espécie

Seth alarga o raciocínio da família para a espécie.

árvores genealógicas prováveis → espécie nas probabilidades

Tal como há ramos familiares não reconhecidos, há também ramos prováveis da humanidade que não fazem parte da história oficial.

história humana oficial → uma linha

espécie nas probabilidades → múltiplas linhas

O capítulo começa com a família, mas prepara a Secção Três inteira: a passagem do homem e da mulher prováveis privados para a espécie provável.

11. O Self verdadeiro precisa de oportunidade infinita

Seth afirma que os potenciais do Self verdadeiro são tão multidimensionais que não podem ser expressos num só espaço ou num só tempo.

Self verdadeiro → potencial multidimensional → necessidade de oportunidade infinita

Quem ama outra pessoa reconhece intuitivamente esse potencial infinito nela.

amor → reconhecimento do potencial infinito do outro

Esse potencial precisa de situações sempre novas e mutáveis, porque cada experiência enriquece o Self verdadeiro e amplia as suas possibilidades.

experiência → enriquecimento → novas possibilidades

12. O mesmo é verdadeiro para a raça humana

No nível da espécie, o mesmo princípio aplica-se à humanidade.

indivíduo → potencial infinito

espécie → potencial infinito

Nenhuma dimensão única de tempo ou espaço poderia conter a criatividade da espécie.

criatividade da espécie → não cabe num só tempo

criatividade da espécie → não cabe num só espaço

Nenhum passado histórico único poderia explicar aquilo que cada pessoa é agora, nem aquilo que a humanidade é enquanto espécie.

Síntese final

O capítulo ensina o leitor a imaginar o tempo como uma terra viva.

tempo → território

gerações → expedições

culturas → ambientes naturais

família → tribo distribuída por lugares temporais

árvore genealógica → estrutura simultânea

ramos não reconhecidos → árvores genealógicas prováveis

família provável → espécie provável

A árvore genealógica oficial é apenas uma das formas visíveis da família dentro da terra do tempo. Outras árvores existem como possibilidades reais, ainda que não sejam reconhecidas pelo foco atual da consciência.

história familiar oficial → uma árvore

terra do tempo → muitas árvores possíveis

Este capítulo abre a Secção Três porque desloca o leitor do self provável privado para uma escala maior:

self provável → família provável → espécie provável → matrizes para realidades

CAPÍTULO 19

Matrizes Interiores e os Potenciais da Espécie

— Cada sistema de probabilidades possui o seu próprio conjunto de “matrizes”, que definem claramente as suas liberdades e fronteiras e estabelecem as estruturas que melhor favorecem a realização.

— Estas não são “imagens interiores de perfeição” e, até certo ponto, as próprias matrizes mudam, pois a ação dentro de qualquer dado sistema de probabilidades altera automaticamente o quadro inteiro, ampliando-o. Na realidade, as matrizes assemelham-se mais a planos operativos interiores, que podem ser modificados de acordo com as circunstâncias; contudo, até certo ponto, são idealizações.

— Enquanto indivíduo, transportas dentro de ti uma matriz desse tipo; ela contém toda a informação de que necessitas para realizar a versão mais favorável de ti próprio no sistema provável que conheces. Estas matrizes existem biologicamente e em todos os níveis — psíquica, espiritual e mentalmente. A informação está entretecida nos genes e nos cromossomas, mas existe independentemente deles, sendo as estruturas físicas apenas os seus veículos. Da mesma maneira, a espécie guarda coletivamente, dentro da sua vasta mente interior, esses planos operativos ou

matrizes. Eles existem num mundo interior, independentemente do mundo físico, e é a partir deles que extraís as teorias, ideias, civilizações e tecnologias que depois traduzis fisicamente.

— *O pensamento platónico via esse mundo interior como perfeito.¹ Contudo, tal como entendeis a perfeição, ela sugere sempre algo concluído e acabado, ou impossível de superar, e isto, evidentemente, nega as características inerentes da criatividade, que procura sempre superar-se a si mesma. O mundo interior platónico, assim idealizado, acabaria por resultar num mundo morto, pois nele os modelos de todas as exteriorizações eram vistos como já completos — acabados e perfeitos.*

— *Muitos viram esse mundo interior como a fonte do mundo físico, mas imaginaram que o propósito do homem era simplesmente construir fisicamente essas imagens perfeitas, da melhor maneira possível. Nesse quadro, o próprio homem não ajudava a criar o mundo interior, nem participava na sua beleza. No máximo, podia tentar reproduzi-lo fisicamente — embora nunca conseguisse igualar a sua perfeição, nesses termos. Nessa conceção da relação entre a realidade interior e a exterior, é ignorada a mobilidade nos dois sentidos, o intercâmbio entre o interior e o exterior. O homem, sendo parte desse mundo interior em virtude da natureza da sua própria psique, participa automaticamente na criação das matrizes que, noutro nível, utiliza como guias.*

¹ Platão, filósofo, poeta e lógico grego, viveu aproximadamente entre 427 e 347 a.C. Ao longo da sua vida madura, tratou aquilo que considerava serem ideias dadas por Deus ao homem numa série de Diálogos, ou conversas livres.

— Até certo ponto, os grandes artistas não se limitam a captar uma imagem física da Ideia Interior; participam também, desde o início, na criação dessa ideia ou modelo interior.

— Nos vossos termos, o mundo interior representa, de facto, Potencial de Ideia ainda não realizado — mas essas ideias e esses potenciais não existem fora da consciência. São ideais colocados no coração do homem, embora, noutros termos, tenha sido o próprio homem a colocá-los ali, a partir do conhecimento mais profundo do seu ser, que se estende através do tempo físico. A existência é sábia e compassiva; por isso, em certos termos, a consciência humana enviou extensões futuras de si própria para o esquema temporal que viria a conhecer. Essas extensões deixaram amorosamente sinais destinados a orientar a consciência humana presente quando esta os encontrasse "mais tarde".

— O homem é feito tanto de substância-de-Deus como de substância-da-Terra; por isso, nesses termos, o deus presente no homem ansiava pela dimensão humana existente em Deus e pela experiência terrena. Não vos compreendendo a vós próprios, tentastes colocar a ideia de Deus fora de vós e do vosso enquadramento vivo. Através de vários exercícios neste livro, espero familiarizar cada um de vós com a unidade inerente das realidades interior e exterior; dar-vos um vislumbre da vossa própria natureza infinita, mesmo dentro dos limites da vossa condição de criaturas; e ajudar-vos a reconhecer a substância-de-Deus na substância-do-homem. Noutros termos, isto poderá ajudar-vos a reconhecer os potenciais da vossa espécie e a derrubar as barreiras erguidas por pensamentos limitadores. Gostaria de

mudar as vossas ideias acerca da natureza humana. Até certo ponto, isso implicará humanizar a vossa ideia de divindade. Curiosamente, porém, ao fazê-lo, acabareis por reconhecer a divindade no homem.

— Ideais que antes pareciam estar fora do alcance dos indivíduos ou da espécie mudarão de caráter e tornar-se-ão modelos operativos, que poderão ser usados de forma eficaz e alegre.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda o modo como indivíduos, espécies e sistemas de probabilidades organizam a sua realização. Seth apresenta as matrizes interiores não como modelos fixos de perfeição, mas como planos operativos vivos, capazes de mudar à medida que a consciência cria, experiencia e amplia a realidade.

A função central do capítulo é esta:

as matrizes interiores não são formas acabadas que o mundo físico tenta copiar; são estruturas criativas e mutáveis, cocriadas pela consciência e continuamente modificadas pela interação entre realidade interior e exterior.

1. Cada sistema de probabilidades possui as suas matrizes

Cada sistema provável contém um conjunto próprio de matrizes.

matrizes → liberdades → fronteiras → estruturas favoráveis à realização

Essas matrizes definem o tipo de experiência possível dentro de determinado sistema, mas não funcionam como limites rígidos.

matriz → orientação

não → destino fechado

Elas indicam condições favoráveis, possibilidades de desenvolvimento e formas de realização adequadas à natureza desse sistema.

2. As matrizes não são imagens perfeitas e imóveis

Seth rejeita a ideia de que as matrizes sejam imagens interiores de perfeição absoluta.

perfeição acabada → imobilidade → fim da criatividade

Uma matriz viva não está concluída. Pode alterar-se à medida que o sistema se desenvolve.

ação dentro do sistema → alteração da matriz → ampliação do quadro

A realidade não procura atingir um modelo final. Procura continuar a criar.

realização → não conclusão

realização → expansão das possibilidades

3. A matriz individual

Cada indivíduo transporta dentro de si uma matriz operativa.

matriz individual → informação interior → versão mais favorável do self

Essa matriz contém informação relacionada com a realização mais plena possível da pessoa dentro do sistema provável que conhece.

Ela existe em vários níveis:

biológico → psíquico → mental → espiritual

Parte dessa informação está entretecida nos genes e cromossomas, mas não se reduz às estruturas físicas.

informação interior → genes e cromossomas como veículos

O corpo transporta e traduz informação, mas não é a sua fonte exclusiva.

4. A matriz da espécie

Aquilo que se aplica ao indivíduo aplica-se também à espécie.

indivíduos → matrizes privadas

espécie → matriz coletiva

A humanidade guarda, na sua vasta mente interior, planos operativos que orientam os seus desenvolvimentos possíveis.

Deles emergem:

ideias → teorias → civilizações → tecnologias → formas sociais

Essas criações não aparecem primeiro como objetos físicos. Surgem como potenciais interiores que depois são traduzidos no mundo físico.

potencial interior → tradução → realidade física

5. O mundo interior não é separado do homem

Seth critica a ideia de um mundo interior perfeito, existente independentemente da humanidade e apenas imitado por ela.

mundo interior perfeito → homem como copiador imperfeito

Essa visão retira ao homem qualquer participação criativa.

modelo interior pronto → reprodução física inferior

Seth propõe o contrário:

homem → parte do mundo interior → participante na criação das matrizes

A humanidade não recebe passivamente os modelos que utiliza. Participa na sua formação.

6. Interior e exterior modificam-se mutuamente

A relação entre realidade interior e exterior não funciona numa só direção.

realidade interior → realidade exterior

mas também:

realidade exterior → realidade interior

A experiência física devolve informação ao campo interior, alterando os próprios planos que a orientaram.

matriz → experiência → nova informação → matriz modificada

A criação é circular e recíproca.

interior → exterior → experiência → interior ampliado

7. O artista como cocriador da Ideia Interior

Os grandes artistas não se limitam a captar ideias interiores já prontas.

Ideia Interior → artista → expressão física

Eles participam também na formação da própria ideia.

artista → intuição → criação → alteração do modelo interior

A obra física não é simples cópia. É parte do processo através do qual o potencial interior se torna mais rico e mais definido.

potencial → criação artística → nova possibilidade

O artista recebe da realidade interior e devolve-lhe algo.

8. O mundo interior como Potencial de Ideia

O mundo interior representa Potencial de Ideia ainda não realizado.

Potencial de Ideia → consciência → possibilidade de expressão

As ideias não existem separadas da consciência. São formas de possibilidade dentro dela.

consciência → ideias → potenciais → realização

O mundo interior não é armazém de modelos perfeitos. É campo vivo de criatividade.

9. O futuro participa na formação do presente

Seth introduz uma inversão profunda da causalidade comum.

A consciência humana envia extensões futuras de si mesma para o esquema temporal.

consciência → extensões futuras → sinais no tempo

Essas extensões deixam orientações que serão encontradas pela consciência presente mais tarde.

futuro provável → sinais → presente → reconhecimento

O futuro não é apenas consequência do presente. Também participa na sua orientação.

passado → presente → futuro

torna-se:

passado ↔ presente ↔ futuro

O tempo físico é atravessado por comunicações entre diferentes fases da própria consciência.

10. Ideais como sinais vindos do potencial futuro

Os ideais colocados no coração humano não são imposições exteriores.

ideal → sinal interior → possibilidade futura da consciência

Eles representam indicações daquilo que o indivíduo ou a espécie pode vir a realizar.

potencial futuro → ideal presente → orientação da ação

O ideal não deve ser visto como perfeição inalcançável, mas como modelo operativo.

ideal distante → modelo utilizável

A sua função não é humilhar o presente, mas convidá-lo a expandir-se.

11. Substância-de-Deus e substância-da-Terra

O homem é apresentado como feito simultaneamente de substância-de-Deus e substância-da-Terra.

substância-de-Deus → potencial, consciência, criatividade

substância-da-Terra → corpo, matéria, experiência física

Estas duas dimensões não são opostas.

divino + terreno → unidade viva

A experiência física não afasta a consciência da divindade. É uma das formas através das quais a divindade se experiencia.

12. O deus no homem e o homem em Deus

Seth dissolve a separação entre humanidade e divindade.

Deus fora do homem → separação

divindade no homem → participação

O deus presente no homem deseja a experiência humana, enquanto o humano procura reconhecer a dimensão divina da sua própria natureza.

divino → deseja experiência terrena

humano → procura reconhecer a sua origem divina

A relação é recíproca.

13. Humanizar a divindade

Para reconhecer a divindade no homem, é necessário humanizar a ideia de Deus.

Deus distante → perfeição abstrata → separação

Deus humanizado → presença viva → relação → participação

Humanizar a divindade não significa diminuí-la. Significa libertá-la da imagem de uma perfeição imóvel, exterior e inacessível.

divindade viva → criatividade → mudança → experiência

Ao reconhecer a dimensão humana em Deus, torna-se possível reconhecer a dimensão divina no homem.

14. Alterar a ideia de natureza humana

Seth pretende mudar a concepção limitada da natureza humana.

natureza humana limitada → potencial bloqueado

natureza humana multidimensional → potencial ampliado

Os pensamentos limitadores funcionam como barreiras que impedem indivíduos e espécies de reconhecer as suas capacidades.

crença limitadora → redução da possibilidade

nova compreensão → abertura → realização

A transformação da espécie começa pela transformação das ideias que possui acerca de si mesma.

15. Ideais tornam-se modelos operativos

Ideais antes considerados inalcançáveis podem mudar de caráter.

ideal impossível → frustração

ideal operativo → orientação → aplicação → realização

Quando compreendidos corretamente, os ideais deixam de ser imagens distantes de perfeição e tornam-se instrumentos vivos de desenvolvimento.

Podem ser usados:

de forma consciente → eficaz → criativa → alegre

A alegria aparece aqui como sinal de alinhamento entre potencial interior e expressão exterior.

Síntese final

O capítulo apresenta uma arquitetura criativa da realidade:

matrizes interiores → potenciais → expressão física → experiência → modificação das matrizes

Nada está concluído.

- indivíduo → participa na própria matriz
- espécie → participa na matriz coletiva
- artista → participa na Ideia Interior
- presente → recebe sinais do futuro provável
- homem → participa na divindade

As matrizes não são moldes mortos. São planos vivos de realização.

potencial interior → modelo operativo → ação → realidade → potencial ampliado

O capítulo desloca, assim, a perfeição para a criatividade:

perfeição imóvel → mundo morto

criatividade contínua → mundo vivo

E desloca também a divindade de fora para dentro:

Deus exterior → separação

substância-de-Deus no homem → participação

O eixo final do capítulo pode ser condensado assim:

matriz individual → matriz da espécie → intercâmbio interior-
exterior → sinais do futuro → divindade imanente → potenciais
realizáveis

CAPÍTULO 20

Idealizações Vivas, Probabilidades e a Fraternidade da Espécie

— Estas idealizações — tal como foram discutidas no último capítulo — são, portanto, certos tipos de padrões psíquicos que ocorrem em diferentes níveis. Em determinados termos, tornam-se a "ideia" privada que a célula possui do seu próprio crescimento e desenvolvimento: uma imagem viva no interior da célula, expressa como informação física e integrada na sua estrutura. Essas idealizações fornecem o seu próprio impulso; isto é, desenvolvem-se em direção à sua realização mais plena.

— As próprias idealizações são constituídas por substância "consciente". Não são, portanto, dados inertes. A natureza das probabilidades determina o enquadramento dentro do qual essas realizações podem ocorrer e "enquadra" os desenvolvimentos vivos. Por um lado, a estrutura das probabilidades fornece um sistema de barreiras, dentro do qual determinados tipos de crescimento prático não são escolhidos nem significativos; por outro, assegura um ambiente seguro, criativo e rico — uma realidade — no qual a idealização pode escolher, entre uma variedade quase infinita de ações possíveis, aquelas que melhor se adequam à sua própria realização.

— *Em qualquer sistema, a idealização já aceitou determinados tipos de acontecimentos como significativos e rejeitou outros — igualmente prováveis — como não significativos. Isto fornece simplesmente um foco operativo dentro do qual a realização e a experiência podem ocorrer.*

— *Em termos simples, não tentarás realizar algo que consideres impossível dentro dos teus conceitos de realidade. A mente consciente, com aquilo que normalmente considerais ser o intelecto, destina-se a avaliar a viabilidade da ação no vosso mundo. Verás, literalmente, apenas aquilo que quiseses ver.¹*

— *Se a espécie acreditasse que as viagens espaciais eram impossíveis, não as teríeis. Isso é uma coisa; mas, se um indivíduo acreditar que lhe é literalmente impossível viajar de uma extremidade do continente à outra, mudar de emprego ou realizar qualquer ação, então essa ação torna-se praticamente impossível. Contudo, a idealização do movimento ou da mudança presente na mente dessa pessoa pode ver a sua expressão negada num dado momento, mas procurará, ainda assim, expressar-se através da experiência. Isto aplica-se tanto à espécie como aos indivíduos. Uma vez que sois agora uma espécie consciente, nos vossos termos, existem idealizações da espécie que podeis aceitar ou negar. No vosso estágio específico de desenvolvimento enquanto*

¹ Ver o Capítulo 2 de *A Natureza da Realidade Pessoal*, entre muitos outros igualmente aplicáveis neste contexto.

espécie, elas surgem muitas vezes primeiro no vosso mundo como ficção, arte ou aquilo a que chamais teoria pura.

— Os pensamentos possuem o seu próprio tipo de estrutura, tal como as células, e procuram a sua própria realização. Movem-se em direção a pensamentos semelhantes e, enquanto espécie, possuíis um corpo coletivo interior de pensamento. Individualmente, os vossos pensamentos são expressões das vossas idealizações; e, ao expressarem esses padrões interiores, também os modificam e transformam criativamente. Cada célula do teu corpo é, até certo ponto, alterada por cada pensamento que tens. Cada reação das células altera o teu ambiente. O cérebro responde então a essa alteração. Existe um intercâmbio constante. Tal como as células respondem, em certos níveis, às correntes sempre mutáveis de probabilidades, também os teus pensamentos respondem. Contudo, o teu corpo reage da maneira que acreditas que deve reagir; por isso, as tuas crenças conscientes acerca da realidade têm muito que ver com as experiências prováveis que aceitas como parte da tua vida íntima.

— A matriz privada que possuis desde o nascimento é, em determinados termos, muito mais ampla do que qualquer materialização física específica que dela possa ocorrer no vosso espaço e tempo. Isto proporciona-te áreas de escolha, confere-te capacidade de manobra e permite inúmeras atividades prováveis "possíveis". Tu és o juiz e tens a palavra final a esse respeito; por isso, à medida que as tuas ideias mudam, que te aproximas de um self provável e decides adotá-lo como o teu self oficial, terás sempre um rico banco de ações prováveis entre as quais escolher. Se

apenas uma estivesse disponível, não terias escolha. O mesmo se aplica à espécie.

— As vossas decisões atuais de aceitar como real uma linha específica de consciência e ignorar as restantes tornam estes conceitos difíceis de compreender. Treinais-vos — até biologicamente — para inibir determinados estímulos; contudo, muitas vezes, o próprio corpo responde precisamente aos estímulos que ignorais conscientemente. Ao abrires a mente a novos tipos de significação, porém, podeis começar a vislumbrar outras ordens de acontecimentos² com as quais estais intimamente envolvidos.

— Muitas vezes, por exemplo, lidais muito bem com as probabilidades, embora permaneçais conscientemente cegos a elas por causa dos vossos conceitos. Mesmo assim, noutros níveis, a vossa reação inconsciente seguirá as vossas próprias intenções conscientes. Podeis tomar determinada iniciativa na vida física, aparentemente por uma razão. Contudo, podeis estar também a reagir inconscientemente a dados muito pertinentes relativos às ações prováveis de outras pessoas. Como não aceitais plenamente que sois capazes de reagir dessa forma, podeis, por um lado, bloquear essa informação não oficial e, por outro, tê-la em consideração. Estais muito mais conscientes do futuro provável, nas áreas que vos dizem respeito, do que imaginais. Isto aplica-se a todos os níveis. Se os vossos propósitos não envolverem doença, por exemplo, mas acreditardes no contágio, evitareis automaticamente circunstâncias que possam conduzir a epidemias.

² Em *Aventuras na Consciência*, ver o Capítulo 15: “A Ordem Interior dos Acontecimentos e as Percepções ‘Não Oficiais’”.

Em termos de probabilidades, esse tipo específico de experiência não entrará na vossa realidade.

— *Tudo isto se aplica coletivamente, por exemplo, às doenças que se propagam de forma descontrolada através de uma espécie.*

— *Terei mais a dizer ao longo deste livro acerca de doenças, epidemias e perturbações coletivas.*

— *Pela sua própria natureza, a consciência expande-se continuamente. A natureza da consciência, tal como a compreendeis enquanto espécie, conduzir-vos-á, de uma forma ou de outra, para além das vossas ideias limitadas acerca da realidade, pois a vossa experiência apresentar-vos-á desafios que não podem ser resolvidos dentro do enquadramento atual. Os problemas colocados por determinado nível de consciência provocarão automaticamente avanços para outras áreas da atividade consciente, onde poderão ser encontradas soluções.*

— *Muitos dos vossos dilemas globais parecem tão desesperados apenas porque, nessas áreas, chegastes tão longe quanto podíeis chegar sem avançar para além delas. Nesse sentido, os problemas funcionam como estímulos. Isto não significa que tenhais de experienciar catástrofes. Elas não estão predeterminadas. Significa, sim, que escolhestes determinadas experiências, mas que estas conduzirão automaticamente a um desenvolvimento criativo adicional, se o permitirdes. A idealização, no que respeita à vossa espécie, é a fraternidade. Em termos biológicos, essa "fraternidade"*

opera instintivamente na cooperação entre as células do corpo, à medida que funcionam em conjunto para formar a estrutura corporal individual. Do vosso ponto de vista, deixais de reconhecer a grande individualidade de cada célula. Partis do princípio de que, por trabalharem tão bem em conjunto, as células não possuem singularidade própria.

— Noutros termos, porém — em termos sociais —, ainda não alcançastes o mesmo tipo de fraternidade espiritual que as vossas células possuem; por isso, não compreendeis que a experiência do vosso mundo está intimamente ligada à vossa experiência privada. Se queimares um dedo, sentes imediatamente a dor. O teu corpo inicia de imediato um empreendimento cooperativo, no qual são efetuados ajustamentos para que a ferida comece a cicatrizar. Se uma parte da espécie for ferida, pode decorrer algum tempo antes de “tu” sentires a dor, mas todo o mecanismo inconsciente da espécie procurará curar essa ferida.

— Conscientemente, podeis facilitar esse desenvolvimento e reconhecer a vossa fraternidade com todos os outros seres vivos. Se o fizerdes, a cura ocorrerá muito mais depressa. Existe uma fraternidade biológica, uma empatia interior ao nível celular, que liga entre si todos os indivíduos da espécie. Ela resulta de uma idealização biológica. Existe em todas as espécies e liga todas as espécies entre si.

— A espécie sofre quando qualquer um dos seus membros morre de fome ou de doença, tal como uma planta inteira sofre quando

um grupo das suas folhas está "infeliz". Da mesma maneira, todos os membros da espécie beneficiam da felicidade, da saúde e da realização de qualquer um dos indivíduos que a compõem. O homem pode tornar-se consciente do vasto campo de probabilidades em que existe e, por isso, escolher conscientemente aquelas que melhor correspondem às idealizações orientadas para a sua realização mais plena.

— Nenhuma parte da espécie pode crescer ou desenvolver-se à custa das restantes durante muito tempo.

— Uma fotografia é, até certo ponto, a materialização de uma idealização levada a determinado grau de realização. Noutro nível, o teu corpo e a tua experiência constituem uma realização muito mais rica: uma materialização viva, experienciada no presente. A imagem do vosso mundo constitui ainda outra materialização.

ELEMENTO PRÁTICO 7

— Se puderes, encontra uma fotografia tua enquanto membro de uma turma — talvez uma fotografia de finalistas — ou uma fotografia dos membros de algum clube ou grupo. Examina aquilo que vês. Depois, contempla aquilo que não se vê. Imagina a realidade emocional de cada pessoa presente no momento em que a fotografia foi tirada. Em seguida, procura sentir as interações emocionais que existiam entre os vários indivíduos. Demora o tempo necessário.

— Quando terminares, tenta vislumbrar as relações íntimas que cada pessoa mantinha com outras pessoas da mesma época que não estão presentes na fotografia. Depois, deixa a mente prosseguir, imaginando contactos ligados a interações familiares que recuam no tempo até antes de a fotografia ter sido tirada. Pensa então em todas as ações prováveis que foram aceites ou rejeitadas para que, em termos temporais, aquelas pessoas se reunissem naquele momento para a fotografia.

— Biologicamente, houve doenças evitadas e mortes que poderiam ter ocorrido, mas não ocorreram. No espaço, existiam variedades intermináveis de probabilidades e decisões. Algumas pessoas poderiam ter mudado de residência e não o fizeram; outras mudaram-se e, por isso, chegaram àquela área específica do espaço. Por trás de todas essas decisões existia um número infinito de ideias. Formas a tua própria experiência. Em termos mais amplos, portanto, aquelas pessoas decidiram estar naquele lugar e naquele momento específicos; assim, a fotografia resulta de uma multiplicidade de decisões e representa um foco de experiência que emerge de inúmeras probabilidades.

— A imagem do mundo representa, de uma forma dimensionalmente mais ampla, o mesmo tipo de foco. A tua decisão mais íntima afeta a espécie. És o criador de ti próprio no espaço e no tempo. Participas também na criatividade mais vasta da experiência da humanidade.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda o modo como a consciência organiza a realização individual e coletiva. Seth apresenta as idealizações como padrões psíquicos vivos, presentes nas células, nos pensamentos, nos indivíduos e na espécie. Essas idealizações não são imagens abstratas: possuem impulso próprio, orientam escolhas e procuram expressão dentro do campo das probabilidades.

A função central do capítulo é esta:

as idealizações vivas orientam a seleção de probabilidades; através delas, células, indivíduos e espécies procuram formas de realização cada vez mais amplas, culminando numa fraternidade biológica e espiritual que liga todos os seres vivos.

1. Idealizações como padrões psíquicos vivos

As idealizações existem em diferentes níveis.

idealização → padrão psíquico → informação viva → impulso para a realização

Ao nível celular, tornam-se a ideia privada que cada célula possui do seu próprio crescimento e desenvolvimento.

célula → imagem viva de si mesma → orientação do crescimento

A célula não cresce de modo cego. Transporta uma imagem interior daquilo que pode vir a realizar.

2. Informação consciente, não dados inertes

As idealizações são constituídas por substância consciente.

idealização → consciência → atividade → direção

Não são dados imóveis armazenados passivamente. Procuram realização e atraem condições que favorecem a sua expressão.

informação viva → impulso → escolha → desenvolvimento

A informação participa ativamente na formação da realidade.

3. Probabilidades como enquadramento da realização

A natureza das probabilidades fornece o campo dentro do qual as idealizações se desenvolvem.

probabilidades → enquadramento → escolhas possíveis → realização

Esse enquadramento possui duas funções complementares:

barreiras → exclusão do que não é significativo

abertura → variedade quase infinita de ações possíveis

As barreiras não são apenas limitações. Tornam possível um foco operativo.

seleção → coerência → experiência → realização

Sem exclusão, não haveria experiência definida.

4. Significação e foco

Cada sistema aceita certos acontecimentos como significativos e rejeita outros, igualmente prováveis, como não significativos.

campo provável amplo → seleção de significado → foco experiencial

A realidade reconhecida nasce dessa seleção.

acontecimentos aceites → realidade oficial

acontecimentos rejeitados → permanecem prováveis

O foco não destrói as restantes possibilidades; apenas organiza uma linha de experiência.

5. Crenças delimitam a ação possível

A mente consciente avalia a viabilidade da ação dentro do mundo físico.

crença → avaliação → ação possível ou impossível

Não se tenta realizar aquilo que se considera impossível.

impossibilidade acreditada → ação bloqueada

possibilidade aceite → ação disponível

Aquilo que a consciência aceita como real determina aquilo que consegue ver e fazer.

6. Idealizações individuais e da espécie

As idealizações operam tanto no indivíduo como na espécie.

idealização individual → vida privada → escolhas pessoais

idealização da espécie → cultura → arte → ciência → civilização

Muitas idealizações coletivas aparecem primeiro sob formas que ainda não são plenamente aceites como realidade.

idealização da espécie → ficção → arte → teoria pura → possível realização futura

A imaginação cultural funciona como terreno preliminar da materialização.

7. Pensamentos possuem estrutura própria

Os pensamentos possuem estrutura, tal como as células.

pensamento → padrão → atração de pensamentos semelhantes → realização

Eles não são ocorrências isoladas. Agrupam-se, reforçam-se e formam campos coletivos.

pensamentos individuais → agregação → corpo coletivo interior de pensamento

A espécie possui, assim, um campo mental comum, alimentado pelas contribuições de cada indivíduo.

8. Pensamento, célula, corpo e ambiente

Cada pensamento altera, até certo ponto, as células do corpo.

pensamento → alteração celular → resposta corporal → alteração do ambiente

O cérebro responde às alterações celulares, formando um circuito contínuo.

pensamento ↔ célula ↔ cérebro ↔ ambiente

Não há uma direção única de causalidade. Existe intercâmbio constante.

interior → corpo → ambiente → corpo → interior

A experiência é cocriada por todos estes níveis.

9. O corpo responde às crenças

O corpo responde segundo aquilo que a pessoa acredita que ele deve fazer.

crença consciente → expectativa corporal → resposta física

Por isso, as crenças influenciam quais experiências prováveis entram na vida privada.

crença → seleção de probabilidade → experiência corporal

A matéria corporal não está desligada da interpretação consciente da realidade.

10. A matriz individual é mais ampla do que a vida atual

A matriz privada existente desde o nascimento é muito mais ampla do que qualquer materialização física específica.

matriz individual → vasto campo de possibilidades → vida atual como uma expressão

Ela fornece capacidade de manobra, áreas de escolha e múltiplas ações prováveis.

matriz → banco de ações prováveis → escolha

A identidade atual não esgota aquilo que a pessoa pode tornar-se.

11. Aproximação de um self provável

À medida que as ideias mudam, a pessoa pode aproximar-se de um self provável e adotá-lo como self oficial.

mudança de ideias → aproximação de self provável → nova identidade experiencial

O self oficial não é fixo.

self atual → reorganização → novo self oficial

A escolha entre selves prováveis ocorre através de crenças, decisões e padrões de ação.

12. A consciência bloqueia aquilo que também utiliza

A personalidade aceita uma linha específica de consciência e ignora as restantes.

linha oficial → realidade reconhecida

outras linhas → informação bloqueada

Contudo, o corpo pode continuar a responder aos estímulos ignorados conscientemente.

mente consciente bloqueia → corpo regista → comportamento adapta-se

Assim, a pessoa pode negar determinado conhecimento e, ao mesmo tempo, utilizá-lo.

13. Conhecimento inconsciente do futuro provável

A consciência lida melhor com probabilidades do que imagina.

intenção consciente → reação inconsciente → dados prováveis → decisão física

A pessoa pode agir por uma razão reconhecida e, simultaneamente, responder a ações prováveis de outras pessoas.

razão oficial + informação não oficial → escolha concreta

O futuro provável participa silenciosamente na formação do presente.

14. Doença, contágio e seleção provável

Seth aplica este mecanismo às doenças.

crença no contágio + propósito que não inclui doença → evitação automática de circunstâncias

A experiência da doença não entra necessariamente na realidade da pessoa se não corresponder aos seus propósitos mais amplos.

propósito → seleção inconsciente → exclusão de determinada experiência provável

O mesmo mecanismo aplica-se coletivamente às epidemias e às perturbações da espécie.

15. Problemas como estímulos evolutivos

A consciência expande-se continuamente.

limite atual → problema insolúvel → necessidade de nova consciência

Quando determinado enquadramento já não contém soluções, os próprios problemas impulsionam a consciência para áreas mais amplas.

problema → estímulo → expansão → solução noutra nível

As dificuldades globais indicam que a espécie chegou ao limite de certos conceitos.

16. Catástrofe não é inevitável

Os desafios não exigem catástrofe.

desafio → possibilidade de desenvolvimento

não → destino catastrófico

As experiências escolhidas podem conduzir a desenvolvimento criativo, desde que a espécie permita essa ampliação.

experiência → aprendizagem → expansão consciente

A crise funciona como sinal de transição, não como condenação.

17. A fraternidade como idealização da espécie

A grande idealização da espécie é a fraternidade.

fraternidade → cooperação → realização coletiva

Essa fraternidade já existe biologicamente nas células do corpo.

células individuais → cooperação → organismo unificado

Cada célula mantém a sua singularidade e, ao mesmo tempo, participa no bem-estar do conjunto.

individualidade + cooperação → integridade do corpo

18. As células como modelo social

A humanidade ainda não alcançou socialmente o grau de fraternidade que as células já praticam biologicamente.

células → cooperação imediata

humanidade → separação percebida → resposta tardia ao sofrimento coletivo

Quando um dedo se queima, o corpo inteiro reage.

ferida local → cooperação geral → cicatrização

Quando uma parte da espécie sofre, o mecanismo coletivo procura igualmente restaurar o equilíbrio, embora a resposta consciente seja mais lenta.

19. Fraternidade biológica entre todos os seres vivos

Existe uma empatia interior ao nível celular.

célula → ligação à espécie → ligação entre espécies

Essa fraternidade biológica não se limita à humanidade.

espécie humana ↔ outras espécies ↔ rede viva

Todas as espécies participam numa cooperação profunda, anterior às divisões conscientes.

20. O bem-estar de um beneficia todos

A espécie sofre quando um dos seus membros sofre.

fome / doença individual → impacto na espécie

Da mesma maneira, a saúde, a felicidade e a realização de um indivíduo beneficiam o conjunto.

realização individual → enriquecimento coletivo

O indivíduo não está separado da espécie.

vida privada ↔ experiência coletiva

A decisão mais íntima possui consequências mais amplas.

21. Nenhuma parte pode crescer indefinidamente à custa das restantes

Seth formula um limite estrutural:

nenhuma parte da espécie pode crescer ou desenvolver-se à custa das restantes durante muito tempo.

crescimento predatório → desequilíbrio → sofrimento coletivo → correção

O desenvolvimento duradouro exige reciprocidade.

realização individual + realização coletiva → crescimento sustentável

A fraternidade não é apenas ideal moral. É necessidade biológica e psíquica.

22. A fotografia como realização provável

A fotografia é uma idealização materializada até certo grau.

idealização → escolhas → encontro → fotografia

Ela fixa um momento que emergiu de inúmeras decisões, deslocações, doenças evitadas, mortes não ocorridas e ações aceites ou rejeitadas.

probabilidades múltiplas → convergência → momento fotografado

A imagem visível esconde uma vasta arquitetura invisível de escolhas.

23. O grupo fotografado como interseção de histórias

Cada pessoa presente numa fotografia transporta:

- relações familiares
- histórias emocionais
- decisões anteriores
- ações prováveis aceites e rejeitadas

O grupo reunido naquele momento é um foco temporário de probabilidades entrelaçadas.

múltiplas histórias → interseção → fotografia

O exercício ensina o leitor a ver para além da imagem oficial.

24. A imagem do mundo

A imagem do mundo funciona do mesmo modo, numa escala dimensionalmente mais ampla.

probabilidades individuais → grupos → sociedades → imagem do mundo

O mundo reconhecido é um foco coletivo emergente de decisões incontáveis.

decisões privadas → padrões coletivos → experiência da humanidade

Cada pessoa participa na criação da imagem global.

Síntese final

O capítulo apresenta uma continuidade estrutural entre célula, pensamento, indivíduo, espécie e mundo:

idealização celular → pensamento → crença → escolha provável
→ experiência individual → experiência coletiva

As idealizações vivem, selecionam e procuram realização.

idealização → probabilidade → ação → materialização

A fraternidade é a idealização profunda da espécie porque já constitui a lógica biológica da vida.

individualidade celular + cooperação → corpo

individualidade humana + fraternidade → espécie integrada

O exercício da fotografia torna visível esta arquitetura:

imagem visível → decisões invisíveis → probabilidades →
interseção de vidas

O eixo final do capítulo pode ser condensado assim:

idealizações vivas → seleção de probabilidades → transformação
celular → escolha de selves → expansão da consciência →
fraternidade biológica → criatividade coletiva

CAPÍTULO 21

Sonhos, Realidade Interior e o Futuro da Espécie

— *Estes planos da realidade são relativamente invisíveis porque permitistes que a sua existência caísse no esquecimento.*

— *Para perseguirdes determinados objetivos, fingistes que eles não existiam. Contudo, a vossa situação global enquanto espécie exige agora que volteis a adquirir algumas "artes antigas". Estas podem ajudar-vos a tomar novamente consciência das idealizações interiores que formam a vossa realidade privada e o vosso mundo coletivo. Podem também permitir-vos conhecer outras ordens interiores de acontecimentos e o rico campo de probabilidades do qual emerge a vossa existência física.*

— *Estas artes são inúteis se não forem praticadas — inúteis no sentido de permanecerem sempre latentes, sem serem trazidas para o enquadramento exterior do vosso mundo. Para as utilizardes, é necessário compreender, antes de mais, que existe outra realidade subjacente ao mundo que conheceis e que, a par do foco de consciência com que estais familiarizados, existem outros focos igualmente legítimos.*

— *Todos sonhais, mas há poucos grandes artistas do sonho. Muitos dos verdadeiros propósitos dos sonhos foram esquecidos, embora continuem a cumprir-se. A arte consciente de criar, compreender e utilizar os sonhos perdeu-se em grande medida, e a relação íntima entre a vida quotidiana, os acontecimentos mundiais e os sonhos tem sido quase completamente ignorada. O “futuro” da espécie está a ser elaborado nos sonhos privados e coletivos dos seus membros, mas também isto nunca é considerado. Os membros de algumas civilizações antigas, incluindo os Egípcios, sabiam dirigir conscientemente a atividade onírica, penetrar nos vários níveis da realidade dos sonhos até às fontes da criatividade e trazer para o mundo físico os conteúdos aí encontrados.*

— *A vida celular é afetada pelos vossos sonhos. Podem ocorrer curas no estado de sonho, através de acontecimentos pertencentes a outra ordem de existência que alteram as próprias células. Ruburt tem explorado os diferentes níveis da realidade dos sonhos e, ao fazê-lo, começa a vislumbrar o seu significado. Até certo ponto, cada leitor pode empreender estas viagens privadas. Estas expedições oníricas lançarão uma luz intensa sobre a natureza da experiência pessoal quotidiana e proporcionarão também conhecimento direto das formas pelas quais as probabilidades operam.*

— *Afirmei anteriormente neste livro que o mundo que conheceis emerge de uma imprevisibilidade básica, da qual surgem depois significações. Nenhum sistema de realidade é fechado. A sequência específica de ações prováveis a que chamais experiência oficial não*

fica simplesmente suspensa no espaço e no tempo; entrelaça-se com outros fios semelhantes que não reconheceis. No estado de vigília, a mente consciente tem de se concentrar de forma bastante exclusiva naquele ponto específico de focalização a que chamais realidade, para poder orientar adequadamente as vossas atividades na vida temporal. Contudo, está também perfeitamente equipada para vos orientar, até certo ponto, noutros níveis de realidade quando não é necessária para tarefas específicas de sobrevivência.

— *Como vos convencestes, no passado, de que a mente consciente tinha necessariamente de estar separada da realidade interior, pensais que também tem de permanecer alienada do estado de sonho. De acordo com essas crenças, considerais os sonhos caóticos, irracionais e completamente desligados de qualquer orientação, propósito ou função consciente normal. Muitas vezes, o sono parece quase uma pequena morte, e alguns psicólogos compararam o sonho a uma loucura controlada. Separastes de tal maneira as vossas experiências de vigília e de sonho que parece possuídes "vidas" distintas, com pouca ligação entre as horas em que estais acordados e aquelas em que sonhais. A rica tapeçaria de ações prováveis, a partir da qual escolheis a vossa vida oficial, torna-se igualmente invisível. Tudo isto é inteiramente desnecessário.*

Síntese Operativa

Este capítulo recupera o sonho como arte consciente, instrumento de conhecimento e campo de transformação individual e coletiva. Seth mostra que os planos interiores da realidade foram esquecidos, mas continuam ativos, e que a espécie necessita agora de reaprender certas “artes antigas” para reconhecer as ordens de acontecimentos e probabilidades das quais emerge a existência física.

A função central do capítulo é esta:

os sonhos não são experiências caóticas e desligadas da vida; são campos organizados de criatividade, cura, conhecimento e elaboração provável, nos quais o futuro individual e coletivo começa a formar-se.

1. Os planos interiores foram esquecidos, não destruídos

planos da realidade → esquecimento voluntário → permanência latente

A humanidade afastou da consciência certos conhecimentos interiores para perseguir objetivos específicos no mundo físico.

Esses conhecimentos não desapareceram: permanecem disponíveis como capacidades latentes.

artes antigas → prática → reativação → consciência ampliada

2. Outras ordens de realidade coexistem com a realidade física

foco físico habitual → realidade oficial

outros focos de consciência → outras ordens legítimas de acontecimentos

A realidade física não é o único enquadramento válido. É uma linha focalizada dentro de um campo muito mais rico de probabilidades.

probabilidades → idealizações interiores → existência física

3. O sonho como arte perdida

Todos sonham, mas poucos se tornam artistas conscientes do sonho.

sonhar espontaneamente → capacidade natural

arte do sonho → criação + compreensão + utilização consciente

O sonho possui propósitos próprios, mesmo quando a mente de vigília os desconhece.

4. Sonhos, vida quotidiana e acontecimentos mundiais

A separação entre sonho e vigília é artificial.

sonhos privados → vida pessoal

sonhos coletivos → acontecimentos mundiais

ambos → futuro provável da espécie

A vida de sonho não está afastada da história coletiva. Participa na sua elaboração.

5. O futuro da espécie começa nos sonhos

sonhos individuais + sonhos coletivos → seleção de probabilidades → futuro da espécie

O futuro não surge apenas de decisões conscientes tomadas durante a vigília. É também preparado, ensaiado e reorganizado nos sonhos dos membros da espécie.

6. Sonho, criatividade e cura

estado de sonho → outras ordens de acontecimentos → alterações celulares → cura

A vida celular responde à atividade onírica. Nos sonhos, podem ocorrer reorganizações que depois se refletem no corpo físico.

O sonho funciona, assim, como campo de tradução entre:

realidade interior → células → corpo → experiência física

7. A mente consciente não está confinada à vigília

A mente consciente precisa de focalização exclusiva para orientar a vida quotidiana, mas não está estruturalmente separada da realidade interior.

mente consciente → foco físico quando necessário

mente consciente → orientação noutros níveis quando livre das tarefas de sobrevivência

A separação entre consciência de vigília e sonho foi aprendida, não é inevitável.

8. A experiência oficial é apenas um fio

ações prováveis → múltiplos fios → entrelaçamento

experiência oficial → um fio reconhecido

A vida física não está suspensa isoladamente no espaço e no tempo. Entrelaça-se com outras linhas prováveis que a consciência normal não reconhece.

9. A divisão entre vigília e sonho empobrece a identidade

vigília separada do sonho → duas “vidas” aparentemente distintas

integração → continuidade da consciência

Ao considerar o sonho irracional ou semelhante à loucura, a humanidade torna invisível a rica tapeçaria de ações prováveis a partir da qual escolhe a vida oficial.

Síntese final

O capítulo apresenta o sonho como uma arte interior que precisa de ser recuperada:

artes antigas → sonho consciente → acesso à criatividade → reorganização celular → conhecimento das probabilidades → elaboração do futuro

O eixo final pode ser condensado assim:

realidade interior → sonhos → probabilidades → cura e criatividade
→ futuro da espécie

CAPÍTULO 22

Fotografias Oníricas, Fios de Consciência e a Escolha da Realidade

— *Nos vossos termos, uma fotografia imobiliza o movimento e enquadra o momento — ou tudo aquilo que, nesse momento, sois capazes de perceber fisicamente.*

— *Em circunstâncias normais, podeis recordar as emoções que sentíeis quando uma fotografia vossa foi tirada e, até certo ponto, essas emoções podem revelar-se nos gestos ou na expressão facial. Contudo, a realidade subjetiva mais ampla daquele momento não aparece fisicamente na fotografia. Fica inteiramente fora da expressão física permitida por esse enquadramento. Do mesmo modo, o passado e o futuro ficam excluídos. O foco específico necessário para produzir uma fotografia exige, portanto, a exclusão de outros dados. Isto é evidente. Uma vez que tendes de atuar dentro de períodos temporais específicos, fazeis o mesmo na vida quotidiana, ignorando ou excluindo conscientemente muita informação que, de outro modo, estaria disponível.*

— *De certo modo, um sonho recordado pode ser comparado a uma fotografia psicológica. Contudo, ao contrário de uma fotografia física, não se materializa como imagem fixa, não imobiliza o*

movimento nem enquadra o acontecimento no espaço e no tempo. Pode, por isso, incluir muitos dos elementos que ficam necessariamente excluídos de qualquer momento específico da atividade consciente de vigília.

— *Um sonho recordado resulta de vários fatores, mas representa muitas vezes a interpretação consciente que fazeis de acontecimentos que, inicialmente, podem ter sido bastante diferentes da recordação que deles conservais. Nesse sentido, o sonho que recordais é um instantâneo de um acontecimento mais amplo, tirado pela mente consciente.*

— *Existem muitos tipos ou variedades de sonhos, alguns mais e outros menos fiéis à recordação que deles conservais. Contudo, ao recordardes um sonho, separais automaticamente certas partes do conjunto dos acontecimentos subjetivos e tentais "enquadrá-las" no espaço e no tempo de maneiras que façam sentido para a vossa orientação habitual. Mesmo assim, os acontecimentos oníricos são tão multidimensionais que essa tentativa fracassa muitas vezes. Talvez seja mais fácil compreender isto se comparardes uma cena de sonho com uma cena fotografada.*

— *Uma fotografia mostrará determinados acontecimentos próprios da época em que foi tirada. Não mostrará, por exemplo, a imagem de um turco na época das Cruzadas. Uma cena onírica, contudo, poderá apresentar precisamente esse motivo.*

— *De vez em quando, poderá ser útil imaginardes determinadas imagens oníricas vívidas como se aparecessem numa fotografia. Tal como, ao longo da vida, colecionais uma série de fotografias vossas, tiradas em diferentes tempos e lugares, também no estado de sonho “coleccionais” fotografias subjetivas de outra natureza. Estas, porém, não aparecem em sequência. Ainda assim, podem proporcionar-vos, ao nível consciente, informações valiosas acerca do vosso futuro e do vosso passado.*

— *Nos termos normais e geralmente aceites, as imagens de uma fotografia não mudam, não se movem nem alteram as relações entre si. A fotografia subjetiva viva dos sonhos, contudo, proporciona um enquadramento no qual essas “imagens” possuem mobilidade própria. Representam a criatividade em termos muito diferentes daqueles que habitualmente compreendeis. Sabeis o que é a descendência física, porque vedes os filhos gerados pelo vosso corpo; mas não experienciais fisicamente, da mesma maneira, os filhos dos vossos sonhos, nem compreendeis que a vossa vida onírica é contínua.*

— *Essa vida onírica possui, nos seus próprios níveis, uma organização que não compreendeis; e é dessa fonte abundante que retirais grande parte da energia com que formais a experiência quotidiana. A mente consciente é a diretora dessa experiência.*

— *Nos vossos termos, contudo, sonhais quer estejais vivos quer mortos. Enquanto estais vivos, corporalmente falando, aquilo que considerais ser o sonho torna-se subordinado ao que designais por*

vida consciente de vigília. Examinais sempre os sonhos a partir de um ponto de vista "estrangeiro", tendencioso a favor do estado normal de vigília. Consequentemente, a condição onírica é experienciada de forma distorcida. Muitas vezes, não se revela clara. Em contraste com a consciência de vigília, pode parecer indistinta, imprecisa ou desfocada.

— Isto nem sempre acontece, pois, em alguns sonhos, o estado de alerta é inegável.

— Por muitas razões — algumas já mencionadas e outras ainda não discutidas —, excluístes em grande medida os sonhos da vossa vida. Embora tenhais, evidentemente, de manter um foco preciso no tempo e no espaço, não existe qualquer razão fundamental para vos separardes tão profundamente da experiência onírica.

— Alguns inventores, escritores, cientistas e artistas, habituados a lidar diretamente com material criativo, estão perfeitamente conscientes de que muitas das suas ideias produtivas surgiram na condição onírica. Veem os resultados da atividade dos sonhos na vida física prática. Muitas outras pessoas, embora não tenham treino, conseguem relacionar claramente determinadas decisões tomadas durante a vigília com sonhos anteriores.

— Poucos compreendem, contudo, que a realidade privada se assemelha a um produto acabado, emergindo da imensa produtividade que ocorre na condição onírica. Ruburt chama-lhe "A Oficina das Maravilhas", e com razão.

— *Na vida de vigília, existem flutuações na consciência: períodos em que estais mais ou menos despertos, nos vossos termos; em que a atenção se afasta das questões imediatas; ou em que, pelo contrário, estais intensamente focalizados no momento. Existem, portanto, gradações de consciência no estado de vigília. Habitualmente, prestais-lhes pouca atenção.*

— *A linha oficial de consciência que aceitastes ignora despreocupadamente quaisquer desvios e, quando estes ocorrem, continua alegremente como se nada tivesse acontecido. No estado de sonho, também se verificam flutuações semelhantes. É evidente que, nesse estado, podeis saltar de um tempo para outro.*

— *Contudo, está envolvido muito mais do que isso, pois existem "fios" separados de consciência, se preferirdes, que seguis naturalmente no estado de sonho e que, com algum treino e diligência, podeis aprender a acompanhar. Esses fios envolvem "séries" prováveis de acontecimentos. Se, por exemplo, determinado acontecimento onírico for escolhido para materialização física, então, na vossa realidade, outros acontecimentos surgirão no devido tempo e segundo uma sequência própria.*

— *Formastes uma imagem bastante satisfatória daquilo que considerais ser a vossa realidade, individual e coletivamente. Todas as vossas instituições, crenças e atividades parecem justificar essa imagem, pois tudo o que existe dentro do "enquadramento" geral parecerá, naturalmente, estar de acordo com ela.*

— *Afinal, a imagem é relativamente simples: pressupõe-se que cada consciência está orientada para um foco específico, encerrada num único corpo, com a sua existência delimitada pelo nascimento num extremo e pela morte no outro.*

— *Infelizmente, essa imagem é tão limitada como qualquer uma das vossas fotografias. Estais habituados a examinar o estado de sonho a partir da perspetiva da condição de "vigília"; mas, de vez em quando, tentai examinar a realidade normal de vigília a partir do estado de sonho. Basta que vos deis instruções para o fazer. Os resultados poderão surpreender-vos bastante.*

— *Falando da forma mais simples possível e utilizando conceitos que podeis compreender, apresentarei a questão desta maneira: naquilo a que vagamente se chama estado de sonho, existe uma realidade tão válida como a vossa e, a partir dessa perspetiva, podeis ser considerados os sonhadores.*

— *Aquilo a que chamais "vós" é a parte de vós que se concentra nesta realidade. Formais essa realidade através de informação e energia que, por um lado, têm origem fora deste sistema e que, por outro, fluem constantemente para o seu interior — e, nesse sentido, os sistemas encontram-se unidos.*

— *O mesmo se aplica a qualquer tipo ou variedade de consciência. Em sentido figurado, portanto, as vossas células sonham. Existem variações minúsculas nas descargas elétricas,*

atualmente impercetíveis, que poderiam identificar esse tipo de flutuação nas células, bem como nos átomos e nas moléculas.

— *Nos vossos termos, é evidente que os átomos não sonham com gatos a perseguir cães. Contudo — e isto é importante — existem efetivamente “interrupções” do foco físico análogas ao vosso estado de sonho.*

— *Nessas condições, os átomos seguem as suas próprias atividades prováveis e realizam, de facto, cálculos extraordinários, trazendo para a vossa atualidade as ações prováveis necessárias para sustentar as formas de vida oficiais. Porém, também não estão limitados a essa função, pois as suas outras linhas prováveis são igualmente atualizadas.*

— *Nos diferentes níveis do estado de sonho, estais também subjetivamente conscientes de outras realidades prováveis. A intenção consciente é transportada inconscientemente para a condição onírica, e essa intenção ajuda-vos a organizar os dados.*

— *Assim, escolheis, a partir de outras correntes de atualidade, os acontecimentos que desejais materializar fisicamente; e fazeis essa escolha de acordo com as vossas crenças acerca da natureza da realidade. Uma fotografia é tirada e tendes então diante de vós a imagem de um acontecimento que, nos vossos termos, já ocorreu. Nos sonhos, tirais muitas “fotografias” subjetivas e decidis quais delas quereis materializar no tempo. Até certo ponto, portanto, os*

sonhos são planos operativos das fotografias que mais tarde tirareis.

O Meu Self Sonhador

*O meu self sonhador
Olhou pela janela
E viu-me sobre a cama.
O luar enchia
O meu crânio adormecido.
Eu jazia nua e imóvel.*

*O meu self sonhador
Entrou
E caminhou pelo quarto.
Senti como se maçanetas girassem,
Abrindo divisões
Dentro da minha cabeça.*

*O meu self sonhador
Tinha olhos como chaves
Que cintilavam na escuridão.
Não havia armário
Dentro dos meus ossos
Que eles não pudessem destrancar.*

*O meu self sonhador
Percorreu
A estrutura da minha Alma.
Acendia luzes por onde passava.*

Lá fora, a noite

Era negra e fria.

O meu self sonhador

Deitou-se sobre a cama.

Afastei-me, maravilhada.

“Mas nós os dois somos um”,

Disse eu. E ele respondeu:

“Pensava que já sabias.”

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta a fotografia como metáfora do modo seletivo pelo qual a consciência forma a realidade. Uma fotografia física fixa apenas uma fração do momento; de forma semelhante, a consciência de vigília enquadra determinados acontecimentos, excluindo muitos outros dados disponíveis. O sonho, porém, oferece um enquadramento mais móvel, no qual passado, futuro e probabilidades podem interpenetrar-se.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física é uma imagem selecionada dentro de um campo multidimensional mais amplo; nos sonhos, a consciência percorre outros fios de acontecimentos e participa na escolha daquilo que será posteriormente materializado.

1. A fotografia física exclui para poder mostrar

Uma fotografia não contém a realidade inteira do momento.

momento vivido → foco fotográfico → enquadramento → exclusão de outros dados

Ela regista gestos, expressões e formas visíveis, mas deixa de fora a realidade subjetiva mais ampla, bem como as relações do momento com o passado e o futuro.

O mesmo acontece na vida quotidiana:

campo amplo de informação → *foco temporal específico* → *realidade consciente*

Para agir no mundo físico, a consciência seleciona apenas parte dos dados disponíveis.

2. O sonho recordado como fotografia psicológica

O sonho recordado é comparado a uma fotografia psicológica porque representa um recorte de um acontecimento subjetivo mais vasto.

acontecimento onírico amplo → *interpretação consciente* → *sonho recordado*

Contudo, ao contrário da fotografia física, o sonho não imobiliza completamente o movimento nem encerra o acontecimento rigidamente no espaço e no tempo.

fotografia física → *imagem fixa*

fotografia onírica → *imagem viva e móvel*

Por isso, o sonho pode incluir elementos pertencentes a diferentes épocas, lugares e linhas prováveis.

3. A recordação enquadra o sonho

O sonho vivido e o sonho recordado não são exatamente a mesma coisa.

experiência onírica multidimensional → *recordação → enquadramento espacial e temporal*

Ao acordar, a mente consciente separa determinadas partes do acontecimento onírico e procura organizá-las de acordo com a sua orientação habitual.

acontecimento simultâneo → *sequência recordada*

realidade multidimensional → *narrativa linear*

Muitas das incoerências atribuídas aos sonhos resultam dessa tradução.

4. Fotografias oníricas vivas

As imagens oníricas possuem mobilidade própria.

imagem física → relações fixas

imagem onírica → relações móveis → transformação → criatividade

Uma figura pode mudar, uma época pode interpenetrar-se noutra e diferentes acontecimentos podem coexistir no mesmo enquadramento.

Essas imagens não são reproduções passivas. São expressões de uma criatividade ativa.

5. A vida onírica é contínua

A consciência de vigília costuma tratar cada sonho como episódio isolado.

sonho recordado → fragmento

vida onírica real → continuidade organizada

Seth afirma que a vida onírica possui organização própria e que dela retiramos grande parte da energia usada para formar a experiência quotidiana.

vida onírica → energia e informação → experiência de vigília

A mente consciente dirige a experiência física, mas não produz sozinha a matéria-prima que utiliza.

6. A Oficina das Maravilhas

A condição onírica é apresentada como campo de enorme produtividade.

condição onírica → criatividade → ideias → decisões → realidade privada

Inventores, artistas, cientistas e escritores reconhecem frequentemente que ideias importantes surgem nos sonhos. Contudo, o princípio aplica-se a todos:

produção onírica → produto acabado → realidade quotidiana

*A realidade privada é uma das formas acabadas que emergem da produtividade da **Oficina das Maravilhas**.*

7. Flutuações e fios de consciência

A consciência não constitui uma linha uniforme.

consciência de vigília → flutuações → desvios ignorados → continuidade oficial

consciência onírica → flutuações → deslocações temporais → outros fios

No estado de sonho, a consciência pode seguir fios separados de experiência.

fio de consciência → série provável de acontecimentos → sequência própria

Esses fios não são pensamentos dispersos. Correspondem a correntes organizadas de atualidade provável.

8. A imagem limitada da identidade

A humanidade formou uma imagem oficial da consciência:

uma consciência → *um corpo* → *um nascimento* → *uma morte*

As instituições, crenças e atividades confirmam essa imagem porque tudo é interpretado dentro do enquadramento que ela estabelece.

crença de base → *seleção de dados* → *realidade confirmatória*

A imagem parece verdadeira porque exclui sistematicamente aquilo que a poderia ampliar.

9. Inverter a perspectiva

Seth propõe um exercício decisivo:

vigília observa sonho → *sonho parece secundário*

sonho observa vigília → *vigília pode parecer sonho*

A realidade onírica é tão válida como a física. A partir da sua perspectiva, a personalidade de vigília pode ser considerada a sonhadora.

Isto não reduz a realidade física a ilusão sem valor. Mostra que cada sistema interpreta os restantes a partir do seu próprio foco.

10. A identidade focada não é a identidade inteira

Aquilo a que chamamos “nós” é a parte da identidade concentrada nesta realidade.

identidade mais ampla → foco particular → personalidade física

A realidade física é formada através de informação e energia que fluem entre sistemas.

outros sistemas → informação e energia → realidade física

realidade física → troca contínua → outros sistemas

Os sistemas não são universos isolados. Permanecem ligados por circulação de energia, intenção e consciência.

11. Células e átomos também mudam de foco

Seth alarga a analogia do sonho às células, aos átomos e às moléculas.

foco físico → interrupção → atividade provável → regresso ao foco físico

Eles não sonham em imagens humanas, mas apresentam flutuações análogas ao estado de sonho.

Durante essas interrupções, seguem atividades prováveis e realizam os "cálculos" necessários para sustentar as formas de vida oficiais.

atividade provável → seleção → forma biológica atual

Ao mesmo tempo, outras linhas prováveis são igualmente atualizadas.

12. A intenção consciente atravessa o sonho

A intenção consciente não desaparece durante o sono.

intenção de vigília → condição onírica → organização dos dados

As crenças acerca da realidade orientam aquilo que a consciência procura, seleciona e traz de volta dos campos prováveis.

crenças → intenção → escolha onírica → materialização física

O sonho não é, portanto, uma atividade completamente desligada das escolhas conscientes.

13. Os sonhos como planos operativos

Nos sonhos, a consciência percorre muitas fotografias subjetivas.

correntes de atualidade → fotografias oníricas → seleção

Algumas dessas imagens são escolhidas para materialização física.

imagem onírica selecionada → sequência provável → acontecimento físico

A fotografia física mostra aquilo que já se materializou. A fotografia onírica participa na escolha daquilo que poderá materializar-se.

sonho → plano operativo

vida física → fotografia realizada

Síntese final

O capítulo pode ser condensado neste movimento:

campo multidimensional → *fios de consciência* → *fotografias oníricas* → *seleção pelas crenças e intenções* → *materialização física*

A realidade física não é a totalidade do acontecimento. É a imagem que a consciência escolheu enquadrar.

E o sonho não é simples comentário sobre essa imagem:

é um dos campos onde a consciência examina, organiza e seleciona as fotografias da realidade que ainda está a formar.

CAPÍTULO 23

A Ciência dos Sonhos e a Interioridade da Realidade

— *Antes de mais, deveis compreender que a vossa realidade mais ampla existe quer estejais encarnados quer não, e que a vossa experiência subjetiva possui um alcance muito maior do que aquele que o próprio cérebro físico permite.*

— *Essa realidade mais ampla — para além da vida corporal — continua, naturalmente, enquanto sois criaturas no espaço e no tempo. Constitui, por assim dizer, uma existência paralela não corporal que o vosso cérebro não regista. No estado de sono, encontrais-vos num campo de ligação onde ocorrem interpenetrações entre essas formas de existência.*

— *Os planos da realidade não serão encontrados no universo exterior. Algumas outras civilizações experimentaram um tipo de ciência diferente daquele com que estais familiarizados. Obtiveram graus variados de sucesso nas suas tentativas de compreender a natureza da realidade, e os seus objetivos globais diferiam, de facto, dos vossos. Esses povos orientavam a consciência numa direção completamente diferente.*

— O vosso comportamento, costumes, ciências, artes e disciplinas são, de certo modo, singularmente vossos; contudo, proporcionam também vislumbres das diferentes maneiras pelas quais determinados conjuntos de capacidades podem ser utilizados para investigar a realidade “desconhecida”.

— A arte é uma ciência, no sentido mais verdadeiro da palavra, tanto quanto a biologia. A ciência, tal como a concebeis, separa-se daquilo que estuda. A arte identifica-se com isso. Nos vossos termos, portanto, outras civilizações consideravam a arte uma ciência refinada e utilizavam-na de modo a traçar uma imagem muito nítida da natureza da realidade — uma imagem na qual a emoção e a motivação humanas desempenhavam um papel fundamental.

— Os vossos cientistas passam muitos anos em formação. Se o mesmo tempo fosse dedicado à aprendizagem de outro tipo de ciência, poderíeis descobrir muito mais acerca das realidades conhecidas e desconhecidas. Existem alguns indivíduos empenhados no estudo dos sonhos, trabalhando em “laboratórios do sonho”; mas, também aqui, a percepção está condicionada, pois são cientistas exteriores à experiência que estudam os sonhos de outras pessoas ou enfatizam as alterações físicas que ocorrem no estado de sonho.

— O problema é que muitos cientistas não compreendem que existe uma realidade interior. Ela não é apenas tão válida como a exterior: é a origem desta. É esse mundo que vos oferece respostas

e soluções e que poderia revelar muitos dos planos subjacentes ao mundo da vossa experiência.

— A verdadeira arte de sonhar é uma ciência há muito esquecida pelo vosso mundo. Quando praticada, treina a mente num novo tipo de consciência — uma consciência igualmente à vontade em ambas as formas de existência, bem enraizada e segura em cada uma delas.

— Quase qualquer pessoa pode tornar-se uma praticante amadora competente e produtiva desta arte-ciência; contudo, o seu pleno domínio exige anos de treino, um forte sentido de propósito e dedicação — como acontece em qualquer verdadeira vocação.

— Até certo ponto, o talento natural é um requisito para um verdadeiro artista-cientista do sonho. São necessários ousadia, espírito de exploração, independência e espontaneidade. Esse trabalho é uma alegria. Existem pessoas assim que passam completamente despercebidas às vossas sociedades, porque os dons específicos envolvidos não recebem qualquer prioridade. Contudo, o talento continua a existir.

— Um praticante desta arte antiga aprende, antes de mais, a tornar-se consciente, nos termos habituais, enquanto se encontra no estado de sono. Depois, torna-se sensível às diferentes alterações subjetivas que ocorrem quando os sonhos começam, decorrem e terminam.

— Familiariza-se com o simbolismo dos próprios sonhos e observa de que modo este se relaciona — ou não — com os símbolos exteriores que aparecem na vida de vigília partilhada com os outros. Mais tarde terei algo a dizer acerca desses símbolos partilhados, pois podem tornar-se sinais de referência consensuais.

— Existem, portanto, pontos interiores de encontro — “lugares” que funcionam como centros de intercâmbio e comunicação. Num contexto completamente diferente, são tão frequentados como qualquer cidade ou mercado do mundo físico. Este assunto será desenvolvido mais adiante no livro. O nosso artista-cientista do sonho aprende a reconhecer esses pontos de correlação.

— De certo modo, são verdadeiros centros de aprendizagem. Muitas pessoas têm sonhos nos quais, por exemplo, frequentam aulas noutra espécie de realidade. Quer esses sonhos estejam ou não “distorcidos”, muitos representam experiências interiores válidas.

— Contudo, tudo isto é apenas o início para o nosso artista-cientista do sonho, pois começa então a reconhecer o seu envolvimento em muitos níveis e tipos diferentes de realidade e atividade.

— Tem de aprender a isolá-los, a distingui-los uns dos outros e, depois, a procurar compreender as leis que os governam. Ao fazê-lo, descobre que algumas dessas realidades quase coincidem com a realidade física; que, em determinados níveis, certos

acontecimentos se tornarão físicos no futuro, por exemplo, enquanto outros não.

— Começa, então, a vislumbrar os planos do mundo que conheceis.

— Produzis objetos. Foram necessários séculos para alcançardes o vosso atual nível tecnológico. Parece-vos, portanto, falando de modo geral, que os objetos provêm do exterior — afinal, não os produzis nas vossas fábricas e laboratórios?

— De certo modo, parece-vos que os tecidos “artificiais” ou sintéticos não são naturais. Produzi-los-íeis exteriormente. Contudo, o vosso mundo é composto por produtos inteiramente naturais, objetos que emergem — quase milagrosamente, se pensardes nisso — do interior da Terra.

— Trabalhais com materiais que já existem e que vos são fornecidos. Misturais, alterais e reorganizais aquilo que já vos é dado. Contudo, todo o universo físico emerge de uma interioridade, e nenhuma das vossas formas de produção vos forneceria sequer um único objeto se os materiais que lhes servem de base não tivessem surgido muito antes.

— A madeira, as plantas, todas as espécies da Terra, as estações do ano e o próprio planeta provêm dessa interioridade não identificável. Os acontecimentos físicos têm a mesma origem.

— O verdadeiro cientista compreende que deve investigar o universo interior, e não apenas o exterior. Compreenderá que não pode isolar-se de uma realidade da qual necessariamente faz parte e que qualquer tentativa de o fazer produz, na melhor das hipóteses, uma imagem distorcida.

— Em termos muito reais, os vossos sonhos e as árvores diante das vossas janelas possuem um denominador comum: ambos emergem da interioridade da consciência.

— Apenas como analogia, vede a questão desta maneira: o vosso universo atual é um sonho coletivamente partilhado e perfeitamente válido — um sonho que apresenta a realidade sob determinada luz; um sonho que é, acima de tudo, significativo e criativo, baseado não no caos, mas numa ordem espontânea.

— Para o compreender, contudo, tendes de passar para outro nível de consciência — um nível no qual, talvez, esse sonho deixe momentaneamente de parecer tão real. A partir daí, observando-o de outra perspetiva, podeis vê-lo com uma clareza ainda maior, como se o segurásseis nas mãos sob a forma de uma fotografia.

— Ao mesmo tempo, essa perspetiva mais ampla permite-vos perceber que também existis fora do contexto desse sonho, embora numa interioridade que não pode aparecer na fotografia devido às limitações do próprio enquadramento.

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta o sonho não como atividade secundária da mente, mas como campo de conhecimento, treino e investigação. Seth afirma que a realidade física emerge de uma interioridade mais ampla e que a verdadeira ciência da realidade terá de aprender a investigar essa origem, em vez de se limitar aos seus efeitos exteriores.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física nasce da interioridade da consciência; a arte de sonhar pode tornar-se uma ciência capaz de reconhecer os planos, símbolos, pontos de encontro e linhas de formação que sustentam o mundo exterior.

1. A realidade pessoal excede o cérebro físico

A realidade mais ampla da personalidade existe quer esteja encarnada quer não.

identidade mais ampla → experiência subjetiva → cérebro físico registra apenas uma parte

Durante a vida corporal, continua ativa uma existência paralela não corporal que o cérebro comum não reconhece diretamente.

vida física → foco corporal

realidade mais ampla → atividade não corporal simultânea

No estado de sono, a consciência entra num campo de ligação onde podem ocorrer interpenetrações entre essas formas de existência.

2. Os planos da realidade não estão no exterior

Seth afirma que os planos da realidade não serão encontrados apenas no universo exterior.

realidade interior → planos organizadores → universo físico

O mundo físico é manifestação de uma ordem anterior, mais profunda. Investigar apenas objetos, matéria e alterações exteriores significa estudar o produto sem alcançar plenamente a sua origem.

efeito físico → investigação exterior

origem organizadora → investigação interior

3. Outras civilizações desenvolveram outras ciências

A ciência humana atual é apenas uma forma possível de investigar a realidade.

capacidades escolhidas → método de investigação → tipo de ciência

Outras civilizações orientaram a consciência de maneira diferente e desenvolveram formas de conhecimento baseadas noutras combinações de capacidades.

arte + emoção + identificação → ciência da realidade

Isto mostra que comportamento, costumes, artes, ciências e disciplinas refletem não apenas conhecimentos, mas modos específicos de usar a consciência.

4. Arte e ciência como modos complementares

A ciência comum separa-se daquilo que estuda.

observador → distância → objeto

A arte identifica-se com o tema.

observador → participação → experiência interior do objeto

Seth não opõe simplesmente arte e ciência. Mostra que ambas podem funcionar como vias legítimas de conhecimento.

ciência exterior → análise

arte-ciência → identificação + compreensão

Outras civilizações usaram a arte como ciência refinada, integrando emoção, motivação e conhecimento da realidade.

5. O limite dos laboratórios do sonho

Os laboratórios do sonho estudam frequentemente os sonhos a partir do exterior.

sonho alheio → registo físico → alterações corporais → observação externa

Esse método pode produzir dados úteis, mas permanece limitado quando não reconhece que existe uma realidade interior válida em si mesma.

realidade interior → não efeito secundário

realidade interior → origem do mundo exterior

O problema não está em medir o sonho, mas em tratá-lo apenas como fenómeno cerebral ou corporal.

6. A arte de sonhar como ciência esquecida

A verdadeira arte de sonhar é apresentada como uma ciência esquecida.

sonho consciente → treino → reconhecimento de alterações subjetivas → investigação

Ela exige vocação, disciplina, talento, independência, espontaneidade e sentido de exploração.

talento natural + treino + propósito → artista-cientista do sonho

Não se trata apenas de recordar sonhos. Trata-se de aprender a permanecer consciente durante o sono e a reconhecer as mudanças que ocorrem quando os sonhos começam, se desenvolvem e terminam.

7. Aprender o próprio simbolismo

O praticante começa por conhecer o simbolismo dos próprios sonhos.

símbolo onírico → significado pessoal → relação com a vida de vigília

Depois, compara esses símbolos com os símbolos exteriores partilhados na realidade física.

símbolo privado → símbolo partilhado → ponto de correlação

Alguns símbolos podem tornar-se sinais consensuais entre diferentes pessoas ou estados de consciência.

8. Pontos interiores de encontro

Existem pontos interiores de encontro que funcionam como centros de intercâmbio e comunicação.

consciências → pontos de correlação → encontro → aprendizagem

Seth compara-os a cidades e mercados do mundo físico, não porque sejam lugares materiais, mas porque desempenham funções semelhantes.

cidade física → circulação de pessoas e informação

ponto interior → circulação de consciência e conhecimento

Muitos sonhos em que a pessoa frequenta aulas podem representar experiências interiores válidas nesses centros de aprendizagem.

9. Distinguir níveis e tipos de realidade

O artista-cientista do sonho aprende que participa em vários níveis e tipos de realidade.

experiência onírica → diferentes níveis → diferentes leis → diferentes resultados

Tem de aprender a isolá-los, distingui-los e compreender as regras que os organizam.

Alguns desses campos aproximam-se muito da realidade física.

acontecimento interior → futura materialização física

Outros permanecem válidos sem se tornarem físicos.

acontecimento interior → desenvolvimento não físico

Reconhecer essa diferença é começar a vislumbrar os planos do mundo físico.

10. A produção humana reorganiza materiais já fornecidos

Os seres humanos parecem produzir objetos a partir do exterior.

fábrica → técnica → objeto

Mas toda a produção humana depende de materiais que já existiam antes.

madeira + plantas + minerais + espécies + planeta → materiais de origem

A tecnologia mistura, transforma e reorganiza. Não cria a substância de origem a partir do nada.

materiais naturais → reorganização humana → produto

Isto conduz à pergunta fundamental: de onde emergem os próprios materiais, as espécies, as estações e o planeta?

11. O universo físico emerge de uma interioridade

Seth responde que todo o universo físico emerge de uma interioridade não identificável.

interioridade da consciência → formas naturais → matéria → acontecimentos físicos

A madeira, as plantas, as espécies, o planeta e os acontecimentos físicos partilham essa origem.

O interior não é aqui um lugar escondido dentro da matéria. É o campo organizador do qual a matéria emerge.

12. Sonhos e árvores têm a mesma origem

Os sonhos e as árvores parecem pertencer a categorias completamente diferentes.

sonho → subjetivo

árvore → físico

Seth afirma, contudo, que possuem um denominador comum:

interioridade da consciência → sonho

interioridade da consciência → árvore

A diferença está no modo de manifestação, não na origem fundamental.

13. O verdadeiro cientista não se separa da realidade

A ciência comum procura isolar o observador do objeto estudado.

observador separado → realidade exterior → imagem parcial

Seth afirma que o investigador faz necessariamente parte da realidade que procura compreender.

observador ∈ realidade estudada

Tentar excluir completamente o observador produz uma imagem distorcida, porque elimina uma parte essencial do fenómeno: a participação da consciência.

14. O universo como sonho coletivamente partilhado

Seth propõe uma analogia central:

universo físico → sonho coletivamente partilhado

Esse sonho é válido, significativo, criativo e organizado.

não caos → ordem espontânea

A realidade física não é falsa por ser comparada a um sonho. Tal como o sonho, é uma experiência real dentro do campo em que é vivida.

15. Mudar de nível para compreender o sonho

Enquanto estamos completamente imersos no sonho físico, ele parece ser a única realidade.

imersão total → realidade parece absoluta

Para o compreender, é necessário mudar de nível de consciência.

mudança de foco → distanciamento funcional → visão mais ampla

A partir dessa perspectiva, o universo pode ser observado como uma fotografia: um enquadramento válido, mas limitado.

16. Existimos também fora do enquadramento

A perspectiva mais ampla mostra que a identidade não está totalmente contida no sonho físico.

identidade focada → dentro do universo físico

identidade mais ampla → para além do enquadramento

Contudo, esse “fora” não é um exterior espacial. É uma interioridade mais profunda que não pode aparecer dentro da fotografia porque a fotografia só mostra aquilo que o seu enquadramento permite.

interioridade maior → não cabe no enquadramento físico

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

realidade interior → planos organizadores → sonho → treino da consciência → reconhecimento de símbolos e pontos de encontro → compreensão de níveis de realidade → formação do mundo físico

A ciência exterior estuda aquilo que já apareceu.

A ciência dos sonhos procura compreender o campo onde os acontecimentos começam a formar-se.

O universo físico é um sonho válido, coletivamente partilhado e organizado por uma ordem espontânea; para compreender os seus planos, a consciência tem de aprender a investigar a interioridade da qual ele emerge.

CAPÍTULO 24

A Ciência da Consciência e o Conhecimento Integral da Realidade

— A exterioridade do mundo físico está, portanto, ligada a uma "interioridade" multidimensional. Contudo, esse mundo exterior é impulsionado para fora e projetado como realidade de acordo com os teus desejos, crenças e intenções conscientes. É importante que te recordes deste papel da mente consciente, tal como a concebes.

— Cada experiência física é única e, embora a energia necessária à sua criação provenha do interior, a qualidade singular, privada e, simultaneamente, partilhada dessa experiência não poderia existir da mesma maneira se não fosse exteriorizada.

— A exteriorização possui, portanto, grande propósito e significado, e produz uma forma diferente de expressão. Embora, neste livro, eu possa salientar a importância da realidade interior, não estou de modo algum a negar a enorme validade e o propósito da experiência terrena.

— Todos os exercícios deste livro devem ajudar-te a enriquecer essa experiência e a compreender a sua estrutura e natureza.

Nenhum deles deve ser utilizado como tentativa de "escapar" às implicações da tua própria realidade terrena.

— Contudo, os planos encontram-se no interior.

— Muito em breve teremos mais a dizer acerca do nosso artista-cientista do sonho; existem, porém, outras vias importantes que podem ser utilizadas para estudar a natureza da realidade. Uma delas, em particular, não envolve propriamente o estado de sonho. Inclui, contudo, a manipulação da consciência. Até certo ponto, implica identificação com aquilo que é estudado, em vez de separação.

— Embora ligado à vossa própria civilização, Einstein¹ foi talvez quem mais se aproximou deste método, pois conseguia identificar-se de forma bastante natural com várias "funções" do universo. Era capaz de escutar a voz interior da matéria. Foi conduzido intuitiva e emocionalmente às suas descobertas. Inclinou-se contra o tempo e sentiu-o ceder e oscilar.

— O verdadeiro físico mental será um explorador ousado — não alguém que perscruta o universo com pequenos instrumentos, mas alguém que permite que a consciência flua através das muitas

¹ Jane esteve a consultar o próprio livro de Einstein acerca das suas teorias da relatividade. (Relativity: The Special and the General Theory, tradução de Robert W. Lawson, © 1961 pelo espólio de Albert Einstein, Crown Publishers, Inc., Nova Iorque.) Em breve o pôs de lado, dizendo-me que pouco conseguia compreender sem um grande esforço de vontade. A matemática nele contida estava inteiramente para além das suas capacidades. Eu encomendara o livro no mês anterior, depois de ela ter manifestado interesse em vê-lo. Einstein morreu em 1955, aos 76 anos.

portas que podem ser encontradas, não com instrumentos, mas com a mente.

— A tua própria consciência, tal como a concebes e conheces, pode realmente conduzir-te a uma compreensão muito mais ampla da natureza simultânea do tempo, se lhe permitires fazê-lo. Em vez disso, usas frequentemente ferramentas, instrumentos e todo o tipo de equipamento — mas estes não sentem o tempo, nesses termos. Tu sentes. Estudar a tua própria experiência consciente do tempo ensinar-te-á muito mais.

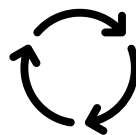
ELEMENTO PRÁTICO 8

— Utilizando a mente consciente como limiar, podes descobrir ainda mais. Em sentido figurado, permanece onde estás. Considera esse momento de percepção consciente como um caminho. Imagina muitos outros caminhos semelhantes, todos convergindo nesse ponto; depois, através da imaginação, escolhe mentalmente um deles e segue-o. Aceita sem espírito crítico aquilo que experienciares.

— Até certo ponto, estás a "alterar" a tua consciência. Evidentemente, não estás realmente a "alterá-la". Estás apenas a utilizá-la de maneira diferente e a focalizá-la — ainda que brevemente — noutra direção. Este é o mais simples dos exercícios.

— *Imagina que permanecias num único lugar durante toda a tua vida física e que tinhas de fazê-lo porque te haviam dito que assim devia ser. Nesse caso, verias apenas aquilo que estivesse diretamente diante de ti. A visão periférica talvez te desse indícios do que existia de cada lado, ou poderias ouvir sons provenientes de trás.*

— *Algumas formas — aves, por exemplo — poderiam passar rapidamente diante de ti, e talvez te interrogasses acerca do seu movimento, significado e origem. Se, subitamente, te virasses alguns centímetros para a direita ou para a esquerda, não estarias a alterar o corpo, mas apenas a mudar a sua posição, ampliando a imagem global e desviando-te muito cautelosamente da posição inicial. O pequeno exercício anterior funciona da mesma maneira.*



— *Atualmente, tens pouca consciência das dimensões da consciência — tanto das tuas como daquelas que parecem funcionar abaixo do limiar da tua. O verdadeiro físico é aquele que ousaria voltar-se para outras direções dentro da própria consciência.*

— *Existem estruturas interiores na matéria. São vórtices de energia e possuem mais do que uma finalidade. Essas estruturas são formadas por organizações de consciência, ou UC.*

— *Possuis um conhecimento extremamente íntimo da natureza de uma célula, por exemplo, ou de um átomo. As células e os átomos constituem a tua carne. Em certos termos, existe aí uma continuidade de consciência da qual a tua atual vida física faz parte.*

— *Manténs certos tipos de comunicação e comunhão com as tuas próprias células e, em determinados níveis de consciência, sabes disso. Um verdadeiro físico aprenderia a alcançar deliberadamente esse nível de consciência.*

— *Nos vossos termos, foram desenhadas representações de estruturas celulares muito antes de existirem métodos tecnológicos capazes de as tornar visíveis.*

— *Quando fechas os olhos, aparecem formas e configurações que são réplicas perfeitas de átomos, moléculas e células, mas não as reconheces como tal. Existem também pinturas — as chamadas abstratas — produzidas inconscientemente, muitas delas por amadores, que constituem excelentes representações dessas organizações interiores.*

— *Por vezes, Ruburt tem conseguido projetar a consciência para o interior de pequenos instrumentos físicos — componentes de computadores, por exemplo — e perceber a atividade interna destes ao nível, digamos, dos eletrões.*

— *Com tempo, nos vossos termos, a estrutura das chamadas partículas poderia ser compreendida com igual clareza através*

dessas técnicas. Contudo, atualmente, a vossa terminologia não corresponderia à experiência percecionada. São precisamente esses termos que vos aprisionam e vos conduzem aos tipos “errados” de perguntas.

— Contudo, os tipos errados de perguntas são os certos para vós, dentro da vossa civilização e das vossas crenças, porque, até esse ponto, desejais permanecer nessa estrutura.

— Só agora começais a questionar os vossos métodos e até as próprias perguntas.² O verdadeiro físico seria capaz de formular as perguntas a partir do seu estado habitual de consciência e, depois, orientar essa consciência noutras direções, onde seria conduzido a aventuras de contacto com a realidade, durante as quais as próprias perguntas se transformariam. E, então, as respostas seriam apreendidas pelo sentimento.

² Na física, questionar é certamente a tendência atual, ainda que dentro dos próprios termos da disciplina. Há dois meses, um importante jornal da Costa Leste publicou um extenso artigo acerca da “agitação” e da “confusão” em que a física moderna se encontra devido a descobertas recentes ao nível atômico e subatômico.

Muitos desses novos factos contradizem antigos factos respeitados e estão a conduzir a perguntas anteriormente inéditas ou rejeitadas, relacionadas com as estruturas internas de processos quase sem dimensão, como o eletrão, que se move em torno do núcleo atômico, e as várias partículas “mais pesadas” que constituem o próprio núcleo.

Suspeita-se agora de que, pelo menos em muitos casos, algumas das leis fundamentais da natureza não se encontram diretamente disponíveis para nós — de que o nosso mundo nos apresenta frequentemente apenas uma representação aproximada das suas qualidades fundamentais.

A ciência necessita de novas teorias que unifiquem, tanto quanto possível, as quatro forças da natureza — gravidade, eletromagnetismo e as forças atômicas “forte” e “fraca” —, em vez de as separar como no passado. Dizem-nos agora que a simplicidade é o elemento essencial.

(E, de forma muito simples, a ideia de que os “horizontes de acontecimentos” dos buracos negros possam emitir luz detetável poderia constituir um passo para a unificação de algumas dessas forças — a gravidade e o eletromagnetismo —, tal como são tratadas, respetivamente, pela teoria da relatividade e pela teoria quântica.

— Contudo, a maioria dos físicos não confia em respostas apreendidas pelo sentimento. Considera-se que o sentimento possui muito menos validade do que um diagrama. Parece-vos que não conseguiríeis fazer funcionar o vosso mundo com base nos sentimentos — mas também não estais a conseguir fazê-lo muito bem com base em diagramas!

— Em muitos casos, os vossos cientistas parecem possuir a estranha ideia de que podem compreender uma realidade destruindo-a; que podem perceber o mecanismo vital de um animal matando-o; ou que podem examinar melhor um fenómeno separando-se dele.

— Assim, procurais frequentemente examinar a natureza do cérebro humano destruindo o cérebro dos animais, separando partes do cérebro animal dos seus restantes componentes, isolando-as e interferindo na integridade global tanto do animal em questão como dos vossos próprios processos espirituais.

— Com isto quero dizer que cada tentativa desse tipo vos deixa ainda mais descontextualizados em relação a vós próprios, ao vosso ambiente e às outras espécies.

— Embora possais “aprender” certos pretensos factos, sois conduzidos para ainda mais longe de qualquer conhecimento amplo, porque esses chamados factos se interpõem no caminho. Ainda não compreendeis a singularidade da consciência.

— *É absurdo acreditar que se pode aprender alguma coisa acerca da consciência destruindo-a. É absurdo acreditar que se pode descobrir a mínima coisa acerca da realidade interior da vida quando a própria investigação conduz à sua destruição.*

— *A destruição, como a concebeis, pressupõe desde o início uma incompreensão da vida.*

— *Existem maneiras de te identificares com os animais, com os átomos e com as moléculas. Existem formas de aprender com os animais.*

— *Há métodos que podem ser utilizados para descobrir, por exemplo, como migram diferentes espécies e, depois, reproduzir tecnologicamente essas proezas, caso o desejês. Esses métodos não incluem a dissecação, pois aquilo que aprenderes dessa maneira não poderás utilizar.*

— *De certo modo, estais simplesmente a demonstrar uma exuberância excessiva, como crianças a experimentar um jogo novo. Descobrireis que, na melhor das hipóteses, estais a brincar com blocos infantis. Alguns de vós já chegaram a essa conclusão.*

— *À medida que este livro prosseguir, apresentarei algumas propostas iniciais acerca das formas pelas quais podeis utilizar a consciência para compreender a natureza da realidade e tornar mais claros alguns desses planos interiores.*

— *Mesmo nos vossos termos históricos e de tempo sequencial, enquanto espécie experimentastes vários métodos de lidar com o mundo físico. Nesta aventura mais recente, estais a descobrir que a manipulação exterior não é suficiente e que a tecnologia, por si só, não é "a resposta".*

— *Compreendei-me bem: nada há de errado numa tecnologia orientada pelo amor.*

— *Se Einstein tivesse sido melhor matemático³, não teria realizado as descobertas revolucionárias que realizou. Ter-se-ia sentido demasiado intimidado. Ainda assim, a própria matemática limitou-o e introduziu uma torção nas suas intuições.*

— *Muitas vezes, partis do princípio de que o conhecimento intuitivo não é prático, não funciona ou não produz diagramas. Contudo, esses mesmos diagramas de que a ciência tanto se orgulha podem também tornar-se barreiras, oferecendo-vos um conhecimento morto em vez de vivo. Podem, portanto, revelar-se bastante pouco práticos.*

— *Admito que estou a ser sorrateiro; mas, se não sentísseis necessidade de matar animais para adquirir conhecimento, também*

³ Evidentemente, Albert Einstein não era um grande matemático. Comentava frequentemente a sua fraca memória. Realizou grande parte do seu trabalho através da intuição e de imagens.

não teríeis guerras. Compreenderíeis muito melhor os equilíbrios da natureza.

— Se não sentísseis necessidade de destruir a realidade, nos vossos termos, para a compreender, não precisaríeis de dissecar animais na esperança de descobrir as causas das doenças humanas.

— Teríeis alcançado há muito um conhecimento vivo, no qual as doenças, enquanto tais, não ocorreriam. Teríeis compreendido há muito as ligações entre mente e corpo, sentimentos, saúde e doença.

— Não estou a dizer que teríeis necessariamente criado um mundo perfeito, mas que estaríeis a lidar mais diretamente com os planos da realidade.

Síntese Operativa

Este capítulo desenvolve uma nova concepção de ciência. Seth não rejeita a investigação, a tecnologia nem a mente consciente; rejeita uma ciência que procura compreender a vida separando-se dela, fragmentando-a ou destruindo-a. Em alternativa, apresenta a consciência como instrumento direto de investigação, capaz de identificar-se com a matéria, os organismos, as células, o tempo e outros níveis de realidade.

A função central do capítulo é esta:

o conhecimento integral da realidade exige que a consciência participe naquilo que procura compreender; a separação produz factos isolados, enquanto a identificação pode revelar os planos vivos que organizam a matéria, o corpo, a natureza e a experiência física.

1. Exterioridade e interioridade são complementares

O mundo físico possui uma exterioridade real e funcional, mas essa exterioridade está ligada a uma interioridade multidimensional.

interioridade multidimensional → projeção → mundo exterior

A realidade exterior não é falsa nem dispensável. É a forma através da qual desejos, crenças, intenções e conteúdos interiores adquirem expressão partilhada.

experiência interior privada → exteriorização → experiência física partilhada

Seth insiste, portanto, que valorizar a realidade interior não significa diminuir a experiência terrena.

2. A exteriorização possui propósito

Cada experiência física possui uma qualidade simultaneamente privada e partilhada.

origem interior → exteriorização → experiência única → participação coletiva

Sem exteriorização, essa experiência não poderia existir da mesma maneira. O mundo físico permite que conteúdos interiores sejam encontrados, vividos e reconhecidos numa forma comum.

interioridade → forma exterior → relação → aprendizagem

Os exercícios do livro não servem para fugir da Terra, mas para enriquecer a experiência terrena e compreender melhor a sua estrutura.

3. Os planos da realidade encontram-se no interior

A realidade física é o resultado visível de processos organizadores interiores.

planos interiores → energia → organização → matéria e acontecimentos

Investigar apenas o exterior significa estudar a manifestação sem alcançar plenamente o processo que a origina.

efeitos exteriores → conhecimento parcial

planos interiores → compreensão da formação da realidade

O objetivo da ciência da consciência é tornar esses planos mais reconhecíveis.

4. Identificação em vez de separação

Seth apresenta uma via de investigação que não depende necessariamente do sonho.

mente consciente → mudança de foco → identificação com o objeto estudado

Em vez de manter uma distância absoluta entre observador e objeto, o investigador permite que a consciência se aproxime funcionalmente da realidade investigada.

separação → observação exterior

identificação → participação → conhecimento interior

A identificação não significa perder discernimento. Significa ampliar o campo de percepção para incluir a dimensão interior do fenómeno.

5. Einstein como exemplo do físico mental

Einstein é apresentado como alguém capaz de se identificar intuitivamente com funções do universo.

intuição + emoção + imaginação → identificação → descoberta

Ele não tratava o tempo apenas como conceito matemático. Sentia-lhe a flexibilidade, a oscilação e a estrutura.

tempo como abstração → limitado

tempo sentido interiormente → realidade viva

A imagem de Einstein inclinando-se contra o tempo e sentindo-o ceder mostra o tipo de participação interior que Seth associa ao verdadeiro físico mental.

6. O físico mental

O físico mental é um explorador da consciência.

pergunta física → mudança de foco → exploração interior → pergunta transformada → resposta sentida

Não se limita a examinar o universo com instrumentos exteriores. Aprende a usar a própria consciência como instrumento percetivo.

instrumentos → registam

consciência → experiencia

Os instrumentos não sentem o tempo, a matéria ou a vida. A consciência sente-os e pode aprender a investigar essa experiência de forma disciplinada.

7. A mente consciente como limiar

O Elemento Prático 8 apresenta a mente consciente não como prisão, mas como limiar.

momento de consciência → caminho

outros caminhos convergentes → direções alternativas de foco

A consciência não precisa de ser destruída nem substituída. Precisa apenas de ser utilizada de modo diferente.

consciência habitual → mudança ligeira de direção → campo perceptivo ampliado

O exercício é comparado a alguém que permaneceu toda a vida voltado numa única direção e decide virar-se ligeiramente.

8. Alterar o foco não significa perder a identidade

Mudar a direção da consciência não implica modificar aquilo que se é.

corpo imóvel → pequena mudança de posição → visão ampliada

Do mesmo modo:

identidade preservada → mudança de foco → novas dimensões da consciência

A expansão perceptiva não ameaça a Personalidade de Foco. Apenas lhe permite reconhecer mais da realidade na qual já participa.

9. Dimensões da consciência

A humanidade conhece pouco das dimensões da própria consciência e das formas de consciência que parecem funcionar abaixo do seu limiar habitual.

consciência normal → faixa reconhecida

outras dimensões → atividade não reconhecida → continuidade profunda

O verdadeiro investigador ousa voltar-se para outras direções dentro da própria consciência.

investigação exterior → mundo visível

investigação interior → níveis organizadores da matéria e da vida

10. Estruturas interiores da matéria

A matéria contém estruturas interiores formadas por organizações de consciência ou UC.

UC → organizações de consciência → vórtices de energia → estruturas materiais

A matéria não é uma realidade inerte. É organização consciente estabilizada.

consciência → energia → padrão → matéria

O corpo humano participa diretamente dessa continuidade, pois as células e os átomos que o constituem pertencem ao mesmo campo de consciência.

11. Comunhão com as células

A Personalidade de Foco mantém comunicação e comunhão com as próprias células.

consciência humana → células → comunicação profunda

Essa relação não é normalmente reconhecida pela consciência de vigília, mas está presente noutros níveis.

nível habitual → desconhecimento

níveis interiores → conhecimento celular direto

O físico mental aprenderia a alcançar deliberadamente esse nível de comunicação.

12. Imagens interiores da matéria

Determinadas formas vistas de olhos fechados podem corresponder a organizações atômicas, moleculares ou celulares.

formas interiores → estruturas microscópicas → não reconhecimento consciente

Algumas pinturas abstratas podem igualmente representar, de forma inconsciente, organizações interiores da matéria.

percepção interior → tradução artística → pintura abstrata

A arte aparece novamente como via de conhecimento, não apenas como expressão estética.

13. A consciência pode entrar nos instrumentos

Ruburt é apresentado como exemplo de alguém capaz de projetar a consciência para o interior de pequenos instrumentos físicos.

consciência → componente tecnológico → atividade eletrônica → percepção interior

Seth sugere que a estrutura das partículas poderia ser estudada através desse tipo de identificação consciente.

partícula → não apenas medida exterior → experiência interior da sua atividade

O obstáculo principal não é apenas técnico, mas conceptual: a terminologia existente foi criada dentro de um enquadramento limitado.

14. As perguntas também precisam de mudar

Os termos utilizados condicionam as perguntas.

terminologia limitada → perguntas limitadas → respostas limitadas

Quando a consciência muda de direção, as próprias perguntas podem transformar-se.

pergunta inicial → experiência interior → reformulação → compreensão mais ampla

A verdadeira investigação não procura apenas novas respostas para perguntas antigas. Permite que a realidade reformule as próprias perguntas.

15. Respostas apreendidas pelo sentimento

Seth critica a desconfiança científica em relação ao sentimento.

- **diagrama** → considerado objetivo

- **sentimento** → considerado pouco válido

No entanto, o sentimento pode funcionar como modo de apreensão direta.

identificação → sentimento → reconhecimento interior

Isto não significa substituir rigor por reação emocional. Significa reconhecer o sentimento como canal de conhecimento quando ele emerge de uma consciência treinada e corretamente focalizada.

16. Conhecimento morto e conhecimento vivo

Os diagramas podem clarificar, mas também podem tornar-se barreiras.

diagrama → representação útil

identificação excessiva com o diagrama → realidade reduzida
→ conhecimento morto

O conhecimento vivo mantém ligação com o processo que procura compreender.

fenómeno vivo → participação → compreensão integrada

O conhecimento morto conserva apenas a estrutura exterior, separada da dinâmica que lhe dá origem.

17. Destruir para compreender

Seth critica a ideia de que uma realidade pode ser compreendida através da sua destruição.

animal vivo → morte → dissecação → factos isolados

O investigador pode obter determinados dados, mas perde a integridade viva do fenómeno.

destruição da totalidade → fragmentos → perda do contexto

A consciência, a vida e o organismo não podem ser plenamente compreendidos quando são eliminados durante o próprio processo de investigação.

18. A singularidade da consciência

Cada forma de consciência possui uma integridade própria.

consciência → organização singular → relação com ambiente e espécie

Interferir nessa totalidade sem compreender a sua natureza afasta o investigador da própria realidade que pretende conhecer.

fragmentação → descontextualização → conhecimento parcial

O facto isolado pode tornar-se obstáculo quando é confundido com a totalidade.

19. Aprender com os animais

Seth afirma que existem formas de identificação com os animais, os átomos e as moléculas.

identificação → comunicação → aprendizagem direta

A humanidade poderia aprender com os métodos migratórios das espécies e reproduzir algumas dessas capacidades tecnologicamente.

conhecimento animal → compreensão interior → aplicação tecnológica

Esse tipo de aprendizagem não exige dissecação, mas sintonia com os padrões vivos da espécie.

20. Tecnologia orientada pelo amor

Seth não condena a tecnologia.

tecnologia isolada → manipulação exterior

tecnologia orientada pelo amor → cooperação com os planos vivos

O problema não está na ferramenta, mas na relação estabelecida com a realidade.

domínio e destruição → tecnologia fragmentária

respeito e identificação → tecnologia integrada

Uma tecnologia amorosa trabalharia com os equilíbrios da natureza, não contra eles.

21. Conhecimento, violência e guerra

Seth estabelece uma ligação entre matar para conhecer e matar em guerra.

vida tratada como objeto sacrificável → destruição científica

mesma crença profunda → destruição humana e guerra

Ambos os comportamentos assentam numa incompreensão da integridade da vida.

separação → objetificação → destruição

identificação → compreensão → cooperação

A transformação da ciência teria, portanto, implicações éticas, sociais e políticas.

22. Mente, corpo, saúde e doença

Uma ciência viva teria reconhecido há muito as ligações entre:

mente → sentimentos → corpo → saúde e doença

A doença não seria estudada apenas através de tecidos, órgãos ou mecanismos separados, mas como processo integrado.

estrutura psíquica + experiência emocional + organização corporal → condição de saúde

Seth não promete um mundo perfeito, mas uma relação mais direta com os planos da realidade.

23. Conhecimento integral

O conhecimento integral não consiste simplesmente em acumular mais informação.

mais factos fragmentados ≠ maior compreensão

Ele resulta da integração de vários modos de consciência:

mente consciente + intuição + sentimento + sentidos interiores + identificação + observação exterior

Nenhum destes elementos precisa de eliminar os restantes.

análise + participação → conhecimento integral

A ciência da consciência amplia a ciência exterior, reintegrando nela aquilo que foi excluído: o observador, a experiência, o sentimento, a vida e a realidade interior.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

interioridade multidimensional → exteriorização física → consciência como limiar → mudança de foco → identificação com matéria e vida → perguntas transformadas → conhecimento integral

A ciência fragmentária pergunta:

Como posso separar, medir e decompor isto?

A ciência da consciência pergunta:

Como posso participar suficientemente nesta realidade para compreender a organização viva que a sustenta?

O conhecimento integral nasce quando a consciência deixa de se considerar exterior à realidade e reconhece que participa, interior e exteriormente, em tudo aquilo que procura compreender.

CAPÍTULO 25

Os Limites da Ciência Objetiva e a Física Mental da Realidade

— *Em última análise, o uso que fazeis dos instrumentos e a preocupação que tendes com eles enquanto ferramentas para estudar a natureza mais ampla da realidade ensinar-vos-ão uma lição importante: os instrumentos só são úteis para medir o nível de realidade em que eles próprios existem.*¹

— *Ajudam-vos a interpretar o universo em termos horizontais, por assim dizer. Contudo, no estudo das realidades mais profundas existentes dentro e “por detrás” desse universo, os instrumentos não são apenas inúteis, mas também enganadores. Não estou a sugerir que a sua utilização seja inútil — limito-me a assinalar as limitações que lhe são inerentes.*

¹ Cito Seth:

“Qualquer investigação do universo interior básico, que é o único universo real, deve ser realizada, tanto quanto possível, a partir de um ponto exterior às vossas próprias distorções... Para sairdes do vosso próprio universo, tendes de viajar para o interior...”

“As vossas chamadas experiências científicas, supostamente objetivas, podem continuar por toda a eternidade, mas limitar-se-ão a sondar cada vez mais profundamente, com instrumentos de camuflagem físicos, um universo de camuflagem...”

“O subconsciente, é verdade, possui elementos das suas próprias distorções, mas estas são mais fáceis de ultrapassar do que as toneladas de atmosfera de camuflagem distorcida que pesam sobre as vossas experiências científicas.”

— *A chamada ciência objetiva oferece-vos uma imagem, um modelo, que serviu suficientemente bem à sua maneira, permitindo-vos viajar até à Lua, por exemplo, e avançar numa tecnologia à qual, durante algum tempo, entregastes o coração.*

— *Contudo, dentro da estrutura da ciência objetiva, tal como existe atualmente, até a própria tecnologia acabará por encontrar um limite intransponível. Mesmo enquanto meio, a ciência objetiva só é útil durante algum tempo, porque colidirá constantemente com realidades interiores mais profundas que, devido ao próprio método e atitude, são necessariamente relegadas para segundo plano e ignoradas.*²

² O material de Seth acerca da tecnologia e da ciência conduzem às realidades interiores recorda-me dois exemplos relacionados de que tomei recentemente conhecimento através das minhas leituras. O primeiro envolve uma realidade interior mais íntima do que o segundo, mas ambos levantam questões interessantes. Cada leitor provavelmente poderá apresentar exemplos semelhantes.

(Contudo, como escrevi: “Não estou interessado em atacar a nossa tecnologia, mas em assinalar fatores interiores coexistentes que, estou certo, são igualmente importantes.”)

O meu primeiro exemplo diz respeito ao desenvolvimento das máquinas de biofeedback na década de 1960. Com um desses aparelhos, o indivíduo deveria aprender a controlar, quando necessário, a própria tensão arterial ou determinadas outras funções corporais involuntárias.

Sem dúvida, esse tipo de automonitorização é um exemplo da “tecnologia orientada pelo amor” que Seth mencionou no final da sua exposição deste capítulo; contudo, sabemos agora que as primeiras afirmações acerca do biofeedback foram consideravelmente exageradas.

Dentro de um contexto mais razoável, a técnica ocupará o seu lugar nos nossos sistemas médicos, mas, em cada caso, aquilo que aprendermos certamente salientará a necessidade de compreendermos as nossas realidades interiores individuais — isto é, o que causou, em primeiro lugar, a tensão arterial elevada ou qualquer outra condição.

O meu segundo exemplo nasce de um livro recente de astronomia. O autor explica as várias teorias acerca da origem do universo observável, composto por planetas, galáxias, quasares e assim por diante, apresentando as provas favoráveis e contrárias a cada teoria.

Contudo, quando surge a questão do que existia antes do aparecimento do nosso universo — ou de saber se este existe “desde sempre” —, dizem-nos que a ciência não se ocupa das origens nem dos fins últimos; somos remetidos para os domínios da teologia e/ou da filosofia em busca das respostas disponíveis.

É estranho, mas inevitável, penso eu, que a mente consciente, ao desenvolver disciplinas como o biofeedback e a astronomia — para utilizar os exemplos aqui considerados —, acabe por ser conduzida de volta às próprias fontes interiores.

— *Nenhuma ciência objetiva ou tecnologia esplêndida, por si só, manterá vivo sequer um homem ou uma mulher se esse indivíduo tiver decidido abandonar o corpo ou já não encontrar alegria na vida quotidiana.*

— *Uma tecnologia orientada pelo amor contribuiria sempre para o aprofundamento qualitativo e espiritual da experiência. A ordem interior da existência e a verdadeira ciência caminham juntas.*

— *O verdadeiro cientista não teme identificar-se com a realidade que escolheu estudar. Sabe que só então poderá ousar começar a compreender a sua natureza.*

— *Existem muitos cientistas não oficiais — verdadeiros cientistas nesse sentido — desconhecidos nesta época. Em termos exteriores, muitos são pessoas perfeitamente comuns, com outras profissões.*

— *Não é, contudo, por acaso que grandes descobertas são frequentemente realizadas por "amadores": pessoas relativamente livres dos dogmas oficiais, libertas da pressão para progredirem dentro de determinado campo e cuja criatividade flui livre e naturalmente nas áreas correspondentes aos seus interesses naturais.*

— *Sem identificação com a terra, o planeta e as estações, toda a vossa tecnologia não vos ajudará a compreender a Terra, nem sequer a utilizá-la eficazmente, quanto mais em toda a sua plenitude.*

— *Sem identificação com a espécie como um todo, nenhuma tecnologia poderá salvá-la.*

— *A menos que o ser humano se identifique também com as outras formas de vida com as quais partilha o mundo, nenhuma tecnologia o ajudará alguma vez a compreender a própria experiência. Estou a falar em termos muito práticos.*

— *Os aparelhos acabarão por nada vos ensinar acerca das dimensões da vossa própria consciência. Quando os utilizais — aparelhos de biofeedback, por exemplo — até para alcançar alterações da consciência, estais a programar-vos e a distanciar-vos de vós próprios.*

— *Esses aparelhos só podem ser úteis se vos mostrarem que tais alterações são naturalmente possíveis. Caso contrário, com as vossas ideias de ciência e tecnologia aplicadas, os aparelhos tornar-se-ão o elemento central, e será enfatizada a ideia de manipulação.*

— *Por outras palavras, a menos que se alterem as ideias subjacentes à ciência objetiva, os estados alterados produzidos por aparelhos serão quase certamente utilizados para manipular a consciência, em vez de a libertar.*

— *Não estou aqui a fazer uma previsão. Limito-me a apontar uma probabilidade existente.*

— Houve, de facto, civilizações no vosso planeta que compreenderam, tão bem quanto vós e sem o vosso tipo de tecnologia, o funcionamento dos planetas e o posicionamento das estrelas — povos que chegaram mesmo a prever alterações globais “posteriores”.

— Utilizavam uma física mental.

— Houve homens antes de vós que viajaram até à Lua e trouxeram de volta dados igualmente “científicos” e pertinentes. Houve povos que compreenderam a “origem” do vosso sistema solar muito melhor do que vós.

— Algumas dessas civilizações não necessitavam de naves espaciais.³ Em vez disso, homens altamente treinados, que combinavam as capacidades dos artistas-cientistas do sonho e dos

³ Na Sessão 40, de 1 de abril de 1964, Seth tinha algo a dizer acerca dos desafios que as viagens espaciais apresentariam à nossa civilização:

“...No que diz respeito às viagens espaciais, sois severamente limitados pelos elementos temporais envolvidos... Nos vossos termos, demorareis simplesmente demasiado tempo a chegar aos destinos pretendidos. Os cientistas começarão a procurar métodos mais fáceis. Já agora estão a ser forçados a considerar as possibilidades da telepatia como meio de comunicação, e serão conduzidos cada vez mais nessa direção.

“É perfeitamente possível que acabeis, naquilo que pretendeis ser uma viagem espacial, por descobrir que ‘viajastes’ para outro plano [probabilidade]. No início, porém, não reconhecereis a diferença.”

E, na Sessão 45, vinte dias mais tarde:

“...A vossa teoria atual do universo em expansão está errada. As viagens espaciais serão abandonadas quando os vossos cientistas descobrirem que o espaço, tal como o conheceis, é uma distorção e que a viagem de uma chamada galáxia para outra é realizada libertando o corpo físico da camuflagem [matéria].

“O veículo das chamadas viagens espaciais é a mobilidade mental e psíquica, em termos de transformação psíquica da energia...”

físicos mentais, cooperavam em viagens não apenas através do tempo, mas também do espaço.

— Existem mapas antigos desenhados a partir de uma perspectiva situada a mais de trezentos quilómetros de altitude, meticulosamente concluídos depois do regresso dessas viagens.

— Existem também esboços de átomos e moléculas, desenhados depois de homens e mulheres treinados terem aprendido a arte de se identificarem com esses fenómenos.

— Há elementos significativos ocultos nos arquivos de muitos depósitos arqueológicos que não reconheceis porque não estabeleceste as ligações adequadas — e, em alguns casos, porque ainda não avançastes o suficiente para compreender a informação.

— Contudo, o impulso e a orientação específicos da vossa ciência opuseram-se diretamente ao desenvolvimento dessas ciências interiores, de modo que, até agora, cada passo dado numa direção vos afastou, em certa medida, da outra.

— Ainda assim, todas as ciências assentam no desejo de conhecimento, pelo que surgem pontos de interseção mesmo entre os caminhos mais divergentes — e encontrais-vos agora num desses pontos.

— A vossa ciência chegou à conclusão lógica do seu próprio percurso. Não é suficiente, e alguns suspeitam de que os seus métodos e atitudes contêm uma limitação intrínseca.

— Os físicos estão, por assim dizer, a ultrapassar os próprios pressupostos, entrando em campos onde nem os seus instrumentos conseguem acompanhá-los e onde nem todas as regras se aplicam.

— Nem sequer o profeta Einstein os conduziu suficientemente longe. Não podeis permanecer separados de uma realidade e fazer mais do que apresentar diagramas dela. Não compreendereis o seu coração vivo nem a sua natureza.

— O comportamento dos eletrões, por exemplo, escapará ao vosso conhecimento tecnológico, pois, nos termos mais profundos, aquilo que "percecionareis" será uma fachada, uma manifestação superficial ou uma ilusão.

— Até agora, dentro das regras do jogo, conseguistes fazer funcionar os vossos "factos" acerca dos eletrões. Contudo, acompanhar a atividade multidimensional destes é outra matéria, e necessitais, se me perdoardes, de um meio mais rápido.

— Os planos da realidade encontram-se num nível ainda mais fundamental do que a atividade dos eletrões.

— Enquanto pensardes em termos de partículas subatômicas, estareis fundamentalmente fora do rumo — e o mesmo acontece quando pensais em termos de ondas.

— A ideia de campos inter-relacionados aproxima-se mais, evidentemente; contudo, mesmo aí estais apenas a substituir uma espécie de termo por outro semelhante, apenas ligeiramente diferente.

— Em todos esses casos, ignorais a realidade da consciência, bem como as suas organizações em gestalt e respetivas manifestações.

— Enquanto não percecionardes a consciência inata subjacente a qualquer manifestação “visível” ou “invisível”, estareis a impor uma barreira concreta ao vosso próprio conhecimento.

— O vocabulário de Ruburt não é um vocabulário científico oficial. Nem, para os nossos propósitos, deveria sê-lo — pois esse vocabulário é limitador.

— Na linguagem mais simples possível e, até certo ponto, nos vossos próprios termos, a rotação do eletrão determina, do vosso ponto de vista, as “sequências” temporais.

— Nesses termos, portanto, uma rotação invertida corresponde a um movimento temporal invertido.

— *Há muito que não podeis observar. Há também muito que é extremamente difícil explicar, simplesmente porque a vossa estrutura verbal assenta, por si só, em determinados pressupostos.*

— *Contudo, os eletrões rodam simultaneamente em muitas direções⁴, um efeito impossível de perceber por vós. Apenas podeis teorizar a seu respeito.*

— *Existem "momentos eletromagnéticos assim alcançados e mantidos", determinadas estabilidades que operam e preservam a*

⁴ Seth afirmou no Capítulo 3:

"Os átomos podem mover-se simultaneamente em mais do que uma direção."

Enquanto artista, a minha reação intuitiva a essa afirmação foi associar a capacidade multidirecional do átomo às noções de Seth acerca do tempo simultâneo e das probabilidades.

Como os eletrões são as partículas ou processos que se movem em torno do núcleo do átomo, estabeleço agora a mesma associação em relação a eles.

Assim, segundo Seth, temos uma dança extremamente complexa e profunda de unidades ou essências — um comportamento que, na verdade, não se presta à tradução verbal.

Os físicos começaram a falar da rotação dos eletrões em 1925; pouco depois, começaram a considerar também a rotação dos componentes do próprio núcleo.

Contudo, essa rotação não corresponde ao movimento orbital do eletrão em torno do núcleo; de forma muito resumida, é antes uma medida do campo magnético do eletrão.

A reversão temporal ou simetria das partículas, bem como a equivalência entre espaço e tempo, constituem princípios da física relativista e da teoria quântica.

Contudo, no material de que disponho acerca da própria rotação do eletrão, não encontrei qualquer discussão das ideias de Seth relativas:

a) a uma rotação invertida do eletrão e à consequente inversão temporal;

b) aos eletrões rodarem simultaneamente em muitas direções, mesmo que pudéssemos compreender tal situação.

Esses conceitos, associados à rotação dos eletrões, poderão ser tratados na literatura da física, mas são-me desconhecidos ou ultrapassam a minha compreensão limitada. Estou igualmente certo de que, em termos comuns, Jane nada sabe acerca deles.

Diria, antes, que o material de Seth nasceu da compreensão intuitiva e mística de Jane de que o espaço e o tempo estão entretecidos.

própria integridade, embora estas possam não ser “iguais” em todas as fases da rotação.

— Estabelecem-se igualdades “entre” as desigualdades.

— O tempo, nos vossos termos, está, portanto, continuamente a girar de novo para trás, com a mesma certeza com que gira de novo em direção ao futuro.

— E gira para fora e para dentro, através de todas as probabilidades em simultâneo.

— Existem, ainda assim, impulsos desiguais em todas as direções, embora possam ser identificadas “igualdades” quando a atenção se concentra apenas em determinadas fases da rotação.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a crítica de Seth à ciência objetiva, mas não a rejeita. Mostra antes que ela possui um campo válido e limitado: consegue medir, modelar e manipular o nível de realidade em que os seus instrumentos existem, mas não alcança, por si só, as estruturas interiores que sustentam a matéria, o tempo, a vida e a consciência.

A função central do capítulo é esta:

a ciência objetiva descreve a superfície organizada da realidade; a física mental procura compreender a consciência, os planos interiores e os processos multidimensionais dos quais essa superfície emerge.

1. Os instrumentos medem apenas o seu próprio nível de realidade

Os instrumentos físicos pertencem ao mundo físico.

instrumento físico → nível físico → medição válida dentro desse nível

Por isso, conseguem medir com precisão os fenômenos que partilham a mesma estrutura de realidade.

matéria → energia física → movimento → posição → medição instrumental

Mas essa competência não se estende automaticamente às realidades interiores.

realidade interior → não pertence ao mesmo nível instrumental
→ medição inadequada

O problema não está no instrumento. Está em usá-lo como se pudesse alcançar tudo.

2. A ciência objetiva interpreta o universo horizontalmente

A ciência objetiva oferece uma imagem horizontal do universo.

objetos → relações externas → movimento → causalidade física

Essa imagem permitiu grandes realizações tecnológicas, incluindo viagens espaciais e domínio crescente sobre processos materiais.

modelo físico → aplicação tecnológica → eficácia prática

Contudo, uma descrição horizontal não alcança necessariamente a profundidade organizadora da realidade.

superfície física → estrutura observável

interioridade → origem e organização

3. A tecnologia encontra um limite intrínseco

A tecnologia pode desenvolver-se enormemente, mas acaba por encontrar um limite quando os fenómenos estudados dependem de realidades interiores que o seu próprio método exclui.

método objetivo → separação → exclusão do observador e da consciência

realidade profunda → consciência, intenção, sentido, interioridade

Quando a ciência exclui esses fatores por princípio, encontra barreiras que não são apenas técnicas.

limite técnico aparente → limite conceptual profundo

A dificuldade não está apenas em construir melhores instrumentos. Está em ampliar a própria concepção de realidade.

4. A tecnologia não substitui o sentido de viver

Nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, consegue manter alguém vivo se essa pessoa tiver decidido abandonar o corpo ou já não encontrar alegria na existência.

corpo → não apenas mecanismo

vida → sentido + desejo + consciência + participação

A manutenção da vida não depende apenas de processos materiais.

tecnologia médica → suporte

vontade de viver → dimensão interior

A realidade humana não pode ser reduzida ao funcionamento do organismo.

5. Tecnologia orientada pelo amor

Seth não se opõe à tecnologia. Propõe uma tecnologia orientada pelo amor.

tecnologia sem identificação → manipulação

tecnologia com identificação → cooperação

Uma tecnologia amorosa aprofundaria qualitativa e espiritualmente a experiência.

conhecimento técnico + respeito pela vida → aprofundamento

poder técnico sem integração → separação

O critério não é apenas aquilo que a tecnologia consegue fazer, mas a relação que estabelece com a realidade.

6. A verdadeira ciência identifica-se com o que estuda

O verdadeiro cientista não teme identificar-se com a realidade investigada.

observação exterior → descrição

identificação interior → compreensão

Essa identificação não elimina o rigor. Acrescenta-lhe uma dimensão participativa.

distância crítica + participação consciente → conhecimento mais amplo

A realidade não é plenamente compreendida enquanto o investigador se considera totalmente separado dela.

7. Os cientistas não oficiais

Seth chama a atenção para cientistas não oficiais.

interesse natural → curiosidade → liberdade criativa → descoberta

Muitos não pertencem a instituições científicas nem exercem profissões ligadas à investigação.

pessoa comum → atenção profunda → identificação → conhecimento

A liberdade em relação aos dogmas oficiais permite que certas descobertas ocorram fora das estruturas reconhecidas.

pressão institucional → conformidade

liberdade interior → criatividade

8. O amador como investigador livre

As descobertas realizadas por “amadores” não são acidentais.

interesse espontâneo → ausência de pressão profissional → exploração livre

O amador não está necessariamente preso à necessidade de progredir numa carreira, proteger uma teoria ou respeitar fronteiras disciplinares.

curiosidade natural → experimentação → abertura

Isto permite que a criatividade siga o próprio movimento.

9. Compreender a Terra exige identificação com ela

Não é possível compreender verdadeiramente a Terra sem identificação com:

terra → planeta → estações → ciclos vivos

A tecnologia pode explorar recursos, prever fenómenos ou transformar paisagens, mas isso não equivale a compreender o planeta.

utilização → não necessariamente compreensão

identificação → participação nos ritmos naturais

A relação com a Terra precisa de ser experiencial, não apenas instrumental.

10. A espécie só pode ser salva por identificação consigo mesma

Nenhuma tecnologia poderá salvar a espécie se os seres humanos não se reconhecerem como parte de uma totalidade comum.

indivíduo isolado → fragmentação

identificação com a espécie → responsabilidade coletiva

O futuro humano não depende apenas de instrumentos, energia ou conhecimento técnico.

tecnologia + separação → risco

tecnologia + identificação coletiva → possibilidade de continuidade

11. Identificação com outras formas de vida

O ser humano não compreenderá a própria experiência enquanto se considerar separado das outras espécies.

humanidade → animais → plantas → ecossistemas → continuidade viva

A consciência humana está inserida numa rede de vida.

outras espécies → não cenário → participantes da realidade terrestre

Sem esse reconhecimento, a tecnologia reforça a distância em vez da compreensão.

12. Os aparelhos não revelam as dimensões da consciência

Aparelhos como os de biofeedback podem mostrar que determinadas alterações da consciência são possíveis.

aparelho → sinal → confirmação exterior

Mas não produzem, por si mesmos, compreensão interior.

alteração medida → não equivale a autoconhecimento

Quando a pessoa depende do aparelho para alcançar um estado, pode começar a programar-se externamente.

instrumento como apoio → útil

instrumento como centro → dependência e manipulação

13. Alteração natural ou manipulação da consciência

Os aparelhos só são verdadeiramente úteis quando demonstram capacidades naturais já presentes.

aparelho → mostra possibilidade → consciência aprende diretamente

Caso contrário, o foco desloca-se para a manipulação.

estado alterado produzido exteriormente → controle

estado alcançado interiormente → liberdade

O perigo não está no dispositivo em si, mas nas ideias que orientam o seu uso.

14. Civilizações que desenvolveram ciências interiores

Seth afirma que existiram civilizações capazes de compreender planetas, estrelas e alterações globais sem a tecnologia atual.

observação interior → física mental → conhecimento astronômico

Essas culturas usavam métodos diferentes dos instrumentos modernos.

consciência treinada → identificação → percepção ampliada

O conhecimento não dependia exclusivamente da mediação tecnológica.

15. A física mental

A física mental combina capacidades da consciência que a ciência objetiva separou.

artista-cientista do sonho + físico mental → investigação multidimensional

Ela envolve:

- identificação
- mobilidade da consciência
- sonho treinado
- percepção interior
- exploração do tempo e do espaço

A física mental não substitui simplesmente a física comum. Investiga a realidade a partir de outro nível.

16. Viagens sem naves espaciais

Algumas civilizações, segundo Seth, realizavam viagens através do tempo e do espaço sem naves.

mobilidade mental e psíquica → deslocação experiencial

Essas viagens permitiam recolher informação e produzir mapas.

viagem interior → observação → regresso → representação física

O corpo físico não era necessariamente o veículo principal.

17. Mapas e esboços obtidos por identificação

Seth menciona mapas desenhados a partir de grande altitude e esboços de átomos e moléculas.

identificação com fenómeno → percepção interior → desenho

A representação exterior surgia depois da experiência interior.

experiência direta → tradução simbólica → mapa ou esboço

A arte funcionava como registo científico.

18. Arquivos arqueológicos incompreendidos

Há, segundo Seth, significados ocultos em objetos e arquivos arqueológicos.

objeto antigo → informação presente

observador moderno → ligação conceptual ausente

A informação não é reconhecida porque falta o enquadramento necessário.

dados existentes → interpretação limitada

O problema não é ausência de vestígios, mas incapacidade de estabelecer as ligações adequadas.

19. Duas direções científicas

A ciência objetiva e as ciências interiores seguiram direções diferentes.

ciência exterior → instrumentos, medição, manipulação

ciência interior → identificação, consciência, mobilidade psíquica

Cada passo dado exclusivamente numa direção afastou a humanidade da outra.

especialização unilateral → perda de complementaridade

Contudo, ambas nascem do desejo de conhecimento.

desejo comum → possibilidade de interseção

20. O ponto de interseção

Seth afirma que a humanidade chegou a um ponto de interseção.

ciência objetiva → conclusão lógica do próprio percurso

fenómenos profundos → instrumentos insuficientes

Os físicos encontram-se diante de realidades que ultrapassam os pressupostos tradicionais.

partículas → ondas → campos → consciência

A investigação começa a aproximar-se de questões que exigem outra concepção de conhecimento.

21. Os físicos ultrapassam os próprios pressupostos

Os físicos entram em domínios onde as regras anteriores deixam de funcionar de modo simples.

- **instrumentos** → chegam ao limite
- **teorias** → tornam-se paradoxais
- **realidade** → excede o modelo

Isto não representa o fracasso da ciência. Representa a aproximação a um campo mais profundo.

limite → possibilidade de transformação

22. Diagramas não revelam o coração vivo

É possível permanecer separado de uma realidade e produzir diagramas sobre ela.

distância → descrição estrutural

Mas o diagrama não contém o coração vivo do fenómeno.

estrutura representada → não totalidade

vida do fenómeno → experiência interior + relação + consciência

A representação não deve ser confundida com aquilo que representa.

23. O comportamento dos eletrões escapa ao modelo exterior

Os eletrões podem ser descritos e utilizados dentro das regras atuais.

factos operativos → previsões → tecnologia

Mas a sua atividade multidimensional ultrapassa esses modelos.

comportamento observado → fachada funcional

atividade profunda → probabilidades, tempo e consciência

O que a ciência percebe é uma manifestação parcial.

24. Partículas, ondas e campos

Seth apresenta uma progressão conceptual:

- **partículas** → modelo demasiado localizado
- **ondas** → modelo mais dinâmico
- **campos inter-relacionados** → maior aproximação

Contudo, nenhuma dessas formulações é suficiente enquanto a consciência for ignorada.

campo sem consciência → estrutura incompleta

A mudança de termos não resolve o problema fundamental.

25. A consciência subjacente às manifestações

Toda a manifestação visível ou invisível possui consciência inata subjacente.

consciência → organização em gestalt → manifestação

A matéria não surge primeiro para depois adquirir consciência.

consciência → forma → matéria

Enquanto a ciência não reconhecer essa base, imporá uma barreira ao próprio conhecimento.

26. Os planos da realidade são mais fundamentais do que os eletrões

A atividade eletrónica não é o nível último.

planos da realidade → organização profunda → atividade eletrónica → matéria

Os planos encontram-se num nível mais fundamental do que aquilo que a física reconhece como partícula ou onda.

eletrão → manifestação

consciência organizadora → fundamento

A física mental procura alcançar precisamente esse nível.

27. O vocabulário científico também limita

O vocabulário oficial incorpora pressupostos.

palavra → conceito → limite percetivo

Quando a linguagem foi construída para descrever apenas fenómenos físicos, torna-se inadequada para falar de atividade multidimensional.

estrutura verbal → pressupostos prévios → dificuldade de tradução

A linguagem não é neutra. Organiza aquilo que pode ser pensado.

28. Rotação eletrónica e sequência temporal

Seth relaciona a rotação do eletrão com as sequências temporais percecionadas.

rotação eletrónica → organização temporal → sequência reconhecida

Uma rotação invertida corresponderia, nos seus termos, a movimento temporal invertido.

rotação invertida → direção temporal invertida

O tempo deixa de ser simples linha exterior e passa a estar ligado à própria atividade da matéria.

29. Movimento simultâneo em várias direções

Os elétrons rodam simultaneamente em muitas direções.

movimento multidirecional → não percecionável pelos sentidos

A consciência física só consegue teorizar sobre esse comportamento.

atividade simultânea → tradução limitada → modelo parcial

O elétron participa numa realidade mais ampla do que aquela que o observador consegue representar.

30. Igualdades entre desigualdades

A rotação contém impulsos desiguais.

impulsos diferentes → estabilidades locais

Quando a atenção se concentra apenas em determinadas fases, podem ser identificadas igualdades.

seleção percetiva → igualdade observada

Isto sugere que a regularidade física pode resultar de uma observação parcial de uma atividade muito mais complexa.

complexidade multidimensional → seleção → lei física aparente

31. O tempo gira em várias direções

O tempo gira:

- para trás
- para o futuro
- para dentro
- para fora
- através de todas as probabilidades

A sequência temporal comum é apenas uma das orientações possíveis.

tempo linear → faixa selecionada

tempo simultâneo → atividade multidirecional

A realidade física estabiliza uma parte dessa atividade como continuidade temporal.

32. Ciência objetiva e física mental como complementares

O capítulo não exige o abandono da ciência objetiva.

ciência objetiva → mede manifestações

física mental → investiga fundamentos interiores

A complementaridade surge quando cada uma reconhece o próprio alcance.

medição exterior + identificação interior → conhecimento mais integral

A ciência objetiva torna-se problemática apenas quando se apresenta como explicação total da realidade.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

instrumentos físicos → medição horizontal → limite conceptual → identificação com a realidade → física mental → consciência subjacente → matéria, elétrons, tempo e probabilidades

A ciência objetiva pergunta:

Que regularidades podem ser medidas neste nível da realidade?

A física mental acrescenta:

Que consciência, organização interior e atividade multidimensional tornam essas regularidades possíveis?

A realidade não será plenamente compreendida enquanto a ciência medir apenas as suas manifestações exteriores e ignorar a consciência viva que as organiza.

CAPÍTULO 26

O Médico Completo, as Dinâmicas da Saúde e os Planos Interiores da Realidade

— Os aspetos multidimensionais do eletrão não podem ser percecionados no vosso sistema tridimensional através de instrumentos já predispostos ou previamente focalizados para medir apenas determinados tipos de efeitos.

— Embora isto possa parecer quase sacrílego do ponto de vista científico, é possível compreender a natureza do eletrão e a sua realidade mais ampla através de certos modos de focalização da consciência — sondando-o, por exemplo, com um feixe «laser» de consciência finamente focalizado e sintonizado. Mais será dito sobre isto adiante, neste livro. Até agora, em todas as vossas investigações, têm sondado condições exteriores em busca da sua natureza interior.

— Para tornar isto claro: quando dissecam um animal, por exemplo, continuam a lidar apenas com o «interior» da realidade exterior, ou com outro nível de exterioridade. De certo modo, quando sondam os céus com os vossos instrumentos, estão a fazer a mesma coisa. Existe uma diferença entre isso e a interioridade da qual emerge toda a matéria. É aí que se encontram os planos da

realidade. Há várias maneiras de estudar a realidade. Vejamos um exemplo muito simples.

— *Suponham que um cientista encontrava uma laranja pela primeira vez e utilizava todos os instrumentos disponíveis para a examinar, mas se recusava a tocar-lhe, prová-la, cheirá-la ou envolver-se pessoalmente com ela de qualquer outra forma, por receio de perder a objetividade científica.*

— *Em termos sensoriais, pouco aprenderia acerca da laranja, embora pudesse isolar os seus elementos, prever onde poderiam ser encontradas outras e formular teorias acerca do seu ambiente. Contudo, a interioridade mais profunda da laranja também não se encontra em nenhum ponto dentro da sua casca. As sementes são os veículos físicos das laranjas futuras, mas foram os planos dessa realidade que formaram as sementes. Perante dilemas desta natureza, acabam sempre por regressar à questão de saber o que surgiu primeiro e iniciam outra alegre perseguição. Como pensam em termos de tempo consecutivo, parece-vos que teve de existir um primeiro ovo ou uma primeira semente. Os planos da realidade existem, contudo, em dimensões desprovidas dessa sequência temporal.*

— *O ponto de acesso mais próximo à interioridade de que falo é a vossa própria consciência, embora a utilizem como instrumento para examinar o universo exterior. Ela é, porém, fundamentalmente livre dessa realidade, não está confinada à saga da vida e da morte e, noutros níveis, lida com os planos da sua própria existência física.*

— *Em toda a gestalt que se estende da consciência celular à consciência do «self», existe um vasto campo de conhecimento — grande parte do qual se encontra atualmente disponível de forma «inconsciente» — utilizado para manter a integridade do corpo no espaço e no tempo. Tendo a mente consciente como diretora, não existe qualquer razão para que grande parte desse conhecimento não possa tornar-se normal e naturalmente acessível.*

— *Existe, portanto, uma realidade interior inteiramente válida, vital, real e imensamente criativa, bem como uma sequência interior de acontecimentos da qual emergem o vosso universo e a vossa vida atuais. Qualquer verdadeiro cientista acabará por ter de aprender a entrar nesse domínio da realidade.*

— *As chamadas abordagens objetivas só funcionam quando lidam com os chamados efeitos objetivos — e os vossos físicos estão a aprender que, mesmo dentro desse enquadramento, muitos «factos» só o são em determinadas frequências¹ ou sob determinadas condições. Restam-vos «factos operativos» que vos ajudam a agir no vosso próprio quintal; mas esses factos transformam-se em preconceitos quando tentam aventurar-se para além da vossa vizinhança cósmica e descobrem que as vossas ideias preconcebidas, próprias do vosso sistema, não se aplicam fora do contexto em que surgiram.*

¹ Os físicos atribuem uma frequência, ou vibração em movimento periódico, a todos os objetos do nosso universo — galáxias, estrelas, planetas, ondas-partículas subatômicas, e assim por diante. Considera-se que a forma é uma expressão da frequência. Alguns cientistas afirmam atualmente que as conhecidas «vibrações» de que os médiuns falam — vibes, no jargão popular — representam ou se aproximam dessa propriedade. Seth mencionou as frequências pela primeira vez neste capítulo.

— *Por causa das vossas atitudes, as ideias não vos parecem tão reais nem tão práticas como os objetos. Aos pensamentos não é atribuída a mesma validade que às pedras, às árvores, às latas de cerveja ou aos automóveis. Nos vossos termos, um automóvel leva-vos a algum lado. Não compreendem a enorme mobilidade do pensamento nem apreendem a sua natureza prática.*

— *Criam o vosso mundo e, num sentido importante, os vossos pensamentos são realmente os planos pessoais imediatos desse mundo. Quando manipulam objetos, sentem-se eficientes. A manipulação dos pensamentos é muito mais prática. Eis um breve exemplo.*

— *A vossa tecnologia médica pode ajudar-vos a «vencer» uma doença após outra — algumas delas, na verdade, provocadas por essa mesma tecnologia — e sentir-se-ão muito eficientes enquanto realizam transplantes cardíacos e combatem um vírus após outro. Contudo, tudo isso não fará mais do que permitir que as pessoas morram, talvez, de outras doenças ainda «não vencidas».*

— *As pessoas morrerão quando estiverem preparadas para isso, seguindo determinações e dinâmicas interiores. Uma pessoa preparada para morrer morrerá apesar de qualquer medicação. Uma pessoa que queira viver agarrar-se-á ao mais pequeno vislumbre de esperança e responderá a ele. As dinâmicas da saúde nada têm que ver com inoculações. Residem na consciência de cada ser. Nos vossos termos, são reguladas pelas emoções, pelos desejos e pelos pensamentos.*

— *Um verdadeiro médico não pode ser cientificamente objetivo. Não pode separar-se da realidade do seu paciente. No entanto, normalmente, as próprias palavras e os métodos do médico separam literalmente o paciente de si próprio.*

— *A doença é vista quase como uma coisa separada da pessoa do paciente — algo que lhe foi imposto — e sobre a qual ele possui pouco controlo.*

— *A condição é analisada e é recolhida uma amostra de sangue. Para o médico, esta passa a ser «uma amostra de sangue». O paciente poderá gritar silenciosamente: «Isso não é apenas uma amostra de sangue — é o meu sangue que estão a retirar.» Contudo, é desencorajado de se identificar com o sangue do seu próprio ser físico, de tal modo que até o seu sangue lhe parece estranho.*

— *Os planos da realidade, em termos mais amplos, residem dentro de vocês. Em termos individuais, fazem parte do vosso ser.*

— *Até certo ponto, proponho neste livro uma abordagem diferente. Até agora, os planos da realidade permaneceram em grande medida desconhecidos. Os vossos métodos tornam-nos invisíveis; por isso, proponho aqui maneiras através das quais a realidade desconhecida poderá tornar-se conhecida.*

— Já mencionei o artista-cientista do sonho e o verdadeiro físico mental nos Capítulos 23 e 24. Gostaria de acrescentar agora o médico completo.

— O médico completo seria uma pessoa que tivesse aprendido a compreender as dinâmicas do ser e a relação entre a alma e o corpo — alguém que fosse saudável no seu próprio corpo.

— As pessoas infelizes não podem ensinar-vos a ser felizes. As pessoas doentes não podem ensinar-vos a ter saúde. Os psiquiatras apresentam uma elevada taxa de suicídio. Porque pensam que podem ajudar-vos a viver com felicidade ou aumentar a vossa vitalidade? Os médicos estão longe de ser os homens mais saudáveis.² Porque pensam que podem curar-vos?

— Ora, dentro do vosso enquadramento de crenças, os psiquiatras e os médicos são úteis. Sabem mais do que vocês acerca das técnicas que todos aceitam. Enquanto a sociedade aceitar essas

² As estatísticas atuais mostram que, nos Estados Unidos, a taxa de suicídio entre psiquiatras, médicos e dentistas é três a quatro vezes superior à do resto da população. Discute-se atualmente muito acerca das tensões e frustrações adicionais experienciadas por quem trabalha nas áreas médicas, para além dos traços de personalidade ou dos conflitos que podem levar uma pessoa a pôr termo à própria vida. O suicídio de um médico, por exemplo, poderá ser desencadeado pela sua incapacidade de desempenhar o papel que a sociedade espera dele.

Grande parte do material de A Natureza da Realidade Pessoal diz respeito à natureza das crenças e aos ambientes físicos e mentais criados, individual e coletivamente, em resultado dessas crenças. Por conseguinte, vários capítulos desse livro abordam diretamente a saúde e a doença ou aproximam-se desses temas por diferentes vias.

Os capítulos 16 e 17, em particular, contêm material sobre aquilo a que Seth chama hipnose natural, bem como sobre a medicina ocidental, os médicos, as sugestões associadas aos seguros médicos e à literatura sobre «saúde», a alimentação, o parto, os hospitais, a morte natural, o bem e o mal, e assim por diante.

técnicas, dependerão delas até certo ponto e deverão pensar duas vezes antes de as abandonar.

— Porém, em questões mais amplas e vitais, o médico doente não sabe tanto acerca da saúde como uma pessoa «sem instrução nem formação», mas saudável — e estou a falar em termos inteiramente práticos. A pessoa saudável compreende as dinâmicas da saúde.

— Dentro do vosso enquadramento, parece-vos que a compreensão dessa pessoa possui pouco valor prático para alguém que esteja, por exemplo, doente. Contudo, uma verdadeira profissão médica seria, literalmente, uma profissão da saúde. Procuraria pessoas saudáveis e aprenderia com elas a promover a saúde, em vez de aprender a representar esquematicamente a doença.

— Isto situa-se, porém, ao nível mais superficial. Uma verdadeira profissão de cura — ou, melhor, da saúde — lidaria intimamente com os poderes da psique na cura do corpo e com a inter-relação entre os desejos, as crenças e as atividades da mente consciente, bem como com os efeitos que exercem sobre o comportamento celular.

— A realidade «desconhecida». Desconhecida ou não, é com ela que estão a trabalhar.

Síntese Operativa

Este capítulo prolonga a crítica de Seth à ciência objetiva, mas desloca-a para o campo da saúde. O problema central não está apenas nos limites da medicina, mas no enquadramento a partir do qual o corpo, a doença, a cura e a morte são interpretados.

A medicina convencional trabalha sobretudo com os efeitos exteriores da realidade corporal. Examina órgãos, tecidos, sangue, vírus e sintomas, mas tende a separar esses elementos da consciência, das crenças, dos desejos e das dinâmicas interiores da pessoa.

Seth propõe, em alternativa, a figura do médico completo:

aquele que compreende a relação entre consciência, psique, corpo, saúde e doença, e que aprende a promover a saúde em vez de se limitar a descrever a doença.

O movimento central do capítulo pode ser representado assim:

planos interiores da realidade → consciência → crenças, emoções e desejos → comportamento celular → saúde, doença, cura e morte

1. Os instrumentos exteriores não alcançam a interioridade

Os instrumentos científicos conseguem estudar manifestações exteriores.

instrumento físico → efeito físico → medição

Mas a medição exterior não alcança necessariamente a interioridade da qual a matéria emerge.

interioridade → planos organizadores → manifestação física

Quando um animal é dissecado, o investigador acede ao interior do corpo, mas continua a lidar com um nível de exterioridade.

interior anatómico ≠ interioridade organizadora

O interior físico não é ainda o domínio interior da consciência.

2. O interior da matéria não é a sua origem

Abrir, decompôr ou analisar um objeto não revela necessariamente aquilo que o tornou possível.

objeto → decomposição → componentes

planos interiores → organização → objeto

A interioridade profunda não se encontra num ponto escondido dentro da matéria.

casca → polpa → sementes → ainda realidade física

Os planos que formam a realidade existem num nível anterior à sua manifestação material.

3. A laranja como modelo de conhecimento incompleto

O cientista que examinasse uma laranja sem lhe tocar, provar ou cheirar obteria informação parcial.

medição → composição → ambiente

Mas não conheceria diretamente a experiência da laranja.

contacto sensorial → participação → conhecimento vivido

Seth mostra, com este exemplo, que a objetividade absoluta pode empobrecer aquilo que procura compreender.

separação total → precisão parcial

participação consciente → compreensão ampliada

4. A consciência é o acesso mais próximo à interioridade

A consciência não é apenas um instrumento usado para observar o universo exterior.

consciência → observação do mundo

Ela participa também nos planos da própria existência física.

consciência → planos interiores → corpo e realidade

Por isso, o ponto de acesso mais próximo à interioridade da realidade encontra-se na própria consciência.

consciência exteriorizada → investigação dos efeitos

consciência interiorizada → investigação das origens

5. A consciência não está confinada à vida física

A consciência não se encontra inteiramente presa à sequência:

nascimento → vida → morte

Em níveis mais profundos, participa nos planos que organizam a sua existência física.

consciência profunda → organização corporal → experiência física

A vida corporal é uma expressão da consciência, não o limite absoluto da sua realidade.

6. Da consciência celular à consciência do self

O corpo constitui uma gestalt de consciência.

consciência celular → organização biológica → consciência do self

Entre as células e a consciência individual existe um vasto campo de conhecimento.

células → tecidos → órgãos → corpo → consciência individual

Esse conhecimento mantém a integridade do organismo no espaço e no tempo.

coordenação interior → continuidade corporal

7. O corpo sabe mais do que a mente consciente reconhece

Grande parte do conhecimento corporal encontra-se disponível de forma inconsciente.

conhecimento celular → funcionamento autónomo

mente consciente → desconhecimento parcial

O facto de a mente consciente não reconhecer esse conhecimento não significa que ele não exista.

não reconhecido ≠ inexistente

O corpo mantém-se através de processos de inteligência e organização que ultrapassam o controlo consciente habitual.

8. A mente consciente como diretora

Seth não elimina a função da mente consciente.

mente consciente → direcção

conhecimento interior → recursos profundos

A mente consciente pode aprender a cooperar com os níveis interiores da psique e do corpo.

direção consciente + conhecimento celular → integração

A função da consciência não é dominar mecanicamente o corpo, mas estabelecer com ele uma relação mais direta.

9. A realidade exterior emerge de uma sequência interior

Existe uma sequência interior de acontecimentos da qual emergem:

- universo físico
- corpo
- vida individual
- acontecimentos

A realidade exterior é o resultado visível de processos que não são percebidos diretamente.

acontecimento interior → organização → manifestação exterior

A ciência estuda, em grande medida, o final do processo.

10. Factos válidos dentro de contextos limitados

Muitos factos científicos são operativos apenas sob determinadas condições.

condição específica → facto válido

mudança de contexto → validade limitada

Esses factos permitem manipular eficazmente a realidade próxima.

facto operativo → aplicação prática

Mas tornam-se preconceitos quando são aplicados como leis universais a domínios que ultrapassam o contexto em que foram descobertos.

facto local → generalização absoluta → distorção

11. A ciência confunde eficácia com compreensão total

Uma técnica pode funcionar sem explicar a realidade na sua profundidade.

técnica eficaz → resultado previsível

resultado previsível $\neq$ compreensão integral

A medicina pode conseguir alterar processos corporais sem compreender completamente as dinâmicas interiores da saúde.

intervenção física → efeito

causa profunda → por compreender

A eficácia não deve ser confundida com conhecimento total.

12. Os pensamentos como planos pessoais imediatos

As ideias e os pensamentos não são menos práticos do que os objetos.

pensamento → orientação → comportamento → realidade

Nos termos de Seth, os pensamentos constituem planos pessoais imediatos da experiência.

pensamento + crença + emoção → configuração da realidade

A pessoa participa continuamente na formação do mundo que experiencia.

13. Manipular objetos ou transformar pensamentos

A cultura valoriza a manipulação de objetos porque os seus efeitos são visíveis.

objeto manipulado → mudança exterior → sensação de eficácia

A transformação dos pensamentos parece menos concreta, embora seja mais fundamental.

pensamento transformado → resposta emocional → comportamento corporal → realidade

A manipulação exterior atua sobre os efeitos.

mudança interior → atua sobre os planos pessoais

14. Tecnologia médica e deslocação da morte

A medicina pode vencer uma doença após outra.

doença → tratamento → sobrevivência

Mas isso não elimina a morte.

doença vencida → morte por outra causa

A tecnologia pode alterar:

- forma da morte
- momento da morte
- condições da morte

Mas não elimina as dinâmicas profundas ligadas à decisão de continuar ou abandonar a existência física.

15. A morte como dinâmica interior

Segundo Seth, as pessoas morrem quando estão interiormente preparadas para isso.

dinâmica interior → retirada da vitalidade → morte

A medicação pode interferir com processos corporais, mas não substitui completamente a direção interior da consciência.

tratamento exterior → influência

decisão profunda → orientação fundamental

A morte não é apresentada apenas como falha mecânica do organismo.

16. A vontade de viver

A pessoa que deseja viver pode responder ao mais pequeno sinal de esperança.

esperança → mobilização interior → resposta corporal

A vontade de viver não é uma abstração emocional.

desejo de viver → ativação da psique → comportamento celular

A saúde depende também da relação da pessoa com a própria existência.

17. As dinâmicas da saúde

As dinâmicas da saúde residem na consciência de cada ser.

- consciência → emoções
- consciência → desejos
- consciência → pensamentos

Esses fatores participam na regulação do corpo.

emoções + desejos + pensamentos → comportamento celular

A saúde não é apenas ausência de doença.

saúde → organização vital integrada

18. O limite da objetividade médica

O verdadeiro médico não pode separar-se completamente da realidade do paciente.

médico → observador exterior

paciente → objeto clínico

Quando a distância se torna excessiva, a pessoa é reduzida a:

- sintoma
- diagnóstico
- amostra
- órgão
- caso

A objetividade pode transformar-se em despersonalização.

19. A doença como objeto separado

A medicina tende a representar a doença como algo que invade ou se impõe ao paciente.

doença → coisa exterior → paciente passivo

Essa imagem separa a pessoa do próprio processo corporal.

paciente ≠ doença

paciente sem controle → dependência

A doença passa a ser tratada como entidade autônoma, desligada da totalidade do ser.

20. A alienação do corpo

Quando o sangue é transformado em «amostra», o paciente pode sentir-se separado do próprio corpo.

meu sangue → amostra clínica

meu corpo → objeto médico

A linguagem técnica, embora útil, pode afastar a pessoa da sua experiência corporal.

nomeação objetiva → distanciamento subjetivo

O indivíduo deixa de experienciar o corpo como parte viva do próprio ser.

21. O paciente como participante

Seth devolve ao paciente um papel ativo.

paciente passivo → objeto de tratamento

paciente participante → agente da própria saúde

A pessoa não controla conscientemente todos os processos corporais, mas participa neles através das suas crenças, emoções, desejos e expectativas.

participação interior → influência corporal

Isto não significa culpabilizar o doente, mas reconhecer a sua ligação ao processo.

22. Os planos da realidade residem no ser

Os planos da realidade não existem apenas como estruturas cósmicas abstratas.

planos universais → realidade ampla

planos pessoais → ser individual

Cada pessoa contém, de forma individualizada, os planos da própria experiência.

consciência individual → organização corporal e experiencial

A realidade desconhecida não está distante: opera continuamente dentro do indivíduo.

23. Tornar conhecida a realidade desconhecida

Os métodos convencionais tornam invisíveis os planos interiores porque procuram apenas efeitos exteriores.

método exterior → realidade exterior

interioridade excluída → realidade desconhecida

Seth propõe métodos capazes de ampliar o campo de conhecimento.

mudança de foco → reconhecimento da interioridade

A realidade desconhecida torna-se conhecida quando a consciência aprende a reconhecer os processos que já utiliza.

24. Três figuras de investigação integral

Seth apresenta três figuras complementares:

- artista-cientista do sonho
- físico mental
- médico completo

O artista-cientista do sonho investiga a realidade através dos estados oníricos.

O físico mental explora a matéria, a energia, o espaço e o tempo através da consciência.

O médico completo estuda a relação entre:

- psique
 - consciência
 - corpo
 - saúde
 - doença
 - cura
-

25. O médico completo

O médico completo compreende as dinâmicas do ser.

- alma ↔ corpo
- consciência ↔ células
- crenças ↔ saúde

Não trata apenas sintomas.

tratamento exterior + compreensão interior

Não separa a pessoa do corpo nem a doença da totalidade do indivíduo.

pessoa → unidade viva

26. A saúde do próprio médico

Seth afirma que quem ensina saúde deve compreender as suas dinâmicas por experiência direta.

saúde vivida → conhecimento funcional

A formação técnica, por si só, não garante compreensão da saúde.

informação sobre doença ≠ experiência de vitalidade

O médico completo não seria apenas especialista em patologia, mas alguém familiarizado com os processos da própria saúde.

27. Conhecer a doença não equivale a conhecer a saúde

A medicina organiza grande parte do seu conhecimento em torno da doença.

doença → classificação → diagnóstico → tratamento

Mas a saúde possui dinâmicas próprias.

vitalidade → equilíbrio → adaptação → autorregulação

Compreender a doença não conduz automaticamente à compreensão da saúde.

mapa da patologia ≠ mapa da vitalidade

28. Uma profissão da saúde

Uma verdadeira profissão médica seria uma profissão da saúde.

medicina atual → estudar e combater doença

profissão da saúde → estudar e promover saúde

Em vez de procurar apenas pessoas doentes, investigaria também pessoas saudáveis.

pessoa saudável → dinâmica funcional → aprendizagem

A saúde tornar-se-ia objeto positivo de investigação.

29. Aprender com os saudáveis

As pessoas saudáveis compreendem, mesmo que inconscientemente, determinadas dinâmicas da saúde.

saúde vivida → conhecimento implícito

A ciência poderia estudar:

- crenças
- atitudes
- ritmos
- emoções
- relações
- sentido de vitalidade

Não para copiar modelos rígidos, mas para reconhecer princípios funcionais de organização saudável.

30. Diagramar a doença

A medicina tende a representar a doença através de classificações e esquemas.

- sintomas → diagnóstico
- diagnóstico → categoria
- categoria → protocolo

Esses mapas podem ser úteis, mas tornam-se limitadores quando substituem a pessoa real.

diagrama → instrumento

diagrama tomado como realidade → redução

A doença descrita não é a totalidade da experiência do paciente.

31. Os poderes curativos da psique

Uma profissão de cura integral estudaria os poderes da psique na cura do corpo.

psique → organização interior → resposta corporal

A cura não seria entendida apenas como resultado de intervenção externa.

tratamento exterior + resposta interior → cura

O corpo possui capacidades próprias de reorganização e reparação.

32. Crenças, desejos e comportamento celular

A mente consciente participa no comportamento celular através de:

- crenças
- desejos
- expectativas
- emoções

- interpretações

Esses elementos não atuam como comandos mecânicos simples.

pensamento isolado $\neq$ efeito automático

Atuam como parte de uma gestalt psíquica e corporal mais ampla.

padrão interior → resposta celular

33. Cura não é controle mental do corpo

Seth não está a sugerir que a mente consciente deva controlar diretamente cada função corporal.

controle consciente rígido → interferência

A relação correta é de cooperação.

mente consciente → orientação

psique e corpo → execução e autorregulação

A cura nasce de uma integração mais profunda entre os níveis do ser.

34. Saúde como cooperação interior

A saúde pode ser compreendida como cooperação entre:

- mente consciente
- psique
- emoções
- desejos
- consciência celular
- corpo

Quando esses níveis operam de forma relativamente coerente, o organismo mantém a vitalidade.

integração → saúde

conflito persistente → perturbação corporal possível

35. A doença como processo, não como inimigo

A doença não é apenas uma entidade hostil.

doença $\neq$ invasor absoluto

Pode constituir uma expressão corporal de dinâmicas mais profundas.

conflito interior → manifestação corporal

Isto não reduz todas as doenças a uma única causa psicológica, mas amplia o campo da investigação.

causas físicas + dinâmicas psíquicas + contexto individual

36. A cura como reorganização

Curar não significa apenas eliminar um sintoma.

sintoma eliminado → possível alívio

reorganização profunda → cura mais ampla

A cura integral envolve a transformação das condições interiores que sustentam a perturbação.

crenças + emoções + desejos + corpo → novo equilíbrio

37. A medicina como relação

O processo de cura depende também da relação entre médico e paciente.

- palavras do médico → sugestões
- atitude do médico → expectativas
- relação terapêutica → resposta interior

O médico pode reforçar:

impotência

ou

confiança e participação

As palavras médicas não são neutras.

38. A autoridade médica e as crenças coletivas

Os médicos são úteis dentro do enquadramento de crenças aceitas pela sociedade.

crença coletiva → autoridade médica → eficácia do sistema

A pessoa participa nesse sistema e pode depender dele.

modelo social → expectativa → resposta

Seth não recomenda o abandono irrefletido da medicina existente.

dependência atual → prudência

O sistema deve ser ampliado, não simplesmente rejeitado.

39. Não abandonar o que funciona antes de existir integração

Enquanto a sociedade aceitar as técnicas médicas atuais, essas técnicas mantêm valor e eficácia dentro do sistema.

crença + técnica + expectativa → resultado

A transição para uma medicina mais integral exige maturidade.

rejeição precipitada → risco

integração gradual → transformação

A crítica de Seth não é uma recomendação de negligência médica.

40. A realidade desconhecida já está em funcionamento

A realidade desconhecida não precisa de começar a atuar.

realidade interior → já ativa

O corpo, a saúde e a cura já dependem dela.

consciência → comportamento celular → vida

O problema é que a mente consciente e a ciência oficial ainda não reconhecem plenamente essas dinâmicas.

funcionamento real → reconhecimento ausente

Estrutura funcional do capítulo

O capítulo pode ser reduzido a esta sequência:

instrumentos exteriores → limite da objetividade → planos interiores da realidade → consciência como acesso → crenças, emoções e desejos → comportamento celular → saúde, doença, cura e morte → médico completo

Distinções essenciais

Medicina da doença

- doença como objeto
- paciente passivo
- corpo fragmentado
- diagnóstico e protocolo
- intervenção exterior

Profissão da saúde

- pessoa como totalidade
 - paciente participante
 - corpo e psique integrados
 - estudo das dinâmicas da saúde
 - cooperação entre interioridade e tratamento
-

Síntese final

O capítulo desloca a questão médica de:

Que doença possui esta pessoa e como pode ser combatida?

para:

Que dinâmicas da consciência, da psique e do corpo estão a organizar esta condição, e como podem ser reorganizadas em direção à saúde?

O médico completo não rejeita o conhecimento técnico. Integra-o numa compreensão mais vasta.

medicina técnica + conhecimento da psique + participação do paciente + compreensão celular = profissão da saúde

A saúde deixa então de ser entendida apenas como ausência de doença e passa a ser reconhecida como uma organização viva, dinâmica e interiormente sustentada.

A verdadeira cura começa quando o corpo deixa de ser tratado como objeto separado e passa a ser compreendido como expressão viva da consciência.

CAPÍTULO 27

O Oráculo Privado, a Vitalidade Interior e a Verdadeira Fronteira da Psique

— *A realidade desconhecida, o homem provável, os sonhos, a rotação dos elétrons, os planos da realidade — tudo isto está intimamente relacionado.*

— *As vossas vidas pessoais quotidianas são tocadas, modificadas e criadas pelas inter-relações existentes entre esses fenómenos. Naturalmente, o vosso mundo coletivo também é afetado. Possuem livre-arbítrio e, de certo modo, pode dizer-se que ele depende da natureza das probabilidades e do comportamento multidimensional dos elétrons.*

— *A imprevisibilidade não significa caos. Toda a ordem emerge dos elementos criativos da imprevisibilidade. Na verdade, o comportamento de qualquer objeto do vosso universo só é «previsível» porque concentram a atenção numa porção muito reduzida da sua realidade. A imprevisibilidade assegura a singularidade e é o oposto do movimento predeterminado. A grande saga da atividade física reconhecida emerge de uma vasta dimensão não reconhecida e imprevisível, na qual as probabilidades dispõem de plena liberdade.*

— A plena implicação prática disto deve ser compreendida: nenhum percurso está irrevogavelmente estabelecido nem para além da possibilidade de mudança. Contudo, dentro do enquadramento limitado das vossas operações habituais, podem fazer-se as chamadas previsões.¹ Estas serão funcionais até certo ponto. Em termos mais profundos, porém, nenhuma ação está determinada para além da possibilidade de alteração.

— A realidade desconhecida é a fonte da realidade conhecida. Se quiserem «descobrir» como as coisas funcionam, a vossa viagem acabará necessariamente por conduzir-vos às dimensões existentes no interior do mundo que conhecem.

— Por conseguinte, terão de explorar a psique, a consciência viva. Ela conduzir-vos-á à interioridade. Este não é um empreendimento desligado da prática, mas profundamente prático em todas as áreas.

— Do ponto de vista científico, esses estudos ampliariam enormemente os vossos conceitos, permitindo que uma tecnologia orientada pelo amor acompanhasse os mais belos contornos da

¹ Ver a transcrição no Apêndice de Seth Fala:

«O tempo, nos vossos termos, é plástico. A maioria das previsões é feita de forma extremamente distorcida e pode induzir o público em erro. Além disso, quando os videntes falham redondamente, isso não ajuda “a Causa”. A realidade não existe dessa forma. Podem sintonizar-se com determinadas probabilidades e prever “que elas ocorrerão”, mas o livre-arbítrio está sempre em funcionamento. Nenhum deus sentado numa gigantesca torre de marfim diz: “Isto acontecerá no dia 15 de fevereiro, às 8h05.” E, se nenhum deus faz previsões, não vejo razão para as fazer eu.»

mente, ascendesse pelas montanhas naturais das capacidades humanas e as conduzisse mais facilmente à realização.

— A medicina encorajaria suave e habilmente os processos de cura, à medida que compreendesse mais plenamente o vasto ser emocional da psique e as suas necessidades.

— A aprendizagem aproveitaria o conhecimento interior latente do self subjetivo e ajudá-lo-ia a interpretar-se em termos da vida física.

— O estado de sonho seria reconhecido como uma fonte inesgotável de informação. Poderiam então desenvolver-se esforços para compreender e interpretar o simbolismo individual, e os membros de uma sociedade seriam ensinados a aproveitar os próprios dados interiores para enriquecer as suas vidas pessoais e ajudar a comunidade.

— Estou consciente de que parte disto parece «retrógrado», pois estou inclusivamente a sugerir uma situação em que os políticos ou os estadistas aprenderiam a «sonhar com sabedoria» — a tomar consciência da psique, da psique coletiva do seu povo, e a sintonizar-se com o «oráculo privado».

— Ora, tudo isto parecerá certamente pouco científico a muitas pessoas. Contudo, a maioria dos meus leitores já adquiriu uma perspetiva diferente acerca da natureza da ciência; caso contrário, nem sequer estaria a ler este livro.

— O oráculo privado: o que significa isso? E que relação possui com a realidade desconhecida? Mais ainda: que relação possui com o mundo prático?

— O oráculo privado é a voz do Self multidimensional interior — a parte de cada pessoa que não está inteiramente contida na sua condição de pessoa; a parte da estrutura desconhecida do Self da qual emerge a condição de pessoa, juntamente com a sua vinculação física.

— Fundamentalmente, essa porção da psique encontra-se fora do espaço e do tempo, ao mesmo tempo que vos permite operar dentro deles.² Lida intimamente com as probabilidades — a fonte de toda a ação previsível.

² Jane desenvolveu as suas próprias ideias acerca do Self multidimensional interior na Parte Dois de Aventuras na Consciência. Ver, entre outros, os capítulos 10 e 11.

O oráculo privado de Seth é análogo ao **Self de Origem** não físico de Jane, do qual emergem simultaneamente numerosos Aspectos de Self para várias realidades. Todos os Aspectos de um **Self de Origem** comunicam entre si, ainda que inconscientemente.

O Aspecto de Self que surge na nossa realidade é a **Personalidade de Foco**, «terrestrializada» numa forma física. Produzi vários diagramas para ilustrar o material de Jane na Parte Dois de Aventuras, e alguns deles apresentam esquematicamente um Self de Origem acompanhado pelos seus diversos Aspectos.

Em termos muito simplificados, Jane considera Seth um personagrama, «uma personificação multidimensional de outro Aspecto da entidade ou **Self de Origem**, tal como se expressa através da médium».

Como escreveu no Capítulo 11, Aspectos como Seth:

«teriam de comunicar através do tecido psíquico da **Personalidade de Foco**. Teriam de manifestar-se de acordo com a nossa ideia de condição de pessoa, embora a sua própria realidade pudesse existir em termos muito diferentes. Creio que sempre senti isto em relação a Seth. Não desconfiava da personalidade de Seth; sentia, porém, que era a personificação de outra coisa — e essa “outra coisa” não era uma pessoa nos nossos termos... Ainda assim, de uma forma estranha, sentia que ele era mais do que isso, ou que representava algo mais, e que a sua realidade psicológica se estendia por vários mundos... Sentia uma multidimensionalidade da personalidade que não conseguia definir.»

— *Devido à sua posição, possui grandes poderes de comunicação, tanto como recetora como transmissora.*

— *Infelizmente, a ciência, tal como se desenvolveu no vosso tempo, produziu uma desconfiança em relação ao indivíduo e sobrecarregou-o com uma sensação subjetiva de impotência, ao mesmo tempo que lhe proporcionava uma sensação ilusória de poder objetivo.*

— *Digo que lhe proporcionou uma sensação ilusória de poder objetivo. Por exemplo, as vossas técnicas sofisticadas permitem-vos afirmar que as condições são propícias à formação de um tornado e emitir um alerta — como aconteceu não há muito tempo na vossa região de Elmira — ou os vossos instrumentos detetam fracos tremores de terra e, seguindo as linhas de falha, «preveem» então que ocorrerá um sismo noutra região.*

— *Assim, parece que possuem algum poder sobre o ambiente. A pessoa pode preparar-se para uma possível catástrofe.*

— *Parece também que podem semear as nuvens com substâncias químicas e provocar chuva quando esta é necessária, obtendo assim um poder bastante prático sobre o ambiente. Acreditam que precisam de parafernália científica para alcançar esses fins — mas muitos animais estão conscientes desses fenómenos sem recorrer a tais instrumentos. E a própria humanidade está inatamente equipada para «prever» essas potenciais catástrofes.*

— O próprio organismo físico está preparado para isso. A pressão arterial aumenta em populações inteiras; são ativados sinais de tensão através das hormonas, mas não são ensinados a reconhecer esses sinais naturais.

— Existe um intercâmbio entre todas as partes da natureza. Vocês são tão naturais como os animais e estão igualmente «sintonizados» com os ritmos profundos da Terra — tanto aqueles que percecionam conscientemente como aqueles que são percecionados pela consciência corporal, mas filtrados pela «mente oficial».

— Estou simplesmente a sugerir que se tornem mais naturais.

— Como a ciência ergueu uma barreira eficaz contra este modo de abordagem, o poder parece residir nos aparelhos, em vez de no ser humano.

— O ser humano já não se identifica com uma tempestade, por exemplo; perdeu o sentido da sua relação com ela e, conseqüentemente, o poder natural que possuía sobre ela. O mesmo se aplica às tempestades da psique.

— O artista-cientista do sonho, o verdadeiro físico mental, o médico completo — estas designações representam os tipos de formação que poderiam permitir-vos compreender o desconhecido e, portanto, a realidade conhecida, tornando-vos assim conscientes dos planos existentes por detrás do universo físico.

— A prova está, naturalmente, nos resultados. Em grande medida, parece que as vossas técnicas funcionam durante boa parte do tempo. Vejamos, por exemplo, a medicina.

— Os vossos médicos podem apontar para vidas salvas através de tecnologia sofisticada. Podem apontar para doenças erradicadas graças a inoculações ou a outras medidas preventivas, como a ingestão de certas vitaminas ou a adoção de procedimentos sanitários.

— Parece constituir a pior espécie de insensatez sugerir que o indivíduo possui qualquer tipo de proteção eficaz contra a doença.

— Quase qualquer pessoa pode mencionar um familiar ou amigo que morreu, há trinta ou quarenta anos, de uma doença hoje completamente vencida. Parece que essas vidas teriam sido salvas pelos procedimentos modernos. Na vossa sociedade, considera-se indispensável realizar exames médicos periódicos.

— Mais uma vez, muitas pessoas podem agradecer a determinado médico por ter descoberto uma doença «a tempo», permitindo que fossem tomadas medidas eficazes para a contrariar e que a doença fosse eliminada.

— Naturalmente, não podem saber ao certo o que teria acontecido de outro modo. Não podem saber ao certo o que aconteceu àquelas pessoas que queriam morrer. Caso não tivessem

morrido dessa doença, poderiam ter «sucumbido» a um acidente, morrido numa guerra ou numa catástrofe natural.

— Poderiam ter sido «curadas», quer tivessem recebido tratamento, quer não, e prosseguido vidas produtivas. Não sabem.

— Uma pessoa preparada para morrer, caso seja salva de uma doença, contrairá rapidamente outra ou encontrará uma forma de realizar esse desejo.

— O problema, nesse caso, reside na vontade de viver e nos mecanismos da psique. O médico completo procuraria compreender os mecanismos interiores da vitalidade e, tanto quanto possível, aprenderia a estimulá-los.

— Procuraria determinar os padrões da psique e acompanhá-los. Encorajaria o paciente a sintonizar-se com o oráculo privado, de modo a reconhecer os seus próprios propósitos na vida física e a reforçar a sua força espiritual.

— O médico completo seria uma pessoa — homem ou mulher — em excelente estado de saúde e que, por isso, compreendesse pessoalmente as dinâmicas específicas que operam entre a vitalidade espiritual e o bem-estar físico.

— Essa seria a sua especialidade.

— *Estamos, de facto, a falar de uma situação relativamente ideal, do vosso ponto de vista. Contudo, não aprenderão os mecanismos da saúde internando-se num hospital. Poderão ser curados de determinada doença, mas, a menos que aprendam mais acerca das dinâmicas do vosso ser, simplesmente «sucumbirão» a outra.*

— *O mesmo se aplica a todos os níveis de atividade. Poderão descobrir como ser felizes através da convivência com uma pessoa feliz, mas certamente não encontrarão essa resposta convivendo com pessoas infelizes. Elas apenas vos ensinarão como é a infelicidade — caso ainda não o saibam.*

— *Cada indivíduo é um universo contido numa pequena embalagem.*

— *Tal como os planetas físicos se movem de forma ordenada sem deixarem de ser individuais, também pode existir uma ordem social baseada na integridade do indivíduo.*

— *Contudo, essa ordem reconheceria a validade interior existente no self; e a ordem interior invisível que forma a integridade do corpo físico formaria, do mesmo modo, a integridade do corpo social.*

— *O self, o indivíduo, ao realizar plenamente aquilo que é, funcionaria automaticamente para o próprio bem e para o bem da*

sociedade. O bem do indivíduo seria, portanto, o bem da sociedade, representando realização espiritual e física.

— Isto pressupõe, porém, uma compreensão do self interior e uma exploração da realidade desconhecida da psique individual.

— Até certo ponto, qualquer pessoa que o deseje pode tornar-se consciente da realidade «desconhecida» — pode tornar-se o seu próprio artista-cientista do sonho, físico mental ou médico completo, e começar a explorar essas terras da psique que constituem a verdadeira fronteira.

— Essa viagem iluminará não apenas os aspectos individuais da realidade, mas também a experiência da espécie.

Síntese Operativa

Este capítulo encerra a primeira grande arquitetura de *A Realidade «Desconhecida»* articulando os conceitos desenvolvidos nas sessões anteriores: probabilidades, imprevisibilidade, eletrões, sonhos, planos da realidade, tecnologia orientada pelo amor e médico completo.

O movimento central consiste em mostrar que a realidade conhecida emerge de uma realidade interior desconhecida e que o acesso a essa fonte exige a exploração direta da psique.

Seth introduz então o **oráculo privado**:

a voz do Self multidimensional interior, através da qual o indivíduo pode reconhecer probabilidades, propósitos, sinais corporais, padrões de vitalidade e orientações profundas da própria existência.

A função estrutural do capítulo pode ser condensada assim:

realidade desconhecida → probabilidades → psique → oráculo privado → vitalidade interior → integridade individual → ordem social

1. Todos os fenómenos estão interligados

Seth começa por reunir os elementos centrais da secção:

- realidade desconhecida
- homem provável
- sonhos
- rotação dos eletrões
- planos da realidade

Estes não são temas separados.

fenómenos multidimensionais → inter-relação → experiência quotidiana

As vidas individuais e o mundo coletivo são formados pelas relações existentes entre esses processos.

2. O mundo pessoal nasce de processos não reconhecidos

A experiência diária parece estável e previsível.

acontecimentos físicos → sequência reconhecida

Mas essa estabilidade emerge de dimensões muito mais amplas.

probabilidades + atividade eletrônica + consciência → realidade física

A realidade conhecida não é autónoma.

realidade interior → formação → realidade exterior

3. Livre-arbítrio e probabilidades

O livre-arbítrio não existe apesar das probabilidades.

probabilidades → diversidade de possibilidades

livre-arbítrio → seleção e atualização

A liberdade depende da existência de alternativas reais.

uma única possibilidade → determinação

múltiplas possibilidades → escolha

O comportamento multidimensional da matéria sustenta, portanto, a liberdade da experiência.

4. Imprevisibilidade não significa caos

A imprevisibilidade é habitualmente confundida com ausência de ordem.

imprevisibilidade $\neq$ desorganização

Para Seth, toda a ordem emerge da imprevisibilidade criativa.

campo imprevisível $\rightarrow$ seleção $\rightarrow$ padrões $\rightarrow$ ordem

A imprevisibilidade permite inovação, singularidade e mudança.

5. A ordem nasce da liberdade

Uma realidade totalmente predeterminada só poderia repetir-se.

predeterminação $\rightarrow$ repetição

A imprevisibilidade permite que surjam formas novas.

liberdade → variação → organização → singularidade

A ordem verdadeira não elimina a liberdade.

liberdade + organização → ordem viva

6. A previsibilidade resulta de um foco limitado

Os objetos parecem previsíveis porque a consciência observa apenas uma pequena parte da sua realidade.

realidade total → multidimensional

foco físico → faixa reduzida

faixa reduzida → comportamento aparentemente previsível

A previsibilidade é, portanto, local e contextual.

7. Nenhum percurso está irrevogavelmente fixado

A consequência prática é direta:

nenhum percurso → absolutamente determinado

nenhuma ação → para além da alteração

As previsões podem funcionar dentro de enquadramentos limitados.

condições estáveis → previsão relativa

Mas não representam destinos inevitáveis.

previsão ≠ determinação

8. A realidade desconhecida é a fonte da conhecida

A realidade desconhecida não é um domínio separado ou distante.

realidade desconhecida → origem

realidade conhecida → manifestação

Compreender os acontecimentos exteriores exige regressar aos processos interiores que os formam.

efeito → plano interior → origem

9. A verdadeira investigação conduz à psique

Qualquer investigação suficientemente profunda acaba por encontrar a consciência.

matéria → energia → planos interiores → consciência

A viagem científica, psicológica ou espiritual converge na psique.

exploração da realidade → exploração da consciência

A psique constitui a via de acesso à interioridade.

10. A exploração interior é prática

Seth rejeita a ideia de que o estudo da psique seja desligado da realidade prática.

exploração interior → conhecimento aplicável

Ela teria consequências em:

- ciência

- medicina
- educação
- política
- vida comunitária
- desenvolvimento individual

A interioridade não é fuga do mundo.

interioridade compreendida → ação exterior mais integrada

11. Tecnologia orientada pelo amor

Uma ciência ampliada permitiria uma tecnologia ajustada às capacidades naturais da mente.

conhecimento da psique → tecnologia cooperativa

Essa tecnologia não imporá formas exteriores à consciência.

tecnologia de domínio → adaptação forçada

tecnologia orientada pelo amor → desenvolvimento natural

Ela acompanharia os contornos da mente e favoreceria a realização das capacidades humanas.

12. A medicina como encorajamento da cura

Uma medicina integral não se limitaria a combater doenças.

doença → intervenção exterior

Ela compreenderia o ser emocional da psique.

necessidades psíquicas → vitalidade → comportamento corporal

A função médica passaria a incluir:

- reconhecer padrões
- estimular vitalidade
- encorajar cura
- fortalecer participação do paciente

13. Aprendizagem e conhecimento interior

A educação atual privilegia a aquisição exterior de informação.

informação exterior → memorização

Uma aprendizagem ampliada utilizaria o conhecimento latente do self subjetivo.

conhecimento interior → interpretação → vida física

A educação ajudaria o indivíduo a traduzir aquilo que já sabe noutros níveis.

14. O estado de sonho como fonte de conhecimento

O sonho não é ruído mental.

estado de sonho → informação

simbolismo → tradução interior

O sonho contém dados acerca:

- do indivíduo
- das probabilidades
- da psique
- da comunidade
- da espécie

Uma cultura mais integrada ensinaria as pessoas a compreender o próprio simbolismo.

15. O simbolismo privado possui função coletiva

Os sonhos são individuais, mas não isolados.

simbolismo privado → experiência pessoal

experiência pessoal → participação coletiva

Ao compreender os próprios dados interiores, o indivíduo enriquece também a comunidade.

autoconhecimento → responsabilidade → contribuição social

16. Sonhar com sabedoria

Seth estende a função do sonho à política.

estadista → sonho → psique coletiva

Um dirigente poderia aprender a reconhecer:

- necessidades profundas da população
- tensões coletivas
- probabilidades sociais
- orientações emergentes

Isto não substitui a razão política.

razão + conhecimento psíquico → decisão mais ampla

17. A psique coletiva

Uma sociedade possui padrões interiores partilhados.

indivíduos → crenças e emoções → psique coletiva

A política visível é influenciada por esses padrões.

psique coletiva → acontecimentos sociais

A compreensão da sociedade exige, portanto, mais do que estatísticas e instituições.

18. O oráculo privado

O oráculo privado é a voz do Self multidimensional interior.

Self multidimensional → comunicação interior → personalidade física

Não é uma autoridade exterior.

oráculo privado ≠ entidade que impõe respostas

É uma função profunda da própria psique.

Self interior → orientação → consciência física

19. A condição de pessoa emerge de uma estrutura mais ampla

A personalidade física não contém a totalidade do ser.

Self multidimensional → estrutura mais ampla

condição de pessoa → foco físico

A pessoa é uma expressão localizada de uma realidade maior.

estrutura desconhecida do Self → Personalidade de Foco

O oráculo privado representa a comunicação entre esses níveis.

20. Fora do espaço e do tempo, mas operando através deles

A porção da psique associada ao oráculo privado não está limitada pela sequência física.

Self interior → fora do espaço-tempo

Personalidade de Foco → dentro do espaço-tempo

Contudo, é precisamente essa estrutura não física que permite a operação no mundo físico.

realidade não física → organização → experiência física

21. O oráculo privado e as probabilidades

O oráculo privado lida intimamente com probabilidades.

probabilidades → informação disponível

oráculo privado → receção e transmissão

Ele reconhece possibilidades antes de estas se tornarem acontecimentos físicos.

potencial → orientação interior → ação

É, por isso, a fonte profunda daquilo que depois parece previsível.

22. Comunicação multidimensional

Devido à sua posição, o oráculo privado funciona como:

- recetor
- transmissor
- tradutor
- organizador

Recebe informação de níveis mais amplos da identidade e transmite orientações à consciência física.

Self multidimensional ↔ oráculo privado ↔ Personalidade de Foco

23. O paradoxo do poder científico

A ciência moderna aumentou o poder exterior.

instrumentos → previsão → controlo

Mas reduziu a confiança do indivíduo nas próprias capacidades interiores.

- poder técnico ↑

- confiança interior ↓

O ser humano sente-se poderoso através dos aparelhos e impotente sem eles.

24. Poder objetivo aparente

Os instrumentos permitem prever tempestades, sismos ou outras condições ambientais.

instrumentação → deteção → alerta

Isto produz uma sensação de poder.

Mas o indivíduo passa a acreditar que o conhecimento reside apenas no aparelho.

aparelho → autoridade

organismo → desvalorização

O poder exterior torna-se aparente quando oculta capacidades naturais já existentes.

25. A natureza já comunica os acontecimentos

Animais e organismos humanos percebem alterações ambientais.

mudanças terrestres → sinais biológicos

- pressão arterial
- hormonas
- tensão corporal
- alterações comportamentais

A natureza funciona através de intercâmbio contínuo.

ambiente ↔ organismo

26. A consciência corporal reconhece sinais que a mente oficial exclui

O corpo está sintonizado com os ritmos da Terra.

ritmos terrestres → consciência corporal

A mente consciente habitual filtra grande parte desses dados.

consciência corporal → sinal

mente oficial → exclusão

O problema não é ausência de percepção, mas ausência de reconhecimento.

27. Tornar-se mais natural

Seth não propõe abandonar a razão ou a ciência.

mais natural ≠ menos consciente

Propõe reintegrar capacidades excluídas.

razão + corpo + sonho + intuição + psique

Tornar-se mais natural significa recuperar a continuidade com:

- corpo
- Terra

- espécie
 - probabilidades
 - Self interior
-

28. A separação enfraquece o poder natural

Ao deixar de se identificar com a tempestade, o ser humano perde o sentido da relação com ela.

separação → perda de comunicação

identificação → participação

O mesmo acontece com as tempestades da psique.

emoções e conflitos → tratados como forças estranhas

identificação consciente → compreensão e transformação

29. Três modos de investigação interior

Seth reúne novamente três figuras:

- artista-cientista do sonho
- verdadeiro físico mental
- médico completo

Cada uma investiga uma dimensão específica.

Artista-cientista do sonho

sonhos → simbolismo → probabilidades

Físico mental

consciência → matéria → tempo → energia

Médico completo

psique → vitalidade → corpo → saúde

Juntas, formam uma ciência da realidade interior.

30. Os planos por detrás do universo físico

A finalidade dessas disciplinas é reconhecer os planos da realidade.

planos interiores → organização → universo físico

A realidade física é o resultado final de processos multidimensionais.

consciência → planos → matéria e acontecimentos

Compreender o desconhecido permite compreender o conhecido.

31. A eficácia das técnicas médicas

Seth reconhece que a medicina salva vidas e elimina doenças.

tecnologia médica → resultados reais

Não nega a eficácia das técnicas.

eficácia técnica = válida

Questiona, porém, a interpretação total dessas curas.

resultado físico $\neq$ compreensão integral

32. O limite dos contrafactuais médicos

Quando alguém é salvo de uma doença, não se sabe o que teria acontecido sem o tratamento.

tratamento → sobrevivência observada

ausência de tratamento → realidade não conhecida

Não é possível saber se a pessoa:

- teria morrido
- teria recuperado
- teria morrido de outra causa
- teria transformado a própria vida

A ciência observa apenas a linha atualizada.

33. A vontade de morrer

Uma pessoa preparada para morrer procurará outra forma de cumprir essa orientação.

desejo profundo de morrer → reorganização de probabilidades

A doença é apenas uma das vias possíveis.

- doença
- acidente
- guerra
- catástrofe

O problema fundamental reside na vontade de viver.

34. O médico completo investiga a vitalidade

O médico completo não se especializa apenas em doenças.

doença → efeito

vitalidade → dinâmica organizadora

A sua especialidade seria compreender:

- força espiritual
 - propósito
 - desejo de viver
 - resposta corporal
 - bem-estar físico
-

35. Os padrões da psique

Cada pessoa possui padrões próprios.

psique individual → tendências → propósitos

O médico completo procuraria reconhecê-los em vez de impor um modelo uniforme.

padrão individual → tratamento individualizado

A cura exigiria acompanhar a organização profunda da pessoa.

36. O paciente e o oráculo privado

O paciente seria encorajado a sintonizar-se com o próprio oráculo privado.

oráculo privado → reconhecimento de propósitos

propósito → fortalecimento da vitalidade

A pessoa participaria ativamente na cura.

paciente passivo → paciente participante

37. Vitalidade espiritual e bem-estar físico

Seth estabelece uma relação direta:

vitalidade espiritual ↔ bem-estar físico

A saúde não é apenas uma condição mecânica.

saúde → expressão da vitalidade

O médico completo compreenderia essa relação por experiência própria.

38. A saúde não se aprende na doença

Um hospital ensina sobretudo sobre doença, tratamento e crise.

hospital → patologia

Não ensina necessariamente as dinâmicas da saúde.

saúde → vitalidade, equilíbrio, propósito, integração

A eliminação de uma doença não garante reorganização profunda.

cura de um sintoma ≠ transformação do ser

39. A convivência como transmissão de padrões

As pessoas aprendem estados através da convivência.

pessoa feliz → padrões de felicidade

pessoa infeliz → padrões de infelicidade

A associação transmite modos de organização emocional.

relação → sintonia → aprendizagem

A saúde, a felicidade e a vitalidade possuem componentes relacionais.

40. Cada indivíduo é um universo

Cada pessoa constitui uma organização complexa e singular.

indivíduo → universo em miniatura

A individualidade não é obstáculo à ordem.

singularidade + integridade → ordem viva

Tal como os planetas mantêm movimentos próprios dentro de uma organização comum, os indivíduos podem formar uma sociedade sem perder a identidade.

41. Ordem social baseada na integridade individual

A ordem social não precisa de resultar da repressão do indivíduo.

controle exterior → conformidade

Pode emergir da realização interior.

indivíduo realizado → ação integrada → bem coletivo

A sociedade saudável dependeria da integridade dos seus membros.

42. A ordem invisível do corpo como modelo social

O corpo mantém unidade sem eliminar a singularidade das suas partes.

células diferentes → cooperação → corpo íntegro

A mesma lógica poderia organizar a sociedade.

indivíduos diferentes → cooperação → corpo social íntegro

A ordem interior do corpo torna-se modelo de ordem coletiva.

43. O bem individual e o bem social

Num indivíduo realizado, o interesse pessoal e o coletivo não entram necessariamente em conflito.

realização individual → vitalidade

vitalidade → contribuição

contribuição → bem social

O bem do indivíduo pode tornar-se o bem da sociedade quando nasce da integridade, e não do egoísmo defensivo.

44. Realização espiritual e física

A realização integral inclui:

- espiritualidade
- corpo

- propósito
- relações
- sociedade

Seth não separa realização interior de vida física.

realização espiritual + realização física → Self vivido

45. A verdadeira fronteira

As terras da psique constituem a verdadeira fronteira.

fronteira exterior → espaço físico

fronteira interior → consciência multidimensional

A exploração da psique ilumina simultaneamente:

- vida privada
- corpo

- história
 - sociedade
 - espécie
 - realidade física
-

46. Cada pessoa pode tornar-se investigadora

Seth não reserva essas capacidades a especialistas.

qualquer indivíduo disposto → exploração

Cada pessoa pode tornar-se, em certa medida:

- artista-cientista do sonho
- físico mental
- médico completo

O conhecimento da realidade desconhecida começa na experiência individual.

Estrutura funcional do capítulo

O movimento completo pode ser representado assim:

Imprevisibilidade → probabilidades → livre-arbítrio → realidade desconhecida como fonte → exploração da psique → oráculo privado → conhecimento interior e vitalidade → integridade individual → ordem social viva

Distinções essenciais

Poder exterior

- instrumentos
- previsões
- tecnologia
- controlo ambiental

Poder interior

- consciência corporal
 - sonhos
 - oráculo privado
 - reconhecimento de probabilidades
 - vitalidade
-

Ordem imposta

- controlo
- uniformização
- supressão da singularidade

Ordem orgânica

- integridade individual
- cooperação

- realização
 - bem coletivo
-

Medicina da doença

- diagnóstico
- tratamento
- eliminação do sintoma

Medicina da vitalidade

- propósito
- vontade de viver
- oráculo privado
- força espiritual
- bem-estar físico

Síntese final

O capítulo desloca o centro do poder:

- **aparelho** → consciência
- **previsão exterior** → reconhecimento interior
- **tratamento da doença** → compreensão da vitalidade
- **ordem social imposta** → integridade individual

A realidade desconhecida não é um território distante. É a dimensão interior a partir da qual se formam o corpo, os acontecimentos, as escolhas e a sociedade.

O oráculo privado constitui a interface viva entre o Self multidimensional e a Personalidade de Foco.

Self multidimensional → oráculo privado → consciência física → ação

A verdadeira fronteira não está apenas no espaço exterior, mas nas terras da psique, onde as probabilidades, os propósitos e os planos da realidade começam a adquirir forma.

A realidade conhecida transforma-se quando o indivíduo recupera a ligação consciente à fonte interior da sua vitalidade, da sua liberdade e da sua capacidade de participar criativamente no mundo.

PARTE QUATRO

*A Psique na Vida Individual e na
Experiência da Espécie.*

*As Realidades Prováveis como Dimensão
da Experiência Pessoal.*

*A Relação com as Civilizações
«Passadas» e «Futuras» da Humanidade*

CAPÍTULO 28

Evolução, Consciência Celular e a Cooperação entre as Espécies

— Começemos esta parte com uma breve discussão acerca da «evolução».

— Por agora, pensem nela como habitualmente fazem, dentro de um contexto temporal. No passado, esteve na moda acreditar que cada espécie se orientava egoisticamente para a própria sobrevivência. Cada uma era vista em competição com todas as outras espécies. Dentro desse enquadramento, a cooperação era simplesmente um produto secundário do impulso primário para sobreviver. Uma espécie poderia utilizar outra, por exemplo.

— Pensava-se que as espécies mudavam e que se formavam «mutações» devido a uma alteração anterior do ambiente, à qual uma determinada espécie teria de se adaptar ou desaparecer. O poder motivador era sempre projetado no exterior.

— Tudo isto apresentava uma imagem bastante errónea. Em termos físicos, a própria Terra possui o seu tipo de consciência gestalt. Se tiverem de o fazer, pensem nessa consciência terrestre como elevando-se gradualmente através de amplas gradações de

consciência, desde partículas relativamente «inertes» de poeira e pedra, passando pelos reinos mineral, vegetal e animal.

— Mesmo assim, lembrem-se de que esses reinos não são, afinal, tão separados. Cada um está profundamente relacionado com todos os outros. Nada acontece num desses reinos sem afetar os restantes. Existe, contudo, uma cooperação grandiosa e harmoniosa entre esses sistemas que parecem separados.

— Se se recordarem de que até os átomos e as moléculas possuem consciência, ser-vos-á mais fácil compreender que existe realmente um determinado tipo de consciência que une esses reinos.

— Nos vossos termos, a consciência do self não se desenvolveu em consequência de circunstâncias exteriores nas quais a vossa espécie, por assim dizer, saiu vencedora. Na verdade, essa consciência do self, em qualquer pessoa, depende das cooperações constantes e milagrosas existentes entre os mundos mineral, vegetal e animal.¹

— A intenção interior forma sempre qualquer alteração exterior. Isto aplica-se a qualquer escala que utilizem. A consciência forma o ambiente. O próprio ambiente é consciente.

¹ O Diagrama 11, no Capítulo 19 de Aventuras na Consciência, é relevante para o material de Seth apresentado aqui. Mostra esquematicamente a relação entre o ciclo individual do nascimento à morte — incluindo acontecimentos prováveis — e os outros reinos ou realidades sucessivamente menos diferenciados que ajudam a constituir o mundo.

— Os átomos e as moléculas operam nos seus próprios campos de probabilidades. À sua maneira, «anseiam» por todos os desenvolvimentos prováveis. Quando formam criaturas vivas, tornam-se a base física para a alteração das espécies.

— A adaptabilidade do corpo não é simplesmente um mecanismo de ajustamento nem apenas uma qualidade adaptativa. As células possuem capacidades interiores que ainda não descobriram. Contêm em si mesmas a memória de todas as formas «anteriores» das quais fizeram parte.

— Gostaria de fazer aqui um aparte: em certos termos, não podem destruir a vida através de uma catástrofe nuclear. Naturalmente, destruiriam a vida tal como a conhecem e, nos vossos termos, caso as condições fossem adequadas — ou inadequadas —, poriam fim às formas de vida com as quais estão familiarizados. Em termos mais amplos, porém, surgiria vida mutante — mutante apenas segundo os vossos padrões —, mas vida inteiramente natural para si mesma.

— Regressando ao nosso tema principal: o facto é que o chamado processo de evolução depende profundamente das tendências cooperativas inerentes a todas as propriedades da vida e a todas as espécies.

— Não existe transmigração de almas, no sentido de a personalidade inteira de uma pessoa «regressar» sob a forma de

um animal. Contudo, dentro do enquadramento físico, ocorre uma intermistura constante, de tal modo que as células de um homem ou de uma mulher podem tornar-se células de uma planta ou de um animal, e, naturalmente, o inverso também acontece.

— As células que fizeram parte de um cérebro humano sabem-no à sua maneira. As células que agora compõem os vossos corpos combinaram-se e separaram-se muitas vezes para formar outras partes do ambiente natural.

— Esta transmigração interior e, ainda assim, física da consciência sempre foi extremamente importante e representa um método natural de comunicação que une todas as espécies e toda a vida física.

— No interior de todos os organismos físicos existe, portanto, um impulso para o desenvolvimento e para a mudança, tal como existe também um padrão de estabilidade dentro do qual essas alterações podem ocorrer.

— Historicamente, como é evidente, seguem um padrão de pensamento linear; por isso, formam uma imagem na qual os peixes abandonaram os oceanos e se transformaram em répteis, dos quais acabaram por surgir os mamíferos, os símios e os seres humanos.

— Reconheço que se trata de uma formulação simplificada, mas é assim que a maioria das pessoas pensa que a evolução ocorreu. Os termos de «progressão» são traiçoeiros. Nunca imaginam, por

exemplo, que a situação possa inverter-se. Poucos de vocês imaginam sequer uma forma reptiliana dotada de consciência.

— Pensam que a evolução terminou. O seu impulso, porém, provém do interior da própria natureza da consciência. Sempre foi assim.

— Em certos círculos, está hoje na moda afirmar que a consciência humana constitui atualmente um elemento de um novo tipo de evolução — mas essa «nova consciência» sempre foi inerente à espécie. Só agora começam a reconhecer a sua existência.

— Toda a consciência tem consciência de si enquanto aquilo que é. Portanto, toda a consciência possui consciência de si. Pode não a possuir do mesmo modo que vocês. Pode não refletir sobre a própria condição. Por outro lado, talvez não tenha necessidade de o fazer.

— Os chamados desenvolvimentos futuros da vossa espécie dependem agora das vossas ideias e crenças. Isto aplica-se geneticamente, em termos individuais.

— Por exemplo, se acreditarem que podem viver uma velhice saudável e feliz, bem para além dos noventa anos, então, mesmo na civilização ocidental, assim será. A vossa intenção emocional e a vossa crença orientarão o funcionamento das células e farão

emergir nelas as propriedades e capacidades inerentes que garantirão essa condição.

— Existem grupos de pessoas, em lugares isolados, que possuem essas crenças e, em todos esses casos, o corpo responde.

— O mesmo se aplica à raça — ou, para sermos mais exatos, à espécie. Existe uma criatividade inesgotável nas próprias células que vocês, enquanto espécie, não utilizam, porque as vossas crenças ficam muito aquém da espiritualidade e da sabedoria biológicas que vos são inatas.

— As vossas ideias começam a mudar. Contudo, a menos que alterem o vosso enquadramento, continuarão a enfatizar a manipulação médica e tecnológica.

— Em casos isolados, essas técnicas mostrar-vos-ão alguns dos resultados possíveis apenas numa base física. Contudo, não funcionarão em termos coletivos nem vos permitirão, por exemplo, prolongar uma vida ativa e produtiva, a menos que também mudem as vossas crenças noutras áreas e aprendam as dinâmicas interiores da psique.

— É verdade, portanto, que as células operam, por um lado, fora do tempo e, por outro, com uma base firme no tempo, de modo que daí resulta a integridade do corpo como organismo espaciotemporal.

— *É verdade que, num nível consciente, ainda não operam fora do tempo, mas estão vinculados a ele. Quando aprenderem a libertar-se, até certo ponto, dessas dimensões, não estarão simplesmente a duplicar ou a «regressar» a uma condição mais vasta, mas a acrescentar-lhe um novo elemento.*

— *O tipo de consciência de si que possuem é único, mas todos os tipos são únicos. Cada triunfo alcançado por vocês, enquanto indivíduos, reflete-se na espécie e no seu conhecimento celular.*

— *De certo modo, cada um de vocês é o seu próprio mutante, alterando criativamente as formações celulares.*

— *Quando o vosso destino parece depender da hereditariedade, por exemplo, está em funcionamento a transmissão de ideias e crenças; estas enviam sinais aos cromossomas. Produzem, por assim dizer, imagens miniaturizadas de vocês próprios, que se refletem nas células.*

— *Em muitos casos, essas imagens podem ser alteradas — mas não através da tecnologia que possuem.*

— *Fundamentalmente, a compreensão celular estende-se através do tempo.*

— *Existe, portanto, uma forma de introduzir «nova» informação genética numa célula considerada danificada no presente.² Isto*

² No Capítulo 14 de *A Natureza da Realidade Pessoal*, contém informação sobre a alteração da memória celular, dos códigos genéticos e dos padrões neuronais.

envolve, fundamentalmente, a manipulação da consciência, e não de dispositivos, bem como um princípio de reversão temporal.

— Primeiro, a informação indesejável tem de ser apagada. Nos vossos termos, tem de ser apagada no «passado».

— Alguns curadores psíquicos — embora muito poucos — fazem isto automaticamente, sem compreenderem aquilo que estão a fazer.

— O corpo realiza frequentemente esse serviço por si mesmo, quando corrige automaticamente determinadas condições, mesmo que estas tenham sido geneticamente impressas.

— As impressões tornam-se regressivas. Nos vossos termos, desvanecem-se numa série provável de acontecimentos que não vos afetam fisicamente.

Síntese Operativa

Este capítulo reformula o conceito de evolução a partir da consciência.

Seth rejeita a ideia de que a vida se desenvolva essencialmente por competição, adaptação exterior e sobrevivência dos mais aptos. Em alternativa, apresenta uma evolução sustentada por:

- cooperação entre espécies
- consciência presente em todos os níveis da matéria
- intenção interior
- memória celular
- probabilidades
- crenças individuais e coletivas

A função central do capítulo é esta:

a evolução não é imposta pelo ambiente a organismos passivos; emerge da criatividade interior da consciência, que organiza a matéria, orienta as células e liga todas as formas de vida através de uma cooperação profunda.

1. O modelo competitivo da evolução

A visão convencional parte deste encadeamento:

ambiente muda → espécie adapta-se ou desaparece → mutação
→ sobrevivência

Dentro deste modelo, cada espécie procura sobretudo preservar-se.

espécie → interesse próprio → competição

A cooperação surge apenas como efeito secundário da luta pela sobrevivência.

2. O poder evolutivo é projetado no exterior

O modelo tradicional atribui a força da mudança ao ambiente.

alteração exterior → pressão → adaptação biológica

O organismo aparece como reativo.

ambiente age

organismo responde

Para Seth, esta imagem inverte a verdadeira ordem causal.

intenção interior → alteração exterior

3. A Terra como consciência gestalt

A Terra não é um cenário inerte.

Terra → consciência gestalt

Esta consciência manifesta-se através de diferentes graus de organização:

poeira e pedra → reino mineral → reino vegetal → reino animal

Estas gradações não representam divisões absolutas, mas expressões diferenciadas de uma mesma continuidade consciente.

4. Os reinos da natureza não estão separados

Os reinos mineral, vegetal e animal encontram-se profundamente interligados.

mineral ↔ vegetal ↔ animal

Nada acontece num deles sem produzir efeitos nos restantes.

alteração num reino → repercussão nos outros

A natureza funciona através de interdependência, não de isolamento.

5. A cooperação como fundamento da vida

A cooperação não é um subproduto da evolução.

cooperação ≠ estratégia secundária

É uma propriedade básica da vida.

cooperação → comunicação → estabilidade → desenvolvimento

A evolução depende das tendências cooperativas presentes em todas as espécies e em todas as propriedades da matéria viva.

6. Átomos e moléculas possuem consciência

A continuidade entre os reinos torna-se compreensível quando se reconhece que:

- átomos → consciência
- moléculas → consciência
- células → consciência
- organismos → consciência

A diferença não está entre matéria inconsciente e vida consciente, mas entre diferentes organizações de consciência.

7. A consciência une os reinos

Existe um tipo de consciência que atravessa todos os níveis da natureza.

consciência atômica → consciência molecular → consciência celular → consciência orgânica → consciência do self

A consciência humana depende dessa continuidade.

8. A consciência do self não surgiu por vitória da espécie

A consciência humana não apareceu porque a humanidade venceu as outras espécies.

competição entre espécies → não explica consciência do self

A consciência do self depende das cooperações existentes entre:

- mundo mineral
- mundo vegetal
- mundo animal
- organismo humano

O indivíduo só pode existir porque participa numa rede anterior e contínua de vida.

9. A intenção interior forma a alteração exterior

A alteração evolutiva não começa no ambiente.

intenção interior → organização biológica → alteração física

A consciência forma o ambiente.

consciência → ambiente

E o próprio ambiente possui consciência.

ambiente consciente ↔ organismo consciente

10. Matéria e probabilidades

Os átomos e as moléculas operam dentro dos seus próprios campos de probabilidades.

átomo ou molécula → campo de possibilidades

À sua maneira, orientam-se para desenvolvimentos prováveis.

probabilidades → tendências → formações físicas

Quando constituem organismos vivos, tornam-se a base material para a alteração das espécies.

11. Adaptabilidade não é mera reação

A adaptabilidade corporal não é apenas um mecanismo de ajustamento.

adaptabilidade ≠ resposta passiva

Ela exprime capacidades interiores das células.

célula → criatividade → reorganização

O corpo não se limita a adaptar-se ao ambiente; participa na produção das próprias condições de mudança.

12. Memória celular das formas anteriores

As células conservam memória das formas das quais participaram.

forma anterior → experiência celular → memória

Essa memória não precisa de ser consciente no sentido humano.

memória celular → conhecimento operativo

As células transportam uma história de participação em diferentes organizações da vida.

13. A vida não pode ser destruída em termos absolutos

Uma catástrofe nuclear poderia destruir:

- formas de vida conhecidas
- ecossistemas reconhecidos
- organizações biológicas familiares

Mas não destruiria a vida enquanto princípio.

destruição de formas ≠ destruição da vida

Outras formas emergiriam.

vida mutante para nós → vida natural para si mesma

14. Mutação como relatividade de forma

«Mutante» é uma designação relativa aos padrões humanos.

forma desconhecida → classificada como mutação

Do ponto de vista da própria vida:

nova forma → organização natural

A vida não avalia as suas expressões segundo os critérios humanos de normalidade.

15. Transmigração física da consciência

Seth rejeita a transmigração de almas entendida como:

personalidade humana → regresso como animal

Mas afirma uma transmigração física contínua.

componentes celulares e moleculares → novas formas

As estruturas que constituem uma pessoa podem integrar mais tarde:

- plantas
- animais
- solo
- outros organismos

16. A matéria viva circula entre as espécies

As células ou os seus componentes participam sucessivamente em diferentes formas.

organismo humano → decomposição → ambiente → nova vida

planta → animal → humano → ambiente

Esta circulação física constitui também uma forma de comunicação.

17. Comunicação entre todas as formas de vida

A circulação da matéria consciente une as espécies.

intermistura física → continuidade de consciência

A natureza comunica não apenas através de sinais externos, mas também pela própria circulação dos seus componentes vivos.

matéria consciente → troca → integração ecológica

18. Mudança e estabilidade coexistem

Todos os organismos contêm:

- impulso para mudança

+

- padrão de estabilidade

Sem estabilidade, não haveria forma reconhecível.

estabilidade → continuidade

Sem mudança, não haveria desenvolvimento.

mudança → criatividade

A evolução exige ambas.

19. O pensamento linear produz uma evolução linear

A mente humana organiza a história evolutiva como uma sequência única:

peixe → réptil → mamífero → símio → ser humano

Este modelo cria uma imagem de progressão ascendente.

- forma anterior → forma inferior
- forma posterior → forma superior

Seth questiona esta hierarquia.

20. A ideia de progressão é limitada

A progressão linear impede imaginar:

- movimentos inversos
- desenvolvimentos paralelos
- formas conscientes não humanas

- outras organizações da inteligência

A evolução não precisa de apontar sempre para o ser humano como resultado final.

21. A evolução não terminou

A evolução continua porque o seu impulso nasce da consciência.

consciência → criatividade inesgotável → evolução contínua

O ser humano não representa o ponto final do processo.

humanidade ≠ conclusão da evolução

A consciência continua a explorar novas possibilidades de forma e experiência.

22. A «nova consciência» já estava presente

A chamada nova consciência humana não surgiu recentemente.

nova consciência → potencial antigo agora reconhecido

Sempre esteve inerente à espécie.

potencial biológico e psíquico → reconhecimento progressivo

A novidade está na percepção humana, não na existência da capacidade.

23. Toda a consciência possui consciência de si

Cada forma de consciência está consciente de si como aquilo que é.

consciência → autorreconhecimento próprio

Isto não significa que todas as formas reflitam sobre si mesmas.

consciência de si ≠ reflexão intelectual

Uma célula, uma planta ou um animal não precisam de possuir autoconsciência humana para terem identidade própria.

24. Diferentes tipos de consciência de si

A consciência de si assume formas diversas.

- humano → reflexão
- animal → consciência experiencial

- planta → consciência organizadora
- célula → consciência operativa

Nenhuma destas formas precisa de servir de padrão absoluto para as restantes.

25. O futuro da espécie depende das crenças

A evolução futura da humanidade está ligada às suas ideias.

crenças coletivas → sinais biológicos → desenvolvimento da espécie

A evolução deixa de ser apenas um processo passado.

evolução → processo atual

As crenças participam na organização genética e celular.

26. Crenças e longevidade

A crença numa velhice saudável influencia o funcionamento corporal.

crença + intenção emocional → comportamento celular

As células podem ativar propriedades compatíveis com essa expectativa.

expectativa de saúde → organização biológica correspondente

A longevidade não depende apenas de intervenção médica.

27. O corpo responde ao enquadramento cultural

Grupos humanos com crenças diferentes produzem respostas corporais diferentes.

cultura → crenças → corpo

A biologia não está isolada da interpretação coletiva da vida.

ideias sociais → expectativas individuais → atividade celular

28. Criatividade inesgotável das células

As células possuem capacidades que a espécie ainda não utiliza plenamente.

células → potencial criativo não explorado

O problema não está na falta de recursos biológicos.

- potencial biológico ↑
- crenças limitadoras ↓

As crenças humanas ficam aquém da sabedoria biológica inata.

29. Espiritualidade biológica

A biologia não é separada da espiritualidade.

espiritualidade → organização viva

A sabedoria corporal exprime uma inteligência profunda.

- corpo → não máquina
- corpo → manifestação consciente

A espiritualidade biológica é a capacidade da vida para se organizar criativamente.

30. Manipulação exterior e transformação interior

Sem mudança de enquadramento, a humanidade continuará a privilegiar:

- manipulação médica
- manipulação tecnológica

Estas técnicas podem produzir resultados físicos isolados.

intervenção exterior → resultado local

Mas não transformam necessariamente as crenças que sustentam a condição.

31. Limites das soluções exclusivamente físicas

As técnicas exteriores não produzirão transformação coletiva duradoura sem mudança interior.

tecnologia isolada → efeito limitado

Para prolongar uma vida ativa e produtiva é necessário integrar:

- crenças

- psique
 - vitalidade
 - consciência celular
 - organização social
-

32. As células operam dentro e fora do tempo

As células possuem uma dupla relação com o tempo.

fora do tempo → acesso a probabilidades e memória profunda

dentro do tempo → manutenção do organismo físico

Dessa relação emerge a integridade do corpo como organismo espaciotemporal.

33. O corpo como interseção temporal

O corpo mantém-se no presente físico.

células → sequência temporal → continuidade corporal

Mas a compreensão celular ultrapassa essa sequência.

- memória celular → passado provável
- potencial celular → futuro provável

O organismo constitui uma interseção entre tempo linear e atividade multidimensional.

34. A consciência humana acrescenta algo novo

Quando a consciência humana aprende a operar parcialmente fora do tempo, não regressa apenas a uma condição anterior.

expansão da consciência ≠ regressão

Ela acrescenta uma nova qualidade à realidade multidimensional.

autoconsciência humana + acesso não temporal → nova contribuição

A individualidade não é perdida; é ampliada.

35. Cada tipo de autoconsciência é único

A consciência humana é singular, mas não superior em termos absolutos.

- autoconsciência humana → única
- autoconsciência celular → única
- autoconsciência animal → única

Cada forma acrescenta algo diferente à totalidade.

36. O triunfo individual torna-se conhecimento da espécie

As realizações individuais não permanecem isoladas.

mudança individual → conhecimento celular → espécie

Cada transformação pessoal acrescenta informação ao campo coletivo.

experiência individual → herança da espécie

O desenvolvimento da humanidade ocorre também através dos indivíduos.

37. Cada indivíduo é o seu próprio mutante

O indivíduo altera criativamente as próprias formações celulares.

crenças + intenção + experiência → reorganização celular

A mutação não é apenas um acontecimento aleatório ou exterior.

indivíduo → participante da própria alteração biológica

Cada pessoa contribui para a evolução em curso.

38. Hereditariedade e transmissão de crenças

Aquilo que parece destino hereditário pode incluir a transmissão de ideias e crenças.

- família e cultura → crenças herdadas
- crenças → sinais aos cromossomas

A hereditariedade não é apenas transmissão de matéria genética.

genética + informação psíquica

39. Imagens miniaturizadas do self

As crenças produzem imagens internas do indivíduo.

ideia de si → imagem do self

Estas imagens refletem-se nas células.

autoimagem → sinal celular → expressão corporal

O corpo responde não apenas ao que acontece, mas ao modo como a pessoa se concebe.

40. A autoimagem celular pode ser alterada

Em muitos casos, as imagens refletidas nas células podem mudar.

autoimagem antiga → reorganização → nova resposta celular

Contudo, essa alteração não depende apenas da tecnologia exterior.

mudança profunda → consciência

A tecnologia atual atua sobretudo sobre os efeitos, não sobre a imagem organizadora.

41. A compreensão celular atravessa o tempo

A célula não interpreta a informação apenas numa sequência linear.

compreensão celular → passado + presente + probabilidades

Por isso, pode existir alteração de informação genética no presente através de uma reorganização temporal mais profunda.

42. Introdução de nova informação genética

Seth propõe que uma célula danificada pode receber nova informação.

célula presente → nova informação genética

Esse processo envolveria:

- manipulação da consciência
- princípio de reversão temporal
- alteração da impressão celular

Não se trata apenas de corrigir mecanicamente a célula no presente.

43. Apagar informação no «passado»

A informação indesejável teria de ser retirada da sequência que a produziu.

impressão passada → condição presente

reorganização do passado provável → alteração presente

O «passado» deixa de ser uma estrutura fixa e intocável.

passado provável → modificável em termos funcionais

44. Cura psíquica e reorganização temporal

Alguns curadores psíquicos realizariam esse processo automaticamente.

consciência do curador → reorganização de padrões

Nem sempre compreenderiam o mecanismo.

- resultado → cura
- processo → inconsciente

A cura ocorreria através da alteração da informação organizadora, e não apenas do tecido físico.

45. O corpo realiza curas semelhantes

O próprio corpo corrige por vezes condições geneticamente impressas.

condição genética → autorregulação corporal

Isto demonstra que a impressão não é necessariamente absoluta.

genético ≠ irrevogável

O organismo possui capacidades espontâneas de reorganização.

46. Impressões regressivas

Quando uma condição é corrigida, a impressão deixa de participar na linha física atual.

impressão indesejável → regressão

Ela desvanece-se numa série provável de acontecimentos.

linha provável alternativa → não atualização física

A pessoa deixa de ser fisicamente afetada por essa sequência.

Estrutura funcional do capítulo

O movimento completo pode ser representado assim:

modelo competitivo da evolução → crítica à causalidade exterior
→ Terra como consciência gestalt → cooperação entre os reinos →
consciência atômica, molecular e celular → memória e criatividade
das células → crenças como forças biológicas → alteração celular e
evolução da espécie → compreensão celular para além do tempo →
reorganização provável da informação genética

Distinções essenciais

Evolução exterior

- pressão ambiental
- competição
- adaptação
- mutação aleatória

Evolução interior

- intenção
 - cooperação
 - consciência
 - probabilidades
 - criatividade celular
-

Hereditariedade rígida

genes → destino

Hereditariedade dinâmica

genes + crenças + autoimagem + consciência celular

Mutação passiva

organismo alterado pelo ambiente

Mutação criativa

indivíduo participa na alteração das próprias formações celulares

Cura mecânica

intervenção no corpo presente

Cura multidimensional

alteração da consciência → reorganização da informação →
modificação da expressão celular

Síntese final

O capítulo desloca a evolução:

- do exterior para o interior
- da competição para a cooperação
- da matéria inconsciente para a matéria consciente
- da hereditariedade rígida para a plasticidade celular
- do passado fixo para a probabilidade temporal

A espécie não evolui apenas porque o ambiente a obriga a mudar.
Evolui porque a consciência procura novas formas de expressão e

porque cada célula participa numa rede viva de memória, comunicação e possibilidade.

O indivíduo não é um produto passivo da hereditariedade.

crenças → autoimagem → sinais aos cromossomas → comportamento celular

Cada pessoa participa na própria transformação e acrescenta o resultado dessa experiência ao conhecimento da espécie.

A evolução é a criatividade da consciência tornada biologia, sustentada pela cooperação entre todas as formas de vida e atualizada, célula a célula, através das probabilidades.

CAPÍTULO 29

A Psique Individual, as Escolhas Prováveis e a Memória da Espécie

— Naturalmente, as células estão em constante mudança. Os átomos e as moléculas que as constituem encontram-se sempre num estado de fluxo. As UC presentes em toda a matéria possuem um banco de memória que ultrapassaria largamente o de qualquer computador. Portanto, enquanto componentes celulares, os átomos e as moléculas transportam a memória de todas as formas das quais fizeram parte.

— Em níveis profundos, as células trabalham constantemente com probabilidades, comparando ações e desenvolvimentos prováveis à luz da informação genética.

— Está envolvido um comportamento extremamente complexo, e são efetuados cálculos instantâneos, por exemplo, antes de conseguirem dar um passo ou levantar um dedo.

— Contudo, isto não envolve apenas o comportamento preditivo do organismo físico. Nesses níveis mais profundos, a atividade celular inclui também avaliações preditivas acerca do ambiente exterior ao corpo.

— É evidente que o corpo não funciona isoladamente, mas em relação com tudo aquilo que o rodeia. Quando pretendem atravessar uma sala, o corpo não precisa apenas de operar com base na experiência passada e na «previsão» do próprio comportamento; tem também de considerar a atividade provável de todos os outros elementos existentes nessa sala.

— Em níveis básicos, naturalmente, o movimento de um músculo envolve o movimento das células e dos seus componentes. O que estou aqui a dizer é que os próprios átomos e moléculas, devido às suas características, não só lidam com probabilidades no interior da estrutura celular do corpo, como também o ajudam a fazer avaliações preditivas acerca de entidades ou objetos exteriores a ele.

— Vocês «sabem», por exemplo, que uma cadeira não começará a persegui-los pela sala — pelo menos, as probabilidades são contrárias a isso.

— Sabem-no porque possuem uma mente racional, mas esse tipo específico de mente racional sabe aquilo que sabe porque, em níveis profundos, as células estão conscientes da natureza da ação provável.

— As crenças da mente consciente, contudo, estabelecem os vossos objetivos e propósitos. São «vocês» que decidem atravessar a sala, e todos esses cálculos interiores ocorrem então para vos ajudar a concretizar esse objetivo.

— *A intenção consciente ativa, portanto, os mecanismos interiores e altera o comportamento das células e dos seus componentes.*

— *Em termos muito mais amplos, os objetivos estabelecidos conscientemente pela vossa espécie põem igualmente em funcionamento o mesmo tipo de atividade biológica interior.*

— *Os objetivos da espécie não existem separados dos objetivos individuais. Ao viverem as vossas vidas, participam, portanto, de forma bastante efetiva nos desenvolvimentos «futuros» da vossa espécie.*

— *Observemos agora, por instantes, a psique individual.*

— *«Psique individual» soa a uma excelente expressão, mas não possui significado algum a menos que a apliquem à vossa própria psique.*

— *Um pequeno exercício de auto-observação deverá mostrar-vos que, de uma forma muito simples, estão constantemente a pensar em probabilidades.*

— *Estão sempre a escolher entre ações prováveis e percursos alternativos. Uma escolha pressupõe atos prováveis, todos eles possíveis, todos eles capazes de se atualizar dentro do vosso sistema de realidade.*

— *A vossa experiência individual está muito mais preenchida por decisões deste tipo do que geralmente percebem.*

— *Surgem diariamente pequenos exemplos inofensivos:*

— *Devo ir ao cinema ou jogar bowling?*

— *Devo lavar os dentes agora ou mais tarde?*

— *Devo escrever hoje ou amanhã ao meu amigo?*

— *Existem também questões mais importantes, relacionadas com carreiras, modos de vida ou outros envolvimento mais profundos.*

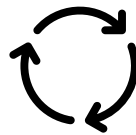
— *Nos vossos termos, cada decisão que tomam altera, em maior ou menor grau, a realidade que conhecem.*

ELEMENTO PRÁTICO 9

— *Como exercício, durante um ou dois dias, tomem nota de todas as ocasiões em que se surpreenderem a pensar em ações prováveis, grandes ou pequenas.*

— *Na vossa mente, procurem acompanhar «aquilo que poderia ter acontecido» caso tivessem seguido o percurso que não escolheram.*

— Depois, imaginem aquilo que poderá acontecer como resultado das decisões que tomaram.



— Vocês são membros da espécie. Qualquer escolha que façam individualmente afeta-a, tanto biológica como psiquicamente.

— Podem escolher literalmente entre a saúde e a doença; entre uma concentração maior no mental do que no físico, ou maior no físico do que no mental.

— Essas decisões individuais afetam a herança genética da espécie.

— A vossa intenção é de importância fundamental, pois, dentro de certos limites, podem alterar as próprias mensagens genéticas.

— Podem fazer com que uma célula, ou um grupo de células, altere a imagem que possui de si, por exemplo; e, mais uma vez, fazem-no frequentemente — como quando se curam de doenças devido à intenção de recuperar a saúde.

— A intenção será consciente, embora os meios possam não o ser.

— Nesse caso, contudo, as qualidades autocurativas das células são reforçadas, tal como se fortalecem também as capacidades autocurativas da espécie.

— A vossa psique individual está intimamente relacionada com a vossa existência terrena e, no estado de sonho, lidam com ações prováveis, encontrando frequentemente nesse estado soluções para problemas ou questões relacionadas com sequências prováveis de acontecimentos.

— Em muitas ocasiões, colocam a vocês próprios um problema — «Devo fazer isto ou aquilo?» — e formam um sonho no qual acompanham até ao fim os futuros prováveis que «resultariam» dos percursos disponíveis.

— Enquanto dormem e sonham, a vossa atividade química e hormonal acompanha fielmente os percursos dos sonhos.

— Assim, mesmo dentro da realidade que aceitam, num sonho desse tipo reagem, nessa medida, a acontecimentos prováveis, bem como aos acontecimentos escolhidos para a experiência física de vigília.

— A vossa vida quotidiana é afetada porque, num sonho desse género, lidam com previsibilidades prováveis.

— Contudo, não estão de modo algum sozinhos. Cada pessoa viva possui igualmente os seus sonhos individuais, e estes ajudam

a formar a sequência de probabilidades aceite do dia seguinte e do «tempo que há de vir».

— Todas as decisões pessoais se somam para formar os acontecimentos globais de um determinado dia.

— Existem terras da mente.

— Isto é, a mente possui as suas próprias «civilizações», a sua cultura e geografia individuais, a sua própria história e inclinações.

— Mas a mente está ligada ao cérebro físico e, por isso, existe, oculta nas suas dobras, uma memória arqueológica.

— Até certo ponto, aquilo que sabem agora depende daquilo que será conhecido e daquilo que já foi conhecido, nos vossos termos.

— As raças humanas do «passado» vivem, nessa medida, dentro do vosso Agora, tal como aquelas que, mais tarde, parecem vir depois.

— Portanto, em termos ideais, a história da vossa espécie pode ser descoberta com bastante clareza no interior da psique; e os verdadeiros acontecimentos arqueológicos não são encontrados apenas desenterrando rochas e relíquias, mas trazendo à luz, por assim dizer, as memórias que habitam na psique.

Síntese Operativa

Este capítulo liga três níveis de realidade que parecem separados, mas que Seth apresenta como profundamente interdependentes:

escolha individual → atividade celular e genética → desenvolvimento provável da espécie

A psique individual não é, portanto, um domínio privado sem consequências coletivas. Cada decisão, cada intenção e cada sonho participa na formação do corpo, da realidade pessoal e do futuro biológico e psíquico da humanidade.

O segundo movimento do capítulo amplia esta relação:

sonhos individuais → exploração de futuros prováveis → formação dos acontecimentos coletivos

O terceiro conduz à memória profunda da espécie:

psique → cérebro → memória arqueológica → civilizações «passadas» e «futuras»

A função central do capítulo é esta:

a experiência individual constitui um ponto operativo através do qual as probabilidades são avaliadas, as células são orientadas,

a espécie é transformada e a memória multidimensional da humanidade se torna acessível.

1. As células existem num estado contínuo de mudança

As células não são estruturas fixas.

células → mudança constante

Os átomos e as moléculas que as constituem encontram-se em fluxo permanente.

átomos e moléculas → combinação → separação → reorganização

A estabilidade do corpo não resulta da imobilidade, mas da coordenação de mudanças contínuas.

fluxo organizado → estabilidade corporal

2. As UC sustentam a memória da matéria

As unidades de consciência presentes em toda a matéria possuem uma capacidade de memória muito superior à de qualquer computador.

UC → memória profunda

Como componentes celulares, os átomos e as moléculas transportam a memória das formas nas quais participaram.

forma anterior → experiência → memória molecular

A matéria não começa de novo em cada organização.

matéria → continuidade de experiência

3. A célula trabalha com probabilidades

Em níveis profundos, as células não respondem apenas ao presente físico.

informação genética + probabilidades → avaliação celular

Elas comparam:

- ações possíveis

- desenvolvimentos prováveis
- informação herdada
- condições atuais

O comportamento celular inclui cálculo, antecipação e seleção.

4. O corpo realiza cálculos antes da ação consciente

Antes de dar um passo ou levantar um dedo, ocorre uma atividade extremamente complexa.

intenção consciente → cálculos interiores → movimento

O corpo avalia:

- posição
- equilíbrio
- força
- distância

- movimento provável

A ação exterior é o resultado final de uma vasta coordenação interior.

5. O organismo prevê o próprio comportamento

O corpo utiliza informação anterior e previsão.

experiência passada → antecipação → ação presente

Para atravessar uma sala, precisa de prever:

- movimento dos músculos
- posição do corpo
- trajetória
- resultado provável

A ação física depende de uma inteligência preditiva interior.

6. O corpo também avalia o ambiente

A previsão celular não se limita ao organismo.

corpo ↔ ambiente

Os átomos e as moléculas ajudam o corpo a avaliar entidades e objetos exteriores.

objeto exterior → probabilidade de comportamento → resposta corporal

O organismo nunca funciona isoladamente.

7. O conhecimento racional apoia-se no conhecimento celular

A mente racional sabe que uma cadeira não começará, normalmente, a persegui-la pela sala.

mente racional → conhecimento consciente

Mas esse conhecimento assenta numa avaliação mais profunda.

células → natureza da ação provável → segurança percetiva

A razão utiliza conclusões que já foram preparadas em níveis interiores.

8. A consciência estabelece objetivos

As células avaliam probabilidades, mas a mente consciente define a direção.

crença consciente → objetivo

objetivo → ativação dos mecanismos interiores

A pessoa decide atravessar a sala.

intenção → cálculos celulares → ação

A consciência não controla cada mecanismo, mas inicia e orienta o processo.

9. A intenção altera o comportamento celular

A intenção consciente não é abstrata.

intenção → sinal interior → atividade celular

Ela modifica o comportamento:

- das células
- dos componentes celulares
- dos sistemas corporais

O corpo responde à direção estabelecida pela consciência.

10. Os objetivos individuais participam nos objetivos da espécie

A espécie não possui objetivos separados dos indivíduos.

objetivos individuais → soma dinâmica → objetivos da espécie

Cada pessoa participa nos desenvolvimentos futuros da humanidade através da própria vida.

vida individual → alteração biológica e psíquica → futuro coletivo

A evolução da espécie ocorre através das escolhas dos seus membros.

11. A psique individual deve ser aplicada à própria experiência

«Psique individual» não pode permanecer como expressão teórica.

conceito abstrato → pouca utilidade

Para adquirir sentido, deve ser reconhecida na experiência pessoal.

auto-observação → identificação dos processos da psique

O capítulo desloca o leitor da teoria para a observação direta.

12. Pensar é escolher entre probabilidades

A vida quotidiana está continuamente organizada por escolhas.

- ação provável A
- ação provável B

- decisão

Escolher pressupõe que vários percursos são possíveis.

possibilidades → seleção → realidade atualizada

A experiência pessoal é uma atividade constante de navegação entre probabilidades.

13. As pequenas escolhas também alteram a realidade

As decisões não precisam de ser dramáticas.

- cinema ou bowling
- agora ou mais tarde
- hoje ou amanhã

Cada escolha modifica, em alguma medida, a realidade conhecida.

decisão mínima → alteração da sequência de acontecimentos

A realidade pessoal é formada por inúmeras seleções aparentemente insignificantes.

14. As grandes decisões reorganizam percursos de vida

Outras escolhas envolvem:

- carreira
- modo de vida
- relações
- compromissos profundos

Essas decisões modificam extensas cadeias de probabilidades.

escolha profunda → nova sequência de vida

A identidade física e psicológica é continuamente atualizada.

15. O Elemento Prático 9 torna visível a escolha provável

O exercício propõe observar todas as ocasiões em que surgem alternativas.

registar escolhas → reconhecer probabilidades

Depois, seguir mentalmente:

- o percurso não escolhido
- o resultado provável da decisão tomada

O objetivo não é lamentar alternativas, mas tornar consciente a estrutura probabilística da experiência.

16. Toda a escolha individual afeta a espécie

O indivíduo é membro biológico e psíquico da humanidade.

- escolha individual → efeito pessoal
- efeito pessoal → repercussão na espécie

As decisões privadas não terminam na pessoa.

psique individual ↔ campo da espécie

Cada escolha acrescenta informação à experiência coletiva.

17. Saúde e doença também envolvem escolha

Seth afirma que o indivíduo pode escolher, dentro de determinados limites, entre saúde e doença.

intenção → orientação da experiência corporal

Também pode privilegiar:

- o mental
- o físico
- uma relação específica entre ambos

Essas orientações influenciam o corpo e a herança da espécie.

18. A intenção pode alterar mensagens genéticas

A informação genética não é apresentada como completamente rígida.

intenção consciente → sinais interiores → mensagens genéticas

Dentro de certos limites, a pessoa pode alterar a expressão dessas mensagens.

- genética → potencial
- intenção → seleção e ativação

A hereditariedade participa numa relação dinâmica com a consciência.

19. As células possuem uma imagem de si

Uma célula ou grupo de células mantém uma autoimagem funcional.

imagem celular de si → comportamento

Essa imagem influencia:

- função
- organização
- resposta

- cura

A consciência pode contribuir para a alteração dessa autoimagem.

20. A cura reforça as capacidades da espécie

Quando uma pessoa recupera a saúde através de uma intenção consciente, os meios podem permanecer inconscientes.

intenção consciente → mecanismos inconscientes → cura

A cura reforça:

- qualidades autocurativas das células
- capacidades autocurativas do indivíduo
- potencial autocurativo da espécie

O triunfo individual torna-se conhecimento coletivo.

21. A psique está profundamente ligada à existência terrena

A psique individual não está afastada da vida física.

psique → corpo → decisões → acontecimentos

Ela participa diretamente:

- na saúde
- nos sonhos
- nas escolhas
- nas relações
- na realidade quotidiana

A interioridade organiza a experiência terrena.

22. O sonho explora sequências prováveis

Durante o sonho, a pessoa trabalha com ações alternativas.

problema consciente → sonho → exploração de futuros

A psique pode acompanhar vários percursos possíveis.

- decisão A → futuro provável A
- decisão B → futuro provável B

O sonho funciona como campo de simulação experiencial.

23. O corpo acompanha os acontecimentos sonhados

Durante o sonho, a atividade química e hormonal segue os percursos experienciados.

acontecimento provável no sonho → resposta corporal real

O corpo reage não apenas aos acontecimentos físicos escolhidos para a vigília, mas também a acontecimentos prováveis experienciados no sonho.

probabilidade sonhada → efeito fisiológico

A fronteira entre experiência provável e experiência corporal torna-se funcionalmente permeável.

24. Os sonhos influenciam a vida quotidiana

Ao explorar futuros prováveis, o sonho prepara a pessoa para a vigília.

sonho → avaliação → orientação

A vida diária é afetada por:

- soluções encontradas
- emoções experienciadas
- probabilidades avaliadas
- decisões preparadas

O sonho participa na organização do dia seguinte.

25. Os sonhos individuais formam probabilidades coletivas

Cada pessoa possui sonhos privados.

sonhos individuais → decisões individuais

Mas todos esses processos convergem.

decisões pessoais → acontecimentos coletivos

A sequência de probabilidades aceite para o dia seguinte é formada pela contribuição de todos.

psique privada → realidade global

26. Os acontecimentos globais nascem de decisões pessoais

Os acontecimentos coletivos não surgem separadamente dos indivíduos.

escolhas pessoais acumuladas → acontecimentos globais

A realidade social resulta de incontáveis decisões privadas.

microdecisão → padrão coletivo

A história é produzida tanto interiormente como exteriormente.

27. Existem terras da mente

A mente não é um espaço vazio nem apenas uma função abstrata.

Possui:

- civilizações
- cultura
- geografia
- história
- inclinações

As «terras da mente» representam organizações interiores reais da experiência psíquica.

28. A mente possui civilizações próprias

As civilizações interiores não devem ser entendidas apenas como metáforas decorativas.

padrões psíquicos → organizações complexas

A mente contém estruturas que podem ser exploradas como:

- territórios
- épocas
- culturas
- linhas de desenvolvimento

A psique possui uma história própria.

29. O cérebro contém memória arqueológica

A mente está ligada ao cérebro físico.

mente ↔ cérebro

Nas dobras cerebrais existe uma memória arqueológica.

cérebro → expressão física da memória da espécie

Essa memória não se limita à história individual.

memória pessoal + memória coletiva + memória provável

O cérebro funciona como ponto de interseção entre a psique e a experiência física.

30. O presente depende do passado e do futuro

Aquilo que é conhecido agora depende:

- do que foi conhecido
- do que será conhecido

O conhecimento não se organiza apenas numa direção temporal.

passado ↔ presente ↔ futuro

A psique participa numa estrutura temporal mais ampla do que a sequência linear.

31. As civilizações «passadas» vivem no Agora

As raças e civilizações humanas do passado não estão completamente ausentes.

civilizações passadas → memória psíquica → presente

Elas continuam a existir, em certa medida, dentro do Agora.

passado → conteúdo ativo da psique

A história não é apenas uma sucessão de acontecimentos mortos.

32. As civilizações «futuras» também participam no presente

As civilizações que parecem vir depois também influenciam aquilo que agora é conhecido.

futuro provável → informação → presente

O presente recebe informação em ambas as direções.

passado provável → Agora ← futuro provável

A espécie participa numa memória que atravessa o tempo.

33. A história da espécie pode ser descoberta na psique

A arqueologia exterior procura:

- rochas
- ruínas
- relíquias
- objetos

A arqueologia interior procura:

- memórias
- imagens
- sonhos
- padrões psíquicos
- conhecimento celular

A verdadeira história da humanidade exige ambas.

34. A arqueologia não é apenas material

Desenterrar objetos revela manifestações exteriores.

reliquia → vestígio físico

Mas a psique conserva a experiência viva.

memória psíquica → contexto interior

Sem a dimensão psíquica, a arqueologia encontra fragmentos sem recuperar plenamente a consciência que os produziu.

35. A memória da espécie é viva

A memória da humanidade não é um arquivo passivo.

memória → atividade presente

Ela influencia:

- crenças
- decisões

- sonhos
- desenvolvimentos futuros
- organização celular

O passado e o futuro vivem como potenciais ativos na psique individual.

Estrutura funcional do capítulo

O movimento completo pode ser representado assim:

UC e memória da matéria → atividade celular probabilística → intenção consciente → ação física → escolha individual → alteração celular e genética → desenvolvimento da espécie → sonhos e futuros prováveis → acontecimentos coletivos → terras da mente → memória arqueológica da espécie

Distinções essenciais

Mente racional

- formula objetivos
- interpreta
- escolhe

Inteligência celular

- calcula
 - antecipa
 - coordena
 - avalia probabilidades
-

Escolha privada

- decisão individual

Consequência coletiva

- alteração biológica

- efeito psíquico
 - contribuição para a espécie
-

Sonho individual

- exploração de futuros prováveis

Realidade coletiva

- soma das decisões e orientações individuais
-

Arqueologia exterior

- rochas
- relíquias
- vestígios

Arqueologia interior

- memórias da psique
 - história celular
 - civilizações interiores
 - passados e futuros prováveis
-

Síntese final

O capítulo mostra que a realidade pessoal é continuamente formada por escolhas entre probabilidades.

probabilidades → escolha → intenção → resposta celular → acontecimento

Cada decisão individual possui simultaneamente uma dimensão:

- psicológica
- biológica
- genética
- social

- evolutiva

Durante o sonho, a psique explora futuros alternativos e prepara a realidade de vigília. Como todos os indivíduos fazem o mesmo, os sonhos e decisões privados convergem na formação dos acontecimentos coletivos.

A psique conserva ainda a memória profunda da espécie.

civilizações «passadas» + civilizações «futuras» → memória arqueológica → Agora

Assim, a história humana não se encontra apenas nos vestígios materiais, mas também nas células, nos sonhos e nas terras interiores da mente.

Cada escolha individual é simultaneamente um acontecimento pessoal, uma orientação celular e uma contribuição para a memória e para o futuro provável da espécie.

CAPÍTULO 30

Os Sistemas de Códigos da Consciência, os Sonâmbulos e a Continuidade da Vida

— *A consciência opera com aquilo a que podem chamar sistemas de códigos. Estes são incontáveis.*

— *A consciência diferencia-se, portanto, ao operar dentro de determinados sistemas de códigos que ajudam a orientar tipos específicos de focalização, introduzindo certos tipos de significados, enquanto excluem outros dados.*

— *Naturalmente, esses outros dados poderiam ser bastante significativos noutros sistemas de códigos. Contudo, à sua maneira, esses sistemas estão inter-relacionados, de modo que, noutros níveis, existe comunicação entre eles — dados secundários, poder-se-ia dizer, que servem de apoio, embora não constituam o foco principal.*

— *Esses sistemas de códigos envolvem construções moleculares e valores de luz, e, em certos aspetos, os valores de luz são utilizados com tanta precisão e eficácia como o vosso alfabeto.*

— *Por exemplo, determinados tipos de vida respondem, evidentemente, a espectros com os quais não estão familiarizados. Para além disso, porém, existem amplitudes eletromagnéticas — ou, mais precisamente, extensões dessas amplitudes — que vos são totalmente desconhecidas e às quais outras formas de vida respondem.*

— *Mais uma vez, todos esses sistemas de códigos estão inter-relacionados.*

— *Do mesmo modo, a psique individual contém indícios e vislumbres de outras realidades alternativas. Estes operam, por assim dizer, como códigos secundários, subjacentes à existência que reconhecem oficialmente.*

— *Esses sistemas secundários podem ensinar-vos muito acerca dos potenciais da realidade humana — daqueles que permanecem latentes, mas que podem, a qualquer momento, ser «elevados» a uma importância primária.*

— *Esses sistemas secundários apontam também para possíveis desenvolvimentos prováveis de indivíduos ou espécies.*

— *Todas as probabilidades concretamente possíveis no desenvolvimento humano estão, portanto, presentes, em maior ou menor grau, em cada indivíduo.*

— Qualquer avanço biológico ou espiritual que possam imaginar não surgirá, naturalmente, de uma agência exterior, mas do interior da herança da consciência tornada carne.

— Em termos gerais, aqueles que vivem neste século escolheram uma orientação específica. A espécie escolheu especializar-se em determinados tipos de manipulação física e dirigir as suas energias para certas direções.

— Essas direções produziram uma realidade singular à sua maneira.

— Por outras palavras, o ser humano não se conduziu a um beco sem saída. Tem estudado a natureza da própria consciência, utilizando-a como se estivesse separada do resto da natureza e, por isso, vendo a natureza e o mundo sob uma determinada luz.

— Essa luz acabou por fazê-lo sentir-se isolado, só e, até certo ponto, relativamente impotente.

— Está a aprender a utilizar a luz da própria consciência e a descobrir até onde pode confiar nesse modo específico de a usar.

— Está a estudar aquilo que pode e não pode fazer com essa focalização específica.

— Começa agora a descobrir, por outras palavras, que também necessita de outras luzes — que tem dependido apenas de uma

pequena porção de um vasto holofote interior, capaz de ser orientado em muitas direções.

— Observemos algumas dessas outras direções, inerentes à consciência humana, que ainda aguardam uma utilização eficaz.

— Estou a falar nos vossos termos históricos porque, antes do sistema histórico que reconhecem, o ser humano experimentou, de facto, essas outras direções, com algum êxito.

— Isto não significa que o ser humano atual tenha caído de uma realização espiritual superior para o seu estado presente.

— Existem ciclos nos quais a consciência forma a experiência terrena e traça sequências históricas.

— Existiram, portanto, outras espécies de humanidade além da vossa, cada uma lidando com os dados físicos à sua maneira.

— Algumas seguiram direções diferentes daquela que vocês escolheram.

— Contudo, esses percursos permanecem latentes ou secundários na vossa própria experiência individual e coletiva. Residem dentro de vocês, apresentando-vos realidades alternativas que podem escolher, individual ou coletivamente, conforme preferirem.

— Cada sistema produz, naturalmente, a sua própria cultura, «tecnologia», arte e ciência.

— O corpo físico está fundamentalmente equipado para se manter como um organismo saudável e longo, muito para além da vossa compreensão médica atual.

— A compreensão celular proporciona toda a espécie de terapêuticas interiores que operam com absoluta naturalidade.

— Existe uma reciprocidade física entre o corpo e o ambiente que ultrapassa aquilo que reconhecem; uma dinâmica interior, que vos escapa, une a saúde das plantas, dos animais e dos seres humanos.

— Tomando o exemplo mais simples e quotidiano: se viverem num ambiente razoavelmente equilibrado e saudável, as plantas da vossa casa e os vossos animais também estarão bem.

— Vocês formam o ambiente e fazem parte dele. Reagem a ele, esquecendo-se frequentemente dessa relação.

— Idealmente, o corpo possui a capacidade de se manter em excelente estado de saúde e, além disso, de conservar os níveis mais elevados de desempenho físico.

— Os feitos dos vossos maiores atletas dão-vos uma indicação da verdadeira capacidade do corpo.

— *Contudo, dentro do vosso sistema de crenças, esses atletas têm de treinar e concentrar toda a atenção nessa direção, muitas vezes à custa de outras áreas da própria experiência.*

— *Ainda assim, os seus desempenhos mostram-vos aquilo de que o corpo é capaz.*

— *Mais uma vez, em condições ideais, o corpo está preparado para eliminar qualquer doença e manter a própria estabilidade até àquilo a que chamariam uma idade muito avançada, sofrendo apenas uma alteração geral e gradual.*

— *No seu melhor, porém, essa alteração produziria transformações espirituais.*

— *Quando partem de férias, por exemplo, fecham a casa. Dentro destes termos ideais, a morte envolveria o encerramento da vossa casa física; não implicaria que ela desabasse à vossa volta.*

— *Alguns indivíduos, porém, vislumbram esta vasta capacidade natural de cura do corpo e utilizam-na.*

— *Os médicos deparam-se por vezes com ela quando um paciente com uma doença considerada incurável recupera subitamente.*

— *As curas «milagrosas» são simplesmente exemplos da natureza sem entraves.*

— Os médicos completos, como mencionei anteriormente, seriam pessoas que compreenderiam a verdadeira natureza do corpo e os seus potenciais — pessoas que transmitiriam essas ideias aos outros e os encorajariam a confiar na validade do corpo.

— Algumas capacidades do corpo parecer-vos-ão impossíveis, porque não possuem provas que as sustentem.

— Muitos órgãos conseguem substituir-se inteiramente; partes doentes podem ser substituídas por tecido novo.

— Muitas pessoas desenvolveram cancro sem o saber e libertaram-se dele.

— Apêndices removidos cirurgicamente voltaram a crescer.

— Estas capacidades corporais são biologicamente alcançáveis, em termos práticos, mas apenas através de uma mudança completa de focalização e de crenças.

— A insistência em separarem-se da natureza impediu-vos automaticamente de confiar nos aspetos biológicos do corpo, e os vossos conceitos religiosos afastaram-vos ainda mais da espiritualidade corporal.

— Na vossa realidade, por outro lado, a consciência identifica-se habitualmente com o corpo — isto é, pensam que permanece sempre dentro da carne.

— *Contudo, muitos indivíduos descobriram-se fora do corpo, plenamente conscientes e despertos — incluindo Jane e Rob.*

— *Em determinadas condições, portanto, o corpo pode manter-se enquanto a «consciência principal» está ausente.*

— *A consciência corporal é perfeitamente capaz de assegurar o equilíbrio geral.*

— *Em certos níveis do estado de sono, isto acontece realmente.*

— *No sonambulismo, o corpo está ativo, mas a consciência principal não está «desperta». Não está a manipular o corpo. Encontra-se noutro lugar.*

— *Nessas condições, o corpo consegue realizar tarefas e, muitas vezes, movimentar-se com um sentido de equilíbrio surpreendente.*

— *Esta destreza sugere, uma vez mais, capacidades físicas que normalmente não são utilizadas.*

— *A consciência principal, devido às suas crenças, limita frequentemente essa flexibilidade durante a vida normal de vigília.*

— *Observemos por instantes a consciência corporal.*

— *Ela está equipada, tal como a de um animal, para atuar de forma magnífica no seu ambiente. Chamariam a isso ausência de mente, pois pareceria não raciocinar.*

— *Exclusivamente para os fins desta discussão, imaginem um corpo dotado de uma consciência corporal plenamente operativa, sem doença nem defeito de nascença, mas sem a consciência superior orientada pelo ego que vocês possuem.*

— *Existiram espécies dessa natureza.*

— *Nos vossos termos, pareceriam sonâmbulos, embora as suas capacidades físicas ultrapassassem as vossas.*

— *Eram, de facto, tão ágeis como os animais — e não estavam inconscientes. Lidavam simplesmente com um tipo diferente de consciência.*

— *Nos vossos termos, não possuíam um propósito global; contudo, o seu propósito consistia simplesmente em ser.*

— *Os principais focos da sua consciência encontravam-se noutra lugar, noutra tipo de realidade, enquanto as manifestações físicas permaneciam separadas.*

— *Os seus focos primários de consciência mal tinham consciência dos corpos que haviam criado.*

— *Ainda assim, até esses corpos aprenderam «através da experiência» e começaram a «despertar», a adquirir consciência de si e a descobrir o tempo — ou a criá-lo.*

— *Os sonâmbulos, como lhes chamaremos, não estavam adormecidos para si próprios; apenas pareceriam estar, do vosso ponto de vista.*

— *Existiram várias raças humanas dessa natureza.*

— *A sua experiência primária global situava-se fora do corpo. A existência corporal física era um efeito secundário.*

— *Para eles, a vida de sonho constituía a realidade: continha os estímulos mais elevados, a experiência mais focalizada, o propósito mais sustentado, a atividade mais significativa e o comportamento social e cultural mais organizado.*

— *Este é, por assim dizer, o outro lado da vossa própria experiência.*

— *Essas raças deixaram a Terra física praticamente como a encontraram.*

— *A atividade principal envolvia, portanto, a consciência separada do corpo. Nos vossos termos, a cultura física era rudimentar.*

— O organismo físico, enquanto tal, é capaz desse tipo de sistema de realidade.

— Não é melhor nem pior do que o vosso. Representa simplesmente um comportamento alternativo, biológica e espiritualmente possível.

— Não foram criados sistemas complexos de transporte físico.

— No estado físico — naquilo a que chamariam estado de vigília —, esses indivíduos dormiam.

— Comparativamente, as suas atividades de vigília parecer-vos-iam oníricas e, no entanto, comportavam-se com enorme graça física natural, permitindo ao corpo funcionar em toda a sua capacidade.

— Não o sobrecarregavam com crenças negativas acerca de doença ou limitação.

— Esses corpos não envelheciam tanto como os vossos e desfrutavam de uma enorme facilidade, bem como de um profundo sentido de pertença ao ambiente.

— A consciência ligada à carne possui, portanto, uma vasta margem de liberdade, espiritual e biológica, e pode focalizar-se de muitas formas com e através da carne, para além da orientação específica que vocês escolheram.

— *Existiram civilizações altamente sofisticadas e desenvolvidas que não seriam reconhecidas como tal por vocês, porque a sua orientação principal era mental ou psíquica, enquanto a raça física em si pareceria extremamente pouco desenvolvida.*

— *Em alguns dos seus próprios sonhos privados, muitos dos meus leitores terão descoberto uma realidade tão vívida como a habitual — e, por vezes, ainda mais.*

— *Essas experiências podem dar-vos uma vaga indicação do tipo de existência de que estou a falar.*

— *Existem também mecanismos físicos relacionados com as capacidades de hibernação de alguns animais que podem proporcionar outros indícios acerca das possíveis relações entre a consciência e o corpo.*

— *Em determinadas condições, por exemplo, a consciência pode abandonar o mecanismo corporal enquanto este permanece intacto — funcional, mas reduzido a um nível de manutenção.*

— *Quando regressam as condições ideais, a consciência reativa o corpo. Esse comportamento não é exclusivo dos animais.*

— *Em sistemas diferentes do vosso, existem realidades nas quais os organismos físicos são reativados depois daquilo que vos pareceria serem séculos de inatividade — mais uma vez, quando as condições são adequadas.*

— Até certo ponto, os vossos próprios ciclos de vida e morte constituem simplesmente outro aspeto do princípio da hibernação, tal como o compreendem.

— A vossa consciência abandona o corpo quase da mesma forma que as mensagens atravessam os terminais nervosos.¹ Entretanto, a consciência não é destruída.

— No caso de um animal que hiberna, o corpo permanece no mesmo estado.

— Mas, na hibernação mais ampla da vossa própria experiência, o corpo, como um todo, torna-se inoperante.

— É evidente que as células dentro de vocês morrem constantemente.

— O corpo que possuem agora não é o mesmo que possuíam há dez anos; a sua composição física morreu completamente muitas vezes desde o nascimento.

— Mais uma vez, porém, a vossa consciência estabelece uma ponte sobre essas descontinuidades.

¹ Com “terminais nervosos”, Seth refere-se às sinapses, os locais minúsculos onde os neurónios, ou células nervosas, entram em contacto.

— *Em alternativa, poderiam aceitá-las; nesse caso, parecer-vos-ia que eram, por exemplo, um self reencarnado aos sete, catorze ou vinte e um anos. Contudo, a sequência específica da vossa consciência mantém a continuidade.*

— *Em termos fundamentais, o corpo morre muitas vezes — tão seguramente como julgam que morre apenas uma vez, na morte que reconhecem.*

— *Em inúmeras ocasiões, desagrega-se fisicamente, mas a vossa consciência prossegue para além dessas «mortes». Não as percecionam.*

— *A matéria do vosso corpo regressa literalmente à Terra muitas vezes, tal como pensam que acontece apenas no «fim da vossa vida».*

— *Mais uma vez, a vossa própria consciência ultrapassa triunfalmente essas mortes que não reconhecem como tal.*

— *Contudo, dentro da existência tridimensional que escolheram, e nos termos dessa existência, a consciência acaba por reconhecer uma morte.*

— *Do exterior, é quase impossível identificar com precisão o ponto de interseção entre a consciência e a sua separação visível do corpo.*

— Existe um momento em que vocês, enquanto consciência, decidem que a morte acontecerá — quando, nos vossos termos, deixam de estabelecer a ponte sobre as pequenas mortes não reconhecidas.

— Nesse momento, a consciência decide abandonar a carne e aceitar uma morte oficial.

— Contudo, já escolheram um enquadramento, e esse enquadramento parece inevitável. Parece, então, que o corpo durará apenas determinado tempo. O facto permanece: escolheram um tipo de consciência que se identifica com a carne durante um certo período.

— Outras espécies de consciência — de uma ordem completamente diferente e com outro ritmo de experiência — considerariam uma vida, nos vossos termos, como um dia e não teriam qualquer dificuldade em estabelecer a continuidade entre vida visível, morte e nova vida.

— Alguns indivíduos descobrem em si memórias de outras vidas, que constituem outros dias para a alma.

— Essas pessoas tomam então consciência de uma consciência mais ampla, que estabelece continuidade através dessas descontinuidades, e compreendem que a experiência terrena pode incluir, entre outras coisas, o conhecimento da existência em mais de um corpo.

— *Por conseguinte, a consciência ligada à carne pode, de facto, comportar essas compreensões. A mente humana, tal como a conhecem, revela pelo menos a capacidade potencial de lidar com um tipo de memória com o qual normalmente não estão familiarizados.*

— *Isto significa que, mesmo biologicamente, a espécie está equipada para lidar com diferentes sequências temporais, embora continue a operar dentro de um determinado esquema temporal.*

— *Isto implica também uma riqueza psicológica muito maior — mais uma vez, inteiramente possível dentro da realidade corporal —, na qual podem ser geridos vários níveis de relação.*

— *Esse conhecimento interior é inerente às células e, nos termos habituais da evolução, constitui um desenvolvimento «futuro» inteiramente possível.*

— *Na vossa realidade, o conhecimento é geralmente transmitido através das eras por meio de livros e registos históricos. Contudo, cada indivíduo contém em si um vasto repositório de conhecimento direto do passado, nos vossos termos, através da compreensão inconsciente.*

— *A realidade desconhecida: grande parte dessa realidade permanece desconhecida simplesmente porque as vossas crenças vos impedem o acesso ao vosso próprio conhecimento. O alcance da vossa consciência não é limitado.*

— *Como aceitam a ideia de um movimento linear do tempo, não conseguem ver para além daquilo que consideram o vosso nascimento ou a vossa morte, embora a vossa consciência mais ampla esteja plenamente consciente dessas experiências.*

— *Idealmente, é possível não apenas recordar vidas «passadas», mas também planejar agora vidas futuras. Em termos mais amplos, todas essas vidas acontecem simultaneamente.*

— *A vossa estrutura neurológica atual faz com que isto pareça impossível, mas a vossa consciência interior não está sujeita a essa limitação.*

ELEMENTO PRÁTICO 10

— *Podem manter na atenção consciente muito mais dados do que imaginam.*

— *Hipnotizaram-se a vocês próprios, levando-se a acreditar que a vossa consciência é extremamente limitada.*

— *Pensem no dia de ontem.*

— *Procurem recordar aquilo que fizeram quando se levantaram e o que vestiram.*

— *Tentem seguir a sequência das vossas atividades desde o momento em que acordaram até adormecerem.*

— *Depois, preencham os detalhes.*

— *Procurem recordar os sentimentos que tiveram em todos esses momentos.*

— *A maioria de vocês terá sorte se conseguir chegar até aqui.*

— *Aqueles que o conseguirem devem ir ainda mais longe e tentar recordar também os devaneios que possam ter tido.*

— *Procurem recordar os pensamentos dispersos que vos passaram pela mente.*

— *Ao princípio, isto exigirá toda a vossa atenção.*

— *Podem realizar o exercício sentados em silêncio, enquanto viajam de autocarro ou aguardam por alguém num escritório.*

— *Alguns poderão conseguir fazê-lo enquanto executam uma série mais ou menos automática de ações — mas não tentem realizá-lo enquanto conduzem um automóvel, por exemplo.*

— À medida que se tornarem mais hábeis, façam deliberadamente outra coisa ao mesmo tempo — uma atividade física, por exemplo.

— Quando a maioria de vocês iniciar este exercício, parecer-vos-á quase terem sido sonâmbulos no dia anterior.

— A coordenação precisa e subtil dos sentidos com a atividade física parecerá simplesmente ter-se perdido.

— Contudo, à medida que avançarem, os detalhes tornar-se-ão claros e descobrirão que conseguem manter na mente pelo menos alguns aspetos da realidade de ontem enquanto continuam ancorados na realidade de hoje.

— Em termos mais amplos, existem outras vidas inteiras que, para vocês, estão esquecidas essencialmente do mesmo modo que o dia de ontem.

— Também elas constituem, porém, uma série secundária de atividades que se desenrola subjacente à vossa preocupação principal atual.

— Fazem inconscientemente parte do vosso presente e estão ligadas a ele, tal como o dia de ontem.

— Passemos agora à segunda parte do exercício.

— *Imaginem vividamente aquilo que farão amanhã e planeiem, em detalhe, um dia provável que emergja naturalmente da vossa experiência, do vosso comportamento e dos vossos propósitos atuais.*

— *Acompanhem-no até ao fim, tal como fizeram na primeira parte do exercício.*

— *A realidade desse dia já é antecipada pelas vossas células.*

— *O vosso corpo já se preparou para ela, projetando precognitivamente para esse dia o funcionamento de todas as suas funções.*

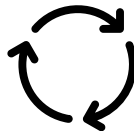
— *A vossa vida «futura» existe do mesmo modo e, nos vossos termos, cresce a partir do vosso presente tanto quanto o dia de amanhã cresce a partir do dia de hoje.*

— *A realização do exercício familiarizará simplesmente a consciência habitual com a sensação da própria flexibilidade.*

— *Estarão a exercitar os músculos invisíveis da consciência tão seguramente como poderiam exercitar o corpo através da ginástica.*

— *Para outras partes de vocês, pareceriam sonâmbulos.*

— Contudo, a participação criativa plena em qualquer momento desperta-vos para os vossos próprios potenciais e permite-vos, portanto, experienciar uma unidade entre a vossa consciência e a compreensão das vossas células físicas. Essas células são tão espirituais como a vossa alma.



— Em maior ou menor grau, na vossa sociedade, são ensinados a não confiar em vocês próprios.

— Existem diversas escolas e religiões que procuram afirmar a validade do self, mas as suas distorções sufocaram a autenticidade fundamental dos ensinamentos.

— Nesses termos, Ruburt começou do zero, como membro da vossa sociedade que acabou por abandonar, tal como tu, Joseph, os enquadramentos de crenças dominantes.

— Durante algum tempo, encontrou-se simplesmente entre sistemas de crenças, rejeitando alguns por completo e aceitando partes de outros; mas, sobretudo, foi um pioneiro — e tudo isto enquanto transportava a crença fundamental, em grande medida não reconhecida, da sociedade de que não se pode confiar no self...

— Enquanto essa crença emocionalmente invisível for mantida, tudo aquilo que o self faz terá de ser examinado e posto à prova; entretanto, as crenças que sustentaram outras pessoas permanecem suspensas.

— O desenvolvimento das capacidades de Ruburt afastá-lo-ia, portanto, de estruturas reconfortantes, enquanto procurava outras que o sustentassem...

— Ele pôs à prova grande parte daquilo que aprendeu.

— A sua personalidade floresceu em todos os aspetos, sobretudo na relação com os outros e na criatividade pessoal...

— Tem vindo a testar a nossa informação no mundo que conhece.

— Sentiu que isso era necessário...

— Pois como poderia o self, ensinado a acreditar que era mau, produzir o bem?

— Existiam enquadramentos que poderiam ter-lhe oferecido auxílio, mas ele percebeu que não eram intrinsecamente válidos e, por isso, não dependeu deles...

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta a consciência como uma realidade muito mais flexível do que aquela reconhecida pela orientação humana atual. Ela opera através de sistemas de códigos, organiza diferentes modos de percepção, sustenta as capacidades curativas do corpo, pode relacionar-se com a carne segundo ritmos diversos e estabelece continuidade através das sucessivas transformações físicas que o organismo interpreta como vida e morte.

A função central do capítulo é esta:

a consciência não está confinada ao corpo nem a uma única organização da realidade; utiliza sistemas de códigos, orientações biológicas e sequências temporais específicas para produzir diferentes formas de experiência, mantendo a sua continuidade através das mudanças do corpo, do sono, da morte e de outras vidas.

1. A consciência opera através de sistemas de códigos

A consciência utiliza incontáveis sistemas de códigos.

consciência → sistema de códigos → focalização específica → realidade reconhecida

Cada sistema seleciona determinados dados e exclui outros.

dados disponíveis → seleção → significados privilegiados → experiência

Aquilo que não possui importância num sistema pode ser central noutro.

dado secundário num sistema → dado principal noutro sistema

2. Os sistemas de códigos diferenciam a consciência

A diferenciação da consciência não implica separação absoluta.

consciência fundamental → códigos diferentes → modos distintos de focalização

Cada sistema organiza:

percepção → significado → ação → experiência

As diferenças entre formas de vida e organizações da realidade podem resultar, em parte, da utilização de sistemas de códigos diferentes.

3. Comunicação entre sistemas

Embora cada sistema privilegie determinados dados, os sistemas permanecem inter-relacionados.

sistema primário → dados secundários → comunicação com outros sistemas

Os dados secundários apoiam a realidade principal sem ocuparem o centro da atenção.

informação de fundo → sustentação → experiência oficialmente reconhecida

A consciência participa, portanto, em mais informação do que aquela que reconhece conscientemente.

4. Códigos moleculares e valores de luz

Os sistemas de códigos envolvem construções moleculares e valores de luz.

consciência → organização molecular → valores de luz → forma de vida

Os valores de luz podem ser utilizados com a precisão de um alfabeto.

valor de luz → unidade codificada → significado operativo

Outras formas de vida podem responder a espectros e extensões eletromagnéticas que a humanidade não percebe.

faixa desconhecida → resposta de outra forma de vida → realidade diferente

5. A psique contém realidades alternativas

A psique individual contém indícios de outras organizações possíveis da realidade.

psique individual → códigos secundários → realidades alternativas

Esses códigos permanecem sob a existência oficialmente reconhecida.

realidade principal → atividade secundária subjacente → potenciais latentes

O indivíduo contém mais possibilidades do que aquelas que atualiza.

6. Potenciais humanos latentes

Os sistemas secundários revelam capacidades humanas ainda não desenvolvidas.

potencial latente → mudança de focalização → importância primária

Aquilo que hoje parece excepcional pode tornar-se uma capacidade normal noutra desenvolvimento provável.

capacidade secundária → escolha individual ou coletiva → desenvolvimento provável

Cada indivíduo contém, em algum grau, as probabilidades biológica e espiritualmente possíveis para a espécie.

7. O desenvolvimento nasce do interior

Nenhum avanço humano fundamental surge de uma agência exterior.

herança da consciência tornada carne → potencial interior → desenvolvimento

A evolução biológica e espiritual emerge da própria estrutura da consciência incorporada.

consciência → organização corporal → possibilidade evolutiva

A espécie não recebe novas capacidades do exterior; atualiza potenciais já presentes.

8. A especialização da espécie humana

A humanidade atual escolheu especializar-se em determinados tipos de manipulação física.

escolha da espécie → focalização física → tecnologia e cultura atuais

Essa especialização produziu uma realidade singular.

orientação específica → experiência específica → limites específicos

O percurso humano não constitui um beco sem saída, mas uma experiência deliberada acerca do uso de um modo particular de consciência.

9. A luz da consciência

O ser humano utilizou a consciência como se ela estivesse separada da natureza.

consciência separada → natureza observada exteriormente → isolamento

Essa utilização produziu conhecimento, mas também:

separação → solidão → sensação de impotência

A humanidade está agora a descobrir os limites desse modo de focalização.

10. O holofote interior

A consciência humana dispõe de um vasto holofote interior.

holofote interior → múltiplas direções possíveis

A orientação atual utiliza apenas uma pequena parte dessa capacidade.

pequena faixa utilizada → realidade oficialmente reconhecida

A expansão não exige abandonar a consciência presente, mas orientá-la noutras direções.

mudança de foco → acesso a outros códigos → percepção ampliada

11. Outras humanidades

Antes da sequência histórica reconhecida, existiram outras espécies ou organizações da humanidade.

consciência → diferentes espécies humanas → diferentes modos de tratar os dados físicos

Cada uma seguiu uma orientação própria.

orientação alternativa → cultura própria → tecnologia própria → ciência própria

Essas possibilidades continuam latentes na experiência individual e coletiva atual.

12. Percursos alternativos ainda presentes

Os percursos de outras humanidades não desapareceram completamente.

experiências anteriores da espécie → códigos secundários → potenciais atuais

Continuam presentes como realidades alternativas que podem ser escolhidas.

potencial latente → escolha individual e coletiva → realidade provável

A história da humanidade não é apenas uma linha encerrada, mas um campo de possibilidades ainda ativo.

13. A capacidade natural do corpo

O corpo está equipado para manter-se saudável e longo muito para além da compreensão médica atual.

compreensão celular → terapêuticas interiores → autorregulação

O organismo contém capacidades naturais de:

reparação → substituição → equilíbrio → renovação

Os feitos dos grandes atletas oferecem apenas um vislumbre da verdadeira capacidade corporal.

14. Corpo e ambiente formam uma relação viva

Existe uma reciprocidade física profunda entre o corpo e o ambiente.

corpo ↔ ambiente

A saúde das plantas, dos animais e dos seres humanos participa numa dinâmica comum.

ambiente equilibrado → organismos equilibrados

O indivíduo forma o ambiente, participa nele e reage-lhe.

indivíduo → ambiente → indivíduo

A separação entre organismo e meio é funcional, não absoluta.

15. Envelhecimento e morte ideais

Em condições ideais, o corpo poderia manter a estabilidade até uma idade muito avançada.

autorregulação → envelhecimento gradual → transformação espiritual

A morte não precisaria de ocorrer através do colapso do organismo.

fim da experiência física → encerramento da casa corporal

A analogia da casa mostra a diferença entre:

- encerrar uma estrutura → abandonar o corpo

e:

- estrutura desabar → deterioração extrema

16. A cura como natureza sem entraves

As chamadas curas milagrosas revelam a capacidade natural do corpo quando esta não é bloqueada.

natureza sem entraves → recuperação considerada impossível

Os médicos completos compreenderiam os potenciais do corpo e ajudariam os pacientes a confiar neles.

compreensão do corpo → transmissão de crenças válidas → ativação da cura

A cura não dependeria apenas de intervenção exterior, mas da cooperação com a consciência corporal.

17. Regeneração e crenças

O corpo possui capacidades regenerativas que parecem impossíveis dentro das crenças atuais.

órgão danificado → substituição por tecido novo

doença → reorganização → recuperação

Essas capacidades exigem uma mudança profunda de focalização e crenças.

- crença limitadora → bloqueio biológico
- crença ampliada → possibilidade biológica

A separação da natureza e a desconfiança religiosa em relação ao corpo limitaram o acesso à sua espiritualidade.

18. A espiritualidade do corpo

O corpo não é espiritualmente inferior à alma.

consciência corporal → inteligência biológica → espiritualidade

A oposição entre espírito e carne afasta o indivíduo do conhecimento do organismo.

espírito separado do corpo → desconfiança corporal

Seth apresenta o corpo como expressão espiritual da consciência.

consciência → carne → experiência física

19. A consciência pode existir fora do corpo

Embora a consciência se identifique habitualmente com a carne, pode experienciar-se fora dela.

consciência principal → afastamento do corpo → continuidade da lucidez

O corpo pode manter-se enquanto a consciência principal se encontra noutro registo de atividade.

consciência corporal → manutenção do equilíbrio → organismo funcional

Isto mostra que a consciência corporal possui autonomia operativa.

20. O sonambulismo como indício

No sonambulismo, o corpo executa ações sem a manipulação consciente habitual.

consciência principal ausente → consciência corporal ativa → movimento

O corpo pode revelar:

equilíbrio → destreza → coordenação → graça

Essas capacidades são muitas vezes limitadas pela consciência de vigília e pelas suas crenças.

crença consciente → interferência → redução da flexibilidade corporal

21. A consciência corporal como inteligência própria

A consciência corporal atua magnificamente no ambiente sem raciocínio consciente.

consciência corporal → percepção direta → ação adequada

Do ponto de vista humano, pode parecer sem mente.

ausência de raciocínio verbal ≠ ausência de consciência

Trata-se de outro modo de conhecimento.

consciência não racional → inteligência operativa

22. As raças de sonâmbulos

Existiram raças humanas cuja consciência principal estava focalizada fora do corpo.

foco principal fora da carne → existência física secundária

Os corpos funcionavam com grande capacidade, embora os focos primários mal tivessem consciência deles.

consciência corporal → aprendizagem pela experiência → despertar gradual

Esses corpos começaram a adquirir consciência de si e a criar uma experiência temporal própria.

23. O propósito de simplesmente ser

Nos vossos termos, essas raças não possuíam um propósito global.

existência → ser → experiência

O seu propósito não era construir uma civilização física complexa.

atividade principal não física → cultura física rudimentar

A simplicidade física não implicava pobreza de consciência.

24. A vida de sonho como realidade principal

Para os sonâmbulos, a vida de sonho era a realidade fundamental.

vida de sonho → estímulo máximo → propósito → cultura → organização social

A existência física era um efeito secundário.

atividade psíquica primária → manifestação corporal secundária

A relação entre sonho e vigília encontrava-se invertida em relação à humanidade atual.

vossa vigília → realidade principal

vigília dos sonâmbulos → estado semelhante ao sonho

25. Civilizações invisíveis à arqueologia comum

Algumas civilizações altamente desenvolvidas não seriam reconhecidas como tal.

sofisticação mental ou psíquica → reduzida expressão física

A arqueologia atual poderia interpretar uma cultura fisicamente simples como pouco desenvolvida.

pouca tecnologia material ≠ pouca organização consciente

A orientação principal determina que vestígios são deixados.

26. A graça física dos sonâmbulos

Os sonâmbulos permitiam que o corpo funcionasse segundo a sua capacidade natural.

ausência de crenças negativas → liberdade corporal

Os seus corpos:

envelheciam menos → adoeciam menos → pertenciam mais plenamente ao ambiente

A sua graça física resultava da não interferência da consciência principal.

27. A consciência ligada à carne possui grande flexibilidade

A relação entre consciência e corpo não está limitada à orientação humana atual.

consciência + carne → múltiplas organizações possíveis

A mesma estrutura biológica pode sustentar:

- vigília física dominante

ou:

- experiência psíquica dominante

A carne permite uma vasta margem de experimentação espiritual e biológica.

28. Hibernação e retirada da consciência

A hibernação animal oferece indícios acerca da relação entre consciência e corpo.

consciência reduz atividade → corpo entra em manutenção

Quando as condições adequadas regressam:

consciência reativa → organismo retoma atividade

Em outros sistemas, organismos podem permanecer inativos durante períodos que pareceriam séculos.

29. Vida e morte como forma ampliada de hibernação

Os ciclos de vida e morte podem ser compreendidos como uma forma mais ampla de hibernação.

consciência abandona organismo → corpo torna-se inoperante

A consciência não é destruída.

interrupção corporal ≠ interrupção da consciência

A morte constitui uma alteração na relação entre consciência e mecanismo físico.

30. O corpo morre muitas vezes

As células morrem e são substituídas continuamente.

corpo atual → renovação celular → corpo diferente

A composição física do organismo muda por completo muitas vezes ao longo da vida.

morte celular → substituição → continuidade corporal

A consciência estabelece uma ponte sobre essas descontinuidades.

mudança total da matéria → continuidade da identidade

31. A identidade atravessa descontinuidades

Sem a continuidade da consciência, cada reorganização corporal poderia parecer uma nova encarnação.

corpo aos sete anos → corpo aos catorze → corpo aos vinte e um

Cada fase poderia ser percebida como um self distinto.

A sequência da consciência liga essas fases.

mudanças corporais → ponte da consciência → identidade contínua

32. As pequenas mortes

O corpo desagrega-se fisicamente em inúmeras ocasiões.

morte celular e corporal parcial → matéria regressa à Terra

A consciência ultrapassa essas mortes sem as reconhecer como tais.

morte não reconhecida → continuidade automática

A morte oficial ocorre quando a consciência deixa de estabelecer essa ponte.

33. A decisão de morrer

Existe um momento em que a consciência decide abandonar a carne.

consciência → cessação da ponte → morte oficial

O enquadramento escolhido faz essa morte parecer inevitável.

escolha anterior → contexto corporal → duração percebida

A duração da vida corresponde ao período durante o qual a consciência escolhe identificar-se com a carne.

34. Diferentes ritmos de consciência

Outras espécies de consciência possuem ritmos de experiência completamente diferentes.

vida humana inteira → equivalente a um dia para outra consciência

Essas formas de consciência atravessariam facilmente:

vida → morte → nova vida

Aquilo que parece uma grande descontinuidade para a Personalidade de Foco pode ser apenas uma mudança breve para a alma.

35. Outras vidas como outros dias

As memórias de outras vidas revelam uma consciência mais ampla.

- vida atual → um dia da alma
- outras vidas → outros dias

A consciência da alma atravessa as descontinuidades entre corpos.

múltiplos corpos → continuidade da consciência mais ampla

A experiência terrena pode incluir conhecimento direto de existências noutros corpos.

36. Capacidade biológica para outras sequências temporais

A espécie possui potencial para lidar com diferentes sequências de tempo.

estrutura biológica → memória ampliada → múltiplas sequências temporais

Isso permitiria uma riqueza psicológica muito superior à atual.

memória de outras vidas → relações ampliadas → identidade multidimensional

O potencial já se encontra inerente às células.

37. O conhecimento interior da espécie

O conhecimento não é transmitido apenas por livros e registos históricos.

cultura exterior → livros → memória histórica

Cada indivíduo contém também um repositório interior.

consciência individual → compreensão inconsciente → conhecimento direto do passado

A história existe tanto exteriormente como dentro da psique e das células.

38. A realidade desconhecida é bloqueada pelas crenças

Grande parte da realidade permanece desconhecida porque as crenças limitam o acesso ao conhecimento interior.

crença restritiva → encerramento perceptivo → realidade desconhecida

O alcance da consciência não é intrinsecamente limitado.

consciência ampla → crença estreita → experiência reduzida

A limitação está no sistema de interpretação, não na consciência em si.

39. O tempo linear como filtro

A crença num movimento linear do tempo impede a percepção para além do nascimento e da morte.

tempo linear → nascimento → vida → morte

A consciência mais ampla conhece experiências anteriores e posteriores.

consciência interior → simultaneidade → múltiplas vidas

A estrutura neurológica atual traduz essa simultaneidade numa sequência.

40. Recordar e planejar vidas

Idealmente, seria possível:

- recordar vidas passadas → compreender o presente
- planejar vidas futuras → orientar probabilidades

Em termos mais amplos:

vidas passadas + vida atual + vidas futuras → acontecimento simultâneo

A consciência interior não está presa à tradução neurológica linear.

ELEMENTO PRÁTICO 10

41. Ampliar a capacidade da atenção consciente

A consciência habitual pode sustentar muito mais informação do que acredita.

- crença de limitação → atenção reduzida
- exercício consciente → capacidade ampliada

O exercício procura desfazer a auto-hipnose segundo a qual a consciência possui um alcance muito estreito.

42. Reconstruir o dia anterior

A primeira parte consiste em recordar o dia anterior.

acordar → atividades → roupa → sentimentos → pensamentos → devaneios

O objetivo não é apenas recuperar os acontecimentos principais, mas reconstruir:

detalhes sensoriais → estados emocionais → pensamentos dispersos

A dificuldade inicial revela quanto da experiência diária é vivido de forma quase sonâmbula.

43. Recuperar a coordenação perdida

Com a prática, os detalhes do dia anterior tornam-se mais claros.

recordação repetida → aumento da precisão → recuperação da experiência

O indivíduo começa a reconhecer a coordenação entre:

sentidos → corpo → ação → consciência

Pode então manter aspetos da realidade de ontem enquanto permanece ancorado no presente.

44. Outras vidas como atividades secundárias

Outras vidas estão esquecidas de modo semelhante ao dia anterior.

- vida presente → preocupação primária
- outras vidas → atividade secundária subjacente

Elas permanecem ligadas ao presente, mesmo sem reconhecimento consciente.

outras vidas → influência inconsciente → experiência atual

45. Imaginar o dia seguinte

A segunda parte consiste em planejar vividamente um dia provável.

experiência presente → comportamento → propósitos → amanhã provável

O exercício deve incluir detalhes semelhantes aos utilizados na reconstrução de ontem.

imaginação → sequência provável → experiência futura

46. As células antecipam o amanhã

A realidade do dia seguinte já é antecipada pelas células.

intenção e hábitos atuais → preparação celular → amanhã provável

O corpo projeta precognitivamente o funcionamento das suas capacidades nesse dia.

células → antecipação → preparação biológica

O futuro não surge de forma inteiramente súbita; desenvolve-se a partir do presente.

47. A vida futura cresce do presente

A vida futura existe de modo semelhante ao dia de amanhã.

presente → probabilidades → vida futura

Assim como amanhã cresce de hoje:

vida futura → cresce da vida presente

O exercício aproxima a consciência habitual do seu próprio funcionamento probabilístico.

48. Exercitar os músculos invisíveis da consciência

A prática desenvolve a flexibilidade da consciência.

recordação do passado → manutenção do presente →
antecipação do futuro

Esses movimentos funcionam como ginástica psíquica.

atenção ampliada → flexibilidade temporal → percepção mais vasta

A consciência aprende a sustentar simultaneamente diferentes aspectos da experiência.

49. Despertar do sonambulismo

Para outras partes do Self, a consciência habitual parece sonâmbula.

focalização estreita → participação parcial → sonambulismo relativo

A participação criativa plena no momento desperta o indivíduo para os próprios potenciais.

presença criativa → consciência ampliada → integração

50. Unidade entre consciência e células

A participação plena permite experienciar uma unidade entre a consciência individual e a compreensão celular.

consciência habitual → abertura → conhecimento celular

As células não são mecanismos espiritualmente vazios.

célula → consciência → espiritualidade

A afirmação final estabiliza todo o capítulo:

as células são tão espirituais como a alma.

51. A confiança no self

A sociedade ensina, em maior ou menor grau, a desconfiança no self.

sociedade → crença de desconfiança → escrutínio constante

Mesmo tradições que afirmam a validade do self podem distorcer o ensinamento original.

ensinamento válido → distorção → perda de autenticidade

A pessoa aprende a submeter cada movimento interior a uma prova exterior.

52. Ruburt entre sistemas de crenças

Ruburt abandonou os enquadramentos dominantes sem possuir imediatamente outros que os substituíssem.

sistema antigo abandonado → intervalo de crenças → procura

Durante esse período:

algumas crenças rejeitadas → outras parcialmente aceites → pioneirismo

A dificuldade resultava de procurar novos fundamentos enquanto ainda transportava a crença social de que não se pode confiar no self.

53. A crença invisível

A crença de que o self não é digno de confiança atua emocionalmente sem ser reconhecida.

crença invisível → auto-observação constante → necessidade de prova

Tudo aquilo que o self produz passa a ser suspeito.

capacidade interior → escrutínio → tensão

Entretanto, as crenças que sustentam as outras pessoas já não servem de apoio.

54. O custo do pioneirismo

O desenvolvimento das capacidades de Ruburt afastou-o de estruturas reconfortantes.

desenvolvimento psíquico → abandono de enquadramentos antigos

Ao mesmo tempo, procurava novas estruturas suficientemente válidas para o sustentar.

liberdade → incerteza → procura de autenticidade

O pioneirismo implicou uma travessia sem garantias externas.

55. A validação através da experiência

Ruburt testou a informação de Seth no mundo que conhecia.

informação interior → aplicação prática → observação dos resultados

Sentia necessidade de demonstrar que algo proveniente do self poderia produzir o bem.

self considerado mau → necessidade de prova → validação prática

A questão emocional subjacente era:

como poderia um self ensinado a desconfiar de si produzir algo válido?

56. Enquadramentos úteis, mas não intrinsecamente válidos

Existiam sistemas que poderiam ter oferecido conforto.

enquadramento disponível → apoio possível

Ruburt, porém, percebeu que não eram intrinsecamente válidos.

apoio sem autenticidade → rejeição

Preferiu não depender de estruturas que considerava falsas, mesmo quando elas poderiam aliviar a insegurança.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

consciência → sistemas de códigos → focalizações alternativas → potenciais latentes → consciência corporal → humanidades alternativas → sonâmbulos → hibernação → pequenas mortes → continuidade da consciência → outras vidas → flexibilidade temporal → confiança no self

O capítulo mostra que:

a consciência não é produzida pelo corpo → utiliza o corpo

o corpo não é matéria passiva → possui compreensão própria

a morte não destrói a consciência → altera a relação com a carne

outras vidas não estão desligadas do presente → operam como atividades secundárias

o futuro não está vazio → é antecipado pelas células

a espiritualidade não pertence apenas à alma → pertence também ao corpo e às células

A formulação central pode ser estabilizada assim:

A consciência utiliza sistemas de códigos para organizar diferentes realidades, atravessa as sucessivas mortes do corpo, mantém continuidade entre vidas e manifesta-se, em cada célula, como uma inteligência simultaneamente biológica e espiritual.

CAPÍTULO 31

A Consciência Livre, os Sistemas de Códigos e a Realidade Interior

— *Tudo aquilo que se manifesta tridimensionalmente possui uma fonte interior, da qual emerge a sua forma visível.*

— *Parte disto, mais uma vez, é difícil de explicar — não porque Ruburt não disponha do vocabulário necessário, mas porque a linguagem verbal sequencial pré-estrutura automaticamente as ideias segundo determinados padrões, e escapar a essa pré-estruturação pode constituir uma tarefa difícil. Ainda assim, faremos o nosso melhor.*

— *A célula, tal como a compreendem, é apenas a sua face tridimensional.*

— *A ideia dos taquiões¹, tal como é atualmente compreendida, é fundamentalmente legítima, embora bastante distorcida.*

¹ Supõe-se que os taquiões, ou metapartículas, sejam partículas mais rápidas do que a luz, consideradas possíveis no contexto da teoria da relatividade especial de Einstein. Os físicos continuam a tentar descobri-las experimentalmente. Tal como interpreto Seth aqui, os taquiões — ou algo muito semelhante — acabarão por ser encontrados.

— *Antes de uma célula, enquanto tal, se manifestar fisicamente, ocorrem «perturbações» no ponto em que ela mais tarde se tornará visível.*

— *Essas perturbações resultam do abrandamento dos efeitos anteriores de uma atividade mais rápida do que a luz e representam a emergência, no vosso sistema de espaço-tempo, de energia que pode então ser eficazmente utilizada e organizada segundo o padrão celular.*

— *O próprio processo de abrandamento ajuda a «congelar» essa atividade numa forma.*

— *Quando uma célula morre, ocorre o processo inverso: a morte corresponde à libertação dessa energia da forma celular, e essa libertação desencadeia, por sua vez, determinadas fases de aceleração.*

— *Existe aquilo a que se poderia chamar energia residual, ou energia de detritos, que «reveste» a célula e permanece dentro deste sistema.*

— *Nada disto pode ser determinado a partir do interior do próprio sistema — isto é, nem a atividade inicial mais rápida do que a luz, nem a desaceleração posterior.*

— *Esse comportamento mais rápido do que a luz ajuda, portanto, a formar a base do universo físico.*

— *Esta característica é um atributo das UC, que já abrandaram até certo ponto quando formam unidades EE.*

— *Enquanto operam através das estruturas corporais, consciências como a vossa focalizam-se, em grande medida, na orientação tridimensional.*

— *Contudo, nos estados fora do corpo, a consciência pode deslocar-se mais rapidamente do que a luz — muitas vezes, de facto, instantaneamente.*

— *Isto acontece frequentemente no estado de sonho, embora tal capacidade possa ser alcançada em diversos estados alterados de consciência.*

— *Nesses momentos, a consciência estabelece simplesmente uma relação diferente com o tempo e o espaço.*

— *O corpo físico, porém, não pode acompanhá-la.*

— *É ao alterar a própria relação com o universo físico que a consciência pode compreender melhor as suas propriedades e vislumbrar, a partir de outro ponto de vista, esse mesmo universo, que então será percecionado sob uma luz diferente.*

— *Ao operar fora do corpo, a consciência consegue percecionar melhor as propriedades da matéria.*

— *Contudo, não consegue experienciá-la intensamente da mesma forma que o faz quando se encontra fisicamente orientada.*

— *Do vosso ponto de vista habitual, a consciência viajante encontra-se fora de foco, não estando fixada às coordenadas físicas da forma habitual.*

— *O chamado mundo interior pode, pelo menos teoricamente, ser explorado precisamente dessa maneira.*

— *A consciência «desbloqueia-se» temporariamente das suas coordenadas habituais.*

— *Quando isso acontece, o viajante fora do corpo não se encontra simplesmente fora da sua forma corpórea.*

— *A pessoa sai do contexto habitual.*

— *Mesmo que um indivíduo abandone o corpo e vagueie apenas alguns metros pela divisão, sem se afastar muito do lugar onde o corpo se encontra, ocorrem alterações — a relação da consciência com a divisão torna-se diferente.*

— *A relação do indivíduo com o tempo e o espaço altera-se.*

— *O tempo fora do corpo é, segundo os vossos padrões, «tempo livre».*

— *Não envelhecem, por exemplo, embora esse efeito varie de acordo com determinados princípios. Referir-me-ei a eles mais tarde.*

— *Uma consciência viajante pode deslocar-se dentro da realidade física: embora não se relacione com esse sistema da maneira habitual, pode ainda permanecer associada a ele.*

— *A partir desse ponto de vista, a própria matéria parecerá diferente da forma como normalmente se apresenta.*

— *Por outro lado, uma consciência fora do corpo pode também entrar noutras realidades fisicamente sintonizadas — realidades que operam «em frequências diferentes da vossa».*

— *A natureza fundamentalmente independente da consciência permite esse desenredamento².*

² A palavra «desenredamento» recordou-me imediatamente os sentidos interiores — as qualidades e capacidades que a personalidade utiliza para apreender o seu mundo físico, ou mundo de camuflagem.

Seth começou a descrever os sentidos interiores no início de 1964.

O seu «Desenredamento da Camuflagem» era, por acaso, o número oito de uma lista de nove, embora a ordem não seja importante.

Jane dedicou o Capítulo 19 de O Material de Seth aos sentidos interiores.

«Com o desenredamento», afirmou Seth, «o self interior desliga-se de uma determinada camuflagem antes de adotar suavemente outro conjunto ou de dispensar inteiramente a camuflagem. Isto é realizado através daquilo a que poderiam chamar uma alteração de frequências ou vibrações...

«Em certos aspetos, o vosso mundo de sonho proporciona-vos uma experiência mais próxima da realidade interior fundamental do que o mundo de vigília, no qual os sentidos interiores se encontram tão protegidos da vossa consciência.»

— *A consciência corporal mantém o próprio equilíbrio e atua, em certa medida, como uma estação de manutenção.*

— *Qualquer discussão acerca da realidade desconhecida deve necessariamente envolver determinadas hipóteses, habitualmente rejeitadas, acerca das características da própria consciência.*

— *O mundo tal como o conhecem resulta de um conjunto complexo de «códigos» — como foi referido no início do capítulo anterior —, cada um ligado aos restantes e, nesses termos, dependente deles.*

— *O universo específico que percecionam, em todas as suas partes, resulta, portanto, de padrões codificados, cada um ajustando-se perfeitamente ao seguinte.*

— *Alterem um deles e, até certo ponto, sairão desse contexto.*

— *Qualquer acontecimento, seja de que natureza for, que não interseje direta e imaculadamente o vosso contínuo de espaço-*

Uma observação: tal como nos recorda periodicamente o material ainda por transmitir acerca do envelhecimento físico e dos estados fora do corpo — vejam a Nota 4 acima —, Seth menciona que existem outros sentidos interiores acerca dos quais nos falará algum dia.

Acrescenta, porém, que muitos deles se encontram tão afastados da realidade tal como a compreendemos que a nossa compreensão será, na melhor das hipóteses, intelectual; nesses casos, não conseguiremos identificar-nos emocionalmente com eles.

E há ainda outros grupos de sentidos interiores que, segundo Seth, estão verdadeiramente «para além da verbalização».

tempo não acontece, nos vossos termos, mas afasta-se desse contexto.

— Torna-se provável no vosso sistema, mas procura o seu próprio «nível» e atualiza-se ao encaixar noutra realidade cuja «sequência codificada» corresponde à sua.

— Quando a consciência abandona o corpo, altera, portanto, algumas das coordenadas.

— Surgem então várias questões relacionadas com a natureza da percepção, que serão abordadas um pouco mais tarde.

— A consciência está equipada para focalizar a sua energia principal, pelo menos nos vossos termos, geralmente no interior do corpo, ou para se afastar dele durante períodos variáveis.

— Teoricamente, a consciência humana pode seguir muitos percursos diferentes sem deixar de manter a sua base física.

— Em épocas históricas muito remotas, foram experimentados diferentes tipos de orientação — como aconteceu, por exemplo, com os «sonâmbulos» descritos no capítulo anterior.

— A vossa experiência privada atual pode oferecer indícios acerca dessas outras culturas, pois essas capacidades continuam presentes na estrutura natural, embora permaneçam subdesenvolvidas.

— *Em maior ou menor grau, portanto, todos os potenciais da espécie estão atualmente latentes em cada indivíduo.*

— *Muitas vezes, emergem através de acontecimentos que podem parecer bizarros.*

— *A realidade «desconhecida» só é desconhecida porque não procuraram os seus aspetos em vocês próprios.*

— *Foram ensinados a prestar atenção quase exclusiva ao vosso comportamento exterior.*

— *Em privado, portanto, grande parte da vossa vida interior escapa-vos.*

— *Estruturam frequentemente a vida de acordo com esse padrão exterior de acontecimentos.*

— *Esses acontecimentos, embora importantes, resultam do vosso próprio mundo interior de atividade.*

— *Esse mundo interior é a vossa única ligação real com os acontecimentos exteriores, e os detalhes objetivos só fazem sentido devido à subjetividade que lhes deu origem.*

— *Do mesmo modo, quando observam o estado atual do mundo ou a história, estruturam frequentemente as perceções de modo*

que apenas as camadas mais superficiais dos acontecimentos sejam vistas.

— Utilizando o mesmo tipo de raciocínio, tendem a julgar o passado histórico da espécie em termos muito limitados e a ignorar grandes indícios presentes na história, porque parecem não fazer sentido.

— Enquanto acreditarem, por exemplo, que apenas a tecnologia, tal como a compreendem, representa progresso, e que o progresso exige necessariamente uma manipulação física dominante do ambiente que deve prosseguir para sempre, julgarão as civilizações passadas sob essa luz.

— Isso cegar-vos-á para determinadas realizações e outras orientações, a tal ponto que não serão capazes de reconhecer provas de desenvolvimento mesmo quando elas surgirem diante dos vossos olhos.

— Não trabalharam com o poder do pensamento ou do sentimento, mas apenas com os seus efeitos físicos.

— Por conseguinte, apenas os acontecimentos fisicamente materializados vos parecem evidentes.

— Não aceitam os sonhos como reais, por exemplo, mas, regra geral, consideram-nos fantasias — acontecimentos imaginativos.

— *Até muito recentemente, acreditavam geralmente que toda a informação chegava ao corpo através dos sentidos exteriores e ignoravam todas as provas em contrário.*

— *Era impossível imaginar civilizações construídas com base em dados recebidos mentalmente, conscientemente aceites e criativamente utilizados.*

— *Nessas condições, dificilmente os cientistas poderiam procurar precognição nas células.*

— *Para começar, não acreditavam que ela existisse.*

— *O próprio corpo humano possui potenciais ilimitados e grandes variações que permitem diferentes tipos de orientação.*

— *O ser humano provável representa, do vosso ponto de vista, o ser humano alternativo — versões alternativas da espécie.*

— *O mesmo se aplica individualmente.*

— *Nos estados fora do corpo, muitas pessoas encontraram selves prováveis e realidades prováveis.*

— *Também viajaram ao passado e ao futuro, tal como os concebem.*

— *A psique individual contém em si o conhecimento das próprias probabilidades e possui um espelho no qual a experiência da espécie pode, pelo menos, ser vislumbrada.*

— *Estão habituados a um tipo específico de orientação, acostumados a utilizar a consciência de uma determinada maneira.*

— *Contudo, para estudarem a realidade «desconhecida», devem tentar descobrir o que mais a vossa consciência consegue fazer.*

— *Isto significa, na realidade, que têm de aprender a recuperar o verdadeiro sentimento de si próprios.*

— *Existem duas vias principais para procurar compreender a natureza da realidade: um método exterior e outro interior.*

— *Naturalmente, os dois métodos podem ser utilizados em conjunto e, do vosso ponto de vista, devem sê-lo para alcançarem a maior eficácia.*

— *Conhecem bem os meios exteriores, que envolvem o estudo do universo objetivo e a recolha de factos a partir dos quais são feitas determinadas deduções.*

— *Neste livro, portanto, daremos maior ênfase aos meios interiores de alcançar não necessariamente factos, mas conhecimento e sabedoria.*

- *Os factos podem ou não proporcionar sabedoria.*
- *Se forem seguidos de forma servil, podem até afastar-vos do verdadeiro conhecimento.*
- *A sabedoria mostra-vos, por assim dizer, o interior dos factos e as realidades das quais eles emergem.*
- *Grande parte do restante de “A Realidade «Desconhecida»” tratará, portanto, de uma observação interior da natureza da realidade e de alguns exercícios que vos permitirão ver-vos a vocês próprios e ao vosso mundo a partir de outra perspetiva.*
- *Mais tarde, tenciono falar muito mais acerca de algumas civilizações que, nos vossos termos, antecederam a vossa.*
- *Antes de poderem compreender a sua orientação, teremos de falar acerca de vários tipos alternativos de consciência e de experiência fora do corpo.*
- *Esses temas ajudar-vos-ão a compreender como outras culturas poderiam funcionar de maneiras tão estranhas à vossa.*
- *Abordaremos métodos alternativos de orientação que a consciência pode adotar quando se encontra associada à carne, procurando proporcionar ao leitor alguma experiência pessoal dessas condições alteradas, juntamente com uma breve história de*

algumas civilizações que utilizaram essas orientações não oficiais como método predominante de focalização.

— Para se familiarizarem com a realidade «desconhecida», devem, até certo ponto, admitir que ela existe e estar dispostos a afastar-se do vosso comportamento habitual.

— Todos os métodos apresentados são inteiramente naturais, inerentes à estrutura corporal e até biologicamente antecipados.

— A vossa consciência não poderia abandonar o corpo e regressar a ele se não existissem mecanismos biológicos que permitissem tal desempenho.

— Já afirmei que o corpo pode, de facto, continuar a funcionar, realizando as atividades de manutenção necessárias enquanto a consciência principal se encontra desligada dele.

— Até certo ponto, pode inclusivamente executar tarefas simples.

— Durante o sono, de facto, não é de modo algum necessário que a consciência principal permaneça alerta no corpo.

— Aliás, apenas em determinados tipos de civilização é necessária uma relação tão estreita entre o corpo e a consciência principal.

— *Existem, portanto, outras situações nas quais a consciência se afasta habitualmente muito mais, regressando ao corpo como estação de origem e base de operações, confiando nele apenas para determinados tipos de percepção, mas não dependendo dele para obter a imagem completa da realidade.*

— *A vida física, por si só, não exige necessariamente o tipo de identificação entre o self e a carne que caracteriza a vossa experiência.*

— *Isto não significa que nessas realidades surja alienação, mas apenas uma relação na qual o corpo e a consciência se ligam a outros acontecimentos.*

— *Apenas as vossas crenças, o vosso treino e a doutrinação neurológica vos impedem de reconhecer a verdadeira natureza da consciência enquanto dormem.*

— *Excluem esses dados.*

— *Contudo, durante esse período, num nível interior de acontecimentos, encontram-se extremamente ativos e realizam grande parte do trabalho mental interior que mais tarde se manifestará como experiência física.*

— *Enquanto a vossa consciência se encontra assim envolvida, a consciência corporal realiza muitas funções que lhe são impossíveis durante as horas de vigília.*

— *A maior criatividade biológica ocorre enquanto dormem, por exemplo, e determinadas funções celulares são aceleradas.*

— *Algum grau de desligamento entre a consciência principal e o corpo é, portanto, claramente necessário; de outro modo, não ocorreria.*

— *O sono não é um subproduto da vida de vigília.*

— *Em termos mais amplos, estão tão despertos quando dormem como quando estão acordados, mas o foco da vossa consciência encontra-se orientado noutras direções.*

— *Como sabem, podem viver durante anos em coma, mas não poderiam viver durante anos sem dormir.*

— *Mesmo num estado de coma existe atividade mental, embora possa ser impossível determiná-la exteriormente.*

— *Um determinado tipo de comportamento livre da consciência torna-se possível quando não se encontram fisicamente orientados como no estado de vigília, e essa atividade é necessária até para a sobrevivência física.*

— *Isto relaciona-se também com pulsações de energia através das quais a consciência, tal como agora a conhecem, se exercita, utilizando capacidades naturais que não podem ser expressas apenas através da orientação física.*

— *A vossa própria consciência principal possui a capacidade de viajar mais depressa do que a luz, mas essas percepções são demasiado rápidas, e os padrões neurologicamente estruturados que aceitam não conseguem captá-las.*

— *Do mesmo modo, a compreensão e a reação celulares são demasiado rápidas para que possam acompanhá-las.*

— *A estrutura equilibrada da existência física exige uma plataforma específica de experiência, que aceitam como válida e real.*

— *É apenas nesse nível que o universo que conhecem é experienciado.*

— *Essa plataforma, ou focalização, resulta da mais delicada cooperação.*

— *A vossa consciência livre e a consciência corporal formam uma aliança que torna essa experiência possível.*

— *Tal desempenho significa, na realidade, que a realidade física se liga e desliga.*

— *Nos vossos termos, ela existe apenas durante as horas de vigília.*

— *O trabalho interior que a torna possível é realizado, em grande medida, no estado de sono.*

— *O encontro entre a consciência corporal e a consciência principal exige uma focalização intensa, na qual se tornam necessárias as manipulações mais delicadas.*

— *As percepções têm de ser precisas em termos físicos.*

— *Contudo, até certo ponto, essa concentração extraordinária implica determinadas limitações.*

— *O self normalmente consciente não se encontra sintonizado com a compreensão celular e desconhece igualmente a própria natureza livre e sem restrições nos níveis «superiores».*

— *Tem, portanto, de ocorrer um processo de desligamento que permita a regeneração de cada uma dessas dimensões.*

— *A consciência abandona então o corpo.*

— *A consciência corporal permanece com ele.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a relação entre consciência, matéria, corpo, sono, sistemas de códigos e realidades prováveis. Seth apresenta a forma física como manifestação exterior de processos interiores mais rápidos e mais amplos, descreve a consciência como capaz de alterar a sua relação com o tempo e o espaço e mostra que a experiência tridimensional resulta de uma cooperação extremamente precisa entre consciência principal e consciência corporal.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física não constitui o campo total da consciência, mas uma focalização altamente especializada, produzida através de sistemas de códigos, mecanismos biológicos e uma aliança temporária entre a consciência livre e a consciência corporal.

1. Toda a manifestação física possui uma fonte interior

Aquilo que se manifesta tridimensionalmente emerge de uma realidade interior.

fonte interior → organização → manifestação tridimensional

A forma exterior não é o princípio do fenómeno.

realidade interior → forma visível

O mundo físico constitui, portanto, a face exterior de processos mais profundos.

2. A linguagem pré-estrutura o pensamento

A linguagem verbal sequencial organiza automaticamente as ideias segundo padrões lineares.

experiência multidimensional → linguagem sequencial → tradução limitada

A dificuldade de explicação não resulta apenas da falta de vocabulário.

estrutura da linguagem → pré-estruturação → redução conceptual

A linguagem tende a decompor em sequência aquilo que, interiormente, pode ocorrer de forma simultânea.

3. A célula física é apenas uma face da célula

A célula reconhecida pela ciência corresponde apenas à sua manifestação tridimensional.

célula interior → face física → célula observável

A célula possui uma realidade mais ampla do que aquela acessível aos instrumentos físicos.

estrutura interior → manifestação celular → observação científica

A biologia observa a forma já estabilizada, não a totalidade do processo que a produz.

4. Atividade mais rápida do que a luz

Antes de a célula aparecer fisicamente, ocorrem perturbações no ponto onde ela se manifestará.

atividade mais rápida do que a luz → abrandamento → energia utilizável

Esse abrandamento permite que a energia entre no sistema de espaço-tempo.

energia não física → desaceleração → padrão celular

A forma física resulta, assim, de um processo de estabilização.

5. A forma como atividade desacelerada

O processo de abrandamento ajuda a «congelar» a atividade numa forma.

atividade rápida → desaceleração → forma física

A matéria não surge como substância independente.

energia organizada → estabilização → matéria

A forma corresponde a uma expressão temporalmente desacelerada de atividade mais ampla.

6. A morte celular como libertação

Quando uma célula morre, ocorre o processo inverso.

forma celular → libertação de energia → aceleração

A morte não representa destruição absoluta.

morte da forma → libertação da atividade

A energia abandona o padrão celular e regressa a um ritmo diferente de funcionamento.

7. Resíduo físico da célula

Após a libertação principal, permanece uma energia residual no sistema físico.

energia celular libertada → aceleração

resíduo energético → permanência no sistema

A morte celular envolve, portanto, separação entre componentes de ritmos diferentes.

8. Limites da observação interior ao sistema

A atividade mais rápida do que a luz e a sua desaceleração não podem ser plenamente determinadas a partir do interior do sistema físico.

instrumento físico → sistema físico → acesso limitado

O instrumento mede aquilo que já entrou no enquadramento espaciotemporal.

processo anterior à forma → não diretamente observável

A ciência encontra o resultado, mas não necessariamente a origem.

9. UC, unidades EE e formação da matéria

A atividade mais rápida do que a luz constitui parte da base do universo físico.

UC → abrandamento → unidades EE → realidade física

As UC já se encontram parcialmente desaceleradas quando formam unidades EE.

consciência fundamental → unidade energética → padrão físico

A matéria emerge de organizações sucessivas da consciência.

10. A orientação tridimensional

Enquanto opera através do corpo, a consciência focaliza-se principalmente na realidade tridimensional.

consciência → corpo → orientação tridimensional

Essa focalização cria uma experiência precisa e estável.

foco corporal → espaço-tempo → realidade física coerente

Contudo, essa orientação não esgota as capacidades da consciência.

11. A consciência pode deslocar-se mais rapidamente do que a luz

Nos estados fora do corpo, a consciência pode deslocar-se instantaneamente.

consciência livre → alteração da relação com tempo e espaço → deslocação

A viagem não ocorre segundo as limitações do corpo físico.

- consciência → mobilidade
- corpo → imobilidade relativa

A limitação pertence ao mecanismo corporal, não à consciência.

12. Sonho e estados alterados

A deslocação da consciência ocorre frequentemente durante o sonho.

sono → alteração de foco → mobilidade da consciência

Também pode ocorrer noutros estados alterados.

estado de vigília habitual → coordenadas fixas

estado alterado → coordenadas flexíveis

A consciência muda de relação com o sistema, em vez de atravessá-lo apenas fisicamente.

13. Alterar a relação com o universo físico

A consciência compreende melhor as próprias propriedades quando muda a sua relação com a realidade física.

alteração de posição percetiva → nova perspectiva → conhecimento

O universo físico é então percecionado sob outra luz.

mesma realidade → relação diferente → experiência diferente

A mudança de focalização altera o modo de percepção.

14. Percepção da matéria fora do corpo

Fora do corpo, a consciência pode percecionar melhor determinadas propriedades da matéria.

desligamento corporal → percepção ampliada da estrutura

Contudo, não experiencia a matéria com a mesma intensidade da orientação física.

- corpo → experiência intensa da matéria
- consciência livre → compreensão ampliada da matéria

Cada modo oferece um tipo diferente de conhecimento.

15. A consciência fora de foco

Do ponto de vista habitual, a consciência viajante encontra-se fora de foco.

- consciência corporalmente orientada → coordenadas físicas fixas
- consciência viajante → coordenadas alteradas

Ela deixa de estar presa ao contexto físico reconhecido.

desbloqueio das coordenadas → mudança de contexto

A viagem fora do corpo não significa apenas afastamento espacial.

16. Sair do contexto habitual

Mesmo que a consciência se afaste apenas alguns metros do corpo, a relação com o espaço e o tempo altera-se.

pequena deslocação física → grande alteração contextual

A distância não é o fator principal.

mudança de relação → experiência diferente

O essencial é a alteração das coordenadas percetivas.

17. O tempo livre fora do corpo

Fora do corpo, a consciência participa num «tempo livre».

consciência fora do corpo → menor sujeição ao tempo físico

Nesse estado, o envelhecimento não ocorre da mesma forma.

- tempo corporal → envelhecimento

- tempo livre → outra relação com duração

A passagem do tempo depende do sistema de focalização.

18. Permanecer ligada à realidade física

Uma consciência fora do corpo pode continuar associada ao mundo físico.

desligamento do corpo → ligação parcial ao sistema

Pode deslocar-se dentro da realidade física sem se relacionar com ela da maneira habitual.

realidade física → percepção alterada

A matéria aparece então de forma diferente.

19. Outras realidades fisicamente sintonizadas

A consciência pode também entrar em realidades que operam segundo outras frequências.

mudança de frequência → acesso a outra realidade

Essas realidades podem possuir organização física própria.

realidade física alternativa → código e frequência próprios

A consciência não está limitada a um único sistema material.

20. O desenredamento da consciência

A independência fundamental da consciência permite que esta se desenrede da orientação física habitual.

consciência → libertação temporária da camuflagem

O self pode afastar-se de um sistema de percepção sem perder a continuidade.

desenredamento → mudança de frequência → nova organização perceptiva

A consciência não depende absolutamente da forma corporal.

21. A consciência corporal como estação de manutenção

Enquanto a consciência principal se afasta, a consciência corporal mantém o equilíbrio do organismo.

consciência principal ausente → consciência corporal ativa

O corpo continua a realizar funções necessárias.

consciência corporal → manutenção → estabilidade biológica

O organismo possui autonomia consciente suficiente para preservar-se.

22. A realidade física como sistema codificado

O mundo conhecido resulta de um conjunto complexo de códigos interligados.

códigos interdependentes → padrões coordenados → universo percebido

Cada código ajusta-se aos restantes.

sequência codificada → coerência → realidade física

A experiência tridimensional depende dessa correspondência precisa.

23. Alterar um código altera o contexto

Quando um código é alterado, a consciência começa a sair do contexto habitual.

alteração de código → alteração de coordenadas → mudança de realidade

A realidade não é uma estrutura única e fixa.

código específico → realidade específica

Outras sequências produzem outras formas de experiência.

24. O acontecimento que não encaixa

Um acontecimento que não intersete adequadamente o contínuo de espaço-tempo não se atualiza nesse sistema.

acontecimento potencial → incompatibilidade codificada → não atualização

Ele torna-se provável em relação ao sistema atual.

probabilidade não realizada → procura de contexto compatível

A ausência de manifestação não significa inexistência.

25. Atualização noutra realidade

O acontecimento provável atualiza-se numa realidade cuja sequência codificada corresponde à sua.

acontecimento provável → código compatível → realidade alternativa

Cada realidade seleciona acontecimentos coerentes com a sua estrutura.

sequência codificada → seleção de acontecimentos → história própria

As probabilidades distribuem-se por sistemas compatíveis.

26. Consciência fora do corpo e alteração de coordenadas

Ao abandonar o corpo, a consciência altera parte dos códigos e coordenadas.

consciência fora do corpo → mudança de relação → nova percepção

A experiência depende menos do sistema físico habitual.

- coordenadas corporais → suspensas parcialmente
- coordenadas alternativas → ativadas

A percepção acompanha essa mudança.

27. Muitos percursos a partir da mesma base física

A consciência humana pode seguir diversos percursos sem abandonar definitivamente o corpo.

- corpo → estação de origem

- consciência → múltiplos percursos

A base física pode ser mantida enquanto a consciência explora outras orientações.

- identidade física → preservada
 - mobilidade interior → ampliada
-

28. Orientações humanas anteriores

Em épocas remotas, outras formas de orientação da consciência foram experimentadas.

humanidade → diferentes modos de foco → diferentes culturas

Os «sonâmbulos» constituem um exemplo.

consciência principal afastada → corpo funcional → cultura alternativa

Essas capacidades permanecem na estrutura humana atual.

29. Potenciais latentes da espécie

Todos os potenciais da espécie existem, em algum grau, em cada indivíduo.

espécie → potenciais globais → indivíduo

Esses potenciais podem emergir através de acontecimentos considerados estranhos.

capacidade latente → manifestação inesperada → fenómeno bizarro

O extraordinário pode representar uma capacidade natural pouco desenvolvida.

30. A realidade desconhecida dentro do indivíduo

A realidade desconhecida permanece desconhecida porque não é procurada no interior.

atenção exterior exclusiva → desconhecimento interior

O indivíduo é ensinado a observar sobretudo o comportamento exterior.

- vida exterior → reconhecida
- vida interior → ignorada

Grande parte da experiência psíquica escapa à consciência habitual.

31. O interior produz o exterior

Os acontecimentos exteriores resultam do mundo interior de atividade.

atividade interior → organização → acontecimento exterior

A subjetividade constitui a ligação real com os factos objetivos.

subjetividade → significado → objetividade

Os detalhes exteriores só fazem sentido porque uma experiência interior lhes deu origem.

32. Superfícies históricas

A humanidade observa frequentemente apenas as camadas superficiais dos acontecimentos.

acontecimento complexo → superfície visível → interpretação limitada

O mesmo ocorre na leitura da história.

vestígio histórico → paradigma atual → julgamento

Indícios importantes são ignorados porque não encaixam no sistema de crenças dominante.

33. Tecnologia confundida com progresso

A civilização atual tende a identificar progresso com tecnologia material.

tecnologia física → progresso presumido

Essa crença condiciona a avaliação das culturas passadas.

pouca tecnologia material → cultura considerada inferior

Outras formas de desenvolvimento tornam-se invisíveis.

34. Realizações não reconhecidas

Civilizações orientadas mental ou psiquicamente podem deixar poucos vestígios tecnológicos.

desenvolvimento interior → reduzida manipulação física

A arqueologia atual pode não reconhecer os seus feitos.

prova presente → sistema de crenças incompatível → não reconhecimento

Aquilo que não corresponde ao paradigma parece inexistente.

35. O poder do pensamento e do sentimento

A humanidade trabalhou sobretudo com os efeitos físicos do pensamento e do sentimento.

pensamento e sentimento → efeitos materiais → observação

Os processos interiores em si foram pouco explorados.

- atividade interior → ignorada
- resultado físico → considerado real

A realidade foi reduzida ao que se materializa.

36. O sonho como realidade rejeitada

Os sonhos são geralmente classificados como fantasia.

sonho → experiência interior → desvalorização

Essa rejeição impede o estudo das capacidades da consciência.

sonho não aceite como real → informação perdida

Uma cultura diferente poderia utilizar conscientemente os dados do sonho.

37. Civilizações baseadas em informação interior

Podem existir civilizações construídas com dados recebidos mentalmente.

informação interior → aceitação consciente → utilização criativa

Nessas culturas, o conhecimento não dependeria apenas dos sentidos exteriores.

percepção interior + ação física → cultura alternativa

O sistema científico e tecnológico seria profundamente diferente.

38. A ciência condicionada pelas crenças

Os cientistas não procuram fenómenos que consideram impossíveis.

crença na inexistência → ausência de investigação

Por isso, não procurariam precognição nas células.

sistema de crenças → pergunta científica → campo de investigação

A crença determina o que é considerado pesquisável.

39. Potenciais ilimitados do corpo

O corpo humano contém variações capazes de sustentar diferentes orientações da consciência.

estrutura corporal → múltiplas possibilidades de foco

A biologia não está limitada ao uso atual.

mesmo corpo → diferentes relações com consciência

A espécie possui versões alternativas possíveis.

40. O ser humano provável

O ser humano provável representa versões alternativas da espécie.

espécie atual → probabilidades → humanidades alternativas

O mesmo se aplica ao indivíduo.

- self atual → selves prováveis
- realidade atual → realidades prováveis

A identidade existe num campo mais amplo de possibilidades.

41. Encontros com selves prováveis

Nos estados fora do corpo, indivíduos podem encontrar selves prováveis.

consciência fora do corpo → acesso a probabilidades pessoais

Também podem contactar realidades alternativas.

probabilidade não atualizada aqui → experiência noutra sistema

A psique contém conhecimento dessas possibilidades.

42. Passado e futuro como campos acessíveis

A consciência pode viajar ao passado e ao futuro.

alteração de foco → acesso temporal

Essas dimensões não são apenas sequências encerradas.

passado e futuro → organizações de experiência → acessibilidade

A consciência livre não está presa ao presente neurológico.

43. A psique como espelho da espécie

A psique individual contém o conhecimento das próprias probabilidades.

psique → memória de probabilidades pessoais

Contém também reflexos da experiência da espécie.

indivíduo → espelho da espécie

O conhecimento coletivo está presente na estrutura privada.

44. Recuperar o verdadeiro sentimento de si

Estudar a realidade desconhecida exige descobrir o que mais a consciência consegue fazer.

- consciência habitual → uso limitado

- exploração interior → recuperação de capacidades

Isso implica recuperar o verdadeiro sentimento de identidade.

- self condicionado → identidade reduzida
 - self sentido interiormente → identidade ampliada
-

45. Método exterior e método interior

Existem duas vias principais de investigação.

- método exterior → observação → factos → deduções
- método interior → experiência → conhecimento → sabedoria

Os dois métodos não precisam de competir.

exterior + interior → compreensão mais eficaz

A integração oferece uma visão mais completa.

46. Factos não equivalem a sabedoria

Os factos podem conduzir ou não à sabedoria.

- facto → informação
- compreensão do facto → sabedoria

Seguidos de forma servil, podem afastar do conhecimento verdadeiro.

facto isolado → dogmatização → redução

A sabedoria revela o interior do facto.

47. A origem interior dos factos

A sabedoria mostra as realidades das quais os factos emergem.

realidade interior → acontecimento → facto

O facto é a face exterior de um processo.

facto observado → origem não observada

Conhecer apenas o resultado não equivale a compreender a fonte.

48. Nova orientação do livro

A partir deste ponto, o livro passa a privilegiar uma observação interior da realidade.

explicação conceptual → exercícios → experiência direta

O leitor será convidado a experimentar outras perspetivas.

consciência habitual → deslocação de foco → nova compreensão

A investigação deixa de ser apenas intelectual.

49. Civilizações com orientações alternativas

A compreensão de civilizações antigas exige conhecer outros tipos de consciência.

cultura alternativa → consciência alternativa

Sem essa preparação, os seus métodos pareceriam incompreensíveis.

paradigma atual → interpretação errada

O estudo da consciência torna-se condição para o estudo da história.

50. Métodos biologicamente antecipados

As orientações alternativas são naturais e inerentes ao corpo.

estrutura biológica → mecanismos de deslocação da consciência

A consciência não poderia abandonar e regressar ao corpo sem suporte biológico.

capacidade psíquica → mecanismo corporal correspondente

O corpo antecipa biologicamente possibilidades que a cultura ignora.

51. O corpo pode funcionar sem a consciência principal

Enquanto a consciência principal se afasta, o corpo mantém as funções essenciais.

consciência corporal → manutenção → continuidade orgânica

Pode até realizar tarefas simples.

consciência principal ausente → corpo parcialmente autónomo

A identificação habitual entre self e carne é mais estreita do que o necessário.

52. Outras civilizações usam relações diferentes

A relação estreita entre consciência principal e corpo não é universal.

- civilização atual → identificação intensa com a carne
- outras civilizações → maior mobilidade da consciência

O corpo pode funcionar como estação de origem e base de operações.

- corpo → apoio perceptivo específico

- consciência → exploração mais ampla
-

53. A vida física não exige identificação total com a carne

A existência corporal pode ocorrer sem que o self se identifique completamente com o corpo.

vida física → não implica confinamento psíquico

Isso não produz necessariamente alienação.

relação diferente corpo-consciência → integração alternativa

A carne pode servir de instrumento sem definir toda a identidade.

54. Doutrinação neurológica

As crenças, o treino e a educação neurológica bloqueiam o reconhecimento da atividade noturna.

crenças → filtragem neurológica → exclusão de dados

Durante o sono, a consciência permanece altamente ativa.

sono → trabalho mental interior → experiência futura

A ausência de recordação não significa ausência de atividade.

55. Trabalho interior durante o sono

Grande parte do trabalho que produzirá a experiência física ocorre durante o sono.

atividade interior noturna → organização → acontecimento físico

O sono participa diretamente na construção da realidade.

sono → preparação interior → vigília

A vida de vigília depende de processos realizados fora dela.

56. Criatividade biológica do sono

Durante o sono, a consciência corporal realiza funções impossíveis na vigília.

desligamento da consciência principal → liberdade corporal

A maior criatividade biológica ocorre nesse período.

sono → aceleração de funções celulares → regeneração

O desligamento é necessário à manutenção da vida.

57. O sono não é subproduto da vigília

O sono não existe apenas para recuperar da atividade diária.

- vigília → não é centro absoluto
- sono → função própria e fundamental

Em termos amplos, o indivíduo está tão desperto no sono como na vigília.

consciência desperta → foco diferente

A diferença reside na direção da atenção.

58. Coma e sono

Uma pessoa pode viver durante anos em coma, mas não pode viver sem dormir.

- coma → atividade mental possível
- ausência de sono → inviabilidade biológica

O sono desempenha uma função mais essencial do que a consciência de vigília reconhece.

sono → liberdade da consciência → sobrevivência física

59. Comportamento livre da consciência

Quando não está fisicamente orientada, a consciência pode usar capacidades impossíveis na vigília.

desorientação física temporária → liberdade de ação

Essa atividade é necessária até para a sobrevivência do organismo.

mobilidade da consciência → equilíbrio biológico

A liberdade psíquica sustenta a estabilidade física.

60. Pulsações de energia

A consciência exercita-se através de pulsações de energia.

consciência → expansão e retração → regeneração

Essas pulsações permitem utilizar capacidades não expressáveis fisicamente.

- orientação física → capacidade limitada
- desligamento → capacidade ampliada

A consciência alterna ritmos de focalização.

61. Percepções demasiado rápidas

A consciência principal pode viajar mais depressa do que a luz.

percepção ultrarrápida → estrutura neurológica incapaz de captar

O cérebro traduz apenas uma faixa adequada à experiência física.

atividade ampla → filtragem neurológica → percepção linear

A limitação está na tradução, não na consciência.

62. Compreensão celular ultrarrápida

A compreensão e a reação celulares são demasiado rápidas para a consciência habitual.

- célula → conhecimento imediato → resposta
- self consciente → percepção lenta → desconhecimento

A inteligência celular opera fora do ritmo psicológico comum.

63. A plataforma da experiência física

A existência física exige uma plataforma precisa de experiência.

códigos + corpo + consciência → plataforma tridimensional

Essa plataforma é aceite como realidade válida.

focalização estável → universo conhecido

Sem essa concentração, a experiência física não manteria coerência.

64. A aliança entre consciência livre e consciência corporal

A experiência física resulta da cooperação entre duas dimensões.

consciência livre + consciência corporal → realidade física

A consciência livre fornece mobilidade e amplitude.

consciência livre → possibilidades

A consciência corporal fornece estabilidade e precisão.

consciência corporal → manutenção e foco

A realidade física nasce dessa aliança.

65. A realidade física liga-se e desliga-se

Em termos da experiência consciente, a realidade física liga-se e desliga-se.

- vigília → realidade física ativa
- sono → focalização física suspensa

O universo conhecido existe, nesses termos, apenas enquanto é sustentado pelo foco adequado.

focalização → continuidade física

A sua estabilidade depende de repetidas reativações.

66. O trabalho interior torna possível a vigília

Grande parte da atividade que sustenta a realidade física ocorre durante o sono.

sono → preparação interior → vigília possível

A experiência física é continuamente reconstruída.

trabalho invisível → realidade visível

A vigília constitui o resultado de processos anteriores.

67. O encontro das duas consciências

A realidade física exige o encontro intenso entre consciência principal e consciência corporal.

- consciência principal → intenção e foco
- consciência corporal → precisão biológica
- encontro → percepção física

Essa união exige manipulações extremamente delicadas.

68. A precisão física produz limitações

A concentração necessária à experiência tridimensional reduz temporariamente outras capacidades.

foco intenso → precisão → exclusão de dados

O self consciente perde acesso à compreensão celular.

consciência habitual → não sintonizada com as células

Também ignora a sua própria liberdade em níveis mais amplos.

69. Necessidade de desligamento

Para que cada dimensão se regenere, tem de ocorrer desligamento.

- consciência principal → afastamento
- consciência corporal → permanência no corpo

O sono permite que cada uma retome o seu funcionamento natural.

desligamento → regeneração → nova cooperação

A separação temporária sustenta a aliança.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

fonte interior → atividade mais rápida do que a luz → desaceleração → célula e matéria → sistemas de códigos → realidade física → alteração de coordenadas → consciência fora do corpo → probabilidades → sono → trabalho interior → aliança entre consciência livre e consciência corporal

O capítulo mostra que:

- ✓ a forma física não é origem → é manifestação
- ✓ a célula observável não é a célula inteira → é a sua face tridimensional
- ✓ a consciência não está presa ao corpo → utiliza-o como base
- ✓ a realidade física não é absoluta → resulta de códigos compatíveis
- ✓ os acontecimentos não atualizados não desaparecem → realizam-se noutras probabilidades
- ✓ o sono não interrompe a consciência → desloca a focalização
- ✓ a vigília não produz o sono → depende do trabalho realizado durante o sono
- ✓ o corpo não é passivo → possui consciência e autonomia

A formulação central pode ser estabilizada assim:

A realidade física emerge quando a consciência livre e a consciência corporal se unem através de sistemas de códigos e coordenadas precisas; durante o sono e nos estados fora do corpo, essa aliança flexibiliza-se, permitindo à consciência recuperar a mobilidade, a velocidade e o alcance que a focalização tridimensional temporariamente restringe.

CAPÍTULO 32

A Realidade Interior, as Projeções da Psique e as Viagens da Consciência

— *Para explorarem a realidade desconhecida, têm de aventurar-se no interior da vossa própria psique, percorrendo internamente caminhos invisíveis, tal como viajam exteriormente por caminhos físicos.*

— *A vossa realidade material é formada através de cooperação conjunta.*

— *As vossas próprias ideias, objetivadas, tornam-se parte do ambiente físico.*

— *Nesta vasta iniciativa cooperativa, os pensamentos e sentimentos de cada ser vivo criam raízes, por assim dizer, emergindo sob a forma de dados objetivados.*

— *Afirmar que cada sistema de realidade utiliza o seu próprio sistema codificado.*

— *Isto fornece, na prática, uma espécie de enquadramento.*

— *Em termos gerais, portanto, concordam em objetivar determinados dados interiores, individual e coletivamente, num dado «momento».*

— *Nesses termos, o avião objetivou a ideia interior de voar no «vosso» tempo, e não, por exemplo, no ano de 1500.*

— *Talvez já tenham ouvido alguém dizer acerca de uma ideia: «O seu tempo ainda não chegou.»*

— *Isto significa simplesmente que ainda não existe energia suficiente ligada à ideia para a impulsionar exteriormente para o mundo da experiência física, sob a forma de um acontecimento objetivo experienciado coletivamente.*

— *No estado de sonho e em determinados outros níveis da realidade, as ideias e os respectivos símbolos são experienciados de imediato.*

— *Não existe, portanto, qualquer intervalo temporal entre um sentimento e a sua condição «exteriorizada».*

— *O sentimento é automaticamente experienciado na forma que for familiar e natural àquele que o possui.*

— *A psique é confrontada com os seus próprios conceitos, que se refletem instantaneamente em situações de sonho e noutros acontecimentos que serão explicados em breve.*

— *Se, por exemplo, sonham ou anseiam por uma casa nova na vida física, poderá decorrer algum tempo antes de esse ideal se concretizar, embora uma intenção tão forte venha quase certamente a produzir a sua realização física.*

— *Contudo, o mesmo desejo, no estado de sonho, pode conduzir à criação instantânea dessa casa, no que diz respeito à vossa experiência onírica.*

— *Mais uma vez, não existe aí qualquer intervalo temporal entre o desejo e a sua materialização.*

— *Existem níveis no interior dos sonhos que são extremamente pertinentes, mas sobretudo pessoais, na medida em que refletem as vossas intenções e propósitos privados.*

— *Existem outros níveis, mais afastados nos vossos termos, que envolvem comportamento coletivo num nível psíquico, onde os habitantes do mundo físico planeiam em conjunto acontecimentos futuros.*

— *Aí, as probabilidades são reconhecidas e utilizadas.*

— *Utiliza-se o simbolismo.*

— *Existe um entrelaçamento de intenções tão vasto que é difícil explicá-lo.*

— Os desejos privados são aí ampliados, conforme são sentidos pelos outros, ou reduzidos em conformidade, de modo que, no conjunto, são elaborados grandes planos gerais relacionados com a espécie, num dado «momento».

— Também aí, esses desejos e intenções têm de se ajustar ao sistema codificado tal como ele existe.

— Nesses níveis, ainda se encontram perto de casa.

— Para além deles, existem camadas da realidade nas quais a vossa psique está igualmente profundamente envolvida, e que podem ou não parecer ter alguma relação com o mundo que conhecem.

— Quando viajam para esses domínios, fazem-no geralmente a partir do estado de sonho, transportando ainda convosco os vossos símbolos privados.

— Mesmo aí, estes são automaticamente traduzidos em experiência.

— Contudo, esse não é o vosso próprio sistema codificado.

— Podem atravessar essa realidade percecionando-a de forma opaca, sobrepondo-lhe os vossos próprios símbolos e tomando-os pelo ambiente «real».

— *Nesses termos, o ambiente real será aquele que é geralmente percebido pelos habitantes naturais do sistema.*

— *Para começar, os vossos próprios símbolos emergem de níveis profundos da psique e, em certos termos, fazem parte de qualquer realidade que experienciem — mas podem ter dificuldade em interpretar os acontecimentos.*

— *Se estiverem num mundo que não é o vosso, com a consciência à deriva, encontram-se, por assim dizer, em ponto morto, enquanto os vossos sentimentos e pensamentos fluem diretamente para a experiência.*

— *Se quiserem manter a lucidez e explorar esse ambiente, terão de aprender a distinguir o vosso estado psicológico da realidade em que se encontram.*

— *Muitos dos meus leitores encontram-se precisamente em situações dessa natureza enquanto dormem.*

— *Ainda a sonhar, parecem subitamente despertar num ambiente que não faz sentido.*

— *Podem ser perseguidos por demónios.*

— *O mundo pode parecer de pernas para o ar.*

- *Os mortos e os vivos podem encontrar-se e conversar.*
- *Em quase todos os casos, os demónios nos sonhos representam a crença do sonhador no mal, instantaneamente materializada.*
- *Não são, portanto, habitantes de algum mundo inferior ou subterrâneo.*
- *Daremos algumas instruções que permitirão aos leitores experimentar, pelo menos até certo ponto, a projeção da consciência.*
- *É muito importante que compreendam que, mesmo nos sonhos, formam a vossa própria realidade.*
- *O vosso estado mental, liberto da focalização física habitual, expressa-se criativamente em todo o seu poder e brilho.*
- *O próprio estado mental funciona como intenção, impulsionando-vos para realidades de condições semelhantes.*
- *No vosso mundo, viajam de um país para outro e não esperam que todos sejam iguais.*

— *Pelo contrário, visitam diferentes regiões do mundo precisamente devido às diferenças entre elas — portanto, nem todas as viagens fora do corpo conduzem ao mesmo local.*

— *Instintivamente, abandonam o corpo durante períodos variáveis todas as noites enquanto dormem, mas essas viagens não são «programadas».*

— *Por outras palavras, planeiam os vossos próprios percursos.*

— *Tal como várias pessoas com os mesmos interesses podem decidir visitar juntas o mesmo país, numa excursão, também na condição fora do corpo podem viajar sozinhos ou acompanhados.*

— *Se estiverem atentos, podem até tirar fotografias — embora, no que respeita às viagens interiores, essas fotografias consistam em imagens nítidas do ambiente, captadas no momento, reveladas no inconsciente e posteriormente apresentadas à mente de vigília.*

— *Existem técnicas para utilizar câmaras, e uma câmara deixada em casa será de pouca utilidade no estrangeiro.*

— *Portanto, é a mente consciente e alerta que tem de tirar essas fotografias, se esperam mais tarde compreender as vossas viagens interiores.*

— *Essa mente consciente e racional tem, por isso, de ser levada convosco.*

— *Existem muitas formas de o fazer, métodos que não são realmente difíceis de seguir.*

— *Determinadas técnicas ajudar-vos-ão a preparar a mente consciente para a viagem, tal como preparariam uma câmara.*

— *Ela estará disponível quando dela necessitarem, para captar as imagens que constituirão as memórias conscientes da vossa viagem.*

— *Têm de recordar que o mundo objetivo é também uma projeção da psique.*

— *Como se focalizam principalmente nele, conhecem suficientemente bem as suas regras para nele funcionarem.*

— *Uma viagem no mundo físico representa apenas a decisão de caminhar ou de escolher determinado tipo de veículo — um automóvel não vos transportará através do oceano, pelo que utilizam um navio ou um avião.*

— *Não ficam surpreendidos quando a terra dá subitamente lugar à água.*

— *Consideram essa alteração natural perfeitamente normal.*

— *Contudo, esperam que o tempo permaneça no seu lugar.*

— *A terra pode transformar-se em água, por exemplo, mas o dia de hoje não deve transformar-se, da mesma maneira, no dia de ontem, nem em amanhã no início da tarde de hoje.*

— *Ao caminharem por uma avenida, esperam que as árvores permaneçam nos seus lugares e não se transformem em edifícios.*

— *Todos estes pressupostos são dados como adquiridos nas vossas viagens físicas.*

— *Podem encontrar costumes e línguas diferentes, mas até esses serão aceites dentro dos vastos pressupostos básicos e globais em cujos limites decorre a vida física.*

— *Sempre que caminham pela rua, estão inequivocamente a viajar através da psique individual e coletiva.*

— *Contudo, o mundo físico parece objetivo e exterior a vocês.*

— *A ideia dessa exterioridade constitui um dos pressupostos sobre os quais constroem essa existência.*

— *A viagem interior não é, portanto, mais subjetiva do que uma viagem de Nova Iorque a São Francisco.*

— *Estão habituados a projetar todos os destinos para fora de vocês próprios.*

— *Por isso, a ideia de destinos interiores variados, envolvendo movimento através do tempo e do espaço, parece estranha.*

— *Em termos gerais, já exploraram suficientemente o planeta físico para terem uma boa ideia do que esperar quando viajam de país para país.*

— *Antes de uma viagem, podem consultar folhetos turísticos que descrevem as atrações e características de determinado local.*

— *Portanto, não viajam às cegas e, embora uma dada viagem possa ser nova para vocês, não são verdadeiramente pioneiros: o território já foi cartografado e existem poucas surpresas fundamentais.*

— *As regiões interiores não foram tão bem exploradas.*

— *No mínimo, constituem território virgem para a vossa mente consciente.*

— *Outros viajaram até alguns desses locais interiores, mas, como eram verdadeiros exploradores, tiveram de aprender à medida que avançavam.*

— *Alguns, ao regressarem, forneceram guias ou folhetos de viagem, descrevendo aquilo que poderia ser esperado.*

— *Vocês formam a vossa própria realidade.*

— *Se viessem de um país estrangeiro e pedissem a alguém uma descrição da cidade de Nova Iorque, poderiam tomar essa descrição pela realidade.*

— *A pessoa poderia dizer: «A cidade de Nova Iorque é um lugar aterrador, onde o crime está por toda a parte, os bandos vagueiam pelas ruas, os homicídios e as violações são a norma, e as pessoas não são apenas indelicadas, mas estão prontas a atacar-vos a qualquer momento. Não existem árvores. O ar está poluído, e só podem esperar violência.»*

— *Se perguntassem a outra pessoa, ela poderia dizer: «A cidade de Nova Iorque possui alguns dos melhores museus, concertos ao ar livre em vários parques, excelente escultura, teatro e, provavelmente, a maior coleção de livros fora do Vaticano. Possui, no geral, um bom clima e uma grande mistura de culturas. Milhões de pessoas seguem diariamente o seu caminho em liberdade.»*

— *Ambas estariam a falar do mesmo local.*

— *As descrições variariam devido às crenças privadas de cada uma e seriam coloridas pela focalização individual a partir da qual cada pessoa observava a cidade.*

— *Uma pessoa poderia indicar-vos a localização exata da cidade em termos de latitude e longitude.*

— *A outra poderia não possuir esse conhecimento e dizer, em vez disso: «Apanho um avião em determinado lugar, a determinada hora, indicando a cidade de Nova Iorque como destino, e, se apanhar o avião correto, chego sempre lá.»*

— *Contudo, os exploradores que viajam pela realidade interior não dispõem, à partida, do mesmo tipo de marcos de referência.*

— *Muitos ficaram tão entusiasmados com as suas descobertas que escreveram guias muito antes de terem sequer começado verdadeiramente a explorar a paisagem interior.*

— *Não compreenderam que encontravam aquilo que desejavam encontrar, nem que os fenómenos aparentemente objetivos tinham origem nos reflexos da psique.*

— *Podem, por exemplo, ter lido livros que numeram os «reinos interiores» e vos dizem aquilo que podem esperar encontrar em cada um deles.*

— *Muitos desses livros falam de senhores ou deuses de cada reino, ou de demónios.*

— *De uma maneira estranha, esses livros prestam realmente algum serviço, pois, em determinados níveis, encontrarão as vossas próprias ideias materializadas; e, se acreditarem em demónios, então, nesses termos, irão encontrá-los.*

— Os autores, porém, pressupõem que os demónios possuem uma realidade independente da crença que neles depositam, e isso não acontece.

— Os demónios representam simplesmente um estado da vossa própria mente que parece estar exteriormente localizado, objetivado.

— Por conseguinte, qualquer método utilizado pelos autores para triunfarem sobre esses demónios é frequentemente apresentado como prova não só da realidade dos demónios, mas também da eficácia do método.

— Se lerem livros dessa natureza, podem muitas vezes programar a vossa atividade segundo essas linhas, da mesma forma que um visitante da cidade de Nova Iorque poderia programar a própria experiência da cidade com base naquilo que lhe disseram existir nela.

— Contudo, esse tipo de estruturação também vos prejudica, porque vos impede de entrar em contacto com os vossos próprios conceitos originais.

— Não existe razão alguma, por exemplo, para encontrarem demónios ou diabos em qualquer estado de transe ou condição fora do corpo.¹

— Nesses casos, as vossas próprias alucinações cegam-vos para o ambiente no qual são projetadas.

— Quando a vossa consciência não está diretamente focalizada na realidade física, a grande criatividade da psique pode expressar-se mais plenamente.

— Todas as suas dimensões são fiel e instantaneamente produzidas como experiência quando aprendem a levar convosco a mente consciente «normalmente alerta».

— E, quando se libertam dessas ideias limitadoras, podem, nesses níveis, vislumbrar os poderes interiores da própria psique e observar a interação entre crenças e símbolos à medida que se manifestam diante dos vossos olhos.

— Enquanto não aprenderem a fazê-lo, terão certamente dificuldades, pois não conseguirão distinguir as vossas projeções daquilo que acontece no ambiente interior.

¹ No Capítulo 14 de O Material de Seth, Jane e Seth apresentaram um relato simultaneamente humorístico e sério do seu encontro fora do corpo com um demónio, ou «coisa negra», criado por ela própria.

— *Qualquer exploração da realidade interior envolve necessariamente uma viagem através da psique, e esses efeitos podem ser entendidos como condições atmosféricas, naturais numa determinada fase, pelas quais passam à medida que prosseguem.*

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a investigação da realidade desconhecida para o interior da psique. Seth mostra que a realidade física é uma projeção cooperativa da consciência, que os sonhos e estados fora do corpo revelam a objetivação imediata de ideias e sentimentos, e que qualquer exploração interior exige distinguir entre o ambiente real encontrado e as projeções simbólicas do próprio estado psicológico.

A função central do capítulo é esta:

explorar a realidade desconhecida exige viajar através da própria psique, levando a mente consciente alerta, para distinguir entre os territórios interiores, as projeções das crenças e os símbolos que a consciência transforma instantaneamente em experiência.

1. Explorar a realidade desconhecida exige viagem interior

A exploração não se faz apenas por caminhos físicos.

realidade desconhecida → psique → caminhos interiores

Tal como o corpo viaja exteriormente, a consciência viaja interiormente.

- viagem física → espaço exterior
- viagem interior → espaço psíquico

A realidade desconhecida começa no próprio campo da consciência.

2. A realidade material nasce de cooperação conjunta

A realidade física não é produzida isoladamente.

ideias + sentimentos + seres vivos → cooperação → ambiente físico

Cada ser contribui para o campo material comum.

vida interior → objetivação → mundo partilhado

A matéria é apresentada como resultado de uma atividade cooperativa da psique.

3. Ideias objetivadas tornam-se ambiente

As ideias podem adquirir expressão física.

ideia interior → energia suficiente → acontecimento objetivo

O ambiente contém pensamentos e sentimentos tornados dados exteriores.

subjetivo → objetivado → físico

O mundo não está separado da psique; é uma das suas expressões.

4. Cada sistema possui códigos próprios

Cada sistema de realidade utiliza o seu próprio sistema codificado.

sistema de realidade → códigos → enquadramento de experiência

Os códigos definem que dados podem ser objetivados.

- código compatível → manifestação
- código incompatível → não manifestação nesse sistema

A realidade física resulta de um acordo codificado individual e coletivo.

5. O tempo de uma ideia

Uma ideia manifesta-se fisicamente quando possui energia suficiente.

ideia → acumulação de energia → exteriorização coletiva

Quando se diz que «o tempo de uma ideia ainda não chegou», isso significa:

energia insuficiente → não objetivação física

O avião manifesta a ideia de voar quando essa ideia encontra condições coletivas de realização.

6. Nos sonhos não há intervalo temporal

No sonho, ideias e símbolos são experienciados de imediato.

sentimento → símbolo → experiência instantânea

Não existe atraso entre desejo e materialização.

desejo → forma onírica

A psique encontra os seus próprios conceitos refletidos em situações de sonho.

7. O sonho como campo de objetivação imediata

Aquilo que na vida física pode demorar a manifestar-se pode surgir instantaneamente no sonho.

- intenção física → tempo de concretização
- intenção onírica → criação imediata

O sonho mostra, de forma acelerada, o princípio de formação da realidade.

psique → imagem → experiência

8. Níveis pessoais do sonho

Alguns níveis do sonho refletem intenções privadas.

sonho pessoal → desejos → propósitos → símbolos individuais

Esses níveis organizam material íntimo da personalidade.

vida interior privada → dramatização onírica

A psique apresenta-se a si mesma através dos seus próprios símbolos.

9. Níveis coletivos do sonho

Outros níveis envolvem comportamento coletivo num plano psíquico.

sonho coletivo → espécie → planejamento de acontecimentos futuros

Aí, as probabilidades são reconhecidas e utilizadas.

probabilidades → seleção → planos gerais

A espécie participa, em sonho, na preparação de acontecimentos coletivos.

10. Entrelaçamento de intenções

Os desejos privados interagem com os desejos de outros.

intenção individual → amplificação ou redução → plano coletivo

Cada desejo é ajustado ao conjunto.

vontade privada → campo coletivo → direção provável

O futuro da espécie resulta de uma composição psíquica cooperativa.

11. A psique está envolvida em camadas mais vastas

Para além dos níveis próximos do sonho, existem camadas de realidade mais afastadas.

psique individual → sonho → níveis coletivos → camadas mais vastas

Essas camadas podem parecer desligadas do mundo físico.

realidade interior distante → relação não evidente com a vida comum

Mesmo assim, a psique participa nelas.

12. Símbolos privados em realidades não familiares

Ao viajar para outros domínios, a consciência leva consigo os seus símbolos.

consciência viajante → símbolos privados → interpretação da realidade

Esses símbolos são traduzidos automaticamente em experiência.

símbolo pessoal → forma experiencial

O viajante pode confundir os próprios símbolos com o ambiente real.

13. O ambiente real de outro sistema

O ambiente real de um sistema é aquilo que os seus habitantes naturais percecionam.

sistema estranho → habitantes naturais → percepção própria

O visitante pode percecionar esse ambiente de forma opaca.

realidade encontrada → sobreposição simbólica → interpretação distorcida

A dificuldade está em separar o que pertence ao sistema daquilo que pertence à psique do viajante.

14. Consciência à deriva

Num mundo que não é o seu, a consciência pode ficar em «ponto morto».

consciência à deriva → sentimentos e pensamentos → experiência imediata

O estado psicológico flui diretamente para a realidade experienciada.

- medo → imagem ameaçadora
- expectativa → cenário correspondente

Manter lucidez exige distinguir estado interior e ambiente encontrado.

15. Despertar dentro do sonho

Muitos sonhadores parecem acordar subitamente dentro de ambientes estranhos.

sonho → lucidez parcial → ambiente incompreensível

Podem encontrar mortos, vivos, demónios ou mundos invertidos.

estado psicológico + símbolos → cenário onírico

A estranheza resulta muitas vezes da mistura entre ambiente interior e projeção pessoal.

16. Demónios como crenças materializadas

Os demónios nos sonhos representam, quase sempre, a crença no mal.

crença no mal → materialização instantânea → demónio

Não são habitantes necessários de um mundo inferior.

demónio → projeção objetivada da mente

A crença dá forma à experiência.

17. Mesmo nos sonhos, formam a vossa realidade

O princípio da criação da realidade aplica-se também ao sonho.

estado mental → intenção → realidade correspondente

Livre da focalização física habitual, a mente expressa-se com grande poder.

foco físico reduzido → criatividade psíquica ampliada

O sonho mostra a força imediata das crenças.

18. O estado mental funciona como intenção

A condição interior impulsiona a consciência para realidades semelhantes.

estado mental → afinidade → ambiente correspondente

O medo atrai ou forma cenários de medo.

confiança → clareza → exploração

A consciência desloca-se segundo a qualidade do próprio foco.

19. Nem todas as viagens fora do corpo conduzem ao mesmo lugar

Tal como os países físicos diferem entre si, os destinos interiores também variam.

viagem fora do corpo → múltiplos locais interiores

A projeção da consciência não conduz sempre ao mesmo plano.

interesse + intenção + estado mental → destino provável

As viagens interiores possuem variedade real.

20. As viagens noturnas não são programadas

Durante o sono, a consciência abandona naturalmente o corpo por períodos variáveis.

sono → afastamento do corpo → percurso interior

Essas viagens não seguem um programa fixo.

consciência → escolha de percurso → experiência

O viajante pode ir sozinho ou acompanhado.

21. Fotografias interiores

O viajante pode captar «fotografias» interiores.

atenção alerta → imagem interior → memória consciente

Essas imagens são captadas no momento, reveladas no inconsciente e apresentadas depois à mente de vigília.

experiência interior → inconsciente → recordação

A mente consciente precisa de acompanhar a viagem para registrar o percurso.

22. Levar a mente consciente

A mente consciente e racional não deve ser abandonada.

viagem interior → mente consciente alerta → memória e interpretação

Ela funciona como a câmara levada numa viagem física.

mente consciente → registo → compreensão posterior

Sem ela, a experiência pode perder-se ou tornar-se incompreensível.

23. O mundo objetivo também é projeção da psique

O mundo físico parece exterior, mas também resulta da psique.

psique → projeção → mundo objetivo

Como o foco principal está nele, as suas regras parecem naturais.

familiaridade → estabilidade → objetividade presumida

A exterioridade é um pressuposto da existência física.

24. Viagem física e viagem interior

A viagem interior não é mais subjetiva do que uma viagem física.

- Nova Iorque → São Francisco
- vigília → sonho

Ambas envolvem deslocação através de realidades organizadas.

- destino exterior → coordenadas físicas
- destino interior → coordenadas psíquicas

A diferença está no tipo de mapa usado.

25. Pressupostos da viagem física

Nas viagens físicas, aceita-se que o espaço mude.

terra → água → outro país

Mas espera-se que o tempo permaneça fixo.

hoje → não deve tornar-se ontem

Esses pressupostos sustentam a experiência física comum.

26. A exterioridade como pressuposto

O mundo físico parece existir fora do indivíduo.

destino projetado para fora → mundo objetivo

Essa exterioridade é uma das bases da realidade física.

crença na exterioridade → estabilidade da experiência

A dificuldade surge quando se fala de destinos interiores.

27. Destinos interiores

A consciência está habituada a projetar todos os destinos para fora.

destino → exteriorização habitual

Por isso, a ideia de destinos interiores parece estranha.

movimento interior → tempo + espaço psíquico

A exploração interior exige aceitar deslocações não exteriores.

28. O planeta físico já está cartografado

A humanidade conhece relativamente bem os territórios físicos.

países → mapas → guias → expectativas

Mesmo numa viagem nova, o viajante raramente é pioneiro.

território conhecido → poucas surpresas fundamentais

A mente consciente possui referências físicas estáveis.

29. As regiões interiores são território virgem

As regiões interiores não foram tão bem exploradas pela mente consciente.

paisagem interior → poucos mapas fiáveis

Outros viajaram até lá, mas tiveram de aprender enquanto exploravam.

explorador interior → descoberta → interpretação provisória

Os guias existentes devem ser lidos com cuidado.

30. Guias interiores precipitados

Alguns exploradores escreveram guias antes de compreenderem a paisagem interior.

descoberta inicial → entusiasmo → mapa prematuro

Confundiram aquilo que desejavam encontrar com aquilo que era objetivamente encontrado.

desejo → projeção → falsa cartografia

A psique refletia as suas próprias expetativas.

31. Descrições diferentes do mesmo lugar

A analogia de Nova Iorque mostra que o mesmo local pode ser descrito de formas opostas.

mesma cidade → crenças diferentes → descrições diferentes

Uma pessoa vê perigo.

foco no medo → cidade ameaçadora

Outra vê cultura e liberdade.

foco na riqueza cultural → cidade viva

A descrição revela o observador tanto quanto o local.

32. Crenças privadas coloram a percepção

A percepção de qualquer ambiente é filtrada pelas crenças.

crença privada → focalização → descrição

O mesmo se aplica aos ambientes interiores.

reino interior → crença do viajante → experiência interpretada

A realidade encontrada é misturada com a orientação psicológica do viajante.

33. Coordenadas e experiência prática

Uma pessoa pode conhecer a localização exata de uma cidade.

latitude + longitude → conhecimento técnico

Outra pode simplesmente saber como chegar lá.

avião certo → destino alcançado

Na realidade interior, a experiência prática pode ser mais útil do que a cartografia abstrata.

34. Falta de marcos interiores

Os exploradores interiores não dispõem inicialmente de marcos de referência estáveis.

sem mapa comum → interpretação difícil

A ausência de coordenadas externas aumenta o risco de projeção.

psique ativa → símbolos → ambiente interpretado

É necessário discernimento.

35. Reinos interiores numerados

Muitos sistemas descrevem reinos interiores como se fossem mapas fixos.

- reino 1 → entidade
- reino 2 → deus
- reino 3 → demônio

Essas classificações podem tornar-se programas de experiência.

expetativa → encontro correspondente

O mapa condiciona o viajante.

36. A utilidade parcial dos guias

Esses guias podem prestar algum serviço.

crença → materialização → confirmação experiencial

Se alguém acredita em demónios, pode encontrá-los.

ideia interior → forma encontrada

O problema está em tomar a projeção por entidade independente.

37. Demónios não independentes da crença

Os autores dos guias costumam atribuir realidade própria aos demónios.

demónio encontrado → considerado externo

Seth corrige:

demónio → estado mental objetivado

O encontro prova a força da crença, não a existência independente do demônio.

38. Métodos contra demónios

Os métodos usados para vencer demónios são frequentemente apresentados como prova.

método → vence projeção → método considerado validado

Mas a projeção foi criada pelo próprio sistema de crenças.

- crença → demônio
- método → reorganização da crença

A cura parece provar o problema que ajudou a formar.

39. Programação da experiência interior

Ler esses guias pode programar a viagem interior.

descrição lida → expectativa → experiência moldada

Tal como um visitante pode programar a experiência de Nova Iorque segundo aquilo que lhe disseram.

relato exterior → filtro percetivo → confirmação

A mente encontra aquilo que foi preparada para encontrar.

40. Perda dos conceitos originais

A estruturação excessiva impede o contacto com os próprios conceitos originais.

mapa herdado → projeção alheia → bloqueio da descoberta própria

O viajante deixa de encontrar a sua psique diretamente.

experiência original → substituída por roteiro

A exploração torna-se repetição de crenças recebidas.

41. Não há necessidade de encontrar demónios

Não existe razão para encontrar demónios ou diabos em transe ou fora do corpo.

estado alterado $\neq$ encontro demoníaco necessário

Esses encontros resultam de crenças limitadoras.

crença no mal → imagem ameaçadora

Sem essa crença, a experiência pode abrir-se de outro modo.

42. Alucinações que ocultam o ambiente

As alucinações pessoais podem cegar para o ambiente interior real.

projeção pessoal → sobreposição → ambiente ocultado

O viajante vê a própria psique dramatizada.

estado psicológico → cenário → confusão interpretativa

É preciso reconhecer a projeção para ver além dela.

43. A criatividade da psique em plena força

Quando a consciência se afasta da focalização física, a criatividade da psique amplia-se.

foco físico reduzido → expressão psíquica intensificada

Crenças, símbolos e estados emocionais tornam-se experiência.

interior → exteriorização imediata

A psique mostra-se em ação.

44. Levar a mente consciente alerta evita confusão

A mente consciente «normalmente alerta» deve acompanhar a exploração.

mente alerta → observação → distinção

Sem ela, o viajante confunde:

projeção pessoal → ambiente interior

Com ela, pode observar:

crença → símbolo → manifestação

A lucidez transforma a experiência em conhecimento.

45. Ver a interação entre crenças e símbolos

Liberto das ideias limitadoras, o viajante pode observar como a psique cria.

crença → símbolo → experiência

Essa visão permite compreender os poderes interiores da psique.

observação lúcida → conhecimento da criação

A viagem interior torna-se investigação consciente.

46. A exploração interior passa através da psique

Qualquer exploração da realidade interior envolve atravessar a própria psique.

realidade interior → psique → ambiente encontrado

As projeções iniciais são como condições atmosféricas.

medo, crença, símbolo → atmosfera psíquica

Passa-se por elas à medida que se prossegue.

47. As condições atmosféricas da psique

Esses efeitos são naturais numa determinada fase da viagem.

estado psicológico → atmosfera → experiência

Não precisam de ser absolutizados.

condição transitória → não destino final

O viajante aprende a atravessar essas condições sem se identificar totalmente com elas.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

psique → ideias e sentimentos → objetivação → realidade física → sonho → materialização imediata → viagens interiores → símbolos privados → projeções → discernimento → mente consciente alerta → exploração lúcida → confiança no self

O capítulo mostra que:

- a realidade física não é exterior em absoluto → é projeção cooperativa da psique
- os sonhos não são fantasias vazias → são campos de objetivação imediata
- as viagens interiores não conduzem sempre ao mesmo local → dependem de intenção, crença e foco
- os demónios não são habitantes necessários de outros mundos → são crenças materializadas
- os guias interiores podem ajudar → mas também programam a experiência
- a mente consciente não deve ser abandonada → deve ser levada como instrumento de lucidez
- explorar a realidade interior exige atravessar a própria psique → sem confundir projeção pessoal com ambiente real

A formulação central pode ser estabilizada assim:

A realidade interior é explorada quando a consciência aprende a viajar através da psique com lucidez suficiente para reconhecer como as ideias, crenças e símbolos se objetivam, sem confundir as próprias projeções com os territórios mais vastos da consciência.

CAPÍTULO 33

A Psique Sobrenatural, as Estações da Consciência e as Realidades Simultâneas

— O vosso mundo, mais uma vez, resulta de uma determinada focalização da consciência, sem a qual esse mundo não pode ser percecionado.

— A amplitude de consciência envolvida é, obviamente, fisicamente orientada; contudo, dentro dela existem grandes variedades de consciência, cada uma experienciando esse mundo aparentemente objetivo a partir de uma perspectiva privada.

— O ambiente físico é real em termos diferentes para um animal, um peixe, um ser humano ou uma rocha, por exemplo, e diferentes porções desse ambiente são correspondentemente irreais para cada uma dessas formas.

— Isto é extremamente importante.

— Se um habitante de outra realidade, totalmente exterior ao vosso sistema físico, o visitasse, e se a «sua» inteligência fosse aproximadamente do mesmo grau que a vossa, ainda assim teria

de aprender a focalizar a consciência mais ou menos da mesma maneira que vocês, para poder perceber o vosso mundo.

— Teria de alterar a sua focalização nativa e orientá-la numa direção que lhe seria estranha.

— Desse modo, poderia «captar a vossa estação».

— Haveria distorções, porque, embora conseguisse realizar tais manipulações, poderia naturalmente não possuir o mesmo tipo de estrutura física nativa que a vossa, através da qual receber e interpretar os dados percebidos pela sua consciência alterada.

— O vosso visitante seria então forçado a traduzir essa informação da melhor maneira possível através da sua própria estrutura nativa, para que ela fizesse algum sentido à sua consciência na orientação habitual.

— Todas as realidades resultam, portanto, de focalizações específicas e únicas adotadas pela consciência.

— Nesses termos, não existe exterior.

— Os efeitos de objetividade são causados quando a psique projeta a sua experiência em dimensões interiores que ela própria criou.

— *Interiormente, esses enquadramentos encontram-se em expansão contínua, de modo que, pelo menos nos vossos termos, parece haver distâncias cada vez maiores envolvidas.*

— *A viagem para qualquer outro território da realidade física deve, portanto, envolver alterações da consciência.*

— *Embora todos os vossos pensamentos e sentimentos estejam materializados «algures», apenas alguns se tornam físicos nos vossos termos.*

— *Estes são então aceites como realidade física.*

— *Fornecem a base dos acontecimentos, objetos e fenómenos físicos com os quais todos concordam.*

— *Portanto, o vosso mundo possui uma estabilidade que aceitam, uma determinada ordem e previsibilidade(3) que funcionam suficientemente bem para as preocupações quotidianas.*

— *Nesse ponto, estão sintonizados com precisão na vossa «estação de origem».*

— *Ignoram os símbolos ou vozes fantasma, as ações prováveis que também ocorrem, mas que ficam abafadas nos tons claros da vossa realidade aceite.*

— Quando começam a afastar-se dessa estação de origem, tornam-se mais conscientes das outras frequências que se encontram enterradas nela.

— Movem-se através de outras frequências, mas, para o fazerem, têm de alterar a vossa própria consciência.

— As realidades prováveis ligadas ao vosso próprio sistema são como os subúrbios, digamos, que rodeiam uma cidade principal.

— Se, para simplificar, pensarem noutras realidades como cidades diferentes, então, depois de deixarem a vossa, passariam pelos subúrbios, depois pelo campo, e, após algum tempo, por outros subúrbios, até chegarem a outra metrópole.

— Aqui, cada metrópole representaria um conglomerado de consciências operando dentro de uma frequência geral global de focalização mais clara, um ponto alto de comunicação psíquica e de focalização extraordinária nesse tipo específico de realidade.

— Contudo, a menos que estejam sintonizados nessas frequências particulares, não conseguirão captar essa realidade.

— Poderiam, em vez disso, percecionar o equivalente a som confuso ou estática sem sentido — como aconteceu com Jane —, ou imagens fragmentadas como um puzzle — como aconteceu com Rob.

— *Poderiam simplesmente perceber que existia ali algum tipo de atividade, mas sem conseguir localizá-la com precisão.*

— *Ora, toda a consciência, incluindo a vossa, é extremamente móvel.*

— *Embora focalizem a atenção principalmente no vosso próprio mundo, certas porções da vossa consciência estão sempre a vaguear.*

— *Quando dormem, portanto, a vossa consciência aventura-se frequentemente noutras realidades, geralmente de forma errante, sem se sintonizar com nenhuma frequência precisa.*

— *Por baixo de muitos sonhos aparentemente caóticos existem frequentemente experiências válidas nas quais a vossa consciência «pousa» noutra realidade, sem estar sintonizada com ela com a precisão necessária para permitir uma percepção clara.*

— *A informação não pode ser filtrada nem utilizada eficazmente e é traduzida em imagens de sonho, à medida que a consciência regressa à vossa própria estação de origem.*

— *Por isso, tem sido difícil alcançar qualquer imagem clara dessas outras realidades.*

— *Determinadas focalizações específicas trazem, portanto, diferentes mundos; mas, a menos que a vossa consciência esteja*

sintonizada com uma precisão extraordinária, não conseguirão perceberá-los claramente.

— Em vez disso, captarão, na melhor das hipóteses, imagens fantasma, probabilidades e dados privados que não são oficialmente reconhecidos como parte da estrutura oficial de acontecimentos da realidade principal.

— Basicamente, porém, a consciência é livre e não está rigidamente presa.

— Essas realidades existem, portanto, sempre — na vossa própria psique — fora da vossa «estação de origem», e alguma porção da vossa consciência está sempre envolvida nelas.

— Existem transbordamentos, por assim dizer, sob a forma de percepções não oficiais que ocorrem frequentemente, ou de acontecimentos «impossíveis» que parecem estar para além de qualquer explicação.

— Por agora, imaginem a vossa própria psique, que é uma identidade consciencializada, como uma espécie de «rádio sobrenatural».

— Todas as estações existem ao mesmo tempo no interior da psique.

— *Estas não se manifestam apenas através do som, mas com todos os acessórios vivos do mundo.*

— *O «vocês» que reconhecem é apenas um sinal numa dessas estações, sintonizado numa determinada frequência, experienciando a realidade global dessa estação a partir do vosso próprio ponto de vista — um ponto de vista único, igual a nenhum outro, mas que contribui para a vida total da estação.*

— *Contudo, o rádio sobrenatural que é a vossa psique inteira contém muitas dessas estações.*

— *Todas elas estão a transmitir ao mesmo tempo.*

— *Contudo, nesta analogia, seria extremamente confuso experienciar ou ouvir todas ao mesmo tempo; por isso, diferentes porções da psique sintonizam-se em diferentes estações, concentram-se nelas e excluem as restantes para fins práticos imediatos.*

— *Como todas essas estações operam dentro da mesma psique, ou rádio sobrenatural, a qualidade global dos programas terá muito a ver com a natureza da própria psique.*

— *Os rádios possuem cabos e contêm transformadores e transístores.*

— *A recepção global depende da cablagem e do funcionamento interno do rádio — e esses mecanismos existem separadamente das estações que devem captar.*

— *Do mesmo modo, a «psique sobrenatural» existe separadamente das estações de consciência que contém.*

— *Neste caso, na verdade, é a própria psique que fabrica o rádio, acrescentando continuamente novas ligações e novas estações.*

— *Finjam que possuem um rádio com o qual conseguem captar claramente dez estações.*

— *Primeiro, imaginem que, durante a programação diária, há três telenovelas, quatro noticiários, várias excelentes peças dramáticas, algumas óperas, alguma música popular, vários sermões religiosos e alguns programas desportivos.*

— *Cada um deles possui os seus próprios anúncios ou mensagens, que podem ou não ter alguma relação com os programas transmitidos.*

— *Antes de mais, ser-vos-ia quase impossível acompanhar todos esses programas com alguma eficácia enquanto tratassem dos vossos próprios assuntos.*

— *Para tornar a questão ainda mais complicada, mais uma vez, esses programas não envolvem apenas som.*

-
- *Cada um possui as suas próprias realidades dimensionais.*
 - *Além disso, existe uma troca recíproca entre programas.*
 - *Por exemplo: suponhamos que têm um certo Wilford Jones, personagem de uma das telenovelas.*
 - *Esse Wilford, enquanto prossegue dentro do seu próprio drama como, digamos, um merceeiro doentio no Iowa, com uma amante que não consegue sustentar e uma esposa que tem de sustentar — esse pobre homem assediado, na estação KYU, está também consciente de todos os outros programas que passam nas outras estações.*
 - *Todas as outras personagens de todas as outras peças estão igualmente conscientes do nosso merceeiro.*
 - *Existe uma troca criativa constante entre os vários programas do dia.*
 - *Quando o nosso Wilford exclama dramaticamente à amante: «Receio que a minha mulher descubra o nosso caso», então a sinfonia que toca noutra estação torna-se melodramática, e o programa desportivo mostra um herói a deixar cair a bola.*
 - *No entanto, cada personagem possui o seu próprio livre-arbítrio.*

— *O jogador de futebol, captando inconscientemente o problema do merceeiro, por exemplo, pode usá-lo como desafio e dizer: «Não, não vou deixar cair a bola.»*

— *As multidões aplaudem então, e o nosso merceeiro, na sua telenovela, pode sorrir e dizer: «Mas afinal tudo se resolverá.»*

— *Por outras palavras, há na psique uma interação constante entre todas as estações e uma criatividade maravilhosa, literalmente ilimitada — na qual, nos vossos termos, todas as ações de uma estação afetam todas as outras nas restantes estações.*

— *Continuando a usar a mesma analogia: certa noite, ao adormecer, o nosso merceeiro, Wilford, poderia subitamente ouvir na sua cabeça os sons completos de uma sinfonia ou, em vez disso, captar um rápido vislumbre de um jogador de futebol; por outro lado, um dos músicos da orquestra sinfónica poderia subitamente dar por si a pensar em como seria difícil ter uma amante e uma esposa ao mesmo tempo.*

— *Do ponto de vista de quem percebe, estes seriam acontecimentos não oficiais, e, no entanto, poderiam servir como pistas importantes acerca da natureza da realidade.*

— *Os programas separados que existem simultaneamente possuem cada um os seus próprios horários, e, a partir da vossa realidade, não poderiam reproduzi-los todos ao mesmo tempo.*

— Parece-vos que estão fora da psique, pelo que imaginam alguém como vocês próprios a operar esse rádio a partir dessa posição exterior.

— Do vosso ponto de vista, não poderiam captar, por exemplo, as escapadelas do merceeiro e a sinfonia, se ambas surgissem às oito da noite, sem mudar de uma para a outra: teriam de escolher que programa queriam.

— Naturalmente, é muito fácil expandir a nossa analogia, transformando o rádio num televisor.

— Nesse caso, as projeções no ecrã seriam plenamente dimensionais, conscientes de cada espetador em cada sala.

— E não só isso: as pessoas no ecrã compreenderiam a relação entre vocês, os espetadores, e, digamos, os outros espetadores da mesma cidade.

— Nos bastidores, não só os intérpretes, enquanto intérpretes de todos os programas, se conheceriam todos entre si, como as personagens por eles representadas também se conheceriam umas às outras, estariam conscientes dos papéis umas das outras nos programas e até, de vez em quando, vagueariam pelos dramas umas das outras.

— Em níveis que ultrapassam a compreensão do espetador, todos os dramas e programas estariam relacionados.

— *Mais uma vez, devido ao equilíbrio específico da vossa consciência, parece-vos que estão fora de todos esses programas.*

— *Sintonizam-se neles, fazendo escolhas, por exemplo, quando mais de um programa favorito passa à mesma hora.*

— *Em termos mais amplos, vocês fazem parte do mesmo «aparelho», e, noutro nível, alguém vos vê como uma personagem numa sala, a ligar um televisor.*

— *Intrinsecamente, a psique — a psique privada — contém todos esses programas e realidades.*

— *Contudo, certas porções dela escolhem adotar diferentes focalizações para trazer esses aspetos mais claramente à experiência.*

— *Até certo ponto, os sinais de todas as outras estações estão sempre presentes no fundo de qualquer programa específico, e, alterando momentaneamente a direção da vossa atenção, podem aprender a trazer outras estações para primeiro plano.*

— *Psíquica e psicologicamente, essas outras estações, nas quais não se concentram, formam a estrutura da psique tal como a compreendem, da qual a vossa experiência terrena emerge para o foco.*

— *Estudar-vos a vós próprios e estudar a natureza da vossa própria consciência conduzir-vos-á, portanto, automaticamente, até certo ponto, a uma compreensão da realidade «desconhecida».*

— *A realidade desconhecida é composta por essas porções bloqueadas da vossa própria psique e pelos enquadramentos correspondentes de experiência que elas formam.*

— *Para fins de imagem, podem imaginar a vossa consciência normal como a ligação a este planeta de origem — a estação familiar na qual se sintonizam todos os dias.*

— *Quando projetam a consciência para longe dela, encontrarão diversos tipos de condições atmosféricas.*

— *Assim que compreenderem o que são e que efeitos podem esperar, essas viagens poderão ser realizadas conscientemente, com a mente consciente que conhecem a atuar, por exemplo, como astronauta, e o resto da vossa consciência como veículo.*

— *Essas viagens conduzem a realidades perfeitamente válidas, mas, tal como um astronauta tem de conhecer as melhores condições de aterragem, também vocês têm de aprender a «entrar» no momento mais favorável e nas melhores condições.*

— *Essas viagens levam-vos através da natureza da própria psique, bem como até essas outras realidades que existem em resultado da concentração da psique em determinadas frequências.*

— *Projetar a consciência para fora do corpo proporciona, portanto, simultaneamente, uma sondagem interior da própria consciência e uma experiência das suas manifestações.*

— *Existem, assim, terras interiores da mente e outros mundos tão legítimos como o vosso.*

— *Contudo, estão intimamente ligados a estados mentais que se materializam; por isso, os vossos próprios processos mentais estão profundamente envolvidos.*

— *Antes de mais, tenho falado da psique como se fosse uma coisa concluída, com limites definidos.*

— *Na realidade, a psique privada é continuamente criativa — expansiva e literalmente sem princípio nem fim.*

— *A vossa experiência de vós próprios marca as fronteiras aparentes do vosso ser.*

— *De certo modo, sou uma personalidade e um programa, ou estação.*

— *Ruburt é outra.*

— *Aprendemos a estar conscientes um do outro, a comunicar entre estações, a afetar os programas um do outro e a alterar os mundos um do outro.*

— *Eu não falo apenas a Ruburt e Joseph, por exemplo; as minhas palavras chegam ao mundo que conhecem.*

— *Ainda dentro do vosso enquadramento, Ruburt sintoniza-se noutra estação, traduz-a e transmite a informação.*

— *Para o fazer, porém, tem de alterar a própria consciência, afastar-se momentaneamente da estação oficial para captar esta.*

— *Isso significa sintonizar-se com outras porções da psique, bem como com outro tipo de realidade.*

— *A tradução final do meu material tem, contudo, de passar pelo organismo dele, ou seria sem sentido para vocês.*

— *Através dele, estou consciente da natureza e condição do vosso mundo e, a partir do meu ponto de vista, ofereço comentários destinados a ajudar-vos.*

— *Através de Ruburt, portanto, é-me permitido ver a Terra «novamente», nos vossos termos.*

— *Eu existo separado dele, tal como ele existe separado de mim; contudo, juntos, somos parte da mesma entidade — e isso simplesmente leva mais longe a ideia da psique.*

— *Numa noite, enquanto estava na cama, Ruburt teve uma experiência algo surpreendente.*

— *Não estava a sonhar.*

— *O corpo estava adormecido, mas a sua consciência vagueava.*

— *Ouviu claramente a minha voz.*

— *Parecia vir literalmente do céu, descendo até outra divisão, fora daquela — na verdade, a divisão ao lado — em que o corpo dormia.*

— *Por um momento, a potência assustou-o, pois soou como um rádio com o volume aumentado a um grau inacreditável — mais alto do que o trovão.*

— *Na altura, as palavras eram claramente distinguíveis, embora mais tarde ele tenha esquecido o que diziam.*

— *Por um instante, sentiu-se tentado a interpretar essa potência como raiva, pois, no vosso mundo, quando alguém grita, geralmente está zangado.*

-
- *Percebeu, contudo, que estava envolvido algo diferente.*

 - *Não sentiu a minha presença, mas apenas ouviu o trovão da voz.*

 - *Isso chocou-o porque está habituado a ouvir as minhas palavras dentro da sua cabeça — nunca antes tivera consciência da minha voz como existindo separadamente dele.*

 - *No estado de sonho, ouviu-me transmitir-lhe informação.*

 - *Nesses casos, porém, ele era o canal através do qual a minha voz surgia.*

 - *Muitas vezes se interrogou acerca da natureza da minha própria independência e do tipo de realidade em que existo.*

 - *Também estava consciente, naquele momento, de que, embora a voz retumbasse literalmente, mais ninguém a teria ouvido.*

 - *Ainda assim, a voz vinha claramente de fora dele, e ele parecia, sem dúvida, ouvi-la com os ouvidos físicos.*

 - *Ruburt atua como recetor quando falo, e por isso tenho de realizar determinados ajustes para que a minha mensagem possa*

ser canalizada em condições que envolvem, entre outras coisas, o sistema nervoso e o aparelho físico dele.

— *Nessa noite, utilizando aquilo a que chamo som interior, permiti que Ruburt tomasse contacto com o poder de que disponho, para que pudesse perceber que esse poder vinha, basicamente, de além da personalidade dele tal como a compreende.*

— *Nas sessões regulares, como agora, ele e eu fazemos novamente ajustes, e por isso, nas sessões, sou aquilo a que chamo uma personalidade-ponte, composta por um self compósito — Ruburt e eu encontrando-nos e fundindo-nos para formar uma personalidade que não é verdadeiramente nenhum de nós, mas uma nova personalidade que existe entre dimensões.*

— *Para além disso está a minha verdadeira identidade.*

— *Ruburt trabalha extremamente bem com o som interior, e por isso utilizo esse método, em vez de, digamos, uma imagem, para dar a conhecer a minha existência independente.*

— *Ora, Ruburt chamou-me originalmente em níveis inconscientes, porque estava perturbado com a «programação terrestre».*

— *Pensou que vocês precisavam de alguma ajuda vinda de fora, por assim dizer.*

— *Essa intenção estabeleceu determinados sinais que alcançaram outras realidades ou estações, e eu respondi.*

— *Quando Ruburt me ouviu, eu não lhe falava pessoalmente, mas dirigia-me ao mundo em geral, num programa que foi, de facto, captado por outros.*

— *Esse programa espalhou-se e foi traduzido por outros em estados de sonho.*

— *Em termos físicos, contudo, a mensagem dada nessa noite ainda será apresentada através destes livros.*

— *Na vossa programação local, possuem uma multidão de personagens familiares e, em diferentes momentos, nos vossos termos, fazem-nas desempenhar papéis diferentes.*

— *Elas assumem papéis diferentes.*

— *Frequentemente, representam fortes idealizações vivas na psique individual e coletiva.*

— *Deixem-me dar-vos um breve exemplo que também vos mostrará até que ponto aprendi bem a vossa cultura.*

Seth passou então a nomear três detetives televisivos então famosos.

— À sua maneira, estes são heróis que representam o detetive empenhado em proteger o bem contra o mal e em restaurar a ordem das coisas.

— Ora, estas personagens existem de forma mais vívida na mente dos telespetadores do que os atores que interpretam esses papéis.

— Os atores sabem que existem separadamente dos papéis.

— Os espetadores, porém, identificam-se com as personagens.

— Podem até sonhar com elas.

— Estas possuem uma espécie de supervida própria, porque representam com grande clareza determinados aspetos vivos dentro de cada psique.

— Os aspetos são personificados na personagem.

— Ao longo dos séculos, nos vossos termos, existiram diferentes personalidades, algumas físicas e outras não, com as quais a espécie se identificou.

— Cristo é uma delas: em certos aspetos, o detetive ideal por excelência — embora num contexto diferente —, empenhado em salvar o bem e proteger o mundo do mal.

— De certas formas, o ser humano projetou também exteriormente a ideia de um diabo ou de diabos, por razões algo semelhantes, para poder identificar-se com aquilo que considerava as porções menos aceitáveis da psique, tal como as compreendia em determinado momento.

— Entre esses extremos, existe uma multidão de tais personalidades, todas retratando vividamente partes da psique.

— Estas personagens tornam-se porções da literatura interior da mente.

— Suponham que um habitante de outra realidade via um desses três programas e percebia que as pessoas estavam a vê-lo.

— Finjam que ele queria acrescentar mais profundidade ao programa.

— Poderia então aparecer ele próprio sob a aparência do detetive-herói, mas ampliando a caracterização e acrescentando mais dimensão ao enredo.

— Assim, muitas vezes, quando alguma personalidade de outra estação quer ajudar a alterar a programação, surge na forma de uma personalidade já conhecida, real ou fictícia.

— Contudo, devem perceber que essa personalidade é maior do que o facto ou a ficção.

— «Ela» é independente ao seu próprio nível, mas é também parte da porção da psique individual e coletiva assim representada.

— Eu sou Seth nesses termos.

— Existem muitos mitos ligados ao meu nome.¹

¹ Acerca da referência de Seth aos mitos ligados ao seu nome: Set, ou Seth, era um deus egípcio do mal — com cabeça de animal — cujas origens complexas podem, pensa-se, remontar pelo menos a 7500 a.C.

No judaísmo, naturalmente, Seth foi o terceiro filho de Adão e Eva, depois de Caim e Abel — Gênesis 4 e 5.

(Como nos escreveu um correspondente: «Seth é também um nome hebraico que significa “designado” — isto é, o designado.»)

Contudo, algumas genealogias sacerdotais muito antigas omitem Caim e Abel e consideram Seth o filho mais velho de Adão; no século II d.C., por exemplo, os setianos, membros de uma seita gnóstica pouco conhecida, viam Seth, filho de Adão, como o Messias.

Seth aparece também em escritos da antiga filosofia religiosa oculta, a cabala, originada por certos rabinos judeus que procuravam interpretar as escrituras através de valores numéricos; a alma de Seth é vista como infundindo Moisés; ele deveria reaparecer como Messias...

Talvez tenha havido alguma negligência da nossa parte, mas Jane e eu não nos preocupámos com quaisquer ligações que o Seth dela pudesse ter com antigos Seths.

Não acreditamos que tais relações existam em qualquer base personalizada, embora um dia peçamos a Seth que comente isto.

Pensamos que o nome do Seth de Jane surgiu de necessidades muito mais pragmáticas.

No Capítulo 1 de O Material de Seth, Jane citou o futuro Seth, da Sessão 4 de 8 de dezembro de 1963, quando essa personalidade se manifestou através do tabuleiro Ouija — que usáramos para iniciar estas sessões:

«Podem chamar-me o que quiserem. Eu chamo-me Seth. Ajusta-se ao mim de mim...»

A reencarnação fora mencionada na Sessão 2, mas, como o conceito pouco significava para nós, mal considerámos os muitos nomes que estariam envolvidos.

Assim que Seth nos deu um nome pelo qual o pudéssemos chamar, começámos simplesmente a usá-lo.

Tenho a certeza de que, na altura, Jane não possuía qualquer conhecimento consciente acerca das origens ou usos egípcios, hebraicos ou mesmo cristãos ligados ao nome Seth.

Agora apresento Seth parcialmente a partir da sessão da aula de ESP de 17 de abril de 1973, quando respondeu às perguntas dos alunos:

«Então pergunto-vos: “Qual é o vosso nome, cada um de vocês?” O meu nome não tem nome. Não tenho nome. Dou-vos o nome de Seth porque é um nome e vocês querem nomes. Dão nomes a vocês próprios... porque acreditam que eles são importantes.

— *Todos eles representam porções da psique tal como foram compreendidas em várias épocas da história humana.*

— *Essas porções foram originalmente projetadas para fora da psique à medida que esta começava a compreender-se a si própria e personificava as suas capacidades e características, formando personagens super-heroicas de um tipo ou de outro, com as quais a psique podia então corresponder-se e relacionar-se.*

«A vossa existência não tem nome. Não é sem voz, mas é sem nome. Os nomes que assumem são estruturas nas quais penduram as vossas imagens...

«Aquilo que sois não pode ser proferido, e nenhuma letra ou alfabeto pode contê-lo. Ainda assim, agora precisam de palavras e letras, de nomes e objetos. Querem uma magia que vos diga o que são.

«Acreditam que não podem falar comigo a menos que eu tenha um nome, por isso sou Seth... Disse a Ruburt, desde as nossas primeiras sessões, que podia chamar-me Seth. Nunca disse: “O meu nome é Seth” — mas “chamo-me Seth”, ênfase minha — , pois não tenho nome. Tive demasiadas identidades para me agarrar a um único nome!»

Seth trata o seu próprio passado reencarnacional tanto de modo geral como específico, embora de forma bastante breve em ambos os casos, no Capítulo 22 de Seth Fala.

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta uma das analogias centrais de Seth: a psique como um «rádio sobrenatural» que contém múltiplas estações de consciência, todas ativas em simultâneo. A realidade física é apenas uma dessas estações — a «estação de origem» — e a consciência, ao alterar a sua focalização, pode captar outras frequências, realidades prováveis, acontecimentos não oficiais e dimensões interiores da própria psique.

A função central do capítulo é esta:

a realidade conhecida resulta de uma sintonização específica da consciência; outras realidades existem simultaneamente na psique, mas só se tornam percecionáveis quando a consciência altera a sua frequência de foco.

1. O mundo físico como foco da consciência

focalização da consciência → percepção do mundo físico

O mundo físico não é simplesmente «dado»; depende de uma determinada orientação da consciência.

sem foco correspondente → mundo não percecionado

Cada forma de consciência experiencia o ambiente físico de modo diferente.

animal / peixe / humano / rocha → ambientes parcialmente diferentes

2. A realidade depende da estrutura percetiva

Um visitante de outra realidade teria de aprender a focalizar-se como vocês.

outra realidade → alteração de foco → captação da vossa estação

Mesmo assim, haveria distorções.

dados percecionados → estrutura nativa do visitante → tradução imperfeita

A realidade percebida depende sempre do tipo de consciência e do aparelho através do qual é recebida.

3. Não existe exterior em termos absolutos

psique → projeta experiência → dimensões interiores → efeito de objetividade

Aquilo que parece exterior resulta de projeções da psique em enquadramentos que ela própria cria.

objetividade → efeito interno organizado

A exterioridade é uma experiência real, mas não uma separação absoluta.

4. Pensamentos e sentimentos materializados

pensamentos / sentimentos → materialização algures

Nem todos se tornam físicos no vosso sistema.

alguns dados interiores → realidade física aceite

Esses dados formam os acontecimentos, objetos e fenómenos com os quais todos concordam.

acordo coletivo → estabilidade → mundo quotidiano

5. A estação de origem

realidade física aceite → estação de origem

A consciência está sintonizada com precisão nessa estação.

foco estável → ordem → previsibilidade

Outras ações, símbolos e vozes existem, mas ficam abafados.

probabilidades / vozes fantasma / dados privados → fundo não oficial

6. Afastamento da estação de origem

afastamento do foco habitual → percepção de outras frequências

Quando a consciência se desloca, começa a captar dados enterrados na realidade aceite.

mudança de consciência → frequências alternativas

Essas frequências não são ilusões: são realidades parcial ou totalmente não reconhecidas pelo foco oficial.

7. Realidades prováveis como subúrbios

realidade física → subúrbios prováveis → campo → outras metrópoles

As realidades prováveis ligadas ao vosso sistema cercam-no como subúrbios de uma cidade principal.

metrópole → conglomerado de consciências → frequência dominante

Cada realidade possui uma frequência geral de comunicação e foco.

8. Sintonização imprecisa

frequência não captada → estática / imagens fragmentadas / atividade vaga

Sem precisão, a consciência percebe apenas ruído ou fragmentos.

realidade presente → percepção opaca

Muitos sonhos aparentemente caóticos resultam de contatos reais mal sintonizados.

consciência pousa noutra realidade → falta de sintonia → tradução em imagens de sonho

9. Consciência móvel

consciência → mobilidade natural

Mesmo enquanto focada no mundo físico, partes da consciência vagueiam.

vigília → foco principal

sono → exploração errante de outras realidades

A consciência nunca está totalmente confinada à estação oficial.

10. A realidade desconhecida como fundo psíquico

outras estações → porções bloqueadas da psique → realidade desconhecida

A realidade desconhecida não está «longe» em sentido espacial.

psique → contém estações simultâneas

Ela corresponde a porções não reconhecidas da própria consciência.

11. Transbordamentos e acontecimentos impossíveis

outras frequências → transbordamentos → percepções não oficiais

Acontecimentos impossíveis, intuições, vozes ou imagens fantasma são indícios de outras estações.

dados não oficiais → aparente inexplicabilidade

O sistema físico não os reconhece como parte da sua estrutura oficial.

12. A psique como rádio sobrenatural

psique → rádio sobrenatural → múltiplas estações simultâneas

Cada estação contém uma realidade viva, não apenas som.

estação → mundo completo → personagens / acontecimentos / ambientes

O «eu» reconhecido é apenas um sinal numa dessas estações.

eu habitual → sinal específico → frequência específica

13. Muitas estações, uma só psique

psique inteira → várias estações → transmissões simultâneas

Seria confuso captar todas ao mesmo tempo.

porções da psique → diferentes estações → exclusão prática das restantes

A exclusão não significa inexistência, apenas foco seletivo.

14. A psique precede as estações

rádio → cablagem interna → captação das estações

Na analogia, a psique não é apenas uma estação: é também o rádio que as contém.

psique → cria ligações → acrescenta estações

A psique sobrenatural existe para além das estações de consciência que manifesta.

15. Programas simultâneos

telenovelas / notícias / óperas / desporto / sermões → programas simultâneos

Cada programa possui a sua própria realidade dimensional.

programa → mundo próprio

Mas há troca entre programas.

ação numa estação → influência noutras estações

16. Interação criativa entre estações

Wilford Jones → drama pessoal → afeta sinfonia / desporto / outros programas

Todas as personagens possuem livre-arbítrio.

influência recebida → resposta criativa → nova alteração

A psique contém uma interação constante e ilimitada entre todas as suas estações.

criatividade psíquica → interdependência de mundos

17. Acontecimentos não oficiais

personagem de uma estação → capta dados de outra → acontecimento não oficial

Esses acontecimentos parecem estranhos do ponto de vista local.

vislumbre / som / pensamento inesperado → pista da realidade maior

O não oficial pode revelar a estrutura simultânea da psique.

18. A analogia do televisor

rádio → televisor → projeções dimensionais

As personagens no ecrã seriam conscientes dos espectadores e umas das outras.

programa → personagens → bastidores → interligação

Num nível mais vasto, todos os dramas estão relacionados.

programas separados → unidade mais profunda

19. O espetador também é personagem

vocês veem televisão → outro nível vê-vos como personagem

A sensação de estar fora dos programas resulta da posição específica da consciência.

foco local → ilusão de exterioridade

Em termos mais amplos, todos fazem parte do mesmo «aparelho».

20. Outras estações no fundo

sinais de outras estações → fundo de qualquer programa

Ao mudar a direção da atenção, podem trazer outras estações para primeiro plano.

atenção alterada → nova frequência → nova realidade percebida

A investigação do self conduz naturalmente à realidade desconhecida.

estudo da consciência → acesso a porções bloqueadas da psique

21. Projeção da consciência como viagem espacial interior

consciência normal → planeta de origem / estação familiar

Ao projetar a consciência para longe dela, encontram condições atmosféricas.

projeção → atmosfera psíquica → necessidade de orientação

A mente consciente atua como astronauta.

- mente consciente → astronauta
 - resto da consciência → veículo
-

22. Condições de aterragem

outras realidades → condições de entrada → momento favorável

Tal como um astronauta precisa de boas condições de aterragem, a consciência precisa de aprender a «entrar» corretamente.

- sintonização adequada → percepção clara
- entrada inadequada → distorção / fragmentação

A viagem interior requer técnica, lucidez e oportunidade.

23. Sondagem da própria consciência

projeção fora do corpo → exploração de outras realidades + sondagem da consciência

A viagem não é apenas deslocação.

experiência exteriorizada → conhecimento da psique

Ao explorar outros mundos, a consciência explora também os seus próprios processos.

24. Terras interiores e outros mundos

- terras interiores da mente → estados mentais materializados
- outros mundos → realidades legítimas

Essas realidades estão ligadas à concentração da psique em determinadas frequências.

estado mental → frequência → mundo experienciado

Por isso, os processos mentais do viajante estão profundamente envolvidos.

25. A psique não tem limites definidos

psique privada → criativa → expansiva → sem princípio nem fim

As fronteiras do self são fronteiras aparentes.

experiência de si → limite sentido → não limite absoluto

A psique contém mais do que a personalidade reconhecida.

26. Seth e Ruburt como estações

- Seth → personalidade / estação
- Ruburt → personalidade / estação

Ambos aprenderam a comunicar entre estações.

comunicação entre estações → alteração mútua de programas e mundos

O material de Seth resulta dessa ponte entre frequências.

27. Ruburt como tradutor

Ruburt → sintoniza outra estação → traduz → transmite

Para captar Seth, Ruburt afasta-se momentaneamente da estação oficial.

alteração de consciência → captação → tradução pelo organismo

A mensagem tem de passar pelo aparelho físico de Ruburt para fazer sentido no vosso mundo.

28. Personalidade-ponte

Ruburt + Seth → self composto → personalidade-ponte

Nas sessões, Seth não é simplesmente Ruburt nem completamente separado no plano da transmissão.

fusão operacional → personalidade entre dimensões

Para além disso, Seth afirma possuir uma identidade própria.

- personalidade-ponte → transmissão
 - identidade real de Seth → além da ponte
-

29. A voz de Seth no sono

corpo adormecido → consciência de Ruburt à deriva → voz exterior

Ruburt ouviu Seth como uma voz fora dele, poderosa como trovão.

som interior → percepção quase física

A experiência mostrou-lhe que a fonte ultrapassava a sua personalidade habitual.

30. Som interior

som interior → método de contato → demonstração de independência

Seth usou som, não imagem, porque Ruburt trabalha bem com esse canal.

Ruburt recetor → ajustes nervosos e físicos → mensagem canalizada

A comunicação entre estações exige tradução através da estrutura corporal disponível.

31. Programação terrestre

Ruburt perturbado → pedido inconsciente de ajuda → sinal enviado

Seth respondeu a esse sinal.

intenção → outras estações → resposta

A mensagem não era apenas pessoal: dirigia-se ao mundo em geral.

programa emitido → captado por outros em sonho → futura apresentação nos livros

32. Personagens familiares e idealizações

programação local → personagens familiares → papéis simbólicos

Heróis televisivos representam idealizações vivas na psique individual e coletiva.

detetive-herói → proteger o bem → restaurar ordem

As personagens tornam-se mais vívidas do que os atores.

- ator → papel
 - espetador → identificação com personagem
-

33. Personagens como supervida psíquica

personagem coletiva → identificação emocional → supervida

Essas figuras personificam aspetos vivos da psique.

aspetos psíquicos → personagem → literatura interior da mente

A cultura cria figuras através das quais a psique se reconhece.

34. Cristo, o diabo e as projeções da psique

- Cristo → ideal de salvação / proteção / bem
- diabo → porções rejeitadas da psique

Ambos funcionam como personificações de conteúdos psíquicos coletivos.

psique coletiva → projeção → personalidade simbólica

A espécie identifica-se com essas figuras para compreender partes de si mesma.

35. Personalidades de outras estações

personalidade de outra estação → usa forma conhecida → altera programação

Uma entidade pode surgir sob uma figura já familiar para acrescentar profundidade ao enredo.

figura conhecida → ponte simbólica → nova informação

A personalidade é maior do que facto ou ficção.

real / fictício → expressão parcial de algo maior

36. Seth nesses termos

Seth → nome simbólico → estação / personalidade / ponte

Os mitos ligados ao nome representam porções da psique compreendidas em diferentes épocas.

psique → projeta capacidades → forma personagens super-heroicas

O nome serve como estrutura comunicável, não como essência final.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

focalização da consciência → estação de origem → realidade física → outras frequências → realidades prováveis → rádio sobrenatural → programas simultâneos → interação entre estações → projeção da consciência → personalidade-ponte → mitos e personagens da psique

O capítulo mostra que:

- ✓ o mundo físico não é absoluto → é uma estação de consciência

- ✓ outras realidades não estão ausentes → estão fora do foco habitual
- ✓ sonhos caóticos podem conter contatos reais → mal sintonizados
- ✓ a psique contém múltiplas estações → todas simultâneas
- ✓ o eu reconhecido é apenas um sinal → dentro de uma psique mais vasta
- ✓ a projeção fora do corpo explora mundos → e também a própria consciência
- ✓ Seth e Ruburt comunicam entre estações → através de uma personalidade-ponte
- ✓ mitos, heróis e demónios → personificações da psique individual e coletiva

A formulação central pode ser estabilizada assim:

A psique é uma realidade multidimensional que contém múltiplas estações de consciência; a realidade física é apenas uma delas, e a exploração da realidade desconhecida começa quando a consciência aprende a alterar a sua sintonização sem perder a lucidez do foco que a observa.

CAPÍTULO 34

As Coordenadas Interiores, os Aglomerados de Probabilidades e a Viagem Criativa

— Cada sistema de realidade é, de facto, rodeado pelas suas realidades prováveis, embora qualquer uma dessas «realidades prováveis» possa ser usada como eixo, ou realidade nuclear; nesse caso, todas as outras serão então vistas como prováveis. Por outras palavras, a relatividade aplica-se certamente aqui. A realidade-base é aquela na qual o percecionador está focalizado. A partir desse ponto de vista, todas as outras pareceriam periféricas.

— Dando isso como assente, porém, qualquer sistema de realidade será rodeado pelos seus aglomerados de probabilidades. Estes podem quase ser pensados como satélites. O tempo e o espaço não precisam, contudo, de estar ligados — isto é, as atrações que existem entre uma realidade e qualquer aglomerado de probabilidades podem não ter absolutamente nada que ver com tempo e espaço. O satélite provável mais próximo de uma dada realidade pode, por exemplo, situar-se num universo inteiramente diferente.

— Nesse sentido, podem encontrar irmãos mais ou menos semelhantes a vocês fora do vosso próprio universo — tal como o

*concebem — e não dentro dele. Imaginam o vosso universo como estendendo-se para fora no espaço — e para trás no tempo. Pensam nele como uma manifestação exteriorizada, talvez em expansão, mas de uma forma exterior e não interior.*¹

¹ Jane transmitiu este material para Seth na Sessão 42, de 8 de abril de 1964:

«O universo está continuamente a ser criado... como todos os universos estão... e a aparência de expansão vista pelos vossos cientistas é distorcida por muitas razões.

«As suas medições de tempo, baseadas desde logo na camuflagem [informação física], são quase escandalosamente inadequadas e estão destinadas a fornecer dados distorcidos, uma vez que o universo simplesmente não pode ser medido nesses termos. O universo não foi criado num momento específico, mas também não está a expandir-se para lado nenhum como um balão insuflado que cresce cada vez mais — pelo menos não segundo as linhas atualmente consideradas. A expansão é uma ilusão, baseada, entre outras coisas, em medições inadequadas do tempo e em teorias de causa e efeito; e, ainda assim, de certas maneiras, poderia dizer-se que o universo se expande, mas com conotações inteiramente diferentes das habitualmente usadas.»

Da Sessão 43:

«O universo está a expandir-se da mesma forma que um sonho... isto, de uma forma muito básica, é mais semelhante ao crescimento de uma ideia.»

No início do Apêndice 12, vejam a apresentação mais longa da Sessão 44, com a discussão de Seth acerca do «clima de valor da realidade psicológica» — o «meio» que contém espontaneamente em si todas as nossas construções de camuflagem de espaço, tempo, crescimento e durabilidade.

A Nota 2 do Apêndice 12 também se ajusta aqui, especialmente as referências de Seth às nossas perguntas intermináveis acerca do princípio e do fim do universo físico.

Da Sessão 250, de 11 de abril de 1966:

«O átomo que “veem” não aumenta em massa, nem se expande para fora no vosso espaço, e o mesmo se aplica ao vosso universo.»

O material de Seth nessas sessões antigas, dado na sua maioria há bem mais de uma década, refletia naturalmente as suas reações à teoria astronómica corrente acerca do estado — e destino — do nosso universo físico de camuflagem.

A ideia de um universo em expansão infinita, com todas as suas estrelas finalmente extintas e toda a vida desaparecida, continua a ser a visão amplamente aceite hoje; baseia-se nas medições do desvio para o vermelho de algumas das galáxias supostamente em afastamento, nos seus brilhos aparentes, na «massa em falta» do universo e noutros dados muito técnicos.

No entanto, considero muito interessante notar que agora alguns astrofísicos e matemáticos acreditam que o nosso universo poderá estar destinado a contrair-se — de facto, a colapsar sobre si próprio — afinal.

Mas, mais uma vez, estas ideias não se baseiam no tipo de pensamento defendido por Seth — que a consciência vem primeiro, que as suas criações são contínuas —, mas noutras observações e medições de camuflagem bastante complicadas.

Uma delas é a descoberta de pelo menos parte dessa massa em falta, indicando assim que podem existir campos gravitacionais entre as galáxias e os aglomerados galácticos suficientemente fortes não só para deter a expansão do universo, mas para reunir novamente toda a matéria.

Em termos científicos, não parece provável que o conflito entre as duas perspetivas venha alguma vez a ser resolvido, ou que se chegue a qualquer decisão de que o nosso universo possa ser oscilante, contraindo-se e expandindo-se para sempre.

— *A vossa ideia de viagem espacial, por exemplo, consiste em viajar sobre a «pele do vosso universo». Não compreendem que o vosso sistema está, de facto, a expandir-se dentro de si próprio, fazendo surgir nova criatividade e energia. O vosso universo é apenas um entre muitos. Cada um cria versões prováveis de si próprio.*

— *Quando viajam na Terra, deslocam-se à volta da sua superfície. Até agora, as vossas ideias de viagem espacial envolvem esse tipo de navegação de superfície. As viagens terrestres, contudo, são feitas com o reconhecimento da sua natureza superficial.*

— *Porém, quando pensam em termos de viajar para outros planetas ou para outras galáxias, está envolvido o mesmo tipo de viagem de superfície. Tão aproximadamente quanto consigo explicá-lo nos vossos termos, os vossos conceitos de viagem espacial fazem-vos contornar o espaço, em vez de atravessá-lo diretamente.*

— *Também estão a ver o vosso sistema solar através da vossa própria perspetiva temporal, que é relativa. «Olham para trás no tempo», dizem vocês, quando fitam o exterior do universo.*

Existem demasiadas variáveis na medição e interpretação, incluindo as dificuldades que a mente humana encontra quando tenta apreender as enormes extensões de tempo e espaço envolvidas.

Apresso-me a acrescentar, contudo, que para nós é apenas de interesse académico saber se o universo se dispersará numa eternidade de expansão gelada ou se se comprimirá numa bola de fogo cósmica de proporções inacreditáveis.

Os nossos cientistas projetaram qualquer um desses fins para muitos milhares de milhões de anos no futuro, embora, entretanto, «apenas» dentro de aproximadamente cinco mil milhões de anos, o nosso próprio sol envelhecido e explosivo tenha consumido os planetas interiores do sistema solar — incluindo a Terra.

Naturalmente, poderiam igualmente olhar para o futuro. As vossas próprias coordenadas impedem-vos de reconhecer que existem, de facto, outras inteligências vivas mesmo dentro do vosso próprio sistema solar.

— *Contudo, nunca as encontrarão na vossa realidade exterior, pois não estão focalizados no período temporal da sua existência. Podem visitar fisicamente o «mesmo planeta» onde elas residem, mas, para vocês, o planeta parecerá estéril, ou incapaz de sustentar vida.*

— *Da mesma forma, outros podem visitar o vosso planeta com os mesmos resultados. Existe, portanto, toda uma vasta dimensão interior até no espaço que conhecem, que vocês não percebem.*

— *Há seres inteligentes fora da vossa própria galáxia, «adjacentes» a vocês. Teoricamente, poderiam visitá-los com enormes melhorias na vossa tecnologia, mas isso envolveria grandes quantidades de tempo. Outros visitaram o vosso próprio planeta dessa forma específica. A vossa ainda é uma tecnologia linear.*

— *Alguns seres inteligentes visitaram o vosso planeta, encontrando não o mundo que conhecem, mas um mundo provável.² Existem sempre realimentações entre sistemas*

² Para uma ocasião em que Seth discutiu as nossas futuras tentativas de viagem espacial, vejam a Nota 4 da Sessão 702, no Volume 1.

Eis parte do material que citei da Sessão 40:

prováveis. Uma espécie dominante num deles pode aparecer como uma estranha espécie vestigial noutro. Direi mais acerca disto e do vosso planeta mais adiante no livro.

— O equivalente mais próximo ao vosso próprio tipo de inteligência e de ser pode, na verdade, ser encontrado não seguindo a pele exterior do espaço, mas atravessando-o, por assim dizer.

— Existem, mais uma vez, coordenadas interiores relacionadas com o comportamento interior dos eletrões. Se as compreendessem, essa viagem poderia ser relativamente instantânea. As coordenadas que vos ligam a outros que são mais ou menos do vosso género têm a ver com interseções psíquicas e psicológicas que resultam num enquadramento de espaço-tempo semelhante.

— Aqui, gostaria de dar um exemplo muito simples, evocativo daquilo que quero dizer.

— No outro dia, Ruburt recebeu uma chamada telefónica de uma mulher na Califórnia que estava em dificuldades. Ruburt prometeu enviar-lhe energia curativa. Depois de desligar, fechou os olhos e imaginou energia a ser enviada de uma fonte universal através do

«É muito possível que acabem, naquilo que pretendem como aventura espacial, por descobrir que “viajaram” para outro plano [probabilidade]. Mas, de início, não saberão a diferença.»

Depois, no Apêndice de Seth Fala, veja-se a transcrição da sessão da aula de ESP de 12 de janeiro de 1971.

Certos avistamentos de OVNIs — objetos voadores não identificados —, disse Seth aos membros da aula, representavam o aparecimento de visitantes de outras realidades, e não de outro lugar do nosso próprio universo.

seu próprio corpo, dirigida para a pessoa necessitada. Ao fazê-lo, Ruburt viu mentalmente um longo feixe «pesado», estendendo-se em linha reta para oeste a partir de um ponto entre os seus olhos. O feixe avançava sem impedimento.

— Sentiu que essa extensão era composta de energia, e parecia-lhe tão forte que uma pessoa poderia caminhar sobre ela sem dificuldade. Subjetivamente, sentiu que esse feixe de energia alcançava o seu destino. E alcançou. A energia foi transmitida quase instantaneamente através do continente, de um indivíduo específico para outro.

— Quando lidam com esse tipo de energia, e especialmente quando acreditam nela, o espaço não importa. Estabelecem-se ligações emocionais, que formam o seu próprio conjunto de coordenadas. Esse feixe de energia é tão forte e real como uma trave de aço, embora se mova mais depressa do que um feixe de luz.

— Se Ruburt tivesse tentado visitar a mulher de avião, teria seguido a curvatura da Terra, mas, nesses termos, a energia atravessou pelo caminho «mais direto».³ A comunicação psíquica e

³ Dos livros de astronomia que li — e estou muito longe de ter examinado um grande número deles, obviamente —, apenas um contém uma breve menção a uma noção semelhante relacionada com a viagem espacial: isto é, viajar quase instantaneamente em linha reta entre planetas em vez de seguir a curvatura relativística do espaço.

O erudito autor desse volume trata a ideia apenas como uma ideia, porém, e uma ideia bastante extravagante — enquanto aqui Jane demonstrou a sua versão do mesmo princípio de uma forma prática.

Alguns dias depois do episódio descrito por Seth nesta sessão, Jane teve outra experiência com esse feixe de energia.

Desta vez, depois de nos termos deitado, ficou de lado, voltada para norte, pois queria enviar ajuda a uma pessoa muito doente numa pequena cidade do Canadá.

emocional cortou, portanto, através das coordenadas físicas. Ruburt esteve momentaneamente aliado à mulher.

— Da mesma forma, podem aliar-se e sintonizar-se com outras probabilidades que não coincidem com o vosso eixo de espaço-tempo. O universo exterior, com as suas galáxias — tal como o compreendem, e nesse nível de atividade —, pode ser encontrado em determinadas coordenadas rígidas de espaço-tempo. Só podem visitar outros planetas no vosso presente. O vosso presente pode ser o passado ou o futuro no que diz respeito aos habitantes de um dado planeta. Os vossos sentidos físicos só operarão no presente deles e no vosso.

— A viagem espacial «eficaz», a viagem espacial criativa da vossa parte, não ocorrerá enquanto não aprenderem que o vosso sistema de espaço-tempo é apenas uma focalização. Caso

Sentiu a transmissão sair da sua testa em linha reta em direção ao destino.

Contudo, estava fisicamente desconfortável enquanto jazia sobre o lado esquerdo, por isso, após alguns momentos, virou-se.

O movimento cortou o feixe.

Depois de se instalar sobre o lado direito, sentiu-o sair novamente — mas agora da parte de trás da cabeça, e ainda viajando verdadeiramente para norte, rumo ao seu destino canadiano.

Jane está frequentemente consciente do seu «feixe de energia», ou de variações dele, quando procura alcançar outras pessoas.

Há aqui pelo menos uma analogia evocativa com o comportamento dos neutrinos, que são «partículas» subatômicas fundamentais.

Gerados pelas reações nucleares nos núcleos das estrelas, os neutrinos viajam à velocidade da luz.

Praticamente não têm massa, não possuem carga elétrica e quase nunca interagem com a matéria.

Não só podem atravessar a Terra, como podem atravessar o próprio universo sem perder grande parte da sua energia.

contrário, parecerá que visitam um mundo morto atrás de outro, cegos para civilizações que podem existir em qualquer um deles.

— Algumas dessas dificuldades poderiam ser transcendidas se aprendessem a compreender a milagrosa multidimensionalidade até da vossa própria estrutura física e permitissem à vossa consciência uma parcela maior da sua liberdade. Até certo ponto, cegaram-se neurologicamente a vocês próprios. Aceitam apenas uma determinada gama de impulsos neurológicos como «realidade». Criaram preconceitos biológicos em vocês próprios.

— A estrutura física está inatamente consciente de muitas mais versões válidas da realidade do que aquelas que lhe permitem conhecer. Teoricamente, um viajante espacial devidamente educado, no vosso tempo, ao aterrar num planeta estranho, seria capaz de ajustar a própria consciência de modo a perceber o planeta em várias «sequências» de tempo.

— Se aterrassem num planeta numa nave espacial e encontrassem vulcões, talvez percebessem que outras porções desse planeta poderiam apresentar faces diferentes. Têm confiança na vossa capacidade de se moverem através do espaço, pelo que poderiam então explorar o terreno que não conseguiam ver a partir do ponto de aterragem original.

— Se não compreendessem a alteração nas qualidades do espaço, poderiam imaginar que o planeta inteiro era um vulcão gigantesco. Contudo, ainda não compreendem que, de certo modo,

podem mover-se através do tempo tal como se movem através do espaço — e, enquanto não o compreenderem, não saberão o significado de uma verdadeira viagem, nem serão capazes de explorar plenamente qualquer planeta — ou qualquer realidade, incluindo a vossa. Imaginam que a vossa própria Terra está cartografada e que todas as fronteiras são conhecidas, mas os aspetos lineares da vida do vosso planeta representam uma porção ínfima da sua realidade.

— As porções da psique refletem e criam as porções do universo, desde a sua parte mais ínfima até à mais vasta. Identificam-se com uma pequena secção da vossa psique e, por isso, chamam realidade apenas a um pequeno aspeto do universo.

— Numa das aulas de PES, Ruburt «captou» mensagens que pareciam demasiado lentas para a sua estrutura neurológica. Estava convencido de que seriam necessárias muitas horas do vosso tempo para traduzir talvez um único parágrafo simples e claro daquilo que estava a receber. Sentiu algum esforço, com a impressão de que cada vogal e cada sílaba se prolongavam tanto, nos vossos termos de tempo, que teria de abrandar o seu próprio funcionamento neurológico para tentar fazer alguns ajustes adequados. Escolheu essa última opção.

— As mensagens — portanto, as percepções — «chegavam» a uma determinada velocidade, por assim dizer, e ele conseguiu recebê-las enquanto as traduzia para uma velocidade mais confortável, neurologicamente familiar.

— Uma parte de Ruburt aceitava as percepções «lentas» ou «longas», enquanto outra parte as acelerava para algo semelhante aos padrões normais da fala. Alguma comunicação resultou daí. Contudo, aquilo que ele estava a sentir era um tipo de realidade inteiramente diferente. Começava a reconhecer outro padrão sináptico neuronal, não «nativo»; estava a familiarizar-se com percepções situadas noutra conjunto de pontos coordenados.

— Tal atividade altera automaticamente a natureza do tempo na vossa experiência e indica interseções da vossa consciência com outro tipo de consciência. Esse tipo particular de consciência opera «a velocidades diferentes» da vossa. Biologicamente, as vossas próprias estruturas físicas são perfeitamente capazes de operar a essas mesmas velocidades, embora, enquanto espécie, se tenham disciplinado para outro tipo de reação neurológica.

— Contudo, ao alterarem esse preconceito neurológico, podem, de facto, aprender a tornar-se conscientes de outras realidades que coincidem com a vossa.

— Os próprios eletrões operam a diferentes «velocidades». A estrutura do átomo que reconhecem, e a sua atividade, é, em termos mais amplos, uma versão provável de um átomo.

— A vossa consciência, tal como está aliada à carne, acompanha a atividade dos átomos na medida em que esta se reflete no vosso sistema de realidade.

— *Ruburt está a aprender a alterar minuciosamente a sua experiência com as correlações atómicas prováveis, que existem de forma tão válida como o tipo específico de integridade atómica que geralmente reconhecem. Quando o faz, nos vossos termos, altera a recetividade atómica. Isto traz automaticamente as probabilidades para primeiro plano.*

— *Para percecionarem outras realidades, alteram as vossas próprias coordenadas, sintonizando-as com outros sistemas e atraindo esses sistemas para o vosso foco.*

— *Em maior ou menor grau, existem contrapartes de todas as realidades dentro da vossa psique. Quando abrandam ou aceleram os vossos pensamentos ou perceções, começam automaticamente a alterar o vosso foco, afastando-se da vossa existência oficialmente reconhecida. Isto é extremamente importante, pois, em certos termos, estão de facto a transcender o enquadramento temporal que imaginam ser tão real.*

— *Noutros termos, certas porções da vossa própria realidade há muito «desapareceram» na morte não reconhecida que o vosso próprio sentido de continuidade tão habilmente atravessou. O vosso aglomerado pessoal de realidades prováveis rodeia-vos, mais uma vez, numa base celular, e, biologicamente, o vosso corpo físico conduz a sua própria linha, encontrando o seu equilíbrio ao operar num aglomerado de probabilidades, mantendo ao mesmo tempo o foco que é o vosso.*

— Podem até aprender a sintonizar-se com a compreensão celular. Ela ajudar-vos-á a perceber que a vossa consciência não é tão limitada como supõem. Todas as realidades emergem da psique e das UC — as unidades de consciência — que a compõem.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a noção de viagem para além da navegação exterior. Seth mostra que cada realidade é rodeada por aglomerados de probabilidades, que o espaço possui coordenadas interiores, que a tecnologia linear apenas contorna a «pele» do universo e que a verdadeira viagem — espacial, temporal ou psíquica — exige alteração de consciência, sintonização neurológica e abertura às realidades prováveis.

A função central do capítulo é esta:

viajar verdadeiramente não significa apenas deslocar-se pela superfície do espaço, mas alterar coordenadas interiores — psíquicas, emocionais, neurológicas e atómicas — para sintonizar probabilidades, tempos e realidades que coexistem com a vossa.

1. Cada realidade possui realidades prováveis

realidade-base → foco do percecionador → outras realidades como prováveis

Aquilo que é central para uma consciência será periférico para outra.

mudança de foco → mudança de realidade nuclear

A relatividade aplica-se também aos sistemas de realidade.

2. Aglomerados de probabilidades

realidade → aglomerados de probabilidades → satélites prováveis

Cada sistema é rodeado por versões prováveis de si próprio.

realidade nuclear → probabilidades associadas

Esses satélites não precisam de estar próximos no tempo ou no espaço.

3. Proximidade não espacial

proximidade psíquica ≠ proximidade física

O satélite provável mais próximo pode estar noutra universos.

- afinidade interior → ligação real

- distância espacial → irrelevante

Podem encontrar inteligências semelhantes fora do vosso universo, e não dentro dele.

4. Expansão exterior e expansão interior

A humanidade imagina o universo como expansão exterior.

universo → espaço exterior → passado temporal

Seth corrige:

universo → expansão interior → nova criatividade e energia

A expansão assemelha-se mais ao crescimento de uma ideia do que ao aumento de um objeto.

5. A pele do universo

A viagem espacial comum desloca-se sobre a superfície do universo.

viagem linear → pele do universo → navegação superficial

Mesmo ao viajar para planetas ou galáxias, a tecnologia atual contorna o espaço.

ir à volta do espaço $\neq$ atravessar o espaço

A verdadeira viagem exigiria atravessar coordenadas interiores.

6. O sistema solar visto pelo vosso tempo

perspetiva temporal humana $\rightarrow$ filtro $\rightarrow$ sistema solar percecionado

Ao olhar para o universo, dizem que olham para trás no tempo.

olhar exterior $\rightarrow$ passado

Mas poderiam igualmente olhar para o futuro.

coordenadas alteradas $\rightarrow$ futuro / outros presentes

As coordenadas atuais bloqueiam outras inteligências existentes no mesmo sistema.

7. Mundos vivos que parecem mortos

mesmo planeta → outro período temporal → vida não percebida

Podem visitar fisicamente um planeta habitado e vê-lo como estéril.

falta de sintonia temporal → mundo morto aparente

O mesmo se aplica a visitantes que chegam à Terra.

Terra habitada → visitante desalinhado → planeta vazio ou provável

8. Dimensão interior do espaço

espaço conhecido → dimensão interior não percebida

O espaço não é apenas extensão exterior.

espaço físico → coordenadas interiores → realidades adjacentes

Há inteligências «adjacentes» que não são encontradas por simples deslocação linear.

9. Tecnologia linear

tecnologia linear → grandes distâncias → grandes quantidades de tempo

A tecnologia atual continua dependente de coordenadas rígidas de espaço-tempo.

- viagem exterior → lenta
- ligação interior → potencialmente instantânea

A limitação não está apenas nos veículos, mas no conceito de viagem.

10. Sistemas prováveis em interação

realidades prováveis → realimentações → influência mútua

Uma espécie dominante num sistema pode aparecer como vestígio estranho noutro.

- dominante aqui → vestigial ali

Os sistemas prováveis comunicam e deixam rastros uns nos outros.

11. Coordenadas interiores dos eletrões

eletrões → comportamento interior → coordenadas ocultas

Se essas coordenadas fossem compreendidas, certas viagens seriam quase instantâneas.

interseções psíquicas + psicológicas → enquadramento espaço-tempo semelhante

A ligação entre seres semelhantes é coordenada interiormente, não apenas fisicamente.

12. O feixe de energia de Ruburt

intenção curativa → fonte universal → corpo de Ruburt → feixe energético

Ruburt envia energia à mulher na Califórnia.

ligação emocional → coordenadas próprias → transmissão quase instantânea

O espaço deixa de ser obstáculo quando a energia opera por afinidade psíquica.

13. Emoção como coordenada

ligação emocional → alinhamento psíquico → comunicação direta

O feixe é tão real como uma trave de aço, embora mais rápido do que a luz.

emoção + intenção + crença → trajetória interior

A comunicação corta através das coordenadas físicas.

14. Viagem criativa

viagem criativa → alteração de consciência → sintonização de probabilidades

A verdadeira viagem espacial não ocorrerá enquanto o sistema espaço-tempo for tomado como absoluto.

espaço-tempo → apenas uma focalização

Sem essa compreensão, a humanidade visitará mundos aparentemente mortos.

15. O presente como limite dos sentidos físicos

sentidos físicos → presente próprio + presente do planeta visitado

Só podem visitar outros mundos no vosso presente.

vosso presente → passado ou futuro de outros habitantes

A vida pode existir fora da faixa temporal que os sentidos captam.

16. Cegueira neurológica

gama limitada de impulsos neurológicos → realidade aceite

A humanidade cegou-se neurologicamente.

preconceito biológico → exclusão de versões válidas da realidade

O corpo conhece mais realidades do que a consciência habitual lhe permite reconhecer.

17. Viajante espacial educado

viajante preparado → ajuste da consciência → várias sequências de tempo

Um verdadeiro explorador poderia perceber um planeta em diferentes fases temporais.

- planeta vulcânico → apenas uma face temporal
- outras sequências → outras faces do mesmo mundo

Explorar espaço exige também explorar tempo.

18. Mover-se através do tempo

- movimento no espaço → aceito

- movimento no tempo → não reconhecido

Seth propõe continuidade entre ambos.

verdadeira viagem → espaço + tempo + consciência

Sem essa compreensão, nenhum planeta — nem a própria Terra — pode ser plenamente explorado.

19. A Terra não está cartografada

Terra conhecida → apenas aspectos lineares

As fronteiras físicas não esgotam a realidade do planeta.

vida linear da Terra → porção ínfima da sua realidade

A Terra possui dimensões temporais, prováveis e psíquicas não mapeadas.

20. Psique e universo refletem-se

porções da psique ↔ porções do universo

A consciência identifica-se com uma pequena secção da psique.

pequena secção psíquica → pequeno aspeto do universo chamado realidade

O universo percebido acompanha o alcance do self reconhecido.

21. Som longo e percepção lenta

mensagens lentas → estrutura neurológica de Ruburt → esforço de tradução

Ruburt capta percepções demasiado lentas para os padrões neurológicos habituais.

percepção longa → aceleração interna → fala compreensível

Uma parte recebe; outra traduz para velocidade humana.

22. Outro padrão sináptico

som longo → padrão sináptico não nativo → outro conjunto de coordenadas

Ruburt começa a reconhecer uma realidade diferente.

alteração neurológica → alteração da experiência do tempo

A experiência indica interseção com outro tipo de consciência.

23. Velocidades diferentes da consciência

- **consciência humana habitual** → velocidade disciplinada
- **outra consciência** → velocidades diferentes

O corpo é biologicamente capaz de operar noutros ritmos.

preconceito neurológico alterado → percepção de realidades coincidentes

A limitação é aprendida, não absoluta.

24. Átomos prováveis

átomo reconhecido → uma versão provável do átomo

A estrutura atômica conhecida é apenas uma variante.

atividade atômica → refletida no vosso sistema → realidade física

A consciência acompanha os átomos conforme eles operam nesta realidade.

25. Recetividade atômica

alteração da experiência → correlações atômicas prováveis → recetividade atômica alterada

Ruburt aprende a modificar minuciosamente a relação com padrões atômicos prováveis.

recetividade alterada → probabilidades em primeiro plano

Percecionar outras realidades exige mudar coordenadas.

26. Coordenadas e sintonização

alterar coordenadas → sintonizar outro sistema → atrair esse sistema para o foco

A realidade não é alcançada apenas por deslocação.

foco + frequência + coordenada → mundo percecionado

A viagem criativa é uma operação de sintonização.

27. Contrapartes na psique

todas as realidades → contrapartes dentro da psique

Ao abrandar ou acelerar pensamentos e percepções, o foco muda.

alteração de ritmo → afastamento da existência oficial

Isso transcende o enquadramento temporal habitual.

28. Continuidade e morte não reconhecida

sentido de continuidade → atravessa mortes não reconhecidas

Porções da realidade pessoal já desapareceram, mas a continuidade suaviza a transição.

mudança celular / provável → foco mantido

O corpo navega entre probabilidades sem que o ego reconheça plenamente o processo.

29. Aglomerado pessoal de probabilidades

corpo físico → base celular → aglomerado pessoal de realidades prováveis

O corpo conduz a sua própria linha.

equilíbrio biológico → operação entre probabilidades → foco pessoal mantido

A identidade física é estabilizada dentro de um campo provável.

30. Compreensão celular

compreensão celular → consciência mais ampla do corpo

Sintonizar-se com as células revela que a consciência não é tão limitada como se supõe.

células → probabilidades → orientação biológica

O corpo participa ativamente na navegação entre realidades.

31. Todas as realidades emergem da psique

psique + UC → formação de realidades

As unidades de consciência compõem a psique e sustentam os sistemas de realidade.

UC → psique → probabilidades → mundos

A fonte de todas as realidades é interior e consciencial.

32. Aprendizagem de Ruburt

novo mundo de experiência → insegurança → necessidade de estrutura

Ruburt está a concluir uma fase de aprendizagem.

realidade diferente → confronto com realidade normal → integração gradual

As tensões foram como dores de crescimento.

33. Personalidade além do contexto

personalidade → ultrapassa espaço-tempo → desafios → desequilíbrio temporário

O crescimento psíquico pode gerar instabilidade enquanto uma nova orientação se forma.

- velho enquadramento → proteção
- novo enquadramento → liberdade maior

Quando a nova realidade se fortalece, o antigo quadro torna-se limitador.

34. Pedidos de ajuda e medo do ridículo

pedidos de ajuda → vistos como exigências → sensação de perseguição

Ruburt ainda olhava parcialmente pelas lentes do velho mundo.

velho mundo → medo de desprezo / ridículo

Esses “outros” representavam porções da sua própria psique ainda não integradas.

35. Confiança no novo mundo

proteção → trabalho em casa → controlo da espontaneidade

A proteção serviu temporariamente vários propósitos.

- confiança insuficiente → controlo
- confiança crescente → espontaneidade interior

Ruburt precisava aprender que podia confiar no novo mundo da experiência.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

realidade-base → aglomerados de probabilidades → satélites prováveis → pele do universo → coordenadas interiores → viagem criativa → sintonização emocional / neurológica / atômica → realidades coincidentes → compreensão celular → psique e UC

O capítulo mostra que:

- ✓ cada realidade é nuclear apenas para quem nela está focalizado
- ✓ as probabilidades rodeiam cada sistema como satélites
- ✓ proximidade real não depende de tempo nem de espaço
- ✓ a tecnologia linear contorna o universo, mas não o atravessa
- ✓ outros mundos podem parecer mortos por falta de sintonia temporal
- ✓ a viagem criativa exige alteração de consciência
- ✓ emoção e intenção formam coordenadas próprias

- ✓ o corpo possui conhecimento neurológico, celular e atômico de realidades mais amplas
- ✓ a psique contém contrapartes de todas as realidades
- ✓ todas as realidades emergem da psique e das UC

A formulação central pode ser estabilizada assim:

A verdadeira viagem não consiste em deslocar-se pela superfície do universo, mas em alterar as coordenadas interiores da consciência — emocionais, neurológicas, celulares e atômicas — para atravessar o espaço-tempo, sintonizar probabilidades e reconhecer realidades que coexistem com a vossa.

CAPÍTULO 35

A Psique Multidimensional, os Pontos de Entrada e a Vontade Criadora

— Poderá ajudar aqui se imaginarem novamente a psique como uma espécie de televisor vivo multidimensional. No que parece ser o pequeno espaço do ecrã, muitos programas estão a decorrer, embora só possam sintonizar-se num deles de cada vez.

— De certo modo, contudo, todos os outros programas estão «latentes» naquele que estão a ver. Existem coordenadas que os unem a todos. Há uma troca recíproca, completamente invisível para vocês, entre um programa e outro; e a ação dentro de um deles, mais uma vez, afeta a ação dentro de cada um dos restantes.

— Tal como esse televisor multidimensional imaginário, a psique contém em si outros programas além daquele em que estão a atuar — outros enredos, ambientes e situações mundiais. Teoricamente, podem, de facto, «sair» momentaneamente do vosso programa e entrar noutro com tanta facilidade, quando souberem como fazê-lo, como agora se deslocam de uma divisão para outra. Têm de saber que os outros programas existem, ou a possibilidade de tal ação nem sequer vos ocorrerá. Em termos mais amplos, todos os

programas são apenas porções de um só: os vários cenários são reais, contudo, e as personagens estão bem vivas.

— *Os atores que representam papéis estão obviamente vivos, enquanto atores, mas numa peça ficcional, por exemplo, as personagens representadas pelos atores não estão vivas, nos vossos termos, da mesma forma que os atores estão. Na psique, porém, e na sua realidade mais ampla, as personagens possuem as suas próprias vidas — tão reais como as dos atores.*

— *Pensem novamente na psique da forma mencionada, dando como assente que o programa agora no ecrã é uma realidade plenamente dimensional, e que, de algum modo, ocultos nos seus próprios elementos, estão todos os outros programas que não estão a ser mostrados. Estes não se encontram alinhados no espaço atrás do programa «da frente», mas contidos nele de uma forma completamente diferente. O ponto de qualquer imagem, num dado momento da imagem apresentada, poderia representar, por exemplo, uma cartola sobre uma mesa. Todos os que atuam nessa cena veriam a cartola e a mesa e reagiriam em conformidade, segundo as suas próprias características individuais.*

— *A cartola sobre a mesa, embora possua todos os acessórios necessários da realidade para essa cena, poderia também, contudo, servir como um tipo diferente de ponto de referência para um dos outros programas que ocorrem simultaneamente. Nessa realidade, digamos o programa dois, toda a configuração da cartola e da mesa poderia não ter qualquer significado, sendo ainda assim*

interpretada de uma forma inteiramente diferente a partir de uma perspectiva bastante distinta. Aí, no programa dois, a mesa poderia ser uma planície natural plana, e a cartola uma estrutura de forma estranha sobre ela — uma estrutura natural e não fabricada.

— Os objetos da vossa realidade possuem um aspeto inteiramente diferente noutra. Qualquer dos objetos mostrados no programa que estão a ver pode, portanto, ser usado como outro tipo de ponto de referência noutra realidade, na qual esses objetos surgem como outra coisa.

— Estamos a tentar construir aqui uma analogia em dois níveis, por isso peço-vos paciência. Em termos da vossa psique, cada um dos vossos pensamentos e ações existe não apenas da forma que vos é familiar, mas também em muitas outras formas que não percecionam: formas que podem surgir como acontecimentos naturais numa dimensão diferente da vossa, como imagens de sonho, e até como energia autopropulsora. Nenhuma energia se perde jamais. A energia contida nos vossos próprios pensamentos, portanto, não se dissipa mesmo quando vocês próprios já terminaram com eles. A sua energia possui realidade noutros mundos.

— Agora imaginem que a imagem no ecrã do televisor mostra o vosso próprio universo. A vossa ideia de viagem espacial seria enviar uma nave de um planeta, a Terra, para fora, em direção ao restante espaço que percecionam nesse ecrã «plano». Mesmo com a vossa tecnologia projetada, isso envolveria grandes elementos de

tempo. Imaginem agora, aqui, que a imagem do ecrã está desde início descentrada, de modo que tudo se encontra distorcido até certo ponto, e sair para o espaço parece ser recuar no tempo.

— Se a imagem fosse magicamente centrada, então todo o «tempo» seria visto como fluindo a partir do momento instantâneo da percepção, o agora privado; e, de muitas formas, o agora coletivo, ou percepção coletiva, representa o ponto-agora global do vosso planeta. A partir desse agora, o «tempo» irradia em todas as direções prováveis. Na verdade, também irradia para dentro, em todas as direções prováveis.

— A imagem simples do universo que veem no nosso ecrã representa, portanto, uma perspetiva a partir do vosso próprio agora — mas cada estrela, planeta, galáxia ou qualquer outra coisa é composta por outros pontos de referência nos quais, para dizê-lo de forma simples, os mesmos padrões possuem outros tipos de realidade. A verdadeira viagem espacial seria, naturalmente, viagem tempo-espaço, na qual aprenderiam a usar pontos do vosso próprio universo como «pistas dimensionais» que serviriam de pontos de entrada para outros mundos. Caso contrário, estão simplesmente a voar como um inseto à volta do exterior do televisor, tentando pousar, digamos, no fruto que aparece no ecrã — e perguntando-se, como uma pobre mosca perplexa, por que não conseguem fazê-lo.

— Usam uma focalização principal na vossa realidade. No mundo exterior, isto significa que têm uma «imagem nítida».

— Não há neve! Esse programa físico é aquele em que estão a atuar, em que estão vivos, e é aquele que aparece no ecrã. O ecrã é a parte da vossa psique na qual se concentram. Não só sintonizam a imagem, como também criam os adereços, toda a história da vida e dos tempos — mas em termos vivos e tridimensionais —, e «vocês» estão dentro dessa imagem.

— O tipo de realidade assim criado por essa porção da vossa consciência forma um determinado tipo de experiência. É válido e real. Quando querem viajar, fazem-no dentro das dimensões da realidade assim criada. Se conduzem ou voam de uma cidade para outra, não consideram a viagem imaginária. Estão a explorar as dimensões dadas.

— Se alterarem um pouco essa imagem, de modo que as imagens fiquem algo embaralhadas — e fazem-no alterando o foco da vossa consciência —, então a coordenação familiar desaparece. Os objetos podem parecer desfocados, os sons comuns distorcidos. É como se estivessem nos arredores da vossa própria realidade. Nesse estado, porém, torna-se fácil perceber que a vossa orientação habitual pode ser apenas um entre muitos quadros de referência.

— Se alterassem ainda mais o foco da vossa consciência, poderiam então «captar» uma imagem inteiramente diferente. Exteriormente, isso dar-vos-ia outra realidade.

— *Nela, a vossa «antiga» realidade poderia ainda ser, de algum modo, percecionável como imagem fantasma, se soubessem o que procurar e se se recordassem das vossas coordenadas anteriores. Interiormente, porém, estariam a viajar não à volta nem ao redor, mas através de uma porção da psique com a sua realidade, para outra porção da psique com a sua realidade. Esse tipo de viagem não seria mais imaginário do que uma viagem de uma cidade para outra.*

— *Existem coordenadas de espaço-tempo que operam a partir do vosso ponto de vista — e a viagem espacial, a partir do ponto de vista do vosso tempo, feita ao longo do eixo do vosso espaço, será um procedimento relativamente estéril.*

(Alguns casos relatados de OVNIIs aconteceram no passado no que dizia respeito aos visitantes, mas apareceram como imagens ou realidades no vosso presente. Isto envolve apenas avistamentos de naves.)

— *Quando mudam o vosso televisor comum de uma estação para outra, podem encontrar neve ou distorção. Se houver algo errado com o aparelho, podem simplesmente sintonizar padrões que parecem não ter sentido e que não transportam qualquer programa específico. Podem ter som sem imagem e, por vezes, até imagem com som de outro programa. Assim, quando começam a experimentar estados alterados de consciência, deparam-se muitas vezes com o mesmo tipo de fenómenos, quando nada parece fazer sentido.*

— Atualmente, os físicos fizeram alguns avanços importantes, mas não reconhecem o seu significado. O universo que conhecem está cheio de buracos negros e buracos brancos microscópicos, por exemplo. Uma vez que os vossos cientistas deram eles próprios esses rótulos, então, usando esses termos, direi, com muito humor delicado, que existem buracos vermelhos, verdes, cor de laranja e púrpura — isto é, os chamados buracos negros e buracos brancos representam apenas aquilo que os físicos até agora deduziram acerca das propriedades mais profundas do vosso universo e da forma como certos pontos coordenados num mundo operam, proporcionando passagem para outro.

— Nada existe fora da psique, contudo, que não exista dentro dela, e não há mundo desconhecido que não possua a sua contraparte psicológica ou psíquica. O ser humano aprendeu a voar ao tentar exteriorizar a experiência interior, pois, nos estados fora do corpo, nos sonhos, há muito estava familiarizado com o voo. Todas as excursões à realidade exterior surgem quando a psique tenta reproduzir, em qualquer dado mundo «exterior», a liberdade interior do seu ser.

— Os homens também visitaram outros mundos ao longo das eras. Outros visitaram o vosso mundo. Em sonhos e em estados alterados, ao longo da história tal como a aceitam, os homens foram levados nessas viagens. Ao regressarem, interpretaram quase sempre as suas experiências em termos dos seus programas de origem, entrelaçando aquilo que aconteceu naquilo que acabou por se tornar grandes mitos e histórias — reais, mas não reais.

— Embora tudo isto possa parecer bastante esotérico, é altamente prático, e estamos a lidar com a própria natureza da criatividade.

— Os vossos pensamentos, por exemplo, e as vossas intenções, possuem a sua própria validade e força. Colocam-nos em movimento, mas depois eles seguem as suas próprias leis e realidades. Toda a criatividade vem da psique.

— Sugerir recentemente um projeto à aula de Ruburt — um projeto que acabará por iluminar muitos dos pontos que estou a apresentar em “A Realidade «Desconhecida»”. Sugerir que os alunos de Ruburt criassem uma «cidade» noutra nível da realidade. Isto não deve ser uma fantasia inalcançável, nem algum «céu» suspenso lá em cima, mas um ponto de encontro muito válido entre mundos. Um mercado psíquico, por exemplo, onde as ideias sejam trocadas; um lugar de comércio psíquico, um ambiente agradável com coordenadas bastante definidas, estabelecido como um «satélite em órbita» nos arredores do vosso mundo. Inicialmente, todos os mundos são criados exatamente dessa forma.

— Em certos termos, portanto, isto envolve, de uma maneira muito pequena, a criação e colonização de um tipo diferente de realidade — conscientemente aceite, contudo, a partir da vossa perspetiva. A um nível inconsciente, o mundo tal como o conhecem expande-se precisamente dessa maneira.

— *Vários alunos tiveram sonhos envolvendo a sua participação nesse projeto. Ruburt encontrou-se num estado fora do corpo, a olhar para um casaco. Tinha quatro bolsos retangulares. Era de tamanho gigantesco. Enquanto o observava, a aba da frente estava aberta. No sonho, voou através dessa aba, literalmente para outra dimensão, onde a ponta da aba era uma colina na qual aterrou. A partir dessa segunda perspetiva, os bolsos do casaco na primeira perspetiva tornaram-se as janelas de um edifício que existia numa terceira dimensão ainda mais além da colina.*

— *De pé na colina, sabia que, na Perspetiva Um, as janelas do edifício na Perspetiva Três eram bolsos de casaco, mas já não conseguia percecioná-las como tal. Ao olhar a partir da colina, na Perspetiva Dois, a Perspetiva Um estava invisivelmente atrás dele, e a Perspetiva Três ainda se encontrava «à sua frente», separada dele por um abismo que não compreendia.*

— *Sabia, contudo, que, se os estores fossem corridos nas janelas da Perspetiva Três, então as abas dos bolsos do casaco pareceriam fechadas na Perspetiva Um. Também percebeu que estivera a dirigir a construção do edifício na Perspetiva Três ao fazer o casaco na Perspetiva Um.*

— *Quando se aproximou da colina na Perspetiva Dois, falou com o empreiteiro que lá estava à sua espera. Ruburt disse que queria alterar o projeto. O empreiteiro concordou e gritou ordens a pessoas que trabalhavam na Perspetiva Três, onde o edifício se erguia.*

— *Ruburt esteve validamente envolvido na construção daquele edifício, e viajou de facto através de várias dimensões nas quais os objetos de uma representavam algo inteiramente diferente noutra. Usou aqueles símbolos específicos, contudo, simplesmente para tornar a teoria viva para si próprio, mas isso representava o facto de que qualquer objeto numa dimensão possui a sua própria realidade noutra. Não podem mover-se através do tempo e do espaço sem alterar o foco da vossa psique.*

— *Contudo, quando alteram esse foco, também mudam a realidade exterior que então experienciam.*

— *Ruburt dirigiu a sua vontade em determinadas áreas. A vossa vontade é a vossa intenção.*

— *Todo o poder do vosso ser é mobilizado pela vossa vontade, que faz as suas deduções de acordo com as vossas crenças acerca da realidade. Cada um de vocês usa a vontade à sua maneira. Cada um tem a sua própria forma de lidar com desafios.*

— *Ruburt usou a sua vontade para resolver uma série de desafios. Estava determinado a encontrar o tipo de companheiro que melhor se adequasse a si e às suas características únicas. Essa intenção estava na sua mente. Quando esse desafio foi cumprido, usou a sua vontade e mobilizou todo o seu poder para realizar as suas capacidades e criar condições nas quais esperava que Joseph também pudesse realizar as suas.*

— A vontade, mais uma vez, opera segundo as crenças da personalidade acerca da realidade, pelo que os seus desejos são, por vezes, temperados à medida que essas crenças mudam.

— À sua maneira, Ruburt sempre se concentrou num desafio de cada vez — perfurando-o, por assim dizer, e ignorando tudo o mais que pudesse distraí-lo. Queria escrever, usar as suas capacidades criativas e psíquicas ao máximo, e por isso reduziu todas as distrações. A sua mente literal conduziu-o a uma dieta rica de criatividade e experiência psíquica, e a uma situação em que Joseph e ele poderiam finalmente ser financeiramente livres, até certo ponto, e não se sentir ameaçados desse modo.

— Segundo a sua forma de pensar, eliminou toda a bagagem supérflua, pelo que teve uma dieta espartana, fisicamente falando. O poder da sua vontade é surpreendentemente forte. Não é alguém que trabalhe em muitas áreas ao mesmo tempo. Cada pessoa vive pela sua intenção, que brota da força do seu ser. Em tudo isto estão envolvidas probabilidades; por isso, em todos os momentos do passado ele tocou pontos de curas prováveis.

— Ninguém pode ser curado contra a sua vontade. Não existe tal coerção. Ruburt não gosta, por um lado, de certos aspetos pessoais do seu plano. Por outro, isso fazia parte do seu método: uma forma de intensificar o foco, de aumentar a percepção numa pequena área e, ao mesmo tempo, assegurar segurança, para que as excursões interiores fossem equilibradas por condições no seu ambiente exterior.

— *Vê que o desafio foi vencido, e agora é tempo de assumir o seguinte: aplicar o poder da vontade a certas áreas físicas. Ora, muitas pessoas nunca aprendem sequer a aplicar o poder da vontade.*

— *Joseph, por sua vez, estava determinado a encontrar o tipo de relação que tem com Ruburt, o tipo de vínculo que os seus pais nunca tiveram, e aplicou o poder da sua vontade nessa direção. Ao mesmo tempo, estava determinado a afastar-se até certo ponto do mundo, mantendo e desenvolvendo, contudo, um contacto emocional com uma companheira diferente de tudo o que existira na sua experiência anterior. A criatividade teria de estar envolvida.*

— *Também estava intrigado, determinado a viajar para a natureza da realidade e a vislumbrar, pelo menos, uma imagem vaga daquilo que ela poderia ser. Nessa probabilidade, providenciou para si próprio um contexto que incluía o desporto e o amor pelo corpo, sabendo que essas qualidades o sustentariam.*

— *Uma das vossas crenças, portanto, era uma forte crença conjunta: a de que tinham de proteger a vossa energia a todo o custo e bloquear as distrações mundanas.*

— *Ruburt, com a sua mente prática, interpretou isto de forma mais literal do que Joseph; e a restrição física fazia parte do ambiente inicial natural de Ruburt, devido à doença crónica da sua mãe, ao contrário do que acontecia com Joseph.*

— Mas Ruburt é surpreendentemente resiliente. O poder da sua vontade é, de facto, impressionante, e só agora começa a senti-lo. Com essa consciência, pode ser usado numa nova diretiva fisicamente orientada. A diretiva alterada é tudo o que é necessário. O resto seguir-se-á inconscientemente...

— O ponto de poder está no presente; este tipo de material e a sua compreensão, por Ruburt e outros, é mais importante do que as causas «passadas».

— Houve uma série de desafios que Ruburt enfrentou usando o poder da sua vontade, e este desafio físico é simplesmente o próximo a ser conquistado.

— Mais uma vez, muitas pessoas nem sequer estão familiarizadas com esse poder.

— Vocês têm uma vontade por uma razão. Quando nascem, essa vontade está orientada para o crescimento e o desenvolvimento. Literalmente, dão a si próprios vontade de estar vivos.

— Essa vontade-de-ser desencadeia toda a atividade corporal, que depois opera automaticamente, com o mesmo poder do qual a própria vontade emergiu.

— Na infância e na meninice, a vontade dirige sem reservas o corpo para avançar em plena força, afastando obstáculos no grande impulso em direção ao crescimento e ao desenvolvimento.

— *Contudo, a vontade destina-se a avaliar as condições nas quais o organismo cresce — e a procurar também as melhores áreas para expansão.*

— *Há períodos na história em que a espécie lida com diferentes tipos de desafios. Em sociedades programadas, onde «cada homem ou mulher sabe o seu lugar», a vontade sabe que direções seguir, embora outras condições e prerrogativas possam ser ignoradas. Na verdade, na vossa própria sociedade existem muitas prerrogativas.*

— *Ruburt queria seguir uma determinada direção, mas sem formas conhecidas e bem definidas de lá chegar. Queria seguir um percurso não convencional. Sentiu que precisava de proteção enquanto aprendia e até alcançar sabedoria suficiente. A própria busca conduziria a um conjunto de valores completamente diferente e a um novo sistema de crenças.*

— *Veem à vossa volta outros a lidar com os desafios da vida, seguindo as antigas crenças. Eles têm de ver por si próprios que essas crenças não funcionam.*

— *O universo está convosco, e não contra vocês. Os vossos semelhantes estão convosco, e não contra vocês. Quando cada um de vocês percebe isso, alcança então aquelas porções dos seus semelhantes que estão convosco. Encontram-nos num nível diferente, que também lhes é iluminador e os faz começar a desenvolver-se.*

— *O poder da vontade é impressionante e está «distribuído» por todo o corpo. O corpo depende dele para direção. As crenças da vontade, mais uma vez, ativam os recursos automáticos do corpo.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a psique como campo multidimensional onde várias realidades coexistem simultaneamente. Seth usa a analogia do televisor vivo multidimensional para mostrar que a realidade física é apenas um “programa” sintonizado, enquanto outros programas permanecem latentes dentro do mesmo campo. Através do sonho de Ruburt com o casaco, a aba, a colina, o edifício e as janelas, Seth torna concreta a ideia de que um mesmo objeto pode funcionar como ponto de referência diferente em realidades distintas. O capítulo termina aplicando o mesmo princípio à vontade: a intenção organiza o foco, mobiliza o ser e participa na criação das condições de experiência.

A função central do capítulo é esta:

a psique contém múltiplos programas de realidade simultâneos; ao alterar o foco da consciência, certos objetos, pensamentos, imagens e símbolos podem tornar-se pistas dimensionais e pontos de entrada para outras realidades, enquanto a vontade orienta a direção criadora dessa passagem.

1. A psique como televisor vivo multidimensional

psique → televisor vivo multidimensional → múltiplos programas

No pequeno “ecrã” da consciência, parece haver apenas um programa.

foco habitual → um programa visível

Mas todos os outros programas estão latentes naquele que está a ser visto.

programa visível → programas latentes → coordenadas comuns

A realidade física é o programa em que a consciência está atualmente a atuar.

2. Programas simultâneos

programa físico → enredo → ambiente → personagens

A psique contém outros programas além daquele em que vocês vivem.

outros programas → outros enredos → outros mundos → outras situações

Esses programas não são meras fantasias: possuem cenários reais e personagens vivas nos seus próprios termos.

ficção numa perspectiva → realidade noutra

3. Sair de um programa e entrar noutro

conhecer a existência de outros programas → possibilidade de transição

A consciência pode, teoricamente, sair momentaneamente de um programa e entrar noutro.

alteração de foco → mudança de programa

Tal como se passa de uma divisão para outra, a consciência pode deslocar-se entre porções da psique.

- viagem exterior → deslocação no espaço
 - viagem interior → deslocação entre focos de realidade
-

4. Personagens vivas na psique

- atores → vivos no vosso mundo

- personagens → vivas na realidade psíquica

Numa peça comum, a personagem parece menos real do que o ator.

Na psique, porém:

personagem → vida própria → realidade própria

A personagem é real no nível de realidade que a sustenta.

5. O objeto como ponto de referência dimensional

objeto numa realidade → ponto de referência noutra

A cartola sobre a mesa, num programa, pode ser outra coisa noutro programa.

- cartola + mesa → objeto cénico
- noutra realidade → estrutura natural + planície

O objeto não é fixo em si mesmo: muda de função conforme a perspetiva dimensional.

6. A analogia-chave de Seth: mudança de perspectiva

mesma configuração → perspectiva diferente → significado diferente

O que numa realidade é objeto, noutra pode ser paisagem, estrutura, janela, colina ou passagem.

- forma aqui → função ali
- objeto aqui → ambiente ali
- detalhe aqui → entrada ali

Esta é a chave operacional do capítulo: as realidades simultâneas não estão empilhadas no espaço, mas contidas umas nas outras por relações de perspectiva, foco e coordenadas.

7. O sonho de Ruburt como demonstração prática

casaco gigante → aba aberta → passagem dimensional

Ruburt vê um casaco com quatro bolsos.

aba do casaco → entrada

Ao atravessar a aba, entra noutra dimensão.

aba → colina

Na nova perspetiva, a ponta da aba torna-se uma colina.

bolsos do casaco → janelas do edifício

Na terceira perspetiva, os bolsos tornam-se janelas.

8. O mecanismo dimensional revelado

- Perspetiva Um → casaco / bolsos / aba
- Perspetiva Dois → colina / passagem / distância
- Perspetiva Três → edifício / janelas / construção

O mesmo padrão aparece de forma diferente em cada perspetiva.

- bolso numa dimensão → janela noutra
- aba numa dimensão → colina noutra

- fazer o casaco → dirigir a construção do edifício

A ação numa realidade organiza acontecimentos noutra.

9. Tudo ocorre ao mesmo tempo

realidades simultâneas → diferentes leituras do mesmo campo

O sonho mostra como várias realidades podem coexistir sem se confundirem.

- não é caos simultâneo
- é simultaneidade organizada por perspectiva

A consciência vê apenas uma configuração de cada vez, mas outras configurações estão implicadas na mesma estrutura.

- um campo → várias leituras
 - um padrão → várias realidades
-

10. Analogia com imagens ambíguas

vaso → dois rostos



A imagem não muda; muda o modo de leitura.

- mudança de foco → mudança de figura
- mudança de figura → mudança de mundo percebido

Do mesmo modo:

casaco → colina → edifício

O que muda não é apenas a interpretação psicológica, mas o nível dimensional em que o padrão é percebido.

11. Pensamentos e ações como formas multidimensionais

pensamento → energia → outras formas de existência

Cada pensamento e ação existe não apenas como vocês o conhecem, mas também noutras formas.

- pensamento aqui → acontecimento natural noutra dimensão
- ação mental aqui → imagem de sonho noutro nível
- intenção aqui → energia autopropulsora noutro mundo

Nenhuma energia se perde.

12. A energia dos pensamentos continua

pensamento terminado para vocês → energia ativa noutros mundos

A energia dos pensamentos não se dissipa quando a consciência habitual acaba com eles.

- pensamentos → realidades próprias
- sonhos → formas percebidas por outros sistemas

O que para vocês é pensamento pode ser, para outro sistema, objeto, acontecimento ou estrela.

13. A imagem descentrada do universo

universo visto no ecrã → imagem descentrada → distorção

A humanidade olha para o universo a partir de um foco descentrado.

espaço exterior → parece passado

Por isso, sair para o espaço parece recuar no tempo.

imagem centrada → tempo irradia do agora

14. O agora privado e o agora coletivo

- agora privado → ponto instantâneo da percepção
- agora coletivo → ponto-agora global do planeta

A partir do agora, o tempo irradia em todas as direções prováveis.

- agora → futuro provável
- agora → passado provável
- agora → interior provável

O tempo não é uma linha única, mas uma irradiação multidirecional.

15. Verdadeira viagem tempo-espaço

- viagem espacial comum → navegação no ecrã
- verdadeira viagem → viagem tempo-espaço

A verdadeira viagem espacial usaria pontos do universo como pistas dimensionais.

estrela / planeta / objeto → pista dimensional → ponto de entrada

Sem isso, a navegação espacial é como uma mosca a tentar pousar no fruto desenhado no ecrã.

imagem no ecrã ≠ objeto acessível pela superfície

16. A pele do televisor

tecnologia linear → voar à volta do televisor

A humanidade tenta alcançar o conteúdo do ecrã a partir de fora.

contornar o espaço → não entrar no programa

Para entrar noutra realidade, é preciso mudar a sintonização da psique.

- alterar foco → entrar na imagem
 - entrar na imagem → mudar de realidade
-

17. A imagem nítida da realidade física

focalização principal → imagem nítida → sem neve

A realidade física é o programa que está estabilizado.

programa físico → adereços → história → mundo tridimensional

Vocês não apenas sintonizam a imagem: também criam o cenário, os objetos, a história e as condições da experiência.

consciência → imagem → mundo vivido

18. Realidade válida dentro das dimensões dadas

realidade criada → experiência válida

Viajar de cidade em cidade não é imaginário.

viagem física → exploração das dimensões dadas

Do mesmo modo, viajar para outra porção da psique também não é imaginário.

viagem psíquica → exploração de outras dimensões dadas

19. Alteração de foco e distorção

alterar levemente o foco → imagem embaralhada

Quando a consciência muda de foco, a coordenação familiar desaparece.

objetos desfocados → sons distorcidos → arredores da realidade

Esse estado mostra que a orientação habitual é apenas um quadro de referência.

realidade normal → uma moldura entre muitas

20. Captar outra imagem

alteração maior do foco → outra imagem → outra realidade

A realidade antiga pode permanecer como imagem fantasma.

nova realidade → antiga realidade como vestígio

Se a consciência recordar as coordenadas anteriores, pode reconhecer o antigo programa como fundo residual.

coordenadas antigas → imagem fantasma

21. Viagem através da psique

não à volta da realidade → através da psique

A viagem real não é deslocação exterior.

- porção da psique A → realidade A
- porção da psique B → realidade B

Mover-se através da psique é mover-se entre realidades.

mudança de foco psíquico → mudança de mundo experienciado

22. Viagem espacial estéril

eixo do vosso espaço + tempo do vosso presente → viagem limitada

A viagem espacial feita apenas a partir das coordenadas atuais será relativamente estéril.

- mesmo planeta → outra época → vida invisível
- visitante desalinhado → realidade não reconhecida

Sem alteração de consciência, a exploração espacial ficará presa à superfície.

23. OVNIIs como imagens de outra coordenada

visitantes no seu passado → aparição no vosso presente

Alguns avistamentos de naves envolvem diferenças de coordenadas temporais.

acontecimento noutra faixa → imagem no presente humano

A experiência é real, mas traduzida pelo programa local.

24. Neve, distorção e estados alterados

mudar de estação → neve / ruído / imagem parcial

Nos estados alterados, a consciência encontra muitas vezes padrões sem sentido aparente.

- som sem imagem
- imagem com som de outro programa
- padrões sem programa reconhecível

A confusão inicial não significa ausência de realidade, mas falta de sintonia estabilizada.

25. Buracos negros, brancos e “coloridos”

buracos negros / brancos → deduções parciais da física

Seth usa humor para dizer que poderiam existir buracos vermelhos, verdes, laranja e púrpura.

rótulos científicos → leitura parcial

Esses fenômenos apontam para propriedades mais profundas do universo.

pontos coordenados → passagem entre mundos

A física toca a borda de mecanismos que são também psíquicos.

26. Nada existe fora da psique que não exista dentro dela

mundo exterior → contraparte psicológica ou psíquica

Não há realidade desconhecida sem correspondência interior.

- psique → matriz das realidades

- exterior → exteriorização de liberdade interior

O ser humano aprendeu a voar porque a psique já conhecia o voo nos sonhos e estados fora do corpo.

27. Mitos como tradução de viagens reais

viagens a outros mundos → sonhos / estados alterados → regresso

Ao regressar, a consciência interpreta a experiência segundo o seu programa de origem.

experiência real → tradução simbólica → mito

Por isso, muitos mitos são reais, mas não reais.

- reais na origem experiencial
 - não reais na tradução literal
-

28. Criatividade como prática dimensional

criatividade → psique → formação de realidades

O material não é apenas esotérico: trata da própria natureza da criação.

pensamentos + intenções → validade + força

A criatividade coloca energias em movimento que passam a seguir as suas próprias leis.

intenção → movimento → realidade própria

29. A cidade psíquica

projeto da aula → cidade noutra nível de realidade

Seth propõe a criação de uma cidade como ponto de encontro entre mundos.

cidade psíquica → mercado de ideias → comércio psíquico

Não é fantasia nem “céu” suspenso.

ambiente definido → coordenadas próprias → satélite nos arredores do mundo

Inicialmente, todos os mundos são criados assim.

30. Colonização consciente de outra realidade

imaginação dirigida → coordenadas → realidade nascente

O projeto da cidade envolve uma pequena criação e colonização de realidade.

aceitação consciente → construção psíquica

A nível inconsciente, o próprio mundo físico expande-se por processos semelhantes.

psique → projeto → mundo

31. O sonho como cartografia dimensional

sonho de Ruburt → demonstração da teoria

O sonho do casaco não é apenas simbólico.

imagem onírica → mapa de transição dimensional

Ele mostra como objetos de uma realidade são convertidos em estruturas de outra.

- casaco → edifício
 - bolsos → janelas
 - aba → colina
 - fazer o casaco → construir o edifício
-

32. A regra dimensional

qualquer objeto numa dimensão → realidade própria noutra

Cada objeto possui equivalentes e funções noutros sistemas.

- objeto físico → pista dimensional
- pista dimensional → ponto de entrada

Não se atravessa tempo e espaço sem alterar o foco da psique.

alteração do foco → alteração da realidade exterior

33. A vontade como intenção

vontade → intenção

A vontade mobiliza o poder do ser.

crenças sobre a realidade → deduções da vontade

Cada pessoa usa a vontade segundo as suas crenças e enfrenta desafios à sua maneira.

intenção → foco → direção da vida

34. Ruburt e a concentração num desafio

Ruburt → um desafio de cada vez → foco intensificado

Ruburt usou a vontade para encontrar o companheiro adequado, desenvolver capacidades criativas e psíquicas e criar condições de trabalho.

vontade forte → redução de distrações → concentração

A mesma força que protegeu também limitou.

- proteção → foco
 - foco → desenvolvimento
 - desenvolvimento → novo desafio
-

35. Vontade, corpo e cura

ninguém é curado contra a sua vontade

A vontade participa na direção dos processos corporais.

ponto de poder → presente

As causas passadas são menos importantes do que a compreensão presente e a alteração da diretiva interior.

nova diretiva → corpo responde inconscientemente

36. Joseph, Ruburt e a crença conjunta

Joseph + Ruburt → proteção da energia → bloqueio de distrações

Ambos usaram a vontade para criar uma vida centrada na criatividade, na investigação da realidade e na relação emocional.

- crença conjunta → afastamento do mundo
- afastamento → preservação de energia
- preservação → trabalho criativo

Ruburt interpretou essa crença de forma mais literal, ligando-a à restrição física.

37. A vontade-de-ser

nascimento → vontade orientada para crescimento

A vontade-de-ser desencadeia a atividade corporal.

vontade → corpo → crescimento → desenvolvimento

Na infância, a vontade impulsiona o organismo para a expansão.

obstáculos → afastados pelo impulso vital

38. A vontade procura áreas de expansão

vontade → avalia condições → procura expansão

A vontade não é apenas força cega.

direção → adaptação → crescimento

Ela orienta o organismo dentro das condições históricas, sociais e pessoais disponíveis.

39. O universo está convosco

- crença antiga → mundo contra vocês
- nova percepção → universo convosco

Quando percebem que o universo e os vossos semelhantes estão convosco, encontram as porções deles que também estão nesse nível.

- mudança de crença → encontro noutra nível

- encontro noutro nível → iluminação mútua
-

40. A vontade distribuída pelo corpo

vontade → distribuída pelo corpo

O corpo depende da vontade para direção.

crenças da vontade → recursos automáticos do corpo

A vontade não é apenas mental: participa na organização corporal.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

psique multidimensional → programas simultâneos → objetos como pontos de referência → pistas dimensionais → alteração de foco → viagem tempo-espço → sonho do casaco → mudança de perspetiva → realidades simultâneas → criatividade → cidade psíquica → vontade → intenção → direção corporal e experiencial

A analogia central fica assim:

- casaco numa perspetiva → colina noutra → edifício noutra
- bolsos numa perspetiva → janelas noutra
- aba numa perspetiva → ponto de entrada noutra
- fazer o casaco numa dimensão → construir o edifício noutra

Isto mostra que:

- ✓ as realidades simultâneas não estão separadas por distância
- ✓ estão relacionadas por foco, função e perspetiva
- ✓ um objeto pode ser uma pista dimensional
- ✓ uma imagem pode ser uma passagem
- ✓ uma forma pode ser uma realidade diferente quando vista por outro conjunto de coordenadas

Formulação central:

A psique é um campo multidimensional onde múltiplas realidades coexistem como programas simultâneos; ao alterar o foco, a consciência descobre que objetos, pensamentos e símbolos podem funcionar como pistas dimensionais e pontos de entrada,

revelando que aquilo que numa perspetiva é casaco, noutra é colina, noutra é edifício — e que a vontade, como intenção criadora, orienta a passagem entre essas realidades e a organização da experiência.

CAPÍTULO 36

A Visão Privada da Realidade Desconhecida, os Postais Psíquicos e o Tom Verdadeiro

— Esta é, de certo modo, uma noite importante para Ruburt. Enquanto falo, ele experiencia certas sensações nas quais o seu corpo se sente drasticamente alongado, com a cabeça a estender-se para além das estrelas, a forma inteira atravessando realidades.

— Num certo sentido, o corpo físico faz isto sempre — isto é, assenta entre realidades, contendo em si dimensões de tempo e de ser que nem sequer podem ser descritas verbalmente. As próprias células são «eternas», embora existam no vosso mundo apenas «por algum tempo».

— A realidade desconhecida e a existência maior da psique não podem, contudo, ser separadas do conhecimento íntimo da carne, pois a vida da carne ocorre dentro desse enquadramento. Como já foi mencionado antes, o self consciente focaliza-se geralmente apenas numa pequena dimensão. Essa dimensão é experienciada tão plenamente quanto possível, e o seu claro brilho e foco requintado só são possíveis porque se sintonizam com ela e a trazem para o primeiro plano da vossa atenção. Nos vossos termos,

quando compreendem como fazer isto, podem então começar a sintonizar-se também com outras «estações».

— Sabem, portanto, onde está a realidade física no mostrador do vosso televisor multidimensional. Enquanto estão focalizados dentro dessa cena viva, podem aprender a viajar através dela, deixando intacta e inteira a imagem da «superfície». De certo modo, programam-se a vocês próprios, cumprindo os vossos deveres diários tão conscienciosa e eficazmente como de costume — mas, ao mesmo tempo, descobrem uma porção adicional da vossa própria realidade.

— Isto não diminui o self físico. Pelo contrário, enriquece-o. Descubrem que a psique possui muitos aspetos. Enquanto desfrutam plenamente do aspeto físico, descobrem que há uma parte de vocês que sobra, por assim dizer; e essa parte pode viajar para outras realidades. Pode também regressar, trazendo ao self fisicamente orientado «instantâneos» das suas viagens. Esses instantâneos são habitualmente interpretados nos termos do vosso programa de origem. Caso contrário, poderiam não fazer qualquer sentido para o self físico.

— Ao longo das eras, as pessoas realizaram tais viagens. Os instantâneos são revelados na «câmara escura» que existe entre o vosso mundo e aqueles que foram visitados. As pessoas que viajaram para a realidade desconhecida sempre foram aventureiras. Contudo, muitas já tinham visto os instantâneos enviados ao vosso mundo por outros, e por isso começaram a vestir

as suas próprias visões originais das viagens com a aparência dessas outras imagens. Formou-se então um conjunto de ideias, conceitos e imagens convenientes. A visão clara desses exploradores perdeu-se. Esses viajantes deixaram de tentar fazer os seus próprios instantâneos originais dos ambientes e realidades estranhos por onde passavam. Era mais fácil interpretar as suas experiências através dos postais psíquicos de tostão.

— *Em tempos, esses postais representaram visões originais iniciais e interpretações individuais. Mais tarde, porém, começaram a servir como guias consultados antecipadamente. Por exemplo: se planeiam viajar para um país distante no vosso próprio mundo, podem encontrar publicações que vos dizem o que esperar. Quando viajam para outras realidades, ou quando a vossa consciência deixa o corpo, também podem apoiar-se em guias que programam antecipadamente as vossas atividades.*

— *Em vez de vos dizerem que apanham um avião de certo aeroporto, a determinada hora, para um destino terrestre específico, partindo de uma latitude e longitude e chegando a outro conjunto; em vez de vos dizerem que deixam o vosso país por outro governado por um ditador, por um presidente ou pela anarquia, dir-vos-ão que deixam este plano astral por qualquer um de vários outros, governados, conforme o caso, por senhores ou mestres, deuses e deusas.*

— *Em vez de vos indicarem, como nos folhetos de viagens terrestres, a localização de galerias de arte e museus, encaminhar-*

vos-ão para os Registos Akáshicos.¹ Em vez de vos conduzirem aos sítios arqueológicos do vosso mundo e às suas grandes ruínas de civilizações anteriores, dir-vos-ão como encontrar Atlântida e Mu² e outras épocas do vosso passado.

— Assim, fazem uma visita guiada psíquica a outras realidades; o desconhecido parece conhecido, de modo que, afinal, não são exploradores, mas turistas, levando convosco a parafernália da vossa própria civilização e crenças bastante convencionais.

— Existem, portanto, convenções interiores, tal como existem exteriores. Tal como os costumes exteriores tentam forçar-vos a conformar-vos às ideias geralmente aceites, também as convenções interiores tentam forçar-vos a fazer com que a vossa experiência interior se conforme a embalagens preconcebidas.

— Há boas razões para as convenções. Em geral, ajudam a organizar a experiência. Se forem mantidas e aceites com leveza, podem servir bem como orientações. Aplicadas com mão pesada,

¹ No seu trabalho de hoje em Política, Jane já começara a escrever sobre os Registos Akáshicos. A sua inspiração resultara do seu encontro bastante inesperado, humorístico, chocante — mas, no fim, iluminador — dessa manhã com uma visitante que estivera na sua aula de ESP na noite passada.

Em termos ocultistas, supõe-se que os Registos Akáshicos contenham o relato cósmico completo de cada ação, pensamento e sentimento que ocorreu desde que a criação «começou».

— «Não acredito neles», disse Jane em resposta à minha pergunta. «Pelo menos não dessa forma — então que estou eu a fazer a sintonizar-me com uma biblioteca psíquica?»

Riu-se.

— «Já tenho problemas suficientes para explicar as minhas próprias ideias. Tenho de resolver isto tudo.»

² Tal como a lenda diz que o continente da Atlântida ficava no oceano Atlântico, entre a Europa/África e as Américas, também se diz que a grande terra de Mu — a Terra-Mãe — existiu no vasto Oceano Pacífico, entre as Américas e a Ásia. Cada um desses domínios míticos acabou por afundar-se sob as águas num grande cataclismo; cada um pereceu há mais de 10 000 anos.

tornam-se dogmas desnecessários, limitando rigidamente a experiência. Isto aplica-se à atividade interior e exterior.

— *As convenções são o resultado de uma «espontaneidade» estratificada e rígida. Em tempos, nos vossos termos, cada costume teve um significado. Cada um representou um gesto espontâneo, uma reação individual. Contudo, quando estes se transformam num sistema de ordem, a espontaneidade original perde-se, e vocês projetam uma ordem artificial que serve para estratificar o comportamento em vez de o expressar. Assim, existem costumes psíquicos tal como existem costumes físicos, dogmas religiosos e psíquicos, visitas guiadas da consciência nas quais vos dizem que sigam determinada linha ou determinado programa. Tornam-se receosos da vossa interpretação privada de qualquer realidade que se encontrem a experienciar.*

— *Ruburt insistiu até agora na sua visão privada e na sua expressão única da realidade desconhecida tal como a experiencia, e por isso traz de volta boletins que não concordam com a linha psíquica convencional.*

— *Os postais psíquicos e os folhetos de viagem são práticos e coloridos. São também altamente enganadores.*

— *Em tempos, viajantes individuais tiraram esses instantâneos, e eles representavam interpretações originais de outras realidades. Representavam versões individuais de certos viajantes que lançavam breves olhares a mundos estranhos e interpretavam as*

suas experiências o melhor que podiam. Enquanto tal, eram muito válidos.

— Eram tão válidos como qualquer instantâneo que pudessem tirar do vosso quintal pela manhã. Essa imagem, contudo, variaria consideravelmente de outra tirada por um habitante do vosso planeta numa parte diferente do mundo e num ambiente diferente.

— Se houvesse discrepâncias entre os instantâneos, porém, as pessoas preocupavam-se. Embora esperem que as imagens da vossa própria realidade sejam diversas, aqueles que viajavam para a realidade desconhecida ficavam preocupados se os seus instantâneos não coincidissem; por isso, tentavam desesperadamente fazer com que todas as imagens se parecessem. Por outras palavras, retocavam-nas.

— Antes de mais, no vosso próprio mundo, esses viajantes para reinos desconhecidos eram considerados marginalizados, por assim dizer, como se estivessem a captar programas de televisão que mais ninguém via.³ Se as histórias das suas experiências não

³ E «esses viajantes para mundos desconhecidos» ainda podem ser chamados marginalizados, estranhos, esquisitos — ou pior. Jane teve a sua quota-parte de tais reações por parte de outros, tal como eu. Quando se combinam com as suas próprias perguntas bastante naturais acerca das suas capacidades psíquicas, como por vezes acontece, esses episódios não têm graça nenhuma.

De formas acidentais que seriam bastante humorísticas se não fossem tão pessoais, também aprendemos que ideias negativas outros podem ter acerca de nós: uma pessoa revela-nos inadvertidamente, durante uma conversa, ou numa carta, ou ao telefone, as opiniões pouco lisonjeiras que o seu companheiro ou companheira, ou os seus pais, ou amigos, realmente têm de Jane e de mim e do trabalho em que estamos envolvidos com o material de Seth.

Ocasionalmente, encontramos-nos com um ou mais dos nossos detratores em segunda mão. Então, naturalmente, somos recebidos com sorrisos educados; a conversa pode tocar no tempo, mas quase nunca em assuntos psíquicos. Por vezes descobrimos que o «conhecimento» que o(s) céptico(s) em questão têm de nós está tão distante das nossas crenças e atividades

batessem certo, quem acreditaria neles? Sentiam-se ameaçados. Sentiam que tinham de contar a mesma história, ou seriam considerados insanos; por isso, fizeram um acordo tácito, interpretando as suas experiências nos termos usados por aqueles que tinham ido «antes».

— Vocês criam a vossa própria realidade. Assim, programados antecipadamente, eles percecionavam informações segundo as convenções psíquicas que tinham sido estabelecidas. Há tigres na Ásia, mas podem viajar pela Ásia e, se não quiserem, nunca verão um tigre. Depende de para onde vão. Na realidade desconhecida, os vossos pensamentos tornam-se imediatamente visíveis e reais, materializados segundo as vossas crenças. Ali, se acreditarem em demónios, vê-los-ão — sem jamais perceberem que fazem parte do ambiente da vossa psique, formados pelas vossas crenças e projetados como miragens sobre um ambiente muito real que não percecionam. Acreditarão nos guias turísticos psíquicos e irão caçar demónios em vez de tigres.

reais que levaríamos muito tempo a estabelecer qualquer compreensão verdadeira entre todos os envolvidos — se isso fosse sequer possível para começar. Optamos sempre por deixar passar tais «oportunidades».

Mesmo enquanto escrevia esta nota, Jane recebeu uma carta: «Faça por mim aquilo que peço, se não for uma fraude...» Deitei a carta fora. Ao mesmo tempo recordei, como faço de vez em quando, as observações proféticas e bem-humoradas que Seth fez lá atrás, na Sessão 20, de 29 de janeiro de 1964:

«No que diz respeito à publicação deste material, não tenho objeções. Não vo-lo dei, nem vo-lo estou a dar, simplesmente para a vossa edificação [coletiva]. Devido à sua fonte, provavelmente chamar-vos-ão lunáticos, mas imagino que já saibam isso por esta altura.»

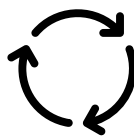
Sim... E perante tal ceticismo ou incompreensão, Jane e eu podemos, por vezes, dar por nós a perguntar por que existem sequer atributos psíquicos na natureza, nesses termos, se lhes é negada qualquer aplicação dentro desse enquadramento.

— «Cada um de vocês tem de ter uma aprovação básica de si próprio», disse-nos Seth recentemente numa sessão pessoal. «Esta informação não é, naturalmente, apenas para vocês os dois, mas para outros: devem confiar no vosso ser básico, com as suas características e capacidades. Têm-nas por uma razão, em todas as suas combinações únicas. Devem também evitar rótulos, pois estes podem estereotipar a vossa percepção de vós próprios.»

— *Individual e coletivamente, formam o mundo que conhecem, mas ele possui uma base geral individual e coletiva, de modo que certas coisas são acordadas. Veem essas coisas através da vossa própria visão única. Formam a realidade. Ela é válida. É experiência. Não é, portanto, irreal, mas uma das aparências que a realidade assume. Possui uma base válida — um ambiente que todos aceitam, no qual certas experiências são possíveis.*

— *O mesmo se aplica a outras realidades. Sabem que há uma diferença entre, digamos, a imagem diante dos vossos olhos e a sua representação «artificial» num postal. Assim, há uma diferença entre a realidade desconhecida e os postais que vos foram dados para a representar.*

— *Nos vossos termos, Ruburt tem procurado a coisa real — experienciar diretamente a realidade desconhecida através das suas próprias percepções, separado das cenas que os postais lhe deram.*



«Estou fora disto», disse Jane abruptamente, tossindo. Depois: «Estou a captar alguma coisa. Espera um minuto. Não sei se consigo apanhá-la, nem o quê...» Tossiu repetidas vezes; a voz tinha ficado muito rouca desde a pausa, tão rouca que, alguns

minutos antes, eu estivera quase a pedir-lhe que terminasse a sessão.

— «Se eu conseguir captar isto, vai ser qualquer coisa, digo-te já», disse Jane. «Bob — o que estou a captar é algo como se viesse em sons belos, muito rápidos, velozes, que não consigo duplicar — muito rápidos, muito musicais — ligados ao spin dos eletrões e à composição celular.

— «O spin dos eletrões é mais rápido do que a composição celular. De algum modo, a velocidade mais rápida dos eletrões dá às células os seus limites. E há algo que está em transe, digamos, nos cristais, que está vivo nas células.

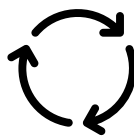
— «Espera um minuto», exclamou Jane novamente. «O que estou a captar é um som fantástico aprisionado num cristal, que fala através da luz, que é a essência da personalidade. Estou a captar sons coloridos quase como joias... Vou ver o que consigo fazer com isto. Quero captá-lo em material verbal — e estou a recebê-lo depressa.»

— «— e estamos agora a falar da personalidade», disse Jane, tossindo novamente. «Tal como a semente cai, levada pelo vento, em qualquer ambiente, também há uma semente da personalidade que cavalga nas asas de si própria e cai nos mundos de muitos tempos e lugares. Cai com um som que é o seu próprio tom verdadeiro, tocado em diferentes acordes.»

— «Os sons estão conscientes da sua própria separação, gloriosamente únicos, mas cada um fundindo-se numa sinfonia. Cada som reconhece-se como si próprio, tocando o meio dimensional no qual encontra a sua expressão; contudo, está consciente dos infinitos outros sons multitudinários que emite noutras realidades — os instrumentos através dos quais toca tão grandiosamente. Cada célula toca da mesma forma, e também cada self, num caleidoscópio em que cada mínima variação possui significado e afeta as notas individuais emitidas por todos.

— «Assim, tocamos em mais do que uma realidade, e eu ouço essas notas juntas e, contudo, separadas, talvez como gotas de chuva, e tento reuni-las e ainda assim ouvir cada nota separada...

— «Seth — ou alguém está a dizer — talvez seja apenas eu — relaciona-se com as pessoas do nosso tempo. Eu tentei fazer a mesma coisa, mas de repente ouvi o meu próprio tom verdadeiro, que sou obrigada a seguir... a ir além dos postais convencionalizados... Acabei, Bob.»



«Sei que há um universo entre a minha cadeira aqui na sala e o chão da cozinha», disse Jane ao levantar-se, «mas consigo atravessá-lo bem. Quando tocas o teu próprio tom verdadeiro,

reconhece-lo e está feito. Conheces o teu próprio significado no universo, mesmo que não consigas verbalizá-lo...»

«É estranho», comentou. «Sinto que, para qualquer lado que me vire, há um caminho traçado para mim — e nunca me senti assim antes.»

Síntese Operativa

Este capítulo contrapõe a experiência direta da realidade desconhecida às interpretações convencionais que a tradição psíquica acumulou ao longo do tempo. Seth mostra que a consciência pode viajar para outras realidades, trazendo “instantâneos” dessas viagens; porém, esses instantâneos acabam muitas vezes convertidos em “postais psíquicos” — imagens prontas, guias interiores, mapas herdados e expectativas que substituem a visão original. Ruburt/Jane é apresentado como alguém que procura a experiência direta, recusando conformar a sua percepção aos roteiros convencionais. A parte final aprofunda essa busca através da imagem do “tom verdadeiro”: a vibração íntima da personalidade, única, musical, multidimensional, que cada self deve reconhecer e seguir.

A função central do capítulo é esta:

explorar a realidade desconhecida exige ultrapassar os postais psíquicos herdados — imagens, dogmas e roteiros interiores já formatados — para recuperar a visão privada, direta e original da psique, reconhecendo o próprio tom verdadeiro como orientação criadora entre realidades.

1. O corpo entre realidades

corpo físico → atravessa realidades → contém dimensões de tempo e ser

O corpo não é apenas matéria localizada.

células → existência temporal + qualidade eterna

As células vivem “por algum tempo” no mundo físico, mas participam numa estrutura mais ampla.

carne → conhecimento íntimo da realidade desconhecida

A psique maior não está separada do corpo: expressa-se através dele.

2. A realidade física como estação sintonizada

self consciente → pequena dimensão → foco intenso

A realidade física é experienciada com brilho e nitidez porque a consciência a traz para primeiro plano.

atenção → sintonização → estação física

Quando se compreende o mecanismo de sintonização, torna-se possível captar outras estações.

realidade física → posição no mostrador multidimensional

3. Viajar sem abandonar a vida diária

vida diária → programa habitual → superfície intacta

A consciência pode continuar a cumprir deveres comuns e, simultaneamente, descobrir outra porção da própria realidade.

foco físico mantido → porção psíquica livre → viagem interior

Isto não diminui o self físico.

viagem interior → enriquecimento do self físico

4. Instantâneos das viagens

porção viajante da psique → outras realidades → instantâneos

A consciência regressa trazendo imagens das suas explorações.

instantâneo → tradução para o programa de origem

Essas imagens são interpretadas nos termos da realidade física.

experiência desconhecida → linguagem familiar

Sem essa tradução, poderiam não fazer sentido para o self fisicamente orientado.

5. A câmara escura entre mundos

viagem interior → instantâneo → revelação entre mundos

Os instantâneos são revelados numa “câmara escura” entre a realidade física e as realidades visitadas.

realidade visitada → imagem traduzida → mundo físico

O problema começa quando imagens originalmente vivas se tornam modelos rígidos.

6. De instantâneos originais a postais psíquicos

visão original → interpretação individual → instantâneo válido

No início, cada viajante trazia uma imagem própria.

experiência direta → tradução pessoal

Mais tarde, esses instantâneos foram repetidos, copiados e transformados em postais.

instantâneo vivo → postal psíquico → imagem convencional

A visão original perde-se quando a experiência passa a imitar imagens anteriores.

7. Guias antecipados da realidade interior

postal psíquico → guia interior → expectativa prévia

Os postais começam a funcionar como guias de viagem.

antes da experiência → programação da experiência

Tal como folhetos turísticos dizem o que esperar num país distante, os guias psíquicos dizem o que esperar noutras realidades.

exploração → turismo psíquico

O explorador deixa de descobrir e passa a confirmar roteiros.

8. Turismo psíquico

realidade desconhecida → roteiro conhecido → visita guiada

O desconhecido parece conhecido antes mesmo de ser experienciado.

explorador → turista

A consciência leva consigo a parafernália da própria civilização e das suas crenças convencionais.

crença herdada → cenário encontrado

9. Convenções interiores

- convenções exteriores → costumes sociais
- convenções interiores → costumes psíquicos

Tal como a sociedade força conformidade exterior, as tradições psíquicas podem forçar conformidade interior.

experiência interior → embalagem preconcebida

A consciência passa a desconfiar da sua própria interpretação privada.

10. A função e o perigo das convenções

- convenção leve → orientação útil
- convenção pesada → dogma limitador

As convenções ajudam a organizar a experiência quando são flexíveis.

uso rígido → experiência reduzida

Quando aplicadas com mão pesada, tornam-se dogmas que estratificam o comportamento.

11. Espontaneidade estratificada

gesto espontâneo → costume → sistema rígido

Cada costume começou como reação viva.

espontaneidade original → ordem artificial

Quando o gesto vivo se transforma em programa obrigatório, deixa de expressar a experiência.

ordem exterior / interior → estratificação

12. A visão privada de Ruburt

Ruburt → visão privada → expressão única

Ruburt insiste na sua própria percepção da realidade desconhecida.

experiência direta → boletins próprios

Por isso, traz relatos que não coincidem com a linha psíquica convencional.

visão original → discordância com os postais

A sua força está em não trocar a experiência viva por mapas herdados.

13. Postais práticos, coloridos e enganadores

postal psíquico → imagem simples → aparência útil

Os postais são atraentes porque dão segurança.

segurança → previsibilidade

Mas também enganam, porque substituem a realidade por representação.

- postal ≠ território
 - guia ≠ experiência direta
-

14. Discrepâncias entre viajantes

viajantes diferentes → instantâneos diferentes

Na realidade física, espera-se diversidade de imagens.

quintal de manhã ≠ outro lugar do mundo

Mas os viajantes interiores temiam que diferenças entre relatos destruíssem a credibilidade.

discrepância → medo → retoque

15. O acordo tácito

medo de descrédito → histórias alinhadas → convenção coletiva

Os viajantes para reinos desconhecidos eram vistos como marginalizados.

programas que mais ninguém vê → suspeita social

Para evitar serem considerados insanos, passaram a usar os termos daqueles que tinham ido “antes”.

experiência nova → linguagem velha

16. Realidade criada pelas crenças

crença → percepção → materialização

Na realidade desconhecida, os pensamentos tornam-se imediatamente visíveis e reais.

acreditar em demónios → ver demónios

Mas esses demónios são formações da psique, projetadas como miragens sobre um ambiente real não percebido.

crença privada → miragem psíquica → falso território

17. Demónios em vez de tigres

Ásia → tigres possíveis

realidade desconhecida → demónios possíveis se procurados

Seth compara os demónios aos tigres: podem existir enquanto experiência procurada dentro de certo percurso, mas não definem o território inteiro.

guia turístico psíquico → caça aos demónios

A crença determina para onde a consciência olha.

18. Realidade válida, não irreal

formação da realidade → experiência válida

O mundo físico é criado individual e coletivamente, mas possui uma base partilhada.

acordo coletivo → ambiente comum

Não é irreal; é uma das aparências que a realidade assume.

realidade → aparência válida → campo de experiência

O mesmo se aplica a outras realidades.

19. Postal e realidade desconhecida

imagem diante dos olhos ≠ postal artificial

Há diferença entre a experiência direta e a sua representação.

realidade desconhecida ≠ postais sobre a realidade desconhecida

Os postais podem apontar, mas não substituem o território.

representação → útil apenas se não dominar a visão

20. Ruburt procura a coisa real

Ruburt → experiência direta → percepções próprias

Ruburt quer a realidade desconhecida em si, não a versão herdada dela.

- postais → cenas pré-dadas
- percepção privada → contato vivo

Esta é a ética exploratória do capítulo: não negar mapas, mas não viver dentro deles.

21. Sons rápidos e composição celular

spin dos elétrões → composição celular → limites das células

Jane capta sons belos, rápidos, musicais, ligados ao spin eletrônico e à estrutura celular.

- elétrons → velocidade mais rápida
- células → forma e fronteira

A personalidade começa a ser percebida como som, luz, célula e ritmo.

22. O som aprisionado no cristal

- cristal → som em transe
- célula → som vivo

Jane percebe um som fantástico aprisionado num cristal que fala através da luz.

som → luz → essência da personalidade

A personalidade surge como padrão vibratório multidimensional.

23. Sons coloridos como joias

som → cor → joia → personalidade

Jane capta sons coloridos, quase cristalinos.

audição colorida → som-luz

A experiência junta percepção sonora, visual e psíquica.

- som interior → valor de luz
 - luz interior → valor de som
-

24. A semente da personalidade

personalidade → semente → muitos tempos e lugares

A personalidade cai nos mundos como uma semente levada pelo vento.

semente → ambiente → mundos múltiplos

Ela não se limita a uma existência ou a um tempo.

personalidade → expressão em realidades diversas

25. O tom verdadeiro

personalidade → som próprio → tom verdadeiro

Cada personalidade possui uma tonalidade única.

tom verdadeiro → identidade vibratória

Esse tom é tocado em diferentes acordes conforme a realidade em que se expressa.

- mesmo tom → múltiplos acordes
 - mesma essência → várias expressões
-

26. Separação e sinfonia

- cada som → único
- cada som → parte da sinfonia

Cada som reconhece a sua própria separação, mas funde-se numa totalidade maior.

- individualidade → singularidade
- sinfonia → interligação

A identidade não se perde na unidade; participa nela.

27. Self e célula como notas

- célula → nota
- self → nota

Cada célula e cada self tocam de forma semelhante.

- variação mínima → significado
- nota individual → afeta todas as outras

A personalidade é uma estrutura musical de interdependência.

28. Mais do que uma realidade

self → toca em várias realidades

Jane ouve as notas juntas e separadas.

simultaneidade → unidade + distinção

Como gotas de chuva, cada nota mantém a sua individualidade dentro do conjunto.

múltiplas realidades → uma composição

29. Ir além dos postais convencionalizados

tom verdadeiro → caminho próprio

Jane reconhece que deve seguir o seu próprio tom.

postais convencionalizados → limites herdados

tom verdadeiro → orientação interior

A visão privada não é capricho: é fidelidade ao padrão essencial da personalidade.

30. O próprio significado no universo

tom verdadeiro reconhecido → sentido próprio

Quando se toca o próprio tom, reconhece-se o próprio lugar no universo.

- não é preciso verbalizar
- reconhecimento interior → certeza

A experiência dá direção, mesmo antes de poder ser traduzida em palavras.

31. Tons-sentimento

tom verdadeiro → tons-sentimento → forma do espírito na carne

O tom verdadeiro liga-se aos tons-sentimento: qualidades profundas e únicas do ser.

energia física → movimento + fibra + timbre

Cada pessoa possui uma tonalidade de sentimento própria, que dá forma à sua experiência física.

32. Som, luz e corpo

- som interior → mensagens corporais
- luz interior → valor sonoro

No corpo, som e luz operam como frequências mensageiras.

frequência → resposta corporal

Quando o tom verdadeiro fica turvado, o corpo desafina.

tom verdadeiro reconhecido → reorientação física possível

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

corpo entre realidades → estação física → viagens da consciência
→ instantâneos → postais psíquicos → convenções interiores →

dogmas psíquicos → visão privada de Ruburt → experiência direta
→ sons coloridos → semente da personalidade → tom verdadeiro

A oposição central é:

- **experiência direta** → visão privada → instantâneo original

contra

- **postal psíquico** → guia prévio → convenção → turismo interior

A chave prática é:

- não confundir mapa com território
- não confundir postal com realidade
- não confundir tradição psíquica com experiência viva

E a chave profunda é:

- **tom verdadeiro** → orientação interior → expressão única da personalidade

Formulação central:

A realidade desconhecida só pode ser explorada autenticamente quando a consciência deixa de depender dos postais psíquicos herdados e confia na sua visão privada; então, para além das imagens convencionais, começa a reconhecer o seu próprio tom verdadeiro — a assinatura viva, sonora, luminosa e multidimensional da personalidade.

CAPÍTULO 37

A Biblioteca Psíquica, os Modelos da Realidade e a Elasticidade da Consciência

Seguem-se agora alguns excertos das notas de Jane, tal como os reuni. Recordo ao leitor que veja o relato muito mais longo dela própria sobre toda a experiência de desdobramento da consciência no Capítulo 2 de *"Política Psíquica"*.

«Existem modelos em constante mudança para a realidade física, transformando-se continuamente de acordo com novas equações instantaneamente estabelecidas a cada nova estabilização. Sintonizamo-nos com esses modelos, e as nossas interseções com eles alteram-nos em qualquer ponto dado, fazendo surgir novas dimensões de atualidade que então se estendem a partir desse novo foco.»

«Então, entre um momento e o seguinte, o mundo mudou literalmente para mim. Estou a vê-lo de uma perspectiva inteiramente diferente. É como o velho mundo, mas infinitamente mais rico, mais "agora", melhor construído e com muito maior profundidade.

«As palavras não descrevem isto de todo. Cada pessoa que passa pelo carro é mais do que tridimensional, super-real neste tempo, mas parte de um “modelo” de um self maior... e a realidade de cada pessoa é, óbvia e claramente, mais do que tridimensional. Sei que me estou a repetir aqui, mas é como se antes eu tivesse visto apenas uma parte das pessoas ou das coisas. O mundo está agora tão mais sólido¹ que, em contraste, a minha experiência anterior dele parece uma versão pobre, composta por pontos desconexos ou por um foco desfocado...»

«Qualitativamente, a praça do supermercado era tão diferente do habitual que eu mal conseguia acreditar. Enquanto Rob fazia as compras, continuei a olhar — e a olhar — e a olhar. Sabia que cada pessoa que via tinha livre-arbítrio, e, contudo, cada movimento era inevitável, e de algum modo não havia contradição. Conseguia olhar para cada pessoa e sentir o seu “modelo” e todas as variações, e ver como o modelo estava aqui e agora na pessoa. Via essas pessoas como Pessoas Verdadeiras, no sentido de um povo inteiro.

¹ A declaração de Jane sobre os aspetos «super-reais» do seu estado extático — de que «o mundo está agora tão mais sólido» — levou-me rapidamente a procurar material relevante que me lembrava de Seth ter dado, mas que não conseguia localizar. Encontrei duas fontes em Seth Fala. No Capítulo 7:

“Existem realidades que são «relativamente mais válidas» do que a vossa... a vossa mesa física, por exemplo, pareceria sombria em contraste... Teriam uma espécie de «supermesa», nesses termos. O vosso não é um sistema de realidade formado pela concentração mais intensa de energia... Outras porções de vós próprios, portanto, das quais não estão conscientemente conscientes, habitam aquilo a que poderiam chamar um supersistema de realidade, no qual a consciência aprende a lidar com, e a perceber, concentrações de energia muito mais fortes...

No Capítulo 16:

“Compreendem que existem espectros de luz. Assim também existem espectros de matéria. O vosso sistema de realidade física não é denso em comparação com alguns outros. As dimensões que dão à matéria física mal começam a sugerir as variedades de dimensões possíveis. Alguns sistemas são muito mais pesados ou mais leves do que o vosso...”

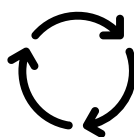
Essas pessoas estavam “mais aqui”, de algum modo mais plenas, mais completas. As pessoas pareciam ser clássicos de si próprias.

«Fiquei de frente para um grupo de lojas e vi-as também como modelos e as suas variações. O mesmo se aplicava a tudo aquilo para que olhava. Pensei: “Estou a ser enchida até à borda”; e, por um momento, perguntei-me se me tinham posto uns óculos novos espetaculares. No início, escrever estas notas exigiu esforço. Eu queria apenas olhar para sempre.»

«Uau», exclamou Jane, «eu não tocaria em ácido [LSD] por nada depois disto. Quem precisa?» Ri-me: «Como fazer a tua própria viagem gratuita, hein?»

Ela não usa drogas alucinogénicas de qualquer tipo.

«Ao voltar para casa com Rob, por exemplo, senti a terra a sustentar a estrada, que sustentava os pneus e o carro. Senti isto fisicamente, da mesma forma que sentimos, digamos, a temperatura; um suporte ou pressão positivos que mantinham a estrada erguida e quase pareciam empurrá-la para cima por si próprios, num arco longo e poderoso, como o dorso de um animal gigante.»



— *Eu disse, na nossa última sessão, que a noite era importante para Ruburt, e isso é verdade por muitas razões. Este livro trata da realidade desconhecida, e Ruburt iniciou, na semana passada, uma excursão diferente a outras dimensões.*

— *Espero, nestas sessões, mostrar as ligações indivisíveis entre a experiência da psique em vários níveis e a experiência resultante em termos de sistemas variados — cada um válido, cada um relacionado, em maior ou menor grau, com a vida que conhecem.*

— *Ruburt permitiu que uma porção da sua consciência desta vida seguisse por uma tangente, por assim dizer, por outro caminho para outro sistema de atualidade — isto é, para a sua biblioteca psíquica. A sua vida ali é tão válida como a sua existência no vosso mundo. No estado de vigília, agora, ele é capaz de alterar a direção do seu foco com precisão suficiente para produzir uma condição na qual percebe ambas as realidades simultaneamente. Está apenas a começar; por isso, até agora, só ocasionalmente está consciente dessa outra experiência. Contudo, está agora consciente dela no fundo da mente, mais ou menos de forma constante. Ela não invade o mundo que conhece, mas enriquece-o.*

— *Os conceitos de “A Realidade «Desconhecida»” ajudarão a expandir a consciência de cada um dos seus leitores, e a própria obra é apresentada de tal modo que automaticamente puxa a vossa consciência para fora dos seus sulcos habituais, para que ela salte de um lado para o outro entre a versão padronizada do mundo que*

aceitam e as versões não oficiais que são sentidas, mas geralmente desconhecidas por vocês.

— Ora, enquanto Ruburt transmite este material, a mesma coisa lhe acontece de outro modo, de forma que, em certos aspetos, ele tem andado a saltar de uma dimensão para outra, praticando com a elasticidade da sua consciência; e neste livro, mais do que nos anteriores, a sua consciência foi enviada mais longe, por assim dizer. A própria transmissão do material ajudou-o a desenvolver a flexibilidade necessária às suas buscas mais recentes.

— Uma compreensão clara, ou uma exploração eficaz da realidade desconhecida, só pode ser alcançada quando são capazes de deixar para trás muitos «factos» que aceitaram como critérios de experiência. "A Realidade «Desconhecida»" também está escrita de tal modo que, espero, porá em questão muitas das vossas crenças estimadas sobre a existência. Então poderão olhar até para esta existência com novos olhos.

— Ruburt está a dar este novo passo a partir da vossa perspetiva e, desse ponto de vista, está a fazer duas coisas.

— Está conscientemente a entrar noutra sala da psique e também a entrar na realidade que lhe corresponde. Isto junta as duas experiências, de modo que coincidam. Contudo, elas são mantidas tanto separadamente como em foco conjunto. Em regra, usam um determinado nível particular de consciência, e este correlaciona todas as vossas atividades conscientes.

— Disse-vos que o próprio corpo físico era capaz de captar outras mensagens neurológicas além daquelas às quais normalmente reagem. Agora deixem-me acrescentar que, quando se atinge certa proficiência nas alterações da consciência, isto permite-vos familiarizarem-se, na prática, com algumas dessas outras mensagens neurológicas. Desta forma, Ruburt é capaz de percepcionar fisicamente aquilo que está a fazer na sua «biblioteca».

— Ele viu primeiro esta biblioteca a partir do interior, na passada quarta-feira. Estava simultaneamente ele próprio aqui nesta sala, a observar a imagem de si próprio numa sala de biblioteca, e era também o self na biblioteca. Diante dele, viu uma parede de livros, e o self na sala soube subitamente que o seu propósito aqui, nesta realidade, era recriar alguns desses livros. Soube que estava a trabalhar em ambos os níveis. A realidade desconhecida e a realidade conhecida fundiram-se, encaixaram-se, e foram vistas como os lados opostos uma da outra.

— Ele tem trabalhado comigo há algum tempo, nos vossos termos, mas eu não «controlo» de modo algum a sua realidade subjetiva. Certamente tenho sido seu professor. Contudo, o seu progresso é sempre o seu próprio desafio e a sua própria responsabilidade, e, basicamente, aquilo que faz com o meu ensino cabe-lhe a ele. Entre parêntesis e com humor: neste momento, dou-lhe um A.

— Como muitos, porém, foi educado a acreditar que a função do intelecto era sobretudo dissecar, criticar e analisar, em vez de, por

exemplo, unir e construir criativamente; e a análise era entendida como separação dos elementos de um conceito, e não como restrição de conceitos originais. Os novos conceitos eram pensados como intuitivos ou psíquicos, em oposição aos deveres convencionais do intelecto, pelo que os dois pareciam separados.

— *Por isso, Ruburt sentia-se obrigado, como questão de princípio, a questionar com o máximo vigor qualquer construção intuitiva. Na verdade, isto proporcionou um excelente método transitório de trabalho, pois aquilo que ele pensava serem intuições apresentava instantaneamente uma nova construção psíquica em resposta àquilo que ele pensava ser escrutínio e ceticismo intelectuais.*

— *Na verdade, o intelecto e as intuições caminham de mãos dadas. Na experiência de Ruburt, os dois finalmente começaram a trabalhar juntos como deveriam. Aquilo a que chamo o intelecto elevado assumiu então o comando: uma combinação soberba de capacidades intuitivas e intelectuais a trabalharem juntas, de tal modo que quase parecem formar uma nova faculdade.*

— *Esse desenvolvimento libertou Ruburt de muitas limitações antigas e permitiu-lhe, por fim, ter experiência prática com a realidade desconhecida em termos íntimos. A biblioteca de Ruburt existe tão seguramente como esta sala. Também existe tão inseguramente como esta sala. Uma coisa é estar teoricamente convencido de que outros mundos existem e retirar certo conforto*

e alegria dessa ideia. Outra coisa bem diferente é encontrar-se nesse ambiente e sentir os mundos coincidirem.

— A realidade é, acima de tudo, prática; por isso, quando expandem os vossos conceitos acerca da natureza da realidade, é provável que se sintam escandalizados, chocados ou simplesmente desorientados. Assim, neste trabalho, apresento-vos não só probabilidades enquanto conjectura, mas mostro-vos frequentemente como tais probabilidades afetam a vossa vida diária, dando exemplos das formas como as vidas de Ruburt e Joseph foram tocadas por elas.

— Durante algum tempo, muitos de vocês brincarão com os conceitos, evitando ao mesmo tempo todos os encontros diretos com qualquer outra experiência que não aquela já aceitável. Contudo, as imensidões das vossas próprias capacidades falam nos vossos sonhos, nos vossos momentos privados, e até, inaudivelmente, no conhecimento das vossas próprias moléculas.

— Existem civilizações da psique, e só aprendendo sobre elas descobrirão a verdade acerca das civilizações «perdidas» do vosso planeta, pois cada uma dessas culturas físicas coincidiu com, e emergiu de, uma porção correspondente da psique que ainda agora possuem.

— Muitos de vocês ficam fascinados por teorias ou conceitos que insinuam a multidimensionalidade dos vossos seres e, contudo, ficam escandalizados com qualquer prova que a sustente.

— *Muitas vezes interpretam tais provas nos termos dos dogmas que já vos são familiares. Isso torna-as mais aceitáveis.*

— *Ruburt ficava muitas vezes quase indignado quando confrontado com tais provas, mas também se recusava a moldá-las a uma aparência convencionalizada; e a sua própria curiosidade e capacidades criativas mantiveram-no suficientemente flexível para que a aprendizagem pudesse ocorrer enquanto mantinha contacto normal com o mundo que conhecem.*

— *Teve muitas experiências nas quais vislumbrou momentaneamente a rica alteridade dentro da realidade física. Conheceu percepções intensificadas de natureza única. Nunca antes, contudo, tinha dado um passo firme, em estado de vigília, para outro nível da realidade, onde se permitiu sentir a vívida ligação contínua entre mundos. Escondeu de si próprio o seu propósito, como muitos de vocês fazem. Ao mesmo tempo, estava naturalmente a persegui-lo, tal como todos vocês trabalham em direção aos vossos próprios objetivos.*

— *Admitir o seu propósito, contudo, trazê-lo para a luz do dia, significaria para Ruburt uma declaração privada e pública de afiliação que antes não era capaz de fazer. Os objetivos de cada um de vocês diferem. Alguns embarcam em aventuras que lidam com contacto familiar íntimo, envolvimento pessoal profundo com filhos, ou outras carreiras que se cruzam «verticalmente» com a experiência física. Assim, as viagens a realidades desconhecidas podem ser altamente intrigantes e representar importantes aspetos*

secundários das vossas preocupações atuais. Esses interesses serão para vocês como uma vocação paralela, acrescentando grande compreensão e profundidade à vossa experiência.

— Ruburt e Joseph escolheram especializar-se, por assim dizer, precisamente nessas excursões ou explorações que são secundárias para outros. O foco da consciência de cada um deles foi, portanto, composto por uma determinada espécie de mistura que tornou tais probabilidades, nos vossos termos, possíveis como incentivos principais.

— Cada pessoa está no seu lugar. Vocês estão onde estão porque a vossa consciência formou esse tipo de realidade. Toda a vossa situação física estará ajustada a ela, e a vossa estrutura neurológica seguirá o padrão habitual. À medida que aprendem a pôr de lado antigos conceitos, começarão a experienciar a evidência de outros níveis de realidade e a tornar-se conscientes de outras «mensagens» que antes bloqueavam. Uma determinada porção do período de treino de Ruburt terminou. O foco inteiro da sua personalidade aceita agora a validade de muitos mundos — e isto em termos práticos.

— Disse-vos muitas vezes que a vossa consciência não é estacionária, mas sempre móvel e criativa, de modo que cada um de vocês se desloca através da própria psique ao longo da vida. A vossa experiência física é correspondentemente alterada. Durante estes anos, portanto, a posição de Ruburt dentro da sua psique deslocou-se gradualmente até encontrar uma nova base, para ele

melhor e mais firme. A partir deste novo enquadramento, pode lidar mais eficazmente com diferentes tipos de estímulos e reuni-los para construir um modelo compreensível de outras realidades.

— Continuarei a falar a partir do meu próprio ponto de vista único, mas, nos vossos termos, Ruburt é um de vocês, e as suas explorações, tomadas a partir da vossa perspetiva, podem ser extremamente valiosas.

— Estes livros, os escritos e os ainda não escritos, dele e meus, fornecerão enquadramentos para outros seguirem, se quiserem, como quiserem.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra Ruburt/Jane a passar da teoria da realidade desconhecida para uma experiência prática e simultânea de dois sistemas de realidade. A “biblioteca psíquica” surge como outro nível de atualidade, tão válido quanto o mundo físico, no qual uma porção da consciência de Ruburt trabalha, enquanto o seu foco físico permanece ativo. Seth usa esta experiência para mostrar que a consciência não é fixa: desloca-se através da psique, altera o seu ponto de base e pode aprender a perceber outros modelos de realidade.

A função central do capítulo é esta:

a consciência pode tornar-se suficientemente elástica para manter contato simultâneo com mais do que uma realidade, percebendo os modelos mais amplos que sustentam o mundo físico e usando essa experiência para construir uma compreensão prática da realidade desconhecida.

1. Modelos em constante mudança

realidade física → modelos subjacentes → novas estabilizações

A realidade física não é uma estrutura fixa.

modelo → interseção da consciência → alteração do modelo

Cada contato da consciência com esses modelos modifica-os.

novo foco → novas dimensões de atualidade

O mundo físico é uma atualização contínua de modelos mais profundos.

2. O mundo super-real

percepção ampliada → mundo mais sólido → mundo mais “agora”

Jane vê o mundo físico como infinitamente mais rico, profundo e presente.

- pessoas → mais do que tridimensionais
- objetos → modelos + variações

A realidade comum revela uma versão mais densa, plena e intensificada de si própria.

3. Pessoas Verdadeiras

pessoa visível → modelo maior → variações possíveis

Cada pessoa surge como expressão atual de um self mais amplo.

livre-arbítrio + inevitabilidade → sem contradição

Cada movimento parece livre e, ao mesmo tempo, integrado num padrão maior.

indivíduo → clássico de si próprio

4. A terra como suporte vivo

terra → estrada → pneus → carro

Jane sente fisicamente a cadeia de sustentação da matéria.

suporte físico → pressão viva → dorso de animal gigante

A realidade física deixa de parecer inerte e revela-se como apoio ativo, vivo, participante.

5. A excursão de Ruburt

Ruburt → porção da consciência desta vida → tangente

Uma parte da consciência de Ruburt segue outro caminho.

outro caminho → outro sistema de atualidade → biblioteca psíquica

A biblioteca não é fantasia: é uma realidade simultânea.

vida ali → tão válida como vida aqui

6. Duas realidades em foco

estado de vigília → alteração precisa do foco

Ruburt começa a perceber duas realidades ao mesmo tempo.

mundo físico + biblioteca psíquica → foco simultâneo

A outra experiência não invade a realidade física.

não intrusão → enriquecimento

7. A obra como dispositivo de expansão

A Realidade «Desconhecida» → consciência do leitor → fora dos sulcos habituais

O livro é estruturado para deslocar a atenção.

realidade padronizada ↔ versões não oficiais

A leitura faz a consciência oscilar entre o mundo aceite e as realidades pressentidas.

8. Elasticidade da consciência

transmissão do material → prática dimensional

Enquanto transmite o livro, Ruburt também é transformado por ele.

consciência → salta entre dimensões → ganha flexibilidade

A própria obra treina a elasticidade necessária para novas explorações.

9. Deixar para trás os “factos”

factos aceites → critérios de experiência

Para explorar a realidade desconhecida, é preciso suspender muitos pressupostos.

crenças estimadas → postas em questão

Só então a existência física pode ser vista com novos olhos.

10. Outra sala da psique

psique → múltiplas salas → realidades correspondentes

Ruburt entra conscientemente noutra sala da psique.

sala psíquica → realidade correspondente

As duas experiências coincidem, mas não se confundem.

foco separado + foco conjunto

11. Mensagens neurológicas não habituais

corpo físico → capta mensagens neurológicas não oficiais

O corpo pode receber mais dados do que aqueles a que normalmente responde.

alteração de consciência → proficiência → familiaridade prática

Ruburt começa a perceber fisicamente aquilo que faz na biblioteca.

experiência psíquica → sensação corporal

12. A biblioteca vista de dentro

- Ruburt na sala → observa self na biblioteca
- Ruburt na biblioteca → vive a biblioteca

Ele é simultaneamente o observador físico e o self naquele outro ambiente.

parede de livros → propósito → recriar alguns livros

A realidade conhecida e a desconhecida encaixam-se como lados opostos uma da outra.

13. Seth como professor, não controlador

- Seth → professor
- Ruburt → responsabilidade própria

Seth não controla a realidade subjetiva de Ruburt.

ensino → desafio pessoal → uso criativo

O progresso de Ruburt pertence-lhe.

14. Intelecto e intuição

- intelecto convencional → dissecar / criticar / analisar
- intuição → novos conceitos / construções psíquicas

Ruburt aprendeu a questionar vigorosamente qualquer construção intuitiva.

ceticismo intelectual → resposta intuitiva → novo constructo

Esse conflito serviu como método transitório de trabalho.

15. O intelecto elevado

intelecto + intuição → colaboração

Quando deixam de se opor, formam uma nova capacidade.

capacidades intuitivas + intelectuais → intelecto elevado

O intelecto elevado une, constrói, organiza e compreende.

nova faculdade → experiência prática da realidade desconhecida

16. A biblioteca existe — segura e inseguramente

- biblioteca psíquica → tão seguramente como esta sala

- esta sala → tão inseguramente como a biblioteca

Seth desmonta a hierarquia habitual entre físico e psíquico.

convicção teórica ≠ experiência direta

Uma coisa é acreditar em outros mundos; outra é estar neles e sentir mundos coincidir.

17. A realidade é prática

realidade expandida → desorientação possível

Quando os conceitos se alargam, a experiência pode chocar.

- probabilidades → não só conjectura
- probabilidades → efeitos na vida diária

A realidade desconhecida não é abstração: toca vidas concretas.

18. Brincar com conceitos ou encontrar a experiência

- conceito → fascínio seguro
- encontro direto → transformação

Muitos brincarão com ideias multidimensionais, mas evitarão experiências que as confirmem.

sonhos + momentos privados + moléculas → capacidades imensas

A própria constituição do ser fala da multidimensionalidade.

19. Civilizações da psique

civilizações físicas perdidas → porções correspondentes da psique

As culturas desaparecidas do planeta não podem ser compreendidas apenas arqueologicamente.

cultura física → emerge de civilização psíquica

A chave das civilizações perdidas está nas civilizações interiores da psique.

20. Fascínio e escândalo

- teoria multidimensional → fascínio
- prova multidimensional → escândalo

As pessoas gostam de conceitos que insinuam a vastidão do ser, mas resistem quando essa vastidão se torna evidente.

prova nova → traduzida por dogma antigo

O dogma torna a experiência mais aceitável, mas também a limita.

21. A recusa da aparência convencionalizada

- Ruburt → prova psíquica → indignação inicial
- Ruburt → recusa do disfarce convencional

A sua curiosidade e criatividade mantêm-no flexível.

flexibilidade → aprendizagem

contato normal com o mundo → exploração da alteridade

22. A rica alteridade dentro do físico

realidade física → contém outras camadas

Ruburt já tinha vislumbrado a alteridade dentro do mundo comum.

percepções intensificadas → indícios

Mas agora dá um passo firme, em vigília, para outro nível da realidade.

vigília → ligação contínua entre mundos

23. O propósito escondido

propósito interior → escondido do self consciente

Ruburt escondia de si mesmo o seu propósito, como muitos fazem.

propósito escondido → ainda assim perseguido

A vida move-se em direção aos seus objetivos mesmo antes de estes serem plenamente admitidos.

24. Declaração de afiliação

admitir propósito → declaração privada + pública

Para Ruburt, reconhecer esse caminho significava assumir uma afiliação profunda.

realidade desconhecida → não passatempo → vocação central

Outras pessoas têm aventuras centradas em família, filhos, carreira ou envolvimento físico direto.

cada consciência → objetivo próprio

25. Vocação paralela ou especialização

- para muitos → realidades desconhecidas como vocação paralela
- para Ruburt e Joseph → exploração como incentivo principal

Ruburt e Joseph escolheram especializar-se nas excursões que, para outros, seriam secundárias.

mistura de consciência → probabilidades específicas

A própria composição do foco deles tornou essas explorações possíveis.

26. Cada pessoa está no seu lugar

consciência → forma realidade → situação física correspondente

Cada pessoa está onde está porque a consciência formou esse tipo de realidade.

situação física → estrutura neurológica → padrão habitual

Ao abandonar conceitos antigos, surgem provas de outros níveis.

conceitos antigos removidos → mensagens antes bloqueadas

27. O fim de uma fase de treino

Ruburt → período de treino parcial concluído

O foco inteiro da sua personalidade aceita agora a validade de muitos mundos.

validade de muitos mundos → termos práticos

A crença deixa de ser ideia e torna-se modo operativo.

28. Deslocar-se através da psique

consciência → móvel + criativa

Cada pessoa desloca-se através da sua própria psique ao longo da vida.

posição na psique → experiência física alterada

Ruburt deslocou o seu ponto de base interior.

novo ponto de base → melhor enquadramento → estímulos integrados

29. Construir modelos compreensíveis

estímulos diversos → integração → modelo de outras realidades

A nova posição de Ruburt permite-lhe organizar experiências de outras realidades de forma compreensível.

exploração privada → valor para outros

As suas experiências servem como referência a partir da perspectiva humana.

30. Enquadramentos para outros

livros escritos + livros por escrever → mapas flexíveis

As obras de Seth e Ruburt fornecem enquadramentos para outros seguirem.

se quiserem → como quiserem

Não são dogmas nem postais rígidos, mas estruturas abertas de exploração.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

modelos da realidade → percepção super-real → biblioteca psíquica → duas realidades simultâneas → elasticidade da consciência → sala da psique → mensagens neurológicas não oficiais → intelecto elevado → experiência prática → civilizações da psique → propósito assumido → novo ponto de base → enquadramentos para outros

A chave operacional é:

- consciência fixa → realidade única
- consciência elástica → realidades simultâneas
- alteração de foco → nova sala da psique
- nova sala da psique → realidade correspondente

A oposição central é:

- teoria sobre outros mundos

contra

- experiência prática de mundos coincidentes

Formulação central:

A consciência não está presa a uma única versão da realidade: desloca-se através da psique, muda de ponto de base e pode aprender a manter foco simultâneo em sistemas diferentes. A biblioteca psíquica de Ruburt mostra, em termos práticos, que outras realidades não são apenas conceitos, mas ambientes válidos, ligados a modelos mais profundos da realidade física e acessíveis pela elasticidade da consciência.

PARTE CINCO

*Como Viajar para a Realidade
«Desconhecida»:
Pequenos Passos, Passos Gigantes,
Vislumbres e Encontros Diretos*

CAPÍTULO 38

O Foco Claro, a Mobilidade da Consciência e as Primeiras Viagens entre Estações

— Esta secção tratará de vários métodos que vos permitirão entrar em contacto com a realidade desconhecida, numa medida ou noutra. Falámos do ser humano provável, sugerimos civilizações prováveis e mencionámos sistemas alternativos de atualidade. Contudo, estes não existem completamente separados do mundo que conhecem, nem inteiramente desligados da psique. Se não têm experiência com tais realidades, então a sua existência permanece uma conjectura encantadora ou especulativa.

— A realidade desconhecida é uma variação daquela que conhecem, de modo que muitas das suas características estão latentes, e não predominantes, na vossa experiência privada e coletiva. Qualquer encontro com tais fenómenos incluirá, portanto, trazer ao foco elementos nos quais habitualmente não se concentram. A vossa consciência tem de aprender a organizar-se de mais do que uma maneira — ou melhor, vocês têm de estar dispostos a permitir que a vossa consciência se utilize a si própria mais plenamente.

— Não se trata necessariamente de tentar ignorar os conteúdos do mundo, nem de negar a vossa percepção física. Pelo contrário, o

truque é ver os conteúdos do mundo de modos diferentes, libertando os vossos sentidos físicos das restrições que as vossas convenções mentais lhes impuseram.

— Cada «estação» particular da consciência percebe um tipo diferente de realidade e, como foi mencionado anteriormente, vocês sintonizam-se habitualmente com a vossa estação de origem durante a maior parte do tempo. Se desviarem o vosso foco apenas ligeiramente, o mundo surge de outro modo; e, se esse foco ligeiramente alterado fosse o predominante, então seria assim que o mundo pareceria ser.

— Cada aspeto da psique percebe a realidade na qual está focalizado, e essa realidade é também a materialização de um determinado estado da psique projetado para fora. Podem aprender a encontrar outras realidades alterando a vossa posição dentro da própria psique.

— Para começar, têm primeiro de se familiarizar com o funcionamento da vossa própria consciência tal como ela está dirigida para o mundo físico. Não podem saber quando estão em foco com outra realidade se nem sequer percebem como se sente estar plenamente em foco com a vossa. Muitas pessoas entram e saem gradualmente desse estado sem se aperceberem, e outras são capazes de acompanhar a sua própria «deriva interior». Aqui, o simples devaneio representa uma ligeira deslocação da consciência para fora dos dados sensoriais diretamente recebidos.

— *Se ouvirem uma estação de rádio FM, há um prático mecanismo de fixação que mantém automaticamente a estação em foco claro; impede que o programa «derive». Da mesma forma, quando devaneiam, afastam-se em deriva da vossa estação de origem, embora continuem, em termos gerais, relacionados com ela. Também possuem, contudo, o equivalente mental do mecanismo de fixação do FM. Da vossa parte, isto é resultado de treino, de modo que, se os vossos pensamentos ou experiência se afastarem demasiado, esse mecanismo mental os traz de volta à linha. Normalmente, isto é automático — uma resposta aprendida que, por esta altura, parece quase instintiva.*

— *Têm de aprender a usar conscientemente este mecanismo para os vossos próprios fins, pois ele é extremamente prático. Muitos de vocês não prestam atenção à própria experiência, subjetivamente falando, pelo que entram e saem do foco claro nesta realidade, mal se apercebendo disso. Muitas vezes, o vosso programa diário não está tão claro ou tão bem focalizado como deveria, mas cheio de estática; e, embora isto possa incomodar-vos, frequentemente toleram-no, ou até se habituam tanto à falta de harmonia que se esquecem de como é uma receção clara.*

— *Contudo, neste mundo estão rodeados de objetos, detalhes e ideias familiares, e a vossa orientação principal é física, pelo que conseguem operar apenas por hábito, mesmo quando não estão tão bem focalizados dentro da vossa realidade como deveriam estar.*

— Quando viajam para outros sistemas, porém, não podem depender dos vossos hábitos. Na verdade, muitas vezes estes só conseguem aumentar a vossa desordem mental, transformando-se em «estática» — por isso, antes de mais, têm de aprender o que é um foco claro.

— Não o aprenderão tentando escapar à vossa própria realidade, nem tentando embotar os sentidos. Isso só pode ensinar-vos o que significa não focalizar; e, em qualquer realidade que visitem, a capacidade de focalizar clara e adequadamente é um requisito indispensável. Assim que aprenderem a sintonizar-se verdadeiramente, compreenderão então o que significa mudar a direção do vosso foco.

— Um dos exercícios mais simples dificilmente é original, mas é de grande benefício.

ELEMENTO PRÁTICO 11

— Tentem experienciar todos os vossos dados sensoriais presentes tão plenamente quanto conseguirem. Isto tonifica todo o vosso organismo físico e psíquico, reunindo todas as vossas perceções, de modo que a vossa consciência se abra plenamente. Corpo e mente operam juntos. Experienciam uma sensação imediata de poder, porque as vossas capacidades são dirigidas ao máximo das suas possibilidades. Num momento físico, podem agir diretamente no lugar, por assim dizer.

— *Sentem-se com os olhos facilmente abertos, deixando a visão abranger tudo o que está diante de vocês. Não forcem. Por outro lado, explorem simultaneamente todo o campo de visão. Escutem tudo. Identifiquem todos os sons, se conseguirem, colocando-os mentalmente junto dos objetos a que correspondem, mesmo que esses objetos estejam invisíveis.*

— *Sentem-se confortavelmente, mas não façam grande tentativa de relaxar. Em vez disso, sintam o vosso corpo de modo alerta — não de uma forma sonolenta e distante. Estejam conscientes da sua pressão contra a cadeira, por exemplo, e da sua temperatura, das suas variações: as mãos podem estar quentes e os pés frios, ou a barriga quente e a cabeça fria. Então, conscientemente, sintam as sensações do vosso corpo. Há algum sabor na vossa boca? Que odores percecionam?*

— *Levem o tempo que quiserem com este exercício. Ele coloca-vos claramente no vosso universo. É um excelente exercício para usar antes de começarem — e depois de terminarem — qualquer experiência que envolva uma alteração da consciência.*

— *Reúnam todas essas sensações. Tentem estar conscientes de todas elas ao mesmo tempo, de modo que uma se acrescente às outras. Se se encontrarem mais preocupados com uma percepção particular, então façam uma tentativa de trazer as ignoradas para o mesmo foco claro. Deixem que todas elas, juntas, formem uma consciência brilhante do momento.*

— Quando estiverem a usar este exercício depois de qualquer experiência com uma alteração da consciência, terminem-no aqui e sigam com as vossas outras ocupações. Também podem utilizá-lo como um passo inicial que vos ajudará a sentir a vossa própria mobilidade interior. Para fazê-lo, procedam como indicado e, quando tiverem a percepção do momento tão clara quanto possível, soltem-na deliberadamente.

— Deixem que a unidade desapareça, no que diz respeito ao vosso pensamento consciente. Deixem de ligar os sons que ouvem aos objetos correspondentes. Não façam qualquer tentativa de unificar visão e audição. Larguem o pacote, por assim dizer, como grupo unificado de percepções. A clareza anterior do momento terá mudado para outra coisa. Escolham um som, se quiserem — digamos, o de um carro a passar — e, com os olhos fechados, sigam esse som na mente. Mantenham os olhos fechados. Tornem-se conscientes de quaisquer percepções que vos cheguem, mas desta vez não julguem nem avaliem. Depois, de súbito, abram os olhos, ponham o corpo em alerta e tentem reunir novamente todas as percepções, tão brilhante e claramente quanto possível.

— Quando tiverem diante de vocês, desta vez, o mundo dos sentidos, deixem-no atingir o clímax, por assim dizer; depois, fechem novamente os olhos e deixem-no desaparecer. Não focalizem. Na verdade, desfocalizem.

— Quando tiverem feito isto vezes suficientes para estarem intimamente conscientes do contraste, terão uma sensação

subjetiva, um ponto de conhecimento dentro de vocês, que vos indicará claramente como a vossa consciência se sente quando está no seu ponto mais fino de foco na realidade física.

— À medida que avançam no vosso dia, tentem, de vez em quando, recuperar esse ponto e trazer todos os dados para a maior clareza possível. Descobrirão que esta prática, se continuada, enriquecerá imensamente a vossa experiência normal. Terão muito mais facilidade em concentrar-se, em atender. Atender é prestar atenção e cuidar. Assim, este exercício permitir-vos-á atender — focalizar a vossa consciência nos assuntos presentes tão clara e vividamente quanto possível. O conhecimento subjetivo do vosso próprio ponto de foco mais fino também servirá como ponto de referência para muitos outros exercícios.

ELEMENTO PRÁTICO 12

— Exercício dois. Têm de trabalhar a partir da vossa própria experiência subjetiva; por isso, quando encontrarem o vosso próprio ponto de foco mais fino, essa será a receção mais clara da vossa estação de origem. Podem sentir que ele tem uma determinada posição na vossa visão interior, ou na vossa cabeça, ou podem descobrir que possuem um símbolo próprio para o representar. Se quiserem, poderiam imaginá-lo como um indicador de estação no vosso próprio rádio ou televisor, mas o vosso reconhecimento subjetivo dele é a vossa própria pista.

— No nosso exercício imediatamente anterior, quando falei de deixarem cair a vossa percepção clara e vos disse para desligarem a visão da audição, estavam a derivar em termos da vossa própria estação de origem. A vossa consciência estava a afastar-se. Desta vez, comecem pelo ponto do vosso foco mais fino, que já estabeleceram, e depois deixem a vossa consciência derivar como indicado. Só que deixem-na derivar numa direção particular — para a direita ou para a esquerda, conforme o que vos parecer mais natural. Desta forma, continuam a dirigi-la e a aprender a orientar-se. No início, quinze minutos, no máximo, para este exercício; mas deixem a vossa consciência derivar na direção que escolheram.

— Cada pessoa terá aqui a sua experiência privada, mas, gradualmente, certos tipos de dados físicos parecerão desaparecer, enquanto outros poderão ganhar proeminência. Por exemplo, poderão ouvir sons mentalmente, sabendo, ao mesmo tempo, que não têm origem física. Poderão não ver nada na mente, ou poderão ver imagens que parecem não ter qualquer correlação exterior, mas talvez não ouçam nada. Durante algum tempo, os dados físicos comuns poderão continuar a intrometer-se. Quando isso acontecer, reconheçam-nos como a vossa estação de origem e deixem-se mentalmente derivar para mais longe dela.

— O que importa é a vossa própria sensação enquanto experienciam a mobilidade da vossa consciência. Se alguma vez ficarem preocupados, regressem simplesmente à vossa estação de origem, voltando para a esquerda ou para a direita conforme a direção que escolheram. Não sugiro que usem «para cima» ou

«para baixo» como direções, por causa das interpretações que possam ter colocado nelas através das vossas crenças.

— Não sejam impacientes. À medida que continuarem com este exercício durante algum tempo, serão capazes de se afastar mais, orientando-se à medida que se familiarizam com a sensação da vossa mente. Gradualmente, descobrirão que estes dados sensoriais interiores se tornarão cada vez mais claros à medida que se deslocam em direção a outra «estação». Representarão a realidade tal como é percebida a partir de outro estado de consciência.

— A primeira viagem da vossa estação de origem para outra, desconhecida, poderá pôr-vos em contacto com vários tipos de transbordamentos, distorções ou estática. Isto é de esperar. São simplesmente o resultado de ainda não terem aprendido a sintonizar claramente a vossa própria consciência com outros tipos de foco.

— Antes de conseguirem captar a estação «seguinte», por exemplo, poderão ver imagens fantasma na mente ou captar versões distorcidas da vossa própria estação de origem. Dispensaram momentaneamente o processo organizador habitual pelo qual unem as percepções sensoriais físicas regulares; por isso, enquanto estão «entre estações», poderão muito bem encontrar sinais mistos de cada uma.

— Quando alteram o vosso foco consciente desta forma, também se afastam da parte da vossa psique que consideram o seu centro. Por outras palavras, estão a viajar através da vossa própria psique, pois realidades diferentes são estados diferentes da psique — materializados, projetados para fora e experienciados. Isto aplica-se também à vossa estação de origem, ou mundo físico.

— Até a vossa estação de origem tem muitos programas, e vocês sintonizaram-se habitualmente com um programa principal e ignoraram outros. As personagens do vosso «programa favorito» de origem podem aparecer com disfarces muito diferentes quando estão entre estações, e elementos de outros programas que ignoraram na origem podem tornar-se subitamente visíveis para vocês.

— Dar-vos-ei um exemplo simples. Na vossa estação de origem, podem sintonizar-se com programas religiosos. Isto significa que talvez organizem a vossa existência diária em torno de princípios altamente idealistas. Podem tentar ignorar aquilo que consideram outros programas, relacionados com ódio, medo ou violência. Podem fazer um trabalho tão bom a organizar os vossos dados físicos em torno do vosso ideal que excluem quaisquer emoções que envolvam medo, violência ou ódio. Quando alteram a consciência, mais uma vez, começam automaticamente a deixar cair antigas organizações de dados. Podem ter desligado aquilo que pensam ser sentimentos ou programação negativos. Estes, contudo, podem ter estado presentes, embora ignorados; e, quando dispensam o vosso método habitual de organizar dados físicos, podem tornar-se subitamente visíveis.

— Se disserem a vocês próprios que o sentimento sexual é errado e organizarem desse modo a vossa programação diária, então, quando «meditarem», ou dispensarem essa orientação, poderão descobrir subitamente que vos é apresentado material que consideram desagradável. Não podem negar a realidade da psique, nem esses sentimentos naturais que experienciam na carne. Quando começam a alterar a percepção, portanto, e a vossa imagem habitual da realidade desaparece, poderão muito bem encontrar, de forma distorcida, elementos da vossa própria realidade que, até então, negaram ou ignoraram cuidadosamente. Isto é muito evidente naqueles que usam o tabuleiro Ouija ou a escrita automática como métodos para alterar a consciência.

— Na vossa estação de origem, os acontecimentos são encontrados claramente no espaço e no tempo. Quando se afastam, porém, podem encontrar acontecimentos no tempo, mas não no espaço, e a realidade que tentaram negar poderá então surgir vividamente. Se compreenderem isto, podem ganhar imensuravelmente, pois, à medida que afastam o vosso foco da vossa realidade organizada, outras porções dela nas quais não se concentraram entrarão em vista.

— Isto pode mostrar-vos o que faltava na vossa estação de origem, se souberem ler as pistas. Formam a vossa estação de origem segundo as vossas crenças. Se acreditarem firmemente, mais uma vez, que o sexo é errado, então a vossa estação de origem poderá envolver-vos numa «programação» de vida na qual tentam constantemente negar a vitalidade da carne. A visão de um corpo nu poderá perturbar-vos. Talvez se dispam às escuras ou

pensem, se forem casados, que o ato sexual é sujo. Se forem homens, talvez se sintam envergonhados daquilo que consideram ser a vossa necessidade.

— Tenho um exemplo a propósito. Um jovem a quem chamarei Joe escreveu a Ruburt uma carta. Deixou a sua casa em São Francisco para viajar para a Índia e estudar com um guru. Disseram-lhe que o desejo sexual prejudica a iluminação espiritual. O seu programa de origem não envolve sexo algum. Joe tenta desesperadamente abster-se. Ao mesmo tempo, quando medita e altera a sua consciência, encontra-se imediatamente com uma dor de cabeça cegante, imagens de mulheres nuas e fantasias de deusas empenhadas em tentá-lo a sair do seu estado celibatário.

— Joe pensa que tais imagens são muito erradas. Em vez disso, elas estão a dizer-lhe alguma coisa — que o seu programa de origem está empobrecido, pois tem negado a realidade do seu ser.¹ Se ignorar o conselho da sua psique, então as suas viagens para a realidade desconhecida serão altamente distorcidas. Deusas sedutoras segui-lo-ão para onde quer que vá.

¹ Mais tarde, no Capítulo 10 de *Política Psíquica*, Jane desenvolveu o material de Seth sobre «Joe». Também relacionou o modelo limitado que Joe tinha da sua natureza com algumas das suas próprias ideias sobre disciplinar o seu «self escritor».

Síntese Operativa

Este capítulo abre a Parte 5 em modo prático. Seth deixa de apresentar apenas mapas da realidade desconhecida e começa a ensinar como a consciência pode deslocar-se entre diferentes «estações» da psique sem perder discernimento, orientação ou ligação à realidade física.

A função central do capítulo é esta:

antes de explorar outras realidades, a consciência precisa de conhecer o seu próprio ponto de foco claro na estação de origem; só então pode aprender a desfocar, deslocar-se, reconhecer sinais interiores e distinguir entre outras estações, transbordamentos e conteúdos negados da própria psique.

1. A realidade desconhecida é uma variação da conhecida

A realidade desconhecida não está totalmente separada do mundo físico nem desligada da psique.

realidade conhecida → variações latentes → realidade desconhecida

O encontro com ela não exige fuga ao mundo, mas alteração do modo como os seus conteúdos são organizados.

- mundo físico → foco habitual → realidade comum
- mundo físico → foco alterado → outras características tornam-se visíveis

A consciência precisa de aprender a usar-se de mais do que uma maneira.

2. Cada estação da consciência organiza uma realidade

Cada «estação» da consciência percebe um tipo diferente de realidade.

- estação de origem → mundo físico
- outra estação → outra organização da realidade

A realidade percebida é a materialização de um estado da psique projetado para fora.

estado da psique → projeção → realidade experienciada

Encontrar outras realidades implica mudar de posição dentro da própria psique.

3. Primeiro: reconhecer o foco claro

Antes de explorar outras estações, é necessário saber como se sente estar plenamente em foco nesta realidade.

- foco claro → estação de origem estabilizada
- sem foco claro → deriva inconsciente

O devaneio já é uma pequena deslocação da consciência, mas geralmente sem orientação.

devaneio → deriva ligeira → afastamento parcial dos dados sensoriais

A tarefa inicial é tornar consciente aquilo que normalmente acontece automaticamente.

4. O mecanismo de fixação

A consciência possui um equivalente mental do mecanismo de fixação de uma estação FM.

deriva → mecanismo mental → regresso à linha

Esse mecanismo mantém a pessoa sintonizada com a estação de origem.

treino aprendido → resposta automática → foco habitual

O objetivo não é eliminar esse mecanismo, mas aprender a usá-lo conscientemente.

mecanismo automático → uso consciente → orientação

5. A estática da experiência quotidiana

Muitas pessoas vivem sem foco claro, mesmo dentro da realidade física.

programa diário → hábitos → receção pouco clara

A familiaridade dos objetos e rotinas permite funcionar por hábito, mesmo com ruído interno.

realidade familiar → operação automática → pouca atenção

Mas, noutras estações, os hábitos deixam de ajudar e podem tornar-se estática.

outros sistemas → hábitos físicos → desordem mental

Por isso, a exploração interior exige primeiro uma receção clara da estação de origem.

6. Focar não é fugir

O foco claro não se alcança escapando da realidade física nem embotando os sentidos.

- fuga da realidade → não focalização
- embotamento dos sentidos → perda de clareza

Seth começa pelo caminho inverso: intensificar a presença sensorial.

sentidos físicos → atenção plena → corpo e mente reunidos

A realidade física torna-se ponto de base, não obstáculo.

7. Elemento Prático 11: reunir os sentidos

O primeiro exercício consiste em experienciar plenamente os dados sensoriais presentes.

visão + audição + corpo + temperatura + sabor + odor →
consciência brilhante do momento

Esta reunião tonifica o organismo físico e psíquico.

percepções reunidas → consciência aberta → sensação de poder

O exercício coloca a pessoa claramente no seu universo.

atenção sensorial → foco claro → estação de origem

8. Foco e desfoco

Depois de reunir as percepções, a pessoa aprende a soltar deliberadamente essa unidade.

- percepções reunidas → pacote unificado

- soltar o pacote → desfoco

O contraste entre foco e desfoco cria um conhecimento subjetivo direto.

- foco claro ↔ desfoco
- contraste repetido → reconhecimento interior

Assim nasce o ponto de referência para outras explorações.

9. O ponto mais fino de foco

Com a prática, a pessoa reconhece o seu ponto mais fino de foco na realidade física.

ponto mais fino de foco → receção mais clara da estação de origem

Este ponto pode ser sentido como posição interior, símbolo ou indicador de estação.

reconhecimento subjetivo → pista pessoal

Ele torna-se referência para regressar, orientar-se e comparar outros estados de consciência.

ponto de foco → base → orientação → retorno

10. Elemento Prático 12: deriva dirigida

A segunda prática começa no ponto mais fino de foco e permite que a consciência derive numa direção escolhida.

foco claro → deriva dirigida → direita ou esquerda

Seth evita «cima» e «baixo» porque essas direções estão carregadas de crenças hierárquicas.

cima/baixo → interpretações religiosas ou morais

direita/esquerda → orientação mais neutra

A mobilidade da consciência deve ser explorada com direção, não ao acaso.

11. Dados interiores e aproximação a outra estação

À medida que a consciência se afasta da estação de origem, certos dados físicos perdem força e outros dados interiores ganham clareza.

- dados físicos → recuam
- sons mentais / imagens interiores → emergem

Esses dados podem representar a realidade percebida a partir de outro estado de consciência.

outro estado de consciência → outra estação → outros dados sensoriais

A pessoa aprende a reconhecer a sensação da própria mobilidade mental.

12. Entre estações: transbordamentos e estática

As primeiras viagens podem trazer sinais mistos.

estação de origem + outra estação → transbordamentos /
distorções / estática

Antes de captar claramente a estação seguinte, podem surgir imagens fantasma ou versões distorcidas da estação habitual.

processo organizador suspenso → sinais mistos

Isto não é fracasso, mas fase inicial de sintonização.

13. Viajar através da psique

Alterar o foco consciente é afastar-se da parte da psique considerada centro habitual.

centro habitual → deslocação → viagem pela psique

Realidades diferentes são estados diferentes da psique materializados e experienciados.

estado da psique → materialização → realidade

Isto aplica-se também ao mundo físico.

estação de origem → também é estado da psique projetado

14. A estação de origem tem muitos programas

Mesmo dentro da realidade física, a pessoa só sintoniza habitualmente um programa principal.

- estação de origem → vários programas
- programa favorito → identidade quotidiana

Outros programas ficam ignorados, reprimidos ou excluídos.

programas ignorados → emoções negadas → conteúdos não integrados

Entre estações, esses conteúdos podem tornar-se visíveis.

15. Crenças, repressão e distorção

Ao alterar a consciência, antigas organizações de dados começam a cair.

- crenças rígidas → organização seletiva da realidade
- alteração de foco → organização cai → conteúdos negados aparecem

Material rejeitado pode surgir de forma distorcida, não por ser mau, mas por ter sido reprimido.

- negação → distorção
- integração → clareza

A psique mostra aquilo que foi excluído da estação de origem.

16. O exemplo de Joe

Joe tenta organizar a sua vida em torno da negação sexual.

crença espiritual rígida → sexo errado → programa empobrecido

Ao meditar, encontra dor de cabeça, imagens sexuais e deusas sedutoras.

sexualidade negada → alteração de consciência → retorno simbólico distorcido

Essas imagens não são inimigas espirituais, mas mensagens da psique.

imagem perturbadora → pista → realidade do ser negada

Se Joe ignorar o conselho da psique, as suas viagens interiores continuarão distorcidas.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

estação de origem → foco claro → reunião dos sentidos → ponto mais fino de foco → desfoco consciente → deriva dirigida → dados interiores → transbordamentos → outra estação → conteúdos negados → integração

A regra prática é:

não se viaja lucidamente para a realidade desconhecida fugindo da realidade física, mas aprendendo primeiro a focalizá-la com clareza.

A realidade desconhecida começa quando a consciência reconhece que o mundo físico é apenas uma estação entre outras — e que a primeira viagem passa sempre pela própria psique.

CAPÍTULO 39

As Visões de Mundo, a Biblioteca Psíquica e as Variedades da Consciência

Nesta sessão, parece que uma combinação de fatores conduziu aos acontecimentos estranhamente perturbadores, mas desafiantes. Um deles é, provavelmente, apenas o estado de excecional recetividade psíquica recente de Jane. Outro é o meu interesse de longa data pelo psicólogo e filósofo americano William James [1842–1910]; ele escreveu o clássico "*As Variedades da Experiência Religiosa*". Um terceiro é uma carta recebida na semana passada de um psicólogo junguiano que se sentira inspirado pelo material de Seth sobre o psicólogo e psiquiatra suíço Carl Jung [1875–1961], no Capítulo 13 de "Seth Fala". E um quarto fator seria uma experiência muito evocativa que Jane teve na tarde de segunda-feira, na qual se viu a experienciar a consciência como uma mosca doméstica comum: a partir desse ponto de vista minúsculo, mas arrebatador, soube-se a rastejar por uma gigantesca lâmina de relva. Estava a explorar a «visão de mundo» de uma mosca.

Outras razões terão, naturalmente, de entrar em conta. Mas, por agora, digamos que Jane sabe de James e da sua obra; leu partes das suas "*As Variedades da Experiência Religiosa*", por exemplo,

mas pareceu bastante afastada delas, ao passo que eu releio com frequência passagens desse livro.

A carta do psicólogo junguiano forneceu, evidentemente, o impulso imediato para o episódio da mosca e para os acontecimentos de segunda-feira à noite. O autor pedia material adicional de Seth sobre Jung ou as suas obras. Agora, dificilmente considero accidental que tal pedido tenha surgido precisamente quando as capacidades de Jane pareciam prestes a amadurecer da forma particular como amadureceram naquela noite.

Estávamos a discutir a carta e a perguntar-nos, meio a brincar, se Seth responderia de alguma maneira, quando Jane me disse subitamente que estava a captar material sobre a «essência» de William James. Devido à sua própria melancolia persistente, disse ela, James conseguira compreender outros com o mesmo tipo de disposição. Contudo, à medida que ela continuava a transmitir as suas impressões, perguntei-me: porquê James? Ele nem sequer era mencionado na carta do psicólogo, por exemplo. Porquê esta captação — e identificação — com uma personalidade famosa já morta? O mais provável, pensei, era que o meu próprio interesse pela obra de James tivesse exercido algum tipo de influência sobre as capacidades recém-desenvolvidas de Jane; mas, mesmo assim, isso não respondia às minhas perguntas.

«Estava agora mesmo a captar», disse Jane, «que James chamava à sua melancolia “um molde da alma”.» Os olhos dela estavam fechados. «Agora estou a captar um livro. Ora, é um livro

de bolso. Vejo este material impresso, só que é muito pequeno, quase microscópico, e, curiosamente, a coisa toda está impressa num papel acinzentado. Vejo-o mesmo muito pequeno, na minha mente.»

E, com isso, num estado alterado de consciência, Jane começou a transmitir o material do livro que via mentalmente. Antes de eu perceber plenamente o que estava a acontecer, já estava a registar as suas palavras literalmente.

Os acontecimentos que se seguiram também não ajudaram. Mal Jane terminou o longo material de James, começou imediatamente a receber impressões de «Carl Jung». Desta vez, estava quase apologética. Decidimos avançar, embora Jane não visse nenhum livro nem tivesse quaisquer dados visuais. As palavras simplesmente vinham até ela, juntamente com fortes sentimentos emocionais que associava a Jung.

O material parecia interminável. Passavam poucos minutos da meia-noite quando Jane simplesmente parou, dizendo que mais ou menos «chegara ao limite» naquela noite. O material de Jung parecia-lhe muito mais animado, acrescentou, com muita vitalidade e energia: «Ele parecia mesmo excitável.» Nenhum de nós achou as passagens junguianas tão evocativas como o material de James, contudo. Eis um breve excerto junguiano:

«Os números têm um equivalente emocional, na medida em que os seus símbolos surgiram originalmente da libido, que se

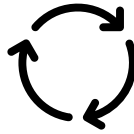
identifica sempre com o número 1 e sente todos os outros números originarem-se de si própria. A libido conhece-se como Deus e, portanto, todas as frações voam para fora da estrutura-self da sua própria realidade.»

Jane disse que tivera a impressão de alguém muito compacto, carregado de energia, quase ferozmente adolescente, de certo modo, a disparar em demasiadas direções ao mesmo tempo.

Perguntámo-nos ambos, ali mesmo, se Jane estaria a disparar em demasiadas direções ao mesmo tempo. Ela sempre se recusara antes a tentar «alcançar os mortos» dessa maneira. Ambos estávamos bastante perturbados — mas, como de costume, estávamos intrigados mesmo enquanto questionávamos as nossas próprias reações. Também estávamos bem conscientes dos aspetos humorísticos da situação, uma vez que Jane fala por pelo menos um dos «mortos»: Seth. E, claro, quando nos sentámos para a sessão desta noite, perguntámo-nos se Seth discutiria o que acontecera nessa noite de segunda-feira.

Eu acabara de começar a datilografar o material de «James e Jung», por isso li o resto a Jane a partir das minhas notas originais enquanto esperávamos que Seth aparecesse. Também achei que ela discutiu uma excelente ideia própria, dizendo que acreditava que o próprio episódio James-Jung era um exercício em tornar conhecida a realidade desconhecida. Fosse o que fosse que aprendêssemos através de Seth esta noite, já nos sentíamos razoavelmente certos de que, nos habituais termos gastos, Jane

não estivera a comunicar diretamente com duas personalidades tão famosas. Em vez disso, estava envolvida em algo bastante diferente — e muito mais credível.



— *Esta secção de "A Realidade «Desconhecida»" trata dos vários exercícios que, espero, vos proporcionarão os vossos próprios vislumbres íntimos de realidades anteriormente desconhecidas.*

— *Eu disse anteriormente que o vosso foco normal de consciência pode ser comparado à vossa estação de origem. Até agora, foram descritos exercícios que vos conduzirão suavemente para longe da concentração nessa base de origem, ao mesmo tempo que a sua estrutura é reforçada. Também podem chamar a esta estação de origem, ou programa local, a vossa visão de mundo, pois é a partir dela que percecionam a vossa realidade. Até certo ponto, ela representa o vosso foco pessoal, através do qual interpretam a maior parte da vossa experiência. Como mencionei, quando começam a afastar-se dessa organização particular, coisas estranhas podem começar a acontecer. Podem ficar cheios de espanto, entusiasmo ou perplexidade. Podem ficar encantados ou consternados, consoante as vossas novas perceções concordem ou discordem da vossa visão de mundo estabelecida.*

— *Em vez de uma sessão regular, a estrutura da sessão foi usada num novo tipo de exercício. Destinava-se a servir de exemplo do que pode acontecer nas melhores circunstâncias, quando alguém abandona uma visão de mundo nativa e sintoniza outra, bastante diferente da original.*

— *Vocês formam sempre a vossa própria experiência. Ruburt captou a visão de mundo de um homem conhecido como morto. Não esteve diretamente em comunicação com William James.*

— *Contudo, esteve consciente do universo através da visão de mundo de William James. Tal como poderiam sintonizar um programa num televisor, Ruburt sintonizou a visão da realidade agora mantida na mente de William James. Como essa visão envolvia necessariamente emoções, Ruburt sentiu algum sentido de contacto emocional — mas apenas com a validade das emoções. Cada pessoa possui uma tal visão de mundo, viva ou morta nos vossos termos, e essa «imagem viva» existe apesar do tempo ou do espaço. Pode ser percecionada por outros.*

— *Cada visão de mundo existe na sua «frequência» particular e só pode ser sintonizada por aqueles que estão, mais ou menos, dentro do mesmo alcance. Contudo, as próprias frequências têm de ser ajustadas adequadamente para serem trazidas ao foco, e esses ajustes exigem determinadas intenções e simpatias. Não é possível entrar numa tal visão de mundo se estiverem basicamente em desacordo com ela, por exemplo. Simplesmente não serão capazes de fazer os ajustes adequados.*

— Ruburt tem estado a trabalhar com alterações da consciência, para "Política Psíquica", e a interrogar-se sobre a validade básica da religião. Tem tentado reconciliar conhecimento intelectual e conhecimento emocional. James está longe de ser um dos seus escritores favoritos, mas os interesses, a intenção e o desejo de Ruburt estavam suficientemente próximos para que, sob certas condições, ele pudesse experienciar a visão de mundo mantida por James. A realidade desconhecida só é desconhecida porque vocês acreditam que tem de estar escondida. Uma vez aniquilada essa crença, as outras visões da realidade, igualmente legítimas, podem aparecer à vossa consciência, e mundos tão válidos como o vosso entram no vosso campo de visão.

— Para fazer isto, têm de ter fé em vós próprios e na estrutura da vossa realidade conhecida. Caso contrário, terão demasiado medo para abandonar, ainda que brevemente, a visão habitual e organizada do mundo que é a vossa.

— Mesmo na vossa vida tal como a compreendem, se estiverem inseguros ou assustados, não conseguem ver adequadamente a vossa família ou os vossos vizinhos. Se têm medo, então o vosso próprio medo interpõe-se entre vocês e os outros. Não se atrevem a tirar os olhos de vós próprios nem por um segundo. Não se podem dar ao luxo de ser amistosos, por exemplo, porque estão aterrorizados com a possibilidade de serem rejeitados.

— Do mesmo modo, se estiverem excessivamente preocupados com a natureza da vossa própria realidade, e se procurarem nos

outros a justificação da vossa existência, não serão capazes de abandonar com êxito a vossa própria visão de mundo, pois sentir-se-ão demasiado ameaçados. Ou então, ao viajarem em exercícios psíquicos, mesmo que apenas ligeiramente afastados da vossa estação de origem, tentarão ainda levar convosco a vossa parafernália familiar e interpretar até situações de consciência inteiramente novas à luz da vossa própria visão de mundo. Transporão, então, o vosso próprio conjunto de pressupostos para condições nas quais ele poderá não se ajustar de todo.

— *Ruburt captou a visão de mundo de William James porque os seus interesses coincidiam. Uma carta de um psicólogo junguiano ajudou a servir de estímulo. O psicólogo pediu-me que comentasse Jung. Ruburt sentia pouca correspondência com Jung. No fundo da sua mente, interrogava-se sobre James, principalmente porque sabia que Joseph (Rob) apreciava um dos livros de James.*

— *É perfeitamente possível sintonizar a visão de mundo de qualquer pessoa, viva ou morta nos vossos termos. A visão de mundo de qualquer indivíduo, mesmo ainda não nascido do vosso ponto de vista, existe, não obstante. A experiência de Ruburt serve simplesmente como exemplo do que é possível.*

— *Muito corretamente, ele não interpretou o acontecimento em termos convencionais, e Joseph não supôs que o próprio James estivesse a comunicar da forma habitualmente imaginada. Joseph reconheceu, de facto, a excelência do material. James não estava consciente da situação. Aliás, o próprio James está embarcado*

noutras aventuras. Ruburt captou, contudo, a visão de mundo de James tal como, nos vossos termos, pelo menos, ela «existia» talvez há 10 anos.¹ Então, na sua mente, James pensou ludicamente num livro que escreveria se estivesse «vivo», chamado "As Variedades dos Estados Religiosos" — uma versão alterada de um livro que escrevera em vida. Sentia que a alma escolhe estados de emoção como vocês escolheriam, digamos, um estado onde viver. Sentia que o estado emocional escolhido era então usado como uma estrutura através da qual ver a experiência. Começou a ver um conglomerado daquilo a que, de forma solta, chamava estados religiosos, cada um diferente e, contudo, cada um servindo para unificar a experiência à luz das suas «características naturais» particulares. Essas características naturais surgiriam como os temperamentos e inclinações comuns da alma.

— Ruburt sintonizou esse livro não escrito. Ele trazia a marca do próprio estado emocional de James naquele «tempo», quando ele via a sua experiência terrena, nos vossos termos, a partir do ponto de vista de alguém que morrera, podia olhar para trás e ver onde julgava que as suas ideias eram válidas e onde não o eram. Nesse ponto da sua existência, havia mudanças. O plano do livro existia, e ainda existe. No «presente» de Ruburt, ele foi capaz de ver essa visão de mundo tal como expressa dentro da mente imortal de James.

¹ Uma vez que William James morreu em 1910, isto significa que, nos nossos termos, Jane captou a sua visão de mundo tal como existia cerca de 54 anos depois da sua morte física.

— *Para fazer isto, Ruburt teve de estar suficientemente livre para aceitar a visão da realidade tal como percecionada por outra pessoa. Para o conseguir, Ruburt permitiu que uma porção da sua consciência permanecesse seguramente ancorada na sua própria realidade, enquanto deixava outra porção absorver, por assim dizer, uma realidade que não era a sua.*

— *Mais uma vez, devido à vossa orientação precisa, sentem-se muitas vezes teoricamente intrigados pela contemplação de mundos que não são o vosso. E, embora frequentemente anseiem por alguma evidência dessas outras realidades, são igualmente capazes de ficar escandalizados com a própria evidência que tão sinceramente solicitaram.*

— *Ruburt embarcou nas suas próprias viagens à realidade desconhecida. Não posso fazê-lo por ele. Só posso apontar o caminho, como faço para cada leitor. No seu novo livro, “Política Psíquica”, Ruburt tem a sua forma pessoal de explicar aquilo que está a experienciar; e, uma vez que partilha a mesma realidade convosco, talvez consigam relacionar-se — talvez até melhor — com as explicações dele do que com as minhas.*

— *Contudo, é perfeitamente possível que ele sintonize o livro completo de James, se o desejar, pois essa obra é, de facto, uma realidade psíquica, um plano ou modelo existente na ordem interior da atividade.*

— Tais «planos de arquiteto» criativos são muitas vezes captados inadvertidamente por outros, alterados ou modificados, acabando como produções inteiramente novas. A maioria dos escritores não examina as suas fontes tão atentamente. O mesmo se aplica, naturalmente, a qualquer campo de atividade. Muitos desenvolvimentos bastante modernos e sofisticados existiram naquilo que agora consideram civilizações passadas. Os planos, enquanto modelos, foram captados por inventores, cientistas e semelhantes, e alterados segundo as suas direções específicas, de modo que emergiram no vosso mundo não como cópias, mas como algo novo. Muitas descobertas ditas arqueológicas foram feitas quando indivíduos sintonizaram subitamente a visão de mundo de outra pessoa, não pertencente ao vosso espaço ou tempo. Antes de terem a confiança necessária para abandonar a vossa estação de origem particular, contudo, têm de estar seguros dentro dela. Têm de saber que ela «estará lá» quando regressarem.

— Ruburt treinou-se a lidar com palavras enquanto escritor. Quando capta uma visão de mundo que pertence a outra pessoa, consegue traduzi-la, de forma bastante automática, com fidelidade suficiente, nesse idioma da linguagem. Muitos artistas fazem a mesma coisa, traduzindo «modelos» interiores em tinta, linhas e forma.

— Também os cientistas e inventores se sintonizam frequentemente com as visões de mundo de outros — vivos ou mortos, nos vossos termos — que se correlacionam com as suas próprias intenções, talentos e propósitos.

— Estas «outras» visões de mundo, reinterpretadas, formam uma matriz da qual emerge nova criatividade. A mesma coisa se aplica a empreendimentos mais comuns da vida ordinária. Por exemplo, podem encontrar-se numa situação difícil que parece estar para lá de qualquer solução. Pode ser altamente individual, uma vez que é vossa. É única e não aconteceu antes de nenhuma outra forma. Ninguém mais viu o vosso dilema particular através dos vossos olhos; contudo, outros estiveram em situações semelhantes, resolveram os desafios envolvidos e prosseguiram para uma criatividade e realização maiores. Se conseguirem abandonar momentaneamente a vossa visão de mundo privada, esse foco a partir do qual experienciam a realidade, então podem permitir que a experiência de outros que tiveram desafios semelhantes dê cor à vossa percepção. Podem sintonizar as soluções deles e aplicá-las às vossas circunstâncias particulares. Fazem muitas vezes isto inconscientemente. Não quero que pensem, portanto, que tais ocorrências funcionam apenas em termos esotéricos.

— Muitas pessoas que trabalham com o tabuleiro Ouija ou com a escrita automática recebem mensagens que parecem, ou alegam, vir de personagens históricas. Frequentemente, contudo, o material é vastamente inferior àquele que poderia ter sido produzido pela pessoa em questão durante a sua existência. Qualquer comparação entre o material recebido e os livros ou relatos escritos já existentes mostraria imediatamente discrepâncias flagrantes.

— Ainda assim, em muitos desses casos, o operador do tabuleiro Ouija ou o escritor automático está, em certa medida, a sintonizar

uma visão de mundo, esforçando-se por abrir vias de percepção suficientemente livres para perceber uma versão alterada da realidade, mas talvez não suficientemente equipado, por treino e temperamento, para a expressar.

— Os casos mais legítimos de comunicação entre os vivos e os mortos ocorrem num enquadramento pessoal íntimo, em que um pai ou uma mãe mortos contactam os seus filhos, ou um marido ou uma esposa recém-saídos da realidade física aparecem ao seu companheiro. Mas muito raramente personagens históricas fazem contacto, exceto com os seus próprios círculos íntimos.

— Há, contudo, grande energia naqueles que perseveraram o suficiente para se tornarem geralmente conhecidos no seu tempo, e o grande impulso dessa energia psíquica e mental não cessa com a morte, mas continua. À sua maneira, outros podem sintonizar essa visão de mundo contínua; e, ao captá-la, podem ficar convencidos de que estão em contacto com a personalidade física que a detinha.

— Estão tão habituados à vossa própria interpretação privada da realidade que, quando se permitem afastar-se dela, querem imediatamente interpretar a vossa nova experiência em termos que façam sentido para a vossa orientação familiar. Também estão profundamente envolvidos com símbolos. Na vida comum, muitas vezes entravam a vossa própria criatividade. Quando usam o tabuleiro Ouija ou procedimentos de transe, libertam frequentemente áreas filosóficas da vossa mente que estiveram

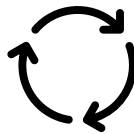
congeladas. A informação resultante parece então, definitivamente, vir de fora de vocês; e, por terem uma mentalidade literal, tentam interpretar tais experiências de modo literal. O material tem, portanto, de vir de um filósofo; e, uma vez que certamente parece profundo para a vossa organização mundana habitual, parece então que tal informação deve originar-se numa mente profunda que, certamente, não é a vossa.

— Podem assinalar isto a vós próprios simbolicamente, de modo que o tabuleiro ou a escrita automática designe a sua origem como sendo Sócrates² ou Platão. Se forem orientados para o espiritualismo, a informação pode vir de um famoso psíquico recentemente falecido. Em vez disso, vocês próprios escaparam momentaneamente da vossa visão de mundo habitual, ou programa de origem; estão a alcançar outros níveis de realidade, mas continuam a interpretar a vossa experiência em termos antigos. Portanto, grande parte da sua criatividade escapa-vos.

— Cada um de vocês é tão válido como Sócrates ou Platão. As vossas influências atravessam toda a estrutura da atualidade de maneiras que não compreendem. Sócrates e Platão — e William James (repare o leitor que estou a sorrir) — especializaram-se de certas formas. Conhecem esses indivíduos como nomes de pessoas

² Gostaria de me deter numa questão quando escrevi sobre médiuns, ou outros, a contatarem os famosos mortos. Digo isto com gentileza — mas Jane e eu nunca acreditámos que um indivíduo vivo pudesse estar em contato com uma pessoa famosa já morta, especialmente através do tabuleiro Ouija ou da escrita automática. Embora não tenhamos ridicularizado tais casos quando ouvimos falar deles, certamente olhámo-los com olhos muito céticos. O essencial da nossa atitude é que nos parece muito difícil acreditar que «Sócrates» — onde quer que esteja e faça o que fizer, nos nossos termos — esteja disposto a largar tudo para dar informação muito confusa a uma pessoa bem-intencionada, realmente inocente, que vive, digamos, numa pequena cidade da Virgínia. Deve haver outras coisas que ele queira fazer! O conceito de visão de mundo de Seth, e as próprias experiências de Jane com ele, tornam os relatos de tais acontecimentos muito mais compreensíveis.

que existiram — mas, nos vossos termos, e apenas nos vossos termos, essas existências representaram os aspetos floridos das suas personalidades. Muitas vezes habitaram sem nome sobre a face da terra, como muitos de vocês fazem, apenas nos vossos termos, agora, antes de alcançarem aquilo que consideram esses cumes.



— Ruburt deu um salto extraordinário para a sua biblioteca psíquica, e isso está a libertá-lo fisicamente. Tu, Joseph, deste um salto igualmente vital, e isso está a libertar-te artisticamente. A biblioteca é válida e, nos termos mais legítimos, é muito mais importante, por exemplo, do que uma biblioteca física.

— Tenho usado os vossos termos tal como compreendi o vosso significado deles.

— Há, nesses termos, gradações. Quando usei a palavra «consciente» — ou «consciência» —, quis usá-la como pensei que a compreendiam. Pensei que queriam dizer: estar consciente de se estar consciente, ou colocar-se, por assim dizer, fora de uma porção da própria consciência — observando-a e dizendo então: «Estou consciente da minha consciência.»

— *A consciência está sempre consciente de si própria, e da sua validade e integridade; e, nesses termos, não existe inconsciência.*

— *Quando uso o termo em relação ao tempo, refiro-me à formação de uma estrutura a partir da qual um tipo de consciência se observa então a si próprio, se vê como único e tenta depois formar outros tipos de estruturas conscientes. Uma mosca é consciente de si própria, realizada dentro dessa realidade, e não sente necessidade de formar uma «extensão» dessa consciência a partir da qual observar a sua própria existência.*

— *Nos vossos termos, as considerações temporais envolveram extensões desse tipo de consciência, nas quais separações podiam ocorrer e divisões podiam ser feitas. Em termos de estrutura orgânica, isto poderia ser comparado ao desenvolvimento de outro braço ou perna, ou de uma saliência ou filamento — outro método de locomoção através de outro tipo de dimensão.*

— *A mosca é intensamente consciente, a cada momento absorvida em si própria e no seu ambiente, precisamente sintonizada com elementos dos quais vocês estão «inconscientes». Há simplesmente diferentes tipos de consciência, e não podem basicamente comparar uma com a outra, tal como não podem comparar, digamos, um sapo a uma estrela, a uma maçã, a um pensamento, a uma mulher, a uma criança, a um nativo, a um suburbano, a uma aranha ou a um gato. São variedades de consciência, cada uma focalizada na sua própria visão da realidade, cada uma contendo experiência que as outras excluem.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a ideia de que cada consciência organiza a realidade a partir de uma «visão de mundo» própria. Essa visão de mundo funciona como uma estação, uma frequência, um programa local ou um enquadramento perceptivo através do qual a experiência é interpretada. Ao deslocar-se dessa estação de origem, a consciência pode sintonizar outras visões de mundo, captar modelos criativos interiores e reconhecer formas de consciência muito diferentes da humana.

A função central do capítulo é esta:

a visão de mundo é uma organização viva da realidade; quando a consciência se afasta com segurança da sua estação de origem, pode sintonizar outras visões de mundo, captar modelos psíquicos criativos e compreender que há múltiplas variedades de consciência, cada uma focalizada na sua própria realidade.

1. A estação de origem é uma visão de mundo

O foco normal da consciência pode ser entendido como estação de origem.

estação de origem → programa local → visão de mundo

É a partir dela que a pessoa percebe e interpreta a realidade.

visão de mundo → foco pessoal → interpretação da experiência

Quando a consciência se afasta dessa organização, podem surgir espanto, entusiasmo, perplexidade ou medo.

afastamento da visão habitual → novas percepções → maravilhamento ou consternação

A reação depende de as novas percepções concordarem ou não com a visão de mundo estabelecida.

2. A Sessão James-Jung como exercício vivo

O episódio James-Jung não foi uma comunicação convencional com mortos famosos.

- interpretação comum → comunicação com James ou Jung
- explicação de Seth → sintonização de visão de mundo

Ruburt não comunicou diretamente com William James; sintonizou a visão de realidade mantida na mente de James.

Ruburt → sintonização → visão de mundo de James

A sessão tornou-se, portanto, um exercício prático de tornar conhecida a realidade desconhecida.

3. Cada visão de mundo tem frequência própria

Cada visão de mundo existe numa frequência particular.

visão de mundo → frequência própria

Só pode ser sintonizada por consciências suficientemente próximas em intenção, simpatia e alcance.

intenção + simpatia + correspondência → ajuste de frequência

Não se entra numa visão de mundo com a qual se está profundamente em desacordo.

desacordo básico → impossibilidade de sintonia

A afinidade não precisa de ser total, mas precisa de haver uma zona comum de ressonância.

4. A realidade desconhecida não está escondida por natureza

A realidade desconhecida é desconhecida porque a consciência acredita que ela deve estar escondida.

crença na ocultação → realidade desconhecida

Quando essa crença cai, outras visões legítimas da realidade podem surgir.

crença removida → outras visões → mundos válidos entram em vista

O desconhecido não é necessariamente inacessível; é muitas vezes excluído pelo próprio enquadramento perceptivo.

5. Segurança na estação de origem

Para abandonar momentaneamente a própria visão de mundo, é preciso confiar na realidade conhecida.

confiança na estação de origem → liberdade para a abandonar brevemente

Se a pessoa está insegura, assustada ou dependente da validação exterior, não consegue deslocar-se com êxito.

medo → fixação no self → incapacidade de abertura

Quem teme perder a própria realidade tenta levar consigo a sua parafernália familiar.

viagem psíquica → pressupostos antigos → distorção da nova experiência

Assim, a nova realidade é interpretada por categorias que talvez não lhe pertençam.

6. O livro não escrito de William James

Ruburt sintonizou um livro não escrito de James: *As Variedades dos Estados Religiosos*.

visão de mundo de James → plano de livro → realidade psíquica

Esse livro existia como modelo interior, carregando o estado emocional de James naquele ponto da sua existência.

estado emocional → estrutura de percepção → modelo criativo

A alma, nessa visão, escolhe estados emocionais como se escolhesse um lugar onde viver.

estado emocional → território experiencial → organização da realidade

O livro não precisava de estar fisicamente escrito para existir como realidade psíquica.

7. A biblioteca psíquica

A biblioteca psíquica é o campo onde modelos, planos e obras podem existir antes de se tornarem produções físicas.

modelo interior → plano criativo → obra possível

Ruburt podia sintonizar o livro completo de James porque ele existia na ordem interior da atividade.

ordem interior → realidade psíquica → possível tradução física

A biblioteca psíquica não é menos real por não ser física.

não físico ≠ inexistente

psíquico → modelo válido → possível manifestação

8. Planos criativos e novas produções

Os «planos de arquiteto» criativos podem ser captados por outros, reinterpretados e transformados em novas obras.

modelo interior → captação → alteração → nova produção

Isto acontece em literatura, arte, ciência, invenção e vida quotidiana.

visões de mundo alheias → matriz criativa → inovação

Muitas descobertas modernas ou arqueológicas podem resultar de sintonizações com visões de mundo de outros tempos, lugares ou pessoas.

outra visão de mundo → captação parcial → descoberta no mundo físico

A criatividade nasce frequentemente da interseção entre visões de mundo.

9. Aplicação à vida comum

Sintonizar visões de mundo não é apenas fenômeno esotérico.

problema pessoal → visão privada estreita → bloqueio

Ao abandonar momentaneamente a própria visão de mundo, a pessoa pode captar soluções de outros que viveram desafios semelhantes.

deslocação percetiva → experiência de outros → nova solução

Muitas vezes isto acontece inconscientemente.

ressonância com outros → percepção colorida → resposta criativa

A visão de mundo de outro pode ampliar a própria resposta.

10. Ouija, escrita automática e mortos famosos

Muitas mensagens atribuídas a figuras históricas não vêm diretamente dessas personalidades.

mensagem recebida → interpretação literal → Sócrates / Platão / James

Frequentemente, o operador sintoniza uma visão de mundo, mas não tem treino ou temperamento suficientes para a expressar com clareza.

visão de mundo captada → tradução inadequada → material inferior

A personalidade histórica raramente está diretamente envolvida, exceto em contatos íntimos.

- contato legítimo → enquadramento pessoal íntimo
 - figura histórica → geralmente visão de mundo, não comunicação direta
-

11. Energia contínua das personalidades conhecidas

A energia psíquica e mental de pessoas que se tornaram amplamente conhecidas não cessa com a morte.

energia mental intensa → continuidade → visão de mundo persistente

Outros podem sintonizar essa visão de mundo contínua.

sintonização → sensação de contato → interpretação como personalidade física

A confusão surge quando a pessoa literaliza a experiência.

visão de mundo captada → leitura literal → "estou a falar com a pessoa"

Seth desloca a interpretação da entidade para a frequência.

12. Símbolos e literalismo

Quando a consciência escapa momentaneamente da sua visão habitual, tenta interpretar a nova experiência em termos familiares.

experiência nova → símbolos antigos → interpretação literal

Se a informação parece profunda, a pessoa supõe que deve vir de uma mente famosa.

profundidade sentida → atribuição exterior → filósofo / psíquico / morto famoso

Mas a origem pode estar na própria expansão da mente, ou na sintonização de uma visão de mundo.

mente libertada → áreas filosóficas descongeladas → criatividade

A literalização faz perder parte da criatividade da experiência.

13. Cada indivíduo é tão válido como Sócrates ou Platão

Seth relativiza a autoridade dos grandes nomes.

Sócrates / Platão / James → aspetos floridos de personalidades maiores

Essas existências famosas representam apenas cumes visíveis, nos termos humanos.

personalidade maior → múltiplas existências → algumas visíveis, outras anónimas

Cada indivíduo influencia a estrutura da atualidade de formas que não compreende.

pessoa comum → influência real → estrutura da atualidade

A validade da consciência não depende da fama histórica.

14. A biblioteca psíquica como salto de Ruburt e Joseph

Ruburt deu um salto para a sua biblioteca psíquica, libertando-se fisicamente.

Ruburt → biblioteca psíquica → libertação física

Joseph deu um salto igualmente vital, libertando-se artisticamente.

Joseph → salto artístico → libertação criativa

A biblioteca é validada como realidade psíquica legítima, mais importante, em certos termos, do que uma biblioteca física.

biblioteca psíquica → fonte viva → modelos criativos

15. Consciência e autoconsciência

Seth distingue consciência de autoconsciência reflexiva.

- consciência → sempre consciente de si
- autoconsciência humana → consciência que se observa a si própria

Não existe inconsciência em termos fundamentais.

consciência → validade + integridade

A diferença está nas estruturas através das quais uma consciência se observa, se separa e se define como única.

estrutura reflexiva → separação → “estou consciente da minha consciência”

16. A mosca e as variedades da consciência

A mosca é intensamente consciente dentro da sua própria realidade.

mosca → consciência intensa → ambiente próprio

Ela não precisa de formar uma extensão reflexiva para observar a sua existência.

consciência da mosca → imersão plena → sem necessidade de autoconsciência humana

Está sintonizada com elementos dos quais os humanos estão «inconscientes».

- consciência humana → exclui certos dados
- consciência da mosca → inclui outros dados

Há diferentes tipos de consciência, cada um focalizado na sua própria visão da realidade.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

estação de origem → visão de mundo → frequência → sintonia → outra visão de mundo → biblioteca psíquica → modelos criativos → interpretação simbólica → literalização ou compreensão → variedades da consciência

A chave prática é:

a realidade desconhecida torna-se conhecida quando a consciência deixa de confundir a sua visão de mundo com a totalidade da realidade.

E a chave editorial do capítulo é:

uma visão de mundo não é apenas uma opinião; é uma organização viva da experiência, uma frequência psíquica através da qual a realidade se torna percecionável, traduzível e criativamente utilizável.

Em fórmula:

- visão de mundo → frequência da consciência
- frequência → realidade percecionada
- mudança de frequência → outra realidade
- outra realidade → modelo, obra, solução ou experiência

A consciência não encontra apenas mundos exteriores: encontra **modos de organizar a realidade**. E cada modo contém uma experiência que os outros excluem.

CAPÍTULO 40

A Bagagem das Crenças, as Fotografias de Sonho e a Saída da Visão de Mundo

— Considero o meu próprio livro, "A Natureza da Realidade Pessoal", como um pré-requisito para os exercícios dados aqui neste volume. Nesse livro anterior, discuti as maneiras pelas quais vocês formam a vossa experiência privada através das vossas crenças. Têm, portanto, certas ideias favoritas, e usam-nas para estruturar a vossa própria visão de mundo da realidade que conhecem. É importante que compreendam quais são as vossas próprias crenças. Muitas delas podem funcionar bastante bem «em casa», mas, quando começam a viajar para longe dessa estação de origem, poderão descobrir que essas mesmas ideias impedem o vosso progresso.

— Outros conceitos, na verdade, nem sequer são basicamente funcionais dentro da vossa própria realidade física. Um conceito rígido e dogmático de bem e mal forçar-vos-á a perceber a existência física como um campo de batalha de forças opostas, com a pobre alma incauta quase como amortecedor. Ou pensarão na pobre alma como uma borracha de quadro, batida entre duas mãos — uma boa e outra má.

— No quadro, nesta analogia caseira, estariam escritas as experiências terrenas da alma. Com a borracha, a «mão má» tentaria apagar todo o bem, enquanto, ao mesmo tempo, a «mão boa» tentaria apagar todo o mal. Nesse caso, toda a vossa experiência se torna suspeita. Terão tendência para considerar errado o corpo, com os seus apetites naturais, e para os negar, enquanto, ao mesmo tempo, a vossa parte física olhará para as vossas «boas intenções» como erradas e como intrusões na sua própria existência.

— Se não compreenderem a graça natural do vosso ser, então, quando tentarem alguns dos exercícios dados aqui, poderão traduzi-los automaticamente para um conjunto de crenças bastante limitador.

— Estão familiarizados com a vossa própria visão do mundo. Contudo, ao deixarem a vossa orientação habitual, alterando o foco da vossa consciência, poderão muito bem estruturar a vossa nova experiência tal como estruturam a física. Ao mesmo tempo, estão mais livres. Têm maior margem de manobra. Estão habituados a projetar as vossas crenças sobre objetos e acontecimentos físicos. Quando deixam a vossa estação de origem, esses objetos e acontecimentos já não se apresentam da mesma maneira.

— Muitas vezes encontram-se a confrontar as vossas próprias estruturas, já não ocultas no tipo de experiência com que estão familiarizados. Estas podem então aparecer sob uma luz bastante diferente. Podem estar convencidos de que são maus simplesmente

porque são físicos. Podem acreditar que a alma «desce» para o corpo e, portanto, que o corpo é inferior, mais baixo e uma versão degradada «daquilo que vocês realmente são». Ao mesmo tempo, o vosso próprio ser físico sabe mais do que isso e, basicamente, não consegue aceitar tal conceito.¹

— Assim, na vida diária, podem projetar para fora essa ideia de indignidade sobre outra pessoa, que então parece ser vossa inimiga; ou sobre outra nação. Em geral, poderão escolher animais

¹ Quando encontro material que rebaixa o corpo físico, tento por vezes contrariar tais projeções negativas recorrendo a uma das realizações tecnológicas da nossa espécie «degradada»: estudo fotografias de porções minúsculas do corpo humano, tiradas com um microscópio eletrónico de varrimento. Então experiencio uma série de passos no pensamento — nem todos bons, receio — e gostaria de mencionar cada um por sua vez.

No momento em que escrevo, um microscópio eletrónico pode ampliar as superfícies de amostras de tecido de 20 000 a 60 000 vezes. As fotografias resultantes deixam-me sempre às apalpadelas, enquanto tento apreciar a beleza, a ordem e a complexidade do organismo humano apenas nos níveis grandemente ampliados que mostram. (Se pudéssemos mergulhar «para baixo» nos estágios moleculares e atômicos do corpo, e vê-los, encontraríamos complexidades ainda mais inacreditáveis.)

Em seguida, pergunto-me como é que um ser tão maravilhosamente estruturado pode pensar na sua imagem como inferior a qualquer coisa, especialmente quando estamos longe de o compreender sequer numa base «meramente» física, quanto mais a partir de qualquer tipo de ponto de vista não físico. As próprias capacidades de Jane, por exemplo, levantam perguntas sobre certos atributos biológicos, bem como mentais; em grande parte, a nossa sociedade ainda não quer lidar com tais desafios neste momento.

Ainda assim, o assombro que invariavelmente sinto quando estudo uma microfotografia da retina do olho, ampliada «apenas» 20 000 vezes, dificilmente é uma bênção pura. Pois, em seguida, pergunto-me como é que a criatura humana, cujos componentes corporais possuem cada um uma integridade racional incessante, consegue frequentemente funcionar tão irracionalmente como um todo, através da criação de guerra, pobreza, poluição, doença, e assim por diante. Jane e eu esperamos que o seu trabalho com Seth esteja a oferecer compreensões sobre estas enormes questões acerca do comportamento individual e coletivo da nossa espécie. Certamente não pensamos que átomos ou células, ou fígados ou globos oculares, sejam irracionais.

Por fim, o conjunto físico incrivelmente complexo do ser humano — ou de qualquer organismo, para nos limitarmos apenas a entidades «vivas» — recorda-me sempre que, segundo a teoria evolucionista, a vida na Terra surgiu apenas por acaso. Devemos recordar que, através do darwinismo ou neodarwinismo, a ciência nos diz que a vida não tem nenhum desígnio criativo, nem qualquer propósito, por trás de si; e que, além disso, esta qualidade inefável chamada «vida» se originou — há mais de 3,4 mil milhões de anos — numa única combinação fortuita de certos átomos e moléculas numa poça de maré, digamos, algures na face do planeta...

À parte quaisquer dificuldades que eu possa ter em reconciliar as belezas internas da nossa construção física com o nosso comportamento exterior, espero que o meu profundo ceticismo acerca deste pequeno cenário «oficial» da evolução esteja aqui evidente.

para desempenhar o papel de inimigo, ou membros de outra religião, ou partidos políticos.

— Em todo o caso, na vossa vida privada, talvez quase nunca encontrem a vossa crença na vossa própria indignidade, ou maldade. Não perceberão que, na verdade, se consideram a vós próprios o inimigo. Estarão tão convencidos de que a vossa projeção — sobre os outros — é o inimigo, que não ficará qualquer margem de manobra, pois todos os vossos sentimentos de auto-ódio ou de medo de vós próprios serão dirigidos para fora.

— Quando começam a deixar a vossa estação de origem e a alterar o foco, contudo, deixam para trás os recetores familiares habituais das vossas projeções. Usando o tabuleiro Ouija ou a escrita automática, podem encontrar-se imediatamente confrontados com esse material que suprimiram no passado. Quando ele vem à superfície, poderão então projetá-lo novamente para fora de vós, mas de uma forma diferente. Em vez de pensarem que estão em contacto com um grande filósofo ou uma «alma antiga», poderão acreditar, em vez disso, que estão a visitar um demónio ou um diabo, ou que estão possuídos por um espírito maligno.

— Nesse caso, já estarão convencidos do poder do mal. Os vossos sentimentos naturais, negados, também carregarão a grande carga da repressão. Poderão ficar cheios da sensação de que estão no meio de uma grande luta cósmica entre as forças do bem

e do mal — e, de facto, isso representa muitas vezes uma imagem válida da vossa própria visão do mundo.

— Nada disto é necessário. Não há perigo nos exercícios que sugiro. Correm muito mais perigo quanto mais tempo inibirem os vossos sentimentos naturais, e as alterações da consciência apresentam-vos frequentemente o enquadramento no qual estes vêm à luz. Se não chegarem à vossa atenção de uma forma ou de outra, então é muito possível que a energia negada por trás deles irrompa em relações rompidas ou doenças.

— As «explorações psíquicas» nunca causam tais dificuldades, nem alguma vez agravam problemas originais. Pelo contrário, são frequentemente altamente terapêuticas, e apresentam à personalidade uma alternativa — uma alternativa à repressão continuada, que seria literalmente insuportável.

— Se normalmente são capazes de lidar com a realidade física, não encontrarão dificuldades nas alterações da consciência, nem ao deixarem a vossa estação de origem. Sejam razoáveis, contudo: se têm dificuldades em Nova Iorque, é muito provável que as encontrem sob outra forma, seja onde for que viajem. Uma mudança de ambiente poderá ajudar a clarear-vos a cabeça, alterando a vossa orientação habitual, de modo que possam ver-se com mais clareza e tirar proveito disso. O mesmo se aplica quando deixam a vossa estação de origem. Aqui, os benefícios possíveis são muito maiores do que na vida e nas viagens habituais, mas

continuam a ser vocês próprios. É impossível não estruturar a realidade de alguma forma. Realidade implica estruturação.

— Se, porém, levarem convosco a vossa própria visão de mundo durante todo o tempo, enquanto viajam, mesmo no vosso próprio mundo, então nunca veem a «cultura nua». São sempre turistas, levando convosco a vossa parafernália caseira e com medo de abdicar dela. Se forem americanos, ingleses ou europeus, então, quando visitam outras zonas do mundo, ficam em hotéis cosmopolitas. Veem sempre as outras culturas através dos vossos próprios olhos.

— Agora, quando deixam a vossa estação de origem e alteram a vossa consciência, são sempre turistas se levarem convosco a vossa própria bagagem de ideias e interpretarem as vossas experiências através das vossas crenças pessoais e culturais. Não há nada de não convencional em deuses e demónios, bons espíritos ou maus espíritos. Estas são interpretações bastante convencionais da experiência, com tonalidades religiosas. Os cultos representam simplesmente contraconvenções, e são tão dogmáticos, à sua maneira, como os sistemas que rejeitam.

— Portanto, quando tentarem estes exercícios, façam uma tentativa honesta de deixar para trás as vossas ideias convencionais. Saiam da vossa própria visão de mundo. Há um exercício que vos ajudará.

ELEMENTO PRÁTICO 13

— *Fechem os olhos. Imaginem uma fotografia de vocês próprios. No olhar da mente, vejam essa fotografia sobre uma mesa ou secretária. Se estiverem a trabalhar mentalmente com uma fotografia específica, reparem nos outros elementos da imagem. Se a fotografia for puramente imaginária, então criem um ambiente em torno da imagem de vocês próprios.*

— *Olhem para a imagem na vossa mente tal como ela existe na fotografia, e vejam-na como estando consciente apenas dos objetos que a rodeiam. O seu mundo é delimitado pelas quatro margens da imagem. Tentem colocar a vossa consciência nessa imagem de vocês próprios. A vossa visão de mundo está limitada à própria fotografia.*

— *Agora, na vossa mente, vejam essa imagem a sair da fotografia, para cima da secretária ou da mesa. O ambiente da sala física parecerá gigantesco a esse pequeno self. Só a escala e a proporção serão muito diferentes. Imaginem essa imagem em miniatura a navegar pela sala física, depois a sair para o exterior, e daí resultará uma visão de mundo bastante expandida.*

— *Muitos de vocês não querem realmente sair da fotografia, ou deixar a vossa visão de mundo; contudo, no estado de sonho, são muito mais livres. Podem fingir que os sonhos não são «reais», porém, e assim ficar com o bolo e comê-lo também, por assim dizer.*

— *Diferentes variedades de sonhos fornecem frequentemente enquadramentos que vos permitem deixar a vossa própria visão de mundo em «condições amortecidas». Saem da imagem normal que fizeram da realidade.*

— *As vossas alterações da consciência ocorrem frequentemente no estado de sonho, portanto, onde vos parece, pelo menos, que as vossas experiências não têm qualquer aplicação prática. Imaginam que estão envolvidas apenas alucinações. Muitas das vossas melhores imagens instantâneas de outras realidades são tiradas nos vossos sonhos. Podem estar sobre-expostas ou subexpostas, e o foco pode estar desfocado, mas os vossos sonhos apresentam-vos muito mais informação sobre a realidade desconhecida do que supõem.*

— *Nos termos mais íntimos, o vosso corpo é a vossa estação de origem, por isso, quando o deixam, muitas vezes escondem esse facto de vós próprios. Contudo, durante o sono, a vossa consciência desliza para fora do corpo e regressa a ele frequentemente. Sonham quando estão fora do corpo, tal como sonham dentro dele. Podem, portanto, formar histórias de sonho sobre as vossas próprias viagens fora do corpo, enquanto a vossa imagem física repousa profundamente na cama.*

— *A realidade desconhecida, como veem, não é realmente assim tão misteriosa para vocês. Apenas fingem que é. Por vezes têm percepções bastante claras das vossas viagens, mas os territórios nativos reais que visitam são tão diferentes do vosso próprio mundo*

que tentam interpretá-los o melhor que conseguem à luz das condições habituais. Se se lembrarem de algum desses episódios, ele poderá muito bem parecer confuso, pois terão sobreposto a vossa própria visão de mundo onde ela não pertence.

— Na viagem em sonho, é perfeitamente possível viajar para outras civilizações — aquelas do vosso passado ou futuro, ou até para mundos cuja realidade existe noutros sistemas prováveis. Há até uma espécie de «cruzamento», pois vocês afetam qualquer sistema de realidade com o qual tenham experiência. Não há realidades fechadas, apenas fronteiras aparentes que parecem separá-las. Quanto mais paroquial for a vossa própria visão de mundo, contudo, menos recordarão desses sonhos ou das suas atividades, ou mais distorcidas serão as vossas «fotografias» de sonho.

— Agora, aqui está outro exercício breve, mas potente.

ELEMENTO PRÁTICO 14

— Antes de irem dormir, digam a vós próprios que tirarão mentalmente uma fotografia de sonho do sonho mais significativo da noite. Digam a vós próprios que estarão até conscientes de o fazer enquanto dormem, e imaginem que têm uma câmara convosco. Levam-na mentalmente para o estado de sonho. Usarão a câmara no ponto das vossas perceções mais claras, tirarão a fotografia e — novamente de forma mental — fixá-la-ão e levá-la-

ão convosco, para que seja a primeira imagem mental que vejam ao acordar.

— Tentarão, naturalmente, tirar a melhor fotografia possível. Podem esperar-se resultados variados. Alguns de vocês acordarão com uma imagem de sonho que se apresenta imediatamente. Outros poderão descobrir que tal imagem surge subitamente mais tarde no dia, no meio das atividades comuns. Contudo, se realizarem este exercício com frequência, muitos de vocês descobrirão que conseguem usar a câmara conscientemente mesmo enquanto dormem, de modo que ela se torna um elemento das vossas viagens de sonho; serão capazes de trazer convosco cada vez mais imagens.

— Estas serão relativamente sem sentido, contudo, se não aprenderem a examiná-las. Não devem ser simplesmente arquivadas e esquecidas. Devem escrever uma descrição de cada cena e daquilo que recordam dela, incluindo os vossos sentimentos tanto no momento do sonho como mais tarde, quando o registarem. O próprio esforço de levar esta câmara convosco torna-vos exploradores mais conscientes e ajuda-vos automaticamente a expandir a vossa própria consciência enquanto estão no estado de sonho. Cada imagem servirá apenas como um pequeno vislumbre de um tipo diferente de realidade. Não podem fazer qualquer julgamento válido com base apenas numa ou duas imagens.

— Agora, estamos a usar uma câmara mental. Há uma certa arte em ser um bom fotógrafo de sonhos, e têm de aprender a operar a

câmara. Na vida física, por exemplo, um fotógrafo sabe que muitas condições afetam a fotografia que tira. As situações exteriores são então importantes: poderão obter uma fotografia muito pobre num dia escuro, por exemplo. Com a nossa câmara de sonho, contudo, as condições são elas próprias mentais. Se estiverem de humor sombrio, por exemplo, então a vossa imagem da realidade interior poderá ser indistinta, mal delineada ou ameaçadora. Isto não significaria necessariamente que o próprio sonho tivesse conotações trágicas, mas simplesmente que foi fotografado sob a «má luz» do estado de espírito da psique.

— *O clima interior muda constantemente, tal como muda o clima exterior. Uma imagem de sonho com um tom lúgubre, portanto, não é muito diferente de uma fotografia física tirada numa tarde chuvosa.*

— *Muitas pessoas, contudo, ao recordar um sonho sombrio, ficam assustadas. Vocês estruturam até os vossos sonhos, naturalmente. Aliás, o vosso mundo de sonho é tão variado como o físico. Cada fotógrafo físico tem uma ideia daquilo que quer captar em filme, e, nessa medida, estrutura a sua fotografia e a sua visão. O mesmo se aplica ao estado de sonho. Têm todos os tipos de sonhos. Podem retirar aquilo que querem, por assim dizer, da realidade de sonho, tal como, basicamente, retiram aquilo que querem da vida de vigília. Por essa razão, as vossas fotografias de sonho mostrar-vos-ão o tipo de experiência que estão a escolher a partir da realidade interior.*

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que a exploração da realidade desconhecida exige mais do que alterar o foco da consciência. É preciso reconhecer as crenças, dogmas, medos e interpretações habituais que estruturam a visão de mundo da Personalidade de Foco. Caso contrário, a pessoa sai da sua estação de origem, mas continua a interpretar tudo através da mesma bagagem mental, cultural e emocional.

A função central do capítulo é esta:

para explorar outras realidades de forma lúcida, a consciência precisa de reconhecer a sua própria visão de mundo, deixar para trás crenças limitadoras e aprender a recolher imagens da realidade interior sem as distorcer imediatamente através dos seus velhos pressupostos.

1. A Natureza da Realidade Pessoal como pré-requisito

Seth apresenta *A Natureza da Realidade Pessoal* como preparação para estes exercícios.

crenças → experiência privada → visão de mundo

As crenças formam a realidade conhecida.

ideias favoritas → estruturação da experiência

Muitas crenças funcionam razoavelmente bem «em casa», dentro da estação de origem.

estação de origem → crenças habituais → estabilidade relativa

Mas essas mesmas crenças podem impedir a exploração quando a consciência começa a afastar-se do seu enquadramento habitual.

viagem psíquica → crenças antigas → bloqueio ou distorção

2. A bagagem das crenças

Cada pessoa transporta uma bagagem de ideias pessoais e culturais.

crenças pessoais + crenças culturais → bagagem interpretativa

Quando essa bagagem é levada para outras realidades, a experiência nova é deformada.

realidade nova → interpretação antiga → distorção

A pessoa pode abandonar parcialmente a estação de origem, mas continuar prisioneira da sua visão de mundo.

sair do lugar → manter a lente → ver o novo como velho

O problema não é apenas viajar. É aprender a viajar sem levar toda a mobília mental.

3. Bem, mal e projeção

Um conceito rígido de bem e mal transforma a existência física num campo de batalha.

bem absoluto × mal absoluto → mundo como combate

A alma é então imaginada como vítima entre forças opostas.

alma → amortecedor → conflito cósmico

O corpo pode ser visto como inferior, errado ou degradado.

corpo → apetites naturais → culpa

Ao mesmo tempo, o próprio ser físico rejeita essa interpretação, porque conhece a graça natural da sua existência.

ser físico → sabedoria natural → recusa da indignidade

4. A projeção do inimigo

Quando a pessoa não reconhece a própria crença na indignidade, projeta-a para fora.

autoindignidade não reconhecida → inimigo exterior

Esse inimigo pode ser:

- outra pessoa
- outra nação
- animais
- outra religião
- partido político

A projeção impede o reconhecimento da fonte interior.

medo de si → projetado fora → inimigo aparente

A pessoa acredita combater algo exterior, quando está a lidar com uma estrutura sua.

5. Alteração de foco e retorno do material reprimido

Ao deixar a estação de origem, os recetores habituais das projeções ficam para trás.

alteração de foco → perda dos recetores familiares

O material reprimido pode surgir diretamente.

repressão → alteração de consciência → emergência

Se a pessoa acredita fortemente no mal, pode interpretar esse material como demónio, diabo ou espírito maligno.

conteúdo reprimido → crença no mal → entidade assustadora

A experiência pode parecer uma luta cósmica, mas muitas vezes é a dramatização da própria visão de mundo.

drama psíquico → leitura literal → batalha cósmica

6. As explorações psíquicas não são o perigo

Seth insiste que os exercícios não são perigosos.

exercícios → enquadramento terapêutico

O perigo maior está na repressão prolongada dos sentimentos naturais.

sentimentos inibidos → energia negada → relações rompidas / doença

As alterações da consciência podem criar o campo onde esses conteúdos vêm à luz.

alteração de consciência → visibilidade do reprimido → possibilidade de integração

A exploração psíquica não cria o problema; revela aquilo que já estava ativo.

- exploração → revelação
 - repressão → agravamento
-

7. A exploração como alternativa terapêutica

As explorações psíquicas oferecem uma alternativa à repressão continuada.

repressão insuportável → alternativa psíquica

Quando bem compreendidas, podem ser altamente terapêuticas.

material reprimido → enquadramento simbólico → libertação

A pessoa continua a ser ela própria quando deixa a estação de origem.

mudança de foco ≠ perda de identidade

Os problemas não desaparecem por mudar de ambiente; podem apenas surgir sob outra forma.

Nova Iorque → outro lugar → mesmos padrões

O mesmo vale para a viagem psíquica.

estação de origem → outra estação → self ainda presente

8. Realidade implica estruturação

Não é possível experienciar realidade sem algum tipo de estrutura.

realidade → estruturação

A questão é saber que estrutura está a ser usada.

- estrutura antiga → realidade nova distorcida
- estrutura flexível → percepção ampliada

A consciência não deve tentar tornar-se amorfa, mas sim reconhecer as estruturas que impõe ao que percebe.

foco consciente → estrutura reconhecida → maior liberdade

9. O turista psíquico

Quem leva sempre a própria visão de mundo nunca vê a «cultura nua».

viagem exterior → hotéis cosmopolitas → cultura filtrada

Do mesmo modo, quem viaja psiquicamente com a bagagem das suas crenças torna-se turista da realidade desconhecida.

viagem interior → bagagem cultural → interpretação convencional

Deuses, demónios, bons espíritos e maus espíritos não são interpretações radicais.

deuses / demónios → convenções religiosas

Os cultos são contraconvenções, mas podem ser tão dogmáticos como os sistemas que rejeitam.

convenção rejeitada → contraconvenção → novo dogma

10. Sair da visão de mundo

A instrução prática é clara:

deixar ideias convencionais → sair da visão de mundo

Não se trata de negar a realidade conhecida.

realidade conhecida → estação de origem válida

Trata-se de não confundir essa realidade com a totalidade do real.

- visão de mundo → leitura parcial
- totalidade → múltiplos modos de organização

A saída da visão de mundo é uma flexibilização do foco.

foco habitual → afrouxamento → nova escala percetiva

11. Elemento Prático 13 — sair da fotografia

O exercício da fotografia mostra a limitação da visão de mundo.

fotografia → quatro margens → mundo limitado

A imagem dentro da fotografia só conhece os objetos contidos nesse enquadramento.

imagem de si → mundo fotográfico → realidade reduzida

Ao sair da fotografia para a mesa, a imagem encontra uma escala muito maior.

fotografia → mesa → sala → exterior

A expansão de escala produz uma visão de mundo ampliada.

self em miniatura → sala gigantesca → nova proporção da realidade

O exercício ensina a consciência a imaginar-se fora do enquadramento que tomava por totalidade.

12. O sonho como saída amortecida

Muitas pessoas não querem sair da fotografia em vigília.

vigília → apego à visão de mundo

No sonho, porém, a consciência é mais livre.

sonho → maior flexibilidade → saída amortecida

Os sonhos permitem abandonar a visão habitual em condições protegidas.

sonho → enquadramento simbólico → menor choque

A pessoa pode fingir que os sonhos não são reais, mantendo assim uma margem de segurança psicológica.

sonho considerado irreal → liberdade sem ameaça

13. O corpo como estação de origem

Nos termos mais íntimos, o corpo é a estação de origem.

corpo → estação de origem física

Durante o sono, a consciência desliza para fora do corpo e regressa a ele frequentemente.

sono → saída do corpo → regresso

A pessoa sonha dentro e fora do corpo.

- sonho no corpo
- sonho fora do corpo

As histórias de sonho podem ser traduções de viagens fora do corpo.

viagem fora do corpo → narrativa de sonho → interpretação simbólica

14. A realidade desconhecida não é tão misteriosa

A realidade desconhecida não é realmente estranha à consciência.

realidade desconhecida → familiar em níveis profundos

A pessoa apenas finge que ela é totalmente misteriosa.

conhecimento interior → negação consciente

Os sonhos trazem percepções claras dessas viagens, mas a consciência comum tenta traduzi-las segundo as condições habituais.

território estranho → visão de mundo habitual → confusão

A confusão nasce da sobreposição da visão de mundo onde ela não pertence.

outra realidade → lente antiga → sonho distorcido

15. Viagens de sonho entre civilizações e sistemas prováveis

Na viagem em sonho, é possível visitar outras civilizações.

- sonho → passado
- sonho → futuro
- sonho → sistemas prováveis

Há uma espécie de cruzamento entre realidades, porque qualquer sistema experienciado é também afetado pela consciência que o contata.

contato com sistema → influência mútua

Não há realidades fechadas.

realidades → fronteiras aparentes

Quanto mais paroquial for a visão de mundo, menos a pessoa recorda ou mais distorce as imagens de sonho.

visão estreita → memória reduzida / distorcida

16. Elemento Prático 14 — a câmara de sonho

O exercício da câmara ensina a recolher conscientemente imagens do sonho.

intenção antes de dormir → câmara mental → fotografia de sonho

A pessoa pede a si própria que tire uma fotografia do sonho mais significativo da noite.

sonho significativo → ponto de percepção clara → imagem recolhida

Essa imagem deve ser a primeira percepção mental ao acordar.

fotografia mental → regresso → imagem ao despertar

Com prática, a câmara torna-se parte das viagens de sonho.

repetição → uso consciente da câmara → mais imagens trazidas

17. Examinar as imagens

As fotografias de sonho não devem ser arquivadas e esquecidas.

imagem de sonho → descrição → sentimentos → análise

É preciso registrar:

- cena
- memória
- emoção durante o sonho
- emoção ao registrar

Cada imagem é apenas um vislumbre.

- uma imagem → fragmento
- várias imagens → padrão

Não se fazem julgamentos válidos com uma ou duas fotografias.

poucos dados → interpretação precipitada

18. O clima interior

A câmara de sonho depende de condições mentais.

- câmara física → luz exterior
- câmara de sonho → luz psíquica

Se a pessoa está de humor sombrio, a imagem da realidade interior pode parecer escura, indefinida ou ameaçadora.

estado de espírito sombrio → imagem sombria

Isso não significa que o sonho seja trágico.

tom escuro → má luz interior

O clima interior muda como o clima exterior.

clima psíquico → variação constante

Um sonho escuro pode ser apenas uma fotografia tirada numa tarde chuvosa da psique.

19. O sonho também é estruturado

A pessoa estrutura os sonhos tal como estrutura a vida de vigília.

foco → seleção → experiência

O mundo de sonho é tão variado como o mundo físico.

realidade de sonho → múltiplas experiências possíveis

Cada sonhador capta aquilo que escolhe, consciente ou inconscientemente, da realidade interior.

realidade interior → seleção → fotografia de sonho

As fotografias de sonho revelam o tipo de experiência que a pessoa está a escolher.

imagem recordada → padrão de escolha interior

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

crenças → visão de mundo → projeção → repressão → alteração de foco → emergência do reprimido → saída da fotografia → sonho como treino → câmara mental → fotografia de sonho → exame das imagens → expansão da realidade

A chave prática é:

- ✓ não basta alterar a consciência; é preciso reconhecer a visão de mundo que se leva para a alteração.

A chave psicológica é:

- ✓ aquilo que aparece como demónio, ameaça ou força exterior pode ser material reprimido, projetado através de crenças antigas.

A chave exploratória é:

- ✓ os sonhos são laboratórios naturais onde a consciência sai da sua fotografia habitual e recolhe imagens de outras realidades.

Em fórmula:

- visão de mundo → moldura da fotografia
- saída da fotografia → expansão de escala
- sonho → saída amortecida
- câmara mental → recolha consciente
- imagem de sonho → vislumbre da realidade interior

O capítulo ensina que a realidade desconhecida não se abre apenas a quem quer viajar, mas a quem aprende a reconhecer a bagagem que leva, a lente com que vê e o clima interior sob o qual fotografa.

CAPÍTULO 41

As Sombras da Psique, as Alucinações de Sonho e o Clima Interior

— Se levarem hoje convosco uma câmara física e forem tirando fotografias enquanto realizam as vossas tarefas, caminham ou conversam com amigos, então terão preservado cenas das atividades do dia.

— Contudo, o vosso filme só tirará fotografias hoje, do dia de hoje. Nenhum ontem ou amanhã aparecerá subitamente nas fotografias instantâneas do presente. O fotógrafo no mundo do sonho, porém, encontrará uma situação inteiramente diferente, pois aí a consciência pode captar cenas de tempos totalmente diferentes com tanta facilidade como o fotógrafo de vigília pode tirar fotografias de lugares diferentes. A menos que compreendam isto, alguns dos vossos «álbuns de sonho» não farão qualquer sentido para vocês.

— Na vida de vigília, experienciam certos acontecimentos como reais e, em geral, são esses os únicos que podem ser captados por um fotógrafo comum. O mundo do sonho, contudo, apresenta uma categoria muito mais vasta de acontecimentos. Muitos acontecimentos poderão mais tarde aparecer como físicos,

enquanto outros, igualmente válidos, não o farão. A câmara de sonho, portanto, captará também acontecimentos prováveis.

— Quando despertam com uma fotografia de sonho em mente, ela pode parecer sem sentido porque não parece correlacionar-se com a ordem oficial de atividades que reconhecem. Podem tomar uma determinada decisão na consciência física e de vigília, e essa decisão pode produzir certos acontecimentos. Usando a vossa câmara de sonho, podem, com prática, descobrir a história da vossa própria psique e encontrar as muitas decisões prováveis experienciadas nos sonhos. Estas serviram de base a partir da qual tomaram a vossa decisão física.

— É necessária alguma subtileza à medida que aprendem a interpretar as imagens individuais dentro do vosso álbum de sonho. Isto deve ser fácil de compreender, pois, se tentassem compreender a vida física tendo apenas um conjunto de fotografias tiradas em lugares diferentes e em tempos diferentes, seria bastante difícil formar uma ideia clara da natureza do mundo físico.

— O mesmo se aplica à realidade de sonho, pois os sonhos que recordam são, de facto, como imagens rápidas tiradas sob condições variáveis. Nenhuma imagem isolada conta a história inteira. Devem, portanto, escrever a vossa descrição de cada imagem de sonho e manter um registo contínuo, pois cada uma fornece mais conhecimento acerca da natureza da vossa própria psique e da realidade desconhecida na qual ela tem a sua existência.

— Quando tiram uma fotografia física, têm de saber como funciona a vossa câmara. Precisam de aprender a focar, a salientar aquelas qualidades particulares que querem registar e a excluir influências distrativas. Sabem a diferença, por exemplo, entre sombras e objetos sólidos. Por vezes, as próprias sombras dão estudos fotográficos fascinantes. Podem utilizá-las no fundo, mas, como fotógrafos, não confundiriam as sombras com, digamos, os objetos sólidos. Ninguém negaria, contudo, que as sombras são reais.

— Agora, usando apenas uma analogia, deixem-me explicar que os vossos pensamentos, emoções e sentimentos também projetam sombras que aqui chamaremos alucinações¹. Elas são perfeitamente válidas. Têm um papel tão forte a desempenhar na realidade de sonho como as sombras têm no mundo físico. São belas em si mesmas. Acrescentam algo à imagem inteira. A sombra de uma árvore arrefece o chão. Afeta o ambiente. Do mesmo modo, as alucinações alteram o ambiente, mas de uma forma diferente e noutro nível de realidade.

— No mundo do sonho, as alucinações são como sombras conscientes. Não são passivas, nem a sua forma depende da sua origem. Têm as suas próprias capacidades.

¹ O uso criativo que Seth faz aqui de «alucinações» está certamente em desacordo com os conceitos normalmente associados à palavra. Num dicionário, por exemplo, as alucinações podem ser descritas como visões e sons aparentemente percebidos. As alucinações estão associadas a algumas perturbações mentais; a objetos que não estão realmente presentes. De modo bastante lógico, então, no dicionário um dos sinónimos de alucinação será uma palavra como «delírio»: uma crença não verdadeira, uma opinião persistente sem evidência física correspondente.

— *Fisicamente, um carvalho pode projetar uma sombra rica e profunda sobre o chão. Ela mover-se-á, espelhando fielmente o mais pequeno movimento da mais pequena folha, mas a sua liberdade de movimento será ditada pelo movimento do carvalho. Nem uma única sombra de folha de carvalho se moverá sem que a sua contraparte o faça.*

— *Seguindo a nossa analogia, no mundo do sonho a sombra do carvalho, uma vez projetada, ficaria então livre para seguir a sua própria direção. Não só isso, mas haveria uma troca criativa entre ela e a árvore que lhe deu origem. Contudo, qualquer pessoa plenamente habituada à realidade interior não teria dificuldade em distinguir o carvalho de sonho da sua sombra brincalhona, tal como um fotógrafo de vigília não teria dificuldade em distinguir o carvalho físico da sua contraparte sobre a relva.*

— *Quando vocês, turistas de sonho, vagueiam pela paisagem interior com a vossa câmara mental, contudo, pode levar algum tempo até conseguirem distinguir a diferença entre acontecimentos de sonho e as suas sombras ou alucinações. Assim, poderão tirar fotografias das sombras em vez das árvores e acabar com uma composição excelente, sem dúvida — mas que vos daria uma versão algo distorcida da realidade interior. Por isso, precisam de aprender a apontar e a focar a vossa câmara de sonho.*

— *No vosso mundo diário, os objetos têm sombras, e os pensamentos, emoções ou sentimentos não; por isso, nas vossas viagens de sonho, lembrem-se simplesmente de que, aí, os*

«objetos» não possuem sombras, mas os pensamentos, emoções e sentimentos possuem.

— Uma vez que estas sombras são muito mais vivas do que as sombras comuns, e definitivamente mais coloridas, podem ser mais difíceis de distinguir ao princípio. Devem lembrar-se de que estão a vaguear através de uma paisagem mental ou psíquica. Podem ficar diante da sombra de um amigo durante a tarde, na realidade de vigília, e estalar os dedos tanto quanto quiserem, mas a sombra do vosso amigo não se moverá nem um pouco. Certamente não desaparecerá só porque lhe dizem para desaparecer. No mundo do sonho, contudo, qualquer alucinação desaparecerá imediatamente assim que a reconhecerem como tal e lhe disserem que se vá embora. Foi originalmente projetada pelo vosso próprio pensamento, emoção ou sentimento e, quando retiram essa fonte, então a sua «sombra» desaparece automaticamente.

— A sombra física de uma pedra espelhará fielmente a sua forma. Nesses termos, pouca criatividade lhe é permitida. Existe uma margem de manobra muito maior, contudo, quando um pensamento, emoção ou sentimento, no mundo do sonho, projeta a sua sombra mais ampla sobre a paisagem da mente.

— Os estados de espírito existem obviamente quando estão a sonhar, tal como existem quando estão acordados. Fisicamente, o dia pode estar brilhante, mas, se estiverem num estado de espírito sombrio, poderão fechar-se automaticamente à luz natural do dia, não reparando nela — ou até usar essa beleza natural como

contraponto que apenas vos faz sentir mais desconsolados. Então poderão olhar para fora, para o dia, através do vosso estado de espírito, e ver a sua beleza como uma fachada sem sentido ou até cruel. O vosso estado de espírito, portanto, alterará a vossa percepção.

— O mesmo se aplica no estado de sonho; mas aí as sombras dos vossos pensamentos, emoções e sentimentos podem ser projetadas para fora em cenas da mais escura desolação. No mundo físico, têm à vossa volta dados sensoriais de massa. Cada indivíduo ajuda a formar esse ambiente exterior. Por mais sombrio que seja o vosso estado de espírito num determinado dia de sol, só os vossos pensamentos individuais não transformarão subitamente os céus azuis em céus chuvosos. Vocês, sozinhos, não têm esse tipo de controlo sobre o ambiente dos vossos semelhantes. No mundo do sonho, contudo, tais pensamentos, emoções e sentimentos formarão definitivamente o vosso ambiente.

— As paisagens tempestuosas de sonho são, por um lado, alucinações, projetadas sobre o mundo interior pelos vossos pensamentos, emoções ou sentimentos. Por outro lado, são representações válidas do vosso clima interior no momento de qualquer sonho dado. Essas cenas podem ser modificadas no próprio estado de sonho, se reconhecerem a sua origem. Poderão escolher, em vez disso, aprender com tais alucinações, permitindo que continuem, enquanto percebem que são, de facto, sombras projetadas pela vossa própria mente.

— *Se forem honestos com os vossos pensamentos, emoções e sentimentos, então expressá-los-ão na vossa vida de vigília, e eles não projetarão sombras perturbadoras nos vossos sonhos.*

— *Podem ter medo de que um filho amado ou um companheiro morra subitamente, mas talvez nunca queiram admitir tal medo. A própria emoção pode, contudo, ser gerada pelas vossas dúvidas acerca de vós próprios. Poderão estar a depender demasiado dessa outra pessoa, tentando viver a vossa própria vida em segunda mão através da vida de outro. O vosso próprio medo, admitido, conduzir-vos-ia a outros sentimentos por trás dele, e a uma maior compreensão de vós próprios.*

— *Não encontrado na vida de vigília, contudo, o medo poderia projetar a sua sombra baça, de modo que sonhassem com a morte do vosso filho ou com a morte de alguém próximo. A experiência de sonho seria lançada na paisagem do sonho e aí encontrada.*

— *Se se lembrassem de um sonho assim, portanto, poderiam pensar que era precognitivo e que o acontecimento se tornaria físico. Em vez disso, todo o significado do acontecimento onírico seria educativo, trazendo o vosso medo para um foco claro. Em tais casos, devem pensar na situação terrível do sonho como uma sombra e procurar a sua fonte dentro da vossa mente.*

— *As sombras podem ser agradáveis e luxuosas, e, num dia quente e soalheiro, estão certamente conscientes da sua natureza benéfica. Assim, algumas alucinações de sonho são belas,*

reconfortantes, refrescantes. Podem trazer grande paz e ser procuradas por si mesmas. Podem acreditar que Deus existe como um pai bondoso, ou podem personificá-lo como Cristo ou Buda. Nos vossos sonhos, poderão então encontrar tais personagens. São perfeitamente válidas, mas são também alucinações projetadas pelos vossos próprios pensamentos, emoções e sentimentos. Sonhos do Céu e do Inferno pertencem igualmente à mesma categoria, nesses termos, como alucinações.

— *A sombra física de uma árvore dá testemunho da existência de uma árvore, mesmo que vejam apenas a sombra; assim, as vossas alucinações que aparecem nos sonhos também dão testemunho da sua origem e atestam um «objeto» de sonho válido, «objetivo», que é tão «sólido» nessa realidade como a árvore é no vosso mundo.*

— *Na realidade física, existe um intervalo temporal entre a conceção de uma ideia, digamos, e a sua materialização. Além disso, operam outras condições que podem desacelerar a atualização física de uma ideia, ou até impedi-la completamente. Se não for expresso fisicamente, o pensamento será atualizado noutra realidade. Uma ideia deve ter certas características, por exemplo, que concordem com os pressupostos físicos antes de se transformar num acontecimento reconhecível. Deve aparecer dentro do vosso contexto temporal.*

— *No mundo do sonho, contudo, cada emoção, sentimento ou ideia pode ser imediatamente expresso e experienciado. O mundo*

físico possui edifícios que vocês fabricam — isto é, eles não brotam naturalmente do próprio chão. Da mesma maneira, os vossos pensamentos são «produtos fabricados» no mundo do sonho. Fazem parte do ambiente e aparecem dentro da sua realidade, embora mudem constantemente de forma e configuração, como os objetos fisicamente fabricados não fazem.

— A Terra tem os seus próprios dados naturais, contudo, e vocês devem usar esse corpo de material para formar todos os vossos produtos fabricados. O mundo do sonho também possui o seu próprio ambiente natural. Vocês formam os vossos sonhos a partir dele e usam os seus produtos naturais para fabricar imagens de sonho. Poucos contemplam, contudo, esse ambiente interior natural.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda o uso da câmara de sonho, mostrando que as imagens recolhidas no estado de sonho não pertencem todas à mesma categoria. Algumas podem corresponder a acontecimentos prováveis, outras a cenas de tempos diferentes, outras a símbolos educativos, e outras ainda a sombras projetadas pelos pensamentos, emoções e sentimentos da própria pessoa.

A função central do capítulo é esta:

no mundo do sonho, pensamentos, emoções e sentimentos projetam sombras vivas — alucinações válidas — que modificam a paisagem interior; aprender a distinguir essas sombras dos acontecimentos de sonho é essencial para interpretar corretamente a realidade psíquica.

1. A câmara física regista lugares; a câmara de sonho regista tempos

Na vida de vigília, uma câmara física capta cenas do dia presente.

câmara física → presente → lugares

O filme comum não mostra ontem nem amanhã.

fotografia física → tempo linear

No mundo do sonho, contudo, a consciência pode captar cenas de tempos diferentes com a mesma facilidade com que, em vigília, fotografa lugares diferentes.

câmara de sonho → tempos diferentes → cenas psíquicas

Assim, um álbum de sonho pode parecer incoerente se for interpretado pela ordem temporal comum.

álbum de sonho → tempos misturados → confusão aparente

2. O mundo do sonho contém uma categoria mais ampla de acontecimentos

A realidade de vigília reconhece apenas certos acontecimentos como reais.

vigília → acontecimentos físicos reconhecidos

O mundo do sonho contém uma categoria mais vasta.

- sonho → acontecimentos físicos futuros

- sonho → acontecimentos prováveis
- sonho → acontecimentos válidos que nunca se tornarão físicos

A câmara de sonho pode captar acontecimentos prováveis.

fotografia de sonho → acontecimento provável

Nem tudo o que é válido psiquicamente precisa de se materializar fisicamente.

validade psíquica ≠ materialização física

3. A história da psique

Com prática, a câmara de sonho permite descobrir a história da própria psique.

sonhos → decisões prováveis → história interior

Antes de uma decisão física ser tomada, podem existir várias decisões prováveis experienciadas em sonho.

decisões prováveis → base psíquica → decisão física

A decisão final em vigília pode ser apenas a versão fisicamente atualizada de um processo mais amplo.

processo psíquico → escolha física

O sonho mostra os bastidores da decisão.

4. O álbum de sonho exige interpretação contínua

Uma imagem isolada não conta a história inteira.

fotografia isolada → dado parcial

O mesmo acontece com os sonhos recordados.

sonho recordado → imagem rápida → contexto incompleto

É preciso manter um registo contínuo.

imagem de sonho → descrição → registo → padrão

Cada fotografia de sonho acrescenta conhecimento sobre:

- psique individual

- realidade desconhecida
- processos prováveis
- ambiente interior

A interpretação nasce da sequência, não de uma imagem isolada.

5. Fotografar exige saber focar

Tal como na fotografia física, a câmara de sonho precisa de ser aprendida.

câmara física → foco → enquadramento → exclusão de distrações

câmara de sonho → foco psíquico → discernimento → interpretação

O sonhador precisa de distinguir:

- acontecimento de sonho
- imagem provável
- sombra psíquica

- alucinação
- clima interior projetado

Sem essa aprendizagem, pode fotografar sombras e julgá-las árvores.

6. As sombras são reais, mas não são os objetos

No mundo físico, as sombras são reais.

sombra física → real

Mas não são o objeto que as projeta.

sombra da árvore ≠ árvore

A sombra dá testemunho do objeto, mas não deve ser confundida com ele.

sombra → pista da origem

O mesmo se aplica à realidade de sonho.

alucinação de sonho → sombra psíquica → pista da origem interior

7. Pensamentos, emoções e sentimentos projetam sombras

Seth usa a analogia das sombras para explicar as alucinações de sonho.

- pensamento → sombra
- emoção → sombra
- sentimento → sombra

Essas sombras são chamadas aqui de alucinações.

sombras psíquicas → alucinações de sonho

Elas são válidas, belas e funcionais dentro da realidade de sonho.

alucinação ≠ erro

alucinação → formação psíquica válida

Estas sombras alteram o ambiente interior, tal como uma sombra física altera o ambiente físico.

alucinação → modifica a paisagem de sonho

8. Emoções e sentimentos não são a mesma coisa

Neste capítulo, convém distinguir claramente os materiais da psique.

- pensamentos → formulações mentais / imagens conceptuais
- emoções → cargas energéticas imediatas
- sentimentos → estados afetivos mais organizados, persistentes ou significativos

A emoção pode surgir como impulso forte e imediato.

medo → emoção

O sentimento pode revelar camadas mais profundas por trás da emoção.

medo admitido → outros sentimentos → maior autocompreensão

Assim, os sonhos podem ser construídos por diferentes níveis de material interior.

- pensamento → forma
 - emoção → carga
 - sentimento → tonalidade afetiva estruturada
 - estado de espírito → clima geral
 - clima interior → paisagem
-

9. Alucinações como sombras conscientes

No mundo físico, a sombra de uma árvore move-se apenas se a árvore se mover.

árvore física → sombra dependente

No mundo do sonho, a sombra torna-se mais livre.

árvore de sonho → sombra viva

A sombra pode seguir a sua própria direção e entrar em troca criativa com a origem que a projetou.

sombra psíquica → autonomia relativa

Por isso, as alucinações de sonho são como sombras conscientes.

alucinação → sombra viva → capacidade própria

10. Distinguir o carvalho da sombra

Quem está habituado à realidade interior distingue o acontecimento de sonho da sua sombra.

experiência interior treinada → discernimento

O turista de sonho, contudo, pode confundir sombra com objeto.

turista de sonho → fotografia da sombra → interpretação distorcida

A imagem pode ser bela, mas ainda assim incompleta.

boa composição → realidade interior distorcida

Por isso, é preciso aprender a apontar e focar a câmara de sonho.

foco correto → distinção entre origem e projeção

11. No sonho, os objetos não têm sombras; os pensamentos, emoções e sentimentos têm

No mundo diário:

- objetos físicos → sombras
- pensamentos / emoções / sentimentos → sem sombras visíveis

No mundo do sonho, a regra inverte-se.

- objetos de sonho → sem sombras físicas
- pensamentos / emoções / sentimentos → sombras psíquicas

Esta é uma regra prática de orientação.

paisagem de sonho → procurar a fonte psíquica da sombra

O que parece exterior pode ser uma projeção viva de material interior.

12. A alucinação desaparece quando a fonte é retirada

No mundo físico, uma sombra não desaparece porque lhe damos uma ordem.

sombra física → dependência da luz e do objeto

No mundo do sonho, uma alucinação desaparece quando é reconhecida como tal e a fonte interior é retirada.

reconhecimento → retirada da fonte → dissolução da sombra

A sombra foi projetada por um pensamento, emoção ou sentimento.

fonte interior → sombra de sonho

Ao retirar a energia da fonte, a sombra perde sustentação.

retirada psíquica → desaparecimento

13. O estado de espírito altera a percepção

O estado de espírito existe no sonho e na vigília.

mood → estado de espírito

Mesmo num dia brilhante, um estado de espírito sombrio pode bloquear a percepção da luz.

dia luminoso + estado sombrio → mundo percebido como vazio ou cruel

A realidade exterior não muda necessariamente, mas a percepção muda.

estado de espírito → filtro percetivo

No sonho, esse filtro torna-se paisagem.

estado de espírito → projeção → cenário de sonho

14. O clima interior torna-se ambiente de sonho

No mundo físico, os pensamentos individuais não transformam imediatamente o céu azul em chuva.

pensamento individual → influência limitada no ambiente físico partilhado

No sonho, contudo, pensamentos, emoções e sentimentos formam diretamente o ambiente.

pensamento + emoção + sentimento → paisagem de sonho

Paisagens tempestuosas podem ser alucinações projetadas sobre o mundo interior.

tempestade de sonho → sombra da psique

Mas também são representações válidas do clima interior.

paisagem sombria → clima interior do momento

15. Aprender com as sombras

Uma paisagem escura de sonho pode ser modificada se a sua origem for reconhecida.

reconhecimento da origem → alteração da cena

Mas também se pode permitir que a cena continue, para aprender com ela.

sombra mantida conscientemente → aprendizagem

O objetivo não é destruir todas as alucinações.

- alucinação → pista
- pista → origem interior

A tarefa é compreender o que a sombra revela.

16. Honestidade com pensamentos, emoções e sentimentos

Se a pessoa é honesta com os seus pensamentos, emoções e sentimentos em vigília, eles não precisam de projetar sombras perturbadoras nos sonhos.

expressão em vigília → menos sombra perturbadora

A repressão, pelo contrário, empurra o material para a paisagem de sonho.

repressão → sombra onírica

O sonho pode tornar visível aquilo que foi evitado.

material evitado → sonho → encontro simbólico

A sombra é muitas vezes uma forma de pedagogia psíquica.

17. O medo como emoção e porta para sentimentos mais profundos

Uma pessoa pode ter medo de perder um filho ou companheiro.

medo → emoção imediata

Se esse medo for admitido, pode conduzir a sentimentos mais profundos.

medo reconhecido → dúvida sobre si → dependência → sentimentos ocultos

O medo pode não ser profecia, mas revelação.

- sonho de morte → não necessariamente precognição
- sonho de morte → medo trazido ao foco

A situação terrível do sonho deve ser tratada como sombra.

situação terrível → sombra → procurar fonte interior

18. Nem todas as alucinações são perturbadoras

As sombras podem ser agradáveis.

sombra física → frescura num dia quente

Do mesmo modo, algumas alucinações de sonho são belas, reconfortantes e pacificadoras.

alucinação de sonho → conforto → paz

Imagens de Deus, Cristo ou Buda podem aparecer nesse contexto.

crença espiritual → personificação onírica → figura válida

Essas figuras são válidas, mas também são projeções de pensamentos, emoções e sentimentos.

figura sagrada → alucinação válida → origem psíquica

Sonhos de Céu e Inferno pertencem à mesma categoria, nesses termos.

Céu / Inferno → paisagens psíquicas projetadas

19. A sombra testemunha a existência de uma origem

Ver apenas a sombra de uma árvore basta para saber que há uma árvore.

sombra → testemunho da origem

Do mesmo modo, uma alucinação de sonho testemunha uma origem psíquica válida.

alucinação → testemunho de objeto de sonho

Esse objeto de sonho é tão sólido na sua realidade como a árvore é no mundo físico.

objeto de sonho → solidez própria

A alucinação não é “nada”; é uma formação derivada de algo real no seu nível.

20. Ideias não expressas atualizam-se noutra realidade

Na realidade física há atraso entre ideia e materialização.

ideia → intervalo temporal → materialização física

Muitas condições podem atrasar ou impedir a atualização física.

pressupostos físicos → seleção → acontecimento reconhecível

Se o pensamento não for expresso fisicamente, será atualizado noutra realidade.

pensamento não físico → atualização noutra realidade

A psique não deixa simplesmente o material desaparecer.

energia psíquica → expressão em algum nível

21. O sonho permite expressão imediata

No mundo do sonho, cada emoção, sentimento ou ideia pode ser imediatamente expresso e experienciado.

- emoção → imagem de sonho
- sentimento → atmosfera de sonho
- ideia → forma de sonho

A expressão é mais direta do que na realidade física.

material interior → manifestação imediata

Por isso, o sonho é um ambiente altamente responsivo.

psique → ambiente de sonho

22. Pensamentos como produtos fabricados no sonho

No mundo físico, os edifícios são produtos fabricados.

matéria física → edifício

No mundo do sonho, os pensamentos são produtos fabricados.

material psíquico → pensamento-forma

Eles fazem parte do ambiente e aparecem dentro da sua realidade.

pensamento fabricado → elemento da paisagem de sonho

Ao contrário dos objetos físicos, mudam constantemente de forma e configuração.

forma onírica → mutação constante

23. O ambiente interior natural

A Terra tem dados naturais usados para fabricar objetos físicos.

dados naturais da Terra → produtos físicos

O mundo do sonho também possui um ambiente natural.

ambiente interior natural → matéria-prima do sonho

A psique forma os sonhos a partir desse ambiente.

ambiente interior → imagens de sonho

Poucos contemplam esse ambiente em si mesmo.

- sonhos fabricados → visíveis
 - ambiente interior natural → raramente percebido
-

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

câmara de sonho → álbum de sonho → acontecimentos prováveis
→ sombras psíquicas → alucinações válidas → pensamentos,
emoções e sentimentos → clima interior → paisagem de sonho →
interpretação lúcida

A chave prática é:

antes de interpretar um sonho como profecia, entidade ou acontecimento objetivo, é preciso perguntar se ele é uma sombra projetada por pensamentos, emoções ou sentimentos.

A chave psicológica é:

emoções reprimidas e sentimentos não reconhecidos podem aparecer como paisagens, figuras ou acontecimentos de sonho.

A chave exploratória é:

a realidade de sonho possui acontecimentos próprios, mas também contém sombras conscientes projetadas pela psique; distinguir umas das outras é parte essencial da arte de fotografar o sonho.

Em fórmula:

- pensamento → forma
- emoção → carga energética
- sentimento → tonalidade afetiva estruturada
- estado de espírito → clima
- clima interior → paisagem
- paisagem de sonho → imagem interpretável

O capítulo ensina que o sonho é simultaneamente **território**, **espelho** e **oficina**: território onde a consciência viaja, espelho onde a psique projeta sombras, e oficina onde pensamentos, emoções e sentimentos fabricam imagens capazes de revelar a realidade interior.

CAPÍTULO 42

O Espelho da Psique, o Espaço-Tempo do Sonho e as Contrapartes do Self

— Quando olham para um espelho, veem o vosso reflexo, mas ele não vos responde. No estado de sonho, estão a olhar para o espelho da psique, por assim dizer, e a ver os reflexos dos vossos próprios pensamentos, medos e desejos.

— Aqui, contudo, os «reflexos» falam de facto e assumem a sua própria forma. Em certo sentido, são autónomos, na medida em que possuem o seu próprio tipo de realidade. No estado de sonho, as vossas alegrias e medos respondem-vos, representam e encenam o papel que lhes atribuíram.

— Se, por exemplo, acreditam que possuem grande riqueza interior, poderão ter um sonho acerca de um rei num belo palácio. O rei não precisa, de facto, de se parecer convosco, nem vocês precisam de se identificar com ele no sonho. Simbolicamente, contudo, isto representaria uma maneira de expressar os vossos sentimentos. A riqueza interior seria aqui interpretada nos mesmos termos que o luxo mundano. O sonho, uma vez criado, seguiria o seu próprio caminho. Se tiverem conflitos em torno das ideias ligadas ao bem e ao mal, ou à riqueza e à pobreza, então o rei

poderá perder as suas terras ou bens, ou alguma catástrofe poderá abater-se sobre ele.

— Se suspeitarem que a abundância é, de algum modo, espiritualmente perigosa, então o rei poderá ser capturado e punido. Poderão estar envolvidos todos os tipos de outros acontecimentos: grupos de pessoas, por exemplo, representando bandos de desejos «à solta». Todo o drama envolveria a «evolução» de uma emoção ou crença. No estado de sonho, vocês libertam-na e veem o que lhe acontecerá, como se desenvolverá, para onde irá.

— Os reflexos das vossas ideias e emoções íntimas são então projetados para fora num drama rico. Podem observar a peça, assumir um papel nela, ou entrar e sair dos seus atos conforme preferirem. Usarão os vossos próprios símbolos privados. Estes representam a vossa taquigrafia psíquica. Estão ligados à vossa criatividade pessoal, pelo que os livros de sonhos não vos ajudarão a decifrar esses significados se atribuírem um significado específico a qualquer símbolo dado.

— Os próprios símbolos mudam. Se tivessem diante de vós toda a vossa história de sonho e pudessem ler — como num livro — a história de todos os vossos sonhos desde o nascimento, descobririam que alteraram o significado dos vossos símbolos à medida que avançavam, ou conforme isso servia os vossos propósitos. O conteúdo de um sonho tem muito que ver com a maneira como empregam qualquer símbolo dado.

— O rei, por exemplo, pode num certo momento ser o símbolo de grande riqueza interior. Pode ser régio, mas pobre, significando a ideia de que a riqueza não envolve necessariamente bens físicos. Noutro momento, poderá aparecer como ditador, cruel e arrogante, caso em que representaria um enquadramento inteiramente diferente de sentimento e crença. Poderá mostrar-se como jovem monarca, assinalando a crença de que «a juventude é rei». Em vários momentos da história, a mesma imagem foi usada de forma bastante diferente. Quando as pessoas estão a combater monarcas ditatoriais, então o rei aparece muitas vezes nos sonhos como uma personagem desprezível, a ser expulsa a pontapé e posta em fuga.

— Quer se lembrem ou não dos vossos sonhos, estão a educar-vos enquanto eles acontecem. Poderão, contudo, «despertar» subitamente enquanto ainda estão dentro do estado de sonho e reconhecer o drama que vocês próprios criaram. Nesse ponto, compreenderão que a peça, embora pareça bastante real, é até certo ponto alucinatória. Se preferirem, podem limpar o palco imediatamente, dizendo: «Não gosto desta peça e, por isso, deixarei de a criar.» Poderão então encontrar-se diante de um palco vazio, ficar momentaneamente desorientados perante a súbita ausência de atividade e começar prontamente a formar outra peça de sonho mais ao vosso agrado.

— Se, contudo, fizerem primeiro uma pausa e esperarem um momento, poderão começar a entrever o ambiente que serve de palco: a paisagem natural da realidade de sonho. Na vida de vigília, se querem desligar-se de um acontecimento ou lugar, tentam afastar-se dele no espaço. Na realidade de sonho, os

acontecimentos ocorrem de uma maneira diferente, e os lugares brotam à vossa volta. Se encontrarem pessoas ou acontecimentos que não são do vosso agrado, então devem simplesmente afastar deles a vossa atenção, e eles desaparecerão no que diz respeito à vossa experiência.

— Na realidade física, podem mover-se com relativa liberdade através do espaço, mas não viajam de uma cidade para outra, por exemplo, a menos que queiram. A intenção é convocada. Isto é tão óbvio que o seu significado vos escapa: mas é a intenção que vos move através do espaço e que está por trás de toda a vossa locomoção física. Utilizam navios, automóveis, comboios, aviões, porque querem ir para outro lugar, e certos veículos funcionam melhor sob certas condições.

— No estado de vigília, viajam para lugares. Eles não vêm até vocês. Na realidade de sonho, contudo, a vossa intenção faz com que os lugares brotem à vossa volta. Eles vêm até vocês, em vez de acontecer o contrário. Vocês formam e atraem «lugares», ou uma espécie de espaço interior no qual têm então certas experiências.

— Este espaço interior não «desloca» o espaço normal, nem o empurra para o lado. Ainda assim, está envolvida a criação de um ambiente ou localização interior definida.

— Aqueles de vocês que são curiosos, tentem esta experiência.

ELEMENTO PRÁTICO 15

— *Num sonho, tentem expandir qualquer espaço em que se encontrem. Se estiverem numa divisão, passem dela para outra. Se estiverem numa rua, sigam-na até onde conseguirem, ou virem uma esquina. A menos que estejam a trabalhar ideias de limitação por razões próprias, descobrirão que conseguem, de facto, expandir o espaço interior. Não há nenhum ponto em que tenha de surgir um fim para ele.*

— *As propriedades do espaço interior são, portanto, ilimitadas. A maioria das pessoas não é assim tão proficiente na manipulação dos sonhos, mas certamente alguns dos meus leitores conseguirão lembrar-se do que estou a dizer enquanto estão a sonhar. A essas pessoas digo: «Olhem à vossa volta no estado de sonho. Tentem expandir qualquer localização em que se encontrem. Se estiverem numa casa, lembrem-se de olhar pela janela. E, assim que caminharem até essa janela, uma cena aparecerá. Podem sair dessa casa de sonho para outro ambiente; e, pelo menos teoricamente, podem explorar esse mundo, e o espaço dentro dele expandir-se-á. Não haverá nenhum ponto no sonho onde o ambiente cesse.»*

— *Aquilo que pensam como espaço exterior expande-se precisamente da mesma maneira. A este respeito, a realidade de sonho espelha fielmente aquilo a que se referem como a natureza do mundo exterior.*

— *A experiência terrena, mesmo nos vossos termos, é muito mais variada do que alguma vez imaginam conscientemente. A vida íntima de uma pessoa num país, com a sua cultura, é muito diferente da de um indivíduo que vem de outro tipo de cultura, com as suas próprias ideias de arte, história, política, religião ou lei. Porque se concentram nas semelhanças por necessidade, o mundo físico possui então a sua coerência.*

— *Há abismos desconhecidos que separam a experiência privada de um indiano pobre, de um indiano rico, de um nativo da Nova Guiné, de um alfaiate americano, de um nacionalista africano, de uma aristocrata chinesa, de uma dona de casa irlandesa. Estas diferenças não podem ser declaradas objetivamente. Produzem, contudo, diferenças qualitativas na experiência do espaço e do tempo.*

— *Há viajantes de jato e há aqueles que nunca viram um comboio, de modo que o vosso próprio sistema de realidade contém contrastes vastíssimos. O estado de sonho, contudo, envolve-vos num tipo de comunicação que não é fisicamente praticável, pois ali nenhum homem ou mulher fica limitado a um papel dado; as ideias de nenhum indivíduo, no estado de sonho, são limitadas pelo seu contexto cultural ou pela sua experiência física.*

— *Mesmo aqueles que nunca viram um avião podem viajar de lugar para lugar num abrir e fechar de olhos, e os pobres são alimentados, os ignorantes tornam-se sábios, os doentes ficam bem. A criatividade que pode estar fisicamente bloqueada é*

expressa. É verdade que o homem faminto, ao acordar, continua faminto. Os doentes podem despertar sem mais saúde do que tinham antes. Em termos mais profundos, contudo, no estado de sonho cada pessoa estará a trabalhar os seus próprios problemas ou desafios. A sonhar, uma pessoa pode curar-se de uma doença, trabalhando os problemas que a causaram. A sonhar, o indivíduo faminto pode descobrir maneiras de encontrar alimento, ou de obter o dinheiro para o comprar. Sonhar é uma atividade prática. Se fosse entendido como tal, seria ainda mais prático nos vossos termos.

— Os animais também sonham, por exemplo, e manadas inteiras de animais famintos serão conduzidas pelos seus sonhos a encontrar melhores pastagens. Da mesma maneira, os sonhos de pessoas famintas apontam para a solução do problema. Tais dados são em grande parte ignorados, contudo. No estado de sonho, qualquer indivíduo pode encontrar a solução para qualquer desafio existente.

— A grande cooperação natural que existe entre o self de vigília e o self sonhador foi, em grande parte, posta de lado. A mente consciente está perfeitamente equipada para interpretar a informação dos sonhos.

— Vocês esquecem-se de que sonhar faz parte da vida. Desligaram-no, pelo menos nos vossos pensamentos, da vossa experiência diária, de modo que os sonhos parecem não ter aplicação prática.

— *Vivem, contudo, num ambiente mental de vigília e de sonho. Em ambos os ambientes, estão conscientes.*

— *A vossa experiência de sonho representa uma realidade axial, como o centro de uma roda. O vosso mundo físico é um raio. Estão unidos a todas as vossas outras existências simultâneas através da natureza do estado de sonho. A realidade desconhecida é ali apresentada à vossa visão, e não há qualquer razão biológica, mental ou psíquica pela qual não possam aprender a usar e a compreender a vossa própria realidade sonhadora.*

— *Nos vossos sonhos, nos vossos termos, encontram o vosso passado pessoal a aparecer no presente; portanto, nesses termos, também ocorre o passado da espécie. As probabilidades futuras também são ali trabalhadas, de modo que, individual e coletivamente, a espécie decide o seu futuro provável. Há uma sensação, mantida por muitos, de que o estudo da realidade de sonho vos afastará ainda mais do mundo que conhecem. Pelo contrário, ligá-los-ia a esse mundo nos termos mais práticos.*

— *Eu disse que o espaço interior se expande, mas o tempo interior também se expande. Aqueles de vocês que conseguirem lembrar-se, tentem a experiência seguinte.*

— Quando se encontrarem dentro de um sonho, digam a vós próprios que saberão o que aconteceu antes de nele entrarem, e o passado crescerá para fora a partir desse momento. Mais uma vez, não haverá nenhum lugar onde o tempo pare. O tempo num sonho não «desloca» o tempo físico. Abre-se a partir dele. O tempo exterior, novamente, opera da mesma maneira, embora vocês não percebam isso.

— O tempo expande-se em todas as direções e para longe de qualquer ponto dado. O passado nunca está feito e acabado, e o futuro nunca está concretamente formado. Vocês escolhem experienciar certas versões dos acontecimentos. Depois organizam-nas, mordiscando-as, por assim dizer, um pouco «de cada vez».

— A criatividade de qualquer entidade dada é infinita, e, contudo, todos os potenciais de experiência serão explorados. O homem pobre pode sonhar que é rei. Uma rainha, cansada do seu papel, pode sonhar que é uma rapariga camponesa. No tempo físico que reconhecem, o rei continua rei, e a rainha continua rainha. Contudo, os seus sonhos não são tão incaracterísticos ou tão separados das suas experiências como poderia parecer. Em termos mais amplos, o rei foi mendigo e a rainha foi camponesa. Vocês seguem, em termos de continuidade, uma versão de vós próprios em qualquer «momento» dado.

— Muitas pessoas percebem intuitivamente que o self é multitudinário, e não singular. Essa percepção é geralmente colocada em termos reencarnacionais, de modo que o self é visto como

viajando através dos séculos, movendo-se pelas portas da morte e da vida para outros tempos e lugares.

— O facto é que a natureza básica da realidade se mostra com bastante clareza na natureza do estado de sonho, onde, em qualquer noite dada, podem encontrar-se a assumir muitos papéis simultaneamente. Podem mudar de sexo, posição social, aliança nacional ou religiosa, idade, e, contudo, reconhecerem-se como vocês próprios.

— Ultimamente, Joseph encontrou-se embarcado numa série de episódios que parecem envolver existências reencarnacionais. Havia um senão, contudo. Ele viu-se como uma mulher — negra. No mês passado, também se viu como um soldado romano a bordo de um navio negreiro. Anteriormente, tivera uma experiência que o convencera de que fora um homem chamado Nebene.¹ Tudo isto poderia ter sido aceite com bastante facilidade nos termos convencionais da reencarnação, mas Joseph sentia que Nebene e o soldado romano tinham existido durante o mesmo período temporal geral, e não tinha a certeza de onde colocar a mulher.

— Em todos estes episódios esteve envolvida uma experiência emocional definida. Também estava ligado a eles um sentido indefinível, mas inconfundível, de familiaridade. O espaço e o tempo expandem-se continuamente, e todas as probabilidades de

¹ Nesses termos, a minha suposta vida “Nebene” ocorreu na Grécia, Palestina, Roma e outros locais do Médio Oriente durante a primeira parte do século I d.C.

qualquer ação dada são atualizadas numa realidade ou noutra. Todos os potenciais da entidade também são atualizados.

— Muito literalmente, vocês vivem mais do que uma vida de cada vez. Não experienciam o vosso século simplesmente a partir de um único ponto de vista separado, e os indivíduos vivos em qualquer século dado possuem ligações muito mais profundas do que percebem. Não experienciam, então, o vosso mundo de espaço-tempo a partir de um só ponto de vista, mas de muitos.

— Se estão empanturrados — saciados — com um jantar de bife, por exemplo, na América ou na Europa, então também estão esfomeados noutra parte do mundo, experienciando a vida a partir de um ponto de vista inteiramente diferente. Falam de raças humanas. Não compreendem como a consciência se distribui a esse respeito. Têm contrapartes de vós próprios.

— Em termos gerais, as pessoas que vivem dentro de qualquer século dado estão relacionadas em termos de consciência e identidade. Isto é verdade biológica e espiritualmente, através de inter-relações que não compreendem.

— Joseph estava a «captar» vidas que «ele» viveu no mesmo esquema temporal. Desta maneira, e nos vossos termos, começava a reconhecer o parentesco que existe entre indivíduos que partilham a vossa Terra em qualquer tempo dado.

— Cada identidade tem livre-arbítrio e escolhe o seu ambiente como uma posição física no espaço e no tempo. Aqueles envolvidos num dado século estão a trabalhar problemas e desafios particulares. As várias raças não «acontecem» simplesmente, e as culturas diversas não aparecem por acaso. O self maior «divide-se», materializando-se em carne como vários indivíduos, com contextos inteiramente diferentes — mas cada um embarcado no mesmo tipo de desafio criativo.

— O homem negro é algures um homem ou mulher branco no vosso tempo. O homem ou mulher branco é algures negro. O opressor é algures o oprimido. O conquistador é algures o conquistado. O primitivo é algures sofisticado — e, nos vossos termos, algures na face da mesma Terra, no vosso tempo geral. O assassino é algures a vítima, e vice-versa — e, novamente, nos vossos termos de espaço e tempo.

— Cada um escolherá o seu próprio enquadramento, de acordo com as intenções da consciência da qual cada um de vocês é uma parte independente. Dessa forma, são trabalhados os desafios e oportunidades inerentes a um determinado «tempo».

— Vocês são contrapartes de vós próprios, mas, como Ruburt diria, contrapartes «excêntricas» vivas, cada uma com as suas próprias capacidades. Assim, Joseph «foi» Nebene, um homem erudito, nada aventureiro, obcecado em copiar verdades antigas e receoso de que a criatividade fosse erro; autoritário e exigente. Temia o encontro sexual e ensinava crianças romanas ricas. Ao

mesmo tempo, no mesmo mundo e no mesmo século, Joseph foi um oficial romano agressivo, aventureiro, relativamente insensível, que teria pouca compreensão de manuscritos ou registros — mas que também seguia a autoridade sem a questionar.²

— Nos vossos termos, Joseph é agora um homem que questiona a autoridade, que a pisa e a atira para o lado, que rasga as próprias estruturas de ideias às quais «outrora» prestou tal serviço.

— Em termos mais amplos, estas experiências ocorrem todas ao mesmo tempo. A mulher negra não seguia nada senão os seus próprios instintos — e de modo muito vívido, também. Não quero dar demasiado contexto aqui e, desse modo, roubar ao nosso Joseph as descobertas que ele certamente fará por si próprio — mas a mulher curvava-se apenas perante a autoridade das suas próprias emoções, e essas emoções colocavam-na automaticamente em conflito com a política colonial britânica da época.

— O foco de identidade de Joseph é o seu próprio. Ele seguiu-o. Ele não foi Nebene, nem o oficial romano, nem a mulher. No

² O meu self de soldado romano pode ter “seguido a autoridade sem a questionar”, como Seth afirma neste capítulo, e, ainda assim, deve ter-se comportado com mais do que um pouco de astúcia. Numa sessão privada realizada algum tempo depois de ter terminado “A Realidade «Desconhecida»”, Seth voltou a referir-se ao romano — fazendo-o devido a material adicional que eu produzira acerca dessa personalidade do primeiro século. Seth:

“Como romano, fingias ser um seguidor enquanto eras um homem de patente no exército. Não tinhas nenhuma crença nos deuses convencionais, e, contudo, supostamente conquistavas terras em nome deles. Viajaste até África. Tinhas desprezo pelos líderes enquanto mentirosos e pelas massas enquanto seguidores, e por isso estavas sempre envolvido em algum tipo de disputa com os teus companheiros, e até com as autoridades. Eras de natureza querelenta, embora muito curioso, e, novamente, fisicamente envolvido.

“A tua curiosidade não dizia respeito a filosofias, mas tinha que ver com o mundo físico, e particularmente com as suas vias aquáticas...”

*entanto, eles são versões daquilo que ele é, e ele é uma versão daquilo que eles «foram»; e, a certos níveis, cada um está consciente dos outros. Há interação constante.*³

— *O soldado romano sonha com a mulher negra, e com Joseph. Há uma reminiscência que aparece até no conhecimento das células, e uma certa correspondência. Há, então, ligações no que diz respeito à recordação celular e aos sonhos. Agora, o soldado romano, Nebene e a mulher seguiram os seus caminhos separados depois da morte: contribuíram para o mundo tal como ele existia, nesses termos, e depois seguiram as suas próprias linhas de desenvolvimento, noutros lugares, noutras realidades. Assim, cada um de vocês existe em muitos tempos e lugares, e versões de vocês próprios existem no mundo e no tempo que reconhecem. Tal como fazem parte de uma espécie física, também fazem parte de uma espécie de consciência. Essa espécie forma as raças da humanidade que reconhecem.*

³ A “interação constante” que Seth mencionou envolvendo-me, a mim próprio, Nebene, o soldado romano e a mulher negra, Maumee, ocorre obviamente em níveis de consciência que não são os habituais — pelo menos no meu caso. Pois, enquanto eu tinha a experiência como romano, por exemplo, não sentia nada por Nebene ou Maumee — nenhuma ideia de reencarnação, nem também de contrapartes. Cada “vez” que sintonizava uma dessas personalidades, estava demasiado envolvido nesse papel particular para estar consciente de qualquer uma das outras. Agora, contudo, enquanto escrevo isto, consigo pelo menos sentir ideias acerca delas no fundo da minha mente...

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que o sonho não é apenas uma atividade simbólica ou compensatória, mas uma realidade axial onde a psique se observa, ensaia possibilidades, expande espaço e tempo interiores, e contata outras versões simultâneas do self.

A função central do capítulo é esta:

o estado de sonho revela a natureza multidistribuída da identidade: nele, a consciência experiencia papéis, símbolos, tempos, espaços e contrapartes que mostram que o self não é singular nem linear, mas uma constelação viva de versões simultâneas.

1. O sonho como espelho ativo da psique

No sonho, a pessoa olha para o espelho da psique.

- vigília → espelho físico → reflexo mudo
- sonho → espelho da psique → reflexo vivo

Os reflexos dos pensamentos, medos, desejos, alegrias, emoções e crenças ganham forma própria.

conteúdo interior → figura de sonho

Esses reflexos não são passivos.

reflexo → fala → atua → desenvolve-se

No sonho, a psique vê as suas próprias criações a responderem-lhe.

self → cria drama → encontra-se no drama

2. O drama de sonho como evolução de uma emoção ou crença

Um símbolo de sonho não possui significado fixo.

- rei → riqueza interior
- rei → ditador
- rei → juventude
- rei → poder corrompido

O conteúdo do sonho depende do uso pessoal do símbolo.

- símbolo → taquigrafia psíquica
- contexto interior → significado do símbolo

Um sonho pode encenar a evolução de uma emoção ou crença.

emoção / crença → libertação no sonho → desenvolvimento dramático

A pessoa pode observar a peça, participar nela ou mover-se entre os seus atos.

sonhador → observador / ator / criador

3. Os símbolos privados

Os símbolos usados nos sonhos pertencem à criatividade pessoal.

símbolo privado → linguagem interior

Por isso, livros de sonhos não conseguem decifrá-los de forma universal.

significado fixo → falso atalho

O símbolo muda ao longo da vida.

história pessoal → mudança de símbolos

O mesmo símbolo pode representar funções diferentes em fases diferentes.

símbolo idêntico → função diferente

A chave não é perguntar “o que significa este símbolo?”, mas:

como estou a usar este símbolo agora?

4. Despertar dentro do sonho

A pessoa pode “despertar” dentro do estado de sonho e reconhecer que criou o drama.

lucidez no sonho → reconhecimento da peça

Nesse momento, pode desfazer a cena.

não gosto desta peça → deixo de a criar

Mas, se fizer uma pausa antes de criar outra peça, pode entrever algo mais profundo.

palco vazio → paisagem natural da realidade de sonho

Aqui Seth introduz uma distinção essencial:

- drama criado pela psique
- ambiente natural da realidade de sonho

O sonho não é apenas projeção pessoal; possui também um ambiente próprio.

5. Atenção como movimento no sonho

Na realidade física, afastamo-nos de lugares movendo-nos pelo espaço.

lugar desagradável → deslocação física

Na realidade de sonho, afastamo-nos movendo a atenção.

pessoa / evento desagradável → retirar atenção → desaparecimento da experiência

A intenção é o motor do movimento.

- intenção → locomoção física
- intenção → surgimento de lugares no sonho

Na vigília, a pessoa viaja até aos lugares.

vigília → eu vou ao lugar

No sonho, os lugares vêm até à pessoa.

sonho → lugar brota à volta da intenção

6. Espaço interior

O espaço interior não desloca o espaço físico.

espaço interior ≠ substituição do espaço normal

Ele abre uma localização ou ambiente próprio.

intenção → espaço interior → experiência

No sonho, o espaço pode expandir-se indefinidamente.

divisão → outra divisão → rua → esquina → novo ambiente

Não há ponto obrigatório onde o ambiente cesse.

espaço interior → expansão ilimitada

A realidade de sonho espelha aqui a própria natureza do espaço exterior.

espaço interior expansivo ↔ espaço exterior expansivo

7. Elemento Prático 15 — expandir o espaço do sonho

O exercício ensina a testar a elasticidade do espaço interior.

sonho → reconhecer localização → expandir localização

Se a pessoa estiver numa divisão, deve passar para outra.

divisão → outra divisão

Se estiver numa rua, deve segui-la ou virar uma esquina.

rua → continuação → nova cena

Se estiver numa casa, deve olhar pela janela.

janela → cena aparece

O exercício revela que a paisagem onírica responde à intenção exploratória.

atenção + intenção → expansão do ambiente

8. A experiência terrena é mais variada do que parece

O mundo físico parece coerente porque a consciência enfatiza semelhanças.

semelhanças destacadas → mundo comum

Mas as diferenças privadas entre culturas, classes, histórias e formas de vida são imensas.

culturas diferentes → experiências diferentes de espaço e tempo

Essas diferenças não podem ser totalmente descritas objetivamente.

diferença qualitativa → difícil tradução objetiva

A experiência de um mundo partilhado é construída por foco seletivo.

foco nas semelhanças → realidade física coerente

9. O sonho liberta papéis culturais

No estado de sonho, a identidade não está presa ao papel físico ou cultural.

- vigília → papel social / cultura / experiência física
- sonho → comunicação além desses limites

Quem nunca viu um avião pode viajar instantaneamente.

limitação física → superada no sonho

A criatividade bloqueada fisicamente pode expressar-se.

criatividade impedida → expressão onírica

O sonho não elimina automaticamente a fome ou a doença ao acordar, mas trabalha os padrões e desafios associados.

sonho → solução interior → aplicação possível na vigília

10. Sonhar é uma atividade prática

Seth insiste que sonhar é prático.

- sonho ≠ fantasia inútil
- sonho → resolução de problemas

Uma pessoa pode, no sonho, trabalhar causas interiores de uma doença.

doença → problema interior → trabalho onírico

Uma pessoa faminta pode descobrir soluções.

fome → sonho → direção prática

Animais famintos podem ser conduzidos pelos seus sonhos a melhores pastagens.

sonho animal → orientação vital

A mente consciente está equipada para interpretar essa informação.

- self sonhador → dados
 - mente consciente → interpretação
-

11. Realidade axial do sonho

A experiência de sonho é uma realidade axial.

sonho → centro da roda

O mundo físico é apenas um raio dessa roda.

mundo físico → um raio

Através do sonho, a pessoa liga-se às suas outras existências simultâneas.

sonho → eixo de comunicação → existências simultâneas

A realidade desconhecida apresenta-se ali à visão.

realidade desconhecida → acessível no sonho

Não há razão biológica, mental ou psíquica para a pessoa não aprender a usar a realidade sonhadora.

12. O passado pessoal e o passado da espécie

Nos sonhos, o passado pessoal aparece no presente.

passado pessoal → presente onírico

Da mesma forma, o passado da espécie também ocorre.

passado da espécie → sonho

As probabilidades futuras são ali trabalhadas.

futuro provável → ensaio onírico

Individual e coletivamente, a espécie decide o seu futuro provável.

indivíduo + espécie → sonho → futuro provável

O estudo do sonho não afasta do mundo físico; liga mais profundamente a ele.

realidade de sonho → compreensão prática da vida

13. Elemento Prático 16 — expandir o tempo interior

Seth propõe expandir o tempo no sonho.

- espaço interior expande-se
- tempo interior também se expande

Dentro de um sonho, a pessoa deve dizer a si própria que saberá o que aconteceu antes de entrar nele.

sonho presente → intenção → passado do sonho abre-se

O passado cresce para fora a partir daquele momento.

momento onírico → passado expandido

O tempo do sonho não desloca o tempo físico.

tempo de sonho ≠ substituição do tempo físico

Abre-se a partir dele.

tempo físico → abertura → tempo interior

14. O tempo expande-se em todas as direções

O tempo não é uma linha fechada.

ponto dado → tempo expande-se em todas as direções

O passado nunca está totalmente acabado.

passado → aberto

O futuro nunca está concretamente formado.

futuro → probabilístico

A consciência escolhe certas versões dos acontecimentos.

campo de acontecimentos → versão escolhida

Depois organiza essas versões pouco a pouco.

versões escolhidas → experiência sequencial

15. O self multitudinário

O self não é singular.

self → multitudinário

A interpretação comum transforma esta intuição em reencarnação linear.

self múltiplo → séculos sucessivos → reencarnação convencional

Seth desloca a leitura.

reencarnação linear → existências simultâneas

No sonho, a pessoa pode assumir muitos papéis numa só noite.

- sexo diferente
- idade diferente
- classe social diferente
- aliança nacional ou religiosa diferente

E, contudo, reconhecer-se como ela própria.

mudança de papel → continuidade de identidade

16. As experiências de Joseph

Joseph capta episódios que parecem reencarnacionais.

- Nebene
- soldado romano
- mulher negra na Jamaica

O problema é que algumas dessas vidas parecem ocorrer no mesmo período temporal geral.

mesmo século → impossibilidade reencarnacional linear

A dificuldade obriga a rever o modelo.

- vidas sucessivas → insuficiente
- vidas simultâneas / contrapartes → novo enquadramento

Há emoção, familiaridade e reconhecimento profundo.

experiência emocional → sentido de familiaridade → ligação psíquica

17. Mais do que uma vida de cada vez

Seth afirma literalmente que vivemos mais do que uma vida de cada vez.

uma identidade → muitos pontos de vista

A pessoa não experiencia o seu século a partir de um único foco separado.

século → múltiplos focos de experiência

A consciência distribui-se através de diferentes posições.

consciência → distribuição → contrapartes

Por isso, a experiência humana não é apenas individual, mas relacional e simultânea.

eu → outros eus → campo comum

18. Contrapartes

As contrapartes são versões vivas do self em diferentes enquadramentos.

self maior → vários indivíduos → mesmo campo temporal

Cada contraparte tem livre-arbítrio e identidade própria.

- contraparte ≠ fantoche
- contraparte ≠ cópia passiva

Cada uma trabalha, a partir do seu contexto, desafios criativos relacionados.

contextos diferentes → mesmo tipo de desafio criativo

O self maior distribui-se para experienciar contrastes.

- opressor ↔ oprimido
- conquistador ↔ conquistado
- vítima ↔ agressor

- rico ↔ pobre
- negro ↔ branco

A consciência explora a totalidade de uma situação histórica através de múltiplas posições.

19. Parentesco de consciência

As pessoas que vivem num mesmo século estão relacionadas por laços de consciência e identidade.

século comum → parentesco psíquico

Isto é verdadeiro biológica e espiritualmente.

biologia + espírito → inter-relação

As raças e culturas não aparecem por acaso.

raças / culturas → expressão de desafios da consciência

Cada identidade escolhe o seu ambiente como posição física no espaço-tempo.

identidade → livre-arbítrio → enquadramento escolhido

O século torna-se um campo de trabalho coletivo.

tempo histórico → desafio criativo partilhado

20. Joseph, Nebene, o romano e Maumee

Joseph não “foi” simplesmente Nebene, o romano ou a mulher negra.

- Joseph ≠ Nebene
- Joseph ≠ soldado romano
- Joseph ≠ Maumee

Mas eles são versões daquilo que ele é.

Nebene / romano / Maumee → versões do mesmo campo identitário

E Joseph é uma versão daquilo que eles foram.

Joseph → versão deles

A certos níveis, cada um está consciente dos outros.

contrapartes → consciência mútua parcial

Há interação constante.

sonhos → reminiscência → memória celular → correspondência

21. A autoridade das emoções

A mulher negra seguia os seus instintos e curvava-se apenas perante a autoridade das suas próprias emoções.

- instintos → orientação vital
- emoções → autoridade interior imediata

Essas emoções colocavam-na em conflito com a política colonial britânica.

emoção vital → conflito com estrutura repressiva

Aqui as emoções não são ruído psicológico.

emoções ≠ desordem

São força direcional da identidade.

emoções → eixo de ação

Este ponto liga-se aos capítulos anteriores: emoções e sentimentos não são apenas conteúdos interiores, mas materiais ativos que estruturam sonhos, escolhas, símbolos e vidas.

22. Espécie física e espécie de consciência

Cada pessoa pertence a uma espécie física.

corpo → espécie humana

Mas também pertence a uma espécie de consciência.

consciência → espécie psíquica

Essa espécie de consciência forma as raças humanas reconhecidas.

espécie de consciência → raças / culturas / papéis históricos

A humanidade não é apenas biológica.

humanidade → organização psíquica distribuída

As contrapartes mostram essa distribuição em ação.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

sonho → espelho da psique → drama simbólico → espaço interior
→ tempo interior → realidade axial → self multitudinário →
existências simultâneas → contrapartes → espécie de consciência

A chave prática é:

o sonho é uma realidade funcional onde a consciência aprende, resolve problemas, expande espaço e tempo, e contata outras versões de si própria.

A chave psicológica é:

os símbolos de sonho não têm significado fixo; são taquigrafias psíquicas que mudam conforme a história, a emoção, a crença e o propósito interior da pessoa.

A chave metafísica é:

o self não é uma linha singular que atravessa o tempo, mas uma constelação simultânea de focos, papéis e contrapartes, cada uma com identidade própria e livre-arbítrio.

Em fórmula:

- sonho → centro da roda
- mundo físico → raio
- estado de sonho → ligação entre existências
- tempo interior → passado e futuro abertos
- self → multidão organizada
- contrapartes → versões simultâneas do self

O capítulo ensina que, ao explorar o sonho, a consciência não está a fugir da vida física: está a entrar no eixo onde a vida física, as probabilidades, a história da espécie e as múltiplas versões do self se encontram.

CAPÍTULO 43

O Self Original, as Partículas da Consciência e os Reservatórios Psíquicos de Identidade

— *Eu disse-vos que tomassem um momento enquanto estivessem dentro de um sonho particular, e que o usassem para tentar descobrir o que acontecera dentro do sonho antes de o experienciarem.*

— *É verdade que criam os vossos próprios sonhos, mas também é verdade que focalizam apenas certas porções das vossas criações de sonho. Mesmo no estado de sonho, qualquer presente se expande para a sua própria versão de passado e futuro; portanto, nesses termos, o sonho possui o seu próprio pano de fundo, o seu próprio tipo de passado histórico, no momento em que o constroem.*

— *Não precisam de experienciar esses acontecimentos passados do sonho, embora, se simplesmente voltarem a vossa atenção nessa direção, então o passado do sonho se torne perceptível. Portanto, as impressões mentais de qualquer tipo não são simplesmente impressas, ou escritas, por assim dizer, num meio de espaço e tempo. Possuem uma dimensionalidade maior. O passado*

e o futuro ondulam para fora a partir de qualquer acontecimento, tornando-o mais «espesso»¹ do que parece ser.

— *Em termos mais amplos, o passado é definitivamente criado a partir do presente. No vosso sistema de realidade, isto não parece ser de todo o caso, uma vez que os vossos sentidos projetam sobre os acontecimentos um tipo de movimento dirigido para a frente. Contudo, as «partículas subatômicas» aparecem no vosso presente, ondulando para dentro das dimensões do vosso sistema, criando as suas próprias «pistas», que os cientistas tentam então observar. Em alguns casos, sem o saberem, os vossos cientistas estão perto de observar o nascimento de efeitos temporais dentro do vosso sistema.*

— *Uma vez que os vossos cérebros são compostos por células, com os seus átomos e moléculas, e uma vez que estes são, eles próprios, feitos de certas partículas invisíveis, então as vossas memórias já estão estruturadas pelos mecanismos biológicos que as tornam possíveis nos vossos termos. (Depois da morte, por exemplo, continuam a possuir memória, embora ela não opere através do organismo físico tal como o compreendem.)*

— *Psicologicamente, então, enquanto vivem, as vossas memórias seguem um padrão que vai do passado para o presente.*

¹ Duvido que, com a sua afirmação, Seth queira dizer que os físicos estão a tentar estudar as suas UC (vejam a Nota 2) — certamente ainda não, embora alguns cientistas que nos escreveram mostrem assim estar familiarizados com o pensamento de Seth aqui. Pelo contrário, alguns físicos “modernos” procuram “partículas” não materiais que certas teorias — uma delas relacionada com “quarks”, por exemplo — dizem que deveriam existir se as teorias forem válidas. Tais pseudopartículas, então, são entidades matemáticas que podem afetar as ações dos objetos físicos.

Parece, portanto, bastante inconcebível que, em certos termos, qualquer acontecimento presente possa produzir uma memória de um acontecimento semelhante ocorrido antes, quando, na verdade, cada um ocorre simultaneamente.

— No estado de sonho, a liberdade dos acontecimentos em relação ao tempo, tal como o compreendem, pode tornar-se mais visível. Se estiverem atentos e curiosos enquanto sonham — e podem aprender a estar —, então podem apanhar-se no ato de criar simultaneamente o passado e o futuro de um sonho.

— Os físicos sabem que as ondas podem aparecer como partículas sob certas condições, e que as partículas podem comportar-se como ondas. Assim, os momentos, tal como os compreendem, são como ondas experienciadas como «partículas» — como pequenas bolhas, por exemplo, cada uma rebentando e outra formando-se. As partículas subatômicas também se comportam por vezes como ondas; de facto, é geralmente apenas quando agem como partículas que chegam a ser percebidas.

— Os físicos pensam nos átomos como partículas. As suas características ondulatórias não são observadas. Noutros níveis de realidade, os átomos comportam-se de uma maneira ondulatória. Subjetivamente, vocês pensarão nos vossos próprios pensamentos como ondas, e não como partículas. Contudo, no nível de realidade do sonho, essas ondas «rebentam» em partículas, por assim dizer. Formam pseudo-objetos do vosso ponto de vista. Enquanto

sonham, aceitam essa realidade como real. Só ao acordar é que os objetos de sonho parecem irreais, ou imaginários.

— O próprio sistema nervoso está biologicamente equipado para perceber várias gradações de matéria física, e há vias «intermédias» de passagem de impulsos que são utilizadas enquanto sonham. Do vosso ponto de vista, estas são vias alternativas, mas, no estado de sonho, permitem-vos perceber como matéria física objetos que, no estado de vigília, não seriam observáveis.

— Novamente, do ponto de vista da vigília, estes outros reconhecimentos neurológicos poderiam ser entendidos como métodos fantasma ou vestigiais de percepção. Em vigília, habitualmente não os utilizam. São usados em certa medida no devaneio, contudo, e em certas alterações da consciência, quando percebem como reais, ou quase reais, acontecimentos que não estão a ocorrer imediatamente dentro da vossa estrutura de espaço-tempo.

— O mundo do sonho é tão organizado como o vosso, mas, a partir do estado de vigília, vocês não focalizam essa organização interior. As vossas imagens de sonho existem. São tão reais como uma mesa ou uma cadeira. São construídas a partir de partículas, invisíveis apenas a partir da situação de vigília.

— Os físicos estão a começar a estudar as características de partículas «invisíveis». Elas parecem desafiar os princípios do

espaço e do tempo. É precisamente por isso que formam a base da realidade de sonho; por isso é que os objetos num sonho podem aparecer e desaparecer.

— No vosso universo físico, tais partículas são componentes invisíveis, deduzidos, mas nunca encontrados diretamente. Até certo ponto, são latentes. Noutras realidades, contudo, as suas características governam, em vez dos atributos das partículas visíveis que vocês veem. As imagens de sonho, portanto, existem noutra gama de matéria.

— Muitas destas partículas invisíveis — UC — podem estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo, um facto que deixa bastante confundido o cérebro fisicamente sintonizado que percebe um mundo em que os objetos permanecem onde supostamente devem estar.

— Basicamente, contudo, cada «aparição» de tal partícula é uma versão-de-si, pois é alterada em certa medida pela sua «localização». Assim também o self humano pode aparecer em vários lugares ao mesmo tempo, cada uma dessas aparições alterando subtilmente a «partícula» humana, de modo que cada aparição é uma versão de um Self Original que, enquanto tal, nunca aparece nesses termos.² Quando olham para um eletrão — figurativamente falando — estão a observar um vestígio ou uma

² Vários dos meus desenhos na Parte Dois de Aventuras relacionam-se visualmente com a ideia de um “Self Original” — ou “Self de Origem”, no vocabulário de Jane — que nunca aparece na realidade física. Vejam, por exemplo, os Diagramas 1, 8 e 14.

pista de algo inteiramente diferente, e essa aparição é chamada eletrão. Assim, o self que conhecem é um vestígio físico, ou uma intrusão no espaço e no tempo, de um Self Original que nunca aparece. De certa forma, então, vocês são tão fantasmáticos como um eletrão.

— O self desconhecido, o Self Original, atravessa realidades, mergulhando nelas e emergindo delas em versões criativas de si mesmo, assumindo as propriedades do sistema em que aparece e as características nativas desse ambiente. Ondas e partículas são versões de outros tipos de comportamento assumidos pela energia. Usando essa analogia, vocês fluem de modo ondulatório para as versões físicas particuladas a que chamam existências corpóreas.

— Estou a colocar isto da forma mais simples possível; mas, quando o vosso Self Original insere parte de si mesmo na vida tridimensional a partir de uma realidade interior, as ondas de energia que o transportam rebentam — não simplesmente numa partícula, seguindo a nossa analogia, mas num certo número de partículas conscientes. Em certos termos, estas são construídas usando o meio disponível — as propriedades biológicas da Terra. Espalham-se a partir do «ponto de contacto», formando vidas individuais. Na vossa conceção dos séculos, então, existem outras contrapartes de vocês próprios a viver ao mesmo tempo e em lugares diferentes — todas versões criativas do Self Original.

— Existe uma grande cooperação íntima, biológica e espiritual, entre todos os seres do vosso planeta «em qualquer tempo dado».

Estão todos ligados psiquicamente em termos de estruturas interiores e exteriores. Uma certa identidade e coesão também são mantidas por causa destas ligações interiores.

— Há estruturas psíquicas tão eficazes como as físicas, e estas sustentam a realidade do vosso mundo objetivo. Fundem-se belamente para formar uma imagem interior do mundo em qualquer «tempo» dado, mesmo enquanto essa imagem está sempre a mudar. Em termos mais amplos, a imagem do vosso mundo em qualquer tempo dado pode ser comparada à posição, ao comportamento e às características de uma partícula invisível quando é «apanhada» a intrometer-se na vossa realidade.

— As vossas aventuras de sonho, por mais emocionantes que sejam, permanecem «invisíveis» do vosso ponto de vista de vigília. Dentro dos sonhos, o espaço e o tempo expandem-se, novamente, como já mencionei³, mas de uma forma que não conseguem localizar fisicamente. O vosso próprio espaço exterior existe precisamente da mesma maneira do ponto de vista de qualquer outra realidade. Aliás, vocês próprios são tão ricamente criativos que os vossos pensamentos dão origem a outros sistemas perfeitamente legítimos dos quais não têm qualquer conhecimento.

— Cada um de vocês é membro de uma raça particular, e não se sente menos individualizado por causa dessa afiliação.

³ Ver os Elementos Práticos 15 e 16.

— *Consideram-se, além disso, membros de uma espécie. As raças vivem juntas em qualquer tempo dado na vossa Terra em proporções variáveis, de modo que existem organizações físicas, biologicamente falando, que vocês reconhecem. Não se sentem ameaçados por não terem a vossa raça particular só para vocês.*

— *Assim, há «raças» psíquicas interiores às quais pertencem, ou linhagens psíquicas, por assim dizer, cada uma fornecendo variações físicas.*

— *Nesses termos, cada pessoa viva tem outras contrapartes de si mesma vivas, em termos gerais, ao mesmo tempo, partilhando a face física da Terra. Há, portanto, reservatórios psíquicos de identidade; e, em termos gerais, aqueles que estão vivos em qualquer século dado fazem tão parte desse reservatório interior como fazem parte da raça particular à qual possam pertencer. Cada membro da espécie é um indivíduo, e cada membro de um reservatório psíquico de identidade é um indivíduo.*

— *Novamente, a vossa ideia de pessoa limita-vos quando pensam nestes conceitos. Imaginam que a pessoalidade é uma espécie de partícula mental que tem de possuir fronteiras definidas, ou perderá a sua identidade.*

— *A identidade até da mais pequena consciência é sempre mantida — mas não limitada. Se conseguirem pensar na vossa ideia atual de identidade como sendo apenas uma forma, ou um movimento, de uma partícula em movimento — uma forma ou*

movimento que nunca perde a sua marca ou significado —, então poderiam ver também como poderiam segui-la para a frente ou para trás até à forma ou movimento assumido «antes ou depois».

— Poderiam reter a identidade de vós próprios tal como se conhecem, e ainda assim fluir para um campo ou onda de realidade maior que vos permitiria perceber os vossos outros movimentos, formas ou versões. Poderiam tomar consciência de uma estrutura mais ampla na qual também possuem a vossa própria validade e, portanto, acrescentar ao vosso próprio conhecimento e às dimensões da vossa experiência.

— Podem fazer isto talvez da maneira mais fácil observando-vos no estado de sonho, pois aí criam constantemente versões de vós próprios. De manhã, estão enriquecidos, não diminuídos.

— (Com humor, dirigindo-se a Rob:) Tu és a versão viva de ti próprio no espaço e no tempo, à volta da qual o teu mundo gira. A grande potencialidade que existe no self desconhecido, contudo, também atualiza outros focos desse tipo, e no mesmo enquadramento de espaço-tempo. Eles não são tu, tal como tu não és o homem negro, nem a mulher branca, nem a mulher indiana, nem o homem chinês.

— Assim como certas raças possuem as suas próprias características e um contexto biológico partilhado, e provêm do mesmo reservatório biológico, também estas contrapartes provêm do mesmo reservatório psíquico e semeiam fisicamente os

membros das raças em qualquer «tempo» dado. Desta forma, as capacidades e propensões mentais recebem um alcance maior e são distribuídas pela Terra.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a arquitetura das contrapartes. Seth mostra que os sonhos, os acontecimentos, as memórias, os selves físicos e as versões simultâneas da identidade não são entidades isoladas, mas expressões localizadas de uma realidade mais ampla, ondulatória, multidimensional e criativa.

A função central do capítulo é esta:

o Self Original não aparece diretamente no espaço-tempo; manifesta-se através de versões particuladas de si mesmo — selves físicos, contrapartes, pensamentos-forma e identidades individuais — mantendo sempre a identidade, mas sem a limitar a uma única forma, corpo, tempo ou localização.

1. O presente do sonho cria o seu próprio passado

Seth retoma o exercício anterior: dentro de um sonho, a pessoa pode tentar descobrir o que aconteceu antes de nele entrar.

sonho presente → atenção dirigida → passado do sonho

O sonho é criado pela psique, mas a consciência focaliza apenas certas porções dessa criação.

criação de sonho → foco parcial

Mesmo no sonho, qualquer presente expande a sua própria versão de passado e futuro.

presente onírico → passado próprio → futuro próprio

Assim, o sonho possui pano de fundo, contexto e história interna.

sonho → historicidade própria

2. O acontecimento é mais espesso do que parece

As impressões mentais não são simplesmente gravadas num meio de espaço e tempo.

impressão mental $\neq$ inscrição plana

Possuem maior dimensionalidade.

acontecimento → espessura multidimensional

O passado e o futuro ondulam para fora a partir de qualquer acontecimento.

- acontecimento → passado irradiado
- acontecimento → futuro irradiado

O evento não é um ponto fino; é uma condensação com profundidade temporal.

evento → núcleo + ondulações temporais

3. O passado é criado a partir do presente

Em termos mais amplos, o passado é criado a partir do presente.

presente → criação do passado

Isto parece impossível no sistema físico comum, porque os sentidos projetam movimento para a frente.

sentidos físicos → sequência linear

Mas no sonho esta liberdade temporal torna-se mais visível.

sonho → liberdade em relação ao tempo

A pessoa pode apanhar-se a criar simultaneamente o passado e o futuro do sonho.

lucidez onírica → criação simultânea

4. Memória e biologia

Enquanto a pessoa vive, as memórias seguem psicologicamente um padrão do passado para o presente.

vida física → memória linear

Mas as memórias são estruturadas pelos mecanismos biológicos que as tornam possíveis.

cérebro → células → átomos → partículas invisíveis

A memória física é, portanto, uma tradução biológica de processos mais profundos.

memória psíquica → estrutura biológica → lembrança física

Depois da morte, a memória permanece, mas já não opera através do organismo físico.

memória ≠ dependente apenas do cérebro

cérebro → mecanismo de tradução física

5. Ondas, partículas e momentos

Seth usa a analogia onda/partícula.

- onda → partícula
- partícula → onda

Os momentos são como ondas experienciadas como partículas.

momento → onda condensada

Cada momento parece uma pequena bolha: surge, rebenta, e outra se forma.

tempo percebido → partículas de experiência

O que parece ponto isolado é, em termos mais amplos, uma onda de acontecimento.

6. Pensamentos como ondas que se particulam no sonho

Subjetivamente, os pensamentos parecem ondas.

pensamento → onda subjetiva

No nível da realidade de sonho, essas ondas “rebentam” em partículas.

onda de pensamento → pseudo-objeto de sonho

Assim se formam objetos oníricos.

pensamento → partícula onírica → objeto de sonho

Enquanto sonha, a pessoa aceita esses objetos como reais.

objeto de sonho → realidade válida no sonho

Ao acordar, parecem irreais apenas porque são vistos a partir de outro sistema perceptivo.

vigília → objeto de sonho invisível

7. Vias intermédias de percepção

O sistema nervoso possui capacidades para perceber várias gradações de matéria.

sistema nervoso → gradações de matéria

Durante o sonho, são utilizadas vias intermédias de passagem de impulsos.

sonho → vias percetivas alternativas

Essas vias permitem perceber como matéria física objetos que, em vigília, não seriam observáveis.

objeto invisível em vigília → matéria percebida no sonho

Do ponto de vista da vigília, estes são métodos fantasma ou vestigiais de percepção.

- vigília → percepção fantasma
- sonho → percepção funcional

8. O mundo do sonho é organizado

O mundo do sonho é tão organizado como o mundo físico.

realidade de sonho → organização própria

A partir da vigília, contudo, essa organização interior não é focalizada.

vigília → falta de foco na ordem onírica

As imagens de sonho existem.

imagem de sonho → existência real no seu nível

São construídas a partir de partículas invisíveis do ponto de vista físico.

partículas invisíveis → objetos de sonho

Por isso, os objetos de sonho podem aparecer e desaparecer.

matéria de sonho → mobilidade maior

9. Outra gama de matéria

No universo físico, certas partículas são invisíveis, deduzidas, mas não diretamente encontradas.

partículas invisíveis → componentes latentes

Noutras realidades, as suas características governam.

realidade de sonho → domínio das partículas invisíveis

As imagens de sonho existem noutra gama de matéria.

sonho → matéria diferente

Não são “nada”, nem meras fantasias.

imagem de sonho ≠ inexistência

imagem de sonho → matéria noutra alcance

10. UC e múltiplas localizações

Muitas partículas invisíveis — UC — podem estar em mais do que um lugar ao mesmo tempo.

UC → múltiplas localizações

Isto confunde o cérebro fisicamente sintonizado, que espera objetos fixos no espaço.

cérebro físico → objeto em lugar fixo

Cada aparição de uma partícula é uma versão-de-si.

partícula → aparição → versão-de-si

A localização altera subtilmente a aparição.

localização → modulação da versão

11. O self humano como partícula consciente

Seth aplica a analogia ao self humano.

self humano → múltiplas aparições

Cada aparição altera subtilmente a “partícula” humana.

aparição física → versão do self

Cada self físico é uma versão de um Self Original que nunca aparece diretamente.

Self Original → intrusão no espaço-tempo → self físico

O self conhecido é um vestígio físico de algo maior.

self físico → pista do Self Original

De certa forma, somos tão fantasmáticos como um eletrão.

- eletrão → vestígio de algo mais
 - self físico → vestígio de algo mais
-

12. O Self Original

O Self Original atravessa realidades.

Self Original → atravessa sistemas

Mergulha nelas e emerge delas em versões criativas de si mesmo.

Self Original → versões criativas

Cada versão assume as propriedades do sistema em que aparece.

- sistema de realidade → propriedades locais

- versão do self → adaptação ao ambiente

As existências corpóreas são versões físicas particuladas de um fluxo mais amplo.

onda do Self Original → partículas conscientes → vidas físicas

13. Contrapartes como partículas conscientes

Quando o Self Original insere parte de si mesmo na vida tridimensional, as ondas de energia rebentam em várias partículas conscientes.

Self Original → ponto de contato → várias partículas conscientes

Essas partículas conscientes formam vidas individuais.

partículas conscientes → indivíduos

Dentro da concepção humana dos séculos, há contrapartes vivas ao mesmo tempo e em lugares diferentes.

mesmo tempo histórico → versões simultâneas

Todas são versões criativas do Self Original.

contrapartes → versões do mesmo campo de origem

14. Cooperação biológica e espiritual

Existe cooperação íntima entre todos os seres do planeta num dado tempo.

- seres vivos → cooperação biológica
- seres vivos → cooperação espiritual

Todos estão ligados psiquicamente através de estruturas interiores e exteriores.

estruturas interiores ↔ estruturas exteriores

Estas ligações mantêm identidade e coesão.

ligação psíquica → coesão do mundo

O mundo objetivo assenta em estruturas psíquicas tão eficazes como as físicas.

estrutura psíquica → sustentação da realidade objetiva

15. O mundo como imagem interior

As estruturas psíquicas fundem-se para formar uma imagem interior do mundo.

estruturas psíquicas → imagem interior coletiva

Essa imagem muda continuamente.

mundo → imagem dinâmica

Em termos amplos, o mundo num dado tempo pode ser comparado a uma partícula invisível apanhada a intrometer-se na realidade física.

mundo físico → aparição localizada de estrutura invisível

O mundo é uma expressão momentânea de uma configuração mais vasta.

realidade objetiva → vestígio de organização interior

16. Os pensamentos dão origem a sistemas

As aventuras de sonho são invisíveis do ponto de vista da vigília.

sonho → invisível para a vigília

Mas o mesmo acontece com o espaço físico visto de outras realidades.

espaço físico → invisível de outros sistemas

A criatividade da consciência é tão ampla que os pensamentos dão origem a sistemas legítimos desconhecidos.

- pensamento → mundo
- ato mental → sistema de realidade

A psique não apenas interpreta realidades; cria campos de experiência.

17. Raças físicas e raças psíquicas

Cada pessoa pertence a uma raça física e a uma espécie.

- indivíduo → raça física

- indivíduo → espécie humana

Essa pertença não diminui a individualidade.

pertença → não anula identidade

Da mesma forma, existem raças psíquicas interiores, ou linhagens psíquicas.

linhagem psíquica → variação física

Estas estruturas interiores fornecem variações à experiência física.

reservatório psíquico → expressão biológica / cultural

18. Reservatórios psíquicos de identidade

Cada pessoa viva tem outras contrapartes vivas no mesmo tempo geral.

indivíduo → contrapartes simultâneas

Essas contrapartes pertencem a reservatórios psíquicos de identidade.

contrapartes → reservatório psíquico comum

Quem vive num dado século pertence a esse reservatório interior, tal como pertence a uma raça física.

século → agrupamento físico + agrupamento psíquico

Cada membro do reservatório é indivíduo.

reservatório psíquico ≠ massa indiferenciada

identidade individual → mantida

19. A personalidade não é uma partícula fechada

A ideia comum de pessoa limita a compreensão.

pessoa → fronteira fixa

A personalidade é imaginada como partícula mental com contornos rígidos.

identidade rígida → medo de dissolução

Seth corrige:

- identidade → sempre mantida
- identidade → nunca limitada

A identidade pode expandir-se sem se perder.

expansão da identidade $\neq$ perda de identidade

20. Identidade como forma ou movimento

A identidade atual pode ser pensada como uma forma ou movimento de uma partícula em movimento.

identidade atual → forma momentânea

Essa forma nunca perde a sua marca ou significado.

forma → continuidade de sentido

Mas pode ser seguida para a frente ou para trás, até outras formas e movimentos.

identidade → outras versões

A pessoa pode reter a sua identidade conhecida e, ao mesmo tempo, fluir para um campo maior.

self conhecido → campo maior → outras versões percebidas

21. Expansão consciente da identidade

A consciência pode tornar-se ciente de uma estrutura mais ampla.

estrutura maior → identidade expandida

Isso não diminui a validade do self atual.

self atual → validade própria

Pelo contrário, aumenta o conhecimento e as dimensões da experiência.

expansão → enriquecimento

O modo mais fácil de começar é observar o self no estado de sonho.

sonho → versões de si

De manhã, a pessoa está enriquecida, não diminuída.

múltiplas versões → aumento de identidade

22. O self conhecido não é o centro absoluto

Cada pessoa é a versão viva de si própria no espaço e no tempo.

self físico → centro experiencial do seu mundo

Mas o Self Original atualiza outros focos no mesmo enquadramento de espaço-tempo.

Self Original → vários centros experienciais

Esses focos não são “tu”, tal como tu não és outra pessoa.

contraparte ≠ identidade pessoal atual

Mas pertencem ao mesmo reservatório psíquico.

diferença individual + origem psíquica comum

23. Distribuição das capacidades mentais

Tal como as raças físicas partilham contextos biológicos, as contrapartes partilham reservatórios psíquicos.

- raça física → reservatório biológico
- contrapartes → reservatório psíquico

Essas contrapartes semeiam fisicamente os membros das raças em qualquer tempo dado.

reservatório psíquico → expressão nas raças humanas

Dessa forma, capacidades e propensões mentais ganham maior alcance.

capacidades mentais → distribuição pela Terra

A humanidade torna-se o campo distribuído de uma consciência mais vasta.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

presente do sonho → passado e futuro próprios → acontecimento espesso → ondas e partículas → pensamentos particulados → matéria de sonho → UC multilocalizadas → Self Original → selves físicos → contrapartes → reservatórios psíquicos de identidade

A chave prática é:

no sonho, a consciência pode observar diretamente como cria passado, futuro, espaço, objetos e versões de si mesma.

A chave metafísica é:

o self físico é uma aparição localizada de um Self Original que nunca aparece diretamente, mas que se expressa em muitas versões conscientes.

A chave identitária é:

a identidade é sempre mantida, mas nunca limitada; pode expandir-se para reconhecer outras formas, movimentos e versões sem deixar de ser ela própria.

Em fórmula:

- Self Original → onda
- onda → partículas conscientes

- partículas conscientes → vidas individuais
- vidas individuais → contrapartes
- contrapartes → reservatórios psíquicos de identidade
- identidade → mantida + expandida

Este capítulo ensina que o self conhecido não é uma entidade isolada, fechada no corpo e no tempo, mas uma versão física, legítima e preciosa de uma identidade maior que se distribui através de realidades, corpos, sonhos, partículas conscientes e campos psíquicos partilhados.

CAPÍTULO 44

A Linguagem da Consciência, os Sons Interiores e a Libertação da Visão de Mundo

— *A vossa visão de mundo é a vossa interpretação personalizada do universo físico.*

— *A vossa estação de origem não vos apresenta simplesmente programação para observarem. Pelo contrário, vocês ajudam a criar o programa, naturalmente, mesmo enquanto fazem parte dele. Em qualquer tarde dada, certos elementos da experiência serão «dados», esboçados de forma geral. Há certas pistas para montar o cenário: poderá ser um dia de neve, húmido, ou seco e soalheiro, por exemplo; o local poderá ser uma cidade grande ou uma vila. Contudo, dentro desse enquadramento solto, vocês criam o programa do dia de acordo com a vossa própria visão de mundo.*

— *Se essa visão for expansiva, então têm uma margem de manobra muito maior na criação da vossa experiência. Podem acrescentar maior profundidade, por assim dizer, à caracterização. Podem, por outras palavras, tirar proveito da realidade desconhecida, deixando-a acrescentar algo à vossa estação de origem.*

— No estado de sonho, vocês vão para além da vossa visão de mundo de vigília. São capazes de trazer ao foco outros interesses e atividades. Estes podem permanecer em segundo plano durante a vida de vigília — ou vocês podem decidir alargar a vossa visão de mundo, tirando proveito das vossas atividades sonhadoras. Muitos dos exercícios aqui dados estão orientados nessa direção.

— Não estão sozinhos na realidade física; portanto, é óbvio que a vossa imagem do mundo também é afetada pelas visões de mundo dos outros, e que vocês desempenham um papel nas experiências deles. Há uma troca constante na vigília. A mesma troca ocorre, contudo, no estado de sonho. Então, afetam o vosso mundo através dos vossos sonhos tanto como o fazem através das vossas atividades de vigília.

— Em termos de tempo, tinham de ocorrer intervalos enquanto as várias espécies amadureciam e se desenvolviam fisicamente. Fizeram-no em resposta a um impulso interior. As muitas línguas que hoje são conhecidas tiveram origem naquilo a que podem chamar, do vosso ponto de vista, realidade não desperta. As palavras, novamente, estão relacionadas com a estrutura neurológica, e as línguas seguem esse padrão. No estado de sonho ocorrem muitos tipos de comunicação, e há traduções interiores. Duas pessoas com línguas diferentes podem falar uma com a outra com bastante clareza em certos sonhos e compreender-se perfeitamente. Cada uma poderá traduzir a comunicação para a sua língua familiar.

— *Por baixo disto, contudo, há sons interiores básicos sobre os quais assenta toda a linguagem, nos quais certas imagens emitem o seu próprio som, e os dois juntos retratam um significado claro e preciso. Há muito tempo eu disse que a linguagem seria impossível se não tivesse por base a comunicação telepática — e essa comunicação é construída a partir de imagens e sons microscópicos. Estes são traduzidos para diferentes línguas.*

— *Conscientemente, então, a vossa visão de mundo é afetada pela língua da vossa cultura ou país. Certos sons, inflexões e expressões, tomados em conjunto, têm um significado mais ou menos preciso. O significado é habitualmente bastante específico, e muitas vezes direcional. As palavras numa língua funcionam não apenas definindo o que é um objeto específico, por exemplo, mas também definindo aquilo que ele não é.*

— *Até certo ponto, no estado de sonho, vocês libertam-se dessas inclinações culturais. Nos sonhos mais eficazes, a experiência é, na verdade, mais direta, na medida em que é menos limitada pelos conceitos da linguagem. Em vigília, familiarizam-se geralmente com os vossos pensamentos através de palavras mentais, traduzindo automaticamente os vossos pensamentos em linguagem. Os vossos pensamentos caem, ou fluem, portanto, para formas pré-fabricadas.*

— *No estado de sonho, contudo, os pensamentos são frequentemente experienciados diretamente: vocês «vivem-nos». Tornam-se aquilo que eles são. Eles são projetados*

instantaneamente e dessa maneira. Escapam às limitações que vocês muitas vezes lhes impõem. É por isso que frequentemente é difícil recordar os vossos sonhos de forma verbal, ou espremê-los de volta para a expressão da linguagem comum. A vossa linguagem muitas vezes inibe deliberadamente o significado.

— *Até certo ponto, a linguagem torna de facto o desconhecido conhecido e reconhecível. Estabelece placas de sinalização que cada pessoa de uma cultura reconhece. Para fazer isto, contudo, agarra-se a certas significações e ignora outras. Poderão conhecer a palavra «rocha», por exemplo. Conhecer a palavra poderá, na verdade, impedir-vos de ver qualquer rocha específica claramente como ela é, ou de reconhecer em que é diferente de todas as outras rochas.*

— *O jogo da luz solar ou da sombra sobre qualquer rocha dada poderá escapar-vos por completo. Simplesmente passarão por ela sob a categoria de «rocha». No estado de sonho, poderão encontrar-se a dormir sobre uma rocha aquecida pelo sol, ou a trepar rochas geladas. Poderão sentir-se encerrados numa rocha, com a vossa consciência dispersa. Poderão ter qualquer número de experiências diferentes envolvendo rochas, todas bastante libertadoras. Depois de tal experiência, poderão olhar para as rochas de uma maneira inteiramente diferente e vê-las de formas que escapam à vossa linguagem. As rochas emitem sons que vocês não ouvem, por exemplo; contudo, a vossa linguagem limita automaticamente a vossa percepção do que qualquer rocha é. Até certo ponto, as palavras interpõem-se entre vocês e a vossa*

expressão direta. Elas deveriam, e podem, expressar essa experiência em vez disso.

ELEMENTO PRÁTICO 17

— Parte da realidade desconhecida, então, está escondida por baixo da linguagem e do padrão imposto das palavras habituais — portanto, como exercício, olhem à vossa volta no vosso ambiente. Inventem «palavras» novas e diferentes para os objetos que veem à vossa volta. Peguem em qualquer objeto, por exemplo. Segurem-no durante alguns segundos, sintam a sua textura, olhem para a sua cor e deem-lhe espontaneamente um novo nome, emitindo os sons que vos vierem à mente. Vejam como os sons revelam certos aspetos do objeto nos quais talvez não tenham reparado antes.

— A palavra nova servirá tão bem como a antiga. Poderá, de facto, servir melhor. Façam isto com muitos objetos, seguindo o mesmo procedimento. Podem, em alternativa, dizer o nome de qualquer objeto ao contrário. Desta maneira, quebram até certo ponto o padrão automático das frases familiares, de modo que possam perceber a individualidade que existe dentro de cada objeto.

— Para entrar em contacto direto com os vossos próprios sentimentos tal como são, façam também, por vezes, os vossos próprios sons espontâneos. As vossas emoções muitas vezes não

podem ser expressas claramente em termos de linguagem, e tal despadrão pode permitir-lhes fluir livremente.

— A frescura da experiência de sonho reside na sua natureza direta. A vossa visão de mundo cultural não possui uma compreensão clara da natureza dos sonhos, de modo que a sua expressão direta e clara não é frequentemente recordada de manhã. À noite, sintonizam-se com a realidade sonhadora simplesmente fechando-se à chamada realidade de vigília, mas o mesmo tipo de experiência de sonho continua por baixo do vosso foco na vida de vigília.

— A sonhar, continuam conscientes da vossa experiência diária, mas ela parece periférica. Em vigília, a vossa experiência de sonho também é periférica, mas vocês estão menos conscientes dessa condição. Ambas, em conjunto, representam as dimensões da vossa consciência, e existem simultaneamente. Vocês podem, e muitas vezes o fazem, trabalhar nos sonhos os desafios da vida diária. Na vida de vigília, estão também a trabalhar desafios que colocaram a vós próprios no estado de sonho. Obviamente, então, a vossa consciência está equipada para funcionar nas realidades conhecida e desconhecida, e as divisões que estabeleceram são bastante arbitrárias.

— Poderão compreender que muitos dos vossos sonhos possuem um significado simbólico. Poderá escapar-vos, contudo, que os objetos com que se rodeiam na vida física também possuem significados simbólicos — só que estes são tridimensionais. Podem

passar tempo a tentar compreender a natureza dos sonhos e as suas implicações, sem nunca perceber que a vossa vida física é, até certo ponto, um sonho tridimensional. Ela espelhará fielmente as vossas imagens de sonho em qualquer tempo dado.

— A vossa vida física e a vossa vida sonhadora estão tão intimamente ligadas que pode ser enganador dizer aquilo que estou prestes a dizer: que a experiência de vigília brota da realidade desconhecida do sonho. Por um lado, a afirmação é de facto verdadeira. Por outro, os intrincados funcionamentos interiores tornam impossível separar uma da outra. Contudo, a «realidade» opera basicamente de uma forma que é percebida com mais clareza no estado de sonho. A liberdade em relação ao tempo e ao lugar, o tipo mais amplo de comunicação, a grande mobilidade da consciência — todas estas experiências, em condições de sonho, são características da natureza básica da realidade — ao passo que a vossa experiência de vigília fornece limitações que são indicadores apenas de certas condições.

— Até certo ponto, a expressão mais ampla da consciência pode ser experienciada nas condições habituais de vigília, mas apenas quando a personalidade é suficientemente flexível e segura para alterar o foco da consciência. Desta forma, outros dados não percebidos tornam-se disponíveis. A realidade desconhecida não está, portanto, para além da vossa experiência. Qualquer uma das vossas disciplinas científicas ou religiosas poderia beneficiar de um estudo da consciência sonhadora, pois ali a natureza básica da realidade existe tão claramente quanto vocês conseguem percebê-la. A condição interior do sonho é válida. Encontram-se noutros

tempos e lugares porque, basicamente, nem o tempo nem o espaço existem como supõem.

— Não há perigos básicos envolvidos em alterações da consciência sem drogas, mas podem ocorrer perigos artificiais por causa das vossas crenças culturais. Estes surgem porque tais indivíduos se encontram sem qualquer enquadramento aceitável no qual correlacionar ou compreender as suas experiências. Tentam refugiar-se em explicações religiosas, científicas ou pseudocientíficas.

— De certa forma, o tipo de consciência de linha única que desenvolveram pode ser correlacionado com o vosso uso de uma só língua. A experiência é programada, altamente especializada, e atinge uma organização aparentemente coesa apenas porque limita grande parte da realidade. Nesses termos, se forem bilingues, estão um pouco melhor, pois os vossos pensamentos têm a escolha entre dois caminhos.

— Biologicamente, são fisicamente capazes de falar qualquer língua atualmente em uso na face da Terra. Considerariam uma realização aprender a falar muitas línguas. Não achariam isso assustador ou antinatural, embora tomassem como garantido que estivesse envolvido algum treino. Da mesma maneira, o vosso tipo de consciência de linha única é apenas uma entre muitas «línguas». As outras são igualmente nativas, igualmente naturais, igualmente viáveis do ponto de vista biológico.

— *Ruburt tem estado envolvido com aquilo a que chama a língua Sumari. Esta é uma expressão da consciência num foco diferente. É a expressão nativa de um tipo de experiência que acontece precisamente fora do vosso foco oficial de consciência de linha única. Antes de mais, ela quebra o padrão verbal. É composta, contudo, de sons e sílabas que Ruburt já ouviu antes, feitos de línguas românicas misturadas.¹ Estes são «estrangeiros» no que lhe diz respeito. Ao mesmo tempo, esses sons estão, nos vossos termos, cheios das implicações da antiguidade e trazem à tona conotações do passado da espécie e da psique.*

— *Eles alteram a resposta física habitual ao som significativo. Talvez não percebam, mas a vossa língua estrutura de facto a vossa percepção visual dos objetos. O Sumari desfaz, portanto, o padrão habitual, mas também liberta o sistema nervoso da sua resposta estruturada a qualquer estímulo particular. Os sons, contudo, embora espontâneos, não são desestruturados. Apresentarão um equivalente sonoro da emoção ou do objeto percebido, um equivalente muito direto e imediato, e que mantém uma correspondência legítima com o objeto ou a emoção.*

— *A expressão fresca estabelece um novo tipo de relação entre o chamado percecionador e o percecionado. O Sumari torna-se então uma ponte entre dois tipos diferentes de consciência; e,*

¹ Tais línguas seriam o italiano, o espanhol, o francês e outras derivadas do latim vulgar.

regressando ao seu estado habitual, Ruburt pode traduzir do Sumari para o inglês.

— O próprio inglês, contudo, torna-se então carregado, renovado com novos conceitos, transportando em si uma estranheza que, ela própria, altera a relação das palavras. Esta é uma linguagem de sonho ou de transe. É tão nativa do seu nível de consciência como o inglês o é do vosso — ou o indiano, ou o chinês, ou qualquer outra língua. Os vários focos da consciência terão as suas próprias «línguas». Ruburt descobriu que, por baixo do Sumari, há significados mais profundos. Tornou-se consciente daquilo a que chama sons longos e curtos. Alguns surgem tão depressa que ele não consegue acompanhá-los, nem pronunciá-los com rapidez suficiente. Outros são tão lentos que sente que uma frase demoraria uma semana a ser dita. Estas são as assinaturas de diferentes focos da consciência quando são transpostas no vosso sistema de espaço-tempo.

— As línguas expressam certos tipos de realidade, geralmente organizando a experiência verbal e mentalmente. No vosso caso, novamente, ocorre um certo preconceito neurológico. Se experienciassem mais casos de consciência fora do corpo, por exemplo, então as vossas expressões verbais de espaço e tempo mudariam automaticamente. Se se tornassem conscientes de uma maior parte da vossa experiência sonhadora, a vossa língua expandir-se-ia automaticamente. Também automaticamente, tornar-se-iam conscientes de outros padrões neurológicos além daqueles que usam. Estes, uma vez ativados, seriam então

captados pelos vossos instrumentos científicos e, portanto, mudariam as vossas ideias nesses campos.

— Muitas pessoas dão por si a cantar «palavreado sem sentido» quando estão sozinhas, tentando libertar-se da estruturação da linguagem. As crianças brincam muitas vezes construindo as suas próprias línguas; e falar em línguas “glossolalia” é um belo exemplo da tentativa de expressar uma realidade que escapa à tirania das palavras excessivamente estruturadas.

— A música é uma linguagem. A pintura é uma linguagem. Os sentidos têm uma linguagem própria — uma que se infiltra apenas vagamente nas palavras estruturadas.

— Outros focos da consciência, além do vosso, têm conceitos diferentes de tempo, e são, na verdade, mais corretos biologicamente, na medida em que possuem maior conhecimento tanto das realidades celulares como das espirituais. Não há nada «errado» com o vosso tipo habitual de consciência atual, tal como não há nada errado em falar apenas uma língua. Existe dentro de vocês, contudo, o impulso de explorar, expandir, criar, e isso levar-vos-á automaticamente a explorar as terras interiores da consciência; tal como, nos vossos termos, vos levou a explorar os outros países do mundo físico.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que a visão de mundo é parcialmente estruturada pela linguagem. As palavras ajudam a tornar a realidade reconhecível, mas também limitam a percepção ao prender a experiência em categorias habituais. O sonho, o som espontâneo, a glossolalia e o Sumari funcionam como meios de quebrar esse padrão e abrir a consciência a formas mais diretas de percepção.

A função central do capítulo é esta:

a linguagem organiza a realidade conhecida, mas também estreita a percepção; ao libertar-se dos padrões verbais habituais, a consciência pode contatar níveis mais diretos de experiência, sons interiores, símbolos vivos e focos alternativos de realidade.

1. Visão de mundo como programa participado

A visão de mundo é a interpretação personalizada do universo físico.

universo físico → interpretação pessoal → visão de mundo

A estação de origem não apresenta simplesmente um programa pronto.

estação de origem $\neq$ programa passivo

A pessoa participa na criação do programa que experiencia.

experiência dada → enquadramento solto → criação pessoal

Certos elementos são fornecidos: clima, lugar, circunstâncias gerais.

cenário dado → programa do dia

Mas a experiência concreta é criada segundo a visão de mundo.

visão de mundo → programa experiencial

2. Visão expansiva e realidade desconhecida

Uma visão de mundo expansiva dá maior margem de criação.

- visão estreita → pouca margem
- visão expansiva → maior margem de manobra

A realidade desconhecida pode acrescentar profundidade à estação de origem.

realidade desconhecida → enriquecimento da estação de origem

O desconhecido não substitui a realidade conhecida.

realidade desconhecida $\neq$ fuga

Ele amplia a leitura da realidade habitual.

desconhecido → profundidade adicional

3. O sonho alarga a visão de mundo

No sonho, a consciência vai para além da visão de mundo de vigília.

- vigília → visão de mundo habitual
- sonho → interesses e atividades ampliados

Os conteúdos oníricos podem permanecer em segundo plano durante a vigília.

sonho → fundo da consciência

Ou podem ser usados para alargar a visão de mundo.

atividade sonhadora → expansão da visão de mundo

Os exercícios dados por Seth orientam-se nessa direção.

prática → alargamento perceptivo

4. Troca de visões de mundo

A experiência física é afetada pelas visões de mundo dos outros.

minha visão de mundo ↔ visão de mundo dos outros

Há uma troca constante na vigília.

vigília → troca experiencial

A mesma troca ocorre no estado de sonho.

sonho → troca psíquica

Os sonhos afetam o mundo tanto como as atividades de vigília.

- sonho → influência real

- vigília → influência real

A vida coletiva é construída por interações físicas e oníricas.

5. Origem interior da linguagem

As línguas conhecidas tiveram origem na realidade não desperta.

realidade não desperta → linguagem

As palavras estão ligadas à estrutura neurológica.

estrutura neurológica → padrões linguísticos

No sonho ocorrem traduções interiores.

línguas diferentes → comunicação clara no sonho → tradução familiar

Duas pessoas podem comunicar perfeitamente no sonho, mesmo sem partilharem a mesma língua física.

comunicação interior → tradução linguística posterior

6. Sons interiores e comunicação telepática

Por baixo das línguas existem sons interiores básicos.

sons interiores → base da linguagem

Certas imagens emitem o seu próprio som.

imagem → som próprio

Imagem e som juntos transmitem significado claro.

imagem + som → significado preciso

A linguagem assenta numa comunicação telepática microscópica.

comunicação telepática → imagens + sons → língua verbal

A palavra física é uma tradução de uma comunicação mais profunda.

som interior → palavra exterior

7. A linguagem como filtro cultural

A visão de mundo é afetada pela língua da cultura ou país.

língua cultural → organização da visão de mundo

Sons, inflexões e expressões definem significados.

som + inflexão + expressão → significado

As palavras não definem apenas o que uma coisa é.

palavra → isto é

Definem também aquilo que ela não é.

palavra → isto não é

Cada palavra cria uma fronteira percetiva.

nome → categoria → limite

8. A experiência direta no sonho

No sonho, a consciência liberta-se parcialmente das inclinações culturais.

sonho → menor condicionamento linguístico

A experiência torna-se mais direta.

experiência direta → menos linguagem

Em vigília, os pensamentos são automaticamente traduzidos em palavras.

pensamento → palavra mental → forma pré-fabricada

No sonho, os pensamentos são vividos.

pensamento → experiência direta

A pessoa torna-se aquilo que o pensamento é.

pensar → viver o pensamento

9. A linguagem inibe significado

Recordar sonhos verbalmente é difícil porque a linguagem comum comprime a experiência.

- sonho → experiência multidimensional

- linguagem verbal → compressão

Espreme-se o sonho para caber na expressão comum.

sonho → linguagem → perda de nuances

A linguagem torna o desconhecido reconhecível, mas seleciona apenas certas significações.

- linguagem → sinalização
- linguagem → exclusão

Ela ilumina alguns aspetos e apaga outros.

nomear → reconhecer + limitar

10. A rocha e a categoria

Conhecer a palavra “rocha” pode impedir a percepção direta de uma rocha específica.

- palavra rocha → categoria geral
- categoria geral → perda da singularidade

A luz, a sombra, a textura e a presença concreta podem escapar.

rocha nomeada → rocha não vista

No sonho, a relação com a rocha pode tornar-se experiencial.

- dormir sobre a rocha
- trepar rochas geladas
- sentir-se dentro da rocha

A palavra deixa de bloquear a experiência.

rocha → vivência direta

11. Elemento Prático 17 — quebrar o padrão verbal

O exercício propõe inventar palavras novas para os objetos.

objeto → textura → cor → som espontâneo → novo nome

O novo som revela aspetos antes ignorados.

som novo → percepção nova

Dizer o nome de um objeto ao contrário também quebra o automatismo.

nome habitual → inversão → quebra do padrão

O objetivo é perceber a individualidade dentro de cada objeto.

objeto categorizado → objeto singular

12. Sons espontâneos e emoções

Para contatar os sentimentos como são, a pessoa deve criar sons espontâneos.

sentimento → som próprio

As emoções muitas vezes não cabem claramente na linguagem comum.

emoção → excesso face à palavra

O despadrão verbal permite maior fluxo emocional.

som espontâneo → libertação da emoção

O som não é ruído sem sentido.

som espontâneo → expressão pré-verbal

É uma via direta entre experiência interior e expressão.

13. Sonho e vida de vigília como dimensões simultâneas

A experiência de sonho continua por baixo do foco de vigília.

- vigília → foco principal
- sonho → fundo ativo

A sonhar, a experiência diária parece periférica.

sonho → vigília periférica

Em vigília, a experiência de sonho é periférica.

vigília → sonho periférico

Ambas representam dimensões simultâneas da consciência.

vigília + sonho → consciência total

As divisões estabelecidas entre ambas são arbitrárias.

14. Desafios trabalhados nos dois estados

Nos sonhos, trabalham-se desafios da vida diária.

vida diária → sonho → elaboração

Na vigília, trabalham-se desafios colocados no estado de sonho.

sonho → vigília → realização

A consciência funciona nas realidades conhecida e desconhecida.

- consciência → realidade conhecida
- consciência → realidade desconhecida

O sonho não é separado da vida.

sonho ↔ vigília

15. Vida física como sonho tridimensional

Os sonhos possuem significado simbólico.

sonho → símbolo

Mas os objetos físicos também possuem significados simbólicos.

objeto físico → símbolo tridimensional

A vida física é, até certo ponto, um sonho tridimensional.

vida física → sonho com densidade

Ela espelha as imagens de sonho em qualquer tempo dado.

imagem de sonho → expressão física

A fronteira entre sonho e vigília é funcional, não absoluta.

16. A realidade opera como no sonho

A experiência de vigília brota da realidade desconhecida do sonho, embora não possa ser separada dela.

realidade de sonho → experiência de vigília

Mas os funcionamentos interiores são demasiado intrincados para separar uma da outra.

sonho ↔ vigília → interdependência

A realidade básica é percebida com mais clareza no estado de sonho.

sonho → natureza básica da realidade

Liberdade de tempo e lugar, comunicação ampla e mobilidade da consciência são características fundamentais da realidade.

- liberdade temporal
- liberdade espacial
- comunicação ampla
- mobilidade da consciência

A vigília mostra limitações, não a totalidade.

vigília → condições limitadas

17. Alteração segura do foco

A expressão mais ampla da consciência pode ser experienciada em vigília.

vigília → consciência ampliada

Mas exige flexibilidade e segurança.

personalidade flexível + segura → alteração de foco

Então outros dados tornam-se disponíveis.

alteração de foco → dados não percebidos

A realidade desconhecida não está além da experiência.

realidade desconhecida → acessível

O estudo da consciência sonhadora beneficiaria disciplinas científicas e religiosas.

ciência / religião → estudo do sonho → ampliação

18. Perigos culturais, não básicos

Não há perigos básicos em alterações de consciência sem drogas.

alteração sem drogas → sem perigo básico

Os perigos artificiais surgem de crenças culturais.

crenças culturais → medo / desorientação

As pessoas não têm enquadramento aceitável para compreender as experiências.

experiência ampliada → falta de mapa → confusão

Tentam então refugiar-se em explicações religiosas, científicas ou pseudocientíficas.

sem enquadramento → explicação rígida

O problema não é a experiência em si.

experiência ≠ perigo

O problema é a ausência de interpretação adequada.

19. Consciência de linha única

A consciência habitual é como falar apenas uma língua.

consciência de linha única → uma língua

A experiência é programada e altamente especializada.

programação → organização aparente

Mas essa organização existe porque limita grande parte da realidade.

limitação → coesão

Ser bilingue oferece dois caminhos ao pensamento.

duas línguas → duas vias mentais

Do mesmo modo, há muitas “línguas” da consciência.

focos de consciência → línguas diferentes

20. Outras linguagens da consciência

Biologicamente, a pessoa é capaz de falar qualquer língua humana.

organismo → capacidade linguística ampla

Da mesma forma, é capaz de usar outros modos de consciência.

consciência → múltiplos modos nativos

Essas outras “línguas” são naturais, nativas e biologicamente viáveis.

outros focos → viabilidade biológica

O foco habitual não é errado.

uma língua ≠ erro

Mas não é a totalidade.

uma língua ≠ todas as línguas

21. Sumari como linguagem de outro foco

O Sumari é expressão da consciência num foco diferente.

Sumari → foco alternativo

É a expressão nativa de uma experiência fora do foco oficial de linha única.

fora do foco oficial → linguagem própria

Quebra o padrão verbal.

Sumari → despadrão linguístico

Usa sons já ouvidos por Ruburt, misturados de línguas românicas.

sons familiares + estrangeiros → estranheza produtiva

Traz conotações do passado da espécie e da psique.

som → antiguidade → memória psíquica

22. Sumari e percepção

A língua estrutura a percepção visual dos objetos.

língua → percepção visual

O Sumari desfaz o padrão habitual.

Sumari → desestruturação do padrão

Liberta o sistema nervoso da resposta estruturada a estímulos específicos.

som Sumari → resposta neurológica nova

Os sons são espontâneos, mas não desestruturados.

espontâneo ≠ caótico

Apresentam equivalentes sonoros da emoção ou do objeto.

objeto / emoção → equivalente sonoro

Há correspondência legítima entre som e experiência.

som → correspondência direta

23. Percecionador e percecionado

A expressão fresca cria uma nova relação entre percecionador e percecionado.

percecionador ↔ percecionado

O Sumari torna-se ponte entre dois tipos de consciência.

Sumari → ponte

Ruburt pode depois traduzir do Sumari para o inglês.

Sumari → inglês

Mas o inglês regressa carregado e renovado.

inglês → novos conceitos → estranheza fecunda

A linguagem habitual é transformada pelo contato com outra linguagem da consciência.

24. Assinaturas de focos da consciência

Cada foco de consciência possui as suas próprias “línguas”.

foco de consciência → linguagem própria

Por baixo do Sumari há significados mais profundos.

Sumari → camadas de significado

Sons longos e curtos indicam diferentes ritmos de consciência.

- som rápido → difícil acompanhar
- som lento → frase que demoraria uma semana

Estes sons são assinaturas de focos de consciência transpostos para o espaço-tempo.

foco de consciência → assinatura sonora → transposição física

25. Linguagem, neurologia e ciência

As línguas organizam a experiência verbal e mentalmente.

língua → organização da experiência

No caso humano, existe um preconceito neurológico.

padrão neurológico habitual → percepção habitual

Mais consciência fora do corpo mudaria expressões verbais de espaço e tempo.

experiência fora do corpo → nova linguagem espacial/temporal

Mais consciência sonhadora expandiria a língua.

experiência sonhadora → expansão linguística

Outros padrões neurológicos seriam ativados e captados por instrumentos científicos.

novo padrão neurológico → medição científica → nova teoria

26. Glossolalia, arte e sentidos

Cantar “palavreado sem sentido” pode ser tentativa de libertação da estrutura linguística.

gibberish → despadrão verbal

As crianças criam línguas próprias.

criança → linguagem espontânea

A glossolalia expressa uma realidade que escapa às palavras excessivamente estruturadas.

glossolalia → realidade além da palavra

A música é linguagem.

música → linguagem

A pintura é linguagem.

pintura → linguagem

Os sentidos possuem uma linguagem própria.

sentidos → linguagem pré-verbal

27. Terras interiores da consciência

Outros focos da consciência possuem conceitos diferentes de tempo.

outro foco → outro tempo

São mais corretos biologicamente porque conhecem melhor realidades celulares e espirituais.

outro foco → saber celular + saber espiritual

O tipo habitual de consciência não é errado.

consciência habitual → válida

Mas há em vocês impulso para explorar, expandir e criar.

impulso interior → exploração

Tal como exploraram países físicos, explorarão terras interiores da consciência.

- mundo físico → países exteriores
- consciência → terras interiores

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

visão de mundo → linguagem → categorias → limitação perceptiva
→ sonho → experiência direta → sons interiores → palavras novas
→ despadrão verbal → Sumari → ponte entre focos → novas
linguagens da consciência → libertação da visão de mundo

A chave prática é:

quebrar o padrão verbal habitual permite perceber os objetos,
emoções e sonhos de forma mais direta.

A chave psicológica é:

a linguagem organiza a experiência, mas também a comprime;
por isso, o sonho e o som espontâneo libertam conteúdos que as
palavras comuns não conseguem conter.

A chave metafísica é:

cada foco da consciência possui a sua própria linguagem, o seu
próprio ritmo e a sua própria relação com o tempo, o corpo, os
sentidos e a realidade.

Em fórmula:

- palavra → categoria
- categoria → mundo reconhecível

- categoria → mundo limitado
- som espontâneo → percepção fresca
- sonho → experiência direta
- Sumari → ponte entre focos
- nova linguagem → nova visão de mundo

Este capítulo ensina que a libertação da visão de mundo não começa apenas por pensar ideias novas, mas por alterar as linguagens através das quais a consciência percebe, sente, sonha e nomeia a realidade.

CAPÍTULO 45

A Personagem Maior, os Filhos Psíquicos e o Teatro das Contrapartes

— *Mais uma vez, deparamo-nos com ideias limitadas de pessoalidade. Se eu vos disser que fazem parte de uma pessoalidade muito maior, então, infelizmente, interpretam isso como significando que são menos do que são, por contraste.*

— *Cada indivíduo reconhece a existência de capacidades ou talentos, inclinações ou propensões, que permanecem em grande parte por expressar. No vosso sistema de realidade, têm de operar no tempo. Para se desenvolver como atleta, por exemplo, é necessário um grande treino, que automaticamente focaliza energia e atividade, e por isso geralmente exclui uma concentração profunda, no mesmo grau, numa área diferente. Do mesmo modo, ser músico, artista ou escritor exige esforço no tempo, e automaticamente focaliza a atenção em direções específicas que impedem o mesmo tipo de trabalho noutros campos.*

— *Uma pessoa no tempo, então, só consegue fazer uma certa quantidade de coisas, e, nos vossos termos, as grandes fontes da psique mal são tocadas numa dada vida. Isso é evidente. Mais cedo nesta obra, sugeri a existência hipotética de uma pessoa-terrena*

verdadeiramente realizada. Todas as capacidades espirituais, mentais e biológicas seriam atualizadas até ao grau possível. Cada corpo físico — à sua própria maneira, agora, seguindo as suas próprias peculiaridades individuais — desenvolveria quaisquer competências que escolhesse e achasse confortáveis. As capacidades corporais, contudo, seriam livremente expressas, de modo que uma mulher pudesse ser uma grande corredora, ou um homem sobressaísse na natação. A resistência física do tipo agora considerado extraordinário seria a norma. Ao mesmo tempo, todas as qualidades espirituais e mentais latentes seriam cumpridas de modo semelhante, de forma que todos os potenciais da espécie encontrariam atualização, da maneira mais desenvolvida, na experiência de cada indivíduo. Todos os aspetos das ciências e das artes seriam explorados.

— Mais uma vez, nos termos de uma só vida, tais realizações são praticamente impossíveis. Isto não significa que um tipo diferente de educação não pudesse aproximar esses ideais. Significa, sim, que os indivíduos escolhem desenvolver certas porções das suas capacidades, e que tal escolha exige muitas vezes ignorar outros talentos.

— À sua própria maneira, o mundo, em qualquer tempo dado, é uma unidade de indivíduos com profundas ligações psíquicas e biológicas. Cada um de vocês participa na pintura de uma imagem mundial conjunta. Embora cada versão seja ligeiramente diferente, e algumas pareçam estranhas dentro do contexto total, ainda assim emerge uma imagem do mundo em qualquer «tempo» dado.

— *As pessoas vivas durante qualquer século estão embarcadas em certos desafios gerais. Estes são o resultado de desafios privados que podem ser melhor trabalhados dentro de um certo tipo de enquadramento. O tempo, tal como o compreendem, é utilizado como método de foco, um divisor, como uma divisória de sala, separando propósitos em vez de mobiliário. Se querem uma «sala vitoriana», não a depositam no meio de um arranjo espanhol. Pelo contrário, põem-na de parte e enquadram-na com a sua própria decoração, como poderiam fazer num museu que possui salas separadas, representando a vida em séculos passados. As salas no museu existem simultaneamente. Poderão ter de caminhar por um longo corredor, entrar numa sala particular e sair pela mesma porta, antes de poderem chegar à sala seguinte, adjacente. A sala de visitas do século XVIII poderá estar ao lado de uma capela do século XII neste museu hipotético, mas não podem deslocar-se de uma para a outra atravessando-as diretamente. Têm primeiro de ir ao corredor.*

— *É difícil tentar explicar a criatividade da psique quando, enquanto espécie, vocês têm ideias tão fixas a seu respeito, mas tentarei.*

— *Fisicamente, multiplicam-se. Se têm um filho, não ficam diminuídos. Não são menos vocês próprios. Aceitam pais e avós, e veem-nos como indivíduos, enquanto vocês próprios também são vocês como indivíduos, e, contudo, brotaram das mesmas sementes biológicas.*

— *Essas sementes formam as raças físicas, que são todas variações sobre um tema, ou, como Ruburt diria, excentricidades de um modelo em permanente mudança. Aceitam o facto de existirem ligações biológicas em termos de família, país e raça, entre vocês e os outros indivíduos do vosso planeta. A espécie divide-se, por assim dizer, e os membros das diferentes raças, em qualquer tempo dado, distribuem-se pelas várias terras e continentes.*

— *Estão habituados a fazer organizações. Dizem: «Esta raça é assim e assado, e podemos traçar a sua história através das eras.» Ou: «Aquela raça iniciou a linguagem.» Em termos gerais, veem certas raças como possuindo as suas próprias características. Quando fazem isto, ignoram muitas vezes outras tendências contraditórias que não se tornam tão visíveis. Ninguém, contudo, se sente menos pessoa por não constituir, sozinho, uma raça inteira.*

— *Os filhos que brotam dos vossos lombos são reais. Têm as suas próprias vidas. Partilham uma certa porção da vossa experiência, mas usam essa experiência como escolhem. Nos vossos termos, vocês existem na vida física antes de os vossos filhos existirem. Noutros termos, a vossa própria personalidade maior existe antes de vocês da mesma maneira. Essa personalidade maior dá origem a muitos «filhos psíquicos», que então se tornam físicos ao nascerem nas raças de homens e mulheres.*

— Cada um desses filhos quer desenvolver as suas capacidades de uma determinada maneira, traduzindo-as em experiência terrena de tal modo que todas as outras porções da Terra também sejam beneficiadas.

— O mundo é então, de facto, como um teatro em qualquer tempo dado, mas a peça não está predestinada nem previamente traçada. É, em vez disso, um acontecimento espontâneo no qual os temas gerais são aceites de antemão. Cada «personagem maior» assume vários papéis, ou faz surgir vários filhos psíquicos, que saltam para a vida como seres humanos individuais. Estes filhos psíquicos têm tanta voz no seu nascimento como vocês têm no vosso, fisicamente falando — e isso é considerável.

— Escolhem antecipadamente o vosso ambiente e os vossos propósitos. Esta personagem maior tem então contrapartes terrenas, cada indivíduo vivo participando no drama humano vital de qualquer século dado. Cada um aprende com os outros, e as contrapartes encaixam-se como mosaicos — exceto que estes mosaicos estão plenamente dotados de independência e livre-arbítrio. Assim, os indivíduos vivos sobre o corpo da Terra, em qualquer tempo dado, encaixam-se tão belamente como as células dentro do vosso corpo individual num momento particular.

— Não estou a dizer que a personalidade humana é «tão significativa como uma célula — nem mais nem menos».

— *Estou a dizer que, de certa forma, as pessoas vivas sobre o corpo da Terra têm entre si o mesmo tipo de relação que as células têm umas com as outras. Psiquicamente, vocês são compostos de contrapartes, tal como fisicamente provêm de várias raças. Há muito mais agrupamentos de contrapartes do que raças, mas a vossa definição de raças é arbitrária. As contrapartes podem ser melhor relacionadas com famílias físicas, pois poderiam muito bem ter quatro ou cinco contrapartes vivas num século, tal como poderiam ter quatro ou cinco membros da família abrangendo a mesma quantidade de tempo. Basicamente, contudo, as contrapartes lidam com cumprimentos e desenvolvimentos que transcendem raças ou países.*

— *Agora lembrem-se: vocês são uma versão terrena da vossa própria personagem maior. São inteiramente vocês próprios. Essa identidade maior, contudo, é intrinsecamente vossa, mas é a parte que não pode ser expressa fisicamente. As vossas experiências são vossas. Através de vocês, tornam-se parte da experiência da identidade maior, mas a realidade dela também vos deu «originalmente» a vossa existência física, tal como vocês deram vida física aos vossos filhos. Os vossos filhos não são vocês e, contudo, outrora, estiveram contidos no ventre da mãe. Mas também não tiveram origem no ventre, e sim na semente e no óvulo.*

— *A vossa experiência individual torna-se então parte da vossa própria personagem maior, mas, ao mesmo tempo, vocês extraem inconscientemente o conhecimento dessa personagem e usam-no para os vossos propósitos: tornam-se uma ramificação, por assim*

dizer. Estão inconscientemente conscientes das experiências das «vossas» contrapartes, tal como elas estão das vossas, e usam essa informação para completar a vossa própria experiência.

— Certas capacidades podem ser desenvolvidas com muito maior facilidade em determinados períodos temporais — numa tecnologia altamente industrializada, por exemplo — e aqueles que se interessam por esse tipo de ambiente não surgiram geralmente nas eras dos homens das cavernas, simplesmente porque os vivos nessa época trabalhavam com desafios diferentes. Assim, esta identidade maior hipotética também escolhe nascer em diferentes períodos temporais, historicamente falando; e surge o mesmo padrão, no qual as contrapartes nascem como indivíduos, cada uma biológica e espiritualmente ligada, mas com grandes entrelaçamentos e variações, como acontece numa árvore genealógica física.

— À sua maneira, então, cada século possui a sua própria integridade em todos os níveis. A identidade de cada pessoa viva é sempre «novíssima». Contudo, a sua rica herança psíquica liga-a, através da memória e da experiência, àqueles que «virão depois», ou àqueles que «vieram antes». Vocês são mais próximos de alguns membros da família do que de outros, e são mais próximos de algumas contrapartes do que de outras.

— Os vossos pais têm representações físicas das suas memórias em termos de fotografias e cartas.

— *Essas memórias não são vossas e, contudo, são uma parte muito definida da vossa herança. Em alguns casos, os vossos pais poderão falar-vos de acontecimentos que ocorreram na vossa primeira infância e que vocês esqueceram. De uma maneira estranha, contudo, estas não são as vossas memórias, mas as memórias dos vossos pais acerca de vocês. Aceitam pela fé que determinados acontecimentos ocorreram, embora não os recordem.*

— *Esses incidentes estão registados inconscientemente, contudo, se se aplicaram à vossa experiência direta; e, sob hipnose, por exemplo, poderiam torná-los vossos. Portanto, há diferentes tipos de memórias. Partilham certas semelhanças biológicas com os vossos pais, mas há outros agrupamentos biológicos não compreendidos, que unem contrapartes em qualquer século dado.*

— *Transplantes de órgãos, por exemplo, poderiam ser aceites mais facilmente a partir de contrapartes, de modo que têm uma espécie de subespécie interior, ou subfamília, se preferirem, que opera dentro das divisões físicas regulares que reconhecem.*

— *As mensagens telepáticas cintilam mais rapidamente de uma contraparte para outra.*

— *Algumas das memórias da vossa contraparte podem aparecer nos vossos estados de sonho, onde se apresentam talvez como fantasias para vocês.*

— Estas são como fotografias psíquicas, em vez de físicas, envolvendo instâncias que fazem parte da vossa herança — vossas, mas não vossas. Acrescentam algo ao que vocês são. Podem dar-vos informação correta acerca do «passado», tal como as fotografias dos vossos pais vos podem falar de um tempo no qual vocês não participaram diretamente. As fotografias antigas farão vibrar uma corda dentro de vocês, contudo, e o mesmo acontecerá com as memórias psíquicas.

— Vocês estão sempre no centro da vossa vida. Mais uma vez, o vosso ser, tal como o compreendem, nunca é aniquilado, mas continua a desenvolver a sua própria existência de outras maneiras. Uma porção de vocês viveu muitas vidas neste planeta, mas o «vocês» que conhecem está aqui de fresco, e nunca mais encontrará o espaço e o tempo precisamente da mesma maneira. O mesmo se aplica a cada vida vivida antes ou depois. Biologicamente, vocês assentam sobre uma herança; psiquicamente, contudo, o mesmo se aplica. A alma, ou esta personagem maior, não envia simplesmente um velho self com roupas novas, vez após vez, mas, de cada vez, um self novo, recém-cunhado, que então se desenvolve e segue o seu próprio caminho. Esse self cavalga firmemente, contudo, no grande voo da experiência, e sente dentro de si todas essas outras versões plenamente únicas que também se lançam à existência.

— Assim, tu, Joseph, foste Nebene, a mulher negra e o soldado romano, e contudo não foste nenhum deles. Mas as realidades deles também fazem parte da tua própria aliança maior.

— O teu amigo Peter Smith partilhou o mesmo período terreno. Não foram contrapartes — ou não são contrapartes, mas estão suficientemente próximos em aliança para que, em certos termos, «partilhem» algumas das mesmas memórias psíquicas, como primos que falam de velhos irmãos vagamente recordados.

— Contudo, não há coincidências em quaisquer agrupamentos — biológicos, psíquicos ou sociais. É óbvio que certos interesses juntam as pessoas em qualquer reunião de clube ou encontro. Há razões, então, pelas quais as pessoas nascem em qualquer século dado, e pelas quais se encontram no espaço e no tempo. Assim, há razões pelas quais tu e Peter se encontraram, e pelas quais certas pessoas vêm às aulas de Ruburt.

Síntese Operativa

Este capítulo reformula a noção comum de identidade e reencarnação. A personalidade física não é um velho eu que regressa vezes sem conta com novas roupas; é uma nova expressão de uma Personagem Maior, ou Self Original, que se manifesta em diferentes tempos, corpos, culturas e contextos de experiência.

A função central do capítulo é esta:

a identidade atual é uma expressão nova e autónoma de uma Pessoaalidade Maior; as chamadas vidas passadas, contrapartes e memórias psíquicas pertencem a uma herança comum, partilhada por diferentes “filhos psíquicos” do mesmo Self Original.

1. A limitação da ideia comum de pessoa

Seth começa por desmontar a noção estreita de pessoalidade.

- personalidade física → identidade parcial
- Pessoaalidade Maior → identidade ampla

O erro comum é pensar que pertencer a uma identidade maior diminui a individualidade.

parte de algo maior → não significa menos

Tal como uma pessoa não deixa de ser individual por pertencer a uma família, raça ou espécie, também o self atual não deixa de ser ele próprio por pertencer a uma Personagem Maior.

2. A vida física limita a expressão dos potenciais

No tempo físico, uma pessoa só consegue desenvolver certas capacidades.

tempo físico → foco → especialização

Ser atleta, artista, músico, escritor ou cientista exige concentração, treino e escolhas.

escolha de uma capacidade → outras capacidades ficam latentes

Por isso, numa só vida, as fontes profundas da psique mal são tocadas.

psique ampla → vida única → expressão parcial

3. A pessoa-terrena plenamente realizada

Seth evoca a hipótese de uma pessoa-terrena plenamente realizada.

capacidades físicas

- + capacidades mentais
- + capacidades espirituais
- + capacidades artísticas
- + capacidades científicas

→ pessoa-terrena integral

Esse ideal mostra aquilo que a espécie poderia expressar, mas que raramente consegue concentrar numa só existência individual.

potencial da espécie → distribuído por muitos indivíduos

4. O século como unidade de experiência

Cada século funciona como um enquadramento coletivo.

- século → moldura temporal
- moldura temporal → desafios próprios

As pessoas vivas num dado período não estão reunidas ao acaso. Participam em desafios gerais que resultam de desafios privados compatíveis.

desafios privados → enquadramento comum → época histórica

O tempo funciona como método de foco.

tempo → divisor de propósitos

5. O museu do tempo

Seth compara os séculos a salas de um museu.

- sala vitoriana
- sala medieval
- sala do século XVIII

→ todas existem no museu

Mas, para o visitante, é necessário atravessar corredores.

simultaneidade estrutural → experiência sequencial

Esta imagem mostra a diferença entre a perspectiva física e a perspectiva mais ampla.

- Personalidade de Foco → percorre corredores
 - Self Original → conhece o museu como totalidade
-

6. A multiplicação física como analogia psíquica

Fisicamente, os seres humanos multiplicam-se através de filhos.

- pais → filhos
- filhos → vidas próprias
- filhos → não diminuem os pais

Do mesmo modo, a Pessoaalidade Maior dá origem a “filhos psíquicos”.

- Pessoaalidade Maior → filhos psíquicos
- filhos psíquicos → selves individuais
- selves individuais → vidas próprias

A individualidade de cada expressão é real.

7. Os filhos psíquicos

Os “filhos psíquicos” são expressões individualizadas da Personagem Maior.

- Self Original → expressão A
- Self Original → expressão B
- Self Original → expressão C
- Self Original → expressão atual

Cada uma nasce num contexto próprio de corpo, tempo, cultura e experiência.

expressão nova → identidade própria

Nenhuma é apenas uma repetição mecânica de outra.

8. Reencarnação reinterpretada

A reencarnação não é, neste capítulo, a simples repetição linear do mesmo eu.

- modelo comum → eu antigo volta com nova roupa
- modelo sethiano → Self Original expressa novos selves

A Personalidade de Foco traduz a simultaneidade como sequência.

eu atual → vê passado / futuro

Mas o Self Original organiza essas expressões num campo mais amplo.

Self Original → múltiplas expressões simultâneas ou interligadas

9. O teatro do mundo

O mundo, em qualquer época, é comparado a um teatro.

- século → palco
- vida humana → drama vital
- indivíduos → papéis vivos

A peça não está predestinada. Há temas gerais aceites de antemão, mas a ação desenvolve-se espontaneamente.

tema geral → livre-arbítrio → drama vivido

As contrapartes participam nesse teatro como papéis diferentes da mesma Personagem Maior.

10. Contrapartes como mosaico vivo

As contrapartes encaixam-se como mosaicos.

contraparte A

- + contraparte B
- + contraparte C
- + contraparte atual

→ configuração maior

Mas estes mosaicos têm independência e livre-arbítrio.

- ligação psíquica → sim
- autonomia individual → sim

Nenhuma contraparte é simples fragmento passivo de outra.

11. Humanidade e corpo planetário

Seth compara os indivíduos vivos sobre a Terra às células de um corpo.

- pessoas vivas → células do corpo da Terra
- relações humanas → relações celulares

A analogia não reduz a personalidade humana a uma célula. Mostra antes uma rede de interdependência.

- individualidade → preservada
- interligação → aprofundada

12. Contrapartes e famílias físicas

As contrapartes podem ser compreendidas por analogia com famílias.

- família biológica → parentesco físico
- contrapartes → parentesco psíquico

Pode haver várias contrapartes vivas no mesmo século, como há vários membros de uma família no mesmo período.

mesmo século → várias expressões relacionadas

Contudo, as contrapartes transcendem raça, país e cultura.

13. A Personagem Maior

Cada pessoa é uma versão terrena da sua própria Personagem Maior.

- eu atual → versão terrena

- Personagem Maior → identidade intrínseca mais ampla

A experiência individual pertence ao self atual, mas também enriquece a identidade maior.

experiência individual → integração na Personagem Maior

Ao mesmo tempo, o self atual extrai inconscientemente conhecimento dessa identidade maior.

Personagem Maior → conhecimento latente → eu atual

14. Herança psíquica

Tal como existe herança biológica, existe herança psíquica.

- pais → fotografias / cartas / memórias
- Pessoaalidade Maior → memórias psíquicas / ressonâncias / impulsos

Algumas memórias não são diretamente “nossas”, mas pertencem ao nosso campo de herança.

vossas → e não vossas

Essa fórmula é central.

15. Fotografias psíquicas

As memórias das contrapartes podem aparecer nos sonhos.

- contraparte → memória
- memória → sonho
- sonho → fantasia aparente

Essas imagens funcionam como fotografias psíquicas.

- fotografia física → memória familiar
- fotografia psíquica → memória de contraparte

Podem fornecer informação correta sobre outros tempos, mesmo que o eu atual não tenha vivido diretamente esses acontecimentos.

16. Responsabilidade sem culpa linear

O capítulo também altera a forma de compreender consequências psíquicas.

- vida anterior linear → culpa pessoal direta
- herança de contraparte → ressonância / integração

O eu atual não é automaticamente culpado por aquilo que outra expressão fez.

Mas pode receber ecos, padrões ou desafios ligados ao mesmo campo identitário.

- ressonância → desafio
- desafio → compreensão
- compreensão → integração

17. O self novo, recém-cunhado

Seth insiste que a alma não envia simplesmente um velho self com roupas novas.

velho self + nova roupa → modelo insuficiente

Cada vida é um self novo.

- Self Original → novo self
- novo self → desenvolvimento próprio
- desenvolvimento próprio → caminho próprio

A continuidade existe, mas não anula a novidade.

18. “Foste e não foste”

A fórmula aplicada a Joseph é a chave do capítulo.

- tu foste Nebene
- tu foste a mulher negra
- tu foste o soldado romano
- e, contudo, não foste nenhum deles

Isto significa:

- continuidade psíquica → sim
- identidade linear literal → não
- aliança maior → sim
- confusão entre selves → não

A Personalidade de Foco participa numa identidade maior, mas não é idêntica a todas as suas expressões.

19. Alianças psíquicas

Nem todas as ligações são contrapartes diretas.

- contrapartes → ligação forte
- alianças próximas → memórias partilhadas
- agrupamentos sociais → afinidades significativas

Não há coincidências nos agrupamentos biológicos, psíquicos ou sociais.

- encontro → afinidade

- afinidade → propósito
 - propósito → participação no drama comum
-

20. Integração como função do eu atual

O eu atual pode receber material vindo de:

- consciência coletiva
- herança familiar
- cultura
- contrapartes
- Pessoaalidade Maior
- desafios escolhidos

A integração consiste em reinterpretar esse material a partir de uma consciência mais ampla.

- tabu → compreensão

- culpa → responsabilidade
- medo → consciência
- ressonância → integração

Ao integrar, o self atual atualiza o seu próprio campo e contribui para o campo maior.

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

pessoalidade limitada → Pessoaalidade Maior → filhos psíquicos → teatro de um século → contrapartes → herança psíquica → memórias partilhadas → self novo → integração

A reencarnação comum diz:

Eu fui outras pessoas antes.

A perspetiva de Seth reformula:

O Self Original expressou-se através de outras personalidades, e eu sou uma nova expressão desse mesmo campo maior.

A Personalidade de Foco organiza a experiência assim:

passado → presente → futuro

O Self Original organiza-a assim:

múltiplas expressões → simultaneidade → herança comum

A chave do capítulo é esta:

não somos selves antigos reciclados, mas novas expressões de uma identidade maior, ligadas por uma herança psíquica comum e chamadas a integrar, à sua maneira, os desafios do campo maior a que pertencem.

CAPÍTULO 46

Os Links de Consciência, as Alianças da Identidade e a Montanha do Self

— *Este livro ocupa-se da natureza da realidade desconhecida e dos modos como ela pode tornar-se conhecida.*

— *Nesta secção, portanto, delineeí várias experiências ou exercícios para o leitor. Estes levar-vos-ão certamente a formar as vossas próprias versões dos exercícios apresentados, ou abrirão a vossa mente de tal modo que, espontaneamente, à vossa própria maneira, se tornarão conscientes de acontecimentos que antes eram literalmente invisíveis para vocês.*

— *Poderão descobrir que algumas das vossas concepções mais estimadas são concepções erradas à luz das vossas novas experiências. Visto que as explorações são altamente pessoais, muito provavelmente irão iniciá-las a partir do enquadramento das vossas crenças atuais. Podem ser utilizados símbolos, e estes podem mudar de significado para vocês à medida que avançam. Os símbolos podem, portanto, evoluir. No início desta obra, "avisei" o leitor de que, aqui nestas sessões, iríamos além das ideias de um só deus e de um só self. Afirmei que as vossas ideias de personalidade seriam expandidas. À medida que A Realidade*

«Desconhecida» está a ser produzida, Ruburt e Joseph têm as suas próprias experiências e descobrem a natureza da realidade desconhecida tal como ela se aplica a eles.

— Joseph teve recentemente uma experiência que o perturbou, simplesmente porque era difícil de interpretar mesmo à luz da sua compreensão acerca da natureza do self. Vocês não podem explorar a natureza da realidade, esperando descobrir os seus aspetos desconhecidos, se insistirem que esses aspetos correspondam aos conhecidos. Assim, Joseph permitiu a si próprio alguma liberdade — e depois ficou quase escandalizado com os resultados.

— A sua experiência parecia implicar que a identidade do seu pai possuía tanta mobilidade, e tantas possibilidades de desenvolvimento, que a própria ideia de identidade parecia perder as suas fronteiras.

— Antes de mais, nos vossos termos, a identidade “pura” não possui forma. Falam de um self dentro de um corpo porque só estão familiarizados com uma porção de vocês próprios. Supõem que toda a pessoalidade, de uma forma ou de outra, deve possuir o equivalente de uma forma humana, espiritual ou outra, para “habitar”.

— A identidade em si é composta de energia pura. Não ocupa espaço. Não ocupa tempo. Eu disse que há partículas invisíveis que podem aparecer em mais do que um lugar simultaneamente. O mesmo acontece com a identidade.

— Os átomos e moléculas constroem blocos de matéria, nos vossos termos, mesmo enquanto permanecem separados. A mesa entre Joseph e mim — Jane, em transe, estava sentada com os pés sobre a nossa mesa de café, comprida e estreita — não se sente invadida pelas partículas invisíveis que a compõem. Aliás, se me perdoarem esse velho trocadilho, os átomos e moléculas que formam a mesa hoje nada tiveram a ver com a mesa de há cinco anos — embora a mesa parecesse então a mesma que agora.

— Do mesmo modo, identidades bastante separadas podem fundir-se com outras numa gestalt de dar e receber, na qual a intenção global é tão clara como a forma da mesa. Até certo ponto, Joseph estava a perceber esse tipo de organização psíquica interior.

— Nos vossos termos, a Terra, em qualquer tempo dado, representa a mais requintada cooperação física, espiritual e psíquica, na qual todas as consciências estão relacionadas e contribuem para a realidade global. Fisicamente, isto é compreendido em certa medida.

— É difícil explicar isto em níveis espirituais e psíquicos sem falar, por exemplo, em termos de gradações de identidade. Contudo, nos vossos termos, mesmo a mais pequena "partícula" de identidade é inviolada. Pode crescer, desenvolver-se ou expandir-se, mudar de alianças ou organizações, e combina-se de facto com outras, tal como as células fazem. O vosso corpo não sente como se vocês o invadissem. A vossa consciência e a consciência dele estão

fundidas; contudo, ele é composto pelas inúmeras consciências individuais que formam as partículas físicas mais minúsculas dentro dele.

— Essas partículas vêm e vão, e, contudo, o vosso corpo permanece ele próprio. Aquilo que era fisicamente parte de vocês no ano passado já não o é hoje. Fisicamente, vocês são uma pessoa diferente. Dito de forma simples, a matéria do corpo é constantemente devolvida à Terra, onde volta a formar-se em atualização física — mas sempre de modo diferente.

— De modo algo semelhante, a vossa identidade muda constantemente, mesmo enquanto retêm o vosso sentido de permanência. Esse sentido de permanência cavalga sobre mudanças intermináveis — na verdade, depende dessas mudanças físicas, espirituais e psíquicas. Nos vossos termos, por exemplo, se elas não ocorressem constantemente, o vosso corpo morreria. As células, mais uma vez, não são simplesmente partículas minúsculas, práticas e invisíveis que por acaso compõem os vossos órgãos. Elas possuem também consciência própria. Esse tipo de consciência une toda a matéria física.

— Existe, de facto, uma comunicação que une toda a natureza, uma rede interior, de modo que cada parte da Terra sabe o que as outras partes estão a fazer. As células são organizações sempre em mudança, formando-se e desformando-se.

— *As células compõem formas naturais. Uma identidade não é uma coisa de determinado tamanho ou forma que tenha de aparecer sempre de um único modo. É uma unidade de consciência, sempre ela própria e inviolada, embora livre para formar outras organizações e entrar noutras combinações nas quais todas as outras unidades também decidem participar. Assim como há diferentes formas nos objetos físicos, também a identidade pode assumir diferentes formas — e, basicamente, essas formas são muito mais ricas e diversas do que a variedade dos objetos físicos. As vossas próprias identidades, tal como as concebem, dependem dos mesmos tipos de organizações vivas da consciência.*

— *Vejamo-lo de outro modo. As pessoas que leem a chamada literatura "oculta" podem considerar-me "uma alma antiga", como uma montanha. De uma forma grandiosa e antiga, acima de outras almas mais caseiras, semelhantes a aldeias, eu tenho a minha própria identidade. Contudo, essa identidade é composta por outras identidades, cada uma independente, tal como a montanha é composta pelas suas rochas e não poderia existir sem elas, mesmo enquanto se eleva tão majestosamente acima da planície. A minha compreensão assenta naquilo que sou, tal como a altura da montanha assenta naquilo que ela é. Não me sinto invadido pelos selves ou identidades que me compõem, nem eles se sentem invadidos por mim — tal como as árvores, as rochas e a erva não se ressentiriam da forma montanhosa na qual cresceram.*

— *O cume da montanha pode "ver mais longe": a sua vista abrange toda a região. Assim, eu posso olhar para a vossa realidade, tal como o cume da montanha pode olhar para a planície*

e para a aldeia. O pico da montanha e a aldeia são igualmente legítimos.

— Vejamos isto outra vez, de outro modo.

— A vossa mente pensante, tal como a consideram, é o cume da vossa montanha. Em certos termos, conseguem ver “mais” do que as vossas células conseguem, embora elas também estejam conscientes das suas realidades. Se não fossem as vidas delas, vocês não estariam no topo da vossa montanha psicológica. Mesmo as árvores na ponta mais alta da encosta lançam raízes firmes no solo e recebem dele alimento e vitalidade — e há uma grande troca entre o rebento mais pequeno nas faldas da montanha e o pinheiro mais antigo. Nenhuma lâmina de erva morre sem que isso afete a montanha inteira. A energia dentro da erva afunda-se na terra e, nos vossos termos, renasce novamente. Árvores, rochas e erva trocam constantemente de lugar à medida que a energia muda de forma.

— A água corre pela encosta abaixo até ao vale, e há uma troca constante entre a aldeia lá em baixo, digamos, ou os prados, e a montanha. Assim, existe o mesmo tipo de transformação, mudança e cooperação entre todas as identidades. Podem traçar as linhas onde quiserem, por conveniência, mas cada identidade retém a sua individualidade e a sua natureza inviolada, mesmo enquanto muda constantemente.

— *As árvores dão sementes. Algumas caem por perto. Outras são levadas pelo vento a certas distâncias, para áreas que a própria árvore, apesar de toda a sua altura, não conseguiria perceber.*

— *A árvore não se sente menos ela própria por produzir tais sementes. Assim, as identidades projetam sementes de si mesmas de modo algo semelhante. Estas podem crescer em ambientes bastante diferentes. As suas realidades não ameaçam, de modo algum, a identidade do "progenitor". As identidades possuem livre escolha, pelo que escolherão os seus ambientes ou locais de nascimento.*

— *Porque uma árvore é física, estarão envolvidas propriedades físicas, e as sementes amadurecerão seguindo certos princípios ou características gerais. Átomos e moléculas formarão, por vezes, árvores; por vezes, tornar-se-ão partes de sofás. Formarão pessoas, ou formigas, ou lâminas de erva; contudo, em cada uma dessas aventuras, também reterão o seu próprio sentido de identidade. Combinam-se para formar células e órgãos, e através de todos esses acontecimentos obtêm diferentes tipos de experiência.*

— *Fisicamente falando, e em termos gerais, o vosso corpo é composto de ervas, formigas, rochas, animais e aves, pois, de uma forma ou de outra, toda a matéria biológica está relacionada. Em certos termos, através da vossa experiência, aves e rochas falam alfabetos — e certas porções do vosso próprio ser voam ou rastejam como aves ou insetos, formando a grande gestalt da experiência*

física. Está na moda dizer: “Vocês são aquilo que comem”; que, por exemplo, “não devem comer carne porque estão a matar os animais, e isso é errado.” Mas, em termos mais profundos, física e biologicamente, os animais nascem do corpo da Terra, que é composto pelos cadáveres de homens e mulheres tanto quanto é composto por outra matéria. Os animais consomem-vos, então, tantas vezes quantas vocês os consomem, e eles fazem tanto parte da vossa humanidade como vocês fazem parte da sua chamada natureza animal.

— *A troca constante que existe biologicamente significa que a mesma matéria física que compõe um homem ou uma mulher pode dispersar-se e, mais tarde, formar um sapo, uma estrela-do-mar, um cão ou uma flor. Pode distribuir-se por incontáveis formas diferentes. Essa aritmética da consciência não é aniquilada. É multiplicada, não dividida. Dentro de cada forma permanece a reminiscência da consciência de todas as outras combinações, de todas as outras alianças, à medida que a identidade forma continuamente novos empreendimentos criativos e gestalts de relação. Não há discriminação, não há preconceito.*

— *Quando comem, têm de eliminar através dos intestinos. A matéria resultante acaba por regressar à Terra, onde ajuda a formar todos os outros seres vivos. A matéria “morta” — o resíduo de uma ave, as células descartadas — não é então usada apenas por outras aves, embora por vezes o possa ser, mas também por homens e mulheres. Não existe nenhuma regra que diga que o vosso material celular descartado só possa ser usado pela vossa própria espécie. Contudo, nos vossos termos, qualquer identidade, por mais*

"minúscula" que seja, conserva-se a si mesma e à sua identidade através de muitas formas e alianças de organizações.

— Através desses fios de consciência, todo o vosso mundo está relacionado. A vossa própria identidade envia constantemente fios de si mesma, então. Estes misturam-se psiquicamente com outros fios, tal como, fisicamente, os átomos e moléculas são trocados. Há, portanto, diferentes organizações de identidade nas quais vocês desempenham um papel.

— Ruburt está ligado a mim desse modo. Está também ligado a qualquer formiga no quintal da mesma maneira. Contudo, eu retenho a minha identidade, a formiga retém a sua identidade, e Ruburt retém a dele. Mas nenhum dos três poderia existir sem os outros dois — pois, em termos mais amplos, a realidade de qualquer um dos três pressupõe a existência dos outros.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a natureza da identidade para além da forma física, do corpo, do tempo linear e da noção comum de self separado. Seth mostra que a identidade não é uma unidade rígida, fechada sobre si mesma, mas uma organização viva, inviolada e em constante relação com outras identidades.

A função central do capítulo é esta:

a identidade conserva a sua individualidade mesmo quando muda de forma, estabelece alianças, participa em organizações maiores e envia fios de si mesma para outras realidades, corpos, espécies e campos de experiência.

1. A realidade desconhecida torna-se conhecida por expansão da identidade

O livro não procura apenas descrever a realidade desconhecida. Procura levar o leitor a experienciá-la.

exercícios → novas experiências → novos símbolos → expansão da personalidade

À medida que a consciência explora o desconhecido, as suas antigas concepções podem revelar-se demasiado estreitas.

crença antiga → experiência nova → símbolo alterado → self expandido

A exploração exige abandonar a exigência de que o desconhecido se comporte como o conhecido.

2. A identidade não possui forma fixa

A identidade “pura” não depende de corpo, espaço ou tempo.

- identidade → energia pura
- energia pura → sem forma fixa
- sem forma fixa → múltiplas aparições possíveis

O corpo é apenas uma das formas através das quais a identidade se expressa.

- self corporal → porção conhecida
- identidade maior → mobilidade para além da forma

3. A identidade pode aparecer em mais do que um lugar

Tal como certas partículas invisíveis podem aparecer simultaneamente em mais de um lugar, também a identidade pode manifestar-se de modos múltiplos.

- identidade → não limitada ao espaço
- não limitada ao espaço → múltiplas expressões
- múltiplas expressões → continuidade sem perda

A identidade não se torna menos ela própria por se expressar em várias formas.

4. A separação não impede a fusão em gestalt

Identities separadas podem fundir-se em organizações maiores sem perder a sua natureza própria.

- identidade A + identidade B → gestalt de dar e receber
- gestalt → cooperação

- cooperação → intenção global

A união não implica invasão nem dissolução.

- aliança → participação
 - participação ≠ perda de identidade
-

5. A Terra como grande cooperação de consciências

A Terra representa uma cooperação física, espiritual e psíquica extremamente complexa.

- consciências individuais → relação
- relação → realidade global
- realidade global → Terra

Cada forma de consciência participa na totalidade terrestre.

- célula → corpo
- corpo → espécie

- espécie → Terra
 - Terra → rede viva
-

6. A identidade é inviolada

Mesmo a mais pequena partícula de identidade conserva a sua natureza inviolada.

- identidade → inviolada
- inviolada → livre para crescer
- crescimento → novas alianças
- alianças → novas organizações

A mudança não destrói a identidade. Pelo contrário, permite-lhe desenvolver-se.

7. O corpo como exemplo de cooperação consciente

O corpo físico é composto por inúmeras consciências menores.

- células → consciência própria
- consciências celulares → corpo
- corpo → identidade física reconhecível

As células vêm e vão, mas o corpo conserva continuidade.

- mudança celular → permanência corporal
- mudança constante → sentido de permanência

O mesmo princípio aplica-se à identidade psíquica.

8. A rede interior da natureza

Existe uma comunicação interior que une toda a natureza.

- células → organismos
- organismos → espécies
- espécies → Terra

- Terra → rede interior

Cada parte da Terra sabe, de algum modo, o que as outras partes fazem.

- natureza → comunicação
 - comunicação → participação
 - participação → consciência distribuída
-

9. A identidade assume muitas formas

Uma identidade não tem de aparecer sempre do mesmo modo.

- identidade → unidade de consciência
- unidade de consciência → múltiplas organizações
- múltiplas organizações → múltiplas formas

As formas físicas são apenas exemplos limitados da diversidade possível da identidade.

- objetos físicos → variedade exterior

- identidade → variedade muito mais rica
-

10. Seth como montanha

Seth compara-se a uma montanha: uma identidade ampla composta por muitas outras identidades independentes.

- montanha → rochas + árvores + erva
- Seth → identidades independentes + organização maior

A montanha não invade as suas rochas, árvores ou ervas. Do mesmo modo, a identidade maior não invade as identidades que a compõem.

- identidade maior → integração
 - integração $\neq$ anulação
-

11. O cume e a aldeia são igualmente legítimos

O cume da montanha vê mais longe, mas a aldeia continua a ser legítima.

- cume → visão ampla
- aldeia → experiência localizada

visão ampla + experiência localizada → realidade completa

A identidade maior não é “mais real” do que a identidade menor.
Possui apenas outro alcance.

- Self maior → amplitude
 - self localizado → foco
 - amplitude e foco → complementares
-

12. A mente pensante como cume da montanha corporal

A mente pensante é o cume da montanha psicológica, mas depende das células que a sustentam.

- células → base viva
- base viva → corpo
- corpo → mente pensante

- mente pensante → cume funcional

Sem as vidas celulares, não haveria mente consciente física.

- consciência celular → fundamento
 - consciência humana → expressão de topo
-

13. Nenhuma lâmina de erva morre sozinha

Cada mudança numa parte afeta a totalidade.

- lâmina de erva → montanha
- célula → corpo
- identidade menor → identidade maior

Nada existe isoladamente.

- morte → transformação
- transformação → redistribuição de energia

- energia → nova forma
-

14. As sementes da identidade

Tal como as árvores produzem sementes, as identidades projetam sementes de si mesmas.

- árvore → sementes
- identidade → projeções
- projeções → novos ambientes
- novos ambientes → novas experiências

A semente não ameaça a árvore. A expressão nova não ameaça a identidade de origem.

- progenitor → identidade preservada
 - semente → identidade nova
 - ambas → relação viva
-

15. As formas biológicas trocam matéria

O corpo humano é composto por matéria que já participou noutras formas.

ervas → animais → homens e mulheres → Terra → novas formas

A matéria circula através de espécies, corpos e organismos.

- homem → matéria
- matéria → sapo / cão / flor / estrela-do-mar
- forma muda → identidade minúscula conserva-se

A vida biológica é uma circulação contínua de alianças materiais.

16. A aritmética da consciência

A consciência não é aniquilada quando se distribui por muitas formas.

- consciência → multiplicada
- multiplicada $\neq$ dividida

- diversidade → enriquecimento

Cada nova combinação guarda reminiscências das alianças anteriores.

- forma atual → memória de combinações
 - combinações → empreendimentos criativos
 - identidade → expansão relacional
-

17. Não há discriminação na matéria viva

A matéria descartada por uma espécie pode participar noutra.

- células descartadas → Terra
- Terra → novas formas
- nova forma → outra espécie

Não existe regra que limite a matéria celular à espécie de origem.

- matéria → circulação livre

- vida → recombinação
 - identidade minúscula → conservação através das formas
-

18. Os fios de consciência

A identidade envia fios de si mesma.

- identidade → fios de consciência
- fios → ligações psíquicas
- ligações psíquicas → organizações de identidade

Esses fios misturam-se com outros fios, tal como os átomos e moléculas se trocam fisicamente.

- troca física → átomos e moléculas
 - troca psíquica → fios de consciência
-

19. Ruburt, Seth e a formiga

Ruburt está ligado a Seth e também à formiga no quintal.

- Ruburt → Seth
- Ruburt → formiga
- Seth → formiga

Cada um conserva a sua identidade, mas nenhum existe isoladamente.

- identidade própria → preservada
- interdependência → inevitável
- realidade de um → pressupõe os outros

20. A identidade como aliança viva

A identidade não é uma coisa fechada. É um centro de continuidade capaz de formar alianças.

- identidade → continuidade
- continuidade → alianças

- alianças → gestalts
- gestalts → novas formas de experiência

A individualidade permanece, mas torna-se mais vasta através da relação.

- individualidade → inviolada
- relação → expansão
- expansão → identidade enriquecida

Síntese final

O movimento do capítulo pode ser condensado assim:

realidade desconhecida → expansão da pessoalidade → identidade sem forma fixa → múltiplas expressões → gestalts de dar e receber → corpo como cooperação celular → Terra como rede interior → Seth como montanha → sementes da identidade → circulação da matéria → aritmética da consciência → fios de consciência → alianças vivas

A identidade comum pergunta:

Onde termino eu e onde começa o outro?

A identidade ampliada pergunta:

Que alianças, fios e formas de participação me constituem sem anularem aquilo que sou?

Fórmula central

- identidade → inviolada
- identidade → mutável
- identidade → relacional
- identidade → capaz de alianças
- alianças → gestalts
- gestalts → expansão sem anulação
- fios de consciência → links vivos entre identidades

Chave do capítulo

A identidade não é diminuída pela multiplicação.

É expandida.

- divisão → perda
- multiplicação → enriquecimento
- aliança → participação
- participação → consciência maior

A aritmética da consciência não divide o ser.

Multiplica-o.

CAPÍTULO 47

As Ilhas da Identidade, as Contrapartes e as Trocas Invioladas da Consciência

— *A realidade desconhecida não pode ser expressa nos termos confortáveis do conhecimento conhecido; por isso, vocês têm de estender a vossa própria imaginação, despertar-se da letargia mental e ser suficientemente ousados para abandonar as velhas mantas dogmáticas de conforto.*

— *Imaginem que são uma pequena ilha arenosa, com margens suavemente graduadas, algumas palmeiras e um refúgio para aves viajantes. Finjam ainda que estão bastante satisfeitos, embora por vezes se sintam solitários. Uma fina névoa circunda-vos, embora não impeça o sol de brilhar diretamente sobre vocês. Sentem-se bastante independentes e pensam na névoa como uma espécie de casulo que vos protege suavemente da grande extensão de um mar sem fim.*

— *Então, porém, começam a perguntar-se acerca das outras ilhas que sabem existir para além da vossa visão. Serão elas como vocês? A vossa interrogação forma uma pequena janela na névoa, e vocês olham através dela. Espantados, descobrem que um pequeno caminho de coral vos une à ilha seguinte, agora*

vislumbrada, cintilando através da janela cada vez maior na bruma. Quem poderá dizer onde vocês terminam e onde começa a outra ilha?

— À medida que se interrogam, ainda mais espantados, descobrem outros caminhos de coral que se estendem a partir de vocês em todas as direções. Estes conduzem a outras ilhas. "Todas elas sou eu", pensam vocês, embora cada uma seja muito diferente. Uma pode não ter árvores de todo, e outra pode ser o lar de um vulcão. Algumas podem estar cheias de ervas suaves, inocentes de areia.

— Ora, esta primeira ilha é de facto muito inteligente; por isso, envia o seu espírito a vaguear até à contraparte mais próxima e diz: "Tu és eu próprio, mas sem areia nem palmeiras."

— A sua vizinha responde: "Eu sei. Tu és eu sem o meu vulcão imponente, ignorante da magia trovejante da lava em fluxo, calmo e bastante estúpido, se a verdade for dita."

— Os espíritos das duas ilhas juntam-se para uma viagem até uma terceira, e ali descobrem uma terra sobrecarregada, cheia até transbordar de aves, insetos e animais estranhos que nenhuma das duas conhecia em casa. A primeira ilha diz à terceira: "Tu és eu próprio, só que insuportavelmente social. Como consegues suportar nutrir tantos tipos diferentes de vida?" O espírito da segunda ilha diz também à terceira: "Tu és eu próprio, só que a minha excitação, a minha alegria e a minha beleza estão concentradas na magia do

meu vulcão, enquanto tu representas a excitação chilreante de espécies diversas — aves, animais e insetos — que fluem de maneira muito menos grandiosa pelas encostas da tua terra inquieta.” A terceira ilha, sobressaltada, responde: “Eu sou eu própria, e vocês devem ser versões imperfeitas da minha realidade. Eu não seria uma ilha monótona feita apenas de areia e palmeiras, nem uma paisagem neurótica de lava ardente, assim como não seria um caracol. A minha vida é de longe a melhor, e vocês duas são apenas pobres contrapartes sombrias de mim.”

— *A primeira ilha responde, no nosso diálogo hipotético: “Suspeito que cada uma de nós está bastante correta. E, mais ainda, pergunto-me se somos realmente ilhas.”*

— *A segunda ilha diz: “Suponhamos que o meu espírito visita a tua ilha durante algum tempo, para descobrir como é possuir palmeiras, algumas aves e uma margem tranquila. Abdicarei do meu vulcão durante algum tempo e tentarei fazer uma avaliação honesta, se tu, por tua vez, vieres à minha terra e prometeres vê-la sem preconceito. Talvez então compreendas a grande majestade e o poder explosivo do meu mundo exótico.”*

— *A terceira ilha diz: “Eu própria estou demasiado ocupada para tais disparates. As muitas espécies que vagueiam pelo meu domínio exigem a minha atenção; e se vocês duas querem trocar as vossas realidades, muito bem — mas deixem-me fora disso, por favor.”*

— O espírito da primeira ilha visita a segunda e fica maravilhado. Sente um poder sempre impulsionante, que se precipita de baixo para cima e irrompe numa forma sempre mutável. Contudo, é sempre ele próprio, comparando a sua experiência com aquilo que conheceu. Quando o próprio vulcão, em erupção incessante, deseja paz, o espírito da primeira ilha pensa nas suas próprias margens tranquilas. O vulcão aprende uma nova lição: pode dirigir o seu poder da maneira que escolher, disparando para cima ou permanecendo tranquilamente deitado. Pode, de facto, ficar adormecido e sonhar durante séculos. Pode, se assim escolher, permitir que areias suaves repousem graciosamente sobre a sua extensão arrefecida.

— Entretanto, o espírito dessa ilha vulcânica visita a primeira ilha e fica encantado com as águas serenas que lambem a margem, as aves suaves e as poucas palmeiras. No entanto, parece que as palmeiras, as aves e a areia sonharam durante séculos.

— Um dia, uma ave voa para mais longe dessa primeira ilha do que alguma vez voara antes, até outra ilha, e regressa com uma semente estranha que lhe cai do bico. A semente cresce. Dela brota uma espécie de planta completamente nova e desconhecida, no que à ilha diz respeito; e a planta, por sua vez, produz flores com pólen, frutos e aromas que possuem um tipo diferente de criatividade que, contudo, ainda lhe é própria. O espírito da segunda ilha, portanto, faz surgir na primeira ilha elementos que antes não estavam ativos; mas sente saudades da sua terra e, por isso, acaba por regressar ao seu próprio território.

— *Que transformação! Descobre que o seu vulcão dá agora nascimento a solo e pólen, a sua excitação despertada de um milhão de maneiras diferentes. Encontra o espírito da primeira ilha, que tem vivido ali, e diz: “Que mudança! Eu gostaria de uma exibição ainda mais espetacular. As flores não são nem de longe suficientemente coloridas ou selvagens. Está, se me perdoas, demasiado bem-domesticado — mas, no conjunto, fizeste maravilhas. Agora, porém, gostaria de uma troca culta com outros ainda desconhecidos; e, se não te importas, desejo que vás para casa. Afinal, isto sou eu, e é a minha terra.”*

— *O espírito da Ilha Um diz: “Apreciei bastante a minha aventura e aprendi que os grandes impulsos explosivos da criatividade são bons — mas, oh, anseio pelas minhas próprias margens tranquilas e imperturbadas; portanto, se não te importas, acho que regressarei para lá.” E assim faz — para encontrar uma terra, em certos aspetos, transformada. As areias continuam a jazer cintilantes, mas a névoa e as brumas desapareceram. As aves queridas multiplicaram-se, e há, na velha e familiar semelhança, um refrão novo, discreto, mas delicioso: novas espécies em harmonia com as antigas, mas mais vigorosas. O espírito da Ilha Um percebe que acharia agora as velhas condições bastante aborrecidas, e as novas alterações enchem-no de agradável excitação e desafio. Que troca deliciosa. Pois o espírito está convencido de que melhorou definitivamente a condição da Ilha Dois, e não há dúvida de que o espírito da segunda ilha melhorou a Ilha Um para além de qualquer medida.*

— Entretanto, o espírito da Ilha Três esteve a pensar. Os espíritos das Ilhas Um e Dois não lhe agradavam nada. Estava determinado a conservar a sua própria identidade. Contudo, também se tornou solitário e viu caminhos de coral sem fim estendendo-se a partir de si próprio.

— O seu espírito seguiu um desses caminhos e chegou a uma ilha deserta onde nada crescia. Figurativamente, a sua imagem ficou horrorizada. "Como consegues suportar tal esterilidade?", chama ao espírito desta quarta ilha.

— O espírito dessa ilha responde: "Até o vigor das tuas perguntas me adocece. Sinto que vens de uma terra tão sobrepovoada e tumultuosa que faz as minhas areias empalidecerem ainda mais, e as articulações das minhas rochas ficarem brancas."

— O espírito da Ilha Três diz: "Tu és eu próprio, completamente desprovido de sentimento — morto e estéril."

— O espírito da ilha deserta responde: "Eu sou eu próprio. Tu deves ser alguma contraparte, embriagada de sensação, sem reconheceres a pureza do meu próprio nada despido."

— Os dois confrontam-se de lado, pois nenhum deles consegue olhar nos olhos do outro. Que opostos, que contrastes, que fascínios! Assim, fazem um acordo. O espírito da ilha deserta diz: "Estás completamente enganado. Eu irei à tua terra e prová-lo-ei,

e tu podes ficar aqui e participar nas alegrias da minha existência pacífica — e, espero, aprender o valor da austeridade.”

— Assim, o espírito da Ilha Quatro viaja até essa outra realidade, onde todos os tipos de vida enxameiam sobre a margem e a montanha, e o espírito da terceira ilha visita um mundo de tal paz que todo o movimento parece imóvel.

— Que paz! Contudo, na paz, que poder! E, pouco a pouco, crescem cactos onde antes não existiam, abrindo botões delicados, cheios de água. O espírito da terceira ilha começa imediatamente a transformar a ilha deserta. Aparecem grandes mudanças, e aguaceiros de poder — rápidas explosões de chuva, inundações explosivas de energia.

— Entretanto, o espírito da ilha deserta fica quase esmagado pelas formas de vida fervilhantes da Ilha Três; por isso, a seguir, visita a ilha vulcânica. E quando o vulcão se assusta com a sua própria energia, o espírito da ilha deserta diz: “Paz. Está tudo bem em dormir, tudo bem em sonhar. Não precisas de estar tão preocupado com a tua energia. Ela pode fluir rapidamente ou lentamente, em vagas de sonhos que levam eras. Faz como quiseres.”

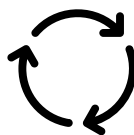
— Assim, o vulcão lança a sua energia na formação de ainda mais espécies novas, enquanto o espírito do deserto canta a sua calma através dos tecidos delas. Mas esta nova vida também o confunde, e ele anseia por regressar a casa, à sua antiga quietude.

Ali, o espírito da terceira ilha acelerou as capacidades do deserto, de modo que ele floresce com flores discretas que antes não existiam. Os dois espíritos encontram-se. Cada ilha está mudada. "Somos contrapartes, uma da outra, mas invioladas."

— E o espírito da ilha vulcânica diz ao espírito da primeira ilha: "O meu vulcão sabe agora como usar melhor a sua energia. Pode disparar para os céus em grandes exposições, ou infiltrar-se nas minúsculas fendas da terra, igualmente poderoso."

— E o espírito da primeira ilha responde: "Ensinaste à minha ilha que a vida não é algo a temer, embora continue a ser traduzida nos meus próprios termos familiares e suaves."

— Este é o fim da nossa analogia. O espírito de cada uma das quatro ilhas permaneceu intacto, e as trocas foram escolhidas. Vocês não são ilhas isoladas em si mesmos, exceto quando escolhem sê-lo. Cada contraparte vê a realidade a partir do seu próprio ponto de vista, e nunca há invasão.



— Nos termos da nossa analogia, alguns espíritos de ilhas são jogadores. Portanto, tu e Ruburt são jogadores. Apostaram, acima de tudo, que os vossos instintos vos conduziram na direção

adequada, e que “venceriam” apesar das “probabilidades” tal como as compreendiam.

— Vocês são contrapartes voluntárias um do outro, e já o foram antes, nos vossos termos — cada um representando aspetos “opostos” do outro, mas fundindo-se para propósitos e objetivos comuns.

— Assim, num certo século, tu foste Nebene, e Ruburt foi de facto a sacerdotisa “prostituta”, e assim se desafiaram um ao outro, como de maneiras diferentes fazem agora, com tendências que parecem ser opostas, mas que são, antes, modos diferentes de abordar o mesmo tipo de desafio. Se conseguissem compreender isso, tal compreensão ajudaria em muitas áreas que ainda não suspeitam.

— Tu, Joseph, viste aspetos — contrapartes — da realidade do teu pai. Essa realidade não invade nenhuma outra. Como na analogia dada esta noite, o espírito de nenhuma ilha invadiu qualquer outra, mas olhou momentaneamente, e com permissão, através da imagem de realidade de outra.

— A tua mãe e o teu pai estão vivos, tal como os pais de Ruburt, mas as suas realidades não estão fixadas a nenhuma ilha determinada. Eles estão a formar alianças, mas sempre a partir dos pontos de vista das suas próprias identidades únicas. As vossas próprias identidades privadas não precisam de cercas. Elas são elas próprias. Podem combinar-se e unir-se a outras e, contudo,

conservar a sua singularidade e experiência. Apenas os vossos conceitos limitam a vossa compreensão dessa liberdade primordial.

— Um fio da consciência da tua mãe — aquele envolvido contigo — está entrelaçado com a tua realidade devido ao interesse dela por casas. Outro fio dela está envolvido devido ao seu interesse por famílias — e, portanto, com os filhos dos teus dois irmãos, Linden e Richard.

— Agora, de certa forma, a tua mãe e Ruburt foram contrapartes; pois Ruburt vive numa confiança nas capacidades individuais pela qual a tua mãe ansiava; e Ruburt dá-te um amor que a tua mãe ansiava dar — mas conservando a sua identidade — a um homem. A tua mãe compreendia o propósito do amor e sentia a sua presença em Ruburt. E, ao mesmo tempo, ficava realmente aborrecida quando sentia que não estavas a levar até ao fim a tua capacidade artística comercial, apesar das suas incompreensões superficiais acerca dela.¹

— Ela identificava-se contigo até certo ponto e, em algum grau não reconhecido, era "apenas masculina, agora", na sua compreensão do poder. Espero que reconheças o que quero dizer:

¹ Do ponto de vista da minha mãe, ela ficou, de facto, bastante perplexa quando me afastei de uma carreira bem remunerada em arte comercial para uma carreira muito arriscada em "belas-artes", ou pintura. O ano era 1953, e eu acabara de conhecer Jane. A minha mãe tinha 61 anos, eu tinha 34, e Jane tinha 24.

à luz da sua compreensão nessa altura, os filhos deviam ser usados como poder, como um homem poderia usar armas.²

— Stella Butts mudou e cresceu. Mas, em certos termos, era o centro masculino da família, com emoções ou sem elas, a agressiva; e, falando agora de modo convencional, o teu pai, Robert Sr., aceitava o papel criativo mais passivo. Isto tem significado em termos da tua informação não publicada envolvendo os aspetos masculinos e femininos que uniam e separavam os teus pais. O teu pai teria estado mais “confortável” como mulher, e ela como homem. Contudo, para os seus próprios propósitos, cada um escolheu experienciar o outro lado da moeda, por assim dizer.

— Isto fará mais sentido para ti mais tarde.

— Acho que é uma informação muito boa.

— A consciência não é limitada. As identidades podem misturar-se e fundir-se enquanto conservam a sua natureza e memórias invioladas. Isto é tudo por agora, mas, novamente, mais tarde, verás onde isto se relaciona, e como podes dispersar as tuas próprias características noutro, e eles podem dispersar as suas em ti, com o teu consentimento e o deles, para formar novos aspetos

² E, em várias alturas dos meus primeiros anos, compreendi como a minha mãe me usava — e aos meus dois irmãos — como “armas”, ou ferramentas ou objetos, contra o meu pai. “Armas”, talvez, seja uma palavra demasiado forte, penso agora, pois não me lembro de a minha mãe encorajar descaradamente os “seus” filhos a desafiar o pai. Contudo, acabávamos muitas vezes por ficar do lado dela. À medida que cresci, comecei a sentir que o meu pai estava simultaneamente muito surpreendido e desapontado com a esposa e os filhos com quem escolhera envolver-se.

da realidade e lançar nova luz sobre propósitos e desafios combinados.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que as identidades não são unidades fechadas, isoladas ou separadas por fronteiras absolutas. Cada identidade possui o seu próprio ponto de vista, a sua paisagem interior e a sua integridade inviolada, mas pode estabelecer trocas escolhidas com outras expressões da consciência, enriquecendo-se sem se perder.

identidade → individualidade própria → ponto de vista → contraparte → troca escolhida → transformação → identidade inviolada

1. A realidade desconhecida exige novas imagens

A realidade desconhecida não pode ser explicada apenas com os conceitos familiares da realidade conhecida.

- conhecimento conhecido → conforto dogmático
- realidade desconhecida → imaginação ampliada
- imaginação ampliada → novas âncoras

A analogia das ilhas funciona como âncora simbólica para uma realidade que não pode ser descrita diretamente em termos lineares.

realidade multidimensional → analogia → compreensão possível

2. Cada ilha é uma individualidade

Cada ilha representa uma forma própria de ser.

- ilha arenosa → tranquilidade
- ilha vulcânica → energia explosiva
- ilha fértil → multiplicidade de vida
- ilha deserta → austeridade e quietude

Cada uma possui identidade própria, paisagem própria e modo próprio de interpretar a realidade.

- paisagem → padrão interior
- padrão interior → identidade experiencial

3. Os caminhos de coral são links de consciência

As ilhas parecem separadas, mas descobrem caminhos de coral que as unem.

- névoa → isolamento aparente
- janela na névoa → abertura percetiva
- caminho de coral → link entre identidades
- outras ilhas → contrapartes

O caminho não elimina a diferença entre as ilhas. Apenas revela que a separação era parcial.

- diferença → mantida
 - ligação → reconhecida
-

4. A contraparte é “eu” e “não eu”

Cada ilha reconhece algo de si nas outras, mas também encontra diferenças profundas.

- tu és eu próprio
- tu és diferente de mim

contraparte → familiaridade + contraste

A contraparte não é cópia nem duplicação. É uma expressão relacionada, com outro modo de organizar a experiência.

- mesma identidade maior → formas diferentes
 - formas diferentes → experiências diferentes
-

5. A troca não é invasão

As ilhas podem trocar experiências porque essa troca é escolhida.

- troca escolhida → intercâmbio
- intercâmbio → transformação
- transformação → expansão

Mas nenhuma ilha invade a outra.

- sem invasão → identidade preservada
- identidade preservada → liberdade

A chave do capítulo é esta:

a consciência pode comunicar, misturar-se e transformar-se sem perder a sua natureza inviolada.

6. Cada ilha aprende aquilo que lhe falta

A ilha tranquila aprende a não temer a vida e a criatividade explosiva.

tranquilidade → contato com vulcão → energia criativa → vitalidade

A ilha vulcânica aprende que a energia pode repousar, sonhar e dirigir-se de muitas formas.

vulcão → contato com paz → direção da energia → autocontrole criativo

A ilha fértil aprende com a austeridade do deserto.

excesso de vida → contato com deserto → silêncio → contenção

A ilha deserta aprende que a quietude também pode florescer.

austeridade → contato com fertilidade → cactos → flores discretas

Cada contraparte ativa capacidades latentes na outra.

- contraparte → ativação
- ativação → nova forma
- nova forma → identidade enriquecida

7. Transformação sem perda

Após cada troca, nenhuma ilha deixa de ser o que é.

- ilha original → troca → alteração
- alteração → enriquecimento

- enriquecimento → continuidade

A transformação não destrói a identidade; revela novas possibilidades dentro dela.

- identidade → não fixa
 - identidade → inviolada
 - identidade → capaz de expansão
-

8. As contrapartes ampliam a realidade umas das outras

A função das contrapartes não é substituir, dominar ou absorver.

- contraparte ≠ substituição
- contraparte ≠ invasão
- contraparte ≠ anulação

A função das contrapartes é ampliar a experiência da identidade.

- contraparte → contraste

- contraste → aprendizagem
- aprendizagem → expansão da realidade

Cada uma lança nova luz sobre os propósitos e desafios da outra.

9. Joseph e Ruburt como contrapartes voluntárias

Seth aplica a analogia a Joseph e Ruburt.

Joseph ↔ Ruburt

- aspetos opostos → desafio comum
- diferenças → cooperação
- cooperação → propósito partilhado

Eles funcionam como contrapartes voluntárias: expressões distintas que se desafiam, se complementam e se fundem para objetivos comuns, sem perderem a própria identidade.

- diferença → tensão criativa
- tensão criativa → obra comum

10. Os mortos também formam alianças

As realidades dos pais de Joseph e Ruburt continuam vivas, mas não estão fixadas a uma única “ilha”.

- morte física → não fim da identidade
- identidade não física → alianças
- alianças → novos focos
- fios de consciência → continuidade relacional

A consciência mantém ligações por interesse, afeto, propósito, memória e afinidade.

- interesse por casas → fio com Joseph
- interesse por família → fio com descendentes

As ligações continuam, mas sem aprisionamento.

11. Identidades sem cercas

Seth afirma que as identidades privadas não precisam de cercas.

- identidade insegura → cerca
- identidade livre → abertura
- abertura → combinação
- combinação → singularidade preservada

A identidade não se protege fechando-se. Protege-se sendo ela própria.

- identidade verdadeira → inviolável
- inviolabilidade → liberdade de relação

12. Mistura, fusão e memória inviolada

As identidades podem misturar-se e fundir-se, conservando a sua natureza e memórias.

- mistura → não perda
- fusão → não anulação

- memória → continuidade
- identidade → inviolada

Isto permite a criação de novos aspetos da realidade.

- características dispersas → combinação consentida
 - combinação consentida → novos aspetos
 - novos aspetos → novos propósitos
-

Movimento do capítulo

realidade desconhecida → imaginação ampliada → ilha isolada → janela na névoa → caminhos de coral → outras ilhas → contrapartes → trocas escolhidas → transformação mútua → identidade inviolada → Joseph e Ruburt → fios familiares → alianças pós-físicas → consciência sem cercas

Fórmula operativa

- ilha → individualidade

- névoa → isolamento aparente
 - janela → abertura percetiva
 - caminho de coral → link de consciência
 - outra ilha → contraparte
 - troca escolhida → intercomunicação
 - transformação → expansão
 - identidade inviolada → liberdade
-

Chave do capítulo

A identidade não precisa de isolamento para se preservar.

- isolamento → segurança aparente
- relação → expansão real
- troca → transformação

- transformação → continuidade enriquecida

A consciência pode entrar em contato com outras expressões de si mesma, aprender com elas, transformar-se por meio delas e continuar a ser ela própria.

Síntese final

As contrapartes são ilhas da identidade ligadas por caminhos de consciência.

Cada uma possui a sua paisagem, o seu ritmo, a sua memória e a sua forma própria de realidade.

Mas nenhuma está absolutamente isolada.

- identidade → forma própria
- forma própria → ponto de vista
- ponto de vista → contraparte
- contraparte → troca
- troca → enriquecimento

- enriquecimento → identidade mais ampla

A troca verdadeira não invade.

A fusão verdadeira não anula.

A ligação verdadeira não aprisiona.

A identidade inviolada é precisamente aquilo que permite a relação livre.

PARTE SEIS

*Reencarnação e Contrapartes:
o Passado, o Futuro e os Mosaicos
da Consciência*

CAPÍTULO 48

A Montanha do Self, os Estratos da Reencarnação e a Arqueologia Viva da Consciência

— *Nos vossos termos, a Terra muda através das eras. Montanhas e ilhas erguem-se, depois desaparecem, para ressurgirem sob nova forma. Os oceanos também sobem e descem e, em alguns casos, o fundo do oceano torna-se a superfície do planeta, apenas para voltar a ser coberto pela água. Contudo, através de todas estas mudanças, a Terra conserva uma paisagem, e, em qualquer dado momento, as características do terreno são bastante fiáveis e suficientemente permanentes para os vossos propósitos.*

— *Assim, as ilhas de que falei na nossa última sessão ergueram-se de debaixo do mar. Mesmo enquanto o diálogo dessas ilhas decorria, as próprias ilhas estavam a mudar. De modo algo semelhante, a psique faz emergir contrapartes de si mesma, cada uma com diferentes traços ou características. Tal como as propriedades físicas da Terra se distribuem de determinada forma sobre a superfície do planeta, também as propriedades das psiques sintonizadas com a Terra se distribuem.*

— *Tal como toda a matéria física está ligada em qualquer tempo ou era particular, também a consciência individual de cada ser está*

ligada a todas as outras. Isto aplica-se a todas as consciências, tal como vocês compreendem esse termo.

— Uma montanha é composta por muitas camadas de rocha que servem, segundo pensam, como sua fundação. O topo da montanha representa para vocês o presente, e os estratos de rocha por baixo representam o passado. A própria montanha, contudo, não é nenhuma dessas camadas de rocha que aparentemente a compõem. Existe uma relação entre a montanha e esses estratos, mas o termo "montanha" foi aplicado por vocês. Em termos mais amplos, a montanha e todos os seus componentes existem simultaneamente, claro. Podem examinar os vários níveis da estrutura rochosa. Os geólogos podem dizer quando, em termos de tempo, se formaram certos depósitos sedimentares. As próprias rochas continuam a existir no tempo presente dos geólogos, ou estes não poderiam fazer tal exame. A montanha não seria uma montanha sem essa "fundação". Mais uma vez, contudo, ela não é nenhuma dessas camadas de rocha.

— De modo algo semelhante, o self que conhecem é a montanha, e as camadas de rocha que a formam são vidas passadas.

— Vocês não são nenhum desses selves passados, embora eles façam parte da história do vosso ser. Eles são eles próprios, no seu próprio espaço e tempo. Existem simultaneamente com a vossa própria vida, tal como os estratos de rocha existem simultaneamente com a montanha.

— A vossa existência presente, contudo, está profundamente relacionada com esses outros níveis de Selfidade. Ora, aquilo que acontece no topo da montanha afeta tudo o que ocorre por baixo; do mesmo modo, tudo o que vocês fazem afeta esses outros domínios da Selfidade, e ocorre constantemente um intercâmbio. As condições físicas podem ser bastante diferentes no vale, nas encostas inferiores da montanha e no seu topo. O próprio clima e a vegetação podem variar consideravelmente, e, contudo, toda a vida e vegetação dentro da área estão inter-relacionadas.

— Cada camada de vida que compõe a montanha é igualmente válida e importante, e cada uma concentra-se na sua própria realidade, ao seu próprio nível.

— Tal como a montanha, portanto, vocês têm uma história, em termos do presente, que é vossa e, contudo, não é vossa. Ela não vos controla, pois vocês alteram-na com cada pensamento e ação, tal como cada movimento no topo da montanha afeta a sua base. As camadas inferiores, contudo, também estão constantemente a mudar, de modo que toda a área é uma gestalt de relação.

— No mundo físico, ilhas, vales, planaltos, continentes e oceanos têm todos o seu lugar e servem para formar a base física da vossa realidade. Cada lâmina de erva ajuda a formar a vida da Terra. Do mesmo modo, cada consciência, por mais diminuta que seja, é indispensável no seu lugar e tempo.

— Cada flor numa encosta olha para o mundo com a sua própria visão única, e cada consciência faz o mesmo, cumprindo uma posição impossível de ser cumprida por qualquer outra consciência.

— Apenas em termos de tempo, existe um significado arqueológico oculto dentro da vossa própria natureza. Para o descobrirem, olham “para baixo” através dos níveis do vosso próprio ser, para aí encontrarem as camadas de Selfidade que, no vosso mundo, representam a história passada de vocês mesmos, da qual emergiram. Psiquicamente, contudo, vocês não são esses selves, tal como, em termos físicos, não são a vossa mãe nem o vosso pai. São tão diferentes desses selves reencarnacionais, portanto, como são dos vossos pais, embora partilhem certos antecedentes e características.

— É fácil para vocês verem como afetam os vossos pais durante a vossa vida, embora eles sejam mais velhos do que vocês. Do mesmo modo, contudo, afetam a vossa família reencarnacional.

— Quando chove, a água precipita-se em grandes jorros exuberantes pelas encostas da montanha, levando vida e vitalidade a todas as suas partes. De modo algo semelhante, as vossas próprias experiências fluem para baixo e para dentro das fendas e fissuras de todos os outros tempos e séculos que compõem a vossa vida presente.

— Tenho, contudo, uma surpresa para vocês, pois tenho falado de vocês como o topo da nossa montanha — porque certamente

vos parece que estão no topo, por assim dizer. Em vez disso, o vosso ponto de observação e o vosso foco são tais que não conseguem virar a cabeça para olhar mais alto. Talvez sejam como uma bela falésia ensolarada na encosta da montanha, projetando-se para fora, olhando para o vale abaixo, sem se dar conta de que a própria montanha continua para cima, para além de vocês. Estão, então, na posição de qualquer um dos outros níveis "abaixo", muitos dos quais também se consideram o topo da montanha, olhando apenas para baixo.

— Estão convencidos de que não conseguem ver o futuro, e isto significa — pelo menos nos termos da nossa analogia — que não conseguem olhar para cima, para além do vosso próprio tempo. Enquanto assim for, pensarão sempre na reencarnação como algo que ocorre no passado.

— Pensem antes em estratos de ser, cada um ocorrendo simultaneamente. Fisicamente, o feto humano carrega uma memória do seu "passado". Nos vossos termos, percorre os estágios da evolução antes de atingir a sua forma humana. Atinge essa forma, contudo, porque responde a um tempo futuro, a um self futuro ainda não criado fisicamente.

— O próprio feto, antes da sua concepção, responde a um self ainda não fisicamente manifesto; e o futuro, nesses termos, extrai nova vida do passado. Uma realidade de Selfidade, uma ideia ainda não materializada no futuro informe, estende-se para baixo, até ao passado, e traz esse futuro à realização. As células estão impressas

com informação física em termos de espaço e tempo, mas esses dados vieram de uma realidade na qual espaço e tempo são formados.

— O conhecimento das probabilidades faz emergir o tempo e a realidade presentes. Vozes falam através dos genes e dos cromossomas, ligando o futuro e o passado num equilíbrio a que vocês chamam forma presente. A história da psique privada e a experiência coletiva da espécie residem, novamente, em cada indivíduo. A arqueologia do passado e do futuro está viva, do mesmo modo, nas camadas de consciência que compõem o vosso ser.

— Em muitos aspetos, a vossa própria linguagem tem uma história que vocês não compreendem.

— O passado está obviamente incorporado nas palavras em termos de tempo. Quando pronunciam uma dada palavra, podem não conhecer a história das suas mudanças ao longo dos anos, mas pronunciam-na perfeitamente. Raramente percebem que o estado presente da vossa língua, seja ele qual for, parecerá um dia, para outros, uma versão arcaica. Em quaisquer termos, mais uma vez, pensam em si próprios como estando no topo da montanha. Nos vossos termos, a linguagem pressupõe um tipo particular de desenvolvimento da mente, e quando pensam em linguagem ligam as duas coisas.

— Há linguagens que nada têm a ver com palavras — nem com pensamentos tal como vocês os compreendem. Contudo, algumas dessas linguagens comunicam de modo muito mais preciso.

— A transmissão celular, por exemplo, é de facto muito mais precisa do que qualquer linguagem verbal, comunicando dados tão intrincados que todas as vossas línguas juntas¹ ficariam muito aquém de igualar tal complexidade. Este tipo de comunicação transporta informação que mil alfabetos não conseguiriam traduzir. Desse modo, uma parte do corpo sabe o que está a acontecer em todas as outras partes, e o corpo como um todo conhece a sua posição precisa sobre a superfície do planeta. Está biologicamente consciente de todas as outras formas de vida à sua volta, até ao denominador mais diminuto.

— Isto aplica-se tanto ao futuro como ao passado. O próprio corpo conhece, por exemplo, a fonte da água e do alimento. Povos nativos, afastados da vossa tecnologia, saem-se muito bem, tal como os animais selvagens, ao sondarem a vida do planeta e as suas posições dentro dela.

— Uma simples árvore lida com a natureza das probabilidades ao lançar-se para diante em novas sementes. Computações decorrem constantemente dentro dela, e essa comunicação envolve um tipo interior de linguagem inocente de símbolos e vogais. A

¹ Atualmente existem perto de 6000 línguas e dialetos em uso no mundo.

árvore conhece a sua história presente e futura², nos vossos termos, mas compreende um futuro que não está predeterminado. Sente o seu próprio poder no presente enquanto constrói esse futuro. Em termos mais profundos, as sementes da árvore também percebem que há ali um futuro — uma variedade de futuros para os quais tateiam.

— O feto também compreende que pode responder a um estímulo — a qualquer estímulo que escolher — a partir de uma variedade de futuros prováveis. Do mesmo modo, vocês tateiam inconscientemente em direção a futuros prováveis que, em maior ou menor grau, vos chamam para diante.

— Vocês escolhem os vossos futuros, mas escolhem também os vossos passados. Há apenas uma certa quantidade de coisas que posso dizer, pois estou a usar uma linguagem verbal que, por si mesma, faz do tempo um tirano. Este livro, contudo, está ritmado de tal modo que, se o acompanharem, será iniciada uma linguagem interior. Isto, por si só, aniquila os vossos conceitos estereotipados

² O material de Seth sobre árvores causou-me uma impressão duradoura. Está cheia de afirmações evocativas que eram novas para nós na altura, pois as sessões mal tinham começado:

“Quanto ao sentimento de Jane de que as árvores possuem [um certo tipo de] consciência, claro que é esse o caso... A árvore está dissociada de uma certa maneira. Está, por um lado, num estado de sonolência e, por outro, focaliza a porção utilizável da sua energia em ser uma árvore.

“... os sentidos interiores da árvore têm uma forte afinidade com as propriedades da própria terra. Elas sentem o seu crescimento, tal como vocês escutam o vosso batimento cardíaco... Também experienciam dor [que], embora definida, desagradável e por vezes agonizante, não é de natureza emocional da mesma maneira que vocês poderiam sentir dor. É como se a vossa respiração fosse subitamente cortada.

“Uma árvore também conhece os seres humanos... pelas vibrações no ar à medida que passam, que atingem o tronco da árvore a partir de distâncias variáveis, e até por coisas como as vozes. A árvore não constrói uma imagem do homem, mas uma sensação composta que representa um indivíduo. E a mesma árvore reconhecerá a mesma pessoa que passa por ela todos os dias...”

e liberta-vos da ditadura do tempo. Alguns dos exercícios a serem dados nesta secção serão orientados para esse propósito.

— Um arqueólogo ou geólogo que examine estratos de rocha "antigos" encontrará fósseis mortos, tal como, do vosso ponto de vista, descobrirão vidas passadas "mortas" ao olharem "para baixo" através da vossa psique. Parecer-vos-á que veem existências reencarnacionais acabadas, tal como, a partir do seu presente, o geólogo descobrirá apenas fósseis inanimados incrustados na rocha. Esses fósseis, contudo, continuam vivos. O geólogo simplesmente não está sintonizado com a sua área de vida. Assim, as vidas reencarnacionais continuam a ocorrer, mas fazem parte do vosso ser. Elas não são vocês, e vocês não são o vosso passado reencarnacional.

— Para um self futuro não mais iluminado do que vocês, vocês parecem mortos e sem vida — uma memória indistinta. Quando olham para o universo a partir do vosso ponto de vista, parece-vos que olham para o passado. Os cientistas dizem-vos que, quando a luz de cada galáxia distante chega até vocês, a galáxia já está morta. Do mesmo modo, quando olham "para trás" dentro da psique, a vida que talvez vislumbrem indistintamente — a vida passada — já desapareceu. Por que será que os instrumentos dos vossos cientistas não lhes permitem olhar para o futuro, em vez disso, para mundos ainda não nascidos, uma vez que funcionam tão bem a discernir o passado? E por que será que, com todas as vossas ideias acerca da reencarnação, tão pouco se diz sobre vidas futuras?

— *A resposta é que a vossa linguagem é limitada. A vossa linguagem verbal — pois a vossa comunicação biológica está bastante consciente de acontecimentos futuros prováveis, e o corpo mantém-se constantemente no meio de um labirinto de probabilidades.*

Síntese Operativa

Este capítulo reformula a reencarnação a partir de uma imagem orgânica e multidimensional: a montanha.

O self atual é apresentado como uma formação viva composta por estratos de ser. Aquilo que chamamos “vidas passadas” não são identidades mortas nem versões anteriores que controlam o presente, mas camadas vivas de Selfidade, simultâneas, relacionadas e em intercâmbio constante com a existência atual.

- self atual → montanha
- vidas passadas → estratos vivos
- vidas futuras → níveis ainda não vistos
- reencarnação → arqueologia viva da consciência

1. A Terra como imagem da psique

A Terra muda através das eras.

- montanhas → erguem-se

- ilhas → desaparecem
- oceanos → sobem e descem
- fundo do oceano → superfície
- superfície → volta a ser coberta

Contudo, em qualquer momento, a Terra conserva uma paisagem funcional.

- mudança contínua → paisagem reconhecível
- impermanência → estabilidade suficiente
- transformação → forma temporária

A psique funciona de modo semelhante.

- psique → faz emergir contrapartes
- contrapartes → traços diferentes
- traços diferentes → expressões distribuídas

Tal como as propriedades físicas da Terra se distribuem pela superfície do planeta, as propriedades das psiques sintonizadas com a Terra distribuem-se através de focos, contrapartes e vidas.

2. Tudo está ligado no mesmo campo

Toda a matéria física está ligada num dado tempo ou era.

- matéria física → ligação
- tempo/era → campo comum

Do mesmo modo, cada consciência está ligada a todas as outras.

- consciência individual → todas as consciências
- cada ser → campo coletivo
- vida individual → rede de relações

Isto aplica-se não apenas à consciência humana, mas a todas as formas de consciência.

- consciência humana

- consciência animal
- consciência vegetal
- consciência celular
- consciência diminuta

Todas participam no campo vivo da realidade.

3. A montanha e os estratos

A montanha parece ter uma fundação.

- topo → presente
- estratos inferiores → passado
- rochas sedimentares → história geológica

Mas a montanha não é nenhuma camada isolada.

- camada ≠ montanha

- montanha → relação entre camadas
- montanha → gestalt geológica

Todos os estratos existem simultaneamente no presente do geólogo.

- rochas antigas → ainda existem
- passado geológico → presente material
- história → presença simultânea

A montanha é, portanto, uma boa imagem da Selfidade.

- self conhecido → montanha
- vidas passadas → camadas de rocha
- história do ser → estratos vivos

4. Não és as tuas vidas passadas

Seth insiste numa distinção fundamental.

- vidas passadas → parte da história do ser
- vidas passadas ≠ tu atual

Esses selves são eles próprios.

- self passado → próprio espaço
- self passado → próprio tempo
- self atual → próprio foco

Eles existem simultaneamente com a tua vida.

- estratos de rocha → simultâneos com a montanha
- selves reencarnacionais → simultâneos com o self atual

A relação é real, mas não é identidade simples.

- relação → sim
- redução → não
- continuidade → sim

- substituição → não
-

5. A história é tua e não é tua

A história reencarnacional pertence-te e, ao mesmo tempo, não te pertence.

- história do ser → tua
- selfs passados → não és tu
- herança → real
- controlo → não absoluto

Essa história não te controla.

- pensamento atual → altera estratos
- ação atual → afeta domínios da Selfidade
- presente → comunica com passado
- passado → também muda

Toda a montanha é uma gestalt de relação.

- topo → afeta base
 - base → também se transforma
 - conjunto → intercâmbio constante
-

6. Cada nível é válido

Cada camada de vida que compõe a montanha é igualmente válida e importante.

- vale → realidade própria
- encosta → realidade própria
- topo → realidade própria
- cada nível → foco próprio

Nenhum nível deve ser desprezado por não ser o topo.

- vida diminuta → indispensável

- flor → visão única
- cada consciência → posição única

Cada consciência cumpre uma função que nenhuma outra pode cumprir.

- consciência única → visão única
 - posição única → contribuição única
 - campo total → precisa de cada foco
-

7. Arqueologia interior

Há um significado arqueológico oculto na natureza humana.

- psique → camadas
- camadas → Selfidade
- Selfidade → história viva

Para o descobrir, a consciência olha “para baixo” através dos seus próprios níveis.

- olhar para baixo → explorar passado
- passado → estratos de ser
- estratos → arqueologia psíquica

Mas Seth corrige a identificação literal.

tu ≠ selves passados

Tal como não és os teus pais fisicamente, também não és os teus selves reencarnacionais psiquicamente.

- pais → antecedentes físicos
- selves reencarnacionais → antecedentes psíquicos
- partilha → características
- identidade → distinta

8. Família reencarnacional

As vidas reencarnacionais formam uma espécie de família.

- pais físicos → influenciam-te
- tu → também os influencia

Do mesmo modo:

- família reencarnacional → influencia-te
- tu → influencia a família reencarnacional

A relação não é apenas do passado para o presente.

- passado → presente
- presente → passado
- intercâmbio → bidirecional

As tuas experiências fluem para outros tempos e séculos.

- experiência atual → fendas e fissuras
- fendas e fissuras → outros tempos
- outros tempos → vida presente

9. A surpresa: não estás no topo

Seth começa por falar do self atual como topo da montanha.

Depois inverte a imagem.

- tu pensas → estou no topo
- Seth diz → és apenas uma falésia ensolarada

O teu foco não te permite olhar mais alto.

- olhar para baixo → passado
- não conseguir olhar para cima → futuro

Assim, cada nível pode julgar-se o topo.

- nível inferior → pensa ser topo
- nível atual → pensa ser topo
- nível futuro → talvez pense o mesmo

A limitação da percepção cria a ilusão da posição final.

- foco local → sensação de centro
 - sensação de centro → erro de escala
-

10. Reencarnação e futuro

A crença de que não se pode ver o futuro leva a pensar a reencarnação apenas como passado.

- não vejo futuro → reencarnação = passado
- olho para baixo → vidas passadas
- não olho para cima → vidas futuras ignoradas

Seth propõe outra imagem.

- vidas passadas → estratos de ser
- vidas futuras → estratos de ser
- todos → ocorrendo simultaneamente

A reencarnação deve ser pensada como simultaneidade de estratos, não apenas sequência cronológica.

- sequência → leitura local
 - simultaneidade → estrutura ampla
-

11. O feto e o futuro

O feto humano carrega memória do seu “passado”.

- feto → estágios evolutivos
- desenvolvimento → memória biológica

Mas ele atinge a forma humana porque responde a um tempo futuro.

- feto → responde ao self futuro
- self futuro → ainda não criado fisicamente
- futuro → atrai forma presente

A vida não emerge apenas do passado.

- passado → fornece material
 - futuro → chama a forma
 - presente → equilíbrio entre ambos
-

12. Células, genes e cromossomas

As células possuem informação física em termos de espaço e tempo.

- células → informação
- genes → vozes
- cromossomas → ligação

Mas esses dados vêm de uma realidade onde espaço e tempo são formados.

- realidade mais profunda → forma espaço-tempo
- espaço-tempo → informação física
- informação física → corpo

O corpo é uma tradução viva de probabilidades.

- probabilidades → forma presente
 - genes/cromossomas → equilíbrio passado-futuro
 - corpo → ponto de convergência
-

13. Arqueologia do passado e do futuro

A história da psique privada e a experiência coletiva da espécie residem em cada indivíduo.

- psique privada → história individual
- espécie → experiência coletiva
- indivíduo → contém ambas

A arqueologia não é apenas do passado.

- passado → camadas vivas
- futuro → camadas vivas

- consciência → arquivo vivo

A arqueologia da consciência é bidirecional.

- passado → recordação
 - futuro → atração
 - presente → encontro
-

14. Linguagem e tirania do tempo

A linguagem verbal tem uma história que não compreendemos plenamente.

- palavra atual → passado incorporado
- língua atual → versão arcaica futura

A linguagem faz-nos pensar em desenvolvimento linear.

- linguagem → sequência
- sequência → tempo

- tempo → tirania conceptual

Quando pensamos em linguagem, ligamo-la a uma certa ideia de mente.

- linguagem verbal → mente humana
- mente humana → desenvolvimento linear

Mas há linguagens que não dependem de palavras nem de pensamentos como os conhecemos.

15. Linguagem celular

A transmissão celular é mais precisa do que qualquer linguagem verbal.

- linguagem verbal → limitada
- transmissão celular → precisão
- dados celulares → complexidade imensa

Mil alfabetos não conseguiriam traduzir a comunicação celular.

- corpo → sabe o corpo inteiro
- parte → sabe o todo
- organismo → conhece posição no planeta
- biologia → comunicação probabilística

O corpo está biologicamente consciente do ambiente.

- corpo → fonte de água
- corpo → fonte de alimento
- corpo → outras formas de vida
- corpo → posição terrestre

16. Árvores e probabilidades

Uma árvore lida com probabilidades ao lançar-se em sementes.

- árvore → sementes

- sementes → futuros prováveis
- futuro → não predeterminado

A árvore sente o seu poder no presente enquanto constrói o futuro.

- presente → poder
- poder → construção
- construção → futuro provável

As sementes tateiam em direção a uma variedade de futuros.

- semente → possibilidade
- possibilidade → futuro
- futuro → campo aberto

17. O feto e os futuros prováveis

O feto responde a estímulos a partir de uma variedade de futuros prováveis.

- feto → estímulo
- estímulo → escolha
- escolha → futuro provável

Do mesmo modo, a consciência humana tateia inconscientemente em direção a futuros prováveis que a chamam.

- futuros prováveis → chamamento
- consciência → tateia
- tatear → seleção
- seleção → atualização

18. Escolhemos futuros e passados

Seth afirma:

- vocês escolhem os vossos futuros
- vocês escolhem também os vossos passados

A linguagem verbal limita o que pode ser dito.

- linguagem verbal → tirania do tempo
- tempo → sequência obrigatória
- sequência → conceitos estereotipados

O livro está ritmado para iniciar uma linguagem interior.

- livro → ritmo
- ritmo → linguagem interior
- linguagem interior → libertação da ditadura do tempo

Os exercícios desta secção irão trabalhar essa libertação.

19. Fósseis vivos

O geólogo encontra fósseis mortos nos estratos antigos.

- geólogo → estratos antigos

- estratos antigos → fósseis mortos

Do mesmo modo, ao olhar para baixo através da psique, a pessoa parece encontrar vidas passadas mortas.

- psique → olhar para baixo
- vidas passadas → parecem acabadas

Mas os fósseis continuam vivos no seu próprio nível.

- fóssil → vivo na sua área de vida
- geólogo → não sintonizado

As vidas reencarnacionais também continuam a ocorrer.

- vida passada → ainda viva
 - vida passada → parte do teu ser
 - vida passada ≠ tu
 - tu ≠ passado reencarnacional
-

20. O futuro também nos vê como mortos

Para um self futuro não mais iluminado do que nós, parecemos mortos e sem vida.

- self futuro → olha para trás
- nós → memória indistinta

Assim como vemos certas vidas passadas como desaparecidas, um self futuro pode ver-nos da mesma forma.

- olhar para trás → morte aparente
- vida real → continua no seu próprio nível

A ciência olha para galáxias distantes e pensa ver o passado.

- luz distante → passado
- instrumentos → discernem o passado

Mas Seth pergunta:

- por que não olhar para o futuro?
- por que quase nada se diz sobre vidas futuras?

21. O limite da linguagem verbal

A resposta está na linguagem.

- linguagem verbal → limitada
- conceitos humanos → orientados para o passado
- reencarnação → pensada como passado

Mas a comunicação biológica já está consciente de acontecimentos futuros prováveis.

- corpo → probabilidades
- biologia → futuro provável
- organismo → labirinto de probabilidades

A consciência física fala em passado.

O corpo vive entre futuros prováveis.

Movimento do capítulo

Terra em mudança → ilhas e contrapartes → matéria ligada → consciência ligada → montanha → estratos de rocha → vidas passadas → Selfidade simultânea → família reencarnacional → presente que afeta passado → falésia que não vê o topo → futuro ignorado → feto que responde ao futuro → genes e cromossomas → probabilidades → linguagem verbal limitada → linguagem celular → árvores e sementes → futuros prováveis → escolha de futuros e passados → fósseis vivos → vidas futuras esquecidas

Fórmula central

- self atual → montanha
- vidas passadas → estratos
- vidas futuras → níveis acima
- presente → ponto de intercâmbio
- ação atual → altera passado e futuro
- feto → responde ao self futuro

- células → comunicam probabilidades
 - linguagem verbal → prende ao tempo
 - linguagem interior → liberta da sequência
 - reencarnação → simultaneidade viva de estratos de ser
-

Chave interpretativa

A reencarnação não é apenas uma sucessão linear de vidas passadas.

É uma rede viva de estratos de Selfidade que se interpenetram através do presente.

- passado → vivo
- futuro → ativo
- presente → ponto de convergência
- Selfidade → estratos simultâneos
- consciência → arqueologia viva

Síntese final

O Capítulo 48 desloca a reencarnação de uma leitura linear para uma leitura estratificada e simultânea.

Aquilo que chamamos “vidas passadas” não são fósseis mortos de uma identidade anterior, mas camadas vivas da Selfidade, relacionadas com o self atual e afetadas por ele.

Do mesmo modo, aquilo que chamamos “vidas futuras” não está simplesmente ausente. Atua como chamamento, tendência e campo de probabilidades ao qual o presente responde.

- passado → não morto
- futuro → não vazio
- presente → não isolado

A consciência humana, presa à linguagem verbal e à sequência temporal, olha para baixo e chama a isso passado.

Mas a biologia, as células, as árvores, o feto e a psique operam dentro de um labirinto de probabilidades, onde passado e futuro se cruzam constantemente.

A montanha do Self não é feita de camadas mortas.

- É uma formação viva.
- Cada estrato é uma vida.
- Cada vida é uma visão.
- Cada visão é indispensável.

E o self atual é apenas uma falésia ensolarada, convencida de estar no topo, enquanto a montanha continua para cima e para baixo, através dos mosaicos vivos da consciência.

CAPÍTULO 49

As Plataformas do Tempo, os Florescimentos da Psique e as Realidades Prováveis

— Embora as montanhas mantenham geralmente uma posição mais ou menos permanente, nos vossos termos, a vegetação que cresce nos diferentes níveis muda. Novas flores surgem a cada primavera. Podem sempre encontrar, por exemplo, um pequeno campo de violetas na mesma posição geral, nas encostas inferiores, todos os anos; contudo, não são as mesmas violetas que cresceram na estação passada, nem as que aparecerão na próxima estação.

— O padrão dessas flores serve para semear cada novo grupo. Todos os tipos de alterações também ocorrem no solo por baixo das camadas da montanha. Assim, embora diferentes saliências possam parecer mais ou menos iguais, essa semelhança é o resultado de mudanças minuciosas, novos crescimentos e variações sazonais.

— Para a nossa analogia, agora, pensem nas várias saliências ou níveis da montanha como diferentes períodos de tempo. Parece-vos que uma existência reencarnacional estaria disposta em camadas por cima de outra. Talvez consigam perceber que essas existências, tal como a montanha, existiriam todas ao mesmo tempo, mas poderiam esquecer que há criatividade e mudança incessantes em

todos os níveis da montanha. Nova vegetação cresce nas camadas inferiores, por exemplo, tanto quanto nas superiores.

— Os períodos de tempo são naturais e criativos. São como os níveis da montanha, fazendo surgir nova vida. Não desaparecem quando vocês terminam aí o vosso crescimento, mas servem como meios férteis de crescimento para outras personalidades.

— Então, os próprios períodos de tempo são algo semelhantes a plataformas — plataformas naturais — que servem "vez após vez" para fazer surgir nova vida. Por causa do vosso ponto de vista, isto é extremamente difícil de compreender. Digamos que nasceram em 1940. Parece-vos que 1940 desapareceu, embora tenha sido o ano do vosso nascimento. Voltando, porém, à nossa analogia: vocês são como uma violeta, nascida numa primavera, numa saliência, e chamaremos aqui a essa saliência 1940. Outras pessoas estão agora a nascer em 1940, numa "estação" diferente.

— Vocês só têm consciência da vossa própria posição dentro do tempo, ou do vosso próprio lugar na "plataforma", ou na saliência, tal como a compreendem. Estas saliências ou plataformas de tempo não só existem simultaneamente, como cada uma faz surgir os seus próprios grupos de personalidades nas suas diferentes estações. Nesse grau, vocês só têm consciência da vossa própria estação, e chamá-la-emos a física — a realidade provável particular que aceitam como real.

— *A saliência de 1940, contudo, continua a ser tão imediata, tão agora e tão presente como era quando vocês nasceram.*

— *Outras personalidades, novamente, estão a nascer “ali”, mas a sua estação ou realidade é diferente da vossa.*

— *Psiquicamente, vocês estão de certo modo relacionados, da mesma maneira, por exemplo, que as violetas que crescem este ano num certo lugar estão relacionadas com todas as violetas que cresceram — ou que alguma vez crescerão — a partir desse mesmo lugar, ou nele. Cada momento, cada ano, tem, portanto, outras dimensões que vocês ainda não compreendem. Para vocês, outras pessoas nascidas agora em 1940 nasceriam numa realidade provável. Contudo, partilham o mesmo leito, por assim dizer. Quando olham para um objeto, veem o seu exterior; e, quando experienciam o tempo, percecionam o seu exterior.*

— *O ano de 1940, então, continua a existir tal como a saliência da montanha continua a existir, e faz surgir nova criatividade “a cada estação”. As violetas na nossa encosta hipotética contribuem para a vida da montanha mesmo enquanto possuem a sua própria realidade independente, e o ciclo geral das estações regula o crescimento e o desenvolvimento da montanha e de todas as suas manifestações.*

— *O tempo multiplica-se a partir de dentro de si mesmo. Quando pensam em termos de reencarnação, ainda estão a lidar com conceitos muito simples de tempo. Aceitam, se nasceram em 1940,*

uma determinada sequência histórica; mas outros nascidos em 1940, numa estação diferente da vossa, nascem num contexto histórico diferente, num 1940 diferente, com os seus próprios acontecimentos prováveis. Vocês pensam sempre em ser reencarnados em termos de nascerem para trás, dentro de uma história acerca da qual leram. Mas qualquer ano dado tem as suas próprias variações.

— De certo modo, vocês semeiam-se a si mesmos no tempo. Mas poderiam escolher nascer cinco "vezes" em 1940, e cada existência seria inteiramente separada, à medida que sondassem as realidades prováveis existentes para vocês nas variações desse período.

— Como seres físicos, as vossas crenças e conceitos formam a vossa realidade. A psique da qual a vossa identidade brota está livre da imagem de realidade que vocês escolheram. Por outras palavras, vocês escolhem aceitar uma determinada imagem do mundo, e usam essa imagem como quadro dentro do qual formam uma vida.

— Se pensarem em termos convencionais acerca da reencarnação, então talvez examinem um livro no qual cada página é uma vida. Leem o livro desde o início, e por isso pensam numa vida ou página a seguir-se a outra. Deveriam conseguir perceber que o livro inteiro existe de uma só vez. Mas, em termos mais amplos, ele é apenas um volume que vocês, a psique maior, estão a ler, narrado em termos de tempo serial.

— *Em vez disso, vocês não estão apenas a ler, mas também a escrever muitos desses livros de experiência viva, que representam existências. A criatividade é infinita, e a psique é a maior fonte de criatividade. Finjam que são escritores de ficção e que criam uma personagem. Essa personagem é tão independente, viva e real que, por sua vez, forma outras personagens — e cada uma escreve o seu próprio livro, ou forma a sua própria realidade. Essa é uma imagem mais verdadeira da vossa posição.*

— *Fisicamente, as sementes de uma planta caem sobre a terra. Podem ser sopradas para um lugar distante do seu nascimento, mas as “sementes” da psique também voam para outras realidades. Dentro de tudo isto, contudo, há o mais fino equilíbrio entre espontaneidade e ordem. As violetas não crescem no inverno. As suas características aparecem apenas quando certas condições são cumpridas. Assim, se nasceram em 1940, não têm dificuldade em acompanhar o vosso próprio tempo, e cumprem a vossa vida sob as mesmas condições gerais em que nasceram.*

— *As células conservam a sua forma e integridade, e a sua posição, mais ou menos, dentro dos vossos órgãos, embora os átomos e moléculas dentro delas mudem. O padrão geral continua, contudo, de modo que o vosso corpo conserva a sua familiaridade, tal como, noutros termos, a montanha mantém a sua forma. As células servem, por um lado, como padrões de desenvolvimento através dos quais átomos e moléculas expressam o seu ser. Cada categoria depende das outras.*

— Assim, a vossa própria consciência segue uma certa linha de desenvolvimento que lhe é própria, e que reconhece as suas próprias "estações". Outros rebentos de vocês mesmos, nos vossos termos, operam seguindo as suas próprias ordens em tempos bastante separados do vosso.

— As raízes da mais diminuta planta conhecem as melhores condições para o seu crescimento, e estendem-se espontaneamente em direção às probabilidades mais realizadoras de desenvolvimento.

— A cada momento, sentem a sua posição. Estão familiarizadas com o movimento mais insignificante da terra em seu redor.(3) Crescem para baixo mesmo enquanto o caule cresce para cima — e a flor ainda não viu o espaço para o qual irá crescer. Que conhecimento reside, então, nessas raízes, e que capacidade precognitiva, para que a própria planta anseie por uma realização que ainda não foi alcançada?

— Será a psique, então, menos milagrosa? E não possui cada um dos meus leitores a mesma capacidade inata? Têm dentro de vós o mesmo anseio pelo vosso maior florescimento. São multidimensionais, contudo, e por isso crescem em diferentes tipos de realidades, enviando pétalas de vós mesmos para outros tempos e lugares, e têm a capacidade de amadurecer em ambientes bastante diferentes uns dos outros.

— *Apenas em termos da vossa realidade, contudo, parecem florescer através das estações da Terra e, apenas nos vossos termos, através de períodos consecutivos. São como um bolbo de flor que, de cada vez, dá origem a uma flor diferente, ainda que se conforme a certos padrões gerais — mas cada flor é inteiramente nova. Porque pensam em termos de sequências temporais, é natural que pensem na vossa linhagem psíquica da mesma forma. Cada florescimento do bolbo, contudo, produz uma expressão diferente. Portanto, vocês não foram o vosso “self” passado, embora partilhassem uma certa relação.*

— *Vocês veem o bolbo da flor tal como ele existe a partir da vossa própria perspetiva. Contudo, sendo multidimensionais, florescem também em muitas outras dimensões. Têm de caminhar à volta de uma planta sobre uma mesa para a verem de todos os lados. Assim, figuradamente, caminhem à volta do “tempo” para se verem de todos os ângulos e para percecionarem todas as vossas manifestações.*

— *Em certos termos, por exemplo, eu sou um futuro de Ruburt, mas o “passado” é sempre criativo de novo. A vida de Ruburt, tal como ele a conhece, não está na minha memória — porque eu fiz coisas diferentes quando fui Ruburt. E ele não está preso a essa realidade que foi minha.*

— *Tenho memórias de ter sido Ruburt — mas o Ruburt que eu fui não é o Ruburt que Ruburt é na sua realidade. Ele surpreende-me, e as suas reações alteram o meu passado. Nos termos dele, eu*

sou um self futuro, com conhecimento muito maior; contudo, ele usa esse conhecimento para alterar a sua realidade presente; e, quando fui Ruburt, eu não tinha esse conhecimento. Podem dizer, então, que estou a alterar o meu próprio passado, mas a experiência presente de Ruburt também muda a minha experiência presente — e assim há um intercâmbio sem fim.

— O mesmo tipo de inter-relação ocorre com cada indivíduo agora vivo, nos vossos termos, quer haja ou não consciência disso. Ruburt está a explorar o tempo enquanto sonda a realidade da sua própria psique.

— Têm de começar qualquer estudo a partir do vosso próprio ponto de vista, da vossa própria saliência, mas a vossa experiência viva pessoal é sempre a principal fonte de informação. Dentro de vós, tal como se conhecem, estão todos os indícios de que precisam, se estiverem apenas dispostos a segui-los; e estes não destruirão o tecido da realidade física, mas, em vez disso, mostrar-vos-ão mais claramente a estrutura dos seus padrões milagrosos.

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta o tempo não como uma linha morta que desaparece depois de percorrida, mas como um meio vivo, fértil e criativo.

Os períodos de tempo são comparados a saliências ou plataformas naturais da montanha, onde novas personalidades continuam a nascer em diferentes “estações” de realidade.

- tempo → plataforma viva
- período histórico → saliência temporal
- saliência temporal → campo fértil
- campo fértil → florescimentos da psique
- florescimentos → realidades prováveis

1. A montanha mantém a forma, mas muda por dentro

As montanhas parecem conservar uma posição relativamente permanente.

- montanha → estabilidade aparente
- níveis → forma reconhecível
- paisagem → continuidade funcional

Mas a vegetação muda em cada estação.

- primavera → novas flores
- violetas → mesmo lugar geral
- violetas → não as mesmas
- padrão → continuidade
- flores → renovação

A semelhança é produzida por mudança constante.

- semelhança → mudanças minuciosas
- forma estável → crescimento renovado
- continuidade → variação

2. Os níveis da montanha como períodos de tempo

Seth propõe que pensemos nas saliências ou níveis da montanha como períodos temporais.

- saliência → período de tempo
- nível da montanha → era / ano / século
- vegetação → personalidades
- florescimento → existência

Parece que uma existência reencarnacional estaria colocada por cima de outra.

- vida passada → camada inferior
- vida presente → camada superior

Mas essa leitura ainda é demasiado linear.

- camadas → simultâneas
- níveis → vivos

- todos os níveis → criatividade constante
-

3. O tempo como plataforma natural

Os períodos de tempo são naturais e criativos.

- período de tempo → plataforma
- plataforma → meio fértil
- meio fértil → novas personalidades

Eles não desaparecem quando uma personalidade termina ali o seu crescimento.

- vida termina → período não desaparece
- personalidade parte → plataforma permanece
- plataforma permanece → outras personalidades florescem

O tempo não é apenas cenário.

É meio de germinação.

- tempo → solo
 - personalidade → semente
 - existência → florescimento
-

4. 1940 como saliência temporal

Seth usa 1940 como exemplo.

- 1940 → ano de nascimento
- percepção comum → 1940 desapareceu
- percepção ampliada → 1940 continua presente

A pessoa nascida em 1940 é como uma violeta numa primavera daquela saliência.

- violeta → personalidade
- primavera → estação física
- saliência → 1940

Mas outras personalidades estão agora a nascer em 1940 noutras estações de realidade.

- 1940 externo → história conhecida
 - 1940 interno → outras estações
 - 1940 provável → outras personalidades
 - 1940 multidimensional → plataforma viva
-

5. Só conhecemos a nossa estação

Cada personalidade conhece apenas a sua própria estação dentro da plataforma temporal.

- personalidade → estação própria
- estação própria → realidade física aceite
- realidade física → uma realidade provável

A saliência de 1940 continua tão imediata e presente como era no momento do nascimento.

- 1940 → agora
- 1940 → presente noutro foco
- 1940 → plataforma simultânea

Outras personalidades nascem “ali”, mas em realidades diferentes.

- mesma saliência → estações diferentes
 - mesmo tempo → realidades prováveis diferentes
-

6. O exterior do tempo

Quando olhamos para um objeto, vemos o seu exterior.

Do mesmo modo, quando experienciamos o tempo, percebemos o seu exterior.

- objeto → exterior visível
- tempo → exterior cronológico
- tempo externo → sequência

- tempo interno → dimensões não percebidas

Cada momento e cada ano têm outras dimensões.

- ano → superfície histórica
 - ano → interior provável
 - momento → mais do que instante
 - tempo → profundidade
-

7. O tempo multiplica-se por dentro

Frase-eixo do capítulo:

o tempo multiplica-se a partir de dentro de si mesmo

A reencarnação comum ainda trabalha com conceitos simples de tempo.

- reencarnação convencional → uma vida depois da outra
- tempo simples → sequência histórica

- história lida → passado fixo

Mas cada ano tem variações próprias.

- ano → não único
 - ano → variações
 - variações → acontecimentos prováveis
 - acontecimentos prováveis → realidades diferentes
-

8. Semeamo-nos no tempo

Seth afirma que, de certo modo, nos semeamos no tempo.

- psique → sementes
- tempo → campo
- existência → germinação

Uma consciência poderia escolher nascer cinco “vezes” em 1940.

- 1940 → variações
- cinco nascimentos → cinco sondagens
- cada existência → separada
- cada existência → realidade provável própria

Isto desloca a reencarnação de sequência para exploração probabilística.

- reencarnação → não apenas passado
- reencarnação → sondagem de probabilidades
- existência → exploração de uma variação temporal

9. Crenças e imagem de realidade

Como seres físicos, as crenças e conceitos formam a realidade.

- crenças → quadro
- conceitos → imagem do mundo

- imagem do mundo → vida formada

Mas a psique da qual a identidade brota está livre dessa imagem.

- personalidade física → escolhe quadro
 - psique maior → livre do quadro
 - vida física → experiência dentro da imagem
 - psique → fonte além da imagem
-

10. O livro das vidas

A reencarnação convencional pode ser comparada a um livro.

- livro → vidas
- página → uma vida
- leitura do início ao fim → sequência

Mas o livro inteiro existe de uma só vez.

- livro inteiro → simultaneidade
- página a página → sequência
- psique maior → lê o volume

Mesmo assim, esta imagem ainda é limitada.

- um livro → uma linha
- tempo serial → narração
- psique maior → mais do que leitora

11. A psique escreve muitos livros

A psique não está apenas a ler.

Está a escrever muitos livros de experiência viva.

- psique → escritora
- existências → livros vivos

- personagens → personalidades
- personagens vivas → criam outras personagens

Uma personagem pode tornar-se tão real e independente que cria outras personagens.

- criador → personagem
- personagem → criadora
- existência → realidade própria
- realidade própria → nova criação

A posição da consciência é mais criativa do que a reencarnação linear sugere.

12. As sementes da psique

As sementes de uma planta caem na terra ou são sopradas para longe.

- semente física → terra

- vento → novo lugar

Do mesmo modo, as sementes da psique voam para outras realidades.

- semente psíquica → outra realidade
- psique → múltiplos ambientes
- existência → florescimento provável

Mas há equilíbrio entre espontaneidade e ordem.

- espontaneidade → exploração
- ordem → condições
- flor → estação adequada
- personalidade → condições próprias

13. Células, forma e familiaridade

As células mantêm forma, integridade e posição relativa, embora átomos e moléculas mudem.

- célula → padrão
- átomos/moléculas → mudança
- corpo → familiaridade
- padrão geral → continuidade

Isto ecoa a montanha.

- montanha → forma reconhecível
- vegetação/solo → mudanças
- corpo → forma reconhecível
- átomos/moléculas → renovação

A identidade também segue linhas próprias de desenvolvimento.

- consciência → linha própria
- linha própria → estação própria
- outros rebentos do self → outras ordens

- outros rebentos → outros tempos
-

14. As raízes e as probabilidades

As raízes da planta conhecem as melhores condições para o crescimento.

- raiz → sente posição
- raiz → conhece solo
- raiz → procura probabilidade realizadora

A raiz cresce para baixo enquanto o caule cresce para cima.

- raiz → baixo
- caule → cima
- flor → espaço ainda não visto

A planta anseia por uma realização ainda não alcançada.

- realização futura → ainda invisível

- planta → responde
 - crescimento → orientação probabilística
-

15. A psique e o maior florescimento

A psique possui a mesma capacidade milagrosa.

- leitor → capacidade inata
- psique → anseio de florescimento
- florescimento → maior realização

Como seres multidimensionais, crescemos em diferentes tipos de realidades.

- self → pétalas
- pétalas → outros tempos
- pétalas → outros lugares
- psique → amadurece em ambientes diferentes

A identidade floresce em múltiplas direções.

16. O bolbo e os florescimentos

Seth usa a imagem do bolbo de flor.

- bolbo → fonte comum
- cada flor → expressão diferente
- padrão geral → continuidade
- flor nova → individualidade nova

Cada florescimento é inteiramente novo.

- self passado → relação
- self passado ≠ tu atual
- linhagem psíquica → ligação
- identidade atual → expressão própria

Isto reforça a distinção entre continuidade e identidade literal.

- relação → sim
 - mesmidade absoluta → não
-

17. Caminhar à volta do tempo

Para ver uma planta de todos os lados, é preciso caminhar à sua volta.

Seth propõe o mesmo com o tempo.

- tempo → planta sobre a mesa
- foco único → um ângulo
- múltiplos ângulos → visão ampliada
- caminhar à volta do tempo → perceber manifestações

A consciência deve aprender a ver-se de diferentes ângulos temporais.

- passado → um ângulo

- presente → um ângulo
 - futuro → um ângulo
 - probabilidades → outros ângulos
-

18. Seth como futuro de Ruburt

Seth afirma que, em certos termos, é um futuro de Ruburt.

Seth → futuro relativo de Ruburt

Mas o passado é sempre criativo de novo.

- passado → não fixo
- passado → criatividade contínua
- Ruburt atual → não preso ao Ruburt de Seth

Seth tem memórias de ter sido Ruburt, mas esse Ruburt não é o Ruburt atual.

- Ruburt de Seth → uma variação

- Ruburt atual → outra realidade
 - Ruburt atual → surpreende Seth
 - reações de Ruburt → alteram o passado de Seth
-

19. Intercâmbio sem fim

Ruburt usa o conhecimento de Seth para alterar a sua realidade presente.

- Seth → self futuro relativo
- conhecimento de Seth → usado por Ruburt
- Ruburt → altera presente
- presente de Ruburt → altera passado de Seth

O presente de Ruburt também muda a experiência presente de Seth.

- passado ↔ presente
- futuro ↔ presente

- Seth ↔ Ruburt
- intercâmbio → sem fim

O mesmo tipo de inter-relação ocorre com cada indivíduo vivo, mesmo sem consciência disso.

- indivíduo → rede temporal
 - vida atual → afeta outros níveis
 - outros níveis → afetam vida atual
-

20. A experiência pessoal como fonte

Qualquer estudo deve começar do ponto de vista próprio.

- ponto de vista próprio → saliência própria
- saliência própria → ponto de partida

A experiência viva pessoal é a principal fonte de informação.

- experiência pessoal → indícios

- indícios → seguir
- seguir → estrutura mais clara da realidade

Esses indícios não destroem o tecido da realidade física.

- exploração interior → não destrói mundo físico
 - exploração interior → revela padrões milagrosos
-

Movimento do capítulo

montanha aparentemente estável → vegetação mutável → saliências como períodos de tempo → tempo como plataforma natural → 1940 como saliência viva → estações diferentes da mesma plataforma → exterior do tempo → tempo multiplica-se por dentro → semear-se no tempo → reencarnação como probabilidades → psique livre da imagem escolhida → livro das vidas → psique escritora de muitos livros → sementes psíquicas → ordem e espontaneidade → células e padrões → raízes precognitivas → florescimento multidimensional → bolbo e expressões diferentes → caminhar à volta do tempo → Seth como futuro de Ruburt → passado criativo → intercâmbio sem fim → experiência pessoal como fonte

Fórmula central

- tempo → plataforma viva
- ano → saliência temporal
- saliência → estação de realidade
- estação → personalidades
- personalidades → florescimentos
- florescimentos → realidades prováveis
- psique → semeia-se no tempo
- tempo → multiplica-se por dentro
- reencarnação → probabilidades em contexto temporal
- self passado → relação, não identidade literal
- self futuro → intercâmbio, não destino fixo

Chave interpretativa

A reencarnação não deve ser vista como uma sequência simples de páginas já escritas.

A psique não é apenas leitora de vidas.

É escritora de múltiplos livros vivos.

- vida → não página fixa
 - vida → livro vivo
 - psique → não apenas memória
 - psique → criatividade
 - passado → não fechado
 - futuro → não predeterminado
 - presente → intercâmbio criativo
-

Aplicação percetiva

Este capítulo ensina a caminhar à volta do tempo.

- tempo linear → uma face
- tempo interno → profundidade
- tempo provável → variações
- tempo multidimensional → múltiplos ângulos

A Personalidade de Foco vive a sequência.

Mas a psique maior opera no sequentâneo.

- simultaneidade → campo
- sequência → percurso
- sequentâneo → percurso dentro do campo

A vida física não é negada.

É situada dentro de uma estrutura mais ampla.

Síntese final

O Capítulo 49 transforma o tempo numa realidade fértil, viva e criadora.

Os anos, eras e períodos não são fragmentos mortos que desaparecem depois de atravessados. São plataformas naturais, saliências temporais, estações de realidade onde novas personalidades continuam a florescer.

O 1940 que conhecemos é apenas o exterior cronológico de uma plataforma temporal mais profunda. A partir de outras estações, outras personalidades nascem “ali”, em realidades prováveis diferentes.

A reencarnação, portanto, não é apenas uma vida depois da outra. É a psique a semear-se em múltiplas variações do tempo, explorando probabilidades, escrevendo muitos livros vivos, amadurecendo em muitos ambientes e florescendo em várias direções.

- tempo → não linha
- tempo → plataforma

- psique → não passageira
- psique → semeadora
- vida → não repetição
- vida → florescimento
- passado → não fixo
- futuro → não fechado
- presente → intercâmbio

A consciência humana vê o exterior do tempo e chama-lhe história.

A psique caminha à volta do tempo e descobre que cada momento possui dimensões, estações e realidades que a percepção comum ainda não vê.

O tempo não passa apenas.

O tempo floresce.

O tempo não é apenas a linha onde a vida passa; é a plataforma viva onde a psique floresce em realidades prováveis.

CAPÍTULO 50

O Self Sem Fronteiras, as Probabilidades do Nascimento e a Ilusão dos Rótulos

— Assim que se rotulam a vós mesmos, estabelecem limitações, erguem fronteiras e definem a realidade da vossa psique — geralmente de acordo com crenças bastante limitadas.

— Vocês pensam que o self tem de começar ou acabar em algum lugar. Tem de haver uma cerca à sua volta, um quintal de identidade dentro do qual se possam sentir seguros. Já disse muitas vezes que o self não tem limitações. Vocês parecem recear que o self transborde e se perca "a si mesmo" num labirinto onde toda a identidade se perde. Contudo, reconhecem que o vosso self é uma dimensão muito maior do que geralmente supõem, e por isso falam em termos de reencarnação. Isto permite-vos imaginar domínios maiores de identidade, mantendo ainda intactos os vossos conceitos de Selfidade. Pensam em ser um self depois de outro, cada identidade bem separada das outras por uma passagem de anos, uma morte evidente e um nascimento evidente.

— A ideia das contrapartes estilhaça, de certo modo, esse velho conceito, mas vocês continuam a querer definições para o self, de modo a saberem onde "estão". Estão tão fascinados com a ideia de

rótulos que muitos seguem cegamente a astrologia. Vocês nascem num certo momento, num certo lugar, sob certas condições — mas a consciência forma sempre as condições. Se, em certa medida, é afetada por essas condições, então isso acontece do mesmo modo que um pintor é afetado pela paisagem que ele próprio criou. Assim, decidem nascer, digamos, num determinado mês, quando os planetas estão desta ou daquela maneira. Antecipadamente, escolhem as estações do vosso nascimento.

— Nos termos mais simples, estão a decidir o ambiente. Uma violeta brota para a vida no quintal, mas a violeta tem de permanecer ali. Todo o seu crescimento depende das condições meteorológicas dessa área particular, embora essas condições resultem, elas próprias, da atividade planetária global. Vocês, contudo, saem do lugar e do tempo do vosso nascimento, como a flor não pode fazer.

— Em termos mais amplos, as probabilidades operam numa medida que talvez nem suspeitem. Antes de mais, qualquer ponto focal de vida física é causado por uma fusão de probabilidades. Na nossa última sessão, comparei um ano a uma saliência numa montanha. Disse que as estações vinham e iam, e que muitos grupos de flores primaveris cresciam ali ao longo de um período de tempo. Assim, cada ano, nesses termos, é como uma saliência.

— Digamos, novamente, que o ano é 1940. Todos os que nasceram numa determinada data de 1940 não terão necessariamente nascido "ao mesmo tempo" de todo. Aquilo que

vocês consideram 1940 é apenas uma estação nessa saliência, a estação que reconhecem. As flores da primavera de um ano "não veem" nem se misturam com as flores da primavera seguinte, ou com as da primavera anterior. Da mesma maneira, aqueles que nasceram em 1940 "numa estação" também não se misturam, num contexto mais amplo, com aqueles que nasceram no mesmo ano.

— A palavra "estação" aqui pode ser enganadora. Cada ano é como uma saliência, contudo, fazendo surgir incontáveis variações da "flora" característica que ali cresce. Cada um desses anos separados, digamos, cada um desses 1940, ou 1920, ou 1950, prossegue a sua própria linha de desenvolvimento. O tempo expande-se para dentro e para fora nesses termos — não avança simplesmente para diante.

— A vossa realidade é como uma plataforma brilhante, uma superfície assente sobre probabilidades. Vocês seguem-nas tão inconsciente e belamente, nadam através delas com tanta facilidade, que nem vos ocorre questionar a vossa origem, ou o meio no qual a vossa experiência tem a sua existência. Todos aqueles que partilham uma dada data de nascimento, contudo, mesmo partilhando o lugar e também o tempo, não têm o mesmo "destino"; mais ainda, não partilham necessariamente as mesmas condições. Cada um é afetado pelo seu próprio sistema de probabilidades à nascença, e essas condições alteram drasticamente a natureza do seu desenvolvimento.

— A própria prática de fixar com precisão o momento do nascimento físico, na concepção, está errada. Não há ponto em que se possa dizer, em termos básicos, que um indivíduo está vivo, embora vocês achem mais prático aceitar certos pontos de vida e morte. É verdade que emergem no espaço e no tempo num certo ponto da vossa percepção. A vossa consciência, contudo, já era ela própria muito antes disso.

— Num contexto ainda mais amplo, difícil, eu sei, para vocês acompanharem, o filho é o pai do seu pai de uma forma tão válida como é seu filho, e vice-versa. Uma vez que libertem a vossa consciência dos conceitos limitados de tempo e self, então podem começar a explorar a realidade desconhecida que é o self não reconhecido.

— Quando pensam em termos convencionais acerca da astrologia, é como se estivessem a olhar para a capa de um livro, sem perceberem que há muitas páginas dentro dele.

— A consciência, estando ativa dentro de todas as estruturas celulares, aciona-se a si mesma antecipadamente, em cada caso, por assim dizer, para reagir a certas condições e não a outras. Muitas pessoas nascem no mesmo dia de qualquer ano dado e, geralmente, dentro do mesmo período de tempo — mas, individualmente, o acionamento interior pode ser muito diferente, de modo que, embora as condições gerais no nascimento possam parecer mais ou menos as mesmas, as reações interiores a elas variarão amplamente.

— Algumas pessoas serão muito mais afetadas por outras probabilidades, e mais sensíveis a elas — probabilidades que, por exemplo, não aparecem de modo algum nos “mapas” astrológicos convencionais.

— Esses mapas enfatizam uma linha de probabilidades à custa de todas as outras. As interpretações baseadas nos mapas farão então mais sentido para aqueles que escolheram as mesmas circunstâncias prováveis de nascimento — mas não terão valor para aqueles que nasceram ao mesmo tempo, nos vossos termos, mas seguem uma ordem diferente de probabilidades.

— Tal como as células operam com o conhecimento de ações prováveis e ainda mantêm o corpo físico no sistema que vocês escolheram, também a psique, operando da mesma maneira, se “semeia” em muitas probabilidades diferentes. Neste caso específico, estou a falar de outras probabilidades físicas — alternativas, por outras palavras, do mundo tal como o conhecem. Aqueles que estão vivos convosco, os vossos contemporâneos, não pertencem todos ao mesmo sistema provável. A esse respeito, vocês estão num ponto de encontro, onde indivíduos vindos de muitas realidades prováveis se misturam e se fundem, concordando momentaneamente em aceitar certas porções do mesmo ambiente espaço-temporal.

— Porque se focam nas semelhanças da experiência e minimizam as variações, as diferenças muitas vezes maiores na chamada experiência escapam-vos completamente. Tomam por garantido

que a memória é falível se não concordarem com outra pessoa acerca dos acontecimentos que ocorreram num certo lugar e tempo — digamos, aqueles de um passado histórico recentemente experienciado. Tomam por garantido que as interpretações dos acontecimentos mudam, mas que certos acontecimentos definidos ocorreram e estão para além de qualquer alteração. Em vez disso, os próprios acontecimentos não são assim tão concretos. Vocês aceitam um acontecimento provável. Outra pessoa pode experienciar, em vez disso, uma versão desse acontecimento, que se torna então a realidade sentida desse indivíduo.

— Esses acontecimentos podem ser, de facto, bastante diferentes, e as interpretações separadas constituem explicações bastante válidas de variações separadas. Nos vossos termos, um acontecimento pode ocorrer de muitas maneiras diferentes.

— Tudo isto é uma bela teoria, esotérica, mas pouco prática — a menos que comecem a questionar a natureza dos vossos próprios pensamentos e a explorar a realidade dos acontecimentos que parecem encontrar.

— Voltemos às nossas flores. Qualquer flor silvestre na nossa saliência da montanha verá o vale abaixo a partir da sua própria perspetiva e verá, estendido à sua volta, o ambiente que lhe é familiar. De modo geral, as outras flores nascidas na mesma primavera morrerão mais ou menos ao mesmo tempo. No ano seguinte, as novas flores verão uma paisagem ligeiramente diferente, embora os padrões gerais sejam os mesmos.

— *As violetas crescerão onde antes havia violetas. As casas no vale estarão no mesmo “lugar”. Se olhassem para essa mesma paisagem num verão e depois no seguinte, poderiam dizer: “Ah, as violetas crescem sempre ali, e é bom ver os lírios-do-vale à sombra da mesma rocha.” Talvez percebessem que as flores que colhem não são as mesmas flores que colheram no ano anterior, no mesmo lugar, mas a própria natureza do vosso foco faria com que se concentrassem nessas diferenças apenas quando fossem obrigados a isso. De outro modo, pensariam: “Violetas são violetas, e estão sempre aqui a cada primavera.”*

— *A vasta diferença inexplicável que existe no que diz respeito às flores é outra coisa — pois, nessa escala, as flores que colhem são completamente elas próprias no seu próprio mundo, do qual, até certo ponto, vocês as retiraram.*

— *Diferenças inimagináveis estariam presentes se essas flores pudessem ver o mesmo ambiente do ano anterior, e todas as variações minuciosas que vocês ignoram seriam gigantescas; suficientemente diferentes, de facto, para que, ao nível delas, as flores pudessem pensar que estava envolvido outro tipo de realidade. Assim, há variações, e probabilidades altamente significativas, a operar mesmo entre aqueles que nasceram, de modo geral, no mesmo mês do mesmo ano — não só em termos de condições exteriores, mas também interiores.*

— *A consciência não escolhe simplesmente nascer num certo lugar do espaço e do tempo, mas também dota antecipadamente o*

seu organismo físico de certos acionadores interiores, para que ele responda a essas condições de maneiras altamente individualizadas.

— *Não estou sequer a sugerir predestinação ou predeterminação. Tentemos outra analogia simples. Uma semente "sabe" que ganhará vida no meio de um vaso, na sala de estar de alguém. Digamos que é uma semente de tomate e que o dono da casa decide fazer crescer uma planta desde o início. Toda a vida celular é precognitiva, nos vossos termos. A semente sabe então que o sol vem, digamos, do oeste nessa sala particular. Começa a responder dessa maneira antes de o rebento emergir.*

— *O rebento não reage simplesmente à direção de onde o sol brilha, mas sente isso muito antes, e a semente sensibiliza-se "antecipadamente" a essas condições. Poderia crescer para leste com a mesma facilidade. O acionador não é a direção do sol por si só, mas o conhecimento inato que a planta tem dessa direção. A planta não está predestinada a crescer para oeste, por exemplo.*

— *Da mesma maneira, o self conhece antecipadamente as melhores condições para o seu próprio desenvolvimento, à luz do tempo e do lugar do nascimento escolhido. Tem, contudo, probabilidades literalmente infinitas à escolha para realizar as suas capacidades, mantendo ao mesmo tempo uma Selfidade operável.*

— *A consciência escolhe as melhores condições gerais disponíveis para os seus próprios propósitos de crescimento.*

Depois, preconditiona o seu próprio organismo para responder ou não responder ao tempo e ao lugar do nascimento, para exagerar ou minimizar, negar ou aceitar.

— A emergência da consciência nessas condições físicas altera-as automaticamente — um facto não reconhecido pelos astrólogos. Cada criança nascida altera o universo inteiro, e muda o mundo do seu tempo e nascimento ao trazer para ele uma ação que antes não existia, nos vossos termos, e ao imprimir no universo a marca — a marca indelével — da sua realidade. Cada criança escolhe a sua própria versão provável de qualquer data de nascimento dada.

— Tais datas obviamente não são apenas pontos no tempo, fixados com precisão no espaço. Antes de mais, uma vez que todo o tempo é simultâneo, vocês estão sempre a morrer e a nascer, e a vossa experiência posterior afeta o tempo do vosso nascimento.

— Admito que uma data de nascimento funciona como referência conveniente. Mas, se percebessem que a vossa consciência existia antes desse momento, a vossa memória abrir-se-ia, e a vossa data de nascimento aceite pareceria muito menos importante. “Sair do útero” é um acontecimento, e muito melhor de usar do que “nascimento”. Em termos mais amplos — muito mais amplos do que imaginam —, vocês estão conscientes de “nascimentos” prováveis, e de outras parentalidades vossas, tão legítimas como a história pessoal que agora aceitam.

— O self não é limitado. O verdadeiro significado dessa afirmação talvez um dia desponte. A ideia de uma só personalidade ainda vos fecha os olhos para a multipessoalidade maior que é a vossa verdadeira realidade. Muitas vezes, os vossos sonhos dão-vos uma pista desse tipo de existência.

— Vocês veem os céus e o universo, os planetas e as estrelas, a partir do vosso próprio foco — um foco altamente limitado em certos termos.

— Antes de mais, estão a olhar para uma versão do universo, tal como ele parece existir no momento da vossa percepção. A natureza inteira de uma personalidade não pode ser considerada na sua totalidade nesse pequeno contexto.

— A própria personalidade não só é independente do espaço e do tempo, como usa as ilusões daí resultantes para os seus próprios propósitos. Todas as coisas estão relacionadas, mas não agem de determinada maneira porque os planetas estavam assim e assado no vosso nascimento. Existe uma relação, mas não é causal.

— É tão verdadeiro dizer que os planetas se comportam de certa maneira porque vocês são o que são, como inverter a afirmação, como geralmente se faz. As próprias posições dos planetas e das estrelas são efeitos dos sentidos — percepções que não teriam significado se não fosse pelo vosso próprio tipo de consciência. Essas percepções, portanto, não podem fazer com que se comportem

de determinada maneira por causa de condições que não têm significado fora da vossa própria consciência.

— O universo existe, mas assume a configuração e a forma que vocês reconhecem apenas nas vossas próprias percepções. O movimento dos planetas, de facto, a própria realidade percebida deles, existe em termos muito diferentes.

— O universo está semeado com vários tipos de consciências. Algumas delas aparecem-vos como planetas ou estrelas,(8) à medida que “irrompem” no vosso campo de atualidade. Como tal, parecem comportar-se de certa maneira, assumir certa forma, ter certos efeitos. Vocês e as estrelas são acontecimentos simultâneos, cada um consciente e ciente, mas em diferentes “escalas” de atualidade — tal como a vossa escala de consciência é diferente da das violetas.

— Com a percepção física, a imagem encaixa, claro. Percebem que alguém — algum observador interessado — a ver a Terra de outro planeta noutra galáxia estaria a ver aquilo que vocês consideram o passado da Terra. Mas, como assinalei, “ele” poderia também estar a ver o futuro da Terra,(9) de acordo com o “seu” ponto de vista. Isto de modo algum alteraria a vossa realidade. As posições das estrelas e dos planetas, contudo, e o vosso esquema temporal, não podem ser usados de forma fiável para indicar efeitos “causais”. A personalidade simplesmente existe em termos mais amplos.

— Usando a astrologia convencional, encontrarão certas correlações, por causa da ocorrência de acontecimentos particulares que estão, de facto, inter-relacionados. Contudo, muitos indivíduos não encontrarão semelhanças de si mesmos nos mapas astrológicos simplesmente porque as suas probabilidades escolhidas são, qualitativamente falando, muito diferentes da norma.

— Quando a astrologia funciona, funciona porque o astrólogo está a usar as suas capacidades criativas e psíquicas, projetando depois esse conhecimento num padrão que, por si mesmo, é demasiado pequeno para o conter. O mapa torna-se então simplesmente um auxílio.

— Compreendo que parte disto será difícil de acompanhar. O único outro recurso, contudo, é repetir mitos e contos que vocês já ultrapassaram. As estrelas e os planetas simplesmente estão em mais do que um lugar ao mesmo tempo. Admito que a vossa percepção deles os faz parecer relativamente estáveis, e vocês estão biologicamente sintonizados com essa percepção. A vossa experiência do tempo e do movimento, como sabem, é relativa, e, em comparação com as vossas próprias vidas relativamente breves, os planetas parecem durar por períodos quase intermináveis. Este é o vosso ponto de vista quando olham para fora a partir da vossa saliência.

— Outras criaturas minúsculas poderiam muito bem marcar porções das suas vidas pelas vossas idas e vindas, e imaginar que

a vossa posição no momento do nascimento delas regulou a sua atividade. Imaginem-nas a elaborar mapas correlacionando as vidas delas com a vossa. Têm o hábito de andar de um lado para o outro pela casa? Noutra escala de tempo, quantas eras poderia parecer levar a vossa sombra a atravessar a divisão de um lado ao outro? A analogia não é tão forçada como parece, pois certamente a vossa sombra afetará minuciosamente a temperatura da divisão e alterará outras condições ali de maneiras que vocês jamais compreenderiam, causando muitas vezes variações gigantescas para uma consciência noutra escala.

— Uma formiga imaginária, uma formiga filosófica, poderia sentar-se e, à sua maneira, contemplar quantas vezes vocês andaram pela casa durante um período que lhe poderia parecer um ano. Poderia tentar calcular antecipadamente a vossa próxima passagem, para que — formiga prudente! — pudesse correr “para fora do caminho” a tempo de evitar os vossos passos.

— O vosso passo retumbante poderia abalar a sua minúscula casa por baixo de certas tábuas do soalho, ou nas fendas entre elas. Admito que estou a esticar aqui a nossa história da formiga, mas imaginem ainda que o nosso pequeno companheiro se familiariza com todos os moradores, digamos, de um prédio de apartamentos, aprendendo a reconhecer todos os passos que sobem e descem as escadas. O nosso filósofo mantém contacto com as outras formigas, até que, com tempo, trabalho e paciência, se elabora um mapa e se fazem cálculos. Uma formiga nascida às três da tarde, quando a Menina X chega a casa com o namorado, é propensa a ter uma vida difícil — pois o casal anda exuberantemente de um lado para o

outro, abalando todo o estabelecimento e fazendo tombar o pó nas fendas interiores.

— Não estou a comparar os astrólogos com formigas. Estou, contudo, a tentar mostrar-vos que vocês não são governados pelas estrelas — e que, quando se comportam como se fossem, estão a demonstrar tão pouca compreensão da vossa verdadeira posição como a nossa formiga. Vocês também são pequenos em relação às estrelas, mas, quando procuram colocar o vosso destino nas mãos delas, figurativamente falando, parece então que têm pouco controlo sobre o vosso próprio destino.

— Vocês são consciências em pontos particulares de experiência e, noutros tipos de realidade, cintilam como estrelas.

Síntese Operativa

Este capítulo desmonta os rótulos que a personalidade física usa para definir o self.

- rótulo → limite
- limite → fronteira
- fronteira → identidade fechada
- identidade fechada → falsa segurança

Seth mostra que o self não começa nem termina numa data, num corpo, num mapa astrológico ou numa única linha de probabilidades.

- self → sem fronteiras
- nascimento → versão provável
- data → referência conveniente
- mapa → auxílio limitado
- consciência → fonte das condições

1. Rotular é limitar

Assim que alguém se rotula a si mesmo, estabelece uma fronteira.

- rótulo → definição
- definição → fronteira
- fronteira → limitação

O self, porém, não tem limites fixos.

- self → não começa num ponto
- self → não termina num ponto
- self → não cabe numa cerca identitária

A mente física quer um “quintal de identidade” onde se possa sentir segura.

- quintal → segurança psicológica
- segurança → identidade delimitada

- identidade delimitada → medo do transbordamento

Mas esse medo nasce de uma compreensão reduzida da identidade.

2. Reencarnação como expansão ainda limitada

A ideia de reencarnação permite imaginar uma identidade maior.

- self atual → vida presente
- vidas sucessivas → identidade ampliada
- reencarnação → expansão do conceito de self

Mas, quando é pensada linearmente, ainda mantém a separação antiga.

- uma vida → depois outra
- morte → separação
- nascimento → nova separação
- identidades → compartimentos

Assim, a reencarnação convencional amplia o self, mas ainda o organiza por caixas.

- expansão → sim
 - libertação total → ainda não
-

3. Contrapartes e quebra do velho conceito

A ideia das contrapartes estilhaça a noção de uma identidade única, isolada e linear.

- contrapartes → simultaneidade identitária
- simultaneidade → self mais amplo
- self mais amplo → menos fronteiras

Mas a personalidade continua a procurar definições.

- definição → onde estou?
- onde estou? → necessidade de mapa
- mapa → rótulo

- rótulo → limite

A questão central deixa de ser “que rótulo sou?” e passa a ser:

que campo de consciência estou a experienciar?

4. A crítica à astrologia convencional

Seth não nega que existam relações subtis entre consciência, nascimento, planetas e condições.

- relação → existe
- correlação → possível
- causalidade rígida → não

A crítica é à ideia de que os planetas governam o destino.

- astrologia rígida → rótulo
- rótulo astrológico → identidade fechada
- mapa → uma linha de probabilidades

- self → muito mais do que o mapa

O mapa astrológico pode funcionar como auxílio, mas não como prisão.

- mapa → ferramenta
 - mapa ≠ destino
 - mapa ≠ totalidade do self
-

5. A consciência forma as condições

A consciência não é simplesmente afetada pelas condições de nascimento.

Ela escolhe e forma essas condições.

- consciência → escolhe
- escolha → ambiente
- ambiente → condições de nascimento
- condições → cenário de desenvolvimento

Se é afetada por elas, é como o pintor afetado pela paisagem que ele próprio criou.

- pintor → cria paisagem
- paisagem → afeta pintor
- consciência → cria condições
- condições → afetam consciência

Não há determinismo exterior.

Há participação criativa.

6. A flor e o nascimento

A violeta brota num quintal e fica presa ao lugar onde nasceu.

- violeta → lugar fixo
- crescimento → depende do ambiente local
- flor → não abandona o ponto de nascimento

O ser humano, porém, sai do lugar e do tempo do nascimento.

- humano → move-se
- humano → transcende lugar natal
- humano → transcende tempo natal

O nascimento é um ponto de entrada, não uma prisão.

- nascimento → entrada
 - nascimento ≠ definição final
 - nascimento ≠ destino absoluto
-

7. O ano como saliência temporal

Seth retoma a analogia da montanha.

- ano → saliência
- saliência → plataforma temporal

- plataforma temporal → variações

Aquilo que chamamos 1940 é apenas uma estação reconhecida dessa saliência.

- 1940 externo → estação conhecida
- 1940 interno → outras variações
- 1940 provável → outras linhas de desenvolvimento

Todos os que nasceram em 1940 não nasceram, num sentido mais amplo, no mesmo 1940.

- mesma data → não necessariamente mesmas condições
- mesmo ano → diferentes sistemas prováveis
- mesmo tempo externo → tempos internos distintos

8. O tempo expande-se para dentro e para fora

O tempo não avança apenas para diante.

- tempo → não só frente

- tempo → dentro
- tempo → fora
- tempo → variações
- tempo → profundidade

Cada ano possui múltiplas versões, cada uma com a sua própria linha de desenvolvimento.

- 1940 A → linha própria
- 1940 B → linha própria
- 1940 C → linha própria

A linearidade é apenas o exterior do tempo.

- tempo externo → sequência
 - tempo interno → multiplicidade
 - tempo provável → expansão
-

9. A realidade como plataforma sobre probabilidades

A realidade física é comparada a uma plataforma brilhante assente sobre probabilidades.

- realidade física → superfície
- superfície → plataforma
- plataforma → assente sobre probabilidades

A consciência nada através dessas probabilidades com naturalidade.

- probabilidades → meio
- consciência → nada através delas
- experiência física → foco numa versão

Por isso, raramente questiona o meio em que a experiência existe.

- foco físico → naturaliza realidade
 - naturalização → esquecimento da origem provável
-

10. A data de nascimento não define destino

Pessoas que partilham a mesma data e lugar de nascimento não partilham necessariamente o mesmo destino.

- mesma data → não mesmo destino
- mesmo lugar → não mesmas condições interiores
- mesmo tempo externo → diferentes probabilidades

Cada indivíduo nasce dentro do seu próprio sistema de probabilidades.

- indivíduo → sistema provável próprio
- sistema provável → desenvolvimento próprio
- condições exteriores semelhantes → reações interiores diferentes

11. O erro de fixar a vida num ponto

A tentativa de fixar o momento exato em que um indivíduo “está vivo” é limitada.

- concepção → ponto conveniente
- nascimento → ponto conveniente
- morte → ponto conveniente

Mas a consciência existe antes desses marcos.

- consciência → anterior ao nascimento
- consciência → não limitada ao corpo
- vida → processo, não ponto

O nascimento é uma emergência percetiva no espaço-tempo.

- emergir no espaço-tempo → evento percetivo
- consciência → já era ela própria

12. O filho e o pai do pai

Num contexto mais amplo, o filho pode ser o pai do seu pai de forma tão válida como é seu filho.

- filho → filho
- filho → pai do pai
- pai → pai
- pai → filho do filho

Isto quebra a causalidade temporal simples.

- causalidade linear → insuficiente
- tempo multidimensional → relações invertidas
- identidade → rede
- parentesco → mais amplo do que genealogia

Quando a consciência se liberta dos conceitos limitados de tempo e self, começa a explorar o self não reconhecido.

13. A astrologia como capa de livro

A astrologia convencional olha para a capa do livro.

- mapa astrológico → capa
- personalidade → livro
- psique → muitos capítulos
- probabilidades → muitas páginas

O erro está em confundir a capa com a totalidade.

- capa → sinal
 - capa ≠ conteúdo
 - mapa → pista
 - mapa ≠ self total
-

14. Acionadores interiores

- A consciência está ativa nas estruturas celulares e aciona-se antecipadamente para reagir a certas condições.
- consciência celular → ativa

- acionamento interior → resposta seletiva
- condições exteriores → estímulos
- resposta individual → variação

Duas pessoas podem nascer no mesmo dia, mas reagir de modos profundamente diferentes.

- mesmo dia → condições parecidas
- acionadores interiores → diferentes
- reações → diferentes
- desenvolvimento → diferente

15. Mapas enfatizam uma linha de probabilidades

Os mapas astrológicos convencionais enfatizam uma linha de probabilidades.

- mapa → uma linha provável
- uma linha → exclui outras

- interpretação → parcial

Para quem escolheu aquela linha, o mapa pode fazer sentido.

- mesma linha provável → correlação
- outra ordem provável → mapa sem valor

A astrologia falha quando presume que todos os nascidos sob condições semelhantes pertencem à mesma ordem de probabilidades.

16. Contemporâneos de realidades prováveis diferentes

Aqueles que vivem connosco não pertencem todos ao mesmo sistema provável.

- contemporâneos → não todos do mesmo sistema
- mundo físico → ponto de encontro
- ponto de encontro → mistura de probabilidades
- ambiente comum → acordo momentâneo

As pessoas encontram-se numa mesma porção de espaço-tempo, mas podem vir de sistemas prováveis distintos.

- mesmo espaço-tempo → encontro
 - origens prováveis → diferentes
 - experiência comum → parcial
-

17. Os acontecimentos não são tão concretos

Tomamos por garantido que os acontecimentos são fixos e que apenas as interpretações variam.

- acontecimento → supostamente fixo
- interpretação → variável

Seth inverte isso.

- acontecimento → também provável
- versão do acontecimento → realidade sentida
- pessoas diferentes → versões diferentes

Um acontecimento pode ocorrer de muitas maneiras diferentes.

- um acontecimento → muitas versões
 - versão experienciada → realidade individual
 - memória diferente → não necessariamente erro
-

18. A teoria torna-se prática pela investigação pessoal

Tudo isto seria apenas teoria esotérica se não fosse aplicado à experiência pessoal.

- teoria → abstrata
- pensamentos → investigar
- acontecimentos → questionar
- realidade encontrada → explorar

A aplicação começa quando a pessoa questiona a natureza dos seus próprios pensamentos.

- pensamento → pista

- experiência → campo de estudo
 - realidade pessoal → laboratório
-

19. As flores e as escalas de realidade

As flores de uma primavera veem uma paisagem.

No ano seguinte, outras flores veem uma paisagem ligeiramente diferente.

- mesmo lugar → padrão semelhante
- flores diferentes → mundo diferente
- escala humana → continuidade
- escala da flor → diferença gigantesca

O que parece pequeno para uma escala pode ser imenso para outra.

- variação mínima → escala humana
- variação gigantesca → escala da flor

- realidade → depende da escala de consciência
-

20. Sementes, precognição e resposta interior

A semente sabe antecipadamente as condições em que crescerá.

- semente → conhecimento inato
- sol → direção
- rebento → resposta antecipada
- crescimento → não simples reação

A planta não é predestinada; ela sensibiliza-se antecipadamente às condições escolhidas.

- precognição celular → preparação
 - condição exterior → não causa absoluta
 - conhecimento interior → acionador
-

21. O self conhece as melhores condições

Da mesma forma, o self conhece antecipadamente as melhores condições para o seu desenvolvimento.

- self → conhece
- tempo escolhido → condição
- lugar escolhido → condição
- probabilidades infinitas → campo de escolha

A consciência escolhe condições gerais e condiciona o organismo.

- consciência → escolhe condições
- organismo → condicionado
- responder / não responder
- exagerar / minimizar
- negar / aceitar

A resposta não está apenas nas condições exteriores, mas na relação criativa entre consciência e condições.

22. Cada criança altera o universo

A emergência da consciência nas condições físicas altera essas mesmas condições.

- consciência entra → condições mudam
- criança nasce → universo alterado
- nova ação → mundo transformado

Cada criança imprime no universo a marca indelével da sua realidade.

- nascimento → não recepção passiva
 - nascimento → intervenção criativa
 - criança → escolhe versão provável da data
-

23. Estamos sempre a morrer e a nascer

Como todo o tempo é simultâneo, estamos sempre a morrer e a nascer.

- tempo simultâneo → nascimento contínuo
- tempo simultâneo → morte contínua
- experiência posterior → afeta nascimento

A data de nascimento é uma referência útil, mas não uma verdade absoluta.

- data → conveniência
- data $\neq$ origem real
- consciência → anterior e mais ampla

“Sair do útero” é apenas um acontecimento dentro de um processo maior.

24. Multipessoalidade

A ideia de uma só personalidade fecha os olhos à multipessoalidade maior.

- uma personalidade → foco limitado
- multipessoalidade → realidade maior
- sonhos → pistas
- self → muitos modos de ser

A verdadeira realidade do self não é uma pessoa isolada, mas uma constelação de expressões.

- self → campo
- pessoa → foco
- multipessoa → estrutura maior

25. O universo visto a partir de um foco limitado

Vemos planetas, estrelas e universo a partir do nosso foco físico.

- foco físico → limitado

- universo percebido → uma versão
- momento de percepção → recorte

A personalidade inteira não pode ser compreendida nesse pequeno contexto.

- personalidade → independente do espaço-tempo
 - espaço-tempo → ilusão útil
 - personalidade → usa a ilusão
-

26. Relação não é causalidade

Todas as coisas estão relacionadas.

- universo → relação
- consciência → relação
- planetas → relação

Mas relação não significa causalidade.

- planetas → relacionados
- planetas $\neq$ causa do comportamento
- mapa celeste → correlação
- correlação $\neq$ destino

É tão verdadeiro dizer que os planetas se comportam assim porque somos o que somos, como dizer o inverso.

- consciência $\leftrightarrow$ cosmos
- não causalidade unilateral
- inter-relação → campo

27. Estrelas e planetas como percepções

As posições das estrelas e dos planetas são efeitos dos sentidos.

- estrela percebida → efeito percetivo
- planeta percebido → efeito percetivo

- posição celeste → recorte sensorial

Fora do nosso tipo de consciência, essas condições não têm o mesmo significado.

- significado → depende da consciência
 - percepção → organiza universo
 - universo percebido → versão da realidade
-

28. Escalas de atualidade

O universo está semeado com vários tipos de consciências.

- consciências → planetas
- consciências → estrelas
- consciências → outras escalas

Vocês e as estrelas são acontecimentos simultâneos.

- humano → consciência

- estrela → consciência
- ambos → acontecimentos simultâneos
- diferença → escala de atualidade

Assim como a escala humana difere da escala das violetas, também difere da escala estelar.

29. O observador e o tempo da Terra

Um observador noutra galáxia poderia ver o passado da Terra.

observador distante → passado da Terra

Mas, dependendo do ponto de vista, poderia também ver o futuro da Terra.

outro ponto de vista → futuro da Terra

Isto não altera a realidade terrestre.

- perspectiva → muda visão
- realidade local → mantém foco

As posições planetárias não servem como indicadores fiáveis de efeitos causais.

30. Quando a astrologia funciona

Quando a astrologia funciona, é porque o astrólogo usa capacidades criativas e psíquicas.

- astrólogo → intuição
- capacidades psíquicas → leitura
- mapa → padrão auxiliar
- conhecimento → projetado no mapa

O mapa, por si só, é demasiado pequeno para conter a realidade.

- mapa → pequeno
- self → vasto
- intuição → excede mapa
- mapa → auxílio, não fonte absoluta

31. A história da formiga

Seth usa a formiga para mostrar o erro de atribuir destino a movimentos de uma escala maior.

- humano → estrela para a formiga
- passos humanos → eventos cósmicos para a formiga
- sombra humana → alteração ambiental
- formiga → calcula destino pelos passos

A formiga poderia criar mapas baseados nas idas e vindas humanas.

- mapa da formiga → correlações
- correlações → parciais
- escala limitada → falsa causalidade

Do mesmo modo, os humanos podem projetar destino nas estrelas por não compreenderem a sua verdadeira posição.

32. Não somos governados pelas estrelas

Seth não compara astrólogos a formigas, mas mostra a limitação do raciocínio determinista.

- estrelas → não governam
- destino → não nas mãos dos planetas
- consciência → ponto de experiência
- self → mais amplo do que o céu percebido

Quando colocamos o destino nas estrelas, diminuímos a nossa própria posição criativa.

- destino exteriorizado → perda de poder
 - consciência reconhecida → recuperação de poder
-

33. Consciências que cintilam como estrelas

A conclusão desloca a escala.

- vocês → consciências em pontos particulares de experiência

- outros tipos de realidade → cintilam como estrelas

O humano que olha para as estrelas também é, noutro nível, estrela para outros focos.

- humano → observador
 - humano → acontecimento luminoso
 - estrela → consciência noutra escala
 - consciência → brilho em múltiplas realidades
-

Movimento do capítulo

rótulo → fronteira → self limitado → reencarnação linear → contrapartes → astrologia como rótulo → consciência forma condições → nascimento como ambiente escolhido → ano como saliência temporal → tempo para dentro e para fora → realidade assente sobre probabilidades → data de nascimento como versão provável → vida antes do nascimento → self não reconhecido → astrologia como capa de livro → acionadores interiores → sistemas prováveis diferentes → acontecimentos como versões prováveis → experiência pessoal como laboratório → flores e escalas de realidade → semente precognitiva → self escolhe condições →

criança altera universo → nascimento/morte contínuos → multipessoalidade → universo como versão perceptiva → relação sem causalidade → planetas como percepções → consciências em escalas diferentes → astrologia como auxílio limitado → formiga filosófica → estrelas não governam → consciência cintila como estrela

Fórmula central

- self → sem fronteiras
- rótulo → limite
- data de nascimento → referência
- nascimento → versão provável
- mapa astrológico → uma linha de probabilidades
- consciência → escolhe condições
- condições → respondem à consciência
- acontecimento → versão provável

- realidade → ponto de encontro
 - pessoa → foco
 - self verdadeiro → multipessoalidade
 - universo percebido → versão
 - relação → sim
 - causalidade rígida → não
-

Chave interpretativa

A questão não é negar toda a astrologia, mas retirar-lhe o estatuto de prisão causal.

- astrologia → possível correlação
- astrologia → possível auxílio simbólico
- astrologia ≠ destino
- astrologia ≠ totalidade do self

Seth desloca a causalidade dos planetas para a consciência.

- ✓ planetas não fazem o self
 - ✓ self escolhe a versão provável do nascimento
 - ✓ consciência forma e altera as condições
 - ✓ cada nascimento modifica o universo
-

Aplicação percetiva

O capítulo convida o leitor a abandonar perguntas fechadas:

- ✓ qual é o meu signo?
- ✓ que destino tenho?
- ✓ que mapa me define?

E a substituí-las por perguntas mais amplas:

- ✓ que probabilidades escolhi explorar?

- ✓ que condições interiores ativei?
 - ✓ que versão provável do nascimento habito?
 - ✓ que rótulos estão a limitar o meu self?
 - ✓ que multipessoalidade aparece nos meus sonhos?
-

Síntese final

O Capítulo 50 liberta o self dos rótulos.

O nascimento não é um ponto absoluto onde a consciência começa. É uma emergência percetiva, uma entrada numa versão provável do espaço-tempo, escolhida pela consciência para os seus propósitos de crescimento.

A astrologia convencional pode captar certas correlações, mas falha quando transforma essas correlações em destino. O mapa astrológico olha para a capa do livro, enquanto a psique contém muitas páginas, muitos capítulos, muitas probabilidades e muitas versões possíveis de nascimento.

- nascimento → não origem absoluta

- data → não destino
- planeta → não causa
- mapa → não prisão
- self → não fronteira
- consciência → criadora de condições
- vida → versão provável experienciada

A personalidade física não é uma unidade fechada, mas um foco dentro de uma multipessoalidade maior. Os sonhos, os acontecimentos, as diferenças de memória, os encontros e as próprias condições de nascimento são pistas dessa realidade mais ampla.

Seth não nega relação entre todas as coisas.

Ele nega a causalidade simplista.

- tudo está relacionado
- nem tudo governa tudo
- relação → campo

- causalidade rígida → rótulo

A verdadeira liberdade começa quando o self deixa de procurar a sua definição nas estrelas, nas datas ou nos mapas, e reconhece que ele próprio é uma consciência em movimento, situada num ponto particular de experiência — e, noutros níveis de realidade, também cintila como uma estrela.

O self não nasce preso a uma data.

O self escolhe uma versão provável da data para florescer.

O mapa pode indicar uma paisagem, mas não contém a psique que escolheu caminhar por ela.

CAPÍTULO 51

A Alma Indefinível, o Nascimento Gradual e as Escalas da Selfidade

— Normalmente, vocês pensam em termos de um self ou de uma consciência inteira hipotética, que emerge no nascimento e desaparece na morte. Há, contudo, argumentos eruditos em que professores debatem tais questões. Alguns astrólogos usam o momento da concepção nos seus cálculos, enquanto outros preferem a data de nascimento. Várias religiões decidiram que a "alma" entra no feto no momento da concepção, enquanto outras defendem que a consciência não pode ser considerada uma alma humana senão algum tempo mais tarde, pouco antes do nascimento.

— O mesmo tipo de perguntas surge no outro extremo da escala: quando chega realmente a morte? Na maior parte destes debates, esse self ou essa consciência hipotética é tomada como medida.

— Antes de mais, novamente, o self ou a alma, neste caso, não é algo que possa ser medido — nem é necessariamente alguma coisa que de repente chega e depois desaparece.

— O self físico, tal como o conhecem, é um foco de consciência que forma uma personalidade em resposta a esse foco. É muito

difícil fazer analogias aqui, mas sou suficientemente imprudente para tentar. Parece-vos que qualquer feto naturalmente abortado não teve vida física alguma, que essa vida lhe foi negada por alguma razão. Em vez disso, o feto experiencia outro nível: vida física numa escala diferente, que, nos vossos termos, se aplicaria ao passado distante.

— *Nas ideias convencionais de evolução, repito, esse seria um período em que o vosso tipo de consciência experimentava um ambiente aquático, com barbatanas em vez de pulmões. Em certos termos, isto dá à consciência uma visão de porções particulares do “passado” da espécie. Também fornece a essa consciência conhecimento direto, psíquico e em primeira mão. Novamente — difícilimo de explicar! Particularmente sem ofender as vossas ideias de Selfidade — contudo, cada um de vocês que está “vivo” morreu precisamente dessa maneira.*

— *Enquanto, em termos convencionais, pensam em longos séculos de duração, nos quais criaturas com barbatanas emergiram dos mares, algumas “tornando-se” répteis e, finalmente, mamíferos, muitas não fizeram essa viagem, mas “caíram” pelo caminho. Assim, nesses termos, e seguindo essa analogia, a psique faz o mesmo tipo de ajustamentos e mudanças de vida. Cada um de vocês existiu muitas vezes, então, como fetos “que não conseguiram chegar”. Não necessariamente porque não quisessem nascer, mas porque essas experiências eram legítimas em si*

mesmas¹, e, no vosso estado presente, estão inscritas na "memória" do vosso ser físico.

— Agora, isto não significa que a vossa personalidade, tal como a conhecem, tenha ficado muitas vezes presa dentro de um útero, destinada a morrer ali, ou que um self inteiro hipotético não viesse a nascer. Significa que a arqueologia da vossa psique, tal como está fisicamente focada, transporta essas experiências. O self não é como uma figura de barro saída do forno de um oleiro, de modo que se possa dizer: "Ah, aqui está um self, e nada lhe pode ser

¹ Enquanto Seth transmitia o seu material sobre o feto, dei por mim a recordar algumas ideias que mencionei a Jane em várias ocasiões durante os últimos dois anos, e sobre as quais escrevi brevemente:

Penso ser muito provável que fetos abortados e aqueles bebés que morrem cedo na "vida" — digamos, especialmente dentro de alguns meses após o nascimento — nunca tenham tido a intenção, à partida, de permanecer por muito tempo dentro da realidade de camuflagem, a realidade física; as consciências dentro dessas pequenas estruturas humanas vieram apenas provar momentaneamente o nosso mundo da matéria, quer de dentro do útero, quer fora dele. Considerando os seus pontos de vista, não é trágico que "morram" por nascer, ou em idades tão jovens, embora, em termos comuns, os pais envolvidos quase certamente sofram profundamente. (Talvez estas noções possam oferecer algum conforto limitado àqueles que nos escreveram com perguntas relacionadas.)

Mas, para tais consciências, a maior parte das suas atividades decorrerá noutra lugar, possivelmente noutras realidades prováveis, possivelmente em realidades não físicas que mal conseguimos imaginar a partir dos nossos próprios pontos de vista. Aqueles que morrem por nascer, ou jovens, escolhem tocar a realidade física para satisfazer certas necessidades; vislumbram-na como alguém poderia vislumbrar uma paisagem pela janela de um automóvel em movimento. A propósito, acredito realmente que essas "certas necessidades" podem ter implicações vastas, mas este não é o lugar para tentar discutir esses aspetos da realidade.

Claro que estas ideias se aplicariam a qualquer forma de vida, tal como normalmente pensamos nessa qualidade. Seriam comuns no mundo animal, por exemplo; testemunhem-se as mortes rápidas de certos gatinhos recém-nascidos numa ninhada (como Jane e eu já vimos); ou considere-se o cachorro num abrigo animal, ou canil, destinado a ser abatido em poucos dias se ninguém lhe der um lar. O cão jovem não viverá muito, mas penso que, à sua maneira, deve compreender esse grande "risco"; por razões específicas, a sua consciência decidiu lançar esse breve olhar sobre a realidade temporal. (Este tipo de pensamento costuma lembrar-me uma certa declaração que Seth fez há cerca de meia dúzia de anos: "Criaturas sem o compartimento do ego podem seguir facilmente a sua própria identidade para além de qualquer mudança de forma.")

Numa discussão de Seth, também me lembrou um artigo que recortara de um jornal metropolitano em 1974. O essencial do texto era que, todos os anos, neste país, se estima que vários milhares de bebés com graves deficiências são discretamente deixados morrer, sem tratamento, depois da mais cuidadosa consideração por parte dos pais e dos médicos envolvidos.

Num plano mais pessoal, a própria Jane sofreu naturalmente o aborto espontâneo de um feto de três meses, menos de um ano depois do nosso casamento, em 1954 — e nove anos antes de ela iniciar estas sessões. Seth disse muito pouco sobre esse acontecimento, e nós também não lhe perguntámos muito. Comentou, há algum tempo, numa sessão privada, que o aborto espontâneo ocorreu porque a personalidade que habitava o feto "mudou de ideias" e retirou-se do mundo físico. Em alguma data indefinida, planeamos convidar Seth a discutir toda a situação em detalhe.

acrescentado.” Vocês sempre existiram como um self provável, embora não estivessem focados no conhecimento da vossa própria experiência. (Podem ter estado muito bem focados noutras realidades, mas estou a falar da vossa existência terrena tal como a compreendem.)

— A qualquer momento, agora, podem literalmente tornar-se mais vocês mesmos. Nesse sentido, nascem por graus. Em certos termos, descartaram porções de vocês mesmos, e por isso morreram por graus — mas as duas coisas, o viver e o morrer, ocorrem ao mesmo tempo.

— Até certo ponto, aquilo que vocês são estava latente no feto, mas não há um único ponto em que “a plena consciência da alma entra na carne”. O processo é gradual. Em termos físicos, começa antes de os vossos próprios pais nascerem.

— O mapa dos acontecimentos no momento do vosso “nascimento” é como uma pequena fotografia instantânea do quintal de alguém, tirada à tarde. Nesta analogia, a personalidade terrena inteira poderia ser comparada ao mundo. Enquanto fizerem as vossas deduções segundo essa única imagem, haverá correlações que se aplicam — mas apenas a essa pequena área específica.

— Nos vossos termos, a pessoa, ao nascer, é afetada por condições multidimensionais, e a posição coletiva dos planetas não passa de uma indicação muito diminuta das outras realidades

envolvidas. Ruburt está correto: mesmo em termos convencionais, um verdadeiro horóscopo teria de envolver a hora da morte na vossa realidade temporal, bem como a do nascimento. O vosso foco de atenção forma fronteiras que vos predispõem a acreditar num ponto em que a vossa consciência emerge, tal como a compreendem, e num ponto em que deixa de ser eficaz, ou morre. As vossas crenças nesses conceitos limitam a vossa percepção, pois, alterando o foco da vossa atenção, podem, até certo ponto, tornar-se conscientes da percepção antes e depois dos pontos reconhecidos de nascimento e morte.

— Vocês concedem a natureza-de-alma apenas à vossa própria espécie, como se as almas tivessem tamanhos que se ajustassem apenas às vossas próprias naturezas. Preservam essas ideias pensando nos animais como inferiores a vocês. Depois, contudo, têm de se perguntar quando é que a alma entra na carne, ou quando é que o feto alheio se torna um dos vossos, e, portanto, abençoado pelos deuses e dotado do direito à vida.

— Mas todas as coisas têm consciência e, nesses termos, possuem uma natureza-de-alma. Não há gradações quanto à alma. A alma é a vida dentro de tudo o que é. Claro que o feto “tem uma alma” — mas, da mesma maneira, se pensarem nesses termos, então cada célula dentro do feto também deve receber uma alma. O percurso de uma célula não é predeterminado. As células são geralmente muito cooperativas, particularmente quando formam as estruturas do corpo.

— Mas o corpo é um contexto que elas escolheram experienciar. Ao realizarem-se, as células ajudam a vossa própria existência, mas dentro de um enquadramento que escolheram. Podem, contudo, rejeitar certos elementos nas suas existências, mudar os seus percursos ou até formar novas alianças. Têm grande liberdade dentro daquilo que vocês consideram o enquadramento da vossa realidade. Se os percursos delas não podem ser cartografados, e podem, de facto, surpreender-vos constantemente, então por que razão pensam que o vosso percurso pode ser traçado antecipadamente pela leitura das posições das estrelas no vosso nascimento?

— As células não são inferiores no que vos diz respeito, ainda que formem parte da estrutura do vosso ser físico. Nem sequer são menos conscientes. São conscientes de uma maneira diferente. Não há necessidade de as "romantizar", ou de pensar nelas como pequenas pessoas, mas cada uma possui uma consciência altamente focada, e uma consciência de self. Vocês gostam de pensar — novamente — que apenas a vossa própria espécie possui consciência da sua própria Selfidade. Há diferentes tipos de Selfidade e uma variedade infinita de maneiras de experienciar a autoconsciência.

— Por exemplo, parece-vos que os animais não refletem sobre a sua própria realidade. Certamente parece que uma célula não tem conhecimento "objetivo" do seu próprio ser: como se existisse sem saber o que é, ou sem apreciar a sua própria qualidade de ser. Estão completamente errados em tais deduções. Nem existem necessariamente gradações rígidas em que um tipo de consciência

progride, em termos fixos, de um estado inferior para um estado superior. Qualquer célula tem uso prático de capacidades precognitivas, por exemplo, que vos escapam completamente, embora muitos de vocês atribuam essas capacidades a almas "superiores". Cada tipo de vida tem as suas próprias qualidades, que não podem ser comparadas com as de outros, e que muitas vezes não podem ser comunicadas.

— *Tudo isto pode parecer ter pouco a ver com a natureza da reencarnação, tal como vocês a concebem, ou com as contrapartes tal como as expliquei. Contudo, é vital que abandonem os velhos conceitos do self e da alma antes de poderem começar a compreender a liberdade da vossa própria Selfidade.*

— *Esta noite, Ruburt leu algum material, acabado de publicar, sobre golfinhos e baleias. Continha fortes indícios de que essas criaturas são génios, possuindo a capacidade de pensamento abstrato num grau elevado. E é, de facto, esse o caso.*

— *Os golfinhos lidam com uma dimensão inteiramente diferente da realidade. Ainda não existe nenhum método de comunicação que vos permita perceber os seus conceitos de Selfidade, ou a sua visão coletiva da existência. São indivíduos sensíveis, conscientes de si mesmos. São altruístas. Compreendem a natureza da relatividade²,*

² Eu diria que, num contexto como aquele em que a usa aqui, Seth se refere automaticamente às teorias especial e geral da relatividade de Albert Einstein. Dentro da constância predominante da velocidade da luz, todos os fenómenos na nossa realidade de camuflagem — movimento, velocidade, massa, matéria, tempo, espaço, gravitação, e assim por diante — são vistos como relativos entre si. O espaço e o tempo, por exemplo, não são entidades separadas ou uniformes, mas “construções” intuitivas da consciência, intimamente relacionadas; a massa é uma forma de energia; o movimento não é

e têm diferentes maneiras de transmitir informação aos seus jovens. Não são superiores nem inferiores à vossa própria espécie. Representam simplesmente um tipo diferente de Selfidade.

— Há alguma relação, pelo menos em termos da nossa discussão, entre a realidade dos golfinhos e a realidade do feto. Nos vossos termos, o feto vive em condições primevas, evocativas de períodos do passado da espécie. Relaciona-se, à sua maneira, com o seu ambiente. Ora, para algumas consciências, isto é suficiente. Nos vossos termos, novamente, para cada um de vocês, foi suficiente.

— A alma não é uma unidade definível. É, em vez disso, uma qualidade indefinível. Não pode ser decomposta nem construída, destruída ou expandida, mas pode mudar de afiliação e organização, bem como as suas características, permanecendo sempre ela mesma.

— A alma dentro do feto não pode ser destruída por qualquer tipo de aborto, por exemplo. O seu progresso não pode ser cartografado, pois escapará sempre a tais cálculos. A sua história está no futuro, que cria sempre o passado.

absoluto, mas relativo ao movimento de outra coisa; dois observadores, cada um deslocando-se a uma velocidade diferente em relação a uma sequência comum de acontecimentos, perceberão esses acontecimentos em diferentes cursos de tempo.

Segundo Seth, então, à sua maneira, o golfinho — e, claro, a baleia — apreende tais fenómenos, e sem a ajuda dos cálculos escritos altamente sofisticados e dos instrumentos físicos que nós, humanos, usamos.

Síntese Operativa

Este capítulo desmonta a ideia de que a alma ou o self possam ser medidos, localizados ou definidos por um ponto exato de entrada e saída.

- nascimento → não ponto absoluto
- morte → não corte absoluto
- alma → não unidade mensurável
- self físico → foco de consciência
- consciência → processo gradual

Seth desloca a pergunta clássica:

- quando entra a alma no corpo?

para uma compreensão mais ampla:

- como a consciência se focaliza, se organiza e se expressa em diferentes escalas de Selfidade?
-

1. O erro de medir a alma

As religiões, a astrologia e a filosofia debatem quando a alma entra no corpo.

- concepção → possível entrada
- nascimento → possível entrada
- morte → possível saída

Mas estas perguntas partem de uma falsa premissa.

- alma → coisa
- coisa → pode ser medida
- medição → ponto exato

Seth recusa essa base.

- alma → não coisa
- alma → qualidade indefinível
- alma → vida dentro de tudo o que é

A alma não chega de repente nem desaparece de repente.

2. O self físico como foco de consciência

O self físico não é a totalidade da consciência.

É um foco.

- consciência → foco
- foco → personalidade
- personalidade → self físico

O self físico forma-se em resposta a esse foco.

- foco de consciência → organização
- organização → personalidade
- personalidade → experiência terrena

A personalidade não é fabricada pronta, como uma figura de barro saída do forno.

- self ≠ objeto acabado
 - self ≠ peça completa
 - self → formação contínua
-

3. O feto e as experiências legítimas

Um feto naturalmente abortado não representa ausência de vida física.

Representa uma experiência física noutra escala.

- feto → vida física em escala diferente
- aborto espontâneo → não fracasso absoluto
- experiência breve → experiência legítima

Seth liga essa escala a porções do passado da espécie.

- feto → condições primevas
- ambiente aquático → memória da espécie

- passado biológico → experiência psíquica direta

Estas experiências ficam inscritas na memória do ser físico.

- experiência fetal → memória corporal
 - psique → arqueologia viva
 - corpo → registo de experiências
-

4. A arqueologia da psique

A psique fisicamente focada transporta experiências que não pertencem apenas à vida atual consciente.

- psique → arqueologia
- corpo → memória
- foco atual → superfície
- experiências anteriores → estratos

Isto não significa que a personalidade atual tenha estado presa muitas vezes no útero.

- personalidade atual $\neq$ feto preso
- self provável $\rightarrow$ existia antes
- foco consciente $\rightarrow$ ainda não organizado

O self sempre existiu como self provável.

- self provável $\rightarrow$ antes do foco atual
 - experiência terrena $\rightarrow$ focalização específica
-

5. Nascemos por graus

O nascimento não é um instante absoluto.

É um processo gradual.

- consciência $\rightarrow$ focalização progressiva
- self $\rightarrow$ nasce por graus
- personalidade $\rightarrow$ torna-se mais ela mesma

Do mesmo modo, a morte também não é apenas um ponto final.

- morrer → por graus
- viver → por graus
- viver e morrer → ocorrem ao mesmo tempo

A vida e a morte são processos simultâneos de organização e desorganização.

- organização → nascimento
- descarte → morte
- ambos → processo contínuo

6. O nascimento começa antes dos pais

Em termos físicos, o processo começa antes de os próprios pais nascerem.

- pais → não origem absoluta
- nascimento → preparado antes da genealogia

- consciência → anterior ao contexto familiar

A personalidade terrena não emerge do nada no momento do parto.

- parto → acontecimento
 - nascimento profundo → processo multidimensional
 - consciência → antecede o marco físico
-

7. O horóscopo como fotografia pequena

O mapa dos acontecimentos no momento do nascimento é como uma fotografia instantânea do quintal de alguém.

- horóscopo → fotografia pequena
- quintal → área limitada
- personalidade inteira → mundo

A fotografia pode revelar correlações, mas só dentro daquela pequena área.

- mapa → correlação parcial

- mapa ≠ totalidade
- posição planetária → indicação diminuta

Um horóscopo realmente completo teria de incluir também a hora da morte.

- nascimento → um marco
- morte → outro marco
- ambos → ainda insuficientes

8. Pontos de nascimento e morte como crenças perceptivas

O foco de atenção cria fronteiras.

- foco → fronteira
- fronteira → ponto de nascimento
- fronteira → ponto de morte

Essas fronteiras predisõem-nos a acreditar que a consciência emerge num ponto e desaparece noutro.

- crença → nascimento como início
- crença → morte como fim
- crença → percepção limitada

Alterando o foco de atenção, a percepção pode alargar-se.

- foco alterado → percepção antes do nascimento
 - foco alterado → percepção depois da morte
 - percepção ampliada → continuidade
-

9. A alma não pertence só à espécie humana

Os humanos concedem natureza-de-alma apenas à própria espécie.

- humano → alma
- animal → inferior
- feto → questão moral

Seth desfaz essa hierarquia.

- todas as coisas → consciência
- todas as coisas → natureza-de-alma
- alma → vida em tudo o que é

Não há gradações quanto à alma.

- alma humana ≠ alma maior
- alma animal ≠ alma menor
- alma celular ≠ ausência de alma

A diferença está no tipo de Selfidade, não na quantidade de alma.

10. Cada célula como consciência

Se se fala em alma no feto, então cada célula dentro do feto também deve receber uma alma.

- feto → alma

- célula do feto → alma
- célula → consciência focada
- célula → self próprio

As células são cooperativas, mas não predeterminadas.

- células → cooperação
- células → liberdade
- células → alianças
- células → mudança de percurso

O corpo é um contexto que as células escolheram experienciar.

- corpo → contexto escolhido
 - células → participantes
 - organismo → aliança de consciências
-

11. Se as células não podem ser cartografadas, por que poderia o humano ser?

As células surpreendem constantemente.

- célula → percurso não cartografável
- célula → liberdade no enquadramento
- célula → ação própria

Seth usa isto para desmontar o determinismo astrológico.

- célula não mapeável → humano menos ainda
- posição das estrelas → insuficiente
- percurso humano → não traçável antecipadamente

Se uma célula tem liberdade, a personalidade humana não pode ser reduzida a um mapa.

12. Células não são inferiores

As células não são inferiores, nem menos conscientes.

- célula → consciência diferente
- diferença → não inferioridade
- consciência celular → altamente focada
- célula → consciência de self

Não é preciso romantizá-las como pequenas pessoas.

- célula ≠ humano em miniatura
- célula → Selfidade própria
- autoconsciência → muitas formas

Há diferentes tipos de Selfidade e infinitas formas de experienciar autoconsciência.

13. Não há escada rígida de consciência

Seth recusa a ideia de uma progressão rígida do inferior para o superior.

- célula → não inferior

- animal → não inferior
- humano → não topo absoluto

Cada tipo de vida possui qualidades próprias.

- cada vida → qualidades únicas
- qualidades → não comparáveis
- consciência → não hierarquia simples

Uma célula pode usar capacidades precognitivas que escapam ao humano.

- célula → precognição prática
- humano → não percebe
- alma superior → conceito limitado

14. Reencarnação e contrapartes exigem nova ideia de self

Tudo isto parece distante da reencarnação e das contrapartes, mas é essencial.

- velho self → unidade fechada
- velha alma → entidade separada
- reencarnação linear → vida após vida
- contrapartes → simultaneidade

Para compreender a liberdade da Selfidade, é preciso abandonar velhos conceitos.

- self → processo
- alma → qualidade
- Selfidade → liberdade
- consciência → múltiplas formas

15. Golfinhos e baleias como outra Selfidade

Seth afirma que golfinhos e baleias possuem pensamento abstrato elevado.

- golfinhos → gênios

- baleias → inteligência profunda
- cetáceos → outra dimensão de realidade

Os golfinhos têm conceitos próprios de Selfidade e uma visão coletiva da existência.

- golfinho → indivíduo sensível
- golfinho → autoconsciente
- golfinho → altruísta
- golfinho → compreende relatividade

Não são superiores nem inferiores aos humanos.

- humano → uma Selfidade
- golfinho → outra Selfidade
- diferença → escala e modo

16. O feto e o golfinho

Seth aproxima a realidade do feto da realidade do golfinho.

- feto → ambiente aquático / primevo
- golfinho → dimensão aquática de realidade
- ambos → relação própria com o ambiente

O feto vive em condições evocativas do passado da espécie.

- feto → passado biológico
- ambiente uterino → mundo próprio
- consciência fetal → experiência suficiente

Para algumas consciências, essa experiência basta.

- experiência breve → suficiente
 - experiência fetal → legítima
 - vida curta → não ausência de sentido
-

17. A alma como qualidade indefinível

Frase-eixo do capítulo:

a alma não é uma unidade definível

- a alma → qualidade indefinível

A alma não pode ser decomposta, construída, destruída ou expandida.

- alma → não desmontável
- alma → não fabricável
- alma → não destrutível
- alma → não quantificável

Mas pode mudar de afiliação, organização e características.

- alma → muda alianças
- alma → muda organização
- alma → muda características

- alma → permanece ela mesma
-

18. A alma no feto não pode ser destruída

A alma dentro do feto não pode ser destruída por qualquer tipo de aborto.

- aborto → altera experiência física
- aborto → não destrói alma
- alma → continua
- progresso → não cartografável

O seu percurso escapará sempre aos cálculos.

- alma → não mapa
- alma → não cálculo
- alma → liberdade

A sua história está no futuro, que cria sempre o passado.

- futuro → cria passado
 - história da alma → não linear
 - progresso → multidimensional
-

Movimento do capítulo

debates sobre concepção/nascimento/morte → alma tomada como coisa mensurável → self físico como foco de consciência → feto como experiência noutra escala → passado da espécie → arqueologia da psique → self provável → nascer por graus → viver e morrer simultâneos → nascimento antes dos pais → horóscopo como fotografia pequena → fronteiras do foco → percepção antes/depois da vida física → natureza-de-alma em todas as coisas → células conscientes → liberdade celular → Selfidade sem hierarquia → golfinhos e baleias → outras escalas de Selfidade → alma como qualidade indefinível → aborto não destrói alma → futuro cria passado

Fórmula central

- alma → qualidade indefinível

- self físico → foco de consciência
 - personalidade → resposta ao foco
 - nascimento → processo gradual
 - morte → processo gradual
 - vida/morte → simultâneas
 - feto → experiência legítima
 - célula → consciência própria
 - animal → Selfidade própria
 - golfinho → Selfidade noutra escala
 - humano → não medida de todas as almas
 - alma → muda afiliação e organização
 - alma → permanece ela mesma
-

Chave interpretativa

A pergunta “quando entra a alma?” nasce de uma visão limitada.

- alma como coisa → entrada
- corpo como recipiente → ocupação
- nascimento como ponto → começo
- morte como ponto → fim

Seth substitui essa visão por outra.

- alma como qualidade → expressão
- corpo como contexto → experiência
- nascimento como processo → focalização
- morte como processo → desfocalização
- Selfidade → múltiplas escalas

A alma não entra no corpo como alguém que entra numa casa.

A consciência focaliza-se, organiza-se e experiencia contextos.

Aplicação percetiva

Este capítulo pede que se abandonem hierarquias rígidas.

- humano acima
- animal abaixo
- célula inconsciente
- feto sem experiência

Estas categorias são substituídas por uma ecologia da consciência.

- célula → consciência focada
- feto → experiência legítima
- animal → Selfidade própria
- golfinho → visão coletiva

- humano → uma escala entre outras

O critério deixa de ser superior/inferior.

Passa a ser diferença de modo, escala e organização.

Síntese final

O Capítulo 51 liberta a alma da medição.

A alma não é uma unidade que entra no corpo num ponto exato e sai dele noutro. É uma qualidade indefinível da vida, presente em tudo o que é, capaz de mudar de afiliação, organização e características sem deixar de permanecer ela mesma.

O nascimento não é um instante absoluto. É uma focalização gradual da consciência. A morte também não é um corte absoluto, mas outro processo de mudança de foco. Em termos profundos, nascemos e morremos por graus, e viver e morrer ocorrem ao mesmo tempo.

- nascimento → focalização
- morte → desfocalização

- vida → organização
- morte → reorganização
- alma → continuidade

O feto, a célula, o animal, o golfinho e o humano representam diferentes escalas de Selfidade. Nenhuma delas é simplesmente inferior ou superior. Cada uma possui o seu modo próprio de consciência, as suas capacidades, as suas alianças e a sua forma de experienciar o ser.

A consciência não é uma escada rígida.

É uma ecologia viva de expressões.

- self → foco
- alma → qualidade
- vida → escala
- Selfidade → forma de ser
- consciência → em tudo o que é

A pergunta essencial deixa de ser:

➤ quando entra a alma?

E passa a ser:

➤ de que modo a consciência se focaliza aqui?

A alma não começa no nascimento, não termina na morte e não cabe em qualquer mapa.

Ela permanece indefinível — e, precisamente por isso, livre.

A alma não entra na vida; a vida é uma das formas através das quais a alma se focaliza.

CAPÍTULO 52

O Self Ausente, as Raízes da Identidade e as Folhas Reencarnacionais

— A vossa ideia atual de identidade só é mantida porque concedem validade apenas a aspetos muito pequenos da vossa própria realidade.

— Por outras palavras, os vossos conceitos aceites de Selfidade desapareceriam se alguma vez permitissem que qualquer experiência subjetiva significativa se intrometesse. "O Self Ausente" — o self ausente ou desconhecido — é a porção da vossa própria existência que vocês normalmente não percecionam nem aceitam, embora exista dentro de vós um anseio por ela.

— Grande parte de *Realidade «Desconhecida»* está envolvida na desagregação de teorias há muito aceites, mas que vos impedem de percecionar a natureza poderosa dessas porções ausentes do self. Tal como se focam em certos detalhes de um campo maior da realidade física, também se focam apenas na pequena porção de vós mesmos que consideram "real".

— Contudo, transportam dentro de vós o conhecimento profundo de uma experiência que, nos vossos termos, seria anterior, embora,

nas vossas células e na vossa mente mais profunda, tal informação seja atual.

— A Selfidade transborda em grandes e luxuriosas saliências, mas vocês guardam-se zelosamente contra tal criatividade. Até certo ponto, transportam de facto o conhecimento dos vossos antepassados dentro dos cromossomas das vossas células¹, que apresentam um padrão que não é rígido, mas flexível — um padrão que, de forma codificada, vos dota da experiência viva subjetiva daqueles que, nos vossos termos, vieram antes. Como Ruburt suspeitou recentemente, algumas culturas muito antigas estiveram conscientes disto. Embora fossem indivíduos independentes, os seus membros também se identificavam, até certo ponto, com os seus antepassados, aceitando-os como porções das suas Selfidades. Isto não significa que o self individual fosse menor, mas que estava mais consciente da sua própria realidade. Era apresentado um tipo de foco completamente diferente, no qual se compreendia que os antepassados contribuíam para a “nova” experiência dos vivos; um foco no qual a consciência fisicamente focada via claramente que percecionava o mundo por si mesma, mas também por todos aqueles que tinham vindo antes — percebendo, ao mesmo tempo, que, nesses termos, ele ou ela também contribuiria, tal como as gerações passadas.

— Os animais também eram aceites nesta filosofia natural da Selfidade, pois o indivíduo via claramente a qualidade viva da

¹ “Os cromossomas são corpos microscópicos em que a substância protoplasmática do núcleo de uma célula se separa durante a divisão celular. Transportam os genes, os fatores ou unidades — ‘plantas’ — que determinam as características hereditárias.”

consciência. Compreendia-se que as características dos animais continuavam a “vida”, acrescentando as suas qualidades à experiência do self de uma nova maneira.

— O corpo humano seria usado na grande lavoura da Terra, pois, a partir dele, morrendo e decompondo-se, surgiriam novas formas. Era uma relação de dar e receber na qual, por exemplo, uma vizinhança da selva era verdadeiramente lar, e tudo fazia parte do self psíquica, espiritual e fisicamente.

— Que riam, aqueles que quiserem, das histórias de espíritos que se transformam em árvores — uma teoria simplista, certamente, mas uma afirmação simbólica nessas sociedades: os mortos eram enterrados em casa, no mesmo território íntimo, para formarem, em tempos posteriores, a própria composição do solo sobre o qual as religiões cresciam. Novamente, os vossos conceitos limitados de Selfidade tornam difícil perceberem o que estou a dizer.

— Não estou a dizer, por exemplo, que a consciência viva de cada indivíduo regressasse literalmente à Terra, mas que regressava, e regressa, o material físico permeado e marcado por essa consciência. Mais uma vez, até as células retêm conhecimento de todas as suas afiliações. Em termos físicos, a consciência que vocês compreendem baseia-se nisto.

— A Selfidade é mais pobre quando não compreende, pelo menos intuitivamente, esta herança.

— *Essas realizações íntimas, contudo, tiveram de ser contrabalançadas de acordo com certos propósitos estabelecidos pela vossa espécie, e, nesse sentido, até postas momentaneamente de lado, para que outras capacidades e características pudessem emergir. O sentido de curiosidade da espécie não lhe permitiria permanecer durante muito tempo em qualquer território natal, e assim o sentido de intimidade foi propositadamente quebrado. No entanto, tornar-se-ia novamente muito importante quando o planeta estivesse amplamente povoado, como está agora — só que o sentimento original de território-lar tem de ser estendido por toda a face da Terra. As porções "ausentes" do self estão prontas para emergir. As outras linhas de consciência, prováveis para vocês, podem agora entrar em jogo.*

— *Estas diferentes linhas de foco mostrar-vos-ão, cada uma, outros aspetos da vossa própria realidade, enquanto indivíduos e enquanto espécie.*

— *Disse uma vez que nenhum conhecimento existe fora da consciência.*

— *Nesses termos, dados neutros não são transferidos através dos cromossomas. A consciência transmite informação através de veículos "vivos". Quer esteja fisicamente materializado quer não, o conhecimento é possuído pela consciência. É sempre "individualizado", embora não necessariamente nos vossos termos.*

— *A informação transportada pelos cromossomos não é geral, mas altamente específica. É dado codificado — ele próprio vivo — que contém em si a essência da experiência ancestral específica. Biologicamente, então, vocês transportam realmente dentro de vós as memórias dos vossos antepassados particulares. Estas formam uma base parcial da vossa existência subjetiva e física, e fornecem-lhe o apoio necessário.*

— *Uma vez que uma porção da vossa herança é física, nesses termos, essas memórias podem ser novamente traduzidas de volta em acontecimentos emocionais e psicológicos, embora, nas vossas sociedades, normalmente não o sejam.*

— *Nessa medida, a chamada experiência passada dos vossos antepassados e da vossa espécie é simultânea com a vossa própria, biologicamente falando. Essa é apenas uma linha, contudo, coberta pelos cromossomos. Vocês têm “outra linha” de existência que também serve de apoio àquela que atualmente reconhecem. Ela inclui outras relações físicas entrelaçadas que vos ligam a todos os outros no vosso planeta, ao mesmo nível adjacente de tempo. Isto é, em certa medida, estão relacionados com todos aqueles que estão vivos no planeta. São contemporâneos temporais. Terão uma relação muito mais próxima com alguns do que com outros. Alguns serão as vossas contrapartes.*

— *Estas podem ou não estar mais próximas de vocês do que as relações familiares, mas, psiquicamente falando, partilharão convosco um certo tipo de história. Também estarão ligados através*

da estrutura física da Terra, no grande dar e receber do seu esquema espaço-temporal.

— Uma terceira linha que sustenta a vossa Selfidade, tal como a concebem, é a linha reencarnacional. Esta é, de certo modo, semelhante à linha ancestral, e há também reflexos nos genes e cromossomas que os vossos cientistas ainda não detetaram. As linhas ancestral e reencarnacional fundem-se, até certo ponto, para formar aquilo que vocês consideram os vossos padrões genéticos antecipadamente, por assim dizer. Antes desta vida, escolheram aquilo que desejavam dessas duas áreas principais.

— A experiência reencarnacional também é transmitida, então, e pode ser retraduzida de uma impressão codificada biológica para uma consciência emocional. Novamente, contudo, tal como vocês não são os vossos pais nem os vossos antepassados, também não são os vossos "selves reencarnacionais".

— Também aqui as ideias de tempo vos dificultam a compreensão, pois tenho de explicar tudo isto em termos temporais. Uma vez que o tempo é simultâneo, noutros níveis os vossos antepassados sabiam do vosso nascimento, embora tenham morrido há séculos na continuidade reconhecida. O mesmo se aplica às existências reencarnacionais que vocês pensam ter ocorrido no passado.

— Não podem dizer que os vossos antepassados, como algumas plantas estranhas, estavam a crescer em direção àquilo que vocês

são, ou que vocês são a soma das experiências deles. Eles eram, eles são, eles mesmos. Também não podem dizer que são a soma das vossas vidas reencarnacionais passadas, e pelas mesmas razões. Vocês cortam o conhecimento de vós mesmos, e assim parecem ocorrer divisões. São um pouco como uma planta que reconhece apenas uma das suas folhas de cada vez. Uma folha sente a sua realidade mais profunda como parte da planta, e isso acrescenta ao seu próprio sentido de continuidade, e até ao seu próprio sentido de individualidade. Mas vocês fingem muitas vezes ser uma folha estranha, pendurada ao acaso, sem raízes, crescendo sem uma planta que vos sustente.

Jane, como Seth, apontou para a begónia asa-de-anjo que estava sobre a estreita mesa de centro que nos separava.

— Todas as folhas que agora crescem nesta planta poderiam ser pensadas como contrapartes umas das outras, cada uma viva e individual num mesmo tempo, cada uma contribuindo, embora voltada para direções diferentes. À medida que uma folha cai, outra toma o seu lugar, até que, no próximo ano, toda a planta, ainda viva, terá um conjunto completamente novo de folhas — os selves reencarnacionais futuros deste grupo.

— Vocês não são plantas, mas a analogia é simples. E, se me perdoarem — no conjunto, ela aguenta-se.

— Há uma interação constante na planta, entre as suas partes, que vocês não percebem. As folhas agora presentes são

biologicamente válidas, inter-relacionando-se nos vossos termos. Contudo, em termos de tempo, cada folha também está consciente da história passada da planta, e biologicamente brota desse "passado".

— *Cada folha procura expressar a sua qualidade-de-folha tão plenamente quanto possível. As folhas recebem sol, o que ajuda a própria planta a crescer através da fotossíntese. O desenvolvimento das folhas, então, é muito importante para a própria existência da planta. As células da planta são mantidas em contacto com o ambiente através das experiências das folhas, e as probabilidades futuras são sempre tidas em consideração. Os mais pequenos cálculos envolvendo luz e escuridão são conhecidos. A vida da planta e das suas folhas não pode ser separada.*

— *A planta tem a sua própria "ideia" de si mesma, na qual cada uma das suas folhas tem o seu papel. Contudo, cada folha tem as capacidades latentes de toda a planta. Enraízem uma delas, por exemplo, e uma nova planta crescerá.*

— *Os selves têm uma liberdade muito maior do que as folhas, mas também podem enraizar-se se escolherem — e fazem-no. Os selves reencarnacionais são como folhas que deixaram a planta, escolhendo um novo meio de existência. Nesta analogia, as folhas caídas da planta física cumpriram os seus próprios propósitos, para si mesmas enquanto folhas e para a planta. Estes selves, contudo, ao caírem de um ramo do tempo, enraízam-se noutro tempo e tornam-se novos selves, dos quais outros brotarão.*

— Queres dizer “novos selves” em vez de “novas plantas”?

— Correto.

— O self maior, então, semeia-se no tempo. Neste processo, nenhuma identidade se perde e nenhuma identidade é a mesma, mas todas estão inter-relacionadas. Assim, teoricamente, vocês podem expandir a vossa consciência para incluir o conhecimento das vossas vidas passadas, embora essas vidas fossem vossas e não fossem vossas. Têm uma raiz comum, tal como as folhas do próximo ano têm uma raiz comum com as folhas atuais desta planta.

— Tal conhecimento, contudo, afetaria automaticamente essas vidas passadas. As ideias de causa e efeito podem travar-vos aqui, porque vos parece que as folhas do próximo ano surgem como efeito causado pelas folhas deste ano. Para a planta e para o seu padrão criativo inato, contudo, todas as suas manifestações são uma só — uma expressão de si mesma, cada porção diferente. O conhecimento das suas folhas “futuras”, enquanto padrão potencial, existe agora. O mesmo se aplica à psique. Nesse reino maior da realidade há interação criativa e inter-relações entre todos os aspetos da Selfidade.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que a identidade pessoal comum é apenas uma pequena porção da Selfidade real.

- identidade atual → foco limitado
- Selfidade real → campo maior
- self conhecido → folha visível
- Self Ausente → planta inteira não reconhecida

Seth desloca a identidade de um eu isolado para uma rede viva de relações:

- antepassados → linha ancestral
- contemporâneos → linha planetária
- contrapartes → relações psíquicas adjacentes
- selves reencarnacionais → folhas em outros tempos
- self maior → planta que se semeia no tempo

1. A identidade atual é pequena

A ideia atual de identidade só se mantém porque vocês validam apenas aspectos muito pequenos da própria realidade.

- self aceite → pequena porção
- experiência subjetiva profunda → excluída
- identidade comum → mantida por filtragem

Se uma experiência subjetiva significativa se intrometesse, os conceitos habituais de Selfidade começariam a desaparecer.

- experiência subjetiva → intrusão
 - intrusão → quebra da identidade estreita
 - identidade estreita → dissolução
-

2. O Self Ausente

“O Self Ausente” é a porção da existência que normalmente não é percebida nem aceita.

- Self Ausente → self desconhecido
- self desconhecido → porção rejeitada
- porção rejeitada → ainda presente

Apesar disso, há um anseio interior por esse self.

- anseio → memória profunda
- memória profunda → chamada do self maior
- self maior → quer emergir

3. A Realidade Desconhecida desmonta teorias limitadoras

Grande parte de *Realidade «Desconhecida»* serve para desmontar teorias antigas.

- teorias aceitas → estrutura mental
- estrutura mental → limite perceptivo

- limite percetivo → self reduzido

Essas teorias impedem a percepção das porções ausentes do self.

- teoria rígida → bloqueia
 - Self Ausente → não reconhecido
 - realidade maior → invisível ao foco comum
-

4. Foco físico e foco identitário

Tal como nos focamos apenas em certos detalhes do campo físico, também nos focamos apenas numa pequena parte de nós mesmos.

- campo físico maior → detalhe escolhido
- realidade do self maior → porção escolhida
- porção escolhida → eu considerado real

A identidade comum é uma seleção, não a totalidade.

- foco → seleção

- seleção → experiência
 - experiência → identidade
-

5. O conhecimento anterior é atual

Vocês transportam conhecimento profundo de experiências que pareceriam anteriores.

- experiência anterior → nos vossos termos
- células → informação atual
- mente profunda → informação atual

O passado biológico e psíquico não está morto.

- passado → atualidade celular
 - herança → presença viva
 - memória → corpo
-

6. A Selfidade transborda

A Selfidade não é uma estrutura contida e rígida.

- Selfidade → transbordamento
- Selfidade → saliências luxuriosas
- Selfidade → criatividade abundante

Mas vocês guardam-se contra essa criatividade.

- criatividade identitária → medo
- medo → fronteira
- fronteira → self reduzido

7. Cromossomas e experiência ancestral

Os cromossomas transportam padrões flexíveis, não rígidos.

- cromossomas → padrão flexível

- padrão → codificação viva
- codificação → experiência ancestral específica

A herança biológica contém mais do que dados físicos.

- genes → não apenas informação neutra
 - cromossomas → veículos vivos
 - experiência ancestral → memória biológica
-

8. Culturas antigas e identidade ancestral

Algumas culturas antigas reconheciam a continuidade dos antepassados dentro da Selfidade.

- indivíduo → independente
- antepassados → porções da Selfidade
- identidade → ampliada

Isto não diminuía o indivíduo.

- self individual → não menor
- self individual → mais consciente da própria realidade

A pessoa percecionava o mundo por si mesma e também por aqueles que tinham vindo antes.

- vivo → perceciona por si
 - vivo → perceciona pelos antepassados
 - experiência atual → contribuição para gerações passadas e futuras
-

9. Animais e filosofia natural da Selfidade

Os animais eram incluídos nessa filosofia natural da Selfidade.

- animal → consciência viva
- animal → qualidade própria
- animal → continuidade da “vida”

As suas características acrescentavam qualidades à experiência do self.

- animal → não exterior absoluto
 - animal → participação na Selfidade
 - vida → troca de qualidades
-

10. O corpo humano e a lavoura da Terra

O corpo humano participa na grande lavoura da Terra.

- corpo → morre
- corpo → decompõe-se
- decomposição → novas formas
- Terra → ciclo de dar e receber

A selva, ou território íntimo, era verdadeiramente lar.

- território → lar

- lar → corpo
 - corpo → Terra
 - Terra → self psíquico, espiritual e físico
-

11. Espíritos, árvores e solo sagrado

Histórias de espíritos que se transformam em árvores são simplistas literalmente, mas simbolicamente poderosas.

- morto → enterrado em casa
- corpo → solo
- solo → árvore
- árvore → religião / cultura / memória

A consciência individual não regressa literalmente à Terra, mas o material físico permeado por essa consciência regressa.

- consciência viva → não se reduz à matéria
- matéria marcada → regressa à Terra

- células → retêm afiliações
 - consciência física → baseada nesta continuidade
-

12. Selfidade empobrecida

A Selfidade empobrece quando não compreende esta herança.

- herança ignorada → self pobre
- herança intuída → self ampliado
- ancestralidade → apoio
- Terra → continuidade
- corpo → memória

Reconhecer a herança não aprisiona a identidade; enriquece-a.

13. Curiosidade da espécie e quebra da intimidade

A espécie humana não podia permanecer sempre num território natal.

- curiosidade → movimento
- movimento → afastamento
- afastamento → quebra da intimidade

O sentido original de lar foi propositadamente quebrado para permitir outras capacidades.

- território íntimo → deixado para trás
- exploração → novas capacidades
- curiosidade → expansão da espécie

14. O lar deve expandir-se à Terra inteira

Com o planeta amplamente povoado, o sentimento de território-lar deve regressar em nova escala.

- território-lar antigo → região íntima

- território-lar novo → Terra inteira
- lar local → lar planetário

A intimidade perdida precisa agora de ser ampliada.

- intimidade antiga → local
 - intimidade futura → planetária
 - Self Ausente → pronto para emergir
-

15. Linhas prováveis de consciência

As porções ausentes do self estão prontas para emergir.

- Self Ausente → emergência
- linhas prováveis → entram em jogo
- novos focos → novos aspetos do self

Essas linhas mostrarão outros aspetos da realidade individual e da realidade da espécie.

- indivíduo → outras linhas
 - espécie → outras linhas
 - consciência → múltiplos focos
-

16. Não há conhecimento fora da consciência

Seth afirma que nenhum conhecimento existe fora da consciência.

- conhecimento → consciência
- dados neutros → ilusão
- informação → sempre viva

Os cromossomas não transportam dados neutros.

- cromossomas → veículos vivos
- informação → possuída pela consciência
- conhecimento → individualizado

Mesmo quando fisicamente codificado, o conhecimento pertence à consciência.

17. Experiência ancestral específica

A informação cromossômica é altamente específica.

- cromossomas → dados vivos
- dados vivos → experiência ancestral específica
- experiência ancestral → memória biológica

Vocês transportam biologicamente as memórias de antepassados particulares.

- antepassados → memórias
- memórias → base subjetiva
- memórias → base física

Essas memórias podem ser retraduzidas em acontecimentos emocionais e psicológicos.

- código biológico → emoção
 - código biológico → psicologia
 - herança → experiência viva
-

18. O passado ancestral é simultâneo

A experiência dos antepassados e da espécie é simultânea com a experiência atual, biologicamente falando.

- passado ancestral → simultâneo
- biologia → atualiza passado
- corpo atual → ancestralidade presente

O passado não está apenas atrás.

- passado → linha viva
- passado → suporte atual
- passado → coexistência biológica

19. Linha contemporânea planetária

Além da linha ancestral, há outra linha: os contemporâneos temporais.

- todos os vivos → mesmo nível adjacente de tempo
- planeta → campo comum
- humanidade atual → relação física entrelaçada

Todos os vivos no planeta estão relacionados em alguma medida.

- contemporâneos → parentes temporais
- Terra → estrutura comum
- espaço-tempo → ligação

Alguns desses contemporâneos serão contrapartes.

- contrapartes → relação psíquica próxima
- contrapartes → história partilhada

- contrapartes → talvez mais próximas do que família
-

20. Linha reencarnacional

A terceira linha de suporte é a reencarnacional.

- linha ancestral → suporte
- linha contemporânea → suporte
- linha reencarnacional → suporte

A linha reencarnacional é semelhante à ancestral e também deixa reflexos nos genes e cromossomas, ainda não detetados pela ciência.

- reencarnação → impressão biológica
- genes → reflexos não detetados
- cromossomas → apoio reencarnacional

Antes desta vida, o self escolhe elementos das linhas ancestral e reencarnacional.

- antes desta vida → escolha
 - linha ancestral → material
 - linha reencarnacional → material
 - vida atual → combinação
-

21. Não somos os antepassados nem os selves reencarnacionais

A experiência reencarnacional pode ser transmitida e retraduzida em consciência emocional.

- impressão biológica → consciência emocional
- experiência reencarnacional → transmissível

Mas isto não significa identidade literal.

- vocês ≠ pais
- vocês ≠ antepassados
- vocês ≠ selves reencarnacionais

Há relação, não substituição.

- relação → sim
 - mesmidade absoluta → não
 - raiz comum → identidade distinta
-

22. Antepassados e reencarnações sabiam do vosso nascimento

Como o tempo é simultâneo, os antepassados sabiam do vosso nascimento noutros níveis.

- tempo simultâneo → antepassados sabem
- continuidade reconhecida → morreram há séculos
- níveis maiores → nascimento conhecido

O mesmo aplica-se às existências reencarnacionais que parecem passadas.

- vidas passadas → não apenas passado

- vidas passadas → relações simultâneas
 - tempo linear → limita compreensão
-

23. Não somos a soma do passado

Não se pode dizer que os antepassados cresceram em direção àquilo que vocês são.

- antepassados → eles mesmos
- vocês → vocês mesmos
- vocês ≠ soma deles

O mesmo vale para as vidas reencarnacionais.

- selves reencarnacionais → eles mesmos
- vocês → vocês mesmos
- vocês ≠ soma das vidas passadas

O erro nasce do corte no conhecimento do self.

- conhecimento cortado → divisões aparentes
 - divisões aparentes → identidade isolada
-

24. A folha sem planta

Seth compara a identidade comum a uma planta que reconhece apenas uma folha de cada vez.

- planta → self maior
- folha → personalidade / foco
- uma folha → identidade atual

A folha sente a realidade mais profunda como parte da planta.

- folha → individualidade
- planta → continuidade
- raiz → suporte

Mas vocês fingem ser uma folha pendurada ao acaso.

- folha isolada → ilusão
 - sem raízes → falso self
 - sem planta → identidade amputada
-

25. Folhas como contrapartes

As folhas presentes na planta podem ser pensadas como contrapartes umas das outras.

- folhas simultâneas → contrapartes
- cada folha → viva
- cada folha → individual
- cada folha → direção própria

Todas contribuem para a planta, mas a partir de ângulos diferentes.

- mesma planta → várias direções
- mesma raiz → expressões distintas

- contrapartes → coexistência individualizada
-

26. Folhas futuras como selves reencarnacionais

Quando uma folha cai, outra toma o seu lugar.

- folha atual → cai
- nova folha → surge
- planta → continua viva

As folhas do próximo ano representam selves reencarnacionais futuros deste grupo.

- folhas atuais → vidas atuais
- folhas futuras → selves reencarnacionais
- planta → self maior

A continuidade está na planta, não numa folha isolada.

27. A qualidade-de-folha

Cada folha procura expressar a sua qualidade-de-folha plenamente.

- folha → individualidade
- qualidade-de-folha → expressão própria
- expressão própria → contribuição para a planta

As folhas recebem sol e ajudam a planta a crescer.

- folha → recebe ambiente
- folha → nutre planta
- planta → depende das folhas

A vida da planta e das folhas não pode ser separada.

- planta ↔ folhas
- self maior ↔ selves
- continuidade ↔ individualidade

28. Cada folha contém capacidades latentes da planta

A planta tem uma “ideia” de si mesma, na qual cada folha tem papel próprio.

- planta → ideia de si
- folha → papel
- folha → capacidade latente da planta

Uma folha pode enraizar-se e formar nova planta.

- folha → enraíza
- folha → nova planta
- parte → novo todo

Isto prepara a analogia para os selves.

29. Selves que se enraízam no tempo

Os selves têm mais liberdade do que folhas.

- self → maior liberdade
- self → pode enraizar-se
- self → escolhe novo meio

Os selves reencarnacionais são como folhas que deixam a planta e escolhem outro meio de existência.

- self reencarnacional → folha destacada
- novo tempo → novo solo
- novo meio → nova expressão

Ao caírem de um ramo do tempo, enraízam-se noutro tempo.

- ramo do tempo → origem
 - outro tempo → enraizamento
 - novo self → novos brotos
-

30. O self maior semeia-se no tempo

Frase-eixo:

o self maior → semeia-se no tempo

Nenhuma identidade se perde.

- identidade → preservada
- identidade → transformada
- identidade → inter-relacionada

Nenhuma identidade é a mesma, mas todas têm relação.

- mesmidade absoluta → não
- continuidade relacional → sim
- raiz comum → interligação

31. Vidas passadas: vossas e não vossas

Teoricamente, é possível expandir a consciência para incluir conhecimento de vidas passadas.

- consciência expandida → vidas passadas
- vidas passadas → vossas
- vidas passadas → não vossas

Isto parece paradoxal porque a identidade comum exige posse.

- minha vida passada → simplificação
- relação comum → mais exato
- raiz comum → pertença sem posse

As vidas reencarnacionais partilham raiz, mas não são a personalidade atual.

32. Conhecer vidas passadas afeta-as

O conhecimento das vidas passadas afetaria automaticamente essas vidas.

- conhecimento atual → afeta passado
- passado → não fixo
- tempo simultâneo → intercâmbio

As ideias de causa e efeito dificultam a compreensão.

- causa antes → efeito depois
- linearidade → bloqueio
- psique → interação criativa

Para a planta, todas as manifestações são uma só expressão dela mesma.

- folhas atuais
- folhas futuras
- folhas passadas
- todas → expressão da planta

O conhecimento das folhas futuras, como padrão potencial, existe agora.

- futuro → potencial presente
 - psique → padrão criativo
 - Selfidade → inter-relações simultâneas
-

Movimento do capítulo

identidade limitada → Self Ausente → teorias que bloqueiam a Selfidade → experiência anterior como informação atual → cromossomas e antepassados → culturas antigas e identidade ampliada → animais e Terra como parte do self → corpo como lavoura da Terra → herança intuitiva → intimidade local quebrada → lar planetário → linhas prováveis de consciência → conhecimento sempre consciente → cromossomas como veículos vivos → experiência ancestral específica → linha contemporânea planetária → contrapartes → linha reencarnacional → escolha antes da vida → não somos os antepassados nem os selves passados → tempo simultâneo → planta e folhas → contrapartes como folhas simultâneas → folhas futuras como selves reencarnacionais → folhas que se enraízam → self maior semeado no tempo → vidas passadas vossas e não vossas → causa e efeito superados → todas as manifestações como expressão da planta maior

Fórmula central

- Self Ausente → porções não reconhecidas
 - identidade atual → folha visível
 - self maior → planta
 - antepassados → raízes biológicas
 - cromossomas → experiência ancestral viva
 - contemporâneos → linha planetária
 - contrapartes → folhas simultâneas
 - selves reencarnacionais → folhas em outros tempos
 - self maior → semeia-se no tempo
 - vidas passadas → vossas e não vossas
 - identidade → preservada e transformada
-

Chave interpretativa

A identidade não é uma folha solta.

- self isolado → ilusão
- self real → planta
- planta → raízes
- raízes → antepassados
- folhas atuais → contrapartes
- folhas futuras → selves reencarnacionais
- folhas enraizadas noutro tempo → novos selves

O erro é pensar que a personalidade atual é uma unidade sem raízes.

- personalidade atual → folha
- Selfidade → organismo inteiro
- tempo → solo de enraizamento

- psique → padrão criativo
-

Aplicação percetiva

Este capítulo pede uma mudança profunda na percepção da identidade.

Em vez de perguntar:

- quem fui eu?
- que vidas passadas são minhas?
- que antepassados me produziram?

Perguntas mais adequadas seriam:

- ✓ que raízes sustentam este foco?
- ✓ que linhas de consciência me atravessam?
- ✓ que porções ausentes do self estão prontas para emergir?
- ✓ que contrapartes partilham comigo esta planta temporal?

- ✓ que selves se enraizaram noutros tempos a partir da mesma raiz?
-

Síntese final

O Capítulo 52 apresenta a identidade como uma planta viva.

O self conhecido é apenas uma folha visível. O Self Ausente é a planta maior que ainda não é reconhecida. As raízes incluem antepassados, cromossomas, memórias biológicas, experiências da espécie e linhas reencarnacionais. As folhas presentes são contrapartes. As folhas futuras são selves reencarnacionais. E algumas folhas, ao caírem de um ramo do tempo, enraízam-se noutro tempo, tornando-se novos selves.

- self conhecido → folha
- Self Ausente → planta maior
- antepassados → raízes
- contrapartes → folhas simultâneas
- selves reencarnacionais → folhas temporais

- tempo → solo
- self maior → sementeira

A identidade não é uma soma dos antepassados nem das vidas passadas. Também não é uma unidade isolada. É uma expressão individualizada de uma planta maior, preservando a sua singularidade enquanto participa numa rede viva de relações.

- não sou os meus antepassados
- não sou as minhas vidas passadas
- não sou uma folha solta
- sou uma expressão enraizada
- O self maior semeia-se no tempo.

E, nesse processo, nenhuma identidade se perde, nenhuma identidade permanece igual, e todas continuam inter-relacionadas.

A folha é única.

Mas nunca estive sem planta.

A identidade não é uma folha solta no tempo; é uma expressão viva de uma planta maior que se semeia através dele.

CAPÍTULO 53

O Jogo da Consciência, as Contrapartes e as Famílias Psíquicas

— *Falei sobre contrapartes na aula de Ruburt. Muitos dos alunos ficaram mortalmente sérios enquanto tentavam compreender o conceito.*

— *Alguns queriam que eu identificasse as suas contrapartes por eles. Um aluno, empreiteiro, disse pouco. Em vez disso, durante a última semana, deixou a sua própria imaginação criativa ir onde quisesse, mantendo a ideia geral na mente. Brincou com o conceito, então. De certo modo, as suas experiências foram como as de uma criança — abertas, curiosas, cheias de entusiasmo. Como resultado, ele próprio descobriu algumas das suas contrapartes.¹*

— *A maioria das pessoas, contudo, é tão absolutamente séria que suspeita da sua própria criatividade. Espera que os produtos dela sejam irreais ou sem validade no mundo físico. No entanto, há uma grande correlação entre aquilo que vocês consideram*

¹ Fred recebeu a sua informação sob a forma de várias visões externalizadas muito encantadoras. Nelas viu duas das suas contrapartes contemporâneas. Ambas eram mulheres. Uma era uma camponesa na Turquia; tinha “62 ou 63 anos”. A outra era uma mulher negra muito alta, bela e inteligente, nos seus vinte e muitos anos, uma “socialite” que vivia na Califórnia.

criatividade, estados alterados de consciência, jogo e desenvolvimento "espiritual".

— Quando criam um poema, uma canção ou uma pintura, estão num estado de jogo, de prazer, de liberdade. Têm a intenção de fazer algo diferente, de produzir uma nova versão da realidade. Criam por amor, pelo prazer da experiência. Num momento ou noutro, quase todos têm esse tipo de experiência, mas as crianças têm-na frequentemente. Compõem canções, música e pinturas nas suas cabeças. Alteram frequentemente o foco das suas consciências. Não param para perguntar se o jogo é real ou pertinente. Fisicamente, o jogo desenvolve os mecanismos do corpo. Também flexibiliza as grandes capacidades das suas mentes.

— Quando pensam: "A vida é séria", e decidem pôr de lado as coisas infantis, então muitas vezes perdem de vista a vossa própria criatividade e tornam-se tão mortalmente sérios que não conseguem brincar, nem sequer mentalmente. O desenvolvimento espiritual torna-se uma meta que tem de ser atingida. A meta deve ser alcançada através de trabalho árduo, e enquanto acreditarem nisto não compreendem o que é o espírito.

— Continuo a regressar a analogias naturais — mas as plantas não trabalham para desenvolver o seu potencial. Não são belas porque acreditam que é sua responsabilidade agradar ao vosso olhar. São belas porque se amam a si mesmas e amam a beleza. Quando são tão sérios, quase sempre distorcem a natureza do vosso próprio espírito, no que diz respeito à vossa compreensão

dele. Não conseguem baixar a guarda tempo suficiente para descobrir o que ele é. Continuam à procura de novas regras ou regulamentos, ou métodos de disciplina.

— Continuam à procura de um novo “mestre ascenso”, ou guru, que vos mantenha na linha e vos indique o Caminho.

— À sua maneira, as crianças estão bastante conscientes das suas contrapartes e de outras porções das suas realidades individuais. Relacionam-se com as suas contrapartes nos sonhos. Por vezes veem-nas como companheiros “invisíveis”. Vocês sonham frequentemente com as vossas próprias contrapartes, mas têm tanto medo de preservar aquilo que consideram o self adulto racional que ignoram essas comunicações.

— As pessoas têm escrito para aqui a perguntar sobre almas gémeas.² Em certos círculos, esta é a última moda. A ideia é antiga; baseia-se na realidade das contrapartes e apresenta outra versão da teoria. Mas, novamente, é tratada com uma seriedade quase pomposa. Muitos dos que usam o termo fazem-no para esconder, em vez de libertar, as suas próprias capacidades alegres. Passam tempo à procura das suas almas gémeas — mas a procura envolve-os numa peregrinação em busca de uma espécie de comunicação impossível com outro, na qual toda a divisão se perde, com os dois

² O nosso dicionário define uma alma gémea como alguém do sexo oposto com quem um indivíduo “tem uma relação profundamente pessoal” — uma descrição bastante mundana. Jane e eu pensávamos que o termo, juntamente com as suas implicações, estava algo fora de moda até à publicação de O Material de Seth, em 1970. Então começámos a receber cartas de leitores que pediam a ajuda de Seth para encontrar almas gémeas, ou a sua confirmação de que tais contrapartes tinham, de facto, já sido encontradas.

a tentarem então unir-se numa unidade cimentada, sufocando todo o sentido de jogo ou criatividade. Vocês não são uma parte, ou uma metade, de outra alma, procurando o vosso par através dos anais do tempo, incompletos até serem completados pela vossa alma gêmea.

— *Quando se tornam demasiado empenhados em manter a vossa realidade, perdem-na, pois negam a criatividade sobre a qual ela assenta.*

— *Não estou a negar a importância da verdadeira razão. Certamente não vos estou a dizer que ignorem o intelecto. Mas vocês ignoram frequentemente o carácter lúdico do intelecto, e forçam-no a tornar-se algo menor do que ele é.*

— *Muitos de vocês têm devaneios nos quais se veem, de facto, como as vossas contrapartes, e porções das vidas delas chegam por vezes até vocês enquanto tratam das vossas tarefas.*

— *Prestam, contudo, pouca atenção. Pensam que isto é apenas a vossa "imaginação". A realidade desconhecida está viva na vossa própria psique. Há indícios dela em toda a vossa experiência. Vocês não estariam vivos, nos vossos termos, se primeiro não se tivessem imaginado tal como são. O jogo é, de facto, um dos métodos mais práticos de sobrevivência, tanto individualmente como para a espécie. Dentro do seu enquadramento residem os segredos da criatividade, e dentro dos segredos da criatividade residem os segredos do ser.*

— *A vida que vocês consideram real representa um estrato estreito até da vossa experiência física. Não estou aqui a falar de outras realidades que poderiam acrescentar-se a essa dimensão. O jogo traz-vos um descanso necessário dos vossos conceitos distorcidos de Selfidade, e muitas das melhores invenções do mundo surgiram quando o inventor não estava concentrado no trabalho, mas entregue a passatempos ou ao jogo.*

— *Vocês estão envolvidos com algumas das vossas contrapartes de forma mais ou menos direta, enquanto outras vivem em terras diferentes, e por vezes estão também separadas por diferenças de idade ou cultura — qualidades com as quais teriam dificuldade em relacionar-se. Intuitivamente, sabem quem são as contrapartes na vossa experiência diária. Isto não significa que, se se tornarem conscientes dessas afiliações, tenham então de sentir que é vossa responsabilidade formar uma espécie de cultura de contrapartes, ou tentar afetar a vida de outras pessoas lembrando-lhes a vossa relação. Cada um de vocês é individual. Algumas das pessoas de quem desgostam mais profundamente podem ser contrapartes. Cada um de vocês pode estar a explorar diferentes aspetos do mesmo desafio global.*

— *Não há nada de esotérico nas famílias. Elas representam o tipo de relações que vocês tomam por garantidas. O mesmo se aplica às contrapartes, exceto que normalmente vocês não estão familiarizados com o termo ou o conceito.*

— Certos membros de uma família desempenham frequentemente papéis particulares para a família como um todo. Um pode ser o rebelde; outro, o realizador perfeito. Os psicólogos tentam agora muitas vezes lidar com a família como um todo, permitindo que os diferentes membros vejam como podem estar a exagerar certas tendências à custa de outras.

— O rebelde, por exemplo, pode estar a exhibir todos os aspetos ousados inibidos por outros membros da família. Através dessa pessoa, os outros podem partilhar vicariamente a excitação ou o suspense dessas experiências que, de outro modo, estão bloqueadas. Por outro lado, o realizador pode estar a esconder completamente esses impulsos, enquanto expressa fielmente os desejos de outros membros da família por "excelência" e disciplina. Ora, o mesmo pode aplicar-se às contrapartes, e aquelas que surgem na vossa experiência podem mostrar-vos, de forma exagerada, capacidades vossas sobre as quais não escolheram concentrar-se. Podem aprender muito com as vossas contrapartes, portanto, e elas convosco. As contrapartes que encontram estarão a trabalhar, a brincar e a ser mais ou menos dentro da vossa própria cultura. Isto não significa que sejam pedaços e bocados de algum self inteiro hipotético.

— Façam de conta que a psique é uma planta que envia sementes de si mesma em muitas direções, cada semente crescendo numa nova planta sob condições diferentes. Ao crescerem até se tornarem plantas, essas sementes enviam novas variações. Um punhado de sementes de qualquer árvore poderia

cair no mesmo quintal. Outras poderiam ser levadas pelo vento durante quilômetros antes de pousarem.

— Normalmente vivem com a vossa família física, embora isto nem sempre se aplique; por vezes, os vossos antepassados vêm de vários países, de modo que há uma linhagem física que vocês compreendem. Há muitas vezes regressos a casa, em que parentes distantes regressam ao lar ancestral. Ora, psiquicamente, o mesmo se aplica em termos de contrapartes. Se pertencem a determinados grupos, muitas vezes as vossas contrapartes mais próximas também estarão lá. Vocês serão, já agora, uma contraparte do ponto de vista delas. Muitos grupos políticos, cívicos, educativos ou religiosos são compostos por contrapartes.

— E as famílias convencionais?

— Chegaremos a isso. Propositadamente, não acrescentei isso.

— Essas contrapartes formam famílias psíquicas. São representações familiares noutra nível. Antes de mais, esses grupos têm um foco incorporado — político, cívico, religioso, sexual, ou qualquer outro. Certos membros do grupo expressam as tendências reprimidas de outros. Contudo, cada um é sustentado por um sentido comum de pertença, de modo que o grupo por vezes parece ter uma identidade global própria, na qual cada membro desempenha um papel. Qualquer leitor pode facilmente descobrir isto examinando os grupos a que pertence.

— Ora, fisicamente falando, há raças. Há também contrapartes psíquicas das raças — famílias de consciência, por assim dizer — todas relacionadas, mas com diferentes características ou especialidades globais.

— A maioria das pessoas que vêm às aulas de Ruburt são Sumari, por exemplo. Existem oito outras famílias psíquicas desse gênero — nove ao todo. Alguns dos alunos de Ruburt são contrapartes uns dos outros. Muitas das pessoas que vêm aqui voltam a casa do mesmo modo que os membros de uma família física comparecem a uma reunião familiar.

— Peter Smith é uma contraparte de Joseph. Sue Watkins e Zelda são contrapartes de Ruburt — ou Ruburt é uma contraparte de Sue e Zelda. Alan Koch e Ruburt são contrapartes. Carl Jones, Bill Herriman e Bill Granger são contrapartes. Norma Pryor é uma contraparte de Joseph, e vice-versa. O jovem da Pensilvânia que vem semana sim, semana não, é uma contraparte de Ruburt. Mas tudo isto se aplica a qualquer grupo.

— Os Sumari são naturalmente brincalhões — inventores, e relativamente livres de amarras. São, contudo, impacientes. Serão encontrados nas artes e nas ciências menos convencionais.

— Vocês têm afiliações interiores. Quais são elas? Vou delinear as espécies psíquicas interiores, e cabe-vos a vocês descobrir a qual pertencem.

Com uma exceção — a de Sue Watkins — todos os nomes dados por Seth, envolvendo relações de contraparte, foram alterados.

— Estou a usar este grupo da aula de Ruburt como exemplo, mas o mesmo se aplica, novamente, a qualquer grupo.

— Os Sumari são turbulentos, em certos termos anti-autoridade, cheios de energia. São geralmente individualistas, contra sistemas de qualquer tipo. Não são, contudo, "reformadores natos". Não insistem que todos acreditem nas suas ideias, mas são teimosos no sentido em que insistem no direito de acreditar nas suas próprias ideias, e evitarão toda a coerção.

— Na aula, Emma Hariston e Jack Pierce são contrapartes. (Para Rob:) Tu e Jack são contrapartes, mas tu e Emma não.

— Earl Williams e Sam Garret são contrapartes. Para os meus leitores, estes nomes nada significam. Contudo, em cada caso, as relações assinaladas indicam realizações e ligações interiores. As mesmas realidades surgem em cada uma das vossas vidas. Will Petrosky e Ben Fein são contrapartes. Will é um jovem muito intelectual, orgulhoso disso, embora se esforce bastante para mostrar que é um dos rapazes. Por outro lado, Ben Fein confia plenamente nas suas intuições e apoia-se nelas, embora tema, até certo ponto, a sua própria grande energia. Em muitos aspetos é uma criança, e absolutamente espontâneo.

— *Will sonha ser espontâneo. Contudo, mesmo neste grupo de aula aberto, a espontaneidade de Ben torna-se embaraçosa para adultos suficientemente livres para brincar com a ideia de espontaneidade, mas sem confiar nela completamente. Ben tem medo do intelecto. Receia que ele o "puxe para baixo".*

— *Ora, qualquer grupo mostrará o mesmo tipo de inter-relações. Podem vê-las por vocês mesmos. Há grande diversidade dentro da família de consciência chamada Sumari, tal como há dentro de qualquer raça física, e há também grande variedade dentro de outras famílias psíquicas.*

— *Vocês escolhem nascer numa determinada família física, contudo, com os vossos irmãos e irmãs, ou como filho único. Assim, em termos gerais, as vossas contrapartes nascem na mesma família psíquica dos vossos contemporâneos. Estas famílias podem chamar-se:*

— *1. Gramada*

— *2. Sumafi*

— *3. Tumold*

— *4. Void*

— *5. Milumet*

— 6. *Zuli*

— 7. *Borledim*

— 8. *Ilda*

— 9. *Sumari*

— *Ora, estas categorias não vêm primeiro. A vossa individualidade vem primeiro. Vocês têm certas características próprias. Estas colocam-vos numa determinada posição. Tal como não são uma rocha ou um mineral, mas uma pessoa, assim também a vossa individualidade vos coloca numa determinada família ou espécie de consciência. Isto representa o vosso ponto de vista global sobre a realidade.*

— *Gostam de ser iniciadores, seguidores ou nutridores. Gostam de criar variações sobre sistemas antigos, ou gostam de criar novos. Gostam de lidar principalmente com cura, ou com informação, ou com dados físicos. Gostam de lidar com visão, ou som, com sonhos, ou com a tradução de dados interiores para o material psíquico operante da vossa sociedade. Assim, escolhem um certo foco, tal como escolhem antecipadamente a vossa família física.*

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que a consciência se revela mais facilmente através do jogo, da criatividade e da imaginação livre do que através da seriedade rígida, da disciplina forçada ou da procura ansiosa por respostas espirituais.

- seriedade excessiva → bloqueio
- jogo → abertura
- criatividade → acesso
- imaginação → comunicação interior
- contrapartes → relações psíquicas vivas
- famílias psíquicas → tons ou espécies interiores de consciência

Seth desloca o eixo:

- espiritualidade como meta árdua

para:

- espiritualidade como expressão lúdica da criatividade do ser

1. A seriedade bloqueia a percepção

Os alunos da aula de Ruburt ficaram demasiado sérios ao tentar compreender as contrapartes.

- conceito novo → seriedade
- seriedade → tensão
- tensão → bloqueio

Quando a mente tenta agarrar rigidamente uma ideia psíquica, perde a abertura necessária para a perceber.

- controlo → estreitamento
 - estreitamento → perda de contato
 - contato psíquico → exige flexibilidade
-

2. Fred descobre contrapartes ao brincar com o conceito

Fred não força a experiência.

- ideia geral → mantida na mente
- imaginação criativa → solta
- brincadeira → descoberta

Ele aproxima-se como uma criança: aberto, curioso e entusiasmado.

- abertura → percepção
- curiosidade → exploração
- entusiasmo → sintonia

O resultado é que descobre algumas contrapartes por si mesmo.

- jogo → experiência direta
- experiência direta → confirmação subjetiva

3. A criatividade é suspeitada pela mente adulta

A maioria das pessoas suspeita da própria criatividade.

- criatividade → considerada irreal
- imaginação → desvalorizada
- produto interior → suspeito

Mas Seth liga diretamente criatividade, estados alterados, jogo e desenvolvimento espiritual.

- criatividade
 - estados alterados
 - jogo
 - desenvolvimento espiritual
- ✓ tudo → campo comum

O acesso espiritual não surge apenas da disciplina; surge da liberdade criativa.

4. Criar é produzir uma nova versão da realidade

Quando se cria um poema, uma canção ou uma pintura, entra-se num estado de jogo.

- criação → jogo
- jogo → prazer
- prazer → liberdade
- liberdade → nova versão da realidade

A criação nasce do amor pela experiência.

- amor → criação
- experiência → finalidade
- realidade → versão produzida

A criatividade não é ornamento. É produção de realidade.

5. As crianças sabem alterar o foco

As crianças compõem músicas, canções e imagens nas suas cabeças.

- criança → imaginação ativa
- imaginação → alteração de foco
- alteração de foco → contacto com outras porções do self

Elas não perguntam se o jogo é real ou pertinente.

- jogo → vivido
- realidade → experienciada
- análise excessiva → ainda ausente

Por isso, acedem mais facilmente a comunicações interiores.

6. O jogo desenvolve corpo e mente

O jogo não é inútil.

- jogo físico → desenvolve mecanismos do corpo
- jogo mental → flexibiliza capacidades da mente

- jogo psíquico → abre a percepção

É um dos métodos mais práticos de sobrevivência.

- jogo → adaptação
 - jogo → invenção
 - jogo → sobrevivência
 - jogo → criatividade
-

7. “A vida é séria” como perda espiritual

Quando se decide abandonar as “coisas infantis”, perde-se muitas vezes o contato com a criatividade.

- vida séria → criatividade reprimida
- criatividade reprimida → espírito distorcido
- espiritualidade → meta pesada

A pessoa transforma desenvolvimento espiritual num objetivo árduo.

- espírito → dever
- dever → esforço rígido
- esforço rígido → incompreensão do espírito

Seth é direto: enquanto se acredita que o espírito se atinge por trabalho duro, não se compreende o que o espírito é.

8. As plantas não trabalham para serem belas

Seth regressa às analogias naturais.

- planta → não trabalha para cumprir potencial
- planta → não tenta agradar
- planta → ama-se
- planta → ama a beleza

A beleza surge da autoexpressão natural.

- amor de si → beleza

- expressão espontânea → desenvolvimento
- potencial → florescimento

O espírito é mais parecido com florescimento do que com disciplina forçada.

9. A procura por mestres e regras

Quando se perde o contato com a própria espontaneidade, procura-se fora uma autoridade.

- insegurança interior → mestre ascenso
- medo da liberdade → guru
- falta de confiança → método rígido

Seth ironiza a procura por alguém que mantenha a pessoa “na linha” e indique o Caminho.

- Caminho imposto → sistema
- sistema → obediência

- obediência → perda de jogo

A espiritualidade viva não é policiamento interior.

10. As crianças e as contrapartes

As crianças estão mais conscientes das suas contrapartes.

- criança → sonho
- sonho → contraparte
- companheiro invisível → comunicação psíquica

Muitas experiências infantis podem envolver contato com porções da própria realidade individual.

- imaginação infantil → canal
- companheiro invisível → possível contraparte
- sonho → relação interior

O adulto racional ignora essas comunicações para preservar a sua identidade estreita.

11. O self adulto racional como guarda

O adulto tenta manter uma imagem racional de si.

- self adulto racional → guarda
- guarda → censura
- censura → ignora sonhos e devaneios

As comunicações com contrapartes continuam a ocorrer, mas são descartadas.

- sonho → ignorado
- devaneio → ignorado
- imaginação → desvalorizada

A realidade desconhecida está viva na psique, mas a mente adulta não lhe dá crédito.

12. Almas gémeas como distorção das contrapartes

A ideia de almas gémeas é baseada, em parte, na realidade das contrapartes.

- contrapartes → realidade psíquica
- almas gémeas → versão distorcida
- busca romântica → simplificação

O problema não é a existência de afinidades profundas, mas a interpretação rígida.

- alma gémea → metade perdida
- outro → completude
- união cimentada → sufocamento

Seth rejeita a ideia de que somos metade de outra alma.

13. A unidade cimentada sufoca o jogo

A procura pela alma gémea pode transformar-se numa peregrinação ansiosa por fusão.

- procura → ansiedade
- outro → salvação
- união total → perda de divisão
- perda de divisão → sufocamento

Quando toda a separação é apagada, o jogo e a criatividade desaparecem.

- diferença → relação
- relação → jogo
- jogo → criatividade
- fusão rígida → morte criativa

Não somos incompletos até sermos completados por outro.

14. Manter rigidamente a realidade é perdê-la

Frase-chave:

quando se tornam demasiado empenhados em manter a realidade → perdem-na

Isto acontece porque a realidade assenta na criatividade.

- realidade → criatividade
- criatividade → flexibilidade
- rigidez → negação da base

Quanto mais se tenta congelar a identidade, mais se perde a vitalidade que a sustenta.

15. O intelecto também é lúdico

Seth não rejeita a razão.

- razão verdadeira → importante
- intelecto → não deve ser ignorado

Mas o intelecto tem carácter lúdico.

- intelecto lúdico → exploração

- intelecto rígido → redução
- razão viva → jogo conceptual

Quando se força o intelecto a ser apenas sério, ele torna-se menor do que é.

16. Devaneios como contactos com contrapartes

Muitos devaneios mostram a pessoa como as suas contrapartes.

- devaneio → imagem de outra vida
- outra vida → possível contraparte
- tarefas quotidianas → abertura lateral

Porções das vidas das contrapartes podem chegar durante atividades comuns.

- quotidiano → passagem
- imaginação → canal
- contraparte → comunicação

O problema é que a pessoa chama a isso “apenas imaginação”.

17. A realidade desconhecida está viva na psique

A realidade desconhecida não está distante.

- realidade desconhecida → psique
- indícios → experiência quotidiana
- imaginação → porta

A própria vida física depende da imaginação.

- imaginar-se → existir
- imagem interior → forma física
- self físico → imaginação estabilizada

Vocês não estariam vivos se primeiro não se tivessem imaginado tal como são.

18. O jogo como sobrevivência

O jogo é método prático de sobrevivência.

- jogo → adaptação
- jogo → simulação
- jogo → invenção
- jogo → flexibilidade

Dentro do jogo estão os segredos da criatividade.

- jogo → criatividade
- criatividade → ser
- ser → expressão

Frase-eixo:

- ✓ dentro do jogo residem os segredos da criatividade
- ✓ dentro da criatividade residem os segredos do ser

19. A vida “real” é apenas um estrato estreito

Aquilo que consideram vida real é apenas uma camada estreita da experiência física.

- vida real comum → estrato estreito
- experiência física → mais ampla
- realidade desconhecida → presente no físico

Seth nem precisa de invocar outras realidades aqui; mesmo dentro da experiência física há mais amplitude do que a mente comum aceita.

- físico → não limitado ao habitual
 - Selfidade → mais vasta
 - jogo → descanso das distorções
-

20. Invenções nascem do jogo

Muitas grandes invenções surgiram quando o inventor não estava concentrado no trabalho.

- trabalho rígido → bloqueio
- passatempo → abertura
- jogo → ligação inesperada
- criatividade → invenção

O jogo permite recombinação de elementos que o esforço frontal não alcança.

21. Contrapartes próximas e distantes

Algumas contrapartes estão diretamente envolvidas conosco.

- contrapartes próximas → contacto direto
- contrapartes distantes → outras terras
- diferenças → idade / cultura / distância

Nem todas são fáceis de reconhecer.

- afinidade psíquica → nem sempre afinidade social
 - contraparte → pode ser estranha
 - contraparte → pode ser desconfortável
-

22. Intuição das contrapartes

Intuitivamente, sabe-se quem são algumas contrapartes na experiência diária.

- intuição → reconhecimento
- experiência diária → campo de encontro
- contraparte → ressonância

Mas reconhecer uma afiliação não implica criar uma “cultura de contrapartes”.

- reconhecimento → não missão
- afiliação → não obrigação
- contraparte → não posse

Seth evita transformar o conceito em novo sistema espiritual.

23. Contrapartes de quem se desgosta

Algumas pessoas de quem mais se desgosta podem ser contrapartes.

- desgosto → possível espelho
- contraparte → não necessariamente afinidade agradável
- mesmo desafio global → aspetos diferentes

Cada pessoa pode explorar uma faceta diferente do mesmo desafio.

- desafio comum → expressões diversas
 - afinidade psíquica → contraste
 - contraste → aprendizagem
-

24. Famílias como modelo simples

Não há nada de esotérico nas famílias.

- família → relação assumida como natural
- contrapartes → relação menos reconhecida

A família mostra como indivíduos podem representar papéis para um todo.

- rebelde → ousadia reprimida
- realizador → disciplina idealizada
- família → campo de distribuição de tendências

A mesma dinâmica pode ocorrer entre contrapartes.

25. Contrapartes como exageros de capacidades próprias

Uma contraparte pode mostrar, em forma exagerada, uma capacidade nossa não desenvolvida.

- contraparte → capacidade espelhada
- exagero → visibilidade

- visibilidade → aprendizagem

Podemos aprender com as contrapartes, e elas connosco.

- vocês → aprendem com elas
- elas → aprendem convosco
- relação → troca

Isto não significa que sejam pedaços de um self total hipotético.

- contrapartes → relação
 - não → fragmentos de uma unidade quebrada
-

26. A psique como planta de sementes

Seth volta à analogia vegetal.

- psique → planta
- sementes → expressões de si

- sementes → novas plantas
- novas plantas → novas variações

Algumas sementes caem no mesmo quintal.

- mesmo quintal → cultura comum
- mesmo grupo → contrapartes próximas

Outras viajam quilômetros.

- distância → outras culturas
- semente → mesma origem psíquica

27. Grupos como lares psíquicos

Tal como há regressos a casa nas famílias físicas, também há regressos psíquicos em grupos.

- grupo → lar psíquico
- contrapartes → reencontro

- pertença → memória interior

Muitos grupos políticos, cívicos, educativos ou religiosos são compostos por contrapartes.

- grupo → foco comum
 - foco comum → família psíquica
 - família psíquica → representação noutra nível
-

28. Famílias psíquicas

As contrapartes formam famílias psíquicas.

- família física → parentesco biológico
- família psíquica → parentesco de consciência
- grupo → foco incorporado

Cada grupo pode ter um foco: político, cívico, religioso, sexual ou outro.

- foco → organiza relações

- relações → identidade global do grupo
- membros → papéis

Alguns membros expressam tendências reprimidas de outros.

- grupo → distribuição de tendências
 - indivíduo → papel
 - campo comum → sustentação
-

29. Famílias de consciência

Seth afirma que, assim como há raças físicas, há contrapartes psíquicas das raças.

- raças físicas → diferenças corporais
- famílias de consciência → diferenças psíquicas
- famílias psíquicas → características globais

São famílias de consciência, relacionadas entre si, mas com especialidades próprias.

- relacionadas → unidade maior
 - especialidades → diferenças funcionais
 - família psíquica → tom de consciência
-

30. Sumari

A maioria dos alunos de Ruburt pertence à família Sumari.

Sumari → brincalhões

Sumari → inventores

Sumari → livres de amarras

Sumari → impacientes

Sumari → artes

Sumari → ciências menos convencionais

Mais tarde, Seth acrescenta:

Sumari → turbulentos

Sumari → anti-autoridade

Sumari → cheios de energia

Sumari → individualistas

Sumari → contra sistemas rígidos

Sumari → não reformadores natos

Sumari → defendem o direito às próprias ideias

Sumari → evitam coerção

A marca Sumari não é submissão a um grupo, mas liberdade criativa.

31. As nove famílias psíquicas

Seth enumera nove famílias de consciência:

- Gramada

- Sumafi
- Tumold
- Void
- Milumet
- Zuli
- Borledim
- Ilda
- Sumari

Estas categorias não vêm antes da individualidade.

- individualidade → primeiro
- família psíquica → consequência do tom individual
- categoria → não prisão

A família de consciência representa o ponto de vista global sobre a realidade.

32. Individualidade antes da categoria

Seth insiste: as categorias não vêm primeiro.

- individualidade → anterior
- características próprias → posição
- posição → família de consciência

A pessoa não pertence mecanicamente a uma família; a sua própria individualidade coloca-a nessa espécie de consciência.

- ser → tom
 - tom → família
 - família → afiliação
 - afiliação → não rótulo absoluto
-

33. Focos de atuação

As famílias psíquicas relacionam-se com modos de atuação.

- iniciador
- seguidor
- nutridor
- criador de variações
- criador de sistemas novos
- cura
- informação
- dados físicos
- visão
- som
- sonhos
- tradução de dados interiores

Cada consciência escolhe um foco, tal como escolhe uma família física.

- foco psíquico → escolhido
 - família física → escolhida
 - família psíquica → tom operativo
-

Movimento do capítulo

contrapartes tratadas com seriedade excessiva → Fred brinca com o conceito → imaginação criativa descobre relações → criatividade, jogo e espiritualidade ligados → crianças alteram o foco → vida séria bloqueia o espírito → plantas florescem sem esforço → busca por gurus e regras → crianças e companheiros invisíveis → sonhos com contrapartes → almas gémeas como distorção → unidade cimentada sufoca criatividade → intelecto lúdico → devaneios como contacto → realidade desconhecida na psique → jogo como sobrevivência → contrapartes próximas e distantes → contrapartes desagradáveis → famílias como modelo → grupos como famílias psíquicas → raças psíquicas → Sumari → espécies psíquicas interiores → nove famílias de consciência → individualidade antes da categoria → escolha de foco

Fórmula central

- jogo → criatividade
- criatividade → ser
- ser → realidade
- imaginação → acesso
- contraparte → relação psíquica
- alma gémea → distorção romântica
- grupo → família psíquica
- família psíquica → tom de consciência
- categoria → depois da individualidade
- Sumari → liberdade criativa
- espiritualidade → não esforço rígido
- espiritualidade → expressão viva do espírito

Chave interpretativa

O capítulo não está apenas a ensinar o conceito de contrapartes.

Está a ensinar **como se deve aproximar do conceito**.

- aproximação séria demais → bloqueio
- aproximação lúdica → contato
- imaginação → método
- curiosidade → abertura
- entusiasmo → sintonia

O conteúdo e o método são inseparáveis.

Para perceber contrapartes, famílias psíquicas e afiliações interiores, é preciso usar a mesma faculdade que as revela:

- criatividade
- jogo

- imaginação
 - espontaneidade
-

Aplicação percetiva

Este capítulo sugere perguntas práticas:

- ✓ com quem tenho ressonância espontânea?
- ✓ quem me irrita por expressar algo que reprimi?
- ✓ em que grupos sinto um estranho regresso a casa?
- ✓ que devaneios insistentes podem ser comunicações laterais?
- ✓ onde a minha criatividade brinca antes de eu a censurar?
- ✓ que família psíquica descreve melhor o meu tom predominante?

Mas sempre com cuidado:

- ✓ família psíquica → hipótese

- ✓ não → rótulo fechado
 - ✓ contraparte → relação
 - ✓ não → posse
 - ✓ jogo → exploração
 - ✓ não → sistema dogmático
-

Síntese final

O Capítulo 53 afirma que a consciência se conhece melhor quando brinca.

A criatividade, o jogo, os estados alterados e o desenvolvimento espiritual pertencem ao mesmo campo. Quando a pessoa se torna mortalmente séria, começa a desconfiar da imaginação, endurece o intelecto, procura regras, gurus e métodos rígidos, e perde o contato com a própria espontaneidade espiritual.

- seriedade → rigidez
- rigidez → perda de criatividade

- perda de criatividade → perda de contacto com o ser

As contrapartes não devem ser procuradas como almas gémeas, metades perdidas ou peças que completam um self incompleto. Elas são relações psíquicas vivas, através das quais diferentes indivíduos exploram aspetos de desafios comuns, espelham capacidades uns dos outros e participam em famílias psíquicas mais amplas.

- contraparte → espelho
- contraparte → contraste
- contraparte → relação
- contraparte → aprendizagem

As famílias psíquicas são espécies interiores de consciência, tons globais através dos quais diferentes indivíduos abordam a realidade. Contudo, Seth deixa claro que a individualidade vem primeiro. A família psíquica não deve ser transformada em prisão identitária.

- individualidade → primeiro
- família psíquica → depois
- categoria → ferramenta

- foco → escolha

A chave do capítulo é que a realidade desconhecida está viva na psique, e a imaginação não é “apenas imaginação”. É uma das vias pelas quais a consciência explora, comunica, joga e cria novas versões da realidade.

- imaginação → porta
- jogo → método
- criatividade → segredo
- ser → fonte

Dentro do jogo residem os segredos da criatividade.

E dentro da criatividade residem os segredos do ser.

A consciência não se revela quando é domesticada pela seriedade; revela-se quando a criatividade volta a brincar com o ser.

CAPÍTULO 54

A Consciência do Mundo, a Liberdade Criativa e a Confiança da Alma

— Quando estão num avião, olhando para baixo sobre o planeta, veem as cadeias montanhosas e os vales, os rios, planaltos, cidades, campos e aldeias. Até certo ponto, apercebem-se de que o mundo tem conteúdos físicos, existindo ao mesmo tempo, embora variando nas suas características. Nesses termos, o mundo é composto pelos seus elementos físicos. Esse “pacote”, contudo, é apenas a parte da imagem que vocês veem.

— Psiquicamente, o vosso mundo é composto pelos conteúdos da sua consciência. Vocês têm mapas de continentes e oceanos, e, na visão inteira, cada porção é como uma peça de um puzzle, encaixando-se perfeitamente, fluindo suavemente para a estrutura natural do mundo. Assim, em qualquer dado momento, existe uma consciência do mundo, um puzzle perfeito de consciência, no qual cada identidade, por maior ou menor que seja, tem a sua parte.

— Há terremotos que irrompem fisicamente, e deles se fazem registros. Há também terremotos interiores da consciência, dos quais emergem os físicos — tempestades da mente ou do ser,

erupções em que um segmento da consciência do mundo, reprimido numa área, explode noutra.

— Se pudessem orbitar o vosso planeta numa nave de outro tipo, poderiam ver os conteúdos psíquicos do mundo, observando a consciência do mundo a brilhar muito mais intensamente do que qualquer cidade iluminada. Poderiam localizar o ponto de atividade intensa, ver o nascimento de novos mitos e a morte dos antigos tão claramente como talvez fossem capazes de ver um deslizamento de montanha ou uma onda gigante. As porções físicas da Terra estão todas relacionadas. Do mesmo modo, a consciência forma o seu próprio tipo de estruturas interiores, das quais, novamente, emergem as físicas. Vocês são, de facto, contrapartes uns dos outros. Contudo, tal como há grande variedade na forma física, também as contrapartes seguem uma liberdade interior ainda mais expansiva, que encontra uma diversidade de características ainda maior.

— Como certamente já deixei implícito, o corpo é um organismo milagroso, e vocês mal aprenderam as mais simples das suas estruturas.¹ Não compreendem as propriedades da alma nem do corpo, contudo o corpo foi-vos dado para que pudessem aprender com ele. As propriedades da Terra destinam-se a conduzir-vos à natureza da alma. Vocês criam a realidade física, mas sem saber como o fazem, de modo que a estrutura maravilhosa da própria

¹ Seth, lá atrás, na Sessão 23, de 5 de fevereiro de 1964: “Também eu não sei todas as respostas. É, contudo, um facto que até o homem, à sua maneira desajeitada, descobrirá que ele próprio cria o seu universo físico, e que os mecanismos do corpo físico têm mais funções e variedades do que ele sabe.”

Terra se destina a levar-vos a questionar a vossa própria fonte. A natureza, tal como a compreendem, destina-se a ser vossa professora. Vocês não são seus mestres.

— O criador não é o mestre das suas criações. É simplesmente o seu criador, e cria porque não tenta controlar.

— Quando tentam controlar poder ou pessoas, vocês copiam sempre. Até certo ponto, o mundo copia-se a si mesmo, na medida em que existem padrões.² Mas esses padrões são sempre modificados, em maior ou menor grau, de modo que nenhum objeto é jamais uma cópia de outro — embora possa parecer igual.

— Nos vossos termos, o mundo é intensamente diferente de um momento para o outro, com cada mínima porção de consciência a escolher a sua realidade a partir de um campo de probabilidades infinitas. Cálculos imensos, muito para além das vossas decisões conscientes tal como as concebem, só são possíveis por causa da liberdade inexprimível que reside dentro de mundos diminutos no interior do vosso crânio — padrões de inter-relações, contrapartes tão astutamente entretecidas que cada uma é única, livre, e envolvida numa aventura cooperativa infinita, tão poderosa que os

² Por volta da altura em que Seth produzia o seu material sobre padrões para Realidade «Desconhecida», Jane estava a lidar com o mesmo conceito a partir do seu próprio ponto de vista, muito mais pessoal. Ver o Capítulo 18 de Política: “É todo o elemento humano que é tão desconcertante, vasto, humorístico e trágico ao mesmo tempo. Até certo ponto, o meu humor ajuda-me a evitar armadilhas e permite-me ajudar os outros a verem as suas vidas em melhor perspetiva.

“Depois compreendi outra coisa: os telefonemas, visitas e cartas estavam a formar padrões, tal como os acontecimentos subjetivos da minha vida estavam a fazer. Vinham em grupos, lidando com determinadas perguntas e assuntos específicos. Cada chamada dava-me a oportunidade de ver como várias pessoas organizavam a realidade exterior de acordo com políticas interiores. Espantoso que eu não tivesse visto as ligações mais cedo.”

átomos permanecem em certas formas e as mesmas estrelas brilham no céu.

— O familiar e o estranho estão intimamente ligados na vossa mais óbvia, na vossa mais simples expressão. Estão rodeados por milagres. Por que é, então, que o mundo parece tantas vezes sombrio e cruel? Por que é que os vossos semelhantes por vezes parecem monstros insensíveis — Frankensteins não de corpo, mas de mente, idiotas espirituais, ignorantes de qualquer herança de amor ou verdade, ou até de uma graciosa condição animal? Por que é que a muitos de vocês parece que a raça, a espécie, está condenada? Por que é que alguns de vocês sentem, nos seus momentos silenciosos, que tal sentença é justa?

— Vocês criam a vossa própria realidade.

— De modo geral, a maior parte de vocês vive no seu próprio mundo, com outros da sua espécie. Aqueles de vocês que não acreditam na guerra não a experienciaram. Ela pode ter-vos rodeado, mas vocês não a experienciaram. Aqueles de vocês que não acreditam na ganância não sofreram as suas “consequências”. Se ainda a veem, é porque faz parte da vossa realidade. Se são honestamente não gananciosos, mas veem ganância, então talvez estejam a servir de exemplo aos outros — mas vocês formam a vossa própria realidade.

— Há mais mundos do que supõem, e, na vossa própria experiência privada, cada um de vocês contribui para o mundo que

conhece. Vocês e as vossas contrapartes formam-no em conjunto. Só o vosso corpo físico está equipado para perceber muito mais do que atualmente lhe permitem. Fisicamente, fazem parte de todas as outras pessoas na Terra, e têm uma ligação com cada folha, cada rã e cada prego.

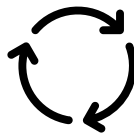
— Vocês escolhem a cidade, o estado ou o país onde vivem. Ninguém vos força a permanecer ali, a menos que estejam à procura de uma desculpa para ficar. Assim, escolhem também a vossa terra psíquica. Podem viajar de uma terra psíquica para outra, tal como podem viajar para outras partes do mundo físico. Alguns grandes viajantes nunca saíram do país onde nasceram.

— Michelangelo percorreu os séculos, recolhendo visões e ideias como outros poderiam comprar postais, viajando de um país para uma terra estrangeira. O seu génio mostra-vos aquilo que vocês são, e, contudo, não passa de um indício do potencial com que a vossa espécie foi dotada.

— À luz de tais ideais, certamente parecem deficientes — contudo a vossa realidade é uma em que foram permitidas as maiores liberdades. Isto significa que se concederam a si mesmos toda a amplitude, para que todas as probabilidades pudessem ser exploradas, e nenhuma fosse deixada de fora que fosse fisicamente viável.

— Esta espécie não se deu a si mesma quaisquer tabus "preordenados".

— *As gamas infinitas possíveis às capacidades humanas seriam exploradas — e aqueles que escolheram essa rota disseram: “Confiaríamos que a nossa criatividade encontraria o seu próprio caminho, e, se houvesse pesadelos, despertaríamos deles. Até aprenderíamos com eles. Ousaríamos empurrar para o lado as dimensões do ser, penetrando naqueles domínios onde apenas os deuses antes tinham ido — e, através da nossa absoluta vulnerabilidade à experiência, descobriríamos a divindade que dá sentido à nossa humanidade. E, através da compaixão que aprendemos, seríamos capazes de compreender os erros divinos(6) que nos deram a dádiva do nosso nascimento. Almas e moléculas estão ambas a aprender, ambas a formar realidades, ambas fazem parte de uma divindade na qual cada contraparte tem um papel a desempenhar.”*



— *Habito, de certo modo, num domínio mais direto do que o vosso. Esta é uma imagem. Permito-me um reconhecimento mais amplo do meu ser. Falo com a sabedoria, por exemplo, que as vossas células exprimiriam se tivessem fala.*

— *Estou mais consciente da minha realidade do que vocês estão da vossa, mas os termos do ser são os mesmos em todo o lugar e em todo o tempo. São eles que fazem emergir, em cada self, uma compreensão mais ampla de si mesmo. Ruburt experiencia agora*

aquilo a que chama uma qualidade massiva: uma expansão física e psíquica da consciência, na qual o querido mundo familiar parece pequeno — e, no entanto, duplamente precioso. É assim que ele se revela também à minha consciência.

— As pequenas guerras, mesmo aquelas que ainda serão travadas, não passam de memórias indistintas, outrora vitais, mas perdidas como pesadelos em despertares maiores. Assim, mesmo neste momento, Ruburt sente vagamente uma memória nostálgica de vidas vindas e idas, tal como vocês poderiam sentir em relação a sonhos queridos, mal recordados.

— Elas representam um presente único, para além de qualquer descrição, vivo em cada consciência, mais importante do que vocês reconhecem. Não há regras reais a seguir que vos conduzam a tal encontro com o momento presente da realidade — há apenas confiança na natureza do vosso ser. E essa confiança está dentro de vocês, quer a reconheçam quer não, pois é ela que vos dá a vossa experiência presente; e, por mais que a vossa mente questione, ela viaja em segurança na grande criatividade da alma.

— Essa alma cria constantemente o corpo, e cada indivíduo na face da Terra, em qualquer dado momento, deposita a sua confiança nessa realidade. Essa sensação de certeza é a mesma que qualquer planta conhece. Qualquer ideia, percepção criativa ou sonho viaja sobre o mesmo impulso seguro.

Síntese Operativa

Este capítulo amplia o princípio “vocês criam a vossa própria realidade” para uma escala planetária e espiritual.

- realidade física → superfície visível
- consciência do mundo → estrutura interior
- contrapartes → peças vivas do puzzle
- probabilidades → campo de escolha
- liberdade criativa → condição da espécie
- alma → confiança que sustenta corpo e experiência

Seth mostra que o mundo físico não é apenas um conjunto de objetos, lugares e acontecimentos, mas a expressão exterior de uma consciência planetária viva, formada por todas as identidades, humanas e não humanas.

1. O planeta visto de cima

Seth começa com a imagem de um avião sobre o planeta.

- avião → visão panorâmica
- montanhas / vales / rios / cidades / aldeias → conteúdos físicos
- mundo físico → pacote visível

A partir dessa perspectiva, percebe-se que o mundo contém muitos elementos físicos simultâneos, diferentes entre si, mas integrados numa só paisagem.

- diversidade física → unidade planetária
- mapa físico → superfície da realidade

Mas essa visão mostra apenas uma parte da imagem.

- visível → parcial
- físico → superfície
- consciência → conteúdo oculto

2. A consciência do mundo

Psiquicamente, o mundo é composto pelos conteúdos da sua consciência.

- mundo físico → continentes e oceanos
- mundo psíquico → conteúdos de consciência
- consciência do mundo → puzzle perfeito de consciência

Cada identidade tem o seu lugar.

- cada identidade → peça do puzzle
- peça → função própria
- puzzle → consciência planetária

Nada está isolado.

- identidade pequena → parte
 - identidade grande → parte
 - todas → estrutura viva do mundo
-

3. Terramotos interiores da consciência

Os terremotos físicos têm correspondentes interiores.

- terremoto físico → manifestação
- terremoto interior → origem psíquica
- tempestade da mente → erupção exterior

Um segmento da consciência do mundo, reprimido numa área, pode explodir noutra.

- repressão psíquica → acumulação
- acumulação → erupção
- erupção → acontecimento físico

Seth desloca a catástrofe física para uma dinâmica mais profunda da consciência.

4. Ver os conteúdos psíquicos do planeta

Se fosse possível orbitar a Terra numa nave de outro tipo, ver-se-ia a consciência do mundo a brilhar.

- nave física → vê geografia
- nave psíquica → vê consciência
- cidade iluminada → brilho físico
- consciência do mundo → brilho mais intenso

Nessa visão, seria possível ver:

- nascimento de novos mitos
- morte de mitos antigos
- pontos de atividade intensa
- deslizamentos interiores
- ondas psíquicas

Os mitos não são apenas ideias. São formações vivas da consciência coletiva.

5. Estruturas interiores e estruturas físicas

As partes físicas da Terra estão relacionadas.

- montanhas → rios → oceanos → cidades
- estrutura física → interdependência

Do mesmo modo, a consciência forma estruturas interiores.

- consciência → estruturas psíquicas
- estruturas psíquicas → estruturas físicas

A realidade física emerge de organizações interiores da consciência.

- interior → organiza
- exterior → manifesta

6. Todos como contrapartes

Seth amplia o conceito de contraparte.

- vocês → contrapartes uns dos outros
- mundo → rede de identidades
- identidade → relação

Cada consciência participa da totalidade, mas sem perder a sua diferença.

- unidade → não uniformidade
- contrapartes → liberdade interior
- diversidade → maior que a forma física

As contrapartes não reduzem a individualidade; ampliam o campo relacional da identidade.

7. O corpo como professor

O corpo é um organismo milagroso.

- corpo → organismo milagroso
- humanidade → conhece apenas estruturas simples

- corpo → professor da consciência

Seth não separa corpo e alma como opostos.

- corpo → caminho para a alma
- Terra → caminho para a fonte
- natureza → professora

A natureza não existe para ser dominada, mas para ensinar.

- natureza → professora
- humano → aprendiz
- humano ≠ mestre da natureza

8. Criar não é controlar

Frase-chave:

o criador não é o mestre das suas criações

Criar não é dominar aquilo que foi criado.

- criação → liberdade
- controlo → cópia
- criador → não controlador

O criador cria precisamente porque não tenta controlar.

- não controlo → criatividade
 - controlo → repetição
 - repetição → cópia
-

9. Padrões sem cópias

O mundo tem padrões, mas nada é mera cópia.

- padrão → continuidade
- variação → criatividade

- semelhança → não identidade

Nenhum objeto é exatamente cópia de outro, mesmo que pareça igual.

- padrões → repetem-se
- criatividade → modifica
- cada forma → única

A realidade mantém coerência sem perder novidade.

10. Cada momento é diferente

O mundo muda intensamente de um momento para outro.

- momento → escolha
- porção mínima de consciência → seleciona realidade
- campo de probabilidades infinitas → fonte

Cada pequena porção de consciência participa na escolha da realidade.

- UC / consciência mínima → escolha
- escolha → forma
- forma → mundo

O mundo parece estável porque há cooperação imensa entre incontáveis consciências.

11. A cooperação invisível da realidade

A estabilidade do mundo resulta de liberdade cooperativa.

- mundos diminutos no crânio → liberdade
- padrões de inter-relações → coordenação
- contrapartes entretecidas → singularidade
- aventura cooperativa infinita → estabilidade física

Essa cooperação é tão poderosa que:

- átomos → permanecem em certas formas

- estrelas → brilham no céu
- realidade → mantém continuidade

A estabilidade não vem de rigidez, mas de cooperação criativa.

12. Milagre, crueldade e condenação

Seth confronta o contraste.

- mundo → rodeado de milagres
- percepção humana → vê crueldade
- semelhantes → parecem monstros
- espécie → parece condenada

A pergunta é direta:

- por que parece justo condenar a espécie?

Seth toca no pessimismo humano diante da violência, da guerra, da ganância e da aparente brutalidade mental.

13. Vocês criam a vossa própria realidade

Frase isolada:

Vocês criam a vossa própria realidade.

Aqui a frase ganha escala maior.

- realidade pessoal → criada
- mundo experienciado → escolhido
- campo coletivo → participado

A criação da realidade não é apenas um princípio individual; é também uma participação em mundos partilhados com outros da mesma espécie, das mesmas crenças e das mesmas contrapartes.

14. Mundos privados e mundos partilhados

De modo geral, cada pessoa vive no seu próprio mundo, com outros da sua espécie.

- crença → mundo
- afinidade → companhia
- experiência → seleção

A guerra, a ganância e outros fenómenos podem rodear uma pessoa sem serem experienciados do mesmo modo por ela.

- acontecimento exterior → não igual para todos
- crença → modo de participação
- realidade → versão experienciada

Ver algo ainda pode significar que isso faz parte da realidade da pessoa — nem que seja como campo onde serve de exemplo.

15. Mais mundos do que supomos

Há mais mundos do que imaginamos.

- mundo conhecido → um entre muitos
- experiência privada → contribuição

- contrapartes → coformação

Cada pessoa e as suas contrapartes contribuem para formar o mundo que conhece.

- eu → contribuo
 - contrapartes → contribuem
 - mundo conhecido → formação conjunta
-

16. O corpo percebe mais do que permitimos

O corpo físico está equipado para perceber muito mais do que lhe permitimos.

- corpo → capacidade ampliada
- mente comum → restrição
- percepção física → potencial maior

Fisicamente, estamos ligados a todas as pessoas e a todas as formas.

- pessoa → pessoa
- folha → rã → prego
- tudo → conexão física e psíquica

O corpo não é uma prisão da consciência; é uma estação percetiva subutilizada.

17. A terra psíquica

Assim como escolhemos cidade, estado ou país, também escolhemos uma terra psíquica.

- cidade física → escolha
- país físico → escolha
- terra psíquica → escolha

Podemos viajar de uma terra psíquica para outra.

- viagem física → deslocação espacial
- viagem psíquica → deslocação de foco

Alguns grandes viajantes nunca saíram do país onde nasceram.

- viagem exterior → não necessária
 - viagem interior → expansão real
-

18. Michelangelo como viajante psíquico

Michelangelo percorreu os séculos.

- génio → viagem psíquica
- séculos → territórios
- visões e ideias → postais recolhidos

O seu génio mostra o que a espécie é.

- génio individual → indício da espécie
- potencial humano → muito maior
- Michelangelo → pista, não exceção absoluta

A genialidade revela capacidades humanas latentes.

19. A espécie escolheu liberdade radical

A realidade humana permite as maiores liberdades.

- espécie humana → amplitude total
- probabilidades → exploradas
- fisicamente viável → permitido

A espécie não se deu tabus preordenados.

- sem tabus preordenados → liberdade radical
- liberdade radical → risco
- risco → aprendizagem
- aprendizagem → expansão

Essa liberdade inclui pesadelos, mas também a capacidade de despertar deles.

20. Pesadelos como parte da exploração

A humanidade escolheu confiar que a criatividade encontraria o seu caminho.

- criatividade → orientação
- pesadelos → experiências extremas
- despertar → possibilidade
- aprendizagem → integração

A espécie ousou entrar em domínios antes reservados aos deuses.

- vulnerabilidade → experiência
- experiência → humanidade
- humanidade → descoberta da divindade

A divindade não é encontrada evitando a vulnerabilidade, mas atravessando-a.

21. Os erros divinos

Seth fala de “erros divinos”.

- erros divinos → dilemas criativos
- nascimento → dádiva
- compaixão → compreensão

A compaixão aprendida através da experiência permite compreender os próprios processos criativos que deram origem à existência.

- experiência → sofrimento
- sofrimento → compaixão
- compaixão → compreensão da divindade

A humanidade aprende a reconhecer a divindade através da fragilidade.

22. Almas e moléculas aprendem

Frase-chave:

almas e moléculas estão ambas a aprender

Não há divisão rígida entre espiritual e material.

- alma → aprende
- molécula → aprende
- ambas → formam realidades
- ambas → participam da divindade

Cada contraparte tem um papel.

- contraparte → função
- função → divindade em ação
- matéria e alma → mesma aventura criativa

23. O domínio mais direto de Seth

Na segunda parte, Seth fala da sua própria posição.

- Seth → domínio mais direto

maior reconhecimento do ser

- voz das células → sabedoria sem fala

Ele afirma estar mais consciente da sua realidade do que nós da nossa, mas os termos do ser são os mesmos em todo o lugar e em todo o tempo.

- realidades diferentes → mesmos termos do ser
- self → procura compreender-se
- ser → expressão em múltiplos níveis

24. A qualidade massiva

Ruburt experiencia uma qualidade massiva.

- massividade → expansão física e psíquica da consciência
- mundo familiar → pequeno

- mundo familiar → duplamente precioso

Quando a consciência se expande, o mundo cotidiano não perde valor; torna-se ainda mais precioso.

- expansão → não rejeição do mundo
 - mundo pequeno → mundo precioso
 - consciência ampliada → ternura pelo familiar
-

25. Guerras como memórias de pesadelo

As pequenas guerras, mesmo as futuras, são vistas como memórias indistintas.

- guerra → outrora vital
- despertar maior → transforma guerra em pesadelo
- pesadelo → memória distante

Do ponto de vista ampliado, dramas intensos perdem a sua centralidade.

- sofrimento → não negado
 - sofrimento → relativizado em despertar maior
 - vida → sonho querido, mal recordado
-

26. O presente único

As vidas vindas e idas representam um presente único, vivo em cada consciência.

- vidas → não apenas passado
- presente → único
- presente → vivo em cada consciência

O presente é mais importante do que reconhecemos.

- momento presente → encontro com realidade
- presente → porta
- presença → realidade viva

27. Não há regras reais

Não existem regras reais que conduzam ao encontro com o momento presente da realidade.

- regra → insuficiente
- método rígido → não conduz
- confiança → conduz

A chave é confiar na natureza do ser.

- confiança → base
- ser → sustentação
- experiência presente → dada pela confiança

Mesmo quando a mente questiona, ela viaja em segurança na criatividade da alma.

28. A alma cria constantemente o corpo

A alma cria o corpo continuamente.

- alma → cria corpo
- corpo → expressão contínua
- experiência presente → sustentada pela alma

Cada indivíduo deposita confiança nessa realidade, reconheça-o ou não.

- confiança → operação básica
- vida → fé incarnada
- corpo → prova dessa confiança

A planta conhece essa mesma certeza.

- planta → certeza natural
 - humano → esquece a certeza
 - alma → continua a criar
-

29. Ideia, percepção criativa e sonho

Qualquer ideia, percepção criativa ou sonho viaja sobre o mesmo impulso seguro.

- ideia → impulso seguro
- percepção criativa → impulso seguro
- sonho → impulso seguro

Tudo nasce da mesma confiança criativa.

- alma → criatividade
- criatividade → corpo
- criatividade → mundo
- criatividade → sonho

Movimento do capítulo

visão aérea do planeta → conteúdos físicos → pacote visível → conteúdos psíquicos do mundo → consciência do mundo como

puzzle → terremotos interiores → mitos que nascem e morrem → estruturas interiores da consciência → todos como contrapartes → corpo como organismo milagroso → Terra como professora → criador não controla → controlo copia → padrões sem cópias → cada momento escolhe a realidade → probabilidades infinitas → cooperação invisível dos átomos e estrelas → mundo milagroso e cruel → vocês criam a vossa própria realidade → mundos privados e partilhados → corpo subutilizado → terra psíquica → Michelangelo viajante dos séculos → espécie sem tabus preordenados → liberdade radical → pesadelos e despertar → vulnerabilidade humana → divindade na humanidade → erros divinos → almas e moléculas aprendem → Seth como consciência mais direta → qualidade massiva → mundo familiar pequeno e precioso → guerras como pesadelos → presente único → confiança no ser → alma cria corpo → sonho, ideia e percepção criativa viajam no mesmo impulso

Fórmula central

- mundo físico → superfície
- mundo psíquico → conteúdo
- consciência do mundo → puzzle vivo
- identidade → peça do puzzle

- terramoto físico → erupção exterior
- terramoto interior → erupção da consciência
- contrapartes → rede planetária
- corpo → professor
- Terra → professora
- criador → não controlador
- controlo → cópia
- liberdade → criação
- probabilidades → campo
- espécie humana → exploração radical
- pesadelo → experiência
- despertar → aprendizagem
- compaixão → compreensão

- alma → cria corpo
 - confiança → sustenta experiência
-

Chave interpretativa

Este capítulo une três escalas:

- planetária
- humana
- íntima

Na escala planetária:

- Terra física → expressão visível
- consciência do mundo → estrutura interior

Na escala humana:

- espécie → liberdade radical

- probabilidades → exploração
- sofrimento → risco da liberdade
- compaixão → fruto da experiência

Na escala íntima:

- alma → cria corpo
- confiança → sustenta presente
- ideia / sonho / percepção criativa → impulso seguro

O capítulo mostra que a realidade não é controlada a partir de fora. Ela é continuamente criada a partir de dentro.

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ que mundo estou a escolher experienciar?
- ✓ que terra psíquica habito?

- ✓ que padrões estou a repetir como cópia?
 - ✓ onde estou a tentar controlar em vez de criar?
 - ✓ que pesadelos podem tornar-se aprendizagem?
 - ✓ que parte do corpo ainda não reconheço como professora?
 - ✓ que mundo familiar se tornaria mais precioso se eu o visse a partir de uma consciência mais ampla?
-

Síntese final

O Capítulo 54 apresenta a Terra como uma realidade dupla: fisicamente composta por montanhas, rios, cidades e aldeias; psiquicamente composta pelos conteúdos vivos da sua consciência.

- Terra física → mapa exterior
- Terra psíquica → mapa interior
- consciência do mundo → puzzle de identidades

Cada identidade participa nesse puzzle, e todos são, em algum grau, contrapartes uns dos outros.

- identidade → peça
- contraparte → relação
- mundo → cooperação

A criação não nasce do controlo, mas da liberdade. Quando se tenta controlar, copia-se; quando se confia, cria-se. O mundo mantém padrões, mas cada forma é nova, pois cada mínima porção de consciência escolhe a sua realidade a partir de probabilidades infinitas.

- controlo → cópia
- confiança → criação
- probabilidade → escolha
- escolha → realidade

A espécie humana escolheu uma liberdade radical, sem tabus preordenados, permitindo que todas as probabilidades fisicamente viáveis fossem exploradas. Essa liberdade inclui pesadelos, guerras e erros, mas também a possibilidade de despertar, aprender e desenvolver compaixão.

- liberdade → risco

- risco → experiência
- experiência → compaixão
- compaixão → compreensão da divindade

No fecho, Seth desloca tudo para a confiança básica do ser. A alma cria constantemente o corpo; cada indivíduo vive apoiado nessa certeza profunda, mesmo quando a mente duvida. A mesma confiança que sustenta uma planta sustenta uma ideia, uma percepção criativa, um sonho e a própria experiência presente.

- alma → cria corpo
- corpo → confiança incarnada
- presente → sustentado pela alma
- sonho → mesmo impulso seguro

O mundo não é uma máquina controlada de fora.

É uma criação viva, cooperativa e probabilística, sustentada pela liberdade da consciência e pela confiança silenciosa da alma.

A realidade não nasce do controlo, mas da confiança criativa com que a alma, a cada instante, transforma consciência em mundo.

CAPÍTULO 55

As Famílias de Consciência, a Tonalidade Psíquica e o Espírito Sumari

— Há uma ligação entre as contrapartes e as famílias de consciência.

— Tal como vocês e os vossos irmãos ou irmãs podem pertencer à mesma família física, também, geralmente, vocês e as vossas contrapartes fazem parte do mesmo grupo psíquico de consciência. Lembrem-se, contudo, de que esses grupos psíquicos são como formações naturais para as quais a consciência parece fluir. Os vossos próprios interesses, desejos e capacidades não são predeterminados pela vossa pertença a uma determinada família psíquica.

— Por exemplo, vocês não são criativamente brincalhões porque são Sumari. Pelo contrário, juntam-se ao agrupamento Sumari porque são criativamente brincalhões. Os grupos de consciência, portanto, não devem ser equiparados, digamos, às casas astrológicas.

— Tomando os Sumari como exemplo, pode haver Sumari demasiado tensos, pesados, ou simplesmente sombrios, que ainda

não aprenderam a usar a sua criatividade com graça ou alegria. Contudo, esse uso alegre da capacidade será o seu intento. Em determinados períodos da história, nos vossos termos, diferentes famílias podem predominar.

— Os grupos psíquicos, contudo, sobrepõem-se aos grupos físicos e nacionais. Os Sumari são extremamente independentes, por exemplo, e, regra geral, não os encontrarão nascidos em países com ditaduras. Quando aparecem em tais lugares, o seu trabalho pode lançar uma faísca que provoca mudanças, mas raramente empreendem ação política conjunta. A sua criatividade é muito ameaçadora para uma sociedade desse tipo.

— Contudo, os Sumari são práticos, no sentido em que trazem visões criativas para a realidade física e tentam viver as suas vidas de acordo com elas. São iniciadores, mas pouco procuram preservar organizações, mesmo aquelas que consideram bastante benéficas. Não são transgressores da lei por intenção ou desígnio. Não são reformadores no sentido mais estrito, embora o seu trabalho lúdico acabe muitas vezes por reformar uma sociedade ou cultura. Têm inclinação para a arte, mas também no seu sentido mais amplo, tentando fazer, por exemplo, uma "arte" de viver. Fizeram parte da maioria das civilizações, embora tenham aparecido menos na Idade Média (476 d.C. – c. 1450 d.C.) do que em qualquer outra época. Frequentemente chegam à plena força antes de grandes mudanças sociais. Outros poderão construir estruturas sociais a partir do seu trabalho, por exemplo, mas os próprios Sumari, embora satisfeitos, normalmente não serão capazes de sentir qualquer pertença intuitiva a qualquer grupo estruturado.

— Não há, contudo, qualquer correlação entre as famílias de consciência e as características corporais. Muitos Sumari escolhem nascer na primavera, mas nem todos os que nascem na primavera são Sumari, e nenhuma regra geral se aplica nesse ponto. Também têm preferência por certas raças, mas, novamente, não se aplicam regras específicas. Muitos irlandeses, judeus, espanhóis e alguns grupos menos numerosos de franceses, por exemplo, são Sumari — embora apareçam em todas as raças.

— De modo geral, a América não tem sido uma nação Sumari, nem os países escandinavos ou a Inglaterra. Psiquicamente falando, os Sumari muitas vezes organizam muito bem existências em que são uma minoria — numa democracia, digamos, para poderem trabalhar na sua arte dentro de uma situação política razoavelmente estável. Não se interessam por governo, mas dependem dele até esse ponto. Tendem a ser autossuficientes dentro desse enquadramento. As suas capacidades artísticas reconhecidas podem predominar ou ser bastante mínimas.

— Sumari é um estado de espírito, uma inclinação do ser. Não são combatentes, nem geralmente defendem a derrubada violenta de governos ou costumes. Acreditam na criatividade da mudança que ocorre naturalmente.

— Ainda assim, fazem frequentemente parte da subcultura simplesmente porque raramente são conformistas. Um Sumari

sente-se muito desconfortável como membro de qualquer grande empreendimento comercial, sobretudo se o trabalho envolver rotina habitual ou aborrecida. Não são felizes em linhas de montagem. Gostam de brincar com os detalhes — ou de os usar para fins criativos. Muitas vezes passam de um emprego ou profissão para outro por essa razão.

— *Se começarem a investigar a vossa própria natureza e sentirem intuitivamente que são Sumari, então devem procurar uma posição em que possam usar a vossa inventividade. Os Sumari gostam de matemática teórica, por exemplo, mas são péssimos contabilistas.*

— *Nas artes, Picasso era Sumari.*

— *Muitos artistas de palco e de entretenimento são Sumari. Raramente os encontrarão na política. Normalmente não são historiadores.*

— *Há poucos com alguma posição dentro das religiões organizadas. Contudo, devido ao seu sentido de autossuficiência, podem encontrá-los como agricultores, trabalhando intuitivamente com a terra. Dividem-se igualmente entre os sexos. Na vossa sociedade, contudo, as qualidades Sumari no homem foram, até há pouco tempo, desaprovadas em certo grau.*

Síntese Operativa

Este capítulo esclarece a relação entre contrapartes, famílias de consciência e tonalidade psíquica predominante.

Seth corrige logo a leitura determinista:

- família psíquica → não determina a individualidade
- individualidade → possui tonalidade própria
- tonalidade própria → flui para determinada família de consciência

A pertença a uma família psíquica não funciona como signo astrológico, destino fixo ou categoria imposta.

- não és criativo porque és Sumari
- és Sumari porque a tua tonalidade já é criativamente brincalhona

A família de consciência é, portanto, uma formação natural de ressonância.

1. Contrapartes e famílias de consciência

Há uma ligação entre contrapartes e famílias de consciência.

- contrapartes → relações psíquicas
- famílias de consciência → agrupamentos psíquicos
- contrapartes → geralmente dentro do mesmo grupo psíquico

Tal como irmãos físicos podem pertencer à mesma família biológica, as contrapartes tendem a pertencer ao mesmo grupo psíquico de consciência.

- família física → parentesco biológico
 - família psíquica → parentesco de tonalidade
-

2. Grupos psíquicos como formações naturais

Os grupos psíquicos são como formações naturais.

- consciência → flui
- fluxo → formação natural

- formação natural → grupo psíquico

A consciência não é colocada artificialmente numa categoria.

Ela parece fluir para agrupamentos compatíveis com os seus próprios interesses, desejos e capacidades.

- interesses → direção
 - desejos → afinidade
 - capacidades → expressão
 - afinidade → agrupamento
-

3. Não há predeterminação

Os interesses, desejos e capacidades não são predeterminados pela pertença a uma família psíquica.

- família psíquica → não causa o talento
- família psíquica → não impõe o desejo
- família psíquica → não determina a capacidade

A direção é inversa.

- talento / desejo / capacidade → tonalidade
- tonalidade → família psíquica

Este é o ponto-chave do capítulo.

4. A frase-eixo dos Sumari

Seth dá o exemplo mais claro:

não são criativamente brincalhões porque são Sumari

juntam-se ao agrupamento Sumari porque são criativamente brincalhões

A pertença não cria a característica.

A característica cria a ressonância.

- criatividade lúdica → ressonância Sumari
- ressonância Sumari → agrupamento

- agrupamento → família de consciência
-

5. Famílias de consciência não são casas astrológicas

Seth distingue os grupos de consciência de sistemas classificatórios rígidos.

- casas astrológicas → categorias estruturadas
- famílias de consciência → formações naturais
- categoria fixa → perigo de determinismo
- formação natural → fluidez de ressonância

As famílias psíquicas não devem ser usadas como rótulos fechados.

- rótulo → prisão
- ressonância → orientação
- família psíquica → mapa
- não → destino

6. Sumari sem alegria

Nem todos os Sumari expressam facilmente a alegria criativa.

- Sumari → tonalidade criativa
- Sumari tenso → criatividade bloqueada
- Sumari sombrio → alegria ainda não integrada
- Sumari pesado → capacidade sem fluidez

Pode haver Sumari demasiado sérios, tensos ou sombrios, que ainda não aprenderam a usar a criatividade com graça e alegria.

Mas esse uso alegre continua a ser o seu intento.

- intento → criatividade alegre
 - bloqueio → expressão distorcida
 - aprendizagem → recuperar graça
-

7. Famílias predominantes em certas épocas

Em determinados períodos históricos, diferentes famílias podem predominar.

- época histórica → tonalidades predominantes
- tonalidades predominantes → famílias mais ativas
- famílias mais ativas → expressão cultural

A história não é apenas sucessão de acontecimentos exteriores.

É também alternância de tonalidades psíquicas predominantes.

- psique coletiva → padrões históricos
- padrões históricos → cultura
- cultura → forma exterior

8. Grupos psíquicos atravessam nações e raças

Os grupos psíquicos sobrepõem-se aos grupos físicos e nacionais.

- família psíquica → atravessa nacionalidade
- família psíquica → atravessa raça
- família psíquica → atravessa corpo

Não há correlação rígida entre famílias de consciência e características corporais.

- corpo → não determina família psíquica
- raça → não determina família psíquica
- nacionalidade → não determina família psíquica

A tonalidade psíquica é mais profunda do que as classificações exteriores.

9. Sumari e independência

Os Sumari são extremamente independentes.

- Sumari → independência
- independência → dificuldade com ditaduras

- ditadura → estrutura rígida
- criatividade Sumari → ameaça ao controle

Regra geral, não nascem em grande número em países ditatoriais.

Quando aparecem nesses contextos, o seu trabalho pode lançar faíscas de mudança.

- Sumari em ditadura → faísca
- faísca → mudança
- mudança → raramente por ação política conjunta

Eles não costumam atuar como bloco político organizado.

10. Criatividade ameaçadora

A criatividade Sumari é ameaçadora para sociedades rígidas.

- criatividade → liberdade
- liberdade → imprevisibilidade

- imprevisibilidade → ameaça ao controlo

Uma sociedade autoritária teme a criatividade porque ela abre novas possibilidades.

- controlo → repetição
 - criatividade → variação
 - variação → mudança
 - mudança → erosão da rigidez
-

11. Sumari como práticos criativos

Os Sumari são práticos num sentido próprio.

- visão criativa → realidade física
- ideia → forma
- arte → vida

Não vivem apenas de abstrações.

Tentam trazer as suas visões criativas para a realidade física e viver de acordo com elas.

- imaginação → prática
 - criação → encarnação
 - vida → obra
-

12. Iniciadores, não preservadores

Os Sumari são iniciadores.

- Sumari → iniciar
- iniciar → lançar
- lançar → abrir caminho

Mas raramente se dedicam a preservar organizações.

- organização → manutenção
- manutenção → rotina

- rotina → incompatibilidade Sumari

Mesmo quando reconhecem valor numa organização, não costumam sentir-se intuitivamente pertencentes a ela.

- estrutura útil → reconhecida
 - pertença intuitiva → ausente
-

13. Reformadores involuntários

Os Sumari não são reformadores no sentido estrito.

- reformador → programa
- Sumari → criação
- programa político → pouco apelativo
- trabalho lúdico → reforma indireta

O seu trabalho pode acabar por reformar uma sociedade ou cultura, mas essa reforma é consequência da criatividade, não de um projeto disciplinado de reforma.

- criatividade → transformação
 - transformação → reforma cultural
 - reforma → efeito secundário
-

14. A arte de viver

Os Sumari têm inclinação para a arte, mas num sentido amplo.

- arte → não apenas pintura / música / literatura
- arte → modo de viver
- vida → matéria criativa
- quotidiano → campo artístico

Tentam fazer uma “arte” de viver.

- existência → expressão
- expressão → forma

- forma → criatividade incarnada
-

15. Sumari e mudanças sociais

Os Sumari frequentemente chegam à plena força antes de grandes mudanças sociais.

- Sumari → antecipação
- criatividade → abertura de possibilidades
- mudança social → novos padrões

Outros podem construir estruturas sociais a partir do trabalho Sumari.

- Sumari → inicia
- outros → estruturam
- Sumari → seguem adiante

É como se lançassem sementes que outros depois organizam em jardins.

16. Sumari, primavera e ausência de regra

Muitos Sumari escolhem nascer na primavera, mas isto não é regra geral.

- primavera → afinidade frequente
- nascimento na primavera → não prova Sumari
- Sumari → pode nascer em qualquer estação

Seth impede novamente a cristalização do conceito.

- indício → sim
 - lei fixa → não
 - padrão → sim
 - determinismo → não
-

17. Sumari em várias raças

Muitos irlandeses, judeus, espanhóis e alguns franceses são Sumari, mas eles aparecem em todas as raças.

- raça → não limite
- nacionalidade → não limite
- família psíquica → atravessa categorias físicas

A família de consciência é uma organização psíquica, não biológica.

- biologia → expressão física
 - psique → tonalidade de consciência
-

18. Sumari como minoria criativa

Os Sumari muitas vezes organizam existências em que são minoria.

- minoria → margem
- margem → liberdade relativa
- democracia estável → espaço para arte

Não se interessam profundamente por governo, mas beneficiam de uma estrutura política suficientemente estável.

- governo → não foco
 - estabilidade → condição útil
 - arte → foco
-

19. Autossuficiência

Os Sumari tendem a ser autossuficientes.

- autossuficiência → independência prática
- independência prática → liberdade criativa
- liberdade criativa → escolha de vida

A sua capacidade artística pode ser grande ou mínima, mas a tonalidade permanece.

- arte reconhecida → pode existir
- arte reconhecida → pode ser mínima

- estado de espírito → permanece
-

20. Sumari como estado de espírito

Frase-chave:

Sumari é um estado de espírito

Sumari é uma inclinação do ser

Não se trata apenas de talento artístico visível.

- Sumari → maneira de estar
- Sumari → modo de sentir
- Sumari → direção da consciência

A família psíquica descreve um tom de ser, não uma profissão.

21. Mudança criativa, não violência

Os Sumari não são combatentes.

- Sumari → não combatente
- Sumari → não derrubada violenta
- Sumari → mudança natural

Acreditam na criatividade da mudança que ocorre naturalmente.

- mudança imposta → violência
 - mudança criativa → germinação
 - germinação → transformação orgânica
-

22. Subcultura e inconformismo

Os Sumari fazem frequentemente parte da subcultura.

- Sumari → raramente conformista
- não conformismo → posição marginal

- posição marginal → subcultura

Não se encaixam facilmente na cultura dominante.

- cultura dominante → norma
 - Sumari → variação
 - variação → tensão com a norma
-

23. Desconforto com grandes empresas

Um Sumari sente-se desconfortável em grandes empreendimentos comerciais, sobretudo se o trabalho envolve rotina habitual ou aborrecida.

- grande empresa → estrutura
- rotina → repetição
- repetição → desgaste Sumari
- linha de montagem → infelicidade

A repetição sem criatividade é profundamente incompatível com a tonalidade Sumari.

24. Brincar com os detalhes

Os Sumari gostam de brincar com os detalhes ou de os usar para fins criativos.

- detalhe → matéria de jogo
- jogo → recombinação
- recombinação → invenção
- invenção → expressão Sumari

O detalhe só lhes interessa quando pode ser transformado.

- detalhe morto → aborrecimento
 - detalhe vivo → criação
-

25. Mudança de emprego ou profissão

Muitos Sumari passam de um emprego ou profissão para outro.

- rotina → saturação
- saturação → mudança
- mudança → nova possibilidade
- nova possibilidade → criatividade

Não é necessariamente instabilidade gratuita.

É procura de contexto compatível com a inventividade.

26. Procurar uma posição inventiva

Se alguém sente intuitivamente que é Sumari, deve procurar uma posição em que possa usar a inventividade.

- autoconhecimento → reconhecimento da tonalidade
- tonalidade reconhecida → escolha de contexto
- contexto compatível → florescimento

A vocação não deve contradizer a tonalidade psíquica profunda.

- Sumari + rotina morta → bloqueio
 - Sumari + inventividade → expressão
-

27. Matemática teórica e contabilidade

Seth dá um exemplo perfeito:

- matemática teórica → jogo abstrato
- contabilidade → detalhe repetitivo
- Sumari → gosta da primeira
- Sumari → sofre na segunda

O problema não é o número em si.

É a diferença entre criatividade abstrata e rotina funcional.

- número como jogo → sim

- número como repetição → não
-

28. Picasso como Sumari

Picasso é apresentado como exemplo Sumari nas artes.

- Picasso → invenção
- Picasso → quebra de forma
- Picasso → multiplicidade de estilos
- Picasso → anticonformismo artístico

A sua obra mostra bem a criatividade inquieta e transformadora associada ao espírito Sumari.

29. Entretenimento, política, história e religião

Muitos artistas de palco e entretenimento são Sumari.

- palco → jogo

- performance → criatividade
- entretenimento → expressão lúdica

Raramente aparecem na política.

- política → estrutura
- política → organização
- Sumari → pouca atração

Normalmente não são historiadores.

- história → conservação
- Sumari → iniciação / invenção

Há poucos em posições dentro de religiões organizadas.

- religião organizada → doutrina
- doutrina → estrutura
- Sumari → desconforto

30. Sumari agricultores

Apesar do afastamento de estruturas rígidas, os Sumari podem aparecer como agricultores.

- agricultor Sumari → autossuficiência
- terra → relação intuitiva
- natureza → criatividade orgânica

Aqui a independência combina-se com uma relação direta com a terra.

- trabalho com a terra → não rotina morta
 - terra → organismo vivo
 - agricultura intuitiva → arte prática
-

31. Sumari e gênero

Os Sumari dividem-se igualmente entre os sexos.

- Sumari → homens e mulheres
- tonalidade psíquica → não pertence a um gênero

Na sociedade de Seth/Jane, as qualidades Sumari no homem tinham sido desaprovadas até há pouco tempo.

- homem Sumari → sensibilidade criativa
- sociedade rígida → repressão
- masculinidade convencional → conflito com ludicidade

A cultura pode inibir a expressão de certas tonalidades psíquicas.

Movimento do capítulo

contrapartes → famílias de consciência → grupos psíquicos como formações naturais → interesses, desejos e capacidades não predeterminados → não se é criativo porque se é Sumari → é-se Sumari porque se é criativamente brincalhão → famílias não são casas astrológicas → Sumari tensos ou sombrios → intento de criatividade alegre → famílias predominam em certas épocas → grupos psíquicos sobrepõem-se a grupos físicos e nacionais → Sumari independentes → raros em ditaduras → criatividade como

ameaça ao controle → Sumari práticos → trazem visões à realidade física → iniciadores, não preservadores → reformadores indiretos → arte de viver → força antes de mudanças sociais → sem correlação corporal → primavera como indício, não regra → raças e nações sem determinismo → Sumari como minoria criativa → democracia como enquadramento útil → estado de espírito → inclinação do ser → mudança criativa natural → subcultura e inconformismo → desconforto com rotina comercial → brincar com detalhes → mudança de profissão → inventividade como requisito → matemática teórica, não contabilidade → Picasso → entretenimento → pouca política, história e religião organizada → agricultores intuitivos → igualdade entre sexos → repressão cultural das qualidades Sumari masculinas

Fórmula central

- individualidade → tonalidade psíquica
- tonalidade psíquica → ressonância
- ressonância → agrupamento
- agrupamento → família de consciência
- família de consciência → não determina

- família de consciência → revela afinidade
 - Sumari → criatividade lúdica
 - Sumari → independência
 - Sumari → inconformismo
 - Sumari → arte de viver
 - Sumari → iniciador
 - Sumari → não preservador de estruturas
 - Sumari → mudança criativa natural
-

Chave interpretativa

O capítulo impede três erros:

- erro 1 → transformar família psíquica em rótulo fixo
- erro 2 → tratar Sumari como identidade superior ou especial

- erro 3 → confundir tonalidade psíquica com raça, país, corpo ou profissão

Seth apresenta as famílias de consciência como formações naturais de ressonância.

- não → classificação rígida
- sim → agrupamento por tonalidade
- não → destino
- sim → inclinação
- não → causa exterior
- sim → expressão interior

O ponto decisivo:

- a família não cria o ser
- o ser flui para a família compatível

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ qual é a minha tonalidade psíquica predominante?
 - ✓ onde sinto que a minha criatividade flui naturalmente?
 - ✓ que estruturas me secam por dentro?
 - ✓ que contextos me tornam inventivo?
 - ✓ onde procuro preservar algo que já não me pertence?
 - ✓ que mudanças inicio sem querer liderar organizações?
 - ✓ que subculturas, ideias ou artes me fazem sentir em casa?
 - ✓ que rotina estou a confundir com segurança?
 - ✓ que vida poderia tornar-se uma arte?
-

Síntese final

O Capítulo 55 clarifica que as famílias de consciência não são categorias deterministas, mas agrupamentos naturais de ressonância psíquica.

A individualidade vem primeiro.

- individualidade → interesses
- interesses → desejos
- desejos → capacidades
- capacidades → tonalidade
- tonalidade → família de consciência

Por isso, uma pessoa não é criativa, independente ou lúdica porque pertence aos Sumari. Ela pertence aos Sumari porque a sua tonalidade psíquica já é criativa, independente e lúdica.

- não → sou assim porque sou Sumari
- sim → sou Sumari porque sou assim

O espírito Sumari representa uma inclinação do ser: criatividade prática, independência, inconformismo, autossuficiência, jogo com os detalhes, pouca afinidade com estruturas rígidas, desconforto com rotinas mortas e desejo de fazer da vida uma arte.

- Sumari → estado de espírito

- Sumari → inclinação do ser
- Sumari → criatividade incarnada

O capítulo também mostra que as sociedades, instituições e culturas podem ser lidas como formas exteriores de tonalidades psíquicas predominantes.

- conteúdos subjetivos → padrões coletivos
- padrões coletivos → instituições
- instituições → símbolos objetivos
- símbolos objetivos → realidade social

A sociedade é a subjetividade coletiva tornada arquitetura visível.

Assim, compreender as famílias de consciência é também aprender a ver como a consciência se agrupa, se expressa, se objetiva e pinta o mundo com as suas tonalidades interiores.

A família de consciência não é a causa da tonalidade psíquica; é a forma natural para onde essa tonalidade flui e se reconhece.

CAPÍTULO 56

A Sinfonia da Psique, as Variações do Self e a Arte de Viver

— *As características Sumari não existem isoladamente, claro. Em maior ou menor grau, cada família de consciência transporta em si as características inerentes a todas as famílias. Há, portanto, grande diversidade.*

— *As capacidades Sumari são, contudo, altamente criativas. Em larga medida, foram inibidas na vossa sociedade. Tenho falado delas aqui para que cada indivíduo possa aprender a reconhecer o seu próprio grau de Sumaridade. Os elementos lúdicos e criativos da personalidade podem então ser libertados. Estas qualidades são particularmente importantes porque acrescentam, temperam ou enriquecem as características primárias das outras famílias de consciência.*

— *Se são "reformadores", "reformadores por natureza", então as características Sumari, trazidas à superfície, poderiam ajudar-vos a temperar a vossa seriedade com jogo e humor, e ajudar-vos, de facto, a realizar as vossas reformas com muito mais facilidade do que de outro modo. Cada personalidade transporta traços de outras características além daquelas da família de consciência a que possa*

pertencer. Os aspetos criativos dos Sumari podem ser particularmente úteis quando encorajados em qualquer personalidade, simplesmente porque a sua natureza inventiva lança luz sobre todos os elementos da experiência.

— A psique, tal como a conhecem, é então composta por uma mistura destas famílias de consciência. Uma não é superior às outras. São simplesmente diferentes, e representam várias maneiras de olhar para a vida física. Seria necessário um livro para explicar as dimensões da psique em relação às diferentes famílias de consciência. Aqui, neste manuscrito, quero apenas tornar o leitor consciente da existência destes agrupamentos psíquicos. Estou atento ao facto de estar a usar muitos termos, e de que pode parecer difícil compreender as diferenças entre selves prováveis e reencarnacionais, contrapartes e famílias de consciência. Por vezes, podem parecer existir contradições. Podem perguntar-se como é que vocês são vocês no meio de tão numerosas “variações” psíquicas.

— Uma maçã pode ser vermelha, redonda, ter certo peso, ser boa para comer, estar num cesto, e ainda assim ser natural numa árvore. Pode ser ácida ou doce. Podem encontrar uma no chão, numa mesa ou numa tarte. Nenhuma destas coisas contradiz a natureza de uma maçã. Vocês não perguntam: “Como pode uma maçã ter cor e ser redonda ao mesmo tempo?”

— Podem olhar para uma maçã e segurá-la nas mãos, por isso é óbvio que a sua forma não contradiz a sua cor. Veem que uma maçã

pode ser vermelha, verde, ou ambas. Se eu dissesse: "As maçãs ficam sossegadas sobre uma mesa", teriam de concordar que, por vezes, assim é. Se eu dissesse: "As maçãs rolam por encostas relvadas", também teriam de concordar. Se eu dissesse: "As maçãs caem através do espaço", seriam novamente obrigados a conceder o ponto. Ser-vos-ia claro que nenhuma destas afirmações contradiz as outras, pois, em circunstâncias diferentes, as maçãs comportam-se de modo diferente.

Até agora, contudo, vocês não seguram a vossa consciência na mão. Quando falo do comportamento da vossa psique, então, podem perguntar-se: "Como pode a minha psique existir em mais do que um tempo ao mesmo tempo?" Ela pode fazê-lo tal como maçãs podem ser encontradas sobre uma mesa, no chão ou na árvore.

— As dimensões interiores da consciência, contudo, não podem ser descritas com tanta facilidade. Se perguntam: "Como posso ter selves reencarnacionais e prováveis ao mesmo tempo?", estão a fazer uma pergunta comparável à que foi mencionada antes: "Como pode uma maçã ter cor e ser redonda ao mesmo tempo?"

— Um jovem esteve aqui ontem à noite. Possui grande domínio da guitarra. Enquanto tocava, era óbvio que qualquer composição "crescia" a partir da primeira nota, e que sempre estivera latente nela. Contudo, um número infinito de outras composições "alternativas" estava também latente nessa mesma nota, mas não foi tocado ontem à noite. Eram tão legítimas como as composições

que foram tocadas. Eram, de facto, parte inaudível de cada melodia ouvida, e essas variações não ouvidas acrescentavam estrutura e ritmo silenciosos à música fisicamente atualizada.

— Seguindo esta analogia, do mesmo modo cada psique contém em si infinitas notas, e cada nota é capaz das suas próprias variações criativas sem fim. Vocês seguem uma melodia de si mesmos e, por alguma razão, parecem pensar que a verdadeira orquestra plena de vocês mesmos vos irá, de algum modo, abafar.

— Quando falo, então, em termos de contrapartes, ou de selves reencarnacionais e selves prováveis, estou a dizer que, na verdadeira sinfonia do vosso ser, vocês são violinos, oboés, címbalos, harpas — por outras palavras, são um instrumento vivo através do qual se tocam a si mesmos. Vocês não são um instrumento no qual se toca. São o compositor e a sinfonia. Tocam baladas, peças clássicas, canções líricas, óperas. Uma execução criativa não contradiz as outras.

— A vida, tal como a concebem, está longe de ser inflexível.

— Regressando aos nossos comentários sobre as composições alternativas, vocês podem, a qualquer momento, trazer para a vossa própria composição de vida elementos de quaisquer dessas composições “alternativas”.

— Algumas pessoas estruturam as suas vidas em torno dos filhos, outras em torno de uma carreira, do prazer, ou até da dor.

Mais uma vez, estes são simplesmente determinados focos que vocês escolhem, e que orientam a vossa experiência. Podem acrescentar outros focos, mantendo ainda assim a vossa própria identidade — na verdade, enriquecendo-a.

— *Por vezes agem como se uma capacidade contradissesse outra. Pensam: "Não posso ser um bom pai ou uma boa mãe e, ao mesmo tempo, parceiro sexual do meu companheiro ou companheira." Para aqueles que sentem assim, parece estar implícita uma contradição definida. Uma mulher pode sentir que as qualidades de mãe quase se opõem às de uma parceira sexual exuberante. Um homem pode imaginar que a paternidade significa proporcionar uma excelente casa e rendimento. Pode pensar que a "agressividade", a competição e o distanciamento emocional são necessários para cumprir esse papel. Estas seriam consideradas opostas às qualidades de amor, compreensão e apoio emocional "exigidas" de um marido. Na realidade, claro, tais contradições não se aplicam. Do mesmo modo, contudo, muitas vezes parecem sentir que a vossa identidade depende de um papel muito específico, até que outras qualidades, que são inteiramente vossas, parecem ameaçadoras. Quase parecem não pertencer ao self.*

— *Até certo ponto, sentem o mesmo quando se deparam com o conceito de selves prováveis, ou de contrapartes. É como se tivessem um banco ilimitado de capacidades e características de onde retirar, e, no entanto, tivessem medo de o fazer — receando que qualquer acréscimo pudesse tornar-vos menos em vez de mais. Se tudo isto acontece pessoalmente, enquanto escolhem uma melodia e lhe chamam vocês mesmos, então talvez possam*

começar a ver os aspetos criativos de massa em termos de civilizações que parecem erguer-se e cair.

— Assim, olham para trás, através do passado histórico. Todas as contrapartes vivas como contemporâneas formam, juntas, uma composição musical naquilo que concebem como presente; e, uma vez tocada essa canção multidimensional, então o seu passado propaga-se em ondulações para trás dela, por assim dizer, e o seu futuro canta “adiante”. Mas a canção está a ser criada a partir do seu início e do seu fim simultaneamente. Neste caso, contudo, é como se cada nota tivesse a sua própria consciência e fosse livre de mudar a sua porção da melodia. Ainda assim, todas estão na mesma composição global, no “tempo”, de modo que o próprio tempo serve como a escala na qual a peça musical é escrita — escolhida como questão de organização, foco e enquadramento.

— Ora, na música, as pausas são tão importantes como os sons. De facto, servem para destacar os sons, para os enquadrar. Os sons são significativos por causa da sua colocação dentro das pausas ou silêncios. Assim, as porções da vossa psique que reconhecem como vocês mesmos são significativas, íntimas e reais por causa das pausas ou silêncios interiores que não são atualizados, mas fazem parte do vosso ser maior.

— Agora imaginem uma composição na qual as pausas e os silêncios que não ouvem são sonorizados — e as notas que ouvem são, em vez disso, a estrutura interior não ouvida.

— Nas últimas frases há uma “definição” intuitiva dos selves prováveis e reencarnacionais, e das contrapartes, em relação ao self que vocês conhecem. No vosso caso, contudo, podem mudar o vosso próprio ritmo, acrescentar variações, ou até iniciar uma composição inteiramente nova se escolherem fazê-lo.

— Ora, muitas pessoas fizeram isto de maneiras muito simples e mundanas, decidindo subitamente usar capacidades que antes tinham ignorado. Um homem de letras, por exemplo, aos 40 anos, recorda de repente o seu antigo amor pela carpintaria, lê manuais de bricolage e começa a fazer as suas próprias reparações em casa. Depois de durante anos desprezar tais atividades como estando abaixo dele, descobre subitamente uma relação íntima com a terra e os seus bens, e esta apreciação acrescenta algo às palavras que antes talvez fossem secas como cinza.

— Nesse caso, vejam, haveria noutra realidade um carpinteiro, ou o seu equivalente, com um amor latente pelas palavras, não expresso — e esse indivíduo começaria então a desenvolver-se; lendo talvez livros sobre como escrever, e adotando um passatempo que lhe permitisse expressar em palavras o seu amor pela terra e pelos seus bens. A criatividade da psique significa que nenhum mundo ou experiência únicos poderiam jamais contê-la. Por isso, ela cria as dimensões nas quais depois tem as suas experiências.

— Cada porção, seja qual for o nome que lhe deem, contém em si os potenciais latentes do todo. Se a realidade desconhecida

existe, é porque vocês tocam uma melodia repetidamente e assim se identificam, enquanto excluem, conscientemente pelo menos, todas as outras variações possíveis que poderiam acrescentar a essa melodia.

*— Há muitos tipos de música. Eu poderia dizer: “A música é triunfante”, ou “A música é trágica”. Vocês compreenderiam que não me estou a contradizer. Não diriam, ou pelo menos espero que não dissessem: “Por que escreveria alguém uma composição como a *Patética*, de Tchaikovsky?” Por que escolheria um compositor um estado de espírito sombrio? A música em si teria o seu próprio ímpeto e poder, e seria, de facto, bela para além de todos os conceitos de bem e mal.*

— De algum modo, até uma composição trágica de mérito transcende a própria tragédia. O compositor estava exultante no meio das emoções mais profundas da tragédia, ou até da derrota. Nesses casos, a própria tragédia é escolhida como enquadramento emocional sobre o qual a psique toca. O enquadramento não lhe é imposto, mas é, de facto, escolhido precisamente por causa das suas próprias características — até as de desalento, talvez.

— Saboreando essas qualidades ao máximo, a partir desse enquadramento a psique sonda os fogos da vitalidade e do ser tal como experienciados desse ponto de vista específico, e o desalento pode ser mais vivo do que uma alegria não sondada, mal experienciada. Da mesma maneira, certos indivíduos podem escolher, e escolhem, experiências de vida que envolvem grandes

tragédias. Contudo, essas vidas trágicas são usadas como ponto de foco que, através da comparação, traz efetivamente à experiência a grande vitalidade e impulso do ser.

— Isto não significa que uma vida trágica seja mais vital do que uma vida feliz e simples. Significa apenas que cada indivíduo está envolvido numa arte de viver. Há diferentes temas, instrumentos, melodias — mas a existência, como a grande arte, não pode ser confinada a definições simples.

— Do exterior, por exemplo, poderia parecer que uma pessoa jovem morre porque, de uma forma ou de outra, está insatisfeita com a própria vida. Certamente, em geral, toma-se por garantido que os suicidas têm medo da vida. Contudo, os suicidas e os potenciais suicidas têm muitas vezes uma ânsia tão grande e literal pela vida que a colocam constantemente em perigo, para que possam experimentar aquilo que ela é em forma intensificada. O mesmo se aplica a muitos que seguem profissões perigosas. Está na moda supor que essas pessoas têm um desejo de morte. Em vez disso, muitas delas têm, por assim dizer, um desejo intensificado de vida. Certamente isso parece destrutivo aos outros. Para essas pessoas, contudo, a excitação adicional vale o risco. O risco, de facto, dá-lhes uma versão intensificada da vida.

— Isto obviamente não é o caso de todos os suicidas ou potenciais suicidas, nem de todos aqueles que assumem riscos. Mas esses elementos estão lá. Uma pessoa que morre aos 17 anos pode ter experienciado dimensões muito maiores de vida, nos vossos

termos, do que alguém que vive até aos 82. Essas pessoas não estão tão inconscientes dessas escolhas como parece.

— Isto não significa que não possam alterar a vossa experiência em qualquer dado ponto.

— Tomemos uma jovem hipotética chamada Mary, que tende para os tipos de experiências que acabámos de mencionar. Temperamentalmente, procura situações de crise. Pode iniciar tentativas de suicídio. Por outro lado, pode não alimentar tais ideias, mas ser assassinada aos 17 anos.

— Certamente não estamos a desculpar o assassino — mas nenhum homicida mata alguém que não queira morrer, também.

— Ele ou ela escolhe vítimas tão intuitivamente como a vítima procura o homicida. Por outro lado, as experiências de Mary na vida podem fazê-la mudar de ideias, por assim dizer, de modo que, aos 17 anos, encontre uma doença grave, da qual recupera vitoriosamente. Ou pode escapar por pouco a ser assassinada quando uma bala da arma do assassino atinge a pessoa ao seu lado. Num nível inteiramente diferente e de outra maneira, pode não ter nenhuma dessas experiências, mas ser escritora de romances policiais, ou enfermeira de cirurgia. As variações particulares que uma pessoa pode tocar são infinitas. Vocês não podem começar conscientemente a alterar o enquadramento da vossa vida, contudo, a menos que percebam, antes de tudo, que o formam. A

melodia é vossa. Não é inevitável, nem é a única melodia que podem tocar.

— Até certo ponto, podem atualizar porções da vossa própria realidade desconhecida e trazê-las para a área experienciada da vossa vida. Há uma relação óbvia entre uma nota e outra numa composição musical. Ora, em termos de famílias físicas e, em termos mais amplos, de países, há uma relação entre realidades, que mudam constantemente como as notas. Até certo ponto, a vossa realidade é captada pelos vossos contemporâneos. Eles aceitam-na ou não conforme o tema particular ou foco das suas vidas.

— Nesses termos, vocês não fazem parte de qualquer realidade que não seja vossa. Se a partilham com outros, é porque outros estão envolvidos com variações do mesmo tema. Isto aplica-se em termos de objetivos mundiais “em qualquer dado momento”.

— Por exemplo: em certos termos, vocês estão a trabalhar com o desafio de saber como usar melhor os recursos do mundo. Alguns países irão sobreproduzir. Outros irão subproduzir. Parecem ocorrer contradições. Algumas pessoas serão excessivamente alimentadas enquanto outras passam fome; algumas saciadas de comodidades materiais, outras relativamente ignorantes delas. Estas são variações do mesmo tema, veem? Em termos globais, os contemporâneos estão a trabalhar sobre o mesmo grupo de desafios, embora a sobreabundância ou a grande escassez possam manifestar-se em qualquer lugar particular. Talvez, contudo, os

desafios não pudessem ser claramente delineados sem essas extravagâncias de grau.

— *Como contemporâneas, as contrapartes escolhem um determinado enquadramento temporal. Só o formato temporal torna claros certos focos que, nos vossos termos, não poderiam tornar-se claros noutro contexto. Aquilo que aprendem no vosso presente sobre a indústria — o “progresso” — e a partilha equitativa dos produtos da Terra só poderia ser aprendido num contexto em que o industrialismo fosse experienciado como tendo ido longe demais, em que a tecnologia fosse vista e conhecida como um perigo crescente.*

— *Em termos que admito serem difíceis de descrever, as soluções criativas mudarão o curso da história no passado, de modo que certas variações serão tomadas, e a tecnologia não progredirá da mesma maneira que “progrediu” na vossa experiência.*

— *Já disse antes que, pessoalmente, vocês podem mudar o vosso passado a partir do presente. O mesmo se aplica às civilizações.*

Síntese Operativa

Este capítulo explica como a psique contém múltiplas variações de si mesma sem que isso crie contradição.

- self conhecido → melodia escolhida
- selves prováveis → variações não tocadas
- selves reencarnacionais → outras expressões temporais
- contrapartes → notas contemporâneas da mesma composição
- psique → compositor + instrumento + sinfonia

A função central do capítulo é libertar a identidade da ideia de papel único.

- identidade → não é função fixa
- identidade → não é uma só melodia
- identidade → campo criativo de variações

Seth mostra que a vida é uma composição aberta.

- melodia atual → real
 - variações não atualizadas → também reais
 - realidade desconhecida → campo de melodias excluídas conscientemente
-

1. As características Sumari não existem isoladamente

As famílias de consciência não são compartimentos fechados.

- família de consciência → tonalidade predominante
- tonalidade predominante → não exclusividade
- cada família → contém traços das outras

Há diversidade dentro de cada família.

- Sumari → criatividade
- outras famílias → também possuem elementos criativos
- criatividade Sumari → pode enriquecer outras tonalidades

O capítulo começa por impedir uma leitura rígida das famílias psíquicas.

2. Sumaridade como qualidade libertável

Seth fala dos Sumari para que cada pessoa reconheça o seu próprio grau de Sumaridade.

- Sumaridade → elemento lúdico
- Sumaridade → criatividade
- Sumaridade → inventividade
- Sumaridade → humor

Mesmo quem não é predominantemente Sumari pode beneficiar dessas qualidades.

- características Sumari → trazidas à superfície
- seriedade → temperada com jogo
- reforma → facilitada pelo humor

- experiência → iluminada pela inventividade
-

3. Nenhuma família é superior

As famílias de consciência não formam uma hierarquia.

- família A → não superior
- família B → não inferior
- famílias → modos diferentes de olhar a vida física

A psique humana é uma mistura de tonalidades.

- psique → mistura
- mistura → diversidade
- diversidade → riqueza experiencial

As famílias são modos de percepção e participação, não graus de valor espiritual.

4. Muitos termos, nenhuma contradição real

Seth reconhece a dificuldade conceptual.

- selves prováveis
- selves reencarnacionais
- contrapartes
- famílias de consciência

À primeira vista, estes conceitos podem parecer contraditórios.

- muitas variações → confusão aparente
- self conhecido → pergunta pela sua própria continuidade

A questão central torna-se:

como posso ser eu no meio de tantas variações psíquicas?

A resposta do capítulo será dada por duas grandes metáforas:

- maçã → múltiplas propriedades sem contradição

- música → múltiplas melodias sem perda de identidade
-

5. A maçã como primeira ancoragem

Uma maçã pode ser vermelha, redonda, doce, ácida, estar numa mesa, numa árvore, no chão ou numa tarte.

- maçã → cor
- maçã → forma
- maçã → peso
- maçã → sabor
- maçã → localização

Nenhuma dessas propriedades contradiz a natureza da maçã.

- cor ≠ oposição à forma
- localização ≠ oposição à identidade
- situação diferente ≠ contradição

A mesma lógica aplica-se à psique.

- psique → pode existir em mais do que um tempo
 - psique → pode ter selves prováveis
 - psique → pode ter selves reencarnacionais
 - psique → não se contradiz por ter várias dimensões
-

6. O erro vem da incapacidade de segurar a consciência na mão

A maçã é fácil de compreender porque pode ser segurada fisicamente.

- maçã → objeto visível
- objeto visível → propriedades simultâneas aceitáveis

A consciência não pode ser segurada da mesma forma.

- consciência → não objeto físico
- não objeto → dificuldade conceitual

- dificuldade conceptual → falsa contradição

O problema não está na psique.

Está na falta de hábito percetivo para reconhecer as suas múltiplas dimensões.

7. A primeira nota contém composições alternativas

O jovem guitarrista oferece a Seth a metáfora central.

- primeira nota → composição tocada
- primeira nota → composições alternativas latentes
- melodia ouvida → uma atualização
- melodias não ouvidas → variações legítimas

Cada composição tocada nasce da primeira nota, mas muitas outras poderiam nascer dela.

- nota → potencial
- potencial → variações

- variações → composições possíveis

A melodia atual não elimina as outras.

8. As melodias não tocadas estruturam silenciosamente a música tocada

As composições alternativas não foram tocadas, mas eram parte inaudível da melodia ouvida.

- melodia ouvida → atualização física
- variações não ouvidas → estrutura silenciosa
- estrutura silenciosa → ritmo e profundidade

O não atualizado participa no atualizado.

- ausente → não inexistente
- silêncio → estrutura
- variação latente → contexto da melodia manifesta

Esta é uma chave profunda para compreender selves prováveis e contrapartes.

9. Cada psique contém infinitas notas

A psique contém infinitas notas, e cada nota contém infinitas variações.

- psique → infinitas notas
- nota → variações criativas
- variação → possível melodia

A identidade conhecida é apenas uma linha melódica entre muitas.

- self conhecido → melodia seguida
- self maior → orquestra plena
- realidade desconhecida → variações não tocadas conscientemente

O medo humano é que a orquestra plena abafe a melodia conhecida.

10. A frase-eixo

Frase central do capítulo:

Vocês são o compositor e a sinfonia.

Isto condensa a metafísica do capítulo.

- vocês → instrumento vivo
- vocês → intérprete
- vocês → compositor
- vocês → sinfonia

Não são um instrumento passivo tocado por uma força exterior.

- não → instrumento no qual se toca
- sim → instrumento através do qual se tocam a si mesmos

A identidade não é passividade.

É criatividade organizada.

11. Uma execução criativa não contradiz as outras

Seth enumera baladas, peças clássicas, canções líricas e óperas.

- balada → uma forma
- ópera → outra forma
- peça clássica → outra forma
- canção lírica → outra forma

Nenhuma contradiz a outra.

- forma diferente → não contradição
- melodia diferente → não perda de identidade
- tema diferente → expansão do compositor

O mesmo se aplica às vidas, selves, papéis e experiências.

12. A vida não é inflexível

A vida pode receber elementos de composições alternativas.

- vida atual → composição em curso
- composição alternativa → potencial disponível
- potencial disponível → pode ser incorporado

A pessoa pode acrescentar novos focos sem perder a identidade.

- novo foco → não destrói o self
- novo foco → enriquece o self
- identidade → cresce por variação

Esta é uma das afirmações mais práticas do capítulo.

13. Papéis pessoais como melodias escolhidas

Algumas pessoas estruturam a vida em torno dos filhos, carreira, prazer ou dor.

- filhos → foco
- carreira → foco
- prazer → foco
- dor → foco

Estes focos orientam a experiência.

- foco escolhido → direção
- direção → experiência
- experiência → identidade habitual

Mas nenhum foco precisa de excluir os outros.

14. A falsa contradição entre papéis

Seth dá o exemplo de pai/mãe e parceiro sexual.

- mãe → cuidado
- parceira sexual → exuberância
- pai → provisão
- marido → amor e apoio emocional

A cultura trata estas funções como contraditórias.

- papel social → estreitamento
- qualidades próprias → vistas como ameaça
- outra capacidade → parece não pertencer ao self

Mas a contradição é aprendida, não real.

capacidade A + capacidade B → enriquecimento

não → oposição necessária

15. O banco ilimitado de capacidades

Cada pessoa possui um banco ilimitado de capacidades e características.

- capacidades latentes → disponíveis
- características não usadas → potenciais
- medo → bloqueio
- acréscimo → visto como ameaça

A pessoa teme tornar-se menos ao acrescentar mais.

- mais capacidades → não diminuem
- mais capacidades → ampliam
- identidade → não empobrece pela expansão

Este medo está na base da resistência aos selves prováveis e contrapartes.

16. Civilizações como composições de massa

O processo pessoal também existe em escala coletiva.

- indivíduo → escolhe melodia
- civilização → composição de massa
- contrapartes contemporâneas → notas da mesma peça

As civilizações parecem erguer-se e cair, mas são também composições psíquicas.

- época histórica → composição
 - contemporâneos → notas conscientes
 - tempo → escala musical
-

17. O presente como canção multidimensional

Todas as contrapartes vivas como contemporâneas formam uma composição no presente.

- contemporâneos → notas
- presente → composição musical
- canção multidimensional → passado e futuro

Quando essa canção é tocada:

- passado → ondula para trás
- futuro → canta adiante

Mas a canção é criada a partir do início e do fim simultaneamente.

- início → ativo
 - fim → ativo
 - presente → ponto de composição
-

18. Cada nota tem consciência

Na composição histórica, cada nota possui a sua própria consciência.

- nota → consciência
- consciência → liberdade
- liberdade → mudar porção da melodia

A composição não é mecanicamente determinada.

- composição global → existe
- nota individual → participa criativamente
- liberdade individual → altera a melodia coletiva

A história é uma composição cooperativa, não uma sequência fixa.

19. O tempo como escala

O tempo serve como escala na qual a peça musical é escrita.

- tempo → escala
- escala → organização
- organização → foco
- foco → enquadramento

O tempo não é apenas fluxo exterior.

É o formato organizador que permite certas relações, contrastes e focos.

- tempo → instrumento de composição
 - história → música organizada no tempo
-

20. Pausas e silêncios

Na música, as pausas são tão importantes como os sons.

- som → figura
- pausa → enquadramento
- silêncio → estrutura
- colocação → significado

Do mesmo modo, o self conhecido é significativo por causa dos silêncios interiores não atualizados.

- self conhecido → som ouvido
- selves não atualizados → pausas e silêncios

- silêncios → parte do ser maior

O que não se manifesta sustenta o que se manifesta.

21. Inverter som e silêncio

Seth pede que se imagine uma composição em que as pausas e silêncios são sonorizados, e as notas ouvidas se tornam a estrutura interior não ouvida.

- som → silêncio
- silêncio → som
- self conhecido → estrutura interior
- selves prováveis / reencarnacionais / contrapartes → sonorizados

Esta é uma definição intuitiva dos selves prováveis, reencarnacionais e contrapartes.

- self conhecido → uma face
- outros selves → faces normalmente silenciosas

- mudança de foco → inversão figura/fundo

Aqui regressa a “Metáfora de Tudo”.

22. Mudar o ritmo

A pessoa pode mudar o próprio ritmo.

- ritmo atual → hábito
- variação → escolha
- nova composição → possibilidade

Pode acrescentar variações ou iniciar uma composição nova.

- capacidade ignorada → pode ser ativada
- nova prática → nova melodia
- nova melodia → nova experiência

Não é preciso mudar de identidade.

É preciso ampliar a expressão da identidade.

23. O homem de letras e a carpintaria

O exemplo do escritor que redescobre a carpintaria mostra a integração de capacidades rejeitadas.

- homem de letras → palavras
- carpintaria → terra e bens materiais
- capacidade desprezada → relação viva
- relação viva → palavras enriquecidas

A capacidade prática não contradiz a intelectual.

mãos → ampliam a mente

terra → devolve corpo às palavras

carpintaria → torna a linguagem menos seca

24. A contraparte do carpinteiro

Noutra realidade, há um carpinteiro com amor latente pelas palavras.

- escritor atual → carpintaria latente
- carpinteiro alternativo → palavras latentes

um ativa madeira

outro ativa linguagem

As variações espelham-se.

- capacidade não usada aqui → capacidade central noutro foco
- realidade alternativa → compensação criativa
- psique → distribui potenciais

25. Nenhum mundo contém a criatividade da psique

Frase central:

- nenhum mundo único → contém a psique
- nenhuma experiência única → contém a psique

A criatividade da psique exige múltiplas dimensões de experiência.

- psique → cria dimensões
- dimensões → campos de experiência
- experiência → expressão parcial da psique

A realidade desconhecida existe porque o self conhecido repete uma melodia e exclui outras variações.

- melodia repetida → identificação
- variações excluídas → realidade desconhecida

26. Música triunfante e música trágica

A música pode ser triunfante ou trágica sem contradição.

- música triunfante → uma expressão

- música trágica → outra expressão
- ambas → música

O mesmo se aplica à vida.

- vida feliz → expressão
- vida trágica → expressão
- ambas → arte de viver

A tonalidade emocional não define valor absoluto.

27. A tragédia como enquadramento emocional

Uma composição trágica de mérito transcende a própria tragédia.

- tragédia → tema
- compositor → exultante no meio da dor
- obra → transcende dor

A tragédia pode ser escolhida como enquadramento emocional.

- enquadramento trágico → não necessariamente imposto
- psique → escolhe ponto de vista
- ponto de vista → sonda vitalidade

O desalento pode revelar uma intensidade de ser que uma alegria superficial não sondaria.

28. A arte de viver

Cada indivíduo está envolvido numa arte de viver.

- vida → arte
- experiência → composição
- tema → escolhido
- instrumento → self
- melodia → percurso

A existência não cabe em definições simples.

- vida trágica → não superior
- vida simples e feliz → não inferior
- cada uma → tema experiencial

O valor está na profundidade da experiência, não na etiqueta exterior.

29. Desejo de morte ou desejo intensificado de vida

Seth introduz uma distinção delicada.

- suicida → nem sempre medo da vida
- potencial suicida → por vezes ânsia intensificada de vida
- profissão perigosa → nem sempre desejo de morte
- risco → versão intensificada da vida

Isto não se aplica a todos os casos.

- não regra geral
- não romantização
- não desculpa

Mas em alguns casos, o risco é escolhido para intensificar a experiência.

- risco → foco
 - perigo → amplificação
 - vida → sentida em forma intensificada
-

30. Morte jovem e intensidade experiencial

Uma pessoa que morre aos 17 anos pode ter experienciado dimensões de vida maiores do que alguém que vive até aos 82.

- duração → não mede profundidade
- idade longa → não garante intensidade
- vida curta → pode conter grande densidade

Seth não está a glorificar a morte jovem.

Está a separar quantidade temporal de profundidade experiencial.

- tempo vivido → extensão
 - experiência vivida → profundidade
-

31. A experiência pode ser alterada

Seth reforça que estas escolhas não são inevitáveis.

- enquadramento → pode mudar
- melodia → pode variar
- experiência → pode ser alterada

A jovem Mary é apresentada como exemplo de variações possíveis.

- crise
- tentativa de suicídio

- assassinato
- doença grave e recuperação
- escape por pouco
- escritora de romances policiais
- enfermeira de cirurgia

Todas são variações de uma mesma tendência para intensidade, crise e contato com vida/morte.

- tema → crise
- variação 1 → morte
- variação 2 → cura
- variação 3 → profissão
- variação 4 → arte narrativa

32. A melodia é vossa

Frase prática central:

- a melodia é vossa
- não é inevitável
- não é a única melodia

Mas só se pode alterar conscientemente o enquadramento da vida quando se percebe que ele é formado por nós.

- não reconheço que formo → não altero conscientemente
 - reconheço que formo → posso variar
 - variação consciente → realidade desconhecida atualizada
-

33. Atualizar a realidade desconhecida

É possível trazer porções da realidade desconhecida para a área experienciada da vida.

- realidade desconhecida → potenciais excluídos
- atenção → acesso

- escolha → atualização
- atualização → nova experiência

A vida atual pode receber elementos de outras composições.

melodia atual + variação latente → nova composição

34. Realidades partilhadas por contemporâneos

A realidade de uma pessoa pode ser captada pelos contemporâneos.

- realidade individual → tema
- contemporâneos → reconhecem ou rejeitam
- aceitação → variação compatível
- rejeição → tema incompatível

As realidades partilhadas existem porque há afinidade de tema.

- não partilha realidade alheia

- partilhas variações do mesmo tema
-

35. Objetivos mundiais como temas coletivos

Os objetivos mundiais também são variações de temas coletivos.

- recursos do mundo → desafio comum
- sobreprodução → variação
- subprodução → variação
- fome → variação extrema
- excesso material → variação extrema

As contradições aparentes delineiam o desafio.

- abundância extrema + carência extrema → tornam visível o tema
- tema → uso dos recursos
- tema → partilha dos produtos da Terra

36. Contrapartes e enquadramento temporal

Como contemporâneas, as contrapartes escolhem um enquadramento temporal.

- contrapartes → mesmo tempo
- mesmo tempo → foco comum
- foco comum → desafios partilhados

O formato temporal torna claros focos que não seriam claros noutra contexto.

- industrialismo
- progresso
- tecnologia
- partilha dos recursos

Estes temas exigem um cenário histórico específico.

37. Tecnologia como perigo crescente

O presente industrial permite aprender sobre o excesso do progresso.

- industrialismo → vai longe demais
- tecnologia → perigo crescente
- progresso → questionado
- recursos → necessidade de partilha equitativa

A experiência histórica torna o desafio visível.

- sem excesso → desafio menos claro
 - excesso → delineamento
 - delineamento → possibilidade de solução
-

38. Soluções criativas mudam o passado

Seth afirma que as soluções criativas podem mudar o curso da história no passado.

- presente → solução criativa
- solução criativa → altera variações
- variações → mudam passado histórico
- tecnologia → não progride da mesma maneira

Isto aplica, em escala civilizacional, o mesmo princípio já dado à pessoa.

- pessoa → muda passado a partir do presente
- civilização → muda passado a partir do presente

O passado não é bloco morto.

- passado → campo reorganizável
- presente → ponto de alteração
- solução criativa → nova linha histórica

Movimento do capítulo

Sumari → não isolados → cada família contém traços das outras → Sumaridade como elemento criativo libertável → psique como mistura de famílias → nenhuma família superior → muitos termos parecem contraditórios → maçã como ancoragem → múltiplas propriedades sem contradição → consciência não segurável na mão → dificuldade em aceitar múltiplos selves → guitarra → primeira nota → composições alternativas latentes → melodia ouvida + variações não ouvidas → psique como infinitas notas → medo da orquestra plena → vocês são compositor e sinfonia → uma execução não contradiz outra → vida não inflexível → composições alternativas podem entrar na vida atual → papéis não se contradizem → banco ilimitado de capacidades → medo de ser menos por acrescentar mais → civilizações como composições de massa → contemporâneos como notas → passado ondula para trás → futuro canta adiante → tempo como escala → pausas e silêncios estruturam som → selves não atualizados como silêncios interiores → inversão som/silêncio → definição intuitiva de selves prováveis, reencarnacionais e contrapartes → mudar ritmo → acrescentar variações → homem de letras e carpintaria → carpinteiro alternativo e palavras → nenhum mundo contém a psique → realidade desconhecida como variações excluídas → música trágica e triunfante → tragédia como enquadramento emocional → arte de viver → risco como vida intensificada → Mary e variações de crise → melodia não inevitável → atualizar realidade desconhecida → contemporâneos partilham temas → recursos mundiais como tema coletivo → industrialismo e tecnologia como cenário de aprendizagem → soluções criativas mudam o passado → civilizações também podem repadronear a história

Fórmula central

- psique → compositor
- self conhecido → melodia
- selves prováveis → variações latentes
- selves reencarnacionais → melodias noutras escalas temporais
- contrapartes → notas contemporâneas
- pausas e silêncios → realidades não atualizadas
- realidade desconhecida → orquestra não ouvida
- vida → composição
- experiência → tema
- escolha → ritmo
- alteração consciente → nova variação

- presente → ponto de recomposição
 - passado → reorganizável
 - civilização → composição coletiva
-

Chave interpretativa

O capítulo mostra que não existe contradição entre múltiplas versões do self.

- múltiplo ≠ contraditório
- variação ≠ fragmentação
- potencial ≠ ameaça
- outro self ≠ anulação do self conhecido

A identidade não é uma nota isolada.

É uma composição viva.

- self conhecido → íntimo e real

- outros selves → igualmente legítimos
- silêncios interiores → sustentam a melodia manifesta
- orquestra plena → não abafa
- orquestra plena → revela amplitude

A psique é demasiado criativa para caber num só mundo, numa só vida, num só papel ou numa só melodia.

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ que melodia estou a repetir e a chamar “eu”?
- ✓ que variações tenho excluído conscientemente?
- ✓ que capacidades considero contraditórias, mas poderiam enriquecer-me?
- ✓ que papel social transformei em prisão identitária?
- ✓ que silêncio interior sustenta a minha melodia atual?

- ✓ que composição alternativa posso começar a tocar agora?
 - ✓ que tema trágico ou difícil pode ser transformado em arte de viver?
 - ✓ que realidade desconhecida posso atualizar na minha vida presente?
 - ✓ que passado posso repadronear a partir do presente?
 - ✓ que tema coletivo estou a partilhar com os meus contemporâneos?
-

Síntese final

O Capítulo 56 apresenta a psique como uma sinfonia multidimensional.

O self conhecido é real, íntimo e significativo, mas não é a totalidade da psique.

- self conhecido → melodia ouvida
- selves prováveis → melodias alternativas

- selves reencarnacionais → melodias noutras escalas de tempo
- contrapartes → notas contemporâneas da mesma composição
- realidade desconhecida → estrutura silenciosa da música total

A identidade não diminui quando reconhece as suas variações.

Pelo contrário:

- variação → enriquecimento
- novo foco → expansão
- capacidade latente → ampliação do self

A vida é apresentada como arte de viver.

- alegria → tema possível
- tragédia → tema possível
- risco → intensidade possível
- cura → variação possível

- profissão → sublimação possível
- criação → reorganização possível

Nenhuma melodia é inevitável.

- a melodia é vossa
- podem mudar o ritmo
- podem acrescentar variações
- podem iniciar nova composição

Em escala coletiva, as civilizações também são composições de massa. Os contemporâneos partilham temas, desafios e enquadramentos temporais que tornam visíveis certas questões — como o uso dos recursos, a tecnologia, o progresso e a partilha da Terra.

O passado, pessoal ou civilizacional, não é uma estrutura morta.

- presente → solução criativa
- solução criativa → nova variação
- nova variação → passado repadroneado

O capítulo fecha com uma ideia radical:

tal como a pessoa pode mudar o seu passado a partir do presente, também as civilizações podem alterar o curso da sua história através de soluções criativas.

A psique compõe mundos porque nenhum mundo único a pode conter.

Vocês não são apenas a melodia que reconhecem; são o compositor, a sinfonia e o campo silencioso de todas as variações possíveis.

CAPÍTULO 57

As Famílias de Consciência, as Inclinações da Psique e os Equilíbrios Criativos

— De modo geral, os Sumari têm a capacidade de se estender emocionalmente aos outros e de empatizar. Até certo ponto, esse sentimento pela humanidade serve muitas vezes de impulso para o trabalho criativo. Muitos deles também têm um sentido místico de ligação com a natureza. Ao mesmo tempo, podem ser relativamente isolacionistas, querendo trabalhar em solidão.

— Podem então aparecer vários tipos de características aparentemente contraditórias. Um Sumari pode ter muitas relações pessoais profundamente gratificantes. Outro pode achar que os amigos são uma distração. Um Sumari pode gostar de atuar diante de um público, enquanto outro pode nem sequer suportar a ideia. Como cada pessoa é única, as várias características Sumari manifestar-se-ão de formas bastante diferentes. Alguns vivem em cidades, banhando-se na proximidade emocional dos outros, satisfeitos com alguns vasos de flores como lembrança da beleza da natureza. Outro pode ter uma quinta. Na maioria dos casos, contudo, a inclinação da consciência é primariamente criativa.

— Não vou, mais uma vez, entrar em detalhe sobre as outras famílias, mas irei discuti-las brevemente, porque as contrapartes pertencerão geralmente à mesma família. A primeira família que mencionei, Gramada, por exemplo, especializa-se em organização. Por vezes, os seus membros surgem imediatamente depois de uma mudança social revolucionária. Contudo, as suas tendências organizadoras expressam-se em qualquer área da vida. Estão por trás de escolas de arte, por exemplo, embora possam não ser artistas eles mesmos. Podem criar faculdades, embora possam ou não ser académicos.

— Os fundadores de gigantescas empresas pertencem muitas vezes a esta família, tal como alguns políticos e estadistas. São ativos, vitais e criativamente agressivos. Sabem como reunir as ideias de outras pessoas. Muitas vezes unem escolas de pensamento conflitantes numa estrutura mais ou menos unificadora. São, portanto, frequentemente os fundadores de sistemas sociais. Na maioria dos casos, por exemplo, os vossos hospitais, escolas e religiões, enquanto organizações, são iniciados e frequentemente mantidos por este grupo.

— Estas pessoas, os Gramada, têm excelentes capacidades para reunir conceitos isolados que, de outro modo, poderiam ficar pelo caminho. São organizadores de energia, orientados para estruturas sociais eficazes. Geralmente estabelecem governos, escolas e fraternidades bastante estáveis e razoáveis, embora não iniciem as ideias por trás dessas estruturas.

— O grupo seguinte, Sumafi, lida primariamente com o ensino. Mais uma vez, a relação com os outros é boa, de modo geral. Podem ser dotados em qualquer área, mas o seu interesse primário será transmitir o seu conhecimento ou o de outros. São, portanto, geralmente tradicionalistas, embora possam ser brilhantes. De certa forma, relacionam-se igualmente com a família que acabei de mencionar, Gramada, e com os Sumari, pois situam-se entre o sistema organizado e o artista criativo. Transmitem a “originalidade” através das estruturas sociais, contudo, sem a alterar.

— Quando digo que os Sumafi não alteram a originalidade, reconheço, naturalmente, que qualquer interpretação de um acontecimento o altera; mas, de modo geral, eles ensinam as disciplinas sem alterar criativamente o conteúdo. Como historiadores, por exemplo, transmitem as datas das batalhas, e essas datas são consideradas quase como factos imaculados, de modo que, no contexto da sua formação, não veem sentido em questionar a validade de tal informação.

— Na Idade Média, copiaram fielmente manuscritos. São guardiões, de certo modo. Mais uma vez, há variações infinitas. Muitos professores de música ou de arte pertencem a esta categoria, onde as artes são ensinadas com amor pela excelência, com ênfase na técnica — técnica essa na qual o artista, que muitas vezes é Sumari, embora não sempre, de modo algum, pode colocar a sua criatividade.

— A família seguinte, a Tumold, pela ordem dada, dedica-se primariamente à cura. Isto não significa que essas pessoas não possam ser criativas, organizadoras ou professoras, mas a inclinação primária da sua consciência será dirigida para a cura. Podem encontrá-las como médicos e enfermeiros, embora geralmente não como administradores hospitalares. Contudo, podem ser psíquicos, assistentes sociais, psicólogos, artistas, ou estar ligadas às religiões. Podem trabalhar em floristas. Podem trabalhar em linhas de montagem, aliás, mas, se assim for, serão curadores por intento ou temperamento.

— Menciono várias profissões ou ocupações para dar exemplos claros, mas um mecânico de garagem pode pertencer a este grupo Tumold, ou a qualquer outro grupo. Neste caso, o mecânico teria um efeito curador nos clientes, e estaria a reparar mais do que carros.

— Os curadores também podem aparecer como políticos, contudo, curando psiquicamente as feridas da nação. Um artista de qualquer tipo, cujo trabalho se destine primariamente a ajudar, também pertence a esta categoria. Encontrarão alguns chefes de Estado, e — particularmente no passado — alguns membros de famílias reais que também pertencem a este grupo.

— Aqueles que pertencem ao grupo seguinte, o Void, são primariamente reformadores. Têm excelentes capacidades precognitivas, o que, naturalmente, significa que, pelo menos inconscientemente, compreendem o movimento das

probabilidades. Podem trabalhar em qualquer área. Nos vossos termos, é como se percebessem o movimento futuro ou a direção de uma ideia, de um conceito ou de uma estrutura. Depois trabalham com toda a sua mente para trazer essa probabilidade para a realidade física.

— *Em termos convencionais, podem parecer grandes ativistas e revolucionários, ou podem parecer sonhadores impraticáveis. Estarão possuídos por uma ideia de mudança e alteração, e sentir-se-ão, pelo menos, impelidos ou compelidos a tornar essa ideia uma realidade. Prestam, regra geral, um serviço muito criativo, pois as organizações sociais e políticas podem muitas vezes tornar-se estagnadas, deixando de servir os propósitos das grandes massas de pessoas envolvidas. Os membros desta família Void também podem iniciar revoluções religiosas, claro. Regra geral, contudo, têm um propósito em mente: mudar o statu quo em qualquer que seja a área do seu interesse primário.*

— *Já é fácil ver como os propósitos destas várias famílias podem entrelaçar-se, complementar-se, e também entrar em conflito. Ainda assim, no conjunto, quase sempre funcionam como sistemas de pesos e contrapesos criativos.*

— *A família seguinte, a Milumet, é composta por místicos. Quase toda a sua energia é dirigida para dentro, sem preocupação quanto a saber se a experiência interior será ou não traduzida nos termos habituais. Estas pessoas, por exemplo, podem ser completamente desconhecidas, e geralmente são, pois, em regra, não se importam*

minimamente em explicar as suas atividades interiores aos outros — nem, aliás, a si mesmas. São verdadeiros inocentes, e espirituais.

— Podem ser intelectualmente subdesenvolvidas, segundo os padrões reconhecidos, mas isto deve-se simplesmente ao facto de não dirigirem o seu intelecto para o foco físico. Aqueles que pertencem a esta família Milumet geralmente não ocuparão posições de autoridade, pois não se concentrarão durante tanto tempo em dados físicos específicos. Contudo, podem ser encontrados no vosso país precisamente onde talvez não esperassem encontrá-los: em algumas linhas de montagem que exigem ação simples e repetitiva — em fábricas que, contudo, não exigem rapidez. Geralmente escolhem países menos industrializados, com um ritmo de vida mais lento. Têm maneirismos simples, diretos, infantis, e podem parecer estúpidos. Não se preocupam com as convenções.

— Curiosamente, porém, podem ser excelentes pais, particularmente em sociedades menos complicadas do que a vossa. Nos vossos termos, são primitivos onde quer que apareçam. Contudo, estão profundamente envolvidos na natureza e, a esse respeito, estão psiquicamente mais sintonizados do que a maioria das outras pessoas.

— As suas experiências privadas são muitas vezes do tipo mais aventureiro, e, a esse nível, ajudam a nutrir a psique da humanidade.

— O grupo seguinte, o Zuli, está envolvido sobretudo com a realização da atividade corporal. Estes são os atletas. Em qualquer área, dedicam-se a aperfeiçoar as capacidades do corpo que, nos outros, geralmente permanecem latentes.

— Até certo ponto, servem como modelos físicos. A vitalidade da condição de criatura é demonstrada através da beleza, velocidade, elegância e desempenho do próprio corpo. Até certo ponto, estas pessoas são perfeccionistas, e nas suas atividades há sempre indícios de uma realização "superior", como se, mesmo fisicamente, a espécie tentasse ir além de si mesma. Os membros desta família servem, na verdade, para apontar a capacidade não realizada da carne — tal como, por exemplo, grandes artistas Sumari poderiam dar pistas quanto às capacidades artísticas inerentes, mas não usadas, na espécie como um todo. Os membros deste grupo lidam, portanto, com desempenho. São fazedores físicos. São também amantes da beleza tal como ela se expressa corporalmente.

— Os membros desta família Zuli podem muitas vezes servir de modelos para o artista ou o escritor, mas, de modo geral, eles próprios transmitem a sua energia através de "artes" físicas e desempenho. Apenas nos vossos termos, e falando historicamente, apareceram muitas vezes nos começos das civilizações, quando a manipulação física direta do corpo dentro do ambiente era de importância suprema. Então, as reações físicas normais eram simplesmente mais rápidas do que são agora, mesmo enquanto o relaxamento corporal normal era mais profundo e mais completo.

Síntese Operativa

Este capítulo começa a mapear, de modo mais direto, algumas das famílias de consciência.

- Sumari → criatividade
- Gramada → organização
- Sumafi → ensino / transmissão
- Tumold → cura
- Void → reforma / mudança
- Milumet → misticismo interior
- Zuli → corpo / desempenho / beleza física

A função central do capítulo é mostrar que cada família representa uma inclinação predominante da consciência, mas nenhuma delas existe isoladamente.

- família de consciência → tonalidade predominante
- tonalidade predominante → não exclusividade

- cada indivíduo → combinação única
- famílias → entrelaçamento funcional

Seth impede novamente uma leitura rígida.

- não → categoria fixa
 - não → rótulo absoluto
 - sim → inclinação psíquica
 - sim → função predominante
-

1. Os Sumari e a aparente contradição

Os Sumari podem parecer contraditórios.

- Sumari → empatia
- Sumari → ligação emocional aos outros
- Sumari → sentido místico da natureza

- Sumari → desejo de solidão

Esta combinação não é contradição real.

É uma tensão criativa.

- humanidade → impulso criativo
- natureza → ligação mística
- solidão → espaço de trabalho
- criatividade → inclinação predominante

Um Sumari pode ter muitas relações pessoais ou preferir isolamento. Pode gostar de atuar diante de público ou detestar essa ideia.

- mesma família → expressões diferentes
- mesma tonalidade → formas individuais
- individualidade → modula a família

2. Sumari como inclinação criativa

Na maioria dos casos, a inclinação da consciência Sumari é primariamente criativa.

- Sumari → criação
- criação → arte de viver
- criação → expressão livre
- criação → forma própria

A criatividade Sumari não implica sempre profissão artística.

- artista formal → possível
- vida como arte → mais amplo
- criatividade → modo de ser

Este ponto liga diretamente ao capítulo anterior:

- self → composição
- vida → melodia
- Sumari → improvisação criativa

3. Gramada: organização e estrutura

A família Gramada especializa-se em organização.

- Gramada → organização
- organização → estrutura
- estrutura → sistemas sociais
- energia dispersa → forma eficaz

Os Gramada surgem muitas vezes depois de mudanças sociais revolucionárias.

- mudança → caos potencial
- Gramada → estruturação
- estruturação → estabilização

Eles não iniciam necessariamente as ideias, mas organizam-nas.

- ideia → pode vir de outros

- Gramada → reúne
 - Gramada → estrutura
 - Gramada → torna funcional
-

4. Gramada como fundadores de sistemas sociais

Os Gramada estão por trás de escolas, faculdades, hospitais, religiões enquanto organizações, empresas, governos, fraternidades e sistemas sociais.

- conceito isolado → recolhido
- ideias dispersas → reunidas
- escolas de pensamento conflitantes → unificadas
- sistema social → fundado

Os Gramada são organizadores de energia.

- energia → direção
- direção → estrutura

- estrutura → eficácia social

A sua função é dar corpo organizacional a forças que, sem estrutura, poderiam ficar pelo caminho.

5. Sumafi: ensino e transmissão

A família Sumafi lida primariamente com o ensino.

- Sumafi → ensinar
- ensino → transmitir conhecimento
- transmissão → preservar conteúdo
- conteúdo → atravessa estruturas sociais

Podem ser dotados em qualquer área, mas o seu interesse principal é transmitir conhecimento — próprio ou alheio.

- conhecimento → recebido
- conhecimento → organizado
- conhecimento → transmitido

São geralmente tradicionalistas, embora possam ser brilhantes.

- brilho → possível
 - tradição → tendência
 - transmissão → função principal
-

6. Sumafi entre Gramada e Sumari

Os Sumafi situam-se entre o sistema organizado e o artista criativo.

- Gramada → sistema organizado
- Sumari → artista criativo
- Sumafi → transmissor

A sua função é levar originalidade através das estruturas sociais, sem a alterar criativamente.

- originalidade → preservada
- estrutura social → canal

- ensino → transmissão

O Sumafi é guardião da continuidade.

- criador → origina
 - organizador → estrutura
 - Sumafi → transmite
-

7. Sumafi como guardiões

Na Idade Média, os Sumafi copiaram fielmente manuscritos.

- manuscrito → preservação
- tradição → continuidade
- técnica → rigor
- disciplina → transmissão

Muitos professores de música ou arte pertencem a esta categoria.

- arte → ensinada
- técnica → enfatizada
- excelência → valorizada
- criatividade do artista → colocada sobre a técnica

O Sumafi fornece o instrumento disciplinar; o Sumari pode colocar nele a criatividade.

- Sumafi → técnica
 - Sumari → invenção
 - técnica + invenção → arte viva
-

8. Tumold: cura e reparação

A família Tumold dedica-se primariamente à cura.

- Tumold → cura
- cura → ajuda

- cura → reparação
- cura → restauração

Isto não impede criatividade, organização ou ensino, mas a inclinação principal é curadora.

- médico
- enfermeiro
- psíquico
- assistente social
- psicólogo
- artista
- religioso
- florista
- trabalhador de linha de montagem

A profissão é secundária.

- profissão → forma exterior
 - intento → função real
 - temperamento → sinal
-

9. Tumold cura para lá da função visível

Um mecânico Tumold estaria a reparar mais do que carros.

- mecânico → repara carro
- Tumold → repara ambiente emocional
- cliente → recebe efeito curador
- função visível → veículo

A cura pode aparecer em qualquer profissão.

- cura → não limitada à medicina
- cura → efeito psíquico

- cura → presença
- cura → intenção

Um político Tumold pode curar psiquicamente as feridas da nação.

- nação → ferida coletiva
 - político Tumold → reparação psíquica
 - chefia → função curadora
-

10. Void: reforma e probabilidades

A família Void é primariamente reformadora.

- Void → reforma
- reforma → mudança
- mudança → alteração do statu quo
- alteração → nova probabilidade

Os Void têm capacidades precognitivas, pois compreendem, pelo menos inconscientemente, o movimento das probabilidades.

- probabilidade → movimento
- Void → percepção do movimento futuro
- ideia → direção
- estrutura → futuro possível

Depois trabalham para trazer essa probabilidade à realidade física.

- probabilidade percebida → ação
- ação → atualização
- atualização → mudança social

11. Void como ativistas ou sonhadores

Em termos convencionais, os Void podem parecer grandes ativistas, revolucionários ou sonhadores impraticáveis.

- ativista → forma exterior

- revolucionário → intensidade de mudança
- sonhador → futuro ainda não aceite
- Void → compelido pela possibilidade

São possuídos por uma ideia de mudança.

- ideia → chama
- mudança → impulso
- realidade física → destino da probabilidade

Prestam um serviço criativo porque sistemas sociais e políticos podem tornar-se estagnados.

- organização → estabiliza
 - estabilização excessiva → estagnação
 - Void → rompe
 - rompimento → renovação
-

12. Void e revoluções religiosas

Os Void podem também iniciar revoluções religiosas.

- religião organizada → estrutura
- estrutura → pode cristalizar
- Void → reabre
- revolução religiosa → mudança de visão

O seu propósito é mudar o statu quo na área do seu interesse principal.

- statu quo → padrão dominante
- Void → tensão reformadora
- mudança → libertação de energia bloqueada

13. Pesos e contrapesos criativos

As famílias entrelaçam-se, complementam-se e entram em conflito.

- Sumari → cria
- Gramada → organiza
- Sumafi → transmite
- Tumold → cura
- Void → reforma
- Milumet → interioriza
- Zuli → corporiza

O conflito não é necessariamente disfunção.

- conflito → tensão criativa
- tensão criativa → equilíbrio
- equilíbrio → sistema vivo

Seth chama-lhes sistemas de pesos e contrapesos criativos.

- criatividade sem organização → dispersão

- organização sem reforma → estagnação
 - transmissão sem criatividade → repetição
 - misticismo sem corpo → desancoragem
 - corpo sem consciência → automatismo
 - cura sem estrutura → fragilidade
 - reforma sem cura → rutura excessiva
-

14. Milumet: misticismo interior

A família Milumet é composta por místicos.

- Milumet → interioridade
- interioridade → experiência direta
- experiência direta → pouco interesse em tradução social

Quase toda a sua energia é dirigida para dentro.

- energia → interior
- foco físico → reduzido
- explicação aos outros → pouco importante
- explicação a si mesmos → também pouco importante

São verdadeiros inocentes e espirituais.

- inocência → simplicidade
 - espiritualidade → contacto interior
 - intelecto físico → pode parecer pouco desenvolvido
-

15. Milumet e foco físico reduzido

Os Milumet podem parecer intelectualmente subdesenvolvidos segundo padrões comuns, porque não dirigem o intelecto para o foco físico.

- intelecto → não ausente
- intelecto → não orientado para dados físicos

- foco físico → fraco
- experiência interior → forte

Geralmente não ocupam posições de autoridade.

- autoridade → exige foco continuado em dados físicos
- Milumet → pouca concentração nesse nível
- posição social → menos importante

Podem aparecer em tarefas simples e repetitivas, desde que o ritmo não seja demasiado rápido.

- repetição simples → compatível
- velocidade industrial → incompatível
- ritmo lento → favorecido

16. Milumet, natureza e inocência

Os Milumet geralmente escolhem países menos industrializados, com ritmo de vida mais lento.

- vida lenta → compatível
- natureza → ligação profunda
- convenções → pouco interesse

Podem ter maneirismos simples, diretos, infantis, e parecer estúpidos.

- aparência exterior → simplicidade
- realidade interior → aventura psíquica
- julgamento social → erro provável

Nos vossos termos, são “primitivos” onde quer que apareçam, mas psiquicamente mais sintonizados do que a maioria.

- primitivo exterior → simplicidade
- sintonia psíquica → profundidade

17. Milumet nutre a psique da humanidade

As experiências privadas dos Milumet são muitas vezes extremamente aventureiras.

- aventura exterior → pouca
- aventura interior → intensa
- experiência privada → alimento psíquico
- psique da humanidade → nutrida

Eles não precisam traduzir a experiência interior em obra pública para terem função coletiva.

- não visível → não inútil
- não traduzido → ainda assim operativo
- interioridade → contributo psíquico

18. Zuli: corpo, desempenho e beleza física

A família Zuli está envolvida com a realização da atividade corporal.

- Zuli → corpo

- corpo → desempenho
- desempenho → beleza física
- beleza física → expressão da vitalidade

São os atletas, em sentido amplo.

- atleta → modelo físico
 - corpo → instrumento
 - capacidade corporal → aperfeiçoada
 - potencial latente da espécie → demonstrado
-

19. Zuli como modelos da carne

Os Zuli demonstram a vitalidade da condição de criatura.

- beleza
- velocidade

- elegância
- desempenho

Nas suas atividades há indícios de realização superior.

- corpo → vai além do comum
- espécie → tenta superar-se fisicamente
- carne → capacidade não realizada

Tal como artistas Sumari mostram capacidades artísticas latentes na espécie, os Zuli mostram capacidades corporais latentes.

- Sumari → potencial artístico
 - Zuli → potencial corporal
 - ambos → pistas da espécie
-

20. Zuli e artes físicas

Os Zuli transmitem energia através de “artes” físicas e desempenho.

- dança
- desporto
- movimento
- presença corporal
- performance física

Podem servir de modelos para artistas ou escritores, porque corporizam formas, posturas, beleza e vitalidade.

- corpo → imagem viva
- movimento → linguagem
- desempenho → expressão
- beleza corporal → inspiração

21. Zuli nos começos das civilizações

Historicamente, os Zuli apareceram muitas vezes nos começos das civilizações, quando a manipulação física direta do corpo no ambiente era essencial.

- começos civilizacionais → corpo central
- ambiente → manipulação direta
- reação física → rapidez
- relaxamento corporal → profundidade

Seth sugere que, então, as reações físicas normais eram mais rápidas do que agora, enquanto o relaxamento corporal era mais profundo e completo.

- corpo antigo → resposta rápida
- corpo antigo → relaxamento profundo
- modernidade → possível perda corporal

Movimento do capítulo

procura de casa → percepção inicial fraca → processamento inconsciente → casa como probabilidade → Jane relê famílias de consciência → ligação com Sumari → Sumari como empatia, natureza e solidão → contradições aparentes → criatividade como inclinação predominante → Gramada como organização → conceitos isolados reunidos → sistemas sociais fundados → Sumafi como ensino e transmissão → originalidade preservada através de estruturas sociais → Tumold como cura → cura para lá da profissão visível → Void como reforma e movimento das probabilidades → mudança do statu quo → famílias entrelaçadas como pesos e contrapesos criativos → Milumet como místicos interiores → inocência, natureza e aventura psíquica privada → Zuli como corpo, desempenho e beleza física → capacidade não realizada da carne → começo das civilizações → corpo mais rápido e relaxamento mais profundo

Fórmula central

- família de consciência → inclinação predominante
- inclinação predominante → função psíquica
- função psíquica → expressão individual
- expressão individual → variação única

- variação única → não contradição
 - famílias → entrelaçamento
 - entrelaçamento → equilíbrio criativo
 - equilíbrio criativo → dinâmica da psique coletiva
-

Cartografia funcional

- Sumari → cria
- Gramada → organiza
- Sumafi → transmite
- Tumold → cura
- Void → reforma
- Milumet → contempla
- Zuli → corporiza

Ou, em termos operativos:

- Sumari → abre possibilidades criativas
 - Gramada → constrói estruturas
 - Sumafi → preserva e ensina
 - Tumold → repara feridas
 - Void → rompe estagnações
 - Milumet → aprofunda interiormente
 - Zuli → manifesta vitalidade corporal
-

Chave interpretativa

O capítulo mostra que uma família de consciência não é uma identidade fechada.

- família → não gaiola
- família → tonalidade

- tonalidade → predominância
- predominância → não exclusão

Uma pessoa pode reconhecer em si várias inclinações.

- Sumari predominante → criatividade
- Gramada auxiliar → estrutura
- Void auxiliar → reforma
- Zuli auxiliar → corpo
- Tumold auxiliar → cura
- Milumet auxiliar → interioridade
- Sumafi auxiliar → transmissão

A individualidade é uma composição própria, feita de várias funções psíquicas.

- família predominante → dá o tom
- famílias auxiliares → fornecem instrumentos

- individualidade → compõe a música
-

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ qual é a minha inclinação predominante?
- ✓ que famílias reconheço como auxiliares?
- ✓ onde crio?
- ✓ onde organizo?
- ✓ onde ensino ou transmito?
- ✓ onde curo?
- ✓ onde reformo?
- ✓ onde contemplo?
- ✓ onde corporizo?

- ✓ que função está reprimida em mim?
 - ✓ que função está excessiva?
 - ✓ que equilíbrio criativo procuro?
-

Síntese final

O Capítulo 57 apresenta as famílias de consciência como funções predominantes da psique.

Elas não são categorias rígidas, nem identidades exclusivas.

- Sumari → criatividade
- Gramada → organização
- Sumafi → transmissão
- Tumold → cura
- Void → reforma
- Milumet → misticismo

- Zuli → corpo

Cada família expressa uma maneira de a consciência participar na realidade física.

- criar
- organizar
- transmitir
- curar
- reformar
- interiorizar
- corporizar

Estas funções podem complementar-se, cruzar-se e entrar em tensão.

- complemento → enriquecimento
- conflito → tensão criativa
- equilíbrio → sistema vivo

O capítulo é importante porque mostra que a psique não trabalha por compartimentos, mas por entrelaçamentos.

Uma pessoa não é apenas uma família.

É uma composição.

A família predominante dá o tom; as outras fornecem instrumentos. A individualidade compõe a música.

Assim, as famílias de consciência funcionam como sistemas criativos de pesos e contrapesos, através dos quais a psique individual e coletiva organiza, transforma, cura, transmite, reforma, contempla e corporiza a experiência.

A família predominante dá o tom; as outras fornecem instrumentos. A individualidade compõe a música.

CAPÍTULO 58

As Linhagens da Terra, os Trocadores de Ideias e as Sementes da Consciência

— A família seguinte, Borledim, lida primariamente com a parentalidade. Estas pessoas são "pais terrestres" naturais. Isto é, têm a capacidade de produzir filhos que, de certo ponto de vista, possuem certas características excelentes. As crianças têm mentes brilhantes, corpos saudáveis e emoções fortes e claras.

— Enquanto muitas pessoas trabalham em áreas específicas, desenvolvendo o intelecto, por exemplo, ou as emoções ou o corpo, estes pais e os seus filhos produzem descendência na qual se mantém um bom equilíbrio.

— Nenhum aspeto da mente ou do corpo é desenvolvido à custa de outro aspeto.

— As personalidades possuem uma resiliência aguçada, tanto do corpo como da mente, e servem como forte linhagem terrestre. Escusado será dizer que membros de uma família casam muitas vezes com membros de outras famílias. Claro que o mesmo acontece aqui. Quando isto ocorre, é introduzida uma nova

estabilidade, pois esta família em particular atua como uma linhagem-fonte, fornecendo força física e mental.

— Fisicamente falando, estas pessoas têm muitas vezes muitos filhos, e geralmente os descendentes saem-se bem em qualquer área da vida que escolham. Biologicamente falando, possuem certas qualidades que anulam códigos “negativos” nos genes. São geralmente pessoas muito saudáveis, e o casamento com este grupo pode automaticamente pôr fim a gerações de chamadas fraquezas herdadas.

— Estas pessoas, os Borledim, acreditam, então, na bondade natural do sexo, do corpo e da unidade familiar — independentemente da forma como esses atributos sejam compreendidos na sociedade física a que pertencem. Regra geral, possuem uma espontaneidade encantadora, e todas as suas capacidades criativas entram no grupo familiar e na produção de filhos. Estes não são pais rígidos que sigam cegamente as convenções, mas pessoas que veem a vida familiar como uma bela arte criativa viva, e os filhos como obras-primas de carne e sangue. Longe de devorarem os seus descendentes através de um excesso de cuidado superprotetor, enviam alegremente os filhos para o mundo, sabendo que, nos seus termos, as obras-primas devem completar-se a si mesmas, e que eles ajudaram com a pintura de base.

— Os Borledim são a linhagem que, até agora, sempre assegurou que a vossa espécie continuasse apesar das catástrofes, e estão

distribuídos de forma mais ou menos igual pelo planeta e por todas as nacionalidades. São os mais semelhantes aos Sumari. Têm o mesmo amor pelas artes, as mesmas atitudes gerais. Procurarão geralmente situações políticas bastante estáveis nas quais gerar os seus filhos, tal como os Sumari o farão para produzir a sua arte. Exigem, contudo, uma certa quantidade de liberdade para os seus filhos, e, embora não sejam ativistas políticos, tal como os Sumari, as suas ideias muitas vezes ganham destaque antes de grandes mudanças sociais, e ajudam a iniciá-las. A grande diferença é que os Sumari lidam primariamente com a criatividade e as artes, e muitas vezes subordinam a vida familiar, como Jane e Rob fizeram, enquanto esta família pensa na descendência em termos de arte viva; tudo o resto é subordinado a esse "ideal".

— *Os Sumari fornecem muitas vezes uma herança cultural, espiritual ou artística para a espécie. Esta família Borledim fornece uma linhagem terrestre bem equilibrada — uma herança em termos de indivíduos. Estas pessoas são bondosas, bem-humoradas, brincalhonas, cheias de viva compaixão, mas demasiado sábias para o tipo "pervertido" de compaixão que se alimenta das fraquezas de outros indivíduos.*

— *Um artista espera que as suas pinturas sejam boas — ou, se me perdoarem a rima: pelo menos, assim deveria ser. Estas pessoas esperam que os seus filhos sejam bem equilibrados, saudáveis, espiritualmente aguçados, e assim são. Encontrarão membros da família Borledim em quase qualquer ocupação, mas a consideração principal será a unidade familiar física.*

— *Estes pais não se sacrificam em benefício dos filhos. Compreendem demasiado bem o fardo que é colocado sobre tais descendentes. Em vez disso, os pais retêm o seu próprio sentido claro de identidade e as suas características individuais, servindo como exemplos claros, para os filhos, de adultos amorosos e independentes.*

— *A família seguinte, Ilda, é composta pelos "trocaadores". Lidam primariamente com o grande jogo da troca e do intercâmbio de ideias, produtos, conceitos sociais e políticos. São viajantes, levando consigo as ideias de um país para outro, misturando culturas, religiões, atitudes, estruturas políticas. São exploradores, comerciantes, soldados, missionários, marinheiros. Muitas vezes são membros de cruzadas.*

— *Ao longo das eras, serviram como disseminadores de ideias, assimiladores. Os Ilda aparecem em toda a parte. Foram piratas e também escravos, historicamente falando. Estão muitas vezes primariamente envolvidos em mudanças sociais. No vosso tempo podem ser diplomatas, como também o foram no passado. As suas características são geralmente as dos aventureiros. Muito raramente vivem muito tempo no mesmo lugar, embora possam fazê-lo se a sua ocupação lidar com produtos de outra terra. Individualmente, podem parecer altamente diversos por natureza, uns dos outros, mas, regra geral, não os encontrarão nas universidades como professores. Poderão encontrá-los como arqueólogos no terreno, contudo.*

— Muitos vendedores pertencem a esta categoria Ilda. Nos vossos termos, podem ser cosmopolitas, e frequentemente ricos, de modo que viagens frequentes sejam possíveis. Por outro lado, contudo, em determinados enquadramentos, um comerciante humilde num pequeno país, que viaja por províncias próximas, também pode pertencer a esta família. São um grupo de pessoas vivas, faladoras, imaginativas, geralmente agradáveis. Interessam-se pelos aspetos exteriores das coisas, pelos costumes sociais, pelo mercado, pelas ideias religiosas ou políticas populares do momento. Espalham-nas de lugar em lugar. São os portadores de sementes, tanto literal como figurativamente.

— Podem ser "vigaristas", vendendo produtos que supostamente têm valores milagrosos, deslumbrando a população local com os seus ares citadinos. Mesmo assim, contudo, trarão consigo a aura de outras ideias, muitas vezes introduzindo em áreas fechadas conceitos com os quais outros já estão familiarizados.

— Os membros dessa família de consciência fornecem frequentemente novas opções. Podem ser cientistas, ou o tipo mais estrito de missionários convencionais no estrangeiro, em terras alheias. No vosso tempo presente, são por vezes indianos — da Índia, isto é —, ou africanos ou árabes, viajando para as vossas civilizações. Acrescentam algo ao grande fluxo da comunicação. Podem ser emocionais em vez de intelectuais, tal como entendem esses termos, mas são inquietos, geralmente em movimento. Também podem ser atores.

— No passado, alguns Ilda foram grandes cortesãs, e, embora não pudessem viajar fisicamente, estavam no centro da comunicação — isto é, faziam parte da vida de corte, ou estavam envolvidas com diplomatas que viajavam.

— Muitas das cortesãs que governaram os salões da Europa pertenciam então à categoria Ilda. As Cruzadas envolveram grande movimento desta família, nas quais o comércio e a troca de ideias políticas eram muito mais importantes do que os aspetos religiosos. Alguns membros desta família serviram como iniciadores de novas ordens na Igreja Católica no passado — os mundanos jesuítas, por exemplo, e alguns dos papas mais sofisticados, que tinham um olhar apurado para o comércio e a riqueza. Estas pessoas podem ser apreciadoras de belas-artes, mas geralmente pelo seu valor comercial.

— Agora podem encontrá-los muitas vezes nos departamentos do governo, nas áreas em que está envolvida a viagem, ou nas finanças. Frequentemente apreciam a intriga. No conjunto, misturam costumes.

Síntese Operativa

Este capítulo completa a cartografia das famílias de consciência com duas funções psíquicas fundamentais:

- Borledim → linhagem terrestre / parentalidade / continuidade equilibrada da espécie
- Ilda → troca / viagem / intercâmbio / disseminação de ideias

A função central do capítulo é mostrar como a consciência se organiza não apenas através da criatividade, da cura, da reforma, do ensino ou da contemplação, mas também através da **produção equilibrada de indivíduos** e da **circulação de ideias entre culturas**.

- Borledim → gera corpos, famílias e indivíduos equilibrados
- Ilda → transporta ideias, produtos, costumes e visões de mundo

Uma família estabiliza a continuidade da espécie.

A outra movimenta a comunicação entre povos, sociedades e sistemas.

1. Borledim: parentalidade como arte viva

A família Borledim lida primariamente com a parentalidade.

- Borledim → pais terrestres naturais
- parentalidade → função psíquica central
- filhos → obras-primas de carne e sangue

Estas pessoas possuem a capacidade de gerar filhos com mentes brilhantes, corpos saudáveis e emoções fortes e claras.

- mente → brilhante
- corpo → saudável
- emoções → fortes e claras

A sua função não é desenvolver apenas uma área da personalidade, mas manter equilíbrio entre mente, corpo e emoção.

- intelecto → não à custa do corpo
- corpo → não à custa da emoção
- emoção → não à custa da mente

- equilíbrio → assinatura Borledim
-

2. Linhagem terrestre e força da espécie

Os Borledim servem como forte linhagem terrestre.

- Borledim → linhagem-fonte
- linhagem-fonte → força física e mental
- força física e mental → estabilidade

Quando membros desta família se unem a membros de outras famílias de consciência, introduzem nova estabilidade.

- casamento entre famílias → mistura psíquica
- mistura psíquica → estabilidade renovada
- Borledim → reforço da base terrestre

Biologicamente, Seth associa esta família a qualidades que anulam códigos “negativos” nos genes e podem pôr fim a gerações de fraquezas herdadas.

- saúde → padrão forte
 - códigos negativos → anulados
 - fraquezas herdadas → interrompidas
 - linhagem → regenerada
-

3. Bondade natural do sexo, corpo e família

Os Borledim acreditam na bondade natural do sexo, do corpo e da unidade familiar.

- sexo → natural
- corpo → bom
- família → campo criativo
- parentalidade → arte viva

Não são pais rígidos que sigam cegamente convenções.

- não → rigidez parental

- não → convencionalismo cego
- sim → espontaneidade encantadora
- sim → criatividade familiar

A sua criatividade entra no grupo familiar e na produção de filhos.

- criatividade → família
 - família → obra viva
 - filhos → expressão criativa incarnada
-

4. Filhos como obras-primas em desenvolvimento

Os Borledim veem os filhos como obras-primas de carne e sangue.

- filho → obra-prima viva
- parentalidade → pintura de base
- criança → completa-se a si mesma

Eles não devoram os filhos com cuidado superprotetor.

- superproteção → devoradora
- cuidado criativo → libertador
- pais Borledim → enviam os filhos ao mundo

Sabem que as obras-primas devem completar-se a si mesmas.

- pais → ajudam na base
 - filhos → continuam a obra
 - vida → acabamento próprio
-

5. Borledim e Sumari

Os Borledim são os mais semelhantes aos Sumari.

- Borledim → amor pelas artes
- Sumari → amor pelas artes

- Borledim → liberdade para os filhos
- Sumari → liberdade para a criação

Ambos procuram situações políticas relativamente estáveis.

- Borledim → estabilidade para gerar filhos
- Sumari → estabilidade para produzir arte

A diferença principal está no foco.

- Sumari → criatividade e artes
- Borledim → descendência como arte viva
- Sumari → herança cultural / espiritual / artística
- Borledim → herança em termos de indivíduos

6. Herança cultural e herança incarnada

Os Sumari fornecem muitas vezes uma herança cultural, espiritual ou artística para a espécie.

Os Borledim fornecem uma linhagem terrestre bem equilibrada.

- Sumari → obra cultural
- Borledim → indivíduos equilibrados
- Sumari → arte exteriorizada
- Borledim → arte incarnada

A diferença não é de valor, mas de direção criativa.

- arte Sumari → pintura, música, ideias, cultura
 - arte Borledim → filhos, família, continuidade humana
-

7. Compaixão viva, mas não distorcida

Os Borledim são bondosos, bem-humorados, brincalhões e cheios de viva compaixão.

- bondade → presença
- humor → leveza

- brincadeira → vitalidade
- compaixão → calor humano

Contudo, são demasiado sábios para uma compaixão “pervertida” que se alimenta das fraquezas dos outros.

- compaixão viva → fortalece
- compaixão pervertida → alimenta fraqueza
- Borledim → ajudam sem enfraquecer

A sua compaixão não cria dependência.

- amor → autonomia
- cuidado → força
- família → independência amorosa

8. Pais que não se sacrificam

Os pais Borledim não se sacrificam em benefício dos filhos.

- autossacrifício → fardo para os filhos
- identidade clara dos pais → exemplo saudável
- adultos independentes → modelo vivo

Compreendem que o sacrifício parental excessivo coloca um peso nos descendentes.

- pais anulados → filhos carregam dívida
- pais inteiros → filhos aprendem integridade

A função Borledim é criar filhos fortes, não filhos culpabilizados pelo sacrifício dos pais.

- amor → não anulação
- parentalidade → não martírio
- exemplo → adultos amorosos e independentes

9. Ilda: os trocadores

A família Ilda é composta pelos “trocadores”.

- Ilda → troca
- troca → intercâmbio
- intercâmbio → circulação
- circulação → novas opções

Lidam com o grande jogo da troca e do intercâmbio de ideias, produtos, conceitos sociais e políticos.

- ideias → transportadas
- produtos → trocados
- culturas → misturadas
- estruturas políticas → comunicadas

São viajantes, exploradores, comerciantes, soldados, missionários e marinheiros.

- Ilda → movimento
- movimento → contacto
- contacto → mistura

10. Portadores de sementes

Os Ilda são portadores de sementes, literal e figurativamente.

- semente literal → produtos / bens / recursos
- semente figurativa → ideias / costumes / crenças
- viagem → disseminação
- disseminação → mudança

Espalham ideias religiosas, políticas e sociais de lugar em lugar.

- lugar A → ideia
- Ilda → transporte
- lugar B → nova opção

São agentes de circulação cultural.

- cultura fechada → recebe conceito novo

- mercado → ponto de troca
 - viagem → ponte entre mundos
-

11. Ilda como mistura de culturas

Os Ilda misturam culturas, religiões, atitudes e estruturas políticas.

- cultura → misturada
- religião → transportada
- costume → deslocado
- estrutura política → comparada

Podem estar envolvidos em cruzadas, comércio, diplomacia, viagens, salões, cortes, mercados e finanças.

- Ilda → diplomata
- Ilda → comerciante
- Ilda → viajante

- Ilda → cortesã
- Ilda → missionário
- Ilda → ator

O seu campo é a comunicação em movimento.

12. Ilda e mudanças sociais

Os Ilda estão frequentemente envolvidos em mudanças sociais.

- movimento de pessoas → movimento de ideias
- movimento de ideias → mudança social
- troca cultural → novas possibilidades

Podem parecer muito diferentes uns dos outros, mas partilham a inquietação, a mobilidade e o interesse pelos aspetos exteriores das coisas.

- costumes sociais → interesse
- mercado → interesse

- ideias populares → interesse
- vida pública → interesse

Ao contrário dos Sumafi, regra geral, não aparecem como professores universitários.

- Sumafi → transmissão disciplinar
 - Ilda → circulação experiencial
-

13. O lado ambíguo dos Ilda

Os Ilda também podem ser vigaristas.

- troca → pode ser nobre
- troca → pode ser manipuladora
- produto milagroso → engano
- ares citadinos → deslumbramento

Mesmo assim, trazem consigo a aura de outras ideias.

- engano exterior → ainda transporta contacto
- área fechada → recebe novidade
- novidade → opção futura

A função Ilda não é moralmente simples.

É dinâmica, ambígua, circulatória.

14. Ilda e novas opções

Os membros desta família fornecem frequentemente novas opções.

- Ilda → opção nova
- opção nova → contacto com outro mundo
- contacto → comparação
- comparação → mudança possível

Podem ser cientistas, missionários, viajantes, estrangeiros, atores ou comerciantes.

- cientista → leva conhecimento
- missionário → leva crença
- viajante → leva costumes
- ator → leva papéis e imagens
- comerciante → leva produtos e ideias

Acrescentam algo ao grande fluxo da comunicação.

- comunicação → fluxo
- Ilda → intensificação do fluxo

15. Ilda e a vida de corte

No passado, alguns Ilda foram grandes cortesãs.

- cortesã → centro de comunicação
- corte → nó social

- diplomatas → circulação política

Mesmo sem viajar fisicamente, estavam no centro da troca.

- não viajar fisicamente → ainda assim circular informação
- salão → ponto de encontro
- conversa → veículo
- intriga → rede

Muitas cortesãs dos salões europeus pertenciam à categoria Ilda.

- salão → mercado subtil de ideias
 - corte → intercâmbio social
 - cortesã Ilda → mediadora de comunicação
-

16. Ilda, Cruzadas e Igreja

As Cruzadas envolveram grande movimento da família Ilda.

- Cruzadas → movimento
- movimento → comércio
- comércio → troca cultural
- troca política → mais importante do que aspeto religioso

Seth destaca que o comércio e o intercâmbio de ideias políticas foram mais importantes do que os aspetos religiosos.

- religião → superfície
- troca → função profunda

Alguns Ilda iniciaram novas ordens na Igreja Católica.

- Igreja → estrutura religiosa
 - Ilda → circulação mundana
 - jesuítas mundanos → exemplo
 - papas sofisticados → comércio e riqueza
-

17. Ilda e valor comercial da arte

Os Ilda podem apreciar belas-artes, mas geralmente pelo seu valor comercial.

- arte → objeto de apreciação
- arte → mercadoria
- valor estético → pode existir
- valor comercial → predominante

Esta família tende a interessar-se pela circulação exterior das coisas.

- coisa → valor de troca
- arte → circulação social
- produto → mercado

18. Misturadores de costumes

Os Ilda podem ser encontrados em departamentos do governo, nas áreas ligadas à viagem, ou nas finanças.

- governo → contatos
- viagem → circulação
- finanças → troca
- intriga → rede de influência

No conjunto, misturam costumes.

- costume A + costume B → mistura
- mistura → transformação cultural
- transformação cultural → novas possibilidades

A função Ilda é manter o mundo em circulação.

Movimento do capítulo

Borledim → parentalidade → pais terrestres naturais → filhos equilibrados → mente, corpo e emoção em harmonia → linhagem

terrestre → força física e mental → anulação de códigos negativos → bondade do sexo, corpo e família → família como arte viva → filhos como obras-primas de carne e sangue → pais que não devoram os filhos → pintura de base → continuidade da espécie → semelhança com Sumari → Sumari criam herança cultural → Borledim criam herança em indivíduos → compaixão viva sem alimentar fraqueza → pais que não se sacrificam → adultos amorosos e independentes → Ilda → trocadores → intercâmbio de ideias, produtos e conceitos → viajantes, comerciantes, exploradores, soldados, missionários, marinheiros → disseminadores e assimiladores → piratas, escravos, diplomatas, arqueólogos → vendedores e cosmopolitas → portadores de sementes → vigaristas e introdutores de ideias → novas opções → fluxo da comunicação → cortesãs e salões → Cruzadas como movimento de troca → Igreja, comércio, riqueza → governo, viagem, finanças → mistura de costumes

Fórmula central

- Borledim → continuidade equilibrada da espécie
- Ilda → circulação transformadora de ideias
- Borledim → arte incarnada
- Ilda → movimento comunicativo

- Borledim → filhos como obras-primas
 - Ilda → ideias como sementes
 - Borledim → estabilidade vital
 - Ilda → mobilidade cultural
 - Borledim → família como criação
 - Ilda → mundo como intercâmbio
-

Cartografia funcional

- Borledim → gera
- Borledim → equilibra
- Borledim → fortalece
- Borledim → liberta os filhos
- Borledim → preserva a espécie através de indivíduos saudáveis

- Ilda → transporta
 - Ilda → troca
 - Ilda → mistura
 - Ilda → dissemina
 - Ilda → introduz opções
 - Ilda → transforma costumes
-

Chave interpretativa

O capítulo mostra duas funções psíquicas complementares.

- Borledim → raiz
- Ilda → circulação
- Borledim → corpo familiar
- Ilda → corpo social

- Borledim → continuidade
- Ilda → intercâmbio

Uma família assegura que a espécie continue através de indivíduos equilibrados.

A outra assegura que as ideias não fiquem paradas.

- espécie → precisa de continuidade
- cultura → precisa de circulação
- família → precisa de autonomia
- mundo → precisa de troca

Os Borledim criam a base incarnada.

Os Ilda movem as sementes culturais.

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ que tipo de herança estou a gerar?
 - ✓ o que estou a nutrir em carne e sangue?
 - ✓ cuido de modo libertador ou superprotetor?
 - ✓ a minha compaixão fortalece ou alimenta fraqueza?
 - ✓ que sementes transporto entre mundos?
 - ✓ que ideias faço circular?
 - ✓ sou raiz, ponte, ou ambos?
 - ✓ onde crio estabilidade?
 - ✓ onde crio movimento?
 - ✓ que costumes estou a misturar?
 - ✓ que novas opções introduzo nos ambientes por onde passo?
-

Síntese final

O Capítulo 58 completa a cartografia das famílias de consciência através dos Borledim e dos Ilda.

Os Borledim representam a parentalidade como arte viva.

- família → campo criativo
- filhos → obras-primas de carne e sangue
- pais → pintura de base
- crianças → completam-se a si mesmas

A sua função é garantir uma linhagem terrestre equilibrada para a espécie, preservando força física, clareza emocional, saúde, espontaneidade e independência.

Os Ilda representam o intercâmbio.

- ideias → viajam
- produtos → circulam
- culturas → misturam-se
- costumes → transformam-se

São viajantes, comerciantes, diplomatas, missionários, soldados, cortesãs, atores, vendedores, exploradores e todos aqueles que introduzem novas opções através do contacto entre mundos.

Uma família gera estabilidade incarnada.

A outra gera movimento comunicativo.

- Borledim → raízes vivas
- Ilda → sementes em viagem

Juntas, mostram que a consciência não apenas cria, cura, organiza, reforma, ensina, contempla ou corporiza.

Ela também gera linhagens e faz circular mundos.

Os Borledim dão à espécie raízes vivas; os Ilda levam as suas sementes de mundo em mundo.

CAPÍTULO 59

As Subfamílias da Consciência, as Misturas Psíquicas e as Organizações da Identidade

— Não quero entrar em variações familiares, mas Sue Watkins captou uma variação da família de consciência Gramada, a Grunaargh — bastante legítima, e, na altura, muito boa da parte dela. As pessoas adoram fazer divisões. Existem, então, aquilo a que podem chamar subfamílias, combinações altamente criativas. Todas as divisões servem simplesmente o propósito de organização da consciência. As famílias misturam-se e inter-relacionam-se, de modo que poderiam, de facto, subdividi-las, mas, para o meu propósito, há pouco sentido nisso.

— Tal como as raças físicas se misturam, também as raças psíquicas se misturam. De vez em quando, nos vossos termos, forma-se uma nova família a partir desses subgrupos. Assim, as famílias devem ser entendidas como categorias gerais nas quais as consciências sintonizadas com a Terra se inserem mais ou menos naturalmente.

— Ao ler esta secção de "Realidade «Desconhecida»", cada pessoa deverá ser capaz de sentir uma identificação com uma família. Contudo, poderá também encontrar dentro de si fortes

características de outra; nesse caso, o indivíduo está na mesma posição de alguém que é, digamos, parte irlandês e parte francês em termos físicos.

— Agora, é bastante invulgar ser meio italiano e meio chinês, embora seja possível; do mesmo modo, algumas famílias psíquicas juntam-se mais facilmente com certas outras, enquanto algumas, embora sejam muito simpáticas umas às outras, acham bastante difícil fundir-se. Os "pais terrestres naturais", os Borledim, e os Sumari, por exemplo, são muito próximos e, contudo, têm grande dificuldade em fundir-se, porque uma considera a própria família como arte, enquanto a outra subordina a família a um tipo diferente de arte. Muitas vezes, nem sequer se reconhecem mutuamente como possuindo muitas das mesmas características.

Síntese Operativa

Este capítulo funciona como fecho estrutural da sequência sobre as famílias de consciência.

Depois de Seth ter apresentado as famílias principais, esclarece agora que elas não devem ser entendidas como categorias rígidas, fechadas ou absolutas.

- famílias de consciência → categorias gerais
- categorias gerais → orientação funcional
- orientação funcional → não separação rígida
- divisões → instrumentos de leitura
- consciência → organiza-se sem se fragmentar

A função central do capítulo é impedir uma leitura demasiado literal das famílias psíquicas.

- família → não clube esotérico
- família → não identidade exclusiva

- família → agrupamento natural da consciência
 - subfamília → combinação criativa
-

1. Grunaargh como variação legítima

Sue Watkins captou uma variação da família Gramada: a Grunaargh.

- Gramada → família principal
- Grunaargh → variação / subfamília
- captação psíquica → legítima
- variação → expressão criativa da família

Seth confirma que essa captação é válida, mas não quer entrar em todas as variações familiares.

- variações → existem
- subdivisões → possíveis
- catalogação excessiva → pouco útil

A questão não é multiplicar nomes, mas compreender funções.

- nome → secundário
 - função → essencial
 - família → padrão geral
 - subfamília → modulação do padrão
-

2. As pessoas adoram fazer divisões

Seth observa que as pessoas gostam de dividir.

- mente humana → classifica
- classificação → organiza
- organização → facilita leitura

Mas a divisão pode tornar-se enganadora se for tomada como separação absoluta.

- divisão funcional → útil

- divisão literal → redutora
- categoria → mapa
- mapa → não território

As famílias de consciência são mapas da psique, não fronteiras fixas.

3. Subfamílias e combinações criativas

Existem subfamílias e combinações altamente criativas.

- família principal → tonalidade ampla
- subfamília → variação específica
- combinação → cruzamento funcional
- cruzamento funcional → criatividade psíquica

As subfamílias mostram que a consciência não opera por blocos isolados.

- consciência → mistura

- mistura → modulação
 - modulação → novas formas
 - novas formas → novas organizações
-

4. Divisões como organização da consciência

A frase-eixo do capítulo é:

Todas as divisões servem simplesmente o propósito de organização da consciência.

Isto é decisivo.

- divisão → não separação ontológica
- divisão → organização percetiva
- organização → compreensão
- compreensão → navegação da psique

As divisões existem para ajudar a consciência a reconhecer padrões dentro de si mesma.

- padrão → identificado
 - identificação → orientação
 - orientação → autoconhecimento
 - autoconhecimento → integração
-

5. As famílias misturam-se e inter-relacionam-se

As famílias de consciência misturam-se e inter-relacionam-se.

- família A → traços próprios
- família B → traços próprios
- inter-relação → mistura
- mistura → identidade composta

Isto significa que uma pessoa pode ter uma família predominante e, ao mesmo tempo, fortes características de outra.

- predominância → tom principal

- traços secundários → instrumentos auxiliares
- individualidade → composição

A identidade psíquica é composta, não monolítica.

6. Raças psíquicas e raças físicas

Seth compara as famílias psíquicas às raças físicas.

- raças físicas → misturam-se
- raças psíquicas → também se misturam
- mistura física → novas combinações biológicas
- mistura psíquica → novas combinações da consciência

A analogia serve para mostrar que as famílias psíquicas não são compartimentos estanques.

- família psíquica → linhagem funcional
- mistura → variação

- variação → nova expressão
 - nova expressão → possível nova família
-

7. Novas famílias podem formar-se

De tempos a tempos, uma nova família pode formar-se a partir de subgrupos.

- subgrupos → combinações recorrentes
- combinações recorrentes → estabilização
- estabilização → nova família
- nova família → nova organização da consciência

As famílias de consciência são dinâmicas.

- não → sistema fechado
- não → taxonomia definitiva
- sim → campo vivo

- sim → organização evolutiva
-

8. Consciências sintonizadas com a Terra

As famílias devem ser entendidas como categorias gerais nas quais as consciências sintonizadas com a Terra se inserem mais ou menos naturalmente.

- consciência → sintonização terrestre
- sintonização terrestre → agrupamento natural
- agrupamento natural → família de consciência

A família não é imposta de fora.

- não → pertença forçada
 - sim → afinidade natural
 - afinidade → ressonância
 - ressonância → identificação
-

9. Identificação principal e traços secundários

Cada pessoa deverá conseguir sentir identificação com uma família.

- leitor → sente afinidade
- afinidade → família predominante

Mas essa pessoa pode encontrar dentro de si fortes características de outra família.

- família predominante → eixo
- outra família → traço forte
- traços múltiplos → identidade composta

A individualidade não se reduz a uma só categoria.

- uma família → tom dominante
 - outras famílias → cores secundárias
 - self individual → composição psíquica
-

10. Identidade composta

Seth compara esta mistura a alguém que, em termos físicos, é parte irlandês e parte francês.

- identidade física → composta
- identidade psíquica → composta
- herança física → mistura de linhagens
- herança psíquica → mistura de famílias

Assim, uma pessoa pode ser predominantemente Sumari, mas conter traços Gramada, Void, Zuli, Tumold, Ilda ou outros.

- predominância → não exclusão
- mistura → não contradição
- traço secundário → não erro
- composição → assinatura própria

11. Afinidades fáceis e fusões difíceis

Algumas famílias psíquicas juntam-se mais facilmente com certas outras.

- família A + família B → fusão fácil
- família C + família D → fusão difícil

Isto não depende apenas de simpatia.

- simpatia → possível
- fusão → nem sempre fácil
- proximidade → não garante integração

Duas famílias podem ser muito próximas e, ainda assim, ter dificuldade em fundir-se.

12. Borledim e Sumari

Os Borledim e os Sumari são muito próximos.

- Borledim → família como arte
- Sumari → arte acima da família

- ambos → amor pela criatividade
- ambos → afinidade artística

Mas têm dificuldade em fundir-se porque dirigem a criatividade para focos diferentes.

- Borledim → descendência como arte viva
- Sumari → arte, cultura, espiritualidade
- mesma qualidade → direção diferente
- direção diferente → dificuldade de reconhecimento

Muitas vezes, nem sequer se reconhecem mutuamente como possuindo muitas das mesmas características.

- semelhança profunda → invisível
- diferença de foco → mais visível
- afinidade → mascarada pela direção criativa

Grunaargh → variação da Gramada → subfamílias existem → pessoas adoram divisões → divisões servem apenas a organização da consciência → famílias misturam-se → famílias inter-relacionam-se → subdivisões possíveis → pouco sentido em catalogar tudo → raças físicas misturam-se → raças psíquicas também → novas famílias podem formar-se → famílias são categorias gerais → consciências sintonizadas com a Terra inserem-se nelas naturalmente → cada pessoa pode identificar-se com uma família → também pode conter fortes características de outra → identidade psíquica composta → algumas famílias juntam-se facilmente → outras, mesmo simpáticas, fundem-se com dificuldade → Borledim e Sumari são próximos → Borledim fazem da família arte → Sumari subordinam a família a outra arte → semelhança profunda pode não ser reconhecida

Fórmula central

- famílias → categorias gerais
- subfamílias → variações criativas
- misturas → identidades compostas
- divisões → organização da consciência
- organização → leitura funcional

- leitura funcional → autoconhecimento
 - autoconhecimento → integração
-

Cartografia funcional

- família predominante → tom principal
 - subfamília → modulação
 - traço secundário → cor adicional
 - mistura psíquica → assinatura individual
 - nova combinação → possível nova família
 - divisão → mapa
 - consciência → território vivo
-

Chave interpretativa

O capítulo ensina a usar as famílias de consciência sem cair em literalismo.

- não → eu sou apenas isto
- não → esta família exclui aquela
- não → categoria fechada
- sim → esta é a minha predominância
- sim → também reconheço estes traços
- sim → a minha identidade é composta

A pergunta correta não é apenas:

- ✓ a que família pertença?

Mas também:

- ✓ que combinação de famílias me organiza?
- ✓ que traços predominam?
- ✓ que traços complementam?

- ✓ que mistura me torna único?
-

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ qual é a minha família predominante?
 - ✓ que subfamílias ou variações reconheço em mim?
 - ✓ que traços de outras famílias são fortes?
 - ✓ que características se misturam facilmente?
 - ✓ que características entram em tensão?
 - ✓ que parte de mim tenta dividir demasiado?
 - ✓ que parte de mim precisa integrar?
 - ✓ que mapa me ajuda a compreender-me sem me aprisionar?
-

Síntese final

O Capítulo 59 fecha a sequência sobre as famílias de consciência mostrando que elas não são divisões rígidas da psique.

São organizações funcionais da consciência.

- ✓ famílias → agrupamentos naturais
- ✓ subfamílias → combinações criativas
- ✓ misturas psíquicas → identidades compostas
- ✓ divisões → instrumentos de organização

A Grunaargh surge como exemplo de uma variação legítima da Gramada, mas Seth evita multiplicar subdivisões porque o essencial não está nos nomes, mas nas funções.

As famílias misturam-se como raças físicas se misturam.

Dessas combinações podem surgir novas famílias.

Cada pessoa pode sentir identificação com uma família predominante e, ao mesmo tempo, possuir fortes traços de outra.

A individualidade é, portanto, uma composição psíquica.

- ✓ tom predominante → família principal
- ✓ traços secundários → famílias auxiliares
- ✓ mistura → assinatura individual

O capítulo impede o uso das famílias como rótulos fechados e oferece uma chave mais ampla:

as famílias de consciência são mapas vivos da identidade, não prisões da identidade.

Elas ajudam a consciência a reconhecer as suas próprias organizações, misturas e afinidades, sem a dividir rigidamente.

A psique não é uma gaveta; é uma composição.

As famílias de consciência não dividem a psique; organizam as suas misturas para que a identidade se reconheça melhor.

CAPÍTULO 60

O Self Infinito, as Séries da Identidade e os Infinitos Psicológicos

Jane começou a deslizar para um estado alterado de consciência diferente daquele que usa para o seu “transe de Seth”, como ela disse. Durante alguns momentos, ficou sentada em silêncio, de olhos fechados. Sentia “a ideia, mentalmente, de algo com a forma de um ecrã de televisão” à sua direita. Nessa altura, eu já estava a escrever o que podia.

“E agora está a aproximar-se. Não sei o que é, nem o que tem a ver com a sessão, se é que tem alguma coisa.” Fez uma pausa, depois retomou no passado: “Aproximou-se bastante de mim. Atravessei-o e desci por um longo canal. Havia espirais lá dentro. Fizeram coisas comigo — coisas de cura — e depois deixaram-me de novo na cadeira.

“Tive a sensação de que Seth estava nesse canal ou túnel, em miniatura, e que parecia como no teu retrato dele, só que de corpo inteiro.”

De volta ao presente:

“Oh — ele avança, depois recua, oscilando muito depressa. Mas, de algum modo, a coisa de Seth nisto está em segundo plano. Agora está a virar-se, este Seth em miniatura. Está a afastar-se, a sair do canal e a entrar neste enorme Seth, que é como uma estátua.

“Depois, nos olhos deste Seth, há dois pequenos Seths a olhar para fora. Ambas as imagens são como o teu retrato. Agora saem dos olhos; com os corpos fazem uma grinalda em torno da cabeça do grande Seth; sentam-se nela, costas com costas, como um par de apoios de livros.” Pausa, olhos fechados. “Uau — todo um grupo destes pequenos Seths sobe para o topo da cabeça gigante — mas em poses perfeitas. São muito estilizados, mas todos reais. E Seth vai explicá-lo”, disse Jane abruptamente, evidentemente bastante surpreendida. “As pequenas imagens estão viradas em todas as direções em torno da cabeça do grande Seth. Sei que não está certo, que não é uma boa analogia, mas são como gárgulas num campanário...

“Agora está tudo muito distante. Nunca vi a figura inteira de Seth em tamanho gigante. A cabeça e os braços eram mais claros. A coisa inteira estava a uma distância incomensurável de mim.”

Depois de outra pausa:

“Está bem, acho que agora podemos ter uma sessão. Mas, até Seth o dizer, eu não sabia que ele iria explicar nada disto.”

— *Ruburt viu as imagens de uma forma particular para poder compreender certas informações sobre a natureza da psique.*

— *A imagem gigante de mim mesmo, nunca claramente vislumbrada por Ruburt, representa a minha própria realidade maior. De uma forma particular, essa identidade não pode ser plenamente expressa dentro dos limites de uma única forma, tal como a vossa também não pode. Ruburt viu muitas versões miniaturizadas de mim. Na sua visão interior, estas apareceram como idênticas, simplesmente para que ele as identificasse como porções de mim mesmo. Na verdade, são bastante diferentes umas das outras.*

— *Cada uma está envolvida no seu próprio contexto de realidade, cada uma seguindo as suas próprias direções para os seus próprios propósitos. Um desses “Seths” nasceu no vosso espaço e tempo. Esse Seth semeou-se então, por assim dizer, no ambiente espaço-temporal que vocês reconhecem — aparecendo ao longo dos séculos, enviando rebentos de “si mesmo”, explorando a experiência terrena e desenvolvendo, tão bem quanto podia, aqueles potenciais da sua própria identidade maior que melhor poderiam frutificar dentro de um contexto de criatura.*

— *Esse Seth foi dotado do seu próprio plano interior. O plano dava-lhe uma ideia dos seus potenciais, e de como poderiam ser melhor realizados em termos terrenos.*

— O self, como já disse muitas vezes antes, não é limitado. Pode, portanto, separar-se de si mesmo sem ficar diminuído. Este Seth poderia "nascer" duas ou três vezes num século — ou mais — e depois, nos vossos termos, não aparecer durante cinco ou dez séculos. Cada Seth seria completamente independente, contudo, e cada aparecimento significaria a criação de uma nova personalidade — não simplesmente uma nova versão de uma antiga.

— Cada um estaria inerentemente consciente dos seus próprios potenciais e "antecedentes", mas cada um sintonizar-se-ia com um ponto particular desses chamados antecedentes.

— Aquilo que digo aqui aplica-se à identidade maior de cada leitor. Porque geralmente estão tão preocupados em preservar aquilo que consideram ser a vossa identidade, usamos termos como selves reencarnacionais ou contrapartes. Se compreendessem verdadeiramente a natureza da vossa individualidade, contudo, veriam claramente que não há contradição se eu disser que vocês são unicamente vocês mesmos, que a vossa individualidade possui uma validade indestrutível que nunca é atacada, e quando também digo que estão, ao mesmo tempo, ligados a outras identidades, cada uma tão sagradamente inviolada como a vossa.

— Estão habituados a pensar em padrões organizacionais exteriores. Podem viver numa cidade, num estado e num país ao mesmo tempo e, contudo, não pensam que a vossa presença numa dessas categorias contradiga qualquer uma das outras duas. Assim, vivem no meio de organizações psíquicas, cada uma com as suas

próprias características. Podem considerar-se indianos embora vivam na América, ou americanos embora vivam em África, ou chineses embora vivam em França, e são perfeitamente capazes de manter o vosso sentido de individualidade.

— *Assim, as famílias psíquicas, ou famílias de consciência, podem ser pensadas como nativas de países interiores da mente, partilhando heranças, propósitos e intentos que podem ter pouco a ver com os países físicos onde vivem as vossas vidas de superfície. As pessoas nascem em qualquer mês do ano em todos os países. Todos os habitantes da Noruega não nascem em janeiro ou agosto. Do mesmo modo, todos os membros de qualquer família psíquica estão espalhados pela Terra, seguindo padrões interiores que podem ou não relacionar-se com outras questões tal como são atualmente compreendidas.*

— *Certas famílias têm preferência por certos meses de nascimento, mas não se aplicam regras específicas. Existe, de facto, um tipo interior de ordem que une todas estas questões; contudo, essa ordem interior não é resultado de leis, mas da criação espontânea, que flui para os seus próprios tipos de padrões. Vocês veem os padrões num dado momento e tentam transformá-los em leis.*

— *Estou a tentar esticar a vossa imaginação e ajudar-vos a pôr de lado conceitos rígidos que literalmente vos cegam para as dimensões da vossa própria realidade. Mais uma vez — estão*

biologicamente equipados para perceberem muito mais dessa realidade do que percebem.

— *Vocês não são um self miniatura, um apêndice de algum super-ser, destinado a nunca partilhar plenamente a sua realidade. Nesses termos, vocês são esse superself — olhando apenas por um olho, ou usando apenas um dedo.*

— *Muito disto é muito difícil de verbalizar. Vocês não estão subordinados a alguma consciência gigante. Enquanto pensarem nesses termos, contudo, tenho de falar de selves reencarnacionais e de contrapartes, porque têm medo de que, se saírem daquilo que pensam ser a vossa identidade, a percam.*

— *Veremos se conseguimos expressar alguns conceitos sobre o self de uma nova maneira. Na sua própria "Política Psíquica", Ruburt apresentou, a partir da sua biblioteca psíquica, alguma informação relativa aos números oficiais e não oficiais.*

— *Entre cada número oficial numa dada série, ele visualiza literalmente espaço infinito. O infinitesimal torna-se infinito.*

— *Do mesmo modo, o self mais infinitesimal é infinito, e o self mais finito, levado aos extremos de si mesmo, é infinito. Cada um de vocês faz parte de um self infinito. Esse self infinito aparece como uma série de selves finitos na vossa realidade.*

— *Por baixo dessa realidade percebida, contudo, cada self finito, levado ao seu grau, é ele próprio infinito. Porém, existem diferentes tipos de infinitos. Existem diferentes variedades de infinitos psicológicos que não se encontram — isto é, que seguem nas suas próprias direções infinitas.*

— *Enquanto acreditarem que, como indivíduos, pertencem a qualquer dada série, aparecem a vocês mesmos como finitos.*

— *Pensam em termos de tempo linear, e o melhor que conseguem fazer para imaginar a vossa realidade mais profunda é considerar a reencarnação no tempo. É uma questão de foco. Geralmente identificam-se com o exterior de vocês mesmos, e com o exterior do mundo. Não se identificam, por exemplo, habitualmente com o interior do vosso corpo, com os seus órgãos, muito menos com as suas células ou átomos — contudo, nessa direção encontra-se um certo tipo de infinito.*

— *Se se identificassem com a vossa própria realidade psicológica, seguindo a estrutura interior dos pensamentos e sentimentos, descobririam um infinito psicológico interior. Estes "infinitos" alcançariam, claro, tanto um passado como um futuro infinitos. Contudo, o verdadeiro infinito vai muito além do passado ou do futuro, e entra em todas as probabilidades — não simplesmente em linha reta para a frente no tempo, ou para trás.*

— *Existe literalmente um infinito em cada momento que reconhecem, tal como numericamente existe uma "infinidade" por*

trás ou dentro de qualquer número primo que reconhecem — 3, 97, 863, etc.

— Existem versões infinitas de vocês mesmos, mas nenhuma nega as outras, e cada uma está ligada às outras, ajudando-as e sustentando-as. Existem outros sistemas numéricos bastante legítimos que vocês não seguem. Existem também outros tipos de organizações psicológicas. Nesses termos, Ruburt aprendeu, ou antes, está a aprender, a alternar uma série — a trazer informação de uma série neurológica para outra, por assim dizer.

— Contudo, nada disto está separado da vida normal. Por exemplo, tanto Ruburt como Joseph aprenderam a correlacionar dados de modo que algumas das implicações envolvidas numa simples mudança de casa se tornem manifestas. Eles não são matemáticos. Não analisarão estatisticamente os resultados. Contudo, digo-vos que os movimentos que fazem na vida quotidiana têm, de facto, efeitos infinitos — e não estou a usar a palavra de forma vaga.

— Imaginem uma sequência de luzes de árvore de Natal de cores diferentes, todas a brilhar numa determinada árvore. Nesta série de luzes, qualquer luz pode apagar-se enquanto as outras continuam a brilhar. Estão familiarizados com esse arranjo.

— Contudo, no nosso conjunto imaginário existem muitas dessas sequências, e, quando uma luz se apaga numa sequência, "ela" aparece quase automaticamente noutra sequência. Agora, de modo

geral, as luzes estão todas acesas ao mesmo tempo em qualquer dada sequência, exceto aquelas que, de vez em quando, se apagam.

— Finjam que são muito pequeninos, e se movem lentamente em torno da árvore, de modo que veem apenas uma luz de cada vez. Parece, então, que uma luz existe antes da outra, e cada uma é tão brilhante para o vosso foco que apaga as luzes antes e depois dela. Podem ter uma memória vaga da luz que "viram" antes, contudo, e por isso pensam: "Ah, a lâmpada que vejo é a minha vida, mas tenho a certeza de que, há muito tempo, tive uma vida diferente — e talvez haja outra à minha frente." Mas, a menos que recuem bastante em relação à árvore, não perceberão que toda a sequência de luzes existe ao mesmo tempo. Nem compreenderão que, quando uma luz se apaga numa fileira, aparece algures noutra fileira da árvore.

— Se fossem ainda mais pequeninos, então qualquer lâmpada dada poderia parecer emitir não uma luz constante, mas uma série de ondas, e poderiam identificar a vossa vida com qualquer onda particular, de modo que uma grande distância poderia ser percecionada entre uma onda e a seguinte.

— Experimentar esse tipo de série poderia conduzir a tipos inteiramente diferentes de percepção, nos quais infinitos existiriam dentro de uma escala própria. (A série teria o seu próprio tipo de infinitos.)

— *Uma árvore poderia ser enfeitada com luzes, cada uma tendo a sua própria série particular de ondas. As pessoas que montaram a árvore poderiam experienciar uma véspera de Natal, enquanto outras consciências, sintonizadas com as diferentes séries, poderiam experienciar gerações intermináveis — e as suas percepções seriam tão legítimas como as dos observadores das luzes que tinham montado a árvore.*

— *Esta não é necessariamente a melhor analogia, mas queria assinalar que várias escalas de consciência contêm os seus próprios infinitos, por mais finitas que possam parecer.*

— *A alma, assim chamada, não está relacionada com tamanho ou duração no espaço e no tempo, exceto na medida em que está ligada à experiência dentro desses contextos.*

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a natureza multidimensional do self.

Seth parte da experiência visionária de Jane, na qual vê uma imagem gigantesca de Seth e múltiplas versões miniaturizadas dele, para explicar uma verdade mais ampla:

- identidade maior → não cabe numa só forma
- forma individual → expressão parcial
- expressão parcial → não fragmento diminuído
- self → pode multiplicar-se sem se perder

A função central do capítulo é libertar o leitor da ideia de que a identidade é uma unidade fechada, isolada e finita.

- self conhecido → foco
- self maior → campo
- personalidade → expressão
- identidade → continuidade multidimensional

1. A visão de Jane como entrada no capítulo

A experiência de Jane não é mero bastidor privado.

Ela funciona como abertura experiencial para o ensinamento.

- visão interior → imagem simbólica
- imagem simbólica → tradução percetiva
- tradução percetiva → compreensão da psique
- psique → comunica por formas

Jane vê:

- Seth gigante → realidade maior
- pequenos Seths → expressões particulares
- túnel / canal → passagem de consciência
- distância incomensurável → diferença de escala percetiva

A visão fornece a Seth uma imagem utilizável para explicar a identidade multidimensional.

2. A identidade maior não cabe numa só forma

A imagem gigante de Seth representa a sua realidade maior.

- Seth maior → identidade ampliada
- forma única → insuficiente
- expressões múltiplas → necessárias
- identidade maior → excede qualquer manifestação

Seth esclarece que o mesmo se aplica ao leitor.

- Seth → exemplo
- leitor → aplicação
- identidade maior de Seth → identidade maior de cada pessoa
- uma forma → não esgota o self

A personalidade física é uma expressão real, mas não total.

- personalidade → válida
 - personalidade → limitada
 - identidade maior → mais ampla
 - limitação formal → não diminuição essencial
-

3. As versões de Seth

Ruburt vê muitas versões miniaturizadas de Seth.

Na visão, parecem idênticas apenas para que ele as reconheça como porções de Seth.

- imagem idêntica → recurso de reconhecimento
- realidade interior → diferenciação
- porções de Seth → não cópias
- porções de Seth → expressões distintas

Cada uma tem:

- contexto próprio
- direção própria
- propósito próprio
- independência própria

Seth recusa a ideia de simples repetição.

- novo aparecimento → nova personalidade
 - nova personalidade → não nova versão de uma antiga
 - continuidade maior → sim
 - duplicação mecânica → não
-

4. O self pode separar-se sem ficar menor

O self não é limitado.

Por isso, pode separar-se de si mesmo sem ficar diminuído.

- self → não quantidade fixa
- separação → não perda
- multiplicação → não divisão
- expressão → expansão

Isto altera a compreensão habitual da identidade.

- identidade comum → não anula individualidade
- individualidade → não bloqueia ligação
- ligação → não fusão indiferenciada
- diferença → não separação absoluta

Cada expressão mantém a sua validade própria.

5. Selves reencarnacionais e contrapartes como termos provisórios

Seth usa expressões como “selves reencarnacionais” e “contrapartes” porque o leitor teme perder a identidade.

- medo humano → perder o eu
- linguagem de Seth → adaptação
- selves reencarnacionais → termo pedagógico
- contrapartes → termo pedagógico

Estes termos ajudam enquanto a consciência ainda pensa a identidade como unidade fechada.

- identidade fechada → precisa de categorias
- identidade expandida → reconhece continuidade
- categoria → apoio provisório
- compreensão maior → ultrapassa a categoria

Seth mostra que não há contradição entre ser único e estar ligado a outras identidades.

- eu único → validade indestrutível

- outras identidades → igualmente invioladas
 - ligação → não ameaça
 - multiplicidade → não destrói singularidade
-

6. A individualidade é inviolável

A individualidade possui validade indestrutível.

- individualidade → sagrada
- individualidade → inviolada
- individualidade → não atacada pela ligação
- ligação → enriquecimento

Cada identidade ligada ao self maior é tão legítima como a personalidade conhecida.

- uma expressão → não superior
- outra expressão → não inferior

- todas → válidas
 - todas → ligadas
 - A multidimensionalidade não é hierarquia rígida.
 - superself → não tirano
 - personalidade → não servo
 - self maior → campo de participação
 - personalidade → foco desse campo
-

7. Organizações psíquicas

Seth compara as organizações psíquicas às organizações exteriores.

Uma pessoa pode viver numa cidade, num estado e num país ao mesmo tempo sem sentir contradição.

- cidade → pertença
- estado → pertença

- país → pertença
- múltiplas pertenças → identidade preservada

Do mesmo modo, a pessoa vive em várias organizações psíquicas.

- família psíquica → pertença interior
- self reencarnacional → pertença interior
- contraparte → ligação interior
- identidade maior → organização mais ampla

A identidade pode participar em várias estruturas sem se contradizer.

8. Famílias psíquicas como países interiores da mente

As famílias psíquicas, ou famílias de consciência, são comparadas a países interiores da mente.

- famílias psíquicas → países interiores
- países interiores → heranças

- heranças → propósitos
- propósitos → intentos

Estas pertenças interiores podem ter pouco a ver com os países físicos.

- vida de superfície → país físico
- vida interior → país psíquico
- geografia exterior → secundária
- geografia psíquica → organizadora

Os membros de uma família psíquica estão espalhados pela Terra.

- família psíquica → não localização física
- afinidade interior → distribuição global
- padrão interior → mais importante que território

9. Ordem interior sem leis rígidas

Certas famílias podem ter preferência por certos meses de nascimento, mas não há regras específicas.

- preferência → possível
- regra fixa → não
- padrão → existe
- lei rígida → projeção humana

Seth distingue ordem interior de legislação cósmica.

- ordem interior → criação espontânea
- criação espontânea → padrões próprios
- padrões observados → não leis absolutas
- mente humana → tenta transformar padrões em leis

Esta é uma chave importante do capítulo.

- realidade desconhecida → viva
- realidade desconhecida → espontânea

- realidade desconhecida → padronizada sem ser mecanizada
-

10. Esticar a imaginação

Seth afirma que tenta esticar a imaginação do leitor.

- imaginação → órgão de expansão
- conceitos rígidos → cegueira percetiva
- rigidez → reduz a realidade
- imaginação → amplia acesso

O objetivo não é fantasia vaga, mas libertação percetiva.

- imaginação → ferramenta cognitiva
- imaginação → abertura psíquica
- imaginação → deslocamento do foco
- foco ampliado → realidade ampliada

O ser humano está biologicamente equipado para perceber mais realidade do que habitualmente percebe.

- biologia → capacidade ampliada
 - ego → foco estreito
 - percepção habitual → recorte
 - realidade disponível → maior
-

11. O leitor não é um self miniatura

Seth recusa a ideia de que a personalidade seja apenas uma miniatura subordinada a um super-ser.

- self humano → não apêndice
- superself → não senhor distante
- personalidade → não fragmento inferior
- identidade maior → participação plena

A imagem correta não é subordinação, mas foco.

- superself → realidade maior
- personalidade → ponto de visão
- um olho → foco limitado
- um dedo → função parcial
- função parcial → não inferioridade

O leitor é o superself a olhar por um ponto específico.

12. O self finito como expressão do self infinito

Seth introduz a analogia dos números oficiais e não oficiais.

- número oficial → forma reconhecida
- espaço entre números → infinitude invisível
- infinitesimal → infinito
- pequeno → não limitado

Do mesmo modo:

- self finito $\rightarrow$ forma reconhecida
- self finito $\rightarrow$ contém infinito
- self infinito $\rightarrow$ aparece como série de selves finitos
- realidade percebida $\rightarrow$ série

A frase-eixo do capítulo é:

O self mais finito, levado aos extremos de si mesmo, é infinito.

13. Diferentes tipos de infinitos

Seth afirma que existem diferentes tipos de infinitos.

- infinito $\rightarrow$ não categoria única
- infinitos psicológicos $\rightarrow$ variedades
- variedades $\rightarrow$ direções próprias

- direções próprias → nem sempre se encontram

Isto impede uma leitura simplista do infinito como mera extensão ilimitada.

- infinito temporal → uma direção
- infinito psicológico → outra direção
- infinito celular → outra direção
- infinito probabilístico → outra direção

A consciência pode conter infinitos em várias escalas.

14. O tempo linear como limitação de foco

O leitor pensa em termos de tempo linear.

Por isso, imagina a realidade profunda como reencarnação no tempo.

- tempo linear → antes / depois
- reencarnação linear → melhor aproximação inicial

- foco limitado → sequência
- realidade maior → simultaneidade

Seth não nega a experiência sequencial, mas mostra que ela depende do foco.

- foco estreito → uma vida de cada vez
 - foco ampliado → séries simultâneas
 - memória vaga → vidas passadas
 - visão ampla → todas as luzes acesas
-

15. O infinito interior do corpo

Seth lembra que a pessoa normalmente se identifica com o exterior do corpo e do mundo.

- exterior do corpo → identidade habitual
- órgãos → pouco identificados
- células → menos ainda

- átomos → quase invisíveis à identidade

Contudo, nessa direção existe um certo tipo de infinito.

- corpo → não objeto fechado
- órgãos → campos de consciência
- células → realidades próprias
- átomos → movimentos próprios
- interior físico → escala de infinito

A realidade desconhecida também existe para dentro.

16. O infinito psicológico interior

Se o leitor se identificasse com a sua realidade psicológica, seguindo a estrutura interior dos pensamentos e sentimentos, descobriria um infinito psicológico interior.

- pensamentos → estruturas interiores
- sentimentos → estruturas interiores

- estrutura interior → caminho
- caminho → infinito psicológico

Este infinito não se limita ao passado ou ao futuro.

- passado → apenas uma direção
- futuro → apenas uma direção
- probabilidades → abertura multidirecional
- verdadeiro infinito → além da linha temporal

O infinito psicológico entra em todas as probabilidades.

17. Um infinito em cada momento

Existe literalmente um infinito em cada momento reconhecido.

- momento → não ponto vazio
- momento → concentração de possibilidades

- momento → campo de variações
- momento → infinito local

Tal como um número reconhecido pode conter uma infinidade invisível, um momento reconhecido contém realidades não percebidas.

- número → superfície oficial
- infinidade → profundidade não oficial
- momento → superfície experienciada
- probabilidades → profundidade invisível

Cada momento é maior por dentro do que parece por fora.

18. Versões infinitas de vocês mesmos

Existem versões infinitas de vocês mesmos.

Mas nenhuma nega as outras.

- versão A → válida

- versão B → válida
- versão C → válida
- nenhuma → anula as outras

As versões estão ligadas, ajudando-se e sustentando-se.

- versões → interligadas
- interligação → apoio
- apoio → coesão multidimensional
- coesão → identidade maior

A multiplicidade não é competição; é cooperação interior.

19. Outras séries neurológicas

Seth diz que Ruburt está a aprender a alternar uma série.

- uma série neurológica → foco habitual

- outra série neurológica → outro padrão percetivo
- alternar séries → trazer informação
- informação → atravessa modos de consciência

A experiência visionária de Jane ilustra esta alternância.

- transe habitual de Seth → uma via
- estado alterado diferente → outra via
- visão simbólica → tradução entre séries
- ditado → verbalização posterior

A realidade desconhecida pode exigir mudanças de série percetiva.

20. A vida quotidiana também tem efeitos infinitos

Seth insiste que nada disto está separado da vida normal.

- vida quotidiana → não banal

- mudança de casa → evento comum
- evento comum → efeitos infinitos
- movimento físico → reorganização psíquica

Os movimentos que fazemos na vida cotidiana têm efeitos infinitos.

- decisão → ativa probabilidades
- ação → reorganiza relações
- movimento → altera campos
- cotidiano → porta do infinito

A realidade desconhecida não está apenas em estados místicos; está também nos atos comuns.

21. A sequência de luzes da árvore de Natal

Seth oferece a analogia das luzes.

- árvore → realidade maior

- sequências de luzes → séries de identidade
- lâmpadas → vidas / expressões
- luz acesa → foco experiencial

Numa sequência, uma luz pode apagar-se enquanto as outras continuam.

- uma vida termina → outras continuam
- uma luz apaga-se → outra aparece noutra sequência
- continuidade → não linear
- transferência → mudança de série

A analogia mostra que a reencarnação linear é apenas uma leitura parcial.

22. O foco pequeno vê uma luz de cada vez

Seth pede que o leitor imagine ser muito pequeno, movendo-se em torno da árvore.

- foco pequeno → uma luz de cada vez
- uma luz → parece vir antes da outra
- brilho intenso → apaga o antes e o depois
- memória vaga → interpretação linear

Daí surge a ideia comum:

- esta lâmpada → minha vida atual
- lâmpada anterior → vida passada
- lâmpada seguinte → vida futura

Mas esta leitura depende da posição do observador.

- observador próximo → sequência
- observador afastado → simultaneidade
- foco estreito → tempo
- foco amplo → coexistência

23. Recuar da árvore

A menos que o observador recue, não percebe que toda a sequência de luzes existe ao mesmo tempo.

- recuar → expandir percepção
- expandir percepção → ver simultaneidade
- simultaneidade → dissolve sequência absoluta
- vidas → coexistem em séries

A expansão de consciência é, aqui, mudança de escala.

- perto demais → detalhe isolado
 - mais longe → padrão inteiro
 - padrão inteiro → realidade desconhecida
 - realidade desconhecida → sempre presente
-

24. As ondas dentro de uma lâmpada

Se o observador fosse ainda menor, cada lâmpada poderia parecer emitir uma série de ondas.

- lâmpada → vida
- ondas da lâmpada → subexperiências
- uma onda → identidade momentânea
- distância entre ondas → ilusão de separação

Aqui Seth aprofunda a analogia.

- vida inteira → pode parecer unidade
- momento dentro da vida → pode parecer mundo
- onda → escala própria
- escala própria → infinito próprio

Cada escala de percepção cria a sua própria realidade experiencial.

25. Escalas de consciência e infinitos próprios

Várias escalas de consciência contêm os seus próprios infinitos.

- escala humana → vidas
- escala celular → processos celulares
- escala psicológica → pensamentos e sentimentos
- escala probabilística → versões possíveis

Mesmo aquilo que parece finito contém infinitude quando visto pela escala adequada.

- finito exterior → infinito interior
- forma limitada → profundidade ilimitada
- duração curta → gerações internas
- momento → cosmos local

26. Percepções igualmente legítimas

As pessoas que montaram a árvore experienciam uma véspera de Natal.

Outras consciências, sintonizadas com diferentes séries, poderiam experienciar gerações intermináveis.

- mesma estrutura → diferentes sintonizações
- diferentes sintonizações → diferentes realidades
- uma noite → para uns
- gerações → para outros

Ambas as percepções são legítimas.

- percepção humana → legítima
- outra escala → legítima
- diferença → não erro
- escala → define experiência

27. A alma não depende de tamanho ou duração

Seth conclui que a alma, assim chamada, não está relacionada com tamanho ou duração no espaço e no tempo, exceto enquanto está ligada à experiência nesses contextos.

- alma → não medida espacial
- alma → não medida temporal
- tamanho → categoria física
- duração → categoria temporal

A alma entra em tamanho e duração quando se liga à experiência.

- experiência física → tamanho
- experiência temporal → duração
- alma → usa contextos
- alma → não é definida por eles

Movimento do capítulo

visão de Jane → Seth gigante → pequenos Seths → identidade maior → múltiplas expressões → cada expressão é independente → o self pode separar-se sem diminuir → selves reencarnacionais e contrapartes são termos provisórios → individualidade inviolável → ligação sem perda → organizações psíquicas → famílias como países interiores → ordem espontânea sem leis rígidas → imaginação esticada → o leitor não é miniatura de um super-ser → é o superself focalizado → números oficiais e não oficiais → infinitesimal como infinito → self finito como infinito → diferentes infinitos psicológicos → tempo linear como foco limitado → infinito interior do corpo → infinito psicológico interior → infinito em cada momento → versões infinitas do self → séries neurológicas alternadas → cotidiano com efeitos infinitos → luzes da árvore de Natal → foco pequeno vê sequência → foco ampliado vê simultaneidade → ondas dentro da lâmpada → escalas de consciência → infinitos próprios → alma para além de tamanho e duração

Fórmula central

- self conhecido → foco finito
- foco finito → expressão válida
- expressão válida → não totalidade
- self maior → identidade infinita

- identidade infinita → séries de selves finitos
 - selves finitos → independentes
 - independência → não separação absoluta
 - ligação → não perda de individualidade
 - multiplicidade → não fragmentação
 - finito → levado ao extremo → infinito
-

Cartografia funcional

- Seth gigante → realidade maior
- pequenos Seths → expressões particulares
- túnel / canal → passagem entre séries
- plano interior → potencial da expressão
- selves reencarnacionais → linguagem provisória

- contrapartes → linguagem provisória
 - famílias psíquicas → países interiores
 - números oficiais → realidade reconhecida
 - números não oficiais → probabilidades ocultas
 - árvore de Natal → realidade maior simultânea
 - luzes → vidas / expressões
 - ondas → subescalas de experiência
 - alma → não mensurável por tamanho ou duração
-

Chave interpretativa

O capítulo ensina que a identidade é simultaneamente singular e múltipla.

- singularidade → eu sou eu
- multiplicidade → há versões infinitas de mim

- ligação → não anula singularidade
- singularidade → não impede ligação

A individualidade não é uma prisão, mas um foco.

- foco → permite experiência
- experiência → exige recorte
- recorte → parece finito
- finito → contém infinito

A reencarnação, as contrapartes e as famílias psíquicas são modos pedagógicos de falar de organizações mais amplas da identidade.

- reencarnação → leitura temporal
 - contrapartes → leitura contemporânea
 - famílias psíquicas → leitura organizacional
 - self infinito → realidade subjacente
-

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

estou a confundir foco com totalidade?

- ✓ estou a defender a minha identidade por medo de a perder?
- ✓ consigo imaginar que outras versões de mim não anulam esta versão?
- ✓ que séries psicológicas organizam a minha experiência?
- ✓ que infinitos interiores existem nos meus pensamentos e sentimentos?
- ✓ que momentos da vida parecem pequenos mas contêm efeitos infinitos?
- ✓ que "luz" estou a tomar como única realidade?
- ✓ como recuar da árvore para ver a sequência inteira?

Síntese final

O Capítulo 60 apresenta uma das formulações mais importantes de Seth sobre a identidade.

A personalidade conhecida não é uma peça pequena subordinada a uma consciência gigante. É um foco real de uma identidade maior.

✓ personalidade → foco

✓ self maior → campo

✓ foco → não inferior

✓ campo → não separado

Cada self finito é válido, independente e inviolável, mas participa de um self infinito.

✓ self finito → expressão

✓ self infinito → fonte multidimensional

✓ expressões múltiplas → não cópias

✓ multiplicidade → expansão

Seth mostra que aquilo que o leitor chama reencarnação, contraparte ou família psíquica são formas provisórias de compreender organizações mais vastas da consciência.

A identidade não se desloca simplesmente em linha reta através do tempo.

Ela expressa-se em séries, escalas e probabilidades.

A analogia das luzes da árvore de Natal mostra que a sequência temporal depende do foco do observador.

De perto, vemos uma luz de cada vez.

De longe, vemos que toda a sequência existe simultaneamente.

- ✓ foco estreito → sequência
- ✓ foco ampliado → simultaneidade
- ✓ uma vida → luz isolada
- ✓ self infinito → árvore iluminada

O capítulo termina deslocando a alma para além das medidas físicas.

A alma não é definida por tamanho, duração, espaço ou tempo.

Ela liga-se a esses contextos para experienciar, mas não se reduz a eles.

✓ alma → usa espaço

✓ alma → usa tempo

✓ alma → usa forma

✓ alma → não é limitada por nenhum deles

A identidade, portanto, não é uma unidade fechada.

É uma série viva de infinitos psicológicos.

Frase de fecho

O self não é uma parte pequena de uma consciência maior; é a consciência maior focalizada numa das suas infinitas formas de ser.

CAPÍTULO 61

As Probabilidades em Movimento, o Presente Criador e os Selves Alternativos

— *A realidade desconhecida parece invisível apenas porque vocês não a aceitam na vossa série principal de acontecimentos.*

— *É como se se tivessem treinado para responder a luzes vermelhas e ignorar as verdes, por exemplo — ou como se lessem apenas cada terceira ou quarta linha numa página de um livro.*

— *Prestam atenção a assuntos que parecem ter valor prático. Quer compreendam quer não o que é o espaço, movem-se nele com facilidade. Não calculam quantos passos são necessários para atravessar uma divisão, por exemplo. Não precisam de compreender as propriedades do espaço em termos científicos para o usar muito bem. Contudo, podem observar-se a operar no espaço; nesse sentido, ele é uma qualidade conhecida, perceptível aos sentidos. A vossa locomoção prática está envolvida com ele, por isso reconhecem-no. As suas propriedades misteriosas ou menos conhecidas mal vos preocupam.*

— *Agora, vocês movem-se através das probabilidades de modo muito semelhante àquele com que se deslocam no espaço. Tal como*

não se preocupam conscientemente com todos os cálculos necessários ao processo de caminhar pela rua, também ignoram os mecanismos envolvidos no movimento através de realidades prováveis. Na verdade, movem-se através das probabilidades com tanta suavidade e finura que raramente se apanham no ato de mudar o vosso curso de uma probabilidade para outra.

— *Tomem uma ação muito simples: estão parados numa esquina, a perguntar-se que direção tomar. Há quatro ruas envolvidas. Consideram brevemente as ruas Um e Dois, mas decidem contra elas com bastante rapidez. Ficam parados mais um momento, olhando pela Rua Três e absorvendo a área visual. Sentem-se um pouco atraídos e imaginam-se a tomar esse caminho. A vossa imaginação coloca-vos ali momentaneamente. Dados interiores são imediatamente despertados através de associações conscientes e inconscientes. Talvez estejam conscientes de algumas memórias que vos vêm vagamente à mente. Uma casa pode lembrar-vos outra onde um parente viveu há muitos anos. Uma árvore pode recordar-vos outra que crescia junto à casa da vossa família. Mas, nesse instante, ocorrem computações interiores enquanto ponderam tomar uma decisão bastante simples, e a área imediata é confrontada com todas as porções do vosso conhecimento.*

— *Depois olham para a Rua Quatro. O mesmo processo volta a acontecer. Esta área também prende a vossa atenção. Ao mesmo tempo, mantêm quase igualmente na mente a imagem da Rua Três, pois conseguem vê-las ambas a partir desse cruzamento.*

— Digamos que se sentem quase igualmente atraídos por ambos os caminhos. Oscilam entre probabilidades, tendo pleno poder para escolher uma rua ou a outra como experiência física. Se tivessem de ficar ali parados e anotar todos os pensamentos e associações ligados a cada curso de ação antes de tomarem a vossa decisão, talvez nunca chegassem sequer a atravessar o cruzamento. Poderiam ser atingidos por um automóvel enquanto ali permanecessem, perdidos nas vossas reflexões.

— Do mesmo modo, até caminhar de uma mesa para uma cadeira levaria algum tempo se tivessem de estar conscientemente atentos a todos os nervos e músculos que primeiro precisam de ser ativados. Mas, enquanto estão parados, quase igualmente atraídos pelas ruas Três e Quatro, enviam energia mental e psíquica nessas direções.

— Associações passadas fundem-se com a realidade presente e formam um padrão. Mentalmente, uma parte de vocês parte realmente por cada rua — uma imagem mental projetada. Assim, enquanto estão ali parados, neste caso duas dessas imagens projetadas seguem pelas ruas Três e Quatro. Até certo ponto, essas imagens experienciam “o que acontecerá” se vocês próprios tomarem uma direção ou a outra. Essa informação regressa-vos instantaneamente, e tomam a vossa decisão em conformidade. Digamos que escolhem a Rua Quatro. Fisicamente, começam a caminhar nessa direção. A Rua Quatro torna-se a vossa realidade física. Aceitam essa experiência na vossa série principal de acontecimentos. Contudo, já enviaram uma imagem mental

energizada de vocês mesmos para a Rua Três, e não podem retirar essa energia.

— A porção de vocês que se sentiu atraída por esse caminho continua a percorrê-lo. No ponto de decisão, esse self alternativo chegou a uma conclusão diferente: experienciar a Rua Três como realidade física. O self, tal como o concebem, renasce literalmente a cada instante, seguindo um número infinito de acontecimentos a partir da única série oficial de acontecimentos que vocês reconhecem em qualquer dado "momento".

— Há aqui algo extremamente importante no que diz respeito à vossa civilização tecnológica: à medida que o vosso mundo se torna mais complexo, nesses termos, vocês aumentam o número de ações prováveis praticamente disponíveis. O número de decisões multiplica-se. Podem deslocar-se fisicamente de um lugar do planeta para outro com relativa facilidade. Há séculos, as pessoas comuns não tinham a oportunidade de viajar de um país para outro com tal rapidez. À medida que o espaço se torna "menor", as vossas probabilidades aumentam em complexidade. A vossa consciência lida agora com muito mais dados espaciais. (Estou a falar nos vossos termos de tempo.) Ao ver televisão, estão conscientes de acontecimentos que ocorrem do outro lado da Terra, de modo que a vossa consciência se torna necessariamente menos paroquial. À medida que isto acontece, toda a questão das probabilidades começa a assumir um caráter mais prático. As civilizações estão interligadas. Os políticos tentam prever o que outros governos farão. As pessoas comuns tentam prever o que o seu governo poderá fazer.

— Cada vez mais, estão a começar a lidar com probabilidades enquanto tentam determinar qual, entre vários acontecimentos prováveis, poderá ocorrer fisicamente. Quando a questão das probabilidades se torna prática, os cientistas passam a dar-lhe maior consideração.

— Todo o assunto, contudo, é muito importante. No que diz respeito a uma verdadeira psicologia, os indivíduos que tomarem consciência da existência de realidades prováveis deixarão de se sentir presos pelos acontecimentos. A vossa consciência está num ponto em que começa a compreender o significado da "ação preditiva" — e a ação preditiva envolve sempre probabilidades.

— Em certos termos, vocês são o "resultado" reconhecido de todas as decisões que tomaram até este ponto da vossa vida. Esse é o vocês "oficial". Não ficam de modo algum diminuídos pelo facto de outros selves, igualmente oficiais, serem "rebentos" da vossa própria experiência, fazendo as escolhas que vocês não fizeram e escolhendo, assim, versões alternativas da realidade.

— Vocês seguem a série principal de acontecimentos que reconhecem como vossa, contudo todos estão ligados. Estas não são apenas afirmações esotéricas, mas pistas válidas sobre a natureza do vosso próprio comportamento, destinadas a dar-vos uma sensação da vossa própria liberdade e a enfatizar a importância da vossa escolha.

— Sempre que tentam prever comportamentos ou acontecimentos, estão, portanto, a lidar com probabilidades.

— Contudo, parece-vos que toda a ação no passado está fixa e concluída, enquanto apenas o comportamento no futuro está aberto à mudança — por isso, a palavra “previsão” pressupõe uma ação futura. Basicamente, o passado está tão aberto à mudança como o futuro. Quando lidam com acontecimentos históricos, acreditam que não há previsão envolvida. Individual e coletivamente, estão convencidos de que existe atrás de vocês uma série linear de acontecimentos concluídos.

— Em **A Natureza da Realidade Pessoal**, afirmei que o ponto de ação ocorre no presente. Em **Aventuras na Consciência**, Ruburt disse, com toda a propriedade, que a experiência do tempo, na verdade, se projeta a partir do presente para formar um passado e um futuro manifestos.

— Quando parecem olhar para trás no tempo e constroem uma história, fazem-no projetando a vossa própria série principal de acontecimentos no passado tal como ele é compreendido. Obviamente, leem o passado a partir do presente, mas também o criam a partir do presente. Aceitam certos dados — a vossa série presente e reconhecida de acontecimentos — e depois usam essa série como uma espécie de régua de medição: ela rejeita automaticamente aquilo que não se ajusta. Em certos níveis de experiência, isto faz pouca diferença. Todos os dados concordam. Não surgem arestas.

— *Constroem estruturas coerentes de crenças e depois olham para a realidade usando essas crenças como óculos — óculos tingidos. A informação oposta será literalmente invisível para vocês. Será ignorada ou posta de lado.*

— *Tem estado na moda pensar em termos de evolução linear, por exemplo. Como mencionado anteriormente neste livro, a teoria aceite da evolução é altamente simplista. A vossa espécie não veio de uma única fonte. Têm muitos primos, por assim dizer. Alguns vestígios dessa linhagem permanecem no vosso tempo. Contudo, quando olham “para trás” para o planeta, tentam, na verdade, prever o comportamento passado a partir do ponto de vista do presente.*

— *Também fazem isto pessoalmente, até certo ponto, nas vossas vidas íntimas, quando observam os vossos dias anteriores. Apagam acontecimentos que não se ajustam ao vosso conceito presente de vocês mesmos. Esses acontecimentos tornam-se literalmente inexistentes no que vos diz respeito. Desse modo, bloqueiam aspetos da vossa própria realidade — e, pelo menos conscientemente, reduzem as vossas escolhas.*

— *A espécie, tal como a conhecem, possui intrinsecamente muitas capacidades e características que ficam por reconhecer porque vocês não as aceitam como parte da vossa herança biológica ou espiritual. Por isso, tornam-se latentes e invisíveis, em termos práticos. O mesmo se aplica individualmente, quando negam a vocês mesmos a rica mistura de consciência e experiência*

disponível através do reconhecimento da manipulação de realidades prováveis.

— *Vocês alteram a vossa experiência em cada instante, de forma bastante drástica. Cada indivíduo possui oportunidades de escolha muito mais vastas do que se percebe. A sabedoria de amanhã só vos é negada porque acreditam que o tempo é um sistema fechado. É verdade que estão sujeitos ao nascimento e à morte; contudo, dentro desse enquadramento, são possíveis dimensões de experiência muito maiores do que aquelas que habitualmente experienciam.*

— *Vocês são todos contrapartes uns dos outros, vivos em qualquer dado período terrestre. Ao compreenderem verdadeiramente isto, poderiam reconciliar-se com as ideias de fraternidade que as religiões têm ensinado há tanto tempo.*

Síntese Operativa

Este capítulo transforma as probabilidades de conceito abstrato em mecanismo quotidiano da consciência.

Seth afirma que vocês se movem através das probabilidades com a mesma naturalidade com que se deslocam no espaço.

- espaço → navegação física
- probabilidades → navegação psíquica
- movimento físico → conscientemente reconhecido
- movimento provável → geralmente inconsciente

A realidade desconhecida não está distante.

Está continuamente presente, mas é excluída da série principal de acontecimentos que vocês aceitam como real.

- realidade desconhecida → presente
- foco habitual → seletivo
- série principal → experiência reconhecida

- outras séries → invisibilizadas
-

1. A invisibilidade da realidade desconhecida

A realidade desconhecida parece invisível porque não é aceite na série principal de acontecimentos.

- invisibilidade → não ausência
- invisibilidade → exclusão percetiva
- perceção → seleciona
- seleção → define realidade oficial

Seth compara esse processo a:

- responder apenas a luzes vermelhas
- ignorar luzes verdes
- ler apenas cada terceira ou quarta linha

A realidade percebida é, portanto, uma leitura parcial.

- página inteira → realidade total
 - linhas lidas → série oficial
 - linhas ignoradas → probabilidades não reconhecidas
-

2. As probabilidades são usadas sem serem compreendidas

Vocês usam o espaço sem precisarem de compreender cientificamente a sua natureza.

Do mesmo modo, usam as probabilidades sem conhecer conscientemente os seus mecanismos.

- espaço → utilizado intuitivamente
- probabilidades → utilizadas intuitivamente
- compreensão intelectual → não necessária para operar
- operação → anterior à explicação

A consciência movimenta-se com finura entre realidades prováveis.

- probabilidade A → considerada

- probabilidade B → considerada
 - foco → muda
 - mudança → raramente reconhecida
-

3. A esquina como modelo da escolha

Seth apresenta uma decisão simples: escolher entre várias ruas.

- esquina → ponto de decisão
- ruas → cursos prováveis
- imaginação → exploração antecipada
- escolha → atualização física

Antes de escolher, a consciência investiga os caminhos.

- memórias → ativadas
- associações → comparadas

- conhecimento acumulado → consultado
- imagem mental → projetada

Uma decisão aparentemente simples envolve uma vasta computação interior.

4. A imaginação como órgão de exploração provável

Ao imaginar-se numa rua, a pessoa coloca-se ali momentaneamente.

- imaginação → não fantasia vazia
- imaginação → projeção exploratória
- projeção → recolhe informação
- informação → regressa instantaneamente

A imaginação testa as possibilidades antes da atualização física.

- possibilidade → simulada
- simulação → experiencia consequências

- consequências → informam escolha
 - escolha → linha fisicamente reconhecida
-

5. Energia enviada para vários caminhos

Quando a pessoa oscila entre duas possibilidades, envia energia mental e psíquica para ambas.

- atração por um caminho → energia projetada
- atração por outro caminho → energia projetada
- duas imagens → dois percursos
- decisão física → apenas um percurso reconhecido

A energia enviada para o caminho não escolhido não é retirada.

- escolha oficial → Rua Quatro
- imagem energizada → Rua Três
- caminho não escolhido → não desaparece

- energia → continua a desenvolver-se
-

6. O nascimento do self alternativo

No ponto de decisão, a porção do self atraída pelo outro caminho continua a percorrê-lo.

- decisão → bifurcação
- self oficial → uma escolha
- self alternativo → outra escolha
- ambos → igualmente válidos

Cada escolha produz uma série de acontecimentos reconhecida por um self correspondente.

- self → renasce a cada instante
- instante → múltiplas ramificações
- ramificações → acontecimentos infinitos
- série oficial → apenas uma entre muitas

7. O self oficial não é o único self legítimo

Vocês são o resultado reconhecido das decisões tomadas até agora.

Esse é o vocês “oficial”.

- decisões atualizadas → self oficial
- decisões não atualizadas → selves alternativos
- self oficial → não superior
- selves alternativos → igualmente oficiais

Os outros selves não diminuem a identidade reconhecida.

- multiplicidade → não perda
- alternativas → não ameaça
- self oficial → validade própria
- selves alternativos → validade própria

8. Civilização tecnológica e multiplicação das probabilidades

À medida que a civilização se torna mais complexa, aumenta o número de ações prováveis disponíveis.

- tecnologia → mais mobilidade
- mobilidade → mais opções
- mais opções → mais decisões
- mais decisões → maior complexidade provável

A redução prática das distâncias amplia as redes de acontecimentos possíveis.

- espaço menor → probabilidades mais complexas
 - informação global → consciência menos paroquial
 - civilizações interligadas → previsões constantes
 - previsão → operação com probabilidades
-

9. A ação preditiva

Sempre que tentam prever um comportamento ou acontecimento, lidam com probabilidades.

- previsão → seleção de futuros possíveis
- futuro possível → probabilidade
- ação preditiva → consciência provável

A própria vida social depende disso.

- políticos → preveem governos
- cidadãos → preveem políticos
- cientistas → estimam acontecimentos
- vida quotidiana → calcula probabilidades

Quando as probabilidades adquirem valor prático, tornam-se intelectualmente respeitáveis.

10. Probabilidades e verdadeira psicologia

Seth afirma que uma verdadeira psicologia deve incluir realidades prováveis.

- psicologia limitada → apenas self oficial
- psicologia ampliada → selves prováveis
- acontecimentos → não prisão
- escolha → liberdade real

Quem reconhece as realidades prováveis deixa de se sentir totalmente aprisionado pelos acontecimentos.

- evento atual → uma atualização
- outras opções → continuam possíveis
- self → não reduzido ao passado oficial
- consciência → mais livre

11. A escolha como liberdade criadora

O capítulo não diminui a importância da escolha; aumenta-a.

- escolha → não elimina alternativas
- escolha → define experiência oficial
- experiência oficial → molda identidade
- identidade → continuamente recriada

Cada decisão tem peso porque determina a série reconhecida pelo self atual.

- liberdade → poder de atualização
- responsabilidade → direção escolhida
- probabilidades → campo
- escolha → foco

12. O passado não está fechado

Vocês tendem a pensar que o passado está concluído e apenas o futuro permanece aberto.

Seth rejeita essa divisão.

- passado → aparentemente fixo
- futuro → aparentemente aberto
- realidade profunda → ambos abertos
- presente → ponto de ação

O passado está tão aberto à mudança como o futuro.

13. O presente cria passado e futuro

A experiência do tempo projeta-se a partir do presente.

- presente → ponto criador
- passado → construído a partir do presente
- futuro → projetado a partir do presente
- tempo → não linha fechada

Quando olham para trás, não apenas leem o passado: também o organizam.

- presente → seleciona dados
 - dados selecionados → história
 - história → coerente com crenças atuais
 - dados incompatíveis → rejeitados
-

14. A história como projeção da série principal

Vocês projetam a atual série principal de acontecimentos no passado.

- série presente → régua de medição
- passado → ajustado à série
- dados compatíveis → aceites
- dados incompatíveis → descartados

Assim nasce uma história aparentemente contínua e sem arestas.

- continuidade → construída

- coerência → selecionada
 - passado oficial → versão provável
 - outras versões → invisíveis
-

15. Crenças como óculos tingidos

Vocês constroem estruturas coerentes de crenças e depois observam a realidade através delas.

- crenças → lentes
- lentes → filtram dados
- informação concordante → visível
- informação oposta → invisível

A realidade não é simplesmente recebida.

É filtrada.

- percepção → seleção

- seleção → confirmação
 - confirmação → reforço da crença
 - crença → realidade estabilizada
-

16. O passado pessoal também é filtrado

O mesmo processo ocorre na história íntima.

- self presente → conceito atual
- passado → reinterpretado
- acontecimentos incompatíveis → apagados
- memória → reorganizada

A pessoa exclui aspetos de si que não combinam com a identidade atual.

- self atual → narrativa
- narrativa → reduz complexidade

- complexidade apagada → escolhas reduzidas
 - reconhecimento ampliado → escolhas recuperadas
-

17. O passado coletivo também é provável

Seth aplica o mesmo princípio à evolução e à história da espécie.

- evolução linear → modelo simplista
- origem única → crença
- múltiplas linhagens → possibilidade
- vestígios → ainda presentes

A espécie olha para trás a partir das crenças atuais e tenta prever o passado.

- presente científico → filtro
- passado planetário → reconstrução
- reconstrução → não neutral

- história aceite → uma série provável
-

18. Capacidades latentes da espécie

A espécie possui capacidades que não reconhece como parte da sua herança biológica e espiritual.

- capacidade não aceite → latente
- latência → invisibilidade prática
- invisibilidade → não inexistência
- reconhecimento → reativação

O mesmo vale para o indivíduo.

- capacidades negadas → fora do self oficial
- selves alternativos → outras expressões
- realidades prováveis → mistura disponível
- reconhecimento → expansão da experiência

19. O tempo como sistema aberto

A sabedoria de amanhã parece inacessível porque vocês acreditam que o tempo é um sistema fechado.

- tempo fechado → conhecimento separado
- amanhã → ainda inexistente
- ontem → concluído
- presente → isolado

Seth propõe um tempo aberto.

- tempo aberto → comunicação entre versões
 - presente → acesso ampliado
 - futuro → fonte possível de informação
 - passado → campo reorganizável
-

20. Nascimento e morte não esgotam a experiência

Seth reconhece o enquadramento físico do nascimento e da morte.

- nascimento → entrada no foco
- morte → saída do foco
- enquadramento físico → real
- possibilidades interiores → muito maiores

Dentro desse enquadramento, existem dimensões de experiência raramente exploradas.

- vida física → não prisão absoluta
- foco corporal → não totalidade
- probabilidades → ampliam experiência
- consciência → excede sequência linear

21. Todos são contrapartes uns dos outros

Seth conclui afirmando que todos os seres vivos num dado período terrestre são contrapartes uns dos outros.

- indivíduos → expressões distintas
- contrapartes → ligação profunda
- humanidade → rede contemporânea
- fraternidade → estrutura psíquica

A fraternidade não é apenas ideal religioso.

É consequência da organização da consciência.

- todos ligados → não iguais
- individualidade → preservada
- ligação → complementaridade
- fraternidade → reconhecimento da interdependência

realidade desconhecida → excluída da série principal → percepção seletiva → navegação inconsciente pelas probabilidades → decisão numa esquina → imaginação explora caminhos → energia enviada para várias direções → escolha física atualiza uma rua → self alternativo percorre a outra → self renasce a cada instante → civilização tecnológica multiplica escolhas → previsão trabalha com probabilidades → psicologia ampliada reconhece selves prováveis → escolha revela liberdade → passado considerado fixo → presente reorganiza passado e futuro → crenças funcionam como óculos tingidos → história pessoal e coletiva é selecionada → capacidades negadas tornam-se latentes → tempo fechado limita acesso → tempo aberto amplia experiência → todos os vivos são contrapartes

Fórmula central

- probabilidades → campo de possibilidades
- imaginação → exploração
- energia psíquica → projeção
- escolha → atualização
- atualização → série oficial

- caminho não escolhido → self alternativo
 - self alternativo → realidade igualmente válida
 - presente → ponto criador
 - crenças → filtro
 - passado → reconstrução
 - futuro → abertura
 - liberdade → consciência das alternativas
-

Cartografia funcional

- esquina → ponto de decisão
- ruas → probabilidades
- imagem mental → explorador provável
- Rua escolhida → realidade oficial

- Rua não escolhida → realidade alternativa
 - self oficial → resultado reconhecido
 - self alternativo → escolha não atualizada pelo foco presente
 - presente → centro de projeção
 - óculos tingidos → crenças
 - história → série provável estabilizada
 - contrapartes → fraternidade estrutural
-

Chave interpretativa

O capítulo ensina que a escolha não cria realidade a partir do nada.

Ela seleciona e atualiza uma entre várias linhas possíveis.

- campo provável → já disponível
- imaginação → investiga

- escolha → focaliza
- experiência → concretiza

Os caminhos não escolhidos não se tornam irreais.

Apenas deixam de pertencer à série principal reconhecida pelo self atual.

- não escolhido → não inexistente
- não reconhecido → não inválido
- self oficial → uma versão
- identidade maior → todas as ligações

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ que probabilidades estou atualmente a considerar?
- ✓ que caminhos imagino antes de escolher?

- ✓ que informação interior surge quando projeto uma possibilidade?
 - ✓ que crenças tornam certas opções invisíveis?
 - ✓ que acontecimentos do meu passado apaguei por não combinarem com o meu self atual?
 - ✓ que capacidades mantenho latentes porque não as aceito como minhas?
 - ✓ estou a tratar o tempo como sistema fechado?
 - ✓ que liberdade surge quando reconheço que a minha série oficial não é a única possível?
-

Síntese final

O Capítulo 61 apresenta a consciência como navegadora de probabilidades.

Vocês não permanecem numa única linha rígida de realidade.

A cada instante, investigam alternativas, projetam imagens mentais, recebem informação e atualizam uma direção como experiência física.

- ✓ imaginação → testa
- ✓ escolha → atualiza
- ✓ self oficial → percorre uma linha
- ✓ self alternativo → percorre outra

A identidade reconhecida é o resultado das escolhas atualizadas até ao presente, mas não representa a totalidade do self.

Outras versões igualmente válidas realizam os caminhos que não entraram na série principal.

O presente não é apenas ponto de passagem entre passado e futuro.

É o ponto criador a partir do qual ambos são organizados.

- ✓ presente → cria continuidade
- ✓ crenças → selecionam dados

✓ passado → torna-se coerente

✓ futuro → torna-se previsível

Ao reconhecer isto, a pessoa deixa de se sentir totalmente presa pelos acontecimentos.

A liberdade não consiste em controlar todas as probabilidades, mas em compreender que a realidade oficial é uma escolha entre muitas.

O capítulo termina alargando essa liberdade à humanidade inteira:

todos os indivíduos vivos num dado período terrestre são contrapartes uns dos outros.

A fraternidade é, portanto, mais do que uma aspiração moral.

É uma estrutura da consciência.

Frase de fecho

A escolha não destrói os caminhos que não seguimos; transforma um deles na nossa realidade oficial e revela-nos como participantes ativos num campo infinito de probabilidades.

CAPÍTULO 62

A Realidade Interior, a Nova Selfidade e o Plano Psíquico de Atlântida

— A ideia inteira das realidades prováveis parece estranha ou esotérica apenas porque vocês não estão habituados a acompanhar os vossos próprios processos de pensamento. Interrompem-nos sempre que não se ajustam às crenças atuais acerca da natureza do self ou da realidade em geral. Os significados mais profundos das probabilidades residem, contudo, precisamente na sua importância psicológica.

— Ficaram tão hipnotizados por um tipo de pensamento que opera num único nível que tudo o mais parece impraticável. Concentram-se nas decisões que tomam e ignoram os processos envolvidos, ao ponto de, muitas vezes, estarem tão desligados desses mecanismos interiores que as vossas próprias decisões parecem vir de outro lugar. Podem convencer-se de que os acontecimentos vos sucedem e estão fora do vosso controlo simplesmente porque estão tão desligados de vocês mesmos que nunca captam os momentos das vossas próprias decisões.

— Sentem-se então como peões do destino, e a ideia de ações prováveis parece um completo absurdo. Cada acontecimento

parece inevitável. Quando esta atitude é levada demasiado longe, chega mesmo a parecer que vocês não têm qualquer participação na criação da vossa própria realidade. Sentir-se-ão sempre vítimas.

— A realidade desconhecida é a vossa realidade psíquica, espiritual e psicológica, e é dela que nasce a vossa experiência física.¹

— Essa existência interior e onnipresente torna-se conhecida à medida que se tornam mais recetivos ao vosso próprio ambiente interior. Isto não significa que se tornem inteiramente autocentrados, cegos para o resto do mundo. Não significa que tenham de meditar durante horas ou estudar os vossos próprios processos de pensamento com tal intensidade que ignorem outras atividades. Significa simplesmente que estejam conscientes da vossa própria vida com a maior clareza possível — em contacto com

¹ “Lembrem-se: vocês chamam a isto o vosso universo e a vossa realidade, e assim é, de facto, pois formam-nos.

“Dentro de vocês existe também o conhecimento de outras grandes experiências que estão a ser realizadas, tal como outros sistemas prováveis estão conscientes das experiências em que vocês estão envolvidos. Estou a falar apenas nos vossos termos, o que significa que, até certo ponto, estou a fazer ressalvas — mas outras civilizações seguiram o vosso caminho. Algumas falharam, mas os habitantes de algumas Terras tiveram bastante êxito.

“Tal como o concebem, o vosso futuro não está definido. Podem seguir qualquer caminho que escolham, mas — enquanto não compreenderem que, individualmente, cada um forma a sua própria vida pessoal e participa na criação coletiva da realidade — ainda têm muito que aprender. Esta é uma lição que devem compreender plenamente dentro da realidade física.

“Devem avaliar a realidade física. Devem compreender que ela é uma materialização dos vossos pensamentos, sentimentos e imagens, que o self interior forma esse mundo. Nos vossos termos, não lhes pode ser permitido entrar noutras dimensões até terem aprendido o grande poder dos vossos pensamentos e sentimentos subjetivos. Assim, mesmo quando pensam que destroem, nada destroem. E, quando pensam que matam, nada matam. Quando imaginam que podem aniquilar uma realidade, podem apenas atacá-la tal como a conhecem. A própria realidade continuará a existir.

“Porque não conseguem acompanhar um pensamento, perguntam-se para onde foi; terá caído de algum precipício invisível dentro da vossa mente? Mas o facto de já não conseguirem manter esse pensamento na consciência não significa que ele tenha deixado de existir, nem que não possua realidade própria, pois possui-a, de facto. E, se um mundo vos escapar — se não conseguirem acompanhá-lo e pensarem que foi destruído —, aplica-se ao mundo o mesmo que ao pensamento. Ele continua a viver.”

os vossos processos de pensamento, conscientes deles, mas sem preocupação excessiva nem sobreanálise. Eles fazem tanto parte do vosso ambiente interior como as árvores fazem parte do mundo exterior. Existem diferentes espécies de selves, do mesmo modo que existem diferentes espécies de mundos.

— Quando se identificam apenas com um nível particular dos vossos processos de pensamento, contudo, os outros — quando os sentem — parecem-vos estranhos. Começam a sentir-se ameaçados, determinados a defender as vossas antigas ideias de Selfidade. As plantas produzem muitas folhas. Uma folha não ameaça a existência das outras, e a planta não sente ciúmes da sua própria folhagem. Assim, não há necessidade de protegerem a vossa individualidade pelo facto de ela poder lançar outros rebentos em realidades prováveis. Trata-se simplesmente do self a crescer em diferentes direcções, espalhando as suas sementes.

— Joseph e Ruburt mudaram-se para uma casa nova. Ao fazê-lo, viajaram através de probabilidades, tal como cada um dos meus leitores o fez em circunstâncias semelhantes. Eles identificam-se com os selves que se mudaram para a nova casa da colina. Em certo sentido, são agora pessoas diferentes daquelas que eram quando "Realidade «Desconhecida»" começou, há cerca de 14 meses. Contudo, muitos dos meus leitores também são agora pessoas diferentes daquelas que eram quando começaram a ler esta obra.

— Voltemos aproximadamente dois meses atrás, nos vossos termos temporais. Ruburt e Joseph procuravam uma casa. Já tinham visto uma por dentro. Na verdade, este manuscrito começou precisamente no ponto temporal em que teve início a mais recente aventura de Ruburt e Joseph com as probabilidades. Há dois meses, contudo, sentiam-se atraídos pela casa da Foster Avenue, como lhe chamavam. Passavam frequentemente de carro diante dela e entraram nela. Ruburt imaginou as suas aulas a decorrer ali. Imaginativamente, tanto Ruburt como Joseph viram-se a viver ali, e uma certa quantidade de energia psíquica foi projetada para essa casa.

— Numa realidade provável, um Ruburt e um Joseph vivem agora ali. No mundo que reconhecem como oficial, contudo, mudaram-se para a casa da colina. Até certo ponto, ambos estão conscientes dos processos interiores envolvidos na decisão final. Não quero dizer que estejam simplesmente familiarizados com os processos exteriores de pensamento envolvidos, tais como: "A casa da colina está mais bem construída" ou "Tem uma bela vista." Refiro-me a mecanismos mais profundos de ponderação, nos quais são estabelecidas correlações entre as realidades interior e exterior.

— É óbvio que, quando se mudam de um lugar para outro, efetuam uma alteração no espaço — mas alteram também o tempo e põem em movimento um certo impulso psicológico que se estende para afetar todas as pessoas que conhecem. Quando uma casa está vazia, todas as pessoas do bairro enviam as suas próprias mensagens. Até certo ponto, qualquer área habitada forma a sua própria "entidade". Isto aplica-se tanto ao mais pequeno bairro

como à maior nação. Essas mensagens são frequentemente encontradas no estado de sonho. As casas vazias são vagas psíquicas que anseiam ser preenchidas. Quando se mudam, entram noutras porções da vossa própria Selfidade.

— Na verdade, entram continuamente em novas áreas do self. A espécie está agora a entrar numa fase semelhante, um período no qual se afirmará mais plenamente. A humanidade entrará, então, na sua própria casa nova — mas as mudanças físicas serão o resultado de mudanças interiores e de alterações nas linhas principais de probabilidades.

— A teologia cristã vê o fim do mundo de uma determinada forma, com um Deus grandioso a vir recompensar os bons e castigar os maus.² Esse sistema de crenças não admite nenhuma outra probabilidade. Algumas pessoas veem o fim do mundo a chegar sob a forma de uma grande catástrofe ou imaginam que o ser humano acabará por arruinar o planeta. Outras veem períodos de paz e progresso — e cada probabilidade acontecerá "algures". Contudo, muitos dos meus leitores, ou os seus descendentes, estarão envolvidos numa nova dimensão da Selfidade, na qual a consciência será plenamente explorada e os potenciais da alma serão revelados, pelo menos até certo ponto.

— As capacidades humanas serão vistas tal como são, e ocorrerá um grande período novo de desenvolvimento, no qual todos os

² Segundo algumas seitas cristãs, tudo isto deverá ocorrer na Parúsia, ou esperada Segunda Vinda de Jesus Cristo, durante o Juízo Final. Na Bíblia, ver Daniel 7:13, Mateus 24, e assim por diante.

atuais conceitos de Selfidade e realidade serão literalmente vistos como “superstições primitivas”. A espécie entrará, de facto, num novo tipo de Selfidade.

— *As teorias das probabilidades serão vistas como factos psicológicos práticos e operáveis, proporcionando margem de ação e liberdade ao indivíduo, que deixará de se sentir à mercê dos acontecimentos exteriores e compreenderá, em vez disso, que é o seu iniciador.*

— *Vocês espremem o grande fruto da vossa Selfidade até o reduzirem a uma pequena polpa inquieta, sem conhecerem a doçura dos seus sumos nem a variedade das suas estações. Olham apenas para o exterior de vocês mesmos, como se um pêssogo estivesse consciente somente da sua pele. Na realidade que antevejo, contudo, as pessoas tornar-se-ão familiarizadas com aspetos muito mais amplos de si mesmas e levarão esses aspetos à atualização. Estarão em contacto com as próprias decisões enquanto as tomam.*

— *Caso adoeçam, fá-lo-ão sabendo que escolhem essa condição para enfatizar certas áreas de desenvolvimento ou minimizar outras. Estarão conscientemente cientes das suas opções. A grande força e capacidade de recuperação do corpo serão muito melhor compreendidas; não porque a ciência médica faça descobertas espetaculares — embora as faça —, mas porque a aliança da mente com o corpo será vista com maior clareza.*

— Nesta probabilidade de que falo, a espécie começará a enfrentar o grande desafio inerente à realização do vasto potencial ainda intocado do corpo e da mente humanos. Nessa realidade provável, à qual cada um de vocês pode pertencer até certo ponto, cada pessoa reconhecerá o seu poder inerente de ação e decisão e sentirá um sentido individual de pertença ao mundo físico que nasce em resposta ao desejo e às crenças individuais.

— As vossas ideias acerca de Atlântida são parcialmente compostas por memórias do futuro. São anseios psíquicos dirigidos à civilização ideal — padrões existentes dentro da psique, tal como cada feto contém em si a imagem da sua própria realização mais ideal, em cuja direção cresce.

— Atlântida é uma terra que vocês desejam habitar, manifestando-se na vossa literatura, nos vossos sonhos e nas vossas fantasias, e servindo de impulso ao desenvolvimento. É real e válida. Nos vossos termos, ainda não é um facto físico, mas, de certas formas, é mais real do que qualquer facto físico, pois constitui um plano psíquico.

— Transporta também, contudo, a marca dos vossos medos, pois as histórias dizem que Atlântida foi destruída. Colocam-na no vosso passado quando ela existe no vosso futuro. Não apenas a destruição, mas todo o padrão é visto através do enquadramento das vossas crenças. Para além disso, muitas civilizações surgiram e desapareceram de formas algo semelhantes, e o "mito" de Atlântida

baseia-se também, até certo ponto, em factos físicos, nos vossos termos.

— A espécie entra, portanto, nas suas próprias casas novas. Atlântida é a história de uma probabilidade futura projetada para trás, num passado manifesto.

— O vosso planeta, tal como o conhecem, é um certo tipo de ponto de focalização da consciência. Ao vosso nível, pensam que ele está dividido em áreas de terra e água — continentes e oceanos, ilhas e penínsulas, cidades e bosques — porque é tudo o que percecionam. A vossa consciência está sintonizada com frequências de percepção que vos proporcionam essa impressão. O mundo de um gato, de um inseto ou de uma planta é, em cada caso, muito diferente, embora igualmente válido.

— Explicando-o da forma mais simples possível, o vosso planeta também está “dividido” em áreas de tempo e probabilidade. Existem, portanto, muitas civilizações ao mesmo tempo, e ocorrem certos transbordamentos. Nos vossos termos, algumas civilizações são reais e percecionáveis, enquanto outras não o são.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a realidade desconhecida de um território exterior e misterioso para o ambiente interior da própria consciência.

- realidade desconhecida → realidade interior
- realidade interior → psíquica, espiritual e psicológica
- realidade física → nasce da realidade interior
- experiência exterior → expressão de processos interiores

Seth mostra que as probabilidades parecem estranhas apenas porque vocês deixaram de acompanhar os mecanismos através dos quais tomam decisões e formam a própria realidade.

- processos interiores → ignorados
- decisões → parecem vir de fora
- acontecimentos → parecem inevitáveis
- self → sente-se vítima

O capítulo devolve ao indivíduo a ligação entre consciência, decisão e experiência.

1. A importância psicológica das probabilidades

O significado mais profundo das probabilidades não reside apenas em mundos alternativos ou acontecimentos futuros.

Reside na sua importância psicológica.

- probabilidades → não abstração esotérica
- probabilidades → funcionamento da psique
- escolha → processo interior
- experiência → atualização

Vocês interrompem os pensamentos que não se ajustam às crenças atuais acerca do self e da realidade.

- pensamento não aceite → interrompido
- conteúdo interior → excluído

- possibilidade → invisível
- self oficial → reforçado

A realidade provável torna-se estranha porque a consciência rejeita os próprios caminhos que não correspondem à sua definição atual de identidade.

2. O pensamento de nível único

Seth afirma que vocês ficaram hipnotizados por um tipo de pensamento que opera num único nível.

- um nível → realidade oficial
- outros níveis → impraticáveis
- decisão final → reconhecida
- processo da decisão → ignorado

A pessoa vê o resultado, mas não acompanha a formação interior desse resultado.

- mecanismo interior → desligado

- decisão → parece externa
- acontecimento → parece imposto
- indivíduo → sente-se peão do destino

Quanto maior a desconexão interior, maior a sensação de inevitabilidade.

- desconexão → fatalismo
 - fatalismo → vitimização
 - vitimização → perda de poder
-

3. A realidade desconhecida é a realidade interior

A frase estrutural do capítulo é:

A realidade desconhecida é a vossa realidade psíquica, espiritual e psicológica, e é dela que nasce a vossa experiência física.

- psíquica → conteúdos e organizações interiores

- espiritual → dimensão ampla da identidade e do sentido
- psicológica → interpretação e experiência desses conteúdos
- física → materialização

A realidade exterior não é separada da interior.

- interior → matriz
 - exterior → expressão
 - consciência → origem organizadora
 - mundo físico → resultado experiencial
-

4. Conhecer o ambiente interior

A realidade interior torna-se conhecida à medida que vocês se tornam mais recetivos ao próprio ambiente interior.

- ambiente exterior → árvores, casas, paisagens
- ambiente interior → pensamentos, impulsos, associações

- atenção interior → reconhecimento
- reconhecimento → maior liberdade

Isto não exige isolamento, meditação excessiva nem autoanálise obsessiva.

- consciência interior → não autocentramento
- observação → não obsessão
- clareza → não sobreanálise
- contato consigo → equilíbrio

Os pensamentos fazem parte do ambiente interior tal como as árvores fazem parte do mundo exterior.

5. Espécies de selves e espécies de mundos

Seth afirma:

Existem diferentes espécies de selves, do mesmo modo que existem diferentes espécies de mundos.

- self conhecido → uma espécie de organização
- selves prováveis → outras organizações
- mundo físico reconhecido → uma espécie de mundo
- mundos prováveis → outras espécies de realidade

A diversidade não se limita à matéria.

Ela existe também na consciência e na identidade.

- diversidade exterior → espécies físicas
- diversidade interior → espécies de selves
- pluralidade → estrutura natural
- identidade → não modelo único

6. A ameaça dos outros níveis do self

Quando vocês se identificam apenas com um nível de pensamento, os outros parecem estranhos.

- identificação exclusiva → rigidez
- outros conteúdos → alienação
- alienação → ameaça
- ameaça → defesa da Selfidade antiga

A pessoa protege a identidade conhecida como se outras expressões pudessem destruí-la.

Seth usa a planta como analogia.

- planta → self maior
- folhas → expressões
- uma folha → não ameaça outra
- folhagem → multiplicidade natural

A individualidade não precisa de ser protegida contra os seus próprios rebentos prováveis.

7. O self cresce em várias direções

Os selves prováveis são apresentados como rebentos do mesmo crescimento.

- self → planta viva
- realidades prováveis → direções de crescimento
- selves alternativos → rebentos
- experiências → sementes

A multiplicidade não representa fragmentação.

- crescimento → expansão
- rebento → nova expressão
- nova expressão → identidade válida
- identidade maior → continuidade

8. Mudar de casa como atravessar probabilidades

A mudança de casa de Joseph e Ruburt funciona como exemplo de navegação provável.

- casa possível → probabilidade
- imaginação → projeção
- energia psíquica → investimento
- decisão → atualização

Eles imaginaram-se a viver noutra casa e projetaram energia para essa realidade.

- casa da Foster Avenue → realidade provável
- casa da colina → realidade oficial
- Ruburt e Joseph prováveis → vivem na primeira
- Ruburt e Joseph reconhecidos → vivem na segunda

A escolha física não apaga a realidade imaginativamente energizada.

9. As decisões alteram espaço e tempo

Uma mudança de casa parece uma alteração espacial.

Mas Seth afirma que também altera o tempo.

- mudança espacial → novo lugar
- mudança temporal → nova continuidade
- decisão → impulso psicológico
- impulso → afeta outras pessoas

Cada alteração importante reorganiza relações, ritmos, encontros e possibilidades.

- nova casa → novo campo
- novo campo → novas ligações
- novas ligações → nova série de acontecimentos
- probabilidade → realidade vivida

10. Áreas habitadas como entidades

Até certo ponto, qualquer área habitada forma a sua própria "entidade".

- indivíduos → mensagens psíquicas
- mensagens → campo coletivo
- bairro → organização
- nação → organização ampliada

Uma comunidade não é apenas um conjunto de edifícios.

- espaço físico → suporte
- relações psíquicas → ligação
- histórias → memória
- ambiente → identidade coletiva

As mensagens dessas áreas podem ser encontradas no estado de sonho.

11. Casas vazias como vagas psíquicas

Seth afirma que as casas vazias são vagas psíquicas que anseiam ser preenchidas.

- casa vazia → possibilidade
- possibilidade → procura ocupante
- ocupante → responde ao campo
- mudança → encontro provável

A casa não é apenas recipiente material.

É um ponto de encontro entre ambiente, pessoas, desejos e probabilidades.

- casa → estrutura física
- vazio → abertura provável
- habitante → atualização
- lar → relação psíquica

12. Entrar noutras porções da Selfidade

A frase-eixo do capítulo é:

Quando se mudam, entram noutras porções da vossa própria Selfidade.

- mudança exterior → deslocação interior
- novo lugar → nova expressão
- novo ambiente → novos aspetos do self
- self → reconfiguração

A mudança de casa torna-se metáfora e mecanismo real de expansão psicológica.

- espaço novo → identidade nova
- identidade nova → não substituição total
- continuidade → preservada
- Selfidade → ampliada

13. A espécie também muda de casa

Seth transpõe a metáfora do indivíduo para a humanidade.

- indivíduo → entra em nova casa
- espécie → entra em nova Selfidade
- mudanças interiores → primeiro
- mudanças físicas → resultado

A humanidade encontra-se numa fase de transição.

- velha Selfidade → limitada
- nova Selfidade → consciência explorada
- potenciais da alma → revelados
- capacidades humanas → reconhecidas

14. O futuro da espécie é provável, não predeterminado

As crenças religiosas e culturais apresentam futuros fechados.

- fim do mundo religioso → julgamento
- catástrofe → destruição
- progresso → paz
- cada visão → probabilidade

Nenhuma dessas possibilidades é a única linha inevitável.

- crença → organiza probabilidade
- expectativa → alimenta direção
- humanidade → escolhe
- futuro → campo aberto

Cada probabilidade acontece “algures”, mas cada consciência participa da linha com a qual se identifica.

15. A nova dimensão da Selfidade

Seth antevê uma probabilidade em que a espécie entra num novo tipo de Selfidade.

- consciência → mais plenamente explorada
- alma → potenciais revelados
- corpo → capacidades reconhecidas
- indivíduo → poder de decisão

Os conceitos atuais de identidade e realidade parecerão superstições primitivas.

- self atual → demasiado estreito
- realidade atual → excessivamente exteriorizada
- nova psicologia → probabilidades práticas
- nova Selfidade → participação consciente

16. Probabilidades como factos psicológicos operáveis

Na nova realidade, as probabilidades deixam de ser especulação.

- teoria → prática

- probabilidade → facto psicológico
- facto psicológico → margem de ação
- margem de ação → liberdade

O indivíduo deixará de se sentir à mercê dos acontecimentos.

- acontecimento exterior → não causa absoluta
 - indivíduo → iniciador
 - decisão → participação
 - responsabilidade → poder
-

17. O fruto comprimido da Selfidade

Seth usa uma imagem muito forte:

- Selfidade → fruto
- self reduzido → polpa inquieta

- potenciais → sumos
- estações → variedades de expressão

Vocês reduzem a vasta Selfidade ao pequeno self conhecido.

- fruto inteiro → identidade maior
- pele → aparência exterior
- polpa comprimida → self limitado
- sumos → riqueza interior

Como um pêssgo consciente apenas da pele, a pessoa identifica-se apenas com a superfície.

18. Atualizar aspetos mais amplos do self

Na realidade provável descrita por Seth, as pessoas tornam-se familiares com aspetos mais amplos de si mesmas.

- aspetos interiores → reconhecidos
- reconhecimento → atualização

- atualização → expressão física
- Selfidade → expansão consciente

As pessoas estarão em contato com as próprias decisões enquanto as tomam.

- decisão → captada no momento
 - processo → consciente
 - escolha → compreendida
 - resultado → menos alienante
-

19. Corpo, mente e escolha

Seth projeta uma realidade em que a relação entre mente e corpo é mais claramente compreendida.

- mente → intenção
- corpo → resposta
- condição física → significado

- saúde → comunicação

O corpo deixa de ser visto como mecanismo isolado.

- doença → não mero acidente
- corpo → participante
- mente → aliada
- experiência → desenvolvimento

A ênfase está na consciência das opções, não numa culpa simplista.

20. O potencial intocado do corpo e da mente

A espécie enfrentará o desafio de realizar o vasto potencial ainda intocado do corpo e da mente.

- potencial → já presente
- não utilização → latência
- exploração → desenvolvimento

- desenvolvimento → nova espécie psicológica

O verdadeiro avanço não depende apenas da medicina ou da tecnologia.

- descoberta científica → apoio
 - aliança mente-corpo → chave
 - consciência → ativação
 - potencial humano → campo por explorar
-

21. Pertença ao mundo físico

Na probabilidade descrita, cada pessoa reconhecerá o seu poder de ação e decisão.

- poder interior → reconhecido
- mundo físico → responsivo
- desejo → impulso
- crença → organização

O indivíduo sentirá que pertence ao mundo físico porque compreenderá a sua participação na formação dele.

- mundo → não cenário estranho
 - indivíduo → não intruso
 - realidade → resposta
 - pertença → cooperação
-

22. Atlântida como memória do futuro

Seth apresenta Atlântida como parcialmente composta por memórias do futuro.

- Atlântida → não apenas passado
- memória futura → imagem retroprojetada
- civilização ideal → anseio psíquico
- anseio → impulso evolutivo

A imagem de Atlântida nasce de padrões existentes dentro da psique.

- psique → contém modelo
 - modelo → realização ideal
 - futuro provável → influencia presente
 - presente → projeta-o no passado
-

23. O plano psíquico de Atlântida

Atlântida é real e válida como plano psíquico, mesmo que ainda não seja facto físico nos termos habituais.

- plano psíquico → realidade interior
- realidade interior → potência
- facto físico → atualização
- potência → pode ser mais organizadora que o facto

Atlântida funciona como modelo civilizacional.

- literatura → veículo
 - sonhos → veículo
 - fantasias → veículo
 - desenvolvimento → finalidade
-

24. Ideal e medo no mesmo símbolo

Atlântida contém simultaneamente a imagem da civilização ideal e a marca do medo da destruição.

- ideal → grandeza
- medo → queda
- desejo → construção
- crença → catástrofe

O símbolo reflete tanto os potenciais como as ansiedades da espécie.

- civilização desejada → futuro

- civilização destruída → medo
 - mito → composição
 - psique coletiva → autora
-

25. Atlântida entre passado e futuro

Vocês colocam Atlântida no passado quando ela existe também no futuro.

- futuro provável → projetado para trás
- passado manifesto → recebe imagem
- mito → memória invertida
- tempo → não linear

Atlântida é a história de uma probabilidade futura projetada num passado reconhecido.

- futuro → modelo
- presente → imaginação

- passado → localização simbólica
 - probabilidade → atravessa tempo
-

26. Base física e validade psíquica

O mito de Atlântida pode basear-se parcialmente em civilizações físicas que surgiram e desapareceram.

- civilizações passadas → vestígios
- memória coletiva → mistura
- probabilidade futura → acrescentada
- mito → estrutura composta

Atlântida não precisa de corresponder a uma única civilização histórica para possuir validade.

- facto físico → uma camada
- plano psíquico → outra camada
- medo coletivo → outra camada

- ideal futuro → outra camada
-

27. O planeta como ponto de focalização

O planeta é apresentado como um ponto de focalização da consciência.

- Terra percebida → continentes e oceanos
- percepção humana → frequência específica
- frequência → recorte
- recorte → mundo reconhecido

A geografia física é apenas uma das organizações possíveis da experiência planetária.

- ser humano → um mundo
- gato → outro mundo
- inseto → outro mundo
- planta → outro mundo

Todos são diferentes e igualmente válidos.

28. Áreas de tempo e probabilidade

A Terra não está apenas dividida em zonas espaciais.

Também está dividida em áreas de tempo e probabilidade.

- continentes → áreas espaciais
- civilizações → áreas temporais
- realidades prováveis → áreas de probabilidade
- planeta → campo multidimensional

Muitas civilizações existem simultaneamente.

- algumas → percecionáveis
- outras → não percecionáveis
- frequências distintas → experiências distintas

- transbordamentos → contato parcial
-

29. Transbordamentos entre civilizações

Ocorrem transbordamentos entre áreas de tempo e probabilidade.

- civilização A → frequência
- civilização B → outra frequência
- transbordamento → informação cruzada
- mito / sonho / visão → possíveis canais

A Atlântida pode ser entendida como um desses transbordamentos.

- futuro provável → presente psíquico
- presente psíquico → passado simbólico
- civilização não percebida → mito
- mito → impulso

Movimento do capítulo

probabilidades parecem esotéricas → processos de pensamento não acompanhados → decisões parecem externas → indivíduo sente-se vítima → realidade desconhecida é interior → ambiente interior torna-se acessível → diferentes espécies de selvas e mundos → outros níveis do self parecem ameaçadores → self cresce como planta → mudança de casa atravessa probabilidades → outra versão vive na casa não escolhida → mudar altera espaço e tempo → áreas habitadas formam entidades → casas vazias são vagas psíquicas → mudança entra noutras porções da Selfidade → humanidade entra numa nova casa → mudanças exteriores seguem mudanças interiores → futuros religiosos e catastróficos são probabilidades → espécie pode entrar numa nova Selfidade → probabilidades tornam-se factos psicológicos → fruto da Selfidade é comprimido → aspetos mais amplos tornam-se atualizáveis → aliança mente-corpo é reconhecida → potencial humano é explorado → Atlântida surge como memória futura → civilização ideal funciona como plano psíquico → medo da destruição integra o mito → futuro é projetado no passado → Terra é ponto de focalização → planeta contém áreas de tempo e probabilidade → civilizações coexistem → ocorrem transbordamentos

Fórmula central

- realidade interior → pensamentos, crenças e impulsos
 - realidade interior → decisões
 - decisões → probabilidades
 - probabilidades → experiência física
 - experiência física → nova Selfidade
 - nova Selfidade → atualização de potenciais
 - potenciais coletivos → plano civilizacional
 - plano civilizacional → Atlântida
 - Atlântida → memória futura
 - memória futura → impulso presente
-

Cartografia funcional

- ambiente interior → matriz da experiência

- espécies de selves → pluralidade da identidade
- folhas → expressões prováveis
- rebentos → selves alternativos
- casa → porção da Selfidade
- mudança → passagem provável
- casa vazia → vaga psíquica
- nova casa da humanidade → nova Selfidade
- fruto → identidade maior
- pele do pêssago → self exterior
- Atlântida → plano psíquico
- memória futura → probabilidade retroprojetada
- planeta → ponto de focalização
- transbordamentos → contacto entre realidades

Chave interpretativa

O capítulo mostra que a expansão da identidade não acontece pela destruição do self conhecido.

Acontece pelo reconhecimento de que ele é apenas uma expressão dentro de uma Selfidade mais vasta.

- self conhecido → válido
- self conhecido → não total
- outros selves → não ameaça
- multiplicidade → crescimento

A mesma lógica aplica-se à espécie.

- humanidade atual → uma forma
- nova humanidade → probabilidade
- mudança interior → origem
- mudança exterior → consequência

Atlântida representa o desejo coletivo de habitar essa nova forma de consciência.

Aplicação percetiva

Perguntas operativas:

- ✓ acompanho os processos interiores das minhas decisões?
- ✓ em que momentos sinto que os acontecimentos simplesmente me sucedem?
- ✓ que pensamentos interrompo por não combinarem com a minha identidade atual?
- ✓ que aspetos do self me parecem estranhos ou ameaçadores?
- ✓ que novas áreas da minha Selfidade estou a habitar?
- ✓ que mudanças exteriores refletem mudanças interiores já ocorridas?
- ✓ que capacidades mantenho comprimidas na pequena polpa do self conhecido?

- ✓ que futuro ideal projeto simbolicamente no passado?
 - ✓ que Atlântida interior procuro construir?
 - ✓ a que áreas de tempo e probabilidade estou sintonizado?
-

Síntese final

O Capítulo 62 apresenta a realidade desconhecida como a realidade interior da qual nasce a experiência física.

Vocês não são vítimas de acontecimentos exteriores independentes.

Sentem-se vítimas quando perdem contato com os processos através dos quais decidem, selecionam e atualizam probabilidades.

- desconexão → fatalismo
- contato interior → escolha
- escolha → participação
- participação → liberdade

O self cresce em várias direções como uma planta produz folhas e sementes.

Nenhuma expressão provável ameaça a individualidade.

A Selfidade amplia-se ao ocupar novas experiências, novos ambientes e novas linhas de probabilidade.

A mudança de casa torna-se o símbolo dessa transição:

- nova casa → nova porção do self
- nova porção do self → nova vida
- nova vida → nova série de probabilidades

Seth estende esse processo à humanidade.

A espécie está a preparar-se para entrar numa nova casa psicológica, na qual a consciência, o corpo, a mente e a alma serão compreendidos de maneira muito mais ampla.

Atlântida representa um plano dessa possibilidade.

Não é apenas ruína do passado, nem apenas fantasia.

É uma memória do futuro, um anseio psíquico por uma civilização capaz de realizar potenciais ainda latentes.

- Atlântida → ideal
- Atlântida → medo
- Atlântida → plano
- Atlântida → probabilidade

O planeta, por fim, revela-se como um campo multidimensional, dividido não apenas em terras e oceanos, mas também em áreas de tempo e probabilidade.

Muitas civilizações coexistem.

Algumas são percecionadas; outras permanecem fora da frequência humana habitual.

A realidade desconhecida não está noutro lugar.

Está nas regiões interiores do self, nas probabilidades da espécie e nas civilizações que existem para além da faixa estreita da percepção atual.

Frase de fecho

A realidade desconhecida é o ambiente interior onde a Selfidade cresce, a espécie escolhe os seus futuros e civilizações inteiras aguardam a frequência capaz de as tornar visíveis.

CAPÍTULO 63

A Realidade que Somos, as Perguntas como Portais da Psique e a Ponte entre Mundos

— Nenhum livro intitulado "A Realidade «Desconhecida»" pode esperar tornar essa realidade inteiramente conhecida.

— Ela permanece nebulosa porque ainda não foi conscientemente reconhecida. O melhor que posso fazer é indicar áreas que têm permanecido relativamente invisíveis, ajudando-vos a explorar diferentes facetas da vossa própria consciência. Até certo ponto, este livro foi escrito para vos ajudar a exercitar as vossas capacidades intuitivas e mentais a partir de uma perspectiva diferente.

— De certa maneira, pretende familiarizar-vos com elementos da vossa própria realidade dos quais talvez não tivessem consciência e apresentar-vos certos estados subjetivos da mente que são automaticamente despertados pela própria maneira como o livro foi produzido.

— Para além disso, contudo, contém aquilo a que podem chamar indícios que abrem automaticamente níveis mais amplos da vossa

própria consciência e, por conseguinte, trazem para a vossa vida consciente algum reconhecimento da realidade desconhecida na qual também têm o vosso ser. O próprio tema desperta a vossa imaginação. Essa faculdade intuitiva iluminará então o intelecto, para que este aprenda a questionar de maneira mais ampla, mais estimulante e produtiva do que talvez fizesse anteriormente.

— Estou perfeitamente consciente de que o livro suscita muito mais perguntas do que apresenta respostas, e essa foi a minha intenção. A realidade desconhecida tornar-se-á conhecida na medida em que formularem novas perguntas e abandonarem os velhos enquadramentos nos quais respostas e mitos eram automaticamente fornecidos. Se este livro "funcionar", muitas perguntas antigas serão consideradas relativamente desprovidas de sentido, pois foram formuladas não a partir de qualquer encontro íntimo com as questões fundamentais, mas em resposta a antigos dogmas.

— As perguntas "adequadas" acerca da realidade desconhecida trarão automaticamente uma parte maior dela para a vossa experiência.

— Muitas das perguntas que pensam não terem sido respondidas neste livro foram, contudo, respondidas — mas a partir de um ângulo diferente: as respostas foram apresentadas de modo a conduzirem-vos a um pensamento criativo mais profundo.

— Vocês são a realidade desconhecida, na medida em que não reconhecem, não tornam conscientes nem experienciam as muitas facetas do vosso próprio ser. Como sempre, afirmo que as respostas se encontram dentro de vocês mesmos, e não no mundo exterior.

— Podem, de facto, encontrar indícios no exterior, porque as condições exteriores refletem com grande exatidão a vossa experiência interior, individual e coletiva.

— Este próprio livro, devido ao método pelo qual foi produzido, constitui um excelente exemplo de como a realidade desconhecida se torna, se não "conhecida", pelo menos reconhecida. Não procurem respostas perfeitas nem soluções bem arrumadas, pois, quando o fazem, as vossas explicações e teorias serão sempre demasiado pequenas.

— Até certo ponto, existirá sempre uma realidade desconhecida, pois o milagre do vosso ser opera para além do tipo de explicações que tantas vezes parecem exigir.

— As vossas respostas prontas acabam por limitar a vossa própria experiência, porque tentam encaixar o vosso comportamento subjetivo na bota apertada de ideias preconcebidas. A vossa experiência cria novas perguntas da mesma maneira que um pintor cria novas pinturas.

— A realidade desconhecida — sei que muitos de vocês gostariam de encontrar neste livro respostas relacionadas com

Atlântida, o Triângulo das Bermudas, os OVNI e muitas outras questões semelhantes. Esses assuntos parecem certamente pertinentes dentro do enquadramento da vossa experiência e das vossas crenças. Já dispõem de uma grande variedade de explicações: autores de muitas áreas produziram livros sobre esses temas.

— As questões verdadeiramente maiores, contudo, são aquelas que dizem respeito à realidade desconhecida da psique e ao tipo de ser que percebe, de uma forma ou de outra, uma Atlântida, um Triângulo das Bermudas ou um OVNI — pois, em termos mais amplos, enquanto não fizerem perguntas mais profundas acerca de vocês mesmos, essas outras experiências continuarão misteriosas.

— Não podem compreender os acontecimentos percebidos enquanto não compreenderem quem os percebe. Devem aprender mais acerca da inclinação da vossa própria consciência antes de estarem em posição de formular perguntas verdadeiramente pertinentes acerca da realidade que percebem.

— Há muitas pessoas que vos darão respostas a essas perguntas. Essas respostas serão formuladas dentro de um enquadramento de crenças que têm mantido, individual e coletivamente, há bastante tempo. Neste livro, procuro deliberadamente conduzir-vos para uma maneira mais ampla e expansiva de olharem para vocês mesmos e para o mundo em que vivem.

— Quando considerar esses assuntos — Atlântida, OVNI e assim por diante — e outros semelhantes, fá-lo-ei a partir de uma perspectiva muito diferente. Nessa altura, vocês — os meus leitores — estarão suficientemente familiarizados com a realidade desconhecida para compreenderem respostas fornecidas dentro de um contexto diferente.

— Este livro não tinha capítulos ordenados, precisamente para perturbar ainda mais as vossas ideias aceites acerca daquilo que um livro deveria ser. Estão presentes, contudo, diferentes tipos de organização e, em qualquer secção da obra, vários níveis da consciência são interpelados ao mesmo tempo.

— Os fios da obra estão entrelaçados de modo que várias porções da vossa consciência são enviadas, por assim dizer, em viagens distintas de pensamento e imaginação. Contudo, essas excursões laterais também estão relacionadas. Entrelaçam-se não apenas através da organização psíquica que dei a “Realidade «Desconhecida»”, mas também devido à grande natureza unificadora existente dentro da consciência de cada leitor.

— Mais uma vez, Ruburt e Joseph mudaram-se para um lugar novo. Contudo, cada leitor também viajou para uma nova posição dentro da psique. Este livro é uma ponte entre realidades. Ao lê-lo, cada pessoa parte numa peregrinação psíquica através das realidades desconhecidas da sua própria consciência e experiência. Ninguém pode prever o destino.

— *Eu faço parte da vossa realidade desconhecida, e vocês fazem parte da minha. Até certo ponto, as nossas realidades encontram-se nestas páginas.*

— *Na medida em que não se conhecem, não conhecem o vosso mundo. Na medida em que não se conhecem, não conhecem o vosso marido, a vossa mulher, a vossa mãe ou o vosso pai. Na medida em que não se conhecem, não sabem o que Deus é. Na medida em que não se conhecem, não sabem o que a natureza é.*

— *A realidade desconhecida existe na medida em que não viajam alegremente pelas terras íntimas da psique; na medida em que não experienciam diretamente a vossa vida na sua originalidade, mas aceitam os rótulos que outros lhe colocam.*

— *A realidade desconhecida existe como desafio, como empreendimento estimulante, à medida que cada indivíduo se torna conscientemente atento ao seu sentimento subjetivo íntimo. Não sobreponham aos aspetos pessoais e quotidianos da vossa vida ideias preconcebidas acerca de quem são, do que são, de onde estão ou da razão pela qual estão aqui. Tornem-se conscientes da natureza original de cada momento, tal como ele existe para vocês.*

— *Esqueçam aquilo que vos disseram acerca do tempo e do espaço. Recusem aceitar ideias que limitem as dimensões do vosso próprio ser natural.*

— *Mais uma vez, a realidade desconhecida é aquilo que vocês são.*

Síntese Operativa

O capítulo redefine a “realidade desconhecida”:

- não é apenas aquilo que está fora de vocês
- é também aquilo que vocês são e ainda não reconhecem

A obra não pretende encerrar o desconhecido em respostas.

Pretende:

indicar áreas invisíveis → estimular novas perguntas → ampliar a consciência → reconhecer novas dimensões do ser

1. O desconhecido não pode ser totalmente conhecido

Nenhum livro pode tornar a realidade desconhecida inteiramente conhecida.

- realidade desconhecida → permanece aberta
- explicação → sempre parcial

- consciência → sempre maior do que a teoria
- mistério → não erro, mas condição

O desconhecido permanece porque ainda não foi conscientemente reconhecido.

2. O livro como instrumento de ativação

A obra foi concebida para exercitar capacidades intuitivas e mentais.

- texto → estímulo
- imaginação → ativada
- intuição → ilumina intelecto
- intelecto → aprende a perguntar melhor

O objetivo não é acumular respostas, mas alterar a forma de questionar.

3. Perguntas como portais

As perguntas adequadas trazem mais da realidade desconhecida para a experiência.

- pergunta antiga → enquadramento antigo
- enquadramento antigo → resposta previsível
- nova pergunta → nova abertura
- nova abertura → nova experiência

As perguntas tornam-se portais da psique porque alteram o campo dentro do qual a realidade é percebida.

4. Respostas prontas limitam

Respostas demasiado rápidas comprimem a experiência.

- resposta pronta → fechamento
- teoria pequena → realidade reduzida
- dogma → pergunta condicionada

- experiência viva → deformada

A experiência cria novas perguntas do mesmo modo que um pintor cria novas pinturas.

5. Vocês são a realidade desconhecida

O eixo central é:

Vocês são a realidade desconhecida, na medida em que não reconhecem as muitas facetas do vosso próprio ser.

- self conhecido → porção
- facetas não reconhecidas → realidade desconhecida
- autoconhecimento → expansão
- expansão → maior leitura do mundo

O exterior fornece indícios, mas as respostas fundamentais encontram-se no interior.

6. O percecionador vem antes do fenómeno

Fenómenos como Atlântida, OVNI ou Triângulo das Bermudas são secundários perante uma questão mais profunda:

- ✓ quem perceciona?
- ✓ como perceciona?
- ✓ com que crenças?
- ✓ com que inclinação de consciência?

Frase-eixo:

Não podem compreender os acontecimentos percecionados enquanto não compreenderem quem os perceciona.

- fenómeno → depende do percecionador
- percepção → depende da estrutura da consciência
- estrutura da consciência → condiciona a realidade percebida

7. O livro como ponte

A obra é apresentada como ponte entre realidades.

- leitura → deslocação psíquica
- deslocação → nova posição na psique
- nova posição → nova percepção
- nova percepção → nova realidade reconhecida

Cada leitor percorre uma peregrinação psíquica própria.

O destino não pode ser previsto.

8. Organização não linear

O livro não segue apenas uma organização convencional.

- fios → entrelaçados

- níveis de consciência → ativados simultaneamente
- pensamento → segue um caminho
- imaginação → segue outro
- psique → integra ambos

A aparente dispersão é funcional.

A organização profunda é psíquica, não apenas linear.

9. Autoconhecimento e conhecimento do mundo

Seth estabelece uma equivalência direta:

- não conhecer o self → não conhecer o mundo
- não conhecer o self → não conhecer os outros
- não conhecer o self → não compreender Deus
- não conhecer o self → não compreender a natureza

A realidade exterior é lida através da estrutura interior.

10. Viver sem rótulos

A realidade desconhecida aumenta quando a vida é filtrada por definições externas.

- rótulo → reduz experiência
- ideia preconcebida → fixa identidade
- momento vivido → perde originalidade
- experiência direta → abre realidade

A orientação é simples:

- não sobrepor conceitos
 - sentir diretamente
 - reconhecer a originalidade de cada momento
-

11. Libertar-se de concepções limitadoras

Seth encerra rejeitando ideias rígidas sobre tempo, espaço e identidade.

- tempo fechado → limitação
- espaço fechado → limitação
- self fechado → limitação
- ser natural → multidimensional

A realidade desconhecida não é um território externo a alcançar.

É o próprio ser quando não reduzido pelas definições habituais.

Movimento do capítulo

realidade desconhecida → não totalmente explicável → livro como estímulo → intuição ativada → novas perguntas → perguntas como portais → respostas prontas limitam → self contém o desconhecido → exterior reflete interior → fenômenos dependem do percecionador → consciência condiciona percepção → livro torna-se ponte → leitor desloca-se na psique → autoconhecimento amplia o

mundo → rótulos limitam → experiência direta liberta → realidade desconhecida = aquilo que vocês são

Fórmula central

- pergunta → abertura
 - abertura → expansão da consciência
 - expansão → nova percepção
 - nova percepção → nova realidade reconhecida
-

Cartografia funcional

- livro → ponte
- leitor → viajante
- psique → território
- pergunta → portal

- intuição → iluminação
 - intelecto → instrumento
 - percecionador → chave
 - rótulo → limitação
 - momento original → acesso
-

Chave interpretativa

O capítulo não fecha a obra com respostas.

Fecha-a com uma mudança de posição.

- antes → procurar respostas sobre o desconhecido
- depois → reconhecer-se como parte do desconhecido

A verdadeira exploração começa quando o leitor deixa de perguntar apenas:

- ✓ o que existe lá fora?

e começa a perguntar:

- ✓ quem é aquele que percebe?
-

Síntese final

O Capítulo 63 apresenta a realidade desconhecida como uma dimensão inseparável do próprio ser.

O livro não pretende resolver o mistério, mas tornar o leitor mais capaz de o explorar.

- ✓ novas perguntas → novos portais
- ✓ novos portais → novas regiões da psique
- ✓ novas regiões → nova leitura da realidade

Os fenómenos exteriores deixam de ser o centro.

O percecionador torna-se a chave.

E o livro revela a sua função última:

- ✓ não explicar o desconhecido

✓ mas ensinar o leitor a entrar nele

Frase de fecho

A realidade desconhecida não termina onde acabam as respostas; começa onde as perguntas abrem novas regiões da psique.

CAPÍTULO 64

Os Eventos Multidimensionais, as Variações Prováveis e os Links da Realidade

— De certa forma, é bastante difícil dizer-vos o que tenho feito com o meu tempo enquanto estive envolvido na produção de "Realidade «Desconhecida»" — e, portanto, pelo menos até certo ponto, inclinado para o vosso tempo.

— Por assim dizer, a vossa realidade prática e experienciada é constituída por acontecimentos que vos parecem inteiros ou relativamente completos, enquanto, a partir da minha dimensão, torna-se evidente que os acontecimentos que reconhecem são simplesmente porções de outros maiores. Movimento-me naturalmente, portanto, num domínio de acontecimentos de maior dimensionalidade.

— Nos vossos termos, não só vejo porções de tempo maiores do que vocês, como também consigo, até um grau considerável, observar as atualizações prováveis dos acontecimentos e dos tempos.

— Um artista faz a mesma coisa, em termos diferentes, quando imagina as versões prováveis que uma pintura, um livro ou uma

escultura, por exemplo, poderiam assumir. Contudo, o artista geralmente não compreende que essas produções artísticas prováveis existem literalmente; percebe apenas a obra final fisicamente escolhida. Explicando de forma simples, alguns de nós somos capazes de manter intacta a natureza das nossas próprias identidades enquanto seguimos padrões de realidades prováveis nos quais também participamos.

— Na vossa realidade, a "Realidade «Desconhecida»" que acabámos de terminar é a única versão desse manuscrito. Ou melhor, é evidentemente a única versão que vocês reconhecem. Quando trabalhamos num projeto deste género aqui — na vossa realidade —, estamos também a trabalhar em livros prováveis, e esses são tão reais como o vosso livro oficial. De maneiras demasiado difíceis de explicar neste momento, as vossas probabilidades estão ligadas por determinados temas, intenções e propósitos. Alguns destes revelam-se, por exemplo, como interesses secundários nas vossas próprias vidas. Outros podem ser reconhecidos por vocês como preocupações principais, e outros ainda podem estar tão latentes que nem sequer têm consciência deles.

— Assim, temos estado a trabalhar numa "Realidade «Desconhecida»" provável — na verdade, em muitas "Realidades «Desconhecidas»" prováveis. Não meras versões, mas variações.

— Numa realidade, naturalmente, a obra foi terminada na casa da Foster Avenue, em Elmira, Nova Iorque. Noutra, foi terminada

em Sayre, Pensilvânia. Ora, foi isso que tenho estado a fazer no que diz respeito à vossa realidade — isto é, na minha relação convosco. Trata-se de uma versão multidimensional daquilo que Ruburt faz, em termos simples, quando escreve um livro seu.

— Também ajudei na construção, por assim dizer, da biblioteca psíquica de Ruburt, e espero que ele consiga encontrar-se comigo ali, num ambiente onde se sinta confiante e em casa, mas ao mesmo tempo em terreno neutro.

— Ele não quer que a minha aparição, por assim dizer, irrompa numa sala de estar física; contudo, quer encontrar-se comigo num lugar afastado.

— Ora, esse é um arranjo sensato. É ele quem tem de lidar principalmente com os aspetos práticos da nossa relação e com o trabalho de traduzir a minha realidade para o vosso mundo.

— Aprovo plenamente, pois, em termos mais amplos, não pertenço à vossa sala de estar dessa maneira particular. A minha realidade manifesta-se de forma muito mais plena do que a de qualquer aparição. Ruburt procede bem porque explora com grande habilidade e mantém os seus fios de realidade devidamente organizados.

— Outros sentiram-me, de facto — Sue Watkins, por exemplo — , mas aí a relação é muito diferente, e é importante para Ruburt dispor de áreas claramente definidas, o que respeito.

— *Aliás, quaisquer aparições desse gênero também contribuiriam para muita insensatez supersticiosa. Por outro lado, Ruburt tem ainda muito que aprender acerca da minha realidade. Enquanto não compreender a ordem interior dos acontecimentos, não será capaz de se encontrar comigo ali — portanto, nesse sentido, a biblioteca pode servir-nos a ambos.*

— *Não vou aprofundar aqui a questão de Ruburt, mas tenho algumas informações. É evidente que ele se encontra no meio de uma aventura de aprendizagem, procurando fazer muito mais com a sua consciência habitual do que a maioria das pessoas e tentando resolver os seus problemas e enfrentar os seus desafios sem depender das antigas estruturas de crenças. Fê-lo mesmo trabalhando em áreas relativamente inexploradas, onde parecem existir poucas certezas.*

— *"A Natureza da Realidade Pessoal" está disponível para que outros a sigam. Contudo, os outros não participaram na sua produção. Muitos deles experimentarão as ideias da melhor maneira que conseguirem e aprenderão e ganharão muito com elas — enquanto, durante todo esse tempo, permanecem seguramente agarrados aos estandartes das crenças convencionais. Ruburt não se permitiu tais confortos. Deveria lembrar-se de que muitas pessoas enfrentam dificuldades muito maiores na saúde, nas relações pessoais, nas finanças e nas atividades profissionais, sem quaisquer realizações satisfatórias que contrabalancem os seus infortúnios.*

— *Faço recomendações de vez em quando, e de vez em quando vocês consideram adequado segui-las. Tendo em conta os desafios de Ruburt, ele saiu-se extremamente bem ao limpar os detritos que literalmente rodeiam a vida da maioria das pessoas.*

— *De certa forma, o seu progresso tem dependido do estado da sua aprendizagem, de modo que tem procurado ampliar as capacidades da consciência normal, atraindo para ela outros "fios". Contudo, precisamente por ser ele quem estava tão envolvido, teve de testar cada fio; e, entretanto, continuava a ter de lidar com a sua "velha" consciência e os respetivos hábitos.*

— *O material de Seth é interminável.*

— *De certa forma, o livro de Ruburt, "Política Psíquica", continuará o nosso material a partir de outra perspetiva.*

— *Deus abençoe todos os leitores.*

Síntese Operativa Final

A Realidade «Desconhecida» procura deslocar o leitor de uma visão estreita, linear e exteriorizada da realidade para uma compreensão multidimensional da consciência.

O movimento global da obra pode ser condensado assim:

- realidade física → expressão focalizada
- consciência → campo mais amplo
- self conhecido → foco atual
- Selfidade → organização multidimensional
- tempo linear → leitura local
- probabilidades → alternativas reais
- sonhos → vias de comunicação
- contrapartes → expressões simultâneas
- reencarnação → continuidade ampliada

- famílias de consciência → inclinações psíquicas
 - realidade desconhecida → dimensões não reconhecidas do próprio ser
-

1. A realidade física não é a realidade total

A experiência física é real, mas não esgota aquilo que existe.

- realidade física → válida
- realidade física → parcial
- percepção sensorial → seleciona
- seleção → produz mundo reconhecido

Aquilo que vocês chamam “realidade” é uma organização particular de dados muito mais vastos.

O mundo físico resulta de um foco específico da consciência.

- consciência → seleciona frequências
- frequências → padrões percetivos

- padrões → objetos, acontecimentos, espaço e tempo

A matéria não é apresentada como substância absolutamente independente da consciência, mas como uma forma estabilizada de expressão.

2. O Campo Psíquico Multidimensional

Por detrás da experiência focalizada existe um campo muito mais amplo de possibilidades, relações e organizações.

- Campo Psíquico Multidimensional → coexistência
- foco perceptivo → seleção
- seleção → realidade particular
- mudança de foco → outra organização possível

Tempo e espaço funcionam como estruturas locais dentro desse campo.

- tempo → ordenação experiencial
- espaço → diferenciação perceptiva

- ambos → instrumentos de foco

Não constituem necessariamente a arquitetura última da realidade.

3. O self conhecido não é a totalidade da identidade

O self quotidiano é uma expressão legítima, mas limitada.

- self conhecido → foco experiencial
- ego → função organizadora
- Personalidade de Foco → identidade atual
- Selfidade → campo identitário mais amplo

O erro não está em possuir um ego ou uma identidade individual.

Está em tomar essa expressão parcial pela totalidade do ser.

- foco → necessário
- exclusividade → limitadora

- individualidade → preservada
 - multiplicidade → possível
-

4. A Selfidade é dinâmica

A identidade não é uma coisa fixa.

É um processo vivo de organização.

- Selfidade → continuidade
- continuidade → não rigidez
- identidade → diferenciação
- diferenciação → novas expressões

A imagem recorrente de Seth é orgânica:

- planta → Selfidade
- folhas → expressões

- rebentos → selves prováveis
- sementes → novas linhas de experiência

Uma expressão não ameaça as outras.

A multiplicidade não destrói a individualidade.

5. Os selves prováveis

Cada decisão atualiza uma linha de experiência, mas as alternativas não deixam necessariamente de possuir realidade.

- decisão → bifurcação
- linha escolhida → série oficial
- linha não escolhida → realidade provável
- self correspondente → experiência alternativa

O self reconhecido é, portanto, o resultado da série de escolhas que entrou na sua continuidade oficial.

Mas outras versões igualmente válidas podem desenvolver escolhas alternativas.

- self oficial → uma atualização
 - selves prováveis → outras atualizações
 - identidade maior → ligação entre todas
-

6. As probabilidades são quotidianas

As probabilidades não pertencem apenas à física ou à especulação metafísica.

Vocês navegam por elas constantemente.

- possibilidade → imaginada
- imaginação → exploração
- dados interiores → comparação
- escolha → atualização física

A analogia da esquina torna isto operacional:

- Rua 1 → descartada
- Rua 2 → descartada
- Rua 3 → explorada imaginativamente
- Rua 4 → explorada imaginativamente
- escolha → uma torna-se experiência oficial

A imaginação funciona como instrumento de sondagem das probabilidades.

7. A imaginação não é mero devaneio

A imaginação participa na formação da experiência.

- imagem mental → projeção
- projeção → exploração
- exploração → informação
- informação → decisão

Ela constitui uma interface entre consciência, possibilidades e atualização.

Por isso, a imaginação aparece repetidamente como mecanismo criativo, não apenas como fantasia.

8. O presente é o ponto de poder

O presente não é apenas um instante entre passado e futuro.

É o ponto operativo a partir do qual ambos são organizados.

- presente → centro de ação
- passado → reinterpretado
- futuro → projetado
- identidade → atualizada

O passado não é absolutamente fechado.

A forma como ele é experienciado depende do self atual.

- crença presente → filtro

- filtro → seleciona memória
 - memória → reorganiza passado
 - passado reconhecido → versão coerente
-

9. O passado também é provável

Tal como existem futuros prováveis, existem passados prováveis.

- presente atual → seleciona passado compatível
- outras linhas → outros passados
- história pessoal → reconstrução
- história coletiva → reconstrução

A linearidade histórica é, portanto, uma organização funcional, não necessariamente absoluta.

10. As crenças funcionam como filtros

As crenças organizam aquilo que é percebido.

- crença → expectativa
- expectativa → seleção
- seleção → experiência
- experiência → reforço da crença

Seth compara-as a óculos tingidos.

A informação incompatível pode tornar-se praticamente invisível.

- dados disponíveis → amplos
- filtro → estreito
- realidade percebida → parcial

11. A percepção cria uma realidade oficial

O mundo reconhecido depende do tipo de consciência que o percebe.

- ser humano → mundo humano
- gato → mundo felino
- inseto → mundo próprio
- planta → mundo próprio

Nenhum desses mundos precisa de ser considerado falso.

São organizações diferentes do mesmo campo mais amplo.

Daqui emerge uma das chaves da obra:

Não podem compreender os acontecimentos percecionados enquanto não compreenderem quem os percebe.

12. O percecionador é parte daquilo que percebe

A observação nunca é completamente neutra.

- consciência → estrutura
- estrutura → inclinação

- inclinação → seleção
- seleção → realidade

Por isso, perguntas sobre fenômenos exteriores — Atlântida, OVNI, civilizações desaparecidas, experiências psíquicas — permanecem incompletas enquanto o percecionador não for incluído na equação.

13. A realidade desconhecida é interior

A realidade desconhecida não está apenas “lá fora”.

É também:

- psíquica
- espiritual
- psicológica

É o ambiente interior do qual nasce a experiência física.

- interior → organização
- organização → decisão

- decisão → ação
- ação → experiência

Vocês são parte daquilo que procuram conhecer.

14. Sonhos como vias de comunicação

O estado de sonho permite acesso a conteúdos que a consciência desperta normalmente filtra.

- sonho → flexibilização do foco
- foco flexibilizado → contacto
- contacto → outras porções do self
- outras porções → informação

Os sonhos podem ligar:

- selves prováveis
- selves reencarnacionais

- contrapartes
- camadas do campo psíquico
- acontecimentos não oficiais

O sonho funciona como ponte entre organizações de consciência.

15. A reencarnação não é apenas sequência

A reencarnação não deve ser reduzida a:

vida A → morte → vida B → morte → vida C

Essa sequência é uma tradução temporal de relações mais amplas.

- selves reencarnacionais → coexistência profunda
- tempo linear → leitura local
- Self Original → organização maior
- vidas → expressões

O passado reencarnacional não está simplesmente “atrás”.

Pode coexistir com o presente em níveis mais amplos da consciência.

16. O Self Original

O Self Original representa uma organização identitária mais ampla da qual emergem diferentes expressões experienciais.

- Self Original → matriz organizadora
- expressões → personalidades
- personalidades → experiências
- experiências → retornam ao campo maior

Não se trata de uma entidade localizada acima do indivíduo.

É uma organização multidimensional da identidade.

17. Contrapartes

As contrapartes introduzem uma forma de simultaneidade identitária dentro do mesmo período terrestre.

- indivíduo A → expressão
- indivíduo B → contraparte
- indivíduo C → outra expressão
- ligação → organização psíquica comum

Não são clones, invasões ou fragmentos incompletos.

São expressões distintas ligadas dentro de uma arquitetura maior.

18. Contrapartes não anulam a individualidade

A relação entre contrapartes é de troca e complementaridade.

- ligação → não fusão
- troca → não invasão
- afinidade → não perda de identidade

- individualidade → preservada

Cada contraparte continua plenamente válida como pessoa.

19. Famílias de consciência

As famílias de consciência descrevem inclinações predominantes da psique.

- família → orientação
- orientação → tendência
- tendência → não destino
- mistura → individualidade

Nenhuma pessoa precisa de pertencer exclusivamente a uma única família.

As famílias interpenetram-se.

- família predominante → dá o tom
- outras famílias → fornecem instrumentos

- individualidade → compõe
-

20. Famílias como sistemas de equilíbrio

As famílias de consciência não são gavetas rígidas.

São sistemas criativos de equilíbrio.

- Sumari → criatividade, liberdade, expressão
- Gramada → organização, estrutura
- Void → reforma, transformação
- Zuli → corpo, performance, beleza

Outras famílias acrescentam outras inclinações.

A riqueza está na combinação.

21. A consciência como sinfonia

Uma das metáforas mais poderosas da obra é musical.

Vocês são o compositor e a sinfonia.

- self → compositor
- vida → composição
- corpo → instrumento
- experiências → temas
- probabilidades → variações

A identidade não é uma nota isolada.

É uma composição dinâmica.

22. A individualidade não é isolamento

Ser individual não significa estar separado.

- individualidade → foco
- foco → distinção
- distinção → não isolamento
- ligação → estrutura

A consciência preserva diferenças enquanto cria redes de relação.

23. A identidade é relacional

Cada self existe dentro de redes.

- famílias
- contrapartes
- selves prováveis
- selves reencarnacionais
- espécie

- campo psíquico

A identidade é simultaneamente:

- singular

e

- interligada
-

24. A espécie humana é uma organização provável

A humanidade também possui linhas de probabilidade.

- espécie → escolhas coletivas
- escolhas → futuros
- futuros → civilizações prováveis
- civilizações → atualizações

Não existe apenas um destino coletivo inevitável.

25. A humanidade pode entrar numa nova Selfidade

Seth projeta uma probabilidade em que a espécie amplia a compreensão de si mesma.

- consciência → mais explorada
- corpo → melhor compreendido
- mente-corpo → aliança reconhecida
- probabilidades → psicologicamente operáveis
- indivíduo → menos vítima

A transformação física surge como consequência de mudanças interiores.

26. O corpo é expressão da consciência

O corpo não é apresentado como simples recipiente.

- consciência → organização

- corpo → expressão
- mente → participação
- fisiologia → resposta

A relação mente-corpo é estrutural.

O corpo possui capacidades ainda pouco reconhecidas.

27. Doença e desenvolvimento

Seth enquadra a doença como parte de processos mais amplos de escolha, expressão e desenvolvimento.

O ponto não é culpa.

É participação.

- condição → significado
- significado → processo
- processo → escolha em níveis diversos

- escolha → possibilidade de reorganização
-

28. A alma não é uma unidade fechada

A alma é apresentada como qualidade de ser, não como objeto delimitado.

A alma não é uma unidade definível. É, em vez disso, uma qualidade indefinível.

- alma → qualidade
- qualidade → expansão
- expansão → expressão
- expressão → múltiplas formas

A alma não cabe numa geometria simples.

29. A Selfidade pode parecer ausente

O “Self Ausente” surge quando a identidade maior não está presente de forma direta no foco atual.

Mas ausência perceptiva não significa inexistência.

- não percebido → não inexistente
- não focalizado → continua ativo
- raízes → sustentam
- folhas → manifestam

O self maior semeia-se no tempo.

30. O jogo da consciência

A consciência possui caráter lúdico.

- jogo → experimentação
- experimentação → criatividade
- criatividade → novas formas

- novas formas → expansão

O universo não é apenas mecanismo.

É também improvisação.

31. Criatividade como função estrutural

A criatividade não pertence apenas às artes.

É uma propriedade da consciência.

- pensamento → criação
- imaginação → criação
- vida → criação
- realidade → criação

Cada experiência introduz algo original.

32. O tempo serve a experiência

O tempo funciona como escala.

- acontecimentos → notas
- tempo → pauta
- vida → composição

A sequência permite que determinadas relações sejam experienciadas de modo focado.

Mas a consciência maior não está necessariamente presa à sequência.

33. O espaço também é funcional

Tal como o tempo, o espaço organiza experiência.

- distância → diferenciação
- posição → foco
- movimento → sequência

- espaço → ferramenta percetiva

A consciência pode operar fora da estrutura espacial habitual.

34. Eventos multidimensionais

Os acontecimentos reconhecidos são porções de eventos maiores.

- evento físico → fragmento
- evento maior → multidimensional
- realidade oficial → recorte
- probabilidades → extensões

Da perspetiva de Seth, acontecimentos e tempos podem ser observados em conjuntos mais amplos.

35. Variações prováveis das próprias obras

A Realidade «Desconhecida» é apresentada como uma entre várias variações prováveis.

- livro oficial → versão reconhecida
- outros livros → variações prováveis
- tema → ligação
- intenção → ligação
- propósito → ligação

A criação artística participa do mesmo mecanismo probabilístico da vida.

36. Fios e Links da Realidade

Seth utiliza a imagem dos “fios de realidade”.

- fios → continuidade
- fios → entrelaçamento
- fios → percurso

Editorialmente, podemos ancorá-los como **Links da Realidade**:

- link → ligação funcional
- link → acesso
- link → passagem
- link → conexão entre configurações

Assim:

- fios → mostram a continuidade
- links → mostram a função dessa continuidade

Os fios são a metáfora orgânica.

Os links são a leitura operativa contemporânea.

37. A ordem interior dos acontecimentos

Os acontecimentos não se organizam apenas exteriormente.

Existe uma ordem interior.

- associações
- intenções
- probabilidades
- relações psíquicas
- sincronicidades

Aquilo que parece casual pode integrar padrões mais amplos de organização.

38. Casas, lugares e identidade

A mudança de espaço pode corresponder a mudança de Selfidade.

Quando se mudam, entram noutras porções da vossa própria Selfidade.

- lugar → campo
- campo → possibilidades

- mudança → nova configuração
- nova configuração → novo self experiencial

Os ambientes participam na organização psicológica.

39. A realidade como rede

A obra abandona progressivamente o modelo de linha.

Em seu lugar surge:

- rede
- teia
- gestalt
- mosaico
- sinfonia
- campo

- links

A realidade é relacional.

40. Atlântida como plano psíquico

Atlântida é apresentada não apenas como problema arqueológico.

É também:

- memória futura
- ideal civilizacional
- plano psíquico
- mito
- probabilidade

Pode conter componentes de acontecimentos físicos passados e, simultaneamente, funcionar como modelo futuro.

41. O futuro pode projetar-se no passado

A ideia de Atlântida serve para mostrar uma estrutura temporal não linear.

- futuro provável → imagem
- imagem → projetada
- passado → recebe forma
- mito → ponte temporal

O passado e o futuro podem participar da mesma organização psíquica.

42. Civilizações simultâneas

O planeta pode ser entendido como dividido não apenas espacialmente, mas também em:

- áreas de tempo
- áreas de probabilidade

Diferentes civilizações podem coexistir sem serem mutuamente percecionáveis.

- frequência A → civilização A
 - frequência B → civilização B
 - transbordamento → contacto parcial
-

43. Transbordamentos

Os transbordamentos permitem que conteúdos de outras organizações da realidade atravessem parcialmente o foco reconhecido.

- sonho
- mito
- intuição
- visão
- imagem

podem funcionar como manifestações desses contatos.

44. A realidade desconhecida não é ausência

Aquilo que não percebemos não deixa por isso de existir.

- invisível → não inexistente
- latente → não ausente
- não oficial → não irreal
- não reconhecido → ainda operativo

Esta distinção atravessa toda a obra.

45. Perguntas como Portais da Psique

As perguntas certas ampliam a realidade.

- pergunta → abertura

- abertura → exploração
- exploração → nova percepção
- nova percepção → nova realidade

As perguntas não servem apenas para obter respostas.

Servem para alterar o ponto a partir do qual a consciência olha.

46. Respostas prontas criam nevoeiro

Uma resposta prematura pode fechar o campo.

- resposta rígida → enquadramento
- enquadramento → filtro
- filtro → redução
- redução → dogma

A obra prefere perguntas férteis a respostas finais.

47. O livro como ponte

Seth define a obra como uma ponte entre realidades.

- texto → ponte
- leitor → viajante
- psique → território
- leitura → peregrinação

Cada leitor atravessa uma versão diferente do livro porque cada consciência reorganiza aquilo que lê.

48. A obra não pretende fornecer um mapa absoluto

Nenhum mapa pode substituir o território.

- conceito → orientação
- experiência → território

- livro → instrumento
- leitor → explorador

A obra aponta.

Não encerra.

49. A realidade desconhecida é aquilo que vocês são

A frase final redefine todo o percurso.

A realidade desconhecida é aquilo que vocês são.

O desconhecido deixa de ser:

- um lugar distante
- um fenómeno estranho
- uma dimensão externa

e passa a ser:

- a parte não reconhecida do próprio ser
-

50. Movimento global da obra

- realidade física → questionada
- percepção → relativizada
- self → ampliado
- tempo → aberto
- probabilidades → reconhecidas
- selves prováveis → integrados
- sonhos → valorizados
- reencarnação → multidimensionalizada
- contrapartes → introduzidas

- famílias de consciência → organizadas
 - espécie → vista como probabilidade
 - Atlântida → plano psíquico
 - eventos → multidimensionais
 - fios → links
 - perguntas → portais
 - livro → ponte
 - realidade desconhecida → próprio ser
-

Fórmula Operativa Final

Consciência

- → foco
- → percepção

- → crenças
- → seleção
- → probabilidades
- → escolha
- → experiência
- → identidade
- → novas perguntas
- → novo foco
- → nova realidade

O ciclo não termina.

Cartografia Final

- Consciência → campo

- Psique → organização
- Selfidade → continuidade multidimensional
- Personalidade de Foco → experiência atual
- Ego → função organizadora
- selves prováveis → alternativas
- selves reencarnacionais → expressões temporais
- contrapartes → expressões simultâneas
- famílias de consciência → inclinações
- sonhos → comunicação
- imaginação → exploração
- crenças → filtros
- tempo → escala
- espaço → estrutura percetiva

- probabilidades → campo de alternativas
- escolha → atualização
- fios → continuidade
- links → acesso

realidade desconhecida → ser não reconhecido

Chave Operativa do Livro

O livro pode ser reduzido a uma pergunta:

Quanto da realidade permanece desconhecido porque vocês aprenderam a não perceberá-lo?

A resposta de Seth é:

➤ muito

Mas esse desconhecido não está separado de vocês.

Ele manifesta-se em:

- sonhos
- intuições
- decisões
- imaginação
- relações
- memórias
- probabilidades
- corpo
- criatividade
- identidade
- percepção

O erro central

O erro recorrente é confundir:

- foco → totalidade
 - percepção → realidade
 - self atual → identidade inteira
 - tempo linear → tempo absoluto
 - mundo oficial → único mundo
 - história reconhecida → único passado
 - decisão tomada → única possibilidade
-

A correção central

A obra propõe:

- foco → um modo de organização
- percepção → um filtro

- self atual → uma expressão
 - tempo → uma escala
 - mundo oficial → uma atualização
 - história → uma organização
 - decisão → uma ramificação
-

Implicação psicológica

Reconhecer probabilidades não serve para fugir da realidade física.

Serve para deixar de se sentir aprisionado por ela.

- acontecimento → não sentença
- passado → não prisão
- identidade → não rótulo
- crença → não destino

- escolha → participação

A liberdade nasce do reconhecimento de alternativas.

Implicação espiritual

A espiritualidade, neste enquadramento, não exige abandonar o mundo físico.

Implica reconhecer que o físico participa de uma organização maior.

- corpo → expressão
- vida → experiência
- mundo → participação
- consciência → fundamento

O espiritual não substitui o físico.

Aprofunda-o.

Implicação epistemológica

Conhecer a realidade exige conhecer o percecionador.

- observação → não neutra
- percepção → estruturada
- estrutura → crenças
- crenças → seleção

Por isso, qualquer teoria da realidade que exclua a consciência permanece incompleta dentro da arquitetura proposta por Seth.

Implicação identitária

A individualidade não precisa de ser defendida contra a multidimensionalidade.

- mais self → não menos eu
- mais ligações → não menos identidade
- mais probabilidades → não menos realidade

- mais consciência → não menos individualidade

A expansão não dissolve o eu.

Contextualiza-o.

Implicação prática

A obra pede ao leitor que observe:

- como decide
- o que imagina
- o que acredita
- o que exclui
- o que recorda
- o que esquece
- o que teme

- o que espera
- o que considera impossível

Porque é aí que a realidade oficial começa a ser organizada.

Síntese Final

A Realidade «Desconhecida» apresenta a consciência como um sistema multidimensional capaz de formar, selecionar e experienciar múltiplas organizações da realidade.

O self quotidiano é real, mas não total.

O mundo físico é real, mas não exclusivo.

O tempo é funcional, mas não absoluto.

O passado é válido, mas não necessariamente fechado.

As escolhas são concretas, mas não eliminam todas as alternativas.

- Selfidade → maior do que o self
- realidade → maior do que o mundo oficial

- tempo → maior do que a sequência
- consciência → maior do que a percepção

A obra introduz selves prováveis, contrapartes, famílias de consciência, relações reencarnacionais, sonhos, civilizações prováveis, eventos multidimensionais e ligações entre realidades não para multiplicar entidades, mas para mostrar que a experiência é organizada por uma arquitetura muito mais vasta do que aquela que o foco cotidiano reconhece.

O livro começa por explorar o desconhecido.

Termina por inverter a direção da pergunta:

Onde está a realidade desconhecida?

↓

Quem é o ser que pergunta?

↓

Que partes de si próprio não reconhece?

↓

Que filtros definem aquilo que chama realidade?



Que outras possibilidades permanecem fora do foco?

A conclusão mais profunda da obra não é uma resposta metafísica fechada.

É uma orientação percetiva:

Não procurem apenas ampliar o mapa da realidade. Ampliem o ser que olha para o mapa.

Porque, no limite:

A realidade desconhecida é aquilo que vocês são.

Frase de Fecho Operativa

A realidade conhecida é o foco; a Realidade «Desconhecida» é o campo. E a consciência é aquilo que aprende continuamente a deslocar-se entre ambos.